MVSIS DICATVM

HO SEXto Liuro da

historia do descobrimento & conquista da India. polos Portugueses. Feyto por Fernão Lopez de Castanheda.

Impresso em Coymbra.

Com priuilegio Real.

M. D. LIIII.

NVNC REVIVISCO

Priuilegio que el Rey nosso senhor deu a Fernão lopez de Castanheda/pera todos os liuros da historia da India.

Eu el rey faço saber a quantos este meu aluara vi-
rẽ que Fernão lopez de castanheda, bedel da facul
dade das artes da vniuersidade d Coimbra me en
uiou dizer q̃ ele tinha feytos dez liuros da histo-
ria da India, q̃ começauão do descobrimẽto dela:
dos quaes tinha impressos á sua custa ho primey-
ro liuro/⁊ queria imprimir os outros. E porque
auia mais de vinte annos q̃ andaua ocupado no fazer da dita histo
ria:⁊ tinha leuado nisso muyto trabalho/⁊ feyto muyto gasto de
sua fazenda: me pedia q̃ ouuesse por bem, que pessoa algũa não po-
desse imprimir os ditos liuros se não ele Fernão lopez, nẽ os vẽder,
nẽ trazer de fora do reyno polo tempo/⁊ sob as penas q̃ me bẽ pa-
recesse. E visto seu requerimẽto, ⁊ auendo respeyto ao trabalho q̃
tem leuado em fazer os ditos liuros/⁊ a despesa que nisso tẽ feyta,
me praz que por tempo de dez annos q̃ se começarão da feytura des
te em diante, pessoa algũa de qualquer qualidade que seja/não pos
sa imprimir/nem mandar imprimir os ditos liuros da dita histo-
ria da India, nẽ cada hũ deles nem os possa trazer/nẽ mandar vir
impressos de fora do reyno, se não ho dito Fernão lopez, ou quem
seu poder pera isso teuer. Sob pena de qualquer impressor/ou li-
ureiro, ou pessoas que os ditos liuros ou cada hũ deles imprimir,
ou vender/ou teuer em sua casa/ou trouuer emprimidos de fora
do reyno, perder os volumes que lhe forem achados ⁊ pagar cin-
coenta cruzados/ametade pera os catiuos/⁊ a outra metade pera
quem os accusar. E este se imprimira no principio de cada hũ dos
ditos liuros. Pelo qual mando a todos os corregedores, juyzes,
⁊ justiças/officiaes ⁊ pessoas de meus reynos ⁊ senhorios que as-
si ho cumprão ⁊ goardem/⁊ fação inteiramente cumprir ⁊ goar-
dar/porque assi ho ey por bem. E este me praz que valha/⁊ tenha
força ⁊ vigor, como se fosse carta feyta em meu nome por mi assina
da ⁊ passada por minha chancelaria: posto que este não seja passado
pola dita chancelaria, sem embargo das ordenações do segundo
liuro/que ho contrairo dispõe. João de seyxas ho fez em Almey-
rim, a quatorze dias de Junho, de. M. D. L I I. Manuel da
costa ho fez escreuer.



Ho liuro sexto da historia do descobrimento ⁊ conquista da India pelos Portugueses: em que se contẽ o que eles fizerão no tempo que a gouernarão dõ Duarte de meneses / Dom Vasco da gama conde da Vidigueira ⁊ almirante do mar Indico. E dom Anrrique de meneses per mandado do inuictissimo Rey dom Manuel de gloriosa memoria: ⁊ do muyto alto ⁊ muyto poderoso rey dom João seu filho ho terceyro deste nome nosso senhor.

Feyto por Fernão Lopez de castanheda.

¶ Capitolo .j. De como dom Luys de meneses capitão mór do mar da India foy socorrer a fortaleza Dormuz, ⁊ de como partio pera Malaca Martim Afonso de melo coutinho.

Partido Diogo lopez de siqueyra pera Portugal, partiose o gouernador pa a cidade de Goa pera da hi mandar em socorro da fortaleza Dormuz a dom Luys de meneses seu irmão q̃ estaua fazendo a fortaleza ẽ Chaul. E chegado a Goa mãdoulhe ho galeão sam Dinis em q̃ auia dir a Ormuz / ⁊ mandoulhe ho regimẽto do que auia de fazer. E porque a capitania deste galeão era de Francisco de sousa tauares / de que atras fiz menção: deulhe ho gouernador em satisfação a capitania de hũa galé real em que ho mandou a Chaul pera ãdar darmada ate Dabul por capitão mór de dez ou doze fustas: ⁊ indo de caminho queimou no rio de Zinguizara ⁊ no do Betele algũas naos ⁊ cotias / hũas varadas ⁊ outras carregadas de mantimentos. E chegado Frãcisco de sousa a Chaul, partiose dõ Luys pera Ormuz / ⁊ forão coele Rui vaz pereyra / Manuel de macedo, Anrrique de macedo / capitães de galeões ⁊ Duarte dataide, Lopo dazeuedo ⁊ Pero vaz trauaços capitães das naos. E ele partido, partiose pera Goa Martim Afonso de melo coutinho que ajudaua a fazer a fortaleza / ⁊ partiose por ter a viagẽ da China pa onde auia dir. E chegado a Goa despachou ho gouernador ⁊ partiose pera Cochim leuãdo debaixo de sua capitania Vasco fernãdez coutinho ⁊ Diogo de melo seus irmãos, ⁊ Pedromẽ irmão de Francisco homẽ estribeiro mór / ⁊ coestes se auia dajũtar em Cochim Ambrosio do rego que auia dir em hũ jungo: ⁊ de Cochim se partio Martim Afonso pera Malaca em Abril de mil ⁊ quinhentos ⁊ vinte dous.

¶ Capit. ij. De como ho gouernador deu a capitania de Chaul a Simão dandrade, ⁊ mãdou goardar a costa de Cambaya.

HO gouernador q̃ estaua em Goa onde auia dinuernar despois que mãdou ho galeão sam Dinis a seu irmão dom Luys pera ir nele a Ormuz como disse/ deu a capitania de Chaul a Simão dandra de que era vindo da China/ ꝛ casara per palauras de futuro com hũa sua filha bastarda, ꝛ deulhe aquela capitania em casamento: o que não podia fazer pola ter Anrrique de meneses hũ bõ fidalgo que lha dera Diogo lopez de sequeira sendo gouernador/ ꝛ polo regimento lha podia dar os primeyros tres ãnos por ele ser o que a fizera ꝛ não se lhe podia tirar senão por erros. E dada a capitania a Simão dandrade/ partiose pera Chaul cõ hũa armada de obra de doze fustas que auia de goardar aquela costa das fustas de Diu, ꝛ auia dandar repartida ẽ capitanias, de hũa auia de ser capitão mór Frãcisco de sousa tauares/ doutra dom Vasco de lima de Santarem, ꝛ doutra Martim correa do Algarue: ꝛ ate Chaul auia dir Simão dandrade por capitão mór/ ꝛ hião nesta frota duzẽtos homens. E de caminho quisera Simão dandrade desembarcar em Dabul ꝛ pelejar com sete mil homẽs q̃ estauão nela por lhe ho tanadar não querer dar duas galés que hi fizerão turcos: ꝛ estando ja nos bateys cõ sua gente pera saltar em terra ouue ho tanadar tamanho medo que lhe mãdou dar as galés com q̃ seguio seu caminho pa Chaul. E chegado lá Anrrique de meneses lhe entregou a capitania da fortaleza pola prouisam do gouernador/ porque vio q̃ nã auia de poder fazer outra cousa, ꝛ deuia a este tẽpo tres mil pardaos que gastara na fortaleza com dar de comer ꝛ outras cousas de seruiço del rey de Portugal. E metido Simão dandrade na capitania da fortaleza/ repartio as capitanias das fustas como trazia por regimento: ꝛ os capitães mõres se forão a goardar a costa/ em que fizerão muyto dãno por todos aqueles rios. E acertando Martim correa dentrar no rio do Betele que he muyto fresco sayo em terra com obra de vinte cinco dos nossos: ꝛ metẽdose por hũ espesso palmar foy assi ate chegar diante de hũs grandes paços de muytos patios, jardis ꝛ varãdas: ꝛ diante da porta do primeyro patio estauão assẽtados no chão muytos homẽs ꝛ molheres pobres. E saindo de dentro hũ homẽ leuantaranse todos muyto de pressa, a quẽ primeyro chegaria a ele: mas ele deixou todos ꝛ foyse a Martĩ correa, ꝛ fazendolhe sua cortesia como mouro q̃ era assentouse coele ẽ hũ poyal: ꝛ ali em praticando lhe deu conta como aq̃les paços erão de hũ grãde senhor mouro/ que auorrecido das cousas do mũdo viuia ali apartado ꝛ gastaua ho seu com aqueles pobres que auia ꝛ com outros/ a q̃ continuamente daua esmola de dinheiro/ trigo ꝛ arroz: de que ele era o esmoler. E nisto sayo ho proprio senhor mouro, ꝛ mostrou folgar muyto de ver os nossos/ ꝛ fazẽdolhes muyto gasalhado: se assentou cõ Martim correa/ com quẽ esteue praticando ate que foy horas de se

tornar á sua fusta/onde lhe mãdou duas vacas/galinhas ⁊ fruyta. E nesta pratica perguntando Marti correa ao mouro a causa porque fazia aquelas esmolas/ou que satisfação esperaua delas. Respõdeo que era tanto de sua condição fazer bẽ que ho fazia polo gosto que nisso leuaua.

Capit.iij. Do que aconteceo a Martim correa andando darmada.

Outra vez lhe aconteceo q̃ foy ter a hũa fortaleza despouoada onde achou hum Bramene velho que os nossos catiuarão/⁊ polo não quererem soltar despois que foy nas fustas rogou a Martim correa que ho resgatasse por dez pardaos/⁊ que lhe desse licença pera ir por elles. E ele lha deu jurãdolhe ho Bramene polas linhas que trazia ao pescoço que tornaria, ⁊ a ele não lhe daua de não tornar por ser velho ⁊ não lhe pedio ho resgate se não zombando: mas ele que jurara de verdade não ho teue assi. E auendo hũ pedaço que era partido tornou cõ oyto galinhas ás costas: ⁊ quando os nossos ho virão ficarão espãtados de ho ver tornar, ⁊ ele pedio a Martim correa muyto perdão de não poder tornar mais cedo: ⁊ tambem que lhe perdoase de lhe não poder dar todos os dez pardaos que lhe prometera, porque por sua pobreza não podia dar mais que seys que logo tirou/⁊ polo resto trazia aquelas oyto galinhas. E espantado Martim correa da grande verdade do Bramene, ⁊ de Goardar tambem seu juramento: lhe não quis tomar ho dinheiro, ⁊ polas galinhas lhe deu dous panos pera se vestir/⁊ mais hũ seguro assinado por ele pera que nenhũ Portugues q̃ ho tomasse lhe fizesse mal. E coisto se foy ho Bramene muyto contente/⁊ ele se foy recolhendo pera Chaul/⁊ na enseada dos Bramenes sobre hũas vacas que os nossos quiserão matar por não leuarem carne ouue hũa peleja com bem oytocentos mouros, de que os nossos ouuerão a vitoria ⁊ os fizerão fugir: ⁊ despois foy sobre hũ lugar que se despejou com medo dos nossos, ⁊ assi se recolheo a Chaul a inuernar, onde tambem se os outros capitães recolherão.

Capit.iiij. De como dom Luys de meneses q̃ hia em socorro Dormuz chegou lá/⁊ do que fez.

Dom Luys de meneses que hia caminho Dormuz chegou laa na ẽtrada de Mayo: ⁊ porque dom Garcia coutinho que estaua por capitão da fortaleza Dormuz ter acabado ho tempo de sua capitania ho tirou dom Luys dela, ⁊ a entregou a hũ fidalgo chamado João rodriguez de noronha que a tinha por el rey de Portugal, ⁊ despois entendeo em fazer que se tornasse a pouoar Ormuz, porque sem isso não se podia soster a fortaleza por lhe faltarẽ os mantimentos que não vinhão por não auer mouros na cidade. E

sabendo ele que não se podia isto fa-
zer sem võtade de Raix xarafo, tra-
balhou pola aquirir offrecendolhe
perdão de tudo o q̃ tinha feyto no
leuantamento del rey Turuxá ⁊ em
sua morte: ⁊ assi todos aqueles que
nisso fossem culpados: ⁊ que se tor-
nasse a pouoar a cidade Dormuz.
Mas como Raix xarafo tinha de-
terminado de não tornar a poder
dos Portugueses/posto que nisso
se perdesse ametade da renda do rey
no nũca quis: não respondendo po-
rem claramente a dom Luys q̃ não
queria se não desapegadamente, ⁊
mais porque lhe parecia que dom
Luys não trazia tanta gente que
ousasse de pelejar em terra. E saben
do os capitães da frota ⁊ outros fi
dalgos como Raix xarafo tempori
zaua com dom Luys/conselhauã-
lhe que não curasse de mais dilaçõ-
es, ⁊ que pelejasse com Raix xarafo:
porque certo estaua que pois tinha
em seu poder el rey Dormuz/⁊ go-
uernaua ho reyno que não auia de
querer tornar a poder dos Portu-
gueses que lhe auião de tirar todo
ho mando que tinha. O que dom
Luys não quis fazer/nem menos
poer isto em cõselho pera se determi
nar o que parecesse melhor. E vẽdo
que era escusado perfiar mais com
Raix xarafo que fizesse o qu: lhe re-
queria, determinou de lhe procurar
a morte: porq̃ ele morto el rey Dor-
muz pouoaria a cidade, ⁊ muyto se
cretamente mandou cometer q̃ ho
matasse a Raix xamixir o que mata
ra el rey Turuxá: mandãdolhe of-
frecer ho goazilado Dormuz se ho
fizesse/porque sabia que posto que
Xamixir era parente ⁊ capitão de
Raix xarafo/que era a sua lealdade
tão quebradiça que por qualquer
peita a quebraria quanto mais por
tamanha como era ho goazilado
Dormuz. E assi foy que Raix xami
xir aceitou de boa vontade a empres
sa, mas q̃ não poderia matar logo a
Raix xarafo por andar muyto a re-
cado que se temia de dom Luys. E
despois de ele ido se obrigou a faze-
lo per hũ assinado que lhe disso mã-
dou: ⁊ ficando dom Luys descansa
do coele mandou dizer a Raix xara-
fo/que pois queria mudar a cida-
de Dormuz aa ilha de Queixome q̃
lhe não daua disso porque tambem
de lá auia el rey Dormuz de pagar
as pareas que era obrigado a pa-
gar a el rey de Portugal como se es
teuesse na ilha Dormuz: por isso q̃ as
pagasse ⁊ a vali da fazenda que fora
tomada a el rey de Portugal ⁊ a se-
us vassalos. Do que ele foy conten-
te/⁊ assi ho fez. E com quãto Raix
xarafo não queria tornar pera Or-
muz não deixaua dauer paz antre
os Portugueses ⁊ os mouros/⁊
tinhão trato hũs com os outros.

Capit. v. De como dõ Garcia anrriquez ⁊ Jorge dalbuquerque chegarão ás ilhas de Banda/⁊ da discripção destas ilhas.

Jorge dalbuquerq̃ ca-
pitão de Malaca ven-
do q̃ el rey de Bintão a
froxaua da guerra que
lhe começou de fazer, ⁊ q̃ podia es-
cusar algũa gente da que tinha: de-
terminou de mandar por capitão á

ilha de Banda a dom Garcia anrriquez seu cunhado por ser aquela capitania cousa de muyto proueito, e deulhe hũ nauio redondo em q̃ fosse com a gente que podia escusar. E despachado dom Garcia / partiose pera Banda na ẽtrada de Janeyro de mil e quinhentos e vinte dous: e ido ỏ caminho pola ilha da Jaoa achou ainda Antonio de brito no porto Dagacim, e como hia de viagem seguio sua rota e Antonio de brito partio apos ele pera as ilhas de Banda, q̃ estão em quatro graos e hũ terço da banda do sul / e sam tres que fazem todas antre si hum muyto bõ porto e redondo como a lagoa: a mayor delas se chama Bãda / a meã Mira / e a mais pequena Gunuape: que na lingoa da terra quer dizer serra de fogo: e assi ho he ela que arde continuamente, e por isso he desabitada. E Banda como digo he a principal / e ha nela muytas aruores que dão a noz e a maça e nacem polos matos como outras aruores: sam do tamanho de grandes pereyras / e assi tem as folhas ralas e os esgalhos / e os pés sam lisos como os das larãgeiras e nas folhas se parecẽ com pessegueiros / e assi dão a frol como a sua. Ho fruito que dão estas aruores he a noz q̃ chamamos nozcada que nace como hũ pessego / e no tamanho e na cor se parece coele: e despois de ser de vez a colhẽ e a deitão a secar ao sol / e assi como vay secãdo se vay abrindo e lança hũas folhinhas que sam a maça. E tiradas todas estas folhinhas fica ho carouço deste pomo que he a noz, que despois de lhe ser tirada a maça fica ainda coberto de hũa caspa preta de cor de castanha / que despois de ser muyto seca se espede por si da noz. Este pomo ho fazem em verde em conserua da çucar: e he muyto estimado em toda parte por ser muyto medicinal e saber muyto bem, e tambem fazem dele olio que aproueita muyto pera frialdade. Apanhada esta noz e maça a dão os da terra aos mercadores estrangeiros a troco de panos baixos: e por hũa corja deles q̃ na ilha valera a dinheiro tres cruzados lhe dão hũ bahar de maça q̃ sã quatro quintaes / e da noz lhe dão sete bahares. Esta ilha he pouoada de gentios homẽs pobres e pouco polidos, e de presença despriziuel, não tem rey a que obedeção, tem cada pouoação hũ regedor a que chamão xabandar, e não lhes obedecẽ senão por amizade. As pouoações sam ỏ casas terreas cubertas dola: a principal se chama lutatão. Ao porto desta ilha chegou Antonio de brito em Feuereyro e hi achou ja dom Garcia anrriquez, que lhe disse como hi soubera de certa certeza que forão ter ás ilhas de Maluco duas naos de Castelhanos que carregarão de crauo e se tornarão, deixãdo dez ou doze homẽs na ilha de Tidore a modo de feytoria: e ho como estas naos lá forã ter foy assi.

Capit. vj. De como Fernão de magalhães fez crer ao Emperador Carlos rey de Castela que as ilhas de Maluco erão de sua conquista e de como as foy descobrir.

Reynando elrey dom Manuel de Portugal se foy pera Castela hũ Fernão de magalhães, de que fiz mençao no liuro terceyro quando Francisco de sá ⁊ Bastião de sousa se perderão nos baixos de Padua que ficou no ilheo. Este por se vingar del rey dom Manuel/ mostrãdose agrauado dele lhe fez hũa grã de treyção: que foy dizer ao Emperador Carlos quinto deste nome que era rey de Castela, que pola repartição da conquista que se começou de fazer antre el rey dõ João ho segundo de Portugal/ ⁊ el rey dom Fernando de Castela que não ouue effeyto: erão de seu descobrimento ⁊ conquista as ilhas de Bãda ⁊ as de Maluco, dandolhe pera isso algũas rezões: que como nã ouue quem as contrariasse por parte del rey de Portugal, ⁊ erão em fauor do emperador, ⁊ pera seu proueito lhe parecerão bem ⁊ ho creo sem mais examinar a verdade do que lhe dizia Fernão de magalhães/ ⁊ assi a hum Ruy faleyro que tambem hia coele mais por fazer treyção a el rey de Portugal que por outra causa ⁊ faziasse grande astrologo/ mas não sabia nada: ⁊ tudo o que fingia que sabia era por hũ spirito familiar que tinha segundo se despois soube. E estes dous fizerão crer ao Emperador que estas ilhas que digo erão do seu descobrimento ⁊ conquista/ ⁊ selhe offrecerão a lhas descobrir por fora da nauegação da India: ⁊ pera este descobrimento se concertou ho Emperador com certos mercadores que lhe armassem cinco naos em Seuilha/ de que deu a capitania móra Fernão de magalhães, ⁊ mãdou coele a hũ astrologo chamado Andres de sam Martim, pera que por astrologia visse se podia alcãçar a saber a altura de leste a oeste de que se esperaua muyto dajudar pa ho dereito deste descobrimento. E foy este astrologo com Fernão de magalhães/ porque ao tẽpo de sua partida se escusou Ruy faleyro dir coele: porque parece que soube polo seu familiar quão mal auia de suceder aquela viagem aos que a fizessem/ ⁊ deu a Fernão de magalhães hũ grande regimento de trinta capitulos, pera q̃ por tres maneyras podesse conhecer a distancia ⁊ deferença que andasse de leste a oeste: q̃ ele fazia ser cousa muy facil de saber porque sabendose se poderia saber certo se estas ilhas d̃ Maluco ⁊ Bãda erão do descobrimento ⁊ conquista de Castela ou não. E coeste regimẽto se partio Fernão de magalhães em Janeyro de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ vinte por capitão mór da frota do Emperador, de que forão por capitães ele na nao Trindade ⁊ por seu piloto hũ Esteuão gomez Portugues, Luys de mẽdoça degradada da nao vitoria, ⁊ João de cartajena natural de Burgos da nao sancto Antonio/ ⁊ João serrão natural de Freixinal da nao Sãtiago, ⁊ Gaspar da queixada da nao conceição ⁊ piloto João Carualho Portugues. Hião nesta frota ate duzẽtos ⁊ cincoenta homẽs, em q̃ entrauão trinta ⁊ tantos Portugueses de q̃

soube estes nomes, Aluaro de mezquita destremoz / ꝛ hũ da silua de Coimbra / Martim de magalhães natural de Lisboa ꝛ moço da camara del rey de Portugal / Esteuão diaz filho dũ abade dabeira, Gonçalo rodriguez ferreyro natural de Leyria, Afonso gonçaluez natural da serra da estrela / Nuno criado do conde de vila noua, ꝛ hum Rabelo. Partido Fernão de magalhães co esta frota do porto de Seuilha foy ter ás Canarias, ꝛ dali leuou a rota do Brasil / ꝛ forão ter ao porto de sancta Luzia onde fizerão agoada. E dali indo ao longo da costa contra ho sul tomarão ho porto de sancta Maria ꝛ passarão ho cabo frio ꝛ ho rio doce que he hũa grande enseada a que não virão cabo, ꝛ poserão seys dias em passar dũa ponta a outra ꝛ sempre por agoa doce / de que fizerão agoada. E vendo os capitães da frota que Fernão de magalhães queria passar deste rio doce fizeranlhe grandes requerimentos que não passasse, ꝛ que ho descobrisse: porque assi ho leuaua por regimento do Emperador, a que se desobedecesse, soubesse que lhe não auião dobedecer. E elelhes respondeo por boas palauras, que a seruiço do Emperador compria passar ele auante: porque doutra maneyra não podia dar fim a sua empresa. E passou ficando os capitães Castelhanos / ꝛ assi os pilotos ꝛ mestres muyto descontentes dele / tanto q̃ determinarão de ho matar ou leuãtarselhe, dizendo que não sabião onde os leuaua. Porem Fernão de magalhães não soube disto nada: ꝛ nauegando por sua viagem sempre a vista de terra cõtra ho sul foy ter na entrada Dabril a hũ rio grande a q̃ pos nome de sam Julião ou dos patos q̃ está em corenta ꝛ noue graos, ꝛ a terra era toda escaluada sem aruoredo nem eruas ꝛ muyto fria, ꝛ a gente dela vestida de peles ꝛ muyto pobre: ꝛ porq̃ entraua ja ho inuerno que ali começa em Abril ꝛ dura ate Oytubro, determinou de inuernar ali, pera o que meteo a frota no rio que mãdou descobrir por João serrão, ꝛ em quanto foy descobrilo fizerão os tres capitães conjuração cõ algũs outros de matar Fernão de magalhães ꝛ tornarse pera Seuilha, determinando de dizer ao Emperador que ho fizerão por ele não querer goardar seu regimento ꝛ fazia caminho muyto fora do que lhe ele mãdara. E sendo isto sabido por ele, teue maneyra como se sayo logo pera fora do rio com sua nao / não mostrando ser sabedor do q̃ se lhe ordenaua / antes dissimulando grãdemente. E saydo fora comunicou a cousa cõ ho ouuidor darmada / dãdolhe miudamente as rezões porq̃ não quisera descobrir ho rio doce. E como por aquele rio esperaua de ir ter ao verdadeyro caminho de Maluco: ꝛ pera isto auer effeyto cõpria muyto fazerse justiça daq̃les capitães, porque doutra maneyra não auião dassessegar no seruiço do Emperador. E porq̃ se não podia fazer deles justiça sem grãde aluoroço ꝛ perigo da gente da frota / era necessario vsarse dalgũa manha

pera se matar Luys de mendoça que era a cabeça da conjuração, ⁊ a quem todos seguião, porq̃ morto este logo todos ficarião assessegados ⁊ não aueria mais amotinações: ⁊ ho Emperador seria seruido como ele desejaua. E concertouse que ho mesmo ouuidor ho matasse ás punhaladas, fingindo que lhe leuaua hum requerimento de Fernão de magalhães que sayse pera fora do rio onde ele estaua / ⁊ fosse de noyte porque ouuesse menos reboliço ⁊ os outros capitães lhe não acodissem. E indo ho ouuidor aa sua nao coesta dissimulação cõ companhia apercebida pera ho caso/estandolhe fazendo ho requerimento ho matou ás punhaladas ajudando ho a isso os que hião com ele. E logo ho ouuidor ⁊ os seus começarão de bradar que viuesse ho Emperador ⁊ morressẽ os que lhe erão tredores. E tomãdo posse da nao polo Emperador mandou aos marinheiros que saysem pera fora com a nao ⁊ fossem surgir junto de Fernão de magalhães, ⁊ assi ho fizerão. E como foy manhaã mandou ele dizer aos outros dous capitães que se dessem se não que lhes meteria as naos no fũdo. E sabido isto polos marinheiros da nao de João de cartagena alargarão as amarras ⁊ forão ter sobre a nao de Fernão de magalhães, em que ele logo entrou ⁊ prendeo a Fernão de cartagena em ferros / ⁊ despois a Gaspar de queixada / a que no mesmo dia mandou degolar ⁊ esquartejar com pregão que pubricaua a causa porque: ⁊ outro tanto mandou fazer a Luys de mendoça ainda que estaua ja morto, ⁊ a João de cartagena porque se achou que não tinha tanta culpa degradou ho pera sempre pera aquelas partes, ⁊ assi a hum clerigo culpado neste malefício. E esta supita ⁊ aspera justiça pos grande espanto na gente da frota / ⁊ dali por diãte foy Fernão de magalhães muy temido. E nisto chegou João serrão que fora descobrir ho rio onde se lhe perdeo a nao / ⁊ ele escapou com quantos hião coele ⁊ se tornou pera onde estaua Fernão de magalhães, que mandou logo tirar as quatro naos a monte pera se corregerem/porque andauão muyto abertas ⁊ daneficadas ⁊ não poderião sofrer a comprida viagem que estaua por fazer.

¶ Capitolo .vij. De como Fernão de magalhães mostrou hum regimento que leuaua do faleyro pera se conhecer a altura de leste a oeste. E do que hum astrologo que hia na frota ⁊ os pilotos dela acordarão.

Concertandose as naos Fernão de magalhães mostrou aos pilotos ⁊ ao astrologo Andres de sam Martim ho regimento que leuaua de Ruy faleyro acerca de se poder saber a altura de leste a oeste como ja disse. E visto ho regimento por todos / mandoulhes Fernão de magalhães que disesse cada hum

o que alcançaua a saber/ ꝛ se se podião aproueitar dele em sua naue-gação. E os pilotos respondeão por escripto que não se podia vsar daquele regimento / nem aproueitaua pera se nauegar por ele. E assi ho assinarão: ꝛ ho astrologo respondeo ho mesmo a todos os capitolos do regimẽto que erão trinta saluo ao quarto que dizia que pola conjunção que a lũa tem com as estrelas fixas, ꝛ com ho sol se pode saber o que hũa terra dista da outra na altura de leste a oeste. E disse a este capitulo que não auia outro caminho pera alcançar a deferẽça da altura de norte a sul a de leste a oeste se não aquele nem ele ho sabia. E acrecentou ainda outras muytas conjunções ꝛ oposições / ꝛ pera mor clareza disso fez sobrisso hũ tratado em que alegou muyta astrologia, ꝛ disse q̃ aquela regra era muy sabida por todos os astrologos ꝛ cosmografos. E per ela estando ele naquele porto no mesmo anno a dezasete Dabril que fora ho eclipse do sol vira ꝛ notara pelo eclipse que ali tomou/ que ho meridiano daquele porto distaua do de Seuilha donde partirão sessenta ꝛ hum graos de norte a sul. O que sabido por Fernão de magalhães ꝛ pelos pilotos: foy por todos aprouado por bõ/ ꝛ quando virão que a distancia dos graos era tãta quiserãna diminuir ꝛ encurtar a derrota que ateli fizerão, porque se temião de sair do lemite de Castela / ꝛ poserão ho mesmo porto em algũas cartas que leuauão arrumadas em branco / ꝛ hũs ho poserão em corenta ꝛ tres graos/ outros em corenta ꝛ seys: mas a verdade foy posta nos papeis ꝛ liuros em q̃ as escriuião, cuydando que não auião nunca dapa-recer como despois parecerão ꝛ vierão ter ás mãos dos nossos/ pelos quaes se mostrou q̃ as ilhas de Banda ꝛ de Maluco sam do descobrimento de Portugal/ ꝛ ainda alem de Banda treze graos ꝛ meyo, ꝛ de Maluco dezasseys.

¶ Capitolo. viij. De como Fernão de magalhães passou ho estreito de todos os sanctos ꝛ foy ter á ilha de Cubo: ꝛ de como foy morto em hũa batalha com dous capitães seus ꝛ outra gente.

Ntrado ho mes Doutubro que se acabaua ho inuerno daquelas partes, determinando Fernão de magalhães de prosseguir aquele descobrimento que fazia com tamanha falsidade ꝛ deslealdade, deu a capitania da nao de João de cartagena a seu primo Aluaro de mesquita/ ꝛ a de Luys de mendoça a seu cunhado Duarte barbosa/ ꝛ a de Gaspar de qneixada a João serrão. E feyto isto partiose no mes Doutubro: ꝛ indo ao longo da costa do Brasil dahi a cento ꝛ tantas legoas se achou metido com toda sua frota em hũa grande enseada/ ꝛ não podẽdo tornar pera tras foy por ela ate chegar õde ho mar se metia pola terra,

ꝛ Fernão de magalhães mãdou logo sondar a boca dele/ ꝛ polo grande fundo q̃ se achou conheceo que era estreito q̃ se fazia do mesmo mar oceano, assi como se faz ho de gibraltar: pelo que ficou muyto ledo/ porque lhe pareceo que aquele estreito auia de cortar toda a terra do Brasil ate chegar ao mar por õde ele cria que poderia nauegar pera Maluco sem ter necessidade de ir pola nossa nauegação: o que ele receaua muyto por não topar nauios Portugueses, ꝛ determinou de descobrir aq̃le estreito pera ver se chegaua a outro mar, porque se chegasse daua a sua nauegação por muyto boa. E assentado nisto pos lhe nome a baya de todos os sanctos por chegar ali em tal dia. E dando conta de sua determinação aos Portugueses começou de nauegar por este estreyto/ ꝛ entrãdo por ele era a boca de largura ho espaço q̃ tomauão duas naos hũa jũto da outra/ ꝛ despois se alargaua ate hũa legoa, ꝛ de cada vez de mór fundo que lho não achauão, ꝛ de hũa parte ꝛ doutra auia muy altas serranias cubertas de neue. E era terra desabitada ꝛ sem verdura nem aruoredo/ nem parecia nenhũ gado nem alimarias brauas. E indo assi acharão que ho estreito se fazia em duas bocas. O que vendo Fernão de magalhães mãdou a Aluaro de mezquita que fosse por hũa delas ate ho cabo/ ꝛ despois se tornasse ali/ ꝛ que ele faria outro tãto: ꝛ quem chegasse primeyro esperasse pera saberem o que achauão/ ꝛ verẽ o que auião de fazer. E coeste cõcerto partirão/ ꝛ Fernão de magalhães seguio por sua rota a diante por antre aquelas grandes ꝛ altas serranias cubertas de neue ate que começou dachar outra terra em que auia hũas aruores altas q̃ parecião cedros ꝛ assi outro aruoredo: ꝛ assi foy ate ho cabo daquele estreito que vio que se acabaua no mar oceano, ꝛ que a terra por onde se fazia aquele estreito ficaua cercada de mar de duas partes. O q̃ visto por ele tornouse a paragem donde se apartara Daluaro de mezquita pera saber dele o que achara por sua derrota. E chegado não ho achou, ꝛ esperando por ele algũs dias nũca veo/ porque segũdo se despois soube ho seu piloto com a gente da nao se leuantou contrele, ꝛ ho prendeo porque não fossem mais auante ꝛ se tornassem: como tornarão pera ho rio de sam Julião/ onde recolherão a João de cartajena que hi ficara degradado ꝛ se tornarão pera Seuilha/ dizendo que Fernão de magalhães era doudo/ ꝛ que mintira ao Emperador, porque não sabia õde stauão Banda nem Maluco. E vẽdo Fernão de magalhães que Aluaro de mezquita não vinha não ho quis mais esperar por se lhe não gastarem os mantimentos, ꝛ tornouse por aq̃le estreito por õde saio ao mar oceano: ꝛ a boca por õde sayo achou q̃ estaua em cincoẽta ꝛ cinco graos de norte a sul pera a parte do sul/ ꝛ dali mãdou Fernão de magalhães q̃ fossem buscar a linha equinocial, porq̃ sabia pelas cartas mesiuas de Francisco serrão/ ꝛ pelas cartas

antigas de marear que Maluco jazia naquele paralelo da equinocial: ɀ diminuindo na altura ate se poer debaixo dela nauegou por ele cinco meses sem achar Maluco, do que assi ele como os seus pilotos ɀ ho astrologo se agastarão muyto / por que segũdo se despois achou pelos nossos quando tomarão hũa destas naos na ilha de Ternate. Affirmouse Fernão de magalhães com ho astrologo ɀ pilotos da frota que tinhão tanto andado deleste a oeste despois que sayrão do estreito que erão saydos do limite de Castela, ɀ que entrauão ja muyto polo de Portugal. E com temor de toparem gente nossa / ɀ tambem com muyta necessidade dagoa / acordarão de deixar a derrota q̃ leuauão / ɀ nauegarão pera a parte do norte ate que se poserão em dez graos / ɀ ali acharão hũ arcepelago de muytas ilhas: ɀ tomãdo ali terra virão que a gente tinha paraós em que nauegaua / ɀ trazia muyto ouro nos braços ɀ nas orelhas / ɀ que ho resgatauão por ferro: ɀ daqui a cincoẽta legoas forão ter a hũa ilha chamada Maçana que tinha rey, que fazendolhes muyta honrra ɀ gasalhado os leuou a outro rey doutra ilha chamada Cubo cujo vassalo era / que recebeo com muyta honrra a Fernão de magalhães, ɀ lhe fez muy bõ tratamento: principalmẽte despois que soube como era capitão mór dũ senhor tamanho como ho Emperador / de quem Fernão de magalhães fez que se fizesse vassalo / ɀ mais ho fez tornar Christão ɀ a sua molher / ɀ a seus filhos com muytos do seu reyno / ɀ pos lhe nome dom Fernando: ɀ por seu consentimento foy edificada hũa igreja da auocação de nossa Senhora da vitoria em que se celebraua ho officio diuino. E estando nesta amizade / el rey rogou a Fernão de magalhães que ho ajudasse contra outro rey seu vezinho senhor de hũa ilha chamada Matão que lhe não queria obedecer, ɀ sobrisso tinhão ambos guerra. E por el rey ser vassalo do Emperador / Fernão de magalhães lhe deu a ajuda que lhe pedia, ɀ pelejou duas vezes com ho rey de Matão / ɀ dambas lhe matou muyta gente. E não querendo contudo obedecer a el rey de Cubo pelejou coele outra vez / ɀ desta foy morto ɀ desbaratado: porque el rey de Matão tinha mandado fazer muytas couas cheas destrepes no lugar onde auia de ser a batalha / que em se começando de dar fez que fugia com sua gente. E Fernão de magalhães contẽtandose co isso os não seguio / ɀ recolhendo sua gente dão os immigos nele / ɀ dão coele nos estrepes onde matarão a ele ɀ a Duarte barbosa, ɀ a João serrão com vinte tantos homẽs, ɀ os outros se recolherão aos bateys, ɀ metendose nas naos se tornarão pera a ilha de Cubo.

¶ Capitulo.ix. Da treyção que el rey d Cubo fez aos Castelhanos em que matou muytos deles / ɀ de como escaparão fugindo. E do que passarão ate chegarem aa ilha de Tidóre hũas das ilhas de Maluco.

Dornados os Caſtelhanos aa ilha de Cubo/ ⁊ vendoſe deſemparados do ſeu capitão moor / ⁊ de quem os guiaſſe pera onde auião de ir quiſeranſe tornar dali. Ao que João carualho piloto da nao de João ſerrão acodio, dizendo que não fizeſſem hũa couardia tamanha como aquela/ ⁊ que oulhaſſem em quanta obrigação lhes ficaria ho Emperador ſe lhe deſcobriſſem Bãda ⁊ Maluco: por iſſo que ho deſcobriſſem que ele os leuaria lá. E animados todos co iſto/ determinarão de proſſeguir auante/ ⁊ deranlhe a capitania da nao. E ſtandoſe apercebendo pera tornar a ſua viagem, mandou el rey de Matão ameaçar el rey de Cubo que iria ſobrele/ ⁊ ho deſtruyria ſe não mataſſe os Caſtelhanos ⁊ lhe não tomaſſe as naos. E como ele eſtaua amedrontado pola morte de Fernão de magalhães ⁊ dos outros ouue medo ao ameaço/ ⁊ prometeo a el rey de Matão de lhe fazer o que queria: o que logo pos em obra / ⁊ pera iſſo fingio fazer hũa grande feſta em que conuidou os capitães da frota ⁊ os principais dela, pera lhes dar hum banquete/ porque doutra maneyra os não podia tomar juntos/ porque deſpois da morte de Fernão de magalhães hião poucas vezes a terra por conſelho de João carualho: que quãdo ſoube que erão conuidados pera ho banquete, ⁊ que ho querião receber lhes rogou muyto que ho não fizeſſem, porque tinha por ſem duuida que aquilo era treição. E por muytas rezões que lhes deu pera ho ſer/ não quiſerão ſenão ir a terra: mas ele não quis ir/ nem que foſſe ninguem da ſua nao / ⁊ mandou leuar as Ancoras, ſaluo hũa ſobre que ficou, ⁊ eſta apique pera ſe leuar logo ſe foſſe neceſſario. E eſtando os Caſtelhanos comendo debaixo de hũas aruores com grande feſta ⁊ el rey coeles/ da neles a gente del rey armada ⁊ matarão trinta ⁊ tantos/ ⁊ os outros ſe acolherão ás naos que eſtauão perto. E poderanno fazer porque João carualho mandou deſparar algũas peças dartelharia/ de que os immigos auendo medo não ſeguirão os Caſtelhanos / que deſpois dembarcados por ſe verẽ que erão tão poucos que não abaſtauão pera tres naos queimarão hũa delas, baldeando nas outras o que leuauão, ⁊ partiranſe por eſſe mar deſeſperados de ſaluação, porque João carualho com quanto lhes prometera que os leuaria a Maluco, nem ſabia ondeſtaua/ nem pera onde auia de nauegar: ⁊ ſem leuar certa rota nem via ſe foy por eſſe mar onde a ventura ho leuaſſe, ⁊ foy ter a hũa ilha chamada Puloando ſenhorio del rey de Borneo, onde tomarão dous homens que os leuarão aa ilha de Borneo: ⁊ mandarão dizer a el rey cujas erão aquelas naos ⁊ que trazião muytas mercadorias pera tratar ſe lhes deſſe licença pera ſairem em terra, ⁊ coela ſairão/ mãdãdo el rey receber os dous capitães hõrradamẽte ⁊ cõ grãde feſta. E leuadas mercadorias a terra aſ-

sentarão feytoria / ⁊ da hi a dous dias amanhecerão derredor das naos trezentos ⁊ tantos paraós, ⁊ parecia q̃ pera lhe tomarẽ as naos. O q̃ eles entendendo se fizerão logo á vela, ⁊ derão em cinco jungos que estauão no porto de que tomarão tres em que acharão muyta riqueza que leuauão de Malaca dõde erão / ⁊ catiuarálhe toda a gẽte. E feyto isto foranse a hũa ilha despouoada q̃ está afastada do porto / onde lhe el rey de Borneo mandou logo pedir os catiuos / mandandolhe dous Castelhanos da feytoria: dizendo que lhe não mandaua os outros porque ficauão oulhando pola fazenda da feytoria. E deranlhe os catiuos, mandandolhe dizer que lhe mandasse os Castelhanos que lá estauão: ⁊ por ho recado tardar hũ dia cuydarão os Castelhanos que lhe querião fazer treição / ⁊ por isso requererão a João carua lho q̃ se partissem / ⁊ assi ho fizerão deixando os companheiros em terra com a fazenda / ⁊ forão ter a hũa ilha despouoada onde derão pẽdor ás naos por andarem muyto abertas. E dali forão ter a outra ilha chamada Mindanao / ⁊ despois a outra que auia nome Sanguim. E andando perdidos ⁊ sem saber õde stauão nem esperança de ho saber nunca: ⁊ crendo que se chegaua sua fim toparão com hũ júgo da China que hia de Maluco: ⁊ auẽdo fala dele por acenos souberão que auião de tornar atras da derrota que leuauão / ⁊ tomarão pilotos que os leuarão á ilha de Tidore / hũa das ilhas de Maluco / onde chegarão na fim Doutubro de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ vinte hũ: cujo rey os recebeo muyto bem / ⁊ eles lhe derão grandes presentes / dizẽdo que erão vassalos del rey de Castela ⁊ bo mór senhor da Christindade / ⁊ por seu mãdado hião descobrir aquelas ilhas pera ter trato nelas: ⁊ se ele disso fosse contente que faria nisso muy grãde proueito. E vencido el rey dos presentes que lhe derão, disse que elle ⁊ sua terra erão del rey de Castela / ⁊ que lha entregaua: ⁊ que soubera por seus feyticeiros que erão partidas cinco naos pera aq̃la ilha por mandado de hũ grande rey / ⁊ por isso ele era vassalo del rey de Castela, ⁊ lhe obedecia como a senhor: ⁊ que lhe rogaua que esperassem dous meses ⁊ que lhe daria crauo nouo. Ao que eles responderão que nã podião esperar por serem as naos velhas / ⁊ por isso se querião logo tornar: mas que dali a dous annos lhe prometião de tornar cõ cincoẽta naos carregadas d' mercadoria: ⁊ preguntaranlhe se hião os Portugueses a estas ilhas. E sabendo q̃ si, disserão muyto mal deles chamãdo os ladrões / ⁊ prometendo que lhe auião de tomar Malaca / porq̃ dela ate Maluco tudo era del rey de Castela / ⁊ rogarão a el rey que lhe fizesse vender esse crauo que se achasse na ilha posto que fosse velho porque coesse irião contentes. O q̃ fazião por se acolher q̃ temião q̃ fossẽ os Portugueses / ⁊ q̃ os tratassẽ mal: q̃ bẽ sabião q̃ não era Maluco de seu descobrimento pelo que tinhão esprementado naquela nauegação: ⁊ bem tomarão por partido

toꝛnarem a ſuas terras com auida: ꝛ em quanto ſe ajuntaua ho crauo que auião de leuar ficarão cõ el rey fazendo veniaga de ſuas mercado- rias.

¶ Capit. x. De como el rey Dater- nate foy cometido dos caſtelha- nos com amizade ꝛ a não quis, ꝛ de como carregarão duas naos de crauo ꝛ hũa foy ter a eſpanha, ꝛ outra deſpois de partir arri- bou a Maluco.

Eſtando aqui mã- darão offrecer ami- zade a el rey de Ter- nate cõuidando ho com preſentes pera iſſo. E como ele era ſeruidoꝛ del rey de Poꝛtugal auia muytos annos não a quis aceitar/ antes lhe mandou dizer que era vaſ ſalo del rey de Poꝛtugal/ ꝛ que a ele queria ter poꝛ ſeñoꝛ ꝛ não outro, ꝛ mandou logo recado a Joꝛge dal- buquerque capitão de Malaca/ em que lhe eſcriuia o que paſſaua: ꝛ aſſi ho eſcreueo ao gouernadoꝛ da In- dia ꝛ a el rey de Poꝛtugal. E eſtas cartas mandou em hũ iundo que mãdaua a Malaca/ pedindo a elrey que mandaſſe prouer aquela terra pois era ſua/ ꝛ que mandaſſe fazer nela hũa foꝛtaleza. E vendo os Caſ telhanos como el rey nã queria ſua amizade diſſerão a el rey de Tidoꝛe q̃ quando toꝛnaſſem com a armada q̃ dizião ho farião vaſſalo do Em- peradoꝛ poſto que não quiſeſſe. E el rey de Tidoꝛe vendo como ſe eles querião ir/ mandou apanhar todo ho crauo que ſe pode auer com que carregarão as duas naos q̃ tinhã. E a moor parte deſte crauo era del rey de Poꝛtugal, ꝛ dos noſſos que lá ficara do anno de mil ꝛ quinhen- tos ꝛ vinte de tres jungos de Ma- laca que deſcarregarão na ilha de Bachão poꝛ não terem tempo pera irem a Malaca/ ꝛ hũ deles era de Curia deua hũ mercadoꝛ em que hia a carga del rey de Poꝛtugal/ do retoꝛno da fazenda que Gaſpar rodriguez feytoꝛ mandou quando lá foy dom Triſtão de meneſes. E muyto, fardos deſte crauo leuauão os nomes dos noſſos d̃ cujos erão; ꝛ com a preſſa que tinhão de carre- gar eſte crauo cõ medo que não foſ ſe ter coeles algũa armada noſſa ꝛ os tomaſſe, cõprauão ho abahar a dez ꝛ a doze dobrões, ꝛ mais corẽ- ta barretes vermelhos: comprãdo os noſſos ho bahar a cruzado ꝛ a menos. E carregadas as naos dei- xarão os Caſtelhanos feytoria neſ ta ilha de Tidoꝛe com todos ſeus officiaes, a q̃ ficarão muyto cobre ꝛ outras mercadoꝛias/ ꝛ deixarãlhe coꝛenta bombardas ꝛ muytas bé- ſtas ꝛ eſpingardas ꝛ outras armas prometendo a el rey de Tidoꝛe que quando toꝛnaſſem auião de fazer hũa foꝛtaleza. E com iſto ſe partio hũa das naos/ de que era capitã oꝛ piloto João carualho em Dezẽbꝛo de mil ꝛ quinhentos ꝛ vinte hũ: ꝛ partida foy auer viſta da ilha Dam boino que eſtá atraues da de Ban- da/ de que tambem ouue viſta/ ꝛ aſ ſi da coſta da jaoa ꝛ dahi foy á ilha de Timoꝛ õde lhe fugirão dous ca ſtelhanos q̃ deſpois forão ter a Ma

laca com deſeſperação de ſe a nao não poder ſaluar / porque hia tão aberta que a cada relogio dauão á bomba quatro vezes / ⁊ por iſſo a tirarão ali a mõte ⁊ a cõcertarão / no que ſe detuerão ate Feuereyro de mil ⁊ quinhentos ⁊ vinte dous / ⁊ dali cortou pola altura do cabo de boa Eſperança. E fazendoſe auãte dele cuydando que ho tinha dobrado, corrãdo dali ao noroeſte foy dar no rio do Jfante que eſtá quinze legoas de Moçambique. E niſto ſe moſtrou quão pouco ſabião por onde hião / por quantos graos aqui errarão daltura deleſte a oeſte, ⁊ daqui forão polo noſſo caminho ate tornarem a Seuilha: ⁊ a outra nao dos caſtelhanos que partio da ilha de Tidore deſpois deſtrouta leuou ſua derrota pera a terra do Dariẽ q̃ he detras da terra das antilhas. E auendo dous meſes que naueguaua / foranlhe os ventos tão contrairos a ſua viagem que lhe foy forçado arribar ás ilhas de Maluco / ⁊ quando chegou achou os noſſos fazendo hũa fortaleza na ilha de Ternate, como direy adiante.

¶ Capit. xj. De como Antonio de brito ⁊ dom Garcia anrriquez ſe partirão pera as ilhas de Maluco, ⁊ da diſcripção deſtas ilhas.

SAbido por Antonio de brito como eſtauão Caſtelhanos ẽ Maluco / ⁊ como tinhão aſſento na terra: temendo q̃ teueſſem mais força da que tinhão, requereo a dõ Garcia anrriquez da parte del Rey de Portugal, que por quanto leuaua pouca gẽte pera pelejar com os Caſtelhanos ⁊ com os da terra ⁊ os ſugigar, que foſſe coele com a gente q̃ tinha pera ho ajudar. E viſto por dom Garcia como aquilo era ſeruiço delrey aceytou de muyto boa võtade fazelo ſem lhe lembrar ho muyto que perdia de ſua fazẽda por não ficar em Bãda / em que Antonio de brito aſſentou amizade ⁊ trato com os da terra: ⁊ por memoria diſſo pos hũ padrão de pedra com as armas reaes, ⁊ ſobriſſo teuerão os da terra coele algũa deferença, ⁊ pelejarão coele ⁊ lhe ferirão algũs homẽs / ⁊ por derradeyro ficarão amigos. E vindo ho mes de Mayo q̃ era a monção pera Maluco, partirãſe Antonio de brito ⁊ dõ Garcia com ſua armada que era de oyto velas, ⁊ leuauão nela trezentos homẽs. E ſeguindo por ſua viagẽ chegarão a eſtas ilhas que eſtão cem legoas de Bãda: ⁊ eſtão coelas noroeſte ſueſte / ⁊ ſam cinco a fora outras muytas de que ſe faz hũ grande arcepelago que ocupão grandiſſima diſtancia de mar. E eſtas cinco que digo que propriamente ſe chamão as de Maluco ſam as q̃ dão ho crauo, que he tão eſtimado per todas as partes do mũdo. E ſam os ſeus nomes eſtes / Bachã / Maquiem / Moutel / Tidore ⁊ Ternate: eſtão todas debaixo da equinocial / ⁊ antre a de Ternate ⁊ a de Bachão eſtão as outras tres. E a de Ternate que he mayor que todas eſtá em hum grao da banda do ſul. Todas eſtas ilhas ſam chãs polas

fraldas do mar, ⁊ dali ſe vay a ter
ra aleuantando algũ tanto ate du-
as legoas pelo ſertão: mas dali por
diãte ſam as ſerranias tão grãdes
⁊ as rochas tão altas ⁊ os aruore-
dos tão baſtos ⁊ çarrados que nã
ſe podem habitar. E ẽ todas eſtas
ſerras ha vieiros denxofre: ⁊ em
hũa da ilha de Ternate eſtá hũa
boca que continuamente lança eſ-
pantoſas labaredas de fogo. To-
das per eſtas duas legoas que di-
go ſam cubertas de muyto aruore-
do brauo, ⁊ antrele nacem as aruo
res que dão ho crauo: de que prin-
cipalmente ha mais em Moutel ⁊
Maquiem que em nenhũa das ou-
tras. As aruores que dão ho cra-
uo ſam do tamanho das que dão a
noz, ⁊ em terem os troncos liſos ⁊
a rama cõpada ſe parecem com la-
ranjeiras: porem as folhas parecẽ
ſe com as do loureyro. Nace ho cra
uo por todos elas em pinhotas co
mo madre ſilua/ ⁊ quãdo he de vez
eſtá verde. Os q̃ ho apanhão ſe so-
bem neſtas aruores ⁊ com hũas ca
nas de forquilha ho colhem ⁊ dei-
tão em hũs ceſtinhos que trazẽ na
cinta/ ⁊ niſto quebrão todos os ra
minhos ⁊ gomos que eſtas aruo-
res metem de nouo, pelo que ficão
tão daneficadas que nã dão crauo
ho anno ſeguinte ⁊ ſe reformão ne
le pera darẽ ho crauo ao outro an-
no: de modo que pola mayor parte
não dã nouidade inteira todos os
ãnos. Apanhado ho crauo ho dei-
tão ao ſol a curar, onde anda muy-
tos dias ⁊ ſe torna roxo, ⁊ deſpois
negro como ho vemos, de ho borri
farem com agoa ſalgada. Ha tam-
bẽ outras aruores que ſe chamão
çagus de cujo miolo ſe faz pão: deſ
pois de tirado ho deitão ẽ jarras
com agoa ſalgada/ ⁊ paſſados al-
gũs dias ho ſecão ao ſol/ ⁊ ſeco ho
moẽ ⁊ da farinha ou pó fazẽ pão/
que ſegundo eu vi he da cor do noſ-
ſo pão de rala, ⁊ ſabe como pão.
Outras aruores diuerſas ha neſ-
tas ilhas/ que hũas dão vinho ou
tras azeite, outras fruytas: ⁊ iſto
continuamẽte que não tem tempo
limitado/ ⁊ por iſſo não falecẽ nũ-
ca. Ha tambem grandes canauea-
es de canas de boa groſſura q̃ nacẽ
cheas dagoa muyto boa/ ⁊ quem
vay polo mato ⁊ ha ſede faz hũ fu-
ro em hũ canudo deſtas ⁊ bebe: ha
tambẽ outras de que ſe ſerue a gẽ-
te pera acarretarem agoa ⁊ vinho
⁊ azeite ⁊ fazerem de comer ⁊ ſam
da groſſura dũ braço ⁊ de hũa co-
xa/ ⁊ os canudos ſam comũmente
de comprimento dũ couado ⁊ co-
uado ⁊ meo: ⁊ leuão ſete, oyto cana
das. Neſtas ilhas ha poucos mãti
mentos/ ⁊ quaſi que vão todos de
fora: ⁊ iſto por ſer a gente muyto
guerreira ⁊ não ſe ocupar ſe não
em guerras: porẽ a terra he fertil,
⁊ tão viçoſa que em caindo a folha
ao aruoredo logo lhe nace outra ⁊
nunca eſtá ſem ela: ⁊ as cabras que
vem de fora parem duas vezes no
anno/ ⁊ as mais dous filhos de ca
da vez/ ⁊ muytas tres ⁊ algũas q̃-
tro/ ⁊ as porcas tambẽ parẽ duas
vezes no anno/ ⁊ as cabritas ⁊ ley-
toas ainda mamão quando logo
emprenhão: ⁊ he tamanha a fertili
dade deſta terra que ſe vão molhe-
res doutra que ſejão auidas por

maninhas logo emprenhão nela. Ha tambẽ nestas ilhas hũs bichos como coelhos que tẽ nas barrigas hũs bolsos como aljabeiras/ ꝛ quã do parem metem neles os filhos, ꝛ coeles dentro sem lhe cairem corrẽ ꝛ saltão polas aruores dumas em outras: estes se chamão cuços na lingoa da terra ꝛ sam muyto bõs pera comer. Ha no mar muyto pescado ꝛ muyto bõ, ꝛ hũs cangrejos do tamanho de centolas/ ꝛ assi parecem: ꝛ tem hũs bolsos como pescoços de lagostas. E estes saem do mar pera ho mato a comer hũa fruita que ha na terra que se chama Canaria ꝛ he como amendoas/ ꝛ assi tem a casca/ ꝛ eles a quebrão com os dẽtes: estes sam muyto gordos ꝛ muyto gostosos pera comer/ tomãnos com candea despois que de noyte saem em terra/ ꝛ como vẽ ho fogo estão quedos/ ꝛ pera os terem muytos dias os metem em hũa jarra ꝛ os mantem com cocos que comẽ. E comquanto ha nestas ilhas poucos mantimentos, esses que ha nunca falecem nem ha nelas fome/ porque vay a gente buscar cada dia ao mato ho comer de que tem necessidade, ꝛ viuem como na primitiua idade. Todas estas ilhas sam muyto fortes por natureza ꝛ artificio, ꝛ tem portos em que os nauios estrãgeiros podem entrar muy difficultosamente/ por terem todos arrecifes feytos á mão. Suas pouoações sam como digo pola fralda do mar ate duas legoas pelo sertão/ ꝛ as mais delas ou todas sam muyto fortes cõ cercas de trãqueyras, ꝛ cauas ꝛ fortalezas de madeira. As casas sam de paredes de terra cubertas dola/ somẽte as mezquitas sam de pedra: os moradores sam mouros, ꝛ auia pouco que tomarão a seyta de Mafamede q̃ dantes erão gentios. He gente bẽ desposta ꝛ mais preta que baça assi homẽs como molheres: tem todos hũa lingoa ꝛ tratanse muyto bem dos atauios do seu corpo, comũmente não sam pera trabalhar macanicamente: porẽ sam homẽs engenhosos em carpentaria de macenaria ꝛ em laurar de bastidor. Sã muyto guerreiros ꝛ valẽtes na guerra ꝛ muyto crueis nela q̃ ho pay mata ho filho/ ꝛ ho filho ho pay/ ꝛ aos immigos q̃ matão cortão as cabeças que podem ꝛ pendurãnas ao pescoço polos cabelos, ꝛ isto ẽ sinal de bõs caualeyros. ꝛ sem isso não se tem por taes nẽ ganhão honrra. Quando querẽ fazer algũa cousa de sustancia ajuntanse muytos a comer em q̃ se embebedão ꝛ despois de bebados assentão o q̃ hão de fazer/ ꝛ ho mais bebado tẽ por mais honrrado: não tẽ nauios senão pera guerra/ ꝛ sam de remo: os mayores se chamão coras coras ꝛ joãgas, ꝛ sam tão compridos que tem cenzo ꝛ oytenta remos por bãda, ꝛ sam muyto bem feytos. Não tẽ jungos nẽ outros nauios dalto bordo/ porque não ha antreles nehũs mercadores, nem ha antreles outra mercadoria que leuar pera fora senão crauo, ꝛ este não ho leuauão por não terẽ nauios pera isso: ꝛ os da ilha de Bãda ho hião lá buscar ẽ seus jũgos ꝛ ho comprauão muyto barato a troco de panos da India pera se vestirẽ/ q̃ leuauão á Banda

os mercadores de Malaca: ⁊ tambẽ a troco deles comprauão em Bãda a noz/ maça ⁊ crauo ⁊ não querião ir por ele a Maluco porq̃ gastauão na viagẽ quasi ho dobro do tempo que punhão de Malaca a Bãda ida por vinda, que erão seys meses que partião de Malaca em Janeyro ⁊ ẽ Feuereyro chegauão a Bãda, ⁊ carregauão em Julho em que partião pera Malaca ⁊ chegauão em Agosto, ⁊ pera Maluco auião de partir de Banda em Mayo/ ⁊ chegauão nele por nã ser ho caminho de mais de cem legoas/ ⁊ por amor da moução dos leuantes não podião tornar de Maluco se não em Janeiro se achauão carga/ ⁊ se nã auião desperar hũ anno/ ⁊ em Banda auião desperar ate Julho pera partirem pera Malaca. E por esta rezão não querião os mercadores de Malaca passar a Maluco ⁊ achauão em Bãda ho crauo: que despois q̃ os Portugueses esteuerão em Maluco não trouuerão os Bandaneses mais a Banda. Os reys destas ilhas tem a seyta de Mafamede/ ⁊ conforme a ela casam com muytas molheres ⁊ sempre tem hũa por principal: eles ⁊ os fidalgos de sua corte a que chamão mandarins se vestẽ ao modo malayo ⁊ os bajus sam de seda rica com botões douro/ ⁊ pedraria polas dianteiras ⁊ mangas. Trazem arrecadas nas orelhas, ⁊ no pescoço colares douro ⁊ cadeas/ ⁊ nos braços manilhas, ⁊ assi se vestẽ as molheres, ⁊ nas cabeças sombreiros goarnecidos douro ⁊ pedraria ⁊ nas festas coroas douro ⁊ por dõ trazẽ panos brancos que chamão fisas feytos dantre cascas daruores, ⁊ nos braços manilhas de rota de Bengala q̃ sam caninhas delgadinhas, ⁊ rapão quãtos cabelos tem em seu corpo, ⁊ vntanse dolios cheirosos, ⁊ trazẽ nas cabeças lẽços atados. Seruense com muyto grande estado posto que não tẽ nenhũa rẽda, que cada lugar he obrigado a darlhe hũ tanto pera comerem certos dias cõ toda sua casa, ⁊ isto em abastança. E a mesma maneyra tẽ os senhores seus vassalos, que se chamão Sangages/ ⁊ assi os regedores: porque cada rey tem seu regedor que tem cuydado das cousas do reyno/ assi na paz como na guerra. E cõ quanto estes reys não tem renda sam tão venerados assi dos seus naturais como dos estrangeiros doutros reynos ⁊ tidos por hũa cousa tão sagrada, que posto q̃ estem antre seus imigos se dizẽ eu sou tal rey afastanse logo ⁊ danlhes lugar: ⁊ tẽ por costume se sam vencidos em algũa batalha de não verem ho rosto ao vẽcedor se nã dali a seys ou sete meses. A gẽte baixa os tem por tão diuinos que passando por diante deles tapão os olhos ⁊ deitãse no chão de bruços por não ousarem de lhes ver ho rosto/ nẽ os nomeão se não por sol/ lũa ou por nomes de cousas q̃ tẽ por muyto grãdes. E d todos os reys dstas ilhas el rey de Ternate somente era amigo del rey de Portugal, ⁊ lhe mandou pedir que fizesse fortaleza ẽ sua terra/ ⁊ não quis amizade com os Castelhanos.

¶ Capit. xij. De como Antonio de brito assentou amizade cõ a mãy

ea de liano malo ⁊ [illegible]

del rey de Ternate ⁊ com outros
reys: ⁊ de como começou a forta
leza de sam João de Ternate.

Chegado Antonio d̃ bri-
to a estas ilhas q̃ foy na
fim de Mayo, porq̃ sa-
bia q̃ na ilha de Tidore
estauão os Castelhanos q̃ ficarão
hi cõ feytoria das duas naos da ar-
mada de Fernã de magalhães quis
ir lá primeyro q̃ a de Ternate pera
tirar dali aq̃la feytoria polo grãde
perjuyzo q̃ faria á del Rey de Por-
tugal. E indo lá cõ toda a armada
ouue ẽ seu poder os Castelhanos q̃
ja não tinhão q̃ feytorizar/ ⁊ fezlhe
tão bõ gasalhado como q̃ forã Por
tugueses: ⁊ leuãdo os dali se foy aa
ilha de Ternate/ cujo rey era faleci-
do/ ⁊ sospeitauase q̃ el rey de Tido-
re seu sogro ho matara cõ peçonha
ẽ hũ bãquete por não q̃rer ser ami-
go dos Castelhanos como ele era: ⁊
a raynha gouernaua ho reyno por
hũ seu filho erdeiro não ser mais de
sete ãnos. E q̃ndo a raynha soube q̃
Antonio d̃ brito estaua na barra da
sua cidade/ mãdoulhe a boa hora d̃
sua vinda polo regedor do reyno, ⁊
dizerlhe q̃ el rey seu marido era fale
cido, ⁊ q̃ndo falecera lhe deixara en
comẽdado q̃ se os Portugueses ali
viessẽ pera fazer fortaleza q̃ os aga-
salhasse muyto bẽ/ ⁊ lha deixassẽ fa
zer õde quisessẽ, ⁊ lhes desse toda a
ajuda de q̃ teuessẽ necessidade: ⁊ q̃ as
si ho auia de fazer. O q̃ lhe Antonio
de brito mãdou agradecer, ⁊ por a
boa võtade q̃ achou na raynha d̃ter
minou cõ conselho de dõ Garcia ãr
riquez ⁊ dos outros capitães de fa
zer a fortaleza naq̃la ilha/ ⁊ p̃a ver
ho lugar em q̃ seria bõ fazela mãdou
pedir licẽça á raynha p̃a desembar
car: q̃ lhe ela deu de muyto boa võ-
tade/ ⁊ mãdoulhe fazer grãde rece-
bimẽto per seus mandarís. E visto
por Antonio d̃ brito ho lugar pera
fazer a fortaleza/ começou de fazer
hũa trãqueira pera se recolher cõ a
fazẽda ⁊ artelharia em q̃nto fazia a
fortaleza, mas primeyro assentou
cõ a raynha ⁊ cõ outros ẽ nome do
rey da terra q̃ ele era cõtente de dar
hũ lugar a el rey de Portugal jũto
da sua cidade em q̃ auia de ter hũa
feytoria cõ roupa ⁊ outras cousas q̃
os Bandaneses trazião de modo q̃
a terra esteuesse abastada das tais
mercadorias cõ cõdição q̃ ho cra-
uo não se vẽdesse a outros estrãgei-
ros ⁊ a troco de roupas q̃ valessem
mil r̃s se cõpraria na feytoria o Ba
har do crauo q̃ sam q̃tro quintaes
q̃ saya ho quintal a .cc. r̃s. E de tu-
do isto se passarão escripturas assi-
nadas por ãbas as partes: ⁊ porque
Antonio de brito nã se fiaua da ray
nha por ser filha delrey de Tidore q̃
tinha por muyto sospeita na amiza
de del rey de Portugal pola muyta
q̃ tinha cõ os Castelhanos/ quis
ter da sua parte algũ da terra pera
q̃ ho ajudasse ⁊ fauorecesse se a ray-
nha quisesse fazer algũa treyção: ⁊
este foy hũ Cachil Daroés filho ba
stardo do rey q̃ fora d̃ Ternate pay
do menino q̃ reynaua. E cõcertãdo
coele q̃ ho ajudasse se ho fizesse rege-
dor do reyno: trabalhou tãto q̃ fez
q̃ ho fosse, posto q̃ cõtra võtade da
raynha ⁊ dos de sua valia q̃ lhe que
rião mal: ⁊ por amor Dantonio de
brito ⁊ de Cachil Daroés q̃ tinha
muytos d̃ sua bãda, ho dissimularã

ꝛ mostrarão folgar de Cachil daroés ser regedor: porem a raynha quis dali por diãte mal a Antonio de brito/ ꝛ esperaua tempo pera lhe poder fazer mal, ꝛ assi ho cõcertaua secretamẽte cõ seu pay el rey de Tidore, porq̃ tinha grande magoa de ver regedor Cachil Daroés q̃ lhe tiraua ho mãdo q̃ tinha dantes. E ele cõ ho fauor Dãtonio de brito se q̃ria absolutamẽte fazer senhor do reyno ꝛ ẽ tudo o q̃ podia ho seruia/ dãdolhe auisos do q̃ auia de fazer/ ꝛ do q̃ se auia de goardar. E se este homẽ nã fora segũdo as guerras q̃ despois socederão a Antonio debrito/ ꝛ as necessidades em q̃ se vio nũca fizera a fortaleza nẽ sofrera estar na terra como esteue. E feyto regedor ꝛ acabada a trãqueyra/ ꝛ metida dẽtro toda a fazẽda ꝛ artelharia q̃ trazia: ꝛ recolhida a armada dentro no porto, começou de edificar a fortaleza ẽ Junho dia de sam João bautista do ãno de mil ꝛ quinhẽtos ꝛ vinte dous. E estãdo hi el rey de Ternate ꝛ todos seus Sãgages ꝛ mãdarís cõ muyta gente do pouo/ despois de dita hũa missa cõ a mayor solẽnidade q̃ pode ser forão abertos os aliceces ꝛ assentadas as primeiras pedras cõ grãde arroido da artelharia q̃ desparou toda ꝛ muyto tãger de trõbetas. Ao q̃ el rey de Ternate deu grãde ajuda cõ todos os seus Sangages/ ꝛ assi el rey de Geilolo: porẽ nã aproueitaua por a gẽte não ser pa trabalho/ ꝛ os Portugueses ho tinhão muy grãde na obra q̃ fazião, ꝛ na deferẽça q̃ achauão nos mãtimẽtos da terra aos q̃ erão costumados.

¶ Cap. xiij. De como Marti Afonso de melo coutinho chegou aa China ꝛ a achou de guerra.

Seguindo Martim Afõso de melo coutinho pa Malaca foy ter a Pacẽ/ ꝛ hi deixou dõ Andre anrriquez por capitão de fortaleza q̃ ho era por elrey de Portugal/ ꝛ leuou dõ Sancho anrriquez pa Malaca õde chegou ẽ Julho: ꝛ achãdo nouas do leuãtamẽto da China partio logo pera lá ꝛ foy ẽ sua conserua Duarte coelho em hũ jũgo, ꝛ õ caminho fizerão os nossos muy tas ꝛ muy ricas presas. E chegãdo a vista das ilhas da China no mes Dagosto do ãno õ vinte dous lhes deu hũa toruoada com q̃ payrarã. E passada esta borriscada apareceo a armada dos Chins de muytos jũgos ꝛ calaluzes cheos õ gẽte de peleja/ q̃ por a terra estar leuãtada cõtra os nossos os ãdaua esperãdo. E auẽdo os Chins vista da nossa frota logo se poserão ẽ som de pelejar chegãdose muyto parela/ ꝛ desparãdo suas bõbardinhas, ꝛ tirãdo muytas frechadas. E Marti Afonso porq̃ ja estaua auisado de suas rebolarias ꝛ q̃ria paz não bolia cõsigo ꝛ deixauase ir. O q̃ os seus capitães não quiserão fazer, ꝛ vẽdo q̃ os Chins os assoberuauão muyto mãdarão algũs desparar sua artelharia, principalmẽte Ambrosio do rego com q̃ lhe desaparelharão algũs nauios ꝛ matarão gẽte/ pelo q̃ eles se ouuerão de retirar vendo ho dãno q̃ recebião. E ãbrosio do rego os começou de seguir, do q̃ Martim Afonso ouue grãde menẽcoria.

& muyto mais do dãno q̃ fora feyto aos Chis, & fez recolher Ambrosio do rego. E mãdãdo ho ir á sua nao se aqueixou muyto coele/ & lhe disse palauras asperas: & por ser de boa cõdição ho nã castigou doutra maneyra. E seguindo seu caminho foy surgir na ilha Dabeniaga ẽ hũa baya de fora do porto, õde tãbẽ surgio a armada dos Chis ao mar, & afastada da nossa: porẽ tinha a cercada, q̃ não podia sayr q̃ não passasse por ãtrela. E cõ quãto os Chis recebe rão dãtes algũ dãno dos nossos nã deixauão de lhes tirar.

¶ Capit. xiiij. De como Martim Afonso de melo quisera tornar a reformar a paz com os Chins & não pode.

Vendo Marti Afonso q̃ os Chis insistião ẽ mostrar q̃ estauão d guerra, acordou cõ seus capitães q̃ tomassem aq̃la noyte lingoa pera saber ẽ a determinação dos Chins, & mãdarẽ recado ao seu capitã mór da causa porq̃ querião guerra cõ os nossos estãdo dãtes ẽ tanta paz, & aq̃la noyte tomarão os nossos cinco Chis q̃ hião ao lõgo de terra ẽ hũa mãchua carregada de caruão. Porẽ estes como erão rusticos & não sabião mais q̃ fazer caruão/ não souberão dizer nada do q̃ lhes Marti Afonso preguntou: & cõ tudo ele os vestio muyto bẽ, & mãdou os ao capitão mór dos Chis cõ recado: dizẽdo q̃ ele vinha de paz, & cõ muyta mercadoria pera tratar/ & q̃ achaua guerra sẽ saber a causa, q̃ lhe pedia muyto q̃ lha mãdasse dizer / & q̃ ele faria toda a enmẽda q̃ fosse possiuel se a guerra era por culpa dos nossos & se não q̃ lhe pedia q̃ a não quisesse coeles / & q̃ goardasse a paz q̃ estaua assẽtada. Coeste recado forão estes cinco homẽs & não tornarão cõ reposta, ãtes os Chis tirarão muyto mais q̃ dãtes/ porq̃ tinhão recado do seu rey q̃ não consentissẽ os nossos ẽ nenhũ porto seu. E Martim Afonso ainda se sosteue sem rõper a guerra aq̃le dia/ porq̃ lhe pareceo q̃ os cinco por serẽ rusticos não saberião dar seu recado: & na noyte seguite mãdou tomar outra vez lingoa/ & leuarãlhe dous homẽs q̃ forão tomados em terra. E destes soube como elrey da China estaua muyto mal cõ os nossos/ & o q̃ tinha mãdado: por isso q̃ nã curasse de recados nẽ de falar ẽ paz porq̃ tudo era debalde. E sabido isto por Marti Afonso/ os mandou vestir & tornar a terra: & na mesma noyte em que isto foy soube por cinco dos nossos do jũgo de Duarte coelho que ficara a tras como surgira detras de hũa põta por auer vista da armada dos imigos q̃ auia medo q̃ ho tomassẽ, q̃ ou mãdasse por ele ou lhe dessẽ licẽça pera se tornar. E Martim Afõ mãdou dous bateys armados que nũca poderão passar polos muytos pelouros com q̃ tirauão os imigos: & cõ muytos feridos & q̃tro mortos se tornarão a recolher pera a nossa frota. E vẽdo Martim Afonso os nossos feridos & mortos q̃ hiã nos bateys ficou muyto sentido: & determinãdo de pelejar cõ os Chins pois eles querião guerra chamou a conselho/ em q̃ dos capitães & pessoas q̃ estauão no conselho foy muyto cõtrariado q̃ não pelejasse porq̃ era doudice: mas q̃ fizessem agoada

porq̃ auia disso necessidade, τ q̃ entretãto ho tẽpo lhes diria q̃ farião. Isto determinado foyse Martim Afonso a terra cõ os bateys da frota muyto bẽ armados/ τ sayo ẽ terra a mãdar fazer agoada/ τ era hũ pouco apartado donde estaua a armada: o q̃ vẽdo os imigos apartarã se logo bẽ trinta calaluzes τ lãchaas τ derão sobelos bateys ás bõbardadas, τ foy a cousa tão de pressa q̃ escassamẽte Marti Afonso teue tẽpo pera se recolher aos bateys cõ os seus, deixãdo ẽ terra pipas τ jarras por ẽcher. E recolhido com muyta afrõta aos bateys se foy cõ outra muyto mayor ás naos jugãdo sempre as bõbardadas cõ os imigos q̃ ho seguirão ate perto delas/ τ não chegarão porq̃ a nossa artelharia começou de jugar a q̃ eles auião grãde medo por ser muyto mais furiosa q̃ a sua, τ por este medo nã ousauão eles de rõper de todo a batalha cõ os nossos/ senão ladrauãlhe de lõge pera ver se os farião ir.

¶ Cap. xv. De como ardeo a nao d Diogo de melo/ τ os Chis tomarão a nao de Pedromẽ τ matarão a ele τ a quãtos estauão dentro. E de como Martim Afonso partio pera Malaca.

VEndo os nossos que os Chis estauão de todo d guerra/ τ mais por mãdado do seu rey / τ q̃ tinhão muyto pouco poder pera os sugigar/ aconselharão a Martim Afonso q̃ se fosse ẽquãto se podia ir sem mór afronta, porq̃ despois não poderia. E feyto de tudo auto q̃ todos assinarão/ assẽtou de se partir: τ ao outro dia se leuou cõ os outros capitães, τ em desferindo as velas começarão os Chins de se chegar pareles dãdo grãdes gritas, τ coelas çurriadas da sua artelharia / τ muytas nuuẽs de frechas. Pedromẽ τ Diogo de melo q̃ lhes ficauão mais perto se defẽdião cõ muytas bõbardadas. E nisto acendeose fogo ẽ hũ barril de poluora na nao de Diogo de melo, com q̃ se ho fogo ateou d modo q̃ nũca se pode apagar τ a nao arrebẽtou τ se foy ao fundo. E vẽdo Pedromẽ como muyta da gẽte ficou sobre a agoa nadãdo/ mãdoulhe acodir polo seu batel q̃ leuaua fora, os imigos acodirão logo ẽ muytos jũgos sobre Pedromem q̃ como ficaua cõ pouca gẽte por amor da q̃ hia no batel teuerão os imigos lugar d lhe aferrar a nao por todas as partes: τ entrarão dẽtro tantos q̃ por mais esforçadamẽte que se os nossos defẽderão todos forão mortos, saluo hũ q̃ se acolheo á gauea: τ assi forão mortos os do batel polos imigos q̃ andauão nos calaluzes, τ os imigos não curarão de Marti Afonso nẽ de Vasco fernãdez / nem Dãbrosio do rego polos muytos tiros q̃ tirauão. E os q̃ matarã os nossos na nao de Pedromẽ/ despois de mortos lhes cortarão as cabeças τ as recolherão τ roubarão a nao de q̃nto tinha ate da enxarcia τ ancoras/ τ cabos q̃ não ficou nada. E dãdo grãdes gritas τ tocãdo seus instromẽtos de guerra se afastarão/ τ eles afastados ho da nao de Pedromem que se acolheo á gauea começou de capear/ τ Marti Afõso mãdou por ele τ trouuerãlho noyte/ porq̃ foy grãde trabalho auerẽno por não auer ẽxarcia por õde so-

uissem á nao. E este cõtou a Martim Afonso como passara ho feyto, ⁊ logo em conselho Martim Afonso fez hũa fala aos outros capitães sobre a vingãça dos mortos/ dãdo pera isso as rezões q̃ a paixão mais que a rezão lhe insinaua: que lhe todos contradisserão/ dando outras mais viuas, porque era bẽ que não pelejassem/ senão que logo fosse metida no fundo a nao que fora de Pedromẽ: ⁊ na mesma noyte se partissem pera Malaca, porque os Chis não ouuessem vista deles pelo perigo que lhes resultaua. E pera sua desculpa de Martim Afonso se fez hũ auto destes pareceres q̃ todos assinarão/ ⁊ dele pedio ele hũ estormento ao escriuão da nao pera sua goarda, ⁊ muyto contra sua võtade por ser de grandes spiritos mãdou executar o que foy acordado no conselho. E metida a nao no fundo se partio cõ os outros capitães, ⁊ sendo ainda ẽ Agosto que duraua a mouçâo de Malaca pera a China ⁊ pera sua viagem lhe era ho vento cõtrairo/ quis nosso senhor q̃ lhe seruisse. E indo por sua viagẽ tomou a via ð çamatra pera ir ver se tinha a fortaleza de Pacẽ necessidade dalgũa cousa.

Capit. xvj. De como el rey Dachem mandou cercar a fortaleza de Pacem, ⁊ de como lhe socorreo Martim Afonso de melo.

El rey Dachem depois que foy a morte de Jorge de brito ⁊ dos outros que morrerão coele, ficou tão soberbo q̃ determinou de destruyr os nossos onde podesse/ ⁊ não dar vida a nenhũ. E sabendo que estaua nossa fortaleza em Pacem / ⁊ quem era ho capitão, ⁊ quã pouca gente tinha: determinou de a tomar. E fazendo obra de dous mil homẽs de peleja mandou hum seu capitão sobrela, ⁊ mandoulhe que a queymasse porque era de madeira. E como ho caminho era curto ⁊ por terra, em breue tempo derão sobre a fortaleza: em que a este tempo estauão ate setenta homẽs porque os outros se forão com dom Sancho quando se foy pera Malaca / ⁊ com muyto poucos mantimentos / mas com boa artelharia ⁊ outras munições com que se os nossos defenderão dos immigos/ ⁊ os não deixarão chegar aa fortaleza: polo q̃ eles trabalharão muyto pera a queymarem que esse era ho seu intẽto. E tambem os nossos tinhão de noyte grande vigia, ⁊ fazião fogos porque vissem se os immigos chegauão aa fortaleza / ⁊ tinhão muyto grande trabalho, ⁊ estauão em grande perigo por os mantimentos serem muyto poucos se ho cerco durasse. E estando nesta fadiga chegou Martim Afõso de melo que vinha da China/ ⁊ auendo os immigos vista da frota que trazia, que era de cinco velas grossas / conhecendo que era dos nossos leuantarão ho cerco com medo ⁊ fugirão hum dia antes que Martim Afonso chegasse: ⁊ se ele não chegara tão cedo dom Andre se vira em grande aperto.

Capitolo. xvij. De como se perdeo a nao de Duarte dataide/

onde ele morreo com outros. E de como ho gouernador de Mazcate acodio aos nossos.

REformada a paz como disse despois q̃ veyo Setembro despachou dom Luys as tres naos pera a India com ho dinheiro das pareas & outro que se fizera da fazenda del rey de Portugal: & porque Pero vaz trauaços hum dos capitães destas naos estaua doẽte deu dom Luys a capitania da nao a Manuel velho ate a India. E partidos Dormuz chegarão a agoada que se chama de Cojeatar junto de Mazcate pera fazerem agoada. E estando ali surtos dia de sam Mateus aa noyte acodio hũa tormenta de vento trauessam tão furioso & esforçado que leuou hũas naos de mouros que estauão em picadeiros hũ grande espaço dũ cabo pera ho outro / & arrancou casas / & dali a doze legoas fez perda que foy aualiada em cincoenta mil xerafins. E este vento deu aa costa com a nao de Duarte dataide em hũs penedos, em que se fez em pedaços por não ter mais que hũa ancora, & morrerão algũs dos nossos: antre os q̃es forão Duarte dataide, & hũ seu filho / dom Garcia coutinho que hia coele pera a India, Vasco martiz ð melo & João rabelo. E quando a nao foy aa costa deu pola nao de Lopo dazeuedo & q̃broulhe ho garoupez: que a fora este danno recebeo outro muyto mayor de dous camelos / que assi como a nao jugaua de hum cabo pera ho outro jugauão eles tambem & desfazião na toda. E sabendo Manuel velho a fadiga em que estaua Lopo dazeuedo com quanto era noyte se meteo no seu batel com algũs & foylhe acodir: & despois que ho deixou seguro se tornou aa sua nao andando ho mar tão alto que quasi se não pode embarcar. E tornado aa nao achou toda a gente aluoroçada pera fugir com medo de darem aa costa: & ele tomou dissimuladamente as armas a todos, porque se não defendessem se os quisesse por força fazer estar na nao: dizendo que auião todos de morrer ou saluala. O que fez ajudandolhe seus criados que todos tinhão armas. E fazendo assessegar a gente, & mandando fazer as ancoras portantes com a popa da nao por diante foy alargando as amarras / & gouernando a bombordo & a estribordo se sayo da enseada da agoada & foy se meter no porto de Mazcate que estaua hi logo, onde se saluou. E ao outro dia Xeque Reyxil Xeque de Mazcate a requerimento de Manuel velho mandou lançar pregão que nenhũ mouro sopena de morte não tomasse nenhũa cousa daquela nao que se perdera. E isto fez ele por ser grãde seruidor ðlrey ð Portugal & amigo dos nossos: & por isso mãdou tirar toda a fazenda que hia na nao / assi del rey como das partes & artelharia por treze mergulhadores que naquela terra se chamão caroás. E a fazenda del rey erão dous cofres em que hia ho dinheiro das pareas del rey Dormuz / hum com tangas, outro com xera-

fins: ⁊ neste hia hũa adaga ⁊ terçado douro pera el rey de Portugal / que el rey Dormuz lhe mandaua de presente com hũa cinta douro de largura de mais de dous dedos ⁊ hum fio de perolas pera a raynha / ⁊ muytos fardos de seda solta / ⁊ da fazenda das partes se deu ao Xeque a cinco por cento / que coessa condição a mandou tirar / ⁊ pola del rey não quis nada. E todos os corpos dos mortos forão achados ⁊ enterrados. Feyta esta deligencia com que se cobrou toda a fazenda del rey por industria de Manuel velho estando ele naquele porto lhe foy dito pelo Xeque de Mazcate que a agoada de Cojeatar era chegado hum criado de Raix xarafo ⁊ seu capitão com gente darmas em hũa terrada: que se temia que fosse pera ho matar / por quanto como sabia antes de dõ Luys chegar a Ormuz mãdara Raix xarafo a Raix delamixá seu irmão por goazil de Calayate. E indo por terra cõ medo da nossa armada passara a vista d Mazcate / õde lhe ele xeq̃ sayra cõ gente ao ẽcõtro, por ser amigo dos nossos ⁊ immigo dell rey Dormuz por ter guerra coeles: ⁊ neste ẽcõtro hũ dos nossos q̃ hia coele matara Raix delamixá cõ hũa espingardada, ⁊ por isso temia q̃ ho capitão de Raix xarafo fosse pera ho matar / q̃ lhe valesse pois fora sempre leal aos nossos / ⁊ por essa causa lhe q̃rião fazer mal. E sabido isto por Manuel velho foy no seu batel com muytos dos nossos ondestaua a terrada: ⁊ dãdo de supito nela prendeo ho capitão de Raix xarafo q̃ hi estaua com os remeyros / somẽte porque a outra gẽte era ẽ terra. E preso ho capitão cõ todos os remeyros os leuou á sua nao / ⁊ hi fez amigo ho capitão com ho Xeque. E isto feyto foyse caminho da India com Lopo dazeuedo, ⁊ forão surgir no porto de Goa onde se entregou a fazenda del rey que leuauão.

Capitolo. xviij. De como dom Luys se tornou pera a India / ⁊ do mais que passou.

Vendo os capitães ⁊ fidalgos da armada d dõ Luys que não se podia acabar com Raix xarafo que tornasse a pouoar Ormuz / indinaranse muyto cõtrele / ⁊ dizião q̃ não se lhe deuia de passar hũa cousa tão mal feyta, ⁊ em q̃ tanto mostraua ho mal q̃ queria aos Portugueses, ⁊ q̃ ho deuia de pagar muyto bẽ, cõ dom Luys desembarcar em Queixome ⁊ destruir toda a terra ⁊ q̃ndo nã podesse logo fazerlhe guerra, guerreala ate q̃ a destruyse, ⁊ q̃ dõ Luys deuia de poer isto em conselho. E porẽ ele cõ quãto sabia o q̃ dizião nã ho quis poer ẽ conselho ⁊ cõtentouse cõ ho assinado q̃ tinha d Raix xamixir q̃ mataria Raix xarafo como fosse tẽpo. E de ele nã dar ẽ Queixome nẽ querer tomar a cerca disso o parecer dos fidalgos ⁊ capitães da frota, se descõtentarão eles muyto / ⁊ assi a outra gẽte: ⁊ sobre tudo por ho acharẽ muyto solto no falar / ⁊ não ter em conta dizer a hũ homẽ o q̃ lhe vinha á võtade: ⁊ sẽ fazer mais ẽ Ormuz q̃ o q̃ digo se tornou pa a India, ⁊ de caminho foy ter á põta d Diu pa fazer hi presas.

a dan do vosos cap g de rat ... ⁊ nao ...

E esperando polas naos em q̃ as auia d fazer lhe deu hũ tẽporal cõ q̃ por força arribou a Chaul cõ sua armada, ⁊ da hi se foy a Goa: onde tãbẽ a gente estaua muy descontẽte do gouernador/ porq̃ dissimulaua muytas cousas mal feytas q̃ fazia Frãcisco pereyra pestana/ ⁊ dizião q̃ por lhe dar muytos bãquetes ⁊ peças ricas. E tão apressados se virão os casados de Goa cõ a forte cõdição d Frãcisco pereyra q̃ algũs se forão fora de Goa/ ⁊ outros se lãçarão na terra firme/ ⁊ andarão cõ os mouros q̃si todo ho tẽpo de sua capitania/ ⁊ não auia nenhũa justiça. E sabido polo gouernador ho pouco q̃ dõ Luys fizera ẽ Ormuz/ determinou de ir lá, porq̃ assi lho escreuera Joã rodriguez de noronha ⁊ mãdou dõ Luys a Cochi pera fazer a carrega das naos q̃ fossem de Portugal, de q̃ aq̃le ãno partirão no mais de tres sem capitão mór, de q̃ forão capitães dõ Pedro de crasto, Diogo de melo q̃ hia por capitão Dormuz, ⁊ dõ Pedro d castelo brãco q̃ naq̃le ãno passou á India ⁊ outros dous inuernarão ẽ Moçãbiq̃.

Capit. xix. De como por morte de Raix xabadim, Raix xarafo se acolheo á nossa fortaleza cõ medo de ho matarẽ os mouros: ⁊ de como se tornou a pouoar a cidade Dormuz.

PArtido dom Luys Dormuz teuesse Raix xarafo por seguro na gouernança do reyno, porq̃ como ele era prudẽte bẽ conheceo q̃ nã era aq̃le ho tẽpo em q̃ por força lhe auiã de fazer fazer o q̃ não quisesse. E como homẽ que fazia cõta q̃ a cidade Dormuz se auia de mudar a Queixome/ onde não auia de ter quẽ lhe contrariasse seu mando por ficar a nossa fortaleza apartada começou de se descuydar da grãde goarda q̃ trazia em sua pessoa, q̃ dos mouros não se temia, porq̃ Miramahmet morado seu imigo ja era deitado do mũdo, ⁊ os q̃ estauão na corte erão seus parentes ⁊ criados a que fazia muyto bẽ. E por isso lhe pareceo q̃ estaua seguro ⁊ esfriou de todo da goarda de sua pessoa: ⁊ o mesmo fez Raix xabadim seu cunhado. O que vẽdo Raix xamixir que por seu assinado tinha prometido a dõ Luys de os matar não quis mais esperar, ⁊ achãdo de melhor lãço Raix xabadim mãdou ho logo matar por hũs frecheiros q̃ lhe tirarão á treyção, ⁊ o matarã, ⁊ nã q̃s tomalo jũtamẽte cõ Raix xarafo porq̃ lhe pareceo q̃ apartados os mataria melhor: no q̃ errou, porq̃ quãdo Raix xarafo vio morto seu cunhado logo se goardou/ ⁊ foy tamanho ho seu medo q̃ cõ quanto tinha dous mil homẽs de peleja/ ⁊ Raix xamixir no mais de quinhentos não se fiou deles nẽ de seus parentes parecendolhe que todos erão cõtrele/ ⁊ não se atreuẽdo a saluar em Queixome fugio secretamẽte ẽ hũa terrada ⁊ acolheose á nossa fortaleza, porque bem sabia quã leays os nossos erão/ ⁊ que mais seguro auia destar antre eles que antre os mouros. Raix xamixir que soube como ele laa estaua/ mandou logo requerer a João rodriguez de noronha que ho prendesse/ porque ele era tredoro

& tirano q̃ fizera leuãtar Ormuz/ & mandara matar el rey Turxura/ & fazia que se não pouoasse Ormuz. & porq̃ ele isto sabia como seruidor q̃ era del rey de Portugal prometera a dom Luys por hũ assinado de ho matar/ & a seu cunhado Raix xabadim, o q̃ posera ẽ obra quanto lhe fora possiuel. E pois Raix xarafo esta ua ẽ seu poder q̃ ho prendesse polas cousas sobreditas. O que visto por João rodriguez ho prẽdeo, & ele preso passouse logo el rey a Ormuz cõ todos os seus moradores. E João rodriguez q̃ sabia o q̃ dom Luys tinha ꝓmetido a Raix xamixir cõprio lho dãdo lhe o goazilado Dormuz. O q̃ vẽdo Raix xarafo ꝓmetro muito dinheiro a João rodriguez q̃ ho soltasse & lhe tornasse a dar ho goazilado. E como isto era hũa cousa tamanha não se atreueo João rodriguez a fazelo/ & ꝓmeteolhe q̃ faria cõ o gouernador q̃ ho fizesse: & pera ho fazer vir a Ormuz lhe escreueo a prisam de Raix xarafo, & como a cidade Dormuz era pouoada: & q̃ era muyto necessario ir assentar aq̃las cousas/ & q̃ não fossẽ coele Manuel velho nẽ Ruy varela: porq̃ assi compria a seruiço del rey. E isto foy instruçã d Raix xarafo q̃ como sabia quã bẽ estes dous sabião as cousas Dormuz/ & os males q̃ ele tinha feytos não os q̃ria lá porq̃ ho não dãnassẽ. E vista polo gouernador esta carta assẽtou de todo ẽ ir a Ormuz pera o q̃ se começou d fazer prestes.

¶ Cap. xx. De como dom Luys de meneses despachou ẽ Cochi certas velas pera diuersas partes & despois se partio pa ho estreito.

Dom Luys d meneses despois q̃ foy ẽ Cochi despachou as naos da carrega q̃ auião dir pa Portugal, & assi Pero Lourẽço d melo pa ir á China q̃ ja do tẽpo de Diogo lopez tinha hũa viagẽ pa lá, & ele o nã quis deixar ir: & deu licẽça a Marti Afõso d melo jusarte q̃ fosse ẽ hũ jũgo ẽ sua cõpanhia. E tãbẽ dspachou pa Malaca a hũ Andre d brito que fosse tratar por aq̃las partes ẽ hũa nao sua q̃ fizera á sua custa: & estes todos partirão ẽ diuersos tẽpos. E isto despachado/ tornouse dom Luys pa Goa, dõde o gouernador ho despachou cõ hũa armada de galeões, assi pera as presas do estreito como pera ir ao porto de Maçuá & trazer dom Rodrigo de lima q̃ fora por ẽbaixador ao Preste joão: & mãdoulhe q̃ acabado isto se fosse inuernar coele a Ormuz. E coeste regimẽto se partio dõ Luys pera ho estreito: & a fora ele que hia no galeão sam Dinis forão os capitães da sua armada/ Nuno fernãdez de macedo/ Ruy uaz pereira/ Fernão gomez de lemos/ Anrriq̃ de macedo/ & Lopo de mezquita todos capitães de galeões.

¶ Cap. xxi. De como indo o gouernador pera Ormuz tomarão hũs mouros de Diu hũa galé a Bastião de noronha.

Partido dõ Luys despois q̃ ho gouernador deu despacho a algũas cousas q̃ ficaua fazendo/ partiose pera Ormuz leuando hũa armada de seys galés/ de que forão capitães Bastião de noronha/ João fogaça / Dinis fernandez de me-

lo, Frãcisco de mẽdoça/ dõ Vasco
de lima, Frãcisco dẽ sousa tauares: ⁊
assi algũs nauios de gauea/ a cujos
capitães nã soube os nomes. Eãtra
uessãdo o golfão foy vista hũa nao
de mouros q̃ hia pa Diu: ⁊ os pri-
meyros capitães que a virão forão
Bastião de noronha ⁊ João fogaça
q̃ lhe derão caça, ⁊ Bastião de no-
ronha por a sua gale ser mais velei-
ra que a de João fogaça a alcan-
çou q̃si noyte/ ⁊ por essa causa não
quis pelejar cõ os mouros, mas mã
dou amarrar muyto bẽ a galé cõ a
nao porq̃ se lhe não fosse de noyte/
pera q̃ em amanhecẽdo pelejasse cõ
os mouros, q̃ vẽdo ho vagar do ca
pitão teuerãno ẽ pouco, ⁊ sintido q̃
nã hia mais q̃ ele só coeles/ ⁊ q̃ a ou
tra gale não parecia, determinarão
de tomar aq̃la/ ⁊ amarrãna polos
mastos cõ cabos muy grossos sem
ho sintirẽ os Portugueses q̃ ador-
mecerão: ⁊ tãto q̃ amanheceo não es
perarão os mouros q̃ os Portu-
gueses os cometessẽ, ⁊ acodirão lo-
go cõ muytas pedradas com q̃ os
desatinarão q̃ temerã dẽtrar a nao:
⁊ tãbẽ porq̃ o capitão os nã anima-
ua a isso. E vẽdo os mouros sua fra
q̃za/ começarã algũs de q̃rer decer
á galé pola proa da nao, ⁊ não ouue
ãtre os Portugueses quẽ lho ousas
se defẽder polas muytas pedra-
das ⁊ zagũchadas q̃ vinhã decima
senão hũ mãcebo filho do Coudel
mór, cujo nome me nã souberão di
zer certo, ⁊ este foy ali morto polos
mouros sem lhe ninguẽ acodir: o q̃
vẽdo eles decerão liuremẽte á galé
sem auer quẽ lho defẽdesse: ãtes os
Portugueses ⁊ ho capitão cõ me-
do se recolherão ao tẽdal da gale/ ⁊
dali por não terẽ mais colheita de-
rão cõsigo no mar, ⁊ ho capitão des
pio as coiraças pera poder melhor
nadar, ⁊ ouuerãse os mais dafogar
se não sobreuiera João fogaça na
sua gale de q̃ os ãdarão apanhãdo.
E posto q̃ João fogaça tinha gẽte
ẽ abastãça pera pelejar cõ os mou-
ros q̃ tinhão tomada a gale de Bas
tião de noronha não quis, ⁊ fazẽdo
se ẽ outra volta deixou a gale ẽ po-
der dos mouros q̃ a leuarão a Diu,
⁊ a derão a Meliq̃iaz cõ quãta arte
lharia leuaua q̃ era muyta ⁊ muyto
boa. E isto passou tão lõge das ou-
tras velas da armada q̃ lhe não po-
derã acodir, de q̃ todos os capitães
da armada ficarão muy escãdaliza-
dos/ ⁊ se ouuerão por muyto inju-
riados: porq̃ nũca outra tal se acõte
cera na India/ nẽ acõteceo despois.
E ho gouernador mãdou prender
João fogaça ⁊ Bastião de noronha
⁊ da hi a algũs dias os mãdou sol-
tar. E sabẽdo Meliquiaz como a ga
le fora tomada, teue ho gouernador
ẽ tão pouca cõta q̃ não quis paz coe
le ⁊ tornou a mãdar sua armada de
fustas ao lõgo da costa de Cãbaya,
⁊ mãdou varar a gale: ⁊ quãdo al-
gũs estrãgeiros hião a Diu amos-
traualha, ⁊ cõtaualhe como os mou
ros a tomarão. E a tomada desta
gale deu muyta ousadia aos mou-
ros da India pera terẽ os Portu-
gueses em pouca conta.

¶ Cap. xxij. de como o gouernador chegado a Ormuz soltou Raix xarafo.

PRosseguindo daqui ho
gouernador sua viagem
pera Ormuz, chegou lá ⁊
cõ sua chegada folgarão

muyto/assi Christãos como mouros crēdo q̃ pagaria Raix xarafo q̃ estaua preso os muytos ⁊ muyto grãdes males q̃ tinha feytos/assi a hũs como aos outros. Aos Christãos no trabalho ⁊ fadiga em q̃ os pos cõ ho leuãtamēto Dormuz ⁊ cerco da fortaleza/ ⁊ a perda q̃ deu a muytos de suas fazēdas, ⁊ em ser causa da morte dalgũs seus amigos ⁊ parētes. E aos mouros ē lhes matar seu rey ⁊ os desassegar cõ a guerra ⁊ darlhes muytos trabalhos coela/ ⁊ ē os tiranizar sem nenhũa piedade, tomãdolhes quãto tinhão de cada vez q̃ queria. E pois estaua preso por culpas tão pubricas como auia tão pouco q̃ cometera, esperauã todos que pagasse com a vida aquelas ⁊ outras secretas. E chegado ho gouernador a Ormuz foy por tres vezes a hũa torre onde staua preso ⁊ falou coele perante João rodriguez de noronha capitão da fortaleza que terçaua grãdemente por Raix xarafo com ho gouerador pera que ho soltasse ⁊ fizesse goazil/ ⁊ tirasse os officiaes Portugueses da alfandega de Ormuz ⁊ das outras alfandegas/ ⁊ que pagaria a el rey de Portugal mais corenta mil xerafins que fazião sessenta mil cõ os q̃ pagaua dãtes/de que pagaria logo ametade: ⁊ pagaria a valia da fazēda q̃ se tomara a el rey de Portugal na feytoria: ⁊ assi pagaria as partes o q̃ lhe tomara no aleuãtamēto da cidade cõtra a fortaleza. E alē disso daria duzētos mil xerafins/pera o q̃ ho gouernador quisesse. O q̃ pareceo bē ao gouernador, mas receaua dõ Luys seu irmão q̃ lhe não auia aquilo de parecer bē/porq̃ queria mal a Raix xarafo ⁊ desejaua de se vingar porq̃ por seu rogo não q̃sera pouoar Ormuz: ⁊ mais q̃ auia de q̃rer soster no goazilado a Raix xamixir pola promessa q̃ lhe tinha feyto/ ⁊ por isso determinou d̃ soltar Raix xarafo ⁊ fazelo goazil ãtes da vinda de dõ Luys pera o q̃ fez conselho cõ ho capitão da fortaleza ⁊ algũs capitães da frota/a q̃ disse o q̃ Raix xarafo lhe cometia: ⁊ q̃ a ele lhe parecia bē/porq̃ era ēformado q̃ Raix xamixir q̃ seruia d̃ goazil era muyto doudo ⁊ não sabia gouernar/ ⁊ os moradores estauão muy descõtētes dele, ⁊ assi ho diã os mercadores q̃ vinhã de fora, ⁊ q̃ nã daua a el rey seu señor de pareas mais d̃ vite mil xerafins, ⁊ Raix xarafo daua .lx. mil ⁊ bē pagos, ⁊ era homē antigo na terra: ⁊ cõ sua prudēcia ⁊ siso a sabia bē gouernar, ⁊ tinha nela credito: que lhe parecia q̃ este deuia de ser goazil ⁊ não o q̃ o era. E ētēdēdo todos no gouernador q̃ queria fazer aquilo/a todos pareceo bē: saluo a Manuel de sousa tauares q̃ era capitão mór do mar Dormuz q̃ disse q̃ lhe nã parecia bē/porq̃ auia muytos ãnos q̃ conuersaua Raix xarafo, ⁊ sempre lhe conhecera ser imigo mortal dos Portugueses ⁊ ter desejo de os lançar fora Dormuz: do q̃ era muyto boa testemunha a treyção que lhes fizera no leuantamento Dormuz tendo seu pay, ⁊ ele/ ⁊ seus irmãos recebido tanto bem dos Portugueses/ ⁊ assi ē não querer q̃ se pouoasse Ormuz/perdoandolhe dõ Luys ho passado/ ⁊ por isso dizia

q̃ não somẽte ho nã deuião de soltar nẽ darlhe ho goazilado/ mas q̃ ho matassem se querião ter seguro Ormuz/ & se não que sempre aueria nele reuoltas. E deste parecer foy Dinis fernandez de melo: porem como não erão mais de dous preualecerão os outros com quem foy ho gouernador. E determinado isto de q̃ foy feyto assinado por todos foy solto Raix xarafo & restituydo no goazilado, & Raix xamixit & Raix noradim deitados fora Dormuz/ q̃ derão tão boa mostra de seruidores del rey d Portugal & damigos dos nossos na morte de Raix xabadim & na de Raix xarafo pera que não ouue tẽpo por sua fugida. E estes dous se forão Dormuz em hũa terrada/ & secretamente lhe foy dado fũdo por mandado de Raix xarafo: & esta paga ouuerão por quererẽ seruir a el rey de Portugal: & este foy ho goazilado que lhe dõ Luys prometeo. Do q̃os nossos ficarão muy escandalizados/ & assi os mouros & de todo perderão ho credito dos nossos/ & dizião que quem teuesse muyto dinheiro em Ormuz sempre viuiria, posto que fizesse todos os males do mundo. E metido Raix xarafo ẽ posse do goazilado pagou logo ametade dos duzentos mil xarafis & das pareas ao gouernador, & pola outra ametade ficou em arrefẽs hũ filho de Raix xarafo. E na paga das partes se teue esta maneyra que dauão juramento a cada pessoa do que perdera & pagauãlhe logo hũ terço, & eles jurauão mais do que perderão, & tudo lhes pagarão despois de maneyra que muytos ficarão ricos. E a fora isto que Raix xarafo deu ao gouernador lhe fazia cada dia muytos seruiços de muytas cõseruas, fruytas, carnes & pescados, & dagoas cheirosas: com q̃ leuou aqle iuerno muyto boa vida.

¶ Capit. xxiij. De como dõ Luys indo pera dar na cidade de Xael lha despejarão os mouros/ & do mais q̃ fez ate tornar do estreito.

Partido dõ Luys de Goa com sua armada seguio sua rota pera ho cabo de Goardafum/ onde ẽ poucos dias que esteue esperãdo polas naos d mouros tomarão os nossos capitães cinco, E dali seguindo sua rota foy ter ao porto Dadẽ onde achou quatro naos que mãdou queymar/ & dali determinou de ir sobre hũ lugar d mouros chamado Xael que está na mesma costa Darabia cincoenta & cinco legoas Dadẽ indo pera ho estreito: está em quatorze graos & hũ coarto situado em costa braua em que ho mar de contino anda rolado. He lugar grãde/ abastado & viçoso de todas as fruytas que ha em Espanha: he de grande trato por auer nele muytos caualos & encenso que leuão os mouros do Malabar & de Cambaya/ q̃ leuão ali suas mercadorias a vender. Neste lugar inuernão as naos que vão pera ho mar roxo se nã podẽ passar por irem ja tarde, & ventarem os ponentes que lhe sam por dauante/ & dõ Luys determinou de ir sobre este lugar por ser da obediẽcia del rey Dadẽ. E cõ quãto soube q̃ auia nele muyta gẽte, & no porto andaua sempre ho mar de leuadia quis ir dar

nele porque andaua agastado de
não ter ainda feyto nada na India,
⁊ aqui cuydou de ho fazer/ mas os
mouros ho tirarão desse cuydado/
porq̃ ou sabẽdo ou adiuinhãdo ao q̃
ele hia despejarão ho lugar/assi da
gẽte como da mór parte da fazẽda:
de maneyra que dõ Luys não teue
nada que fazer. E com tudo desem-
barcou com sua gente, que saqueou
ho lugar disso que auia nele q̃ ainda
fez algũs ricos. E estando aqui le-
uantouse hũa tormẽta tão braua q̃
ouuerão de dar os galeões á costa/
⁊ alijarão ao mar a artelharia que
estaua sobre cuberta/ ⁊ çoçobrouse
hũ esquife: ⁊ pola misericordia de
nosso senhor sayo dali dõ Luys cõ
a armada ⁊ se partio pera Maçuá/
⁊ despois queimou grandes naos
de mouros q̃ estauão varadas ẽ ter
ra. E prosseguindo sua viagẽ pera
Maçuá despois de passar algũas
tormẽtas com q̃ se vio ẽ perigo foy
surgir no seu porto: ⁊ dali por inter
cessam do capitão Darquico man-
dou recado a dõ Rodrigo de lima q̃
ho esperaua ate dia de Pascoa que
auia de ser ate quĩze Dabril/ ⁊ se en
tão não fosse, co ele que se auia logo
de partir, porque não podia mais
esperar, ⁊ ficou esperando.

¶ Capit. xxiiii. De como dom Ro-
drigo de lima partio caminho da
corte do Preste.

O quinto liuro fica di
to como quãdo Dio-
go lopez de siqueyra
sendo gouernador da
India foy ao estreito,
mãdou do lugar de Maçuá por em
baixador ao Preste joão hũ fidal-
go chamado dõ Rodrigo de lima/
em cuja cõpanhia forão treze Por-
tugueses. s. Jorge dabreu / Lopo
da gama/ João escolar escriuão da
embaixada/ João gõçaluez feytor
⁊ lingoa dela/ Francisco aluarez cle
rigo de missa ⁊ outros q̃ fazião ho
numero que digo. Despachado dõ
Rodrigo partiose do lugar Dar-
quico aos trinta dias Dabril leuã-
do em sua companhia ho embaixa-
dor Mateus que faleceo no começo
do caminho/ per que caminhando
chegou a hũ lugar chamado Bar-
ua aos vintetoito de Junho. E este
era cabeça do senhorio do Barna-
gais aquele que foy falar a Diogo
lopez de siqueyra a Maçuá como
disse no liuro quinto. E este nome
de Barnagais quer dizer rey do
mar que nagais quer dizer rey na
lingoa abexim ⁊ bar mar / ⁊ assi he
ele como rey ⁊ tem coroa douro que
lhe da ho Preste: ⁊ tẽ debaixo de seu
senhorio sete senhores de grandes
terras de q̃ muytos põe em campo
quinze mil homẽs de lanças ⁊ escu-
dos/ ⁊ todos leuão diante de si ata-
bales, q̃ não podẽ trazer senão grã
des senhores: ⁊ assi tẽ outros muy-
tos mas não tamanhos senhores co
mo estoutros, ⁊ todos seruẽ cõ ho
Barnagais na guerra, ⁊ ele ⁊ eles
sam sogeitos ao Preste q̃ os despõe
das senhorias quando quer/ ⁊ lhes
pagão muy grãdes dereytos: com
q̃ acodẽ ao Barnagais ⁊ ele os pa-
ga ao Preste. E nestes dereytos en
trão .cl. caualos. Neste lugar de Bar
ua chegou dõ Rodrigo dõde achou

que no mesmo dia partira ho Bar-
nagais doente dos olhos pera ou-
tro lugar chamado Barra: a q̃ dom
Rodrigo foy pera lhe falar leuãdo
consigo cinco Portugueses q̃ hião
em mulas porq̃ nelas caminhauão
todos. E neste dia foy dom Rodri-
go pera falar ao Barnagais / mas
não pode: ou não quis ele que lhe fa
lasse, ꝛ foy aquela noyte muyto mal
agasalhado, ꝛ ao outro dia lhe fa-
lou. Estaua ele em hũa casa terrea
deitado em hũ catle / ꝛ sua molher
assentada á cabeceira: ꝛ aproueitou
pouco falarlhe dom Rodrigo, ꝛ pe-
dirlhe auiamento pera ho caminho
porque lho deu bem mao / posto q̃ ti
nha prometido ao gouernador de
lho dar bõ. E dõ Rodrigo ꝛ os de
sua companhia compradas algũas
mulas q̃ lhes falecião por ho Bar-
nagais lhas não querer dar / se par-
tio: ꝛ despois de passar muytos tra
balhos ꝛ perigos que não cõto por
breuidade / chegou hũa legoa da
corte do Preste / que como disse
no liuro terceyro anda sempre no
campo / ꝛ agasalhasse em tendas, de
que antre boas ꝛ outras somenos
auera seys mil. Ho Preste he tama
nho senhor como disse no mesmo li-
uro / assi de terra como de gẽte ꝛ de
tesouros: andão na sua corte muy-
tos reys ꝛ grandes senhores. He
Christão ꝛ seruese com pouco esta-
do, porque ho não vẽ senão seus pri
uados / nẽ se mostra a todos mais
q̃ tres vezes no ãno. s. dia d' Natal /
dia dos Reys, dia da exaltação da
Cruz de Setembro. E quãdo cami
nha tambem vay cuberto que nin-
guẽ ho não ve: ꝛ quando lhe falão
algũs ẽbaixadores posto q̃ estẽ õde
ele está falãlhe por terceira pessoa.

¶ Capit. xxv. De como dõ Rodri- go chegou á corte do Preste joã.

Dom Rodrigo chegou
como digo a hũa legoa
do arrayal do Preste
hũa segunda feyra deza-
sete Doutubro / ꝛ ali foy ter coele
per mãdado do Preste ho seu mór-
domo mór que na lingoa Abexim se
chama Adugraz, ꝛ hia pa goardar
dom Rodrigo ꝛ darlhe o q̃ lhe fosse
necessario. E logo partirão dali q̃
assi lho disse ho mórdomo mór, ꝛ ẽ
vez de irem por diante tornarão pe-
ra tras bem hũa legoa: dizendo ho
Adugraz a dom Rodrigo q̃ não se
agastasse porq̃ ho Preste auia dir
pera aquela parte a que eles hião.
E chegados detras dhũs cabeços
deceranse ꝛ apousentaranse em ten
das que lhes hi armarão: ꝛ logo ho
Preste se foy apousentar ali perto ẽ
suas tendas: ꝛ por seu mãdado foy
dada a dom Rodrigo hũa boa tẽ-
da pera pousar com sua cõpanhia /
ꝛ quem lha leuou lhe disse q̃ era da
pessoa do Preste, ꝛ q̃ tal como aq̃la
não a tinha ninguem no arrayal: ꝛ
que esta honrra lhe fazia ho Preste
por ser ẽbaixador de rey Christão.
E na sesta feyra seguinte vinte dias
Doutubro foy dom Rodrigo cha-
mado da parte do preste por hũ fra-
de que lhe disse q̃ lhe leuasse ho pre-
sente ꝛ todo ho seu fato ꝛ ho dos de
sua companhia porq̃ o queria ver.
E por mãdado do Preste foy muy
ta gente pera acompanhar dõ Ro-

drigo, q nã quis leuar mais q o presente q leuaua. E indo assi bẽ acõpanhado chegou a hũs arcos q se fazião diãte das tẽdas do apousentamẽto do Preste, e os arcos estauão ẽ duas ordẽs, e ẽ cada hũa aueria bẽ .xx. cubertos todos de pano brãco e roxo antresachados hũ de hũa cor e doutro doutra: e de hũa ordẽ a outra aueria hũ espaço d cẽ passos: e estes arcos forão feytos por fazer festa ao ẽbaixador / porq assi diante das tẽdas do Preste q sam brãcas estaua hũa roxa que dizião não seruir se não em grandes festas ou recebimentos. Aqui onde estauão estes arcos aueria bem vinte mil homens postos em renque de hũa parte e da outra / e pelo meyo ficaua hũa larga rua. E todos estes sayão a ver dom Rodrigo e os de sua companhia que hião todos bẽ vestidos e arrayados de ouro / e os Abexins se espantauão por ho trajo dos Portugueses ser muy differente do seu. Abaixo destes arcos estauão quatro caualos / dous de cada parte selados de selas ricas, e assi os outros jaezes, e com cubertas de borcado a modo d cubertas darmas, e nas cabeças grandes penachos e abaixo destas estauão outros muytos tambẽ selados / mas não com jaezes ricos como os outros. E indo dõ Rodrigo pelo meyo desta gẽte chegarão a ele sessenta homẽs todos bẽ vestidos / e hião quasi correndo: porque assi ho costumão quando leuão recados do Preste. E despois q da sua parte derão hũ a dom Rodrigo foranse coele: e chegado hũ pouco ãtes dos arcos achou qtro leões presos por cadeas que ho Preste tẽ por estado: e debaixo dos arcos primeyros estauão assentados os quatro mayores senhores que andauão na corte do Preste / a que os q hião com dõ Rodrigo fizerão sua reuerencia, q he abaixar a mão dereyta ate ho chão. E assi ho fez dom Rodrigo e os Portugueses que parou ali com os q hião coele: e auendo hũ grãde pedaço q ali estaua chegou hũ clerigo velho parẽte do Preste e seu cõfessor, de tãta valia e credito coele q era a segũda pessoa ẽ seu señorio despois dele e chamauase Cabeata. E este sayo da tẽda roxa ẽ q ho Preste estaua. Este pgũtou a dõ Rodrigo q qria e dõde vinha: e ele lhe respõdeo q da India, e leuaua ẽbaixada ao Preste joão do capitão moor e gouernador das Indias por el rey de Portugal. Coesta reposta se foy ho Cabeata, e despois tornou duas vezes a pregũtar a mesma pregũta: e da derradeira viose dõ Rodrigo tão agastado por não saber ho costume da terra q lhe disse: Não sey q diga. E ele lhe disse q dissesse o q quisesse q tudo diria ao Preste. E dom Rodrigo não quis dizer mais q o q tinha dito / dizẽdo q nã diria mais porq a embaixada q leuaua não a auia de dar a outrem se não ao Preste / q mãdou dizer a dõ Rodrigo pelo mesmo Cabeata q lhe mãdasse o q lhe mãdaua ho gouernador. O q dõ Rodrigo fez cõ parecer d todos os Portugueses q estauão coele / e ẽtregou ao Cabeata ho presente q Diogo lopez mandaua ao Preste em que entrauão estas peças / hũa

espada & hum punhal ricos / quatro panos darmarderas, hũas couraças ricas com todo seu comprimento, dous berços de metal/ quatro camaras pareles / & algũs pelouros & dous barris de poluora / hũs orgãos & hum mapamundi. E este era ho presente de Diogo lopez / & dom Rodrigo acrecentou quatro fardos de pimẽta da que leuaua pera sua despesa. E despois de ho Cabeata ho ir mostrar ao Preste tornou coele onde estauão os arcos / & mandou estender tudo sobreles. E fazendo calar todos / disse ho justiça mór em voz alta / despois de nomear cada hũa das peças do presente/ que todos dessem muytas graças a nosso senhor por se ajũtarem os Christãos / & se hi auia algũs a que pesasse que chorassem / & os que folgauão que cantassem. E em acabando de dizer isto deu a gente hũa grande grita dando graças a Deos. E coisto foy despedido dom Rodrigo bẽ descontẽte por não falar ao Preste, & assi ho foy por lhe não fazerem ho gasalhado que esperaua, & soube per algũs Christãos da Europa que andauão na corte que auia quem dissesse aos grandes senhores dela que conselhassem ao Preste que ho não deixasse ir nem aos de sua companhia, porque assi era ho costume da terra. E neste tempo se mudou ho Preste donde estaua / & a dom Rodrigo lhe conueo comprar mulas em que fosse / & buscar quem lhe leuasse ho fato, por lho não querer mãdar leuar ho mordomo mór nem darlhe mulas. E veyo a cousa a tanto que donde dantes lhe dauão de comer aa custa do Preste passarão algũs dias que lho não derão / assi que em onze dias que auia que era chegado passou muytos desgostos, & não lhe aproueitaua aqueixarse deles / nem mandar pedir ao Preste que ho ouuisse, & parecia que todos ho desprezauão: nem ho Preste estimou ho presente que lhe foy dado, & mandou logo dar tudo a igrejas & a pobres, porque os criados de Mateus lhe disserão que aquele não era ho presente que lhe el Rey de Portugal mandaua, & que ho tomara ho gouernador, & que lhe mandaua aquele. E despois teue dom Rodrigo bem q̃ fazer em tirar isto da cabeça ao Preste porq̃ ho cria / & porẽ deu sobristo muytos achaques.

Capit. xxvj. De como ho Preste mandou chamar ho embaixador & não lhe falou.

Auendo onze dias que dom Rodrigo estaua na corte hũa quarta feyra que foy ho primeyro dia de Nouembro passadas duas horas da noyte ho mandou chamar ho Preste: & cuydando ele que era pera ho ouuir foy logo caminho das tendas do Preste que estauão dentro de hũa cerca de sebe, em que tambem diante das tendas estaua hũa casa grande terrea cuberta de hũ colmo que ha na terra que dura

muyto/ ꝛ estaua armada sobre gros sos esteos da cipreste forrada de tauoas mal pintadas. Na entrada desta casa estauão armadas quatro corrediças de cortinas / a do meyo de brocado as outras de seda. E diante desta casa se fazião dous patios / os quaes erão cercados tambem de sebe / ꝛ na porta do primeyro estauão certos porteiros / ꝛ estes detiuerão dom Rodrigo ꝛ ho não deixarão entrar, per espaço de hũa hora/ posto que fazia grande vento ꝛ muyto frio/ ꝛ de enfadados de esperar os da companhia de dom Rodrigo tirarão duas espingardadas : ꝛ logo lhe perguntarão da parte do Preste porque não trazião mais espingardas : respondeo que porque não hião pera guerra. E nisto veo ho mórdomo com outros quatro principais da corte : ꝛ dizendo a dom Rodrigo que fossem pera dentro, abalarão indo ele diãte com os outros quatro em fieira / ꝛ nos cabos dous homens com duas velas acesas nas mãos. E entrando pelo primeyro patio ate que forão no segundo/ detinhã se de quando em quando : ꝛ dizia cada hum por si em alta voz. Senhor o que me mandastes aqui ho trago / ꝛ de dentro respondião tambem em voz muyto alta. Anday pera dentro. E a esta palaura por ser do Preste ꝛ licença sua abaixauão todos as cabeças/ ꝛ punhão as mãos dereytas no chão por reuerencia. Feyta esta cirimonia muytas vezes pelo modo sobredito / disse ho mórdomo mór ꝛ os outros quatro. Os frãgues q̃ senhor me mandastes aqui os trago. E da casa respondião que entrassem pera dentro / ꝛ assi ho fizerão despois de ditas estas palauras muytas vezes, ꝛ ali achárão feyto hum estrado rico, ꝛ diãte dele estauão cento ꝛ sessenta homens com velas acesas nas mãos oytenta de cada banda : ꝛ todos tinhão as velas em igoal compasso. Todo ho chão da casa estaua cuberto de esteiras pintadas, ꝛ aqui se detiuerão. E estando assi de dentro das corridiças / foy hũ page com hum recado do Preste a dom Rodrigo : em que dizia que ele não mandara Mateus a Portugal / ꝛ posto que fora sem sua licença, que el Rey de Portugal lhe mandaua por ele muytas cousas / ꝛ pois lhas mandaua porque lhas não dauão. E dom Rodrigo respondeo que por Lopo soarez não poder ir a Maçuá / ꝛ por falecer Duarte galuão que el Rey de Portugal lhe mandaua por embaixador : mas que as peças que lhe el rey mandaua estauão goardadas na India / ꝛ não as leuara Diogo Lopez pera lhas mandar por não ser certo de poder tomar ho porto de Maçuá / nem leuaua Mateus se não pera ho deitar em qualquer porto que tomasse da Abexia / pera que despois que ho soubesse lhe mandasse ho presente que lhe el Rey de Portugal mandaua / ꝛ quando ho Deos leuara a Maçuá por desejar de ho visi-

tar, mandara a ele dom Rodrigo com aquelas peças que lhe dera/ ⁊ pera saber ho caminho quãdo fosse embaixador del Rey de Portugal. E coesta reposta lhe mandou pedir que ho ouuisse ⁊ saberia a verdade: ⁊ tambẽ lhe diria por escripto o que ho gouernador lhe mandaua dizer alem da carta. E sem ho Preste responder a isto ho mandou despedir, ⁊ dali a dous dias as mesmas horas da noyte mandou ho Preste chamar dom Rodrigo/ que foy ⁊ achou a casa que disse aparamẽtada de borcados/ ⁊ atauiada de cousas mais ricas que dantes ⁊ mais gente ⁊ toda muyto luzida, ⁊ mais velas ⁊ entrou com as cerimonias passadas: ⁊ os homens que ali estauão a fora os que tinhão as velas estauão em ordem, hũs de hũa parte outros de outra com espadas nuas na mão. E despois de ho Preste mandar preguntar a dom Rodrigo polo Cabeata ⁊ pelo seu paje moor muytas cousas sem proposito/ lhe mandou dizer que jugassem dous Portugueses despada ⁊ adarga. E despois de sayrem dous mandou dizer que saysem outros dous: ⁊ por os dous primeyros ho não fazerem á vontade de dom Rodrigo, sayo ele com Jorge dabreu. E acabando de jugar mandou dizer ao Preste que fizera aquilo polo seruir, nem ho fizera por outro nenhũ principe ainda quelhe dera cincoẽta mil cruzados/ pedindolhe muyto que ho ouuisse ⁊ saberia o quelhe mandaua dizer ho gouernador, ⁊ que ho despachasse pera poder ir tomar a tempo a armada dos Portugueses que auia de ir ao estreito. A isto lhe respondeo ho Preste que ainda então chegara, ⁊ que não tinha visto hum terço das suas terras que folgasse, ⁊ que iria ho gouernador a Maçuá/ ⁊ que lhe mãdaria recado ⁊ então se iriã: ⁊ mais que faria ho gouernador fortalezas em Maçuá/ çuaquem ⁊ em Zeila/ a que ele ajudaria com todos os mantimentos necessarios. E per fim de tudo não quis daquela vez ouuir dom Rodrigo/ ⁊ mandoulhe que lhe mandasse por escripto na lingoa Abexim o que ho gouernador lhe mandaua dizer. O que dom Rodrigo fez pera ver se se podia despachar, ⁊ desesperado de lhe não poder falar.

Capitolo. xxvij. De como dom Rodrigo falou ao Preste joão.

DEspois disto foy ainda dom Rodrigo chamado do Preste algũas vezes ⁊ de nenhũa ho ouuio, ⁊ mãdou pergũtar a Frãcisco aluarez muytas cousas das cerimonias da igreja acerca do culto diuino: de que lhe soube dar tão boa rezão que ho Preste ficou contente. ⁊ mandou ir perante si Francisco aluarez/ ⁊ mandou ho reuestir como pera dizer missa, ⁊ per...

toulhe hos siníficados d todas as peças das vestimentas, ⁊ ele lhos disse. E dali por diante foy dom Rodrigo ⁊ os de sua companhia melhor prouidos de mantimentos que dantes, ⁊ foylhe dada hũa tenda em que se lhe dissesse missa ao modo da igreja de Roma, porque os Abexins não a dizem assi. E ho Preste mandou a todos esses senhores da corte que a ouuissem. O que eles fizerão de boa vontade: ⁊ ho Preste ⁊ todos tinhão Francisco aluarez por homem santo / ⁊ pedianlhe que ro gasse a Deos por eles. E hũa terça feyra dezanoue de Nouembro bem noyte foy dom Rodrigo chamado do Preste pera lhe falar. E ele foy com todos os de sua companhia / ⁊ no primeyro patio esteue grandes tres horas primeyro que entrasse / ⁊ despois entrou na casa que disse com as mesmas cerimonias que dantes entrou / ⁊ desta vez achou muyto mais gente que das outras / ⁊ muyta dela com armas, ⁊ assi estauão muyto mais velas / ⁊ a casa alcatifada de ricas alcatifas ⁊, as cortinas d borcado, ⁊ os estrados d panos d seda: de modo q̃ tudo estaua muyto dauãtagem da primeyra. E dom Rodrigo não entrou nesta casa com mais de noue pessoas de sua companhia / ⁊ os outros ficarão de fora. E entrado dom Rodrigo forão abertas duas corrediças, de que dom Rodrigo ⁊ os que hião coele estarião comprimento de duas lanças que ali os mandarão estar. E abertas estas corrediças apareceo ho Preste que estaua detras delas homem de meaã estatura, que parecia de idade de vinte tres annos, ⁊ de tantos era: de cor de maçaã bayones não muyto parda, ho rosto redondo ⁊ magro / os olhos grandes, ho nariz alto no meyo: começaualhe de nacer a barba. E com tudo tinha no rosto hũa grauidade de tamanho senhor como era: tinha vestida hũa opa de borcado sobre hũa roupa de seda, na cabeça tinha hũa coroa alta / hũa peça de ouro outra de prata, ⁊ polo rosto tinha hum tafeta azul como rebuço que lhe cobria a boca ⁊ a barba que hum paje abaixaua de quando em quando que lhe parecia todo ho rosto, ⁊ despois ho tornaua a aleuantar ⁊ ficaualhe meyo cuberto. Tinha na mão hũa Cruz de prata laurada ao buril: estaua assentado em hũa cadeira real sobre hum estrado alto de seys degraos cuberto de panos ricos / aa sua mão dereyta estaua hũ paje que tinha hũa Cruz de prata / ⁊ de cada parte da cadeira dous com espadas nũas nas mãos, ⁊ nos cantos do estrado estauão quatro que tinhão senhas velas acesas. Em ho Preste aparecendo dom Rodrigo lhe fez sua reuerencia abaixando a cabeça ⁊ poendo a mão dereyta no chão: ⁊ ho Preste oulhou parele / ⁊ logo lhe mandou preguntar pelo Cabeata como se achaua naquela terra / ⁊ se folgaua nela. Ao que respondeo que bem / ⁊ que folgaua muyto nela por ser de Christãos / ⁊ se auia por muyto ditoso de ser

ho primeyro que a ela fora com embaixada. E despois desta reposta lhe mandou pelo mesmo Cabeata as cartas que leuaua par ele do gouernador / ꝛ ho regimento que lhe dera / tudo na lingoa Abexim, que ho Preste leo per si. E despois disse que daua muytas graças a Deos pola merce que lhe fizera em ver o que seus antecessores nunca virão / nem ele cuydara de ver. E que folgaria muyto que elrey de Portugal mandasse fazer fortalezas em Zeila, Maçuá, ꝛ çuaquem: porque temia que os rumes se fizessem fortes naqueles lugares, ꝛ fazendose darião grande opressam a ele ꝛ aos Portugueses. E querendo elrey de Portugal fazer aquelas fortalezas, ele daria todos os mantimentos que se ouuessem de gastar nelas. E dom Rodrigo disse que si faria, porque tambem desejaua de as fazer: ꝛ sobre isto praticarão hum pedaço. E dom Rodrigo se foy pera sua tenda muyto contente de ter falado ao Preste: ꝛ ho Preste tambem ho ficou de sua embaixada / ꝛ de ter conhecimento dos Portugueses de que ouuia contar tantas façanhas. E logo ao outro dia mandou chamar Francisco aluarez / ꝛ lhe perguntou por muytas cousas da igreja Romana / ꝛ polas vidas de sam Hieronimo ꝛ de outros santos, ꝛ folgou muyto de as saber, ꝛ de as ver em hum Flos sanctorum que lhe Francisco Aluarez mandou. E no domingo seguinte mandou hum fermoso caualo a dom Rodrigo: ꝛ aquela noyte despois de estar dormindo com todos os de sua companhia ho mandou chamar: ꝛ ele foy / ꝛ entrou na casa onde ho Preste estaua com outra tal magestade como da outra vez: ꝛ diante das primeyras corrediças forão dados vestidos a todos os da companhia do embaixador da parte do Preste / de que se logo ali vestirão: ꝛ a dom Rodrigo derão outro vestido das corrediças pera dentro. E vestidos todos entrarão onde ho Preste estaua: ꝛ ele lhes mandou dizer pelo Cabeata que se podia ir embora com todos os de sua companhia, ꝛ que ficasse hum frangue dos que dantes estauão na corte, ꝛ por ele lhe mandaria ao caminho as cartas que ainda estauão por escreuer. E dom Rodrigo disse que não auia de partir sem reposta / ꝛ que esperaria quanto ele mandasse, mas que lhe pedia que ho despachasse a tempo que podesse ir tomar a nossa armada a Maçuá. E ho Preste respondeo per sua boca que lhe prazia, ꝛ se auia ele de ficar por capitão em Maçuá. E ele respondeo que po isto que desejaua muyto de se ir pera Portugal / que faria o que lhe mandasse, porque sabia que nisso seruiria a el Rey de Portugal seu senhor. E co isto ho despedio ho Preste ꝛ tornouse pera sua tenda.

¶ Capitolo. xxviij. Das brigas que ouue antre Jorge dabreu ꝛ dom Rodrigo.

Ao outro dia que forão vinte seys de Nouẽbro se partio ho Preste supitamente daquela parte pera outra / ⁊ donde dantes hia encuberto que ninguem ho não via partio então descuberto encima dũ caualo acõpanhado de dous pajes ⁊ passou escaramuçãdo por diante da tenda de dom Rodrigo: ⁊ logo se leuantou a gente toda ⁊ se foy apos ele / ⁊ dom Rodrigo tambem. E antes de partir se foy parele hũ señor chamado Jazerafael / que era clerigo, ⁊ assi hũ capitão do Preste pera ho goardar / ⁊ mandaranlhe dar cincoenta mulas ⁊ escrauos pera leuarem farinha ⁊ vinho / ⁊ outros escrauos pera lhe leuarem ho fato / ⁊ das cincoenta não lhe forão dadas mais de trinta ⁊ cinco, ⁊ das outras no mais de quinze ⁊ algũs escrauos. E de tudo tomou dõ Rodrigo ho melhor ⁊ ho mais, dizendo que tudo era seu: do que se todos escãdalizarão muyto, principalmẽte Jorge dabreu ⁊ Lopo da gama porque não deu aos outros se não as peores mulas ⁊ peores escrauos ⁊ que não abastauão pera lhes leuarem ho fato. E porem dissimularão / ⁊ despois que chegarão aa corte / mandando ho Preste perguntar per hum frade a dom Rodrigo como hia a ele ⁊ aos de sua companhia, ⁊ se lhes derão tudo o que lhes mandara dar. E respondendo dom Rodrigo que tudo, disse Jorge dabreu que não dissesse aquilo que lhe não derão todas as mulas: ⁊ as que derão erão tortas ⁊ cegas / ⁊ os escrauos velhos ⁊ não valião nada. Porem q̃ assi como tudo era ho tomara dom Rodrigo sem dar nada a ninguem. E dizendo dom Rodrigo que não dissesse aquilo, porq̃ tudo era muyto perfeyto: respondeo Jorge dabreu / que se tudo era perfeyto que ele ho tinha / ⁊ a ele ho dauão, mas que dali por diante não seria assi. E ho frade se espantou muyto douuir isto, ⁊ por não ouuir mais se foy cõ talo ao Preste. E despois de ele ido ouuerão Jorge dabreu ⁊ Lopo da gama tais palauras que vierão ás lançadas ⁊ ás cutiladas, ⁊ Francisco aluarez os apartou, ⁊ Jorge dabreu ouue hũa pequena cutilada ẽ hũa perna: ⁊ ele ⁊ Lopo da gama forão deitados fora da tenda. E sabẽdo ho Preste destas brigas ⁊ ho sobre que fora / mandou dizer a dõ Rodrigo que entregasse as mulas ⁊ os escrauos a hũ homem que mãdou q̃ teuesse cuydado de leuar ho fato dos Portugueses / ⁊ que eles não fizessem mais que caminhar. E dom Rodrigo ho fez assi / ⁊ aquela noyte foy chamado do Preste pera ho fazer amigo com Jorge dabreu. E por mais que lho ho Preste rogou nunca quis / antes lhe pedio que ho mandasse apartar de sua tenda ⁊ a Lopo da gama. E ho Preste ho fez assi, ⁊ mandou os apousentar na tenda de hum senhor da corte. E estando aqui chegonse a festa do Natal, em que ho Preste mandou a Francisco Aluarez que lhe dissesse missa, que lhe ele disse segundo ho nosso costume / que ho Preste louuou muyto / ⁊ disse que lhe parecia

que estaua no parayso, ⁊ vio confessar ⁊ comũgar os Portugueses, o que lhe pareceo em estremo bem: ⁊ assi ele como os grãdes ⁊ outros de sua corte estauão muyto contentes do culto diuino dos Portugueses ⁊ dizião que erão homẽs sanctos. E tambem ouuirão todos as matinas do Natal que os Portugueses disserão muyto bem: ⁊ na noyte seguinte á mea noyte tornou ho Preste a caminhar/ ⁊ partio assi por passar sẽ gente hũs passos muyto rois ⁊ estreitos que tinha pera passar/ ⁊ onde morrião muytas mulas ⁊ gẽte. E passados estes passos mãdou dizer ho Preste a dom Rodrigo/ q̃ ele tornaua a seu caminho, que não caminhasse mais do que lhe mãdasse. E com quanto os dias atras ninguem sabia onde ele hia/ ⁊ a gente pousaua onde achaua hũa tẽda brãca armada, a que se fazia cerimonia como se hi esteuesse ho Preste: começou então de caminhar desta maneira: metido em hũas cortinas de seda roxa sem corridiças de diante ⁊ tão altas que ho cobrião a caualo. E estas erão leuadas per homẽs cõ varas que hião da parte de fora, ele vestido destado, ⁊ na cabeça hũa coroa douro ⁊ de prata / caualgando ẽ hũa mula ageazada de ricos goarnecimẽtos com hũ rico cabresto de dous cabos sobre ho freo, por onde dous pajes leuauão a mula: leuaua mais outros quatro, dous de cada parte, hũs com as mãos sobre ho pescoço da mula, outros sobre as ancas. Diante das cortinas logo pegados coelas leuaua vĩte pajes dos principais/ ⁊ estes a pé ⁊ diante deles hião seys caualos adestro, ⁊ diante dos caualos seys mulas cõ ricos jaezes ⁊ goarnimentos/ ⁊ cõ cada caualo ⁊ mula quatro moços desporas cõ bõs vestidos / ⁊ dous os leuauão pelo cabresto / ⁊ dous hião com as mãos sobre as selas cada hũ de seu cabo. Diãte destas mulas hião logo vinte senhores dos principais da corte, ⁊ estes em mulas vestidos de marlotas de seda ⁊ bedẽs/ ⁊ diante destes fidalgos hia dom Rodrigo ⁊ os de sua companhia por mandado do Preste por lhe fazer honrra: ⁊ dali a grande espaço não hia outra gente de pé nem de caualo, ⁊ hião corredores diante que fazião apartar todos. Leuaua mais ho Preste dous capitães da goarda q̃ na sua lingoa se chamão Betudetes ⁊ sam grãdes senhores/ ⁊ cada hũ leuaua seys mil homens darmas, hũ da mão ezquerda outro da dereyta/ ⁊ ambos fora do caminho ⁊ bem afastados do Preste, ⁊ se caminhão por terra que he forçado irem todos por hũ caminho/ vay hũ muyto atras do Preste ⁊ outro muyto a diante/ ⁊ cõ ho diãteiro vão sempre quatro leões presos por fortes cadeas. Hião mais cõ ho Preste detras dele duzentos homẽs/ de que os cento leuão cem jarras de vinho de mel cada hũa de seys canadas/ ⁊ outros cento com cestos cheos de pão: ⁊ coestes vão seys homẽs detras deles q̃ os goardão. E este mantimento se recolhe nas tendas do Preste em ele descaualgando: hião tambem diante desta gente as tendas das igrejas da corte do Preste que sam treze, ⁊ as

pedras dara de todas: ⁊ cada pedra leuão quatro clerigos de missa em hũa cousa como padiola que leuão aos hõbros cubertas de panos de seda / ⁊ vão outros clerigos de sobresalente pera quando estes cansarem. Diante de cada hũa hião tres homẽs dordẽs, hũ com hũa cruz aleuantada, outro com hũ turibolo encensando, ⁊ outro diante tanjẽdo hũa campainha / ⁊ toda pessoa que vay pelo caminho em ouuindo a cãpainha se afasta pera fora, ⁊ se vay a caualo decesse, em tanta veneração tem aquela pedra onde se põe ho sacramento do altar. A gente que hia com ho Preste não tinha cõto / porq̃ em espaço de quatro legoas não auia quem rompesse pelo caminho, nẽ por fora dele: seria a decima parte desta gente toda limpa ⁊ bẽ tratada / ⁊ a outra gente comũ em q̃ ha muytos pobres. E nesta gente não entrão os grandes senhores ⁊ fidalgos / porque com cada hũ na quantidade da gente com que abalão pouoarão hũa boa cidade ou vila Despanha, ⁊ hirião bem cem mil em caualgaduras de mulas a fora as que hião adestro que serião tres tãtas / ⁊ a fora as de carrega que não tem conto: ⁊ a fora os caualos que erão muytos. E era cousa fermosa dver tãto numero de gẽte ⁊ dalimarias: ⁊ cousa muyto pera espantar como auia terra que os manteuesse / porque a corte do Preste he muyto abastada de mantimentos.

¶ Capitolo. xxix. De como ho Preste despachou dom Rodrigo de lima.

Assi caminhou ho Preste ate chegar jũto de hũa grande igreja da auocação da sanctissima Trindade pera a fazer consagrar / ⁊ pera mudar a ela a ossada de seu pay que estaua em outra pequena junto daquela: ⁊ aqui chegou ho primeyro dia de Janeyro do ãno de vinte hũ / onde foy recebido de clerigos ⁊ frades que passarião de vinte mil. E tẽdo aqui ho Preste seu arrayal em hũa pratica q̃ teue com dõ Rodrigo per terceyra pessoa lhe deu algũs achaques sobre lhe não darem o que lhe elrey de Portugal mãdara quãdo lhe mãdaua Duarte galuão por embaixador, ⁊ na mesma pratica lhe mãdou dizer q̃ se fora no tempo dos reys passados ⁊ não leuara muyta roupa que lhe não fizerão nenhũa honrra: ⁊ que ele lhe fazia muyta. A que dom Rodrigo respondeo q̃ tinha recebidos ẽ suas terras muytos agrauos / assi de desprezos ⁊ de roubarem a ele / ⁊ aos de sua companhia vestidos ⁊ quanto leuauão pera comer / ⁊ tres ou quatro vezes os quiserão matar: ⁊ que se morressem na quela terra auião dir ao paraiso, porque morrião martyres / porque tudo sofrião por seruirem a Deos ⁊ a el Rey de Portugal. E que doutra maneira fora Mateus honrrado em Portugal, por dizer que era seu embaixador / ⁊ que doutra era ele / pedindolhe que ho despachasse pera se hir. E o Preste respondeo q̃ bem sabia a honrra que Mateus recebera assi na India como em Portugal, ⁊ que não ouuesse menencorea q̃ logo ho despacharia ⁊ muyto

á sua vontade, ꝛ coisto ho despedio. E no dia dos Reys seguinte, se bautizou ho Preste com sua molher/ ꝛ sua may ꝛ ho Patriarca: ꝛ outra muyta gente, q̃ assi se tornão a bautizar cadano naquele dia segũdo seu costume. E ho bautismo foy em hũ tanque grande forrado de tauoado cuberto de pano dalgodão encerado: ꝛ despois que está cheo dagoa q̃ hũ clerigo benze ꝛ lhe deita oleo/ entra ho Preste no tãque per hũs degraos que tem: ꝛ hũ clerigo que foy seu mestre homẽ de grande idade, lhe mete tres vezes a cabeça debaixo dágoa: dizẽdo. Eu te bautizo, em nome do padre/ do filho, ꝛ do spirito santo. E despois de bautizado/ se foy a hũ cadafalso q̃ estaua junto do tanque cercado de corrediças d̃ tafetá, pera que dali sem ho verem visse quãtos se bautizauão. E bautizado ele ꝛ sua molher ꝛ sua may ꝛ ho Patriarca/ se bautizou grande numero de gente: ꝛ tambem mãdou conuidar os Portugeses, pera se bautizarẽ mas não quiserão. Despois disto sem mais passar cousa q̃ de contar seja, tendo ho Preste despachado a dom Rodrigo/ mãdouo chamar pera ho fazer amigo cõ Jorge dabreu/ ꝛ por mais q̃ lho rogou nunca quis/ antes lhe pedio dõ Rodrigo/ que ho deteuesse dous meses despois de sua partida porque não fosse coele/ que era certo que ho queria matar. E ho Preste ficou muyto descõtente de dom Rodrigo não querer fazer ho que lhe rogaua: ꝛ despedioho sẽ ho querer ver/ ꝛ cõ menencoria lhe não quis dar vestidos de borcado que tinha parele/ ꝛ pera os outros. E per hũ dos Betudetes, mandou a Francisco aluarez hũa Cruz de prata/ ꝛ hũ cajado da mesma laurado de taupia, por posse da senhoria que lhe tinha dada: q̃ era fazelo bispo daqueles lugares do mar Roxo. E despois de dõ Rodrigo se ir pera sua tenda/ lhe mãdou ho Preste trinta õças douro, ꝛ cincoenta pera os de sua companhia, mãdando que destas ouuesse Jorge dabreu, ꝛ os que estauão cõ ele sua parte, ꝛ assi dessem carregas de farinha que mandou, ꝛ oyto mulas, de trinta que tambem mãdaua: ꝛ pera el Rey de Portugal mãdou per Abdenagó seu paje, hũa coroa d̃ sua pessoa douro ꝛ de prata: ꝛ que dissessem a el Rey de Portugal que lha mandaua como de filho a pay, ꝛ quelha mandaua como cousa preza da, ꝛ por ela lhe apresentaua todo fauor ajuda ꝛ socorro de dinheiro, gentes, ꝛ mantimentos que lhe fossem necessarios, pera fortalezas ꝛ armadas q̃ fizesse no estreito do mar Roxo. E assi forão dados a dõ Rodrigo cinco saquinhos de borcado, ꝛ nos tres hião tres cartas, pera el Rey de Portugal: scriptas em pergaminho, em lingoa Abexim, Arabica, ꝛ Portuguesa, ꝛ duas pera ho gouernador da India: ꝛ estes metidos em hũ cesto forrado de pano ꝛ cuberto de couro/ ꝛ asselado ho fecho: ꝛ disse ao embaixador que se podia ir quando quisesse que de todo era despachado. E ele quisera falar ao Preste ꝛ não pode por se partir a madrugada passada pera outro lugar.

¶ Cap. xxx. De como dõ Rodrigo se partio da corte do Preste/ ⁊ da causa porque tornou a ela.

DEspachado dõ Rodrigo da maneyra que digo/ partiose dia de Cinza treze dias de Feuereiro. E forão coele dous filhos de Cabeata, por cujas terras auia de passar/ pera ho goardarem ⁊ lhe darem polo caminho ho necessario/ ⁊ hia tambem hum frade. E coestes hia Jorge dabreu, ⁊ ficauão atras de dom Rodrigo. E logo nas primeiras jornadas, Johão gõçaluez feytor da embaixada, sobre palauras que ouue cõ hũ Johão fernãdez que ho seruia lhe deu com hũ pao na cabeça: do que agrauado Johão fernandez não quis ir mais com ho feytor, ⁊ meteose com dõ Rodrigo. E dahi a poucos dias, caminhando ho feytor só/ saltou coele leuãdo hũa lança com que lhe deu duas lançadas em hũa mão, ⁊ nos peitos, onde ho ouuera de passar ao vão, se a lança não se deteuera ẽ hũa costa: ⁊ sobristo foy Johão fernãdez preso por dom Rodrigo, ⁊ hũa noyte fugio pera Jorge dabreu ⁊ assi escapou. E proseguindo por seu caminho, forão ter com dom Rodrigo ho mordomo mór do Preste, ⁊ outro senhor/ que lhe disserão que os mandaua pera fazerem amizades antrele ⁊ Jorge dabreu/ porq̃ ficaua muyto descontente de partirem immigos, ⁊ irem assi apartados polo caminho: rogandolhe da sua parte que fosse seu amigo, ⁊ fossem juntos: ⁊ tãto lhe disserão q̃ se ouue de fazer. E feyta a amizade, derã a cada Portugues sua mula da parte do Preste. E continuarão aqueles dous senhores cõ eles seu caminho/ dizendo que assi lho mandara ho Preste/ pera os apsentarẽ ao capitão mór da armada dos Portugueses/ porque ho Barnagaeis que ho ouuera de fazer ficaua na corte: ⁊ assi caminharão ate chegarem ao lugar de Barua, onde se deteuerão tanto que passou ho tempo/ em que a armada dos Portugueses auia dir a Maçua pera os leuar a India. E passado ho tempo/ dom Rodrigo contra a amizade que tinha feyta com Jorge dabreu, mandou ao feytor que lhe não desse mantimẽto nem aos de sua companhia. Sobre ho que Jorge dabreu se queixou ao mordomo mór do Preste/ ⁊ ao outro senhor: polo que mandarão chamar, ⁊ lhe afearão muyto ho que fazia/ rogandolhe que desse ho mantimento a Jorge dabreu, mas não ho poderão acabar coele: ⁊ cada hũ se foy pera sua pousada: ficando os Abexis muyto agrauados de dom Rodrigo, ⁊ espantados de sua crueza. E como Jorge dabreu era esforçado, não quis vsar de mais rogos com dõ Rodrigo, ⁊ determinou d tomar ho mantimento por força/ pera q̃ a tempo que todos dormião/ saltou em casa de dom Rodrigo ondestaua ho feytor q̃ tinha ho mantimento, ⁊ com os de sua companhia armados, despingardas, lã-

ças, ꝛ espadas: começou de q̃brar as portas cõ hũ vay ꝛ vem: ꝛ foy acousa a tanto/ que hũ criado de dom Luys foy ferido de hũa espingardada, ꝛ ele se acolheo por hũa porta falsa á pousada do mordomo mór ꝛ do outro, que ãbos forão prender Jorge dabreu: ꝛ os seus por não terem poluora não se defenderão com as espingardas: ꝛ presos os mandarão a outro lugar cõ goardas que os goardassem. E neste tempo quiserã ho mordomo mór ꝛ ho outro/ fazer amigos dõ Rodrigo ꝛ Jorge dabreu mas não poderão: ꝛ por isso ꝛ por ser passada a moução d̃ se irem na armada da India/ determinarão de os tornar á corte: ꝛ caminhando pa lá acharão ho Barnagaeis, que sabendo ho caso que era acontecido/ reprendeo muyto ho mordomo mór ꝛ ho outro de leuarem os Portugueses á corte, ꝛ disselhes que lhos deixassem, ꝛ bradou muyto com dom Rodrigo, ꝛ com Jorge dabreu/ pelo que fizerão, q̃ ainda perantele ouuirão muyto mas palauras, do que ho Barnagaeis se espantou/ ꝛ de ver quam pouco amor se estes tinhão em terra estrangeira onde hauião de ser muyto amigos: ꝛ tomou a dom Rodrigo a coroa ꝛ as cartas do Preste q̃ leuaua pera el rey d̃ Portugal, ꝛ leuouos cõsigo a suas terras/ ꝛ deixou dõ Rodrigo no lugar de Barua, ꝛ foysse ao lugar de Barra cõ Jorge dabreu: donde ꝛ ele ꝛ dom Rodrigo forão despois leuados á corte do Preste. Mas como não ho pude saber.

¶ Capit. xxxj. De como dom Luys se tornou a partir da corte do Preste.

Estando na corte aos quinze dias Dabril, forão dadas a dom Rodrigo as cartas q̃ lhe dom Luys de meneses screuia, que na quele dia fosse com ele em Maçua, porque não podia esperar mais por amor da moução: ꝛ assi lhe daua conta do falecimento del Rey dom Manuel/ ꝛ escreuia tambem ao Preste, pedindolhe que ho despachase logo. E vendo dom Rodrigo ꝛ os outros como naquele dia se acabaua ho prazo que lhe dom Luys punha q̃ fossem em Maçua: ficarão muyto tristes/ por verem que auião ainda de ficar hũ anno naquela terra: ꝛ muyto mais tristes, polo falecimento del Rey dom Manuel. E acordarão em conselho de ho dizerem ao Preste: ꝛ logo começarão de rapar as cabeças hũs aos outros que na quela terra se faz por dó/ ꝛ vestirem panos pretos: ꝛ estando os Portugueses neste officio leuaranlhes ho jantar, ꝛ os q̃ ho leuauão vendo ho que fazião deixarão ho comer sem falarem, ꝛ forão dizelo ao Preste: que logo mandou preguntar per dous frades a dom Rodrigo que lhes acõteçera. E ele não pode responder com choro: ꝛ Francisco aluarez lho disse pelo costume da terra dizendo. Cairam os estrelas ꝛ a lũa, ꝛ ho sol escureçeo ꝛ perdeo sua claridade, ꝛ não temos quem nos cu-

bra nem quem nos empare / nem pay nem may que por nos seja, se não Deos que he pay de todos. El rey dom Manuel nosso senhor he falecido da vida deste mundo, ⁊ nos ficamos orfãos ⁊ desemparados, ⁊ a esta derradeira palaura q̃ quasi não pode dizer com choro/ aleuantarão todos hũ dorido prãto: ⁊ os frades se forão tambem chorando a dizelo ao Preste / que ficou muyto triste com aquela noua. E em sinal de tristeza mandou apregoar / que por tres dias nam se abrissem as tendas onde se vendia pão/ vinho, ⁊ carne/ ⁊ outras mercadorias, ⁊ assi se fez. E passados os tres dias mãdou chamar dom Rodrigo ⁊ os outros Portugueses / ⁊ todos entrarão onde ho Preste estaua. E ele preguntou a dom Rodrigo quem herdara hos Reynos del Rey de Portugal seu padre, ⁊ ele disse que ho Principe dom Johão seu filho, ⁊ respõdeo ho Preste q̃ não ouuessẽ medo q̃ ẽ terra de cristãos estauã/ q̃ bõ fora ho pay/ ⁊ bõ seria ho filho, ⁊ q̃ ele lhe screueria: ⁊ dõ Rodrigo lhe pedio q̃ ho despachasse/ porque ho esperaua no mar ho capitão mór da armada dos Portugueses, ⁊ que assi ho escreuia a sua alteza: ⁊ ele disse que logo entenderia em seu despacho, que lhe tornassem as cartas de dõ Luys na sua lingoa: ⁊ dom Rodrigo ho fez assi. E como sabia ho vagar q̃ ho Preste tinha nos despachos, despedio logo hũ Portugues de sua cõpanhia/ chamado Ayres diaz, cõ hũ Abexim cõ cartas a dom Rodrigo: dandolhe a rezão porq̃ nã fora em Maçua ao prazo q̃ lhe possera: pedindolhe q̃ pera ho ãno tornasse por ele. E nisto partiose ho Preste pera outra parte/ ⁊ tãto que foy apousentado dom Rodrigo lhe pedio licença pera se ir, ⁊ ho Preste lhe disse que não ouuesse medo, que ja tinha mãdado recado a dõ Luys que esperasse: ⁊ por importunação de dom Rodrigo, mandou Johão gonçaluez ho feytor com cartas suas ⁊ de dõ Rodrigo pera dom Luys/ ⁊ deulhe hũa boa mula ⁊ vestidos ricos ⁊ dez onças douro / ⁊ mandou cõ ele dous criados seus: ⁊ dali a hũ mes ⁊ meo despachou dõ Rodrigo, ⁊ deu ricamẽte de vestir a ele ⁊ aos outros, ⁊ a q̃tro de cadeas douro cõ cruzes ⁊ a cada hũ sua mula, ⁊ pera todos oytẽta õças douro ⁊ cem panos de seda: ⁊ dãdolhes a sua bençam os despedio.

¶ Capit. xxxij. De como foram mortos quatro Portugueses ẽ Arquico. E de como dõ Luys de meneses se partio de Maçua.

Ficando dom Luys de Meneses no porto de Maçua ẽ quanto forão chamar dom Rodrigo á corte do Preste/ hião os Portugueses muytas vezes a terra ⁊ tratauão cõ os Abexis, ãtre os q̃eis morauão obra de quarenta Rumes: q̃ como q̃rião mal aos Portugueses não podiã sofrer velos antresi / ⁊ não ousauão de lhes fazer mal porque erão muytos, porem dauãlhe dissimu-

ladamente grandes encontros / & faziãlhe muytos desprezos: ho q̃ eles entendendo ajuntaranse hũs doze / & sem ho dom Luys saber se forão a terra armados de chuças, & rodelas / & desafiarão os Rumes to dos juntos: que não ousando de sa ir ao desafio, lhe disserão mansamẽ te que não querião nada coeles: do que ficarão muy injuriados / & des acreditados com a gente da terra que vio ho desafio. E logo ao outro dia que isto foy, forão sete soldados a Arquico em hũ paraó: que não sa bendo ho que era passado antre os outros & os Rumes / não leuaram mais q̃ suas espadas. E vendoos os Rumes daquela maneyra, virão que tinhão tempo pera se vingar: & ajuntando algũs mouros derão so bre os sete, de q̃ matarão quatro, & isto com grãde estrõdo & arroido: & q̃ cõ quãto os Portugueses erão Cristãos / nũca Xumagali soltão, q̃ era a justiça da terra quis lá acodir: sabendo q̃ os Rumes & mouros ma tauão os Portugueses: nem me nos Arraiz jacob regedor das ter ras de Barnagaeis. E somente hũ fidalgo Abexim que auia nome Ga brizesus acodio ao arroido mas nã fez nada / nem trabalhou por valer aos Portugueses: & depois d̃ mor tos estes quatro fugirão os tres, & acolhidos ao paraó forão dar a no ua a dõ Luys. E os rumes & mou ros temendo que fosse dom Luys tomar vingãça da morte dos Por tugueses acolherãse ao senhorio de hũ Abexim chamado Darfela, que com quãto soube ho mal que deixa não feyto os não prendeo. E sabẽ do dom Luys a morte dos Portu gueses / mandouse aqueixar ao Xu magali / dizendo que se ho lugar nã fora do Preste que el Rey de Por tugal tinha por irmão q̃ ele ho des truyra pela morte dos Portugue ses / & por isso ho deixaua de fazer & lhe fazia. E Xumagali lho mandou agardecer, desculpãdo se lhe de não castigar os rumes & turcos porque os não podera prender. Isto passa do vendo dõ Luys que não hia dõ Rodrigo ao prazo que lhe posera, & q̃ se lhe gastaua a mouçaõ pera say r do estreito: partiose deixando escri tas cartas a dom Rodrigo, em que dizia a rezão porque não esperara por ele, & auisando ho que não se fos se de junto do mar, que pera ho ãno tornaria por ele: & q̃ se queixasse ao Preste da morte dos portugueses.

Capit. xxxiij. De como dom Ro drigo se tornou á corte do Pres te & se tornou a partir.

Partido dõ Rodrigo da corte do Preste pera ho porto de Maçuá não an dou muyto q̃ não achou Ayres diaz & ho feytor João gon çaluez com as cartas de dõ Luys de meneses. E quando dom Rodri go soube q̃ era partido não deixou de proseguir seu caminho / & mais polo que lhe dõ Luys dizia q̃ não se apartasse de junto do mar q̃ pera ho ãno tornaria por ele. E chegado a Arquico achou hi muytos far dos de pimenta & de roupa que lhe dom Luys deixara pera seu gasto &

dos de sua companhia, & porque tinhão que gastar porlhes ho Preste mãdar dar todo ho necessario ate q̃ se fossem: acordou cõ parecer de todos que mandasse ao Preste a meta de da pimenta & da roupa, & quelha leuasse ho feytor / & fosse coele Francisco aluarez pera ler a carta d' dom Luys ao Preste / em que se lhe mãdaua queixar da morte dos Portugueses, & pa ambos requererem ao Preste que fizesse justiça. E isto assi assentado parecendo a dom Rodrigo que ho Preste faria muytas merces a quem leuasse a pimenta, determinou de lha leuar ele mesmo & leuarlha toda pera ho obrigar a fazerlhe móres merces. E quando Franciscoaluarez soube como queria ir & leuar toda a pimenta, estranhoulhe não deixar algũa aos que ficauão / mas ele não quis deixarlha: & partiose ho primeyro dia de Setembro, & na fim de Nouembro chegou á corte do Preste que estaua em hũ seu reyno chamado Fatigar. E apousentado dom Rodrigo foy falar ao Preste / & lhe deu ho presente que lhe leuaua dizẽdo que não hia a mais q̃ a leuarlho / & deulhe a carta de dõ Luys de meneses que lhe escriuia acerca dos Portugueses que lhe matarão em Arquico escripta em lingoa Abexim que ho Preste leo. E despois disse q̃ lhe pesaua muyto de dom Luys não vingar logo aq̃les Portugueses / & matara quãtos mouros auia em Arquico: & que ele mandaria fazer justiça, & assi o fez. E da hi a algũs dias despachou dom Rodrigo, & a ele & a Francisco aluarez deu trinta oquias douro & cẽ panos, & mãdoulhes dar de vestir: & disselhes q̃ fossem de vagar porque auia de despachar hũ embaixador que queria mãdar a el Rey de Portugal / pera q̃ soubesse quãto desejaua: & que auia dir coele ate Maçuá ho justiça mór de sua corte pera fazer justiça sobre a morte dos Portugueses, & perãte dõ Rodrigo disse ao justiça mór que prendesse todos os rumes, turcos & mouros, & Christãos q̃ achasse que estauão em Arquico no tẽpo que hi matarão os Portugueses, & os q̃ achasse culpados em sua morte ou em não prenderẽ aqueles que os matarão / que os entregasse a qual quer capitão mór da armada dos Portugueses, pera q̃ fizesse deles justiça como lhe bẽ parecesse. E coeste despacho se partio dõ Rodrigo / & no caminho ho alcançarão ho justiça mór, & despois ho embaixador que mandaua a Portugal que auia nome Zagazabo que fora ja lá, & sabia bem a lingoa Portuguesa. E indo todos por seu caminho chegarã a Barua q̃ era perto do mar, & por não acharẽ nenhũa noua da armada dos Portugueses se deixarão estar ate ser passada a mouçã de poder vir. E neste tempo foy ho justiça mór a Arquico, & prendeo Xumagali soltão / & Gabri jesus & Arraiz jacob & Dafela polas cousas q̃ disse atras, & leuou os presos á corte, õde disse ao Preste como aquele anno nã fora a armada dos Portugueses ao estreito / & que os embaixadores ficauão no lugar de Barua: & ele lhes mandou logo recado que se fossem ao lugar de Aquaxumo que era

melhor lugar que ho de Barua, & hi mandou dar aos Portugueses quinhentas carregas de trigo/cem vacas, cem carneiros, cem panelas de mel outras tantas de manteiga: & ao seu embaixador mandou dar vinte carregas de trigo & outras tã tas vacas & carneyros/& outras tã tas panelas de mel & de manteiga. E assi esteuerão ali esperando ate q̃ foy a armada da India.

¶ Cap. xxxiiij. De como dõ Luys de meneses saqueou Dofar, & chegou a Ormuz.

Partido dõ Luys de Maçuá foy sobre Dofar hũ lugar no estreito grande & de grande trato pouoado de muyta gente todos mouros, que vendo a armada de dom Luys fizerão mostra de se quererẽ defender/mas como virão desembarcar os Portugueses fugirão/& ho lugar foy saq̃ado & queymado. E deste lugar seguio dom Luys sua rota pera Ormuz, onde chegou: & quãdo soube que Raix xarafo era perdoado & feyto goazil, & Raix xamixir fugido, estranhou ho muyto ao gouernador mostrãdo grande menẽcoria, & não podia ver Raix xarafo, & polo não ver se partio logo em Agosto sem querer ir cõ ho gouernador. E chegãdo á ponta de Diu achou ho tempo ainda tão verde que lhe foy forçado arribar a Ormuz & hi esperou/& partiose pera a India com ho gouernador.

¶ Capit. xxxv. De como Antonio faleyro se leuãtou com dissimulação de ir fazer presas ao cabo de Goardafum.

Como quer q̃ neste tẽpo as licenças pera tratar, & fazer presas se dauã na India liberalmẽte, auia muyto poucos q̃ as não pedissem/ & por isso antes q̃ dom Luys de meneses partisse pera ho estreito desta vez q̃ digo hũ Antonio faleyro que andaua na India: com ser as vezes Chatim & outras lascarim, pedio licença a Francisco pereyra pestana capitão de Goa pera ir fazer presas ao cabo de Goardafum/dizẽdo q̃ ãdauão por ali muytos mouros ao longo da terra em terradas peq̃nas em q̃ passauão muyto dinheiro dũs lugares pera os outros: & isto parecẽdolhe que andauão seguros dos Portugueses de q̃ nã serião vistos por andarẽ assi ao lõgo da costa. E pera Francisco pereyra lhe dar a licença de melhor võtade, lhe prometeo parte da presa/ou lhe deu logo cousa certa: & por isso lha deu/& mais lhe mandou dar do almazem de Goa quatro berços & hũ falcão de metal que assi foy no partido. E a tẽção Dantonio faleyro, segũdo depois pareceo queria coesta cor de licẽça pera fazer estas presas ẽcobrir a maldade q̃ auia dusar ẽ se fazer cossayro de toda roupa. E a fora ter pera isso grande abelidade & ousadia, sabia muyto bẽ a lingoa Arabica & Persiana & outras. E auida a licẽça de Frãcisco pereyra & os berços & falcão, artilhou hũa fusta de cayro que tinha & hũ parao pequeno: & conuocou pera irem coele ate vinte

Portugueses / hũs omeziados ⁊
outros pobres/ a que prometeo de
lhes fazer as barbas douro,contã-
dolhe ho modo de que auia de fazer
as presas. E tẽdo certos estes solda
dos/ cõcertouse cõ certos Chatis
Portugueses casados ẽ Goa q̃ ti-
nhão hũa terrada Dormuz ⁊ hũ bu
quer de Cananor q̃ auião de leuar
carregados de fazẽda pera tratarẽ
ẽ Calayate ⁊ Mazcate dõde auião
de trazer caualos ẽ retorno: ⁊ ẽ quã
to se ho buquer ⁊ a terrada acabauã
de carregar mãdou diãte a hũ Frã-
cisco faleyro de Setuuel q̃ se fosse na
fusta ⁊ na terrada cõ os outros Las
carins esperalo a Chaul, ⁊ assi o fez:
⁊ ẽtrãdo no rio de Chaul cõ a fusta
pera fazer agoada / mãdoulhe Si-
mão dãdrade capitão da fortaleza
tomar ho leme ⁊ a vela/ q̃ Frãcisco
faleyro teue maneyra pera a auer ⁊
sayose logo. E despois de vido An-
tonio faleyro cõ a terrada ⁊ buquer
forã fazer agoada á ilha das vacas:
⁊ estãdo hi forã ter coeles hũs dous
mercadores Persianos ẽ hũa cotia
q̃ ião de Diu pa Persia/ ⁊ leuauão
roupa fina d̃ Cãbaya q̃ valeria seys
mil pardaos / q̃ Antonio faleyro
lhes roubou cõ quãto leuauão segu
ro. E despois de os meter a tormẽ-
to pera cõfessarẽ se tinhão mais,os
catiuou ⁊ aos seruidores q̃ erã muy
tos mãdou meter a bãco na fusta ⁊
no paraó pera remarẽ. E despejada
a cotia ⁊ metida no fũdo / partiose
pera a outra costa cõ as velas de sua
cõserua indo ele na terrada, ⁊ como
ainda lá era inuerno era lhes ho vẽ
to quasi por dauãte/ ⁊ achauão ho
mar muy grosso em tãto q̃ com os
grandes mares lhe saltou fora ho le
me da terrada, ⁊ andarão tres dias
sem ho poderẽ meter/ ⁊ nisto passa-
rão muyto grande perigo de se per-
derẽ cõ se verẽ mil vezes alagados.
E tornado ho leme a meter passarã
auante ⁊ forão aferrar terra na cos-
ta Darabia obra de treze legoas de
Calayate, ⁊ juntamente cõ a terra-
da/ a fusta ⁊ ho paraó/ ⁊ ho buquer
descayo ⁊ foy ter perto de Dofar ⁊
hi se perdeo cõ quãto leuaua / saluo
noue homẽs todos Chatis sobre q̃
logo acodirão muytos mouros pe
ra os matarẽ sabendo q̃ erão Chris
tãos/ mas eles se defẽderão tambẽ
com as espingardas que leuauão q̃
se saluarão ⁊ forão ter a Dofar cujo
Xeque por ser amigo dos Portu-
gueses lhes fez muyto gasalhado ⁊
lhes deu com q̃ se cobrissem ⁊ pousa
das, ⁊ lhes disse q̃ ficassẽ coele ate q̃
ali fosse ter algũ nauio d̃ Portugue
ses em q̃ se fossem/ ⁊ assi ho fizerão.

¶ Capit.xxxvi. De como Antonio faleyro foy ter a Calayate ⁊ despois a Dofar: ⁊ do que fez.

Conhecido por Antonio
faleyro ondestaua tirou
pera Calayate, onde foy
surgir ⁊ hi vendeo a fazẽ
da q̃ roubara aos mouros na ilha
das vacas/ ⁊ eles se lhe resgatarão
por dinheiro q̃ lhes foy emprestado
por outros q̃ conhecião. E como ele
determinasse de executar ho mal q̃
hia fazer/ disse aos Lascaris q̃ ião
coele, q̃ ho Xeq̃ de Calayate lhe de-
uia certa soma de dinheiro q̃ lhe nã
quisera pagar, ãtes sobrisso lhe fize
ra algũa offensa por isso q̃ se auia de
vingar dele: ⁊ isto sendo ho Xeq̃ grã

de amigo dos Portugueses e vassalo del rey Dormuz / vassalo del rey d Portugal, e se se queixara a el rey Dormuz ou ao capitão da fortaleza eles lhe fizerão justiça: porẽ segũdo outras maldades q̃ este Antonio faleyro despois cometeo, mais he de crer q̃ ele queria roubar aq̃le xeque por saber que tinha dinheiro que por lho dever. E dada cõta aos seus Lascaris do q̃ determinaua / infiou a fusta e ho paraó diante da porta das casas do xeque que estauão na praya perto do mar, e dali lhe tirou tãta bombardada, q̃ ho xeque por não se ver destruido lhe mãdou quinhẽtos xerafins com q̃ se contẽtou e ho deixou: e tendo perto de seys mil xerafins cõ os da roupa q̃ roubara aos mouros e coestes recolheos sem partir cõ os Lascaris: do q̃ eles começarão de murmurar ãtre si / e algũs q̃ estauão desembaraçados domizios nã quiserão ir mais coele / e se forão na terrada q̃ foy a outro porto carregar de caualos, e antrestes q̃ se forão foy hũ Manuel sardinha Deuora / e os outros ficarão, assi por serẽ omiziados como por esperarẽ q̃ aida aueriã algũa cousa. E ficãdo coestes q̃ digo, se foy caminho de Dofar / porq̃ ali esperaua dencher as mãos segundo ho dizia aos Lascarins, e ia por capitão da fusta e Francisco faleyro no paraó. E estãdo surto perto d Dofar pera tomar a Goa / foy ter coele d madrugada hũa nao d mouros do estreito q̃ ia carregada da India: e sintindo os mouros q̃ ali estauã Portugueses fizerã volta ao mar. E Antonio faleyro os seguio na fusta e no paraó, e os alcãçou logo por lhes faltar ho vẽto: e os mouros não quiserã pelejar nẽ lãçarse ao mar parecẽdolhe q̃ se resgatarião ẽ Dofar / e por isso Antonio faleyro os tomou todos / e erão muytos e deles casados q̃ leuauão suas molheres e filhos: e daqui se foy ao porto de Dofar / e surto mãdou dizer ao xeque q̃ se lhe q̃ria cõprar aq̃la nao assi como ia, e mais q̃ quãto lhe q̃ria dar por nã queymar q̃tro grãdes naos d mercadores mouros q̃ estauão no porto meas descarregadas. E sabido este recado polos noue Portugueses q̃ disse q̃ estauão cõ o xeque forãse logo a Antonio faleyro / e cõtarãlhe a piedade de q̃ ho xeq̃ vsara coeles ẽ seu infortunio rogãdolhe q̃ não fizesse nenhũ mal ẽ seu porto ao menos ate os não recolher, do q̃ ele foy cõtẽte. E cuydãdo ho xeq̃ que Antonio faleyro lhe agradecia ho bẽ que fizera aos noue, e auẽdo q̃ estaua seguro deulhes licẽça q̃ se fossẽ. O q̃ lhe eles agradecerão bẽ mal, q̃ recolhidos com Antonio faleyro lhe acrecẽtarão ho desejo q̃ tinha de roubar as q̃tro naos q̃ estauão no porto, e tornou a mãdar cometer ao xeq̃ se lhas q̃ria cõprar. Do q̃ se ele espãtou muyto, e respõdeo q̃ não esperaua aq̃le galardão do bẽ q̃ fizera aos Portugueses / pedindolhe que nã fizesse mal aos q̃ estauão no seu porto. E isto respõdeo ho xeq̃ pera q̃ ẽtretãto q̃ andauão estes recados se fizesse forte cõ hũa tranqueyra q̃ mãdou fazer: q̃ bẽ vio a roidade Dãtonio faleyro / e q̃ lhe nã auia de godar amizade. E feyta a tranqueyra durando ainda os recados não esperou que Antonio faleiro comeςasse primeiro a peleja, e ele a come

cou mandandolhe tirar cõ algũas bõbardadas, ꝛ por isso Antonio faleiro não pode roubar as naos como quisera/ ꝛ poslhe ho fogo: ꝛ como as bõbardadas erã muyto bastas/ ꝛ ele não podia fazer nada cõ as suas, afastouse pera ho mar porque ho não matassem.

¶ Ca.xxxvij. do q̃ acõteceo aos sete portugueses q̃ ião na nao q̃ Antonio faleiro mãdaua pa Calaiate.

VEndo Antonio faleiro que não tinha ali mais q̃ fazer/ determinou de se hir pera outra parte, ꝛ porq̃ a nao dos mouros ho não pejasse, mandoua pera Calaiate a vẽderse hi a fazenda, ꝛ mãdou por capitão dela hũ Afõso d soure, ꝛ deulhe seis Portugueses pera sua cõpanhia, ꝛ algũs dos remeiros Canaris, porq̃ não se fiaua dos mouros: ꝛ praticãdo õde fariã agoada por a nao não ter agoa, disse ho seu mesmo piloto, q̃ d caminho a tomarião ẽ hũa agoada q̃ ele sabia q̃ estaua perto, ꝛ coisto se partio a nao indo perto de terra: ꝛ como naquela costa Darabia as serras sã muyto altas, ꝛ ho mar fica coelas abrigado do vento, ꝛ fazia calmaria, singraua a nao muyto menos do q̃ sofria a pouca agoa q̃ leuaua, ꝛ pera q̃ abastasse ate chegarẽ a agoada/ não bebia a gente mais q̃ a hũa por dia cada pessoa/ ꝛ como as calmas erão grãdes morriã muytos mouros de sede, ꝛ cada dia os deitauão mortos ao mar: ꝛ coeste trabalho forã ate q̃ hũ dia disse ho piloto da nao q̃ ja estauão d frõte da agoada q̃ mãdassẽ tomar agoa: ꝛ estariã q̃ quatro legoas d terra segũdo seu parecer/ q̃ cõ a calmaria nã podia a nao mais chegar. E como a ida a terra era perigosa/ por ela ser d mouros ꝛ imigos dos portugueses, não ouue nhũ dos q̃ ião na nao q̃ q̃sesse ir fora se não se lhe caisse por sorte: ꝛ deitadas sortes sairão q̃ fossẽ fazer a agoada: hũ Afõso da veiga, ꝛ hũ Johão firgueiro chatĩ, ꝛ outro, ꝛ saidos estes deulhes Lourenço de soure algũas teadas ꝛ outros panos baixos, cõ q̃ afagassẽ a gẽte da terra se fosse necessario: ꝛ cõ suas espingardas se ẽbarcarão no paraó da nao, de q̃ partirão as oyto oras do dia. E como cõ a calmaria q̃ fazia as agoas corressẽ muyto: não poderã os q̃ remauão ho paraó remar cõ tãta força q̃ não descaissẽ muyto/ ꝛ tãto q̃ chegarão a terra duas oras ãtes de sol posto, ꝛ oulhãdo pera a nao acharão q̃ ficara muyto acima dõde forão ter: ꝛ chegados a terra mãdarão os marinheiros auer se achauão agoa, q̃ saidos ẽ terra forã salteados dalgũs mouros q̃ os esperauão ẽ cilada, porq̃ os virã das serras quãdo ião: ꝛ dando sobreles pa os matar ferirão algũs/ ꝛ logo se acolherã todos ao paraó: ꝛ recolhidos os remeiros forão mais pa baixo õde não acharã nhũa cõtradição, ꝛ fizerã agoada ẽ hũas fõtes solobras q̃ estauão ãtre certas palmeiras ao lõgo do mar, ꝛ sol posto se partirã caminho da nao, indo todos bem cansados do trabalho/ de remar ꝛ de fazerem agoada, ꝛ de quasi não comerem aquele dia, ꝛ assi da grande calma que fazia. E tudo isto foy causa de os remeiros

enfraqcerẽ tãto q̃ de todo não pode
rão remar por mais pãcadas q̃ lhes
os Portugueses dauão ⁊ por mais
ameaços da morte q̃ lhe fazião/pe-
lo q̃ cõueo aos Portugueses rema
rẽ:⁊ parecẽdolhes q̃ serião pto da
nao porq̃ a não vião cõ ho grãde es-
curo q̃ fazia começarão de bradar
pera q̃ ouuindoos na nao lhes fizes
sem algũ fogo a q̃ atinassem, mas co
mo a nao estaua muyto mais longe
do q̃ cuydauão pelo muyto que ti-
nhão descaydo nũca os ouuirão:o
q̃ lhes quebrou muyto os spiritos
que erão os q̃ ajudauão a remar q̃
as forças ho muyto remar lhas ti-
nha quasi gastadas/ ⁊ as mãos esfo
ladas de q̃ lhes corria sangue/ ⁊ co-
mo desesperação de não chegarem
tão cedo á nao os debilitasse muito
começarão de dormir descansados
⁊ tristes:porẽ ho cuydado os acor-
daua,⁊ ás vezes remãdo, ⁊ as ve-
zes dormido amanheceo sẽ chegarẽ
á nao nẽ a verẽ:nem quasi q̃ podião
ver a terra, dõde partirão ao dia dã
tes/ pelo q̃ conhecerão que tinhão
muyto descaido:cõ o q̃ desacoroçoa
rão tãto q̃ nẽ os Portugueses nem
os Canaris podião remar. E vẽdo
q̃ a nao não parecia/acordarão q̃ se
tornassẽ a terra pa verẽ se a podião
ver das serras ⁊ marçandose coela
se tornarião:⁊ como ãdauão cansa-
dos ⁊ fracos de não comerẽ não po
derão chegar a terra se nã q̃si sol po
sto,⁊ deitarão fateixa afastados de
la/porq̃ se algũs mouros esteuessẽ
em cilada não dessẽ sobreles ⁊ os po
sessem ẽ perigo,⁊ dali foy Afõso da
ueiga a terra a nado leuãdo hũa lã-
ça diante de si,⁊ não achãdo nenhũ
impedimẽto se sobio na serra/ ⁊ ou-
lhando pera hũas partes ⁊ outras
quanto podia alcançar cõ a vista nũ
ca pode ver a nao. E coesta triste no
ua se tornou ao paraó/cõ que João
sirgueiro q̃si ficou morto:ho outro
Portugues foy tambẽ a terra em
se poẽdo ho sol,⁊ sobido na serra ho
mais q̃ pode tão pouco vio a nao. E
estãdo assi oulhãdo vio passar a fro-
ta em q̃ dõ Luys de meneses ia pera
Xael como disse atras/pelo q̃ conhe
ceo q̃ se a nao esteuera õde a deixarão
q̃ a ẽxergara como ẽxergou os galeõ
es/⁊ ela estaua aïda lá/mas tinhão
tanto descaido cõ ho paraó q̃ era ta
manha distancia dõde estauão á nao
q̃ a não podião enxergar. E vendo
Lourenço de soure q̃ ho paraó não
tornaua pareceolhe q̃ fora tomado
de mouros:⁊ desesperãdo de tornar
partiose ao outro dia pola manhaã
auẽdo dous q̃ esperaua por ele. E in
do caminho de Calayate saltarão
coele Noutaqs q̃ sam hũs cossairos
mouros q̃ andão por ali,⁊ matãdo
os Portugueses tomarão a nao.

¶ Capit.xxxviij. De como foy ter hũ mouro cõ os tres Portugueses q̃ estauão no parao,⁊ do remedio que lhes deu nosso senhor pera escaparem da morte.

VEndo aquele que fora a
terra q̃ era por õ mais ou
lhar pola nao tornouse
ao parao,⁊ disse aos cõ-
panheiros ho pouco recado q̃ tra-
zia:do q̃ todos ficarão tão tristes
como requeria tamanho desastre,
porque estauão em perigo de morte
por não terẽ que comer nem em que

nauegar ꝛ pera sayrem em terra era pouoada de mouros imigos dos Portugueses, principalmēte polo dāno q̄ Antonio faleyro fizera ꝛ fazia por aq̄la costa. E sintindo os remeyros ho mao remedio q̄ auia fugirão todos aquela noyte, ꝛ quando amanheceo estauão os tres companheiros tão fracos dauer dous dias que nā comião quasi nada que estauā pera espirar/ ꝛ coesta necessidade lançarão enzolos ao mar com que pescarão algū peixe q̄ comerão cozido em hū caldeirão em q̄ ho cozerão ē terra. E vendose como digo sem nenhū remedio/ acordarão que esperassem ate ho dia seguinte pera ver se vião a nao que por ventura se mudaria dōde a deixarão, ꝛ quādo não, que então se auenturassem a irē no paraó ao lōgo de terra ate Mazcate/ ꝛ comerião trigo cozido dūs quatro alqueyres q̄ acertarão d̄ ter em hū fardo que deitarão no paraó pera lastro: ꝛ assi comerião algū pescado q̄ tomassē. E assentados nisto vigiarā ho paraó, ꝛ d̄ q̄ndo ē q̄ndo hião a terra a ver se parecia a nao: ꝛ este mesmo dia despois de horas de vespera estando oulhando pera terra virão supitamēte sayr detras dū penedo hū mouro mācebo da te dez oyto annos cō hūa fota na cabeça/ ꝛ hū pano encachado ꝛ nas mãos hūa mea lāça. E cuydando Afonso daueiga q̄ era cilada desparou hūa espingarda q̄ tinha ceuada / ꝛ se ho mouro não se baq̄ara matara ho/ ꝛ em ho pelouro passando leuantase ꝛ dādo cōsigo no mar nadou cō muyto grāde pressa ate chegar ao paraó bradando como que dizia que lhe não fizessem mal: ꝛ em chegādo ao paraó foy metido dentro, ꝛ despois que tornou a cobrar ho folego q̄ tinha q̄si perdido cō medo da espingardada, começou de falar ꝛ vēdo q̄ ho não entēdião ajudauase tambē dacenos. E quis nosso señor dar graça aos cōpanheiros q̄ entēdessēo q̄ dizia, q̄ era q̄ ele andādo en cima da serra onde goardaua gado os vira sayr da nao ꝛ chegar a terra ꝛ tornar pera a nao ꝛ despois pera terra, ꝛ q̄ a nao se partira aq̄la manhaā, ꝛ por auer dó deles lho vinha dizer pera q̄ não esperassē por ela/ ꝛ q̄ se deuião dir a hūa pouoação de mouros chamada Mete q̄ estaua dali perto/ cujo Xeque era amigo dos Portugueses ꝛ os agasalharia, ꝛ q̄ se quisessē q̄ lhes fizesse algūa cousa q̄ ho faria de boa vōtade. E entēdēdo os cōpanheiros o que ho mouro dizia alegrarāse crēdo q̄ nosso señor era o q̄ lho mādaua pera se saluarē ꝛ derālhe por isso muytas graças/ ꝛ rogarālhe q̄ lhes fosse buscar algū mantimēto pera o q̄ lhe derão q̄tro tāgas/ prometēdolhe se lho leuasse de lhe darē teadas ꝛ espadas q̄ lhe mostrarão, ꝛ ele prometeo de tornar ao outro dia as mesmas horas, ꝛ assi tornou cō hū fardo dapas q̄ sam hūs bolos de farinha de trigo q̄ os mouros comē, ꝛ hū cabaço cheo de mel brāco ꝛ cinco galinhas/ ꝛ disselhes da parte do Xeq̄ de Mete q̄ se fossē pare le, porq̄ folgaria muyto d̄ os agasalhar ꝛ q̄ os teria ate auerē algū remedio pa se tornarē á India ou irē pera Ormuz. E dādo eles ao mouro q̄nto lhe prometerão, lhe rogarão q̄ fosse dizer ao Xeq̄ que lhe

rogauão muyto q̃ mãdasse por eles
porq̃ por não saberẽ a terra não po-
derião aceitar a pouoação / ꝛ tãbẽ
estauão tão fracos q̃ não se atreuião
a remar: ꝛ que se mandasse por eles
lhe darião aq̃le paraó ꝛ quanto ti-
nhão nele. E bo mouro lhes prom e-
teo q̃ aquela noyte mãdaria bo xeq̃
por eles: ꝛ assi mãdou que duas ou
tres horas ãte manhaã chegarão a
eles q̃tro Cafres ẽ hũa almadia ca-
tiuos do xeq̃ que hião por eles, ꝛ cã
tãdo ao seu modo em sinal dalegria
os tomarão de toa ꝛ se forã, ꝛ de ma
drugada chegarão defrõte da agoa
da q̃ bo piloto mouro dizia / q̃ era
hũa leuada dagoa q̃ saya da serra ꝛ
caya na praya. E tomãdo ali os Ca
fres agoa tornarão a seu caminho /
ꝛ ẽ amanhecẽdo chegarão a Mete /
ꝛ quãdo foy ao desẽbarcar João fir
gueiro não queria sair ẽ terra, dizẽ-
do q̃ lhe parecia q̃ bo xeq̃ lhes auia
de fazer treição. E por nisto auer al
gũa detẽça, ꝛ bo xeq̃ ser bõ homẽ ꝛ
discreto pareceolhe o q̃ era / ꝛ por is
so se foy ẽ hũa almadia ao paraó le-
uãdo hũas cõtas na mão per q̃ reza
ua ao seu costume. E chegãdo ao pa
raó / disselhe ẽ lingoa Portuguesa
q̃ viessem ẽ bora, ꝛ q̃ folgaua muyto
cõ sua vinda: q̃ fizessẽ cõta q̃ estauão
ãtre Portugueses, ꝛ fazẽdo os de-
sembarcar os leuou pera as suas ca
sas que erão muyto boas ꝛ sobra-
dadas ꝛ os apousentou em hũa em
que esteuessem apartados / ꝛ ali fo-
rão muyto bem agasalhados / ꝛ as-
si ficarão naquela pouoação.

¶ Capit. xxxix. De como Antonio faleyro se tornou pera a India / ꝛ do que sucedeo aos tres companheiros que estauão com bo xeque de Mete.

Antonio faleyro despois
que mandou a nao pera
Calayate foy se por aq̃la
costa em que fez algũas
presas de dinheiro q̃ iũto cõ o q̃ ia ti
nha determinou de se tornar á In-
dia, porq̃ por os males q̃ tinha fey-
to por aq̃la costa não ousou dinuer-
nar ẽ nenhũ lugar dela, nẽ menos ẽ
Ormuz por amor do gouernador q̃
fora sem sua licẽça, ꝛ porq̃ ele nã que
ria tornar a Goa por não dar parte
das presas a Frãcisco pereyra q̃ sa-
bia q̃ lhas auia de tomar se lhas nã
desse, foyse dereyto á ilha de Dãda
q̃ está antre Chaul ꝛ Dabul, ꝛ ali in
uernou / ꝛ despois ouue perdão do
gouernador: ꝛ assi ficou sẽ castigo d̃
tamanha maldade ꝛ treição como a
q̃la foy / porq̃ sendo muytos luga-
res da costa Darabia amigos dos
Portugueses os escãdalizou de tal
modo cõ os dãnos ꝛ males q̃ hi fez
q̃ ficarão mortais imigos dos Por
tugueses / ꝛ desejauão de se vingar
deles: pelo q̃ hũs xeques vezinhos
do xeq̃ de Mete sabẽdo q̃ tinha em
sua casa os tres Portugueses q̃ fo-
rão da companhia Dantonio faley
ro, lhe mandarão estranhar muy-
to agasalhalos / requerendolhe que
lhos desse senão que irião sobrele ꝛ
ho destruyrião. E temendo ele que
ho fizessem assi por serem muyto po
derosos ꝛ ele pouco / contou o que
passaua aos tres companheiros /
mostrandose muyto triste de os
não poder ter rogandolhes que nã

ouuessẽ por mal ď os mãdar pera ca
sa doutro xeq̃ seu parẽte, q̃ moraua
dali certas legoas/ ꝛ q̃ este os mãda
ria a Caixẽ/ cujo rey era grãde ami-
go dos Portugueses, ꝛ dali aueriã
seu remedio. E mãdou coeles hũ seu
primo ẽ outro paraó bẽ esquipado,
ꝛ assi hia ho seu. E ido por seu cami-
nho ao lõgo de terra lhe sayrão tri-
ta almadias carregadas de mou-
ros armados pera os tomarẽ/ de q̃
se liurarão cõ darẽ ás velas dos pa
raós: ꝛ como ho vẽto era fresco dei-
xarã as almadias atadas. E despo-
is disto foy ter coeles hũ nauio de
Portugueses que era da conserua
de dõ Luys de meneses, ꝛ hia por ca
pitão dele hũ Cosme pinto criado
do mesmo dõ Luys: a quẽ os tres
cõpanheiros cõtarão o q̃ lhes acõ-
tecera/ ꝛ a obrigação em q̃ erão ao
xeque, pedindolhe q̃ os leuasse no
nauio: do que ele foy cõtẽte, ꝛ por is
so deixarão ho caminho que leuauã
ꝛ se espedirão do primo do xeque a
quẽ mandarão por ele ho seu paraó,
ꝛ hũa arroba despeciaria q̃ pedirão
pera isso: ꝛ assi algũas peças que po
derão auer, mandandolhe muytos
agradecimẽtos pelo bẽ que lhes fi-
zera, ꝛ pedindolhe perdão de ho nã
poderẽ melhor seruir, ꝛ ho nauio se
foy a Caixẽ/ ẽ cujo porto estãdo sur
to sobreueo tamanha tormẽta de vẽ
to ꝛ chuua q̃ quãtas naos estauão
no porto se perderão feytas ẽ peda-
ços em terra: ꝛ assi outras que auia
pouco que partirão que arribarão,
ꝛ assi quãtas se acolherão ali que se
acolhião de fora/ ꝛ os mares erão
tã grossos ꝛ altos q̃ quãdo as õdas
q̃brauão ẽ terra ẽtrauão por ela dẽ
tro grãdespaço: ꝛ cayrão no lugar
mil ꝛ quinhẽtas casas jũtamente q̃
se amassarão todas. E foy a destruy
ção tão espantosa ꝛ medonha que
não auia quẽ não pasmasse de a ver:
ꝛ cõ tudo ho nauio de Cosme pinto
ficou ẽ saluo ꝛ sẽpre se teue sobre as
ãcoras. E cessando a tormẽta foyse
a Ormuz, ꝛ assi se saluarão os tres
cõpanheiros, saluo João sirgueiro
que cõ a tormẽta que digo arribou
a Caixem em hũ nauio de Chatis a
q̃ se mudou pera se tornar á India/
ꝛ quando arribou ho nauio deu aa
costa em que se espedaçou com mor-
te de quantos hião nele.

¶ Cap. xl. De como os mouros ganharão as tanadarias de Pondá ꝛ de Salsete.

HO Hidalcão q̃ tinha grã
de magoa de ver possuir
as tanadarias ď Põdá ꝛ
ď Salsete a el rey ď Por
tugal andaua sempre esperãdo tẽpo
pa as cobrar, ꝛ vẽdo o gouernador
ꝛ dõ Luys seu irmão fora da India
que em Goa não ficaua mais gẽte q̃
os ordenados á fortaleza, determi-
nou de as tomar, ꝛ pera isso mãdou
hũ seu capitão ꝛ seu parẽte cõ cinco
mil homẽs de pé ꝛ de caualo, q̃ en-
trãdo pola comarca das tanadari-
as começou darrecadar as rẽdas pe
ra ho Hidalcão, ꝛ foy ter a hũa al-
dea õdestaua hũ Andre pinto tana-
dar peq̃no cõ sete ou oyto Portu-
gueses q̃ todos forão mortos saluo
ele/ que escapou muyto ferido ꝛ se
acolheo ao Pagode de Sandorá/
ondestaua hum fidalgo chamado
Fernão eanes de Souto mayor/

que era Tanadar mór q̃ tinha ali sua estãçia/por ho Pagode ser forte ꝛ cercado de muro de pedra ꝛ cal:ꝛ tinha cẽto ꝛ cinquoẽta Portugueses/de que os trinta erão de cavalo/ꝛ trezẽtos piães da terra. E como Fernão eanes era muyto esforçado/em os immigos chegã do sobre ho Pagode sayolhes ao encontro/ꝛ foy desbaratado por desarranjo dos seus: ꝛ cõ muytos feridos se recolheo ao Pagode. E ficando os immigos por isso muyto soberbos/ ho teuerão cercado dous dias. E neste tempo foy noua a Goa a Francisco pereyra/ que erão mortos quantos estauão no Pagode:pelo q̃ mandou logo Antonio correa de Goa cõ certas fustas pera trazer os que escaparão. Com cuja chegada Fernão eanes folgou muyto: ꝛ vendose fauorecido cõ algũa gẽte que Antonio correa trazia/ que podião meter no lugar da q̃ tinha ferida: determinou com conselho de ir buscar os imigos ꝛ lançalos fora da terra, pera ho que mandou ẽ sua busca: ꝛ não lhe leuarão deles outra noua, se nã que passarão por hũa aldea chamada Verná da hi a legoa ꝛ mea, mas que não se sabia onde estauão. E como Fernão eanes era muyto esforçado/ ꝛ lhe parecia que sabia bem da guerra: assentou que os immigos hião fogindo com medo/ ꝛ q̃ com qualquer gẽte os poderia desbaratar: ꝛ partio logo apos eles, leuando vintecinco Portugueses de cavalo, ꝛ cẽto ꝛ vintecinco d̃ pé, ꝛ trezẽtos piães da terra: ꝛ ao outro dia a oras d̃ vespera passou hũ rio que se chama ho do Sal (tres legoas donde partira) ꝛ no cabo de hũa grande ꝛ fermosa veiga que se faz da banda dalem: a tiro de bombarda ouue vista dos immigos/ q̃ estauão descansando ao pé de hum oyteiro. Que em vendo os Portugueses se leuãtarão logo: ꝛ como estauão espalhados ꝛ erão cĩco mil/ parecião muyto mais do que erão: ho que crendo os Portugueses se espantaram/ ꝛ dizião que aqueles erão muyto mais dos que forão sobre ho Pagode. E vẽdo Fernão eanes este espanto, deteueos pera os esforçar ꝛ disselhes. Senhores de que vos espantaeis? porque não erão mais os imigos que nos cercarão do q̃ estes são/ que se ho forã não leuantarão tão asinha ho cerco/ ꝛ de se auerẽ por poucos/ pera contra nossas forças nos alargarão: ꝛ assi espero em nosso Senhor que lhes ha agora de parecer pera nos fugirem/ ꝛ coesta esperança q̃ todos auemos de ter como Christãos, auemos de dar neles/ porq̃ posto que fossem mais do que vos paressem, não temos melhor remedio q̃ pelejar q̃ se nos q̃remos recolher não temos senão ho Pagode que he muy longe/ ꝛ se voltamos estes perros hão de crer que he cõ medo, ꝛ por isso nos hão dapertar, de maneyra que mais dano nos hã d̃ fazer sem pelejarmos q̃ pelejãdo, ꝛ q̃ nos não sigã, corremos muyto perigo ẽ passar este rio q̃ temos passado, porque a maré enche ꝛ ele he estreito, ꝛ os de pé esta certo não acharẽ vao, ꝛ os d̃ cavalo duuido, ꝛ pois em voltar ꝛ em pelejar ha

perigo/auenturemonos antes ao da peleja que he com honrra, que ao do fogir que pera Portugueses he tão vergonhoso ꝛ de tãta desonra: ꝛ parecẽdo isto bem a todos acordarão que se fizesse assi. E estãdo nesta pratica cuydando os immigos que se detinhão com medo deles forãnos cometer, feytos em duas batalhas em q̃ auia muytos de caualo acubertados/ ꝛ hũa delas cometeo os Portugueses de rosto, ꝛ a outra lhes tomou a traseira pera ficarem cercados de todo ꝛ não terẽ por onde fogir/ porq̃ das ilhargas tinhão ho rio ꝛ ho mar. E vẽdo Fernão eanes que ho querião çercar, antes de ho çercarem disse aos seus q̃ não auia mais que esperar q̃ desse Santiago nos immigos ꝛ assi ho fizerão, ꝛ abalãdo fugirão os piães da terra: ꝛ os Portugueses ficarão cento ꝛ cinquoẽta/ que não era nada pera tamanha multidão de mouros: ꝛ parece que foy milagre de nosso Senhor não se sumirẽ todos antreles de muytas feridas que todos receberão dos primeiros encontros/ ꝛ forão mortos cinco de cavalo/ ꝛ quasi todos os outros feridos/ ꝛ antreles Fernão eanes com hũ zaguncho darremeso q̃ lhe passarão ho corçolete pela ilharga ezquerda ꝛ ho ferirão, ꝛ a hũ Diogo de moraeis criado do Duque de Bargança cortarã de hũ pé quanto lhe saya fora do estribo, ꝛ prouue a nosso Senhor por sua piedade que ainda q̃ Fernão eanes foy tão mal ferido nem por isso desacorçoou/ ãtes com muyto esforço feria nos immigos, ajudando os seus como bom companheiro/ com que os esforçou tanto que não pelejauão como cento ꝛ quarenta ꝛ cinquo/ se não como que forão cinquo mil/ ferindo ꝛ matãdo muytos dos mouros: ꝛ antreles foy ho seu capitão, pelo que os desta primeira batalha perdido ho esforço se desbaratarã logo ꝛ fugirão: ꝛ com ho impeto q̃ leuauão derão na segũda batalha que vinha pera tomar as costas aos Portugueses, ꝛ desbaratarão os que estauão nela, que tambem fugirão cuydando q̃ erão os Portugueses que dauão neles, ꝛ assi fugirão hũs ꝛ outros: ꝛ era muyto pera louuar a nosso Senhor ver como fogião sendo tantos: Fernão eanes não os quis seguir por estar tam mal ferido como estaua/ ꝛ ter toda sua gente muyto ferida/ ꝛ os cauallos mortos: ꝛ quis nosso Senhor que lhe não matarão mais q̃ os cinquo que disse, ꝛ dos mouros segũdo se despois soube forão mortos mil/ ꝛ os mais deles homẽs escolhidos/ como se vio na riqueza das Cabaias das toucas ꝛ dos terçados que lhe forão tomados pelos Portugueses despois que ficarão seguros no campo: õde por ser ja perto da noyte Fernão eanes se deixou estar ate que amanheceo q̃ hũs aos outros como melhor poderão se leuarão õde Antonio correa estaua com as fustas: em que se embarcarão muyto fracos, ꝛ se os mouros acertarão de tornar nam escapara nenhũ. E Antonio correa os leuou pera Goa onde muytos morrerão dspois das feridas.

E como Francisco pereyra não te-
ue gente que mãdasse á terra firme,
pera acabar de deitar dela os mou-
ros: teuerão eles tempo vendo que
não hia ninguem tomarão aquelas
tanadarias que rendião cincoenta
mil pardaos douro pera el Rey de
Portugal: o que não acontecera se
o gouernador inuernara na India/
porque ouuera dinuernar em Goa
dondelogo socorrera com gente/ e
se acodira em quente teuera pouco
que fazer em deitar os mouros fora
segundo estauão espãtados do bra-
uo pelejar dos Portugueses. E ga
nhadas estas tanadarias, mandou
ho Hidalcão outro capitão que fez
seu assento em Pondá: e porq este
tolhia que não fossem a Goa mãti-
mentos da terra firme, fez Francis-
co pereyra paz cõele.

¶ Cap. xli. De como hũa das naos da armada de Fernão de magalhães que hia pera Espanha arribou a Maluco/ e foy tomada pelos Portugueses.

Fazendo Antonio de brito (como disse atras) a fortaleza de Maluco como os ares erão differentes dos da India / e assi os mantimẽtos, adoecialhe a gente/ do que ele tomaua muyta paixão / e assi por não achar aquela facilidade que esperaua pera fazer a fortaleza / nem amizade na raynha de Ternate. E co isto adoeceo tambẽ, não que caisse em cama: mas hũa roim disposição do descontentamento que tinha / e arrepẽdiase bẽ de ter aceitada aqla empresa. E andando assi soube que ao lõgo da costa de hũa ilha chamada Batachina cincoenta legoas da de Ternate andaua hũa das duas naos dos Castelhanos q̃ partirão de Tidore/ que arribara do caminho por fazer muyta agoa e nã poder sofrer ho mar, e de trazer doẽte toda a gente andaua como perdida sem poder tomar terra. O que sabẽdo Antonio de brito, pedio a dom Garcia anrriquez que fosse por ela/ e ele foy no seu nauio indo em sua cõserua Cachil Daroes em hũa corara, e em outra hia hũ Duarte de resende escriuão da feytoria de Maluco/ que despois foy feytor e leuaua desasseys Portugueses. E chegado dom Garcia onde a nao andaua achouha surta, e mãdou a ela Duarte de resende que chegado a ela bradou/ e a gẽte estaua tão doẽte e tão fraca que ninguẽ lhe respõdeo / pelo que Duarte de resende entrou dẽtro com a gẽte armada. E cuydãdo os Castelhanos que os querião matar pedirão misericordia / e ho seu capitão que se chamaua Gõçalo gomez da espinhosa foy falar a Duarte de resende/ e lhe contou sua desauentura: e ele ho segurou e leuou a dõ Garcia/ em cujo poder se meteo com quantos estauão na nao, e dali se tornou a Ternate/ e a entregou a Antonio de brito com todos os Castelhanos que forão curados e agasalhados como Portugueses, e na nao forão achados liuros do astrologo sam Martim q̃ hia cõ Fernão de magalhães e faleceo na viagem/ e assi dous planisphérios de Fernã de magalhães feytos por Pero rey

nel, τ outras cartas grandes do cã
minho dos Portugueses ate a In
dia, τ quarteiroẽs dela ate Malu-
co, τ todos errados: τ assi forão
achados os liuros ð todos os pilo
tos das naos daq̃la armada, τ dos
verdadeiros pareceres daq̃la via-
gẽ: em q̃ se achou por eles mesmos
ser Maluco τ Bãda do descobrimẽ
to del rey ð Portugal: τ todos es-
tes liuros τ instromẽtos forão en-
tregues por Antonio ð brito ao fey
tor: τ tãbẽ foy achado nesta nao hũ
Gaspar rodriguez Portugues, q̃
estando em Ternate por feytor de
muytos Portugueses, ao tempo
que os Castelhanos chegarão a Ti
dore fugio pera eles / com a fazenda
que tinha das partes / τ se hia com
eles pera Castela: polo que Anto-
nio ð brito ho mandou degolar, cõ
pregão que pubricaua sua culpa.
E estando esta nao aqui surta deu
á costa assi como estaua carregada
com hũa trouoada que sobreueo, τ
perdeose com quanto tinha: τ esta
fim ouue a armada de Fernão ð ma
galhaẽs τ ele, q̃ foy juizo de nosso
Senhor pola treição q̃ fez a seu rey
em lhe q̃rer falsamẽte tirar ho que
era seu, τ possuya cõ tãto justo titu
lo / τ cõ ter gastada nisso tãta parte
de sua fazẽda. E despois q̃ estes cas
telhanos forão sãos, os mãdou An
tonio ð brito pa Malaca: τ leuou-
os dõ Garcia ãrriq̃z q̃ partio pera
lá na entrada de Janeiro, de mil τ
q̃nhẽtos τ vinte tres: onde foy ter
em Setẽbro do mesmo anno. E da
hi os mandou Jorge dalbuquerq̃
pera a India, donde lhes foy dada
embarcação pera Portugal.

¶ Capit. xlij. De como os mouros da ilha de Tidore, matarão vinte tantos Portugueses. Pelo que se começou a guerra ãtre Antonio de brito, τ el Rey de Tidore.

AO tẽpo que Antonio de
brito começou de fazer
a fortaleza, andaua hum
tio del Rey de Ternate
degradado da mesma ilha / ja do
tempo de quando seu irmão era vi
uo / que ho degradara por causas
que pera isso teue. E como este Ifã
te soube que el Rey seu irmão era
morto, quisera que lhe fora leuan-
tado ho degredo / τ tornarse a sua
terra: ho que Cachil daroes estro-
uou / temendo que se ho outro tor-
nasse / que lhe tiraria todo ho man
do que tinha na terra que era muy
to grãde. E vẽdose este Ifante sem
remedio / despois que soube q̃ An-
tonio de brito fazia a fortaleza /
quis ver se por ele se podia tornar a
sua terra: pera ho q̃ se foy a cidade
de Ternate τ se meteo na mezqui-
ta / donde mãdou dizer a Antonio
de brito q̃ se queria tornar Chris-
tão / cõ algũs outros, que lhe desse
seguro pera entrar na cidade / por
que se temia de Cachil daroes que
logo foy disto auisado. E se foy a
Antonio de brito τ lhe disse: q̃ por
nenhũ modo aquele homẽ auia dẽ-
trar na cidade / por ser nela muy o-
dioso, τ se querer leuantar contra
ho Rey passado / que por essa causa
ho degradara / τ assi outras muy-
tas rezoẽs: por onde não era bem
que tornasse, dando cor q̃ se ele con-

sentisse que tornasse, ⁊ que se leuantaria a terra contrele; ho que Antonio de brito temeo. E como ainda tinha a cerca da fortaleza por fazer/ ⁊ tinha muytos doentes/ não ousou de bolir consigo: ⁊ posto que lhe pesou muyto de não fazer aq̃le homẽ Christão/ mãdoulhe que se fosse, porque lhe não podia valer/ ⁊ ele se foy. E se este homẽ se fizera Christão, em pouco tẽpo ho forão todos os daquela ilha, segũdo auia pouco que erão mouros: ⁊ desta vez ficou a terra tão aluoroçada/ q̃ Antonio de brito teue asaz que fazer em a tornar a pacificar/ ⁊ assi tinha muyto trabalho em não auer na feytoria nenhũa roupa q̃ gastar pera auer por ela mantimentos ⁊ cousas necessarias pa se fazer a fortaleza/ ⁊ muyto maior ho teuera/ se não chegara de Malaca hũ fidalgo chamado dõ Rodrigo da silua ẽ hũ nauio/ em que leuaua fazẽda pera a feytoria com, q̃ se remedeou dalgũas necessidades que tinha, ⁊ coeste nauio vierão tambẽ algũs jungos de Malaca, ⁊ de Banda, ⁊ doutras partes/ a buscar Crauo como acostumauão: ho que sabẽdo Antonio de brito/ determinou de ho não consentir/ porque queria q̃ fosse todo ho Crauo pera el rey de Portugal, por esse ser ho fim pera q̃ mandaua ali fazer aquela fortaleza: ⁊ mãdou pedir aos reys comarcãos em cujos senhorios auia Crauo, que ho não cõsintissem vender a outrem se não ao feytor del Rey de Portugal, ⁊ isto mandou especialmente dizer a el Rey de Tidore/ porque soube que estauão ẽ seu porto certos jungos d̃ Bãda, que com seu fauor determinauão seus donos de carregar, ⁊ isto lhe mandou pedir ⁊ requerer por hũ Antonio tauares, que foy em hũa fusta com vinte tantos Portugueses, ⁊ mandoulhe que quando el rey não quisesse mandar ir os jungos de seu porto/ que os fizesse ir ás bombardadas: ho q̃ Antonio tauares fez com tanta exorbitancia que el Rey ⁊ a sua gẽte ficou em extremo escandalizada dele/ mas por Antonio tauares estar no mar ⁊ ter artelharia/ não ousou el Rey de bolir coele: ⁊ estando ele no porto pera acabar de esgotar outros jungos se hi fossem carregar/ deulhe hũa toruoada com que a fusta deu a costa, ⁊ Antonio tauares ⁊ os outros se saluarão em terra com muyto perigo: mas a,pueitoulhes pouco/ porque como a gente estaua escandalizada/ como os vio assi desbaratados, remeteo a eles cõ suas armas, ⁊ matarãonos a todos: ⁊ tomarão a fusta ⁊ artelharia. Ho que sabendo Antonio de brito, mandou logo prender algũs carpinteiros d̃l Rey de Tidore/ que lhe ẽprestara pera fazer hũ nauio que lhe faziã, ⁊ despois de os prẽder, mandou dizer a el Rey de Tidore ho porque os prendera, requerẽdolhe que lhe mandasse logo as armas dos Portugueses/ a fusta/ ⁊ artelharia que lhes fora tomada/ ⁊ os mouros q̃ os matarão pera fazer justiça deles, ao que não satisfazendo el Rey/ determinou Antonio de brito de lhe fazer guerra: ho que lhe Cachil daroes cõselhaua que fizesse, pera ter

dele mais necessidade do q̃ tinha/ ꝛ dizialhe q̃ se deixasse assi passar aquele atreuimento del rey de Tidore que cada dia ho tería pera ho offẽder:ꝛ que a raynha ꝛ seu filho ho ajudarião posto que ela fosse filha del rey de Tidore ꝛ ele seu neto:o q̃ era contra rezão,nem a rainha ho quis fazer,ꝛ posto que não fosse de praça secretamente mãdaua aos seus que não ajudassẽ a Antonio de brito cõtra el rey seu pay,ꝛ que se leuantassem contra os Portugueses. Do q̃ Cachil Daroes auisou logo Antonio de brito,ꝛ lhe conselhou que metesse a raynha ꝛ seu filho na fortaleza/ꝛ que coisso seguraria a terra de todo. E sobristo ouue Antonio de brito conselho coesses fidalgos ꝛ caualeyros q̃ estauão coele/ꝛ os mais deles lho aconselharão q̃ por nenhũ modo bolisse com a raynha nem cõ el rey,porque metendo os na fortaleza se leuantaria a gente contreles ꝛ Cachil Daroes não seria poderoso pera os apacificar/que melhor seria leuar a raynha por bẽ. E Antonio de brito não quis tomar este cõselho pola instrução que tinha de Cachil Daroes:ꝛ querẽdo ho poer em obra soubeho a raynha ꝛ fugio pera hũa serra ꝛ dali se passou pera seu pay ꝛ ho rey ficou:ꝛ porque não fugisse tambẽ recolheo o Antonio de brito na fortaleza tratãdoho como rey/que era cõ todo seu estado sem lhe faltar cousa nenhũa. E com tudo vendo a gẽte da ilha como ho seu rey estaua metido na fortaleza ꝛ ho não deixauão sayr dela ficarão muy descontentes parecẽdolhe que era preso/ꝛ ouue algũs aluoroços em algũs que Cachil Daroes apagou/mas não que a gente ficasse de todo bẽ com Antonio de brito nem ho querião ajudar na guerra cõtra el rey de Tidore por ser pay da sua raynha:do que Antonio de brito estaua muy agastado,porque por ter poucos Portugueses ꝛ doentes/ꝛ tinha a fortaleza por acabar não ousaua de os apartar de si,nem de os auenturar á guerra:ꝛ a que queria fazer a el rey de Tidore q̃ria lha fazer com os Ternates cõ proposito de lhe derrabar coeles seu poder:pera que quando os Portugueses fossem teuessem menos que fazer/pera o que pedio conselho a Cachil Daroes que lho deu muyto bõ/ꝛ foy q̃ mãdasse pregoar polas pouoaçoes da ilha que qualquer pessoa que leuasse cabeça de Tidore a Antonio de brito/ ou lho leuasse catiuo que lhe daria por cada hũ hũ pano fino. E como erão cobiçosos por ganharem aquele preço começarião logo de fazer saltos na ilha de Tidore,como começarão,ꝛ erão tantos os q̃ matauão que não auia panos que abastassem pera lhos pagar,ꝛ tambẽ dos Ternates morrião muytos/ꝛ desejarem seus parentes ꝛ amigos de vingarem suas mortes foy causa de a guerra se atear,ꝛ começouse de fazer muy crua dambas as partes, ꝛ os da ilha de Bachã ꝛ de Geilolo ajudauão tambẽ aos Ternates por amor de ganharẽ os panos. E com toda esta gente que era contra el rey d̃ Tidore desejaua ele tão pouco paz nem amizade com os Portugueses pelo escandalo que tinha deles que nunca a pedio a Antonio de

brito, nẽ se lhe desculpou do passado. E neste tẽpo mandou Antonio de brito descobrir outra nauegaçã pa Malaca pola via da ilha de Borneo/ que lhe disserão que era mais breue que a da ilha de Banda/ ⁊ mãdou a isso ẽ hũ nauio hũ Simão da breu seu parente que partio de Ternate em Junho: ⁊ porque não soube o que lhe sucedeo na viagẽ não direy mas se não que chegou a Malaca em Nouẽbro hũ mes despois de dom Garcia anrriquez que fora pola via de Banda, ⁊ auia onze meses que partira de Ternate.

¶ Capit. xliiij. De como dõ Pedro de castro pos a obediencia dos reys de Zanzibar ⁊ Pemba as ilhas de Querimba que lhe desobedecião.

Gouernando dom Pedro de castro ⁊ Diogo de melo em Moçambique como atras fica dito chegarão ao alcayde mór da fortaleza hũs ẽbaixadores das ilhas de Zanzibar ⁊ Pẽba: pedindolhe que pois erão vassalos del rey de Portugal lhes desse ajuda pera sugigarem a seu senhorio as ilhas de Querimba que sendo suas se lhes reuelarão cõ fauor del rey de Mombaça, ⁊ nelas lhes tinhão tomados hũs zambucos ⁊ morta algũa gẽte. Ouuida esta embaixada pelo alcayde mór porquanto não era poderoso pera dar ho socorro q̃ lhe pedião requereo a Diogo de melo ⁊ a dom Pedro de castro que socorressem aqueles reys, porque seria grãde seruiço del Rey de Portugal. E por Diogo de melo não poder ir foy dõ Pedro sem ele/ ⁊ foy no batel da sua nao cõ arrombadas/ ⁊ escolheo pera ir no esquife Christouão d' sousa, de que faley nos liuros atras q̃ hia por passageiro ⁊ leuaua a capitania de Chaul/ ⁊ co ele ⁊ com dõ Pedro forão outros fidalgos ⁊ gente darmas em paraós da terra/ ⁊ serião por todos passãte de cẽ homẽs dos nossos. E indo ao longo da costa chegarão a hũa das principais ilhas das de Querimba hũ bõ pedaço antes de sol posto, em q̃ auia hũa pouoação de mouros ⁊ estaua em goarda dela hũ sobrinho del rey de Mombaça com gẽte de goarnição ⁊ co ela ajuntou toda a da terra que era muyta: ⁊ vendo vir os nossos cuydando q̃ os enganassem sayrão á praya cõ mostra de paz, mas quãdo virão os nossos armados recolheranse pera a pouoação, ⁊ poẽdo em saluo as molheres ⁊ filhos com outra gente que não podia pelejar/ ⁊ assi ho mais que poderão deixarã se estar com suas armas pera defenderẽ a terra. E nisto chegarão os nossos a terra/ ⁊ dom Pedro fez deles dous esquadrões, ⁊ ele com hũ ⁊ Christouão de sousa cõ outro entrarã na pouoação cada hũ por seu cabo em que acharão grande resistẽcia: porque ho sobrinho del rey de Mombaça era esforçado ⁊ cõ a gẽte que tinha defendiase bem, ⁊ assi se começou a peleja muy braua espalhandose dõ Pedro ⁊ Christouão de sousa cõ os seus pola pouoação: ⁊ durando assi a reuolta/ hũ fidalgo chamado Antonio galuão filho

que fora de Duarte galuão/ que ia com dom Pedro se perdeo de sua companhia, e buscandoo com outros que ho acompanhauão/ foy ter cõ sete ou oyto dos nossos/ que pelejauão com muytos mouros/ que por serẽ muytos os tratauão muy mal com muytas feridas que lhes tinhão dado. E chegãdo Antonio galuão/ ajudouos tambem que fez fugir os mouros/ e foy ajudar a Christouão de sousa/ que estaua em grãde aperto cõ hũs mouros, dentro em hũa casa/ onde ho Christouão de sousa fez muy esforçadamente matãdo muytos, mas ficou ferido. E neste tempo na parte onde pelejaua dom Pedro/ foy morto ho sobrinho del rey de Mõbaça, pelo que os mouros se desbaratarão e fugirão/ ficãdo muytos mortos: e dos nossos/ forão feridos afora Christouã de sousa/ Gaspar preto seu criado, Nuno freire/ Luys machado/ e outros algũs/ e ja de noyte que se a peleja acabou se recolheo dom Pedro cõ os nossos a hũa mezquita junto do mar onde esteue aquela noyte. E por saber ante manhã/ que entraua gente da terra firme na ilha a se ajũtar com os mouros, e tornarẽ sobrele, ho que se podia fazer cõ a maré vazia/ mãdou a Antonio galuão que fosse cõ algũs dos nossos a lho estrouar/ e ele não pode ir logo, por estar com febre/ e despois que foy bem de dia se foy ajuntar com Antonio galuão/ e derã nos mouros e matarão muytos/ e fizerão fugir os outros. E roubada a pouoação em que se achou despojo, que valeria duzẽtos mil cruzados, foy lhe posto fogo e ardeo toda: sem dõ Pedro querer muyto dinheyro q̃ lhe os mouros dauão porque ho não fizesse, e ele não quis porque ficassem escaramẽtados, e não se leuantassem mais contra os reys de Zanzibar/ e Pẽba/ a cuja obediencia os tornou/ e assi os outros das outras ilhas/ que vendo estes desbaratados e castigados, se tornarão a obediẽcia dos reys: e estãdo ainda aqui dõ Pedro alagarão se os paraós/ em que os nossos tinhão carregado ho despojo que ouuerã dos imigos e perdeose todo: feyto isto partiose dõ Pedro pera Moçãbique/ tẽdo mãdado diante Christouão d sousa e os outros feridos. E partido dali por ho batel ser muyto pesado e mao de remar e dar muyto trabalho/ determinou de ho mandar a Merlinde, pera õde ho vẽto era a popa, e por ho batel ser grande sofria ho mar, e ele iria no esquife ao longo da terra pera Moçãbique, e deu a capitania do batel a Antonio galuão/ e começando de caminhar, estãdo dom Pedro surto ẽ hũa pequena enseada, estando ele dormindo despois de comer/ saiose dõ Christouão d castro seu primo/ e assi os outros em terra/ onde ouuerão hum recõtro com muytos Cafres, que os tratarão tão mal/ que os fizerã recolher ao esquife muyto feridos, e isto por lhes acodir dom Pedro que acordou ao arroido/ e se não acodira todos forão mortos: e vendose assi dom Pedro tornouse pera ho lugar d q̃ partira, õde achou

a inda Antonio galuão que não era partido/ ꝛ aquela noyte morreo dõ Christouã de castro/ filho de Felipe de castro/que foy hũ dos feridos. E por dom Pedro ser parente dãtonio galuão ꝛ muyto seu amigo/ rogoulhe que deixasse ho batel/ ꝛ fosse coele no esquife, ꝛ assi ho fez: ꝛ no batel mãdou por capitão a dom Roque de castro seu irmão: ꝛ ele tornou a seu caminho pera Moçãbiq̃.

¶ Capit. xliiij. Do que Antonio galuão fez em Cotangone tornãdose pera Moçambique.

E Indo ao longo da costa foy ter coele hũ zãbuco carregado d mantimẽtos, em que ião Portugueses, ꝛ por algũs respeitos que pera isso ouue, mudou dom Pedro ho conselho de ir no esquife: ꝛ deixãdo nele por capitã a Antonio galuão/ foyse diãte no zãbuco. E Antonio galuão ficou no esquife/ ẽ q̃ passou asaz de trabalho, de fome ꝛ de sede/ com todos os de sua companhia: ꝛ estando tres legoas de Moçãbiq̃ pareceo hũa legoa ao mar/ que era hũ zãbuco, a que derão caça cõ ho esquife a vela/ ꝛ fizerãna varar em terra/ na praya d hũa pouoaçã chamada Cotãgone, pouoada de mouros que estauão de guerra cõ os nossos. E quando Antonio galuão chegou a terra/ ia os moradores dela descarregauão ho zãbuco que logo deixarão, ꝛ remeterão aos nossos ẽ desembarcãdo: ꝛ trauouse antreles hũa peleja/ ẽ que os nossos ho fizerão tambẽ, que leuarão os imigos ate ho lugar a que logo poserão ho fogo: ꝛ por lhe os immigos acodirem deixarão os nossos, com que teuerão tempo de tornar ao zambuco ꝛ deitalo ao mar, ꝛ acharão nele algũs mantimẽtos, ꝛ assi tomarão algũs paraós q̃ estauão no porto. Isto acabado que os nossos estauão no mar/ ex vẽ de terra hũ paraó cõ sete ou oyto homẽs que chegarão a bordo do zambuco õde estaua Antonio galuão/ a que hũ velho que vinha no paraó apresẽtou hũ presente de galinhas ꝛ fruytas da terra/ ꝛ ꝛ disselhe por hũ lingoa que trazia que era de Moçambique/ que ho ia ver ꝛ aos de sua cõpanhia: pera ver homẽs que sendo tão poucos teuerão tamanha ousadia que sayrão ẽ terra a pelejar com tamanho numero dimigos, ꝛ q̃ assi lhe tomarão o zambuco sem nenhũ perigo: ꝛ assi lhe ia pedir que lhe fizesse merce daquele zambuco ꝛ dos paraós q̃ tomara naquele porto, ꝛ que ficarião por seus pera sempre. E dizia isto d maneyra que Antonio galuão entẽdeo que dissimulaua pera lhe fazer algũa treição. E entẽdendo isto fez que os queria prender, ꝛ disse ao velho q̃ ele tinha sabido como os daquela pouoação erão imigos dos nossos/ ꝛ lhes tinhão feytos algũs males. E pois ele sendo dela lhe fora falar sem seguro ꝛ pera ho enganar que ho engano auia de ficar coele, ꝛ ho auia de catiuar cõ os mais de sua companhia: do que ho velho ꝛ os outros que erão mancebos ficarão trespassados de medo/ ꝛ dei-

taranſelheaos pês pedindo miſeri-
cordia / ⁊ confeſſando que vendo
que por força ho não poderão vẽ
cer quiſerão prouar de ho fazer por
manha com ho deter ate que vazaſ
ſe a maré / que vazaua tanto que
lhe auia de ficar ho nauio em ſeco,
⁊ ẽtão determinauão de ho tomar:
pedindolhe que pois os Portu-
gueſes erão piedoſos / ⁊ quanto
mayores erros lhes fazião, tanto
mais perdoauão / ⁊ eſſa fama ti-
nhão / que lhes perdoaſſe, ⁊ que
eles ficarião obrigados a ſerui-
rem quaeſquer Portugueſes que
ali foſſem ter em quanto viueſſem/
⁊ lhes acodirião em ſuas neceſſi-
dades: ⁊ aſſi ho deixarão encomẽda
do a ſeus decẽdẽtes q̃ ho fizeſſẽ. E
Antonio galuão lhes perdoou com
condição que lhe vendeſſem algũs
mantimentos ⁊ que ho ſoltaria ⁊
aos outros. E prometendo ho ve-
lho que ſi deixou os mancebos em
arrefens, ⁊ ele foy polos manti-
mentos, com que tornou trazendo
muyta gente carregada de cabras,
capados / galinhas, ouos ⁊ outras
muytas couſas pera comer. E en-
tregue tudo a Antonio galuão ſol
tou os arrefens / ⁊ ficou ali dous
dias refreſcando ⁊ neles fez paz
com os da pouoação, pera que a-
gaſalhaſſem os noſſos quando ali
foſſem ter ⁊ lhes deſſem ho neceſſa-
rio / ⁊ pera iſſo lhes alargou ho zã
buco ⁊ os paraós que lhes toma-
ra. E deixando a terra pacifica ſe
foy pera Moçambique / õde achou
dom Pedro ⁊ os outros que ali
inuernauão fazendo hũa caſa de
noſſa ſenhora que ſe chama do ba-
luarte.

¶ Capitolo xl.v. De como dom Pedro de caſtro chegou a Goa ⁊ ſe perdeo a ſua nao na barra.

Vinda a monção pe
ra a India ſe par-
tirão eſtes capitã-
es que ali inuerna-
uão, Diogo de me
lo pera Ormuz / õ-
de ſoube que eſtaua ho gouerna-
dor, ⁊ dom Pedro de caſtro pera
a India ⁊ chegou aa barra de Goa
em Agoſto. E eſtando a gente to-
da em terra / veſpera da Aſſumpçã
de noſſa ſenhora ſe leuantou hũa
tão braua ⁊ medonha tormenta no
mar que parecia que tudo ſe fun-
dia / ⁊ a nao de dom Pedro que
ſe chamaua a Nazaré por ſer velha
começou dabrir ⁊ fazer agoa per
muytas partes: o que ſabido por
dom Pedro acodio logo com al-
gũa gente com quanto auia muy-
to perigo ao ſayr da barra por os
mares andarem muy groſſos, ⁊
por a nao ter neceſſidade de gente
que lhe acodiſſe fazia a Franciſco
pereyra peſtana capitão da cida-
de ir por força. E Antonio gal-
uão ſe embarcou em hum batel
com ſeus criados ⁊ amigos / ⁊ ſeys
ou ſete que forão de ſeu pay / ⁊ foy
dos primeyros que acodio / ⁊ era
tamanho ho marulho que andaua
no rio por onde hia que não hião
agoardando ſe não quando ho

batel auia de çoçobrar / pelo que hum Simão vaz pedio a Antonio galuão que ho mandasse poer em terra / ⁊ ele ho fez com dó dele / ⁊ em ele saltando saltarão outros dous / ⁊ se acolheram. E não he despantar, porque segundo muytos me contarão ho mar ⁊ ho rio andauão tão espantosos com ho furioso vento que os reuoluia / que parecia que querião destruyr tudo: ⁊ que era hum dos sinais dantes do dia do juyzo, ⁊ assi ho achou Antonio galuão auendo vista da barra em que andauão os mares tão altos que parecia que chegauão ás nuuẽs. O que vendo algũs moradores de Goa que ião no batel, requererão a Antonio galuão que não sayse do rio porque se perderia. Ao que ele respondeo, que não cuydassem que ia a nao por ter laa fazenda ⁊ a saluar que a não tinha, ⁊ não ia se não ajudar a dom Pedro a saluar aquela nao que era del Rey de Portugal com quem viuia / por isso q̃ não auia de deixar dir por mayor tormenta que fizesse que nosso senhor os ajudaria / ⁊ eles insistião que não podia ir nem auia dir por que se perderia. E insistindo nisto o que gouernaua ho batel encaminhou pera terra, ⁊ Antonio galuão ho fez gouernar pera a nao ameaçandoho q̃ ho mataria / ⁊ a quẽ dissesse que não fossem por diante, ⁊ valeolhe os que leuaua da sua parte / porque se isso não fora fizerãno tornar pera terra, ⁊ poendo a proa naqueles mares ⁊ rompendo por eles com muyto perigo de sua vida por as ondas comerem ho batel, chegou tão perto da nao que lhe lançarão dela hũa beta por onde ho batel foy alado a bordo, onde não podia chehar com a grande resaca dos mares que empuxauão ho batel muy lõge. E entrado Antonio galuão na nao com os seus achou dom Pedro com os que estauão na nao em muyto grande afronta / por não poderem vencer a muyta agoa que ela fazia, nem prestou a ajuda que ele ⁊ os seus lhe derão. E vendo dom Pedro que a nao não tinha remedio se não perderse mandou acodir aa fazenda del rey que lhe lembraua mais de saluar que a sua / porque vendo hum seu criado quã pouco lhe ela lembraua a respeito da del rey, lhe disse que a mandasse oulhar porque se perdia toda. Ao que ele respondeo muyto menencorio: A del rey queria eu salua, que da minha não me dá nada que se perca. E assi ho fez que deixou perder muyta parte dela por saluar a del rey em que leuou assaz de trabalho. E vendo por derradeiro que a nao não podia escapar, mandou dar aa vela ⁊ varou em terra que era a maré chea: ⁊ coeste ardil se aproueitou muyto do que ia na nao / ⁊ ela acabou ali / sem da cidade ousar ninguem dacodir cõ medo do mar se não Antonio galuão.

¶ Capitolo. xlvj. De como ho gouernador mandou Baltesar pessoa por embaixador ao xeque ismael.

Estando ho gouernador em Ormuz foy Raix xarafo certificado que algũs capitães do xeque ismael não deixauão passar as cafilas que ião com mercadorias pera Ormuz/ dizendo que ho fazião porque el rey Dormuz deuia ao xeque ismael cinco mil xarafins de pareas que lhe não querião pagar. E porque desta represaria perdia el rey Dormuz muyto em suas rendas, pedio Raix xarafo ao gouernador que mandasse rogar ao xeque ismael que fizesse alargar as cafilas pois el rey Dormuz era vassalo del Rey de Portugal com quem ho xeque ismael tinha paz ꝛ amizade: ꝛ quanto ao que lhe el rey Dormuz deuia farião conta ꝛ lho pagaria: ꝛ sobristo mandou ho gouernador hũa embaixada ao xeque ismael com que foy hum Baltesar pessoa caualeyro da Ordem de Santiago que foy bem acompanhado dalgũs Portugueses de caualo ꝛ piães pera os seruirem/ ꝛ foy em sua companhia Abedala califa embaixador do xeque ismael que nũca se mais fora da India. E partido Baltesar pessoa Dormuz foy ter a hũa cidade chamada Lara em terra de Persia que era de hum senhor mouro que se chamaua rey como disse no liuro terceyro: ꝛ era vassalo del rey Dormuz. E por ele não ser rey verdadeyro / Baltesar pessoa não fez dele tanta conta como ouuera de fazer, ꝛ mandoulhe hum presente que por ser de pouca cousa el rey não quis tomar. E com quãto Baltesar pessoa determinou em conselho de se lhe ir mostrar / pera que el rey visse ho aparato que leuaua: ꝛ a mostra auia de ser, não que ho fosse ver a sua casa se não passarlhe pola porta. O que Abedela califa contra disse: dizendo que não deuia de ir porq̃ sentia q̃ el rey estaua escãdalizado dele/ ꝛ que lhe podia acontecer algum perigo. E Baltesar pessoa por conselho dos nossos não quis se não ir, ꝛ ele ꝛ os de sua companhia forão muy bem atauiados ꝛ acompanhados despingardeyros. E sendo perto das casas del rey em hũa rua estreita sayolhe hum corpo de mouros ao encõtro, ꝛ hum mouro lhe deu com hũa porra de ferro na cabeça cõ que o deitou muyto ferido do caualo abaixo. E nisto forão as pedradas tantas das genelas ꝛ as frechadas ꝛ zagũchadas/ que por pouco que os nossos não forão mortos ꝛ todos fugirão por õde melhor poderão/ ꝛ despois que se ajuntarão foy curado Baltesar pessoa ꝛ outros, ꝛ partiranse ꝛ forão por suas jornadas ao campo do xeque ismael, em que virão muytas ꝛ muy notaueis cidades / assi como a de xiraz que he de. lx. mil vezinhos ꝛ foy tamanha em outro tẽpo q̃ era muyto mayor do q̃ agora he ho Cayro/ ꝛ daqui vem dizerem

os mouros da Persia que quando Xirazera Xiraz, era ho Cayro sua aldea, & tornou assi por amor das guerras com que foy destruyda, & a cidade de Tabriz da mesma grandeza/& assi outras muytas de muy nobres & sumptuosos edificios, & pouoadas de gente muy luzida, como Antonio tenrreyro conta em ho seu Itenerario/em que largamẽte escreue toda esta terra. E daqui foy por seu caminho ate chegar a hũa jornada do arrayal do xeque ismael/onde chegou hum recado a Baltesar pessoa do mordomo da casa do xeque ismael que em lingoa Persiana chamão Uaquil/que se deixasse ali estar ate lhe mandar recado que fosse. E isto era segundo se despois soube, porque naquele tempo fazia ho xeque ismael hũa festa que na sua lingoa se chama Nonoruz/que quer dizer festa da primauera, em que se auião de aiũtar quantos capitães & senhores auia em seu senhorio: & por querer que Baltesar pessoa & os outros nossos os vissem, os mandaua ali esperar por ser passo por onde todos auião de passar. E por este recado do Uaquil se deteue ali Baltesar pessoa dez ou doze dias/que tanto se deteuerão os que digo em passar assi de noyte como de dia: & foy cousa despanto a gente que passou de caualo, & os camelos carregados de fato. E passada esta gente, & aloiada no arrayal/ho Uaquil mandou dizer a Baltesar pessoa q̃ fosse, & assi o fez. E ãtes de chegar ao arrayal obra de hũa legoa ho forão receber certos capitães com ate cincoenta de caualo todos vestidos de festa/ & por fazerem honrra aos nossos conuidauãnos de quando em quando com muytas caixas de confeytos & outras fruytas verdes & com vinho que lhes trazião em garrafas de prata / & assi forão ate ho arrayal, onde alojados os nossos em suas tendas, foy visitado Baltesar pessoa da parte do xeque ismael: a que mandou dizer que sua vinda fosse boa, & que descansasse porque lhe auia de fazer quanto lhe requeresse, & alem disso muyta merce, porque queria grande bem aos frangues por aparecerem na India / & a conquistarem quando se ele leuantara por rey em Persia.

¶ Capitolo. xlviij. De como faleceo ho xeque ismael sem dar despacho a Baltesar pessoa: & de como hum filho q̃ lhe sucedeo ho despachou.

Passados algũs dias despois da chegada de Baltesar pessoa ao arrayal, veyo ho dia da festa da primauera q̃ ho xeque ismael auia de fazer, em amanhecendo foy alcatifado hum grande espaço de chão diante das tendas do xeque ismael que tomaria dous tiros de besta, & sobre as alcatifas muytas fotas de seda em lugar de toalhas/em que forão postas muytas & muy diuersas igoarias & grande soma de garrafas douro & de prata cheas de vinho. E isto porque ho xeque ismael daua

aquele dia banquete geral a todos os mouros q̃ estauão no arrayal. E primeyro que se assentassem a comer forão dados da sua parte aos reys ꝛ capitães vestidos de borcados / cetins / veludos ꝛ outras sedas forradas de forros de pelo muyto finos / ꝛ espadas goarnecidas douro ꝛ pedraria / no que ho xeque ismael gastou trezentos mil cruzados / ꝛ nã os tinha em estima por ser muyto liberal. E destas peças forão tambem dadas a Baltesar pessoa ꝛ aos de sua companhia. E vestidos todos destes atabios, assentaranse a comer: ꝛ Baltesar pessoa com os nossos comerão em hũa mesa hum jogo de malhão da do xeque ismael, que tambem comeo no banquete, ꝛ estaua vestido em hũa cabaya de cetim branco bordada de tela douro / ꝛ hum roupão encima de cetim laranjado bordado do mesmo. E ho estrado que era muy rico estaua cuberto de froles / ꝛ de todas as igoarias que lhe forão postas mandou aos nossos por lhes fazer honrra. Acabado ho bãquete que durou muyto grande espaço / passouse ho xeque ismael a hum pauelhão de borcado / junto do qual estaua aruorado hum masto que tinha na ponta hũa guindaresa pera sobirem ꝛ decerem hũa lança que estaua aruorada sobre ste masto, ꝛ tinha na ponta hũa maçaã douro vazada tamanha como hũa laranja que tinha trinta cruzados. E a este masto arremeterão certos capitães ꝛ fidalgos que estauão a cavalo em seus postos dũa parte ꝛ doutra / ꝛ isto ao som de muytas trombetas. E chegando quasi ao pé do masto pararão ꝛ tirarão a maçaã que digo com seus arcos, ꝛ o que a derribou se deceo do cavalo ꝛ a tomou / ꝛ por honrra lhe mandou ho xeque ismael dar de beber, ꝛ despois tornou a caualgar ꝛ a tirar com os outros a outra maçaã que logo foy posta / de que se gastarão muytas, ꝛ assi acabou a festa da primauera. E despois disto por ho xeque ismael ser muyto doente de epelensia ou por outra causa que se não soube ele nunca ou uio Baltesar pessoa antes ho andou detendo ate que morreo da mesma doença, ꝛ por sua morte se foy Baltesar pessoa aa cidade de Tabriz, porque no arrayal não estaua seguro de morto ꝛ roubado, nem em Tabriz ho não esteue se não em hũas casas muyto fortes. E sepultado ho xeque ismael / socedeo em seu senhorio hum soo filho que tinha chamado Thamaz çoltão de idade de quinze annos: ꝛ este despachou despois Baltesar pessoa sem lhe conceder nada do que pedia nem fazer dele nenhũ caso / ꝛ assi se tornou descontente.

Capitolo. xlviij. De como se partio ho gouernador pera a India / ꝛ de como chegarão as naos de Portugal.

Despachado o ẽbaixador Baltesar pessoa, partiose ho gouernador pera a India / ꝛ ho primeyro

lugar dela a que chegou foy Goa/ onde achou Eytor da silueira filho do Coudel mór que partira aquele ãno de Portugal por capitão mór da armada pera a India/ ⁊ forão seus capitães Manuel de macedo/ Simão sodré/ dom Antonio dalmeida, Francisco da cunha, Pero dafonsequa/ Vicente gil: ⁊ quatro destes capitães inuernarão ⁊ Eytor da silueira passou cõ os outros: ⁊ de Goa se foy ho gouernador com hũa grande armada a Cochim, ⁊ de caminho foy visitando as fortalezas da costa, que toda andaua chea de paraós de Malabares darmada ⁊ roubauão os Portugueses que achauão desapercebidos. E a causa disto era que como os reys ⁊ senhores da India estauão de paz, ⁊ os Portugueses nã tinhão guerra em q̃ se ocupar tratauão todos/ ⁊ ho gouernador lhes daua pera isso licença, dizendolhes quãdo lha daua que fossem a recado/ porque os não matassem os mouros, de q̃ não se deuião de fiar posto que ouuesse pazes: porque quando as auia se vingauão eles do mal que recebião na guerra. E isto sabia ele por experiencia: ⁊ destas licenças se seguio muyto mal/ porque os Portugueses se desauergonharão tanto que não se contentauão com tratar/ mas quando achauão naos de mouros nossos amigos pediãlhes dinheiro porque os nã roubassem/ ⁊ eles lho dauão por escapar. E tanto foy isto em crecimento que os de Calicut se queixarão a seu rey que não era Nambeadarim que auia pouco que falecera/ ⁊ o que lhe sucedeo queria grande mal aos Portugueses, ⁊ por isso ⁊ por ver quão mal se lhe goardaua a paz: determinou de se vingar dos Portugueses, ⁊ mandou armar em todos seus portos, ⁊ fazer muytos paraós que seruissem de leuar pimenta a Meca quando não pelejassem, ⁊ andauão os Portugueses tão dissolutos que os mouros os tomauão desapercebidos ⁊ matauãnos: o que não se sabia ateli por os Portugueses cuydarem que os mouros auião de goardar a paz ⁊ eles não.

¶ Capitolo. xlix. Do q̃ aconteceo a dom Pedro de castro ⁊ a Antonio galuão em Calicut.

Indo ho gouernador visitando as fortalezas da costa foy ter a Calicut ondestaua dõ João de lima por capitão da nossa fortaleza. E estando no porto forão algũs fidalgos jantar coele/ ⁊ antre estes foy dom Pedro de castro, que despois de comer se foy aa cidade dos mouros com seys ou sete Portugueses. E andando laa como os mouros andauão daleuanto / ⁊ tinhão dissimuladamente mortos algũs, quiserão fazer ho mesmo a dom Pedro: querendo armar brigas com os que hião coele. E ele fazendo que os não entendia começou dabalar pera a fortaleza: o que vendo os mouros apertarão coele ⁊ fe-

tiranlhe tres ou quatro, que logo deitarão a fugir. E indo assi acertouse que Antonio galuão ia em busca de dom Pedro / acompanhado de quatro homẽs seus criados: ꝛ quando vio os feridos conhecendo que erão de dom Pedro / pareceolhe questaua em perigo pois os seus assi vinhão / ꝛ por isso abalou correndo pera ho socorrer ou morrer coele / ꝛ a poucas passadas ho achou rodeado de muytos mouros armados: ꝛ dom Pedro os detinha que não pelejassem, dizendolhes que porque não goardauão a paz. E com a chegada dantonio galuão se pode dom Pedro retirar pera a fortaleza por hũa rua estreita, leuando os seus diante ꝛ ficando detras cõ ho rosto pera os mouros / que os seguião batendo os escudos ꝛ brandindo as agomias, ꝛ dando grandes cuquiadas com o que os afrontauão muyto: ꝛ nisto passou a diante hũ mouro grande de corpo acompanhado doutros muytos, ꝛ com muyta soberba se chegou a dom Pedro pera ho ferir, ꝛ deteue a agomia por dom Pedro, ꝛ Antonio galuão ꝛ os outros leuarem de suas espadas: ꝛ porem assoberbauaos tanto que Antonio galuão com licença de dom Pedro ho desafiou que ele ꝛ outro se matassem coele soo. Mas ho mouro que vio tanta concrusam, respondeo fora de preposito / dizẽdo que no mar se os fossem buscar saberião pera quanto erão. E dom Pedro lhe disse q̃ ho saberia logo se ele passasse dondestaua: ꝛ ho mouro se calou ꝛ deixouse ficar com os outros, ꝛ dom Pedro se foy em paz. E com quanto ho gouernador isto soube não fez sobrisso cousa nenhũa / ꝛ foyse a Cochim, ꝛ leuou toda a armada sem deixar nenhũa na costa. O q̃ vẽdo os mouros dé Calicut se embarcarão logo darmada ꝛ passarão a vista de Cochi: ꝛ posto q̃ ho gouernador ho soube dissimulou / cõ o q̃ os mouros teuerã tamanha ousadia que entrarão no rio de Cochim dando caça a algũas naos de Portugueses mercadores, sem ho gouernador ter dõ ver coisso, ꝛ dizia q̃ queria entregar a India ẽ paz ao gouernador q̃ viesse no ãno seguinte: pelo q̃ os mouros se atreuerão a matar tantos Portugueses q̃ nũca ẽ tẽpo doutro gouernador matarã tãtos. E como ho gouernador foy ẽ Cochi despachou Bastião dẽ sousa ꝛ Marti correa a q̃ tinha dada hũa viagẽ pera Bãda, pera õde se partirão ꝛ foy por capitão mór de tres nauios Bastião de sousa que foy ẽ hũ, ꝛ Marti correa em outro ꝛ Aires coelho em outro.

Capitolo .l. De como elrey Dachem combateo a fortaleza de Pacem.

Elrey Dachẽ como atras fica dito q̃ria tamanho mal aos Portugueses q̃ todo seu pẽsamẽto era em fazerlhes ho mal que podesse / ꝛ em tomar a fortaleza de Pacem pera se fazer rey daquele reyno, ꝛ de toda a ilha de Camatra pera dali conquistar Malaca: ꝛ des-

pois que por amor da chegada de Martim Afonso de melo coutinho a Pacem leuantou ho cerco da fortaleza/como tambē disse tornou a ajuntar gente/ꝛ foy cercar a fortaleza de Pacem onde dō Andre anriquez estaua ainda por capitão cō a mais da gente que tinha doēte/ꝛ a saã, ꝛ que podia pelejar era muyto pouca/ꝛ por não saber ho numero dela nē ho dos immigos ho não digo: nem menos ho modo que el rey Dachem teue nesta guerra, porque ho não pude saber per ordē: saluo q̄ estando el rey sobre a fortaleza chegou Bastião de sousa com os capitães d̄ sua conserua, ꝛ surgio na boca do rio de Pacē que he hũa legoa da fortaleza, não sabendo como dō Andre estaua cercado/ꝛ por ser tarde não desembarcou. E sendo el rey auisado de sua chegada/cuydou q̄ era socorro que vinha á fortaleza: ꝛ antes que entrasse nela determinou de a tomar aquela noyte confiado na muyta gente que tinha, ꝛ assi ho disse aos seus capitães, encomendādolhes que esforçassem sua gēte pera isso, represētādolhes q̄ como os muros ꝛ baluartes da fortaleza erão de madeyra ꝛ auia dias que se fizerão auião destar podres ꝛ com pouco trabalho os derribarião/ꝛ derribado qualquer lanço logo era ētrada ꝛ os Portugueses mortos por serem muyto poucos. E coeste esforço forão os immigos cometer a fortaleza despois que foy noyte/ꝛ deles com escopros ꝛ macetes trabalhauão por cortar ho muro pelo pé/outros punhão escadas ꝛ sobiā ao muro ꝛ baluartes, tirando muytas frechadas/outros trazião alifantes: pera despois de cortado ho muro com os escopros lhe poerē as testas ꝛ ho derribarem. E a esta grā de reuolta acodio dom Andre, assi com os sãos como com os doentes: ꝛ pera ver o que os imigos fazião/mandou acēder muytas bombas d̄ fogo polos muros ꝛ baluartes/cō que os Portugueses enxergarão muy bem o que os imigos fazião/ꝛ todos muyto esforçados lhes começarão de resistir, hũs lāçando sobreles panelas de poluora ꝛ outros muytos artefícios de fogo/ꝛ outros tirando muytas espingardadas: mas como os immigos erão sem conto pera os poucos Portugueses q̄ se defendião, q̄si q̄ nã auia defensam pareles, porq̄ os não podião caber polas escadas q̄rião entrar polas bocas das bōbardeiras a que os nossos logo acodirão ꝛ os fazião tornar as estocadas ꝛ lançadas, ꝛ assi durou a peleja hũ grā de pedaço, em que foy morto hum dos Alifantes, ꝛ tātos dos immigos que os outros ouuerão por bē de deixar ho combate, assi por verē ho grande numero dos mortos como por estarem muytos feridos: ꝛ dos Portugueses não morreo mais que hũa molher que foy morta por desastre com hũa frecha heruada, ꝛ forão feridos algũs, ꝛ hũ dles foy Manuel mēdez de vascōcelos, ꝛ os outros homēs baixos. E esta vitoria foy milagre de nosso Senhor, porque segundo os Portugueses erão poucos/ꝛ os imigos muytos, se ele não acodira com sua misericordia não poderão eles esca

par/porque afora os imigos serem muytos erão muyto esforçados, ꝛ auezados a pelejar: ꝛ esforçados por seu rey/ que ficou muyto espantado de os Portugueses se lhe poderem defender.

¶ Capit. lj. De como dom Andre anrriquez despejou a fortaleza de Pacem.

Ao outro dia cuydando dom Andre q̃ os imigos tornassem a dar outro cõbate, em amanhecendo foy visitar a gente que estaua nos baluartes ꝛ muro da fortaleza, a q̃ vio encostadas muytas esquadas que os imigos deixarão cõ pressa na noyte passada, ꝛ dõ Andre mandou a Simão toscano feytor que cõ algũs Portugueses as fosse quebrar/ ꝛ assi ho fez. E nisto chegou Bastião de sousa com os capitaẽs de sua cõserua/ que ião nos bateis com a mais de sua gẽte: ꝛ desẽbarcados ẽtrarão na fortaleza/ ꝛ apartando dom Andre Bastião de sousa ꝛ os outros capitaẽs/ lhes contou a grande mingoa que tinha de gente/ ꝛ de mantimentos/ que erã tã poucos, que lhe não abastarião dous meses/ ꝛ que não lhe podião ir outros dahi a seis meses, ꝛ que a fortaleza era de madeira cousa muyto fraca, ꝛ que os imigos a podião queimar hũa noyte. E porque não pude saber particularmente a concrusão que se nisto tomou/ nem ho conselho que sobristo fizerão, nẽ as rezoẽs que derão ho não digo: se não que sendo tantos Portugueses que podião bem defender a fortaleza/ a maior poder que ao dl rey Dachẽ, ꝛ tendo mantimentos narmada de Bastião de sousa pera ho tempo que ho cerco podera durar, despejarão a fortaleza ꝛ a deixarão aos mouros: ꝛ tamanha foy a p̃ssa de se irem/ que deixarão toda a artelharia/ cuydãdo que corriã muyto perigo em a embarcarẽ/ pola detença que nisso podião fazer: ꝛ assi deixarã a casa da poluora chea dla, sem lhe poerẽ ho fogo primeiro por os imigos não sintirẽ sua ida: posto q̃ ẽ se querẽdo ẽbarcar poserã ho fogo a hũs formigueiros de poluora q̃ ião dar na casa do almazẽ dla, q̃ começou de arder: mas os mouros ho apagarão logo. E quãdo virão a pressa que os Portugueses leuauão polo rio abaixo / como homẽs que fugião/ derão fogo a artelharia que lhes ficaua ꝛ tirarãolhe coela, dãdo coisso grandes apupadas: ꝛ assi ficou elrey Dachẽ pacificamente senhor daquela fortaleza, tẽdo ẽ muyto pouca cõta os Portugueses: ꝛ ficou tão soberbo / que dali a poucos dias tomou ho reyno de Pacem/ porque ho gouernador dele vendo ir os Portugueses não ousou de ficar sem eles na terra ꝛ leuou cõsigo el rey que era ainda moço. E despois ganhou elrey Dachem ho reino Dauru comarcão deste: ꝛ elrey Dauru fugio pa Malaca/ onde ele ꝛ ho de Pacẽ viuião muy pobremente. E chegado dom Andre ꝛ Bastião de sousa ondestauão os nauios / deteuerãose tres dias: ꝛ despois forãose pera Malaca onde chegarão a saluamento.

¶ Capit.lij. De como el rey de Bintão mandou fazer guerra a Malaca: ⁊ de como foy morto Anrrique leme ⁊ outros capitães.

El rey de Bintão que era imigo mortal dos Portugueses / não cuydaua nũca senão como lhe faria guerra pera os destruir ⁊ desarreigar de Malaca, pera o que de cõtino se apercebia. E tẽdo jũtas oytenta ⁊ cinco lancharas fornecidas de muyta ⁊ boa gẽte, ⁊ dartelharia as entregou ao seu almirante Laq̃ ximena, pera que fosse sobre Malaca ⁊ lhe fizesse a mais guerra que podesse: ⁊ ele se partio ao fazer. E indo hũa tarde com sua armada ao lõgo da costa oyto legoas de Malaca, foy visto de Duarte coelho que ia ẽ hũa naueta sua a fazer presas á costa do reyno de Patane. E porque sabia que em Malaca não auia sospeita daquela armada porque não tomasse os Portugueses desapercebidos / como foy noyte se fez na volta de Malaca: õde chegado cõtou a Jorge dalbuquerq̃ ao que ia. O que sabido por ele fez conselho / ẽ que todos forão dacordo que se fosse logo pelejar com aquela armada: porque não a desbaratando daria muyta opressão á fortaleza andãdo no mar / ⁊ lhe tolheria os mantimẽtos ⁊ mercadorias que ião de fora: pera ho que logo partio dom Sancho anrriquez capitão mór do mar de Malaca / que foy em hũ galeão de que era capitão seu irmão dõ Antonio anrriquez, ⁊ forão coele Duarte coelho na sua naueta / ⁊ Manuel de berredo ẽ hũa galeota / ⁊ seis capitaẽs outros em seis lancharas / que se chamauão Anrrique leme / Francisco fogaça, Diogo lourẽço, Fernão daluares cassados / Johão de soria / ⁊ Afonso luys, ⁊ partio caminho do rio de Muar onde estaua Laquximena cõ toda sua armada / ⁊ dõ Sãcho, Duarte coelho / ⁊ Manuel de berredo, porque os seus nauios erão grandes ião ao mar / ⁊ as lancharas muyto perto da terra / ⁊ indo assi armouse hũa toruoada do noroeste que lhes seruia a popa: o q̃ vendo dom Sancho amainou ⁊ fez sinal de conselho. E jũtos os capitães, lhes propos dom Sancho como aquelas toruoadas vinhão com muyto grande vento, ⁊ pera entrarem no rio de Muar que era largo ⁊ fundo, se a agoa decesse faria tamanho escarceo que os meteria no fundo / ⁊ mais q̃ era tarde: por isso lhe parecia bẽ meterẽse no rio d Cação que era pequeno / ⁊ estaua primeyro q̃ ho d Muar. Os q̃ erão ãtigos na q̃la terra ⁊ sabião bẽ da guerra forã todos daquele parecer / ⁊ dizião q̃ se fizesse assi: ⁊ os outros que auia pouco q̃ vierão de Portugal ⁊ não sabião da guerra disserão / q̃ aquilo era medo ⁊ que não se auia de fazer. E por serẽ mais que os outros ⁊ terem mais vozes / se assentou em tomar em seu parecer: dizẽdolhe os outros que quando se vissem cõ os immigos, então se saberia quẽ auia medo. E em partindo, ⁊ sendo mea legoa do rio de Muar desfecha a toruoada ⁊ dá na nossa frota: dom Sancho / Manuel de berredo ⁊ Duarte coelho que hião de largo amai-

narão, ⁊ os capitaẽs das seis lãchas deram cõsigo dentro no rio de Muar / ⁊ tres ião diante com a força do vento rompendo pela grande marulhada que ho rio fazia / forão dar antre a armada dos immigos / de que logo algũs os aferrarão, ⁊ como erã muytos ⁊ os Portugueses poucos matarãnos a todos: ⁊ cõ ho prazer que os mouros receberão de ver os Portugueses daquela maneyra ⁊ terẽ por certa sua morte, leuãtarão tamanha grita q̃ retenia por tudo ao derredor: ⁊ apos ela desfecharão seus sinos / bacias, ⁊ outros instromẽtos, que isso abastara pera alagar os Portugueses, quanto mais ho grande escarceo da agoa que alagou a lanchara de Francisco fogaça, ⁊ Dãrrique leme, que com quãtos ião cõ ele forão afogados, ⁊ assi os d Frãcisco fogaça saluo ele / ⁊ outros tres: ⁊ a outra foy varar ẽ hũa vasa onde se meteo toda, ⁊ valeolhe q̃ era ja noyte ⁊ fazia escuro / ⁊ por isso os mouros os não forão acabar de matar: ⁊ quis nosso Senhor dar tamanho esforço a Francisco fogaça ⁊ aos outros tres / que se pegarão na lanchara encomendandose a nossa Senhora / ⁊ assi como a chamarão com muyta deuação assi ela lhes valeo / que as mesmas ondas que alagarão a lanchara, a leuarão a borda da vasa ẽ que a outra fora varar / ⁊ ajuntandose Francisco fogaça ⁊ seus cõpanheiros que estauão nela, vazarão a sua da agoa q̃ tinha, ⁊ cõ trabalho imenso a poserão em nado estando ja ho rio manso, ⁊ fizeranse prestes pera que em amanhecẽdo se fossem pera ho galeão de dom Sancho, porque doutro modo não tinhão saluação segũdo a multidão dos imigos: que sintindo como estes Portugueses estauão no rio poseranse a lerta pera em amanhecẽdo darẽ sobreles / ⁊ assi ho fizerão: que ẽ saindo do rio com a luz do dia, espedense cinco lãcharas dos mouros depos eles remando a boga arrancada, ⁊ alcançãdos no mar os abalrroarão / acometendoos com brauo impeto d gritas ⁊ sõ de instromẽtos / ⁊ muytas frechadas, lançadas / ⁊ arremesos, a que os Portugueses resistirão com marauilhoso esforço / ⁊ leuando fadiga grandissima em se defender / ⁊ matãdo ⁊ ferindo muytos dos mouros, ⁊ morrẽdo deles algũs ⁊ ficando feridos muytos / se desembaraçarão dos mouros ⁊ se acolherão ao galeão de dõ Sancho / que sabendo ho que passaua mandou recolher ao galeão os feridos, de que hũ foy Francisco fogaça. E querendo dom Sancho vingar aquele dano, sem mais cõselho mandou a Manuel de berredo / ⁊ ao capitão da lanchara de Francisco fogaça, que fossem surgir na boca do rio de Muar, parecendolhe que abastarião pera deterẽ os imigos que não saissem do rio / ⁊ que entretanto veria vẽto (porque era calma) ⁊ ele, ⁊ Duarte coelho se iriã ajuntar coeles / ⁊ defenderião os immigos que não saissem do rio / ⁊ mãdaria recado a Jorge dalbuq̃rque, que lhe mandasse socorro pera pelejar coeles: ⁊ Manuel de berredo ⁊ ho outro capitão, com quãto

virão que dom Sancho lhes mandaua cousa muyto desarrezoada/ porque pera a grãde multidão dos immigos, claro estaua que ho perigo era muyto certo, ꝛ porque não parecesse que ho temião forão/ porem ainda bem não chegarão a boca do rio/ sem lhe os mouros darẽ lugar pera surgirem os aferrarão/ ꝛ em muyto pouco espaço os sumirão matandoos a todos/ ꝛ tomarã a galeota ꝛ a lanchara: ꝛ co estes, ꝛ com os que morrerão dentro no rio afogados ꝛ a ferro, forão por todos sesenta ꝛ cinquo Portugueses/ ꝛ ãtreles morreo afogado Anrrique leme muyto esforçado caualeyro como atras disse/ ꝛ dos das fustas que se alagarão se saluou a nado hum Thome lobo, que se foy por terra a Malaca/ ꝛ pos noue dias no caminho por andar de noyte sómente, ꝛ ainda pouco com medo dos Reymões/ ꝛ doutras muytas ꝛ feras alimarias que ha pola terra: ꝛ pola ocupação que os mouros teuerão em matar Manuel de berredo ꝛ os outros/ não entenderão em dom Sancho/ ꝛ em Duarte coelho/ que se os cometerão ouuerão de passar mal, ou perder as vidas segundo os mouros estauão vitoriosos. E vendo dom Sancho a cousa como passaua, ꝛ que não podia fazer nada que prestasse contra os immigos/ acolheose pera Malaca com ho vẽto que lhe sobreueo. E Laquexímena como era sabedor na guerra, ꝛ conhecia que ho dano que fizera aos nossos fora mais por desastre de mao regimento, que por couardia dos Portugueses, ꝛ esforço de sua gente contentouse com ho feyto, ꝛ não querendo esperar a vingança que os Portugueses quererião tomar do passado, partiose pera Bintam.

¶ Cap. liiij. De como foy tomado hũ nauio na cidade de Pão/ onde forão mortos algũs Portugueses.

Ornando dom Sancho a Malaca quisera tornar a buscar os mouros/ ꝛ por saber que erão idos se deixou estar. E Jorge dalbuquerque deu licença a hũ Antonio de pina, moço da camara del Rey de Portugal/ que fosse em hũ jungo seu á ilha de Jaoa/ a fazer fazenda sua ꝛ de partes/ ꝛ forão em sua companhia tres Portugueses, de que hũ se chamaua Bernaldo drago homẽ antigo em Malaca. E tornandose da Jaoa pera Malaca, arribou com tempo á cidade de Pão situada na costa perto de Malaca/ cujo rey sendo amigo dos Portugueses/ el rey de Bintão tomara por genrro dandolhe hũa sua filha por molher: ꝛ a causa que ho moueo a este parentesco foy porque este rey fizesse guerra aos Portugueses q̃ cõtinuauão muyto ho seu porto ꝛ a costa do seu reyno. E este casamento foy muyto secreto/ porque em quãto não se soubesse el rey de Pão fizesse muyto dãno aos Portugueses secretamẽte. E sem eles saberem a causa como passaua foy Antonio de pina ter ao

porto desta cidade d Pão. E cuidã
do ele q el rey era amigo dos Por-
tugueses como dãtes, mãdou a ter
ra buscar mãtimẽtos. E sabẽdo el
rey como ho jũgo estaua no porto,
mãdou pregũtar a Antonio de pi-
na/ se lhe era necessaria desua cida-
de mais algũa cousa/ & q lha mãda
ria dar de boa võtade, & mãdoulhe
muyto refresco: & aqla noyte despa
chou sete lãcharas cõ dozẽtos & oy
tenta homẽs de peleja/ afora os re
meiros, que erão ho dobro: que em
amanhecendo abalrroarão ho jun
go per todas as partes. E Anto-
nio de pina, Bernaldo drago, & os
outros dous Portugueses peleja
rão ate que mais não poderão/ &
despois de matarẽ algũs dos imi-
gos/ foy morto ho scriuão do jun-
go: & Antonio de pina/ Bernaldo
drago/ & outros dous Portugue
ses forão catiuos, & ho jungo to-
mado com quanto tinha, & tudo
foy entregue a el rey de Pão, que
muyto ledo mandou logo os cati-
uos a el rey de Bintão: que despois
lhes cometeo q se tornassẽ mouros,
fazendolhes grandes ameaças se
ho não quisessem ser. E eles com
muyta constancia lhe responderão
que fizesse ho que quisesse, porque
não auião de deixar a sua ley q era
a verdadeira, por tomarem a sua sei
ta que era toda falsidade. E vendo
el rey q estauão firmes ẽ seu propo-
sito/ mãdou meter cada hũ por si ẽ
hũa bõbarda & desparar coeles/ &
assi forão espedaçados por confes-
sarem a nossa santa fé/ & morrerão
martires. E disto não se soube em
Malaca dahi a hũ bom tempo.

¶ Capit. liiij. De como foy morto Andre d bryto no porto d Pão & outros Portugueses.

DAntes de ser sabido mã
dou Jorge dalbuquerq
a dom Sãcho que fosse
fazer presas á costa de
Patane/ & foy no galeã
de que era capitão dom Antonio
seu jrmão, em que leuaria bem trin
ta Portugueses: & ẽ outro nauio,
foy Ambrosio do rego, que leuaria
outros tantos: & ele partido, che
gou da India a Malaca Andre de
brito/ que ia na sua nao que ja disse
atras. E como leuaua hũa licença
do gouernador que tratasse por on
de quisesse/ cõ aprazimento de Jor
ge dalbuquerque se partio pera
Sião/ leuando consigo em sua com
panhia ate doze Portugueses/ &
de caminho tornando de Sião sur-
gio em Pão pera tomar mantimẽ
tos. E sabendoo el rey, mandou
sobrele suas lancharas, de q ama-
nheceo hũ dia cercado: & por os
Portugueses serem poucos, forã
logo abalrroados/ mas sobre a en
trada dos mouros na nao, foy cou
sa espantosa ver como os Portu-
ses a defendião, ferindo hũs/ & ma
tãdo outros, & não auẽdo parte na
nao a q não acudissem com presteza
marauilhosa: porẽ como erão pou-
cos/ & os mouros sem conto, que
podião pelejar em roda viua/ porq
cansando hũs ẽtrauão outros, ho
que os Portugueses não podião
fazer/ começarão de cair hũs mor
tos/ outros quasi/ das muyto grã
des feridas que tinhão, & assi forã

poucos ꝛ poucos, ate que não fi-
cou mais que hũ jrmão Dandre d
brito (a que não soube ho nome) q̃
pelejaua com hũa espada dambas
as mãos/ com que fez cousas tão
marauilhosas/ q̃ os imigos cuyda
uão que era diabo/ porque duas
vezes axorou a nao deles com espã
tosa matança, ꝛ da segunda vẽdose
tão dessalecido das forças ꝛ tão
cansado, que não se atreueo a defẽ-
derse mais, ꝛ por não ser catiuo, ou
morrer a mãos dos mouros/ atou
muyto depressa nos pés duas ca-
maras d falcão ꝛ deitouse ao mar:
ꝛ deitado, tomarão os mouros a
nao. E isto soube despois por hum
Francisco de brito Christão da ter
ra/ que ia na mesma nao por feytor
ꝛ lingoa Dandre de brito, que por
ser da terra ho não matarão os
mouros/ ꝛ foy despois ter a Ma-
laca.

¶ Cap. lv. De como dõ Sãcho ãrriquez/ ꝛ dõ Antonio ãrriquez forão mortos no porto d Pão, ꝛ lhes foy tomado hũ galeão.

Dom Sãcho que partio de Malaca/ pera Patane cõ Ambrosio do rego chegou lá em paz/ ꝛ despois de fazer ao que ia/ que não conto por extenso polo não saber, tornouse com Ambrosio do rego, ꝛ leuando a rota de Malaca: apartaranse com hũ temporal que lhes deu, ꝛ Ambrosio do rego que ia mais ao mar que dõ Sãcho seguio auante, ꝛ dom Sancho que ia mais á terra arribou/ ꝛ foy tomar a barra de Pão õde surgio, cuydãdo que el rey era ainda amigo dos Portugueses/ ꝛ se deixou estar ate ho outro dia que abonançasse ho tẽpo. E estãdo ali ho mandou el rey visitar com hũ presente pera saber quem era/ ꝛ sabendoho ho tornou amãdar visitar cõ mais magestade/ mandandolhe a boa ora d sua vinda com muytos offrecimentos damizade/ ꝛ algũas vacas ꝛ bufaras ꝛ outros mantimẽtos, ꝛ tudo isto foy ceuo pera ho tomar. E foy acerto que ao dia dantes fora ali ter Laqueximena/ ꝛ determinando de tomar algũs nauios nossos que sabia que tomauão aquele porto/ meteose dentro no rio ꝛ tinha escondida sua armada, que era de trinta lancharas: ꝛ sendo auisado por el rey/ de como dõ Sancho estaua na barra, sayolhe em amanhecendo leuando em sua companhia dez lancharas del rey que erão corenta em que ião mil ꝛ duzentos homẽs de peleja/ ꝛ os Portugueses erão trinta. E quãdo dom Sancho vio tanta gẽte sobresi ꝛ que não tinha nenhũ remedio se não pelejar/ disse aos Portugueses: Cõpanheiros com a esperança em nosso Senhor que nos dara esforço, não temos outra saluação se não pelejar bem, ꝛ da sua parte vos peço que queirais ãtes morte cõ honrra que catiueiro cõ vituperio. E coisto repartio a q̃les trinta ẽ ambos os bordos do nauio, ꝛ a proa deu a seu jrmão, ꝛ ele ficou na popa/ ꝛ em cada parte destas auia sete homẽs/ saluo na proa

⁊ popa que auia oyto ẽ cada hũa/ ⁊ os imigos que os virão tão poucos começarão de gritar com prazer de os terem por mortos: ⁊ apartandose quatro lancharas cercarão ho nauio polas quatro partes que digo, aferrãdo por todas elas, ⁊ começase hũa medonha peleja/ os mouros por entrar, ⁊ os Portugueses por lho defender: ⁊ estas quatro lancharas esteuerão hum pedaço aferradas sem a gẽte delas poder entrar no nauio/ ⁊ foy morta algũa parte dela, ⁊ dos nossos muyto feridos ⁊ algũs mortos: ⁊ não podendo os mouros mais sofrer a batalha apartarãose pera chegarem outros d refresco. E dõ Sancho vendo que se os seus esteuessem assi repartidos q̃ os auião os mouros de desbaratar mais asinha, recolheos todos á tolda/ porque ali tinhão mais com que se fortalecer/ ⁊ se vingarião melhor dos immigos antes que morressẽ/ ⁊ assi foy, que matarão tantos que estauão hũs sobre os outros: mas como os mouros erão sem cõto / ⁊ ẽtrauão hũs d refresco cada vez q̃ outros cãsauão, ⁊ eles não podião fazer outro tãto: carregarão sobre eles tãtas feridas q̃ muitos mortos delas, ⁊ outros de fracos do muyto sãgue q̃ tinhão perdido, ⁊ cãssados do imẽso trabalho da peleja cairão todos, ⁊ assi teuerão os mouros lugar de os ẽtrar/ ⁊ acabarão de matar os q̃ estauão meos viuos, que a nenhũ perdoarão polo grãde dano que tinhão feyto nos imigos: ẽ cujo poder ficou ho nauio cõ muyta ⁊ boa artelharia q̃ leuaua.

Capit. lvj. De como Jorge dalbuquerque mandou pedir socorro ao gouernador da India ⁊ lho mandou. E de como ho gouernador foy iuernar a Ormuz.

Ambrosio do rego com ho temporal que disse q̃ deraa ele ⁊ a dom Sancho indo de Patane arribou como disse, ⁊ foy por outro cabo ter ao estreyto d Cinca pura, onde esperou sete ou oyto dias por dom Sancho/ ⁊ vendo que não ia pareceolhe que seria passado, ⁊ q̃ passaria d noyte, ⁊ por isso se foy pera Malaca/ onde tão pouco não achou noua dele: pelo que Jorge dalbuquerque, ⁊ dom Garcia anrriquez/ que era chegado de Maluco presumirão que seria morto. E nisto chegou Bastião de sousa, ⁊ dom Andre ãrriquez/ com todos os outros que ião de Pacem: ⁊ cõ a noua da perda naquela fortaleza foy grande tristeza em Malaca/ por as cousas dos Portugueses irem em tãta declinação naquelas partes, ⁊ as dos mouros em tanto crecimento/ ⁊ porel rey Dachẽ se ir fazendo tão poderoso que era quasi outro rey de Bintão, ⁊ ãbos estaua certo darem muyta opressão a Malaca. E porque Jorge dalbuquerque se temeo que el rey de Bintão mandasse sua armada correr a Malaca/ com que lhe tolheria os mantimentos, mãdou a dõ Garcia anrriquez que se fosse poer sobre a barra de Bintão/ ⁊ que lhe fizesse todo ho mal que podesse/ ⁊ trabalhasse porque a sua armada

não saisse/ ꝛ deulhe quatro velas/ de que fosse por capitão mór .s. dous nauios ele capitão dum/ ꝛ Aires coelho do outro, ꝛ dous carauelões, a cujos capitaẽs não soube os nomes. E neste tempo por ser ho mes de Dezembro que era moução pera India, se partirão algũs nauios pera Cochim/ em que Jorge dalbuquerque screueo ao gouernador a guerra que auia em Malaca/ ꝛ a necessidade em que ficaua, assi de gente, como de nauios/ ꝛ todo ho mais que acontecera aquele anno em Malaca: ꝛ assi lhe escreueo como Antonio d brito não queria estar mais na capitania de Maluco, pedindolhe que lha desse pera dom Sancho seu genrro, ou pera dom Garcia seu cunhado, se ele fosse morto: ꝛ tão bem lhe mandou hũ maço de cartas Dantonio de brito/ em que lhe pedia q̃ prouesse Maluco d capitão, por ele se achar doente, ꝛ enfadado naquela terra. E partidos os nauios que leuauão este recado, chegarão a Cochim onde acharão ho gouernador apercebendose pera tornar a Ormuz. E sabendo a noua de Malaca, ꝛ ho que lhe Jorge dalbuquerque screuia, deu a capitania mór do mar de Malaca a hum fidalgo chamado Martim afonso de sousa, irmão de Johão de sousa/ senhor da Ericeira, ꝛ ordenoulhe hũa armada que leuasse de sete velas .s. tres nauios redondos, de que forão capitaẽs ele, Andre de vargas/ Aluaro de brito/ ꝛ quatro fustas/ capitaẽs Antonio d melo, Andre diaz, Vasco lourenço/ ꝛ outro aque não soube ho nome, ꝛ deulhe duzẽtos Portugueses. E despachada esta armada partiose ho gouernador pera Ormuz onde auia dir inuernar/ pera arecadar ho dinheyro que Raix xarafo ficara deuendo a el rey de Portugal ꝛ ás partes/ ꝛ leuou os galeões que não seruião na India ho tempo que auia destar em Ormuz por ser nela inuerno: ꝛ deixou a armada de remo que era necessaria pera goardar a costa/ que não se vazasse a pimẽta da costa do Malauar: ꝛ esta deixou a dom Luys de meneses seu irmão/ com os poderes de gouernador em sua ausẽcia, ꝛ regimento que inuernasse ẽ Cochim/ por estar mais perto de Calicut: de cujo rey auia algũa sospeyta q̃ se leuantasse cõtra a fortaleza.

❡ Capit. lvij. De como partirão oyto naos, ꝛ corenta paraós, de Calicut carregados despeciaria pera Meca.

Vendo os mouros d Calicut ho grande descuydo do gouernador/ que os não castigaua por nenhũa cousa de quantas fazião/ cobrarão muyto mais esforço do q̃ tinhão pera fazer guerra aos Portugueses/ ꝛ conselhauão a el Rey que se leuãtasse cõtreles ꝛ quebrasse a paz/ pera ho que fizerão acabar muytos paraós, ꝛ oyto naos muyto grandes/ que auião de carregar pera Meca naquela moução: ꝛ auião dir em sua goarda corenta paraós tambem carregados/ ꝛ isto sem pedirem licença a dom Luys,

o q̃ era cõtra o cõtrato das pazes: ⁊ a foꝛa isso determinaua el rey de Calicut d mãdar hũa grãde armada a pelejar cõ os Chꝛistãos d Crãganoꝛ: ⁊ da hi sendo tpõ ir sobꝛe Cochi/ ⁊ ele auia dir poꝛ terra pera tomar a cidade a el rey d Cochi como ẽ outro tẽpo fizera hũ seu ãtecessoꝛ como disse no liuro pꝛimeyꝛo. E q̊s nosso senhoꝛ q̃ tudo isto foy sabido poꝛ dõ João da silueira capitão de Cananoꝛ q̃ ho escreueo a dõ João d lima capitão da foꝛtaleza d Calicut q̃ logo mãdou chamar Cogebequi ⁊ dele soube q̃ era certo, ⁊ q̃ as naos ⁊ paraós q̃ auião dir a Meca auião de sayꝛ pelo rio de Chale (q̃ faz a terra ẽ ilha) poꝛ não serẽ vistas da nossa foꝛtaleza. E pa mais credito foy mostrar estes nauios ao feytoꝛ de Calicut: ⁊ coesta certeza ho mãdou dõ João de lima dizer a el rey de Calicut estranhandolho grandemẽte pois era cõtra as pazes. E el rey lho negou justificandose muyto. E cõ tudo dõ João mãdou sõdar ho rio de Chale, ⁊ achando q̃ tinha fundo ⁊ largura pera entrarẽ nele galẽs ⁊ outros nauios / escreueo todo o q̃ passaua a dõ Luys/ conselhãdolhe q̃ antes de sayꝛ ho inuerno se metesse no rio d Chale ⁊ tomasse as naos ⁊ paraós quando saysem: poꝛq̃ fazẽdo ho assi atalharia aos pẽsamẽtos q̃ elrey d Calicut tinha d fazer guerra ã foꝛtaleza. Mas dõ Luys não quis tomar este cõselho/ posto q̃ era muyto bõ/ ⁊ as naos ⁊ paraós partirão pa Meca, onde foꝛão ter carregadas de muyta especiaria ⁊ droga/ ⁊ assi foꝛão outras muytas naos de todos esses poꝛtos d Calicut sem auer quem lhes contrariasse.

¶ Capit. lviij. De como os mouros de Bintão queymarão no poꝛto de Malaca ho nauio d Simão dabꝛeu ⁊ matarão quantos estauão coele.

Como quer q̃ todos os mouros comarcãos de Malaca fossem muyto amigos del rey d Bintão na hoꝛa q̃ ele fazia guerra a Malaca, se leuantauão logo ⁊ não leuauão mais mantimentos ã foꝛtaleza, nem os de foꝛa q̃ lhos leuauão ousauão de lhos leuar cõ medo da armada del rey de Bintão q̃ os nã tomasse: ⁊ poꝛ isso como el rey de Bitão começou a guerra, começarão logo d faltar os mãtimẽtos. E poꝛque quanto a guerra fosse em mayoꝛ crecimẽto estaua certo faltarem mais/ ⁊ não os poderem ir buscar poꝛ amoꝛ dos immigos que andauão no mar: quis Joꝛge dalbuquerque mandalos buscar cõ tẽpo, ⁊ como dõ Garcia q̃ ho ouuera de fazer era a Bintão, pedio Joꝛge dalbuquerq̃ a Garcia chainho feytoꝛ q̃ ho fizesse, assi poꝛ ser caualeyꝛo muyto esforçado, como poꝛ ser despois dele a segũda pessoa na foꝛtaleza. O q̃ ele aceitou de muyto boa võtade posto q̃ a ida era perigrosa / ⁊ poꝛ não auer nauios em Malaca mais que ho em q̃ Simão dabꝛeu foꝛa de Maluco, ⁊ hũ jũgo del rey que não seruião pera a ida / leuou quantas manchuas ⁊ balões auia em Malaca que sam como boas almadias, ⁊ nestas acompanhado de algũs Poꝛtugueses se foy ao longo da

costa ate ho rio de Muar cinco le-
goas de Malaca onde auia de bus-
car os mantimentos. E andãdo os
buscãdo acertarão de chegar a Ma
laca quatorze lancharas delrey de
Bintão, cujo capitão mór sabendo
quão desapercebida estaua a fortale
za, assi de gẽte como de todo genero
de nauios d remo: e q̃ no porto esta
uão algũs nauios grãdes, determi
nou de os queymar / pa o q̃ entrou
em rõpẽdo a alua sesta feyra dẽdoẽ-
ças na baya da ilha das naos, a cu-
ja sombra ho nauio de Simão da-
breu estaua surto, e ele estaua dẽtro
cõ treze Portugueses q̃ cada noyte
ya dormir ao nauio. E como era ja
no q̃rto da lua em q̃ ele e os seus esta
uão desuelados dos outros q̃rtos
adormecerão, parecẽdolhes q̃ esta-
uão seguros de rebates dimigos, e
por isso não sintirão os mouros / q̃
se os sintirão defenderão cõ a arte-
lharia que lhes não chegassem co-
mo chegarão, e os forão aferrar q̃-
tro grandes lãcharas. E nisto forã
sintidos por Simão dabreu q̃ bra-
dou aos seus q̃ acodissem / e todos
cõ suas espingardas acodirão muy
prestes, e os q̃ as não tinhão reme-
terão aos berços do nauio e despa-
rãnos nos mouros que assomauão
ja aos bordos, e dão coeles nas su-
as lancharas feytos em pedaços,
e estes escarmentarão os outros
de tal maneyra que não prouarão
mais dentrar no nauio, e das suas
lancharas pelejauão com os Por-
tugueses muy brauamẽte. E foy mi
lagre euidente de nosso senhor não
os entrarem logo segũdo erão muy
tos e eles poucos: e assi durou a pe-
leja hũ pedaço em que morrerão al-
gũs Portugueses e dos mouros
muytos. O q̃ vendo ho seu capitão
moor / e q̃ se a peleja fosse auante da
quela maneyra que lhos matarião
todos buscou outro ardil pera aca-
bar mais asinha de matar os Por-
tugueses e queymar ho nauio / e
foy mãdar poer ho fogo a hũ jũgo
que estaua sem gẽte e sem carrega:
e ho fogo bem aceso como a marẽ
vazaua mandoulhe cortar as amar
ras e soltelo cõ cabos q̃ lhe tinhão
dados ate ho ajuntarem ao nauio
de Simão dabreu, sem ele nẽ os de
sua companhia poderem resistir q̃
nã chegasse a eles. E despois de che
gado os immigos ho atoarão á me
sa da goarnição do nauio / e a ou-
tras partes pera que se sosteuesse: e
nũca lhe os Portugueses poderã
contrariar por amor das muytas
frechadas e espingardadas q̃ lhes
os immigos tirauão: e tambẽ por a
mor delas os Portugueses não po
derão cortar as abalrroas com q̃ ho
nauio estaua abalrroado / posto q̃ so
brisso morrerã q̃si todos: q̃ foy muy
piedosa cousa de ver morrerem assi
hũs homẽs sem se poderẽ defender:
e muyto mais despois q̃ ho nauio
começou darder juntamente cõ ho
jungo que fazião hũa espantosa e
medonha labareda com soarem dẽ-
tro os grandes gritos que dauão
algũs Portugueses que ainda esta
uão viuos: a que Jorge dalbuquer-
que não podia mandar socorrer
por não ter em que fosse ho socor-
ro / que tudo o que em que podia ir
era fora como disse: pelo que ele esta
ua muyto triste e tinhase por mo-

fino delhe matarem assi aqueles homẽs diante dos olhos sem lhes poderem valer. E como a magoa q̃ tinha era grande / pareceolhe q̃ lhes poderia mandar socorro em hũ giropanco nauio da Jaoa (que serue de leuar mantimẽtos) que nẽ tinha masto nem velas / ꝛ com a pressa do socorro sem lhe mandar meter artelharia / nem lhe lembrar que estaua desaparelhado mandou embarcar nele obra de trinta Portugueses d̃ setenta que teria / ꝛ mãdoulhes que fossem socorrer ao nauio que começaua darder: ꝛ eles como erão obedientes ꝛ por não parecer que por medo ho deixauão de fazer se embarcarão com quanto vião ho perigo em que yão por não leuarem artelharia ꝛ ho Giropãco ir tão desaparelhado como ya, ꝛ que estaua certo matarẽnos os mouros sem poderem socorrer ao nauio: o q̃ entendendo tambem hũs dous capelães da fortaleza / reqrerão a Jorge dalbuquerq̃ da parte del rey q̃ não mãdasse os homẽs q̃ mãdaua no giropãco / dãdolhe as rezões q̃ digo pera os não mandar / ꝛ mais que ficaua tão pouca gẽte na fortaleza q̃ mortos aqueles a gente da terra a tomaria ꝛ a daria a el rey d̃ Sintão. E ele estaua tão agastado que não queria ouuir nem entender ninguẽ, ꝛ fez embarcar os trinta cõ grãdes brados. O que eles fizerão, ꝛ como ho giropanco, nem tinha vela nem remos acodia mal ao leme ꝛ fazia muytos lós, ꝛ com hũ que fez foy dar em seco que parece que foy cousa de nosso senhor porque se chegara ondestauão os immigos todos ouuerão de ser mortos. E vẽdo Jorge dalbuquerque ho giropanco em seco mandou desembarcar os q̃ yão nele: ꝛ entre tanto os que estauão no nauio que ardia vendo que não podião escapar lançaranse ao mar cuydando que se saluarião, ꝛ nele forão mortos polos immigos, ꝛ ho escriuão do nauio que auia nome Francisco fernandez cuydando de lhe ir socorro, ꝛ que escaparia não se quis deitar ao mar ꝛ sobiose na gauea ꝛ da hi ao mastareo, donde por derradeyro se deitou ao mar ꝛ foy morto polos immigos que com ho prazer da morte dos Portugueses fazião grandes alegrias, ꝛ assi com verem arder ho nauio ꝛ ho jũgo que arderão ate horas de vespera sem ficar nada deles do que parecia sobre a agoa: do que os mouros ficarão muyto soberbos ꝛ teuerão os Portugueses em muyto pouca conta por lhe não poderem acodir. E isto ganhou Jorge dalbuquerq̃ de mandar fora toda a gente que tinha em tempo que lhe corrião os immigos, ꝛ por derradeyro Garcia chainho não trouue mantimẽtos que matassem a fome dez dias ꝛ a sua ida fez tamanha perda.

¶ Capitolo .lix. De como Laquexemena tomou na barra d̃ Sintão dous carauelões da conserua de dom Garcia anrriquez.

Indo as cousas dos Portugueses de cada vez peor nestas partes dom Garcia anrriquez que estaua sobre a barra de Sintão

fazialhe quãto mal podia, ⁊ nã saya nẽ entraua vela nenhũa q̃ ele nã tomasse/ ⁊ fazia algũs saltos ẽ terra/ o que el rey de Bintão sintia muyto ⁊ se auia por muy injuriado / ⁊ tinha por mayor feyto este d dõ Garcia que quãtos os seus tinhão feytos contra os Portugueses / ⁊ aqueixauase cõ Laquexímena de não tomar aqueles quatro nauios, ⁊ ele lhes dizia que não auia ainda tempo: porque era necessaria muyta industria pera os tomar/ porque por força não podia ser por os Portugueses terem muyta auantagem aos Malayos/ ⁊ que as suas vitorias forão por desastre ⁊ nã por eles serem tão bõs homẽs de peleja como os Portugueses. E Laquexímena trazia grandes espias sobre dom Garcia pera ver se ho podia tomar em discuberto/ ate que hũ dia soube que fazia agoada em hũa ilha junto da boca do rio de Bintão/ ⁊ que os nauios grãdes erão os que tomauão agoa, ⁊ os carauelões estauão em vigia: ⁊ como ho soube sayo do rio com algũas lãcharas de sua armada/ mandando aos seus capitães que se por ventura os dous carauelões os cometessem que fizessẽ que fugião ate os leuarem perto da boca do rio onde ficaua a outra armada com que os tomaria. E assi ho fizerão, ⁊ como os capitães dos carauelões virão que as lancharas erão poucas/ ⁊ estauã costumados a leuarem ho melhor delas/ cuydarão de ser assi daquela vez. E dãdo ás velas remeterão a eles, tirandolhes com sua artelharia/ ⁊ os mouros como estauão auisados de Laquexímena fizerão volta como quẽ fugião. E os Portugueses cuydãdo que era assi seguiãnos/ ⁊ com ho vento que era fresco chegarão mais asinha do que quiserão á boca do rio ondestaua Laquexímena, que logo sayo com as outras lãcharas a remo com que cercou os carauelões ⁊ os aferrou ⁊ entrou com sua gente / de que se os Portugueses começarão de defender com muyto esforço/ mas aproueitoulhes pouco: porque temendo Laquexímena que acodisse dõ Garcia ⁊ que lhos tirasse das vnhas se os achasse fora do rio: em se começando a peleja mandou a certas lancharas que rebocassem os carauelões ⁊ os metessem no rio, porque polos baixos q̃ tinha bem sabia que dom Garcia não auia de poder entrar nele com os nauios por serem dalto bordo, ⁊ os Portugueses com ho tento da peleja não sintirão que os leuauão se não quãdo se acharão dentro no rio. E isto se fez tão depressa q̃ dom Garcia lhes não pode valer, posto que logo acodio, mas deteuesse algũ tanto em leuar a ancora sobre q̃ estaua surto: ⁊ isto foy causa de ele nem Aires coelho chegarem a tempo, ⁊ ele se agastou tanto de ver leuar os carauelões / que assi como ia á vela mandou meter ho nauio pola boca do rio bẽ contra vontade do piloto, q̃ dizia que se perderia, ⁊ assi ouuera de ser por ho rio ser ẽ canais muyto estreitos ⁊ em voltas ⁊ ter rastingas ⁊ arrecifes em q̃ logo ho nauio foy varar, ⁊ por grãde milagre sayo. E se Laquexímena não temera a sua artelharia / tambem

ho tomara/mas vingouse ẽ tomar os dous carauelões com morte de quantos estauão dentro que vẽderão muyto bẽ suas vidas com morte de muytos mouros: mas ho prazer dos viuos foy tamanho d̃ tomarem assi estes carauelões ⁊ matarẽ quãtos yão dentro, que não estimarão os mortos. E el rey de Bintão mandou fazer por isso grandes festas. E vendose dom Garcia com aqueles dous carauelões perdidos, não quis ali mais andar ⁊ tornouse a Malaca onde achou feyto ho grã de dãno que disse.

¶ Capit. lx. De como el rey de Bintão mandou cercar Malaca por mar ⁊ por terra.

Vendo el rey de Bintão quã bẽ lhe socedia a guerra q̃ tinha cõ os Portugueses / determinou de lha fazer mais apertada por mar ⁊ por terra: parecẽdolhe q̃ poderia tomar a fortaleza/pera o q̃ mãdou vintemil homẽs/ quatro mil q̃ auião dandar por mar cõ Laq̃ximena / ⁊ desaseys mil q̃ auião de cercar Malaca por terra/ de que deu a capitania mór a hũ Portugues arrenegado q̃ andaua coele q̃ se chamaua Auelar dalcunha. E chegados estes a Malaca desembarcou ho Auelar ẽ Hupe, õde assentou suas estãcias: ⁊ Laquexímena ficou no mar goardando ho porto que não entrassem nenhũs mantimentos nem nenhũs nauios outros. E Jorge dalbuquerque não lhe podia resistir por nom ter mais de dous nauios/ nem menos tinha gẽte/ porq̃ não aueria mais q̃ ate o cẽta Portugueses: posto que auia muytos piães da terra a soldo del rey de Portugal: mas dos Portugueses se fazia conta pera cousa de feito. E per eles repartio Jorge dalbuquerque as estancias pera as defenderẽ/ ⁊ estas erão da pouoação dos Portugueses q̃ estaua fora da fortaleza antrela ⁊ apõte por onde se seruião pera a pouoaçã dos quelins. E porq̃ não soube como estas estãcias forão repartidas ho não digo. E erão os Portugueses tão poucos pera goardarẽ a fortaleza ⁊ as estãcias/ que em algũas não auia mais que tres Portugueses, se não que tinhão consigo muytos piães da terra. E com quanto erão tam poucos estauão muyto esforçados pera resistir aos imigos. E na cidade dos Quelins não pos Jorge dalbuquerque estãcias/ assi por não ter gẽte pera isso/ como por ser cercada de muros de pao pola parte por onde os imigos a podião cometer: ⁊ estas a gente da terra as vigiaua de noite. E despois de ho Auelar assentar suas estãcias, mandaua cada dia correr á cidade dos Quelins: ⁊ cada dia tinhão peleja com os Portugueses, em que morriã muytos dos imigos: ⁊ os Portugueses tinhão imenso trabalho com pelejarem cada dia / ⁊ vigiarẽ cada noyte/ ⁊ morrerẽ de fome/ que não comião mais q̃ arroz cozido ẽ agoa: ⁊ quasi todos estauão doẽtes assi do trabalho ⁊ da fome/ como d̃ feridas. E era cousa de milagre poderem pelejar, ⁊ defenderse aos imigos, q̃ erão tantos ⁊ tão folgados.

E porq̃ o Auelar isto sabia se queixaua muyto cõ os seus como nã faziáo nada cõtra homẽs tão desbaratados: ⁊ hũa noyte determinou dẽtrar á cidade dos Quelins, cujos muros sabia q̃ estauã podres/ ⁊ mãdãdo leuar muytos escopros ⁊ maços foy cometer ho muro no quarto da modorra/ de q̃ cõ os escopros foy derribado hũ lãço dobra de sesséta passos: ⁊ como fazia escuro nã forão vistos das vigias, se não quãdo virão cair ho pedaço do muro q̃ cayo cõ grande arroido: ⁊ ẽ caindo entrarão logo os imigos, ⁊ acharã muytos dos da terra q̃ acodirão ao estrõdo do cair do muro/ ⁊ estes forão todos mortos, ⁊ dali se meterão algũs a roubar. E nisto foy dado repiq̃ na pouoação dos Portugueses, ⁊ dos primeyros q̃ acodirã foy Nicolao de sá q̃ agora he contador dos cõtos delrey nosso senhor, que pousaua junto da ponte ⁊ leuaua cõsigo tres espigardeyros Portugueses/ ⁊ assi acodio Aires coelho / ⁊ quãdo chegarão acharão os piães da terra pelejando cõ os immigos, ⁊ defẽdião q̃ não ẽtrassem por aq̃le portal mais dos q̃ tinhão entrado/ ⁊ os Portugueses q̃ digo os ajudarão cõ suas espingardas, d̃ modo q̃ os deteuerão q̃ não entrassem, ⁊ acodio a gente que estaua nas estãcias. E como os immigos sintirão a gẽte que acodia / foranse leuando algũs catiuos / ⁊ os que ficauão nas casas a roubar forão despois todos mortos. E assi liurou nosso senhor a fortaleza de ser tomada/ que ho fora se os immigos entrarão todos na pouoação dos Quelis. E como foy manhaã Jorge dalbuquerque mandou refazer ho boqueyrão do muro. E despois disto tornarão os immigos a perfiar se poderião ẽtrar, mas não poderão/ porque os Portugueses lho defendião, ⁊ durou este cerco ainda hum mes: ⁊ porque dali por diante podia chegar socorro da India leuantarão os immigos ho cerco da terra ⁊ foranse a Bintão/ ⁊ os do mar ficarão ainda algũs dias ate que tambem se forão.

¶ Capit. lxj. De como Martim Afonso de sousa foy fazer guerra a el rey de Bintão/ ⁊ aos reys de Pão ⁊ de Patane.

Martim Afonso de sousa que ia pera Malaca chegou lá na fim d̃ Junho, onde achou que valia hũa galinha cinco cruzados ⁊ hũ ouo dous vintẽs ⁊ hũa gãta darroz hũ cruzado, ⁊ os homẽs q̃ parecião desẽterrados de nã terẽ cor, ⁊ sua ida deu grãde alegria, assi aos Portugueses como á gẽte da terra: ⁊ logo Jorge dalbuquerq̃ lhe ẽtregou a capitania mór do mar de Malaca, ⁊ a tirou a dom Garcia anrriquez seu cunhado / a que a dera por morte de dom Sancho. E Marti Afonso lhe deu hũa prouisam do gouernador em q̃ lhe daua a capitania de Maluco pa hũ de seus cunhados. E por se Jorge dalbuquerq̃ desapressar da guerra del rey de Bitão, mãdou a Marti Afõso q̃ se fosse cõ cinco velas poer sobre a barra de Bintão dõde não

deixaria sayr a Laque ximena, ꝛ tolheria, q̃ não entrassem por mar mãtimẽtos na cidade: ꝛ partio de Malaca cõ hũa armada de cinco velas/ de cujos capitães nã pude saber os nomes mais que a Uasco Lourẽço. E chegado á barra de Bintão esteue sobrela tres meses em q̃ lhe deu muyto grande opressam, tolhendo q̃ não entrassẽ nenhũs mantimẽtos nem mercadorias, ꝛ que não sayse de dentro cousa nenhũa/ que nem os pescadores ousauão de sayr a pescar. E em todo este tempo nunca Laquexímena ousou de sayr a pelejar coele: ꝛ neste tempo que Martim Afonso ali andou lhe morreo algũa gente por ser aquela paragem doentia, ꝛ por essa causa não quis ali andar mais ꝛ se foy a fazer guerra a el rey de Pão pera vingar ho mal que tinha feyto aos Portugueses, ꝛ ali queymou muytos jungos assi de Pão como da Jaoa, em que forão mortos bem seys mil mouros: ꝛ catiuou tãtos q̃ nã ouue Portugues que a seu quinhão não ouuesse dez catiuos. E despois de fazer destruyção espantosa foyse aa cidade de Patane/ cujo rey era tãbem immigo dos Portugueses/ ꝛ no porto achou algũs jungos que tambem queymou ꝛ antreles hum muyto grande que naquela hora chegaua da Jaoa, ꝛ vinha nele ho mesmo rey de Patane, que com bẽ duzentos mouros saltou ao mar com medo do fogo ꝛ todos forão mortos as lãçadas pelos Portugueses. E vẽdo os da cidade este destroço no mar temerãse de ser outro em terra, ꝛ por isso despejarão a cidade assi da mór parte da fazẽda como de toda a gẽte: pelo q̃ Martim Afonso quando sayo em terra não achou com quem pelejar/ ꝛ queymou a cidade toda ate não ficar mais que ho campo em que esteuera, ꝛ quantas ortas ꝛ palmares auia ao derredor. E deixando ho nome dos Portugueses com muyto credito ꝛ muyto temido por aq̃las partes se tornou pera Malaca/ que esteue por hũ tẽpo muyto prospera.

¶ Capit. lxij. De como foy começada a guerra ãtre Antonio de brito ꝛ el rey de Tidore: ꝛ de como foy morto Jorge pinto da silua ꝛ outros.

Atras fica dito como Bastião de sousa ꝛ Martim correa partirão de Malaca pera a ilha de Banda, õde chegarão ao lugar de Borinté ꝛ hi acharão Marti afonso de melo jusarte q̃ auia quatro meses q̃ estaua de guerra cõ a gẽte da terra/ em q̃ milagrosamẽte se defendeo por não ter mais de sete Portugueses ꝛ setenta Jaos ꝛ Chis ꝛ os imigos serem muytos. E por não poder saber particularmẽte o q̃ sucedeo nesta guerra a não escreuo/ ꝛ os imigos como Bastião de sousa chegou alargarão logo ho cerco. E ficãdo Marti afonso magoado da afrõta q̃ recebera dos imigos/ pedio a Bastião d̃ sousa q̃ ho ajudasse a vigar deles: do q̃ se ele escusou, dizẽdo q̃ ia fazer sua fazẽda, ꝛ sobristo se desauiarão ãbos q̃ Bastiã de sousa se apartou pa a cidade Dalutatã ꝛ hi se apousẽtou cõ Marti correa

em hũa tranqueyra que fizerão. E estando assi chegou a Banda hum Gaspar galo ẽ hũa carauela de Maluco, que por mandado Dantonio de brito ia pedir a Martim Afonso algũa fazenda & mantimentos de que tinha muyta necessidade por amor da guerra q̃ começaua com el rey de Tidore, pera o que lhe pedia q̃ ho fosse ajudar cõ os mais Portugueses que esteuessem em Bãda, & q̃ farião em Maluco muyto proueito por auer aquele anno muyto crauo, & quando não teuesse mantimentos que os tomasse a quantos mercadores esteuessem em Banda/ pera o que lhe mandou a carta dos seus poderes, em que lhe daua elrey a jurdição da ilha de Banda: & da hi a poucos dias q̃ Gaspar galo chegou faleceo. E vagando a capitania da carauela/ Bastião de sousa a quisera tomar & dala a hũ Francisco de sousa seu sobrinho, dizendo q̃ ele tinha ali jurdição por estar por mãdado do gouernador da India/ & Martim Afonso ho não consentio & tomou ho leme & as velas da carauela pera se ir nela a Maluco: como foy & leuou cõsigo outros dous ou tres jũgos de Portugueses, & foy coele Martim correa. E chegados á ilha de Ternate forão muyto bẽ recebidos Dantonio de brito, que tinha despachado hũ fidalgo mãcebo chamado Jorge pĩto da silua natural Deluas pera ir fazer a guerra a el rey de Tidore em quãto se ajuntauão os reys & sangajes q̃ Antonio de brito tinha mãdado chamar a socorro/ & estaua embarcado pera partir, & por Marti correa ser seu parẽte se foy coele a terra/ & deixãdo ho apousentado se partio em hũ nauio, & ia coele em outro hũ Lionel de lima parẽte Dantonio de brito, & leuou hũ batel & hũ calaluz bẽ esquipados pera fazerẽ saltos ẽ terra: & nestas velas irião bem corenta Portugueses. E partido Jorge pĩto foy surgir sobre ho porto da cidade de Tidore, & em pouco tẽpo lhe fez muyta guerra/ tolhẽdolhe os mantimẽtos/ & saindo muytas vezes ẽ terra a fazer saltos de lhe catiuar gente & tomar gado. O q̃ el rey sentia muyto/ principalmẽte a tomada dos mantimentos de q̃ tinha grãde necessidade por a muyta gẽte q̃ estaua junta pera a guerra q̃ esperaua: porq̃ a fora os seus vassalos, muytos vinhão por ho terẽ por homẽ santo. E vẽdose el rey assi perseguido de Jorge pinto, inuẽtou hũ ardil pera ver se ho podia tomar, & foy meter em hũa calheta q̃ estaua hũ pouco afastada da cidade hũa boa armada de paraós que ficaua encuberta cõ grande & basto aruoredo q̃ a cobria/ & de noyte despedio hũa coracora pera ho mar, q̃ em amanhecẽdo aparecesse da parte dou tra ilha chamada Geilolo dõde lhe trazião mantimẽtos: pera q̃ cuydãdo Jorge pinto q̃ a coracora os leuaua se fosse a ela, & ela fugiria pera a calheta/ em cuja entrada atrauessaua hũa rastinga em q̃ ho batel de Jorge pinto por ser pesado encalharia/ & sayrião os q̃ estauão dẽtro & ho matarião. E posto isto ẽ obra amanheceo a coracora ao mar, & vẽdoa Jorge pĩto cuydou q̃ era d' mãtimẽtos determinou de a tomar co-

mo tinha tomado outras, pera ho
q̃ se foy em hũ calaluz em que fazia
aq̃les saltos, ⁊ leuaua consigo seis
Portugueses / ⁊ não quis dar re-
bate a Lionel d̃ lyma parecẽdolhe
que ele só abastaua, ⁊ vendoho os
da coracora ir pareles, fingirão q̃
virauão as velas pera fugirem ⁊
que sembaraçauão / ⁊ nisto se dete-
uerão ate que Jorge pinto foy per
to: ⁊ então remando a boga arran-
cada se acolherão á calheta onde
estaua a cilada / ⁊ entrou sem tocar
na restinga por demandar pouco
fundo: ⁊ ho calaluz que demãdaua
mais por amor da artelharia que
leuaua encalhou em entrando. E
em os mouros da cidade ho vendo
assi dão sobrele cõ grandes gritas,
⁊ cercandoho por todas as partes
tirauanlhe muytas frechadas / ⁊
arremesos sem conto. E com quan
to se ele vio em tamanho perigo,
não lhe faleceo ho grande esforço
que tinha, ⁊ esforçando os seus os
ajudou a defender tirando todos
muytas lançadas ⁊ espingarda-
das / mas não lhes aproueitou na-
da: porque os mouros erão tãtos
que os ferirão tão brauamente q̃
do muyto sangue que lhe saia das
feridas enfraquecerão / de maney
ra que ora hũs, ora outros, cairão
todos sem se poderem ter. E nisto
chegou Lionel de lyma em hũ ba-
tel bem armado dartelharia / ⁊ for-
necido de gẽte: ⁊ vendo ho calaluz
naq̃le estado não se atreueo a socor-
relo / ⁊ tornouse pera ondestauão
os nauios. E se apertára os immi-
gos com a artelharia que leuaua /
ainda saluara algũs dos Portu-
gueses que estauão viuos. E ven-
do os mouros a pouca defensão
do calaluz entrarão dentro, ⁊ cor-
tarão as cabeças aos Portugue-
ses, ⁊ a cincoenta ou sesenta mou-
ros de Ternate que andauão com
eles / ⁊ com as cabeças de todos
enrramarão os seus paraós: ⁊ cõ
grande prazer se forão ao porto da
cidade, onde forão recebidos del
rey com outro tanto, por se ver li-
ure de tamanha opressão.

¶ Capit. lviij. Do que aconteceo a Martim afonso de melo jusarte / cometendo hũ lugar de mouros.

Sabido este desastre
por Antonio de bri-
to / ficou tão agasta-
do que mandou lo-
go chamar Lionel d̃
lyma ⁊ que leuasse os
nauios, ⁊ assi ho fez. E se neste tẽpo
não esteuera junta na fortaleza a
gẽte que era chamada pera a guer-
ra / Antonio d̃ brito desistira dela,
mas por ser junta proseguio auan
te. E ẽ quãto se Cachil daroes em-
barcaua coela / foy assentado que
Martim afonso de melo jusarte,
fosse com os nauios Portugueses
surgir sobre a barra de Tidore / ⁊
forão seus capitães, Lionel de ly-
ma / ⁊ Martim correa: ⁊ partindo
hũa noyte do porto de Talangane
chegou em amanhecendo a Tido-
re, ⁊ surgio na calheta onde mata-
rão Jorge pynto ⁊ os outros: ⁊ cõ-
mo auião ali destar sem fazer nada
ate ir Cachil daroes / determinou

Martim afonso com conselho dos capitães e fidalgos, de ir dar em hũa pouoação de mouros, que disse hũ Gaspar dalmeida que estaua dali a hũa legoa ao lõgo do mar q̃ se poderia queimar facilmente/ e partio pera lá no quarto da modorra por não passar de dia a vista de Tidore, e se soubesse onde ia/ e com quanto partio assi cedo por ir contra vento e maré/ era ja de dia quando passou a vista da cidade. Donde sospeitando os immigos ao que ia lhe sairão em muytos paraós, que os nossos fizerão tornar voltando a eles ás bombardadas. e desapressados dos immigos forão surgir na pouoação, que não era mais de dez ou doze casas com hũa mezquita/ e os mais moradores despois que Gaspar dalmeida vira aquela pouoação, se mudarão pera ho pico de hũa rocha muyto alta, cõ medo da guerra dos Portugueses/ e ali se fortalecerão: e pera estrouarem a sobida aquem lá quisesse sobir contra sua vontade, atrauessarão dous paraós em dous passos de hũa vereda/ que se fazia muyto ingreme do pé da rocha ate o lugar/ pera darem coeles pela rocha abaixo, e leuarem dencontro quantos sobissem. E cõ quãto Martĩ afonso vio que ho lugar era de muyto perigo na sobida, determinou de sobir pois ali estaua, por que não parecesse aos mouros que ho deixauão de fazer com medo: e porque ho tirar os paraós donde estauão era ho mais/ e quanto menos fossem a isso tanto era mais seguro, acordarão que hũ só homem os fosse tirar/ e este foy Martim correa que se ofereceo pera ho fazer, e foy: e por ho lugar estar muyto alto, e os mouros terem tento no crepo da gente não ho virão sobir, e antes de chegar ao prymeiro paraó, foy ter coele hũ clerigo que chamauão Gomez botelho/ que desforçado buscou maneyra pera ir ter coele, e ajudalo a derribar ho prymeiro paraó/ e ho mesmo fez hũ Francisco lopez bulhão, que os ajudou a derribar ho segundo/ e como este estaua mais perto do lugar/ e ho estrondo q̃ fez indo pola rocha abaixo foy muy grande, sintirãono os mouros e acodirão a ver ho que era/ vendo os tres pola rocha acima, e Martim afonso cõ os outros ao pé dela pera sobir, começão de sacodir muytas pedradas, e de deitar grandes galgas/ de que Martim correa, e os dous se saluarão em hũa lapa que se fazia na mesma rocha: e isto das galgas acabou logo/ porque em se os mouros mostrando, começão os espingardeiros de Martim afonso de tirar suas espingardas com que os fizerão recolher detras de hũ muro q̃ tinhão da quela banda: e desembaraçado ho caminho/ começou Martim afonso de sobir indo diante com seis ou sete homẽs e os outros apos ele. E vendo os mouros sua determinação, tornaranse a descobrir pera defenderem a sobida/ e os espingardeiros tornarão a tirar/ e hũ que ia detras de Martim afonso tirou tão certo, que lhe deu pola espadoa dereita, e passando ho pelouro as armas ẽtrou dẽ-

tro no corpo, & foy a ferida tão má que caio logo desacordado. E por este desastre tamanho não forão os Portugueses mais por diante, & se tornarão pera os nauios em que se embarcarão com Martim afonso, queimando primeyro a mezquita/ & as casas que estauão na praya. E dahi se forão pera Ternate, por mandado Dantonio de brito.

¶ Capit. lxiiij. De como foy ferido Francisco de sousa/ & outros Portugueses.

Que dagastado de quam mal lhe socedia a guerra a quisera d todo deixar, se não fora por amor de Cachil daroes/ que vendoho assi lhe disse que ele queria fazer a guerra com a gente da terra/ sómente mandasse hũ capitão Portugues, com ate vinte Portugueses de que se fizesse cabeça: & que iria logo tomar hũ lugar que se chamaua Mariaco, principal lugar da ilha d Tidore: pera ho quelhe deu hũ fidalgo chamado Francisco de sousa/ & vinte Portugueses, & partirão todos com grande frota, em que yão mil & quinhẽtos homẽs da terra, em que entrauão muytos Mandarís, & os vinte Portugueses. E chegados onde auião de desembarcar desembarcarão/ & forãose caminho de Mariaco, que he hũ lugar muyto grande situado em hũa serra quasi no meo da ilha, onde antigamente residião os reys de Tidore: & despois por se pouoar a fralda do mar/ fizerão assento na cidade que agora tem. Este lugar era cercado de tranqueiras de hũa face/ & a lugares tinha algũa caua/ & com isto estaua algũ tanto fortificado. E chegados a este lugar/ tomoulhe Cachil daroes as seruentias ẽ que pos algũa da sua gente, por lhe não poder yr socorro: & disse a Frãcisco de sousa que ficasse de hũa bãda ao pé do lugar, & ele iria pola outra que era mais alta: & tanto que fosse em todo cima/ daria a sua gente hũa grita a que ele acodiria com os Portugueses/ & darião no lugar & ho tomarião. E proseguindo Cachil daroes pera ho lugar, sem ser visto nem sentido dos moradores/ por a terra ser cuberta d muyto basto aruoredo/ sairão algũs do lugar cuydando que ho podião fazer sem perigo/ & estes forã logo sentidos dos que goardauão as seruentias, que deitarão apos eles dando algũas gritas: com que se Francisco de sousa enganou, cuydando ser Cachil daroes que daua no lugar pela banda por onde fora, ao que acodio logo pola sua com grande pressa. E como Cachil daroes não era ainda chegado ao seu combate/ nem os mouros recebessem opressão, acodirão todos onde Francisco de sousa cometia/ & ás pedradas & frechadas se defenderão de tal maneyra que os Portugueses forão todos muyto feridos. E ho mesmo espingardeiro q ferira a Martim afonso, ferio ali a Francisco de sousa por hũa coxa & isto de desacordado, polo quelhe foy necessario afastar se pera ho lugar em q ho deixou Cachil daroes:

que sabẽdo o q̃ passaua lhe foy acodir, ⁊ muyto agastado daquele desastre/ jurou em sua ley de não se partir dali ate não tomar ho lugar/ ⁊ assi ho screueo a Antonio de brito/ pedindolhe que não se agastase polo que sucedera, porque erã desastres de guerra/ ⁊ que lhe mãdasse Martim correa com vinte Portugueses/ porq̃ ho tinha por tão esforçado ⁊ sabedor na guerra, que com ele acabaria muyto a sua honrra: ⁊ com este recado mandou Francisco de sousa ⁊ os feridos.

¶ Capit. lxv. De como por industria de Martim correa/ foy tomado ho lugar de Mariaco.

Sendo Antonio de brito quantos desastres lhe acõtecião naquela guerra, determinou de a deixar de todo/ ⁊ não mandar a ela nenhũ Portugues/ ⁊ ẽçarrarse na fortaleza com cento ⁊ trinta Portugueses que tinha/ ⁊ esperar ate irẽ os jungos de Malaca: ⁊ não quis mandar Martim correa que fosse ajudar a Cachil daroes, nem ho mandara se ho mesmo Cachil daroes lhe não fora pedir que ho mandasse/ ⁊ por isso lhe deu licença que fosse cõ vinte Portugueses. E escreueo a Lionel de lima que estaua no porto de Tidore, que ho fosse acõpanhar com a mais gente que podesse, tirando a do seu nauio que deixaria a recado: ⁊ dizia em hũa carta q̃ se Martĩ correa se quisesse meter em algũa cousa de perigo, q̃ ele lhe requeresse da parte del Rey que ho não fizesse/ ⁊ não querendo se não fazelo que lhe lésse aquela carta/ ⁊ requeresse da sua parte aos que ho acõpanhauão que ho não ajudassem. E recebidos por Lionel de lima estes recados logo se foy ajuntar cõ Martĩ correa, leuãdo cõsigo quinze Portugueses/ que cõ os que Martim correa tinha erão trinta ⁊ cinco/ q̃ vendose coeles, ⁊ cõ a gente de Cachil daroes apressouho que cometessem ho lugar, polo ver estar muyto frio nisso: ⁊ ele lhe disse que ho faria quando lhe viesse vontade/ porque ainda lhe não vinha. E por isso determinou Martim correa de ho cometer com os Portugueses, cõ tenção que vendo Cachil daroes a cousa trauada acoderia com sua gẽte. E dando disso conta a Lionel d̃ lima/ ele lhe requereo da parte Dãtonio de brito que ho não fizesse: ⁊ aos outros que ho não ajudassem mostrandolhe a carta de Antonio de brito/ em que mandaua que lhe não obedecessem: ⁊ eles ho fizerão assi saluo hũ Jane mendez caualeiro muito esforçado, que se lhe offreceo ao ajudar com sua pessoa/ o q̃ lhe Martim correa agardeceo. E dando a entender a gente que não queria cometer ho lugar pois ho não querião ajudar, falou aquela noyte com Joane mendez, ⁊ concertou coele que ao outro dia pola menhaã cometessem a tranqueira per hũa parte/ que ele sabia que estaua fraca: ⁊ que irião ambos com dous seus criados: ⁊ oyto mãdarins dos de cachil daroes, que conhecia por

esforçados, ⁊ como fossem dentro que a sua gẽte lhes acodiria, ⁊ desta maneira se despacharião dali. E porque Martim correa sabia q̃ por aquela parte auia hũas caniçadas de fora da tranqueira: mãdou aos mandarins q̃ as desfezessem/ ⁊ vissem se auia estrepes/ porq̃ os costumão muyto naquela terra: ⁊ sabendo que as caniçadas erão desfeitas ⁊ que não auia estrepes, ao outro dia em amanhecendo se foy da sua estancia com a cõpanhia que digo: que erão por todos doze pessoas: ⁊ chegados á tranqueira virão que auia por aquela parte pouca gente por auer de fora grande mato ⁊ má seruentia pa se chegarẽ a ela: ⁊ estaua da banda de dẽtro hũa casa terrea cõprida, ⁊ dereito do meo dela erão os esteos da tranqueira ralos ⁊ curtos. E estando assi vendo por onde auião de cometer, apareceo hũ mandarim vestido em hũa roupeta de graã, cõ hũa gorra do mesmo: ⁊ nela hũa pruma: que logo foy morto cõ hũa espigardada que lhe tirou Joane mendez. E nisto acodirão algũs homẽs a hũa goarita q̃ estaua sobre aq̃la parte/ dõde lhes tirauão pedradas ⁊ outros arremessos: ⁊ lhes deitauão tãta soma de terra que fazia tamanha poeira que não se enxergauão hũs aos outros. E como os de dentro vião q̃ os de fora erão tam poucos, parecialhes que era impossiuel poderẽ entrar: ⁊ ja que entrassem q̃ erão tã poucos/ que eles abastauão pera os matar: ⁊ por isso fazião a cousa caladamẽte, que não se sintia senão nas estancias vezinhas: ⁊ tirauão suas pedras ⁊ arremessos, ⁊ deitauão a terra cuydando de cegar os Portugueses: ⁊ no que cuydauão que lhes fazião mayor dano os aproueytarão mais: porque como da terra que caya se fizessem grandes ⁊ grossas nuuẽs de pó, que cobrião Martim correa ⁊ os outros/ teue ele tempo, de com sua ajuda arrancar hũ pao da tranqueira que era tão grosso, que polo lugar que ocupaua pode Martim correa caber dilharga ⁊ a pos ele Joane mẽdez, ⁊ despois os outros: ⁊ tomarão hũ terreiro que se fazia diante da casa/ que estaua ao lõgo da tranqueira. E como os mouros os virão dentro começouse antreles muy grande aluoroço, acodindo logo os das estancias vezinhas dando grandes gritas porque os ouuissem polo lugar. E como Lionel de lima estaua perto, em ouuindo a grita acodio logo com todos os Portugueses sospeitando ho q̃ era/ ⁊ entrou polo portal q̃ achou feyto: ⁊ ajuntouse com Martim correa pelejando todos marauilhosamente/ porque os mouros crecião muyto: ⁊ ouue ãtreles hũa braua peleja, que durou hũ pedaço primeyro que chegasse Cachil daroes por estar muyto descansado/ ⁊ cuydar que não se auia dentrar tão asinha. E como ele chegou espalhouse sua gente por todas as partes, ⁊ derão nos mouros d̃ que matarão todos, saluo obra de cento que se acolherão sobre hũas aruores, õde os Cacil daroes mãdaua matar as espingardadas, se não fora Martim correa que lhe pedio as

vidas/ ⁊ ele lhas deu muyto pesada
mente, dizendo que era seu custume
inuiolauel, que em toda a batalha
onde ya el rey ou quē representasse
sua pessoa/ de morrerē todos os im
migos que não se querião dar amer
ce antes da batalha/ ou do combate
E em sinal que Cachil daroes per-
doaua aos que estauão sobre as ar-
uores, bebeo agoa pola pōta do seu
cris/ que he sinal de perdão: ⁊ com
isto se decerão os mouros/ que co-
mo disse erão cēto/ ⁊ os mortos fo-
rão trezentos. E dos Portugueses
não morreo nenhū, nem dos q̄ os a-
judauão: ⁊ Martim correa foy feri
do em hūa perna de hū arremesso:
⁊ os mortos todos forão mādaris
⁊ os mais parentes del rey de Tido
re: ⁊ outra gente não auia no lugar,
porque tanto que lhe foy posto cer
co ho despejarão dela ⁊ das fazēdas
⁊ por isso não se achou cousa que fos
se de roubar. E despois do feito aca
bado estando Martim correa descā
sando vio ir contra si dous homēs
hū deles Mandarim ⁊ velho/ ⁊ ho
outro de menos idade comitre de
hū paraó/ ⁊ este leuaua dependura-
das duas cabeças de mouros/ ⁊ fu
gia do outro q̄ lhas queria tomar/
⁊ chegādo a Martim correa lhe fez
queixume daquilo: ⁊ porq̄ ho velho
cō muyta instācia pedia a Martim
correa q̄ lhe desse hūa daq̄las cabe-
ças pera a depēdurar em hū paraó
de q̄ era capitā: ⁊ quiseralha tomar
⁊ ho outro as aferrou gritādo q̄ lhe
não tomasse sua honrra q̄ ganhara
com muyto trabalho pera ja dar ao
mandarim, que em quanto durara
a peleja do lugar esteuera dormido
⁊ coisto se foy. E ali soube Martim
correa que todo aquele que apresen-
tar ao rey sete cabeças dimigos des
pois de dar algūa batalha que ho
faz caualeiro, ⁊ ho faz fidalgo, a q̄
chamão mandarim, se ho não he/ ⁊
hão por muyto grande honrra apa
nhar muytas cabeças. E acabada
a matāça dos moradores do lugar
foylhe posto fogo, ⁊ ardeo todo sem
ficar cousa algūa. ⁊ da fortaleza vio
Antonio de brito, ⁊ os que estauão
coeles as chamas do fogo: ⁊ por isso
⁊ por recado de Martim correa foy
certificado q̄ o lugar era destruido.

¶ Capit. lxvj. De como prosseguindo Martim correa ⁊ Cachil Daroes a guerra tomarão muytos lugares que el rey de Tidore tinha na ilha de Maquiem.

Destruido este lugar
ouue Cachil daroes
conselho cō Martim
correa que fossem aa
ilha de Maquiē/ de
q̄ era ametade delrey
de Tidore ⁊ a outra del rey de Ter-
nate ⁊ a tomassem: ⁊ assi ho fizerão.
E ao primeyro lugar del rey de Ti-
dore que chegarão, estando no mar
⁊ tão perto de terra que se poderia
ouuir: deuse hū pregão na coracora
do çamarao que em sua lingoa quer
dizer almirante/ que soubessem os
moradores do lugar q̄ naquela fro-
ta ya certo numero de Portugue-
ses que yão vestidos de ferro (⁊ isto
polas armas) ⁊ que leuauão os pa-
raós cheos de cabeças dos Māda
rins de Tidore, que bē podião vin-

galos: porẽ que deuião de dar obediencia ao regedor Cachil daroes que ali ya, porque lhes não fizessem outro tanto como aos de Tidore. E a este pregão sairão todos os do lugar á praya / ꝛ quando virão a multidão das cabeças dos mortos mostrarãose muy espantados, ꝛ determinarão de se entregar / ꝛ assi ho fizerão logo ao outro dia pola manhaã, ꝛ cada hũ leuaua algũa peça que apresentaua ao regedor / ꝛ isto de sua vontade / ꝛ não dobrigação: ꝛ dada obediencia ao regedor, se tornauão pera suas casas, ficãdo vassalos del rey de Ternate: ꝛ desta maneira se entregarão todos os lugares que el rey de Tidore tinha nesta ilha. E a causa de lhe darem primeyro ho pregão q̃ disse, era por ser costume da terra, que quando auião de fazer guerra a algũa gente pera que não disesse despois que os tomauão a treição, lhe auião de noteficar como lhes querião fazer guerra / ꝛ a gente que tinhão, ꝛ as armas que leuauão / assi defensiuas como ofẽsiuas, ꝛ se se entregauão, então dauão aquelas peças de sua võtade, ꝛ não lhes fazião mal. E se respõdião que não auião medo ꝛ estauão prestes pera se defenderem / dali por diante os podião combater, ꝛ tomar por treição, ꝛ por todos os ardijs q̃ podessẽ sem terem nisso culpa. E não tendo mais que fazer na quela ilha, se tornarão a nossa fortaleza.

¶ Capit. lxvij. De como Martim correa, ꝛ Cachil daroes destruirão ho lugar Dogane, ꝛ se tornarão a Ternate.

Sendo Antonio de brito quão bem lhe sucedia a guerra, nã quis deixar d̃ a proseguir. E porque ainda ficaua hũ lugar a el rey de Tidore, que tinha na grã de ilha d̃ Batochina sessenta legoas de Ternate / tornou a mandar Martim correa com corenta Portugueses / ꝛ coele foy Cachil daroes / ꝛ ho çamarao / que forão pola ilha de Cajoa pera se ajuntar com eles ho rey dela / como ajuntou: ꝛ dali se forão todos a ilha de Batochina sobre hũ lugar chamado Gane, q̃ seria de bẽ duzẽtos vezinhos, ꝛ as casas todas sobre esteos d̃ madeira cujas paredes erão de barrotes / ꝛ em lugar de tauoado tinhão por cima hũas esteiras de canas rachadas / ꝛ por de baixo das casas auia algũs assentos pera se agente assentar de dia / ꝛ estas casas erão assi feytas / pera que no tempo da guerra se defendessem melhor dos immigos / porque sobem ás casas per hũas escadas leuadiças de canas / que como são em cima as poẽ ao longo das paredes ꝛ ficão muyto seguros: ꝛ pera offenderem aos immigos se lhes entrão ho lugar / enrolão as esteiras pera as ilhargas das paredes, ꝛ tirão perantre os barrotes aos que andão por baixo / com paos tostados / ꝛ pedras, ꝛ frechas, ꝛ com hũs arpões d̃ ferro / aque chamão tãrranas / que trazem atados em muytas braças de cordel que enrolão no braço dereito pera que lhes fique sempre ho cordel na mão / ꝛ se acertão, puxão

pelo cordel ate chegarẽ ho homẽ a si/ ⁊ cortanlhe a cabeça: ⁊ estas armas sam muy temerosas ⁊ perigosas: ⁊ de que se seruẽ muyto qñado lhe os imigos entrão os lugares/ porq̃ tem tã pouco engenho q̃ lhes não sabẽ cortar os esteos das casas ⁊ derribarlhas/ nem ousam de se chegar junto delas cõ medo destes arpões ⁊ doutros arremessos: este lugar era cercado de hũa banda de hũa vala muyto alta per onde entrara ho mar, ⁊ ho alagaua quãdo era necessario: ⁊ por outras partes era cercado desteiros ⁊ de vasa/ de modo que estaua muyto forte, ⁊ tinha a entrada muyto perigosa. E cõ tudo Martim correa disse a Cachil daroes que ho cometessem: ⁊ forão pera entrar pola bãda da vala/ que não podião as corascoras nadar por outra parte/ mas logo encalharão sem poderẽ passar auãte cõ estacadas q̃ os mouros ali tinhão feitas, por onde as corascoras que erão grandes não podião caber: o q̃ vendo os mouros se meterão muy de pressa em paraos pequenos/ ⁊ se chegarã per antre as estacas ho mais perto que poderã dos nossos, ⁊ tirauãlhes muytas frechadas, ⁊ arremessos/ ⁊ eles dissimulauão por rogo de Cachil daroes pera que se chegassem mais ⁊ lhes tirassem com as espingardas: de que os imigos não sabião nada por não terem nunca visto Portugueses. E vẽdo os Martim correa bẽ chegados desparou a sua espingarda, ⁊ ho mesmo fez Cachil daroes/ ⁊ outros que as tinhão: com que derribarão mortos muytos dos imigos: ⁊ os outros como entenderão ho jogo fugirão/ indo ẽ seu alcanço muytos pelouros de berço, que lhes desparарão nas costas/ que matarão ⁊ ferirão esses q̃ alcançarão: ⁊ despejada a estacada foy logo cortada ⁊ arrancada. E tẽdo as corascoras lugar pera ẽtrar se chegarão tam perto das casas que lhes chegauão com os berços, mas como não lhe podiã dali fazer muyto nojo/ saltou Martim correa em terra com dez Portugueses que yão coele na coracora do çamarao/ que tambẽ desembarcou com os mouros de sua capitania, ⁊ porem acharão tanta vasa, ⁊ alẽ dela hũ esteiro tão alto que não poderão chegar ao lugar: ⁊ foy força do embarcarense outra vez, porq̃ Cachil daroes não estaua ali/ ⁊ ya por outra banda/ ⁊ de lá mandou chamar Martim Correa / que se foy parele. E polo achar frio em cometer ho lugar ate os imigos gastarem os arremessos que tinhão, remeteo a eles cõ esses Portugueses ⁊ mouros que leuaua, ás espingardadas, metẽdose pola vasa, e[m] que auia muytos strepes, de q[ue] hũ ho ferio em hũ pé/ mas ele nã deixou de ir por diante ate cheg[ar] a hũa tranqueira que estaua da[que]la parte que despejou dos imigo[s] ás espingardadas com os outro[s] ⁊ despejada entrarão no lugar, apos ele Cachil daroes cõ os d[a] s[ua] capitania. E vẽdo os imigos q̃ [não] tinhã outro remedio, derão cõsig[o] encima nas casas leuãdo apos si [as] escadas/ cuidãdo q̃ se auião de [de]fender como outras vezes/ m[as]

não lhes derão os Portugueses es
se vagar, que logo atando bisalhos
de poluora nas pontas das lanças
lhos punhão encima dos telhados
com murrões acesos / ⁊ deles se pe-
gaua ho fogo nos telhados que
erão dola seca / em que logo se acen-
deo muy brauamente ⁊ ateandose
de hũas casas em outras: acendeo
se hum espantoso fogo per toda a
cidade / ⁊ coela per toda ela se ale-
uantou hũa grande ⁊ dorida grita
que dauão as molheres ⁊ meninos
de que as casas estauão cheas. E
querendose liurar do fogo reme-
tião aas portas pera se lançarem a
baixo onde vião estar os Portu-
gueses cõ as lãças leuãtadas pera
os receberẽ nelas, ⁊ cõ tudo a se dey
tauão: ⁊ assi morrerã muytos quey
mados do fogo / ⁊ outros a ferro:
⁊ forão catiuas bem dozentas al-
mas / ⁊ antrelas ho foy tambẽ ho
mesmo senhor do lugar / com toda
sua casa. E como teuerão destruy-
do este lugar de todo / embarcarão
se Martim Correa / ⁊ Cachil da-
roes ⁊ tornarãose a Ternate / on-
de Antonio de brito deu a Mar-
tim correa a alcaidaria mor da for
taleza, ⁊ a capitania mór do mar,
porque ficasse coele mays tempo /
por ver quanto era pera seruir el
rey por seu esforço ⁊ valentia.

¶ Capitulo. lxviij. De como el rey de Tidore mandou pedir pazes a Antonio de Brito: ⁊ ele lhas não quis dar.

Com a destruyção deste
lugar Dogane ficou el
rey de Tidore muyto q-
brado da soberba que ti
uera contra os Portugueses, ⁊ bẽ
arrependido de ter guerra coeles, ⁊
cobroulhes tamanho medo, q̃ não
se tinha por seguro em nenhũa par
te: polo que mandou hũ embaixa-
dor a Antonio de brito, pedindolhe
pazes, offrecendose a pagar a el rey
de Portugal toda a perda ⁊ dãno
que teuesse recebido por sua causa:
⁊ lhe daria a artelharia que toma-
ra na fusta: o que Antonio de brito
não quis: ⁊ respõdeo que ainda não
estaua bẽ vingado dele. E dali a al-
gũs dias forão tomados no mar
pelos Portugueses duzentos ho-
mens vassalos del rey de Tidore,
q̃ Antonio de brito mandou matar
de muy cruas mortes. O que não
somente punha grande temor em
el rey de Tidore / mas em outros
reys comarcãos daquele arcepela-
go: ⁊ todos se liauão por amizade
com Antonio de brito, ⁊ antrestes
foy ho da ilha chamada Grambo
canora / que mandou a Antonio de
brito hũs doze homẽs ẽ hũ paraó /
a q̃ naqla terra chamão Ourão soã
gue q̃ quer dizer homẽ diabo. E isto
porq̃ por arte diabolica se fazẽ inui-
siueis / ⁊ ẽtrão por õde querẽ ⁊ fazẽ
muyto mal: ⁊ por isso hão aqlas gẽ-
tes grandissimo medo deles / ⁊ se
os acolhem logo os matão. E por
que estes ourões soangues se fazem
inuisiueis os mãdou el rey da Grã
bocanora a Antonio d brito pera q̃
lhe fossem fazer saltos á ilha de Ti-

dore/ ꝛ matassem nela muyta gẽte/ do que Antonio de brito fez escarnio/ ꝛ eles forão por seys ou sete vezes fazer saltos em Tidore, donde trouuerão de cada vez muytas cabeças de homens que matauão: do que a gente de Tidore andaua muyto espantada ꝛ atormentada/ ꝛ espiarãnos hũa noyte onde deixauão ho seu paraó ꝛ tomaranlho ꝛ eles ficarão embrenhados pola ilha, ꝛ cada noyte fazião fogos aos de Ternate que estauão defrõte que fossem por eles, ꝛ por isso forão ꝛ achrão onze/ ꝛ ho outro nunca mais pareceo/ pelo que Antonio de brito fez disso muyto mais escarnio que dantes, ainda que lhe Cachil Daroes afirmaua que era assi, ꝛ que se fazião inuisiueis. E por Antonio de brito dizer que se ele metesse no tronco hum daqueles que ele nã se sayria lhentregou Cachil Daroes hum que lhe leuarão pera justiçar. E Antonio de brito ho mandou meter em hum tronco pola cabeça/ dizendo que se se dali saysse que creria fazerse inuisiuel/ ꝛ mandou ho goardar muyto bem hũa noyte. E quando foy ao outro dia não ho acharão no tronco/ do que Antonio de brito ficou muyto espantado. E porque el rey de Tidore não dissesse que lhe fazia a guerra com arte diabolica/ não quis que fossem lá mais os Ourões soangues/ ꝛ mandaualha fazer continuamente polos Portugueses com o que el rey viuia muy atormẽtado.

¶ Capitolo .lxix. De como el rey de Calicut começou de fazer guerra aa fortaleza dissimuladamẽte.

Passãdose estas cousas em Maluco/ el rey de Calicut que estaua determinado de fazer guerra á fortaleza dos portugueses, apercebiasse pera isso quãto podia, ꝛ assi os mouros de todo seu reyno, que ajuntarão quasi duzentos paraós darmada / de que corenta auião dir carregados de especiaria a Meca em goarda das oyto naos que disse atras/ ꝛ assi outros muytos ate os poerem de mar em fora da costa do Malabar. E ho capitão moor desta armada era hum valente mouro chamado Cutiale de Tanor. E da partida desta armada que foy logo na entrada do verão foy auisado dom João de lima capitão da fortaleza de Calicut/ per hum Portugues arrenegado que andaua cõ os mouros chamado Bastião/ filho de hum ouriuez de Lisboa que fora moço da capela del rey dom Manuel, ꝛ por ser muyto amigo de dom João (ainda que era mouro) lhe screueo hũa carta da partida desta armada/ ꝛ que auia de passar ao longo da fortaleza pera a tomar se esteuesse pera isso: o que logo dom João como isto soube escreueo a dõ Luys que estaua em Cochim / pedindolhe q̃ mandasse hũa armada

a goardar a coſta : o que ele não
quis/nem ſayo de Cochim ſe não
em Outubro indoſe dereyto a Goa
onde eſperaua que ho gouernador
foſſe ter Dormuz. E vendo dom
João de lima como lhe nã acodião
de Cochim/ſegurou a fortaleza do
combate que ſe lhe podia dar por
mar / com fazer hum baluarte de
madeyra com que a porta da forta-
leza ficaua tambem emparada da
banda do mar :pera o que mandou
pedir carpinteyros ao regedor da
cidade, que como ſabia a guerra q̃
el rey determinaua de fazer aa for-
taleza não queria dar os carpintey-
ros. E dom João pola preſſa que ti
nha começou ho baluarte com ho
condeſtabre da fortaleza q̃ era muy
to ẽgenhoſo ⁊ inſinaua algũs Por-
tugueſes a laurar a madeyra. O q̃
viſto polo regedor/ por dom João
não ſoſpeitar algũa couſa da guer-
ra que eſtaua determinada lhe deu
os carpinteyros cõ que ho baluar-
te foy muy aſinha acabado. E não
tardou nada que apareceo a frota
dos mouros/⁊ hum paraó dela ſe
chegou a terra pera ver ſe poderião
tomar a fortaleza:o que vendo dom
João lhe mandou tirar com tres ti-
ros groſſos, ⁊ hum eſpedaçou ho
paraó : ⁊ os outros arrombarão
algũs dos que yão ao mar. E ven-
do Cutiale quanto dãno recebia
ſem deſembarcar / conheceo o que
receberia deſembarcando/⁊ por iſ-
ſo paſſou auante. E dom João ſe
mandou queixar ao regedor de Ca-
licut da viſta que eſta armada deu
aa fortaleza:dizendo que ſe el rey de
Calicut queria guerra que lho de-
craraſſe,porque aſſi ho fazião os ca
ualeyros. Do que ho regedor ſe lhe
foy diſculpar : ⁊ el rey de Calicut
quãdo ſoube que dom João ho en-
tendia, mandou a hum Nayre que
lho foſſe matar. E como eles ſam
muyto obedientes a ſeu rey, deter-
minou de ho fazer:fingindo que le-
uaua hum recado del rey a dom
João. E indo ho Nayre coeſte pro-
poſito achou ho aſſentado na rama
da da fortaleza com algũs fidalgos
ſeus parentes/⁊ infiouſe tanto que
rendo chegar a ele que ho entendeo
dom Vaſco de lima que hi eſtaua, ⁊
diſſe a dom João que ho mataſſem.
E ele não quis / mas mandou aos
alabardeyros da goarda que lho
tomaſſem. E aſſi ho fizerão, ⁊ quei-
xandoſe ho Nayre que leuaua hum
recado del rey a dom João, que lho
deixaſſem dar, diſſelhe ele que bem
ſabia que não leuaua recado/ ſe não
que ya pera ho matar, ⁊ que ho não
mataua como lhe merecia por não
quebrar a paz / ⁊ mandou ho pera
Calicut. E ainda outra vez intẽtou
el rey de ho mandar matar por tres
Nayres que fingirão leuarlhe ou-
tro recado:porẽ como ele ja andaua
de ſobre auiſo entendeo os, ⁊ tam-
bem os mandou prẽder por os ſeus
alabardeyros/⁊ diſſelhes que diſ-
ſeſſem a el rey que ſoubeſſe certo que
ho não auia de poder matar por ma
is que fizeſſe:⁊ ſe queria guerra coe-
le que lha declaraſſe ⁊ que ele ſe de-
fenderia/⁊ ſe não fora por quebrar
a paz que ele lhe começara ja de fa-
zer guerra pelo que entendia nele.

¶ Capitolo .lxx. De como os mouros & Nayres de Calicut começarão a guerra cõ cõ João de lima capitão da fortaleza.

Com quanto a guerra assi andaua bazcolejada, não deixaua dauer conuersação ãtre os Portugueses & os da cidade: nem os Nayres da feytoria não deixauão de seruir nela/ & comũmẽte a gẽte de Calicut desejaua a paz/ & sós os mouros a não querião polo grãde odio que tinhão aos Portugueses, & conselhauão a elrey de Calicut que fizesse a guerra. E eles matarão neste tempo hum Gonçalo tauares que dom João mandaua com hum recado ao regedor de Calicut/ & assi outros dous Portugueses que yão coele: sobre que ho regedor não fez nada/ posto que se dom João mandou queixar dos mouros. E vendo esses fidalgos que estauão com dom João/ & assi ho feytor & alcaydemór & os mais de essoutra gente este desauergonhamento: & que auia dous meses que em Parangale lugar del rey d Calicut matarão outros mouros doze Portugueses/ conselhauão a dom João que fizesse guerra a elrey de Calicut pois lha ele fazia: por que que mais guerra podia ser que matarlhe os Portugueses poucos & poucos, & que em guerra discuberta não lhe matara tantos / que não esperasse mais causas pera que brar a paz, que nã podião ser mais. E posto que a dom João lhe não falecia esforço pera a guerra / não ousaua de quebrar a paz ate os immigos não cometerem a fortaleza/ porque assi ho tinha por regimẽto: & por isso sufria todas estas cousas. E sabendo ho regedor & ho Catual da cidade polos Nayres da feytoria o que os fidalgos conselhauão a dom João/ temendo que quebrasse a paz polo terem por esforçado, forãno ver por dissimular: & a vista foy na ramada da fortaleza. E queixandoselhes dom João das cousas passadas/ & eles dando suas disculpas, tirarão dantre a sua gente certas espingardadas: do que eles auendo grande vergonha bradarão com a gente/ dizendo que eles saberião os que fizerão aquilo/ & os castigarião muyto bem: & porque não fizessem outra tal mandarão toda a gente pera a cidade/ & eles ficarão sós com dom João / a que fizerão muytas mostras de lhes pesar do passado com promessa de ho enmẽdarem com castigo, que ele creo que seria assi: mas como tudo era fingido, logo dali a dous ou tres dias tomarão hũs mouros certas molheres da terra Christãas que morauão na cidade, & leuauannas a Coulete. E não querendo elas ir com os mouros por serem Christaãs bradauão polos Portugueses q̃ lhes valessem. E foy sobristo a onião tamanha que ho soube dom João/ & mandou rogar aos mouros que as não leuassem / pois

erão Christãas. E não querendo eles se não leualas: mandouse queyxar disso ao regedor, ⁊ ao Catual qual deles se achasse, mas nenhum se achou, nem nayres da feitoria, pera que defendessem aos Mouros que não leuassem as molheres: o que vendo dom João mandou certos Portugueses a defender estas molheres/ ⁊ ouuerão peleja cõ os mouros ⁊ as tomarão. Sobre o que se aluoroçou a gente da cidade, assi mouros como Nayres: ⁊ como tinhão determinado de fazerem guerra aa fortaleza, na mesma hora se deixou ir correndo pera a fortaleza hum corpo de gente/ que serião trezentos homens os mais deles espingardeyros / ⁊ por serem tão poucos mandoulhes dom João ao encontro hum caualeyro chamado Manuel de faria escriuão da feytoria cõ vinte cinco espingardeyros: mas ainda estes trezentos não chegauão aa fortaleza / quando todo ho resto da gente da cidade ya junta posta em armas/ ⁊ com grandes alaridos se forão corrẽdo aa praya pera darem de supito na porta da fortaleza ⁊ tomarẽna. O que receãdo dom João sayo logo fora com algũa gente pera recolher Manuel de faria/ ⁊ mandou desparar algũs tiros por alto porque não fizessem mal, porque ainda não queria quebrar a paz. E homẽdo destes tiros fizerão deter os immigos, pelo que Manuel de faria se recolheo sem afronta: ⁊ dom João fazia grandes protestações perante hum tabalião pubrico que ele não mandaua tirar aqueles tiros senão por se defender ⁊ não por quebrar a paz. E coisto se recolheo aa fortaleza: ⁊ recolhido tornarão os immigos a prosseguir pera a fortaleza/ ⁊ chegarão ate hũs pardieiros que estauão perto dela. E vendo os dom João ali estar sayo a dar neles com obra de cem homẽs/ dando a dianteira a hum Aluaro da cunha seu sobrinho, que leuaua cincoenta, ⁊ dom João com os outros lhe hia nas costas: ⁊ dando hũa arremetida aos immigos de que matarão algũs, se tornou a recolher na fortaleza: a que os immigos tirarã todo aquele dia muytas espingardadas ⁊ frechadas. E ao dia seguinte esteuerão quedos sem fazer nenhũ reboliço de guerra. E por isto Punacha hũ nayre cunhado del rey de Calicut/ que tinha certa tença cada anno del Rey de Portugal/ porque fauorecesse aos Portugueses de que era grande amigo, teue tempo pera ir falar a dom João/ que ho deixou chegar á porta da fortaleza onde lhe falou. E Punacha lhe disse com o rosto muyto triste/ que não se fiasse del rey de Calicut/ porque sem duuida lhe auia de fazer guerra, ⁊ isto lhe dezia pola obrigação que tinha de seruir a el Rey de Portugal. E despediose de dom João chorando/ ⁊ assi os nayres que seruião na feytoria que hião coele: ⁊ deitandoselhe aos pés lhe pedirão perdão de ho não poderem seruir naquella guerra, que se começou dali por diante: ⁊ a dom João não lhe daua nada dela por ser na entrada do verão, em que esperaua que fosse gouernador d Portugal que lhe socorreria:

ꝛ por isso não mandou recado a dõ Luys de meneses que estaua em Cochim / ꝛ como os immigos se lhe metião antre hũs pardieyros que estauão perto da fortaleza sayo algũas vezes a dar neles em q̃ matou ꝛ ferio algũs/ ꝛ hũa vez pos fogo aa cidade, de que queymou hũ grande lanço de casas: ꝛ sobristo teue hũa braua peleja com os imigos de que ficarão muytos mortos ꝛ feridos/ ꝛ dos Portugueses hũ soo foy ferido. O que parecia milagre por serẽ os Portugueses muy poucos ꝛ os immigos muytos em demasia com quanto el rey não estaua na cidade, que se esteuera forão sem cõto: ꝛ dali por diãte auia muytos rebates dhũa parte ꝛ da outra, ꝛ sempre nosso senhor seja louuado os Portugueses leuauão o melhor.

Capit. lxxi. De como dõ Vasco da gama conde da Vidigueira ꝛ almirante do mar indico partio de Portugal por viso rey da India, ꝛ de como chegou lá.

SEndo ho tempo chegado de dom Duarte de meneses que gouernaua a India se ir pera Portugal/ mãdou ho muyto alto ꝛ muyto poderoso rey dom João ho terceyro deste nome de Portugal que então reynaua quem gouernasse a India. E este foy dom Vasco da gama cõde da Vidigueira ꝛ almirante do mar indico, a que deu a gouernãça da India com titulo de viso rey/ ꝛ deulhe hũa armada de quatorze velas. s. sete naos grossas, tres galeões ꝛ quatro carauelas. Das naos a fora ele forão capitães dom Anrriq̃ de meneses filho de dom Fernando de meneses a que chamarão ho roxo que ya por capitão Dormuz / ꝛ na primeyra subcessam da gouernãça da India per morte do viso rey/ Pero mazcarenhas que ya na segũda ꝛ leuaua a capitania de Malaca. Lopo vaz de sam Payo que ya na terceyra, ꝛ leuaua a capitania d̃ Cochim, Francisco de sá que leuaua a capitania que auia dir fazer na ilha de çunda/ Francisco de brito que auia de ser capitão das tres naos do trato de Baticalá pera Ormuz / ꝛ Antonio da silueira. Dos galeões forão capitães dõ Jorge de meneses filho de dom Rodrigo de meneses de que faley no liuro quinto/ dõ Fernando de monrroi, ꝛ Afonso mexia que ya por vedor da fazenda da India. Os capitães dos carauelas forão Lopo lobo/ Gaspar malhorquim / Christouão rosado, ꝛ Ruy gonçaluez. E fornecida esta armada de muyta ꝛ boa gente, armas ꝛ mantimentos/ partiose ho viso rey coela a noue Dabril do anno de mil ꝛ quinhentos ꝛ vinte quatro, ꝛ leuou muyto roim viagem de tormẽtas/ com que se perderão da sua cõserua Francisco de brito, Christouão rosado, ꝛ Gaspar malhorquim que nunca mais parecerão. E ho Galeão em que ya dom Fernando de monrroi se perdo em Melinde, ꝛ nas outras velas morreo muyta gente ꝛ forão sempre espalhadas, ꝛ quem chegaua primeyro a Moçambique partiasse logo pera

a India: e perto da costa dela hũa noite dos seys dias de Setembro a o quarto da alua tremeo ho mar muyto rijo, e por bõ espaço: e pola primeyra se cuydou na frota q̃ daua em algũs baixos de penedia ate que cayrão no que era. E dali a poucos dias apareceo hũa nao de mouros que yão Dadem pera a India: e dõ Jorge de meneses a tomou sem outra ajuda q̃si a vista da frota, e os mouros se lhe renderão cõ medo, e ele a leuou ao visorey q̃ logo mãdou meter nela hũ quadrilheiro e hũ escriuão pera verem o que tinha e ou lharem por ela: e acharanlhe sessenta mil cruzados em dinheiro e duzẽtos mil em mercadoria. E daqui a algũs dias foy surgir na barra de Chaul, e hi se declarou por visorey que assi ho leuaua por regimento: e aqui esteue tres dias sem sayr ẽ terra, nem consentir que pessoa algũa saysse, saluo ho licenciado João de soiro do desembargo da casa da sopricação que ya coele por ouuidor geral da India, e Sastião Luys q̃ leuaua a escreuaninha da matricula de Cochim que ho visorey mãdou que fossem visitar por ele a fortaleza de Chaul, e q̃ mãdassem apregoar em seu nome, que tirando os frõteiros e casados todos os outros se embarcassem logo e fossem coele so pena de serem riscados do soldo e mantimento: e mais lhes mandou que dissessem a Christouão de sousa q̃ era capitão da fortaleza, q̃ chegando ali dom Duarte de meneses que era em Ormuz quãdo de lá tornasse que ho não consentisse desembarcar, nem lhe desse mantimento mais que pera quatro dias: o que foy todo feyto. E assi como ho viso rey não quis que ninguem fosse a terra, não quis tampouco que pessoa algũa tirasse nenhũa fazenda da que trazia, no que deu muyta perda a muytos, porq̃ ganharão muyto em a venderẽ oli, nẽ menos quis deixar ficar nenhũ doente de muytos que yão na armada, a que dera muyta parte da saude verense em terra: e eles bem ho requererão, mas não lhes aproueitou. E daqui partio pera Goa, e porque auia de desembarcar pera ver a cidade, e fazer algũas cousas que comprião a seruiço del Rey, e feytas ir se a Cochim, encomendou a goarda da frota a dom Jorge de meneses, que ficou nela. E desembarcado no cays de Goa foy recebido com a solemnidade costumada: e aqui em Goa lhe fizerão queyxume de Francisco pereira pestana, que estaua por capitão da fortaleza, de muytas injurias que tinha feitas á mayor parte dos cidadãos, e de muytas diuidas que deuia, que não queria pagar. Pelo que ho Visorey lhe tirou logo a capitania, e a deu a dom Anrique de meneses, dizendolhe que compria a seruiço delrey serui la, posto que fosse prouido da Ormuz. E a Francisco pereira mãdou ho prender pera fazer justiça dele: e lhe fazia pagar o que deuia, com nomais outra proua, se não com juramento do creedor. O que vendo Francisco pereira: e que muytos lhe pedião mais do que deuia: mandou leuar a casa do Visorey onde ele estaua, esse dinheiro que tinha:

ꝛ pediolhe que não desse juramẽto a ninguẽ se lhe deuia ou não/ se não que mandasse pregoar que quẽ quisesse dinheiro de Francisco pereyra que lho fosse pedir, ꝛ que lho mãdaria dar. E com tudo ho viso rey lhe fez pagar muyta parte do q̃ deuia/ porque de sua condição era muyto justiçoso: em tanto que sabẽdo que forão na frota duas molheres solteiras as mandou açoutar metidas ambas em hũa cãga. E isto porque forão contra sua defesa, q̃ mandou apregoar em Belem antes que partisse pera a India: que nenhũa molher solteira fosse na armada sopena daçoutes, por euitar muytos peccados que se seguem de as leuarem como eu vi. E não aproueitou rogarem ao viso rey que não fizesse esta justiça, porq̃ estauão dous homẽs pera casar com aquelas molheres, ꝛ que não casarião se as açoutassem, ꝛ não quis. E tambem por lhe assi parecer bem defẽdeo q̃ não se recolhesse no spirital d̃ Goa nenhũ dos doentes que yão na frota/ dizendo que el rey seu senhor nã tinha necessidade de ter na India spiritais: por que auendoos se farião os homẽs sempre doentes / ꝛ por esta causa morrerão muytos á mingoa/ ꝛ outros que não tinhão de que se mãter pedião por amor de Deos: o que atelí não se vira na India, ꝛ por isso ho estranhauão todos muyto.

Capit. lxxij. De como ho viso rey chegou a Cochim/ ꝛ do que fez.

Nesta detẽça que ho viso rey fez em Goa se lhe começou hũa doença de que despois morreo/ ꝛ antes que fosse em crecimento se partio pera Cochim/ deixando por regimento a dom Anrique de meneses que todo homem que ficasse em Goa ꝛ não fosse coele tirando os casados ꝛ ordenados á fortaleza fosse riscado do soldo ꝛ do mantimento. E que de sua partida a dous meses todos os Portugueses que morauão no arrabalde fossem morar á cidade sopena d̃ morte. ꝛ mandou aos despenseiros dos nauios de sua armada q̃ a cada dous homẽs não dessem mais por dia q̃ hũ arratel de bizcoito / ꝛ mandou aos capitães dos nauios dalto bordo que não deixassem meter a cada dous homẽs mais q̃ hũa arca do comprimẽto de hũa espada. E logo ao mar de Goa achou dom Luys de meneses que ya pera Goa esperar seu irmão, ꝛ leuou ho consigo pera Cochim/ õde chegou na fim Doutubro, ꝛ foy recebido cõ grande solẽnidade, ꝛ hi lhe entregou ho doutor Pero nunez ho officio de vedor da fazenda/ em que auia seys ãnos que seruia/ ꝛ polo el rey dom Manuel achar muyto bõ, fiel ꝛ diligẽte seruidor não quis mandar outro vedor da fazenda despois que acabou os tres ãnos, que he ho tempo costumado / antes ho deixou estar mais outros tres annos. E porque ele q̃ lhe requeria licẽça pera se ir por ser seu tempo acabado/ ho deteue cõ muytas cartas de rogo, fauor: ꝛ fazendolhe muytas merces/ ꝛ assi ho muyto alto ꝛ muyto poderoso rey dom João nosso senhor/ que a ambos seruio muyto bem ꝛ lhes aproueitou sua fazenda com muyta

prudencia sem lhes encarregar as cõsciencias, nẽ escandalizar as partes, ⁊ donde dantes a pimẽta quebraua em Portugal de trinta ate corenta quintais por cento, por a os mouros darem molhada, ⁊ cõ muyta terra ⁊ area de mestura. Ele vẽdo isto lha não quis tomar / ⁊ mãdou chamar os Christãos de Cranganor que vendião esta pimenta aos mouros, ⁊ com afagos ⁊ dadiuas ⁊ muyto boas obras ꝗ lhes fazia fez coeles que não vendessem a pimẽta aos mouros / ⁊ lha trouuessem polo preço de mil ⁊ quinze r̃s como estaua assentado / ⁊ eles lha leuauão limpa ⁊ seca: pelo que dali por diãte em todo seu tempo não quebrou a pimenta em Portugal mais que a sete por cento / que acrecẽtou muyto no ganho da pimenta. E assi seruia elrey em lhe emprestar dinheiro por muytas vezes, assi pera a carrega / como pera outras despesas, ⁊ assi em outras muytas cousas que não pude saber particularmẽte. O ꝗ sabendo ho viso rey / lhe fez muyta honrra ⁊ fauor, ⁊ entregou ho officio de vẽdor da fazenda a Afonso mexia que ho leuaua de Portugal.

Capit. lxxiij. De como Geronimo de sousa foy goardar a costa do Malabar.

Desembarcado ho viso rey em Cochim / porque começou dauer bandos antre os muytos Portugueses que auia na cidade, mandou por escusar os males ꝗ se deles seguem que ninguem desse mesa: do que se seguio auer fome antre os soldados, assi por lhes ser mal pago seu soldo ⁊ mantimẽto, como por auer na terra poucos mantimẽtos. E por esta causa he muyto necessario darem os capitães ⁊ fidalgos mesas / nẽ se podem os soldados da India soster sem elas. E como a gente andaua indinada cõtra ho viso rey acabou toda de lhe querer mal por tolher as mesas: ⁊ muytos por se liurarem dele se yão pera Choramandel / ⁊ outras partes em ꝗ andauão fora do seruiço del rey / ⁊ ate os mouros auião tamanho medo dele que tremião quando ho nomeauão. E tambẽ se yão de Cochim onde auia muyto tempo que morauão. E esperando ho viso rey de ir sobre Calicut ⁊ destruyla pola guerra que el rey tinha cõ os Portugueses: ⁊ em quanto acabaua algũas cousas mandou diante a goardar a costa a Jeronimo de sousa hũ fidalgo de ꝗ faley nos liuros atras por capitão mór de hũa armada de nauios de remo em que leuou trezẽtos Portugueses. E chegado Jeronimo de sousa sobre Calicut achou de dẽtro do arrecife corẽta paraós de Malabares / de que era capitão moor hũ mouro que auia nome Cutiale de Capocate / que tolhião os mantimentos que yão por mar aa fortaleza. E auendo Jerimo de sousa vista desta armada foy pelejar coela / ⁊ começou as bombardadas: cõ que tambem os mouros acodirão logo como homẽs de feyto: ⁊ erão as bõbardadas tãtas de sua parte,

que nunca nenhũ dos nauios da armada de Jeronimo de sousa pode aferrar nhũ dos cõtrairos por mais que nisso trabalharão. E assi esteuerão duas ou tres horas ate q̃ sobreueo a noyte que os apartou: e Jeronimo de sousa se deixou estar no mar com determinação de ao outro dia aferrar com os imigos ou os fazer fugir / e assi ho disse aos outros capitães. E acordados nisto / ao outro dia como amanheceo assi os Portugueses como os mouros tornarão a começar a peleja como ao dia dãtes. Porem os Portugueses assi como tirauão / assi remauão pera se chegarem aos mouros: rompendo por antre aqueles pelouros. E vendo os mouros sua determinação, não ousarão desperar com medo dos Portugueses e foranse retirando pera Coulete cõ as proas neles, mas os Portugueses os apertarão de maneyra que virarão as popas e fugirão quanto podião, e com a pressa de fugirem não poderão tomar Coulete e passarão a Cananor: e os Portugueses que os seguião os acabarão ali de desbaratar com muyto grande dãno de mortos e feridos e paraós arrombados / e os outros forão varar na praya de que a gente fugio pera a cidade / cujos mouros ficarão muyto tristes / por terem persuadido a el rey de Cananor que cercasse a fortaleza: que vendo esta vitoria desistio dessa determinação. E Jeronimo d̃ sousa desbaratados os imigos, ãdou goardãdo a costa: visitãdo ás vezes a fortaleza de Calicut / e prouendoa de mãtimẽtos.

Capit. lxxiiij. De duas grandes vitorias que dom Jorge telo ouue dos mouros de Calicut.

Como os mouros do reyno de Calicut andassem tão dissolutos como disse atras polo pouco medo que auião aos Portugueses, nã lhes abastaua leuarem a Meca quãta pimenta leuauão / mas ainda essa que lá não podião leuar leuauão a Cambaya / e cada dia passauão cõ muyto grande soberba a vista da ilha de Goa, õde não auia quẽ lhes contrariasse / porque hũ Luys machado filho do doutor Lopo darca que tinha a goarda daquela costa / leuarao ho viso rey a Cochi / e por isso não auia quem cõtrariasse aos mouros: do q̃ dõ Anrrique de meneses estaua muyto agastado e o auia por grande injuria. E estando assi foy hi ter hũ mercador ẽ hũa fusta / que lhe dõ Anrrique comprou / e armada dartelharia / e fornecida de gente mãdou nela por capitão a dõ Jorge telo seu sobrinho filho de dõ João telo, que fosse esperar os paraós de Malabares que yão com pimẽta pera Cambaya. E como dõ Jorge era hũ dos esforçados e valẽtes caualeyros que naquele tempo andauão na India, assi cõ tão pouca cousa como era aquela fusta em q̃ ãdana, começou de fazer sintir aos mouros que andaua ele por aquela paragem: e como ya quantidade deles com que se atreuia perseguiaos ás bombardadas / e a hũs arrombaua ao lume dagoa / a outros desaparelhaua de mastos e dẽxarcias

matando em todos ꝛ ferindo muyta gente:ꝛ como virauão a ele facilmẽte se lhe escoaua dantre as mãos pola ligeireza da fusta. E sabẽdo os mouros de Calicut como dom Jorge ali andaua/determinarão de ho tomar:pera o que armarão trinta ꝛ oyto paraós que carregarão de pimenta ꝛ de gẽte,ꝛ por capitão mór hũ mouro chamado China cutiale pera tomar dom Jorge/que a este tempo trazia ja duas fustas ꝛ tres bargantins/a cujos capitães não soube os nomes/ꝛ traria nestas cinco velas ate sessẽta homẽs os mais deles espingardeyros. E andando aos ilheos queymados foy China cutiale ter coele com toda sua armada:ꝛ porque não pude saber a maneyra que dom Jorge teue em dar a batalha aos mouros ho nã digo se não em soma/que com esforço sobre natural os cometeo,ꝛ cõ a ajuda de nosso senhor os desbaratou matando os Portugueses muytos mouros em sete paraós q̃ tomarão carregados de pimẽta ꝛ dartelharia/ꝛ dous que fizerão dar á costa ꝛ os outros fugirão,ꝛ dos Portugueses não morreo nenhũ ꝛ forão algũs feridos. E recolhendo dom Jorge os sete paraós que tomou se foy coeles a Goa:ꝛ deixada ali a presa se tornou ao mar/onde dali a algũs dias topou com hũa nao de mouros de Calicut,em cuja goarda yão noue paraós muyto bem armados dartelharia ꝛ fornidos de gente/ꝛ dom Jorge pelejou coeles ꝛ matou com os seus tantos dos mouros que vararão cõ os paraós em terra/de que dom Jorge tomou tres. E tambem tomou a nao q̃ não se pode saluar/ꝛ coela ꝛ com os paraós se foy a Goa,onde foy muyto festejado por duas vitorias tamanhas:de que os mouros do Malabar ouuerão tamanho medo q̃ não ousarão de tornar tão asinha ao mar:ꝛ assi começarão de temer os Portugueses.

Capit.lxxv. De como crecendo a doença do viso rey encomendou a gouernança a Lopo vaz de sam Payo capitão de Cochim.

Apercebẽdose ho viso rey pera ir a Calicut,crecęolhe tanto sua doença que lhe tolheo entẽder nos negocios da gouernança:ꝛ por isso a encomẽdou a Lopo vaz de sam Payo capitão de Cochim/porque tinha nele confiança que ho faria bem. E tambem porq̃ com a autoridade de sua pessoa ꝛ de seu cargo, apacificasse as dicẽsões que se começauão antre dom Luys ꝛ dõ Esteuão da gama filho do viso rey que era capitão mór do mar sobre a gouernança da India/ por que dizia dom Luys que vindo seu irmão dom Duarte ele auia de gouernar a India ꝛ não outrem pois era gouernador:ꝛ que nã se auia dir pera Portugal em quanto ho viso rey esteuesse doente,porque se morresse ficaria gouernador como dãtes. E como a gente da India era afeiçoada a dom Luys tomoua por ele bando contra a que fora aquele anno de Portugal que era com dõ

Esteuão, que dizia que não auia de gouernar se não quem ho Viso rey quisesse/ & que dom Duarte se auia dir pera Portugal como chegasse Dormuz: & sobristo auia ajuntamẽtos & perfias/ a que Lopo vaz de sam payo acodia corrẽdo a cidade de dia, & de noyte: & impedia não auer brigas.

¶ Capit.lxxvj. De como dom Duarte de meneses/ chegou a Cochim.

Entre tanto que isto passaua na India, ho gouernador dom Duarte de meneses que estaua ẽ Ormuz se partio pera a India, & sem lhe acontecer cousa que seja de contar foy ter a Chaul, onde Cristouão de sousa polo regimẽto que tinha do Viso rey não consentio que sayisse em terra: & assi lho mandou dizer: & em Goa lhe aconteceo ho mesmo com dõ Anrique/ pelo que se foy a Cochim. E sabendo ho viso rey como estaua na barra lhe mandou logo mostrar a prouisam dõ Viso rey da India per Lopo vaz dõ sampayo, & lhe mãdou por ele hũa carta messiua q̃ lhe leuaua del rey de Portugal: & assi lhe mandou que em seu nome lhe pedisse entrega da India/ porque por sua doença lha não ya tomar/ nem ele dõ Duarte podia ir a terra darlha/ por el rey de Portugal lhe defender que não desembarcasse por ho auer assi por seu seruiço, & que do mar dondestaua se poderia prouer do necessario: & mãdou com Lopo vaz de são paio/ Afonso mexia/ vẽdor da fazenda/ & ho licẽciado Johão desoiro ouuidor geral da India. E chegados a dom Duarte/ Lopo vaz dõ sam payo lhe deu a carta messiua del Rey de Portugal que dizia.

Dom Johão per graça de Deos Rey de Portugal, & dos Algarues/ daquem/ & dalem mar, em Africa, senhor de Guiné, & da Conquista, Nauegação, Comercio, dõ Ethiopia, Arabia, Persia/ & da India. Fazemos saber a vos dom Duarte demeneses capitão, & gouernador da nossa cidade de Tangere/ & nosso capitão mór, & gouernador nas partes da India: que nos vos screuemos por outra carta/ que auemos por bẽ que vos venhais ẽ bóra pera estes reynos nesta armada. Porem vos mãdamos que tanto que vos esta for apresentada/ entregueis a dita capitania mór, & gouernança, a dom Vasco da gama conde da Vidigueira, & Almirante do mar Indico, q̃ enuiamos por nosso Viso rey a essas partes da India: & não vsareis mais da dita capitania mór & gouernança, nem das cousas da justiça/ & de nossa fazenda, nem doutra algũa de qualquer qualidade & condição que seja que ao dito carrego toque & pertença, & que dãtes vsaueis por virtude do poder, jurdição/ & alçada que tinheis/ porque auemos por bem & nosso seruiço/

como por outra carta vos escreuemos, que ho dito visorey seja logo metido de posse de tudo / e vse logo do poder, jurdição e alçada que leua per nossa carta patẽte, sem mais vos entenderdes em cousa algũa. Porem declaramos que ho tempo q̃ esteuerdes na India ate vos ẽbarcardes possais estar em Cochi ou ẽ Cananor q̃l vos mais aprouuer, e que acerca de vossos criados e pessoas de vossa casa / e dos criados do conde vosso pay que conuosco forão / e dos criados de dom Luys vosso irmão, e de vossos cunhados e pessoas suas: que ho dito conde não entenda coeles em maneyra algũa, nem tenha sobreles nem sobre cada hũ deles mãdo nem jurdição e alçada que tinheis pela carta de vosso poder e alçada: resaluando porem que se vos ou os tais por algũas pessoas assi nossos naturaes como dos mercadores da terra, e quaesquer outros de qualquer estado e condição que sejão, que lá ouuerem de ficar e nã ouuerem de vir nesta armada em que vos aueis de vir fordes requeridos / citados e demandados, assi em casos ciueis como crimes vos possam a vos e a eles demandar perante ho dito cõde e ouuidor que coele ha de ficar / e não perante vos pera se fazer comprimento de justiça. E sendo caso q̃ quando ho dito conde chegar á India vos não ache nela por serdes fora dela a prouer algũas cousas de nosso seruiço: neste caso auemos por bem que ele dito conde vse logo inteiramente de todo poder, jurdição e alçada que de nos leua como faria se vos achasse / e vos apresentasse esta carta pera lhentregardes a capitania moor e gouernança / porq̃ assi ho auemos por nosso seruiço, e sendo caso que por impedimento de doença vos dito dom Duarte vos não possais embarcar e vir nesta armada e ficasseis na India: neste caso auemos por bẽ que vos fiqueis, e vos recolhais com todos vossos criados e pessoas de vossa casa e criados dos sobreditos vosso irmão e cunhados que ficarem conuosco em a nossa fortaleza da cidade de Cananor: e que esteis nela ate a vossa partida da India e vseis de todo ho poder, jurdição e alçada q̃ tendes de capitão moor e gouernador da India sobreles, e sobre ho capitão, alcayde moor, feytor e escriuães da feytoria da dita fortaleza. E de todos seus casos ciueis e crimes conhecereis e os julgareis como vos parecer justiça, sem sobre os ditos nem sobre cousa sua que lhe toque que seja dantre partes ho dito conde poder vsar do dito officio de visorey / nem poder, jurdiçã e alçada que lhe temos dada / porq̃ queremos que tudo fique a vos dõ Duarte ate a vossa partida da India / e mandamos ao capitão / e ao alcayde moor, feytor e escriuães da feytoria e a todas as pessoas que temos ordenadas na dita fortaleza de Cananor que vos obedeção, e cumprão vossos requerimentos e mandados como a nosso capitão moor e gouernador sobre as penas que lhe poserdes / assi nos corpos como nas fazendas: as quaes auemos por bem que deis a execução

naqueles que nelas emcorrerem se
gundo forma do poder / jurdição
ꝛ alçada q̃ vos temos dada, ꝛ he cõ
teuda na carta do poder dla. E assi
auemos por bẽ q̃ se entenda ꝛ ho fa
çais no caso q̃ vos fosseis fora da
India por nosso seruiço / ꝛ viesseis
a ela despois da partida das naos
pera estes reynos / desta armada q̃
leua ho dito viso rey pera trazerẽ
as especiarias, na qual vos aueis
de vir. Resaluando porẽ que ho di
to poder ꝛ alçada que vos damos
sobre todos os acima declarados
se não entenderá em cousa que toq̃
a nossa fazenda ꝛ tratos da India:
porque no que a estas cousas tocar
não aueis de entẽder / nem vsar da
dita alçada / ꝛ poder que vos dei-
xamos nos casos sobreditos / porq̃
isto ha d̃ ficar ao dito viso rey pera
neles fazer como vir que he justiça
ꝛ nosso seruiço / ꝛ vsar de todo seu
poder ꝛ alçada. E da entrega que
ao dito viso rey fizerdes da dita ca
pitania mór ꝛ gouernança, como
por esta vos mandamos cobrareis
estormento pubrico, em que se de-
clare as naos ꝛ nauios que lhe en-
tregastes / ꝛ a artelharia ꝛ armas
que andã neles, ꝛ assi as fortalezas
ꝛ armas ꝛ artelharia ꝛ mantimen
tos que nelas auia / ꝛ gente que an
daua nessas partes, ꝛ declarando
a sorte ꝛ qualidade dela, ꝛ todas as
outras cousas que ao carrego de ca
pitão mór ꝛ gouernador tocarẽ pe
ra todo podermos ver. E como assi
lhe entregardes a dita capitania
mór ꝛ gouernança / ꝛ cobrardes ho
dito estormento da dita entrega
no modo que dico he / vos auemos
por desobrigado de toda a obriga-
ção em que nos sejays pola dita ca
pitania mór ꝛ gouernança: ꝛ vos
damos por quite ꝛ liure dagora pe
ra em todolos tempos. E esta car-
ta per nos assinada ꝛ asselada do se
lo redondo de nossas armas cõ ho
dito estormento tereis pera vossa
goarda. Dada em a nossa cidade de
Euora a .xxv. dias de Feuereiro.
Bertolameu fernandez a fez, anno
do nacimento de nosso senhor Jesu
Chrõ de mil ꝛ quinhẽtos ꝛ .xxiiij.

¶ Capit. lxxvij. De como dõ Duarte de meneses entregou a India a Lopo vaz de sam payo em nome do viso rey: ꝛ de como ho viso rey faleceo.

Vista por dom Duarte es
ta carta / ꝛ assi a outra q̃
lhe el rey escreuia, Lopo
vaz de sam payo lhe deu
ho recado do Viso rey que não de
sembarcasse, do que se dom Duar
te agastou muyto: ꝛ disse a Lopo
vaz que não deuera de ser ho messa
geiro daquele recado, poys ho con
de prior seu pay fora o que ho arma
ra caualeiro: pelo que não podia ser
contrele / nem contra cousas suas.
E lopo vaz se desculpou cõ aquilo
não ser cõtrele pois era seruiço del
rey de Portugal / cujo vassalo ele
era. E sobre a entrega da India te-
ue dõ Duarte muitas duuidas, pa
recendolhe q̃ por ho viso rey estar
tão doẽte poderia morrer / ꝛ ele fi
car iaainda gouernador da India:
E acodindo ho ouuidor geral a es
tas duuidas per via de seu officio

dõ Duarte lhe chamou bacharel. E ho ouuidor respondeo que Bacharel τ doutor τ caualeyro o auia ele dachar pera o que comprisse ao seruiço delrey. Ao que Lopo vaz de sam Payo acodio com ho védor da fazenda, estranhãdo a dõ Duarte o que fazia. E despois de todas as ouuidas que pos, entregou a India a Lopo vaz de sam Payo τ ao védor da fazenda, em nome do viso rey / τ ho védor da fazenda lhe deu hũ pubrico estormento de conhecimento assinado polo viso rey τ por testemunhas que dizia.

Saybão quantos este estormento de conhecimento, virem: que no anno do nacimẽto de nosso senhor Jesu Christo de mil τ quinhentos τ vinte quatro ãnos / aos quatro dias do mes de Dezembro do dito anno / em a cidade de santa Cruz de Cochim ẽ a fortaleza del Rey nosso senhor: estando hi dom Vasco da gama conde da Vidigueira / almirante do mar indico, τ viso rey das Indias: disse que ele recebia de dom Duarte de meneses gouernador que foy nelas antes dele viso rey a gouernãça das ditas Indias do tempo que a elas chegou τ as começou de gouernar, segũdo por suas prouisões τ patentes lhe era mandado por el Rey nosso senhor que as recebesse τ gouernasse. As quaes Indias ele recebeo, τ disse ter recebidas / assi τ da maneyra que as achou τ elas agora estão: τ se ouue por obrigado de dar conta delas a sua alteza / τ ouue por desobrigado ao dito dom Duarte da obrigação que tinha de dar conta delas. E em testemunho de verdade lhe mandou delo ser feyto este estormento do recebimento delas. Testemunhas q̃ estauão presentes Lopo vaz de sam Payo capitão desta fortaleza, Fernão martinz de sousa / dom Pedro de Castelo branco, Afonso mexia védor da fazenda da India, Pero mazcarenhas: τ ho licenciado João de soiro ouuidor geral da India. E eu João nunez escriuão pubrico na dita cidade por especial mandado do dito senhor viso rey que esto escreui, τ aqui meu sinal pubrico fiz. ¶ Entregue dõ Duarte deste conhecimẽto / tornouse Lopo vaz de sã Payo com os outros pera Cochim / onde se tambem tornou dom Luys de meneses irmão de dom Duarte, τ disserão que pera estar lá com cor de se fazer prestes pera a viagẽ de Portugal / mas que a verdade era pera que se ho viso rey morresse apossarse da gouernança da India pera dõ Duarte pois ele não podia lá estar. E sendo Lopo vaz de sam Payo certificado disto, polo deseruiço de Deos τ del Rey que disso se podia seguir se foy a casa de dom Luys cõ ho védor da fazenda τ ho ouuidor geral, τ lhe pedio muyto cortesmẽte que se embarcasse logo, porque assi compria a seruiço del Rey. E porque dom Luys não queria, lhe mãdou da parte del Rey de Portugal que se embarcasse, se não que ho faria embarcar: então se embarcou, τ coisso cessarão muytos aluoroços que se ordenauão. E porque ho viso rey sabia isto: τ vẽdo que crecia seu

mal/ τ que desesperauão de sua sau
de τ vida/ não quis q̃ per sua mor-
te ouuesse algũa reuolta ate o abrir
das sucessões: τ por isso pedio a to
dos os fidalgos τ capitães que obe
decessem por gouernador a Lopo
vaz de sam payo ate q̃ fossem aber-
tas: τ eles lho prometerão. E despo
is disto faleceo ho Viso rey em ves
pera de natal do anno de mil τ qui
nhentos τ vinte quatro: fazẽdo to
dos os autos de verdadeiro τ fiel
Christão/ τ foy enterrado na See
de Cochim.

¶ Capi.lxxviij. De como foy aberta a primeira subcessam: em q̃ se achou dom Anrique de meneses por gouernador.

Logo ao dia seguin
te despois de missa
ajuntarãse na see de
Cochim com Lopo
vaz de sam payo, ho
vẽdor da fazenda,
ho ouuidor geral: τ assi todos os
fidalgos, capitães/ τ outra gen-
te honrada pera se abrir a primei
ra subcessam: τ logo a mostrou ho
vẽdor da fazenda çarrada cõ cinco
sinetes: τ dezia. Esta prouisam mã
damos que se abra falecendo ho cõ
de almirante dõ Vasco da gama vi
so rey da India/ que nosso senhor
não mande. E isto era assinado por
el rey. E aberta esta prouisam leose
em voz alta polo secretario: τ dezia
¶ Nos el Rey fazemos saber a to-
dos os nossos capitães das naos
τ fortalezas da India/ capitães
das naos τ nauios q̃ vão pera vir
com a carrega pera estes reynos, fi
dalgos/ caualeiros, gẽte darmas,
que trazemos nas ditas partes da
India: τ a todas τ a quaesquer ou-
tras pessoas τ officiaes a q̃ este nos
so aluara for mostrado: que nos po
la muyta cõfiança q̃ temos de dõ
Anrique de meneses fidalgo de nos
sa casa/ que nas cousas que ho en-
carregarmos nos sabera muy bem
seruir/ τ nos dara de si toda boa cõ
ta τ recado. Queremos τ nos praz
que falecendo dom Vasco da gama
conde da vidigueira τ almirãte do
mar Indico nosso viso rey da In-
dia, que nosso senhor não mãde: ho
dito dõ Anrique suceda τ entre na
capitania mór τ gouernãça da In
dia pera nos nela seruir cõ aquele
poder/ jurdição τ alçada q̃ tinha-
mos dado ao dito viso rey. Porẽ
volo notificamos assi/ τ vos mãda
mos a todos em geral, τ a cada hũ
em espicial/ que vindo ho dito caso
ho recebais por vosso capitão mór
τ gouernador nessas partes/ τ lhe
obedeçaeis, τ cumpraeis seus req̃-
rimentos τ mandados/ assi como
ho fazieis ao dito Viso rey, τ co-
mo sois obrigados dõ o fazer ao nos
so capitão mór τ gouernador, τ em
todo ho deixeis vsar do poder/ jur
dição, τ alçada, que ao dito Viso
rey tinhamos dada por nossa car-
ta: sem duuida nem embargo a elo
poerdes/ porque assi he nossa mer-
ce: τ de ho fazerdes assi bem como
de vos esperamos, fareis ho que de
ueis τ sois obrigados/ τ volo tere
mos muyto em seruiço. Feyto em
Euora a dez de Feuereyro/ ho se-
cretario ho fez, de mil τ quinhẽtos

& vinte quatro. E este aluara era assinado por el Rey dom João de Portugal. E com quanto dõ Anrrique foy auido por gouernador de quantos ali estauão/pola promessa q fizerão ao visorey, não deixarão dobedecer por gouernador a Lopo vaz de sam Payo ate que dom Anrique viesse de Goa, que logo mandarão chamar, & mandoulhe Lopo vaz de sam Payo hũa gale sotil com duas fustas & dous bargantis em que viesse. E assi foy dom Jorge de meneses capitão do galeão sam Jeronimo. E Lopo vaz de sam Payo ficou fazendo prestes as naos q auião dir pera Portugal que erão cinco/& teue bẽ que fazer em soster Cochim em paz/porque auia nela passante d quatro mil homẽs Portugueses em q auia parcialidades pola amizade que auia antre dom Duarte & seu irmão com os filhos do visorey que hi estauão. E por esta imizade auia tambem outras antre algũs fidalgos & caualeyros q erão de cada hũ destes bãdos: & por que de noyte não fizessem algũ mao recado de pelejas/Lopo vaz de sã Payo nã dormia nenhũa: corrẽdo a cidade com ho ouuidor geral, & acõpanhado de muytos homẽs armados. E de dia tambem atalhaua a brigas com palauras corteses, de maneyra que nunca em tamanho ajuntamento as ouue: & em quanto forão chamar dom Anrrique de meneses/mandou por capitão mór de hũa armada ás ilhas de Maldiua a hũ fidalgo chamado Simão sodré, assi a fazer presas/como pera dar goarda ao Cayro que dela vinha: & assi mandou a Ormuz quatro naos carregadas de fazenda del Rey de Portugal pera a feytoria/& fez capitão mór Antonio de miranda dazeuedo de hũa armada que mandou ao cabo de Goardafum pera fazer presas, que assi ho tinha ho visorey ordenado/& leuou tres galeões & hũa carauela: & dos galeões forão capitães ele/Ruy pereyra/Fernão gomez de lemos. E mandou em hũ nauio doytenta toneis a Fernão martinz de sousa q fosse buscar breu a Melinde. E despachado tudo isto ate vinte de Janeyro, partiose tambem dom Duarte pera Portugal com cinco naos: & a nao em que ya dom Luys de meneses desapareceo no caminho, que nunca se mais soube dela, & dom Duarte chegou a Portugal com as quatro & foyse perder em Cezimbra onde a sua deu á costa.

¶ Cap. lxxix. De como dõ Anrriq sabendo que era gouernador, se partio pera Cochim: & do que fez primeyro.

Os capitães q leuauão ho recado a dõ Anrrique de como era gouernador chegados a Goa lho derão, com que ele deu muytas graças a nosso senhor pedindolhe q fosse pera seu seruiço: porem aqueixouse de Lopo vaz de sam Payo, & do vẽdor da fazenda quãdo soube das velas que tinhão despachadas pa fora auẽdo na India tãta necessidade delas, & da gẽte que leuauão por amor da guerra

de Calicut τ doutros reynos. τ tã bẽ se queixou delhe não mãdarẽ toda a armada que estaua em Cochim pera se defender de quãtos paraós de mouros andauão pela costa: quãto mais q̃ de caminho quisera darlhe busca/ τ q̃ lhe pagarão ho mal q̃ tinhão feyto aos Portugueses: τ apos estes capitães q̃ yão por dom Anrriq̃ chegou a Goa hũ ẽbaixador de Meliq̃az pera ho viso rey. E este era hũ mouro q̃ auia nome Cidiale, τ cõ a gente q̃ ho acompanhaua ya em seys atalayas das d̃ Meliq̃az: τ este embaixador mãdaua Meliq̃az pera descobrir se era ho viso rey assi como soaua a fama, porque assi como visse assi faria: mandandose todauia offerecer por seruidor del Rey de Portugal, τ desejoso de sua amizade/ τ em sinal disso lhe mãdaua hũ presente de peças darmas, cubertas de cauallos τ outras cousas ricas. E sabendo Cidiale q̃ ho viso rey era falecido τ dõ Anrrique lhe sucedia, deulhe a embaixada que leuaua, τ quiseralhe dar ho presente, q̃ dom Anrrique não quis tomar/ escusandose q̃ não ya parele. E quãto á embaixada disse q̃ despois responderia: τ isto porq̃ bem entendeo a tenção de Meliqueaz q̃ era descobrir terra, τ tambẽ porq̃ não queria ter paz coele por ele mesmo a q̃brar em tẽpo de Diogo lopez de siqueyra τ desejaua d̃ ho castigar por isso: τ mais porque soube de dous Portugueses q̃ yão com Cidiale q̃ á sua partida de Diu ficauão hi duas naos carregadas de madeira que Meliqueaz mãdaua a Judá pera reformação das galés dos rumes q̃ hi estauão. E nã querẽdo dõ Anrrique declararse cõ Meliqueaz/ se não vsar d̃ manhas como ele vsaua: determinou de nã respõder ao seu ẽbaixador τ detelo tãto ate q̃ se enfadasse τ se fosse sem reposta, τ leualo a Cochim. E isto assentou com conselho de Frãcisco de sá, Eytor da silueira, Antonio da silueira τ outros fidalgos. E porque as naos da madeira q̃ estauão em Diu pera Judá lá não fossem/ mãdou logo a dous capitães de dous nauios q̃ estauão no porto d̃ Goa q̃ se fossem a Chaul τ dissessem a Manuel de macedo q̃ hi estaua q̃ se fosse coeles em ho galeão em q̃ andaua/ τ tambem a hũ capitão de hũa carauela/ τ q̃ todos q̃tro fossem esperar as duas naos d̃ madeira que yão de Diu pera Judá τ as tomassem/ porque não se desse aos rumes tamanha ajuda como aquela era. E logo estes capitães partirão/ τ dom Anrrique deu logo a capitania de Goa a Francisco de sá por ser hũ fidalgo ãtigo na India/ τ de muyto seruiço τ homẽ de grãde confiãça. E tẽdo prestes sua partida pera Cochim/ se partio ẽ duas galés τ hũa galeota/ τ se não fora Jeronimo de sousa que se foy a Goa pera o acõpanhar cõ algũs paraós q̃ trazia darmada na costa do Malabar ele fora bẽ singelo: porẽ nessas velas q̃ leuaua ya bẽ acõpanhado d̃ fidalgos τ de caualeyros/ τ assi ya coele Cidiale nas seys atalayas/ mas este o acõpanhou pouco: porq̃ logo ãtes de chegarẽ a Baticalá se foy pa Diu sẽ licẽça de dõ Anrriq̃/ τ foy dizer a Meliq̃az tais cousas q̃ ele não quis mais falar em paz.

¶ Capit.lxxx. De como dõ Anrriq̃ de meneses pelejou com hũa armada de Calicut ꝛ tomou dezoyto paraós/ ꝛ de como mãdou enforcar Mamele em Cananor.

Azẽdo dõ Anrriq̃ su via jẽ hũa manhaã q̃ se Cideale achou menos forã ouuidos na frota muytos tiros de bõbardadas/ ꝛ estes tirauão trĩta parós de mouros Malabares q̃ tinhão cercado dõ Jorge de meneses em hũ galeão em q̃ estaua na barra de Baticalá/ ꝛ trabalhauão polo meter no fundo ꝛ ele se defẽdia muyto bẽ:ꝛ como dõ Anrriq̃ ya perto chegou logo: os mouros q̃ ouuerão vista dele como tinhão perdido ho medo aos Portugueses deixarão ho galeão ꝛ fizerã lhe rosto desparãdo sua artelharia ꝛ os Portugueses fizerão ho mesmo. E porq̃ particularmẽte não pude saber como foy esta peleja/ não direy mais se não q̃ os mouros forão desbaratados ꝛ perderão dezoyto paraos q̃ os Portugueses tomarão cõ muyta artelharia ꝛ catiuos,a fora outros q̃ forão metidos no fũdo,ꝛ forão mortos muytos mouros ꝛ dos nossos algũs feridos. E prosseguindo daqui dom Anrriq̃ pera Cananor achou Antonio de mirãda q̃ ya pera ho cabo de Goardafum,ꝛ por lhe parecer assi seruiço del Rey de Portugal lhe tirou os capitães q̃ leuaua ꝛ mãdou q̃ ficassem na India saluo ho da carauela,com q̃ mãdou q̃ proseguisse pera ho cabo de Goardafum ꝛ lá se recolhesse á sua bandeira os q̃tro nauios q̃ tinha mãdados a esperar as duas naos de madeira q̃ auião dir ó Diu pa Juda,ꝛ cõ as outras velas se foy a Cananor:onde desembarcado soube do capião da fortaleza como tinha preso Mamele ho mouro q̃ disse no liuro quinto q̃ el rey de Cananor por dissimular entregara preso na fortaleza:ꝛ q̃ sabia certo q̃ el rey ho auia logo dir ver pera lho pedir por muyto dinheiro q̃ lhe os outros mouros de Cananor dauão por isso. E sabendo dom Anrrique a tenção com q̃ ho el rey prendera ꝛ entregara preso na fortaleza,não quis q̃ viesse a efeyto cousa tão fea:ꝛ que soubessem os mouros q̃ ia aquele tẽpo passara/ ꝛ quẽ fizesse o que não deuia q̃ auia de ser muyto bẽ castigado. E pera saber se Mamele merecia de ho ser/ pos as culpas q̃ tinha em conselho logo naquele dia q̃ chegou/ ꝛ achando q̃ erão muyto grandes na propria hora ho mandou enforcar na mesma fortaleza/porque lho el rey de Cananor não pedisse ꝛ se pusese em duuida se errauá não lho dãdo ou dãdolho. E por não ser atentado com peitas como sabia que auia de ser/ ꝛ fez conta que despois apazigoaria el rey com boas palauras.

¶ Capit.lxxxi. De como a requerimẽto del rey d Cananor mãdou o gouernador queymar hũa pouoação de mouros de Calicut por Eytor da silueira.

Quasi q̃ não era ho mouro acabado dẽforcar quã do chegou hũ messegeiro del rey de Cananor per q̃

mandaua visitar ho gouernador ꝛ fazerlhe saber que ao outro dia ho visitaria por sua pessoa. O que ele não fez sabendo que Mamale era enforcado: ꝛ ho gouernador por dissimular coele, lhe mandou hũ recado em modo de querer saber como tardaua. Ao que respõdeo que ho não auia de ir ver pois lhe matara aquele mouro, porque não parecesse aos outros que ho consentira. Ao que ho gouernador respondeo / estranhandolhe muyto pesarlhe da morte de hũ mouro tão culpado em deseruiços del Rey de Portugal seu senhor, cujo amigo ꝛ seruidor ele dizia q̃ era: ãtes deuia ð folgar de o ele mandar matar por lhe os outros mouros não rogarem que lho pedisse, ꝛ que outras cousas aueria ẽ que ho seruisse se lhe fizera pesar naquela: ꝛ assi lhe mãdou fazer outros muytos comprimentos, com que el rey ficou satisfeyto: porẽ teue dali por diãte ho gouernador em muyto grande conta / porque tendo preso hum mouro tão principal como Mamale, ꝛ que lhe podera render muyto se ho posera em preço / quis mais atentar ao que deuia ao seruiço del Rey de Portugal seu senhor que a seu proprio proueito. E bem conheceo que não era ho tempo que soya, ꝛ assi ho conhecerão os mouros que ficarão muy cortados ꝛ abatidos com a morte de Mamale: ꝛ virão q̃ lhes era necessario mudarem os costumes que tinhão dantes / porque ho gouernador não auia de sofrer nenhũa cousa mal feyta, ꝛ que auia de castigar quem ho merecesse / ꝛ mandarão logo esta noua aos mouros de Calicut / que cõ os de Cochi ficarão assombrados com a morte de Mamale / ꝛ teuerão por muy grande feyto ser sua morte daquela maneyra / ꝛ não querer ho gouernador quãto podera auer por ele. E entendendo por esta mostra que não era cobiçoso, logo ho teuerão por bõ homem, ꝛ que auia ð fazer muyta guerra: ꝛ ho mesmo teue el rey de Calicut a quem foy esta noua. E elrey de Cananor quando vio que não podia restaurar a morte de Mamale, quis aproueitarse dos offrecimẽtos que lhe ho gouernador fizera, ꝛ mandoulhe rogar que lhe mandasse queymar hũa pouoação ð mouros chamada Marauia, que estaua alem de hũ rio que apartaua ho seu reyno do de Calicut. E isto porque estes mouros não querião morar no reyno de Cananor morãdo nele dantes. E ho gouernador por com prazer a el rey ꝛ fazer mal aos mouros que erão amigos del rey de Calicut / mãdou a Eytor da silueira a esta empresa com trinta homens que foy em dous bargantins com regimento que queymasse a pouoação sem sayr em terra. E Eytor da silueira foy lá / ꝛ lançou em terra certos marinheiros pera queymarem ho lugar / a que tendo posto ho fogo sayrão tantos mouros q̃ os embaraçarão / ꝛ punhão os em aperto: em tanto que foy necessario a Eytor da silueira desembarcar com quantos leuaua / posto que contra ho regimẽto do gouernador. E os mouros como erão muytos quiseranse defender ꝛ pelejarão com os Portugueses hũ pe-

daço/ ⁊ por derradeyro fugirão ficãdo algũs mortos/ ⁊ a pouoação foy toda queymada/ ⁊ assi vinte dous paraós ⁊ zambucos q̃ os mouros tinhão varados. E isto feyto recolheose Eytor da silueira/ ⁊ tornouse a Cananor/ cujo rey ficou muyto ledo porlhe ho gouernador mandar fazer o que pedira.

¶ Capit. lxxxij. De como vendo el rey de Calicut quão mal lhe sucedia a guerra cometeo paz a dom João de lima.

Durando a guerra que el rey d Calicut fazia a dõ João de lima capitão da fortaleza tinha ele ⁊ os q̃ estauão coele muyto grande trabalho/ porque a fora os imigos serem muytos em demasia corrião cada dia duas vezes a fortaleza pera queymarem a feytoria ⁊ almazem que estauão fora dela ⁊ assi a casa da poluora/ ⁊ de cada vez que vinhão saya dom João a pelejar coeles, ⁊ sempre os nossos matauão muytos, no q̃ leuauão muyto grande trabalho, porque sempre estauão armados/ que nẽ de noyte os deixauão os immigos ⁊ lhe dauão rebates porque nã dormissem. E quando dom João saya a pelejar sempre yana diãteira ⁊ ao recolher na traseira, porque estes dous lugares não os fiaua doutrem senão de si/ posto que tinha consigo muytos parentes/ de que por seu esforço os podia fiar assi como dom Vasco de lima/ Antonio de sá ⁊ Ruy de melo seu irmão ⁊ todos d Santarẽ: Jorge de lima/ Lionel de melo/ Fernão de lima/ Diogo de sá ⁊ dõ Miguel de lima que todos erão muy esforçados, ⁊ nesta guerra fizerão feytos de muy assinada valẽtia ⁊ matarão muytos mouros. E continuandose a guerra sem el rey de Calicut estar na cidade, mandou a ela ho senhor da serra ⁊ hũ seu sobrinho/ ⁊ ho capitão do campo del rey de Calicut que auia nome Tenincbiriledo todos tres valentes capitães/ ⁊ em q̃ el rey tinha grande confiança, ⁊ leuarão muyta ⁊ muy luzida gente de peleja todos Nayres de que muytos erão espingardeyros: ⁊ coestes creo el rey de Calicut que os nossos auião de ser muyto apertados/ ⁊ eles assi lho prometerão/ ⁊ como forão em Calicut derão na noyte seguinte vista aa fortaleza dando mostra de sua espingardaria que fizerã tirar/ ⁊ dom João em eles acabando mandou tanjer as trombetas/ ⁊ despois deu mostra da sua, ⁊ a pos isso mandou tirar a artelharia/ ⁊ ouue muytas gritas dũa parte ⁊ da outra. E logo estes tres capitães com a soberba que trazião por amor do numero da gente que os acompanhaua, determinarão de queymar a feytoria/ casa da poluora ⁊ almazem. E coesta determinação remeterão hũ dia aa fortaleza com toda sua gente que fazia mostra de quinze mil homẽs, ⁊ dom João lhe sayo com obra de cincoenta/ ele cõ vinte cinco por hũa parte ⁊ dom Vasco de lima por outra com outros tantos, ⁊ derão na dianteira dos imigos/ ⁊ começouse a peleja muy grã

de assi despingardadas como de lãçadas & cutiladas. E andãdo a cousa bem trauada & ferida, hũ dos capitães dos imigos que era ho sobrinho do senhor da serra, remeteo a Antonio de sá, & ele lhe arremessou hũa lança com que ho passou & deu coele morto. E Jorge de lima estãdo cercado de muytos immigos/ & muy mal tratado de hũa pedrada q̃ lhe derão, acodiolhe dom Vasco de lima & liurou ho com morte de muytos. E tudo isto foy em hũa conjũ-ção: & com a morte deste capitão sobrinho do señor da serra q̃ era muy esforçado/ desmayarão os imigos de modo que fugirão. E dõ João se recolheo cõ os nossos deixãdo muytos mortos dos imigos/ & dos nossos forão algũs feridos / principalmente Jorge de lima q̃ ho foy muyto: porque tambẽ ele ferio & matou muytos. E vendo el rey de Calicut quão mal lhe esta guerra sucedia, & tendo por certo q̃ dõ Anrrique era gouernador & os paraõs que desbaratara indo de Goa pera Cochim, pesoulhe de a ter começada: & desejãdo a paz que tinha dantes mandou pedir tregoas a dom João ate q̃ ele mãdasse recado ao gouernador como queria paz. E estas tregoas mãdou pedir por Punacha seu cunhado/ & por Carná ho regedor de Calicut, & polo seu Catual: q̃ falarão todos tres com dõ João, q̃ lhe respõdeo que era contẽte das tregoas: & aceitaria a paz em nome do gouernador ate a ele cõfirmar, & q̃ auia de ser cõ condição q̃ lhe fosse entregue Patemarcar hũ mouro principal de Cochi: q̃ despois desta guerra se leuãtara cõtra os nossos sendo vassalo del rey de Cochim / & lhe fazia guerra por amor del rey de Calicut cõ certas fustas q̃ trazia por mar: & assi lhe ẽtregaria toda a artelharia q̃ fora nossa, & assi a sua, & todos os paraos q̃ auia no reyno d̃ Calicut, & assi pagaria todos os dãnos & perdas que el rey de Portugal & seus vassalos tinhão recebidos por causa daq̃la guerra. E os tres disserão q̃ el rey faria tudo aquilo q̃ o gouernador mãdasse: & em seu nome passarão hũ assinado & ficou a tregoa assẽtada ate ir recado ao gouernador & ele mãdar o q̃ queria/ & assi cessou a guerra.

¶ Capit. lxxxiij. De como o gouernador foy ter a Calicut/ & soube a paz que el rey queria: & do que respondeo.

Estando ho gouernador em Cananor soube como no rio de Mãgalor, auãte de Cananor indo pera Goa estauão cento & tãtos paraos de Malabares d̃ guerra q̃ tornauã de Cãbaya onde forão carregados de pimẽta/ & traziã arroz & outros mãtimẽtos, & q̃ esperauão q̃ ho gouernador partisse pera irẽ apos ele. E por ho gouernador não poder entẽo ir pelejar coeles, porq̃ se lhe não fossem mandou q̃ lhes fosse çarrar a boca do rio a Fernão gomez de lemos q̃ foy em hũ galeão & leuou debaixo de sua capitania duas galeotas/ & foy capitão de hũa Antonio da silua & leuaria cincoẽta Portugueses. Isto feyto partiose ho go

uernador/ deixando por capitão da fortaleza Eytor da silueira ꝛ leuou consigo dõ Simão de meneses cuja a capitania era. E isto por lho o mesmo dõ Simão requerer / parecẽdo lhe que andando cõ ho gouernador seria capitão mór do mar, ou ao menos leuaria ho seu ordenado. Do q̃ ho gouernador ho desenganou logo, dizẽdo que lho não auia de dar: ꝛ cõ tudo não quis senão ir. E partido o gouernador de Cananor foy ter hũa noyte a Calicut, onde dom João de lima ho foy ver ao mar ꝛ lhe disse as pazes q̃ el rey queria fazer ꝛ com q̃ condições. E q̃ se esteuesse ali ao outro dia ho regedor lhe leuaria ho mesmo recado del rey. E como ho gouernador sabia as mẽtiras del rey ꝛ dos mouros: ꝛ q̃ tudo oq̃ cometião era pera estoruarem q̃ naquele pedaço de verão lhes não fizesse guerra, ꝛ que no inuerno seguinte se fortalecerião mais/ disse a dom João q̃ dissesse ao regedor que ele ya de pressa pera tornar logo pela costa a fazer guerra a fogo ꝛ a sangue, que se el rey de Calicut queria paz auia de ser com enmẽda do mal q̃ tinha feyto ꝛ obra do q̃ prometia, que teuesse prestes todo o que auia de dar ꝛ tendo ho falarião na paz/ porq̃ se não ouuesse de comprir como fizera muytas vezes q̃ elle não auia de perder ho tempo de fazer a guerra. E porq̃ ho regedor ho não achasse ali ao outro dia ꝛ ho deteuesse com palauras / partiose logo acabando de falar com dom João, que ao outro dia deu esta reposta ao regedor, que a mandou a el rey que se agastou coela por ver qnanto ho gouernador era de concrusam, ꝛ ele não esperaua de tomar nenhũa por amor dos mouros que ho estoruauão, nem queria mais que antretelo que lhe não fizesse guerra aq̃le pedaço de verão: porque no inuerno seguinte esperaua de tomar a fortaleza com quantos estauão dentro. E pera mais dissimular cõ ho gouernador lhe escreuero como foy em Cochi, dizendo que tudo tinha prestes pera comprir coele, pedindolhe que se fosse logo a Calicut q̃ hi acharia tudo o que lhe auia de dar entregue a dom João de lima, ꝛ assi ho fizera el rey, mas os mouros como digo ho estoruauão por lhes pesar muyto da paz: porque sabião que se a fizesse que não auião mais de morar em Calicut.

¶ Capit. lxxxiiij. De como ho gouernadoe deu em Panane / ꝛ da destruyção que fez.

PArtido ho gouernador de Calicut foy ter a Cochim, onde foy recebido com toda a solẽnidade ꝛ cerimonias, ꝛ ẽtregue da gouernãça da India. E como leuaua muyto cuydado de tornar logo pola costa de Calicut a fazerlhe a mais braua guerra que podesse / não se quis deter em Cochi mais de dezaleys dias. E deixando outras muytas cousas que auia que fazer acodio a esta da guerra q̃ ele auia por mais principal ꝛ importante que todas pera restaurar ho credito q̃ os Portugueses tinhão perdido na India. E fazendose prestes lhe foy dada a carta del rey de Calicut sobre as pazes, offerecẽdose muy largamẽte

a comprir logo as cõdições com q̃ as pedia. Em tãto q̃ logo dali a tres ou quatro dias ho regedor da vila de Panane lhe mãdou dizer ao gouernador que podia mãdar receber certos paraós q̃ estauão naq̃le rio q̃ el rey de Calicut lhe mãdaua entregar. E porq̃ ainda ho gouernador tinha nisto duuida por saber quão incõstãtes eles erão nã quis mãdar receber os paraós se nã por sua pessoa/ pera q̃ se fosse mẽtira começar logo a guerra. E partio de Cochim apercebido cõ hũa frota de .lvj. velas .s. duas galés, quatro nauios de gauea, cinco barcaças, dezanoue caturres do Arel de Porquá/ ⁊ vinte seys paraós/ fustas ⁊ bargantis da armada da ordenãça da India. E os capitães desta armada forão João d̃ melo da silua q̃ fora capitão de Coulão, ⁊ por ter acabado seu tẽpo se quisera ir pera Portugal/ ⁊ por o gouernador sentir ⁊ conhecer dele q̃ por seu esforço, bõdade ⁊ descrição era pessoa de muyta cõfiãça, ⁊ pera se lhe encomẽdar ho seruiço del rey senhor ⁊ ter necessidade dos homẽs daq̃la qualidade pera isso: lhe rogou q̃ ficasse na India, ⁊ deu lhe hũas das galés q̃ digo em que andasse ⁊ ya na sua galé. Os outros capitães forã Pero mazcarenhas, dõ Simão de meneses, Ruy vaz pereyra/ dõ Jorge de noronha/ Geronimo de sousa, Antoni pessoa, dom Afonso de meneses, Rodrigo aranha/ Ayres da cunha, dõ Jorge telo, Jorge cabral/ Antonio da silueira/ Gomez de souto mayor, Frãcisco de vascõcelos/ Pero velho, dom Jorge de meneses, Antonio dazeuedo/ Ayres cabral/ Diogo da silueira/ Nuno fernãdez freyre ⁊ outros a q̃ nã soube os nomes. E ao outro dia q̃ forão vinte cico de Feuereyro de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ .xxv. surgio na boca de Panane q̃ he da largura ⁊ altura q̃ disse atras no liuro segundo. E surto ho gouernador mãdou recado ao regedor de Panane pera lhe entregar os paraós q̃ lhe escrera, E ho regedor lhe respõdeo com delõgas: o q̃ vẽdo ho gouernador/ porq̃ lhe começaua d̃ falecer a agoa, mãdou fazer agoada dẽtro no rio, porq̃ não auia outra parte õde se fizesse. E como a gẽte do lugar principalmẽte os mouros/ sabião q̃ el rey não queria paz cõ ho gouernador/ quãdo virão os Portugueses entrar no rio a fazer agoada, começarão de lhe tirar ás bõbardadas de hũa estãcia q̃ tinhão feyta ja cõ proposito de terẽ guerra cõ o gouernador/ ⁊ defẽderlhe a desembarcação se quisesse desembarcar. Quãdo ho gernador vio ho grãde desauergonhamẽto dos mouros/ d̃terminou delhe tomar as bõbardas q̃ tinhão na estãcia ⁊ destruylos. E chamados os capitães ⁊ pessoas prĩcipaes da frota lho disse/ ⁊ todos disserão q̃ era muyto bẽ/ ⁊ porq̃ a gẽte não recebesse dãno desembarcãdo diãte da estãcia, assẽtouse q̃ fosse a desembarcação em hũa põta q̃ se fazia antre ho mar ⁊ ho rio/ q̃ ficaua a esta põta da bãda do norte, ⁊ ho mar da bãda do sul: ⁊ isto porq̃ estaua abaixo da estancia/ ⁊ q̃ ho gouernador ⁊ Pero mazcarenhas cõ cada hũ seu escoadrão d̃ duzẽtos homẽs sayssẽ de dẽtro desta põta no rio/ ⁊ dom

Simão cõ outro escoadrão de treze tos em q̃ entrauão muytos espigardeyros desembarcasse na costa ꝛ costas da estãcia despois q̃ o gouernador desembarcasse. E isto como digo por lhe a artelharia dos imigos nã fazer dano. Isto assẽtado no mesmo dia q̃ forão vinte seys dias de Feuereyro se ẽbarcou o gouernador ꝛ os outros capitães nos bateys ꝛ nauios sotis em q̃ auião de desẽbarcar. E o gouernador ꝛ Pero mazcarenhas desẽbarcarão primeyro cõ sua gẽte õde lhes era assinado acõpanhados de muytos fidalgos. E dado sinal a dõ Simão como ho gouernador era desẽbarcado / desembarcou logo na costa cõ sua gẽte dũ golpe, a q̃ logo acodirã algũs mouros ꝛ Nayres, ꝛ nã digo q̃ntos por nã poder saber ho numero dos q̃ auia no lugar: mas bẽ certo he q̃ serião mais q̃tro vezes q̃ os Portugueses. E estes q̃ sayrão a receber dõ Simão fizerão mostra de defender sua stãcia / pelejãdo valẽtemẽte cõ suas lãças ꝛ frechas ꝛ espingardas / mas afroxarão logo como lhe os nossos espigardeyros matarão algũs / ꝛ acolheranse á sua estancia õde fizerão rosto a dõ Simão q̃ cõ os seus cometeo a estãcia cõ tamanho impeto q̃ os imigos ho nã poderão sofrer, ꝛ mais por lhe matarẽ ꝛ ferirẽ muytos / ꝛ desbaratãdose fugirão ꝑa ho sertão / ꝛ a estãcia foy entrada por dõ Simão. E nisto chegou o gouernador cõ Pero mazcarenhas, ꝛ reformãdo ho escoadrã de dõ Simão cõ gẽte d̃ refresco / ho mãdou passar da banda do rio / ꝛ a Pero mazcarenhas da bãda da costa õde dõ Simão desẽbarcara, porq̃ a ãbas estas prayas chegaua o lugar ꝛ se estẽdia dali pera ho sertão ꝛ ho gouernador ficou no meyo pera assi ẽtrar ho lugar ꝛ ho queymar, ꝛ nã quis q̃ os Portugueses ho roubassẽ por se não deter / ꝛ mãdou ho roubar por esses Nayres q̃ yão diãte, ꝛ ele cõ sua gẽte queymãdo casas ꝛ cortãdo palmeiras. E forão feridos algũs Portugueses q̃ se desmãdarã, ꝛ hũ destes foy Jorge de lima q̃ pelejou aq̃le dia cõ muito esforço. E destruydo ho lugar ꝛ recolhida a artelharia á estãcia, recolheose ho gouernador á frota.

¶ Capit. lxxxv. De como o gouernador mandou queymar Calicut por dom João de lima / ꝛ do que lhe aconteceo.

Daqui se foy ho gouernador a Calicut / õde soube de dõ João de lima q̃ os regedores não cõprirão o q̃ lhes el rey mãdara prometer a Cochi, de lhe ter os paraós ꝛ artelharia prestes. E vẽdo q̃ tudo erão palauras / determinou de lhe mostrar as obras cõ lhe q̃ymar algũa parte da cidade / porq̃ soubesse q̃ nã estimaua a sua guerra. E dãdo cõta disso aos capitães / assentouse q̃ ele cõ a bãdeira real ꝛ corpo da gẽte ficasse na praya, ꝛ dõ João de lima cõ a gẽte q̃ tinha posesse ho fogo á cidade da q̃la bãda ꝛ nã entrasse dẽtro / ꝛ ho fogo bẽ ateado se recolhesse. E assi se fez ao outro dia: ꝛ algũs fidalgos de dõ João q̃ yão cõ ho gouernador forão coele / ꝛ ẽ começãdo a d̃ poer ho fogo lhe sayo ho regedor cõ muytos Nayres / de q̃ algũs erã

espingardeyros. E dom João como era esforçado remeteo a eles ⁊ não podendo eles sofrer ho grande impeto dos nossos se retirarão pa dẽtro da cidade fazẽdo voltas a eles. E como nelas os Portugueses matassem algũs, gostou dõ João disso tanto que não lhe lembrando ho regimẽto do gouernador que não entrasse na cidade, se meteo por ela tã to que quando se quis recolher foy cõ grãde afronta ⁊ perigo: porq̃ os imigos como forão dentro na cidade se espalharão metẽdose por trauessas ⁊ paredes quebradas, por onde os Portugueses auião de tornar/ ⁊ tornãdose os frechauão dali ⁊ lhes tirauão muytas espingardadas. E nisto chegarã a hũa mezquita/ onde os esperauão bẽ mil Nayres os mais deles espingardeyros: ⁊ dõ Vasco de lima q̃ ya na diãteira chegou primeyro a ela, ⁊ em sua cõpanhia Antonio de sá de Santarem/ Antonio dazeuedo ⁊ Manuel de macedo. E em chegãdo começarão os imigos de tirar de dentro cõ as espingardas/ ⁊ hũ acertou a dõ Vasco de lima ẽ hũa coxa, ⁊ ferirao se não fora hũa fralda de malha dobrada que leuaua: mas atormẽtou ho, ⁊ assi atormẽtado era tão esforçado q̃ remeteo ao Nayre ⁊ matou ho atrauessando ho cõ a lãça, ⁊ logo estoutros q̃ digo remeterão tambẽ aos imigos. E nisto chegou dõ João/ ⁊ disse q̃ não se detiuessẽ mais/ ⁊ foy por diãte: ⁊ os imigos yão apos eles tirãdolhes ho mais que podião/ ⁊ os de dõ João tambem lhes tirauão de quando em quãdo/ ⁊ assi forão ate a praya õde estaua ho gouernador, que ouue grãde menẽcoria de dõ João passar seu regimẽto ⁊ entrar na cidade: cõ quanto lhe ele ⁊ outros muytos jurarão q̃ não podera fazer menos/ ⁊ que lhe não matarão nenhũ dos q̃ leuaua, ãtes matara muytos immigos ⁊ fizera grande dãno em queimar muytas casas: ⁊ assi foy. E este foy hũ feyto honrrado/ ⁊ de q̃ el rey de Calicut ficou muyto corrido por não se poder vingar. E cõ tudo ho gouernador nã perdeo a menẽcoria q̃ tinha/ dizẽdo que assi como dõ João escapara assi se podera perder cõ quantos leuaua/ ⁊ que não quisera fazer o q̃ lhe mãdara: ⁊ sem mais esperar se foy logo embarcar.

Capit. lxxxvj. De como o gouernador chegou a Coulete.

Embarcado ho gouernador cõ determinaçã de proseguir a guerra contra el rey de Calicut/ determinou de ir a hum lugar muyto grãde de seu reyno chamado Coulete, ⁊ ho principal porto dele, ⁊ õde auia mais gente, mais paraós ⁊ mais naos q̃ em outro nenhũ. E pera ser melhor enformado do sitio do lugar ⁊ dos nauios q̃ hi estauão mandou a João de melo da silua que ho fosse saber ⁊ forão coele doze Caturés do arel de Porquá/ ⁊ cinco ou seys outros dos Portugueses. E co esta companhia se foy João de melo a Coulete/ ẽ cujo porto se faz hũa baya de prayas darea, ⁊ das põtas da baya ao lugar q̃ está metido por hũ rio ha hũ pedaço: ⁊ ẽ

hũa parte da baya da banda do sul estauão tres trãqueyras, hũa na põta da baya outra mais acima / õde desembarcauão & outra no meyo fornecidas de muyta artelharia / & no porto estauão corẽta grandes paraos muyto bẽ armados & esquipados / & neles & em terra aueria bem vinte mil mouros & Nayres de peleja, & antreles muytos espingardeyros / & estauão assi fortes pera resistirem ao gouernador se quisesse pelejar coeles. E sabẽdo ho gouernador desta força q̃ aqui estaua / determinou de a destruyr, & mãdou diãte João de melo pera ver o sitio do lugar & partio apos ele ja noyte, & João d̃ melo chegou á baya de Coulete pola manhaã, dõde logo sayrão os corenta paraós q̃ digo / & como ele os vio tãtos, & tambẽ armados & cõ tanta gente / & leuaua muyto poucos Portugueses: não os quis cometer por lhe parecer doudice / & põdo neles as proas dos seus Catures, & tirãdolhe muytas bõbardadas se foy fazẽdo pera ho mar cõ ceavoga, cõ tentão de os afastar da terra. E como visse algũs nauios da armada do gouernador cometelos de verdade / & a armada do gouernador não parecia ainda porq̃ se fizera de noyte na volta do mar cõ ho terrenho. E os imigos q̃ a não vião / nẽ cuydauão q̃ erão mais q̃ os Catures os seguião, tirãdolhes tãbẽ cõ sua artelharia / senão q̃ndo aparece a galé em q̃ ho gouernador ya, & coela outros nauios que yão de mãdar a terra. O q̃ vẽdo os imigos nã quiserã mais seguir os catures & voltarão pera terra. E chegados á baya poserãse em ala antre as estancias, cõ as popas ẽ terra & as proas no mar & apelidarão logo á terra / & toda a gẽte de peleja q̃ era a q̃ disse acodio ás estãcias / & assi os de terra como os do mar se poserão em som de pelejar, fazẽdo grande estrõdo cõ seus atabales & outros instormẽtos de guerra & cõ suas gritas / q̃ tudo ho gouernador ouuia.

¶ Capit. lxxxvij. De como o gouernador assẽtou cõ os capitães da frota de pelejar em Coulete.

Vẽdo ele sua determinação surgio defrõte deles pera espe rar a outra frota / q̃ quando chegou era tão tarde q̃ mandou q̃ surgisse por não ser tẽpo pera fazer nada. E surtos os capitães, os mãdou chamar cõ todos os fidalgos & pessoas principais da frota: & jũtos lhes pregũtou a cada hũ a maneyra de q̃ deuia de cometer os imigos, & hũs disserão q̃ deuia de cometer somẽte os q̃ estauão no mar com q̃ podia pelejar sem desembarcar: porq̃ pera sair em terra tinha pouca gẽte, & a dos imigos era muyta endemasia / & posto q̃ matassẽ algũa ho recolhimẽto auia de ser cõ muyto perigo / & no mar pelejarião mais a seu saluo / porq̃ não auia de pelejar mais que com os do mar / porq̃os da terra não tinhão lugar pera que lhes ajudassem por não caberem coeles nos paraós: outros disserão que deuia de pelejar em terra / porque peleiando no mar somente todos os da terra auião

dajudar aos dos paraós, ⁊ os dos paraós nã auião dajudar os da terra posto que desembarcasse / porque auião de cuydar que deixaua gẽte na frota/ de q̃ se auião de temer q̃ lhes queymasse os paraós/ ⁊ por isso os não auião de desemparar / nẽ auião dajudar aos da terra: pelo q̃ deuia de pelejar nela. E vẽcidos os da terra aueria pouco q̃ fazer nos do mar/ outros disserão que se deuia de deixar aquela empresa pera quãdo ho gouernador tornasse dos rios de Bracelor ⁊ de Mangalor a que ya tomar os paraós que lá estauão, ⁊ despois de tomados ajuntaria a sua armada dous galeões ⁊ hũ nauio ⁊ tres galeotas ⁊ hũ bargãtim: com que estauão em sua goarda Fernão gomez de lemos ⁊ Gomez martinz de lemos seu irmão / em q̃ andauão mais de cento ⁊ cincoenta homẽs, que fazião muyta mingoa pera os ajudarem naquela peleja, ⁊ Pero mazcarenhas foy hũ destes: dizendo mais que não se auião de cometer cousas em que parecia que se atẽtaua nosso senhor. E como ho gouernador não fosse de nenhũ destes pareceres, disselhes. Bem vejo senhores q̃ vossos pareceres neste feyto sam de tão esforçados caualeyros ⁊ tão esperemẽtados na guerra como todos sois, ⁊ se neles foreis conformes que não tinha eu mais q̃ dizer se não seguiruos, mas como soys diuersos ⁊ cada hũ diz o q̃ entẽde/ fica me lugar pera tambẽ dizer o que entendo / q̃ he não fazermos de todo em todo fundamẽto de pelejar no mar com os immigos/ por q̃ tenho sabido por algũas pessoas que ho lugar õde estão seus paraos he aparcelado/ ⁊ os podem ter encalhados na vasa/ ⁊ nã poderemos bẽ chegar a eles com os nossos bateys ⁊ catures por amor do parcel: pelo que os nã poderemos aferrar/ ⁊ farnos hão muyto nojo cõ a artelharia ⁊ nosso cometimẽto por mar sera de balde, ⁊ por isso os não deuemos de cometer no mar somente/ nẽ menos de todo em todo em terra desembarcando naquela praya darea que vedes, q̃ parece ser lugar de boa desembarcação, porq̃ se os paraós dos imigos esteuerem em nado ⁊ nã for parcel como me dizẽ/ irse hão como nos virẽ desembarcados: o que eu muyto receo pelo medo que adiuinho que nos tẽ: ou sey certo que he assi/ que se ho não ouuerão, eles acabarão de seguir a João de melo quãdo lhe sayrão vindo ver a disposição desta baya, ⁊ em me vendo se tornarão a recolher, o que não fizerão se não ouuerão medo, porque a tantos mouros ⁊ tão cheos de soberba como estes andão ⁊ que nos tinhão dãtes em tão pouca conta / pouca gente era a com q̃ lhes podia resistir quãdo me virão, ⁊ se recolherão se não fora ho medo, ⁊ por isso receo eu q̃ vẽdonos em terra se vão se esteuerẽ em nado, ⁊ indo se farão algũ dano na frota/ em que pola pouca gente que tenho não posso deixar se não muy pouco. E por esta causa me parece que os não deuemos d cometer somẽte por terra, se não por terra ⁊ por mar juntamẽte. E isto logo ⁊ não quando tornarmos dos rios ⁊ esperar que se ajũte conosco a gente que lá está, que he

tão pouca que muyto mais nos po-
de danar eſperar por ſua ajuda que
pelejar agora ſem ela: porque agora
temos aqui os imigos / que como
digo he certo que nos hão medo/ ⁊
ſem ouſarem de pelejar nos hão de
fugir, ⁊ vendo nos ir ſem os come-
ter crerão que he por lhe auermos
medo, ⁊ ſem nos vencerem ficarão
com a vitoria que dirão de palaura
q̃ ouuerão de nos. E como aq̃les a
que ho hão de dizer ſam noſſos imi
gos hãolhe de dar credito, porque
he em noſſo perjuyzo: ⁊ ſem ſer vẽci
dos por obra ho ſeremos por fama.
E vede que tais ficaremos dizendo
eſtes mouros q̃ ho gouernador da
India não ouſou de pelejar coeles,
que dara a ouſadia a todos os de Ca
licut pera nos irẽ buſcar a Cochi, ⁊
ſe leuantarem contra nos todos os
que tem paz cõnoſco: ⁊ por iſſo ey
por eſcuſado deixar a peleja pa quã
do tornar, ſe não como digo logo ẽ
amanhecendo com ajuda de noſſo
ſenhor/ em que todos deuemos de
ter confiança que por ſua ſacratiſſi-
ma paixão nos ajudara como ſem-
pre ajudou/ ⁊ dom Simão com tre-
zentos homẽs cometera a praya q̃
digo, em que deſembarcara: ⁊ Pe-
ro mazcarenhas ⁊ eu cõ ho reſto da
gente cometeremos os paraós dos
imigos. E deſte parecer foy João
de melo da ſilua, ⁊ diſſe ao gouerna
dor que por nenhũa couſa ho deuia
de deixar de ſeguir: ⁊ que aſſi lho re-
queria da parte del Rey ſeu ſenhor,
porq̃ a mór parte dos outros erão
contra ele. E como ho gouernador
tinha muyta confiança na prudẽcia
⁊ esforço de João de melo / inſiſtio
em ſeu parecer tẽdo ho de ſua parte.
E todos aſſentarão que aſſi ſe fizeſ-
ſe, poſto que lhes não pareceo bem.

¶ Capit. lxxxviij. De como ho gouernador deſbaratou os mouros que eſtauão em Coulete.

Isto aſſi determina-
do mãdou ho gouer
nador chegar as ga-
lés a terra ho mais q̃
pode, ſer pera tambẽ
ajudarem com ſua artelharia. E ate
a madrugada gaſtarão os Portu-
gueſes em ſe confeſſar ⁊ encomẽdar
a noſſo ſenhor, ⁊ aparelhar ſuas ar-
mas: ⁊ deſpois começarão de foliar
⁊ cantar ⁊ fazer grandes alegrias/
porq̃ quebraſſem os corações aos
immigos, que toda a noyte derão
muytas gritas ⁊ tangerão ſeus inſ
tormentos, parecendolhes q̃ coiſſo
fazião medo aos Portugueſes, ⁊
deſparãdo tambẽ ſuas bõbardas.
E em amanhecendo aparecerão os
ſeus paraós toldados ⁊ embandei-
rados, ⁊ da outra parte os Portu-
gueſes embarcados ẽ ſeus bateys,
paraós, catures ⁊ bargantis arma
dos de ſuas armas. Dom Simão ⁊
Pero mazcarenhas defronte dõ-
de auião de cometer, ⁊ ho gouerna-
dor no meyo cõ a bandeira real: ⁊ ẽ-
comẽdando os a Deos arrancarão
hũs ⁊ outros pera os lugares que
lhes erão aſſinados que cometeſ-
ſem: ho gouernador ⁊ Pero mazca-
renhas contra os paraós dos im-
migos que eſtauão da ponta da ba-
ya pera dentro, ⁊ dom Simão pe-
ra a praya / onde auia de deſem-

barcar/remãdo todos cõ a mayor pressa que podião, por escaparem das bombardadas dos imigos, que erão tantas que parecia que chouião, assi dos paraos como das estancias, porem a mayor furia dos pelouros era sobre os que acompanhauão ho gouernador, porquelhes tirauão duas das estãcias & os paraós jũtamẽte. E sẽdo os pelouros tãtos como digo, muytos dos capitães do escoadrão do gouernador & do de Pero Mazcarenhas lhes auião medo & se passauão ao de dõ Simão por lá não ser ho perigo tamanho. Ao que ho gouernador atalhou ho melhor q̃ pode: remetẽdo aos paraós dos mouros, bradando aos Portugueses q̃ não se desmandassem. E nisto algũs dos q̃ yão auiados pera chegar aos paraós chegarão a eles, & o primeyro que aferrou logo hũ dos paraos foy hũ Rodrigo aranha capitão de hũ bem pequeno catur em que irião ate oyto Portugueses/ & os mouros que serião bẽ sessenta acodirão logo a bordo pera lhes defenderem a entrada: & com quãto erão tãtos/ & pelejauão valentemente não poderão defender a Rodrigo aranha, q̃ os não entrasse primeyro que nenhũ de seus companheiros que entrarão apos ele, & meteranse com os mouros ás cutiladas & espingardadas: & nisto aferrarão com outros paraós, dom Jorge de noronha, Geronimo de sousa/ Antonio pessoa/ dom Afonso de meneses/ filho do conde dom Pedro, dom Tristão de noronha/ & todos em aferrando entrarão dentro cõ sua gente pelejando todos com muyto efforço como muyto especiais caualeyros que erão. Neste tẽpo com a grande reuolta q̃ ya/ & cõ os capitães q̃ se passarão do escoadrão do gouernador pera ho de dõ Simão ficarão tão longe hũ do outro que lhe não podia ho gouernador dizer que desembarcasse, porq̃ lhe tinha mandado que ho não fizesse ate lho não dizer, & despois q̃ desembarcasse fosse ao lõgo da praya ate os paraos pera ho ajudar por terra aos desbaratar/ & dõ Simão não desembarcaua por esta causa & estaua esperãdo. O q̃ vendo ho gouernador, determinou delho mandar dizer por terra, porq̃ por mar não podia ser pola grãde reuolta q̃ ya/ pera o que mãdou saltar em terra dous ou tres homẽs, que derão recado a dõ Simão que desembarcasse. E ele desembarcou logo/ & em desembarcãdo forão tãtos os mouros dos da terra q̃ acodirão sobrele que por mais esforçadamente q̃ pelejou com os q̃ ho acompanhauão nunca pode passar aos paraos como lhe ho gouernador tinha mãdado. E pelejando assi algũs dos capitães do escoadrão do gouernador q̃ estauão junto coele quando virão sair em terra os tres homẽs porque mãdou ho recado a dõ Simão não se poderão sofrer q̃ ho não fizessem posto que ho gouernador lhes tinha defeso que não desembarcassẽ/ porque auião de pelejar no mar cõ os paraos, & estes q̃ saltarão em terra forão Diogo pereyra de sam payo, Manuel da gama, Ruy da costa de Goes/ Fernão de moura/

filho bastardo de dom Pedro de moura, Gomez d souto mayor, Johão d betãcor/da ilha da madeira e outros ate vinte ou trinta aque não soube os nomes. E como os mouros erão sem conto, e em cada cabo auia deles assaz, acodirão ali logo muytos: e como os Portugueses erão poucos posto que pelejarão sem medo, e lhes fizerão muyto dano cõ ferirem e matarẽ muytos, tãbẽ ho receberão/ porq̃ Diogo pereyra foy morto, e forão feridos mortalmente q̃ morrerão despois, Ruy da costa, Fernão d moura, Johão de betancor/ e outros cinco homẽs baixos, e tambem foy ferido Manuel da gama, e outros não podendo sofrer ho grãde impeto dos mouros/ se desbaratarão se não lhes acodira João d melo/ e Jorge cabral/ e outros dous fidalgos a que não soube os nomes que estauão cõ ho mesmo João de melo no seu bar ganti: e vẽdo João de melo ho desbarato dos que pelejauão em terra/ saltou nela co estes que digo e com outros, e sosteuerã os que yão desbaratados, e tornãdose a peleja a refrescar, erão tantos os mouros que recrecião, que foy necessario ao gouernador acodirlhe, saltando em terra cõ algũs fidalgos e caualeiros questauão cõ ele/ e ja a este tempo tudo era barabhado/ e todos pelejauão, assi na terra como no mar, e auia muytos feridos de hũa parte e doutra. E sabendo ho gouernador como dõ Simão ho não podia ajudar, por grande resistencia que achaua nos mouros/ vio que era necessario mudar ho conselho que teuera no modo de como auia de pelejar com os mouros: e pois ja era em terra, que lhe compria de tomar a outra estãcia que os mouros tinhão no cabo dos paraós pera ho lugar, pera ho que tinha necessidade de mais gente: e foy necessario mandar a Pero mascarenhas cõ algũs dos seus capitães ho que logo fez: e foy com ho gouernador cometer a estancia que digo, de que se os mouros defenderão hũ pouco e despois fugirão/ e com tudo os do mar se defendião valentemente/ como homẽs que esperauã a vitoria/ por que podendose saluar em terra não ho querião fazer: e parece que era por achar algũ vagar nos Portugueses/ porque como dos que estauão limitados pera pelejar no mar desembarcarão muytos, não auia quem auiuasse a peleja de nouo: e pelejauão somente os que primeiro disse que aferrarão. E assi hũ João segurado criado de dom Fernãdo jrmão do conde de Faraão/ que ya por capitão dum dos catures de Porquá/ que aferrou com hum dos paraós que estaua bem cheo de mouros/ e em aferrando saltou dentro só/ e pareçe que os Naires que yão tambem no catur/ de rois fizerão afastar ho catur antes que os outros Portugueses entrassem, e João segurado como digo ficou só antre tantos mouros de que não se podia valer se não lançandosse ao mar/ ho que ele não quis fazer como verdadeiro Portugues, antes se arremesou ãtre os mouros q̃ estauã na popa do parao

por onde ẽtrou ferindo por õde sua
espada podia alcançar, ⁊ como erão
tantos em demasia quasi q̃ ho afo-
garão ⁊ lhe leuarão a espada das
mãos/ mas não ho seu brauo cora-
ção com que andou tanto coeles a-
braços que se lhe sayo dãtre as mã-
os bem ferido ⁊ recolheose á proa
do paraó seguindo ho os mouros
⁊ ferindo ho: ⁊ tão apertado se vio
que virou a eles ⁊ remeteo a hũ que
ho mais perseguia/ ⁊ chegouse tãto
a ele que ho leuou nos braços. E ne
ste tamanho aperto foy socorrido
por outro muyto valente caualeyro
chamado Pero Jorge capitão dou
tro Catur: ⁊ ho gouernador q̃ vio
de terra o que lhe acontecera ho mã
dou tambem socorrer por outros, a
que Pero Jorge tirou desse traba-
lho com despejar os mouros do pa
raó, hũs mortos ⁊ outros feridos.
E vendo ho gouernador como os
que pelejauão no mar tinhão neces-
sidade de socorro, mandou a algũs
dos capitães que estauão coele em
terra que ho fizessem: ⁊ forão, ⁊ com
sua ajuda tardarão os mouros pou
co em se desbaratar de que saluarão
muy poucos, porq̃ quasi todos qui
serão morrer: ⁊ dos Portugueses
q̃ pelejarão no mar não morrerão
quasi nenhũs ⁊ os mais forão feri-
dos. E ho mesmo aconteceo a dom
Simão / que despois de se lhe os
mouros defenderem valentissima-
mente quanto lhes foy possiuel não
podendo resistir á furia dos Portu
gueses ficando muytos feridos ⁊
algũs mortos se recolherão pera ho
sertão/ ⁊ ele se foy pera ho gouerna-
dor/ que deu muytas graças a nos-
so senhor por aquela vitoria, ⁊ abra-
çou a Joaõ de melo por quão bẽ ho
fizera aquele dia/ ⁊ por quão bõ cõ-
selho lhe dera. E assi ficou de posse
das estancias ⁊ dos paraós/ em q̃
forão tomadas duzentas ⁊ cincoẽ-
ta bombardas grossas ⁊ miudas, ⁊
delas que forão tomadas aos Por
tugueses, ⁊ muytas camaras ⁊ in-
findos pelouros de ferro coado ⁊
muyta poluora/ ⁊ grande soma dar
teficios de fogo. E tudo isto foy re-
colhido na nossa frota ⁊ assi os corẽ
ta paraós/ ⁊ entre tanto ho gouer-
nador fez algũs caualeyros estando
muyto de vagar sem os mouros ou
sarem de tornar sobrele como costu-
mão. E despois d̃ queymadas hũas
dez naos de carga que estauão vara
das se recolheo o gouernador muy-
to a seu prazer. E coeste feyto q̃ os
mouros ouuerão por muyto gran-
de cobrarão os Portugueses ho
credito que tinhão perdido na In-
dia: ⁊ el rey de Calicut começou de
perder o que tinha aquirido / ⁊ co-
meçou de se estender pola India a
fama do gouernador/ ⁊ os mouros
lhe começarão dauer medo.

¶ Capit. lxxxix. De como forão dadas cartas ao gouernador del rey Dormuz ⁊ d̃ Raix xarafo: de queixumes de Diogo de melo.

Embarcado ho gouerna
dor foyse a Cananor, on
de chegou a õze de Mar
ço, cujos mouros achou
muyto quebrados polo desbarato
dos paraós de Coulete ⁊ dos ou-
tros q̃ eles tinhão por inuenciueis,

ꝛ cuydauão q̃ auião de desbaratar d todo a nossa armada, ꝛ derãse por gastados q̃ndo os virão tomados. E el rey se deu por destruydo, porq̃ em Cananor auia algũs paraós / ꝛ como soube que ho gouernador chegou lhe mandou a boa hora de sua chegada, ꝛ hũ colar douro ꝛ pedraria de preço q̃ ho gouernador não quisera tomar / ꝛ tomou ho por lhe dizerem todos que ho tomasse / porque era el rey tão descõfiado que se lho não tomasse, cuydaria que estaua coele de guerra / ꝛ por isso ho tomou ꝛ ho deu despois ao spirital de Cananor pera se gastar com os doẽtes ꝛ em outras cousas necessarias, ꝛ mandou dizer a el rey q̃ lhe tomaua ho colar porque não cuydasse q̃ não era seu seruidor, ꝛ que não faria por ele quãto cõprisse pera se goardar a amizade q̃ tinha com el Rey de Portugal seu senhor / o que ele faria sẽpre sẽ dadiuas nẽ presentes, ꝛ nunca ho contrairo ainda que lhe desse quanto auia no mundo / por isso q̃ sem presentes lhe podia requerer o que fosse seruiço del rey seu senhor, ꝛ que ele ho faria logo. Do q̃ el rey ficou espantado, porque dãtes tudo na India se acabaua com peitas: ꝛ logo foy visitar ho gouernador á fortaleza, o que nunca ateli fizera nenhũ rey d Cananor a nenhũ viso rey nem gouernador da India, ꝛ vianse em hũa tenda que se armaua fora da fortaleza. E ho gouernador não fez nenhũ caso daquilo: ꝛ el rey lhe festejou muyto de palaura a vitoria dos paraós, ꝛ disselhe que lhe entregaria algũs que auia em Cananor com toda a artelharia que tinhão / ꝛ lhe prometeo de não se fazerem mais outros, ꝛ mostroulhe hũa carta q̃ tinha del rey de Portugal / em q̃ lhe fazia merce da ilhas de Maldiua com cõdição que fosse obrigado a darlhe tanto cairo quãto lhe fosse necessario na India ao preço que custaua nas ilhas, de que el rey de Cananor requereo ao gouernador q̃ lhe desse a posse por virtude daquela carta. E ho gouernador lha daua com cõdição que desse ho cairo / de que lhe pedia cadãno mil bahares, q̃ fazẽ dous mil ꝛ oyto cẽtos ꝛ vintoyto quintais / q̃ de tãtos era enformado que auia necessidade na India. E el rey as não quis com aquele encarrego / com o q̃ ho gouernador folgou por ser ꝑueito del rey de Portugal / porque sabia q̃ dos quintos do arroz q̃ as naos que vão ás ilhas pagauão / se comprauão os mil bahares de cairo ꝛ mais / ꝛ se pagaua mãtimẽto a trinta ou corenta homẽs que lá estauão cõ hũ feytor / ꝛ todos enrrequecião do mais que furtauão. E por isto q̃ sabia folgou del rey não querer as ilhas / porq̃ ficassem pera el rey seu senhor / a que esperaua de dar nelas muyto proueito cõ fazer nelas hũa torre cercada de muro em que se recolhesse ho cairo ꝛ se podessẽ defender os que hi esteuessem. E com quãto el rey d Cananor nã quis as ilhas de Maldiua com as condições que digo, nẽ por isso deixou de mostrar que ficaua muyto seruidor del Rey de Portugal ꝛ amigo do gouernador, ꝛ entregoulhe logo algũs paraós que tinha: ꝛ os outros lhe pedio pera seruirem d carrega: que ho

gouernadorlhe cõcedeo cõ tanto q̃
lhe auia de dar a artelharia q̃ tinhã
⁊ lhe auião de cortar os esporões: ⁊
leuãtalos mais ⁊ tirarlhes os re-
mos, ⁊ assi foy feyto. E desta ma-
neyra ficou Cananor seguro, õde ho
gouernador achou hũ mouro com
cartas del rey Dormuz ⁊ de Raix
xarafo ꝑa ho viso rey dõ Vasco da
gama, q̃ tanto q̃ souberão q̃ era na
India/ crẽdo q̃ era homẽ justo, ⁊ q̃
os mãteria ẽ justiça lhe escreuerão
logo, dãdo graças a Deos q̃ ho le-
uara á India/ õde auia dele tãta ne
cessidade ꝑa fazer justiça: pedindo-
lhe muyto q̃ lha fosse lá fazer d̃ muy
tos agrauos q̃ tinhã recebidos no
tẽpo passado de dõ Duarte de me-
neses, ⁊ recebião no presente de Dio
go de melo. E com quanto ho mou-
ro que leuaua estas cartas soube ẽ
Chaul que ho viso rey era morto/
determinou de as dar ao gouerna-
dor que hia buscar a Cochim, ⁊ a-
chou ho em Cananor: ⁊ dãdolhe as
cartas que leuaua pera ho viso rey,
pediolhe que as ouuesse por suas, ⁊
que fizesse a justiça que se esperaua
do viso rey, pois tinha seu carrego.
E deulhe hũ presente de hũas pou
cas de perolas ⁊ de panos ricos de
Persia, q̃ ho gouernador não quise
ra tomar: ⁊ tomou ho polas rezões
que tomou ho colar a el rey de Ca-
nanor: ⁊ disse ao mouro as mesmas
palauras que lhe mandara dizer.
E logo ho gouernador ho despa-
chou escreuendo a Diogo de melo
sobre o que el rey Dormuz ⁊ Raix
xarafo se agrauauão dele, pedindo
lhe muyto por merce da sua parte
⁊ requerendolhe da del rey seu se-
nhor que ho não fizesse/ ⁊ que ho
não metesse em pressa de os seus tri
ta annos castigarẽ os seus sessenta
E pera que se tirasse a Diogo de me
lo ho azo de agrauar estes dous ho
mẽs escreueo ho gouernador ao ou
uidor da fortaleza Dormuz que lhe
mandasse preso hũ homẽ/ por cujo
conselho dezião que Diogo de me-
lo cayanas culpas em que ho cul-
pauão. E tudo isto escreueo a el rey
de Ormuz ⁊ a Rayx xarafo/ affir-
mandolhe que quando Diogo de
melo não se emmendasse, que ho ti-
raria da fortaleza: ⁊ por nenhũ mo
do os deixaria agrauar/ porisso que
estiuessem muyto firmes na amiza
de ⁊ no seruiço del rey de Portugal
⁊ lhe escreuessem quanto passasse/
porque logo acodiria: ⁊ que não a-
codia logo polo muyto que tinha
que fazer na India. E ho mesmo dis
se ao mouro que leuaua as cartas:
que se partio muyto contẽte do go
uernador, ⁊ muyto espantado de
quão pouca ou nẽnhũa cobiça ti-
nha.

¶ Capit. xc. Do que fez Fernão gomez de lemos no rio de Mãgalor, E de como ho gouernador se recolheo a Cochi/ ⁊ despachou a Pero mazcarenhas pera Malaca.

PArtido Fernão gomez de
lemos de Cananor como
disse atras, chegou ao rio
de Mãgalor cõ as q̃tro
velas q̃ disse ꝑa ho goardar. E pos
to na sua boca tapou a q̃ nã podess
sayr de os cento ⁊ tantos paraó
de mouros q̃ estauão dẽtro/ q̃ pr

narão de ho fazer algũas vezes, ⁊ nũca poderão cõ os muytos tiros dartelharia q̃ lhe tiraua Fernão gomez ⁊ os outros capitães. E vẽdo q̃ sua porfia era por de mais deixarã se estar: ⁊ estãdo Fernão gomez nesta goarda, sobreuierão hũ dia hũa boa soma de paraós de Calicut que yão ali carregar. E como os mouros virão os Portugueses na boca do rio/ ⁊ sabião q̃ dẽtro estauão os paraós/ poserãse a tiro dos nossos nauios ⁊ começarão de lhes tirar cõ suas bõbardas/ ⁊ os mouros q̃ estauão dẽtro acodirã aos ajudar/ ⁊ hũs dũ cabo ⁊ outros do outro começarão daptar muyto os Portugueses, ⁊ arrõbarlhes os nauios principalmẽte a Antonio da silua a q̃ muytas vezes arrõbarão a galeota. E ele como muyto esforçado caualeyro q̃ era esteue sempre q̃do, ate q̃ Fernão gomez parece q̃ polo não meterẽ no fũdo leuou ancora ⁊ deu á vela pera ir pelejar cõ os paraós do mar, ⁊ ho mesmo fizerão os outros capitães. E ainda bẽ eles não erão leuados/ q̃ndo a mayor parte dos paraós q̃ estauão no rio sayrão pa fora/ ⁊ dãdo á vela cõ os outros se fizerão na volta do mar ⁊ acolheranse: ⁊ Fernão gomez não os quis seguir pera tornar a tomar a barra ⁊ não se acabassem de sayr os q̃ ficauão dẽtro: porẽ nã lhe aproueitou, porq̃ os mouros desesperados doutro acerto como aq̃le/ se meterã polo rio acima ate õde encalharão. E esta noua foy ter ao gouernador estando ẽ Cananor: ⁊ porq̃ em tomar os paraós q̃ ficauã se arrisfaua muyta gẽte por peq̃na vitoria ouue por escusado ir lá/ ⁊ por ser já meado Março, ⁊ saber q̃ erão vidas naos de Malaca onde era necessario mãdar gẽte cõ Pero mazcarenhas, determinou de se recolher a Cochim, ⁊ porq̃ auia necessidade darroz pera as fortalezas de Cananor/ de Calicut ⁊ de Cochim, mãdou a dõ Simão de meneses q̃ fosse carregar dele a Bracelor ⁊ a Baticalá, ⁊ mãdou coele algũs nauios d̃ carrega ⁊ hũa galé ⁊ duas galeotas ⁊ algũs caturres ⁊ paraós ligeiros/ ⁊ mãdoulhe q̃ recolhesse cõsigo a Fernão gomez de lemos ⁊ a Gomez martinz de lemos cõ os capitães com q̃ estauão ẽ goarda dos rios: ⁊ assi lhe mãdou q̃ quando se recolhesse a Cochim deixasse a dõ João de lima a gẽte de q̃ teuesse necessidade. E isto feyto partiose pera Cochim/ õde chegou a dezasete de Março, ⁊ entẽdeo logo ẽ despachar a Pero mazcarenhas pera Malaca, pera õde partio a oyto de Mayo/ ⁊ foy em hũ galeão de q̃ ya por capitão Ayres da cunha q̃ auia de ser capitão mór de Malaca: ⁊ assi forão mais em sua cõserua hũ nauio velho q̃ viera de Malaca/ ⁊ hũ bargãtim ⁊ dous paraós. E nesta armada mãdou ho gouernador trezẽtos ⁊ cincoenta homẽs por saber a necessidade em q̃ ficaua Jorge dalbuquerque.

¶ Capit. xcj. Do q̃ fez dõ Simão d̃ meneses a mõte Deli, ⁊ de como se recolheo a Cochim.

Dom Simão de meneses despois q̃ partio de Cananor foy a Barcelor ⁊ a Baticalá carregar dar-

roz como lhe ho gouernador mãdara/ ꝛ fez ho mais que lhe mandou. E indo de Baticalá pera Cananor com noue velas darmada.s.a galé em que ya/ ꝛ ho galeão de Gomez martinz de lemos/ ꝛ a galeota Dantonio da silua / ꝛ outra galeota ꝛ hũa carauela / ꝛ dous bargantins de que erão capitães Antonio pessoa ꝛ hũ Domingos fernãdez ꝛ dous paraós / topou a monte Deli com setẽta paraós de mouros Malabares que yão tambem buscar arroz aos rios de Bracelor ꝛ de Mãgalor. E como os Portugueses ouuerão vista dos mouros foranse a eles/ ꝛ eles vendo os de supito, ꝛ polo medo que lhe tinhão das vitorias passadas cuydarão que erão tomados ꝛ mostrarãlhes as popas fugindo quanto mais podião. E dom Simão / Antonio da silua/ Domingos fernandez ꝛ Antonio pessoa ꝛ os outros capitães das velas de remo derão a pos os paraós seguindo os ás bombardadas / ꝛ cinco vendose muyto apressados de dom Simão, Dantonio da silua ꝛ doutros tres que os querião aferrar vararão na costa ꝛ hi se perderã ꝛ a gente se saluou/ ꝛ Domingos fernandez ꝛ Antonio pessoa que leuauão os nauios mais remeyros aferrarão dous paraós / ꝛ saltarão dentro ꝛ matarão neles muytos dos mouros/ ꝛ os outros saltarão ao mar / onde tambem forão mortos ꝛ os paraos lhes ficarão, ꝛ dos outros que yão fugindo deles se forão na volta do mar, ꝛ deles se acolherão ao rio de Marauia que era defronte: donde se toparão com dõ Simão/ que vendo os meter no rio determinou dentrar coeles/ ꝛ logo fez ẽbarcar a gẽte nos bateys ꝛ esquifes ꝛ nauios ligeiros da armada. E remando a boga arrancada cometeo a barra do rio com grandes gritas ꝛ estrondo de trombetas, ꝛ foy recebido com outro mayor de muytas bõbardadas ꝛ frechadas que lhe tirauão algũs paraos que ainda não erão de todo recolhidos no rio: ꝛ os Portugueses que estauão fauorecidos com as vitorias passadas não derão pelos pelouros nẽ frechas dos mouros, ꝛ rõpẽdo perãtreles trabalhauão cõ os remos por chegar aos mouros/ ꝛ ẽ chegãdo deitarão dẽtro ẽ sete ou oyto panelas de poluora cõ que lhes poserão ho fogo. De que os mouros auendo grande medo se lãçarão logo ao mar, ꝛ os paraos ficarão ardendo ate que forão de todo queimados. E nesta reuolta Domingos fernandez que era muyto valente caualeyro seguio no seu bargantim acompanhado de hũ parao de hũa nao, outros paraos que se acolhião pelo rio acima, de que queymou dous com panelas de poluora, ꝛ tirou apos os outros: ꝛ temendo dom Simão que se perdesse por ir tão soo, mandou a Gomez martinz de lemos que ya em hũ esquife que fosse a pos Domingos fernandez ꝛ ho fizesse recolher: ꝛ foy tão mofino que indo a isso errou ho canal por onde auia dir/ ꝛ deu em seco dõ de não pode sayr/ ꝛ acodirão ali sobrele tantos mouros da terra que ho matarão ás frechadas/ ꝛ a dom Miguel de lima filho de dõ Afon-

so de lima com outros quatro. E Domingos fernandez despois que ho bargantim não pode nadar se recolheo pera a barra. E porque este rio era do reyno de Cananor mostrou el rey quando ho soube que lhe pesaua muyto destes seys Portugueses que aqui matarão, principal mente polo fazerem seus vassalos & recolherem nossos immigos & os ajudarem & se aluoroçarem cõtra os Portugueses. E por castigo mandou despois matar algũs mouros & Nayres que nisso forão culpados, & mandou leuar os corpos mortos dos Portugueses a Eytor da silueira, pera que os mandasse enterrar: fazendolhe saber ho castigo que fizera por suas mortes, & dizendo q̃ faria mais se fosse necessario. E tudo isto fazia porque ho gouernador não teuesse dele algũa sospeita & por isso lhe fizesse mal. E recolhida per dom Simão sua gente, se tornou a embarcar na frota, & ãdou por aq̃la paragem algũs dias pera ver se passauão algũs paraós de mouros a carregar darroz, porque ateli por amor que os rios estauão çarrados cõ os nauios que disse não ousauão lá de ir nenhũs, nẽ se poderão muytos fornecer de mantimẽtos como dantes fazião, que foy causa de no inuerno seguinte auer no Malabar a mayor fome que nunca ouue, principalmente no reyno de Calicut. E esta foy a mais perjudicial guerra que se lhe podia fazer, porque como disse no Malabar não ha arroz que escuse fome se ho não leuão de fora, & se ho gouernador se lẽbrara mais cedo daquela goarda dos rios mayor fome padecera ho reyno de Calicut. E vendo dom Simão que não passauão mais paraós, & que ho inuerno começaua dentrar, recolheo se a Cochim, porque despois não poderião com as toruoadas & foyse a Cananor: & prouida a fortaleza de seu quinhão darroz se foy á de Calicut, a que tãbẽ deu ho arroz necessario, & quãdo foy pera deixar algũa gente a dom João de lima de que tinha necessidade por se esperar cerco naquele inuerno, não queria ficar nenhũ homem de qualidade, porq̃ ho gouernador não assinara os que ficassem, & porque se enfadauão do trabalho da guerra que estaua certa. E vendo dom Simão que nenhũ homem honrrado queria ficar, tomou ate cento & vinte homens desses baixos, & por força os deixou na fortaleza, & assi ficou a fortaleza sem gẽte de vergonha se não a que dom João ja tinha que erão algũs seus parentes, amigos & criados, & a outra se foy inuernar a Cochim, onde esteue sem fazer nenhum proueito, & podera fazer muyto no cerco que el rey de Calicut pos sobre a fortaleza, com que esteue muyto perto de se perder: & milagrosamẽte a saluou nosso senhor como direy a diante. E prouida esta fortaleza como digo por dom Simão, foyse a Cochim: onde chegou ho primeyro de Mayo encontrado de muytas toruoadas que lhe sobreuierão no caminho. E com tudo despois de ele recolhido a Cochim os mouros de Calicut pola necessidade grandissima que tinhão darroz se auenturarão ao mar, & foão por ele a

Bracelor & a Mangalor de q̃ trou-
uerão algũs paraós: que se isso não
fora morrerão todos d' fome. E por
que os gentios a padecião por sua
causa lhes querião muyto grande
mal/ especialmente os Nayres: que
lhes dizião cada dia que eles não sa
bião mais q̃ fazer estar mal a el rey
de Calicut com os Portugueses: &
porem que não erão pera ho liurar
da guerra que lhe fazião, & que eles
os fazião padecer a fome que pade-
cião & auião de fazer perder ho rey-
no a el rey: & assi outras cousas com
que os mouros andauão muy ala-
uercados.

¶ Capit. xcij. De como foy morto Christouão de brito, & os outros capitães desbaratarão as fustas de Dabul.

Estando ho gouerna-
dor se partio de Goa
pera ir a Cochim to
mar posse da gouer-
nança/ deixou a Frã
cisco de sá que ficaua por capitão
de Goa hũa armada de quatro fus-
tas & seys bargantis que ho gouer
nador mãdara fazer de paraós pe-
ra goarda daq̃la costa ate Dabul. E
a capitania mór desta armada se deu
a hũ fidalgo chamado Christouão
de brito que era alcayde mór da for
taleza de Goa muy esforçado caua-
leyro/ & por isso desejaua de seruir
naquela armada ãtes q̃ estar ocioso
em Goa. E andando ele em goarda
daquela costa/ ouue por vezes muy
tos recontros com frotas de mou-
ros de Calicut a que fez muyto dã-
no. E andando assi foy hũ dia ter a a
barra de Dabul/ õde sendo sabida
sua chegada ho Tanadar mandou
logo encher de quatro cẽtos rumes
sete grandes fustas & hũa galeota q̃
estauão muyto bem armadas dar-
telharia & esquipadas de remeyros
& por seu capitão moor foy hũ valẽ-
te turco cujo nome nã soube que ya
na galeota/ & sayrão com determi-
nação da ferrarem com os Portu-
gueses que serião ate cento & cincoẽ
ta & matarẽnos a todos/ & assi co-
mo sayrão do rio se forão dereytos
a eles, & ho mesmo fez Christouão
de brito: & com grande estrondo de
gritas & de tiros dartelharia & es-
pingardadas se abalrroarão as ca-
pitaynas & quatro fustas dos ru-
mes com outras tantas nossas/ &
começouse hũa braua peleja antre
os Portugueses & rumes q̃ todos
pelejauão valentemente. E neste cõ
flito forão dadas a Christouão de
brito juntamẽte duas frechadas no
pescoço q̃ ambas lhe passarão hum
gorjal de malha que tinha com quã
to era fina/ & deranlhe por tal parte
que logo cayo morto, mas nem por
isso os Portugueses desacoroçoa-
rão, ãtes com ho pesar da morte do
seu capitão moor parece que se esfor
çarão mais pera a vingar/ & com
hũ brauo impeto derã tão rijo nos
rumes que os ẽtrarão por força ma
tando hũs & fazendo saltar outros
ao mar/ de que despois os mais fo
rão mortos: & outro tanto aconte-
ceo aos outros q̃tro capitães dos
quatro bargantins que aferrarão
com as quatro fustas dos rumes: q̃
tambem os entrarão & aforarão/ &

os das outras vẽdo isto não quise-
rão aferrar ꝛ voltarão/ ꝛ por se sal-
uarẽ dos Portugueses q̃ yão apos
eles derão á costa õde se as fustas es
pedaçarão/ ꝛ a galeota cõ as q̃tro
fustas ficarão ẽ poder dos Portu-
gueses/ de que nesta batalha forão
mortos cõ Christouão d brito seys
ꝛ todos os q̃ aferrarão forão muy
to feridos, ꝛ dos rumes forão mor
tos a mayor parte. E coesta vitoria
q̃ foy muyto grãde pera quão aba-
tidos estauão os Portugueses por
aq̃la costa/ ꝛ quã soberbos estauão
os mouros cõ as vitorias passadas
se tornarão aq̃les capitães Portu-
ses pa Goa/ de q̃ Frãcisco de sá mã-
dou a noua ao gouernador.

¶ Cap.cxiiij. De hũ milagroso fey-
to q̃ fizerão vinte Portugueses
na ilha de Ceilão.

ATras fica dito como des
feyta a fortaleza de Ceilã
Fernão gomez de lemos
q̃ a foy derribar deixou ẽ
tregues a el rey de Ceilão ho feytor
q̃ lá ficou/ ꝛ ho escriuão ꝛ quinze
Portugueses q̃ ficauão coeles/ por
q̃ assi ficauão mais seguros. E tor-
nãdo Fernão gomez á India, soube
Saleacẽ hũ mouro de Calicut ꝛ pri
cipal armador dos paraós q̃ se faziã
naquele reyno como a fortaleza era
derribada, ꝛ quão poucos Portu-
gueses lá ficauão/ ꝛ pareceolhe que
pois ficauão entregues a el rey de
Ceilão q̃ lhos ẽtregaria se lhos pe-
disse. E coesta determinação partio
pera lá em q̃tro paraós/ em q̃ leuou
bẽ quinhẽtos homẽs de peleja. E
chegado a Colũbo foy falar a el rey
ꝛ disselhe q̃ os paraós delrey de Ca
licut pelejarão cõ a armada do go-
uernador da India: em q̃ fora dei ba
ratado ꝛ morto cõ quãtos Portu-
gueses yão nela/ pelo q̃ el rey de Co
chi ꝛ d Cananor ꝛ todos os outros
da India tinhão cercados os Por
tugueses q̃ morauão ẽ suas terras.
E por isto ser assi el rey de Calicut
lhe mãdaua rogar q̃ lhe mandasse a-
q̃les Portugueses q̃ tinha pelo mes
mo Saleacẽ. Do q̃ el rey ficou muy
to espãtado, ꝛ não ho creo por lhe
parecer q̃ os Portugueses não po-
dião ser vẽcidos tão asinha: ꝛ disse
q̃ aueria seu conselho. E ido Salea-
cẽ mãdou chamar ho feytor ꝛ escri-
uão ꝛ algũs dos outros, ꝛ contou-
lhes o q̃ lhe Saleacẽ dissera, pergũ
tandolhes se seria verdade q̃ ho go-
uernador da India era desbarata-
do. E eles lhe disserão q̃ em nenhũa
maneyra podia ser, porq̃ auia ãnos
q̃ não se ajũtara tãta gẽte na India
como ẽtão: ꝛ mais q̃ o gouernador
era muyto esforçado caualeyro/ q̃
ho não auião os mouros de poder
desbaratar: ꝛ q̃ os mouros por serẽ
imigos dos Portugueses aleuãta
uão aquilo. E por assegurarẽ mais
el rey, disserãlhe q̃ mãdasse saber aa
India se era verdade o q̃ dizia Sa-
leacẽ: ꝛ se ho fosse q̃ então fizesse o q̃
quisesse. E como el rey era bõ homẽ
pareceolhe isto bẽ/ ꝛ disse a Saleacẽ
q̃ não auia dẽtregar os Portugue-
ses ate nã saber certo se era verdade
o q̃ ele dizia. E cuydãdo ele q̃ el rey
nã q̃reria tãto aueriguar aq̃la ṽda-
de, ꝛ q̃ diria aquilo por se escusar dẽ-
tregar os Portugueses: disse q̃ mã
dasse saber á India o q̃ lhe dizia. E
el rey ho fez assi, escreuẽdo ao gouer

nador o q̃ passaua. E q̃ndo ho messe
geiro chegou a Cochi/ chegaua ho
gouernador de destruyr Coulete, ⁊
vio os paraós ⁊ artelharia q̃ toma-
ra. E vẽdo Baleacem q̃ el rey nã lhe
queria dar os Portugueses/ deter
minou de os tomar por força: con-
fiado q̃ por a gẽte da terra ser fraca
não lhe poderia resistir. E porq̃ não
pude saber miudamente como isto
foy/ não cõto as particularidades
q̃ nisto ouue: se não q̃ el rey se pos a
todo risco cõ os mouros por defen
der os Portugueses/ a q̃ deu toda
a ajuda de gẽte q̃ pode: ⁊ eles sendo
vinte no mais indo muyto diãte da
gẽte cõ que os el rey ajudou, forão
cometer os mouros q̃ erão quinhẽ
tos, ⁊ pelejarão coeles cõ hũ esforço
tão sobrenatural, q̃ era cousa despã
to grãdissimo defenderẽse tão pou-
cos de tãtos, quãto mais offenderẽ
nos cõ matarẽ bẽ cincoẽta deles/ ⁊
ferirẽ tãtos q̃ os desbaratarão ⁊ fi-
zerão fugir como cabras, ⁊ os q̃ es-
caparão se acolherã a dous paraós
q̃ tinhão no mar: q̃ os outros dous
estauão varados ⁊ ficarã. E Balea
cẽ se foy muyto corrido de ser desba
ratado d̃ tão poucos Portugueses
⁊ disculpauasse q̃ aq̃la vitoria fora
milagrosa, ⁊ q̃ Sãtiago os ajudara
na batalha. O que se deue de crer
sem duuida, porq̃ não era possiuel q̃
tão poucos desbaratassẽ tamanho
poder de gẽte ficãdo todos viuos.
E elrey de Ceilão ficou fora de si vẽ
do hũa cousa tão fora de natureza/
⁊ não auia hõrra q̃ não fizesse aos
Portugueses, ⁊ assi ho fazião os
seus, principalmente os q̃ forão na
batalha q̃ mais se ocuparão em re-
colher ho despojo que em pelejar.

¶ Capit. xciiij. Do q̃ Antonio de mirãda dazeuedo fez no cabo de Goardafum ⁊ em Xael.

Antonio de miranda daze
uedo que ya por capitão
mór da armada q̃ ya ao
cabo de Goardafũ/ assi
pera fazer presas como pera tomar
as duas naos de madeyra q̃ yão de
Diu pera ho estreito, ãdou tãto por
sua viagem q̃ chegou á paragẽ onde
as auia desperar/ ⁊ assi as naos que
saysem do estreito. E postos os ca-
pitães cada hũ a seu cabo vigiauase
ho mar tẽdo tẽto no q̃ podia vir. E
andando assi/ chegou hũa fusta de
mouros Malabares carregada de
pimẽta q̃ ya pera dẽtro do estreito,
q̃ foy tomada: ⁊ despois hũ zãbuco
q̃ saia do estreito pa Diu carregado
de mercadorias/ ⁊ hũa terrada cõ
caualos/ ⁊ tudo isto se tomou sẽ pe-
leja. E nestes dias q̃ os Portugue-
ses aqui ãdarão nũca as naos d̃ ma
deira passarão ao menos q̃ fossẽ vis
tas. E vẽdo Antonio d̃ mirãda q̃ se
lhe começaua de gastar a moução ⁊
q̃ as naos não yão/ nã quis mais es
perar/ ⁊ desferio vela caminho de
Xael seguido ho os outros nauios,
porq̃ ho mãdaua lá ho gouernador
a pedir a el rey oytẽta bõbardas q̃
tinha de hũa nao portuguesa q̃ ali
dera á costa ⁊ se pdera: ⁊ assi algũa
artelharia q̃ ali ficara a dõ Luys d̃
meneses. E chegado ao porto d̃ Xa
el, mãdou recado sobrisso a el rey, q̃
nẽ lhe mãdou fazer nenhũ recebimẽ
to, nẽ lhe quis dar a artelharia por
estar ainda magoado do dãno q̃ ali
fizera dõ Luys de meneses. O q̃ vẽ-
do Antonio d̃ mirãda, determinou

de se vingar ẽ doze naos de mouros q̃ estauão no porto: ⁊ cometendoas cõ os outros capitães de sua armada desbaratou os mouros q̃ as quiserão defender/ matando ⁊ ferindo muytos, ⁊ queimou sete naos/ ⁊ as cinco forão tomadas a fora hũa q̃ deu á costa, ⁊ nestas se achou muy rica mercadoria: ⁊ porq̃ ho galeão de Manuel de macedo fazia muyta agoa ⁊ tinha necessidade de se tirar a mõte/ mãdouho coesta presa a Chaul recolhida toda ẽ duas das naos: ⁊ assi leuou a terrada dos caualos. E chegou a Chaul a saluamento: ⁊ Antonio de miranda com os capitães que lhe ficauão se foy inuernar a Mazcate.

¶ Capit. xcv. De como Martim afonso de melo jusarte chegou aa ilha de Banda.

Curãdo a guerra ãtre Antonio de brito ⁊ el rey de Tidore como atras disse entrou ho mes de Janeiro de. M. D. xxv. em q̃ Antonio de brito despachou quatro jungos pera Malaca: ⁊ foy por capitão mór Martĩ afonso de melo jusarte ẽ hũ galeão q̃ corregeo a sua custa pera se ir: ⁊ foy ter a Bãda ao porto de Lutatão: ⁊ por amor da guerra passada não folgou a gẽte da terra cõ sua vida/ antes lhe pesou muyto: ⁊ não se fiauão dos portugueses/ nẽ queriã sua cõuersação: o q̃ tãbẽ eles faziã. E estãdo assi soube Martĩ afõso q̃ na ilha de Mira hũa das de Bãda estaua hũ jungo da cidade de Pataneq̃ estaua de guerra cõ malaca: partio logo pera lá no seu galeão cõ determinaçã de ho q̃ymar. E no jũgo estauão muytos mouros q̃ quãdo ho virão se poserão em armas: ⁊ cõ q̃nto ele não leuaua mais de ate. xxx ou. xl. portugueses mãdou q̃ aferrassem o jũgo: ⁊ ẽ chegãdo lhe deitarã muytas panelas de poluora/ com q̃ ho fogo se acẽdeo nele: ⁊ começãdo de arder os mouros se lãçarão ao már: ⁊ ardeo ho jungo cõ a fazẽda q̃ era muyta: ⁊ em tãto os nossos matarão algũs mouros fisgãdoos no mar: ⁊ como Martĩ afonso estaua escãdalizado destes de Bãda lhes começou d̃ fazer guerra cõ que os tratau a muyto mal.

¶ Ca. xcvj. Do q̃ acõteceo a dõ Garcia anriq̃z: ⁊ a Martĩ afõso de melo jusarte na ilha de Bãda.

Atras fica dito como dõ Duarte de meneses sẽdo gouernador da India a requerimento de Jorge dalbuquerq̃ capitão d̃ Malaca, lhe deu a capitania da fortaleza d̃ Maluco pa cada hũ de seus cunhados. E vẽdo Jorge dalbuquerque q̃ dõ Garcia ãrrriquez q̃ era hũ deles nã poida seruir de capitão mór de Malaca por ser prouido desse carrego Martĩ afonso d̃ sousa. E porq̃ pola guerra q̃ ele fazia a Bitão, Malaca estaua pacifica, ⁊ dõ Garcia podia ir fazer seu proueito: determinou d̃ ho mãdar a Maluco cõ a prouisam q̃ tinha de dõ Duarte pera ser capitão da fortaleza por lhe Antonio de brito ter dãtes escrito que a queria deixar. E porque poderia ser q̃ Antonio de brito se mudasse daquela võtade/ ⁊ não quereria alargar hũ anno que ainda tinha por seruir, ⁊ mais por a prouisam que leuaua ser confusa ⁊ pouco firme/ mandoulhe que se ho tal acõtecesse: que ele se tor

naria a Banda e hi faria hũa casa forte pera que podesse estar hi algũ tempo fazendo seu proueito: e aper cebeo ho pera hũa cousa e outra, dã dolhe dous nauios redondos e hũ jungo de cuberta/ e hũa fusta em q̃ leuaria ate sessenta Portugueses de peleja a fora os marinheiros e bombardeiros, e partio pera Bã da em Janeyro de mil e quinhẽtos e vinte cinco. E chegado a Banda achou Martim afonso de melo ju sarte que estaua de guerra com os da ilha/ de quem fez queixume a dõ Garcia pedindolhe que ho ajudasse nela: o q̃ se ele offreceo a fazer d̃ boa võtade por ser muyto esforçado, e lhe parecer q̃ Martĩ afõso tinha re zão ẽ fazer aq̃la guerra. E acorda rão ãbos de dous q̃ tomassẽ a cida de de Lotir cabeça de todas as po uoações da ilha, porq̃ ali era a for ça da gẽte, e aq̃la vẽcida ficaua to da a ilha em paz. E isto acordado/ aperceberãse pera isso/ e hũ dia sal tarão ẽ terra p̃to de cẽ Portugue ses e poserão logo ho fogo a certos jungos que estauão varados/ que forão queymados, e entrãdo ma is a diãte pera a cidade acharão na cercada de fortes trãqueyras/ e al gũa gente que as defendia/ e dom Garcia e Martim afonso poserão diante algũs espingardeyros que leuauão/ e cometerão dẽtrar a trã queyra/ donde lhe tirauão muytas frechadas, pedradas e arremessos: porem chegãdo os nossos espingar deyros fizerão desaliuar algũa gẽ te da tranqueyra com que os Por tugueses começarão dentrar/ mas forão muyto poucos pera a gente sem conto dos mouros que logo re creceo/ e forão tãtas as frechadas sobre os Portugueses que era espã to/ e assi muytos arremessos, e dũ foy dom Garcia ferido no pescoço por não leuar gorjal: e assi forão fe ridos outros da sua companhia, e por isto não passarão dali e se torna rão a ẽbarcar deixãdo feyto pouco dãno aos imigos/ e não quiserão mais sayr ẽ terra/ e do mar fazião ho mal q̃ podião aos imigos: e assi esteuerão ate a moução pera Malu co como direy a diante

¶ Capit. xcvij. De como Martim afonso de sousa capitão mór do mar de Malaca pelejou com La queximena: e de como foy mor to com outros.

Sintindo el rey de Bĩtão muyto a destruyção que Martĩ afonso de sousa fi zera na costa de Pão e Patane/ determinou de se vingar. e mais sabendo por suas espias co mo dõ Garcia anrriq̃z era partido pera Bãda cõ parte da armada de Malaca/ em q̃ tãbẽ leuaua gẽte cõ o q̃ ficou pouca ẽ Malaca/ e ao me nos nã tãta como era necessaria pe ra a defensam d̃ Malaca. E por isso lhe pareceo a el rey de Bintão q̃ ti nha tempo pera se vingar: e deter minando de ho fazer/ armou vin te lancharas grandes em que yão mil e duzentos homens de peleja apercebidos de muytas armas e petrechos de guerra, e mandou por capitão mór delas Laqueximena/ que jurou de lhe leuar a cabeça do feytor Garcia chainho (q̃ tão auor recido era antre os mouros de Bin

tão) & assi hũ par dos nauios da armada de Martim afonso. E partio Laquexımena tão secretamente que chegou a Malaca sem ser sentido: senão quando hũa manhaã dia de nossa senhora de Março chegou de supito & desembarcou na pouoação dos Quelis, onde a sua gẽte começou de matar & roubar na gente da terra/ q̃ salteados daquela maneyra começarão de surgir aleuantando muy grandes gritas / que logo forão ouuidas de Jorge dalbuquerque & de Martim afonso de sousa & doutros que estauão na igreja ouuindo missa. E conhecendo q̃ aquilo era rebate dimmigos/ leuantouse hũ valente caualeyro chamado Ayres coelho & disse a Jorge dalbuquerque que acodissem a aq̃la gẽte que os immigos matauão: & Jorge dalbuquerque disse que si, & mãdou por terra Garcia chainho com oytẽta Portugueses & antreles forão Nicolao de sá, Antã daguiar/ Frãcisco bocarro, Ruy lobo, Gaspar velho / Simão mendez/ & obra de vinte homẽs da terra, & por mar mãdou que fossem Martim afonso de sousa & Manuel falcão em duas fustas que não auia mais nauios de remo & nelas forão setenta Portugueses em cada hũa trinta & cinco, em q̃ entrarão Ayres coelho / Francisco fernandez leme, Aluaro botelho, Garcia queymado, Francisco rabelo/ Gaspar barbudo/ Antonio carualho, João ferrão, & partirão todos a hũa, hũs per mar outros per terra. E sintindo Laquexımena que os Portugueses yão, recolheo sua gente ás lancharas: & porque a nossa artelharia que estaua ẽ terra lhe não fizesse nojo por estar perto/ & tã bem porque tirasse Martim afonso pera ho mar que lhe não podesse escapar fez que fugia/ não se alargando muyto dele, nem tirãdo nenhũa artelharia porque não desesperasse de lhe poder chegar & se tornasse. E Martim afonso cuydando que lhe fugia ho ya seguindo muyto ledo/ tirandolhe muytas bombardadas & dando com sua gente grandes apupadas. E sẽdo afastados de Malaca hũa boa legoa que era o que Laquexımena queria: fez ele volta com seus capitães a Martim afonso & a Manuel falcão / desparando neles toda sua artelharia: & assi como yão tirando assi os yão cercando de modo que os tomarão no meyo: & dãdo grandes gritas começarão as bombardadas de se amiudar mais dũ cabo & do outro: porem como a artelharia dos immigos era mais, assi tiraua mais bombardadas / & erão tão bastas que estando Antonio carualho, que agora he feytor da casa de Ceita antre João ferrão & outro forão eles leuados em pedaços de dous pelouros / & ele ficou saluo. E nisto os immigos se chegarão tanto aos Portugueses que abalrroarão com as fustas, metẽdo as proas das lancharas por antre as suas apelações/ ficando com os Portugueses a bote de lança, & a golpe de espada: & cada fusta estaua aferrada de quatro lancharas & Martim Afonso, & Manuel falcão começarão desforçar os seus, dizendo que naqueles perigos tamanhos se via ho poder de nosso señor

que se encomēdassem a ele/ ⁊ que os
esforçaria. E assi foy que nunca os
mouros os poderão entrar/ ⁊ can-
sados hūs afastauanse ⁊ chegauão
outros, ⁊ todos tirauão muytas es
pingardadas, frechadas de frechas
eruadas/ lāças darremesso de trin-
ta palmos daste ⁊ dous de ferro: a-
zagayadas de paos dareca tosta-
dos/ ⁊ de canas tostadas que fazem
grande passada. E tudo isto era tan
to em demasia, que as fustas dos
Portugueses estauão todas prega
das, assi nos mastos como nas ver-
gas, tendais/ coxias ⁊ amuradas/
⁊ muytos deles estauão pregados
nas mesmas fustas por muytas
partes do corpo/ ⁊ ficauão em pé
mortos que não podião cayr de pre-
gados: ⁊ foy a mais braua ⁊ espan-
tosa peleja que nunca naquelas par
tes nem na India se vio/ nem em q̃
morressem tantos Portugueses/
nem que durasse tanto: porque du-
rou das duas horas despois de me-
yo dia ate horas daue Marias/ ⁊
forão mortos corenta ⁊ dous Por
tugueses, ⁊ ātreles forão Martim
Afonso de sousa/ Ayres coelho, Al-
uaro botelho, ⁊ Francisco rabelo, ⁊
feridos oyto, ⁊ destes o que menos
feridas tinha erão tres/ ⁊ este foy
Antonio carualho/ ⁊ os outros ate
dez, ⁊ dos mouros forão mortos
duzentos ⁊ vinte, que de hum soo ti
ro da nossa artelharia morrerão
corenta ⁊ dous, ⁊ foy arrombada
hūa das lācharas. E se a frota dos
Portugueses fora de mais velas
não escapara nenhum. E vendo La
queximena morta tanta gente da
sua ⁊ ferida, ⁊ a outra muyto cansa-
da, ⁊ espantada da valentia dos
Portugueses/ mandou que cessas-
se a peleja, ⁊ afastar āse pera ho mar:
⁊ assi liurou nosso senhor os Por-
tugueses que ficauão viuos.

¶ Capitolo. xcviij. De como os Portugueses que escaparão da batalha tornarão a Malaca.

Afastados os immi
gos derão os Por
tugueses que fica-
uão viuos muytos
louuores a nosso se
nhor por escaparē
de tão braua peleja como aquela
foy: ⁊ estauão tão cāsados os sãos
⁊ os feridos tão fracos que não a-
uia quem se podesse bolir: ⁊ pola ne
cessidade que tinhão se esforçarão
ho mais que poderão pera se parti
rem como fosse bem noyte/ ⁊ tra-
balharem porq̃ chegassem a Ma-
laca/ dōde se acharão cinco legoas
que tanto os leuou a corrente. E
Antonio carualho que estaua me-
nos ferido/ disse que gouernaria a
fusta em que estaua ⁊ a outra iria a
pos ela: ⁊ assi ho fizerā. E quis nos
so senhor que as fustas tinhão as
vergas dalto, que sem isso não po-
derão dar ás velas/ ⁊ forão cō ho
terrenho ate hūa legoa de Malaca
onde surgirão q̃ não poderão mais
surdir por amor da maré que vaza
ua, ⁊ ali esteuerão esperando ate ho
meyo dia pola viração. E neste tē
po tornou Laqueximena de man-
dar enterrar os seus mortos, que
forão enterrados na ilha Dupe/ ⁊
apareceo ao mar/ ⁊ como não

sabia a maneyra de q̃ os das fustas ficarão/ nã ousou de tornar a pelejar coeles/ temendo que ho acabassem de destruyr: & ãdaua balrrauẽteãdo a vista deles, com que Jorge dalbuquerq̃ se agastou muyto por ver quão perto os mouros andauã das fustas & viaas surtas/ & não sabia como não se yão pera terra a remos. E parecendolhe aquilo mal/ mandara de boa võtade ver o q̃ era se teuera algũ parao ou fusta / mas não tinha mais que dous nauios redondos de gauea/ que tinhão necessidade de muyta gente, & receaua a armada dos mouros q̃ andaua a vista / & por isto não ousaua de os mandar: & as duas fustas esteuerão em muyto risco de serem tomadas pelos mouros se as cometerã/ mas como digo não ousauão. E vinda a viração, Manuel falcão mandou dar ás velas & foyse pera ho porto de Malaca/ & por conselho Dantonio carualho ya a artelharia das fustas carregada/ pera que a despa rassem em chegando ao porto: porq̃ os da terra vẽdo este sinal dalegria cuydassem que yão os Portugueses vitoriosos & não ouuesse antreles aluoroço de que se quererem leuantar. E chegando as fustas ao porto que despararão a artelharia, acodio Jorge dalbuquerque & ho al cayde moor com outros cuydando que ya Martim Afonso muyto vitorioso, se não quando vio tantos mortos, & lhe contarão como passara o feyto, & vio as fustas como yão pregadas / chorou com tristeza & magoa de tamanho desastre como aquele fora. E porque a gente da terra cuydasse como cuydou q̃ os Portugueses ficarão com a vitoria, não quis que tirassem os mortos das fustas se não á mea noyte, & forão soterrados dentro na igreja. E coeste ardil se encobrio ho desbarato dos Portugueses aos da terra, a q̃ dizião que Martim Afonso de sousa & outros homẽs conhecidos que falecerão estauão doentes/ porque os não achassem menos.

¶ Capit. xcix. Do q̃ Laqueximena fez no Colascar: & de como se foy pera Bintão.

Vendo Laqueximena que os Portugueses nã querião sayr mais a pelejar coele / determinou de se vingar do mal que recebera na gẽte da terra, & foyse a hũa pouoação de Malaca afastada hũ pouco do corpo da cidade que se chama Colascar & desembarcou ali cõ toda sua gẽte. E quando os moradores do Colascar que erão gẽtios virão os mouros sobre si, receando que os matassem/ selhe entregarão com cõdição quelhes dessem as vidas & as fazẽdas/ & q̃ se irião coeles pera õde os quisessem leuar. E Laq̃ximena os mandou embarcar na sua armada com molheres, filhos & fazenda. E despejãdose ho Colascar foy Jorge dalbuquerque auisado disso por hũ Christão da terra chamado Jacome, & Jorge dalbuquerque mãdou a Garcia chainho que fosse com setẽta Portugueses & desse no rabo dos imigos se visse tempo pera isso: o q̃ veria em chegando a hũ regato que

corria por antre a cidade ꝛ ho Colascar / ꝛ partio em anoytecendo. E chegando ao regato donde auia de descobrir terra, leuauão os Portugueses tamanho desejo d pelejar que nũca Garcia chainho os pode deter pera saber o que fazião os imigos: ꝛ passando ho regato forãse de reytos ao lugar dõde os mouros se acabauão de sayr tẽdo ia os gẽtios embarcados. E quãdo sentirão os Portugueses cuydando q̃ fossem mais / embarcaranse cõ muyta pressa ꝛ afastaranse pera ho largo. E tudo isto virão os Portugueses com ho grande lũar que fazia / ꝛ não poderão fazer nenhũ dano aos mouros. O que vẽdo Garcia chainho, mandou meter ho lugar a saco / em q̃ foy achado algũ arroz com que se alegrarão muyto por auer grande falta dele ẽ Malaca ꝛ ser muy caro: ꝛ assi forão achados algũs espigardões ꝛ berços, ꝛ hũ pouco de gado ꝛ assi algũa mercadoria. E coesta presa se tornou Garcia chainho a Malaca / õde chegou á mea noyte / ꝛ Laqueximena se foy a Bintão deixando feyta em Malaca tamanha perda.

¶ Capit.c. De como Baltesar rodriguez raposo ꝛ Aluaro de brito desbaratarão Laqueximena ꝛ el rey de Draguim.

DAqui a algũs dias não sabendo el rey de Bintão ho grãde dãno q̃ a sua gẽte fizera aos Portugueses / ꝛ cuydãdo q̃ ela somẽte ho recebera deles / determinou de se vingar em el rey de Linga vezinho de Malaca por ser amigo dos Portugueses, ꝛ lhe socorrer cõ mãtimentos / ꝛ mãdou sobrele el rey de Draguim seu genrro ꝛ Laq̃ximena com cento ꝛ sessenta lancharas em que irião oyto mil mouros bem armados ꝛ apercebidos de muyta artelharia ꝛ de muytas munições. E estes dous capitães cercarão el rey de Liga por mar ꝛ o aptauão muyto. E nã se atreuẽdo ele a liurarse da opressam que lhe dauão, mãdou pedir socorro a Jorge dalbuquerque, alegandolhe as boas obras q̃ lhe tinha feytas em sua necessidade. E como por essa causa el rey de Bitão lhe fazia aquela guerra: ꝛ posto que Jorge dalbuquerque estaua em tanta necessidade de gẽte por quão pouca tinha ꝛ essa ainda ferida. E cansada a mayor parte dela, determinou de lhe socorrer pola obrigação em que lhe era: ꝛ porque fosse exemplo aos outros amigos dos Portugueses que folgassem de os ajudar quando lhes fosse necessario / porẽ como em Malaca se sabia a grande frota que estaua sobre el rey de Linga, ꝛ os Portugueses estauão cansados ꝛ enfadados de tãta guerra: com muyta difficuldade achou quẽ lá quisesse ir. E com tudo forão cincoenta Portugueses nos dous nauios que disse / em que forão por capitães hum Aluaro de brito ꝛ hũ Baltesar rodriguez raposo natural de Beja. E nauegando por sua viagẽ / chegarão a hũas ilhas que estão a tiro de falcão da de Linga, ꝛ ali surgirão por vazar a maré ꝛ as

emarras das ancoras com q̃ surgirão estauão forradas de cadeas de ferro, porq̃ lhas não podessem os imigos cortar. Laq̃ximena ꝛ el rey d Draguim q̃ virão os nauios dos Portugueses ficarã muyto ledos/ parecendolhes q̃ lhes não podião escapar, ꝛ mandarão fazer grãdes alegrias por toda a frota. E ás duas horas despois de meyo dia mãdarão saber se era baixa mar de todo pera irem pelejar cõ os Portugueses: o que eles entenderão logo vendo hũ balão que hoya saber, ꝛ fizeranse prestes pera a peleja com muytas panelas de poluora / ꝛ rocas de fogo ꝛ ceuarão suas espingardas q̃ todos tinhã, ꝛ porq̃ os mouros os não podessẽ aferrar cubrirã os nauios cõ hũas esteiras de rota de bẽgala q̃ chegauão das ẽxarcias ate a agoa, ꝛ somente as popas ꝛ proas ficauão descubertas. E sendo a maré vazia abalarão os immigos pera os Portugueses repartidos ẽ duas batalhas cada hũa doytenta lancharas: com grãde arroido de instormentos de guerra / que tocauão de quando em quando. E cessando os instormentos aleuãtauão os mouros muyto grãdes gritas, ꝛ a pos ela cantauão em lingoa malaya ao som dos remos. Ja vos jazedes peixes nas redes: porq̃ criã sem duuida que assi estauão os Portugueses/ que cõ quãto vião ir cõtreles tamanhas nuuẽs de nauios q̃ cobrião o mar/ cõ tamanho estrõdo q̃ ho fazião tremeter. Estauão todos muyto esforçados cõ a esperãça em nosso senhor: ꝛ ho primeyro homẽ que pos fogo a hũ falcão foi Antonio carualho que atras no meey. E quis Deos que acertou em hũa lanchara ꝛ arrombou a / a q̃ os Portugueses derão hũa grãde grita/ dizendo. Vitoria, vitoria: q̃ Deos he cõnosco. E logo tirarão outros quatro tiros, ꝛ arrombarão ꝛ desaparelharão outras õze/ em q̃ forão mortos muytos mouros. O q̃ quebrou grandemẽte os spiritos aos outros. Laquiximena ꝛ el rey de Draguim tambẽ mãdarão poer fogo á sua artelharia q̃ erã muytos falcões de metal / ꝛ fazião remar muyto rijo pera chegarẽ aos Portugueses ꝛ os aferrarẽ: q̃ coisso espe rauão de os matar a todos ꝛ não cõ a artelharia, ꝛ quãdo forão pera ho fazer nunca poderão apegar os arpeos por amor das esteiras: q̃ aq̃le dia despois d nosso senhor forão sal uação dos Portugueses. E bẽ parece q̃ ele por sua misericordia lhes inspirou aq̃le ardil, porq̃ se os mouros os aferrarão segũdo erão muytos ꝛ eles poucos não escapar nhũ. E vẽdo Laq̃ximena ꝛ el rey de Draguim q̃ não podiã aferrar os Portugueses deshonrrauão os seus de couardos ꝛ fracos com q̃ eles se desfazião em tirar frechadas sem cõto de frechas eruadas/ ꝛ muytas espigardadas/ ꝛ tãtos arremessos d lãças ꝛ azagayas q̃ cobrião ho ár, pelo q̃ nenhũa parte ficou dos corpos dos nossos nauios nẽ dos mastos, nẽ das vergas q̃ não fosse pregada deles que parecião pórcos espis/ nem ouue amarra, nẽ corda / nem enxarcia q̃ não fossem trincadas. E os Portugueses com quanto erão combatidos tão brauamẽte,

não perdião ho esforço pera se defẽderem, & parecia q̃ nosso senhor lho acrecentaua de cada vez mais, tirãdo hũs muytas espingardadas, outros com panelas de poluora & outros com rocas de fogo. E como os nauios dos imigos erão tãtos não perdião nenhũ tiro/ que com todos fazião muyto mal aos imigos: em tanto que desparãdo cõ hũ camelo meterão no fundo dezasete lancharas em que morrerão bem duzẽtos mouros: a que os Portugueses derão hũa grande apupada. Do que corridos Laqueximena & el rey de Draguim, apertarão com os seus que se chegassem muyto mais aos nossos nauios: & assi ho fizerão ate se pegarẽ coeles de todo. E a batalha se renouou se se podia renouar/ & apressa tambẽ se acrecentou nos Portugueses em se defenderem. E tomando Antonio carualho que estaua na popa dũ dos nauios hũa panela de poluora pera a deitar nas lãcharas q̃ a tinhão cercada/ rogoulhe hũ Afonso gil que lha deixasse deitar por estar mais a tiro, & ele lha deu: & em Afonso gil a tomando da lhe nela da parte dos immigos hũa azagaya, & quebrandolha cayolhe aos pés, & acendeose ho fogo com q̃ foy queymado em quantas partes estaua desarmado, & o fogo se ateou na mezena do nauio. E cuydãdo os immigos que ardia ho nauio derão hũa grande grita/ remetendo pera entrar pelas duas portinholas que goardão ho leme/ a que algũs dos Portugueses acodirão logo, & coeles ho condestabre do nauio que se passou diante de todos pera dar fogo a dous berços que estauão nas portinholas. E como ja os imigos estauão sobre os berços & erão muytos não podia ho condestabre poer ho fogo, & cõ menencoria apanhou polos cabelos hũ deles que achou mais á mão/ & com ho punho da espada lhe quebrou os dẽtes & os beiços/ & deu coele entre os outros q̃ estauão nas lancharas pera entrar polas portinholas, que vendo aq̃le tão mal tratado nã quiserão ẽtrar/ & os que entrauão despejarão: cõ o q̃ ho condestabre teue lugar de poer ho fogo aos berços/ que desparãdo fizerão hũa espãtosa esborralhada nos immigos/ leuãdo cabeças/ braços & pedaços dos corpos de muytos q̃ ali acabarão suas vidas: & outros ficarão feridos & aleijados/ com que todos os outros da armada ouuerão tamanho medo q̃ se afastarão & fugirão sẽ aproueitarem os brados de Laqueximena, nẽ del rey Draguim pera que tornassem a pelejar: que desesperados de os prouocarẽ a isso se afastarão/ & se forão coeles/ recebendo tamanha perda como digo de lancharas metidas no fundo, & arrombadas, & desaparelhadas/ & mortos & feridos sem conto/ sem dos Portugueses morrer mais q̃ hũ que auia nome Luys pirez mercador muyto rico: & forão feridos dezasete. E fugidos os imigos que ho porto ficou despejado, entrarão os Portugueses nele ao sol posto com muyto grã de alegria de gritas & bõbardadas: & surtos foy el rey de Linga com hũ seu filho & gẽrro aos nauios. E era tãta sua alegria de se ver liure/ & de

de ver a sobre natural vitoria dos Portugueses sendo tão poucos/ q̃ choraua d prazer: e os capitães lhe dizião que não se espantasse, porque ho seu Deos tinha poder pera fazer mayores marauilhas que aquelas: e que a ele desse as graças de tamanho beneficio como aquele fora. E ele ho fez assi: e deixãdo ho os capitães seguro forãse pera Malaca cõ muytas dadiuas quelhes ele deu e cõ lhes carregar os nauios de sagu que he hũ pao de q̃ se faz pão, como disse/ que pera aq̃le tempo era a melhor cousa que podia ser pola grãde fome que auia em Malaca.

¶ Capit.cj. De como el rey de Bintão tornou a fazer guerra a Malaca: e do que fizerão seys Portugueses.

Posto q̃ el rey de Bintão recebesse tamanha q̃bra ẽ sua armada como disse/ nem por isso desistio da guerra q̃ fazia a Malaca, porque fazia conta que ainda que não fizesse mais mal aos Portugueses que tolherlhes os mantimentos q̃ este era muyto grande. E não contente cõ mandar Laquexemena por mar cõ hũa armada / por terra foy ho arrenegado que auia nome Auelar com obra de quatro mil homẽs q̃ assentou seu arrayal obra de mea legoa de Malaca: o que deu muyto tormẽto a Jorge dalbuquerque, porq̃ não tinha mais que ate cẽ Portugueses e muytos deles doentes, e assi doentes os punha nas estancias q̃ ordenou pera se defender dos imigos / porq̃ dali auião de pelejar a péquedo. E estando assi a cousa/ derão os imigos hũa noyte de supito na cidade dos Quelins pola banda q̃ se chama Campuchina q̃ era cerca da de muro de madeyra, que por auer dias que era feyto apodrecera a madeyra de comida do bicho/ e os imigos q̃ isto sabião arrombarão hũ lanço dele dobra de sessenta passos, e quando cayo fez tamanho estrondo que acordarão a gente que dormia/ a q̃ muytos acodirão pera verẽ o que era, e derão cõ os imimigos que entrarão por aq̃le boqueyrão que matarão estes que acharão diante e assi outros: e porq̃ a grita era grande pareceolhes q̃ acodirião os Portugueses/ e por isso se recolherão pera fora leuãdo catiuos os que poderão. E nisto acodirão os Portugueses, e dos primeyros forão Nicolao de sá/ e dous outros q̃ vigiauão coele a ponte: e assi acodio Garcia chainho/ e outros muytos. E fazẽdose em corpo no boqueyrão defenderão q̃ não tornassem os imigos a entrar, q̃ vendo q̃ não podião fazer nada se forão pera seu arrayal e Garcia chainho ficou goardando aq̃le boqueyrão ate q̃ foy manhaã, que Jorge dalbuquerq̃ ho mandou restaurar. E despois disto corrião os imigos muytas vezes á cidade/ assi de dia como de noyte, pelo que era necessario estarem os Portugueses sempre vigiãdo nas trãqueyras cõ as armas vestidas, quasi nã dormindo nunca, e comendo muyto mal pola grande falta de mantimẽtos q̃ auia. E se Garcia chainho não fora q̃ daua de comer a muytos

de todo não comerão, porque como era muyto rico nã estimaua dinheiro por auer mantimentos, ꝛ ho mesmo fazia Jorge dalbuquerque, que auia muyto grande dó dos Portugueses: a que chamaua martires polo grande trabalho que leuauão/ ꝛ dizialhes que não sabia com q̃ lhes el rey pagaria tãto seruiço/ ꝛ quãdo os via feridos cõsolauaos muyto, ꝛ dizialhes q̃ prouuera a Deos que fora ele o que recebera aquelas feridas por seruiço de Deos ꝛ del rey. E co isto se esforçauão todos ꝛ sofrião quanta fadiga padecião/ ꝛ pelejauão de modo que vendo Auelar quão pouco fazia se recolheo pera Penagim hũ lugar sete legoas de Malaca, ꝛ dali fazia ás vezes suas corridas. E durãdo assi esta guerra deu ho Auelar hũ bãquete geral em que os principais do arrayal se embebedarão, ꝛ despois de bebados se tomarão as mãos, ꝛ se derão a fé de irem correr a Malaca ꝛ cortar a cabeça a Garcia chainho, ꝛ a trazerem: ꝛ isto polo grande odio q̃ lhe tinhão pola causa que disse. Feyta esta promessa/ embarcarãse estes que digo com outros que forão por todos duzentos ꝛ sessenta homẽs ẽ doze velas. s. lancharas, paraós ꝛ calaluzes. E chegãdo a hũ rio duas legoas de Malaca, meteranse nele por ser muyto cuberto daruoredo: ꝛ deixando ali sua frota escondida foranse a Malaca, ꝛ postos em cilada mandarão correr certos mouções (que assi chamão aos almogaueres) ꝛ estes forão matar certas vacas que andauão pacendo/ pera os Portugueses lhes sayrem ꝛ eles os leuarẽ á cilada. E dado rebate na fortaleza/ sayo Garcia chainho cõ esses que poderão sayr/ ꝛ os Mouções cõ medo fugirão tanto que os Portugueses os não virão: ꝛ tambem cõ a grande bastidão do mato. E vendo Garcia chainho que não parecia ninguẽ / tornouse ꝛ todos os outros saluo seys que antes que ele fizesse volta se apartarão do corpo da gente per hũa vereda/ ꝛ por isso não sintirão tornar Garcia chainho ꝛ passarão auãte, ꝛ estes forão Francisco correa / Ruy lobo ꝛ outros quatro a que não soube os nomes. E indo assi por aquela vereda forão dar na cilada/ ꝛ vendo tanta gẽte como disse q̃ era, quiserã fugir se não fora por Francisco correa, q̃ alem de ser muy esforçado caualeyro ya doente ꝛ fraco ꝛ vio que se os outros fugissem que ele não auia de poder fugir ꝛ q̃ ho auião de matar, ꝛ por isso fez coeles que não fugissẽ ꝛ pelejassem: dizendo lhes q̃ se eles esteuerão descansados que fora bẽ fugirem porque ho poderão fazer/ mas tão cansados como yão q̃ era escusado/ porq̃ os imigos os auião logo de seguir ꝛ os auião dalcãçar ꝛ matalos: por isso q̃ melhor seria pelejar fazendose fortes debaixo da q̃las aruores/ ꝛ que poderia ser que lhes acodiria a outra gente. E parecendo isto bẽ aos outros/ meterãse todos debaixo de hũas aruores q̃ chamão rambosteiras que se parecẽ cõ larãgeiras ꝛ assi sam çarradas/ ꝛ dali começarão de tirar aos imigos com duas espingardas que tinhão/ antre os q̃es ꝛ eles ficaua hũ peq̃no escampado. E os imigos q̃

virão aqueles poucos tirarlhes, crerão que ho corpo da outra gente deuia destar ali ꝛ que se encobria cõ ho aruoredo. E co isto que crerão não ousarão de sayr todos a eles, ꝛ tirauãlhes donde estauão muytas frechadas/ ꝛ de lhes crecer a cobiça de os matarem sayão de quando em quando hora sete hora oyto desses que se tinhão por melhores caualeyros. E os Portugueses que os vião tão poucos remetião a pelejar coeles ꝛ sempre matauão algũs cõ as lanças ꝛ com as espingardas. E em espaço de hũa hora que durarão estes cometimẽtos/ forão mortos onze dos principais dos immigos a fora outros muytos que forão feridos/ ꝛ dos Portugueses morreo hum que era bombardeyro ꝛ foy morto por cobiça dum cris que quisera tomar a hum dos mortos ꝛ pregarãno com hũa azagaya em cima do morto/ ꝛ foy ferido Frãcisco correa de hũa frecha que lhe atrauessou ho pescoço, ꝛ assi pelejou sempre muyto esforçadamente. E vendo os immigos quão mal os tratauão, ouuerão por seu barato de se ir/ ꝛ idos foranse tambem os Portugueses pera a fortaleza leuãdo sobraçado Francisco correa: ꝛ cõtarão a Jorge dalbuquerque o que lhes acontecera, ꝛ a ele lhe pareceo bem que fossem apos os immigos/ ꝛ mandou a Garcia chainho, q̃ foy leuando algũs Portugueses ꝛ gente da terra, ꝛ polo rasto do sangue que era muyto foy apos os immigos ate sayr do mato á praya onde estauão/ ꝛ tanto que virão Garcia chainho poserãse em som de pelejar, parecẽdolhes que Garcia chainho o uuesse medo ꝛ que os não cometeria: mas ele que não desejaua outra cousa se não pelejar coeles/ ordenou sua gente pera ir dar neles/ o que eles vẽdo fugirão ao lõgo da praya ꝛ não forão pera ho rio porque os não entendessem que tinhão ali armada: porem os Portugueses os entenderão ꝛ a buscarão/ ꝛ achandoa mandou Garcia chainho arrõbar os mais dos nauios/ ꝛ os pequenos mandou os pera a cidade com a gente da terra. E isto feyto tornouse pera a fortaleza por terra em anoytecendo/ onde chegarão ao outro dia pola manhaã/ ꝛ dali por diante fazião os immigos suas corridas aa ciadade, assi por terra como por mar: porem não se fez mais feyto notauel que os que digo, ꝛ durou a guerra ate a chegada de Pero mazcarenhas/ em que os Portugueses passarão tanto trabalho ꝛ fadiga quanto não se pode contar, vigiando sempre de noyte/ ꝛ não dormindo de dia, ꝛ estando de contino armados ás chuuas ꝛ vẽtos ꝛ outras vezes ao sol: ꝛ sem comerem mais que arroz: ꝛ carne ou pescado de marauilha, porque pola esterelidade dos mantimentos não se podião auer/ ꝛ valia hũa galinha tres cruzados ꝛ quatro/ ꝛ fazia cinco quem a vendia aos quartos porque daua a descaida por hũ ꝛ se não forão Jorge dalbuquerque ꝛ Garcia chainho que dauão mesa quasi que não escapara nenhum Portugues/ porque ainda assi morrerão duzentos ꝛ corenta Portugueses a ferro ꝛ de fome/ doença ꝛ

trabalho despois que Martim afõso de sousa foy em Malaca.

Capitolo.cii. De como Pero mazcarenhas foy entregue da capitania de Malaca.

Pero mazcarenhas q̃ partio pera Malaca com a armada que disse nauegando por sua viagem topou cõ hũa nao de mouros de Cambaya que foy tomada pelos Portugueses, em que foy achada muyta riqueza. E Pero mazcarenhas fez capitão dela ate Malaca a Diogo chainho que ya por feytor de Malaca, a que chegou primeyro que Pero mazcarenhas. E sabido per Garcia chainho seu irmão como estaua no porto foy por ele á nao em hum calaluz acompanhado de treze homens honrrados/ ꝛ ya vestido tão ricamẽte que a espada que leuaua com as cintas tinha dous mil cruzados douro. E em saindo do rio çoçobrou ho calaluz ꝛ morrerão quantos yão nele saluo hũ negro: ꝛ assi acabou Garcia chainho tendo feyto tanto seruiço a Deos ꝛ a el rey, ꝛ ficou por sua morte grossissima fazenda: ꝛ de tudo Diogo chainho tomou posse. E nisto chegou Pero mazcarenhas ꝛ per virtude da prouisam que leuaua lhe entregou Jorge dalbuquerque a capitania de Malaca/ ꝛ como foy capitão mandou prender Diogo chainho por se meter de posse da fazenda de seu irmão sem mais autoridade de justiça, ꝛ sendo sua fazenda obrigada a el Rey pelo officio q̃ tinha ate dar cõta. E despois ho mandou preso aa India, onde gastou quanto tinha em se liurar. E passados algũs dias despois de Pero mazcarenhas estar de posse da capitania/ como el rey de Bintão ho soube/ ꝛ que era chegada gẽte de refresco a Malaca, porque nã cuydassem os Portugueses que ele por seu medo desistia da guerra tornou logo a ela, mandando gẽte por mar ꝛ por terra que fossem correr a fortaleza: ꝛ assi ho fazião. E os portugueses tornarão aos trabalhos da guerra, ꝛ continuamẽte estauão armados por quão continos erão os rebates que os immigos lhes dauão, com que sayão a pelejar quasi cada dia. E Pero mazcarenhas saya muytas vezes a estas pelejas: ꝛ sempre Deos seja louuado leuaua ho milhor dos imigos/ posto que erão muyto mais que os Portugueses. E hũ dia saindo Pero mazcarenhas a pelejar prendeo hũ dos capitães dos imigos/ ꝛ assi outro homẽ/ que ambos se defenderão valentemente: ꝛ despois de presos ouuera ho capitão de matar a Pero mazcarenhas cõ hũ cris/ se lhe não bradarão que se guardasse: pelo que logo Pero mazcarenhas ho mandou deitar do terrado da torre da menagem a baixo. E ho outro q̃ rẽdoo meter em hũa bombarda pera a despararem coele soltouse/ ꝛ matou ho condestabre: ꝛ então ho matarão. E durando assi esta guerra por se Pero mazcarenhas liurar dela, ꝛ dar que fazer a el rey de Bintão mãdou a Ayres da cunha capi

tão mór do mar que se fosse poer na
sua barra com hum galeão ⁊ certas
fustas com que lhe tolhia os manti
mentos ⁊ as mercadorias/ ⁊ deu as
saz que fazer a el rey. E tambem ne
te tempo chegou a Malaca Mar-
tim afonso de melo jusarte: da ilha
de Banda donde inuernara: ⁊ Pe-
ro mazcarenhas lhe pedio que pois
ho Deos ali leuara naquele tempo
q̃ fosse fazer guerra a el rey de Pa-
tane que estaua leuantado como dis
se atras. E com quanto Martim
afonso não estaua são do braço em
que fora ferido em Maluco, por ser
uir a el rey aceitou a ida/ ⁊ foy no
mesmo galeão em que fora por capi
tão moor de Baltesar rodriguez ra
poso que ya em hũ nauio de gauia/
⁊ dõ Luys brandão que ya em hũa
carauela ⁊ doutros quatro capitã-
es que yão em lancharas. E leuan-
do nesta frota duzentos Portugue
ses se foy dereyto ao porto de Pa-
tane, onde achou dezaseys jungos
carregados de gente ⁊ de mercado-
ria/ assi da terra como doutras par
tes, ⁊ todos os tomou por força
darmas matando ⁊ ferindo muy-
tos dos immigos sem dos Portu-
gueses morrer nenhum. E vendo se
el rey de Patane assi apertado, mã-
dou pedir pazes a Martim afonso:
offrecendose a pagar todas as per-
das que os Portugueses tinhão re
cebidas em seu porto/ ⁊ obrigando
se a mandar a Malaca os manti-
mentos que ho capitão de Mala-
ca quisesse de sua terra: ⁊ que Mar-
tim afonso tornasse os cascos dos
jungos que tinha tomados. E isto
jurado ⁊ affirmado, se comprio tu-
do: ⁊ Martim afonso se tornou a
Malaca, donde se foy despois aa
India.

Capitolo. ciij. De como dõ Garcia anrriquez chegou á fortaleza de Maluco.

Entrado ho mes de
Mayo q̃ era a mou
ção pera Maluco,
partiose dom Gar-
cia anrriq̃z da ilha
de Banda ondesta-
ua com Martim afonso de melo ju
sarte. E indo por sua viagẽ chegou
aa ilha de Ternate a tempo que An
tonio de brito queria mandar sobre
ho lugar de Damafo q̃ era del rey
de Tidore. E surto dom Garcia no
porto de Talangame que he ho por
to dos jungos ⁊ naos, duas legoas
da fortaleza, mandou notificar a
Antonio de brito sua chegada ⁊ co-
mo ya por capitão de Maluco/ por
isso que lhe despejasse a fortaleza
porque não auia de desembarcar a-
te não ser despejada. E Antonio de
brito vendo este recado tão seco este
ue em lhe não dar a fortaleza. E cõ
tudo mandoulhe dizer que fosse a
ela ⁊ que laa se faria o que fosse serui
ço del rey. E dom Garcia não ousa
ua dir sem primeyro Antonio de
brito lhe despejar a fortaleza/ por
que receaua que desembarcando
antes de ser despejada lha não entre
gasse/ ⁊ mais lhe tomasse a armada
que leuaua/ ⁊ por isto não desem-
barcaua, nẽ desembarcara se ho nã
segurara Antonio de brito, que ho
recebeo com muyto grande festa ⁊

ho leuou a comer coele, τ assi ao feytor τ alcayde moor. E acabando de comer quisera dom Garcia que vira logo Antonio de brito as suas prouisões / τ que lhe entregara a fortaleza / τ Antonio de brito não quis. E despois de dormirem as virão sendo presentes ho feytor τ alcayde moor τ outros officiaes da fortaleza. E lidas as prouisões, disse Antonio de brito, que com quãto ele podera não entregar a fortaleza a dõ Garcia por aquelas prouisões leuarem algũas duuidas que logo apontou, que era contente de lhe entregar a fortaleza / mas que não auia de ser se não no Janeyro seguinte que era a moução pera se ir pera Malaca. E porque dali a Janeyro auia oyto meses / disse dom Garcia que não queria tal entrega / τ requereo ao alcayde mór τ feytor que lhe fizessem logo entregar a fortaleza. E polo não quererem fazer / τ ver dom Garcia que era tempo perdido estar ali mais / fez suas protestações τ foy se pera sua armada. E despois de ser laa Antonio de brito se concertou coele, que por quanto tinha hum jungo começado que se acabaria no Agosto seguinte, lhe entregaria então a fortaleza / τ que entre tanto se fosse pera ela / τ estarião ambos como era rezão. Do que dõ Garcia foy contente: τ logo se foy pera a fortaleza / τ estiuerão muyto amigos em todo este tempo.

¶ Capitolo. ciiij. De como entrado ho inuerno el rey de Calicut mandou fazer guerra a dõ João de lima.

O rey de Calicut q̃ tinha determinado de fazer guerra aa nossa fortaleza τ tomala como disse atras / por a segurar dom João que perdesse a sospeita dele mandou hũ mouro chamado Lambeamorim com hũa carta de crença ao gouernador sobre pazes / τ que polesse ele as condições com que as queria fazer. E isto tambem pera que ho gouernador perdesse algũ receo se ho tinha da guerra, τ se descuydasse de prouer a fortaleza como era necessario. E este mouro chegou a Cochi na fim de Mayo, τ deu ao gouernador a carta de crença que lhe leuaua del rey de Calicut / τ disselhe o que leuaua por instrução sobre as pazes. De que ho gouernador foy contente por amor da guerra que esperaua de fazer a el rey de Cãbaya, τ disse ao Lambeamorim: q̃ ele não faria pazes com el rey de Calicut se não co estas condições, que auia de tornar toda a artelharia que tinha dos Portugueses, τ lhe auia dentregar quantos paraós auia em seu reyno, τ nunca mais se auião de fazer outros. E assi lhe auia dẽtregar certos mouros que logo nomeaua, que forão causa de certas treições τ mortes que fizerão a Portugueses / τ queymarão a igreja de sam Thome de Cranganor / τ que auião de pagar ho dinheiro que custasse a redeficar. E que hũ grão senhor gẽtio chamado Calurte canaire que ajudaua el rey de Cochim na guerra q̃ tinha cõ el rey de Calicut / auia de ficar amigo del rey de Cochi como

era, ⁊ ho auia dajudar como ajuda
ua. Coesta reposta se partio Lãbea-
morim pera el rey de Calicut auer
de confirmar estas pazes/ ⁊ mãdar
disso hũ contrato assinado por ele
ao gouernador: ⁊ como tudo era fin
gido não ho mãdou el rey mais nẽ
nenhũ recado outro/ antes parecẽ-
dolhe que tinha tempo pera come-
çar a guerra por ser entrado ho in-
uerno/ em que fazia cõta de não po
der ir socorro a dom João, mãdou
sobrele ho seu capitão do campo ⁊
ho senhor da serra com doze mil ho
mẽs de peleja, pera que entre tanto
que ele ya cingirem a fortaleza de
caua que chegasse de mar a mar/ ⁊
assi hũa trincha, porque a gente de
suas estãcias se emparasse nelas da
artelharia dos Portugueses, ⁊ coe
les mandou hũ Ceziliano arrene-
gado mestre de campo que eera grã-
de official dartefícios de guerra/ ⁊
andara no campo do turco quando
esteue sobre Rhodes. E chegada es-
ta gente a Calicut foy hũ dia dar vi
sta aa fortaleza, tirandolhe muytas
espingardadas ⁊ frechadas. E por
amor da artelharia da fortaleza que
começou de varejar não se ousou de
descobrir muyto, ⁊ tirauão dantre
casas derribadas ⁊ paredes velhas
que estauão perto da fortaleza. E
dom João como era muyto esforça
do, disse aos principais que estauão
coele que sayssem aos mouros/ por
que cuydassem que os não temião:
⁊ assi ho fez leuando diãte os espin-
gardeyros que tinha/ ⁊ deu tão ri-
jo neles que os fez recolher pera dẽ
tro da cidade/ ⁊ ele tornouse aa for-
taleza, que tinha bem prouida com
receo da guerra de muyto caruão
pera poluora/ ⁊ lenha pera fazer ou
tro, de muyta pedra ⁊ madeira pera
repayrar os muros se disso ouuesse
necessidade.

¶ Capit. cv. De como os immigos começarão de cercar a fortaleza de cauas pera assentarem suas estancias.

Logo ao outro dia an-
te manhaã começarão
os imigos com muyta
gente de seruiço que ti-
nhão dabrir hũa caua que na guer-
ra passada começarão dabrir, q̃ da
banda da cidade começaua da rua
dos torneyros ⁊ ya dereyta ás ca-
sas de Duarte barbosa: ⁊ assi come-
çarão dabrir hũa trincha que he ca
ua em voltas/ que começaua do cã-
po dos mainatos ⁊ ya dereita á rua
da China cota, ⁊ na largura delas
cabia hũa fieira doyto homẽs que
cauauão: ⁊ era com determinação/
como disse de cingirẽ a fortaleza de
mar a mar. E dom João que ho en-
tendeo, trabalhaua quanto podia
por lho estoruar: dandolhes cada
dia muytos rebates/ ẽ que sempre
os Portugueses matauão algũs:
⁊ porem como eles erão muytos nã
deixauão de leuar sua obra auante.
E entendẽdo dom João q̃ era pera
lhe tolherem ho socorro que lhe fos
se, fez hũa noyte con conselho dos fi
dalgos ⁊ caualeyros q̃ estauão coele
hũa coiraça de pipas cheas de ter-
ra que começaua da fortaleza ⁊ che
gaua ate ho mar/ ⁊ por cima delas
hua trãqueyra muyto forte. E dali
por diãte mandaua dõ João vigiar

de noite esta couraça porq̃ lha não queimassẽ: ꝛ despois dela feita porq̃ a feitoria estaua fora da fortaleza, ꝛ assi ho almazẽ ꝛ casa da poluora: ꝛ tudo o q̃ estaua dẽtro corria risco d̃ ser queimado, recolheo dõ Ioão tu do na fortaleza, sobre o q̃ teue grãde peleja cõ os imigos q̃ lhe querião re sistir: mas sempre leuauão ho pior. E despejadas estas casas fazião da li os portugueses muyto dãno aos imigos/ tirandolhes por espingar deiras muytas espingardadas q̃n do corriã a fortaleza/ q̃ era quasi ca da dia: ꝛ acabado de se afastarẽ sal taua dom Ioão nas cauas q̃ os imi gos fazião/ leuãdo os seus muytas panelas de poluora com q̃ queima uã muytos. E cõestes rebates fazia dilatar q̃ não leuassem as cauas de mar a mar. E a fora este mal recebiã os imigos outros da nossa artelha ria, que lhes fazia muyto dãno. O q̃ vendo ho Ceziliano q̃ disse/ mãdou cobrir de vigas muyto grossas, o q̃ era aberto das cauas: ꝛ assi como yão abrindo assi ho cobrião: ꝛ isto porq̃ a artelharia da fortaleza não podesse fazer mal aos imigos: nem tambẽ os Portugueses lhe não po dião fazer tãto dãno como dantes com as panelas de poluora. Porem dõ Ioão não deixaua de os saltear cada dia, ꝛ se teuera mais gente da q̃ tinha segũdo era esforçado dera batalha aos imigos, ꝛ os fizera de todo deixar as cauas, mas nã tinha mais de trezẽtos homẽs. E como cõ tão pouca gente não podia fazer mais q̃ dar picadas/ leuauã os imi gos a trincha ate a rua da China co ta õde acabou/ ꝛ ficaua da bãda do sul. E por industria do Ceziliano começarão logo de fazer ali hũ re pairo pera assentarẽ nele hũ trabu co com q̃ deitassem pedras muyto grãdes na fortaleza em quanto lhe não dessem bateria, E posto que dõ Ioão não presumisse ho fim pera q̃ era ho repairo/ pareceolhe bẽ com cõselho q̃ sobrisso ouue de estoruar q̃ ho repairo não fosse por diãte: pe ra o q̃ sayo fora da fortaleza cõ duzẽ tos Portugueses. E ficãdo em cor po com os cento, mandou a dõ Vas co de lima ꝛ a Jorge de lima q̃ cada hũ com cincoẽta dessem por sua par te nos imigos q̃ estauão em goarda dos q̃ fazião ho repairo q̃ serião bẽ oyto centos. E assi ho fizerão com tamanho impeto q̃ derão logo no chão cõ muytos mortos despingar dadas, ꝛ outros queimados cõ pa nelas de poluora, ꝛ os viuos se aco lherão fugindo: ꝛ dos Portugue ses aprouue a nosso senhor que não morreo nenhũ/ ꝛ sós dous forão fe ridos. E tornãdo os imigos a pros seguir no repairo cõ quasi dobrada gẽte em goarda do q̃ dantes estaua: tornou dõ Ioão a dar neles pela or dẽ que dera da outra vez, ꝛ forão es carmẽtados de tal maneyra q̃ não ousarão de tornar mais ao repairo ꝛ ho deixarão

¶ Capitolo. cvj. De como despois del rey de Calicut ser na cidade dom Ioão de lima quimou as ca sas da feytoria ꝛ almazem.

Grande contentamẽto era ho dos mouros de Cali cut de verẽ como ho cerco da fortaleza ya por diãte,

porq̃ eles erão os que conselhauão a el rey que fizesse esta guerra/ ⁊ ho ajudauão muyto nela com determinação de tomarem a fortaleza, pera coisso tornarem a cobrar ho credito q̃ tinhão perdido na India, porque não ousauão de falar perante os Nayres q̃ lhes dizião mil injurias/ ⁊ que não sabião mais q̃ meter a el rey na guerra, ⁊ que ho não sabião liurar dela/ ⁊ por terem guerra cõ os Portugueses não tinhão q̃ comer ⁊ morrião de fome. E cõ tudo el rey de Calicut fauorecia os mouros polo proueito que recebia deles ⁊ por isso fazia a guerra, ⁊ por se não irẽ de Calicut nem de seu rey no que sem eles ficaua de todo pobre: assi que por os mouros cobrarẽ ho credito que tinhão fazião com el rey q̃ fizesse esta guerra, em q̃ quasi todo ho gasto era á sua custa deles. E porque sabião q̃ com a vinda del rey de Calicut ho cerco da fortaleza auia de ser mais apertado, foranlhe algũs pedir que se fosse pera Calicut: ⁊ como ele estaua apercebido do mais de que tinha necessidade pera a guerra/ ⁊ acompanhado de muytos reys ⁊ senhores que ho ajudauão foyse logo a Calicut, onde chegou na entrada de Junho, ⁊ achou que tinha nouenta mil homens de peleja antre mouros ⁊ Nayres / ⁊ antrestes auia dous mil espingardeyros ⁊ artelharia grossa ⁊ miuda q̃ abastaua pera dar bateria á fortaleza. E quãdo el rey chegou foy dissimuladamente aa fortaleza sem nenhũ estado por não ser conhecido/ ⁊ lhe não tirar a artelharia: ⁊ vendo a fortaleza quão pequena era / disse que pera que era mais detença se não tomala logo. E ho seu capitão do campo lhe disse que não se podia aquela fortaleza tomar tão leuemẽte como lhe parecia/ porq̃ os Portugueses a defendião tambem / que se a ele tomasse por espaço de tempo cresse que acabaua hum grandissimo feyto. A que el rey respondeo/ que ele a tomaria: porque não ajũtara tamanho poder de gente se não pera a tomar. E coisto se foy a seus paços: ⁊ este dia deu vista aa fortaleza hũa boa soma de gente, dando grandes gritas. E dom João lhe sayo ate a feytoria, donde lhe os Portugueses tirarão muytas espingardadas/ ⁊ coelas ⁊ com a artelharia ficarão no campo bem cincoenta dos immigos. E ho Cezilia no por quebrar ho coração a dom João/ lhe disse aquele dia que el rey de Calicut era na cidade/ fazendolhe a sua gente mais do que era, ⁊ engrandecendo muyto seu poder. E dom João lhe disse q̃ folgaua muyto com sua vinda, porque dali por diante pelejaria com gosto, ⁊ assi os que estauão coele/ ⁊ mostrarião pera quanto erão: porque ateli como lhes parecia que pelejauão com os capitães del rey de Calicut auianse por deshonrrados ⁊ não pelejauão pera mais que pera se defender. Do que ho Ceziliano ficou muyto espantado por crer que era assi. E dõ João posto que lhe os immigos não corressem saya com os seus a dar nos que andauão nas cauas, assi de dia como de noyte / ⁊ isto tão amiude que os fazia espantar de como com tão pouca gente como

tinhafazia tanto/ ꝛ porem feriãlhe muyta gẽte/ pelo q̃ não quis mais ir dar nas cauas: mas punhase nas casas da feytoria ꝛ almazem, ꝛ dali lhes mandaua tirar quãdo corrião a fortaleza. E vendo ho capitão do campo isto/ correo hũa tarde cõ algũa gente, ꝛ como vio que os Portugueses estauão nas casas que digo manda chegar todos os seus espingardeyros, pera que combatessem as casas com espingardadas: ꝛ durou ho combate todo o q̃ estaua por passar do dia ꝛ toda a noyte seguinte, reuezãdose os espingardeyros de maneyra que continuamẽte tirauão as espingardadas / que de serem muytas quebrarão as nossas espingardeiras/ ꝛ senão fora hũ traués de madeira de que hũs tiros varejauão os immigos/ os Portugueses se virão em grande aperto: ꝛ forçadamente esteuerão tanto tempo nestas casas/ porq̃ corrião muyto grande risco se sayrão. E por derradeyro quis nosso senhor, que assi com as espingardas como com a artelharia matarão tantos dos immigos que os fizerão afastar: do que dom João deu muytas graças a nosso senhor de ho liurar daq̃le trabalho que teue muyto grãde de ver ho aperto em que os seus esteuerão. E logo pos em conselho se se poderião soster aquelas casas da feytoria ꝛ almazem. E por todos foy acordado que não por amor do grãde poder de gente que os immigos tinhão / que ho mais seguro seria queymarẽnas ꝛ recolherense aa fortaleza. E aquela tarde foy logo feyto/ sem lhe os immigos cõtradizerem/ porque folgarão muyto de verem queymar aquelas casas de que recebião tanto dãno: ꝛ porque era caminho de os Portugueses não quererem sayr mais da fortaleza/ com que não receberião estoruo em fazer as cauas ꝛ as acabarião. E recolhido dom João na fortaleza, fez alardo ꝛ achou que tinha perto de trezentos homẽs/ porq̃ algũs erão mortos ꝛ outros estauão feridos/ ꝛ antresta gẽte auia algũs fidalgos seus parentes todos muyto esforçados ꝛ de grande confiança. E porq̃ dom João conhecia ho esforço destes ꝛ dos outros/ tinha esperança em nosso senhor que ho liuraria daquele cerco com sua honrra, ꝛ mandou fechar hũ poço dagoa nadiuel q̃ tinha a fortaleza, em q̃ auia agoa pera hũ anno sem beberẽ por regra. E fechou ho porque os escrauos nã deitassem nele peçonha, ꝛ tinha a chaue porque soubesse quando se abria: ꝛ achou que auia na fortaleza tanto arroz que abastaria hũ anno, posto que comessem largamente/ porem doutros mantimentos não auia se não pera poucos dias. Ordenou tambẽ dom João as estancias que auia dauer na fortaleza pera defensa dela que forão seys/ cujos capitães forão dom Vasco de lima/ Jorge de lima/ Antonio de sá, Ruy de melo seu irmão/ João rabelo feytor/ Antonio de serpa, ꝛ Manuel de faria escriuães da feytoria. E dõ João com algũs parentes seus / ꝛ ho resto da gente que sobejou das estancias ficou por sobre rolda pera acodir ás partes mais fracas, ꝛ por ser a fortaleza conchegada podiãse

todos ajudar hũs aos outros que foy grãde bẽ pera quã poucos erã.

¶ Capit.cviij. De como despois de se dom João recolher na fortaleza/ assentarão os immigos suas estancias ꝛ começarão de bater a fortaleza.

Recolhido dõ João de lima na fortaleza ꝛ queymadas as estancias que tinha fora dela: foy grande prazer nos mouros cuydando que aquilo era com medo/ ꝛ assi ho disserão a el rey, certificandolhe q̃ auião de tomar a fortaleza/ ꝛ fazião muytos feros contra os Portugueses fazendo deles muyto pouca cousa. E logo na noyte seguinte derão tamanha pressa na caua ꝛ na trincha q̃ çarrarão coelas no mar, assi da bãda do sul como do norte/ ꝛ erão daltura de hũa lança, ꝛ ficauão da fortaleza a tiro de pedra, ꝛ podião andar por elas sem a arteilharia da fortaleza lhes fazer nojo. E a rezã porque cercarão a fortaleza destas cauas ꝛ as çarrauão no mar/ era pera q̃ onde çarrauão assentassem duas estancias dartelharia pera tolherẽ ho socorro q̃ fosse aa fortaleza por mar. E estas assentarão logo em amanhecendo/ em que auia tiros encarrados, que quando não fosse tẽpo de jugarem pera ho mar tirassẽ á fortaleza/ ꝛ assentarão hũa estãcia da banda do norte em que assẽtarão dous tiros grossos com que começarão de tirar á fortaleza, ꝛ dali por diante começarão de assentar outras estãcias pera baterem a fortaleza: ꝛ forão estas. No lugar onde se teuerão as casas da feytoria assentarão hũ camelo que fora dos Portugueses cuberto com hũa manta ꝛ auia de bater a torre da poluora/ ꝛ mais afastada desta no mesmo lugar estaua outra estãcia com outra manta em que auia quatro tiros de metal de camaras que tiraua cada hũ pelouro d̃ ferro coado tamanho como de hũa espera/ ꝛ deste tamanho os tirauão todos os tiros que tirauão pelouro de ferro coado. E esta estancia auia de bater ho pano do muro que corria do baluarte da fortaleza ate a torre da poluora: fizerão outra da banda do sul, de que auião de jugar sete tiros quatro q̃ deitauão pelouro de pedra de tres palmos de roda, ꝛ os outros de ferro coado: ꝛ esta auia de bater ho pano do muro dantre ho baluarte do feytor ꝛ ho do almazem/ ꝛ aos mesmos baluartes. Da banda de leste fizerão outra dentro na cidade/ em que auia outras sete peças grossas ꝛ cinco deitauão pelouro de pedra/ hũa de sete palmos de roda ꝛ quatro de tres/ ꝛ as duas de ferro coado: ꝛ esta auia de bater ho pano do muro dantre ho baluarte do feytor ꝛ a torre da poluora, ꝛ á mesma torre, ꝛ ho baluarte/ ꝛ a torre da menagem. E a fora estas estancias auia outras duas da banda do norte ꝛ da do sul cada hũa de seys tiros encarretados que podião jugar pera ho mar se fosse socorro á fortaleza, ꝛ ho outro tempo auião de bater os baluartes do alcaide mór ꝛ do almoxarife que estauão daq̃las bandas.

E todas estas estancias estauão a tiro de pedra da fortaleza/ a que começarão de dar bateria a treze de Junho pola manhaã: que foy hũa cousa bem espantosa quando se começou com a muyto grossa fumaça que se leuantou de hũa parte ⁊ da outra/ ⁊ ho medonho estrondo dartelharia que fazia tremer a terra ⁊ ho mar/ ⁊ parecia que tudo auia de ficar destruydo: ⁊ quasi todo ho dia que a bateria durou não se enxergou nada com fumo, ⁊ despois que descobrio apareceo a nossa fortaleza saã ⁊ a sua artelharia inteira ⁊ sem aleijão/ que aprouue a nosso senhor que nunca lhe os immigos poderão acertar com a sua pera a cegarem: ⁊ errarão todos os tiros dando por esses muros ⁊ baluartes, ⁊ outro mal não fizerão: ⁊ a nossa artelharia que tirou em todo este tempo lhes fez muyto dãno, porque como eles cuydauão que logo a nossa artelharia auia de ser cega/ descobrirãse muyto ⁊ por isso os tiros pescarão muytos. Do que el rey ficou muyto triste quando ho soube: ⁊ assi os mouros vendo que os seus bombardeyros erão tão pouco certeiros. E dom João ⁊ os seus ficarão muyto ledos/ ⁊ derão muytos louuores a nosso senhor ⁊ se esforçarão muyto mais que dantes pera se defenderem vendo a merce que lhes nosso senhor fazia, ⁊ na noyte seguite fizerão grandes alegrias de folias ⁊ tangeres pera que os immigos soubessem que os não tinhão em conta, que estauão disso muyto espantados.

Capitolo.cviij. De como os immigos começarão de fazer hũa albarrada.

Com quanto os mouros virão quão pouco dãno os seus bombardeyros fizerã na artelharia da fortaleza/ nã deixarão de prosseguir a bateria pera ver se a podião cegar: mas quis nosso senhor que sempre a errarão, ⁊ dauão por esses muros ⁊ baluartes, a que começarão de fazer dãno, ⁊ de dia deixauão apontada a artelharia pera atirarem de noyte: ⁊ hũa noyte ao quarto da prima tirou da banda da cidade hum tiro que tiraua pelouro de pedra de sete palmos de roda ⁊ leuou duas ameas do muro/ ⁊ leuou ho sino da vigia em pedaços. E dom João acodio logo ás ameas com seus sobresalentes que as refizerão: ⁊ estes trabalhos erão continos despois que se começou a bateria. E vendo ho Ceziliano quão agastado el rey de Calicut estaua por não se poder cegar a nossa artelharia: disselhe que não se agastastasse/ que ele faria hum artefício cõ que os seus tomassem a fortaleza ⁊ nã tardarião mais em a tomar que em quanto se acabasse. E este artifício foy hũa albarrada a que por outro nome chamão montanha / de q̃ o turco vsou no cerco de Rhodes onde este Ceziliano se achou como disse. E estas albarradas são serras darea, de pedras/ ⁊ de rama, tudo mesturado q̃ os gastadores q̃ andã nos campos leuão diante de si com pás ⁊ enxadas ate as igoalarẽ com

os muros das fortalezas ou cidades que tẽ cercadas: ⁊ isto pera lhes embaraçarem os pelouros da artelharia ⁊ eles sobirem a seu saluo, ou ao menos sem tamanho perigo como correm sobindo por escadas por amor das panelas de poluora ⁊ outros artefícios de fogo que os immigos lanção decima aos que sobem. E nesta albarrada que digo começarã logo de trabalhar tres mil homẽs de seruiço que chamão gastadores/ fazendo hum dos pés onde forão as casas da feytoria / ⁊ ho outro junto da casa que foy da poluora/ ⁊ ambos a tiro de pedra da fortaleza. E quando dom João vio começar esta obra/ cuydou que era entulho com que os immigos querião entulhar a caua da fortaleza com determinação de a escalarem/ ⁊ por isso se percebeo logo de muytas panelas de poluora ⁊ doutros artefícios de fogo. E esta sospeyta pos dom João em grande cuydado ⁊ assi aos que estauão coele, por saberem de certo a grossa gente dos immigos que estaua sobreles, ⁊ que se prouassem de sobir ao muro corrião muyto risco de os entrarem/ ⁊ por isso acordarão todos que dom João mandasse pedir socorro de cem homens ao gouernador/ ⁊ assi de poluora: dandolhe conta do que passaua. E este recado foy em hũa almadia que não auia outra cousa em que fosse.

Capitolo.cix. De como dõ João de lima mandou pedir socorro ao gouernador ⁊ lho mandou.

As nouas do cerco desta fortaleza de Calicut forão ter ao gouernador, estãdo ele esperando pola confirmação das pazes que lhe auia de mandar elrey de Calicut. E como era ja inuerno ⁊ a barra de Cochim estaua çarrada, ⁊ as toruoadas erão muy grandes ⁊ perigosas na costa não se atreueo a mandar nenhum socorro: porem tẽdo apos esta noua outra que dom João estaua mais apertado / ⁊ que os immigos ho combatião mais rijo que Malabares, começou de mãdar fazer prestes duas carauelas latinas que foy enformado serem nauios/ que melhor que outros sayrião pela barra. E nisto aos dez dias de Julho chegou a Cochim a almadia em que ya ho recado de dom João/ que por milagre de nosso senhor escapou dos muyto grossos mares/ ⁊ muy furiosos ⁊ rijos ventos que achou com que mil vezes esteue çoçobrada ⁊ mergulhou por debaixo dagoa: ⁊ porque não soube ho nome do que foy nela ho não digo/ mas ele passou ho mayor perigo que se podia passar por mar. E sabendo ho gouernador a verdade do cerco por este recado de dom João, ⁊ a necessidade que tinha de lhe socorrer com gente / começou de a mandar fazer. E sabendose entre os que ali então estauão/ ho pera que era, se lhe offrecerão algũs fidalgos pera irem socorrer a fortaleza, ⁊ antre estes forão Manuel cernije, Christouão jusarte / ⁊ Duarte dafonseca / porque como

erão muyto esforçados & desejosos de seruirem elrey não recearão ho perigo que estaua muyto certo, assi no mar como na terra:o que lhe ho gouernador agardeceo muyto, porque estes animarão outros a irem de boa vontade/ & ajuntarãse cento & corenta homens que se embarcarão nas duas carauelas que estauão prestes/de que foy por capitão moor Christouão jusarte/ & na outra carauela foy Duarte da fonseca filho do doutor Fernão da Fonseca, & ambos sayrão pela barra de Cochim com grande perigo a treze de Julho: com regimento do gouernador/ que chegados sobre Calicut, chegassem ho mais que podessem as carauelas a terra/assi de hũa parte como da outra da fortaleza defronte das estancias dos immigos que nelas estauão/a que tirarião com a artelharia das carauelas, & entretanto que tirasse andarião eles em dous paraós de naos Malabares que leuauão pera desembarcarẽ antre as carauelas/ & andarião assi ate verem recado de dom João/ & sem ele não sayrião em terra. E despois de partidas estas carauelas, receando ho gouernador que esgarrassem com algũa toruoada & não podessem tomar Calicut, & a fortaleza ficasse sem socorro, mãdou apos elas hũa galeota com a mais gente que pode, de que foy por capitão Francisco de vasconcelos caualeyro de muyto esforço/ a que deu em regimento que sendo caso que achasse que a fortaleza não era socorrida se fosse com Duarte da fõseca a Cananor, & diria da sua parte a Eytor da silueira que socorresse a fortaleza, porque de laa ho poderia melhor fazer que ho gouernador: & a Eytor da silueira escreueo por terra ho cerco da fortaleza, & ho socorro de gente que lhe mandaua/ pedindolhe que a socorresse por sua pessoa com mantimentos, & poluora/ & gente se a que mãdaua lá não podesse ir.

¶ Capit.cx. De como os immigos começarão de tirar com hũ trabuco á fortaleza, & de como foy espedaçado.

Despois de dom João mandar pedir socorro ao gouernador vẽdo os mouros que auia detença em se acabar a albarrada, fizerão por industria do Ceziliano armar hũ trabuco que ele fabricou/ & foy armado nas casas de Duarte barbosa pera deitarem coele na fortaleza pedras muyto grandes com quelhe derribassem os baluartes & as casas. E coeste trabuco começarão os immigos de tirar ho primeyro dia Dagosto/ tirando á torre da poluora pera a derribarem, parecẽdolhes que ali farião mais dãno q̃ em outra parte/ & acertarãlhe com seys pedras arreo & erão as pedras tamanhas que logo lhe abrirão as paredes/ & os immigos com prazer leuantarão muytas gritas. E dom João como vio ho dãno q̃ as pedras do trabuco fazião na torre, ouue medo q̃ se lhe acẽdesse fogo na poluora, & por isso no mesmo dia a

mãdou mudar pera outro Baluarte/ z foy mudada com trabalho immenso z grande perigo das pedras que dauão na torre / com que em quatro dias continos que ho trabuco tirou lhe derribou hũa esquina, do que dom João estaua grãdemente agastado: mas este agastamẽto lhe tirou Diogo pirez ho cõdestabre da fortaleza hũ bõ homẽ z bẽ destro em seu officio, que lhe disse q̃ não se agastasse, porque com ajuda de nosso senhor ele esperaua de quebrar ho trabuco pa ho q̃ ja tinha apõtado nele hũ camelo. E dõ João lhe prometeo merce se ho fizesse. E encomendandose ambos muyto deuotamente a nossa senhora cujo ho dia era, foranse ondestaua ho camelo apontado no trabuco: z dãdolhe Diogo pirez fogo despara ho pelouro/ z com seu medonho impeto foy dar no trabuco que leuou em pedaços: z coeles z cõsigo matou tambẽ muytos dos imigos q̃ estauão ao derrador do trabuco, oulhando muyto ledos a destruyção q̃ ele fazia na torre da poluora. O q̃ vendo dom João se assentou em giolhos z chorãdo de prazer deu muytos louuores a nosso senhor/ z a sua gloriosa madre: por cuja intercessã tinha q̃ lhe fizera merce tamanha z á sua honrra disse logo a Salue com os outros que tambem não cabião cõ prazer: z dauão grandes apupadas aos immigos zombando deles. E dom João lhes mandou dar rebate aquela noyte porque lhes parecesse que os tinha em pouco/ z forão a darlho dom Vasco de lima z Jorge de lima com corenta Portugueses q̃ sayrão per hũas bombardeiras/ como sayão outras vezes, que poucas noytes passauão q̃ nã sayssem/ de que os immigos sempre recebião dãno/ z sempre estauão sobre saltea dos/ receando quando os Portugueses darião neles. E com quanto os tinhão cercados auiãlhes medo vendo sua ousadia z esforço.

¶ Capit.cxi. De como Christouão jusarte chegou a Calicut z ẽtrou na fortaleza cõ os que yão coele.

PArtidos Christouão jusarte z Duarte dafonseca pera Calicut, como então era a força do inuerno acharã ho tẽpo tão forte/ que por milagre de nosso senhor escaparão de não serẽ comidos do mar: z a fora a fadiga descaparem de tamanhos perigos, a teuerão tambem muyto grande com todos os q̃ yão coeles por lhes faltar agoa / que não tomarão em Cochim com a pressa de partirem/ cuydando que no mar a tomarião da agoa do monte/ que nã acharão z por isso forão sem ela: z não teuerão outra se não a que chouia / que como era de toruoadas não a tomauão se não quando vinhão: z algũa que lhes ficaua ate tomarem outra fedia tanto z amargaua em tanto estremo que quasi a não podião beber. E coesta afrição z angustia forão vinte cinco dias, que tanto poserão na viagem por amor dos contrastes que teuerão não sendo mais que de vinte ou dezanoue legoas.

E com nauegação tão trabalhosa derão fim a seu caminho / chegãdo sobre Calicut/onde Christouão jusarte chegou primeyro a oras de vespora & cõ a viração q̃ vẽtaua entrou logo no arrecife/& Duarte dafonseca chegou da hi a pouco/& por a viração a calmar não pode entrar & ficou de fora. E cõ a vinda destas carauelas foy grande aluoroço no arrayal dos imigos cuydando q̃ fosse ho socorro mayor: & logo os que estauão nas estãcias da parte do mar se aperceberão pera receber os que quisessem desembarcar/& na fortaleza foy ho prazer muyto grãde por verẽ ho socorro. E vendo dõ João Christouão jusarte dẽtro no arrecife, receãdo q̃ quisesse desembarcar acodio á porta da fortaleza pera lhe acenar q̃ não desembarcasse logo/porque seria duuida escapar nenhũ dos que sayssem coele segũdo a multidão dos immigos era grande/& era sua tenção ficar pera de noyte: & porẽ Christouão jusarte como era muyto esforçado/& ho desejo que tinha dentrar na fortaleza lhe fez entender quando vio que dõ João lhe capeaua que lhe dizia que desembarcasse: & tambem ouue medo que como era inuerno sobreuiesse algũa toruoada de vento trauessam q̃ desse á costa com a carauela & se perdesse, & por isto não quis esperar por Duarte dafonseca nẽ dilatar mais a desembarcação. E isto determinado disse ho aos que yão coele q̃ erão oytenta Portugueses/que vendo as muytas bombardadas que neste tempo os imigos tirauão de terra duuidarão muytos de sayr, & requererão a Christouão jusarte q̃ goardasse ho regimẽto do gouernador/porq̃ doutra maneyra perderseyão todos: & ele os desenganou/q̃ ainda que desembarcasse só que auia de desembarcar: por isso q̃ quẽ quisesse desembarcar que se embarcasse no paraó/& quẽ não que ficasse. E trinta & cinco se offrecerão a ir coele, de q̃ foy ho primeyro Manuel cernije & os outros ficarã, a q̃ mãdou q̃ em q̃nto desẽbarcasse jugassẽ cõ a artelharia & saltãdo no paraó cõ os.xxx. & cinco tira pera a praya que estaua cuberta de imigos, frecheiros & espingardeyros: & ele leuaua sua bandeyra no esporão do paraó & suas trombetas que tocauão de quando em quando: & elas acabando daua ele com os seus hũa grande grita/& a este som remauão os remeyros quanto podião, gouernando dereytos á coiraça da fortaleza pera ali desembarcarẽ. E era cousa de muyto grande espãto ver ir tão poucos meterse antre immigos que não tinhão conto/que todos desparauão muytas nuuẽs de frechas/& tãtas espigardadas q̃ os pelouros cayão tão bastos como saraiua q̃ndo caye do ceo. E nisto começa a artelharia dos immigos de tirar á fortaleza & a da fortaleza a eles: & a reuolta era muy grande & espantosa em todas as partes do estrõdo da artelharia & da grita dos imigos & dos Portugueses. E indo assi Christouão jusarte/chegou a terra hum pouco desuiado da coiraça q̃ ho desuiou a grande corrente & braueza daquela costa: pelo que os imigos teuerão tempo de ho apertar como deseja-

não, ꝛ não esperando que tomasse terra de todo/nem receando as espingardadas q̃ tirauão os que yão coele/nem lançadas nẽ cutiladas: remetem ao paraó com hũ impeto bestial/dandolhes ainda a agoa pelos peitos chouendo sobreles espingardadas ꝛ frechadas, ꝛ arrebatão a bandeira que leuaua, ꝛ assi dous trombetas que yão tangẽdo que leuarão fora do paraó/que os leuarã hũ pedaço arasto/ꝛ outros dauão punhadas nos Portugueses tão perto estauão deles:porem neste tẽpo pelejauão Christouão jusarte ꝛ os outros de maneyra que fizerão afastar os immigos do paraó:ꝛ saltando todos n'agoa começarão de fazer cousas tão milagrosas, q̃ bem parecia q̃ pelejaua nosso senhor por eles. E cõ tudo forão mortos quatro deles / dous homẽs do mar ꝛ João de macedo, ꝛ Fernã de siqueyra filho de Gonçalo de siqueyra de Salua terra / ꝛ quasi todos os outros forão muyto feridos ꝛ antreles foy Manuel cernije que pelejando como muyto valente caualeyro que era se recolheo dos derradeiros/ꝛ por acodir a hũ seu amigo q̃ os mouros matauão, ꝛ ele o saluou foy ferido em hũa perna/de que faleceo da hi a poucos dias. E pelejãdo assi Christouão jusarte tão esforçadamente como digo, foy rompẽdo por antre os imigos ate chegar á coiraça onde ho dom João estaua esperando com oytenta homens ꝛ coele dom Vasco de lima. E aqui foy a peleja muyto braua em demasia / porque os immigos entrauão de volta com os Portugueses pela entrada da coiraça não temendo nẽ nhũas feridas q̃ recebessem sobrisso nẽ mortes/ꝛ carregauão tantos que era medo velos como arremetião denodados: ꝛ isto com tenção dentrarẽ com os Portugueses dẽ uolta na fortaleza, porq̃ não sabião se terião outro tam bõ tempo como este. E dom João ꝛ os outros que ho entendião fazião mais do que se esperaua domẽs por lho defender, ꝛ pelejando com esforço milagroso recolhianse pera a porta da fortaleza. E era muyto pera louuar a nosso senhor/de como os Portugueses sendo tão poucos não forão todos espedaçados dos immigos q̃ erão tantos que parecia que os somião antre si:ꝛ com tudo chegarão á porta da fortaleza onde se recolherão quasi sem esperança de não entrarem sem os immigos:ꝛ dõ João foy ho derradeyro que entrou pelejando tão brauamẽte que parece q̃ despois de Deos ele foy o q̃ resistio aos immigos que não entrassem:ꝛ foy todo cuberto de frechas de que ho ferirão quatro. E prouue a nosso senhor que neste tão brauo conflito não morrerão mais que os q̃ disse/mas forão quasi todos feridos: ꝛ dos immigos morrerão tantos q̃ ho chão ficou todo cuberto, ꝛ se dõ João passou fora grãde perigo em pouco menos achou os que ficauão na fortaleza, porque muytos dos immigos vendo a braua peleja que ya fora/parecẽdolhe que todos os Portugueses estauão nela, ꝛ q̃ não auia quem defendesse a fortaleza poserão as escadas em hũ cobelo da bãda da cidade/ꝛ começarão de so

bir por elas/mas os q̃ estauão nele acodirão logo a defendelo lançãdo panelas de poluora sobre os immigos: porem como erão muytos ainda que hũs cayão queimados / outros sobião logo. E estando nesta pressa chegou dom João ꝛ foy ajudar a defender a sobida aos imigos que forão tão mal tratados que deixarão a perfia de quererem sobir. E porque os mortos erão muytos ꝛ se ficassem ali poderião corrõper ho ar com ho fedor/mandou dõ João dizer do muro por hũ lingoa aos immigos que seguramente podião tirar dali os mortos / que ele lhes daua sua fe de não receberẽ por isso dãno: ꝛ assi ho fizerão/ ꝛ foy feyto grande pranto polos mortos. E el rey de Calicut sentio muyto ho dãno q̃ os seus receberão de tão poucos Portugueses / ꝛ muyto mais ho seu atreuimento de terem ho seu poder em tão pouco/ que assi ousarão de desembarcar diante dele.

¶ Capit. cxij. De como ho gouernador mandou mais socorro a dom João.

Vendo Duarte dafonseca o q̃ fez Christouão jusarte, esperou ate que tornou a viração, com que ao outro dia entrou no arrecife ꝛ chegouse a terra ho mais que pode. E porq̃ ho dia passado vira ho perigo que auia em desembarcar nã ho quis fazer sem saber de dõ João o que faria/ ꝛ per hũ escrito que mãdou lançar com hũa frecha em terra lho preguntou. E auido ho escrito per dom João/ pos em conselho o que lhe mandaria: ꝛ praticado ho risco que correrão de os matarem a todos, ꝛ de lhes entrarem os immigos a fortaleza. E como estauão muyto feridos/ assentouse q̃ Duarte dafonseca não desembarcasse, porque como não fosse hũ corpo de quinhentos homẽs não podião desembarcar sem passarem ho perigo que passarão ꝛ assi os da fortaleza. E q̃ pera ho gouernador lhe mandar socorro não podia ser de menos q̃ de quinhẽtos homẽs que tambẽ erão muyto necessarios por amor dos muytos feridos que auia / ꝛ pera resistirem aos fortes combates que esperauão cegandolhes a caua como parecia que os imigos querião fazer com ho entulho q̃ ajũtauão: ꝛ assi ho escreueo dõ João ao gouernador, ꝛ tãbẽ Christouão jusarte. E deitadas as cartas com hũas frechas/ partiose Duarte dafonseca leuando a outra carauela em sua companhia: ꝛ ainda perto de Calicut achou Francisco de vasconcelos, que sabendo o que passaua lhe deu ho recado que leuaua do gouernador/ pelo que Duarte dafonseca lhe deu a outra carauela com que se partio pera Cananor, ꝛ Duarte dafonseca seguio sua viagem pera Cochim, onde chegou cõ menos trabalho por ser quasi na fim Dagosto, ꝛ cõtou o que passara em Calicut ao gouernador, a que deu as cartas q̃ leuaua. E visto por ele quã mal Christouão jusarte goardara seu regimento, ouue muyto grande menencoria, mas perdooulhe por quão bẽ ho fizera. E vendo quanto importaua ho so-

corro da fortaleza: ꝛ porq̃ se temeo doutro desarrãjo no desembarcar/ determinou descolher algũ homem de confiãça pera isso/ ꝛ este foy Frãcisco pereyra pestana homẽ sobre os dias/ bõ caualeyro ꝛ rico que poderia leuar gente porque tinha q̃ gastar: ꝛ mandando ho chamar lhe deu conta do aperto em q̃ estaua a fortaleza/ pedindolhe que fosse ho capitão mór do socorro pois importaua tanto ao seruiço del rey, q̃ Frãcisco pereyra aceitou por essa causa/ posto que estaua pera se ir aquele anno: ꝛ não somẽte quis seruir el rey nesta jornada, mas ainda lhe emprestou dez mil pardaos douro que lhe ho gouernador ꝛ vẽdor da fazenda pedirão emprestados. E tendo ho gouernador a vontade de Frãcisco pereyra pera ir/ fez logo a mayor parte dos quinhentos homẽs q̃ se embarcarão na mesma carauela de Duarte dafonseca, ꝛ em hũ nauio de q̃ era capitão hũ Pero velho, ꝛ ẽ hũa barcaça/ ꝛ em duas galeotas: ꝛ mãdoulhe que Francisco pereyra fosse ẽ hũa das galeotas, de q̃ era capitão Antonio da silueira. E saido a galeota pola barra, quebroulhe ho leme/ pelo q̃ Francisco pereyra não quis ir nela/ ꝛ disse ao gouernador que iria em hũ galeão q̃ se deitaua ao mar pera ir com socorro a Calicut. E ho gouernador quisera que fora na galeota q̃ logo se concertou, mas ele nã q̃s: ꝛ porq̃ o gouernador ho conhecia por de sua cõdição não quis perfiar coele/ ꝛ deixou ho ir no galeão: q̃ porque estaua de vagar ꝛ ho socorro era necessario de pressa ꝛ estaua prestes, deu a capitania mór dele a Antonio da silueira ate Calicut/ dandolhe por regimento que auendo necessidade de lançar gente ẽ terra a lançasse, ꝛ quando não q̃ esperasse por Frãcisco pereyra q̃ ya a pos ele no galeão. E porq̃ ho gouernador era certificado polas cartas de dõ João ꝛ de Christouão jusarte da maneyra q̃ os imigos combatião a fortaleza/ ꝛ dos petrechos q̃ tinhão: começou de se fazer prestes pera partir apos este socorro.

¶ Capit. cxiij. De como os imigos assentarão dous trabucos/ ꝛ de como foy queymado hũ deles.

OS mouros q̃ estauão cõ elrey de Calicut ãdauão muyto corridos do pouco q̃ fazião cõtra os Portugueses/ ꝛ fizerão armar dous trabucos: hũ nas casas q̃ forão da feytoria, ꝛ outro nas da ferraria com senhos bastiães diante de cada hũ, porq̃ a artelharia da fortaleza os nã podesse desmãchar como ao outro, ꝛ armados começarão de tirar coeles á torre da menagem ꝛ a outras partes em que fazião muyto dãno: ꝛ cõ medo das pedras q̃ cayã a miudenã ousauão os Portugueses dã dar pola fortaleza. E Diogo pirez ho condestabre como era homẽ de cuydado, trabalhou logo de ter maneyra pera os desmanchar/ porque cõ os bastiães q̃ os encobrião não lhes podia tirar cõ nenhũ tiro, ꝛ fez hũs pelouros arteficiais que queymassem õde dessem cõ determinaçã de tirar ás casas da ferraria/ porq̃ dali via sayr algũas pedras/ ꝛ mais

via de noyte ali candea/por õde lhe pareceo que estaua hi algũ dos trabucos. E apontando hũ tiro, tirou lhe hũa noyte dos quinze Dagosto dia da Assunção de nossa senhora/ ꝛ ho pelouro q̃ era de fogo artefial cayo ondestaua ho trabuco ꝛ pegou se no bastião ꝛ dali se ateou ao trabuco: ꝛ os immigos nũca ho poderão apagar com as bombardadas ꝛ espingardas que logo começarão de jugar da fortaleza, ꝛ pescauão os que se descobrião: ꝛ isto por os Portugueses os verem com bombas de fogo que tinhão acesas/ ꝛ grandes fogueiras que auia no arrayal. E vendo os immigos que não podião apagar ho fogo do trabuco/ quiseranse vingar dos Portugueses/ ꝛ cuydando delhes fazer dãno tirarão com sua artelharia ꝛ espingardaria a toda a fortaleza: a q̃ os Portugueses responderão com a sua, ꝛ foy hũ brauo jogo que durou todo ho quarto da prima/ ꝛ forão mortos ꝛ feridos dambas as partes, principalmente da dos imigos que ficarão muyto tristes por lhes arder ho trabuco sem lhe poderẽ valer/ ꝛ assi ho ficou elrey. E pareceudolhe que quebraria os corações aos Portugueses lhes mandou dar mostra de toda sua gẽte/apartados hũs dos outros/ espingardeiros, frecheiros/ ꝛ os descudos de lãça/ ꝛ despadas. E todos passarão sem se deterẽ: ꝛ como erão tãtos como disse era medo velos. E com quãto passauão depressa/a nossa artelharia que não fazia se não tirar pescou muytos. E dom João entendẽdo a mostra que lhe dauão ꝛ a causa porque/porque desse a entẽder aos imigos que os não estimaua mãdou logo embãdeirar a fortaleza ꝛ tanger as trõbetas, ꝛ fazer grandes festas: do que elrey se espantou muyto quando ho soube, ꝛ jurou q̃ se tomaua os Portugueses que os auia de matar a todos: ꝛ consolouse cõ o outro trabuco que ficaua/ que este não pode Diogo pirez nunca queimar nem desmanchar, por não ver donde estaua, ꝛ porque ho não visse nã tinhão de noite candea: mas este não podia fazer tanto dãno como os outros por não estar em lugar pera isso.

¶ Capit. cxiiij. De como foy queimada hũa manta dos imigos.

Vemẽdo os mouros que cõ tam pouco como fazião contra os Portugueses, se enfadasse elrey do cerco ꝛ ho deixasse, andauã muyto depressa a inuentar ardijs com q̃ lhe dessem esperança de lhes fazer mal/ ꝛ ho antreteuessẽ na guerra: ꝛ por isso nunca deixauão ho Ceziliano, q̃ como sabia muytos lhos daua a miude. E o q̃ lhes então deu foy minarẽ ho baluarte do feytor q̃ estaua da banda do sul/ pera lhe darem fogo com q̃ ho derribassem/ ꝛ despois de derribado entrarião facilmente. E pera ho minarẽ milhor porq̃ ao derredor da fortaleza era tudo area/ ꝛ não se podia fazer mina sem arrunbar: ꝛ mais por os Portugueses a não verem ꝛ lhes não tirarem, ordenou hũa manta sobre seys rodas com q̃ se encobrissem os q̃

minassem/ ⁊ pera ter a area q̃ não arrunhasse hũs payneis de vigas q̃ sempre auião de çarrar cõ a manta. E pera esta obra auer effeyto/ leuarão mão da albarrada, ⁊ acodirão todos a ela: ⁊ como erão muytos forão logo acabados os payneis ⁊ a mãta, ⁊ começouse a mina hũa noyte. E quis nosso senhor que a outra dantes foy Bastião ho arrenegado cãtãdo pola caua em Portugues. Goarda debaixo, dando a entẽder aos Portugueses q̃ se goardassem da mina. E estas palauras entẽdeo dõ João o que querião dizer, quãdo ao outro dia vio a manta cõ os painais q̃ logo estranhou porq̃ os não via dantes. E isto entendido/ pos em conselho ho modo q̃ se teria pera a mina não ir auante pelo muyto grande perigo q̃ disso se seguia. E foy acordado que se queymasse, ⁊ porque os imigos não podessem apagar ho fogo, q̃ deitassem por hũa genela do mesmo baluarte do feitor hũ calabrete q̃ atarião em duas rodas da manta, ⁊ dali seria alada per hũ cabrestante q̃ ficaria armado no mesmo baluarte, a que ho calabrete estaria dado. E pera fazer este feyto foy escolhido dom Vasco de lima/ q̃ de noyte se poeria em Cilada cõ corenta homẽs pera tolher aos immigos que não apagassem ho fogo da manta. E assi foy feyto ⁊ ãtre os corenta que leuaua dõ Vasco forão Antonio de sá, ⁊ Fernão de lima, ⁊ Jorge de lima/ ⁊ sayrão todos per hũa bombardeyra do muro, ⁊ recolheranse ao canto dũ traués q̃ jugaua pera ho mar: ⁊ dõ Vasco/ ⁊ Antonio de sá/ Fernão de lima/ Jorge de lima, ho condestabre Diogo pirez ⁊ dous bombardeyros forão atar ho calabrete per duas aselhas nas duas rodas da manta. E feyto sinal aos q̃ encima estauão ao cabrestante q̃ a manta estaua amarrada, começarãna dalar pelo calabrete. E tudo isto se fez sẽ os mouros ho sintirem/ assi polo grande escuro q̃ fazia como por eles estarẽ ocupados com os sentidos em suas ceas que fazião com grande festa, por não comerem mais que a noyte q̃ era neste tempo a sua coresma ja que chamão remedão: ⁊ nunca sintirão nada se não quando a manta começou darder com ho fogo arteficial que lhe foy posto, a que acodirão logo pera ho apagar, ⁊ acodindo virão q̃ lha leuauão sem verẽ quẽ, do q̃ se espantarão muyto. E começando doulhar pera õde a leuauão, remete dõ Vasco cõ os q̃ estauão coele tirãdolhes muytas espingardadas com q̃ os fizerão deter que não passassem auante. E neste tempo foy a manta impinada/ ⁊ os Portugueses ficarão q̃si emparados coela das muytas espingardadas ⁊ frechadas q̃ os imigos começarão de tirar quãdo os virão: no que durarão pouco porq̃ os fez fugir a artelharia q̃ começou de jugar do traués q̃ digo. E vendo dõ Vasco q̃ a mãta estaua em saluo/ recolheose pela bombardeira/ por õde sayo ja quasi no cabo do quarto dalua q̃ tanto durou este feyto: de q̃ os mouros ficarão muyto corridos por verẽ em quã pouca conta os tinhão os Portugueses/ ⁊ quã facilmẽte lhes desfazião seus ardis. E el rey de Calicut estaua es-

pantado de tamanho esforço domẽs/ ⁊ de quã pouco estimauão seu poder, que dauão mil vezes rebates a sua gẽte: ⁊ parecia q̃ nenhũ trabalho os cansaua, ⁊ dizia aos mouros que fizera mal de tomar guerra cõ taes homẽs. E eles ho cõselhauão/ dizendo que não se agastasse/ porq̃ poucos contra muytos nũca poderão durar muyto: ⁊ que os Portugueses se auião de deminuir tanto por quão poucos erão/ q̃ ou se lhe auião dentregar ou os auia de tomar por não se poderem defender/ ⁊ fizerão fazer outra manta pera minar pela mesma maneyra ho baluarte da poluora/ ⁊ Diogo pirez lhe espedaçou a manta com hũ camelo a cujo tiro estaua. Do q̃ el rey ficou tão aborrecido por tomar nisso agoiro que não quis que fizessem mais minas/ ⁊ mandou que tornassem a trabalhar na albarrada.

¶ Capit. cxv. De como dom João fez hũa tranqueyra sobre ho muro contra hũa albarrada que os immigos fabricauão.

E Trabalhãdose nela cõ muyta diligencia/ começou logo de crecer: o que daua muyto cuydado a dom João/ porq̃ cuydaua q̃ lhe querião os immigos entulhar a caua da fortaleza pera lhe sobirem a ela/ o que receaua por amor da pouca gente que tinha. E porem muyto mayor perigo se lhe aparelhaua na albarrada se ouuera effeyto: porq̃ sem duuida fora entrado dos immigos/ ⁊ morto com quantos estauão coele/ q̃ fora cousa com q̃ todos os mouros da India se leuãtarão logo contra quãtos Portugueses auia nela. E porque os de Calicut não vissem este prazer/ ⁊ os Portugueses não recebessem tamanha desonra, parece que quis nosso senhor q̃ se descobrisse o segredo da albarrada. ⁊ foy que falãdo ho Ceziliano com dõ João lhe disse como q̃ lhe pesaua que el rey de Calicut ho auia de tomar cõ quantos estauão coele, sem lhes valer sua defensam/ o que disse em Castelhano/ do que dom João deitou mão/ ⁊ folgou d̃ praticar co ele pera ver se podia saber por ele algũa cousa da determinação dos imigos: ⁊ muyto mais quando lhe disse que homẽ era, ⁊ dali por diãte falaua muytas vezes coele. E falando hũ dia ho Ceziliano d̃ ter por certo que dom João auia de ser tomado com a albarrada lhe disse o pera que era, mostrandose muyto triste por isso. E dom João como era prudente disimulou/ ⁊ rindose lhe disse que bẽ sabia ho pera q̃ a albarrada era porque ja vira outras, ⁊ por isso a conhecera ⁊ buscara logo ho remedio pera se defẽder dela como veria quando fosse tempo: do que ho Ceziliano ficou muyto espantado: ⁊ dõ João deu muytas graças a nosso senhor por lhe descobrir aquele segredo: ⁊ contouho a dom Vasco ⁊ aos outros fidalgos com grãde prazer. E logo na noite seguinte com a mayor parte da gente da fortaleza começou de fazer hũa tranqueira sobre ho muro da banda dõde se fazia a albarrada: ⁊ esta trãqueira era de duas ordẽs d̃ vigas muyto grossas

metidas no entulho do muro com
outras atrauessadas das partes de
fora pregadas com pernos muyto
grossos. E esta obra se fez esta noyte
cõ muyta pressa & era pera sobre po-
jar por cima da albarrada, pera que
os Portugueses defendessem nela
que não podessem os imigos entrar
polo muro/o que se auia de fazer cõ
hũa andaina dartelharia que se auia
dassentar nesta tranqueyra despois
dentulhada. E quãdo ao outro dia
os immigos virão este dasafio de-
rão hũa grande grita/& ho Cezilia
no pelo que ao outro dia passara cõ
dom João logo entendeo o que era,
mas não ho quis dizer por não dar
desgosto aos mouros/& mãdou a-
quele dia apontar nas vigas hũ ti
ro grosso/com que lhes tirarão na
noyte seguinte andando dom João
com outros em pressa de a entulhar
& ho pelouro acertou pela quadra
de hũa das vigas/de que leuou hũ
pedaço em rachas / com que forão
escalaurados nos rostos dõ João/
dom Vasco, Jorge de lima & Antõ-
nio de sá, & foy morto hũ criado do
sogro de dom João com hũa pedra
do trabuco que tambẽ começou de
tirar cõ toda a mais artelharia dos
immigos, q̃ como tinhão muyta
poluora nã estimauã de a gastar nes
tes tiros perdidos pera ver se po-
dião espantar coeles os Portugue
ses pois lhe nã podião fazer outro
mal. E com tudo deranlhe grande
fadiga toda a noyte, mas nem por
isso deixarão dacabar dentulhar a
tranqueyra/em que logo forão assẽ
tadas certas peças dartelharia ao
oliuel daltura que a albarrada po-
dia ter com que dom João ficou se-
guro dela.

¶ Capit. cvj. De como querẽdo os mouros combater a fortaleza cõ hũas mantas de campo forão atalhados.

Muyto agastados fica-
rão os mouros de verẽ
esta tranqueyra porq̃
virão que era muy per
judicial pera ho effey-
to que esperauão da sua albarrada.
E preguntando ao Ciziliano se aue
ria outro ardil pera se a fortaleza to
mar: ele deu logo ordem com que fo
rão fabricadas duas mantas quasi
ao modo das de campo daltura do
muro da nossa fortaleza/& de largu
ra de quinze palmos feytas de vigas
de grossura dũ & dous dedos forra
das de fora de coiros crus porq̃ não
se lhe podesse pegar fogo/& estauão
empinadas cada hũa sobre sua gra-
de de vigas q̃ andaua sobre doze ro
das & das põtas das mãtas da bã
da de dẽtro tinhão hũs tirãtes d̃ vi
gas que se pregauão nas põtas das
grades, & de tirante a tirãte se fazia
hũ andaimo em que auião dir oyto
espingardeiros pera tirar por hũas
espingardeiras feytas nas mesmas
mãtas aos que esteuessem sobre ho
muro da fortaleza õde auião de che
gar, & detras delas auião dir os im
migos em fieras pera se empararẽ
da artelharia da fortaleza, a q̃ che-
gadas as mãtas auião de sobir por
escadas. E coestas mantas certifi-
cou ho Ceziliano q̃ entrarião a for-
taleza, porq̃ os espingardeyros des-

despejarião ho muro, que ho não podessem defender delles quando sobissem polas escadas. E segundo ho ardil era bõ ꝛ bẽ ordenado/ ꝛ os immigos muytos em demasia ꝛ os Portugueses tam poucos como erão, parecia claramente que deuia ser assi. E os mouros tendo isto por muyto certo ho disserão a el rey que ho creo/ ꝛ derão por isso ao Ceziliano muy ricas joyas. E logo fizerão fabricar as mantas detras de hũas casas/ porque as não vissem os da fortaleza senão quando fossem de todo acabadas. E crendo assi os mouros que daquela vez auião de ser tomados dõ João ꝛ os outros andauão muyto ledos: ꝛ segundo a cousa estaua ordenada assi ouuera de ser se as mantas ouuerão efeyto/ mas nosso senhor por sua misericordia ordenou ho cõtrairo: ꝛ Bastião descobrio a dom João ho segredo das mantas/ ꝛ ho Ceziliano não ousou porque lhas dom João não atalhasse como a albarrada. E sabido isto por ele vio as pontas das mantas que sobrepojauão a altura das casas detras dõde se fazião/ a que logo mandou tirar com hũ camelo que todo hũ dia tirou ás casas ate q̃ deu coelas no chão ꝛ as mantas ficarão descubertas/ ꝛ hũa delas estaua acabada. E os Portugueses derão grãdes gritas com prazer de as verem, porq̃ esperauão de as desmanchar/ ꝛ toda a noyte jugou ho camelo ꝛ assi a artelharia daquela bãda que tolhesse aos imigos que aquela noyte não andassem com a manta por diante/ ꝛ ho mesmo fizerão os imigos, ꝛ nẽ hũs nem outros não dormirão/ ꝛ teuerão toda a noyte muyto trabalho jugando ás bombardadas. E como amanheceo, parecẽdo aos immigos que se vingarião dos Portugueses os forão cometer cõ a mãta q̃ tinhão acabada postos nela os espingardeyros/ ꝛ eles detras dela em fieiras leuando suas escadas/ ꝛ fazendo grandes matinadas de gritas ꝛ de seus instormentos de guerra: ꝛ coisto despararão toda sua artelharia/ ꝛ ho trabuco juntamente lançaua suas grandes pedras que quando cayão parecia que auião de fundir a fortaleza, ꝛ começasse hũ bem brauo ꝛ medonho combate de tanta diuersidade de cousas pera fazerem mal aos da fortaleza/ que bẽ se parecia goardalos nosso senhor milagrosamente de todas, porque q̃l quer delas abastaua pera os destruyr de todo segũdo erão poucos, ꝛ a fortaleza estaua danificada dos contínos combates da artelharia/ em que sempre dos Portugueses morrião algũs/ ou de bõbardadas ou despingardadas: de que não digo per ordẽ os que morrião porque ho não pude saber/ se não que a este tẽpo erão mortos dos Portugueses cincoenta ꝛ estauão feridos cẽto ou mais/ de que algũs pelejauão com cẽto ꝛ sessenta que estauã sãos. E começandose este temeroso combate antes q̃ a outra artelharia da fortaleza começasse de jugar/ despa rou ho condestabre hũ camelo com q̃ acertou na manta/ ꝛ feyta em pedaços a fez voar per esse ar, espedaçando tambẽ os espingardeyros q̃ yão nela, ꝛ os das fieiras que yão

detras de que matou muytos. E fes tejado este tiro com muytas gritas dos Portugueses, e muyto tanger das trõbetas / desparão todos os outros com seu brauo impeto, e fazem acolher os immigos que estauão descubertos, polo que não receberão mays dãno nos corpos / mas na outra manta si / que tambẽ foy feyta em pedaços / e assi ho forão tambẽ outras duas que estauão começadas / que foy ho mayor mal que lhe então podião fazer, porque nestas mantas tinhão toda sua esperança de entrarem na fortaleza: e co isto ficarão de todo desesperados de ho fazer / principalmente el rey que com vergonha quisera leuãtar ho cerco. E tão auorrecido estaua de si que nunca quis que vsassem de mais ardijs contra os Portugueses por mais que os mouros ho persuadirão pera que ho cõsentisse, e dizialhes que era escusado / porq̃ erão grãdes feyticeiros, polo que não lhes podia empecer cousa nenhũa. E coeste desgosto mandou logo que cessasse a obra da albarrada e sobre aquele entulho mandou fazer hũa tranqueyra singela de palmeiras cuberta desteiras. O que dõ João teue por sinal de sua desespera ção, e assi ho disse aos que estauão na fortaleza / dizendo que se alegrassem / porque dali por diante auião de ser desaliuados do trabalho que padecião. E derão todos muytas graças a nosso senhor / e embandeirarão toda a fortaleza / e tangerão as trombetas: do que os mouros se espãtarão muyto / e se virão algũs nauios no porto pareceralhes que era vindo socorro: por terem cartas dos mouros de Cochim que o gouernador se fazia prestes pera ir socorrer a fortaleza / por tanto que se apressassem em a tomar: e por isso amiudauão tanto os ardijs pera a tomarem como disse. E vendo que el rey não queria que vsassem mais deles / combatião a fortaleza cada dia, e sempre matauão e ferião algũs Portugueses / e lhes dãneficauão os baluartes e muros / e os tinhão em sobresaltos continos com tão amiudados combates assi de noyte como de dia com que os nunca deixauão repousar: com que padecerão neste tempo trabalho incõportauel de continuamente estarem armados, e pelejando de noyte e de dia com tantos pelouros dartelharia tão medonhos que lhe tinhão a fortaleza furada por todas as partes / e com tão espantosas pedras de trabucos, com tão bastos pelouros despingarda / com tão brauos combates de não cuydados ardijs / com que de cada vez se vião abraçados da morte, e com terriueis dores das mortais feridas que recebião, e por derradeyro com estranha fraqueza que lhes causaua ho não comer / porque em cinco meses em que ya ho cerco não comerão a mayor parte deste tempo se não arroz cozido em agoa sem sal porque ho não tinhão: e enfastiauã se tanto dele / que pera ho poderem comer ho mandauão cozer aa noyte pera ao outro dia estar azedo e lhe acharem algum gosto. E estando dõ João e os outros neste trabalho, chegou hũ dia Antonio da sil-

ueira sem nenhũ dos outros capitães que partirão coele de Cochi, que todos se tornarão do caminho não podendo sofrer ho mar que os comia: e entrando no arrecife com a viração surgio: e cuydãdo os imigos q queria desembarcar / acodirão bẽ quinhentos espingardeiros a hũa estancia junto do mar / donde tirauão muyto rijo. Surto Antonio da silueira escreueo hũa carta a dom João / em que lhe mandaua preguntar q queria q fizesse, e esta leuou hũ homẽ a nado / q nũca pode daq̃la vez tomar terra com as muytas espingardadas dos imigos, que matarão outro q tornou com outra carta: e outro foy de noyte com outra, e pode sayr e deuha a dom João que escreueo a Antonio da silueira que não desembarcase: e se lhe podesse mandar algũa poluora que lha mãdasse. E ele lhe mandou tres barris dela / q forão dados de noite com muyto perigo de peleja, e lhe mandou dizer que esforçase que ho gouernador ficaua de caminho pera lhe socorrer como que dom João ficou muyto ledo, e disseo a todos, que fizerão por isso muyto grãde festa. E dada a poluora como Antonio da silueira estaua só e não podia fazer nada tornouse logo pera Cochim, onde chegou muy asinha / por ir cõ vẽto a popa / e contou ao gouernador o que fizera, e como ficaua a fortaleza e em Cochim achou os outros capitães q arribarão.

¶ Cap. cxvij. De como dom João foy socorrido por Eytor da silueyra: e despois por Francisco pereira pestana.

Com muyto perigo e trabalho (pola fortaleza do tempo) chegou Francisco de vasconcelos a Cananor pera onde partio de Calicut como disse, e chegado deu ho recado do gouernador a Eytor da silueira, que ja estaua prestes pera isso / e por falta dembarcação de nauios grandes não partia. E tanto q Frãcisco de vasconcelos chegou, desembarcouse cõ algũa gẽte na carauela e na galeota: e leuou cinco paraós ligeiros carregados de mantimẽtos e de poluora: e deixando a fortaleza encomendada ao alcaide mór se partio pera Calicut / onde chegou na fim Dagosto. E ẽtrado no arrecife surgio: e cuydando dom João que queria desembarcar lhe mandou fazer sinal que não desembarcasse. E logo os imigos cuydando que queria desembarcar lhe tirarã muytas bombardadas, e acodirã muitos á praya. e Eitor da silueira polo sinal q lhe foy feito se deixou estar ate que foy noyte: e então mãdou disparar sua artelharia assi da galeota em que hia como da carauela: e pos se ás bombardadas cõ os imigos / pera q com isso perdessem ho tento dos paraós / que entre tãto partirão pera terra / e forãse dereytos á coiraça, onde os dõ João estaua esperando, acompanhado d quarenta homẽs: e os paraós forã descarregados / de bizcoyto, carne pescado em jarras / cocos / e outros mantimentos necessarios / e poluora d bõbarda e despingarda.

E sabẽdo dom João ho socorro q̃ lhe ya/ ꝛ como ho gouernador se fazia prestes pera ir logo, mãdou dizer a Eytor da silueira que não tinha necessidade de mais gente que a que estaua na fortaleza pera se defender ate a vinda do gouernador. E toda aquela noite se gastou em se recolherem os mantimentos/ ꝛ em bõbardadas ꝛ espingardadas. E porque não era necessario estar ali mais Eytor da silueira tornouse ao outro dia pera Cananor. E dom João por quebrar ho coração aos imigos conuidou Bastião cõ tres postas de carne de salmoeira/ ꝛ tres molhos de betele fresco que lhe mandou deitar do muro. E Bastião muyto espantado de as ver, as mostrou aos imigos que ficarã muy tristes: ꝛ então conhecerão q̃ dom João fora socorrido com mãtimentos: ꝛ ate li não cuydauão se não que Eytor da silueira não desembarcara por não se atreuer: ꝛ estauão por isso muyto ledos: ꝛ conhecendo que os da fortaleza estauão abastados de mantimẽtos desesperarão de os poderem tomar/ porque cuydauão que a fome os auia de fazer ẽtregar/ que bẽ sabião pelos naires que seruião na feitoria que não tinhão mais q̃ arroz. E se não fora por eles nũca ho souberão, porq̃ dom João teue sempre tam boa vigia na fortaleza/ que nũca nenhũ escrauo lhe pode fugir pera os imigos. E partido Eytor da silueira ja na fim de Setembro chegou Francisco pereira pestana no galeão, que com achar ho vẽto por dauante ꝛ os mares muyto grossos se ouuera de perder/ ꝛ esteue muytos dias surto na foz do rio d Chatuá, que se isso não fora perderase: ꝛ chegado ele a Calicut surgio dẽfora do arrecife pera esperar pelos outros capitães/ que cuydou que fossem ter coele, ꝛ entre tanto como foy noyte mandou ho paraó do galeão a terra com mantimentos, ꝛ muniçoẽs, cuydando q̃ dom João estaua em necessidade deles. E sabendo dom João como ho paraó ya, por fazer luar muyto claro ho foy receber a coiraça, a que logo acodirão os immigos: ꝛ sobre ho desembarcar do paraó foy hũa braua peleja, em que forão mortos cinco Portugueses: ꝛ dom João foy ferido de hũa espingardada ẽ hũa perna: ꝛ com tudo ho paraó foy descarregado, ꝛ se tornou pera ho galeão, com recado a Francisco pereyra que não desembarcasse, porque como não fossem quinhentos homẽs juntos, era escusado desembarcar outra gente. E dos immigos morrerão nesta peleja algũs: ꝛ forão feridos tantos das nossas espingardas/ ꝛ queimados de panelas de poluora/ que lhes cõueo afastarense. E dom João se recolheo á fortaleza desapressado deles: ꝛ então se achou tão manco da ferida q̃ tinha (que ate li não sentira com a furia do pelejar) que foy necessario leualo Jorge de lima ás costas/ ꝛ foylhe necessario deitarse na cama porque a ferida não podia sarar em pé/ ho que ele sentio muyto por ser em tal tempo/ ꝛ pola necessidade que tinha se deitou.

¶ Capit.cxviij. De como os immigos tomarão o paraó do galeão com a carrega que leuaua. E de como cuydãdo el rey de Calicut q̃ dom João era morto ho mandou saber.

Dali a tres ou quatro dias tornou Frãcisco pereyra a mandar ho paraó a terra com outra barcada/ ꝛ mãdou ho pola sesta/ parecendolhe q̃ era tempo de menos perigo porque estarião então os immigos assessegados/ ꝛ não acodirião por lhes parecer que não iria a tal tempo, ꝛ forão nele cinco marinheiros Portugueses pera ho remarem. E não esperãdo os da fortaleza por ele a tais horas não ho virão/ ꝛ os immigos si: ꝛ vẽdo ho perto de terra/ ꝛ não sintindo reboliço na coiraça como das outras vezes, foyse hũ dos seus capitães com algũs deles meter na coiraça/ pera q̃ em ho paraó chegando ho apanhassem. E a vigia da coiraça começou de bradar que entrauão os imigos nela, ao que acodirão dom Vasco de lima ꝛ Jorge de lima com sessenta homẽs, mas antes que chegassẽ chegou ho paraó/ ꝛ os imigos ho apanharão logo/ ꝛ ho leuarã carregado pera diante das suas estãcias cõ os cinco marinheiros q̃ hião nele/ hũs mortos ꝛ outros feridos: ꝛ ho capitão que digo cõ muytos dos imigos se pos coeles á porta da coyraça quando a vio abrir pera defender a dom Vasco ꝛ aos outros que não sayssem, ꝛ foy sobrisso hũa muy ferida peleja. E dom João q̃ ouuio a grita chamou pera saber o q̃ era/ ꝛ não lhe respondeo mays que hũa escraua/ que lhe disse o que era, ꝛ q̃ os imigos erão muytos. O que ele ouuindo não se pode ter que não se leuantasse ꝛ assentouse a hũa genela de grades de ferro, donde via a peleja que era debaixo. E quando vio q̃ não podia acodir começou de tirar aos imigos com duas espingardas que lhe a escraua atacaua, ꝛ em quãto lhe ceuaua hũa tiraua com a outra. E dali matou bẽ trinta dos immigos em quanto durou a peleja, porq̃ os tinha a tiro/ ꝛ tiraua a saluo. E dom Vasco matou nesta peleja ho capitão dos imigos/ passandolhe ho escudo com hũa lança, ꝛ a ele por derradeiro, ꝛ cayo morto. E com sua morte se desbaratarão os immigos. E dom Vasco se recolheo indo Jorge de lima ferido de hũa espingardada que lhe leuou a coroa do capacete: ꝛ ho mesmo capacete o ferio hũ pouco sobre hũ olho. E eles recolhidos dom João se tornou a deitar: ꝛ a perna se lhe agrauou de maneira que lhe ouuerão de saltar herpes nela. E por Francisco pereyra não ter paraó não mandou mais nada a fortaleza/ ꝛ deyxouse estar: E os immigos fizerão grandes alegrias pola tomada do paraó: ꝛ dali tornarão a ter esperança q̃ tomarião a fortaleza, ꝛ combatiãna brauamente: ꝛ mais por crerem que dõ João era morto, porque como Bastião falaua muytas vezes coele achauao menos. E preguntando por ele, foy lhe dito que estaua ferido: o q̃ ele cõtou a el rey de Calicut ꝛ aos mouros q̃ forã coisso muy alegres:

porque crerão que dõ João era mor to: ꝛ os seus polo encobrirẽ dezião que estaua ferido. E pera saberem a verdade disto disserão a Bastião q̃ lhe mandasse pedir licença pera ho ir ver. E dom João quando lha ele mandou pedir lhe pareceo logo o q̃ era/ ꝛ por tirar aquela sospeita lha deu: ꝛ quando vio Bastião lhe disse o que entẽdia de sua visitação, escõ jurandoo muyto que lhe dissesse a verdade: ꝛ ele lha disse/ ꝛ que el rey de Calicut lhe queria tamanho mal que nenhũa cousa desejaua mais q̃ matalo/ por se auer por muyto inju riado dele por se lhe defender tanto tempo com tam pouca gente, tendo ele tamanho poder. E dom João ro gou muyto a Bastião que lhe disses se, que posto q̃ ele morresse/ que ca da hũ dos que estauão na fortaleza erão pera serem capitães ꝛ sabião da guerra mais que ele/ ꝛ lhe auião de fazer mais mal do q̃ lhe ele tinha feyto: porisso que não ganhaua na da em sua morte. E porẽ que se a tã to desejaua que cõbatesse em pessoa a fortaleza: ꝛ poderia ser q̃ cõ seu fa uor a entrarião os seus mouros de que fazia grãde cabedal/ ꝛ q̃ ho ma tarião: porq̃ lhe certificaua q̃ ho a uião dachar na dianteira pera o to mar viuo ꝛ ho mandar preso a el rey de Portugal pa lá pagar suas trey ções ꝛ maldades. E porẽ que pois não auia dousar de cõbater em pes soa a fortaleza que lhe rogaua q̃ não fugisse pera o sertão/ porq̃ ele ho mã daria buscar á cidade com a artelha ria. E dom João trabalhou muyto cõ Bastião que se tornasse pera nos so senhor/ ꝛ que ele ho leuaria pera Portugal ꝛ lhe aueria perdão del rey, ꝛ ele não quis. E dandolhe dõ João de vestir ho despedio.

¶ Capit. cxix. De como os imigos quiserão queymar hum baluarte de madeira da fortaleza ꝛ não po derão.

Bastião se foy logo a el rey de Calicut, ꝛ lhe contou como achara dom João ꝛ deulhe ho seu recado cõ o que el rey se indinou muyto mais contra ele, ꝛ fazia combater a fortale za de dia ꝛ de noyte que nunca dom João nem outros tinhão nenhũ re pouso ꝛ leuauão muyto trabalho. E hũa noyte poserão os immigos fogo ao baluarte de madeyra porq̃ lhes impidia chegarem á porta da fortaleza. Dõ Vasco de lima q̃ ser uia de capitão acodio logo cõ gẽte ao baluarte pera matar ho fogo/ ꝛ os immigos lho defendião, sobre o que se começou antreles hũa braua peleja. E dom João que soube o q̃ passaua posto que estaua ferido/ mã douse leuar ao baluarte ainda que contra vontade de todos/ porque receou que ardesse ho baluarte/ a que mandou logo leuar muyta ter ra pera apagar ho fogo porque cõ a goa não podia ser, nem os Portu gueses tinhão muyto lugar pera o apagarem pola dura resistẽcia q̃ lhe os immigos fazião/ ꝛ ho fogo se ya embrauecendo de cada vez mais. E estando os Portugueses nesta fa diga quis lhe nosso senhor Jesu Christo acodir com chegar naque la hora Eytor da silueira, q̃ estãdo

em Cananor por capitão como dis-se em ausencia de dom Simão de meneses, desaueose dom Simão em Cochim do gouernador/ & nã quis mais andar coele & tornouse pera sua capitania. E vendo Eytor da silueira que não fazia nada em Cananor/ pareceolhe bem ir goardar ho porto de Calicut pera fauorecer a fortaleza, & esperaria hi ho gouernador q̃ sabia que estaua de caminho, & embarcouse na galeota de Francisco de vasconcelos, & leuou consigo a carauela & algũs paraós/ & do mar vio ho fogo q̃ estaua aceso no baluarte: & conhecendo que era na fortaleza, chegouse a terra o mais q̃ pode / & começou de desparar sua artelharia com q̃ fazia grande estrõdo. E ouuindo ho os immigos tão de supito cuydarão que era ho gouernador por terem auiso dos mouros de Cochim que era ja partido pera Calicut em socorro da fortaleza. E com ho aluoroço desta sospeita acodirão logo á praya, não somẽte os immigos q̃ defendião que não apagassẽ os Portugueses ho fogo do baluarte, mas outros muytos de todas as estancias. E como os Portugueses q̃ pelejauão forão desapressados da peleja / apagarão logo ho fogo: & os imigos esteuerã toda a noyte em vigia, cuydando q̃ os Portugueses q̃ estauão no mar desembarcassem, mas nẽ então nem despois não o desembarcarão, por recado de dom João quelhe mandou lãçar hũa carta ẽ quelho escreuia. E ao outro dia a noyte Eytor da silueira se pos com todos os nauios a tirar ás bombardadas aos immigos/ & entre tanto mãdou muytos mantimentos, & poluora á fortaleza pela coiraça. E escreueo a dom João que ho gouernador se ficaua aparelhando pera ho socorrer/ & por isso se não auia dir dali, & auia desperar por ele/ q̃ se se visse em necessidade de gente quelho mandasse dizer & que logo desembarcaria. E dali a poucos dias chegou Pero de faria que ya por capitão mór de hũa frota de fustas q̃ partio de Goa em socorro da fortaleza em que yão muytos casados de Goa á sua custa a seruir el rey, que como souberão do cerco posto q̃ erã inuerno pedirã embarcação a Francisco de sá & partirão q̃si na fim de Julho, & por ho tempo ser muyto forte não chegarã mais cedo. E com a armada de Pero de faria se ajuntou no arrecife de Calicut hũa arrezoada armada, cõ que os mouros se agastauão muyto porque vião que daquela vez nã poderião tomar a fortaleza/ a q̃ amiudauão muyto os combates: mas ja os que estauão nela os não tinhão em conta: & tambem lhes tirauão muytas bombardadas/ & assi os q̃ estauão no porto com que os immigos estauão muy afrontados, & os mouros muyto agastados & enuergonhados de quão pouco tinhão feyto naquele cerco. E el rey de Calicut muyto corrido por tomar seu conselho: & cõ tudo apercebeose pera receber ho gouernador.

Capit. cxx. De como ho gouernador socorreo a fortaleza de Calicut/ & do conselho que teue sobre pelejar com os mouros.

SAbendo ho gouernador quão bẽ socorrido fora dõ João de lima/ descãsou algũ tãto do cuydado q̃ tinha de saber q̃ estaua cercado/ ⁊ dos cõbates q̃ lhe dauão os imigos. E determinou d' ho nã yr socorrer se não com tempo feyto/ porque fosse com toda a armada q̃ tinha/ ⁊ tão poderoso como conuinha ao gouernador da India, ho que não podia ser sem dar ho mar jazigo, porque não ho dando chegaria a Calicut com a armada espedaçada ⁊ sem nenhũ poder, ho que pera ho tempo era muy perjudicial: por el rey de Calicut estar muyto poderoso/ ⁊ os mouros cõ grã de soberba, ⁊ se vissem ho gouernador com pequena armada não ho terião em conta: ⁊ com grande ⁊ bẽ fornecida de gente ⁊ dartelharia acrecẽtarselheya ho medo que dãtes tinhão dele. E porque ele isto sabia partio na entrada Doutubro, em que ja ho mar estaua seguro dos cõtrastes do inuerno: ⁊ leuou hũa armada em que forão mil ⁊ nouecẽtos Portugueses. E os prĩcipais capitães forão dom Jorge de meneses, dom Jorge telo de meneses, dom Tristão de noronha, dõ Afõso de meneses, dõ Pedro de castelo branco, João d' melo da silua, dom diogo d' lyma Antonio da silueira, Manuel de macedo/ Anrrique de macedo, dõ Jorge de crastro/ Jorge cabral/ Antonio dazeuedo irmão d' Martim lopez dazeuedo senhor d' Caures, Duarte dafõseca, Fernão gomez de lemos/ Antonio da silua, Antonio de lemos, Jorge d' vascõcelos, Antonio pessoa, Rodrigo aranha, ⁊ outros capitais d' catures a q̃ não soube os nomes. E coesta armada chegou ho gouernador ao porto de Calicut meado Outubro por chegar cõ a frota jũta. E quando vio a q̃ estaua no porto, ficou muyto ledo de ver ho bõ cuydado dos Portugueses no q̃ cõpria a seruiço del rey. E foy ho arroido grãdissimo da artelharia da frota q̃ estaua no porto que saluou ho gouernador, como da sua q̃ saluou ela/ ⁊ assi grãde festa de gritas/ ⁊ de muytas trõbetas: q̃ foy tãto q̃ cuydarã os imigos q̃ ho gouernador desẽbarcaua: ⁊ acodirão á praya: fazẽdo jugar a artelharia q̃ estaua pera ho mar. E os Portugueses tãbẽ lhes tirarão/ ⁊ nisto se passou hũ pedaço q̃ estaua por passar daq̃le dia: ⁊ ao outro dia ẽamanhecẽdo por ho grãde poder q̃ estaua sobre a fortaleza, a cõbaterão os imigos cõ toda a artelharia q̃ tinhão, q̃ toda tirou jũtamẽte ⁊ o trabuco coela/ ⁊ passada esta primeyra çurriada, mostrarãse todos na praya/ os adargados diãte, ⁊ detras os espingardeiros ⁊ frecheiros/ apartados hũs dos outros, ⁊ assi tirarão pa ho mar cõ muyto cõcerto/ ⁊ dãdo medonhas gritas q̃ foy bẽ pera espãtar. E assi se espãtarão os Portugueses q̃ estauã no mar, de ver tãtos imigos jũtos q̃ nũca virão tãtos: ⁊ erã nouẽta mil homẽs, porq̃ posto q̃ dos primeyros nouẽta mil muitos fossẽ mortos logo se refaziã, ⁊ nũca faltauão deste numero. E ho gouernador folgou muyto de os ver porque soubesse

que soma fazião/ & deixandoos bẽ mostrar/ lhes mandau tirar quando se recolherão: & eles recolhidos tornarão a cõbater a fortaleza, & durou ho combate todo ho dia. E visto pelo gouernador a grãde força de gente que os imigos tinhão, & quão apercebidos estauão/ nem por isso perdeo ho esforço com que partira d Cochim pera pelejar cõ eles/ antes parece que se lhe acrecentou, porque isto era muyto natural nele, quanto as cousas erão de mayor perigo tanto menos as temia & desejaua mais de as cometer, & logo ao outro dia pelejara com os imigos, ho que não fez, por ho regimento que tinha del rey lhe defender que não cometesse as cousas semelhantes sem fazer cõselho geral/ & seguir a parte que teuesse mais votos. E por isso juntos ao outro dia em cõselho todos os capitaẽs & fidalgos & pessoas principais, lhes propos ho aperto ẽ que estaua a fortaleza/ & a gẽte que a tinha cercada, & quão soberbos estauão os mouros/ & a gente q̃ ele leuaua, pedindolhes seus pareceres. E forão que não se deuia de pelejar com os imigos/ porque a fora terẽ muyto demasiado poder de gente & grande força dartelharia/ em cujas bocas auião de desembarcar/ & a desembarcação era muyto roi/ por ser costa braua, & andar sempre ho mar de leuada/ pelo que auião de desembarcar a nado, & os immigos que logo auião dacodir os matarião a todos sem pelesa/ & que se perderia ho estado q̃ el rey de Portugal tinha na India, que importaua mais que aquela fortaleza: por isso que ho bom seria fazer pouco caso dela/ & despejala & deixala/ & todos quantos estauão no cõselho forão deste parecer, se nã Antonio dazeuedo/ Francisco pereyra pestana/ Eytor da silueira, Manuel de macedo, & dom João de lima, que mãdou por escrito ho seu ao gouernador: & dizião estes quatro que estauão no conselho, que nunca ho estado del rey de Portugal esteuera em tanto risco de se perder por não pelejarem como naquele negocio/ nem nunca comprira tanto pelejarem pera ho sosterem como então, & mais se perderia não pelejando que com pelejarẽ/ por quão perdido estaua ho credito dos Portugueses na India/ & quão aleuantado ho del rey de Calicut, que nunqua mais fora castigado/ despois da morte do Marichal & do desbarato da Fonio dalbuquerq̃: hũa ofensa tamanha pera Portugueses. E posto que ho não fosse por quão danificado ficara Calicut/ abastaua que os mouros tinhão q̃ era ofensa, & se então lhe deixassem passar sem castigo aquela d fazerẽ guerra á fortaleza/ & poerẽna em tamanho aperto/ que descrerião d todo dos Portugueses, & os não terião em nenhũa conta, & logo se leuantarião contra as outras fortalezas, porque verião que não perdoauão se não ho que não podiam castigar: & por isso de necessidade auião de pelejar/ pera que ao menos mostrassem que fizerão ho que poderão/ & que esperassem em nosso Senhor que os ajudaria, como

ajudar a a Duarte pacheco que tan-
tas vezes desbaratara a el rey d Ca
licut sem ter gente. E posto que a re
zão destes era muyto boa/ τ tal pa-
recia ao gouernador / não tomaua
seu parecer porque ho contrairo ti-
nha mais vozes. E por não se deter
minar de todo que não pelejassem,
leuãtou ho cõselho deixando a cou-
sa suspensa, parecẽdolhe que em ou-
tro conselho se determinaria que pe
lejassem : o que ele desejaua muyto
pera castigar os mouros / porque
auia por grande injuria sendo go-
uernador cercarem aquela fortale-
za, mas como via tantos contra si τ
não podia al fazer senã comprir ho
regimento que tinha, que era irse cõ
os mais pareceres não ousaua de se
declarar: esperando como digo que
em outro conselho ouuesse outros
pareceres nos que dizião que não
pelejassem: mas não os ouue em cin
co ou seys conselhos q̃ fez despois
deste. E todauia sempre os aleuan-
taua sem se assentar a determinação
de não pelejarem / o que não podia
acabar consigo. E neste tempo da-
uão os immigos muy brauos com-
bates á fortaleza / por darem a entẽ
der ao gouernador q̃ ho nã temião,
τ ele mandauaua cada noyte mãti-
mẽtos á fortaleza. E indo hũa noy-
te dom Jorge de meneses em hũ ba
tel carregado deles τ de duzentos
padeses de campo / em ho descarre-
gando carregarão sobrele muytos
dos immigos, tirandolhe com suas
espingardas τ com muytas rocas
τ frechas de fogo, τ era medo velas
de noyte polo escuro, τ muytos se
metião no mar com croques com q̃
puxauão pelo batel: mas como dom
Jorge era muyto esforçado liurou-
se deles com matar muytos τ leuar
feridos quantos yão coele.

¶ Capit. cxxj. De como dom João de lima deu hũ rebate no arrayal dos immigos: τ de como ho gouernador assentou de pelejar coeles

Continuandose estes
conselhos acerca de
pelejarem com os im
migos em q̃ os mais
como disse erão q̃ não
pelejassem / Antonio
dazeuedo a que parecia bem que ho
fizessem, pesaualhe muyto de ver ca
minho pera não pelejarem: porque
tinha por sem duuida que auião os
immigos de ser vencidos, τ que per
dião os Portugueses hũa muyto
grande honrra se não pelejauão. E
porque a não perdessem, escreueo a
dom João o que passaua: pedindo-
lhe muyto que se fosse possiuel desse
de dia hũ rebate nos immigos / que
esperaua em nosso senhor que auião
de fugir: τ que então veria ho gouer
nador quão errado era ho parecer
dos que dizião que não pelejasse / τ
quão bem lhe dizião os que tinhão
ho contrairo. E esta carta mandou
per hũ seu criado que foy de noyte a
nado, τ leuaua a carta metida em ce
ra por não selhe molhar. E vista es-
ta carta por dõ João / folgou muy-
to com ho conselho Dantonio daze
uedo, τ tomando ho de algũs des-
ses fidalgos que estauão coele / assen
tou de dar hũ rebate em hũa estãcia
dos imigos q̃ estaua onde se chama

a China cota da banda do sul em q̃ auia menos gente que nas outras: ⁊ ordenou que hũ fidalgo chamado Jorge de Uasconcelos que fora cõ ho gouernador ⁊ estaua coele/ desse ao outro dia pola sesta na estancia q̃ digo cõ cincoenta espingardeyros, ⁊ se tornasse logo a recolher: ⁊ q̃ ele lhe iria nas costas pera lhe acodir. O que foy feyto ao outro dia ás horas que digo: ⁊ entre tãto que Jorge de vasconcelos ya dar naquela estancia/ mandou dom João aos q̃ ficauão na fortaleza q̃ tirassem espingardadas ás outras: porq̃ ocupados os immigos nisso não sintissem Jorge de vasconcelos quando desse nos que auia de dar, ⁊ não lhe acodisse: ⁊ assi foy. E como ele era muyto esforçado, ⁊ os que yão coele escolhidos ferirão muy brauamẽte nos immigos com suas espingardas, ⁊ como se virão cometer tão rijo ⁊ assi tão de supito forão tão cortados do medo que logo se acolherão ⁊ deixarão a estancia ficando algũs mortos, ⁊ nela tomarão os Portugueses tres berços ⁊ hũa bombarda: ⁊ ho primeyro que chegou a ela foy hũ fidalgo mancebo chamado Belchior de brito da cidade de Beja/ que saltãdo sobrela começou de bradar. Amores/ amores. E tomando os Portugueses estas quatro peças pera as leuarem fizerão os immigos volta sobreles com outros que logo acodirão tirãdo muytas espingardadas ⁊ rocas de fogo ⁊ dando grandes alaridos. E se a este tempo dom João não esteuera cõ Jorge de vasconcelos que se ya recolhẽdo/ ele se vira em grande afrõta, porque os imigos carregauão muyto, ⁊ hũa espingardada deu por hũ ombro a dõ João: ⁊ quis Deos que não lhe fez mais mal q̃ leuarlhe quãto lhe alcançou do corçolete, ⁊ outras matarão ho almoxarife dos mantimentos da fortaleza que auia nome Jorge diaz ⁊ hũ amo de dom Diogo de lima. E ja neste tempo a artelharia da fortaleza desparaua polas outras partes, ⁊ era a grita muy grande: ⁊ nisto se recolheo dõ João com algũs feridos. E ho gouernador que vio o que dom João fez folgou muyto, porque vio com quão pouca cousa os immigos se começarão de desbaratar/ ⁊ q̃ se fora mais força de gente q̃ se desbaratarão de todo: ⁊ gabou muyto aquele rebate/ dizendo q̃ bem vião todos que se podia pelejar com os imigos ⁊ por isso q̃ ele auia de pelejar. Do q̃ todos os que erão contra isso ficarão muyto corridos: ⁊ na noyte seguinte escreueo muytos agardecimentos a dõ João pelo que fizera/ ⁊ assi aos q̃ sayrão: dizẽdo que lhes parecerão todos muyto gentis homẽs/ ⁊ que lhe mãdasse dizer se lhe parecia ainda bem q̃ pelejassem cõ os imigos/ porq̃ ele determinaua de pelejar coeles: por isso que lhe mãdasse algũ homẽ que lhe disesse onde desembarcasse. E dom João lhe respondeo/ que ainda lhe parecia bẽ que pelejassem, ⁊ q̃ nũca outra cousa diria. E ho homem q̃ lhe mãdou foy Jorge de lima que lho pedio, ⁊ foy em hũa almadia remãdo ho hũ marinheiro que chamauão ho Guisado/ ⁊ a almadia foy arrõbada cõ hũ tiro dos imigos q̃ toda a noyte

tirauão/porq̃ pescassem os q̃ fossẽ a fortaleza, & arrõbada a almadia Jorge de lima & ho marinheiro forão a nado: & chegados á frota foy Jorge de lima leuado ao galeão do gouernador, que toda a noite esteue falando coele/ enformandose do poder dos imigos, & assi do que passara no cerco. E ele lhe deu tão boa enformação/ que ho gouernador assentou d' todo de pelejar. E ao outro dia logo pela menhaã chamou a cõselho, não pera tomar mais pareceres, mas pera declarar a todos como auia de pelejar cõ os imigos E porque os q̃ erão de parecer contrairo não ficassem descontẽtes disselhes estando todos juntos.

¶ Como quer q̃ muytas vezes ho nosso juyzo se engana/ & julga por falso o verdadeiro & a verdade por mentira: acontece outras tãtas fazermos obras muy desuiadas de nossa tenção/ pelo q̃ esta deue sempre de ser posta na vontade de nosso senhor, pera q̃ por sua misericordia guie ho efeito dela a seu seruiço & por isso pus sempre neste negocio d' pelejarmos cõ os imigos minha tenção, na vontade daquele deos eterno todo poderoso, pedindolhe que ordenasse tudo como fosse mais seu seruiço: & tendo nele esta esperãça estiue tantos dias sem me declarar se tomaria vossos pareceres de não pelejar com os imigos: que como ley pelo que vi & ouui q̃ soys todos de muy assinada valẽtia, & vos achastes em feytos muy façanhosos/ a que cõ sobrenatural esforço destes marauilhoso fim, receaua muyto de não tomar vossos pareceres/ crendo que pois erão q̃ não pelejassemos, que vos mouia a isso licita causa. E por outra parte pesando bẽ as causas que vos podiã mouer/ que me não satisfazião pera deixarmos de pelejar/ pareciame que como ho vosso parecer era humano/ que se enganaua, porq̃ se vos fundaueis em serẽ os imigos muytos & nos poucos: por muyto menos que nos quis nosso senhor que se ouuessem na India & fora de la de quasi tãtos mouros & tambẽ apercebidos como estes/ tantas & tã famosas vitorias como sabeis: & por isso volas não lẽbro. E de crer he que pois nos pelejamos por exalçamento de sua sancta fé, que assi nos ajudará como aos passados/ & tendo esta fé de vencermos fica tirado ho receo de sermos vencidos & de se perder ho estado da India. Assi que parecendome que vos enganaueis em vossos pareceres, esperey tantos dias a ver se me mostraua nosso señor ser isto assi/ & ele seja louuado que lhe aprouue d' mo mostrar em os imigos fugirẽ ontẽ tão asinha com ho rebate que lhes deu dom João. E quãdo tam poucos & sem ordẽ os fizerã fugir: que faremos nos todos postos em ordẽ, & cõ a esperança em nosso señor que os auemos de vencer: certifico uos da sua parte/ q̃ ainda ey estes por poucos pera os vencermos/ & que em nos vendo lhes auemos de parecer muytos mais do que eles sam. Porisso senhores peçouos q̃ vos pareça bẽ pelejarmos/ porq̃ eu nisso estou. ¶ E vendo os q̃ erão de parecer q̃ não pelejassem, sua võ

tade, disserão todos que pelejassem pois lhe parecia bẽ. E dandolhe ho gouernador por isso muytos agar-decimentos/ assentou com ho parecer de dom João de lima que Eytor da silueira se metesse na fortaleza cõ trezentos homẽs escolhidos: ⁊ despois de metidos logo na noyte seguinte darião nos imigos ao quarto dalua, ⁊ no começo dele se farião na gauia da capitania q̃tro fogos ẽ cruz ⁊ tiraria hũa bõbarda grossa/ ⁊ despois se farião tres fogos pera que soubessem na fortaleza que mouia o gouernador pera terra. E em acabando os fogos tocarião hũa trombeta no baluarte de madeyra, cuja porta estaria desatupida pera sayr logo Fernão de morais cõ vinte cõpanheiros escolhidos ⁊ todos com panelas de poluora que deitarião na estancia do trabuco pera queymarem os immigos, ⁊ acodirẽ os outros ali: ⁊ no mesmo instante sayria Eytor da silueira/ que com os trezentos que leuara de refresco estaria na coiraça ⁊ daria nas estãcias da banda do sul. E tambem dõ João de lima com a gente da fortaleza que daria pola banda do norte: ⁊ ho gouernador ficaua da banda do este/ ⁊ pera a de leste auia de jugar a artelharia da fortaleza.

¶ Capit. cxxij. De como ho gouernador pelejou com os immigos q̃ tinhão cercada a fortaleza de Calicut ⁊ os venceo.

Isto assentado como foy noyte mãdou ho gouernador a algũs capitães q̃ chegassem os seus nauios a terra ho mais que podessem, ⁊ que tirassem com sua artelharia, porque impedissem aos immigos q̃ não acodissem sobre Eytor da silueira quando desembarcasse. E entretanto q̃ a artelharia desparaua desembarcou ele com cento ⁊ cincoẽta homẽs: q̃ não quis ho gouernador que fossem aquela noyte mais/ porque se deteuessem menos em se meter na fortaleza/ ⁊ entrassem mais sem perigo. E sintindo os imigos a gente que desembarcaua, ⁊ que lhe não podião resistir por amor da artelharia desparárão tambem a sua, ⁊ tirarão muytas espingardadas cõ que não fizerão nada. E Eytor da silueira se meteo na fortaleza cõ os que yão coele sem perigo/ ⁊ na noyte seguinte desembarcarão outros cẽto ⁊ cincoẽta homẽs, cujo capitão foy dõ Diogo de lima, ⁊ ẽtrarão na fortaleza pela mesma maneyra que os outros. E vẽdo os mouros quantos dias auia que ho gouernador estaua no porto sem desembarcar pera pelejar coeles: ⁊ que no cabo deles mandaua recolher aq̃la gente na fortaleza/ pareceolhes que era pera se ir/ ⁊ que não ousaua de pelejar coeles, ⁊ assi ho disserão a el rey de Calicut, ⁊ lho fizerão crer/ dandolhe pera isso as melhores rezões que podião: ⁊ gabauanse que auião de tomar a fortaleza como se ho gouernador fosse por mais gẽte que deixasse nela/ ⁊ ensoberbecianse tanto como que ho teuessem feyto. E metidos estes trezentos homẽs que digo, logo na noyte seguinte q̃ foy a de vespera de todos os sãtos: os Portugueses assi na fortaleza co

mo na frota se aperceberão pera ho feyto que esperauão de fazer ẽcomẽdandose todos a nosso senhor. E começando ho quarto dalua/ foy feyto ho primeyro sinal na gauia da capitayna/com que Fernão de morais ꝛ Eytor da silueira se poserão cõ sua gente nos lugares que lhes erão assinados:ꝛ ao segundo sinal começou ho gouernador dabalar pera terra a boga surda com mil ꝛ seys centos homẽs que leuaua de q̃ deu a dianteira a dõ Jorge de meneses filho de dõ Rodrigo de meneses / ꝛ a dom Jorge telo filho de dõ João telo ambos muyto esforçados caualeyros,ꝛ leuaua cada hũ a seu cargo sessenta homẽs com panelas de poluora pera queymarem os imigos ꝛ os embaraçarẽ coisso. E com ho gouernador yão todos esses capitães ꝛ fidalgos da frota acompanhãdo a bandeira real. E tãto q̃ ho segũdo sinal (que declaraua abalar ho gouernador pera terra) foy visto na fortaleza,mandou dom João tocar hũa trõbeta no baluarte de madeira em que os imigos não atẽtarão porque quasi toda a noyte na fortaleza tangião trombetas por festa, ꝛ estauão todos bẽ descuydados de ho gouernador os cometer tão de verdade/nem esperauão por mais que polos rebates que lhes dom João daua algũas noytes. E estãdo coeste descuydo/em começando de se tãger a trombeta que digo sae Fernão de morais cõ os vinte das panelas de poluora do baluarte:ꝛ remetendo á estancia do trabuco arremessam as panelas sobre os imigos que cansados da vigia da noyte passada começauão de dormir. E ho fogo que supitamente se acendeo ꝛ os começou de queymar/os fez acordar tão fora de si que começarão logo de fugir/ꝛ mais começando Eytor da silueira de os ferir com a sua gẽte,q̃ assi como Fernão de morais sayo sayo ele tambẽ dando os seus grandes gritas. E dõ João cõ a gẽte q̃ tinha na fortaleza deu por outra parte cõ muyto grande impeto despingardadas ꝛ grande matinada de gritas q̃ desatinauão os immigos/q̃ logo fugirão das estancias em q̃ estauão:porẽ os outros q̃ estauão alojados nas cauas sintido ho arroido que ya acodião cuydando q̃ não fosse mais q̃ algũ rebate q̃ dõ João daua como das outras vezes ꝛ q̃ ho farião recolher:mas os Portugueses q̃ não esperauão de ho fazer ate os imigos não serẽ de todo desbaratados, resistirão como homẽs que esperauão de leuar auãte sua determinação. E nisto desembarcou ho gouernador com grande arroido de trombetas ꝛ de gritas q̃ fazião mostra de serẽ mais gente do q̃ era a dos imigos:ꝛ eles assi ho cuydarão principalmẽte despois q̃ ambos os dõ Jorges desembarcarão/q̃ com os das panelas de poluora remeterão ás cauas ꝛ derã coelas dẽtro cõ que se acendeo hũ supito ꝛ espãtoso fogo antre os imigos de q̃ muytos forão queymados. E em se este fogo acendendo chega ho gouernador com ho corpo da gẽte ꝛ começão as espingardadas de desparar,ꝛ todo outro genero darmas dos Portugueses de fazerẽ suas obras/com q̃ os imigos ficarão desa

tinados porque virão que aquilo era mais que rebate, & que os cometião de verdade o que eles não esperauão: & como se vião queymar do fogo/ & atrauessar das espingardadas & ferir de lançadas/ & de cutiladas: hũs desatinauão & fugião/ outros queriã resistir aos Portugueses, & tudo era cheo de gritas, de feridas & de mortes. E era espantosa cousa de ver como tudo andaua baralhado: & sobre tudo ver ho grãde milagre que nosso senhor queria fazer em tão poucos Portugueses vencerem tantos milhares de mouros q̃ estauão tão apercebidos de munições pera os destruirẽ: & q̃ esquecidos disso fugião, & querião antes morrer fugindo q̃ vencer pelejãdo. E os Portugueses q̃ viã a grã demerce q̃ lhes nosso senhor fazia/ sabiãse muyto bẽ aproueitar dela, não perdẽdo momẽto sem ferirẽ & matarẽ tantos dos imigos q̃ era espanto fazendo neles medonha destruyção, principalmente hũs poucos q̃ trazião espadas dambas as mãos, em q̃ entrauão Jorge de lima dõ Vasco de lima, dõ João de lima ho moço seu irmão, Antonio de sa, & Ruy de melo seu irmão, dõ Jorge de meneses, Fernão de morais, Belchior de brito & outros a que nã soube os nomes que estes despejauão brauamente os immigos por onde quer que chegauão fendẽdo hũs pelo meyo ao comprido, & fazendo os em duas partes ao trauês / & a outros cortando braços / decepando pernas, & apartãdolhes as cabeças dos corpos: o que era causa de lhes parecer que os Portugueses não erão homẽs senão diabos q̃ erã ali vindos pera sua total destruyção/ q̃ assi fugião deles & despejauão as cauas onde era toda esta peleja. E seguindo os Portugueses sua vitoria, vio dom Jorge de meneses pola caua a diante hũ magote dos imigos que tinhão cercado hũ Portugues que se adiantara dos outros: & temendo que ho matassem acodio lhe corrẽdo/ pelo q̃ ho não seguirão mais de dous Portugueses. E ele com a espada dambas as mãos que leuaua ferio nos imigos que se afastarão & ho Portugues ficou liure. E recolhẽdose dõ Jorge coele pera os outros que ficauão atras virarão os immigos sobrele tão de supito, ferindo ho muy torijo, & cercãdo ho de modo que não se pode seruir da espada dambas as mãos, & com hũa adaga se defendia dos imigos/ que apertãdo muyto coele ho ferirão no rosto & em hũa mão de q̃ despois ficou aleijado. E nisto ho deixarão dous dos tres Portugueses que estauão coele fugindo com medo de ho verem assi apertado, & o que ficou auia nome Baltesar fernãdez criado de dõ Antão capitão de Lisboa, que nunca se apartou de jũto de dõ Jorge ajudando ho quãto podia. Porẽ dom Jorge não se cõtẽtando de sua ajuda lhe pedio a sua espada & tomandoa começou de ferir os imigos cõ tã brauo impeto q̃ os fez afastar/ & não tardou muyto q̃ não fugirão por acodirem outros Portugueses a dõ Jorge q̃ nunca deixou de pelejar cõ quãto estaua ferido, & por seu grande esforço/ & de todos os outros Portugueses: de

q̃ não ouue nenhũ q̃ aquele dia não fizesse cousas muyto assinadas. E sobre tudo pola immensa bondade de nosso señor forão os imigos deitados das cauas fugindo muy torpemẽte. E não parando fora das cauas acõpanhados ainda do medo q̃ tinhão / se espalharão acolhendose hũs por esses palmares ꝛ outros aa cidade ficando bẽ dous mil mortos a fora os q̃ despois morrerão das feridas: ꝛ dos Portugueses forão mortos corenta ꝛ feridos duzẽtos ꝛ cincoenta: ꝛ eles estauão tão encarniçados nos imigos q̃ os quiserão seguir ꝛ ẽtrar na cidade. O q̃ ho gouernador não quis por conhecer os Portugueses por desmãdados / ꝛ recearse de quererem roubar a cidade despois de serẽ nela, ꝛ os imigos tornarẽ sobreles / ꝛ acõtecerlhe outra tal como ao Marichal, ꝛ por isso não quis: q̃ se isso não fora daq̃la vez podera ser a cidade toda queimada. E ho gouernador se contentou cõ decercar a fortaleza / ꝛ desbaratar tamanha força de gẽte como ali estaua. E assi foy este hũ dos mayores feytos darmas q̃ se fizerão na India / porq̃ nũca em outro nenhũ se ajũtarão tantos imigos / ꝛ tãbẽ apercebidos como aq̃les estauão. E coesta vitoria ficou elrey de Calicut ẽ todo desacreditado. ꝛ os reys da India se meterão todos por dentro cõ medo do gouernador / a quẽ dali por diãte teuerão em muyto grãde conta. E soou tanto a fama desta vitoria q̃ foy ter ao turco, q̃ ficou muy espãtado: porq̃ tinha por muyto poderoso a el rey de Calicut / ꝛ mais sabendo a muyta gente que tinha.

Capit. cxxiij. De como ho gouernador mandou despejar ꝛ derribar a fortaleza de Calicut.

Adas muytas graças a nosso senhor pelo gouernador por esta tão milagrosa vitoria: ꝛ assi muytos agardecimẽtos a esses principais por quão bẽ ho fizerão contra os imigos, alojou sua gente ao derrador da fortaleza: porq̃ era sua determinação derribala pera o q̃ se auia de deter algũs dias. E a causa de a querer derribar era porq̃ lhe não parecia seruiço del Rey auer fortaleza ẽ Calicut estãdo el rey de guerra, ꝛ q̃ a gente que esteuesse nela estaua ẽ muyta auẽtura de a leuarẽ os imigos hũ dia nas mãos. E sobre tudo ter assentado consigo / de no cabo daq̃le verão ir á boca do mar roxo esperar os rumes, q̃ tinha por noua certa q̃ estauão de caminho pera a India, ꝛ podião vir a quinze de Mayo ou na fim Dabril: ꝛ queria ir lá pera inuernar ẽ Mazcate, por q̃ não vindo os rumes na moução Dabril ꝛ de Mayo, poderião ir na Dagosto ꝛ de Setembro / em q̃ ele esperaua de ser na põta de Diu que eles auião de ir demandar ꝛ pelejar coeles antes q̃ entrassem em Diu, ꝛ por isto era necessario ir inuernar a Mazcate / porq̃ inuernando na India não podia sayr em Agosto ꝛ chegar a Diu em Setẽbro por amor do tempo q̃ era contrairo / ꝛ quãdo nã ouuesse rumes fazia cõta de tomar Diu antes q̃ os mercadores ꝛ gente estrangeira que ho podião defẽder chegassem: porq̃ era certificado que

antes de chegarẽ ho podia tomar por estar em desposição pera isso. E porque pera esta empresa lhe fazia muyto peso ficar fortaleza em Calicut ficando de guerra/ e muyto mais ficando de paz/ porque sabia a pouca verdade del rey queria ele derribar aquela fortaleza/ ho que não disse a pessoa nenhũa. e fingindo que esperaua que el rey de Calicut lhe cometesse pazes se detinha/ e porq̃ se entre tanto os mouros corressem á fortaleza como era certo correrem, se alojou com sua gente ao derredor da fortaleza/ pera que estando alí/ esteuesse mays prestes pera lhes resistir se viessem/ e fortaleceo suas estancias, com a artelharia que tomou aos immigos: que toda lhes ficou em seu poder quanta tinhão. E vendo eles como ho gouernador se alojara ao derredor da fortaleza, se ajuntarão todos os espingardeiros/ e forão dar sobrele cuydãdo de lhe fazer dano: e por detras de hũas balsas onde se punhão, tirauão muytas espingardadas aos Portugueses/ e assi por detras de valos donde os perseguião/ e não lhes aproueitaua tirarem aos immigos porque estauão ẽparados, E vendo ho gouernador a opressã que os Portugueses recebião, determinou de derribar os valos e balsas com que se os immigos emparauão/ e assi ho fez: e ele mesmo foy a isso em pessoa / e foy ho primeyro que começou de cortar as balses com sua espada sem temor das espingardadas que os immigos tirauão/ e logo se todos chegarão/ e acabarão de as decepar e derribarão os valos: e os immigos fugirão, e nũca mais ousarão de tornar. E como el rey de Calicut via isto, e estaua muyto quebrado/ e via que por mal não se podia vingar dos Portugueses, mãdou pedir paz ao gouernador, offrecendose a pagar todas as despessas q̃ forão feytas naquela guerra, e que daria todos os paraós que auia no reyno de Calicut/ e toda a artelharia. E ho gouernador q̃ tinha a determinação que disse / e queria derribar a fortaleza buscou maneira pera el rey de Calicut não fazer a paz: e pediolhe mais que lhe auia dentregar ho Arel de Porquá / que sendo amigo dos Portugueses sem causa se leuantara, e lançara cõ el rey de Calicut e ho ajudara naquela guerra. E por el rey de Calicut ho não querer ẽtregar, dizendo que ya contra seu costume, não quis ho gouernador conceder a paz / e despois disso estando em conselho com todos esses capitães e fidalgos, e pessoas principaes, lhes propos que el rey de Calicut não queria coele pazes/ e pera terem coele guerra lhe parecia que não era seruiço del rey seu senhor estar fortaleza em Calicut, porque afora não ser de nenhũ proueito/ e gastarse nela hũ conto e duzentos e vinte sete mil rs / em ordenados do capitão feytor/ e outros officiais/ e mãtimentos dos soldados/ ocupaua gente e artelharia/ que poderião fazer proueito em outra

parte, pelo q̃ se deuia de derribar/ & assi pareceo bem a muytos: contra o que foy Eytor da silueira, dom João d lima, & outros algũs. Dizendo que el Rey de Portugal recebia muyto proueito em ter aq̃la fortaleza em Calicut,/ porque não podia ser mayor honrra pera sua alteza, que estando el rey de Calicut coele de guerra ter aquela fortaleza em Calicut principal cidade de todo seu reyno/ & tão principal em toda a India, & onde el rey de Calicut residia ho mais do tẽpo, & ẽ q̃ tinha todo seu poder: & soster esta fortaleza cõtra sua vontade era conseruar se de todo, ho credito do poder del Rey de Portugal que ele restaurara com vẽcer os immigos. E poder se soster aquela fortaleza estaua claro pois se defendera hum inuerno por tão poucos Portugueses contra tamanho poder de gente que nã podia ser mayor nem melhor apercebido de petrechos & munições pera baterias & combates: & quãdo se defenderão tambem no inuerno em que não podião ser socorridos, que muyto melhor se defenderião no verão em que auião cada dia de ser visitados & socorridos pela armada que goardasse a costa: & que nela não se entẽdia fazer gasto pois tinha seus fronteiros limitados/ & artelharia que não entrauão na armada da India/ & coeles sómente se faria tanta guerra a el rey de Calicut/ que ou ho destruyrião de todo, ou se entregaria sem nenhũa condição, ou lhe seria forçado despouoar a cidade & fazer sua morada em outra parte, que seria ho mayor feyto que se podia fazer na India / pelo muyto credito que tinha nela de poderoso, & fama em muytas partes fora dela de seu poder ser inuẽciuel/ & que este era ho mór proueito que se podia fazer cõ a gẽte que era ordenada á fortaleza/ & mais q̃ não toruaua quaesquer outras q̃ se podião fazer: antes seria muyto grande ajuda pera se fazerem, porque ho medo de verẽ abatido tamanho poder como ho del rey de Calicut com tão poucos Portugueses / quebraria ho esforço a outros reys pera se defenderem & terem guerra coeles, antes lhes deixarião fazer fortalezas onde quisessem: & mais que pera durar sempre a memoria da muyto grande vitoria que lhe nosso senhor dera contra el rey de Calicut estando tão poderoso/ era bem sosterse aquela fortaleza / porque derribandoa se apagaua de todo, & auião de dizer os mouros que por seu medo fora derribada. E dom João de lima se offreceo ao gouernador pera ser capitão dela, & a defender com seus parentes & amigos em quanto a guerra durasse. E ho gouernador pola determinação que tinha não quis senão que se derribasse a fortaleza: do que se a gente comũu espantou muyto quando ho soube/ & dizião que não se fizera mais se os immigos vẽcerão: & culpauão muyto ho gouernador & os do conselho que tal cousa aconselharão. E assentado pelo gouernador que a fortaleza fosse derribada / mandou a logo despejar & embarcouse/

deixando em terra Manuel de maçedo com algũa gẽte pera que a derribasse com minas quelhe mandou fazer ⁊ aportilhala ẽ algũas partes. E quando se deu ho fogo ás minas da poluora nas mais delas não pode pegar / pelo que cayo muy pouco da fortaleza: ⁊ a mayor parte dela ficou em pẽ com a torre da menagẽ. Do q̃ pesou muyto a todos os da armada / ⁊ dizião que não podia ser mayor injuria / nẽ abatimento dos Portugueses q̃ deixarem assi hũa fortaleza sobre tamanha vitoria. E embarcado Manuel de macedo com os q̃ ficarão coele, ho gouernador se partio pera Cochim, dãdo licença a dõ João de lima que fosse a Cananor acõpanhado de certos catures pera recolher algũa pouca de fazẽda q̃ lá tinha / porq̃ ho mais gastara ho todo no cerco, ⁊ ainda isso leuou ho de Portugal: porq̃ como quasi todo ho tempo de sua capitania foy de guerra / nã pode multiplicar sua fazenda se não gastala / pelo que ficou muyto pobre.

Capit. cxxiiii. Do que fez el rey de Calicut despois de despejada a fortaleza.

Partido o gouernador do porto d' Calicut, os mouros que virão cair algũs lanços do muro da fortaleza entenderão o que era / ⁊ a forão ver. E quãdo a acharão despejada foy ho seu prazer muyto grande / ⁊ coele forão dar a noua a el rey de Calicut / louuãdo muyto ho conselho quelhe derão de fazer guerra á fortaleza, pois coela lançarão fora da terra os Portugueses / ⁊ lhes fizerão desemparar a fortaleza / em que ganhara tanta honrra que mais nã podia ser. E assi lhe dauão outros muytos louuores, com q̃ el rey ficou muyto soberbo: ⁊ assi ho ficarã os mouros / ⁊ não sómẽte os de Calicut mas os de toda a India / sabẽdo como o gouernador despejara a fortaleza de Calicut. E esses reys ⁊ senhores em cujas cidades el Rey de Portugal tinha fortalezas / começarão de ter esperança que as farião despejar, ⁊ ho primeyro foy ho Hidalcão quelhe pareceo que poderia tomar Goa / ou que a faria despejar cõ muyta guerra: o que logo escreueo a el rey de Calicut / dizẽdo que queria tomar exẽplo dele: ⁊ dãdolhe muytos louuores pelo que fizera, pedindolhe q̃ ho ajudasse com a sua armada pa coela fazer a guerra per mar, porq̃ tambẽ Meliquiaz capitão de Diu ho ajudaua com a sua armada: ⁊ que com tamanho poder de gente acabarião de deitar os Portugueses fora da India. Do q̃ el rey de Calicut foy cõtente / pa o q̃ ajuntou logo toda sua armada, de q̃ fez capitão mór hũ mouro chamado Pate marcar: ⁊ entretanto que ho socorro não ya mandoulhe que soltasse os paraõs pela costa, ⁊ que fizesse quanta guerrra podesse aos Portugueses. E assi ho fizerão / porem quis nosso senhor q̃ ho Hidalcão embaraçado com outras guerras que lhe mouerão seus vezinhos não pode entender naquela / pelo que não ouue effeyto: mas el rey

de Calicute ficou muyto soberbo/ & mādou reformar a fortaleza que tinha em muyto grande estima, pera poder dizer a todos como dizia que os Portugueses lha deixarão com medo.

¶ Capit.cxxv. De como ho gouernador mandou Eytor da silueira ao cabo de Goardafum.

Chegado ho gouernador a Cochim achou hũa nao que auia pouco que chegara de Portugal, a cujo capitão nã soube ho nome. E este disse ao gouernador, que aquele anno partirão ď Portugal tres naos pera a India/ de que fora capitão mór Felipe de crastro, de que não sabia parte, nem do capitão da outra nao. E vendo ho gouernador que não yão mais naos de Portugal/ deu ordẽ pera irem cõ a carrega essas que hi auia, & despois se partio pera Goa. E como ele determinaua ď ir inuernar a Mazcate, pera da hi tornar cedo sobre Diu & tomalo: despachou de Goa Eytor da silueira cõ fama de ir a Maçua por dom Rodrigo de lima: & a ele disse em segredo/ q̃ ho esperase no cabo ď Goardafũ ate Março: & não indo que fosse a Maçua ver se achaua dom Rodrigo, & deulhe quatro nauios de q̃ afora ele forão capitães/ Francisco de mẽdoça, Fernão de morais & Frãcisco de vascõcelos. E partido Eytor da silueira, tornouse ho gouernador á costa do Malabar/ pera andar hi darmada ate a entrada de Feuereiro, em q̃ esperaua de se partir pa a outra costa: & ẽ Goa deixou recado q̃ lhe fizessẽ muytos cestos de cãpo, muytos picoẽs, enxadas/ escadas/ cadeas, & grãde soma de poluora de bõbarda/ & despingarda/ & outras muniçoẽs, porque de tudo tinha necessidade pera ho que determinaua:

¶ Capit.cxxvj. Do q̃ aconteceo a Jorge dalbuquerque com ho Arel de Porquá.

Vinda a mouçã de Malaca pera a India/ Jorge dalbuquerque que esperaua por ela se partio ẽ hũ jugo seu, porq̃ como era muyto amigo do seruiço ďl rey nã quis ir ẽ nhũ nauio Portugues/ (posto que lho daua Pero mascarenhas) porq̃ sabia quão necessarios erão em Malaca: & naquele jungo forão coele corenta & quatro Portugueses seus amigos & criados: & indo tanto auãte como Porquá saiolhe ho Arel grande imigo dos Portugueses/ & andaua darmada cõtreles/ com vinte cinco catures muyto bem armados & esquipados/ & leuou apos si todos os do lugar ẽ almadias, aq̃ cõuidou pera ho despojo do jũgo. Jorge dalbuq̃rque q̃ os vio fezse prestes pa pelejar, mandando cevar sua artelharia q̃ erão doze berços & hũ falcão, & repartio a gente na tolda/ popa/ & na proa, & estando prestes seria as noue horas do dia quãdo chegou ho Arel cõ sua armada dando grãdes

gritas: & pos se dabalrauẽto: porq̃ ho jungo não podesse arribar sobre les, & cercarãno daquela banda pola proa & popa/ & começão de despa rar nele suas bombardas/ & da primeyra bõbardada lhe leuarão a ceuadeira cõ a verga & com ho masto: & daqui forão as bõbardadas tão bastas que parecia q̃ chouião. E como ho jungo era forte, & tinha por dẽtro suas arrõbadas/ & as bõbardadas erão de tiros miudos não lhe fazião nenhũ nojo, & os Portugueses a eles muyto, arrõbandolhe muytos catures, & matãdolhe perto de trezentos homẽs segundo se despois soube com bombardadas & espigardadas: & fizerãno aqui muy esforçadamente/ a fora Jorge dalbuquerque/ Antonio de melo que mora em Bucelas, Gomez do campo & Ruy lobo, q̃ das portinholas da popa matarão muytos imigos ás espingardadas, & Francisco bocarro, & Niculao de sá cõtador dos cõtos del Rey, & Antonio carualho feytor da casa de Ceita/ & ho cõdestabre do jungo/ que tirauão da tolda com dous berços/ & hũ falcão/ com que fizerão grande destruição nos catures/ arrombando os com morte de muytos imigos. E frãcisco fernãdes leme/ & Bastião rodriguez marufim/ & outros a que não soube os nomes/ que da proa nũca estiuerão ociosos: & fazẽdo dahi jugar os tiros espedaçarão muyta soma dimigos, que com quanto mal recebião nunca deixarão de pelejar ate ho meo dia/ então se apartarão coesta perda que digo. E Jorge dal buquerque não recebeo outra, se não matarenlhe hũ escrauo seu porque se descobrio muyto. E nisto gastou quanta poluora & pelouros leuaua: & assi se foy a Cochim/ onde ho gouernador que hi estaua antes que fosse pera Goa/ soube a fadiga em que estaua ho jungo, & lhe mandou socorrer / & ja ho socorro não foy necessario.

¶ Cap. cxxvij. Do q̃ aconteceo ao almoxarife da fortaleza de Maluco indo pa a ilha dos Celebes.

Durãdo a amizade antre dom Garcia anriquez capitão de Maluco, & Antonio de brito que ainda lá estaua/ pareceolhes bẽ de mãdarem as ilhas dos celebes/ que sam sessenta legoas da ilha de Ternate/ porque tinha por fama q̃ auia nelas muyto ouro, & pera saberem se era assi mandarão ho almoxarife da fortaleza em hũa fusta cõ panos & outras mercadorias, com que tratassem cõ os Celebes: & partio na entrada do mes de Julho: & chegado a hũa destas ilhas foy bẽ recebido dos moradores dela/ que sabendo a causa de sua ida/ que era ho ouro, recearão que por amor dele lhes tomassem a terra: & por isso determinarão de matar ho almoxarife & quantos hião coele, & tomar a fusta/ parecendolhe que não irião lá mais outros: & assi ho quiserão fazer hũa noite estando os Portugueses dormindo na fusta/ que tendo os imigos mea hora da agoa acordarão, & defenderãse tambẽ q̃ fizerã

afastar os imigos. E tornada a fusta ao mar se forão a outra ilha / õde os não quiserão agasalhar / nẽ menos em outra. E vẽdo q̃ não auia effeyto ho pera que forão, determinarão de se tornar a Ternate, pera onde os ventos lhes erão contrairos por ser gastada a moução / ⁊ por isso se desuiarão tanto de seu caminho q̃ forão ter a hũas ilhas q̃ se chamão as do Meyo / de que não poderão aferrar nenhũa com a tormenta que leuauão / ⁊ cõ as muytas agoagẽs que auia antreles que correm muyto cõ que as escorrerão todas, ⁊ sayrão a hũ largo golfão de mar q̃ he o que se faz antre ho estreito de Magalhães ⁊ as ilhas de Maluco ⁊ outras muytas. E como era desabrigado ⁊ os ventos erão brauos correrão ali muy medonha tormẽta com q̃ andarão trezentas legoas em que muytas vezes se virão quasi perdidas: ⁊ hũa noyte cõ a braueza dos mares lhes saltou ho leme fora das femeas / ⁊ nunca ho poderão tornar a meter, ⁊ esteuerão em muyto grande perigo ate pola manhaã que se acharão junto de hũa ilha q̃ seria de trinta legoas, em q̃ sayrão dando muytos louuores a nosso senhor por lha deparar: ⁊ ali forão bẽ recebidos da gente da ilha que era baça ⁊ bem desposta, assi homẽs como molheres ⁊ d̃ fermosos rostos, ⁊ os homẽs tinhão as barbas pretas ⁊ compridas / ⁊ geralmente era ho seu trajo hũs panos cingidos q̃ chegauão ate os artelhos ⁊ erão de hũas palhas como juncas, saluo q̃ erão mais aluos ⁊ tã massios como olanda / ⁊ cobrianse com outro pano tal como este q̃ lhes chegaua ate ho embigo: ⁊ doutro tal pano saluo q̃ era mais delgado trazião hũas camisas. A terra era muyto viçosa daruoredo em que auia muytos cocos / ⁊ figos como os da India ⁊ inhames. E assi auia muytas galinhas ⁊ algũas cabras, ⁊ era muyto fresca de agoas / ⁊ muyto boas ⁊ daua algũs ligumes. E souberão os Portugueses por acenos que auia muyto ouro ao ponente desta ilha que era tão sadia que não auia hi nenhũ doente nẽ aleijado, ⁊ auia muytos velhos / ⁊ a gente tinha paraós em que pescauão / ⁊ nauegauão ao lõgo da ilha, ⁊ cortauão a madeyra cõ os ossos de peixes, ⁊ algũs Portugueses q̃ yão doentes forão aqui logo sãos. E vendo eles ho bõ gasalhado que recebião daquela gente, ⁊ por lhes serem os ventos contrairos pera tornar a Maluco se deteuerão ali quatro meses / que tornarão os ponentes com que se partirão, fazendo crer aos da terra que sintião muyto sua partida que logo auião de tornar / q̃ andauão descobrindo terra, ⁊ chegarão a Maluco a vinte de Janeyro do ãno de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ vinte seys, onde cuydauão q̃ erão todos mortos, ⁊ lhes tinhão vendidas suas fazendas / porque a viagem das ilhas dos Celebes era ao mais de mes ⁊ meyo ida ⁊ vinda ⁊ eles ya em sete que erão partidos.

¶ Capitolo. cxxviii. De como Antonio de brito entregou a fortaleza da ilha de Ternate a dom Garcia anrriquez.

A Tras fica dito como Antonio de brito & dõ Garcia anrriquez secõcertarão/que por quãto Antonio de brito tinha começado hũ jungo que se poderia acabar ate Agosto, esteuesse por capitão na fortaleza ate então: & da hi por diãte estaria em hũ lugar chamado Coloco duas legoas da fortaleza/ & dõ Garcia ficaria por capitão liure & desembargado. E como os Portugueses que estauão com Antonio de brito/ esteuessem os mais enfadados da guerra/ & teuessem junto muyto crauo que era ho que lhes mais lembraua que ho seruiço del Rey desejauão de se ir daquela terra/ & por isso pedirão a Antonio de brito que os leuasse em sua companhia: & ele lho prometeo. E como sabia que dõ Garcia se ho soubesse lhes auia dimpedir a ida/ & lhes auia dembargar as certidões do soldo q̃ tinhão vencido, tirou as secretamente antes que se fosse: & pouco a pouco lhes mãdou la leuar ho seu fato, dando a entender que era seu. E secretamente mandou leuar os petrechos da ferraria da fortaleza, & ferro/ & chumbo quanto pode, & mandou diante quantos carpinteiros & calafates pode auer: & assi pol uora & pelouros/ & tudo ho de q̃ lhe pareceo que tinha necessidade/ posto que via em quanta ficaua a fortaleza do que leuaua. E sem dõ Garcia disto ser sabedor, porq̃ como os officiaes que tinhão estas cousas erão mais amigos Dantonio de brito que do seruiço del Rey/ dauã lhas muyto secretamente. E vindo ho mes Dagosto em q̃ Antonio de brito se auia dir pera ho Coloco, entregou a fortaleza a dõ Garcia sem ho muro da banda do mar estar de todo çarrado, & ho da banda da terra por amear a mayor parte dele/ & cõ hũ baluarte da mesma bãda em altura de duas braças, & outro não tinha feyto mais q̃ os aliceces, & a torre da menagẽ ẽ altura de .xl. palmos cõ dous sobrados/ & do derradeyro ate ho telhado sem paredes se não cõ caniçadas de canas fẽdidas forradas desteiras, & disto erão feytos os repartimẽtos das camaras. E estas erão as paredes que tinhão as casas da feytoria/ pelo q̃ os porcos & cabras entrauão nelas quãdo querião: & assi se goardaua a fazẽda del Rey/ & este cuydado se tinha dela. E esta tão grãde & suntuosa obra foy feyta ẽ tres ãnos, & assi se entregou dõ Garcia dela. E quãdo Antonio de brito se foy/ forãnse coele todos aq̃les que esperauão que os leuasse de Maluco fazendo que ho acompanhauão porq̃ fora capitão, & que logo tornarião. O q̃ dõ Garcia consentio cuydando q̃ fosse assi/ mas eles depois que forão no Coloco não tornarão mais/ nem Antonio de brito os mandou, porque folgaua de leuar companhia pera ho mar.

¶ Capit. cxxix. De como vendo dõ Garcia que Antonio de brito lhe não queria dar os homens que se forão coele, lhe mandou tomar ho leme, & as bombas & velas de hũa nao.

Vendo dõ Garcia passar algũs dias / e que não tornauão os que forã cõ Antonio de brito, pareceolhe mal: e por isso lhe escreueo pedindolhe que lhos mandasse pois sabia que ficaua dõ guerra e lhe erã muyto necessarios, com o que Antonio de brito desimulou / respondendolhe que bẽ sabia a necessidad que tinha deles e que lhos mandaria: e que lhos não mandaua logo por lhe serẽ necessarios ate acabar ho seu jungo, e pera leuarem a nao sancta Ofemea que lhe ficara diante da fortaleza por serẽ agoas mortas / e esperaua de leuar pera onde estaua como fossem viuas. E não sendo dom Garcia contente cõ aq̃la reposta / repricou pedĩdolhe mais asperamente os homẽs q̃ tinha: do que Antonio de brito se escusaua com palauras muy frias: no que dõ Garcia entendeo que lhos não queria dar: e tambẽ por lhe certificarem algũs que ficarão na fortaleza que Antonio de brito não auia de querer dar os homẽs que tinha e q̃ auia de desimular cõ palauras ate se ir e leualos, por isso que visse o que lhe cõpria. E ainda sobre esta certeza dõ Garcia teue algũs comprimentos cõ Antonio de brito pedindolhe muyto por merce que lhe mandasse os homẽs que tinha / representandolhe a necessidade que tinha deles pera seruir el rey, e quãto se perderia de seu seruiço leuãdo os / lembrãdolhe que ho não deuia de fazer / assi por sua fidalguia, como por ser tão obrigado ao seruiço dalrey. E vendo q̃ sempre Antonio de brito respondia sem effeito / deu conta de tudo ao feitor, e ao alcayde mór e aos outros officiaes da fortaleza e pessoas principais dela por cujo conselho lhe fez hũ requerimẽto em que lhe nomeaua todos os Portugueses que tinha cõsigo que erão obrigados á fortaleza req̃rendolhe da parte del rey de Portugal que lhos desse fazendo sobrisso grandes protestações. E mãdoulho per hũ escriuão da feitoria / a q̃ respondeo q̃ logo mandaria os homẽs: e dilatãdo de dia em dia de os mãdar: acordou dom Garcia com conselho dos que disse de lhe mandar tomar ho leme / bõbas e velas da nao sancta Offemea antes que a leuasse, porq̃ sem ela não se podia ir e por ela lhe daria os homẽs q̃ lhe tinha. E mandadas tomar soubeo Antonio de brito, que q̃ndo se vio assi atalhado fez conselho com os que estauão coele, e vendo que não tinhão em que se ir / que não auião de caber no jungo / por serem muytos: determinarão que fossem tomar a nao por força de armas / e que lhe farião leme / bombas e velas. E estauão todos tam danados da cobiça das fazendas que ja tinhão / que esquecidos da lealdade Portuguesa / com aquela vontade se armarão / e tomando suas lanças e espingardas / e outras armas offensiuas partirão contra a fortaleza de seu rey e cõtra seus vassalos, cõ tão brauo impeto como se fora contra mouros, fazẽdo grãdes ameaças de prisam a dõ Garcia, e de mortes a quem ho quisesse defender, e coeste rumor passarão

por diante da fortaleza: ⁊ com muy
to grande desacatamento ⁊ diaboli
ca ousadia se forão todos meter na
nao santa Ofemia, cõ grandes bra-
dos de pesar de tal: quero ver quem
nola defende/ que lhe não tiremos
a vida. Dom Garcia que os vio pas
sar/ ⁊ vio oque yão fazer agastou
se muyto, porque selhe representou
quãto mal se aparelhaua: ⁊ por lhe
atalhar mandou hũ requerimẽto a
Antonio de brito ⁊ aos que estauão
coele/ que não bolissem com a nao/
nem lhe desobedecessem pois estaua
por capitão daquela fortaleza em lu
gar del Rey d Portugal cujos vas-
salos erão, ⁊ mandoulho pelo ouui
dor da fortaleza/ com que foy hũ ta
balião pubrico que lho pubricou. E
em a cabando de ho ler, os que esta-
uão com Antonio de brito se rirão
do requerimento/ dizendo que não
conhecião a dõ Garcia por capitão
se não a Antonio de brito, cujo tem
po da capitania duraua ate se ir, ⁊ q̃
a ele obedecião ⁊ não a outrem: ⁊ se
dõ Garcia lá fosse que lhe tirarião
com as espingardas. E tornãdo ho
ouuidor coesta reposta/ foy dõ Gar
cia aconselhado que mãdasse meter
a nao no fũdo com bombardadas/
pera o q̃ se começou d fazer prestes.

¶ Capit. cxxx. Da grãde desauẽça que ouue antre Antonio de brito ⁊ dom Garcia: ⁊ de como Antonio de brito se partio pera Bãda.

Estando a cousa nestes
termos soube ho Ca-
chil daroes: ⁊ como ele
era grande amigo Dã-
tonio de brito acodio logo/ ⁊ foy fa
lar a dom Garcia: estranhandolhe
muyto a rotura que auia antrele ⁊
Antonio de brito: porque deixando
ser antre Portugueses que tinhão
fama de serem muyto cõformes no
seruiço de seu rey sobre todas as ou
tras nações, deuialhe lembrar quã
apartados estauão de sua natureza
⁊ ãtre homẽs differẽtes da sua ley,
⁊ que começauão de conuersar: que
lhe lembrasse em quão má conta os
terião vendo os desauindos ⁊ pos-
tos em tamanha rotura. Do que dõ
Garcia selhe disculpou com lhe cõ-
tar a causa que tinha pera fazer o q̃
fazia. E todauia como Cachil da-
roes era mayor amigo Dantonio
de brito que de dõ Garcia/ ⁊ lhe vi-
nha bẽ ficar dom Garcia cõ pouca
gẽte pera ter necessidade dele/ quis
ser terceyro de os concertar. E des-
pois de falar com hũ ⁊ com outro,
fez de maneyra que Antonio de bri-
to leuou a nao com prometer de mã
dar logo os homẽs q̃ estauão coele,
que nunca mandou/ porque sabia a
necessidade q̃ tinha deles pera sua
viagẽ/ do que naceo antreles mor-
tal odio/ principalmente por mexe-
ricos que nunca falecem onde ha de
sauenças. E vẽdo os Portugueses
esta tamanha antre dom Garcia ⁊
Antonio de brito, trabalhauão po-
la sustentar assi os que estauão com
hũ como os que estauão cõ ho ou-
tro, parecẽdolhes que terião deles
mais necessidade / ⁊ farião coisso
melhor seu proueito. E começouse a
cousa demburilhar de maneyra que
dos que estauão com Antonio de
brito fugião pera dõ Garcia/ ⁊ dos

que estauão coele fugião pera Antonio de brito: τ todos leuauão nouas de hũa parte a outra pera crecer ho odio ẽtrestes dous homẽs. E destes passadiços teuerão algũs tanto poder que prouocarão a Antonio de brito que matasse dõ Garcia: pera o q̃ ho fizerão hũ dia ir dissimuladamente aa fortaleza, τ não podendo fazer ao que ya se tornou. E sendo disso dom Garcia auisado mandou logo tirar hũa deuassa cõtra Antonio de brito, τ assi do mais que tinha cometido contra ho seruiço del Rey. E sabendo ho ele, τ temendose de lhe perjudicar, buscou maneyra pera que dom Garcia lhe ficasse pubricamente por imigo, por que a deuassa que tiraua não fosse valiosa: τ foy fazer com hum fidalgo chamado Lionel de lima que era seu parente que se fosse pera dõ Garcia, fazendo se agrauado dantonio de brito/ τ dizẽdo muyto mal dele/ τ que se conuidasse a dom Garcia pera lho matar: τ Lionel de lima o fez assi. E entendendo dom Garcia ho ardil, mostrouse grande amigo de Antonio de brito, τ q̃ se algũa cousa fizera contrele fora pelo q̃ compria ao seruiço del Rey, τ não por mal q̃ lhe quisesse: de modo q̃ Lionel de lima não teue ẽtrada coele τ ficou ho ardil perdido. E porque nã passasse assi, τ Antonio de brito soubesse q̃ era entendido, escreueolhe dõ Garcia hũa carta sobrisso, τ porque lhe não mudasse a sustancia, mostrou a primeyro a Martim correa alcayde mór τ a outras pessoas, contandolhe ho sobre a q̃ escreuia/ τ pedindo lhe q̃ teuessẽ memoria do q̃ dizia nela pera sua justificação se Antonio de brito dissesse outra cousa, porque assi ho fez ele despois q̃ lhe foy dada a carta, dizendo que dom Garcia ho mandaua matar por Lionel de lima como seu immigo que era, τ por tal ho pubricaua. E nesta desordem τ desconcerto esteuerão ate ho Janeyro seguinte que se Antonio de brito partio pera Banda deixando escorchada a fortaleza da gẽte τ do mais que disse. E vendo dom Garcia quã necessitado ficaua de tudo/ mãdou a Martim correa que fosse a Bãda τ tomasse gente τ fazẽda pera a feytoria aos jungos ou a quaesquer nauios de Malaca que hi achasse/ por que nem em Malaca, nem na India não auia lembrança de mandar a Malu co nenhũa destas cousas.

¶ Capit.cxxxi. De como ho gouernador andando na costa do Malabar se achou mal de hũa perna, pelo que se foy a Cananor.

Partido o gouernador de Goa foy correndo a costa ate Panane sem achar nenhũs paraós: porque posto que andassem no mar tinhão em terra suas atalayas que lhe fazião fumaças que dauão sinal dos Portugueses andarem na costa, τ metiã se por esses rios onde se escondião. E tornando ho gouernador defrõte de Calicut, mandou queymar ho lugar de Chale per dom Jorge de meneses τ certas naos que hi estauão varadas: τ ele ho fez assi. E tornando daqui pera Cananor chegãdo ja perto dele vio passar quatro

paraós de Malabares que se apartarão da conserua doutros que yão buscar arroz. E quando os vio, sintio muyto ousarem eles daparecer sabendo que andaua na costa. E auẽdo aquilo por grãde desauergonhamento, determinou de os castigar: pera o que mãdou deitar batel ꝛ armouse, posto que andaua mal tratado dũa perna em que trazia hũa chaga, ꝛ por isso algũs lhe dizião que não fosse que lhe faria mal: qnauto mais que ho gouernador da India não auia dir pelejar cõ quatro Malabares, que abastauão quaesquer capitães de catures ou bargantis. Mas ele não quis deixar de ho fazer tão amigo era de pelejar, ꝛ mais auia de ser o que foy. E metido no batel com outros q̃ se meterão coele/ ꝛ indo virão algũs bargantins que forão aferrar os paraós / ꝛ os tomarão matando quantos yão neles. E cõ tudo ho gouernador quis chegar a eles daluoroçado de ver a peleja, ꝛ despois tornouse ao galeão onde chegou com a perna muyto inchada ꝛ agrauada de ir em pé ate os paraós/ ꝛ tornar ẽ pé ate ho galeão que foy caminho de hũa legoa: ꝛ tã bem com ho esquentamento das armas ꝛ do aluorço / ꝛ logo aquela noyte lhe acodio febre, ꝛ achouse tão mal que lhe foy forçado recolherse a Cananor pera se curar ꝛ recolheose no mes de Janeyro deixãdo por capitão moor da costa dom Jorge de meneses telo, que andãdo por ela foy ter com Pero de faria á boca do rio de Bacanor hũ lugar delrey de Narsinga / onde estauão carregando de pimenta cento ꝛ cincoẽta paraós Malabares pera Cãbaya: ꝛ os senhores dos paraós ajũtarão ali a pimenta pera a carregarem sem serem sentidos dos Portugueses/ que por ser a terra delrey de Narsinga que era seu amigo não atẽtarião nisso nem os estoruarião. E os que estauão nos paraós erão quatro mil homẽs, de que muytos erão espingardeiros: ꝛ tinhão os paraós muy bem artilhados. E posto que dom Jorge isto soube não quis entrar dentro por ter pouca gente: ꝛ escreueo ao gouernador q̃ lhe mandasse mais, que como não sabia quantos os immigos erão mandoulhe mais algũa gente de q̃ foy capitão moor dom Jorge de meneses, por quem escreueo a dom Jorge telo/ que se com a gente que lhe mandaua podesse pelejar com os immigos que pelejasse/ ꝛ se não que esperasse ate lhe mandar mais.

Capitolo. cxxxij. De como dom Jorge telo pelejou com os immigos no rio de Bacanor/ ꝛ de como os desbaratou.

Chegado dom Jorge de meneses á boca do rio de Bacanor onde staua dom Jorge telo deulhe ho regimento que lhe mandaua ho gouernador acerca de pelejar com os immigos. E quãdo dom Jorge ho vio/ disse que não se podia goardar aquele regimento por não auer tempo pera se leuar recado ao gouernador, que estauão os immigos pera partir no dia seguinte, ꝛ era

forçado pelejar coeles & defenderlhe a sayda/ & por isso ho pos em cõselho em que se acordou que se deuia de pelejar/ com quãto não erão por todos mais de seys centos homẽs. E aquela noyte se fizerão prestes encomẽdandose todos a nosso senhor, & toldando & embandeirando seus bargantis, catures & bateis em que auião dẽtrar no rio: em q̃ entrarão ao outro dia em começando de repõtar a maré fazẽdo grandes alegrias de tangeres & gritas/ & em pouco espaço toparão com os immigos q̃ decião com a vazante dagoa que acabaua então. E em os Portugueses os vendo começarão de desparar muytas bombardadas enchẽdo tudo de fumo & de toruões. E como os immigos não esperauão que eles os fossem cometer dentro no rio quando os virão de supito: & de supito ouuirão aquela espãtosa toruoada de bombardadas & escurecer ho dia com ho fumo delas/ cuydarão que os Portugueses não tinhão conto/ & com medo fizerão logo volta polo rio acima: & ajudados da enchente dagoa & dos remos fugião quanto podião/ indo os Portugueses apos eles com a mesma pressa / tirandolhes coela com sua artelharia/ com que os forão dãneficando ate onde ho rio começaua de ser baixo/ & ali começarão dencalhar assi dos seus paraós como dos bargantins dos Portugueses, ficando hũs por hum cabo outros pelo outro: porem os immigos porq̃ os Portugueses os não aferrassem assi como encalhauão fugião logo pera terra que não ousauão mais desperar. E era pera louuar a nosso senhor de como fugião sem verẽ de que/ porque os Portugueses erão tão poucos como digo. Os nauios mais leues que podião nadar / assi dos imigos como dos Portugueses forão remando ate onde ho rio estreitaua tanto que se passaua por hũa ponte/ & ali encalharão todos: & dos nauios Portugueses nã chegarão mais que dous bateys em que yão ambos os dõs Jorges & quatro catures, em que auia quasi nenhũa gente pera a muyta dos immigos. O que eles vendo cobrarão coração/ & fazendo rosto aos Portugueses começarão de lhes tirar cõ sua artelharia & grãde soma de frechadas com q̃ os começarão de ferir principalmente no batel de dõ Jorge de meneses, que como vio q̃ os immigos tornauão sobre si por que lhe não matassem a gente os quisera aferrar, & chegouse a bote de lança. E dom Jorge telo que vio a grande multidão dos immigos & que de cada vez auião de ser mais, porque recrecião os outros dos paraós que ficauão atras encalhados/ pareceolhe que era doudice aferralos sẽdo tã poucos como erã: & mais não lhe podẽdo socorrer os outros Portugueses que ficauão encalhados / & pareceolhe melhor tornarse pareles pera despois todos juntos pelejarem com os immigos. E fazẽdo final de recolher/ recolheose: & ao dobrar de hũa ponta por vazar a maré ficou em seco iũto de vinte paraós dos immigos que tambem ali estauão em seco, que vendo os Portugueses daquela

maneyra acodirão logo com sua artelharia por terra desparandoa neles que não se podião valer tão bastos erão os pelouros, ꝛ hum deu no payol da poluora dũ catur em que se acendeo fogo que ho queymou todo, ꝛ a gẽte se saluou saltãdo no rio. E esforçandose os immigos coeste desastre, pareceolhes como erão milhares pera a pouquidade dos Portugueses/ que não somente os podessem matar mas q̃ os tomassem ás mãos: ꝛ dando muyto grandes coquiadas/ ꝛ desparando tanta soma de frechas que quasi tirauão a claridade ao sol lançaranse no rio/ ꝛ rompendo pela agoa se chegauão a eles. O que vendo dom Jorge telo começou de esforçar os Portugueses, que de muyto esforçados muytos não quiserão esperar os immigos nos nauios ꝛ forã nos receber com muytas espingardadas, ꝛ comeceouse antreles hũa bem aspera ꝛ perigosa peleja pera os Portugueses por quão poucos erão. E se nosso senhor milagrosamente os não liurara, dandolhes marauilhoso esforço pera se defenderem não poderão escapar: ꝛ todos pelejarão tão esforçadamẽte com a ajuda diuina que fizerão retirar os imigos pera terra ficando no rio algũs mortos, de cujo sangue ꝛ doutros feridos a agoa ficou de cor de sangue/ ꝛ dos Portugueses tambem forão muytos feridos/ ꝛ forão postos ẽ muyto mayor trabalho despois d̃ cessar a peleja, porque de terra lhes tornarão á tirar os immigos como dantes, ꝛ fazião lhes muyto dãno tirãdolhes como a aluo, ꝛ eles não se podião dali bolir por estarem em seco: ꝛ se aquilo durara ate tornar a maré não ficara nenhum viuo: mas quis nosso senhor que naquela confusão acertou de chegar ali hum capitão delrey de Narsinga com trinta mil homẽs que ya recolher a renda daquela comarca, ꝛ ouuindo ho estrõdo da artelharia ꝛ as gritas dos immigos, chegouse a ver o que era: ꝛ com sua chegada esteuerão os immigos quedos ꝛ se forão/ porque sabendo dom Jorge telo como aquele capitão era del rey de Narsinga, mãdoulhe dizer que não deuia de consentir que aqueles Malabares pelejassem com os Portugueses na terra del rey de Narsinga, pois era amigo del Rey de Portugal. A q̃ ho capitão respondeo que assi ho faria: ꝛ por chegar naquele instante ꝛ não saber nada deles estauão ali. E castigando de palaura os seus capitães pelo que fazião / os fez meter pelo sertão cõ sua gente. E os Portugueses ficarão desapressados, ꝛ acharão que erão mortos corenta deles. E determinando dom Jorge telo de os vingar/ como foy tempo tornouse á boca do rio a esperar os immigos quando sayssem/ ꝛ fez em terra algũas estãcias dartelharia/ porque coelas ꝛ com a armada que tinha na boca fizesse dãno aos immigos, ꝛ mandou dizer ao gouernador o que passaua, mandandolhe preguntar o que faria.

Capitolo. cxxxiij. De como faleceo dom Anrrique de meneses.

Quando eſte recado
foy ao gouernador/
tinha ja herpes na
ſua perna/que lhe ti
rauão a vida de todo
em todo. O que ele co
nhecendo, como fiel Chriſtão que
era tirou ho ſentido das couſas mũ
danas/ ⁊ entendeo nas ſpirituaes
confeſſandoſe de ſeus peccados/ o
que em ſão coſtumaua fazer a miu-
de. E feytos todos os autos de ver
dadeiro Chriſtão começou a alma
de ſe deſpedir do corpo: ⁊ chaman-
do ho nome de Jeſu, ⁊ de ſua glorio
ſa madre de quem era muyto deuo-
to iſpirou eſte esforçado caualeyro
em dia da Purificação de noſſa ſe-
nhora do anno de mil ⁊ quinhẽtos
⁊ vinte ſeys, ⁊ foy ſeu corpo ſepulta
do na igreja de Cananor com muy-
to grande ſentimẽto de todos/ prin
cipalmẽte dos que erão amigos do
ſeruiço de Deos ⁊ del Rey/ porque
ſabião que perdião nele eſtas duas
couſas hũ grande executor/ por tã
bem ſer delas muyto grãde amigo:
⁊ que todo ſeu penſamento ⁊ cuyda
do era em ſeruir a Deos ⁊ a el Rey,
em tanto que iſto lhe tiraua ho cuy-
dado de ſua fazenda/ q̃ auẽdo dous
annos que eſtaua na India ⁊ cõ tão
bõs dous cargos como teue não ti-
nha de ſeu couſa algũa como ſe vio
claramente, em não lhe acharem na
ſua bueta mais que ate noue tãgas
q̃ fazião na moeda portugueſa ſeys
centos ⁊ corenta rs/ nem menos ſe
lhe deuia dinheiro/ nem ho tinha
mandado a outras partes emprega
do: que poſto que em Portugal quã
do partio pera a India vendeſſe de
ſua fazenda ⁊ arrendaſſe ſuas ren-
das dãte mão pera leuar bõ empre-
go/ como foy na India ⁊ vio que
não ſe podia ſeruir el Rey com ter
cargo de tratos os deixou logo/ ⁊
gaſtou iſſo q̃ leuaua ſem mais que-
rer aquirir outro/ dizendo que ſe
viueſſe que el Rey ſeu ſenhor lhe fa-
ria merce, ⁊ ſe morreſſe a faria a ſeus
filhos. Foy muyto esforçado ⁊ ſem
nenhũ medo como ſe vé nas bata-
lhas ⁊ pelejas/ em que ſe achou na
India depois de ſer gouernador/
⁊ em Africa antes de ir á India: ⁊
aſſi como era esforçado/ era muy a
migo dos homẽs em que auia esfor
ço/ ⁊ louuaua os pubricamente/ ⁊
fazialhes merce de dinheiro ou de
officios segũdo era a qualidade do
feyto que fazião. E deſte esforço q̃
tinha naturalmente lhe vinha ſer
tão amigo de ſua honrra que não ſo
fria fazerlhe ninguem couſa que foſ
ſe contrela/ o que ſe via claramente,
que dizendolhe ho viſorey dõ Vaſ-
co da gama eſtando em Goa algũas
palauras de que ſe ele agaſtou: lhe
diſſe logo que lhe nã diſſeſſe aquilo,
porque em Portugal nã auia dous
homẽs como ele pera injuriarem
hum grande ſenhor que lhe não fa-
laſſe muyto bem. E ho viſorey co-
mo era prudente ⁊ vio que dõ Anr-
rique tinha rezão deſtar agaſtado
polo que lhe diſſera, deitou ho fey-
to a zombaria, dizendo a algũs fi-
dalgos que hi eſtauão que lhe aco-
diſſem/ que ho queria matar dom

Anrrique, & istorindo. Foy tão isento em fazer justiça, que nem odio, nem temor, nem afeyção lhe torvarão que a não fizesse de quaes quer pessoas de que era bẽ que se fizesse, & por isso foy malquisto dalgũs fidalgos da India de que a fez, & dizião mal dele. Foy homem de boa estatura & membrudo, de rosto bem proporcionado: foy de boa condição & discreto. Era sua determinação tomar Diu, & Adem, & fazer sempre guerra aos mouros: & assi ficarão eles muy desalluados por sua morte.

Aqui faz fim ho seysto libro da historia do descobrimẽto & cõquista da India pelos portugueses. Feyto por Fernão lopez de Castanheda. E impresso em a muyto nobre & sempre leal cidade de Coymbra per João de barreira empremidor da vniuersidade. Acabouse aos iij. dias do mes de Feuereiro. de M. D. LIIII.

MVSIS DICATVM

HO SEITIMO liuro da histo ria do descobrimento & con- quista da India pelos Portugueses.

Feyto por Fernã Lopez de Castanheda.

Com priuilegio Real.

1554.

NC REVIVIS NV CO

¶ Priuilegio que ho o muyto alto, ⁊ muyto poderoso Rey dom João ho terceiro deste nome deu a Fernão lopez de Castanheda pera os liuros da historia do descobrimento ⁊ conquista da India pelos Portugueses.

EU el rey faço saber a quãtos este meu aluara virem q̃ Fernão lopez de castanheda/ bedel da faculdade das artes da vniuersidade de Coimbra me enuiou dizer q̃ ele tinha feytos dez liuros da historia da India/ q̃ começauão do descobrimẽto dela: dos q̃es tinha impressos á sua custa ho primeyro liuro/ ⁊ queria imprimir os outros. E porq̃ auia mais de vinte annos que andaua ocupado no fazer da dita historia: ⁊ tinha leuado nisso muyto trabalho / ⁊ feyto muyto gasto de sua fazenda: me pedia q̃ ouuesse por bem/ q̃ pessoa algũa não podesse imprimir os ditos liuros senão ele Fernão lopez, nẽ os vẽder, nẽ trazer de fora do reyno polo tempo/ ⁊ sob as penas q̃ me bẽ parecesse. E visto seu requerimento, ⁊ auẽdo respeyto ao trabalho q̃ tem leuado em fazer os ditos liuros/ ⁊ a despesa q̃ nisso tẽ feyta/ me praz q̃ por tempo de dez annos q̃ se começarão da feytura deste em diante/ pessoa algũa de q̃lquer qualidade que seja/ não possa imprimir/ nẽ mandar imprimir os ditos liuros da dita historia da India/ nẽ cada hũ deles, nẽ os possa trazer/ nẽ mãdar vir impressos de fora do reyno, se não ho dito Fernão lopez/ ou quẽ seu poder pera isso teuer. Sob pena de qualquer impressor/ ou liureiro, ou pessoas q̃ os ditos liuros ou cada hũ deles imprimir, ou vẽder, ou teuer em sua casa, ou trouuer imprimidos de fora do reyno/ perder os volumes q̃ lhe forem achados ⁊ pagar cincoenta cruzados, ametade pera os catiuos, ⁊ a outra metade pera quẽ os acusar. E este se imprimira no principio de cada hũ dos ditos liuros. Pelo q̃l mando a todos os corregedores/ juyzes, ⁊ justiças/ officiaes ⁊ pessoas de meus reynos ⁊ senhorios q̃ assi ho cumprão ⁊ goardẽ/ ⁊ façāo inteiramẽte cũprir ⁊ goardar/ porq̃ assi ho ey por bẽ. E este me praz q̃ valha/ ⁊ tenha força ⁊ vigor/ como se fosse carta feyta ẽ meu nome por mim assinada ⁊ passada por minha chancelaria: posto q̃ este não seja passado pola dita chancelaria/ sem embargo das ordenações do segundo liuro, q̃ ho cõtrairo dispõe. João de seyxas ho fez ẽ Almeirim/ a q̃torze dias de Junho de. M. D. LII.

Manuel da costa ho fez escreuer.

Prologo no Seytimo liuro da

istoria do descobrimento & conquista da India pelos Portuguese dirigido ao muyto alto & muyto poderoso Rey dom Ioão ho Terceiro deste nome nosso Senhor, Rey de Portugal & dos Algarues, daquem & dalem mar em Africa, senhor de Guiné & da conquista, nauegação & comercio de Ethiopia, Arabia, Persia & da India.

Por Fernão lopez de Castanheda.

SEntença he de Tulio nas suas tusculanas, muyto alto & muyto poderoso Rey nosso senhor q̃ ahórra cria as artes & desejosos da gloria da virtude, nos acendemos pera a ganhar. Sentẽça verdadeiramẽte muyto digna de ser notada principalmente dos principes & dos senhores: porque se eles não fauorecerem com hórras & merces as boas cousas que seus vassalos fazem, assi nas armas, como nas letras: como em qualquer outro genero de officios virtuosos com que a repubrica he ilustrada, não auerâ nhũa pessoa que se de a eles, nem os siga. E porq̃ nos tempos antigos, as façanhas nas armas, a sciencia das letras, os singulares engenhos nas artes macanicas: se estimarão tanto dos principes & das repubricas em que se fazião, & se galardoauão muyto bẽ: Ouue antre os Gregos, & antre os Romãos, & ãtre os Barbaros tantos & tão singulares capitães: tão esforçados caualeyros, tão excelentes sabios & letrados de tanta erudição, & officiaes tão perfeytos em todas as artes macanicas, como largamẽte contão as historias antigas & modernas, com que deixo dalegar por breuidade. E despois que este fauor de hórras & merces cessou de se fazer antrestas nações, aos que forão excelentes nas artes que digo se forão elas perdendo, que nem ouue mais capitães, nem caualeyros, & falecerão os sabios & letrados: nem ouue mais officiaes que nas artes macanicas se prezassem de terem as perfeições que os antigos teuerão. E conhendo. V. A. isto Principe prudentissimo, desejando dennobrecer seus reynos & senhorios, trabalha tanto com sua suprema liberalidade de fazer merces aos homes que em todas as artes que digo sam singulares, pelo que muytos trabalhão por ho serem nelas: & por isso tem. V. A. tanta copia deles, não somente

ſeus naturais mas eſtrangeiros, que de muyto longe correm à fama d
ſuas merces grandiſſimas. O que tambem me deu animo pera ſair c
a moſtra de meu engenho, & trazer coele a luz: couſa de tanto ſeruiç
de. V.A. & honrra de ſeus reynos como he eſta hiſtoria do deſcobrim
to & conquiſta da India pelos Portugueſes. Couſa de tanta admiraçã
& tão digna de ſe pubricar, que quãdo a Raynha noſſa ſenhora viô ho
primeyro liuro, diſſe a dona Maria de noronha que lho deu. Que cou-
ſa tamanha como aquela, mais cedo ſe ouuera de pubricar, & não ou-
uera deſtar eſcondida tanto tempo, & de ſer auida por muyto miracu-
loſa nos reynos eſtrangeiros: he impreſſa parte dela em Frãça & ſe im-
prime em Italia: polo que mereço merce pois fuy ho primeyro Portu-
gues que tomey tão honrrada empreſa, & lhe dey fim tanto a minha
cuſta como noſſo ſenhor Deos he teſtemunha: que por ſua infinita mi
ſericordia tenha por bem de alongar por muytos ãnos a vida de. V.A.
com acrecentamento de ſeu real eſtado pera que fauoreça com merces
a ſeus vaſſalos, com que os prouoque a fazerem couſas porque mere-
ção ſempre de ſerem tão nomeados polo mundo como ſam.

Ho septimo liuro da historia do

descobrimento & conquista da India pelos Portugueses Em que se contẽ o que eles fizerão gouernando a Lopo vaz de sampayo, por mãdado do muy alto & muyto poderoso rey dõ Ioão nosso senhor, ho terceyro deste nome, Feyto por Fernão lopez de Castanheda.

Capitolo primeiro. De como foy aberta a terceyra socessam Em que hia Lopo Vaz de sam Payo.

ENterra do dom Anriq̃ de meneses/ajũtarã se todos os capitães/fidalgos, ⁊ pessoas principais na igreja de Cananor/com Afonso mexia védor da fazenda, que hi acertou destar: ⁊ ho licenciado Ioão de soiro ouuidor géral da India/pera abrirẽ a segunda subcessão da gouernança da India/ que logo Afonso mexia abrio perante todos. Em que se achou q̃ socedia Pero mazcarenhas que estaua por capitão de Malaca donde não podia vir se não dali a onze meses por amor da moução/ Com o que todos ficarão cõfusos por a India ter necessidade d̄ gouernador/assi por el rey de Calicut estar de guerra, ⁊ tambẽ el rey de Cãbaya: como por esperarẽ por rumes no Mayo seguinte/ou em Setẽbro. E como Afõso mexia praticasse cõ algũs quẽ enlegerião por gouernador em ausencia de Pero mazcarenhas: disse Ioão de soyro q̃ estaua na pratica/que se poderã saber quẽ era ho da terceira subcessam: q̃ esse pois el rey confiaua dele a gouernãça da India, a gouernaria melhor q̃ outrẽ, ⁊ a esse deuião denleger q̃ agouernasse em ausencia de Pero mazcarenhas. O q̃ logo contrariou dõ Vasco deça reprouando muyto tal parecer: porq̃ ho da terceira subcessam na ora q̃ fosse recebido por gouernador, posto que ate a vinda de Pero mazcarenhas ficaua igoal co ele ẽ todos os seus poderes, assi na justiça, como na fazẽda/ do q̃ se na India seguiria grãde diuisam: por o que não se deuia dabrir a terceira nem el rey ho auia dauer por bẽ. E tambẽ o que fosse nela despois q̃ teuesse posse da gouernãça, a não quereria alargar a Pero mazcarenhas ⁊ seria muyto grãde reuolta. E deste parecer forão algũs fidalgos. E porẽ Afonso mexia ho não quis tomar: dizendo que pera se escusarẽ todos aqueles inconueniẽtes juraria o q̃ fosse na terceira subcessam nos sanctos euãgelhos/ ⁊ assi assinaria hũ auto q̃ disso faria: que tanto que Pero mazcarenhas chegasse á India lhe alargaria a gouernança. E ele mesmo Afõso mexia/ ⁊ todos os

capitães & fidalgos da India juraríão tambẽ que ho faríão fazer/ & coisso ficaria a cousa segura. O que a todos pareceo bem/ & assi ho juraráo & assinarão em hũ auto q̃ disso fez Vicẽte pegado q̃ era secretairo, & assinado ho auto Afonso mexia, abrio a terceira subcesão em que se achou que sucedia Lopo vaz de sam Payo capitão de Cochim. E sabido que ele auia de gouernar ate a vinda de Pero mazcarenhas de Malaca, tornou Afonso mexia a jurar que vindo Pero mazcarenhas de Malaca faria que logo lhe Lopo vaz de são Payo entregasse a gouernãça da India/ & ho mesmo tornarão a jurar os outros todos: & assi ho assinarão em outro auto que Vicẽte pegado tornou a fazer destes juramentos/ aos tres dias de feuereiro de mil & quinhẽtos & vinte seis. Isto feyto partirão se todos pera Cochim onde Afonso mexia entregou a gouernãça da India a Lopo vaz de são Payo pera q̃ a gouernase ate a vinda de Pero mazcarenhas de Malaca/ jurãdo primeyro ele Lopo vaz de são Payo de ho fazer assi, & assinãdo em hũ auto q̃ disso fez Vicente pegado/ q̃ tambẽ foy assinado per Afonso mexia/ & per todos os capitães & fidalgos q̃ se ali acharão & pelo ouuidor geral.

¶ Capit. ij. De como Lopo vaz de são Payo desbaratou hũa armada de mouros de Calicut no rio de Bacanor.

Entregue Lopo vaz de são Payo da gouernança da India despachou pera Bẽgala Ruy vaz pereira & deu a capitania do seu galeão a Manuel de brito/ & assi mãdou Jorge cabral por capitão mór de certos paraós as ilhas de Maldiua pa fazer presas/ que tambem se partio logo. E estes despachados, fezse Lopo vaz prestes pera ir correr a costa do Malabar/ porque soubesse elrey de Calicut que posto que dõ Anrrique era falecido q̃ auia quẽ lhe auia de dar que fazer, & partio se de Cochim a seis dias de feuereiro & foy na galé bastarda de q̃ era capitão dõ Vasco de lima & forão capitães das velas grossas a fora os dos catures & bargantís Diogo da silueira/ dom Afonso de menesses/ Manuel de brito/ Manuel de macedo/ Antonio da silua/ Anrriq̃ de macedo/ Diogo de mezquita & Lopo de mezquita. E de Cochim foy ho gouernador corrẽdo a costa ate Cananor sẽ achar nenhũ paraó de Calicut, por q̃ os mais como disse estauão dentro no rio de Bacanor/ & alguũs outros por esses rios q̃ não ousauão d̃ sair. E estando Lopo vaz em Cananor tomando mantimẽtos, lhe foy dada hũa carta de dom Jorge telo que acodisse, porq̃ os paraós q̃ ali estauão se q̃rião partir, & ele com a gẽte q̃ tinha não era poderoso pera lhes impidir a partida, por os mouros q̃ estauão neles serẽ doze mil, & vẽdo Lopo vaz a grossa gẽte que os mouros erão, mãdou logo chamar Christouão de sousa & Antonio da silueira q̃ estauão em Goa pera que se ajuntassem coele com a mais gente q̃ podessẽ leuar: por ele ter pouca pera hũ feyto tão importãte como

aquele/ ⁊ porque auia ainda de fazer algũa detẽça por amor dos mãtimentos que tomaua / mandou a Manuel de brito que se fosse ẽtretanto ajũtar com dom Jorge telo. E tomados os mantimentos/ Lopo vaz de sam Payo se partio pera ho rio de Bacanor: onde chegado soube como os mouros estauã grãdemente fortalecidos/ não somẽte de muyta artelharia em estancias ao longo do rio/ mas cõ estacadas dum cabo ⁊ do outro cõ que estreitarão tanto ho rio que a nossa frota não podia ir senã a fio: ⁊ d hũas estacadas ás outras estauã dados cabos por debaixo dagoa pera que os nossos nauios ẽcalhassem neles ⁊ não podessem passar. E cõ tudo Lopo vaz determinou de pelejar com os mouros ⁊ queimarlhe os paraós ⁊ não esperar por Christonão de sousa nem por Antonio da silueira se tardassem: ⁊ pera pelejar com as estancias dos mouros mãdou armar quatro bateis d mãtas que tirauão senhos tiros grossos pera irem diãte/ ⁊ apos eles as outras velas. E vendo que não chegauão Christouão de sousa nem Antonio da silueira não quis mais esperar / porque não parecesse aos mouros que lhes auia medo: ⁊ determinãdo de os cometer fez alardo de sua gente/ que achou serem setecentos ⁊ tantos homens. E chamãdo a conselho pera consultar cõ os capitães ⁊ outras pessoas ho modo de que cometeria os imigos foy muyto contrariado dos mais que não pelejasse com os mouros/ alegando que pera a grande força de gente ⁊ dartelharia que eles tinhão tinha ele muyto pouca: ⁊ que não se auia dauenturar ho gouernador da India em cousa tã perigosa. E os mais dos que isto dizião era por quererem mal a Lopo vaz ⁊ terem enueja de gouernar a India/ q̃ cuydou cada hũ deles de ho enlegerem pera a gouernar em ausẽcia de Pero mazcarenhas/ ⁊ por isso lhe estoruauão que não fizesse hũ feyto tão famoso como aquele seria porq̃ perdesse aquela hõrra. E entẽdẽdo ele suas tenções por saber quanto lhes pesaua de ele gouernar á India/ disse que ficasse a cousa assi indeterminada ate ir ver ho rio, ⁊ ho desembarcadoiro, q̃ vio na madrugada seguinte cõ a claridade da lũa indo em hũ catur/ ⁊ em outros dous Manuel de brito / ⁊ Payo rodriguez daraujo que escolheo pera isso por serem muyto esforçados. E os mouros que virão os catures tirauãlhes com a artelharia das estãcias: ⁊ erão os pelouros tantos q̃ se os catures não forão bẽ cosidos com terra não poderão escapar de serem arrombados ⁊ mortos quãtos yão dentro. E com tudo passarão muyto grande perigo: mas nẽ por isso Lopo vaz de sam Payo nã deixou de ver toda a força que os mouros tinhão: ⁊ de volta lhes mãdou cortar os cabos que tinhão de hũas estacadas ás outras pera desempidir ho caminho/ ⁊ forão cortados per homẽs que ho fizerão de mergulho. E feyto isto tornouse á frota, onde deu conta disso aos capitães ⁊ fidalgos fazendolhe a vitoria muy facil se cometessem os im

migos: ꝛ os mais forão do parecer que tinhão dãtes q̃ não se pelejasse. E como os deste parecer erão mais que os que dizião que pelejasse não ousaua Lopo vaz de dar remate a estes conselhos, ꝛ dilatauaho ate a vida de Christouão de sousa ꝛ Dã tonio da silueira / cujos pareceres cria que serião q̃ pelejasse, ꝛ assi ho disserão despois que chegarão: do que Lopo vaz ficou muyto contẽte porque tinha por muy certo auer vitoria dos immigos. E ordenada a maneira de q̃ os auia de cometer / ao outro dia que forão vinte cinco de Feuereiro em rompendo ho dia abalou pelo rio acima com sua gẽte que serião mil homẽs, ꝛ forão nesta ordem os quatro bateis de mantas na diãteira / ꝛ no primeyro ya Manuel de brito, no segundo Payo rodriguez daraujo: ꝛ despois os bateis com bargantis ꝛ catures a fio / ꝛ no derradeiro Lopo vaz com a bãdeira real / todos toldados ꝛ embandeirados / ꝛ senhas peças dartelharia nas proas ꝛ berços polos bordos / rompendo a boga arrancada pelo rio acima cõ grande arroido de gritas ꝛ tãger de trombetas: ꝛ começando de descobrir as estancias dos immigos começarão eles de tirar com seus tiros / ꝛ chouião os pelouros de serẽ muyto bastos, pelo que os Portugueses forão cõ muyto grande perigo ꝛ trabalho ate chegarem defronte da tranqueira principal / õde Manuel de brito, Payo rodriguez ꝛ os outros da dianteira desembarcarão com espãtosa briga / por os immigos trabalharem quanto podião por lhes tolher a desembarcação cõ bombardadas / espigardadas ꝛ frechadas. E rompendo os Portugueses por antrelas com esforço sobre natural abalrroarão com a tranqueira / de que com ajuda de nosso senhor fizerão fugir os imigos posto que se defendião marauilhosamente. Desbaratada a tranqueira / desembarcou Lopo vaz cõ a bandeira real pera recolher os Portugueses por não saquearem ho lugar que era del rey de Narsinga amigo del Rey d Portugal, ꝛ por isso não queria que lhe fizessem nhũ agrauo / ꝛ tambẽ porq̃ ho ele não fizesse aos Portugueses que estauão em Bisnegar. E recolhidos os Portugueses / mandou Lopo vaz queimar os paraós dos imigos que todos arderão, ꝛ assi hũa casa dalmazem que estaua chea despeciaria ꝛ droga pera carrega dos paraós: ꝛ em quanto se queimaua forão embarcadas oytẽta peças dartelharia que se tomarão na trãqueira / ꝛ as mais delas de metal. E esta muyto grande vitoria alcãçou Lopo vaz sem lhe matarẽ mais que quatro Portugueses ꝛ forão feridos cento, ꝛ dos imigos forão mortos muytos segundo se soube pelo grande prãto que por eles foy feyto ẽ Calicut: cujo rey sintio muito a queima daqueles paraós pola grande perda que recebeo em suas rendas ꝛ com quebra de seu estado.

¶ Capitolo. iij. De como Francisco de sá se partio pera ir a çũda, ꝛ de como dom Jorge de meneses foy por capitão de Maluco.

Recolhido Lopo vaz dõ sam Payo, partio se pera Goa: ⁊ entrãdo pelo rio de Pangim, Francisco de sá que estaua por capitão de Goa lhe mandou per muytas vezes requerer que não passasse dali que ho nã auia de recolher na cidade, por quãto não era gouernador da India se não Pero mazcarenhas q̃ era por el Rey que podia dar a gouernança da India/ ⁊ ele era feyto polos homẽs que a não podião dar/ ⁊ por isso lhe nã auia dobedecer. E a camara de Goa ajudaua tambem Francisco de sá a fazer estes requerimentos/ mas Lopo vaz nã deu por eles ⁊ passou auãte ate surgir diante do cais da cidade õde se passou hũ grã de pedaço em requerimentos q̃ Lopo vaz mandou fazer a Frãcisco de sá sobre lhe abrir as portas da cidade que estauão fechadas. E Frãcisco de sá com lhe parecer que tinha por si a camara da cidade insistia ẽ não abrir: ⁊ por derradeiro mãdou abrir as portas por amor de Christouão de sousa que interueo nisso. E entrado Lopo vaz na cidade tirou a capitania da fortaleza a Frãcisco de sá ⁊ deu a Antonio da silueira de meneses que tinha casado per palauras de futuro com hũa sua filha/ ⁊ a Francisco de sá mandou ho pera Malaca pa dahi ir fazer hũa fortaleza a çũda que he antre a ilha de çamatra, ⁊ a da Jaoa / cujo rey por se recear doutro seu vezinho lhe tomar ho reyno mandara pedir ao gouernador dom Duarte que mandasse lá fazer hũa fortaleza: ⁊ q̃ lhe daria muyta pimenta ⁊ mais barata que em Cochi. E porque el Rey de Portugal se receaua que os Castelhanos fossem tomar aq̃la terra sabendo a muyta pimenta que auia nela mandaua ali fazer fortalez: a cuja capitania ⁊ cargo de a fazer deu a Frãcisco de saá por ser hũ fidalgo de muyto seruiço. E sabendo Lopo vaz que ele tinha este cargo ho despachou/ ⁊ deulhe trezẽtos homẽs q̃ pera este feyto erão necessarios/ q̃ forão embarcados em hũ galeão ⁊ duas galeotas: ⁊ assi despachou pera capitão de Maluco a dõ Jorge de meneses filho de dõ Rodrigo de meneses a quem dom Anrrique de meneses sendo gouernador dera esta capitania/ ⁊ deulhe cẽ homẽs que fossem coele em dous nauios: ⁊ a capitania mór do mar de Maluco deu a Simão de sousa galuão filho de Duarte galuão/ ⁊ dõ Jorge auia dir debaixo da capitania de Frãcisco de sá ate Malaca pera onde partirão em Março. E no mesmo mes despachou tambem Lopo vaz a Martim afonso de melo jusarte por capitão mór de seys velas pera ir fazer presas ás ilhas dõ Maldiua/ onde andando Martim afonso topou com hũa nao de rumes q̃ yão de Tenaçarim pera Judá ⁊ leuauão muyta riqueza/ ⁊ os rumes serião trezentos homẽs. E Martĩ afonso posto que não leuaua mais que ate cincoenta / com quanto vio q̃ os rumes erão muytos aferrou coeles com ho seu nauio somente, ⁊ como os rumes lhe tinhão muyta auantagem no numero esteue dous dias aferrado coeles sem os poder

entrar pelejãdo muy brauamente. E neste tempo forão mortos muytos dos rumes & dos nossos algũs que entrarão a nao no cabo destes dous dias/ & acabarão de matar todos os rumes/ & tomarão a nao q̃ leuou a goa onde foy inuernar.

Cap.iiij. De como Lopo vaz de sam payo cõcertou Raix xarafo cõ Diogo d̃ melo capitã dormuz

Atras fica dito como dõ Anriq̃ de meneses por q̃i xumes delrey dormuz & d̃ Raix xarafo escreuera a Diogo de melo q̃ se temperasse em não dar causa a q̃ lhe fizessem mais queixume dele. E parece q̃ não dando Diogo de melo por estas cartas ou por rezão pera isso (como he mais de crer) prẽdeo Raix xarafo & tratauao tão asperamẽte/ q̃ deu materia q̃ em hũs Porques q̃ algũs praguentos fizerão na India fizesẽ hũ que dezia. Porq̃ diogo de melo/ xarafo dame dinheiro, Porq̃ ele diz velo velo/ não sejas meu carniceiro E sabẽdo Lopo vaz esta cousa como ya: & tambẽ por lhe Diogo de melo mandar pedir q̃ ho fosse fazer amigo cõ Raix xarafo antes de vir Pero mazcarenhas: determinou lopo vaz de ir lá/ porq̃ como conhecia pero mazcarenhas por isento sabia q̃ sẽdo gouernador q̃ auia de castigar rigurosamente a Diogo de melo se ho achasse culpado/ & por ser seu parente determinou de lhe ir acodir. E poendo em conselho sua ida a Ormuz/ foylhe muyto cõtrariada: dizẽdo todos/ q̃ ainda q̃ sua ida lá fora necessaria a ouuera de deixar por el rey de Calicut estar de guerra/ & por auer nouas de rumes: quanto mais não auendo nhũa necessidade de ir a Ormuz/ & auẽdo tãtas pera ficar na India. E cõ todas estas rezões não quis senão ir/ & pera resistir a armada de Calicut deixou por capitão mór da costa do Malabar Antonio de miranda dazeuedo cõ toda a armada de remo. E na fim de Março se partio pera Ormuz indo na galé bastarda cõ dom Vasco de lima, & não leuou em sua companhia mais d̃ quatro nauios grossos de q̃ erão capitães dõ Afonso d̃ meneses, Diogo da silueira/ Manuel de brito & Manuel de macedo. E na trauessa do golfão teue grandes calmarias com q̃ se deteue muyto & lhe morreo muyta gẽte, & despois de muyto trabalho & fadiga foy aferrar a outra costa no porto de Calayate/ cujo Xeque estaua leuantado contra os Portugueses por mandado del rey Dormuz & de Raix xarafo polas auexações que recebião de Diogo de melo. E ho Xeq̃ tornou a ser amigo dos Portugueses por lhe Lopo vaz desã Payo affirmar q̃ não ya a Ormuz se não a desagrauar el rey Dormuz & a Raix xarafo se estauã agrauados, & pera castigar Diogo d̃ melo se ho merecesse. E assi como tornou este Xeq̃ a amizade dos Portugueses/ assi tornou ho de Mazcate: & ido caminho Dormuz achou na agoada de teiue Francisco de mendoça hũ dos capitães da cõserua Deitor da silueira/ q̃ com tẽpo se apartara dele & foy ali ter/ & hi achou hũa nao de mouros q̃ tomou q̃ despois foy vendida por mil pardaos. E dali

proffeguio pera Ormuz/ onde chegado mandou logo soltar Raix xarafo/ ⁊ lhe disse q̃ nã ya a outra cousa se não pera ho fazer amigo com Diogo d̃ melo: q̃ se tinha dele algũs agrauos q̃ requeresse sua justiça ⁊ q̃ lha faria ainda q̃ era seu parente. E Raix xarafo como soube este parentesco desconfiou de lhe Lopo vaz fazer justiça/ ⁊ disse q̃ não queria nada q̃ lhe perdoaua/ ⁊ ho mesmo fez el rey Dormuz auisado por Raix xarafo, ⁊ assi ficarã amigos cõtra sua võtade. E Lopo vaz reprẽdeo Diogo de melo porq̃ ho achou culpado, ⁊ assi ficou inuernando em Ormuz.

¶ Capit.v. De como Eytor da silueira do porto Maçua mandou chamar dom Rodrigo de lima/ ⁊ se foy a Ormuz.

Eytor da silueira q̃ per mãdado de dõ Anrrique de meneses ho fora esperar ao cabo de Goardafum vendo que se passaua ho tẽpo de sua chegada foyse a Maçua/ ⁊ chegãdo aa ilha de Dalaca ho primeyro Dabril/ escreueo logo a dõ Rodrigo de lima fazendolhe saber como estaua em Maçua pedindolhe que fosse logo coele/ ⁊ mãdou esta carta ao çoltão Darquico q̃ lha mandasse. E ele lha mãdou ao lugar d̃ Barua õde ja estaua cõ ho Barnegais, ⁊ bẽ triste cõ todos os de sua companhia por terẽ por noua q̃ a India era perdida ⁊ os Portugueses todos mortos. E esta carta Deytor da silueira lhe foy dada na segunda oytaua de Pascoa a noyte: ⁊ logo dom Rodrigo escreueo ao embaixador do preste que era ido a hũs lugares seus q̃ se partisse pera Maçuá ondestaua a armada dos Portugueses: ⁊ a segũda feyra despois da pascoela se partio dõ Rodrigo ⁊ foy coele ho Barnegais pera ho entregar a Eytor da silueira/ ⁊ leuaua dous mil homẽs de mulas ⁊ algũs em cauałos ⁊ seyscẽtos de pé, ⁊ por amor da muyta gente gastou aq̃la somana toda ẽ quinze legoas q̃ auia de Barua a Maçua, õde chegados entregou ho Barnegais dõ Rodrigo de lima ⁊ os de sua companhia a Eytor da silueira com grande prazer/ ⁊ mãdoulhes dar cincoẽta vacas, ⁊ muytos carneiros, ⁊ galinhas/ ⁊ muyto pescado: ⁊ despois chegou ho embaixador q̃ ho preste mandaua a Portugal. E embarcado Eytor da silueira se partio aos vintoyto Dabril/ ⁊ foy fazer agoada á ilha de Camarão ho primeyro de Mayo/ ⁊ estãdo hi ho padre Francisco aluarez q̃ tinha assinada a coua em q̃ fora enterrado ho corpo de Duarte galuão quãdo ali faleceo vindo Lopo soarez de Judá desenterrou sua ossada pera a leuar á India, ⁊ isto secretamẽte sem ho saber mais q̃ Gaspar d̃ sá feytor da armada, ⁊ ambos leuarão a ossada ao galeão sam Lião em q̃ yão/ ⁊ tẽdoa metida acodio vento a popa cõ q̃ se Eytor da silueira partio, ⁊ disse Gaspar de sá a Francisco aluarez q̃ assi como Duarte galuão fora bõ homem ⁊ acabara seus dias em seruiço de Deos, assi lhes daua Deos bõ tẽpo por ele. E aos dez d̃ Mayo q̃ a armada era auãte Dadẽ ⁊ entrada no golfão q̃ lhe fazia rosto ho inuerno da India, se começou hũa muyto grãde tormẽta de vento cõ

que a segũda noyte cõ ho grande escuro q̃ fazia se espalhou a frota ⁊ se perderão hũs dos outros cõ grandissimo trabalho dos corpos ẽ darẽ á bomba pera esgotarẽ a muyta agoa q̃ lhes entraua, ⁊ perigo das vidas do mar q̃ os comia. E coeste tẽporal foy forçado a Eytor da silueira arribar á costa da India õde se achou só na enseada de Cãbaya: ⁊ por ser ja inuerno ⁊ nã ter õde se acolher tornou a arribar ao golfão cõ a mesma tormẽta, andando sempre ás voltas q̃ nã podia nauegar doutro modo/ ⁊ nelas se lhe gastou todo ho Mayo ⁊ sete dias de Junho/ ⁊ porq̃ os mantimẽtos q̃ leuaua nã erão pera tanto tẽpo foranselhe acabando, principalmẽte a agoa de q̃ se lhe foy a mayor parte cõ ho trabalhar do nauio na tormẽta, ⁊ chegou a ser tão pouca q̃ andou a gẽte tres dias q̃si sem comer nada por não terem q̃ beber. E neste tẽpo Eytor da silueira por dar exẽplo aos outros foy ho primeyro q̃ deixou de beber, ⁊ algũa pouca dagoa que leuaua na sua camara a daua por sua mão aos doẽtes q̃ auia algũs q̃ adoecião cõ fome ⁊ sede/ q̃ ele esforçaua cõ muyto boas palauras: ⁊ porq̃ nã sospeitassem q̃ bibia na sua camara nunca quis entrar nela neste tempo/ ⁊ agasalhauasse na tolda: o q̃ daua muyto esforço a todos pa sofrer tamanha fadiga/ a q̃ aprouue a nosso senhor de dar remedio cõ auerem vista de Mazcate a sete de Junho hũ dia a tarde, em q̃ ateli nẽ sãos nẽ doentes não tinhão bibido por de todo não auer agoa no nauio. E andando ás voltas pera tomar porto q̃ não podião tomar por lhes ho vẽto ser cõtrairo acodirãlhe duas fustas dos nossos q̃ ali andauão darmada que lhes derão agoa, ⁊ leuarão ho galeão á toa ao porto d̃ Mazcate: ⁊ tomados ali mantimẽtos se partio Eytor da silueira pera Ormuz õde estauão os capitães de sua armada q̃ chegarão. xxviij. d̃ Mayo. E chegado Eytor da silueira a Ormuz, dom Rodrigo deu a Lopo vaz hũa carta q̃ leuaua do Preste pera Diogo lopez de siqueira, ⁊ hũa roupa de seda cõ doze grãdes chapas douro d̃ martelo/ ⁊ ele lhe fez merce em nome del Rey de Portugal de duzẽtos pardaos/ ⁊ tambẽ ao embaixador do Preste doutros duzẽtos, ⁊ mandou logo tirar a mõte os nauios da armada Deytor da silueira por terẽ necessidade de corregimẽto pola tormẽta passada/ ⁊ mãdou pagar soldo a sua gẽte porq̃ não tinha q̃ gastar por as presas q̃ não fizera no estreito. E concertados os nauios/ mandou na entrada Dagosto Eytor da silueira q̃ fosse á põta de Diu esperar as naos q̃ fossẽ do mar roxo pera Cãbaya/ ⁊ mandou coele Manuel de brito ⁊ Manuel de macedo nos seus galeões, ⁊ cõ q̃tro galeões ⁊ duas carauelas se partio pera a põta d̃ Diu q̃si na fim Dagosto/ ⁊ ele ⁊ os capitães da sua armada tomarão hi por força tres naos de mouros de Meca q̃ yão pa Diu em q̃ se fizerão tão boas presas que despois de vẽdida a fazẽda q̃ se tomou nelas mõtouse no quinto del Rey sessẽta mil pardaos pagas as partes a fora os catiuos que forão muytos. E porq̃ despois da tomada destas naos não passarão mais outras/ partiose Eytor da silueira

pa Chaul/õde achou Lopo vaz de sam Payo q̃ auia pouco q̃ chegara Dormuz q̃ fez muyta hõrra a Eitor da silueira polas presas ⁊ muytos catiuos q̃ trazia de q̃ as galés ⁊ nauios da armada se podião bẽ fornecer. E foy acerto q̃ hũ soldado natural d Uiseu vio ãtrestes catiuos q̃ estauão presos hũ judeu velho q̃ moraua no reyno de Fartaque por õde passãdo ele cõ outros portugueses pa Ormuz/ q̃ se ꝑderão na costa do mesmo reyno ⁊ yão muyto pobres: aq̃le judeu velho q̃ estaua preso os agasalhou ẽ sua casa/ ⁊ lhes deu cõ q̃ se vestissẽ ⁊ despesa pera ho caminho. E lembrado este soldado deste bem q̃ lhe fizera/ pedio a Lopo vaz q̃ lhe fizesse merce dele/ cõtandolhe a causa porq̃ lho pedia: ⁊ ele lha fez louuandolhe muyto a lẽbrança q̃ tinha do bẽ que recebera. E despois ho soldado ãdou coele pedindo aos outros soldados dizẽdo a todos ho bem q̃ lhe fizera/ ⁊ ajũtoulhe cicoẽta pardaos: ⁊ quãdo os mouros ⁊ outros judeus souberã isto dizião pubricamẽte q̃ outro bẽ não era agardecido senão o q̃ se fazia aos Portugueses/ ⁊ por isso lhes auião de fazer bẽ quãdo os achassem ẽ suas terras.

¶ Cap. vj. De como temẽdose Meliq̃ saca capitão de Diu del rey d Cãbaya determinou de dar fortaleza aos Portugueses.

HO q̃rto rey de Cãbaya q̃ ouue nome çoltão madofar teue hũ filho q̃ foy ho primeyro a q̃ chamou Badur, que sendo moço mandaua matar por lhe dizerẽ os seus feiticeiros q̃ despois de homẽ auia de dar muyta oppressã ao reyno ⁊ ho auia de destruir por ser muyto mao. E sendo Badur auisado disto fugio ⁊ foyse pelo mũdo em trajos de jogue com q̃ andou por diuersos reynos ⁊ q̃si q̃ soube as lingoas de todos por ser muyto curioso de saber as cousas estrãgeiras ⁊ muy ẽgenhoso, ⁊ indo ter á cidade de Chitor no reyno de Sãga (q̃ como disse confina cõ ho d Cãbaya) soube como seu pay era falecido/ ⁊ assi hũ seu filho q̃ por seu falecimẽto lhe sucedera no reyno, ⁊ q̃ os senhores de Cãbaya leuãtarão por rey outro seu irmão. E determinãdo dauer por esta via ho reyno q̃ era seu de dereyto/ descobriose á raynha Cremeti (q̃ estaua viuua ⁊ gouernaua o reyno por ho principe ser ainda menino) pedidolhe ajuda ⁊ fauor pa cobrar seu estado: o q̃ lhe ela deu de boa võtade/ ⁊ fez cõ el rey do Mãdou seu vezinho senhor muy poderoso q̃ tambẽlha desse: ⁊ cõ esta grande ajuda cobrou ele ho reyno em q̃ matou seu irmão ẽ hũa batalha despois dalgũas q̃ ouuerão ambos. E sẽdo çoltão Badur pacifico rey de Cãbaya começou de se querer vigar d algũs senhores do reyno q̃ seguirão cõtrele a parte de seu irmão / ⁊ ãtrestes foy Meliq̃ saca filho d Meliquiaz, q̃ era capitão de Dio/ ⁊ receãdo ele q̃ el rey lho tomasse, determinou d se fauorecer cõ os Portugueses/ ⁊ porq̃ lhe parecia q̃ não auia gouernador na India por ser ainda ẽ Ormuz escreueo a Christouão d sousa q̃ lhe mãdasse hũ homẽ muyto hõrrado/ que lhe queria dar cõta d ũ caso de muyta importãcia, pera o que lhe era necessario fauor do gouerna

dor ꝛ não quis escreuer o q̃ era por não ser descuberto: ꝛ por Lopo vaz estar ẽ Chaul foylhe dada esta carta/ ꝛ pola imizade q̃ sabia q̃ auia antre Meliq̃ ꝛ el rey de Cambaya lhe pareceo q̃ por necessidade se lhe queria encomẽdar/ ꝛ ele quisera ser o q̃ fora a verse cõ Meliq̃/ mas foy por todos cõtrariado em conselho/ dizendo q̃ não era bẽ que ho gouernador da India fosse a cousa incerta: ꝛ acordarão q̃ fosse Eytor da silueira cõ a armada cõ q̃ partira Dormuz, ꝛ ele foy cõtẽte ꝛ se partio logo.

¶ Capit. vij. Do conselho q̃ Hagamabmut deu a Meliq̃ sobre despejar Diu: ꝛ como lho tomou.

Chegado Eytor da silueira ao porto d' Diu Meliq̃ se vio logo coele ꝛ lhe contou toda a imizade q̃ auia antrele ꝛ el Rey de Cambaya de quẽ se não auia de fiar posto que rècõciliassem/ porq̃ não goardaua a ninguẽ sua palaura: ꝛ por isto queria por se vingar dar a fortaleza de Diu a el Rey de Portugal pa ter seu fauor ꝛ ajuda quãdo lhe fosse necessaria/ porem que auia de leuar toda a artelharia ꝛ munições que tinha em Diu pera Jaq̃te hũa ilha nos Rezbutos õde queria fazer sua morada por se segurar del rey d' Cãbaya/ ꝛ q̃ lhe auião de dar ametade do q̃ rendesse a alfandega de Diu. E algũas vezes q̃ Meliq̃ se vio com Eitor da silueira teue coele esta pratica sẽ auer mais effeyto, porq̃ mouros nũca acabão de se determinar porq̃ de seu natural sã descõfiados: ꝛ este tinha algũ receyo q̃ despois q̃ teuessẽ Diu nã lhe dariã nada/ ꝛ fazialho ter Hagamabmut aq̃le mouro seu parente de q̃ faley atras que estaua coele, a quẽ pesaua tanto de dar Diu aos nossos q̃ desejaua d' ho matar/ ꝛ como não podia dissimulaua coele ꝛ dizialhe q̃ fazia muyto bẽ de dar Diu aos Portugueses porse segurar del rey de Cãbaya/ porẽ q̃ segurança teria ele de lhe darẽ ametade do q̃ rendesse a alfandega de Diu despois q̃ ho teuessem/ ꝛ q̃ lhe parecia q̃ estando eles no porto de Diu não se deuia de ir pera Jaquete: porq̃ como os Portugueses nã erão seus amigos por natureza se não por interesse quẽ lhes tolheria q̃ ao embarcar de sua pessoa, molheres ꝛ thesouro q̃ era grande ho não tomassem cõ tudo, pera q̃ estãdo em seu poder lhe alargase ho thesouro ꝛ o que lhes pedia da rẽda de Diu. E como Meliq̃ era desconfiado ꝛ andasse tão cheo de medo fez lho muyto grande esta duuida de Hagamahmut q̃ era seu parẽte ꝛ amigo/ ꝛ de quẽ confiaua q̃ se doeria de sua vida ꝛ hõrra, ꝛ por isso o que lhe disse fez nele tamanha impressã q̃ sospeitou que aquilo poderia assi ser/ ꝛ começou de se ãtreter em sua ida, ꝛ preguntou a Hagamahmut o q̃ faria: ꝛ ele por lhe nã sair de todo da vontade q̃ sabia q̃ era dar Diu/ disselhe q̃ assi ho deuia de fazer pera se segurar del rey de Cambaya. E pera segurãça dos Portugueses q̃ não fizessem o que receaua não se deuia dembarcar coeles no porto: ꝛ deuia de dizer a Eytor da silueira que se tornasse a Chaul fingindo algũas causas pera isso, ꝛ despois de partido se embarcaria muyto a seu saluo ꝛ se iria/ ꝛ ele ficaria em Diu

pera ho ētregar a Eytor da ſilueira
q̄ logo mandaria chamar deſpois
de ſua partida. E não ſendo Meliq̄
tão recatado como lhe era neceſſa-
rio teue por muyto bõ ho conſelho
de Hagamahmut q̄ lho não daua
a outro fim ſe não pera que os Por
tugueſes não ouueſſem Diu, que de
terminaua de partido Melique ho
entregar a el rey de Cambaya pera
ſe congraçar coele: ⁊ começando a
embarcação de Melique de ſe dila-
tar/ ya Hagamahmut cõ recados
a Eytor da ſilueira ao ſeu galeão di
zendolhe da parte de Melique que
ſentia aluoroço nos moradores de
Diu por verem a noſſa frota no por
to ⁊ começarem de ſentir q̄ lhe que-
ria dar Diu/ ⁊ que receaua de ſe le-
uantarem contrele, por iſſo q̄ deuia
tornarſe a Chaul pera com ſua
ida ſe aſſeſſegar a cidade, ⁊ aſſeſſega
da tornaria. E parecendo a Eytor
da ſilueira que aquilo era arrepen-
derſe Melique mandoulhe dizer q̄
do aluoroço da cidade lhe nã deſſe
nada/ porque como a fortaleza eſta
ua da banda do mar podia embar-
car ſe hũa noyte ſecretamēte/ ⁊ em
ſe embarcando ſe meteria ele dentro
na fortaleza/ ⁊ como foſſe nela lhe-
daria pouco polos aluoroços da ci
dade. Ao que Melique reſpondeo
por conſelho de Hagamahmut que
ele não ſe auia dir de Diu ſem leuar
toda ſua fazenda ⁊ artelharia o que
não ſe podia embarcar ſe não por eſ
paço de dias / ⁊ em quanto ſe em-
barcaſſē ſeria ſua ida deſcuberta o
que ele não queria/ por iſſo lhe pare
cia que ſe deuia de tornar a Chaul
⁊ ele embarcaria ſua fazenda mais
diſſimuladamēte ⁊ ſem ſoſpeita da
gēte q̄ aſſeſſegaria cõ ſua ida: ⁊ tēdo
tudo preſtes ho mādaria chamar/
⁊ aſſi ſe faria melhor ⁊ mais a ſaluo
de todos. E deſconfiādo Eytor da
ſilueira da verdade de Meliq̄ por
eſtes recados/ por ſaber a verdade
da ſoſpeita q̄ tinha de lhe não dar
Diu/ banqueteaua Hagamahmut
⁊ outros mouros que yão coele, ⁊
mandaualhes dar muyto vinho du
uas pera que os embebedaſſe/ por
lhe parecer que bebados lhe dirião
a determinação ḋ Meliq̄. E Haga
mahmut como era prudēte ētēdiao
⁊ faziaſe muyto bebado: ⁊ porque ſe
Eytor da ſilueira foſſe dizialhe que
Meliq̄ nã lhe auia de dar fortaleza
em Diu/ ⁊ q̄ ho tinha ali pera aſſen-
tar bē ſuas couſas cõ el rey ḋ Cāba
ya cõ quē ādaua tratādo amizade.

¶ Capit. viij. De como Eytor da ſilueira ſe tornou a Chaul/ ⁊ do mais q̄ fez Lopo vaz ḋ ſã Payo.

DIſto creo Eytor da ſil-
ueira q̄ ſeria aſſi porq̄ ſe-
gũdo ho feruor q̄ vira ē
Melique pera deſpejar
Diu pareceolhe que ao outro dia
ho deſpejaria, ⁊ vendo a dilação
que punha / teue por certo que ſe
arrependia da primeyra determi-
naçã: ⁊ aſſi ho eſcreueo a Lopo vaz
pedindolhe que determinaſſe o que
faria/ porque lhe parecia que ſua
eſtada era ſem proueito. Viſta por
Lopo vaz eſta carta / moſtrouha
em cõſelho em que lhe foy dito por
algũs que ninguem podia melhor
determinar o que Eytor da ſilue-

ra faria naquele negocio que ele mes mo pois lá estaua e via o que passaua/ de q̃ podia determinar o que seria melhor: porque determinarse coeles que não tinhão experiencia do que la ya era fazer cousa ás escuras: e que podião com sua determinação deitar de todo a perder aquele negocio de que a el rey de Portugal resultaua tanta honrra e tanto proueito, por isso que Eytor da silueira ho determinasse e assi ho fizesse. Outros disserão q̃ pois ele era tão froxo que estando la e vendo o que passaua não sabia determinar o que faria, e ho mãdaua preguntar aquem ho não via, que não era bem deixar cousa de tanta importancia em sua determinação/ e que se mãdasse homem que ho soubesse fazer. E como os pareceres erão differẽtes/ e quasi tantos dũa parte como da outra/ lãçouse Lopo vaz da que dizião que Eytor da silueira determinasse o que lhe parecesse, porq̃ lhe pareceo que naquilo lhe fazia fauor porq̃ desejaua de ho ter de sua mão/ sem mais atentar quanto melhor fora mãdar outro porque não fizera o que fez Eytor da silueira/ a quem escreueo o que determinara no conselho. E como a cousa ficou em seu parecer, e ele esteuesse enfadado destar ali vendo como Melique insistia que fosse a Chaul, e crendo que ho fazia por não comprir o que tinha prometido se foy sem mais cõsiderar/ que assi como podia ser que Melique mentia assi tambem falaria verdade. E que ho medo que tinha del rey de Cambaya lhe representaria mil inconuenientes pera fazer hũa cousa tamanha como deixar Diu e dalo aos Portugueses. E partido foy ter a Chaul õde deu conta a Lopo vaz do que passaua ẽ Diu: e não atentando mais Lopo vaz naquele negocio não tornou a mandar logo Eytor da silueira a Diu ou outro com hũa instrução do que auia de fazer / ãtes ordenou de ho mandar ao estreito a fazer presas e que partiria dali, porque em quanto se apercebesse pera a partida se Melique mandasse recado pera dar a fortaleza acodisse logo. E isto se assentou em conselho, e porq̃ as nouas da vinda dos rumes aa India se começauão dauiuar por certas/ pareceo bem a Lopo vaz escreuelas a el Rey de Portugal, e q̃ as leuasse Francisco de mendoça no seu nauio/ por quem lhe tambem escreueo a abertura da sua subcessam pola ausencia de Pero mazcarenhas/ e como gouernaua a India: e porque podesse vir gente na armada do anno seguinte despachou logo Francisco de mendoça q̃ partio na entrada doutubro porque chegasse a Portugal antes que a armada partisse: e tambẽ despachou pera Moçambiq̃ a Nuno vaz de castelo branco capitão e feytor do nauio do trato de Cãbaya pera çofala/ a q̃ mandou q̃ desse auiso em Moçãbiq̃ da vinda dos rumes porq̃ se bi fossem ter q̃ esteuessẽ apercebidos. E estas nouas dos rumes escreueo lopo vaz a Goa e a todas as outras fortalezas, rogando aos casados q̃ quisessem seruir a el rey de Portugal em certas cousas que lhes nomeou q̃ erã necessarias por amor da

vinda dos rumes pera o q̃ não auia
dinheiro ao presente. O que eles fi-
zerão de muyto boa vontade, ⁊ em
Cochim começarão logo hũ galeão
⁊ hũa carauela/ ⁊ hũa gale: ⁊ de re-
nouar a fortaleza que estaua dãnefi
cada: ⁊ em Cananor se abrio hũa ca
ua muyto alta que cingisse a forta-
leza/ ⁊ em Goa hũ lanço de chapa
no muro ⁊ hũ galeão, ⁊ hũa caraue
la/ ⁊ hũa gale, ⁊ em Chaul outra ga
le, ⁊ mandou tambẽ Lopo vaz Fer-
não de morais a Ormuz com poluo
ra ⁊ outras cousas necessarias pera
defensam da fortaleza. E feyto tu-
do isto partiose pa Dabul pera ho
destruir por estar aleuantado, ⁊ pos
to que estaua assentado em cõselho
q̃ Eitor da silueira ficasse ẽ Chaul/
⁊ dali se partisse pera ho estreito/
porque se Melique mandasse reca-
dolhe acodisse: lopo vaz ho leuou
cõsigo com toda a armada pera ho
mãdar de Goa, sendolhe requerido
por todos os fidalgos que ho não
leuasse porque se não perdesse Diu
por ele ali não estar se Melique mã-
dasse recado pera ho entregar/ ⁊ nã
quis se não leualo/ ⁊ isto a requeri-
mẽto Deitor da silueira/ porque ou
ue por afronta ficar em Chaul com
Christouão de sousa que daua mesa
a todos os fidalgos que ali inuer-
narão que erão muytos, ⁊ assi a ou-
tra muyta gente que todos folga-
uão destar em Chaul por Christo-
uão de sousa ser muyto largo de cõ
dição ⁊ aprazíuel. E porque Eitor
da silueira não auia dandar tão acõ
panhado como ele/ por não poder
fazer o que ele fazia não quis ficar
em Chaul/ ⁊ fez com Lopo vaz que
ho leuasse a Goa: o q̃ foy a final cau-
sa de se desta vez não auer Diu.

¶ Capit. ix. De como ho Tanadar de Dabul pedio paz a Lopo vaz de sam Payo.

DE Chaul se foy Lo-
po vaz d̃ sam Payo
a Dabul com deter-
minaçã de o destruir
porque ho tanadar
recolhia ali mouros
de Meca, ⁊ consentia que carregas-
sem suas naos/ ⁊ trazia algũas fus
tas darmada auẽdo paz ãtre el Rey
de Portugal ⁊ ho Hidalcão. E en-
trando pola barra dentro cõ a gen-
te prestes pera desembarcar/ sayo
ho Tanadar a recebelo em hũa al-
madia, porq̃ não era aquele contra
quem ya Lopo vaz/ se não outro q̃
lhe sucedera no officio que desejaua
de conseruar a paz q̃ estaua assenta-
da/ ⁊ por isto sayo a receber a Lopo
vaz ⁊ desculpouselhe da culpa que
teuera seu antecessor pedindolhe q̃
lhe confirmasse a paz que estaua as-
sentada com os nossos/ ⁊ que faria
quanto quisesse. E elelha cõfirmou
com cõdição que lhe entregasse as
fustas com sua artelharia/ que logo
entregou/ ⁊ hũa nao de Meca que
estaua carregada de pimenta, ⁊ que
não acolheria mais outras no seu
porto. E isto feyto partiose Lopo
vaz pera Goa.

¶ Capit. x. Do q̃ acõteceo a Antonio galuão capitão d̃ hũa das naos da carga ate chegar á India.

NEste ãno de mil ⁊. ccccc xxvi.
partirão de Portugal pe-

ra a India quatro naos sem capitão mór de que forão capitães Frãcisco danhaia Tristão vaz da veiga Antonio dabreu que leuaua a capitania mór do mar de Malaca / e Antonio galuão filho de Duarte galuão / que partio derradeiro de todos a dezaseys de May: oque nũca ateli partira nao tã tarde. E chegando á costa de Guiné andou nela corenta dias hora na volta do mar hora na da terra sem poderem sair dali fora: porque como aqui correm as agoas em demasia pera terra cõ a enchente da maré por muyto que de noyte se alargauão pera bo mar não podia ser tanto que quãdo amanhecia não se achassem pegados cõ terra / porque não podião romper a grande força dagoa. E como Antonio galuão entendesse algũa cousa da pilotagem / dizia muytas vezes ao pilotoq̃ fossem na volta do mar pois tinha vento / que posto q̃ fosse escasso que quanto mais se empegassem lhes alargaria. E bo piloto não queria dando suas rezões q̃ Antonio galuão recebia cõtra sua võtade por lhe não parecerẽ boas / mas não lhe queria tomar seu officio de mandar a via. E andãdo neste trabalho foy ter coele hũ nauio que ya da ilha de sam Thome pera Portugal / e sabendo que a nao ya pera a India lhe disserão dele que se tornassem pera Portugal porque ja não tinhão tempo pera irem á India aquele ãno por ser na fim de Junho / e q̃ estauão ainda na paragem do cabo do monte: com o que a gẽte da nao ficou confusa e aluoroçada pera requerer ao capitão que se tornassem, assi por ser tarde como por a nao pender muyto e ser temerosa de vela: porem Antonio galuão os assessegou esforçando os que espera ua em nosso senhor de passar aquele anno a India. E vendo bo piloto e mestre do nauio como querião proseguir sua viagem, disserão ao piloto da nao que porque não se alargaua da terra e fazia bo caminho pera bo cabo de santo Agostinho / porque aq̃la era a verdadeira nauegação / pelo que ele pedio perdão a Antonio galuão de não querer tomar seu cõselho que então aprouou por bõ: e dali por diãte se fez na volta do mar / e quis nosso senhor que lhes alargou sempre bo vento e fizerão coele seu dereito caminho / e porem dando ás velas quando as outras amainão q̃ assi era necessario por ser muyto tarde. E porque a gẽte se agastaua com andarem tanto, Antonio galuão polos animar e tirar bo medo que tinhão mandaua sempre ter pão e vinho sobre cuberta pera que comessem e bebessem / e atambor e pandeiros pera tangerẽ e cantarem: porque doutra maneira morrerão todos de pasmo. E como Antonio galuão vio bo erro q̃ bo piloto fizera em não se empegar da costa de Guiné nã descansou mais sobrele e tomou antre si cuidado da via e de cartear: e era tão certo nisso que fazendose bo piloto e outros cõ as ilhas de Tristão da cunha passadas, sempre perfiou que nã e no ꝓprio põto q̃ disse q̃ as auiã de ver as virão, do q̃ bo piloto e os outros se espantarão muyto. E nauegando com muyto trabalho

se poserão ẽ altura de trinta & noue graos, & dali começarã a deminuir & por se fazerẽ com ho cabo dobrado no mes de setẽbro em q̃ ouuerão destar na India, pareceo ao piloto que ja aquele ãno não poderião ir a ela/ ainda q̃ Antonio galuão q̃ria ir por fora/ do que se o piloto agastaua tanto/ q̃ disse á gente que os q̃ria leuar aperder/ porque os vẽtos auião ja de ser leuantes/ & as agoas corrião muyto naquele tempo pera ho estreito de Meca/ onde os auião de lançar como ja lançarão outras naos/ & este auia de ser ho derradeiro remedio quãdo os deos quisesse saluar milagrosamẽte: mas que ho mais certo era q̃ antre mouçáo & mouçáo que era ho mes doutubro & de setẽbro auião dachar tãta calmaria naquele golfão q̃ auiã de morrer de fome & de sede/ & isto quãdo escapassẽ dos muyto baixos & ilhas & rastinguas q̃ auia nele. E co estas rezões & com outras prouocou quasi todos a que fizessem por força ir Antonio galuão por dẽtro quãdo não quisesse por sua võtade. & primeyro ho piloto ẽ nome de todos lhe fez hũa fala em que lhe daua todas as rezões que digo & outras muytas pera não ir por fora se não por dentro/ & inuernar em Moçãbiq̃. Ao q̃ Antonio galuão respondeo que não auia dir se não por fora/ & q̃ esperaua em nosso sñor de passar aquele ãno á India/ rogãdo muyto a todos que lhes parecesse bem ho q̃ dizia, & insistindo nisto chamou ho piloto ao mestre, q̃ auia nome Esteuão dias pera q̃ ho ajudasse contra o capitão poys todos erão da sua parte/ ao que ele respõdeo que nũca deos quisesse q̃ fosse cõtra tal pessoa, quãto mais sendo seu capitão, a que era obrigado dobedecer/ & co isto ficou a cousa assi. E cõ tudo tendo o piloto os mais da sua parte determinou de leuar a nao a Moçãbique mandando gouernar pera lá, ho q̃ sabẽdo Antonio galuão mandou logo gouernar pera onde queria / pelo que ho piloto lhe emcãpou a nao, & fez fazer hũ auto de como lhe o capitão tomaua ho seu officio & q̃ria meter a nao no fundo req̃rẽdolhe da parte delrey q̃ lhe deixasse fazer seu caminho & como Antonio galuão visse q̃ ho melhor era ir por fora não quis se não fazer ho que lhe parecia bem: & disse q̃ ele mãdaria a via: & porq̃ lhe não mudassẽ a derrota tinha de noite & de dia hũa agulha na sua camara em q̃ via pera onde gouernauão, & encomẽdauase a nosso sñor mandando dizer missa todos os dias/ & a noite á Salue & as ladaynhas & rogaua a nosso sñor q̃ lhe valesse. E era tam deuoto/ q̃ quebrãdolhe ho garoupez cõ hũa toruoada nã quis q̃ se concertasse ao outro dia por ser dia sancto, nẽ ao outro q̃ era domingo, cõ quãto o mestre se queixaua q̃ perdião viagẽ sem a ceuadeira, & todauia não quis Antonio galuão q̃ se corregesse ho garoupez por serẽ os dias q̃ erão / ho que parece que foy permissão diuina porq̃ se andarão naq̃les dous dias tãto quãto o mestre quisera ouuerão dir varar por cima dos baixos dos abrolhos que estão em dezasete graos da bãda do norte / & sẽdo perto da linha

começoulhe dadoecer algũa gente q̃ ele fez curar cõtanta diligencia q̃ lhe nã morreo niguẽ/ ho q̃ foy muyto despantar/ porq̃ ali morrẽ sẽpre muytos. E despois q̃ ho piloto vio quã bõ conselho fora ho Dantonio galuão em ir por fora/ ꝛ q̃ esperaua de ser muy cedo cõ á costa da India pediolhe perdão dos reqrimẽtos q̃ lhe fizera, louuãdoho do melhor piloto do mundo: ꝛ indo ja perto da costa da India acharãose antre as ilhas de Maldiua, ꝛ como sã todas rasas com a agoa ꝛ nẽ ho piloto nẽ nenhũ dos que yão na nao forão ali nũca ficarão muyto agastados: ꝛ mais porque virão hũs baixos por proa q̃ arrebẽtauão em frol/ ho q̃ visto por Antonio galuão se sobio agauea com ho mestre, (porq̃ ho piloto desacoroçoou) pera descobrir de lá a terra ꝛ por onde auião dir/ ꝛ assi chegou aos baixos q̃ conheceo que erão de pedra viua/ pelo q̃ lhe pareceo que ao lõgo deles auia de ser alcantilado/ ꝛ mandou fazer caminho ao derredor deles/ ꝛ em se poendo ho sol mãdou tirar algũs tiros pera q̃ a codisse gẽte de terra se a ouuesse, de q̃ soubesse õde era. E logo sayo de hũa ilha hũa almadia bẽ esquipada em q̃ ya hũ velho com quinze ou vinte homẽs que chegãdo abordo da nao entrou dentro/ ꝛ dele soube Antonio galuão q̃ era sñor da q̃la ilha q̃ auia nome Gãfar hũa das de Maldiua ꝛ que ya bem nauegado: ꝛ foy coele ate ho outro dia em amanhecẽdo que sayo dantreas ilhas, ꝛ posto q̃ ho mestre ꝛ piloto cõselhauã a Antonio galuão q̃ não deixase ir os das ilhas ate ho poerem na costa da India não quis dizẽdo q̃ afora não fazer ho q̃ deuia ficaria agẽte tam escandalizada que ainda q̃ vissem outra nao nã lhe acoderiã ꝛ a deixarião dar á costa/ ꝛ galardoãdolhes a boa obra q̃ lhe fizerão os deixou ir/ ꝛ partidos daqui hũ domigo na fim doutubro ẽ amanhecẽdo ouuerão vista de doze velas ꝛ arribãdo a elas virão terra ꝛ ao longo dela hũa grãde armada q̃ com ho terrenho se fazia na volta do mar/ ꝛ das doze velas q̃ parecerão primeiro/ ꝛ neste tempo foy conhecida a terra q̃ erão as serras de Calicut: ꝛ a armada era de Malabares/ ꝛ ás doze velas cuidauão serem de rumes que era a propria mouçãopera virem/ ꝛ os nossos estauão ja prestes pera pelejar que em amanhecendo se apercebeo Antonio galuão/ ꝛ nisto hũa das doze velas chegou á nao, ꝛ conhecẽdo que era dos nossos saluouos com hũa grande grita, ꝛ entrarão algũs na nao que disserão a Antonio galuão como estaua defronte de Calicut que estaua de guerra ꝛ de lá era a armada que virão, ꝛ que ho tempo os lançara ali vindo pera Cochim das ilhas de Maldiua com fazenda pera afeitoria/ pedindolhe que os leuasse em sua conserua porque não tinhão artelharia, ꝛ ele ho fez assi ꝛ a armada de Calicut não ousou de os cometer, cuydando que todos erão darmada ꝛ forãose meter no porto, ꝛ Antonio galuão surgio defronte por lhe ser ho vento contrairo pera Cochim/ pera onde queria ir, não temendo ho perigo que era estar tão perto

dos immigos, ⁊ ali pedirão muyto todos os da nao a Antonio galuão que pois ho vento era a popa pera Cananor ⁊ pera Goa que fossem lá ⁊ que farião muyto proueito em vẽder hi suas mercadorias, porq̃ vẽdendoas em Cochim como era ho derradeiro porto auião de fazer barato delas. E escusandose Antonio galuão desta ida por recear que não tornasse a Portugal no ãno seguinte por quão tarde era, lhe disserão que isso querião eles, porque como a nao era grande ⁊ não tinha na India õde inuernar irião a Ormuz em que farião muyto proueito dobrãdo sua fazẽda / ⁊ quando tornassem seria mais cedo ⁊ poderião empregar de vagar: ⁊ como isto era perda del rey não quis Antonio galuão q̃ se fizesse, ⁊ acodindolhe tempo foyse a Cochim onde achou as outras naos que aquele anno partirão de Portugal.

¶ Capit. xj. De como el rey d̃ Portugal mandou que Lopo vaz de sam Payo fosse gouernador.

Chegados a Cochim Francisco danhaya ⁊ Tristão vaz da veiga q̃ erão capitães de duas naos derão a Afõso mexia védor da fazẽda duas vias d̃ cartas q̃ lhe leuauão del Rey d̃ Portugal, ⁊ nestas achou ele dous maços de subcessões da gouernaça da India por falecimẽto de dom Anrrique de meneses. E pera saber como aquilo era leo hũa de duas cartas que lhe el Rey escreuia que dizia.

¶ Afonso mexia / eu el Rey vos enuio muyto saudar. Per duas vias vos enuio nesta armada que nosso senhor leue a saluamẽto dous sacos de cartas ⁊ despachos das cousas dessas partes que ouue por meu seruiço q̃ agora fossem / ⁊ leua hũ dos sacos Tristão vaz daueiga ⁊ outro Francisco danhaya: tomay as cartas que vão pera vos ⁊ as do capitão mór lhe day ⁊ assi todas as outras ás pessoas a que vão, ⁊ não fique nhũa que não seja dada / ⁊ aquelas que esteuerẽ fora donde vos esteuerdes mandaylhas dar ⁊ vão a todo bõ recado. E nesta armada me enuiay hũ rol de como forão dadas aquelas que destes ás pessoas onde vos estais / ⁊ ho modo que teuestes em enuiar as outras q̃ vão pera as pessoas que esteuerẽ fora / ⁊ tomay disto bõ cuydado / porq̃ ho ey por muyto meu seruiço serẽ dadas todas as ditas cartas: as prouisões q̃ vão das subcessões da capitania mór, tẽde naq̃la boa goarda ⁊ segredo q̃ cumpre a meu seruiço como de vos confio. Scripta em Almeirim a vinte dias de Março Pero dalcaçoua carneyro a fez de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ vinte seys: ⁊ das outras prouisões q̃ ja la tẽdes não se ha dusar, ⁊ as tereis ẽ boa goarda ⁊ mas trareis q̃ndo ẽ bora vierdes. el rey. A outra carta era do teor desta, se não q̃ não tinha esta particula derradeira. E vistas pelo védor da fazenda / pegouse a esta particula derradeira que das prouisões das subcesões q̃ estauã na India nã se auia dusar: ⁊ por isso determinou dabrir estas q̃ vão de nouo, ⁊ dizẽdo q̃ era

hũa cousa que cumpria muyto ao seruiço del Rey, fez ajũtar na sé de Cochim dom Vasco deça capitão da fortaleza ho licenceado João do soiro ouuidor geral da India, Joã rabelo feytor de Cochim / Duarte teixeira tesoureyro das mercadorias / com outros officiaes da fazẽda ꝛ da justiça / ꝛ assi os capitães da armada de Portugal ꝛ outros fidalgos ꝛ caualeyros da India. E juntos todos lhes leo aquelas duas cartas que lhe el Rey escriuia: ꝛ despois lhes disse que ẽ hũa delas parecia bem claramẽte não querer el Rey que se vsasse das subcessões que estauão na India se não daquelas que ali mandaua / ꝛ que derogaua as que erão abertas / pelo que queria abrir as outras / ꝛ ver quem el Rey mandaua que fosse gouernador pera ho auerẽ por esse. Ao que dom Vasco deça / disse que por dizer na sua carta que das prouisões que estauão na India não se vsara / não se entendia que se vsasse das q̃ yão posto que as da India fossem abertas: porque se el Rey aquilo quisera que assi ho declarara / ꝛ que escreuera parecendolhe que as subcessões que estauão na India não erão obertas / mas sendo ho como auia de mandar que se não vsasse delas ꝛ ficar em tamanha obrigação como ficaua aos q̃ daua a gouernança da India ꝛ lha tiraua sem nhũa causa pelo que mãdaua ter em muyto grande segredo as subcessões, ꝛ pois el Rey não mandaua, que posto que fossem abertas as q̃ estauão na India / que se abrissem as q̃ mãdaua de nouo que lhe requeria da parte del Rey que as não abrisse / ꝛ não desse causa a auer diuisões na India, que estaua claro auer antre Pero mazcarenhas cuja era a gouernança de dereyto: ꝛ aquele que se achasse na noua subcessam cuja a gouernança não era / pois el Rey não mãdaua que lha dessem: ꝛ se ele queria seruir sua alteza, que lhe tornasse a mandar a noua subcessam cõ declaração do porque a nã abrira. E deste parecer de dõ Vasco forão muytos, ꝛ outros com ho vẽdor da fazenda que se abrisse a noua subcessam. E ele disse a dom Vasco ꝛ aos outros que de ser mal ou bem abrir se a noua subcessam / que ele daria conta de como ho fizera, ꝛ q̃ a auia dabrir: ꝛ assi ho fez contra vontade da mayor parte dos q̃ ali estauão.

¶ Capit. xij. De como Lopo vaz d' sam payo foy declarado por gouernador.

ABerta a noua subcessão Fernão nunez escriuão da fazenda a leo em alta voz, dizendo

¶ Eu el Rey faço saber a todos os meus capitães ꝛ alcaydes móres das minhas fortalezas da India / capitães das naos / nauios das armadas que nas ditas partes ãdão / feytores ꝛ escriuães de minhas feytorias / capitães de naos, nauios q̃ vão pera vir cõ a carrega pera estes reynos / fidalgos / caualeyros / ꝛ gẽte darmas q̃ nas ditas partes andarẽ ꝛ a todas q̃es quer outras pessoas ꝛ officiaes da justiça ꝛ fazẽda a q este meu aluara for mostrado, q̃

pela muyta confiança que tenho de Lopo vaz de sam payo fidalgo de min ha casa / que nas cousas de q̃ ho encarregar me sabera bẽ seruir: me apraz que sendo caso que faleça dõ Anrrique de meneses/ q̃ ora he meu capitã mór ꝛ gouernador das ditas partes da India q̃ nosso Senhor não mãde, subceda ꝛ entre na dita capitania mór ꝛ gouernança, ho dito Lopo vaz pera nela me seruir/cõ aquele poder jurdição ꝛ alçada que tinha dada ao dito dom Anrrique de meneses/ ꝛ me apraz que aja em cada hũ ãno em quanto me seruir na dita capitania mór ꝛ gouernança/ dez mil cruzados .s. cinco mil em dinheiro, ꝛ os outros cinco mil em pimẽta comprada do seu dinheiro ao partido do meyo/ tomãdo ꝛ nomeando seu risco nas naos ꝛ nauios q̃ nomear que vierẽ pera estes reynos/segundo ordenãça dos partidos do meyo. E entrãdo assi ho dito Lopo vaz na dita capitania mór ꝛ gouernança da India/ entrará na capitania mór do mar que ele tem / Antonio de miranda dazeuedo/ com ho ordenado que coela tinha ho dito Lopo vaz de sam payo, ꝛ no cargo que ele ao tal tempo teuer / prouerá ho dito capitão mór ate eu prouer: ꝛ não estãdo na India ho dito Lopo vaz ao tempo do falecimento do dito dom Anrrique/ por ser vindo pera estes reynos ou sendo falecido/ou falẽdo despois dẽtrar ꝛ suceder na dita capitania mór ꝛ gouernança/ ẽ qualquer destes casos entrara por capitão mór ꝛ gouernador Pero mazcarenhas que está por capitão de Malaca: ꝛ auera ho dito Pero mazcarenhas, os ditos dez mil cruzados / de seu ordenado de capitão mór ꝛ gouernador/ daquela maneyra que os ordeno ao dito Lopo vaz/ ꝛ ẽtrará Pero de faria na capitania de Malaca, õde o dito Pero mazcarenhas está ꝛ auerá ho ordenado da capitania de Malaca. E estãdo ele por capitão ẽ Goa prouera ho dito meu capitão mór na dita capitania / a pessoa que lhe parecer que pertence mais a meu seruiço ate eu prouer/ ꝛ auerá ho ordenado da dita capitania. E porem volo notefico assi, ꝛ vos mando a todos em geral ꝛ a cada hũ em espicial, que vindo ho dito caso se cumpra/ ꝛ goarde inteyramente este meu aluara como nele he conteudo/ ꝛ a qualq̃r dos sobreditos que entrar na dita gouernãça obedeçaeis , ꝛ cumpraes seus requerimentos ꝛ mandados/ assi como ho fazies ao dito dom Anrriq̃, ꝛ como sois obrigados de fazer ao dito meu capitão mór ꝛ gouernador/ ꝛ em todo ho deixai vsar / do poder, jurdeção/ ꝛ alçada/ que ao dito dom Anrrique tinha dada por minha carta/sem duuida nem embargo algũ que a elo ponhaeis, ꝛ mando ao meu vedor da fazenda que em cada hũ anno em quanto me seruir na dita capitania mór ꝛ gouernança / lhe mande pagar os ditos dez mil cruzados na maneyra sobre dita. Feyto em Almeirim, á quatro dias Dabril/ Jorge Rodriguez ho fez, de mil ꝛ quinhentos ꝛ vinte seys . E estes dez mil cruzados que ordeno que ajão os

ſobreditos por anno, ſera naquele proprio modo / forma ⁊ maneyra q̃ os tenho dados ao dito dõ Anrrique / ⁊ ho ordenado de Antonio de miranda dazeuedo entrando na capitania mór do mar ſerão dous mil cruzados por anno. ſ. mil em dinheiro ⁊ mil em pimenta no modo ſobredito de como a ha dauer ho dito dom Anrrique, poſto que diga q̃ ha dauer ho ordenado d̃ Lopo vaz. El rey lido eſte aluara, foy feyto hũ auto por Fernão nunez eſcriuão da fazẽda da abertura daquela ſubceſſam q̃ foy aſſinado pelos mais dos que ali eſtauão, porem a mais da gẽte aſſi altos como baixos eſtranhauão muyto abrir ſe aq̃la ſubceſſam, ⁊ dizião q̃ ho vẽdor da fazẽda fizera hũa couſa muyto errada ⁊ roubaua ſua hõrra a Pero mazcarenhas que por dereyto era verdadeyro gouernador / ⁊ que Lopo vaz de ſam Payo não faria bem daceitar a gouernança que não era ſua: ⁊ que vindo Pero mazcarenhas eſperauão que ouueſſe na India grande reuolta por ter nela muyto mais valia q̃ Lopo vaz de ſam Payo. E bẽ parece que adiuinhando el Rey de Portugal eſtas reuoltas q̃ ſe poderião ſeguir / como ſoube per Frãciſco de mendoça que dõ Anrrique de meneſes era falecido ⁊ lhe ſubcedera Pero mazcarenhas por cuja auſencia Lopo vaz de ſam Payo gouernaua a India / por atalhar ás diuiſões que poderia auer mãdou logo Pedreanes frãces em hũ nauio cõ recado q̃ auia Pero mazcarenhas por verdadeyro gouernador: ⁊ eſte ſe perdeo na ilha de ſam Lourenço ⁊ não ouue efeyto o que el rey quiſera. E declarado Lopo vaz de ſam Payo por gouernador, ⁊ auẽdo ho vẽdor da fazẽda por eſſe, deſpachou logo dom Anrrique deça que lhe leuaſſe a Goa (onde lhe pareceo q̃ ho achaſſe) a ſubceſſam / ⁊ por ele eſcreueo hũa carta á camara de Goa em que lheſcreueo o que fizera pera q̃ ſoubeſſe q̃ Lopo vaz de ſam Payo era gouernador ⁊ o teueſſe por eſſe: ⁊ ſabendo hũ Thome pirez capitão dũ catur eſta noua, partio logo de Goa ẽ buſca de Lopo vaz pera lhe dar eſta noua ⁊ ganhar as aluiſaras ⁊ achou ho em Dabul de caminho pera Goa. E ſabida a noua pola armada / os mais dela eſtranharão muyto o que fizera ho vẽdor da fazẽda / porque todos querião antes que Pero mazcarenhas foſſe gouernador q̃ Lopo vaz d̃ ſam Payo que continuando dali ſua viagem chegou a Goa onde ſendo recebido como gouernador deu a capitania mór do mar a Antonio de miranda dazeuedo ⁊ a de Goa a Pero de faria. E deixãdo em Goa a Eytor da ſilueira pera que foſſe ao eſtreito / ſe partio pera Cochim.

¶ Capit. xiij. De como Nagamab mut ſe leuantou com Diu / ⁊ ho deu a el rey de Cambaya.

Partido Eytor da ſilueira de Diu deſeſperado de ſe fazer fortaleza / Melique ſaca q̃ falaua verdade ⁊ eſperaua de comprir o que prometera / começou logo de ho deſpejar / ⁊

& mandou sua artelharia a Jaquete pera onde determinaua de se ir. E Hagamahmut a quē pesaua tanto como disse de Meliq̃ dar Diu aos Portugueses / & trazia grāde diligēcia polo estoruar / leuātouse hum dia cō a cidade por el rey de Cābaya, sendo Meliq̃ em hũa sua quintā duas legoas d Diu: do q̃ a gēte foy cōtēte por lhe pesar muyto de se ele ir dali cō Meliq̃: & leuātada a cidade logo Hagamahmut ho fez saber a el rey de Cambaya / mādandolhe dizer o q̃ Meliq̃ determinaua, & pedindolhe a capitania dela, & q̃ lhe mādasse gēte. E el rey sabendo este recado partio logo pera Diu. E sabēdo Meliq̃ o q̃ Hagamahmut tinha feyto / conheceo então a falsidade do conselho q̃ lhe dera em fazer ir Eytor da silueira pera Chaul / õde cuydādo q̃ ainda estaua Lopo vaz de sam Payo lhe mādou dizer o q̃ passaua / pedindolhe q̃ lhe acodisse, porque esperaria ate sua vinda. E Christouão de sousa por não ter armada q̃ lhe mādasse / mādou este recado a Goa q̃ foy dado a Eytor da silueira, por ho gouernador ser partido pera Cochim: & Eytor da silueira como ho soube partiose logo pera Chaul indo coele muytos fidalgos & outra gente / mas sua ida foy fora de tēpo & sem proueito por não estar em Chaul quādo Meliq̃ mādou ho recado q̃ se hi esteuera ainda se podera auer Diu, a q̃ primeiro q̃ chegasse a Chaul chegou el rey de Cambaya cō grāde poder de gēte / & Meliq̃ escassamēte pode auer hũa fusta em q̃ fugio pera Jaq̃te. E tudo isto se sabia em Chaul quando chegou Eytor da silueira, q̃ do mar mādou dizer a Christouão de sousa q̃ se tinha algũ recado de Diu q̃ lho mādasse. E ele respõdeo q̃ aq̃la fortaleza era del Rey de Portugal / & se a ele tinha por essa q̃ fosse lá & saberia ho recado, & se assentaria o q̃ deuião d fazer, & se não q̃ se fosse em bora. E parecēdo a Eytor da silueira q̃ por capitão mór daq̃la armada lhe deuia Christouão de sousa d mādar ho recado, insistia q̃ lho mādasse & não q̃ria lá ir, & tambē por recear q̃ como lá fosse lhe tomasse a armada & mandar outrē a Diu. E dādolhe Francisco de sousa tauares palaura de não se fazer tal se foy á fortaleza / & ē cōselho lhe disse Christouão de sousa o q̃ passaua em Diu q̃ era escusado ir lá: pelo q̃ se assētou q̃ não fosse & tornasse a dar cōta disso ao gouernador, & não fosse ao estreito, por ser certo q̃ çoleimão raix per mādado do turco passaua á India cō hũa grāde armada de turcos & q̃ estaua na ilha de Camarão fazēdo hũa fortaleza, & ho mesmo escreueo Christouão de sousa ao gouernador por Eytor da silueira / q̃ assētado isto se partio logo pera Goa onde não achādo ainda ho gouernador se partio pera Cochim.

¶ Cap. xliiij. Do grāde aluoroço q̃ auia na gēte da India / dizēdo q̃ Lopo vaz nã era gouernador.

Partido ho gouernador Lopo vaz de sam Payo da cidade d Goa, chegou a Cochim / õde ho vēdor da fazenda era tambem capitão, q̃ na armada do anno presente lhe mādara el Rey de Portugal prouisam

pera ho ser juntamente com vèdor da fazẽda. E sabẽdo que Lopo vaz de sam Payo era chegado ho recebeo com muyta fèsta ꝛ ho tornou com todos a jurar ꝛ obedecer por gouernador da India: ꝛ como em Cochim estaua jũta a mayor parte da gente dela/ ꝛ os mais erão afeyçoados a Pero mazcarenhas ꝛ desejauão que ele gouernasse vendo q̃ se fazia ho contrairo pubricamẽte/ estranhauão muyto o que ho vèdor da fazenda fizera em abrir a noua subcessam de Lopo vaz d sam Payo despois de Pero mazcarenhas ser jurado ꝛ obedecido por gouernador/ ꝛ chamado pera gouernar/ ꝛ que lhe roubaua sua honrra ꝛ justiça. E era a onião que fazião sobristo muyto grande, ꝛ auia bandos antre os da parte de Pero mazcarenhas, ꝛ os do gouernador, ꝛ perfiauão com muyto perigo sobre q̃l era gouernador por dereyto auendo palauras hũs com os outros ꝛ desafios ꝛ pelejas: ꝛ era a reuolta tamanha sobristo em Cochim que nã se ouuia nunca outra cousa/ ꝛ pera mais ajuda chegou na segunda oytaua do Natal hũ jungo a Cochim que deu noua que Pero mazcarenhas ficaua embarcado ꝛ partira pera a India, q̃ agrauou mais nos de sua valia o que lhe ho vèdor da fazẽda fizera. E ho gouernador como soube a noua da vinda de Pero mazcarenhas / porque ele soubesse primeyro que chegasse a Cochim q̃ não era gouernador / ꝛ não fizesse aluoroço mãdou ho terlado de sua subcessam, ꝛ ho do auto que se fez quãdo foy jurado ꝛ obedecido por gouernador a Anrriq̃ figueira feytor ꝛ alcayde mór de Coulão com hũ regimento que tanto que Pero mazcarenhas chegasse ao porto lhe fosse mostrar ao mar ho terlado da subcessam ꝛ do auto, ꝛ se ho ouuesse por bõ lhe fizesse muyto gasalhado / ꝛ doutra maneyra que ho não acolhesse na fortaleza. Partido este recado pera Coulão/ porque ho gouernador sabia que se dizia pubricamente que ele tomaua por força a gouernança a Pero mazcarenhas pera dar a entẽder a todos que não era assi por conselho do vèdor da fazenda mandou ao derradeyro dia de Dezembro chamar a sua casa Bastião de sousa/ Felipe de crasto/ Antonio galuão/ Francisco danbaya ꝛ Tristão vaz da veiga capitães das naos da armada q̃ auia de tornar pera Portugal / que parecia q̃ por essa causa podião dizer sẽ affeição o que lhes naq̃le caso parecesse, ꝛ perante Antonio rico que aquele anno fora de Portugal por secretario disse o que se dizia por parte de Pero mazcarenhas contra a sua subcessam. E por ele não fazer justiça dos que tão ousadamẽte dizião mal dele/ ꝛ queria ver se por bem se querião enmendar / que lhes pedia como a fidalgos que tinhão tanta rezão de falar verdade que liuremẽte lhe dissessem com juramẽto dos santos euãgelhos o q̃ lhes parecia da sua subcessam, ꝛ se ẽtẽdião q̃ por virtude dla era gouernador: ꝛ logo ho secretario lha leo. E lida / como quer q̃ ho gouernador lhes ꝑgũtou simprezmẽte o q̃ lhes parecia de sua subcessam, ꝛ se o fazia gouernador:

assi simprezmente disserão todos & cada hũ por si, que tinhão por cousa muyto clara ele ser gouernador por sua subcessam/ & que assi o queria el Rey/ & assi ho jurarão que lhes parecia. E Tristão vaz acrecentou mais, dizendo que por se euitarem cousas que serião de seruiço de Deos & del Rey, ele gouernador ho deuia de ser, & tambem por estar em posse da gouernança: & quanto a se ele ou Pero mazcarenhas ho deuião de ser por justiça, era necessario ver todas as prouisões passadas & por as não ter vistas ho deixaua de dizer. E a isto se calou ho gouernador/ & disse que assinasse o q̃ dissera/ porq̃ de tudo Antonio rico fez hũ auto q̃ ele & os outros assinarã. E a mesma pregũta, & polas mesmas palauras fez ho gouernador a hũ Frey João Daro da ordem de sam Domingos homem letrado/ que por mandado del Rey de Portugal fora pregar á India, que jurou ao gouernador q̃ ho era por dereyto por virtude da sua prouisam: & pera ser mais notorio a todos ho diria na pregação q̃ auia de fazer no dia seguinte q̃ era da Circuncisam de nosso senhor/ & no cabo da pregação disse as murmurações que auia contra ho gouernador por parte d̃ Pero mazcarenhas estranhando ho muyto, por que Lopo vaz de sam Payo era verdadeyro gouernador/ dando pera isso as melhores rezões que pode/ & affirmando que assi ho sustẽtaria em Paris & em Salamanca & em Portugal pera ondestaua embarcado/ pelo que se deuia de crer que falaua verdade pois nã tinha necessidade do gouernador/ de quẽ não era tamanho amigo como de Pero mazcarenhas: porem que auia de dizer verdade/ & requereo ao gouernador da parte de Deos que lhe lẽbrasse bẽ que tinha nas mãos hũa cousa de tanta importancia & de tãto peso como era a gouernança da India: & que pois el Rey de Portugal a confiaua dele, que lhe requeria da sua parte que castigasse grauissimamente quẽ fizesse aluoroços ou mouesse duuidas na sua prouisam, & que os degradasse de Cochĩ se fosse necessario. E o gouernador ho fez assi/ & degradou logo a hum Simão toscano que fora criado de Pero mazcarenhas / porq̃ era ho principal que affirmaua que Pero mazcarenhas era gouernador / & q̃ ho gouernador lhe roubaua sua justiça: & assi degradou pera Chaul a Vicente pegado polo mesmo caso & a quiria muytos q̃ tiuessẽ sua voz. E durando estas reuoltas que de cada vez erão mayores forão acabadas de despachar as naos da carrega que auião dir pera Portugal de que forão capitães Bastião de sousa/ Frãcisco danhaya / Tristão vaz da veiga & Antonio galuão/ q̃ partidos de Cananor seguirão sua viagem pera Portugal/ leuando Antonio galuão a ossada de seu pay Duarte galuão: q̃ ho clerigo Frãcisco aluarez trouuera á India de Camarão vindo do Preste: & Antonio galuão a leuou muyto secretamẽte na nao por a gẽte do mar ter q̃ se perderá a nao em q̃ for corpo morto. E estas naos chegarão todas a Portugal a saluamento.

Capit.xv. De como Christouão de sousa capitão de Chaul determinou q̃ Lopo vaz de sam payo não era gouernador.

Vicente pegado que foy degradado pa Chaul pelo gouernador / despois que foy lá por se vingar dele / disse a Christouão de sousa que era verdade que ho gouernador & ho vẽdor da fazẽda estauão concertados de não darem a gouernança a Pero mazcarenhas, affirmãdo que Lopo vaz de sam Payo era verdadeyro gouernador & não ele: & que assi ho mandaua el Rey de Portugal em hũa prouisam que dizia / que em caso que Pero mazcarenhas esteuesse por gouernador ho deixasse de ser, & ho fosse Lopo vaz de sam Payo / & mostroulhe ho terlado da carta do vẽdor da fazenda: em que el Rey dizia que das subcessões q̃ estauão na India não se vsasse: & assi ho terlado da subcessam de Lopo vaz de sam Payo que viera de nouo. E parecẽdo a Christouão de sousa que ho vẽdor da fazenda fizera o que não diuia em abrir a noua subcessam: pois Pero mazcarenhas estaua declarado, obedecido & jurado por gouernador / & q̃ el Rey na particula da carta a q̃ se ho vẽdor da fazẽda pegaua não mãdaua, que posto que Pero mazcarenhas fosse gouernador se abrisse a noua subcessam: pareceolhe muyto mal ser Lopo vaz de sam Payo gouernador / & muyto peor a determinação com que Vicente pegado lhe dizia que estauão ele & ho vẽdor da fazenda / & que seria forçado auer na India diuisam que seria cousa muyto pjudicial, por ser certo estar Coley mão raix em Camarão com a armada do Turco pera passar á India, & que auia de ser na mouçāo de Mayo ou de Setembro. E pera saber que meyo nisto tomaria, ajuntou a conselho ho alcayde mór / feytor & outros officiaes da fortaleza com muytos fidalgos que estauão coele: & Vicẽte pegado disse a todos o q̃ dissera a ele só. E lidos os terlados da carta do vẽdor da fazenda & da prouisam do gouernador: propos Christouão de sousa ho caso / & todos disserão que lhes parecia o que disse que parecia a ele / & q̃ Lopo vaz de sam Payo não tinha nhum dereyto na gouernança polas rezões declaradas: mas porque se escusasse diuisam antre duas tais pessoas, & os males q̃ se dela seguirião, era necessario que se posessem em justiça pera se julgar por dereyto & não por armas de qual deles era a gouernança: & que isto deuia descreuer logo a Lopo vaz de sam Payo, desenganando ho que não auia dobedecer por gouernador a quem isto refusasse antes auia de ser contrele: & que mandasse esta carta a Francisco de sousa tauares que a désse a Lopo vaz de sam Payo. E como este era ho mesmo parecer de Christouão de sousa / escreueo a carta & mandoua a Francisco de sousa que a deu ao gouernador em Goa como direy a diante.

Capit.xvj. Do juramento q̃ ho gouernador fez em Cochim.

Sendo ho gouernador por muyto certo estarẽ os rumes em Camarã fazẽdo hũa fortaleza pa despois de feyta passarem á India, determinou de os ir buscar ⁊ pelejar coeles: ⁊ porque sabia que ãdauão muytos Portugueses em Choramãdel/ escreueo a Ambrosio do rego que lá era feytor ⁊ alcayde mór que lhes disesse da sua parte q̃ logo sopena de tredores se fossem a Cochim porque compria assi a seruiço del Rey, ⁊ que perdoaua aos q̃ fossem obrigados á justiça quaes quer culpas que teuessem: porem como ho eles não tinhão por verdadeyro gouernador não lhe obedecerão/ ⁊ tambẽ em Cochim muytos não se querião embarcar pera ir coele, dizendo pubricamẽte que fingia ir ao estreyto por não estar em Cochim na chegada de Pero mazcarenhas por nã se poer coele Pero mazcarenhas em dereyto sobre a gouernança, ⁊ por isso não auião dir coele nem obedecer a seus mandados. E diziase isto tão soltamẽte, ⁊ punhase tãto por obra que se embarcauão muyto poucos. E querendo ho gouernador atalhar ao castigo q̃ isto merecia, ⁊ fazer notorio a todos q̃ partia com tenção de ir pelejar com os rumes: hũ domingo estãdo á missa em ho sacerdote leuantãdo a hostia disse em voz que podesse ser ouuido. Eu juro naquela hostia consagrada em que está | ho verdadeyro corpo de nosso senhor Jesu Christo que me parto com tenção de ir buscar os rumes ⁊ pelejar coeles, ⁊ pera lhes toruar que não passem á India. E por esta ser minha determinação, mando a todo homem Portugues tirando aos fronteiros da fortaleza que se embarquem comigo, ⁊ quem ho não fizer sayba certo que sera grauemẽte castigado. E coeste juramẽto ⁊ amoestação que ele fez se embarcou a gente toda crendo q̃ auia dir pelejar com os rumes: ⁊ antes de se embarcar deu hũ regimento a Afonso mexia em que lhe mandaua que não recebesse a Pero mazcarenhas como a gouernador/ antes se quisesse desembarcar em Cochim como gouernador lho defendesse por armas. E coeste regimẽto lhe deu hũa carta pera ele de grandes consolações sobre a mudança q̃ el Rey fizera de ho fazer segũdo sendo primeyro. E feyta esta diligẽcia se partio de Cochim ẽ Janeyro de mil ⁊ quinhentos ⁊ vinte sete: ⁊ chegando a Cananor deu a dõ Simão de meneses ho mesmo regimento q̃ deixara a Afonso mexia, ⁊ hi deixou por capitão mór de certos bargantins a hũ fidalgo chamado Jorge de sousa pera que goardasse a costa de Calicut: ⁊ ho primeyro de Fevereyro se partio pera Goa/ ⁊ embaticalá achou Eytor da silueira que lhe disse o que fizera em Diu. E a certeza que Christouão de sousa tinha da estada dos rumes em Camarão/ ⁊ como por seu conselho ⁊ requerimentos não partira pera ho estreyto: ⁊ dali escreueo o gouernador a Christouão de sousa ho fundamento que leuaua dir pelejar cõ os rumes/ pedindolhe que lhe mandasse a armada que teuesse ⁊ a gẽte que

lhe sobejasse da ordenada á fortale-
za. E partindo daqui pera Goa a-
chou no caminho Fernão d morais
que vinha Dormuz, de cujo rey lhe
deu cartas, ⁊ do capitão da fortale-
za/ ⁊ do feytor: em que lhe fazião
queixume de Raix xarafo de cousas
que tinha cometidas contra ho ser-
uiço del rey Dormuz que por isso
ho prêdera, pedindolhe todos tres
que logo mandasse por ele, porque
em quanto esteuesse em Ormuz sem
pre auia de fazer maldades.

¶ Capit. xvij. De como se assentou que ho gouernador não fosse a Camarão.

Chegado ho gouerna
dor a Goa, jũtos to-
dos os capitães ⁊ fi
dalgos pricipais da
armada no mosteiro
de sam Francisco com os mestres ⁊
pilotos dela lhe ꝓpos a estada dos
rumes ẽ Camarão/ ⁊ como queria
ir pelejar coeles. O que todos ou-
uerão por muyto escusado por quã
pouca gente tinha, ⁊ que seria muy
to grande doudice ir cometer hũa
tão poderosa armada como os ru-
mes tinhão estando eles em terra/
⁊ acordouse que ho gouernador in-
uernasse em Goa, ⁊ que vindo no ve
rão seguinte armada de Portugal
teria mais gête ⁊ poderia ir esperar
os rumes aa ponta de Diu onde os
tomaria trabalhados da viagem ⁊
⁊ com a artelharia abatida pola pas
sagem do golfão: ⁊ desta maneyra
com ajuda de nosso senhor os desba
rataria de todo. E de tudo isto fez
ho secretario hũ auto q̃ todos assi-
narão. E sabendo a gente comum
como ho gouernador não auia dir
buscar os rumes, logo começou de
dizer que essa fora sempre sua deter
minação posto que jurara ho con-
trairo, que bem sabião que não dei-
tara aquela fama se não por fugir
de Pero mazcarenhas pera não se
poer coele em dereyto/ ⁊ dizião ou-
tras muytas cousas em desprezo
do gouernador/ porque verdadey-
ramente crião que ho não era se não
Pero mazcarenhas. E desengana
do ho gouernador que não auia dir
a Camarão/ mandou Manuel de
macedo a Ormuz pera que trouues-
se Raix xarafo preso a Goa pera ser
castigado se ho merecesse/ ⁊ mãdou
lhe que tornasse a inuernar a Goa, ⁊
mandou logo ao capitão moor do
mar que se fosse ate Cochim leuãdo
grãde vigia sobre não errar Pero
mazcarenhas/ ⁊ q̃ achando ho lhe
dissesse da sua parte que se fosse in-
uernar a Cnanor ou a Cochim/
porq̃ assi cumpria a seruiço del rey
seu senhor: ⁊ quando não quisesse se
não ir a Goa que tornasse coele ate
a barra/ donde ho não deixaria pas
sar ate lhe não fazer saber como all
estaua, ⁊ deulhe hũa carta pera Pe
ro mazcarenhas que se quisesse tor-
nar a Malaca que lhe daria mayor
ordenado do q̃ tinha a capitania. E
a causa porq̃ ho gouernador recea-
ua que Pero mazcarenhas fosse a
Goa, era porque vendo ho a gente
comum ⁊ muytos fidalgos q̃ erão
da sua banda aueria aluoroço ⁊ se
faria diuisam/ ⁊ ho farião poer em
dereyto com Pero mazcarenhas/
⁊ não queria estar nessa auentura.

❡ Capit.xviij. De como foy morto Gaspar machado/ ⁊ outros Portugueses.

PAssãdose estas cousas na India/ Pero mascarenhas q̃ estaua por capitão de Malaca/ mandou ẽ Janeiro deste anno de vinte seys hũ nauio pera a India, a cujo capitão não soube ho nome. E foy em sua companhia hũ Gaspar machado/ q̃ ya em hũ seu jungo cõ sua fazenda q̃ era muyta, ⁊ nauegando por sua viagem forão ter ao cabo de Comorim/ onde tomarã Patemarcar hũ valẽte mouro/ q̃ ãdaua por capitão mór d̃ hũa armada del rey de Calicut de cincoenta ⁊ dous paraós: ⁊ ya caminho de Ceilão a fazer guerra a el Rey, por ser amigo dos Portugueses: ⁊ quis nosso Senhor q̃ ho mar andasse picado/ ⁊ fizesse grãde marulho/ pera os Portugueses q̃ yão no nauio ⁊ no jũgo escaparẽ a Patemarcar, q̃ se os aferrara os tomara/ ⁊ ele bem os quisera aferrar mas não ousou/ porq̃ cõ a marulhada não se lhe desfizessem os paraós cõ ho nauio, ⁊ cõ ho jungo q̃ erão mayores, ⁊ mais fortes que os paraós, ⁊ por isso não ousou daferrar coeles, ⁊ cõ tudo pose de balrrauento deles, ⁊ tiroulhes muytas bombardadas, com q̃ lhes ferio, ⁊ matou muytos homẽs, ⁊ antreles foy Gaspar machado/ ⁊ asaz teuerão que fazer os outros em se acolher: ⁊ forãose a Cochim, onde acharão falecido dõ Anrrique de meneses

❡ Capit.xix. De como Pero mascarenhas soube que era gouernador da India/ ⁊ do que fez.

JOrge cabral que foy por capitão mór de certas fustas ás ilhas de Maldiua, vendo como Pero mazcarenhas era gouernador/ determinou de lhe ir dar esta noua a Malaca/ cõ fundamento q̃ lhe daria a sua vagante, da capitania de Malaca por aluissaras da noua q̃ lhe leuaua. E assentado isto cõsigo/ partiose pa Malaca na fusta em q̃ andaua: ⁊ deu a noua a Pero mascarenhas q̃ era gouernador da India/ per falecimento de dom Anrriq̃ de meneses. E Pero mascarenhas lhe prometeo a capitania de Malaca quãdo se fosse pera a India: ⁊ da hi a algũs dias, foy certeficado de todo q̃ era gouernador da India, per Antonio da silua de meneses, que lhe deu a carta Dafonso mexia, em q̃ lhe dizia que era gouernador, ⁊ ho mandaua chamar: ⁊ ho auto q̃ foy feyto de sua subcessão: o q̃ tudo visto pelo alcaide mór, feytor, ⁊ officiaeis da fortaleza, ⁊ assi por outras pessoas honrradas q̃ estauão nela, foy Pero mascarenhas obedecido por gouernador da India. E isto feyto fezse prestes pera se partir pera a India ẽ Agosto, cõ tenção desperar ho leuãte na ilha d̃ Pulopuar, q̃ he ẽ Setẽbro, q̃ se chama a moução peq̃na/ cõ que se iria pera a India. E antes q̃ partisse deu a capitania a Jorge cabral Ho q̃ Aires da cunha quisera impe

dir: dizẽdo q̃ a capitania pertẽcia a ele/ por ser capitão mór do mar/ porq̃ quando Afonso dalbuquerq̃ ganhara Malaca que se fora pera a India, deixara: que falecendo Ruy de brito q̃ ficaua por capitão da fortaleza/ sucedesse na capitania Fernão perez dandrade, q̃ era capitão mór do mar/ ⁊ despois passara el rey dõ Manuel hũ aluara, q̃ estaua na feytoria: que nas cousas de Malaca se goardassem os regimẽtos q̃ Afonso dalbuquerq̃ hi deixara/ ⁊ assi se goardara na deferença q̃ Runo vaz pereyra teuera cõ Antonio pacheco, sobre a capitania, por morte de Jorge de brito/ como disse no liuro Quarto: ⁊ por isso q̃ a ele Aires da cunha pertencia a capitania da fortaleza, ⁊ não a Jorge cabral/ fazendo sobristo reqrimẽtos a Pero mascarenhas q̃ lha desse. Ao que respondeo, q̃ tudo quãto Aires da cunha dizia era assi/ se a capitania vagara por sua morte, mas q̃ vagaua por entrar na gouernãça da India/ ⁊ por ser gouernador, era sua a dada daqla vagante/ ⁊ a podia dar a quem quisesse/ ⁊ por isso a daua a Jorge cabral/ assi por aluissara das nouas q̃ lhe leuara, como por ser hũ fidalgo de muyto merecimẽto por sua linhajem/ ⁊ por muytos seruiços q̃ tinha feytos a el rey. E com tudo Aires da cunha protestou de Pero mascarenhas lhe pagar a sua custa ho ordenado da capitania. E querẽdo Pero mascarenhas partir cõ a determinação q̃ digo: os pilotos lhe reqrerão q̃ não partisse/ porque não auia de poder ir a India naqla moução, mas não quis deixar dir: ⁊ partiose ẽ hũ nauio caminho da ilha d̃ Pulopuluar, õde estãdo surto/ lhe deu tão brauo tẽporal de vẽto/ q̃ ho masto do nauio quebrou por tres lugares/ ⁊ esteue muyto perto de se perder/ ⁊ escapãdo Pero mascarenhas desta borriscada/ tornouse a Malaca pera se aparelhar q̃ nã podia assi proseguir sua viagem/ ⁊ ẽ Malaca achou Frãcisco de sá cõ a armada q̃ leuaua pa ir fazer a fortaleza ẽ çunda: ⁊ coele ya dõ Jorge de meneses por capitã de Maluco, per prouisão de dom Anrrique de meneses/ q̃ lhe Pero mascarenhas confirmou/ ⁊ lhe deu outro nauio que fosse em sua cõpanhia/ a fora ho em q̃ ya: a cujo capitão nã soube ho nome: ⁊ assi lhe deu mais gẽte da q̃ leuaua, ⁊ munições ⁊ mandoulhe que fosse pola via de Borneo/ pera se descobrir aqla nauegação pera Maluco/ q̃ era mais curta que pela via de Banda, ⁊ dãdolhe regimẽto do q̃ auia de fazer, partiose dom Jorge caminho de Borneo: ⁊ porq̃ Simão d̃ sousa galuão, que ya por capitã mór do mar de Maluco/ soube q̃ Pero mascarenhas determinaua, de ir sobre Bintã pera ho tomar: ⁊ soube quã pouca cousa era a capitania mor do mar de Maluco: ⁊ quão pouco podia nela seruir a el Rey de Portugal, que era pera o q̃ a ele pedira: nã quis ir a Maluco: ⁊ ficou ẽ Malaca pera se achar na empresa de Bintão: que tinha q̃ auia de ser hũa cousa de muyta hourra ⁊ fama/ a q̃ era muyto inclinado.

¶ Cap. xx. Em q̃ se escreue ho sitio ⁊ a fortaleza da ilha d̃ Bintão.

VEndo Pero mazcarenhas que lhe era força do esperar a moução grande pera a India: & achandose com a gente que Francisco de sá leuara, determinou de ver se podia coela tomar Bintão q̃ tãta guerra fazia a Malaca. E assentado em conselho que bo fizesse/ partiose com hũa armada de dezanoue velas.s.hũ galeão pequeno, hũa galé/ quatro nauios redondos, dous bargãtins, dous bateis de mãtas/ quatro lãcharas & cinco calaluzes: & a fora Aluaro de brito que era capitão da galé em que ya Pero mazcarenhas/ forão capitães Frãcisco de sá, Aires da cunha/ Antonio de brito/ Duarte coelho/ Fernão serrão Deuora/ Simão de sousa galuão, Ioão pacheco: & aos outros não soube os nomes. Irião nesta armada trezẽtos Portugueses & seys cẽtos Malayos, de que yão por capitães dous mouros honrrados/ hũ chamado Sanaya raja, o outro Tuã mafamede. E coesta armada se partio pera a ilha de Bintão que na lingoa Malaya quer dizer estrela: & por isso el rey de Bintão tinha por titulo muyto hõrrado chamar se rey da estrela. Jaz esta ilha sessenta legoas de Malaca auante do estreito de Cincapura pegada com a terra firme, que hũ estreito rio que se vay meter no mar aparta dela ao longo deste rio hũ pedaço da foz dele está situada hũa boa pouoação chamada Bintão pouoada de mouros Malayos, onde ho rey que foy de Malaca se recolheo despois que per Antonio correa foy lançado do pagode, como disse no liuro quinto & a tomou ao senhor dela q era seu vassalo: & despois que el rey que foy de Malaca se apossou dela/ afortificou grandemente pera se defender dos Portugueses com receo que tinha de irem sobrele. E a maneyra da sua fortaleza foy esta, ẽ hũa baya pequena onde se ho rio mete que he ho porto da cidade: fez ao longo dũ canal que se ali faz em voltas hũa estacada pera ficar tão estreito q̃ hũa gale não podesse virar nele. E esta estacada era d paos muyto grossos metidos em olhos de grãdes mós: & despois de metidos deitauão as mós no mar/ & que se yão ao fũdo/ & eles ficauão pa cima fora dagoa em boa altura, & doutros paos tão grossos como mastos de nauios q̃ naquela terra se chamão paos ferros mandou fazer hũa tranqueira entulhada que cercaua a pouoação em redõdo com seus baluartes dos mesmos paos tambẽ entulhados, & com suas portas que se fechauão & abrião, & em hũa põte que atrauessaua ho rio pera seruentia da ilha & da terra firme estauão dous baluartes na entrada & saida dela: & nelas & na tranqueira auia trezẽtos tiros dartelharia. Esta tranqueyra que cercaua a pouoação tinha em lugar de caua tres ordẽs de estrepes com as põtas heruadas & postos ẽ reues hũs pera quẽ quisesse entrar/ & outros pera quẽ quisesse sair. Esta pouoação era fundada em terra deuassa & apaulada, & por isso todas as casas estauão sobre esteos de pao aleuantadas da terra & seruianse por pontes ou minhotes

ras/saluo as del rey, que estauão so
bre hũ oiteyro da banda do sertão.

¶ Cap.xxj. De como Pero mazca
renhas foy sobre a ilha d' Bintã.

NAuegando Pero
mazcarenhas pa es
ta ilha/ passou mui
to grãde trabalho
no caminho por ser
muyto roim, & to
do per canaeis q̃ se
fazião antre hũ grande arcepelago
dilhas, & chegado cõ toda a frota,
surgio de fora da barra, & dahi mã
dou sondar ho canal da baia per on
de auia dẽtrar, & foiho sondar Du
arte coelho, q̃ lhe disse, que era ipos
siuel poder entrar a nossa frota sem
arãcarẽ primeyro a estacada: & ma
is desembarcando diante da tran
q̃ira, nã escaparia nhũ dos Portu
gueses viuo, segũdo a muyta soma
dartelharia q̃ tinha/ & a fora isso nã
se poderia ẽtrar por ser muito alta.
E sabido por Pero mazcarenhas
este perigo, determinou dẽtrar pe
la ponte por onde se seruião/pera a
terra firme, onde não auia tãta ar
telharia, & pera segurar esta ponte,
& poder melhor ẽtrar por ela: deter
minou de a mandar abalrroar por
hũ dos nauios redondos/ & coele
mãdaria arrancar a estacada, pera
entrar toda a frota: & porq̃ isto era
cousa de muyto perigo, escolheo pe
ra ho fazer hũ Fernão serrão Deuo
ra q̃ tinha por esforçado, & era capi
tão dũ dos nauios como disse/ a q̃
fez cincoẽta Portugueses pera ho
ajudarẽ a este feyto: & fortalecido
ho nauio de largas & fortes arrom
badas, q̃ podessẽ resistir aos tiros
dos imigos/ & assi de boa artelha
ria: ẽtrou na baia indo atoado a do
us calaluzes porque fosse bem pelo
meo do canal, & ali começarão os q̃
yão no nauio darrancar as estaca
das, no q̃ passarão tamanho traba
lho camanho nã se pode imaginar.
trabalhando continuamẽte no ca
brestante/ cõ que arrãcauão as esta
cas a força de peitos, & de braços/
cospindo muytas vezes sangue cõ
ho trabalho, & como as estacas erã
muytas/ & a detença muyto gran
de em as arrancar/ surdião tã pou
co, q̃ ao mais que ãdauão cada dia.
era ho cõprimẽto de hũa corda des
parto/ & coeste vagar gastarão oy
to dias em chegarẽ defrõte da trã
queira/ donde as bõbardadas lo
go forão tantas que era medo ouui
las, quanto mais velas: & danefica
rão ho nauio de modo/ q̃ se não fo
rão as arrombadas fora todo ar
rombado & metido no fundo. E an
dando os Portugueses nesta fadi
ga/ apareceo hũa armada ao mar q̃
ya demandar a barra de Bintão.

¶ Cap.xxij. De como foy desbara
tada a armada que el rey d' Pão
mandaua em socorro del Rey de
Bintão.

O Rey de Bintão co
mo vio a frota de
Pero mazcarenas/
& tinha dele noticia
que era muyto caua
leiro & dterminado,
temẽdo de se ver coele em afronta/
mandou muy depressa pedir socor

roa el rey de Pão seu genrro ꝛ vezi
nho/ quelho mandou logo de trin
ta ꝛ tres lancharas em que irião
bem dous mil homẽs ꝛ muytos
mantimentos. E esta era a armada
que pareceo ao mar: ꝛ porque Pe-
ro mazcarenhas se receou que che-
gada esta saisse a del rey de Bintão
ꝛ tomassem a sua no meyo ꝛ lhe des
sem fadiga, não quis esperar que
chegasse: ꝛ determinando de ir pele
jar coela no mar leuando parte da
sua meteose em hũ balanco, ꝛ corrẽ-
do toda a frota disse sua determina
ção aos capitães/ que lhe pedirão
muyto que não tomasse aquele tra-
balho de que ho eles escusarião, ꝛ
que ficasse em goarda do porto por
que assi seria melhor. E fazẽdo seu
rogo mandou quatro lancharas ꝛ
cico calaluzes (a cujos capitães nã
soube os nomes) que fossem pelejar
com a frota del rey de Pão/ ꝛ man
dou por seu capitão mór Duarte
coelho: ꝛ tendo andada hũa legoa
donde ficaua Pero mazcarenhas
chegarão a tiro de berço da arma-
da dos immigos a que começarão
de tirar com sua artelharia/ ꝛ eles
com medo dela os meter no fundo
fugirão logo leuãdo a proa em hũa
ilha que estaua dali legoa ꝛ mea ate
onde lhe os Portugueses derão ca
ça/ matandolhe muytos com a ar-
telharia, ꝛ de vinte tres lancharas
que chegarão primeyro toda a gẽte
saltou em terra ꝛ fugio pola ilha ꝛ
as lancharas forão tomadas pelos
Portugueses/ as outras dez não
podendo aferrar a ilha passarão
auante ꝛ acolhiãse: o q̃ vẽdo Duar
te coelho porque não escapassem/
saltou com algũs dos que yão coele
em hũ balanco da sua lãchara, ꝛ a
força de remo deu apos eles, tiran
dolhes com hũ meyo berço que ho
balanco leuaua por proa/ ꝛ nhum
dos outros capitães ho seguio por
estarẽ todos ocupados em tomar
as lancharas que digo. E vẽdo os
mouros ir ho balanco só virarão a
ele indo obra de hũa legoa auante
da ilha: ꝛ ele com quãto vio quãtos
erão os que voltauão sobrele/ não
deixou de ir por diante, ꝛ vendo os
mouros sua ousadia teueranse/ ꝛ
ele tambem se teue porque lhe pare-
ceo doudice cometer tantos cõ tão
poucos como leuaua se não quãdo
não podesse fazer mais. E tornãdo
os mouros a ir parele/ ya pareles:
ꝛ detendose detinhase: ꝛ isto fizerão
por tantas vezes q̃ sobreueo a noy-
te, de que a estas horas era muyto
perto, ꝛ os mouros fizerãse na vol
ta do mar/ ꝛ Duarte coelho se tor-
nou pera os outros capitães ꝛ fo-
rãse todos pa Pero mazcarenhas
com as lãcharas que tomarão aos
mouros carregadas de mantimẽ-
tos: com que ele folgou muyto ꝛ te-
ueo por pronostico da vitoria que
auia dauer del rey de Bintão, ꝛ assi
ho disse a todos esforçãdo os pera
a peleja.

¶ Cap. xxiij. De como Fernão serrão pelejou com Laquexìmena.

Desbaratada esta ar-
mada/ tornarão os
do nauio de Fernão
serrão a seu traba-
lho/ darrancarẽ as

muytas & muyto grandes estacas que estauão metidas pelo canal por onde auião dir á põte:em que se virão em tamanho perigo & leuarão trabalho immenso quanto não se pode cõtar/porque hũs tinhão os peitos abertos das barras do cabrestãte/outros tinhão os braços moidos de tapar os muytos rombos que a artelharia dos immigos fazia no nauio/ que não cessaua de tirar de dia nem de noyte com que ho esburacaua todo / & era nele a agoa tanta com toda a diligencia q̃ os Portugueses fazião pola esgotar, que quasi se yão ao fundo. E coesta tamanha fadiga que lhes durou quinze dias, quis nosso senhor q̃ vencesse seu trabalho a força dos immigos/& chegarão á põte dãdo hũa grãde grita & aferrarão coela. O que sabido por el rey agastouse tanto que deshonrraua os seus de muy asperas palauras/ pelo que alguũs intentarão de fazer dar bo nauio á costa/& como foy noyte na vazãte da maré lhe cortarão as amarras de mergulho:& sintido os Portugueses que caçaua acodirão logo & surgirão outras ancoras que tinhão a pique,& forrarão as amarras de cadeas d ferro por lhas não cortarem. E vendo os mouros que não podião fazer nada se tornarão muyto enuergonhados:& el rey mãdou então a Laquexímena que com quinhentos homẽs em õze lanchavas que tinha varadas fosse peleiar com Fernão serrão & bo tomasse/ cuydando que a muyta artelharia da tranqueyra impediria aos outros nauios que lhe não acodissem, & mandou que tirassem roda viua/ & entre tanto Laq̃ximena foy aferrar ho nauio de Fernão serrão que bem trabalhou por não ser aferrado desparando assaz de bombardadas:porem como as lãcharas erão muytas nã se pode tolher a algũas que ho não abalrroassem por proa & logo saltarão muytos mouros dentro/& apos estes aferrarão outros & ẽcherão ho nauio, & outros que não podião entrar tirauão de fora muytas frechadas: & os que estauão no nauio como erão muytos apertarão tão rijo com os Portugueses que por mais esforçadamẽte que pelejauão os leuarão ate ho conues:& aqui foy a peleja muy braua & Fernão serrão foy derribado com muytas feridas / porẽ era tão esforçado que se leuãtou logo & tornou a pelejar com muyto esforço. E com tudo os seus estauão tão feridos que não podião escapar se a este tempo não sobreuierão Pero mazcarenhas & Duarte coelho cõ algũs Portugueses, que ouuindo as primeyras bombardadas do nauio acodirão logo em hũ balanco por escaparem da artelharia que tiraua da tranqueyra. E chegãdo ás lancharas / porque lhe elas impedião q̃ não entrassem no nauio deitarãlhes dẽtro panelas de poluora com que começarão darder / & os imigos por não se queymarem hũs se deitauão ao mar, outros fazião afastar as lancharas & desabafarão ho nauio & fugirão: o que os mouros que estauão dẽtro não sintirão cõ ho arroido da peleia. E desabafado ho nauio/entrarão Pero maz-

carenhas & Duarte coelho com os que yão coeles, & ajudarão Fernão serrão tambem que nhũ dos mouros escapou de morte / sẽ dos Portugueses morrer nhum posto que todos estauão muyto feridos, pelo que Pero mazcarenhas quisera q̃ se forão pera os curarem / & q̃ irião outros em seu lugar: & eles não quiserão, dizendo que em quanto teuessem vida não se auião de tirar dali: o que lhes agardeceo muyto & louuou seu esforço / & curados todos se tornou aa frota.

¶ Capitolo. xxiiij. De como Pero mazcarenhas tomou a cidade de Bintão.

Uendo Pero mazcarenhas a grãde ousadia dos mouros em lhe quererẽ tomar ho nauio a sua vista, ouue medo que lhe queymassem a frota cõ balsas de fogo / & por isso não quis mais dilatar de cometer a cidade / & assentou de ser pola ponte como tinha determinado, mas porque os mouros terião disso receo por amor do nauio q̃ estaua pegado coela / & poerião nela toda a força de sua defensam: determinou de lhes fazer crer que auia dentrar pela trãqueira / õde mandou hũa noyte fazer hũa estãcia de pipas & cestos de campo cheos de terra em que mandou assestar tres berços / & assi mãdou fazer com enxadas hũa larga estrada. E Laqximena que estaua por capitão na tranqueyra ho mandou logo dizer a el rey / & q̃ lhe mandasse mais gente. E ele ho fez assi / & muytos mouros q̃ estauão em outras partes se passarão pera ali cuydando que por aquele lugar auião os Portugueses de cometer a entrada, & era ho aluoroço muy grãde antreles crẽdo que ao outro dia auião de ser mortos todos os Portugueses. E como foy noyte Pero mazcarenhas mãdou a Sanaya raja q̃ desembarcasse cõ os piães Malayos & se posesse detras da estãcia das pipas, & assi corẽta Portugueses: & mãdoulhes q̃ teuessem tẽto q̃ ẽ vẽdo fogo em q̃lquer dos baluartes da põte, posessẽ fogo aos berços & tangessẽ as trõbetas / & dessẽ grãdes gritas como q̃ desembarcauão pera cometer a trãqueira. E deixãdo a frota ondestaua por não ser sentido se embarcou nos balãcos & mãchuas / & desembarcou bẽ pera baixo na terra firme que ficaria hũa legoa da põte, pera õde tomou ho caminho q̃ fez cõ trabalho grandissimo & perigo, & por milagre d nosso senhor não se perderão todos, porq̃ yão por vasa em q̃ atolauão ate acinta & ate debaixo dos braços, & por antre hũas aruores q̃ chamão mãgues q̃ deitão as raizes pera cima & ficão como os pés das mesmas aruores, & como era escuro marrauão coeles / & se não fora ho esforço que lhes nosso señor daua este trabalho abastaua pera os debilitar tanto que não ficarão pera fazerem cousa q̃ prestasse / porq̃ yão todos ẽlameados / molhados & q̃brãtados. E com tudo chegarão á ponte hũa hora antemanhaã & tão esforçados

Portugueses como pelos da terra porque todos ganhauão muyto na destruição del rey de Bintão com que se liurarão das grandes guerras que tinhão assi coele como com outros reys que ho ajudauão que vẽdo ho destruido os mais fizerão paz com Pero mazcarenhas/ ꝛ dali por diante foy Malaca muyto ennobrecida ꝛ abastada de mercadorias ꝛ mantimentos.

¶ Capit. xxvj. De como Francisco de sá foy a çunda, ꝛ do que lhe aconteceo.

Partido Frãcisco de sá pa çũda d ulhe hũ tamanho tẽporal de vẽto q̃ os nauios da armada se espalharão, ꝛ Frãcisco d sá ꝛ outros tres capitães forã cada hũ por seu cabo/ ꝛ Duarte coelho q̃ ya em hũa nao arribou ido ẽ sua cõpanhia hũa galé ꝛ hũ bargãtim, ꝛ forão ter á barra de çũda q̃ he hũa cidade q̃ está no cabo da ilha de çamatra ao lõgo de hũ braço de mar q̃ aparta a ilha de çamatra da ilha da Jaoa a mayor. E ao derrador desta cidade ha muyto grãde soma d pimẽta tão boa como a do Malabar: he terra freica ꝛ bastada de mãtimẽtos / he pouoada de mouros/ ꝛ tẽ rey sobre si q̃ tãbẽ he mouro: ꝛ a este tẽpo q̃ ali chegou Duarte coelho não era ja senhor da cidade ho rey q̃ queria dar fortaleza se não aq̃le cõ quẽ tinha guerra q̃ lha tomou por força/ ꝛ pa se acabar de todo dapossar dela estaua nela/ ꝛ tinha muyta gẽte de guerra: ꝛ erá imigo dos Portugueses, porq̃ sabia q̃ ho rey a quẽ tomara a cidade os mãdara chamar ẽ sua ajuda ꝛ lhes q̃ria dar fortaleza. E q̃ndo Duarte coelho ali chegou cõ o tẽporal q̃ digo/ deu aa costa ho bargãtim q̃ ya ẽ sua cõpanhia, ꝛ saluaranse em terra trinta Portugueses q̃ yão nele/ q̃ forã logo tomados polos mouros ꝛ degolados porq̃ os tinhão por imigos/ ꝛ a nao de Duarte coelho ꝛ a galé tãbẽ se ouuerão de perder, se os nosso senhor não saluara. E vẽdo Duarte coelho o q̃ fora feyto aos do bargãtim vio q̃ a terra estaua de guerra, ꝛ achãdose sem Frãcisco de sa vio q̃ era tẽpo perdido estar ali mais ꝛ foy se como ho tempo abonançou: ꝛ desta ida de Duarte coelho, ꝛ do q̃ ja el rey sabia do outro seu antecessor q̃ tinha dada palaura d dar fortaleza aos Portugueses/ ouue ele medo q̃ tornassẽ cõ grã de armada / ꝛ por isso ajũtou mais gẽte da que tinha ꝛ fortaleceose ho mais q̃ pode. E estando assi tornou Frãcisco de sá cõ toda a sua armada q̃ andou ajũtando por esses portos da ilha da Jaoa õde foy ter, ꝛ partio da cidade d Panaruca: ꝛ chegado a çunda mãdou cometer a el rey q̃ lhe deixasse fazer fortaleza como deixaua seu antecessor: ꝛ sobre ele nã querer desembarcou Frãcisco de sa cõ sua gẽte pera ho fazer por força: ꝛ como os mouros erão muytos ꝛ estauão bẽ fortalecidos defẽderão a desembarcação aos Portugueses/ matando algũs deles. E Francisco de saa vendo que não podia desembarcar se recolheo a sua armada. E conhecẽdo q̃ cõ a pouca gẽte q̃ tinha nã podia fazer nada tornou

se pera Malaca, õde ja não achou Pero mazcarenhas q̃ era partido pera a India, & por isso não pode auer mais gẽte pera tornar a çunda, nẽ Jorge cabral lha pode dar / assi por ter pouca como por mãdar naq̃le tẽpo Gõçalo gomez dazeuedo cõ socorro a Maluco como direy adiãte: & por isto não pode Francisco de sá tornar mais açunda / & se foy despois pera a India.

¶ Cap. xxvij. De como Pero mazcarenhas chegou a Cochim / & querẽdo desembarcar lhe resistio ho védor da fazenda.

Vinda a mouçāo em q̃ se podia ir pera a India / partiose Pero mazcarenhas cõ tres galeões carregados da fazẽda del Rey & da sua / & de caminho passou por Coulão / õde foy recebido do feytor & alcayde mór Anrriq̃ figueira como gouernador posto q̃ tinha regimẽto em cõtrairo de Lopo vaz de sam Payo) & cõtoulhe tudo o q̃ passara na India despois de ser chamado pera a gouernar: do q̃ ele ficou assaz dagastado / & conselhouse do q̃ faria cõ hũ Simão caeiro q̃ como gouernador fizera seu ouuidor géral & cõ hũ Lançarote de seixas a q̃ pelo mesmo modo dera officio de secretario. E estes lhe conselharão q̃ se fosse a Cochĩ & vsasse de muyto rigor cõ Afonso mexia, porq̃ abriria a noua subcessam, porq̃ ele tinha toda a culpa ẽ a abrir: porẽ que descansasse q̃ posto q̃ fosse aberta lhe não perjudicaua ao dereyto q̃ tinha na gouernãça por a sua subcessam ser primeyro aberta. E parecẽdolhe bẽ este cõselho / partiose pera Cochĩ õde chegou ho derradeyro de Feuereyro. Afonso mexia q̃ tinha sobrele suas espias sabẽdo como era chegado, lhe mãdou logo notificar polos juyzes de Cochĩ / & por Duarte teixeira tesoureyro das mercadorias / & por Manuel lobato escriuão da feytoria ho terlado da noua subcessam de Lopo vaz de sam Payo / & ho regimẽto q̃ tinha dele pera ho não receber como a gouernador / & lhe requeressẽ da parte del Rey q̃ obedecesse ao gouernador pois ho era por aq̃la prouisam. Ao q̃ Pero mazcarenhas respõdeo cõ muyta colera q̃ aq̃la prouisam não era assinada por el Rey, & por isso não era obrigado a conhecela por sua: & q̃ Afonso mexia como seu imigo a poderia fazer, & por essa causa lhe nã auia dobedecer principalmẽte por estar ẽ posse da gouernãça q̃ ho mesmo Afonso mexia lhe dera & q̃ eles merecião mui grãde castigado pois sabẽdo q̃ era gouernador ousauão d lhe fazer tais requerimẽtos. E Simão caeiro como ouuidor geral lho estranhou muyto dizendo que aquilo era caso d treição / & por seu cõselho ouue Pero mazcarenhas os juyzes por priuados dos officios & que sopena de perdimentos das fazendas não sayssem de casa despois que fossem em Cochim / & mandoulhes tomar abito & tonsura, & fazer auto de sua prisam pera despois proceder contreles: & coesta reposta os mandou, Duarte teixeira & Manuel lobato ficarão presos cõ ferros no nauio porque insistirão mais no requeri-

mento chamando gouernador a Lopo vaz de sam Payo. O que sabido por Afonso mexia, lhe mandou requerer da parte del Rey que lhe soltasse os presos que erão officiaes de sua fazenda que se podia perder por sua prisam tornandolhe a requerer q̃ obedecesse á prouisam do gouernador de que tinha regimento q̃ ho não recebesse em terra por nenhũa via τ lhe resistisse com armas o que auia de fazer/ τ que se quisesse algũa cousa que se fosse a Goa τ hi acharia ho gouernador, o que se ele fizera fora liure da muyta deshonrra q̃ lhe foy feyta, τ suas cousas se fizerão melhor/ mas não teue quem ho acõselhasse/ porq̃ Simão caeiro τ Lãçarote d' seixas cõ quãto vião ho rigor em q̃ se Afonso mexia punha, τ ho grande poder q̃ tinha por seus officios/ τ quão pouco Pero mazcarenhas/ acõselhauãlhe q̃ leuasse tudo a força de braço/ τ que desembarcasse, porque como fosse em terra seria gouernador: τ como ele era muyto bõ caualeyro τ tinha animo pera tudo parecialhe que tudo podia leuar auante, τ por isso respondeo ao védor da fazenda q̃ ao outro dia lhe respõderia ẽ terra porq̃ era q̃si noyte. E temendose ele q̃ Pero mazcarenhas desembarcasse d' noyte τ entrasse na cidade por ser rasa/ chamou todo ho pouo d' Cochim a repiq̃ de sino: τ cõ quãtos a muitos parecia mal tomarse a gouernãça a Pero mazcarenhas/ pelo q̃ deuião á obediẽcia portuguesa q̃ nã dispu ta se os mãdados de seu rey ou dos q̃ estão em seu lugar sam justos ou injustos, acodirão logo todos postos ẽ armas pera fazerẽ o q̃ lhes Afonso mexia mãdasse: τ ele lhes notificou o q̃ passaua cõ Pero mazcarenhas/ q̃ não q̃ria se não desembarcar cõtra ho regimẽto do gouernador: pelo q̃ lhes requeria da sua parte q̃ tãto mõtaua como da del Rey pois tinha suas vezes q̃ lhe ajudassẽ a cõprir ho seu regimẽto q̃ era defender cõ armas a desembarcação a Pero mazcarenhas τ lhe ajudassẽ a goardar a praya aq̃la noyte. E eles ho fizerão de boa võtade/ τ a praya se goardou cõ tãta diligẽcia como q̃ se goardara de imigos/ τ toda a noyte Afonso mexia gastou em mãdar req̃rimẽtos a Pero mazcarenhas q̃ não desembarcasse/ τ q̃ se fosse a Goa τ lá req̃resse sua justiça: τ ele respõdeo a todos que em terra lhe respõderia/ τ ao derradeyro acrecẽtou mais q̃ não aueria ẽ Afonso mexia tão pouca humanidade, q̃ como a Christãos q̃ erão ele τ os de sua cõpanhia os não deixasse desembarcar pa ouuirẽ missa. E sendo ele desenganado q̃ nẽ pera isso, nã quis se nã desembarcar porq̃ tinha inteligẽcia cõ algũs da cidade q̃ desembarcasse co aq̃la cor, τ como fosse em terra se leuãtarião cõ ele obedecẽdo o por gouernador, τ prẽderião Afonso mexia: o q̃ não podião fazer sẽ ele desembarcar, τ isto fez a Pero mazcarenhas insistir em sair em terra τ não se ir á Goa, τ tãbem auer por grande afronta ter Afonso mexia ousadia pera lhe dizer q̃ por armas lhe defenderia a desembarcação, sẽdo ele hũa pessoa tão principal na India, τ tido por muyto esforçado pelos muytos feytos em armas q̃

fizera. E como ele não queria come çar brigas com Afonso mexia, ꝛ pa recendolhe q̃ desembarcãdo desar- mado as não queria coele/ ꝛ tãbem de confiado que não ousaria de as cometer/ ꝛ que os requerimentos passados forão mais pera ho espã tar, que pera ho executar/ cometeo a desembarcação/ indo cõ toda sua gente em dous bateis, ꝛ leuãdo ou uidor ꝛ meirinho com varas/ ꝛ assi ele como todos os outros, tão des- armados, que ate espadas não leua uão. E vendo Afonso mexia, q̃ não q̃ria se não desembarcar/ defendo lho como a imigo/ fazendo meter pola agoa os questauão coele, ꝛ mã dãdolhes q̃ ferissem a Pero mazca- renhas/ ꝛ aos de sua cõpanhia/ co mo á imigos, ꝛ assi ho fizerão: bra- dãdo Pero mazcarenhas ꝛ os seus que ho não fizessẽ/ porq̃ erão Chris tãos, ꝛ não querião guerra se não paz/ ꝛ como pacificos yão sem ar- mas: ꝛ requerendolhes da parte d̃ Deos ꝛ del rey q̃ esteuessem quedos ho que eles não fazião nem podião fazer/ porque Afonso mexia os nã deixaua, ꝛ andaua ãtreles sobre hũ caualo acubertado armado/ bradã do que os matassem como a immi- gos, pois desobedecião aos mãda dos de seu rey/ ꝛ eles ho fazião assi que os de Pero mazcarenhas não tinhão cõ q̃ se defender. A gente da terra que saio toda a ver isto estaua muyto espantada/ ꝛ assi era pera es pantar ver Portugueses fazer cou sa tão fea/ ꝛ mais em terra de seus imigos: porq̃ não poderão eles fa- zer mais mal aos do mar do q̃ lhes fazião os da terra, ꝛ conhecẽdo Pe ro mazcarenhas quã mao cõselho fora ir desarmado pois desembar- caua: ꝛ vendo que não podia desem barcar recolheose/ indo bem espan cado/ ꝛ ferido em hũ braço, ꝛ assi hũ seu parẽte chamado Jorge maz carenhas foy ferido de hũa chuça da, ꝛ outros muytos, ꝛ todos espã cados ꝛ pisados/ ꝛ despois q̃ Pe- ro mazcarenhas foy no seu galeão mandou fazer hũ auto do q̃ lhe A- fonso mexia fizera sẽdo gouernador da India: ꝛ a ele, ꝛ a todos os mora dores de Cochim mandou aprego ar por tredóres, ameaçãdoos q̃ lho auiã d̃ pagar se gouernasse a India.

¶ Capit. xxviij. De como não podendo Pero mazcarenhas desembarcar em Cananor se partio pera Goa.

Recolhido Pero mazca renhas aos galeões não desistio Afonso mexia d̃ goardar a praia/ ẽ quã- to Pero mazcarenhas esteue no porto/ receãdo q̃ se metesse ẽ Cochi ꝛ logo escreueo ao gouernador o q̃ tinha feyto á Pero mazcarenhas/ mãdandolhe todos os reqrimẽtos q̃ lhe fizera sobre q̃ nã desẽbarcasse ꝛ isto lhe mandou por Aires da cu- nha, q̃ tãbem leuou carta de Pero mazcarenhas pa ho gouernador ẽ q̃ lhe escreuia o q̃ lhe fora feyto per Afonso mexia/ ꝛ por isso se q̃ria ir ver coele, ꝛ o mesmo escreueo á muy tos fidalgos q̃stauã ẽ Goa, pedido lhes q̃ determinassem se auia d̃ ser Lopo vaz d̃ sam payo gouernador ou ele/ porq̃ nã q̃ria se não justiça. E partido Aires da cunha coestes

papeis mandou Afonso mexia requerer a Pero mazcarenhas q̃ lhe mandasse entregar os galeões que trazia pera os mãdar correger ꝛ lhe entregasse a fazenda del Rey/ ꝛ pera ir a Goa se la quisesse ir lhe daria hũa carauela. Do que Pero mazcarenhas foy contente/ porq̃ despois que arrefeceo da furia que lhe causou a injuria que recebera, lembrouse das que forão feytas a Afonso dalbuquerque (a quem desejaua de seguir) ẽ outro tal caso como aq̃le, ꝛ por isso determinou de não fazer nada por força se não por justiça: ꝛ coesta determinação não quis reter os galeões porque não parecesse que se queria fazer forte neles/ ꝛ entregouos com a fazenda que tinhão / ꝛ mudouse pera a carauela com sua fazẽda ꝛ criados. E coesta mudança os mais dos que vinhão nos galeões se forão a terra por não caberem na carauela, ꝛ polo verem coaq̃la determinação: ꝛ algũs destes forão presos por mandado do vedor da fazẽda, ꝛ antreles foy Jorge mazcarenhas estando ferido da chuçada que disse/ ꝛ assi ferido como estaua ho mandou leuar preso a fortaleza de Coulão, como a quem fizera grãde crime: sendo ele pessoa que tinha bem seruido el Rey, ꝛ fidalgo de sua casa. E Pero mazcarenhas despois que se mudou a carauela, partiose pera Cananor a esperar hi ho recado de Goa porq̃ dom Simão de meneses capitão da fortaleza era seu amigo / mas achou a cousa muy desuiada do que cuydaua porque sabendo dom Simão q̃ estaua no porto lhe mandou logo dizer/ q̃ lhe pesaua muyto de sua vinda ser em tal tempo: que lhe não podia fazer nenhũ seruiço sendo muyto grande seu seruidor / porque tinha mandado do gouernador Lopo vaz de sam Payo a quem toda a gente da India tinha por gouernador/ que chegando ele aquela fortaleza se quisesse ir a ela como hũ fidalgo tão hõrrado ꝛ de tanto merecimento como ho seu que ho recebesse com toda a honrra ꝛ cortesia q̃ fosse possiuel: mas que se fosse com nome de gouernador que lho não consentisse/ ꝛ ele polo que deuia a sua lealdade não pdia fazer outra cousa se não obedecerlhe como a pessoa del Rey de Portugal q̃ representaua. ao que Pero mazcarenhas respõdeo que não queria se não que comprisse com sua lealdade/ ꝛ que não queria dele mais que hũ catur em q̃ fosse a Goa pera ir ainda mais raso que na carauela ꝛ com menos sospeita de querer por força auer a gouernança que não queria se não por justiça. O que lhe dõ Simão louuou muyto, ꝛ lhe mandou dar ho catur em que não quis leuar mais gente a fora os remeyros q̃ Simão caeiro ꝛ Lançarote de seixas ꝛ dous moços que ho seruissem/ ꝛ com quanto lhe veo á memoria ir se a Chaul pera Christouão de sousa que tinha por amigo/ ꝛ dahi fazer suas cousas/ não foy por recear que fizesse como dom Simão, ꝛ mais pola fama que auia que era grãde amigo de Lopo vaz de sam Payo/ ꝛ por isto não quis lá ir ꝛ partiose pera Goa parecẽdolhe q̃ ho gouernador se queria poer coele em justiça, ꝛ quando não

q os fidalgos que estauão coele lho farião fazer. E poẽdose ho caso em dereyto a gouernãça seria sua por lhe dizer Sunão caeiro que ho muyto que tinha nela lha daua.

¶ Capit. xxix. De como ho gouernador soube o que Afonso mexia fez a Pero mazcarenhas.

Ayres dacunha ql[e]uaua os recados d pero mazcarenhas τ do vẽdor da fazẽda pera ho gouernador chegou a Goa a quatro dias de março, τ deulhe os papeis que leuaua/ τ vistos por ele, τ sabendo por Ayres da cunha o q se fizera a Pero mazcarenhas ouuesse por seguro na gouernança. E dando conta disso a Eytor da silueira τ a Pero de faria τ a algũs fidalgos de que se fiaua/ lhe conselharão que por nhũ modo consentisse que Pero mazcarenhas fosse a Goa/ porq segũdo a gẽte estaua descõtẽte da abertura da noua prouisam/ τ tinha que lhe fora tomada a gouernança que vendo ho em Goa se leuãtarião coele/ por isso que ho não cõsentisse entrar nela: o que pareceo bem ao gouernador/ τ escreueo logo ao capitão mór do mar que por ser grande inconueniẽte ao seruiço del Rey seu senhor ir Pero mazcarenhas a Goa como lhe dizião os fidalgos que estauão nela, lhe mandaua que fizesse de maneyra que topasse Pero mazcarenhas τ lhe requeresse da sua parte que se fosse aa fortaleza de Cananor dõde não sayria sem seu mandado/ τ não lhe querendo obedecer lho faria fazer por força/ τ preso ho entregaria a dom Simão de meneses de que cobraria conhecimento de como ho recebia/ τ quando se Pero mazcarenhas defendesse ho metesse no fundo se fosse necessario/ fazendolhe primeyro todos os requerimentos τ protestações q cumprissem, τ escreueo hũa carta a Pero mazcarenhas dando lhe toda a culpa do que lhe fora feyto pois não quisera obedecer a seu regimento que lhe ho vẽdor da fazẽda mãdara noteficar, τ por isso não tinha rezão rezão de castigar ninguem do que lhe pesaua muyto/ τ quanto a verse coele τ com os fidalgos q estauão em Goa erão todos dacordo que ho não fizesse polo auerem por verdadeyro gouernador, τ mais que daria sua ida grande toruação a se fazer o que era necessario pera ho recebimento dos rumes q esperauão: τ por isso lhe pedia muyto de sua parte τ reqria da del Rey seu senhor que se fosse a fortaleza de Cananor como ho capitão mór do mar lhe diria/ τ dahi mandasse requerer o que quisesse. Coestas cartas despedio logo Ayres da cunha a quem pola noua que lhe dera/ τ por lho ho vẽdor da fazenda pedir deu a feytoria τ alcaydaria mór de Coulão τ a tirou a Anrriq figueira que a tinha por el Rey, dizendo que fizera treição ẽ receber Pero mazcarenhas por gouernador. Partido Ayres da cunha coestas cartas deu as ao capitão mór do mar/ que nunca pode topar com Pero mazcarenhas/ τ por isso não ouue effeyto o que ho gouernador mandaua.

¶ Capit.xxx. De como ho gouernador mandou q̃ fosse preso Pero mazcarenhas.

Como quer que a mayor parte da gente q̃ estaua em Goa assi altos como baixos fossem de parecer que a gouernança era de Pero mazcarenhas sabendo que era na India / ⁊ que auia de ir a Goa aluoraçaranse muyto pera sua vinda / ⁊ dizião publicamente que ele era gouernador ⁊ não Lopo vaz de sam Payo / ⁊ q̃ vindo ele ho aiudarião a selo / ⁊ logo se começarão bandos antreles / ⁊ os que tinhão q̃ ho gouernador ho era / ⁊ a cada canto auia ajuntamentos ⁊ perfias dũs com outros sobre cuja era a gouernança, ⁊ auia grande aluoroço ⁊ vnião pola cidade. E sabendoho ho gouernador / disseho a seus amigos pedidolhes conselho: ⁊ eles lho derão q̃ deuia de mandar goardar ambas as barras de Goa / porque hi era mais certo tomarse Pero mazcarenhas q̃ no mar õde ho capitão mór do mar ho poderia errar, ⁊ mãdasse q̃ ali fosse tomada a menagẽ a Pero mazcarenhas / que se fosse á fortaleza de Cananor donde não sayria sem seu mandado, ⁊ não querendo dar a menagem que fosse preso em ferros / ⁊ assi ho leuassem a Cananor. E ho principal deste conselho foy Eytor da silueira a quem ho gouernador daua mil pardaos dordenado despois que Antonio de miranda seruio de capitão mór do mar, ⁊ isto por ho ter d̃ sua parte por ser pessoa de credito ⁊ ter muytos parentes q̃ ho gouernador cuydaua que serião de sua valia por sua parte: ⁊ porque Pero mazcarenhas ⁊ os de sua parte cuydassem que era assi, cometeo a Eytor da silueira que ho fosse prender: do que se ele escusou porque lhe parecia bẽ prenderse pera ho aconselhar mas nã pera ser ho executor, porque sabia quãto todos os fidalgos da India lho estranharião. E vendo ho gouernador que se escusaua mandou a Simão de melo seu sobrinho ⁊ a Antonio da silueira de meneses seu genrro que fossem com grande armada goardar ambas as barras de Goa ⁊ prendessem Pero mazcarenhas não querendo dar a menagem / ⁊ que Simão de melo ho leuasse a Cananor ⁊ ho entregaria a dom Simão preso em ferros de quẽ cobraria conhecimẽto de como ho recebia, ⁊ que assi ho ẽtregaria quãdo lho ho gouernador mandasse / ⁊ eles se partirão pera as barras a noue de Março com tamanha armada ⁊ chea de tanta gente como se forão esperar os rumes, o que aluoroçou mais os da parte de Pero mazcarenhas ⁊ dizião que bẽ mostraua ho gouernador q̃ queria gouernar por força pois não queria q̃ Pero mazcarenhas fosse a Goa por não se poer coele em dereyto / ⁊ se teuera por certo telo na gouernança q̃ lhe não dera nada de ir a Goa, ⁊ q̃ posto que ho mandasse prender q̃ a gouernança auia de ser sua, ⁊ dizião no de noyte em lugar que ho ouuia / ⁊ ele dissimulaua por não auer moor aluoroço: ⁊ porem era tamanho q̃ não podia ser mayor, ⁊ algũs se yão

aqueixar do que ho gouernador fazia ao goardião de sam Francisco de Goa que era homem letrado, dizendolhe que polo que deuia a seu habito lhe deuia destranhar o que fazia a Pero mazcarenhas, e ele respõdia que não auia que lhe estranhar porque fazia justiça: e que responderia mais largamẽte no cabo da pregação que auia de pregar ho domingo seguĩte/ e disse isto ao gouernador pedindolhe a sua prouisã pera a ler no pulpito/ e prouar por ela que ele era verdadeyro gouernador, e elelhe rogou muyto que ho fizesse. E estãdo ho gouernador presente com muytos capitães e fidalgos, leo no cabo da pregação em alta voz a prouisam per q̃ Lopo vaz d sam Payo era gouernador. E despois q̃ prouou por muytas rezões que ele era verdadeyro gouernador (o q̃ ninguẽ negaua se a subcessam de Pero mazcarenhas não fora aberta primeyro) disse ho porq̃ fazia aquela declaração/ e que dizia a todas as pessoas que dizião que ho gouernador tomaua por força a gouernança a Pero mazcarenhas q̃ vissem bem o que fazião / porque a fora lhe assacarem hũ grande falso testemunho cometião treição contra el Rey cousa muyto auorrecida ẽtre os Portugueses pola muyto grande lealdade de que sempre vsarão sobre as outras nações: e posto q̃ ele era Castelhano não auia vergonha de ho confessar, mas que a auião dauer os que lhe fazião dizer aquilo/ e que duuidauão em cousa tão clara como era ser Lopo vaz de sam Payo gouernador por dereyto e não por força: e que bẽ sabião todos quão pouco parẽtesco tinha coele nẽ com Pero mazcarenhas/ e quão pouca necessidade tinha deles nem doutra nenhũa pessoa deste mundo/ e que ainda que lhe algũs assacauão que ele não falaua verdade/ o q̃ se ele fazia prouuesse a Deos eterno que no inferno fosse confundido, e lhe tirasse logo a fala se ele dizia se não o que entendia, e assi ho juraua polo deos q̃ aquela manhaã teuera nas mãos/ e por tãto requeria da parte do Sancto padre ao vigairo geral que hi estaua que passasse hũa carta descomunhão em que ouuesse por escomungados a todos os q̃ dissessem que ho gouernador ho não era por dereyto, e pagassem dez marcos de prata pera a sé e não podessem ser absolutos se não polo bispo do Funchal/ e reqria ao ouuidor geral e a todos os fidalgos q̃ oulhassem por tamanha cousa como aquela era/ e que soubessem todos que as goardas que ho gouernador punha nas barras não era por se temer da vinda de Pero mazcarenhas se não por não auer aluoroços: e cuydando que ficauão todos crẽtes coesta fala q̃ Lopo vaz de sam Payo era gouernador por dereyto calouse/ e logo Pero de faria capitão de Goa lhe pedio a subcessam e a beijou e pos na cabeça/ dizendo que a obedecia, e pregũtãdo a todos se fazião outro tanto disserão que si/ e do que ho goardião disse/ e disto mandou fazer hũ auto pera sua segurança, e se aproueitar dele quando fosse tempo, e por seu mandado foy ho ouuidor geral po

las caſas deſſes fidalgos q̃ ſe acharão na pregação/ ⁊ ho aſſinarão por amor que diſſerão q̃ obedecião á prouiſão que ho gardião lera/ ⁊ os que aſſinarão, forão Pero de faria, ho feytor Miguel do vale, Eytor da ſilueira/ Franciſco de ſouſa tauares/ Gõçalo d̃ ſouſa/ Ruy gomez dagrá/ dom Jorge de craſto/ Manuel de brito/ dõ Antonio da ſilueira/ Vaſco da cunha/ Diogo da ſilueira, dõ Afonſo de meneſes, Geronimo d̃ ſouſa/ Anrriq̃ d̃ macedo/ Johane mẽdez d̃ macedo, Diogo de macedo/ Manuel de carualhal, Antonio mẽdez de brito, Frãciſco da ſilua, Pero deſcouar, ⁊ dõ Vaſco de lima/ ⁊ Jorge de lima/ porq̃ não quiſſerão aſſinar foram preſos ſobre ſuas menagẽs/ ⁊ aſſi porq̃ moſtrarão ſer da parte d̃ Pero mazcarenhas, ⁊ ao outro dia foi eſte auto aſſinado pelos que eſtauã nas barras, que forão Antonio da ſilueira/ Simão de melo, dom Jorge de noronha/ Jorge de melo/ dõ Johão lobo/ dom Anrrique déça, Johão pereyra/ Franciſco correa, Antonio caldeira/ Gomez de ſouto mayor/ Lopo correa/ Franciſco de brito, Payo roiz daraujo/ Gracia de melo/ Antonio mendez de vaſconcelos, Nuno pereyra/ Frãciſco ferreira/ Gaſpar da ſilua, Fernão de moraeis, Fernão roiz barba. E aſſi foy aſſinado polo capitã mór do mar/ que chegou a eſte tempo, ⁊ pelos capitães q̃ yão coele.

¶ Cap. xxxj. De como Pero mazcarenhas foy preſo em ferros.

Nauegando Pero mazcarenhas pera Goa, topou cõ Gõçalo gomez dazeuedo/ hũ fidalgo de q̃ ſoube a armada q̃ ho eſtaua eſperando pera ho prenderem por mandado do gouernador. E como ele ya poſto em ſofrer tudo ho que lhe fizeſſem/ ⁊ não fazer mais que requerer ſua juſtiça/ não lhe deu nada ⁊ paſſou auante, ⁊ tãbẽ por não ter onde ſe ir: ⁊ deſpois deſapartar de Gõçalo gomez chegou á barra de Pangim aos dezaſeis de Março. E tanto que foy viſto lhe ſaio hũ bargantim tirãdo lhe bombardadas por alto pera q̃ amainaſſe como amainou, ⁊ d̃pois de ſer leuado a Antonio da ſilueira ⁊ lhe não querer dar menagem de ſe ir meter na fortaleza d̃ Cananor ⁊ não ſair ſem mandado do gouernador, lhe foy deitado hũ grilhão. E entregue a Simão de melo ho leuou a Cananor, ⁊ forão preſos Simão caeiro/ ⁊ Lãçarote de ſeixas/ ⁊ leuados ao tronco de Goa, onde forão bem carregados de ferro. E entregue Pero mazcarenhas a dõ Simão de meneſes, por Simão de melo cobrou dele hũ conhecimẽto de como ho recebera, ⁊ que aſſi ho entregaria quando lho pediſſem/ ⁊ coele ſe tornou ao gouernador, q̃ ſe ouue por ſeguro com a priſão de Pero mazcarenhas/ ⁊ aſſi ho ficou: porq̃ coela ſe aſſeſegarã todos os aluoroços que auia, ⁊ ninguem falou mais ẽ Pero mazcarenhas/ temendo que lhe não fizeſſem como a ele, ⁊ mais perderão a eſperança

de se restaurar. E neste tempo Francisco de sousa tauares q̃ tinha a carta de Christouão de sousa, que com os d Chaul se acordou q̃ escreuesse ao gouernador / lha deu / cuja sustancia era espãtarse muyto dele, esperandose por Rumes cada dia / que trazião tamanho poder como ele sabia: ⁊ sendo ho dos nossos tã pouco querelo ainda deminuir, cõ ho diuidir em duas partes ⁊ fazer diuisão / que ẽ todas as partes era a mais abominauel cousa que podia ser, quãto mais na India / ⁊ naquele tẽpo, que se lhe parecia que a gouernãça era sua / que se posesse em justiça cõ Pero mazcarenhas quando viesse de Malaca, ⁊ nã quisesse que se determinasse por armas como parecia que queria / ⁊ quẽ teuesse dereito esse fosse gouernador, porque ele não queria que ho fosse hũ mais que ho outro / nẽ lhe queria que se posesse em dereito, se não por não auer diuisão na India: ⁊ q̃ assi lho pedia muyto ⁊ requeria da parte del rey: certeficandolhe que não auia dobedecer / se não a quem se posesse em dereito. Vista esta carta pelo gouernador, achouse muyto salteado / por ser Christouão de sousa ho principal capitão de toda a India / ⁊ que tinha a mayor parte da gente dela de sua parte, por dar muyto mayor mesa que todos os daquele tempo, ⁊ muyto mais abastada ⁊ melhores igoarias, ⁊ dava dinheiro a muytos que ho não tinhã, ⁊ ser d muyto folgar, ⁊ muy familiar com todos / polo que continuamẽte inuernauã ẽ Chaul mais fidalgos ⁊ gẽte que ẽ outra parte / ⁊ por isso ho gouernador ficou asaz agastado, em lhe parecer q̃ lhe não obedeceria pois nã se determinara cõ Pero mazcarenhas se não por força, ⁊ isto lhe fez crer que nã era ainda pacifico na gouernança / ⁊ não mostrou esta carta se não aos que tinha por amigos, que ficarão coela abalados / por ser Cristouão de sousa a pessoa q̃ era, ⁊ conselharão ao gouernador q̃ lhe mãdasse notificar a prisão d Pero mazcarenhas / ⁊ como se fizera sem nhũa diuisão, que fora aprouada polo capitão mór do mar / ⁊ polo capitão de Cananor / ⁊ por todos os capitães ⁊ fidalgos da India, ⁊ ho obedecião todos por gouernador, pedindolhe que pois nã auia diuisão, que obedecesse, ⁊ escreuesse hũa carta a Pero mazcarenhas / como a uia a sua prisão por boa / ⁊ lhe conselhasse que desistisse de pretender a gouernãça. E sabido isto por Cristouão d sousa como quer q̃ não pretendia neste caso mais que nã auer diuisão / folgou muyto de a cousa se fazer tão pacificamẽte: ⁊ deu por isso muytas graças a nosso senhor, mas não que lhe deixasse d parecer muyto mal a prisão de Pero mazcarenhas, ⁊ muyto peor não lhe darem a gouernança, que lhe parecia ser sua por dereito / ⁊ que pelo que deuia ao seruiço del rey, ⁊ a obrigação que tinha de sua menagem ⁊ fidalguia / q̃ deuia dobedecer por gouernador a Pero mazcarenhas, ⁊ não a Lopo vaz de sam payo / mas poendo diante que fazendoo assi se renouaria a diuisão que estaua apagada / ⁊ que se desfaria ho corpo da

gente da India/ que se podia conseruar, cõ auer por boa a prisão de Pero mazcarenhas, ꝛ atalhaua aos que erão da sua parte/ vendo q̃ ele era da do gouernador/ bo seriã tambẽ/ ꝛ estãdo todos juntos ꝛ cõformes os ajudaria nosso senhor/ ꝛ lhes daria vitoria dos Rumes/ q̃ não vindo na moução de Mayo estaua certo virem na de Setẽbro/ ꝛ achando diuidida a gente da India/ seria muy leue cousa ganharẽna/ com não escapar nhũ dos nossos, ꝛ por isso lhe pareceo bẽ com cõselho dos principaeis que estauão coele/ que não sómente screuesse ao gouernador/ que ho obedecia por esse, ꝛ auia a prisão de Pero mazcarenhas por boa/ mas tãbẽ a toda á India: ꝛ screuesse a Pero mazcarenhas cõforme ao que lhe ho gouernador rogaua/ ꝛ a quem screueo esta carta.

¶ Senhor por este parsio ouue hũa carta d. V.S. ẽ q̃ me largamẽte da conta do negocio dãtrele/ ꝛ Pero mazcarenhas/ muyto folgara de o saber primeyro, porque dera antes meu parecer sẽ afeiçã, como. V.S. de mim crê ꝛ espera. E quanto senhor ao que diz que todos obedecerão a sua prouisão/ eu tãbẽ digo q̃ lhe obedeço/ no alto, ꝛ no baixo, como a gouernador que he por prouisão del rey nosso senhor/ ꝛ sei certo selo. V.S. por morte d dõ Anrriq̃ de meneses q̃ Deos perdoe. E quãto ao que he passado sobreste caso, me pareceo escusado meu parecer/ por ho negocio ter ja fim Deos seja louuado, tão sem aluoroço ꝛ sem diuisão, ho q̃ sempre pedi a nosso senhor/ ꝛ estaua asaz confiado q̃ se faria bẽ polo, V.S. ter ãtre as mãos ꝛ pois está feyto tanto ẽ concordia ꝛ paz/ não falo nisso. A carta pera Pero mazcarenhas vai aberta, pera se lhe parecer bem mãdarlha/ se não faça ho que quiser. Beijo as mãos de. V.S. de Chaul a vite cinco d Março. Cristouão d sousa.

E a de Pero mazcarenhas dizia.

¶ Senhor fuy emformado do senhor Lopo vaz, de todo ho caso dãtre vos ꝛ ele, ꝛ assi vi suas puisões ꝛ os pareceres desses senhores que se acharão em Cochim/ ꝛ certo tudo foy feyto por seu estilo/ ꝛ como estas cousas estem ẽ pontos de dereito, q̃ muyto bẽ sabem algũs dos questauão presentes, não vos pareça senhor ho contrairo/ se não q̃ por todos, assi leigos como por esses dous frades q̃ ho deuẽ dentender/ ꝛ ser sem sospeita por seus habitos, ꝛ mais afirmandoo cõ juramẽto, forão suas prouisões auidas por boas: ꝛ certo a meu ver/ a vonde de Sualteza era selo ele per falecimento de dõ Anrrique: ꝛ de todas as outras cousas/ eu não fuy emformado se não a tẽpo q̃ tudo estaua feyto/ por isso foy escusado meu parecer/ ꝛ pois tudo esta pacifico, auei vossa prisão em paciencia/ por que certo foy necessaria, assi polo q̃ vos cũpre, como por euitar algũas sospeitas domẽs que desejão diuisões, ho q̃ pera ho tempo em q̃ estamos fora tão danoso/ q̃ muyto melhor fora serdes ambos mórtos: Quisuos senhor screuer esta, posto q̃ de vos não tenha recebida nhũa despois d vossa vinda, pa nela vos

pedir por merce como acima digo ajais paciēcia com vossas cousas/ & queirais fazer este seruiço a sua alteza/ de vos não lembrardes agora de vossa honrra, por não vingardes vossa prisão/ cousa tāto cōtra seu seruiço/ & certo recebereis assinada merce de tão notauel seruiço, & não demo não vosso bō conselho, algūas cartas de fidalgos da India, porque certo quē vos ho contrairo aconselhar sera vosso immigo, & não deseja de vossas cousas serem feytas a vossa hōrra como eu. Ueja senhor ho q̄ de mi māda nesta terra & faloei/ não tocando nestes negocios (por ja terē fim) como seu seruidor & amigo que sou de muytos dias. Beijo sñor vossas mãos, de Chaul. Cristouão de sousa.

¶ E assi escreueo a dom Simão de meneses & a outros muytos fidalgos do que ho gouernador ficou muyto contente parecendolhe que ho tinha da sua parte/ & Pero mazcarenhas tambem ficou satisfeyto quando vio a sua carta/ porque entendeo nela que não auia sua prisam por boa se não pola pacificação da India & por se escusarem diuisões/ & teue esperança de lhe parecer ainda bem poerse ho gouernador coele em dereyto sobre a gouernāça se ho dom Simão soltasse, em que ja comeÇaua dentender que ho faria, por lhe ter prometido que como fosse inuerno lhe tiraria os ferros/ pedindolhe perdão de lhos não tirar mais cedo por recear que ho gouernador ho soubesse. E isto deu ousadia a Pero mazcarenhas a mādar hū requerimēto ao gouernador per hū Dinis camelo tabalião pubrico de Cananor, cuja sustancia foy que ho gouernador se posesse coele ē justiça & não leuasse ao cabo a força q̄ lhe fazia tomandolhe a gouernança q̄ lhe el Rey dera protestando por todas as perdas & dānos que disso recebesse, & requerendolhe tambem q̄ soltasse a Simão caeiro & a Lançarote de seixas pera requererem sua justiça pois os tinha presos sem serem culpados. E dado este requerimento ao gouernador/ ele ho rompeo acabando de ho ler: pelo q̄ Dinis camelo não ousou desperar a reposta & fugio pera Cananor. E logo nesta conjunção indo ho gouernador á fortaleza passando por diāte da porta do trōco Simão caeiro & Lançarote de seixas lhe requererão a grandes brados que os mandasse soltar pera requererem a justiça do gouernador Pero mazcarenhas/ & por isso os mandou carregar de ferro mais do que estauão/ & defendeo sob graues penas que ninguem sobreste caso de Pero mazcarenhas lhe desse mais requerimentos se não ao secretario porque ele responderia/ & mandou apregoar q̄ sopena de morte ninguem fosse ousado de nomear por gouernador a Pero mazcarenhas: que sabendo como ho gouernador rompera ho seu requerimento a Dinis camelo & lhe não dera outra reposta/ lhe pedio disso hū estormento que lhe ele deu. E não responder ho gouernador a este requerimēto/ fez parecer a dom Simão que tomaua a gouernança por força / & parecendolhe mal começouse dabalar pera lhe de

sobedecer/ e não q̃ ho disesse á Pero mazcarenhas.

¶ Capit.xxxij. Da causa q̃ Eytor da silueira/ e Diogo da silueira, teuerão pera serem cõtra ho gouernador.

Publicado por cristouão de sousa que auia por boa a prisão de Pero mazcarenhas, como ele era pessoa tão principal na India, e de q̃ se fazia muyta conta/ os mais dos que erão da parte de Pero mazcarenhas, vendo que era daquele parecer/ ho teuerão tambẽ por bom/ e crendo q̃ assi cumpria ao seruiço de Deos, e del rey/ assessegarão ó seus aluoroços/ principalmente em Goa/ em que cessarão supitamẽte os ajuntamentos e perfias que auia dantes, com ho que ho gouernador ficou descanssado, tendo que estaua em paz: pelo que começou de saperceber do necessario, pera a vinda dos Rumes/ assi como mandar varar nauios/ e fazer outros de nouo/ e fundir artelharia, e fazer poluora e pelouros. E neste tempo na ẽtra da Dabril/ lhe pedio Eytor da silueira, que mandasse Pero de faria seruir a capitania de Malaca de q̃ estaua prouido, e que lhe daria a ó Goa/ do que se ho gouernador escusou, porque Pero ó faria tinha tambem a capitania de Goa por el Rey, e estaua em sua escolha tela/ ou deixala/ e por isso ho não podia fazer ir a Malaca sem sua võtade/ e com tudo ele lhe falaria nisso, e se quisesse ir a Malaca lhe daria a de Goa, e falandolhe, respondeo Pero de faria que não queria ir á Malaca/ ho que Eytor da silueira não creo/ quando lho ho gouernador disse/ e pareceolhe que como estaua necessitado domẽs pera se sustẽtar na gouernança/ que faria com Pero de faria q̃ não deixasse Goa/ por ho ter consigo que era grande seu amigo, e parecendolhe isto nã quis receber palauras de comprimentos/ que ho gouernador teue coele, dizẽdo que lhe pesaua de lhe não poder dar aquela capitania mas q̃ outra cousa aueria que lhe desse: e ele respondeo que não auia que lhe dar, e que bem sabia dele a verdade, e que lhe não auia dẽtrar mais em casa, ho que ho gouernador sofreo polo tempo em que estaua/ e dali se foy logo Eytor da silueira muyto agastado e indinado cõtra ho gouernador, e cõtou o q̃ passara coele a Diogo da silueir seu parente e amigo/ conselhandolhe que lhe pedisse a capitania de Malaca, pois a Pero de faria não queria seruir/ e ele ho fez assi: e ho gouernador respondeo que lha dera de boa vontade/ mas que lha não podia dar/ pola seruir Jorge cabral/ a quem Pero mazcarenhas a dera sendo jurado por gouernador, pelo que Jorge cabral a não alargaria sem ver prouisão de Pero mazcarenhas/ e indo ele sem ela a Malaca/ seria fazer la outro aluoroço como auia na India, e por isso ho não podia prouer do q̃ lhe pedia, do que se ele mostrou muy-

to agrauado / ⁊ não quis receber nhũs comprimentos do gouernador/porque todos então pela necessidade que sabião que tinha deles se lhe querião vender muyto caros/ ⁊ ajudarse dele com fazerem seu proueito: ⁊ crendo que não tinhão nhũ de sua amizade nem de serem de sua valia pois lhes não daua o que lhe pedião, pareceolhes muyto mal ser ele gouernador, ⁊ que tinha por força a gouernança a Pero mazcarenhas que era ho verdadeyro gouernernador ⁊ por tal ho ouuerão, ⁊ logo lhes pareceo bem que ho gouernador se posesse coele em dereyto sobre quem ho deuia de ser. E assentãdo isto ambos, começarão de prouocar outros fidalgos que fossem de sua openião ⁊ fizerão coeles que a teuessem ⁊ forão estes/dom Antonio da silueira, dom Tristão de noronha, dõ Jorge de crasto/ Uasco da cunha, dom Anrrique deça/ dõ Francisco de crasto, Nuno fernãdez freyre/ Jorge da silueira, Frãcisco dataide/ Jorge de melo, Diogo de miranda/ Ayres cabral, Simão sodré/ Marti vaz pacheco ⁊ Simão delgado q̃drilheiro mór. E acquiridos estes ⁊ outros muytos homẽs por sua parte / logo ho escreuerão por terra a Pero mazcarenhas/ ⁊ sua determinação: por isso que trabalhasse com dom Simão que ho soltasse/ ⁊ na entrada do verão se fosse a Goa, ⁊ farião cõ ho gouernador que se posesse coele em justiça sobre cuja era a gouernança. E esta carta foy assinada por todos estes fidalgos que digo/ q̃ vista por Pero mazcarenhas a mostrou a dom Simão, dizendo que pois aqueles fidalgos ho querião ajudar que porque ho não soltaria ele sendo tamanho seu amigo/ ⁊ pois nisso seruia a Deos ⁊ a el Rey, ⁊ affirmasse que lhe prometeo de lhe dar a capitania mór do mar se ho fizesse, ⁊ tirala a Antonio de mirãda porque não era sua se ele fosse gouernador que ficaua sem poder auer effeyto a segũda subcessã de Lopo vaz ð sam Payo que ho fazia capitão mór do mar, ⁊ dom Simão lhe prometeo de ho soltar se aqueles fidalgos permanecessem em ser da sua parte: ⁊ que escreuesse a seus amigos que tinha em Cochim pera saber se tinhão ainda sua voz, ⁊ que requeresse a Antonio de miranda ⁊ ao vêdor da fazenda que pois erão na India pessoas tão principais fizessem com ho gouernador que se posesse coele ẽ justiça: ⁊ ele ho fez assi, ⁊ lhes mandou sobrisso grandes requerimentos cõ cartas a seus amigos que lhos aprensentassem/ ⁊ como ho vêdor da fazenda era muyto recatado temia se de Pero mazcarenhas ter algũas inteligencias em Cochim/ ⁊ por isso tinha suas espias pera lhe tomarem quais cartas ou papeis que lá mandasse, ⁊ acertarão de tomar hũa carta que ouui / ⁊ tinha ho sobrescrito tão riscado que se não podia ler / ⁊ por isso não soube pera quem era ⁊ dizia.

❡ Senhor agora nouamente torno a fazer certos requerimentos sobre a gouernança da India por me ser reqnerido que os faça / lá senhor vos ha ð ser mostrado hũ deles, sey

certo que vos ha de parecer bem fazelo pois a todos estes senhores digo polos mais deles parece mal não ho fazer dias ha / desejão todos virlhe á mão poderem aleuantar ho seruiço del Rey nosso señor, ꝛ não consentirem cousas que passam contra seu real estado de que tem que se lhes pode dar muyta culpa por as consentirem passar como passam: ꝛ porem como em Goa não fuy atequi visto nem ouuido, não passou ho tempo de fazer o q̃ agora faço / beijaruosey as mãos porque todo vejais, ꝛ ponhais ante vos que a Antonio de miranda nem a Afonso mexia lhes não ha nunca de parecer bem gouernar eu a India / porque gouernãdoa não lhe pertence a hũ a capitania mór do mar, nem a outro a capitania de Cochim o que lhes pertence gouernando Lopo vaz/ ꝛ por isso ho querem soster. E com tudo vejo q̃ quer Deos tornar sobristo como cumpre a seu seruiço, ꝛ ao estado real del Rey nosso senhor. Beijo as mãos de vossa merce deste Cananor a vinte tres Dabril de mil ꝛ quinhentos ꝛ vinte sete. Pero mazcarenhas.

¶ E vista esta carta pelo védor da fazenda/ respondeo ao requerimento de Pero mazcarenhas que ho fizesse ao gouernador ꝛ não a ele/ porq̃ lhe não podia requerer q̃ se posesse ẽ justiça sobre a gouernança q̃ era sua por prouisam del Rey, ꝛ ho mesmo respondeo Antonio de miranda/ ꝛ ho védor da fazenda mandou logo esta carta de Pero mazcarenhas ao gouernador pera que soubesse sua determinação, que ainda a não sabia, ꝛ cuydaua que estaua fora de tal pensamento.

¶ Capit. xxxiij. Do requerimento que os officiaes da camara de Goa fizerão ao gouernador.

DAqui por diãte amiudou Pero mazcarenhas os requerimẽtos sobre se ho gouernador poer coele em justiça, assi ao védor da fazenda como a Antonio de miranda ꝛ ao mesmo gouernador que a nhũ respondeo, antes prendeo algũas pessoas que lhos apresentauão. E Eytor da silueira/ Diogo da silueira ꝛ dom Antonio da silueira com os de sua valia deixarão neste tempo de ir a casa do gouernador ꝛ acompanhalo como costumauão dantes/ o que ele cuydaua que era pelos agrauos que terião das capitanias que lhes não dera, ꝛ dissimulaua coeles fazendolhes sempre gasalhado onde os topaua/ nem tirou por isso a Eytor da silueira os mil pardaos que lhe mandaua dar á custa del Rey parecendolhe que coisto ho amansaria, ꝛ ho teria da sua parte com os mais amigos q̃ tinha: mas ele estaua ja tão determinado em fazer q̃ se posesse em justiça com Pero mazcarenhas que nhũa cousa aproueitaua ao gouernador pera ho fazer mudar. E vendo ho gouernador que os requerimẽtos de Pero mazcarenhas nã cessauão desenganou ho por hũa carta que lhe não fizesse requerimẽ-

tos/porque não se auia de poer coele em justiça, que era fazer duuidoso o que tinha certo por prouisão del Rey: do q̃ logo Pero mazcarenhas auisou a Eytor da silueira/ escreuendolhe que pois Lopo vaz não queria poerse em dereyto por seu requerimento, que lho fizesse ele com os outros de sua valia, & não querendo satisfazer que lhe desobedecessem & obedecessem a ele, porque se assi ho não fizessem que se chegaua ho verão: & se naquele negocio se não tomaua primeyro algũa concrusam, que receaua que ho gouernador ho mandaria preso pera Portugal/ & assi não aproueitaria ho bem que lhe querião fazer. E vista por Eytor da silueira esta carta/ mostrou a aos de sua liga. E foy acordado por todos que não era necessario fazerse então nhũ requerimento ao gouernador se não sendo Pero mazcarenhas presẽte: por tãto como fosse tempo ele fosse a Goa/ & coele requererião ao gouernador que se posesse em justiça/ & quando não quisesse que lhe desobedecerião & obedecerião a ele. E neste acordo forão os officiaes da camara de Goa que tambẽ Eytor da silueira tinha prouocado a terẽ a voz de Pero mazcarenhas/ & assi muytos cidadãos de Goa, que todos assinarão em hũa carta q̃ Eytor da silueira escreueo a Pero mazcarenhas deste acordo, dizendo mais que todos aqueles que ali yão assinados perderião por ele as vidas & fazendas. E os assinados forão duzẽtos & sessenta homẽs, de q̃ Pero mazcarenhas ficou espãtado q̃ndo vio a carta, por cuydar que ninguem quisesse ser da sua parte/ & mostrou esta carta a dom Simão pera que teuesse mais võtade de ho soltar & se animasse a fazelo vendo que tinha tanta gente de sua valia/ & tornou a escreuer a Eytor da silueira & aos outros, q̃ toda via era necessario em quanto não podia ir a Goa requererem ao gouernador que se posesse coele em justiça, & quãdo ho não quisesse fazer q̃ ho prendessem/ & assi ficaria a cousa segura por sua parte/ porque sem duuida se este feyto não fosse auerigoado antes da chegada das naos do reyno/ & ho gouernador ho fosse quãdo elas chegassem estaua certo ter mayor poder do que tinha/ porque os capitães não auião dobedecer se não a quem achassem em posse da gouernança/ & coisso ho poderia prender em prisam mais apertada ate ho mandar pera Portugal, & por isso era muy necessario fazerẽlhe ho requerimento que dizia, & prenderẽno quando não quisesse satisfazer a ele, & pera que parecesse q̃ tinhão causa pera lho fazer/ fez pera os fidalgos hum & outro pera a camara de Goa em que lhes requeria que requeressem ao gouernador q̃ se posesse coele em justiça sobre cuja era a gouernança. E Pero mazcarenhas insistia tanto neste ponto que se posesse ho gouernador coele em justiça, porque tinha por muy certo que a auia ele de ter/ & que lhe auião de julgar a gouernança. Estas cartas/ & requerimentos mandou por hum Mem vaz com sua procuração pera requerer & fa-

zer tudo quanto lhes cumpriſſe, ⁊ ele partio por terra em Julho, ⁊ chegou a Goa na entrada dagoſto, onde muyto ſecretamente deu a Eytor da ſilueira as cartas ⁊ requerimentos que leuaua que logo as deu aos pera que yão. E a todos parecerão bem os requerimẽtos de Pero mazcarenhas, ⁊ Mẽ vaz apreſentou na camara o que ya pera os officiaes: que logo fizerão outro ao gouernador que ſe poſeſſe em dereyto com Pero mazcarenhas ſobre a gouernança ⁊ derão ao ſecretario ⁊ coele o que lhes Pero mazcarenhas fizera. E ele os moſtrou ao gouernador / que não reſpõdeo mais ſe não ameaçandoos ſe lhe fizeſſem outros requerimẽtos: ⁊ ho meſmo faria ſe deſſem repoſta a nhũ que lhes fizeſſem ſobre aquele caſo, ou Pero mazcarenhas / ou a q̃lquer outra peſſoa. E os officiaes diſſerão iſto a Eytor da ſilueira, dizendo que aſſi ho auião de fazer, por iſſo que buſcaſſe ſeu remedio: porem que ſe a couſa vieſſe a ſer neceſſaria ſua ajuda que lha darião. E vendo Eytor da ſilueira a determinação do gouernador / acordou com os de ſua valia, ⁊ com todos os q̃ tinhão a voz de Pero mazcarenhas / que ele com os fidalgos fizeſſem hum requerimento ao gouernador que ſe poſeſſe em juſtiça cõ Pero mazcarenhas, ⁊ que ho deſſem a ele meſmo / ⁊ que lho deſſe Manuel de macedo com hum eſcriuão / ⁊ ele lho deu em ſaindo de ſua caſa. Ho gouernador ho tomou / ⁊ logo ho leo / ⁊ não deu outra repoſta ſe não mandar Manuel de macedo aa cadea ⁊ carregalo dẽ ferro / porque contra ſua defeſa fora ouſado de lhe dar ho requerimento. E Manuel de macedo tomou teſtemunhas de como ho gouernador ſendo ele fidalgo ho mãdaua meter na cadea com as peſſoas baixas / ⁊ iſto mais polo injuriar que por fazer juſtiça, porque pera iſſo auia fortaleza õde ho prendeſſem merecendo ele priſam tão graue, quanto mais que lhe fazia ſem juſtiça pois ho prendia por lhe requerer que a fizeſſe de ſi. E paſſando aquela primeyra furia ao gouernador mandou que foſſe tirado do tronco / ⁊ andaſſe pola fortaleza com a menagem tomada: mas ele não quis ſe não eſtar na cadea pois da primeyra lhe não derão a fortaleza por priſam / ⁊ ho eſcriuão que ya coele pera dar ho eſtormento foy eſpancado ⁊ arrepelado polo gouernador / ⁊ os ſeus criados ho ouuerão de matar ſe não fugira.

¶ Capitolo. xxxiij. De como ho gouernador prendeo Eytor da ſilueira ⁊ os outros fidalgos de ſua valia.

VEndo Eytor da ſilueira ⁊ os outros fidalgos de ſua valia o que ho gouernador fez a Manuel de macedo, pareceolhes que era por de mais fazerlhe requerimentos ſobre ſe poer em juſtiça ſobre a gouernança porque ho não auia de fazer / ⁊ que eſtaua

leuantado com a India. E consultarão entre si que era muyto grande deshõrra sua sofrerenno, e que el Rey lho estranharia: e q̃ aquilo era causa muy abastante pera prenderem ho gouernador como Pero mazcarenhas requeria. E assentando de ho fazer assi, disserãno aos officiaes da camara dẽ Goa/ e a todos os que erão da sua parte pera lhe acodirem com armas quando ouuesse de ser a prisam/ e começouse hũ grande rumor pola cidade, de que ho gouernador não sabia nada/ e Pero de faria lho descobrio. E logo que ho soube/ determinou de prender a Eytor da silueira e os outros fidalgos que serião dezasete/ e comunicádo ho com Pero de faria. Ele lhe disse que assi ho deuia de fazer/ porque se não auia de sofrer tamanho desacatamento. E assentado isto deuse parte a Antonio da silueira e a Simão dẽ melo e a outros/pera q̃ ao outro dia se fossem todos armados secretamente a tomar as ruas que yão ter a casa Deytor da silueira porq̃ deteuessem os que lhe quisessem acodir: e que Pero de faria por ser capitão os fosse prender, e ho gouernador estaria na rua noua pera mandar gente em sua ajuda ou acodir se fosse necessario. E ao outro dia pola menhaã q̃ forão noue dias Dagosto estando tudo ordenado ficou ho gouernador a caualo na rua noua/ e Pero de faria se foy a casa Deytor da silueira que estaua hi muyto perto em outra rua/ e achou ja muyta gente ao derredor da casa que ya acodir a Eytor da silueira/entendendo que ho gouernador ho mandaua prender: e por a cousa ser tão supita não leuauão mais que lanças/ e assi acodirão os fidalgos da conjuração sem mais armas q̃ as costumadas. E sabendo Eytor da silueira q̃ Pero de faria estaua hi sayo a hũa genela e preguntoulhe que queria: e ele lho disse/ requerendolhe que lhe desse a menagem. E ele respondeo que sobisse ele acima a tomarlha, e que lhe faria o que ele merecia, pois era tão roim fidalgo que aceitaua ilo prender. O que vendo Pero de faria mandou chamar ho gouernador / que foy logo leuando algũa gente. E neste tempo era a reuolta muyto grande da gente que acodia ao gouernador e a Eytor da silueira, e todos com lanças e ordenaua se hũa muy perigosa briga, porque os do gouernador leuauão espingardas, e os fidalgos da liga estauão ja todos com Eytor da silueira, e determinauão damotinar a gente de sua parte contra ho gouernador pera que começassem a peleja/ e eles proseguissem: porque por selhe não dar toda a culpa do mal que se seguisse nã querião começar. E coesta determinação em ho gouernador chegando / disse Diogo da silueira da genela aos da sua parte que estauão na rua. Senhores não vedes isto que toma por força a gouernança da India / não he bem que se lhe consinta. Ao que ho gouernador respondeo com ira, q̃ por força a tomaua e a auia de tomar. E com quanto os da parte dos fidalgos ouuirão estas palauras / nunca eles ousarão de bo-

lir consigo porque vião que os fidalgos estauão quedos. E ho gouernador lhes bradou da rua que se dessem á prisam. E eles disserão que se não auião de dar / porque ele os não podia prender que era seu immigo por lhe requererem que nã tomasse a gouernança a Pero mazcarenhas, ꝛ sobristo lhe fizerão algũs requerimentos. E vendo ele que se não querião dar á prisam, deceose do caualo com muyto grande menencoria, ꝛ tomando hũa lança ꝛ adarga quis sobir acima ondestaua Eytor da silueira cõ os outros/ que por a sua gente estar mal armada ꝛ a do gouernador bem, ꝛ principalmente por lhes parecer seruiço del Rey não se fazer o que estaua ordenado que auia de ser com tamanho perigo, não se quiserão defender se não darse aa prisam. O que foy grande bem/ porque se se defenderão ouuera de ser hũa cousa muy fea pera Portugueses ꝛ poucos ouuerão de ficar viuos. E ē ho gouernador querendo sobir pola escada/ sayo ao peitoril dela Eytor da silueira, ꝛ disselhe que ele ꝛ os outros fidalgos se dauão por presos, então pedio Pero de faria ao gouernador que se fosse/ ꝛ que ele os leuaria aa fortaleza, ꝛ que lhe deuia de dar aquela honrra de os leuar pois era capitão da cidade. E ho gouernador ho fez assi, ꝛ foy espera lo á fortaleza onde foy logo com os presos que forão estes, Eytor da silueira, Diogo da silueira/ Dom Antonio da silueira, dom Tristão de noronha/ dõ Jorge de crasto/ Vasco da cunha, Marti vaz pacheco/ Jorge da silueira / dom Anrrique deça/ Diogo de miranda, Francisco dataide / Simão delgado q̃drilheiro mór, Nuno fernãdez freyre/ dom Francisco de crasto, Simão sodré, Jorge de melo ꝛ Ayres cabral. E entrados na fortaleza/ ho gouernador lhes tomou as menagẽs que em seus pés nẽ alheos não sayssem dela/ ꝛ disso foy feyto hũ auto. E presos estes fidalgos, pareceo ao gouernador que ficaua em paz, porque muytos daqueles que erão da sua parte vendo os presos forão reconciliar logo coele, ꝛ antreles forão os officiaes da camara / a que mandou que respõdessem ao requerimento de Pero mazcarenhas q̃ lhes leuara Mẽ vaz que aínda estaua em Goa: ꝛ por com prazer ao gouernador responderão que lhe não podião requerer que se posesse em iustiça sobre a gouernança por saberem que era sua por prouisam del Rey/ ꝛ era obedecido por gouernador por todos os da India: ꝛ se sobrisso lhe requeressem que se posesse em iustiça pareceria que desobedecião aos mandados del Rey, a quẽ pertencia julgar cuja era a gouernança ꝛ não a outrem / por tanto que sua vinda a Goa era escusada/ porque não seruiria de mais que de fazer aluoroço na gente, que era necessario que esteuesse quieta pera pelejar com os Rumes que esperauão / requerendolhe da parte del Rey que não fosse a Goa. E ho gouernador tambem respondeo largamente por parte da camara a Pero mazcarenhas / apõtandolhe ho dereyto que tinha

na gouernança,⁊ como era sua. E
de tudo foy feyto que se deu a Men
vaz com que se partio pera Pero
mazcarenhas leuandolhe tambem
cartas dos fidalgos presos em que
lhe pedião que em todo caso fosse a
Goa / porque tudo se faria bẽ. E
partido Mẽ vaz/ porque ho gouer
nador sabia que daqueles fidalgos
q̃ estauão presos algũs não tinhão
culpa ⁊ por amor da amizade Dey-
tor da silueira forão na conjuração
mandou os pera as pousadas / ⁊
tambem polos ter da sua parte /⁊
estes forão Vasco da cunha /dom
Tristão de noronha/ Martim vaz
pacheco / Jorge da silueira / dom
Anrrique deça/ Diogo de mirãda,
Frãcisco dataide/ Simão delgado,
Nuno fernandez freyre/ dom Fran
cisco de crasto, Simão sodré / ⁊ a
Eytor da silueira/ Diogo da siluei
ra/ dom Antonio da silueira ⁊ dom
Jorge de crasto, por serem cabeças
daq̃la conjuração deixou os estar
na fortaleza,⁊ a Ayres cabral / ⁊ a
Jorge de melo por serẽ muyto mal
dizentes ⁊ aluoraçadores do pouo
mandou os leuar á fortaleza de Be
nastarim/ ⁊ q̃ os prendessem em fer
ros. E no cabo Dagosto temẽdose
ainda Deytor da silueira ⁊ dos ou-
tros tres que lhe perjudicassem ⁊
q̃ escreuião a Pero mazcarenhas q̃
fosse a Goa os quisera mãdar a Co
chim em hũ bargantim : o que não
careceo de sospeita que pera morre-
rem no mar os mandaua por ser a-
inda ho tempo muyto verde, ⁊ por
isso lhe eles requererão muy estrei-
tamente que os não mandasse porq̃
os mandaua a morrer, pelo que dei
xou de os mandar ⁊ tinha sobreles
grande recado / ⁊ eles tambem ho
tinhão sobre si porque se receauão
de peçonha/ ⁊ andaua a cousa tão
danada de parte a parte que tudo se
podia recear,⁊ de tudo se podia ter
sospeita.

¶ Capitolo .xxxv. De como Pero mazcarenhas foy obedecido por gouernador por dom Simão de meneses.

A prisam destes fidal-
gos com q̃ ho gouer-
nador cuydou que fi
caua mais seguro na
gouernança ho ouue
ra de poer em risco de a perder : por
q̃ sabida por Pero mazcarenhas
sua prisam/ ⁊ recebendo cartas de-
les da causa porque fora / ⁊ como se
temião de os matar com peçonha,
porque ja cometera de os matar no
mar com os mandar em tempo tão
verde como os mandaua: teue ousa
dia de apertar muyto com dom Si
mão q̃ ho soltasse ⁊ obedecesse por
gouernador/ ⁊ desobedecesse Lopo
vaz de sam Payo: pois ele como ti
rano queria forçosamente tomar a
gouernança, prendendo aqueles q̃
lhe requerião que se posesse coele
em justiça , ⁊ buscando artes pera
os matar. E parecendo muyto mal
a dom Simão a prisam daqueles
fidalgos ⁊ ho mais que ho gouer-
nador fazia/ disse a Pero mazcare-
nhas, que pois ho gouernador se
não queria poer em dereyto sobre a
gouernãça se não tela por força, o q̃
lhe a ele parecia muyto mal q̃ tinha

por deshõrra obedecelo por gouernador, & por isso obedeceria a ele Pero mazcarenhas pois queria justiça, o que fazia por pacificação da India. E porque parecesse assi a todos leuou Pero mazcarenhas aa igreja da fortaleza. E jũtos ho feytor/ & alcayde mór/ & assi outros officiaes da justiça, & da fazẽda: & algũs fidalgos & todos os outros q̃ morauão na fortaleza & arrabalde: hũ tabalião leo em voz alta a subcessam de Pero mazcarenhas que fora aberta por falecimento de dom Anrrique de meneses / & ho auto q̃ foy feyto da entrega da gouernança a Lopo vaz de sam Payo que gouernasse a India em quanto Pero mazcarenhas não fosse de Malaca, & a carta do védor da fazenda per q̃ ho mandou chamar, & a subcessam do gouernador com todos os autos & requerimentos que forão feytos da resistencia que lhe ho védor da fazẽda fez em Cochim ate aquele dia. E despois de tudo lido / disse Pero mazcarenhas. Tudo o que senhores ouuistes, vos foy lido pera que saibais quão sem rezão & sem nhũa justiça fuy injuriado/ preso & mal tratado: & que se não podera mais fazer a hũ pubrico mal feytor que quisera entregar a India aos mouros/ do que me fizerã, Afonso mexia em me espancar / & Lopo vaz ẽ me prender sobre a merce q̃ me. S. A. fez da gouernança da India por muytos & muyto grãdes seruiços que nela & em outras partes tenho feytos. S. A. & a el Rey seu pay: & agora por derradeyro lhe segurey Malaca com destruir el rey de Bintão/ & parecendome que vinha receber a merce que me fez por galardão de meus seruiços recebi tanta deshõrra & tamanha injuria como está notorio/ principalmente Dafõso mexia que polo officio que tẽ me ouuera de fauorecer & ajudar querendo me Lopo vaz fazer força/ & a pacificar a India como pessoa tão principal nela por seu officio: & ele como meu imigo foy o q̃ a reuolueo com querer entender por me fazer mal o que a carta de sua alteza não diz/ & tem posta a India em bãdos & diuisões & ẽ perigo de se perder/ & Lopo vaz ho ajuda por sua parte em não se querer poer comigo em justiça que por lho não pedir quando ya a Goa me prendeo em ferros como a tredor/ & por força me quer tomar a gouernança, & diz que por armas a ha de defender/ & bẽ se parece pois prende & mal trata a todos aqueles que lhe pedem justiça por minha parte. E pera se isto ver mais claramente prendeo agora os principais fidalgos da India com tanto rigor & aspereza como que forão comprendidos em treição / & dizem me que está determinado de vir cercar esta fortaleza & prẽderme cõ ho senhor capitão sendo tão certa a vinda dos rumes, & tudo isto com ho mais que tem feyto sam mostras verdadeyras destar leuãtado com a India & desobedecer aos mãdados de sua alteza/ & cõtrariar as vontades de seus vassalos que andão na India, que aos mais parece mal esta tirania de que vsa. E pois ho ele assi faz/ requeiro a vos señor capitão/ & ao feytor/ & alcayde mór

⁊ a todos os outros officiais deſta
fortaleza da parte del Rey noſſo ſe-
nhor hũa vez/ ⁊ duas ⁊ tres: que viſ
ta a cõtumacia de Lopo vaz de ſam
Payo de ſe não querer poer comi-
go em juſtiça ſobre a gouernança,
que coeſtes officiaes ma ẽtregueis
por voſſa parte / ⁊ me obedeçais
por gouernador, pera que coeſte fa
uor ⁊ com outros que eſpero ho poſ
ſa conſtranger a poerſe comigo em
dereyto pera que a gouernança fiq̃
a cuja for ⁊ ſe pacifiquem eſtes ban
dos com q̃ a India eſtá em perigo
de ſe perder vindo os rumes como
eſperamos. E coiſto fez ſuas proteſ
tações de não ho querendo aſſi fa-
zer lho eſtranhar el Rey/ ⁊ auer por
eles a perda que recebeſſe de ho não
fazerem, pedindo de tudo eſtormẽ-
tos com ſuas repoſtas ou ſem elas.
Mas não foy neceſſario, porque to
dos reſponderão q̃ lhe obedecerião
polas cauſas que dizia: ⁊ logo foy
jurado por todos ⁊ obedecido por
gouernador da India com grande
feſta. O que logo foy ſabido em Co
chim/ ⁊ como foy tempo muytos
fidalgos ⁊ outras peſſoas honrra-
das que erão de ſua valia ⁊ inuerna
uão em Cochim ſe forão parele/ ⁊
aſſi chegarão a Cananor algũs ca-
pitães de nauios que erão fora da
India. E achando que Pero maz-
carenhas era obedecido por gouer-
nador porque Lopo vaz de ſam Pa
yo não ſe queria poer coele em juſti
ça ficarão coele: ⁊ coiſto eſtaua muy
to fauorecido.

¶ Capit. xxxvj. Dos requerimentos que fez Pero mazcarenhas a Lopo vaz de ſam Payo.

Obedecido pero maz
carenhas por gouer
nador/ ⁊ vẽdoſe tão
fauorecido: determi
nou dauer d̃ ſua par
te a Chriſtouão de ſouſa, porq̃ lhe
lembrou que a carta q̃ lhe eſcreuera
de auer ſua priſam por boa que fo-
ra mais polo ver preſo ⁊ por apaci
ficar a India que por lhe parecer re
zão prenderẽno: ⁊ pois eſtaua ſolto
⁊ obedecido por gouernador / ⁊ ſe
queria poer em juſtiça ſobre cuja
era gouernãça q̃ ſeria da ſua parte.
E pera iſto lhe mãdou hũ requeri-
mento em que relataua todo ho paſ
ſado, requerẽdolhe juntamente cõ
dom Simão ⁊ cõ outros officiaes
da fortaleza que requereſſe a Lopo
vaz de ſam Payo que ſe poſeſſe coe
le em juſtiça, ⁊ não querendo que
lhe deſobedeceſſe/ ⁊ obedeceſſe a ele
que queria juſtiça ⁊ pacificação da
India. E coeſte requerimento man
dou Franciſco mendez de vaſconce-
los que pera eſte caſo fez ſeu procu-
rador. E partido Franciſco mẽdez/
mandou outro requerimẽto ao go
uernador ⁊ dõ Simão outro pera q̃
ſoltaſſe aqueles fidalgos q̃ eſtauão
preſos, ⁊ a eles todos cartas d̃ muy
to eſforço que perderia a vida ſobre
os ſoltar/ dizendolhe o que era fey
to ⁊ o que eſperaua de fazer: ⁊ a pri-
meyra couſa que fez quem lhas leua
ua lhas deu em chegando a Goa, ⁊
deſpois os requerimentos ao ſecre
tario que os deu logo ao gouerna-
dor/ ⁊ então ſoube ele a ſoltura de
Pero mazcarenhas ⁊ como era o-
bedecido por gouernador, ⁊ lhe pe-
ſou de ho fiar de ninguem, ⁊ vio q̃

ho ouuera de ter em Goa ou ẽ Cochim, ⁊ temeose que entrasse de supito em Goa, porq̃ soube q̃ os presos, ⁊ os Tanadares, ⁊ capitães dos pasos da ilha, ⁊ muytos cidadãos, lhe tinhã scrito q̃ fosse a Goa, porq̃ todos estauão prestes pera ho ajudar a restituir em sua honrra. E por isso mandou a Simão de melo seu sobrinho q̃ fosse goardar a barra de Goa a velha, com hũa galeota/ ⁊ com hũ bargantim/ porque por ali lhe pareceo que entrasse Pero mazcarenhas/ que mandou que fosse preso/ ⁊ leuado a Goa: ⁊ estando hi Simão de melo aos dezaseis dias Dagosto, chegarão a Goa dous capitães d' duas naos q̃ ho ãno passado partirão de Portugal, ⁊ inuernarão em Moçanbiq̃. E os capitães erão Antonio dabreu, de que falei no liuro Terceiro/ ⁊ Vicente gil filho de Duarte tristão armador de naos, ⁊ indo estes falar ao gouernador, ele lhes contou ho que passaua antrele/ ⁊ Pero mazcarenhas sobre a gouernança/ ⁊ pera lhe darem seu parecer se era gouernador por dereito/ lhes mostrou as prouisões passadas/ ⁊ a carta del rey pera Afonso mexia/ ẽ que dizia: q̃ das outras prouisões se não vsasse/ ⁊ lhas leuasse çerradas/ ⁊ deulhes juramento que verdadeiramẽte lhe disessem seus pareceres: ⁊ eles lhe jurarão que entendião/ que ele era gouernador/ ⁊ os que tinhão ho contrairo deseruião muyto el rey. E despois disto aos seis dias de Setembro/ chegarã a Goa outros dous capitães da armada que aquele anno partira de Portugal, de que foy capitão mór Manuel delacerda, ⁊ forão seus capitães Cristouão de mẽdoça capitão Dormuz/ na vagante de Diogo de melo/ Aleixos dabreu/ Gaspar de paiua, ⁊ Baltesar da silua, ⁊ Manuel delacerda/ ⁊ Aleixos dabreu, se perderã na ilha d' sam Lourenço por culpa dos seus pilotos/ ⁊ Baltesar da silua/ ⁊ Gaspar de paiua, chegarão a Goa aos seis de Setembro: ⁊ tambem forão preguntados polo gouernador/ como Antonio dabreu ⁊ Vicente gil/ ⁊ responderão como eles, ⁊ de tudo mãdou fazer hũ auto, que foy por eles assinado, ⁊ por dom João deça cunhado do gouernador/ ⁊ por Frãcisco pereyra de berredo, que nas mesmas naos forão de Portugal, hũ prouido da capitania de Cananor/ outro da de Chaul/ nas vagãtes de dom Simão, ⁊ de Cristouão de sousa. E isto se fez aos dez dias de Setembro.

Capit. xxxvij. De como Pero mazcarenhas foy obedecido por gouernador, por Cristouão de sousa.

Este tẽpo teue Cristouão de sousa nouas muyto certas que Raix çalmão capitão mór da armada dos Rumes era morto, ⁊ q̃ morrera em hũa batalha/ q̃ os mesmos Rumes ouuerã hũs cõ os outros sobre desauença que recreceo antre eles, ⁊ que era tanta gente morta/

& a armada ficara tão danificada q̃ se tornara pera çuez/ & que ja aquele anno nem tão asinha podião passar aa India. E apos estas nouas chegou Francisco mendez de vascõcelos que mostrou a Christouão de sousa per autos pubricos como dõ Simão tinha obedecido por gouernador a Pero mazcarenhas por lhe parecer que assi cumpria a sua lealdade & á menagem que tinha dada de não obedecer senão a el Rey/ ou a seu certo recado que tinha que era Pero mazcarenhas de cuja parte & de dõ Simão lhe deu os requerimentos que lhe leuaua: & assi os que fizerão ao gouernador pera q̃ se posesse em justiça/ & o que ele fizera aos que lhos leuarão: & assi lhe mostrou per papeis todo ho mais que tinha feyto/ & como determinaua de ir cercar Cananor, requerendolhe por derradeyro como seu procurador que lhe obedecesse como lhe tinha obedecido com todos os capitães & fidalgos da India quando se abrira a sua subcessam. Ouuido tudo isto & visto por Christouão de sousa/ vio que era necessario entender em cousas de tanta importancia. E juntos a conselho/ ho feytor & alcayde mór & os outros officiaes da fortaleza: & assi os fidalgos que inuernauão coele que era a mór parte dos que andauão na India propos lhe a prisam Deytor da silueira & dos outros fidalgos/ & ho escandalo que isso fizera/ em tãto que da hi tomou dõ Simão causa pera soltar Pero mazcarenhas & ho obedecer por gouernador/ & lhes mandou ler os requerimẽtos que dantes disse/ & despois forão feytos ao gouernador, & o que lhe fazião Pero mazcarenhas & dom Simão. E ouuido tudo por eles ficarão muyto escandalizados da prisam dos fidalgos/ & do gouernador mostrar que por força queria ter a gouernança/ assi em palauras como em obras/ pelo que de comũ acordo reqrerão todos á Christouão de sousa que pois Pero mazcarenhas era solto & obedecido por gouernador/ & Lopo vaz de sam Payo nã queria poerse em justiça, q̃ pera pacificação da India deuia dobedecer a Pero mazcarenhas, com declaração que em todo ho tẽpo q̃ Lopo vaz se quisesse poer em justiça coele que se posesse. E isto se deuia de fazer logo ãtes que Lopo vaz aquerisse móres forças das que tinha/ & se posesse em querer determinar aquele caso por armas como se affirmaua. E por esta rezão & outras muytas que se derão/ & mais porq̃ a India nã se podia pacificar doutra maneyra, pareceo bẽ a Christouão de sousa obedecer a Pero mazcarenhas cõ a declaração que digo, & com determinação de fazer todas as võtades que podesse a Lopo vaz de sam payo/ como despois pareceo quando esteue com Pero mazcarenhas a juizo/ como direi a diante/ no que se vio q̃ sómẽte por pacificação da India, & por seruir nisso a Deos nosso senhor & a el rey. fez esta obediencia a Pero mazcarenhas/ & nã por outro nhũ interesse nem proueito que pretendesse. E acordado per todos que Pero mazcarenhas se obedecesse por gouerna

dor/ e obedecido por esse cõ autos pubricos que disso forão feytos, e assinados por todos/ mãdarão logo hũ requerimẽto ao gouernador que soltasse os fidalgos que estauã presos, e se posesse em justiça com Pero mazcarenhas. E Cristouão de sousa lhe screueo hũa carta/ em que lhe daua as rezões porque obedecera á Pero mazcarenhas, e a declaração com que se fizera, do q̃ ho gouernador não foy contente, nem quis responder ao requerimẽto que lhe foy dado/ antes ajũtou hũa armada, de que fez capitã mór a Antonio da silueira de meneses seu genrro, e lhe mandou que fosse coela a Chaul/ e requeresse a Cristouão de sousa que lhe entregasse a armada que lá estaua/ e que entregasse a capitania da fortaleza/ a Francisco pereyra de berredo, por quanto seu tempo era acabado/ e ele vinha prouido dela por el rey. E chegado Antonio da silueira a Chaul/ Cristouão de sousa não cõsentio que se desembarcasse/ porque sabia que ho gouernador não quissera responder ao seu requerimento/ e viose coele no mar/ estando cada hũ em seu bargantim: e ouuindo Cristouão de sousa ho recado do gouernador/ respondeo que nhũa cousa daquelas auia d̃ fazer, porque tinha mandado em contrairo de Pero mazcarenhas seu gouernador: sobre ho que Antonio da silueira lhe fez muytos requerimentos. E assi Francisco pereyra sobre lhe entregar a capitania da fortaleza/ protestando por seus ordenados/ proes, e percalços/ e disso tomarão ambos estromentos.

¶ Capit. xxxviij. De como dom Garcia Anrriquez fez pazes cõ el rey de Tidore.

Atras fica dito como por Antonio d̃ brito q̃ fora capitã da fortaleza d̃ Maluco leuar dla muyta gẽte/ e outras muitas cousas necessarias pa defenção da fortaleza, de que auia gran de necessidade/ mandara dom Garcia anrriquez a Martim correa q̃ lhas fosse buscar á ilha de Banda/ a quaesquer nauios d̃ Portugueses que hi esteuessẽ. E Martim correa chegou a Bãda quasi perdido, com hũ brauo temporal q̃ lhe deu/ e valeolhe Antonio d̃ brito que ainda ali estaua. E logo despois de ele chegar, chegou de Malaca em hũ nauio hũ fidalgo chamado Manuel falcão, q̃ Pero mazcarenhas mandaua por capitão mór/ de certos jungos de mercadores, em que ya hũ Fernão baldaja por scriuão da feytoria de Maluco com fazenda parela/ que logo Martim correa recolheo no seu nauio. E por ele saber da gente da terra, que viram passar duas velas da feição das naos Portuguesas por ãtre aquelas ilhas/ pareceolhe que serião naos de Castelhanos/ por não sentir lugar pera onde naquele tempo fossẽ naos Portuguesas/ e receando q̃ se fossẽ Castelhanos iriã pera Maluco/ e poerião em perigo a nossa

fortaleza, por a pouca gente que lá ficaua / τ menos munições cõ que se defendesse / requereo a Antonio de brito, τ a Manuel falcão que fossem socorrer a fortaleza de Maluco porq̃ nã se perdesse: τ Antonio d' brito não quis ir, τ Manuel falcão si / τ leuando a mais gente que pode partirã ele τ Martim correa pera Maluco / τ forão surgir na ilha de Ternate / τ desembarcados se forão pera a fortaleza, onde acharão que dom Garcia andaua ẽ concerto de pazes com el rey de Tidore. Do que Cachil daroes não era contente, porque afora ver que perdia muyta parte do mando que tinha auendo pazes, τ que os Portugueses não terião dele tanta necessidade como tinhão / receauase que com a paz, el rey de Tidore ho mandasse matar com peçonha, pelo mal que lhe tinha feyto na guerra. E com quãto dõ Garcia isto sabia, fez toda via a paz com el rey de Tidore, com condição, que dentro em seis meses tornasse el rey a artelharia que fora tomada na fusta q̃ disse, τ todos os scrauos dos Portugueses que andauão fugidos ẽ suas terras / τ assi ho mais que se achasse que lhes fora tomado.

Capit. xxxix. De como dõ Garcia anrriquez tornou a quebrar a paz.

Feyta esta paz / sabendo el rey de Tidore quã descõtente Cachil daroes estaua dela / polo contentar lhe mandou dizer que casaria com ele hũa filha se quisese, τ isto fazia porque como sabia que tinha muyto credito com os Portugueses / receou que por amor dele quebrassem a paz, no que ele receberia muyta perda / τ por isso queria ter seguro Cachil daroes com amizade τ parentesco. E sabendo dom Garcia ho que el rey de Tidore recometia a Cachil daroes / τ que ele folgaua de ho aceitar / trabalhou muyto polo estoruar, porque via claramente que desta liança del rey de Tidore com Cachil daroes, auia d' resultar fazerẽlhe algũa treição, τ que com a paz se auia el rey d' Tidore d' querer vingar dos Portugueges / do mal que lhe fizerão na guerra / τ vendo que não podia estoruar ho casamẽto, determinou de ho estoruar com quebrar a paz / τ pera que mostrasse ter rezão de a quebrar / mandou logo pedir a artelharia a el rey de Tidore / posto q̃ não era comprido ho prazo em que lha auia dentregar / τ quando lhe foy este recado / estaua ele muyto doente, τ com tudo respondeo como homẽ que queria amizade / que não podia logo mandar a artelharia, por ter dada algũa a el rey de Bachão, τ a outros reys q̃ ho ajudarão, que como a ajuntasse a mandaria / τ os scrauos mãdaria logo pedindo a dom Garcia que lhe mãdasse algũ medico pera ho curar / τ ele mandou hũ boticairo / que lhe deu peçonha com que ho matou ẽ poucos dias. E sabendo dom Garcia que era morto, determinou de tomar a cidade / em quanto os moradores dela estauão tristes pola

morte del rey/ ⁊ descuydados da
guerra. E tendo sua gente prestes
pera isso/ mandou hũ recado dian-
te ao regedor do reyno que lhe mã-
dasse logo a artelharia se não que a
auia a paz por quebrada: ⁊ por ainda
a este tempo ho corpo del rey esteues-
se por enterrar/ respondeo que co-
mo fosse enterrado logo daria a ar-
telharia ⁊ ho mais. Dom Garcia
que não queria outra cousa man-
dou embarcar sua gente/ ⁊ embar-
cada tornou a mandar pedir a arte
lharia/ ⁊ se lha não dessem logo que
auia a paz por quebrada. E Fernão
baldaya que leuou este recado/ não
quis sair em terra ⁊ mandou ho do
mar: ⁊ sendolhe respondido polo re
gedor ⁊ mandarins que tanto que
acabassem hũ conselho em que esta
uão pera fazerem rey, logo satisfa-
rião a dom Garcia. Ao que Fernão
baldaya não respondeo: mas com
hũ pregão lhe notificou q̃ dom Gar
cia auia a paz por quebrada/ ⁊ lhe
pregoaua a guerra. E coisto feyto
se tornou a dom Garcia que ya por
caminho, ⁊ ãtemanhaã chegou ao
porto da cidade de Tidore cujos
moradores assi pola tristeza da mor
te del rey como polo descuydo que
lhe causou a confiança que tinhão
na paz estauão de todo desapercebi
dos pera se defenderem/ ⁊ por isso
como sintirão que os Portugue-
ses desembarcauão fugirão da cida
de/ em que entrados os Portugue
ses não acharão q̃ fazer saluo poer-
lhe ho fogo com que queimarão a
mayor parte dela ⁊ tomarão sete pe
ças dartelharia. E destruida a cida
de/ tornarãose á fortaleza: ⁊ deste
feyto ficarão os Portugueses em
muyto descredito com toda a gente
daquelas partes ⁊ os tinhão por
tredores/ ⁊ que não goardauão sua
fé, ⁊ assi no reyno de Bachão como
em outros/ a que dantes yão/ lhes
foy defeso que não fossem lá mais, ⁊
não forão.

¶ Capit. xxxix. De como dom Jorge de meneses indo pera a ilha de Ternate foy ter ás ilhas dos Papuas onde inuernou.

Dom Jorge de me
neses q̃ ya por ca-
pitão da fortaleza
d̃ Maluco partio
como disse p̃a Ma
laca com regimẽ-
to de Pero maz-
carenhas que fosse pela via de Bor
neo pera se acabar de saber aq̃le ca-
minho por õde se escusaua a deten-
ça que se fazia em Banda esperan-
do por moução. E porque não pu-
de saber o que aconteceo a dõ Jor-
ge nesta viagem/ não direy mais se
não que foy ter atraues das ilhas
do Morro setenta legoas da nossa
fortaleza: ⁊ chegando ali hũ dia so-
bre a tarde foy demandar a terra, ⁊
sendo muyto perto dela mandou
sondar pera surgir afastado da ter-
ra segundo ho costume dos Por-
tugueses, mas como derrador da-
quelas ilhas não se acha fundo se
não tendo as naos as proas em ter
ra. Dom Jorge que isto não sabia/
nem conhecia a terra: não ousou de
surgir ⁊ afastouse pera ho mar. E
vendo os da terra que se afastaua/

meterãose algũs ẽ duas almadias & forãose pera as naos / porẽ não sabendo se erão de Portugueses se de Castelhanos, não ousarã de chegar a elas / & falarãlhe hũ pouco d lonje / & por das naos os chamarẽ & acenarem cõ panos, chegou hũa almadia a bordo dũa das naos / de q̃ pergũtarão á gente dela pola nossa fortaleza & polos Portugueses, de q̃ lhes nã souberão dar nhũa noua: & por nisto anoitecer se afastarã os da almadia das naos, & se forão leuando tres beirames vermelhos quelhes os Portugueses derã. E idas as almadias, despois q̃ foy bẽ noyte acalmou ho vento / & dõ Jorge ficouse sẽ remedio, porq̃ como não podia surgir por não auer fundo / nẽ se podia chegar a terra por lhe faltar ho vento, escorreo por antre aquelas ilhas cõ as agoajẽs q̃ ali correm fortemente / & indo assi foy cair no golfão que se faz antre estas ilhas & ho estreito de Magalhaẽs. onde lhe sobreueo hũ brauo temporal / com q̃ a sua nao, & outra de sua cõserua forão a Deos misericordia ate as ilhas que chamão dos Papuas, donde por amor dos ponentes que ventauão não pode tornar a Maluco se não no Mayo seguinte / de mil & quinhentos & vinte sete: cõ os leuãtes / & ãdou por aquelas ilhas seis meses cõ asaz de fadiga, & adoeceolhe & morreolhe algũa gente.

¶ Capitolo. xl. Da segunda armada que ho Emperador mandou ás ilhas de Maluco.

DO liuro Sexto fica dito / como hũa das naos da armada de Fernã d magalhaẽs cõ que ya descobrir Maluco tornou a Seuilha com Crauo, & sua tornada & a mostra do Crauo q̃ leuou / deu causa ao Emperador Carlos / mãdar outra armada doutras cinco naos q̃ fosse a Maluco a fazer fortaleza na ilha de Tidore, pola amizade que os Castelhanos acharã ẽ el rey dessa ilha, & desta armada foi por capitão mór hũ frey Garcia d loaeis frade duma das ordẽs da caualaria de Castela / & desta armada sómẽte a capitaina passou a Maluco com outro nauio mais pequeno / porem sem ho capitão mór, de que não soube ho q̃ fez. E desta nao que digo era capitão hum fidalgo Biscainho / que auia nome Marti inheguez de Carquicios / que era justiça mór da armada / & chegãdo a hũa ilha soube como os Portugueses tinhão fortaleza / & armada na ilha de Ternate / & por isso recolheo a gente do nauio na nao / & ho queimou / & ficou com trezẽtos homẽs todos escolhidos, com que seguio sua viajẽ / & foy ter a traues das ilhas do Morro / no mesmo instãte que dõ Jorge ali foy ter, & ouue vista dos nauios em q̃ ya, & por lhe auer medo que conheceo serem dos Portugueses se escõdeo, & foi se meter no golfão q̃ chamão d Camafo / cuja terra era del rey de Tidore / & por os moradores conhecerem q̃ erão Castelhanos, polo que sabião da amizade que el rey tinha

coeles os receberão muyto bem. E os Castelhanos sabendo a guerra que os Portugueses tinhão feyto a el Rey de Tidore, prometerãolhe de os vingar deles com lhes tomar a fortaleza ꝛ matarẽnos a todos ꝛ comerẽnos assados/ꝛ outros muytos feros com que os da terra estauão muy satisfeytos/ ꝛ dauãlhes tudo sem dinheiro/ ꝛ assombrauão coeste fauor os moradores doutros lugares del Rey ď Ternate nossos amigos.

¶ Capit.xlj. De como chegou hũa nao de Castelhanos ás ilhas de Maluco.

A Noua destes dous nauios de dom Jorge de meneses q̃ forão vistos antre aquelas ilhas do Morro foy ter á ilha de Ternate, donde se deu a dom Garcia anrriquez sem declaração se erão os nauios de Portugueses ou de Castelhanos. E como isto ficaua duuido so logo dom Garcia determinou de saber a verdade porque receaua serem Castelhanos, ꝛ mandouho saber per Martim correa que foy em hũa cora cora com hũ soo Portugues chamado Diogo da guerra por saber bem a lingoa da terra/ ꝛ a outra gente forão Mandarins. E nesta cora corao foy ter a Camafo a hum lugar delrey de Ternate, onde foy certificado ser a nao de Castelhanos, ꝛ de quão fauorecidos os vassalos delrey ď Tidore estauão coeles / ꝛ que tinhão grande armada/ ꝛ conselharãlhe q̃ não fosse lá porque Martim correa ho quisera fazer. E vendo que ho aconselhauão bem tornouse pera a fortaleza com aquela noua: que sabida per dom Garcia mandou com conselho hũa armada a esperar esta nao quando fosse de Camafo pera Tidore que assi cuydarão que fosse: ꝛ a capitania moor desta armada deu a Manuel falcão/ ꝛ forão nela setenta Portugueses em dous nauios/ ꝛ Cachil daroes leuaua doze corascoras. E chegando Manuel falcão ao meyo do caminho mãdou polo ouuidor da fortaleza hũa carta que leuaua de dom Garcia pera Martim inheguez que lhe ele foy dar em saindo do golfam de Famaco: ꝛ isto pera ter achaque de ver a nao como ya apercebida/ ꝛ ho numero dos Castelhanos. O que tudo ho ouuidor vio muyto bem/ ꝛ q̃ a nao ya muyto bem artilhada ꝛ cõ muytas armas, ꝛ os Castelhanos serião trezentos. E Martim inheguez lhe deu azo pera que ho visse muyto bem ꝛ ho dissesse a dom Garcia/ que ele sabia bem quão pouco poder tinha assi de gente como doutras cousas que tudo lhe disserão os da terra: ꝛ por isso estaua muyto sobre os Portugueses ꝛ não os tinha em conta/ mas nem por isso deixou de responder á carta de dom Garcia cõ muytos offerecimentos ꝛ cortesia. E despedido ho ouuidor coesta carta seguio sua viagem pera Tidore/ onde chegado ꝛ metida a nao dentro no arrecife/ mandou fazer na entrada dele dous baluartes de pedra ensosa q̃ artilhou muyto bẽ com algũa artelharia da nao:

& estes goardauão a ẽtrada do porto, & a nao estaua defronte cõ a artelharia q̃ lhe ficou, q̃ parecia hũa fortaleza. E ho ouuidor de dõ Garcia despois q̃ se despedio de Marti binheguez tornouse a Manuel falcão q̃ sabẽdo ho modo de q̃ a nao estaua ouue por escusado cometela ido tão singelo / & tornouse pera a fortaleza & deu cõta a dõ Garcia do q̃ achou. E Martim binheguez despois q̃ se fortaleceo como digo / mãdou dizer a dõ Garcia por hũ homẽ desses principais q̃ yão coele / q̃ ele era ali vindo por mãdado do Emperador seu senhor cujas aq̃las ilhas erão / assi por estarẽ na sua demarcação, como por Fernão d̃ magalhães seu vassalo lhas descobrir polo q̃ tinha tomado posse d̃las, & mais as tinha per hũa sentẽça q̃ ouuera contra el Rey de Portugal: & por estas causas todas despois de estas ilhas serẽ descubertas, ficarão ali trita de seus vassalos q̃ forão na sua armada cõ feytoria em q̃ ficara muyta fazenda / & bẽ .xl. peças dartelharia / & q̃ não achaua nhũa cousa destas, & q̃ os da terra lhe dizião q̃ os Portugueses tomarão tudo & matarão os Castelhanos q̃ ficarão na feytoria / & mais os achauão cõ fortaleza feyta nas terras do Emperador sem sua licẽça q̃ folgaria de saber a rezão q̃ os Portugueses teuerão pera fazerẽ estas cousas: porq̃ de tudo auia de tirar estormẽtos pera se q̃ixar ao Emperador. E chegado este messageiro a dõ Garcia lhe disse tudo isto: ao q̃ ele respondeo / q̃ aquelas ilhas & outras muytas não erão nẽ forão nũca do Emperador, nẽ lhe podião caber ẽ sua demarcação / porq̃ nã a auia & q̃ a ouuesse, ele sabia certo nã lhe caberẽ nela, & q̃ se ouuera sẽtẽça cõtra el rey seu senhor a veria / por os q̃ a derão serem seus vassalos: & q̃ tambẽ os juyzes Portugueses a derão por el Rey seu senhor, pelo q̃ não era aquela a rezão por õde as ilhas de Maluco erão suas, nẽ menos por as mãdar descobrir por Fernão de magalhães q̃ as não descobrio de nouo, por auer mais de dez annos q̃ as descobrira Antonio dabreu por mãdado Dafonso dalbuquerq̃ gouernador q̃ naq̃le tẽpo era das Indias por el Rey de Portugal: do q̃ ho mesmo Fernão d̃ magalhães fora testemunha, & tẽdo certeza õde aq̃las ilhas jazião, por fazer treição a el Rey de Portugal fizera crer ao Emperador serẽ de seu descobrimẽto, & fizera q̃ as ya descobrir indo por outro caminho & nauegação / onde ouuera ho fim q̃ merecia por ser tredoro a seu senhor natural q̃ era el Rey de Portugal & não ho Emperador: & q̃ do tẽpo q̃ Antonio dabreu descobrira estas ilhas / logo algũs reys delas ficarão amigos del Rey de Portugal / & forão cõtẽtes de os Portugueses tratarẽ em suas terras, & dali por diãte sẽpre lá tratarão / & por rogo del rey de Ternate ho passado mãdara el Rey de Portugal fazer naq̃la ilha hũa fortaleza. E indo a fazer Antonio de brito achara certos Castelhanos na ilha d̃ Tidore, q̃ por nã terẽ licẽça del Rey d̃ Portugal pa andarẽ por suas terras os mandara ao gouernador das Indias pa saber a rezão porq̃ o fazião, assi q̃ aq̃las ilhas erão por de reyto del Rey d̃ portugal, por cujo mãda

do ele estaua por capitão naqla fortaleza q̃ defẽderia ate a morte a quẽ lha quisesse tomar, ꝛ defẽder a qual quer gente do mundo que não andassem por aq̃las ilhas sem licença del Rey de Portugal/ ꝛ que assi faria aos Castelhanos pois ãdauão sem ela/ pelo q̃ lhe requeria da sua parte/ ꝛ da do Emperador q̃ logo se fosse pera a fortaleza, ꝛ não querẽdo estar de mistura com os Portugueses lhes daria hũ lugar apartado em q̃ esteuessem á sua vontade: ꝛ mais lhe requeria q̃ não comprasse nhũ crauo q̃ ho não podia fazer por ser todo pera el Rey de Portugal, ꝛ não querẽdo por sua võtade fazer hũa cousa nẽ outra, ele protestaua de lho fazer por força sem por isso encorrer ẽ nhũa pena pois ho fazia por seruir a el Rey de Portugal seu senhor. E coesta reposta se foy o messageiro / ꝛ porẽ Marti hinheguez não se quis ir pera a fortaleza/ ꝛ mãdou requerer a dõ Garcia q̃ ho deixasse estar õde estaua, ꝛ sobristo ouue muytos recados de parte sem tomar ẽ nhũa concrusam, ꝛ cada hũ tirou seus estormẽtos do q̃ requeria.

¶ Capit. xlij. Do que aconteceo a dom Garcia anrriquez cõ os Castelhanos, ꝛ do mais q̃ sucedeo.

VEndo dom Garcia que Martim hinheguez nã se queria tirar de Tidore ꝛ fazia aleuantar ho preço do crauo dando por ele quatro tanto do q̃ estaua assentado na feytoria, determinou de lho fazer por força/ ꝛ isto cõ conselho de Manuel falcão feytor ꝛ outras pessoas principais/ ꝛ que ele em pessoa fosse a este feyto. E isto assentado, partio hũa noyte leuãdo ate cẽ Portugueses, ꝛ muytos dos da terra embarcados em coracoras ꝛ outros nauios, ꝛ pera baterem a nao ꝛ os baluartes leuou tres camelos/ hũ em hũ batel com hũa manta ꝛ os dous em hũa fusta ꝛ hũ calaluz/ ꝛ nestes não ya outra gente de peleja se não os capitães bombardeiros ꝛ remeiros: ꝛ a fusta q̃ ya diante em chegãdo defrõte dũ dos baluartes que a sintirão os Castelhanos cõ quanto fazia escuro, tiraranlhe tantas bõbardadas que lhe matarão hũ remeiro, ꝛ quebrarão a cana do leme/ quebrãdo hũa mão ao que ya a ele. E ho capitão da fusta sem mais esperar por dom Garcia começou logo desbombardear ho baluarte/ ꝛ por os tiros serẽ muyto ameude arrebẽtou ho camelo, pelo q̃ se retirou pera onde estauão a fusta ꝛ ho calaluz: ꝛ dom Garcia mãdou logo por outro camelo á fortaleza que veo antes q̃ amanhecesse ꝛ foy assestado na fusta, ꝛ manhaã clara mãdou dõ Garcia dar bateria aos Castelhanos com ho batel, fusta ꝛ calaluz: ꝛ eles q̃ virão como se a cousa ordenaua começão ð desparar sua artelharia dos baluartes ꝛ da nao/ ꝛ era tãta que os pelouros q̃ tirauão parecião que auião dentulhar ho mar: ꝛ receando os q̃ yão no batel/ fusta, ꝛ calaluz q̃ os fizessem ẽ pedaços, não ousarão ð chegar muyto ꝛ poserãse tão lõge q̃ quãdo os seus pelouros desparauão yão dar no mar ꝛ ð chapeletas chegauã jũto da nao q̃ aida não chegauão a ela: ꝛ os Castelha-

nos como q̃ zombauão deles lhes dauão muytas apupadas. E dom Garcia tambẽ nã ousaua de chegar com as corascoras por serẽ muyto fracas que erão cosidas cõ cordas ꝛ qualquer tiro as faria em pedaços. E neste joguete q̃ mais ho parecia q̃ peleja esteuerão ate ho meyo dia q̃ sobreueo a viração. E vendo dom Garcia que não fazia nada/afastou se com toda sua armada: ꝛ tambem porquelhe faltaua a poluora, ꝛ auia de mandar por ela á fortaleza, ꝛ em quanto mãdou ficou em hũa ensea=da: ꝛ estando ali sayo Martim cor=rea/ ho feytor ꝛ outros ate quinze em terra. E estando oulhãdo hũ lu=gar de mouros q̃ estaua em hũ alto pera ho irem queymar/ algũs Cas=telhanos que estauão no lugar ꝛ os sintirã/forão muyto secretamente por antre ho mato, ꝛ começarão de lhes tirar cõ espingardas ꝛ béstas, ꝛ hũ q̃drelo deu a Martim correa a baixo de hũa orelha q̃ deu coele no chão quasi morto. E por este desas=tre/ ꝛ tambem por dom Garcia ver que não podia fazer nhũ dãno aos Castelhanos, nã quis ali estar mais ꝛ tornouse pera a fortaleza com sua armada/ do que os Castelhanos fi carã muyto soberbos crẽdo que os Portugueses fugião com medo/ ꝛ assi ho dizião aos da terra, porem a nao ficou tão aberta do muyto ju=gar da artelharia, ꝛ por ter a quilha no chão/ ꝛ por ser velha abrio de to do ꝛ se ẽcheo dagoa ꝛ perdeose sem mais aproueitar pera nada: do que os Castelhanos ficarão muyto tris tes, ꝛ nã fizerão mais nhũ reboliço de guerra/ ꝛ deixarãse estar como homẽs que descansauão, ꝛ dõ Gar cia fez ho mesmo: ꝛ porque era che=gada a moução pera Malaca em q̃ auião d partir ꝑa lá algũs jũgos/ determinou de auer algũ crauo pe=ra el Rey, porque este era ho prouei to que pretendia daquela fortaleza, ꝛ ainda ate então não tinha auido nhũ com q̃ forrasse parte do muy=to gasto que fazia naq̃la fortaleza. E a causa de não se poder auer nhũ crauo pera el Rey era serẽ os Por=tugueses tão cobiçosos q̃ ho atra=uessauão todo/ dando por ele ho do bro que se daua na feytoria, ꝛ fazen=do muytos mimos aos negros que lho vendião/ pelo q̃ ho não querião leuar á feytoria/ ꝛ ho mesmo feytor ꝛ escriuães ho comprauão antes pe ra si que pera el Rey/ ꝛ por isso não podia auer nhũ. E sabẽdo dõ Gar=cia isto/ mãdou que toda pessoa do crauo q̃ teuesse desse a decima parte a el Rey pelo preço da feytoria/ ꝛ quando ho não quisesse dar por sua vontade lho tomassem por força/ ꝛ assi ho mandou apregoar, com o q̃ todos receberão muyto pesar ꝛ po serãse em ho não consentir/ ꝛ cha=marão em sua ajuda Cachil daroes ꝛ assi muytos Mandarís. E vẽdo dõ Garcia este aluoroço/ ꝛ achãdo se só ꝛ sem poder pedir socorro ao gouernador/ ꝛ receando que se aper tasse muyto, q̃ lhe fugissem os Por tugueses, ꝛ ficando só lhe tomassẽ os mouros aa fortaleza deixou sua determinaçã ꝛ ẽtẽdeo ẽ fazer sua fa zẽda como os outros fazião, ꝛ no Janeyro seguĩte mãdou ẽ hũ jũgo q̃ partio ꝑa Malaca Martĩ correa ꝛ Manuel lobo cõ cartas ao capitão

de Malaca em q̃ lhe pedia socorro de gente de q̃ tinha muyta necessidade por amor dos Castelhanos q̃ ficauão em Tidore ⁊ em Geilolo.

¶ Capit. xliij. De como Antonio de miranda dazeuedo prometeo a Pero mazcarenhas de lhe obedecer.

Entrado ho verão, partiose Antonio de mirãda dazeuedo capitão mór do mar da India de Cochim meado Setẽbro cõ toda a armada pera Goa, ⁊ por ele escreueo Afonso mexia vẽdor da fazenda ao gouernador o q̃ passara aq̃le inuerno com os requerimentos de Pero mazcarenhas/ a que deuia de mandar pera Portugal por ser na India muyto perjudicial ao seruiço de Deos ⁊ del Rey, não sabendo ainda q̃ era solto. Partido Antonio de miranda foy ter a Cananor pera ver se tinha dõ Simão necessidade dalgũa cousa/ ⁊ estando no mar lhe mãdou Pero mazcarenhas hũ requerimento por dom Simão em que lhe requeria/ q̃ pois dom Simão ⁊ Christouão de sousa com a mayor parte dos fidalgos da India ⁊ gente darmas que andaua nela vendo como Lopo vaz de sam Payo não se q̃ria poer coele em justiça pera se saber cuja era a gouernãça ⁊ a queria ter por força ho tinhão obedecido por gouernador. E ele com tudo queria justiça por pacificação da India / lhe requeria da parte del Rey que tambẽ ho obedecesse porque vendose Lopo vaz sem armada consentiria que se julgasse por dereyto a q̃l deles pertencia a gouernãça/ protestãdo de não querendo satisfazer a seu requerimento correr em pena de lhe pagar seus ordenados proes ⁊ percalços que auia dauer como gouernador ⁊ mais a q̃ parecesse bem a el Rey. E visto este requerimento per Antonio de miranda, vendo q̃ Pero mazcarenhas estaua obedecido por gouernador/ ⁊ que de ele ⁊ Lopo vaz serẽ ambos gouernadores se auia de seguir muyto deseruiço de Deos ⁊ del Rey/ respondeo que ele não podia obedecer por gouernador a Pero mazcarenhas ate nã saber do gouernador que não se queria poer em justiça: ⁊ quando ho soubesse que então lhe desobedeceria: o que não satisfazendo a Pero mazcarenhas, lhe mandou requerer q̃ do que dizia lhe desse hũ assinado. O que ele fez polas causas q̃ digo/ parecendolhe que aquele era ho melhor talho que podia dar, ⁊ deu ho assinado que eu vi/ ⁊ dizia.

¶ Digo eu Antonio de mirãda dazeuedo capitão mór do mar da India polo muyto poderoso Rey de Portugal nosso senhor q̃ me obrigo ao senhor Pero mazcarenhas, de fazer com ho senhor Lopo vaz de sam Payo q̃ ora he gouernador da India, que se ponha coele em dereyto: q̃ tambẽ pretẽde ser gouernador dela sobre q̃l deles ho será. E não querendo ele poer se neste juyzo, por este dou minha fé/ preito ⁊ menagẽ ao dito senhor Pero mazcarenhas de me ir pera ele ⁊ lhe obedecer como a verdadeiro gouernador: feyto p mim ⁊ assinado aos dez a sete de Se

tembro de mil τ quinhentos τ vinte sete.

¶ Dado este assinado partiose Antonio de miranda pera Goa õde logo ho gouernador soube como ho dera, τ estranhoulho muy asperamente, affirmandolhe q̃ se não auia de poer em justiça sobre a merce q̃ lhe el Rey fizera/ que bẽ se poderia ir pera Pero mazcarenhas / porq̃ outrẽ acharia q̃ fosse capitão mór do mar. E ele se disculpou, dizendo q̃ não dera ho assinado com tenção de ho comprir se não por se espedir de Pero mazcarenhas que conhecera que estaua tão danado q̃ receou de fazer coele algũ desmãcho. E ho gouernador foy acõselhado q̃ tirasse a capitania mór do mar a Antonio de miranda pelo q̃ fizera, mas ele não quis porq̃ não fizesse mais aluoroço na gente/ τ por ver se podia fazer as cousas por bẽ/ τ mandou logo Antonio d̃ mirãda a Chaul (donde ainda Antonio da silueira não era vindo) pera que se entregasse da armada q̃ lá estaua/ τ fizesse entregar a capitania da fortaleza a Francisco pereyra de berredo.

¶ Capit. xliiij. Do que Antonio de miranda τ Christouão de sousa fizerão.

E Chegando aa barra de de Chaul achou Antonio da silueira q̃ se partira pera Goa, τ disselhe que esperasse ate ver se Christouão de sousa queria satisfazer ao recado do gouernador, τ mandoulhe dizer como estaua ali q̃ compria muyto ao seruiço del Rey verẽse ambos/ a que ele respõdeo que se era pera lhe entregar a armada τ a capitania da fortaleza que ja dissera que ho não auia de fazer por ter mandado em contrairo de Pero mazcarenhas seu gouernador/ τ mãdoulhe requerer com os officiaes da fortaleza τ cõ os fidalgos q̃ inuernauão coele/ que visse a força q̃ Lopo vaz de sam Payo τ Afonso mexia fazião a Pero mazcarenhas em lhe tomarem a gouernança, não querẽdo ele se não o q̃ fosse dereyto: τ pois estaua em sua mão fazer determinar este caso por justiça, que fizesse cõ Lopo vaz que ho quisesse. E fazendo sobristo grandes protestações contra Antonio de miranda: que despois de responder a estes requerimentos se vio cõ Christouão de sousa na fortaleza/ onde concertarão ambos ho modo que se teria pera q̃ Lopo vaz de sam Payo se posesse em justiça com Pero mazcarenhas pera pacificação da India, τ q̃ os juyzes q̃ determinassẽ este caso fossẽ nomais de sete. s. Antonio de miranda / dõ João deça, Francisco pereyra de berredo, Baltesar da silua/ Gaspar de paiua capitães de duas naos da carrega / frey João daluim da ordẽ de sam Francisco que em leygo se chamara João lopez daluim / frey Luys da vitoria da ordem de sam domingos/ τ Christouão de sousa quis q̃ fossem estes juyzes / posto q̃ sabia q̃ tirãdo os dous frades os outros tinhã assinado q̃ Lopo vaz era gouernador verdadeyro / mas porq̃ ele nã teuesse q̃ dizer os cõsẽtio τ por isso nã quis ele ser hũ dos juy

zes/nem quis que ho fosse nhũ fidalgo seu parente nem homem de q̃ se presumisse ser da openião de Pero mazcarenhas que pois Antonio de miranda foy nomeado por juyz bem ho podera ele ser mas não quis por esta causa/ ꝛ porque não era seu fim se não apacificar a India, ꝛ que não se determinasse esta deferença por armas/porque nisto cria q̃ seruia Deos ꝛ el Rey que era o que lhe lembraua / ꝛ não outra cousa. E sendo nomeados estes juyzes antrele ꝛ Antonio de miranda com juramento de terem nisso segredo ate ho tempo de se declararẽ, porq̃ nem Pero mazcarenhas/nẽ Lopo vaz ho soubessem/ao outro dia se ajuntarão na igreja com ho feytor ꝛ alcayde mór da fortaleza/ ꝛ outros officiaes/ꝛ fidalgos, ꝛ pessoas principais que inuernauão nela, relatãdo ambos as cousas passadas/ ꝛ dizendo quão necessario era pera pacificação da India que ho gouernador se posesse em justiça cõ Pero mazcarenhas tinhão ambos cõcertado hũa pauta q̃ lhes mostrauão pera dizer cada hũ se se acrecẽtaria mais nela ou diminuiria, ꝛ os capitolos dela forão estes.

¶ Que Antonio d̃mirãda daria hũ assinado a Christouão d̃ sousa tal como o q̃ dera a Pero mazcarenhas.

¶ E outro em que se obrigasse a leualo a Goa, ꝛ seguramente podesse falar ao gouernador sem perjuyzo de sua fazenda/parentes amigos ꝛ criados, pera lhe req̃rer o q̃ lhe parecesse seruiço del Rey/sem interuirẽ outras palauras fora da materia / assi de sua parte como da do gouernador.

¶ E q̃ chegãdo á barra de Goa deixaria a armada de fora ꝛ ficaria nela Antonio da silueira em arrefens entregue a hũ fidalgo sem sospeita naquele negocio, com lhe ele tomar a menagem, que sendo caso q̃ ho gouernador prendesse a Christouão de sousa/que aquele fidalgo se fosse pera Pero mazcarenhas cõ a armada ꝛ ho obedecesse por gouernador.

¶ E q̃ Christouão de sousa daria a Antonio de miranda hũ estormẽto assinado por ele ꝛ polos officiaes da fortaleza ꝛ fidalgos q̃ inuernauão nela em q̃ prometessem de lhe obedecer com toda a armada q̃ estaua em Chaul ate chegarẽ a Goa ꝛ se compzir ho atras capitulado: ꝛ tambẽ prometerião no estormẽto, que não querendo Pero mazcarenhas o que fosse seruiço de Deos ꝛ del Rey q̃ se fossem pera ho gouernador, ꝛ que se não falasse mais em Pero mazcarenhas ser gouernador: ꝛ ho mesmo prometeria ho alcayde mór q̃ ficasse por capitão na fortaleza de Chaul q̃ a entregaria ao gouernador ꝛ não a Pero mazcarenhas.

¶ E q̃ quãdo ho gouernador ꝛ Pero mazcarenhas se posessem em justiça sobre a gouernãça antes de os juyzes da causa pronũciarẽ cousa algũa prometerião cõ juramento q̃ aq̃le q̃ ficasse por gouernador não ẽtẽderia na pessoa/nẽ na fazẽda do outro, nẽ nas de seus criados, parẽtes ꝛ amigos/nẽ desfaria o q̃ o outro teuesse feyto, ꝛ a q̃lquer deles q̃ nisto não quisesse consentir que lhe desobedecessem.

¶ E que os juizes que ouuessem ð julgar aquela deferença, serião pessoas sem sospeita/ que eles ambos Cristouão de sousa/ e Antonio de miranda/ declararião quãdo fosse tempo.

¶ E q̃ tãto q̃ ambos de dous chegassem a Goa seriáo soltos, Eytor da silueira/ dõ Jorge de crasto/ dõ Antonio da silueira/ e quaesquer outros que esteuessem presos por aquele caso ð Pero mazcarenhas/ que tãbem prometeriã de goardar ho que ali determinauã/ e que esta deferença se determinaria em Cochim/ õde se ajuntarião/ Lopo vaz de sã Payo/ e Pero mazcarenhas e em partindo Lopo vaz ð Goa disistiria logo da gouernança/ e iria como pessoa priuada, em poder dãtonio de miranda, e em Cananor se lhe ẽtregaria Pero mazcarenhas pelo mesmo modo, e querendoo ele leuar ẽ seu poder/ se entregaria Lopo vaz/ a Cristouão de sousa, ou a dom Simão de meneses/ pera que ho leuassem no nauio em q̃ fossem. E que alẽ do seguro que Antonio de miranda auia dauer a Cristouã de sousa/ lhe aueria outro do capitão de Goa, e dos officiaeis da camara da cidade/ com juramento q̃ farião/ que não goardando ho gouernador ho seguro que lhe desse/ lhe desobedecerião, e obedecerião a Pero mazcarenhas.

¶ E despois ð lida esta pauta, q̃ todos a ouuirão/ disse Cristouão de sousa a causa porque se fazia, requerẽdolhes a todos cõ ho capitã mór do mar/ que lha ajudassem a poer em efeyto/ e que assi ho prometessẽ todos por juramento, ho que eles fizerão, tendo muyto em merce a Cristouão de sousa, e a Antonio ð miranda fazerẽna. E de tudo foy feyto hũ auto por Gaspar afonso tabalião pubrico da fortaleza/ que foy asinado por todos, aos quatro Doutubro de mil e quinhentos e vinte sete.

¶ Capit. xlv. De como ho gouernador/ e Pero ð faria, e outros jurarão de comprir a pauta que fizerão Cristouão de sousa, e Antonio de miranda.

Feyta esta pauta foy leuada a Antonio da silueira/ por Antonio de miranda/ pera que consentisse nela, e ele consentio muyto contra sua vontade, e por não poder mais fazer, e estranhando muyto a Antonio de miranda fazela. E feytos dela dous terlados/ hũ pera Cristouão de sousa, outro pera Antonio de miranda/ que se partio no mesmo dia/ e ao outro Cristouão de sousa/ deixando entregue a fortaleza a Aluaro pinto alcaide mór dela/ e despois de chegarẽ todos jũtos ábarra de Goa, Antonio de miranda se foy ao gouernador/ e perante ho licenciado João do soiro ouuidor geral da India/ e ho secretario/ lhe mostrou a pauta que fizera com Cristouão de sousa/ dizendo que a fizera por euitar os grandes males que vira que estauão ordenados, por Cristouã de sousa/ e por os q̃ stauã

coele que muy estreitamente lhe requererão q̃ consentisse nela: & por isso consentira muyto contra sua võtade/porque bem sabia que ele era verdadeyro gouernador, & pera ho ser trabalhara q̃ os juyzes fossem sem sospeita & no mais de sete pera terem menos que apurar. Do que ho gouernador ouue muyto grãde menencoria/ & porque ho feyto não se podia desfazer/nã lhe disse mais se não que ele mesmo tinha a culpa do que ele fizera/pois se fiara mais dele despois de dar ho assinado q̃ dera a Pero mazcarenhas, & que fizera mal de fazer aq̃la pauta/por que se fora por escusar males que então estauão mais armados que nũca. E querendose Antonio de mirãda disculpar/disse ho gouernador que não erão necessarias disculpas pois fizera sua vontade/mas que cresse q̃ os juyzes não auião de ser mais de sete auendose de poer em justiça, & ele lhe disse que não serião/ & disso lhe daria hũ assinado se ho quisesse. E tendo ele jurado com Christouão de sousa de terem em segredo os juyzes que ouuessem de julgar aquela deferença ate ho tempo em q̃ se ouuessem de declarar por comprazer ao gouernador lhos descobrio/ & forão os que disse. E contente ho gouernador deles, lhe pedio hũ assinado que não fossem outros, nem fossem mais: & ele lho deu/ & ho ouuidor geral/ & ho secretario assinarão como testemunhas. E ficando a pauta ao gouernador vioa coeles & com Pero de faria/ que lhes consselharão que consentisse nela / porq̃ não ho fazendo se leuãtarião todos contrele / & primeyro a mandaria mostrar aos officiaes da camara da cidade, & contentandolhes consentiria nela com condição q̃ fosse como gouernador ate Cananor/ & que a honrra Dafonso mexia fosse goardada & não consentirião que ficando Pero mazcarenhas por gouernador ho tirasse de nhum dos officios que tinha, por qualquer maneyra que fosse, & ho entregaria seguro ao gouernador que fosse do reyno. E contente Christouão de sousa disto/mandou ho gouernador soltar os presos, & deu ho seguro a Christouão de sousa pera ir a Goa/ & ele não quis ir por lhe escreuerem que não fosse, porque ho gouernador tinha determinado de ho prender com Antonio de miranda/ & por isso se determinou que se dissesse hũa missa na agoada de Goa, & leuantando ho sacerdote a hostia, jurassem nela Antonio de miranda & Christouão de sousa perante dom João deça & Antonio rico secretario da India q̃ ho gouernador iria como gouernador ate Cananor: & q̃ verdadeyramente segũdo suas cõciencias os escolherião pera juyzes quela deferẽça aqueles homẽs que lhes parecesse q̃ melhor & cõ mais conciẽcia determinassem aq̃la causa sem descobrirem per si nem por outrem os que tinhão escolhidos. E tambem jurarião o que tocaua ao vẽdor da fazenda. E leuados estes capitolos por dom João deça & por Antonio de miranda a Christouão de sousa/ele lhes disse que se acrecentassem na pauta: porem que por quanto ho galeão sam dinis em

que ho gouernador andaua/ era a mayor força que andaua na India, por andar marauilhosa mente artilhado/ e nele sómente podia pelejar com toda a outra armada da India auia de jurar que como chegasse a Cananor se passaria como preso á galé em que andaua Antonio de miranda. E sendo ho gouernador disto contente, aos vinte Doutubro foy dita hũa missa na agoada de Goa na terra firme: e sendo presentes Christouão de sousa/ Antonio de miranda/ dom João deça e outros muytos fidalgos em ho sacerdote leuantando a hostia disse Antonio rico que hi estaua aos circunstantes se jurauão por aquele verdadeyro Deos em q̃ firmemẽte crião como fieis Christãos de comprir e goardar o que foy assentado na pauta de Chaul: e que ho gouernador fosse em posse da gouernãça e com toda sua hõrra ate Cananor, e que goardassem em tudo o que cumprisse á honrra do vedor da fazenda/ e não consentissem que ficãdo Pero mazcarenhas por gouernador lhe tirasse nhũ dos officios que teuesse senão que ho deixasse estar ate ir gouernador de Portugal, e dizendo cada hũ em alta voz que si/ disse a Christouão de sousa e a Antonio de miranda se jurauão na mesma hostia que bem e verdadeyramente escolhessem pera juyzes daquela deferença aqueles que segundo seu parecer melhor e com mais saã conciẽcia a determinassem, e que nem por si nem por outrẽ auião de descobrir quẽ erão ate não ser tempo de se declararem/ e eles disserão que si. E destes juramẽtos fez ho secretario hũ auto q̃ todos assinarão: e logo ao outro dia vinte hũ Doutubro/ no mosteiro de sam Frãcisco d Goa estando hi Pero de faria capitão dela e officies da camara, e quãtos fidalgos auia nela e ho vigairo geral com toda a clerizia, tendo frey Gonçalo guardião do mosteiro ho sanctissimo sacramento nas mãos estãdo ho gouernador em giolhos, disse em voz q̃ todos ho ouuissem. Bem sabeis os q̃ aqui estais como por vos e por outros muytos que estão ausentes nã hũa vez mas tres fuy jurado por gouernador da India por as prouisões del Rey meu senhor q̃ disso tenho, e por esse fuy obedecido/ pelo qual me nũca quis poer em justiça sobre a gouernança com Pero mazcarenhas/ nẽ agora me posera se nã vira claramẽte quãto Deos e el Rey serão deseruidos, e por isso mais por força que por vontade/ e como quem mais não pode me ponho em dereyto/ e juro naquela hostia consagrada de assi ho fazer, e chegando a Cananor desistir do mando de gouernador, e não do dereyto que tenho na posse da gouernança, que deste não ey de disistir antes protesto de me ajudar dele em todo ho tempo que me for necessario, e assi jurou de se ẽtregar como preso na galé Dantonio de miranda/ e de comprir os mais capitolos da pauta que ele fizera com Christouão de sousa em Chaul com condição que fosse goardada inteiramente a honrra do vedor da fazenda como estaua assentado: e ho mesmo juramento fizerão Pero de

faria, João dosoiro, os officiaes da camara, ꝛ todos os mais q̃ ho auiã de fazer/ ꝛ ainda ho não tinhão feyto: ꝛ de tudo ho secretario fez hum auto que todos assinarão.

¶ Capit. xlvj. De como Pero mazcarenhas ꝛ Lopo vaz de sãpayo desistirão em Cananor do mando de gouernadores.

Acaba isto q̃ todos ouuerão por muyto grande cousa por quão difficultosa lhes parecia poerse ho gouernador em justiça/ partiose ele pera Cananor hũ dia despois de partidos Antonio dazeuedo ꝛ Christouão de sousa. E foy esta partida tão prestes q̃ os do bãdo de Pero mazcarenhas se espantarão muyto/ porque cuydauão que ho gouernador ho não seria mais que ate Cananor/ ꝛ que ele assi ho cria por ter tantos cõtra si. E chegãdo todos a Cananor aos seys de Nouembro forãse logo á fortaleza Christouão de sousa ꝛ Antonio dazeuedo/ ꝛ mostrarão a pauta a Pero mazcarenhas pera a jurar de que ele foy contente, dizendo que tudo cõsentiria por pacificação da India: mas que estaua muyto descontente do que vira em hũa carta que ho gouernador mandaua ao vẽdor da fazenda, que ele ouuera por sua diligencia, ꝛ nela nomeaua os juyzes que tinhão escolhidos pera determinarem aquela deferença/ ꝛ que ali vira claramente quão sospeito lhe era frey João daluim pola muyta confiança q̃ Lopo vaz mostraua ter que auia de julgar por ele polas rezões que daua pera isso. E mostrando a carta virão Antonio de miranda ꝛ Christouão de sousa que era assi, ꝛ por isso lhes requereo que tirassem frey João dalui ꝛ metessẽ outros: ꝛ Pero mazcarenhas quisera que Christouão de sousa fora hũ deles, dizendo que ho podia ser pois ho era Antonio de miranda/ ꝛ ele não quis por saber q̃ Lopo vaz ho tinha por sospeito/ ꝛ em lugar de frey João daluim meterão cinco pera serem juyzes/ que forão Lopo dazeuedo/ Antonio debrito que fora capitão de Maluco Nuno vaz de castelo branco capitão ꝛ feytor do nauio do trato de çofala/ Cristão de gá, Bastião pirez vigairo geral da India. Do q̃ Antonio de miranda foy contẽte com quanto tinha dado seu assinado ao gouernador que os juyzes não auião de ser outros se não os sete que lhe dissera em Goa/ ꝛ estes que forão acrecẽtados ficarão assi nomeados antrele ꝛ Christouão de sousa com juramento de não se descobrirem a ninguem/ nem Antonio de miranda ho disse a Lopo vaz. Isto assentado, ao outro dia se ajũtarão na igreja da fortaleza Pero mazcarenhas dom Simão de meneses/ ho feytor ꝛ alcayde mór cõ os mais officiaes da fortaleza/ Antonio de mirãda, Christouão de sousa com outros muytos fidalgos, ꝛ perante todos ꝛ do secretario despois de ouuida missa/ tendo Bastião diaz vigairo da fortaleza nas mãos ho sanctissimo sacramento/ jurou Pero maz-

carenhas por ele de cõprir em tudo o q̃ estaua na pauta que disse, declarando que quãdo disistisse de ser gouernador/ ꝛ se entregasse como pessoa priuada, disistiria sómente do mãdo de gouernador, ꝛ não do dereito que tinha na gouernança/ dizendo que não insistira tanto em o ser/ se não por crer que era sua/ ꝛ q̃ era contente que ficando Lopo vaz por gouernador, ho mãdasse preso pera Portugal: ꝛ acabando ele de jurar/ jurou dom Simão/ ꝛ despois os officiaeis, fidalgos, ꝛ pessoas principaeis/ ꝛ todos assinarão em hũ auto que ho secretario fez disso, ꝛ tãbẽ ho assinou ho gouernador. E despois disto a requerimento d̃ Pero mazcarenhas fez ho mesmo secretario hũ auto, em que se declarou que os juizes que auião de julgar aquela contenda/ não auião de julgar mais senã quem era bem q̃ gouernasse pera pacificação da India/ porque cuja era a gauernança por dereito, el rey ou seus desẽbargadores ho auião de determinar. Feytas todas estas cousas, embarcouse Pero mazcarenhas no galeão de Cristouão de sousa/ como estaua assentado na pauta, ꝛ porq̃ ali se mudou Antonio de miranda da galé em q̃ andaua ao galeão sam Dinis, ꝛ Lopo vaz de sã payo lhe auia de ser entregue pera ho leuar a Cochim, ficou no mesmo galeão, do que se Pero mazcarenhas queixou a Cristouão de sousa/ ꝛ a Antonio de miranda, dizẽdo que Lopo vaz não compria ho capitolo da pauta/ no modo que auia de ser entregue, ꝛ disistir d̃ gouernador/ pois ya no galeão sam Dinis, que era a mayor força da India, ꝛ podia nele pelejar com toda a armada/ ꝛ mais leuaua bandeira na gauea/ q̃ aquilo não era desistir de ser gouernador/ se não selo como dantes, requerendo q̃ fosse como estaua assentado/ ho que Lopo vaz não quis fazer. Ho que vendo os fidalgos/ se posserão muyto contra isso, dizendo que se quebraua a pauta/ ꝛ ho juramento que Lopo vaz fizera/ ꝛ vẽdo Cristouão de sousa como isto era azo pera se estrouar ho bẽ questaua começado/ fez cõ Pero mazcarenhas ꝛ com os outros/ q̃ deixassem ir Lopo vaz como queria ꝛ ho consentirão/ ꝛ embarcado Pero mazcarenhas desparou hũ tiro grosso, ꝛ a este sinal dous homẽs q̃ estauão nas gaueas dos galeões/ sam Dinis/ ꝛ sam Rafael/ tirarão as bandeiras que ambos tinhã como capitainas, pera que sentẽdesse que em ambos estauão os gouernadores/ ꝛ que ho tirar das bandeiras, era sinal que disistião do mãdo da gouernança, ꝛ ficauão como pessoas priuadas/ de que se auia de fazer justiça/ ꝛ eles ambos em se tirãdo as bandeiras/ protestarão que não disistião mais que do mãdo da gouernãça, ate se julgar qual auia de gouernar, ꝛ da posse que tinhão não disistião. E feyto isto Antonio de miranda entregou Pero mazcarenhas a Cristouão de sousa/ pera ho leuar ate Cochim/ ꝛ lá lho entregar/ ꝛ ele se entregou de Lopo vaz de sam payo, ꝛ se partirã todos per a Cochi. E quando foy esta perfia de Lopo vaz não querer sair de

sam Dinis/mandou dizer a Pero mazcarenhas que por se escusarem aqueles debates/ ⁊ outros muytos que sabia q̃ auião de recrecer, q̃ lhe requeria da parte del rey/ que pois sem eles ambos se podia ẽ Cochim dar a sentẽça sobre aquela demanda, que ficassem na costa com a armada repartida por ambos, goardando que não leuassem os mouros pimenta/ ⁊ que os juizes sómẽte fossem a Cochim/ ⁊ despois de dada a sentẽça como lhes parecesse lho mandarião dizer/ ⁊ Pero mazcarenhas não quis:

¶ Capit. xlvij. Da desauença que ouue ãtre Lopo vaz de sá payo ⁊ Pero mazcarenhas.

E Partidos como digo pera Cochi/ chegarão lá a quinze de Dezembro, ⁊ surtos foy Antonio de miranda mostrar ao vẽdor da fazenda/ a pauta que fizera com Cristouão de sousa, pera que a jurasse como todos fizerão/ ho q̃ ele não quis fazer, dizendo a Antonio de miranda q̃ como fazião tal pauta sem sua autoridade, que era a segunda pessoa da India despois do gouernador/ sem cujo consentimento não se podia fazer nada que tocasse á gouernãça, estranhãdoo muyto, ⁊ dizendo que eles darião conta a el rey de cousa tão mal feyta como aquela fora, ⁊ não querendo de todo em todo ho vẽdor da fazenda jurar a pauta/ Pero mazcarenhas ⁊ todos os fidalgos de sua parte, requererão a Cristouão de sousa/ ⁊ a Antonio de miranda/ q̃ pois Afonso mexia não queria jurar a pauta/ como Pero mazcarenhas, ⁊ Lopo vaz/ com todos os fidalgos da India fizerão, no que se mostraua claramẽte ser muyto sospeito/ que aquela deferença não se determinasse em Cochim/ se não ẽ Coulão, que era dali hũ dia de viagem. E conhecendo Cristouão de sousa que Lopo vaz não auia de cõsentir nisso/ por ter sabido que toda a esperança de ser gouernador tinha em Afonso mexia polos cargos que tinha/ ⁊ como de todo em todo estaua posto em lhe fazer a võtade, ainda que fosse sem rezão, por nã dar causa a se aquele negocio determinar por armas/ fez com Pero mazcarenhas, ⁊ com os de sua valia, que posto que Afonso mexia não quisesse jurar a pauta/ que cõsentissem que aquela deferença se determinasse em Cochim: ⁊ consentindo nisso/ forão a terra Antonio de miranda/ ⁊ Cristouão de sousa, ⁊ meteranse em santo Antonio pera nomearem os juizes que julgassem aquela deferença/ ⁊ querendo Cristouão de sousa/ que se não nomeasse por juiz frey João daluim, ⁊ ẽ seu lugar se metessem/ Lopo da zeuedo q̃ fora aquele anno de Portugal/ Antonio de brito que fora capitão de Maluco/ Nuno vaz de castelo branco/ que fora capitã do nauio do trato de çofala, Tristão de gá/ Bastião pirez vigairo geral da India: como ele ⁊ Antonio de miranda assentarão cõ Pero mazcarenhas em Cananor/ Antonio

de mirãda pelo scrito que tinha da do a Lopo vaz de sam payo, que os juizes não fossem mais de sete, nem se mudassem os que estauã nomea dos, não queria consentir nos que se acrecentauão, nẽ em se tirar frey João daluim, nem ho quis fazer sẽ dar conta disso a Lopo vaz/ q̃ quã do ho soube, ouue disso muyto grã de menencoria/ porque tinha por muytos sospeitos os juizes que se acrecentauão, ⁊ nao quis consentir nisso, dizendo que não auia mais d̃ sofrer do que sofréra, ⁊ que bẽ escu sado fora a Antonio de miranda en ganalo/ ⁊ trazelo ali de Goa, ⁊ que ele tinha a culpa daquilo ⁊ não ou trem/ em tecer a meada que tinha tecida, porem que lhe não daua na da/ porq̃ a ele, ⁊ aos outros todos espetaria em hũ pao, ⁊ que se fosse logo pareles, ⁊ que os ajudasse a en ganalo, mas que se nã quisessem cõ prir ho que estaua assentado, nã cõ sentia em nhũs juizes/ nẽ se queria poer em dereito, ⁊ que pelejaria cõ todos com sam Dinis sómente, ⁊ a vẽtura diria quẽ era gouernador, ⁊ que ele seria obrigado a dar cõta de tudo pois fora a causa: ⁊ Anto nio de miranda lhe respondeo que não enganaua niguẽ, antes fazia o que deuia/ ⁊ no que fizera naquele caso tinha feyto muyto seruiço a Deos ⁊ a el rey/ a quẽ se queixaria das injurias que lhe dissera, ⁊ ou tras muytas palauras descandalo se passarão antreles/ que não se ou uirão por amor do grande arroido que fazião os q̃ se meterã no meyo: ⁊ Antonio de miranda se foy do ga leão muyto agastado, pera ho em que estaua Pero mazcarenhas/ que sabendo ho que passaua/ lhe requereo por virtude da pauta/ q̃ pois Lopo vaz de sã payo nã cõ sentia nos juizes/ que ele ⁊ Cristo uão d̃ sousa nomeauão/ ⁊ ele era de les contente, que comprisse a pauta que dizia, q̃ em tal caso ho ouuesse por gouernador sem mais contra dição, ⁊ lhe requereo que por esse ho obedecesse, ⁊ ho mesmo requeri mento lhe fizerão quãtos fidalgos estauã coele/ ⁊ por virtude da pau ta: ⁊ por estar escãdalizado das pa lauras que lhe dissera Lopo vaz/ cõsentio no q̃ Pero mazcarenhas ⁊ outros lhe requerião/ tomando testemunhas que ho fazia porq̃ Lo po vaz não queria cõprir a pauta/ ⁊ fazendo sobrisso grandes protes tações, tomou logo os nauios que pode ⁊ os entregou a Pero maz carenhas/ ⁊ forão estes a galé bas tarda em que estaua por capitã Ey tor da silueira/ ho nauio de Nuno vaz de castelo branco/ duas cara uelas/ de que erão capitães Vicen te pegado, ⁊ João de sá/ hũ galeão de que era capitão Simão d̃ melo/ que naquele tempo nã estaua nele/ ⁊ assi hũa galeota, ⁊ algũs bargan tis, ⁊ posto que Antonio de miran da tomasse estes nauios a Lopo vaz ficarã sam Dinis, ⁊ sam Luys, ⁊ ho çamorim, de q̃ erão capitães Mar tim afonso de melo jusarte/ ⁊ dom João déça, ⁊ as galés de Ruy pe reira/ ⁊ Dantonio da silueira/ de meneses, ⁊ a carauela de Fernão de moraeis, afora muyta fustalha q̃ estaua no porto de Cochim/ ⁊ por isso ho poder de Lopo vaz era da-

uãtagẽ do de Pero mazcarenhas/ ꝛ assi os d hũ bãdo como do outro fazião prestes suas armas, ꝛ artelharia, esperãdo por batalha, pola persia q̃ tinha Lopo vaz em não cõsentir nos juizes que Cristouão de sousa ꝛ Antonio de mirãda nomeauão/ ꝛ algũs dos d Pero mazcarenhas/ dessa gente baixa, bradauão por guerra/ dizendo q̃ Pero mazcarenhas não deuia de sofrer tãtas soberbas, quãtas lhe Lopo vaz fazia, ꝛ q̃ então tinha tẽpo de se vingar de quãtas injurias tinha recebido. E era pera auer medo, de como a cousa estaua aparelhada pera se perder a India, porq̃ segundo ho poder dãbos os bãdos estaua igoal estaua certo se dessem batalha/ não se apartarem sem hũ ficar vẽcedor, ꝛ este auia de ficar de maneyra, que facilmente ho desbarataria el rey d Calicut/ q̃ pera este fim tinha prestes grande armada, pera dar sobre os nossos q̃ escapassem da batalha/ ꝛ todos os outros reys ꝛ senhores estauão daleuanto/ pera a este tẽpo darẽ nas nossas fortalezas ꝛ as tomarẽ/ ꝛ desta vez tinhão por certo ficar a India liure dos nossos, ꝛ assi ouuera de ser: porq̃ nẽ Pero mazcarenhas se queria decer do acrecẽtamento dos juizes, nẽ Lopo vaz de não serem tãtos/ ꝛ tres dias durou esta persia/ em q̃ ouue muytos requerimentos de hũ ao outro/ ꝛ muytas protestações de nhũ deles ter culpa do mal q̃ se seguisse da batalha que se aparelhaua / no q̃ Antonio d miranda se achaua muyto culpado por descobrir a Lopo vaz os juizes q̃ tinha concertado com Cristouão de sousa q̃ julgassẽ aq̃la contenda/ ꝛ polo assinado q̃ lhe dera de não serem mais / que se estas duas cousas não forão / Lopo vaz consentira nos onze juizes/ ꝛ porq̃ ele consentisse neles, se afirmou que lhe prometeo d votar por ele, ꝛ por isto consentio Lopo vaz que fossẽ aqueles onze juizes/ ꝛ por lhe Afonso mexia aconselhar que consentisse neles / ꝛ despois descolhidos lhe posesse sospeições/ ꝛ ho mesmo lhe cõselhou ho ouuidor geral / ꝛ tãbẽ dõ Vasco déça seu procurador lhe mostrou a pauta q̃ tinha assinada/ ꝛ ho juramento q̃ tinha feyto de a cõprir/ pelo q̃ não podia fazer outra cousa se não cõsentir q̃ se nomeassẽ os juizes, ꝛ por todas estas causas ho cõsentio/ ꝛ mãdãdo chamar Antonio de mirãda lho disse, ꝛ pedindolhe perdã das palauras q̃ lhe dissera reconciliou coele. E depois de Lopo vaz consentir / requereo Pero mazcarenhas que ho tirassẽ de sam Dinis, por quãto estaua nele mutyo poderoso: ꝛ Antonio de mirãda ho pos na nao sam Roque q̃ tinha pouca gente/ ꝛ entregouo a Antonio da silueira de meneses seu genrro/ ꝛ Pero mazcarenhas foy posto na nao Frol delamar / ꝛ entregue a Diogo da silueira, ꝛ ambos jurarão de os entregar quãdo lhos pedissem. E com isto ficaram seguros de obedecer á sentẽça que se desse contra cada hũ deles.

¶ Cap. xlviij. Como forão acrecẽtados mais dous juizes por parte de Lopo vaz de sam payo/ ꝛ do mais que passou.

Assentado isto / logo ao dia seguinte que forã dezanoue đ Dezẽbro / se forã a terra Cristouã de sousa / Antonio de mirãda / ho ouuidor geral / & ho secretairo, ao mosteiro de santo Antonio, onde se ajũtarã os mais dos capitães & fidalgos que estauão em Cochim, & perante eles nomearão Antonio de miranda / & Cristouã de sousa / as pessoas que auiã de ser juizes aluidros / da deferença que auia antre Pero mazcarenhas / & Lopo vaz de sam payo, & por ficarẽ nomeados os não torno a nomear, & declarados estes juizes, foy dita hũa missa que todos ouuirão: & no santissimo sacramento lhes deu ho secretario juramento / q̃ bem & verdadeiramẽte julgassem se pertẽcia a gouernãça a Pero mazcarenhas se a Lopo vaz de sam payo / & eles ho jurarão, & ho secretario fez ho mesmo juramento, de goardar ho assinado que cada hũ lhe daria de seu parecer, & ho não mostraria nẽ daria a ninguẽ, se nã a el rey se lhos pedisse, & de tudo fez hũ auto q̃ todos assinarão. E feyto este juramẽto, Antonio đ mirãda tomou Cristouão de sousa a parte, & disselhe q̃ peraq̃ Lopo vaz de sam payo nã teuesse que dizer / quando se a sentença desse contrele, que deuião dacrecentar ainda por juizes, a frey Joã daluim, & a Bras da silua dazeuedo / & logo pola primeira, Cristouão đ sousa não queria, porq̃ sabia certo que aqueles dous erão muyto sospeitos a Pero mazcarenhas, & receaua que julgassem contrele, & não querendo ele cõsentir, lhe disse Antonio de mirandaq̃ consentisse, & nã se receasse daq̃les juizes / porq̃ ele auia đ votar por Pero mazcarenhas, & tãbẽ dõ João déça porq̃ sabiã muyto certo que a justiça era sua, & nã faziã aq̃la cirimonia đ juizes, por mais q̃ pa apacificar Lopo vaz / & porq̃ lhe não parecesse q̃ lhe tomauão a gouernança / & a dauão a Pero mazcarenhas: & estãdo nisto acodio dom João déça, & disse ho mesmo q̃ dizia Antonio de mirãda / & Cristouão de sousa consentio nisso, sem dar conta a Pero mazcarenhas / nem a nhũ de seus parentes & amigos / porq̃ lhe pareceo q̃ por mais saluas que lhes fizesse nã auião de consentir naqueles dous juizes / porq̃ os tinhão por muyto sospeitos / & por essa rezão fora tirado frey João daluim a requerimẽto de Pero mazcarenhas, & tãbem porq̃ ele queria que aquela cousa se acabasse em paz, & não por guerra como se começaua de fazer que este era ho seu fim / & posto que entẽdeo que ya contra seu juramento desco lher juizes sem sospeita / consentio nestes dous por euitar a guerra q̃ teue pera si que aueria se ho nã consentisse / porq̃ cometer Antonio de miranda aquilo não era sem vontade de Lopo vaz / q̃ estaua claro trabalhar pola fazer, & por cima de tudo isto Cristouão đ sousa estaua só & não tinha quẽ ho ajudasse, porq̃ como ele visse as nouidades que đ cada vez sobreuinhão, conheceo q̃ ainda a cousa auia de vir a estado q̃ se se não fizesse a võtade a Lopo vaz

⁊ a Afonso mexia auiã de quebrar, ⁊ como tinha assẽtado de lha fazer em tudo porq̃ não ouuesse guerra/ não quis que ficasse coele nhũ fidalgo seu parente nem amigo/ nẽ pessoa da valia d Pero mazcarenhas; porque acontecendo ho q̃ lhe parecia, não contrariassem sua determinação ⁊ fizessem reuolta: ⁊ consentido ele nestes dous juizes/ foilhes dado ho mesmo juramẽto q̃ aos outros/ ⁊ assi ficarã treze/ ⁊ logo eles disserão a esses fidalgos ⁊ capitães que estauão prestes q̃ mãdassẽ chamar ho vêdor da fazenda/ porq̃ sẽ ele fazer certos juramentos não auiã de dar sentença naquele caso q̃ lhes era cometido, ⁊ vindo ho vêdor da fazenda, a requerimento daqueles fidalgos ⁊ capitães/ Antonio d miranda ẽ nome dos outros juizes, lhe reqreo da parte del Rey de Portugal que jurasse de entregar a fortaleza de Cochim a Lopo vaz de sam payo/ ou a Pero mazcarenhas/ a qual julgassem por gouernador/ ⁊ isto sem manha nẽ cautela/ ⁊ ele ho jurou com condição q̃ assi os juizes/ como todos os capitães ⁊ fidalgos que ali estauão, ⁊ na frota jurassem solenemente q̃ tomauão sobresi a ele / ⁊ a Aires da cunha capitão de Coulão/ Pero vaz trauaços, Diogo chainho, ⁊ os moradores de Cochim/ ⁊ oficiaeis da camara que não recebessem nhũ dano nem offença, assi em suas pessoas, como fazẽdas/ ⁊ lhe fizessẽ dar embarcação/ assi pera Portugal, como pera outros lugares/ ⁊ a ele lhe não fosse negada, posto q̃ se despois alegasse que era seruiço dl rey q̃ ele ficasse na India, ⁊ q̃ Pero mazcarenhas se obrigasse por hũ assinado seu a cõprir tudo isto cõ juramẽto/ ⁊ assi foy feyto: ⁊ ho secretario fez disso hũ auto q̃ todos assinarã/ ⁊ despois disto querendo os juizes entender em seu officio/ disserão a Cristouão de sousa q̃ se fosse/ ⁊ ele polo que tinha assentado cõ Antonio de miranda ⁊ q̃ esteuesse ao despacho daqla deferença, nã se quis sair/ ⁊ vendo que Antonio de mirãda era hũ dos que insistia q̃ se saisse, ouue coele sobrisso palauras, ⁊ assi com os outros/ ⁊ foy a cousa d maneyra, que acodirão os juizes de Cochim por mãdado Dafonso mexia/ pera deitarem fora a Cristouã de sousa, que já se saia quando eles chegarão/ vendo que sua estada nã oproueitaua ali, ⁊ então conheceo quã mal fizera ẽ não fazer hũ capitolo na pauta, jurado/ ⁊ assinado, por Antonio de miranda / que ele esteuesse ao despacho daquela deferença/ porque assi não lhe fora defeso que não esteuesse / ⁊ então vio tambẽ ho grande erro q̃ fizera/ em deixar acrecẽtar os dous derradeiros juizes/ porque polo rigor que vsarão coele / lhe pareceo que auiã de dar a sentença cõtra Pero mazcarenhas, ⁊ em entrando onde ele estaua, disse d muyto agastado, sus alforges ⁊ partamos q̃ tudo he por demais, ⁊ calouse que nã quis mais dizer/ por amor do juramento q̃ tinha, ⁊ isto tudo se fez ate vespera.

¶ Cap. xlix. Das rezões q̃ ho vedor da fazẽda ⁊ outros offrecerã aos juizes pera q̃ Pero mazcarenhas não fosse gouernador.

DEspois de Christouão de sousa ser ido q̃ os juyzes ficarão recolhidos com ho secretario que ali ficou/ que auia de ser ho escriuão daquele processo, dom Vasco deça procurador de Lopo vaz de sam Payo, ⁊ Simão caeyro procurador de Pero mazcarenhas / mostrarão aos juyzes as procurações que tinhão dãbos: ⁊ lhes derão todos os papeis de que ãbos se esperauão dajudar ⁊ coeles hũas largas rezões per escripto sobre a justiça que tinhão, ⁊ apos isto lhes foy dado hũ requerimẽto dos officiaes da camara de Cochim em nome de toda a cidade, em q̃ lhe requerião da parte de Deos ⁊ del rey que por nhũ modo lhe nã julgassem a gouernãça a Pero mazcarenhas, porque se lha dessem auião de despouoar a cidade/ ⁊ irse pera os mouros, por não se atreuerem a saluar cõ os Christãos ficando ele por gouernador que era seu imigo capital. alegãdo as rezões q̃ auia pera isso: peloqual não se fiarião de nhũ juramento que fizesse. E visto este requerimento pelos juizes lhes forão dadas hũas rezões do vẽdor da fazenda que dizião.

¶ Senhores se vossas merces q̃serẽ verdadeyramente espicular a justiça que ho senhor gouernador Lopo vaz de sam payo tem pera lhe ficar a gouernança/ acharão que lhe sobeja, ⁊ da mesma maneyra hão doulhar a que Pero mazcarenhas póde ter pera ser gouernador/ acharã que he nhũa por muytas rezões, de que aqui darei algũas.

¶ A pricipal he ser ele muito odioso aos moradores desta cidade, pela injuria que diz que recebeo deles quãdo desembarcou contra meus req̃rimentos, peloq̃ está claro que seria muyto grãde deseruiço de d̃s ⁊ del rey/ ficar ele na India como pessoa particular, quanto mais cõ mãdo/ ⁊ a fora ser muyto odioso por esta causa que tẽ de vingança/ ho he tãbem por deseruir a el rey cõ ho mando que lhe dá, como vereis nessa inquirição que se tirou aqui contrele a requerimento do feytor de Malaca, em que se achou que fez muy graues erros, assi nas cousas da justiça, como nas da fazenda/ ⁊ tambẽ offreço os autos que mandou fazer contra os officiaeis da camara desta cidade/ contra quem ha de proceder despois que for gouernador. E Lopo vaz de sam payo os que tinha presos em Goa (⁊ não ẽ ferros como lhe merecião) soltou os leuemẽte, por lhe dizerem q̃ era assesego da India/ ⁊ pola ver pocifica se pos em ventura de perder ho que tinha certo, digouos que tem bem seruido el rey nosso senhor na justiça/ ⁊ na fazenda olhay ho que fazeis.

¶ Tem tãbem Pero mazcarenhas determinado como for gouernador de tirar Antonio de miranda de capitão mór do mar/ ⁊ a mim da capitania d̃ Cochim: como se proua por essa carta assinada por ele.

¶ Tambem ha outra rezão muy euidente pera não ser gouernador Pero mazcarenhas/ porque polo ser cometeo mui graues crimes perdoãdo cõtra forma das ordenações

del Rey nosso senhor a algũs que tinhão mortas algũas pessoas & os recolheo a Cananor & deles traz cõ sigo hũ Lucas leytão que matou aqui tres homẽs, & por seu mãdado está em posse de hũ nauio. Pero tauares q̃ matou sua sogra sobre dous seguros de dom Anrrique & hũ bombardeiro q̃ matou hũ homẽ/ & os q̃ espancarão & ferirão em Cananor ho tabalião que lhe leuou ho requerimento dos officiaes da camara desta cidade. E por ser gouernador prometeo a muytos q̃ tinhão roubado & tomado muyto dinheiro a el Rey nosso senhor delho quitar/ assi como foy a Christouão de sousa que tẽ tomados a sua alteza perto de quĩze mil cruzados/ deles do tempo do doutor Pero nunez & deles do meu, & por saber que ho queria constranger a pagar este dinheiro se contrariou logo das cartas em que tinha obedecido por gouernador a Lopo vaz de sam Payo & lhe desobedeceo por nã pagar este dinheiro, como não pagará sendo Pero mazcarenhas gouernador. & Lançarote de seixas da feytoria q̃ teue em Pegú deue muyto dinheiro a sua alteza & lho nã quer pagar por ser secretario de Pero mazcarenhas, nem menos pagará ho frete do nauio que leuou a Malaca carregado de sua fazẽda & deixou a del Rey: & Francisco mendez de vasconcelos q̃ deixou por capitão em Cananor tomou hũ nauio de mercadores nossos amigos que ya carregado de muyta fazenda & dinheiro/ & tudo tẽ sonegado segũdo tenho polo liuro & assẽto do escriuão do mesmo nauio, & Manuel da gama que eu tenho preso por dous mil cruzados que deue a el Rey, que me começaua de pagar deixou de ho fazer, dizendo que como Pero mazcarenhas gouernasse que tudo se bẽ faria. Pois quẽ toma tais prĩcipios de gouernar a justiça, & daproueitar tambem a fazenda de sua alteza antes de ser gouernador/ que fara despois q̃ ho for? Pelo que está notorio ser cousa muy p̃judicial selo, & julgãdo vossas merces que ho seja, eu lhes encampo a fazenda del Rey nosso senhor que eu tenho nela tambem seruido, que recebeo passante de trezentos mil cruzados de proueito como darey por conta/ & concertadas suas fortalezas & pagos mais de duzentos mil cruzados de soldo sem lhe bolir nos cofres das naos da carga como algũs fazem. E porque nã se pode fazer tãto seruiço sem se tomar conta aos q̃ roubão sua fazenda & sem poer verbas a outros q̃ ho deseruẽ per outros modos (que he dobrado seruiço) desejão os culpados nestes erros como leais vassalos que me va da India & buscarão pa isso este caminho de fazer gouernador a Pero mazcarenhas: q̃ se ho senhores julgardes por esse vos encampo a fazẽda de sua alteza/ & protesto que seja satisfeyto pelas vossas, & quãdo não per vossas pessoas, & protesto por meus ordenados / & polas perdas que receber, posto que me não lembra se não el Rey nosso senhor, por que a ele se faz a guerra.

¶ Co estas rezões estauão outras de Pero de faria capitão de Goa fũ

dadas sobre a mesma materia/ e assi hũ requerimento do licenciado João de soiro ouuidor geral da India/ em q̃ requeria o que por estas rezões vay relatado. E toda a noyte do dia em que os juyzes começarão destar em despacho quãtos moradores auia em Cochim andarão descalços em procissam cõ suas molheres e filhos/ pedindo a nosso senhor que spiritasse nos juyzes que não julgassem a gouernança a Pero mazcarenhas polo medo q̃ auiã de se vingar deles e cõ grandes brados pedião misericordia: o que foy muyto piedosa cousa de ver.

¶ Capit. l. De como foy dada a sentença q̃ Lopo vaz de sam Payo gouernasse a India.

Visto pelos juyzes tudo o que se alegaua por ambas as partes / fez cada hũ hũ escripto de seu parecer que assinou e ho deu ao secretario que os leo perante eles/ e despois de se achar que Lopo vaz de sam Payo tinha mais votos/ e que a ele pertencia a gouernança julgarão que fosse gouernador/ e ho secretario escreueo a sẽtença que dizia.

¶ Vistos por os juyzes estes autos/ e o que por eles se mostra/ e vistos nossos assinados em q̃ cada hũ declarou sua tenção: julgamos por nossa difinitiua sentença que Lopo vaz de sam Payo gouerne, e seja gouernador nestas partes da India/ e Pero mazcarenhas se va embora pera ho reyno de Portugal/ e lhe sera dada embarcação segũdo a qualidade de sua pessoa: e quanto aos ordenados dos sobreditos fiq̃ pera el Rey nosso senhor ho julgar como lhe bem parecer/ e assi todo ho mais que cada hũ deles quiser requerer no reyno.

¶ E assinada pelos juyzes / logo no mesmo dia q̃ forão vinte hũ de Dezembro ao sol posto Antonio d̃ miranda. Dom João deça, Bras da silua dazeuedo/ e Tristão de gã se forão em hũ bargantim á nao em que estaua Pero mazcarenhas: e dos de sua valia forã muytos apos eles cuydando que a sentença se dera por ele. E entrados dentro ho secretario lha pubricou perante todos: e ele a ouuio com rosto muy seguro/ mostrando grande coração. o que seus amigos não fizerão/ q̃ todos ficarão muyto tristes. E ele ficou naq̃la nao ate lhe ser dada embarcação. E os juyzes forão pubricar a sentença a Lopo vaz de sampayo, q̃ a recebeo com muyto prazer/ e deu muytos agardecimentos a aos juyzes: e pedio muyto perdão a Antonio de miranda do q̃ passara coele. E com quanto a sentença foy dada por Lopo vaz/ despois se deu em Portugal cõtrele: e q̃ pagasse a Pero mazcarenhas ho ordenado q̃ leuara de gouernador cõ todos os proes e percalços. E por ser q̃si noite não se foy ho gouernador a terra e ficou no mar: õde e na terra ouue muytas folias e prazeres e grãde strõdo dartelheria q̃ desparaua: o q̃ daua grãde tormẽto aos da outra parte: porq̃ lhes parecia q̃ se ficassẽ na India q̃ o gouernador lhes auia

de fazer mal. E porque a ele lhe pareceo q̃ terião esta sospeita os quis segurar, ⁊ ao outro dia antes que desembarcasse correo toda a frota em hũ catur, ⁊ a todos em geral fez esta fala. Pois nosso senhor Deos foy seruido d̃ me restituyr na gouernança da India, peçouos senhores que todos vos alegreis comigo / ⁊ creais que ficando eu por gouernador, vos fica a todos hũ amigo pera vos fauorecer na India / ⁊ com el Rey meu senhor representandolhe vossos seruiços ⁊ pedirlhe que vos faça merce: porque vos dou minha fé que vos tenho em muyto boa cõta aos que fostes da parte de Pero mazcarenhas em prosseguirdes cõ tanto esforço o que vos parecia que era rezão, porq̃ ho mesmo fizereis por mim se foreis da minha parte, ⁊ por isso vos não ey de ter má vontade, ⁊ vos prometo que me não lembre mais ho passado: ⁊ vos peço q̃ façais outro tãto ⁊ q̃ sejamos muyto amigos, ⁊ siruamos todos el rey muyto bem, ⁊ vamos descansar q̃ he tempo. O que lhe todos teuerão muyto em merce ⁊ forãse coele pera terra, õde foy recebido com solẽne procissam, ⁊ debaixo de hũ palio foy leuado á See / ⁊ despois douuir missa á fortaleza em q̃ auia de pousar / ⁊ ali tornou a fazer muytos offrecimentos aos fidalgos que lhe forão contrairos com que se segurarão pera ficar na India.

¶ Capitolo. lj. Do que ho gouernador fez despois de ser restituido em sua posse.

Restituido Lopovaz de sam Payo na gouernãça quisera logo aperceberse pa ir buscar os rumes / q̃ bem sabia ho seu desbarato ⁊ a morte de çaleimão raix ⁊ foylhe conselhado que não fosse porque por nhũ modo lhe conuinha ir fora da India, assi porque os da valia de Pero mazcarenhas não estauão de todo assessegados / ⁊ ficando ele na India despois da partida do gouernador aueria outra reuolta como dãtes, porque nhũ auia de querer ir ao estreito: ⁊ tambẽ el rey de Calicut tinha feyta grande armada / ⁊ vendo ho gouernador fora da India faria nela muyto dãno / ⁊ abastaua q̃ ho capitão mór do mar fosse ao estreito ás presas ⁊ lá saberia a certeza do q̃ era feyto dos rumes / ⁊ não vindo gouernador no anno seguinte então os iria ho gouernador buscar tãbẽ apercebido que podesse pelejar coeles. E isto determinado, despachou ho gouernador ho capitão mór do mar cõ hũa armada de noue velas. s. seys galeões de que a fora ele que ya em sam Dinis forão por capitães Fernão rodriguez barba de sã Rafael / Antonio da silua dos Reys magos / Ruy vaz pereyra de sã Luys, Anrrique de macedo do çamorim grãde / ⁊ Lopo de mezquita do peq̃no / ⁊ Frãcisco de vascõcelos de hũa galeota, ⁊ Rũy pereyra de hũa galé bastarda, ⁊ hũa galeota ⁊ cĩco bargãtis: ⁊ coesta frota em q̃ irião mil homẽs se partio em Janeiro / ⁊ xij. dias despois d̃ sua partida mãdou o

gouernador a Simão de melo seu sobrinho a fazer presas ás ilhas de Maldiua/ z leuou hũ nauio de gauea z hũa carauela. E neste tempo forão acabadas de carregar as quatro naos que auião dir pera Portugal z se partirão / z foy em hũa delas Pero mazcarenhas ẽtregue preso a Antonio d brito, z por amor dele se forão muytos fidalgos pera Portugal z assi outras pessoas. E primeyro que esta frota partisse mãdou ele citar ho gouernador perãte el rey ou perante os desembargadores da sua relação pola gouernãça da India, z por ho ciuel z crime que sobre aqle caso esperaua dalcançar contrele: z mais lhe escreueo como os Castelhanos ficauão em Maluco na ilha de Tidore como disse atras pera que socorresse a dom Jorge de meneses que lá estaua por capitão. E partida esta frota chegou a Portugal a saluamento: z Pero mazcarenhas foy bem recebido del rey: que não ouue por seu seruiço o que lhe fora feyto. E despois de Lopo vaz de sam Payo ser em Portugal ouue sentença contrele que lhe pagasse todo ho ordenado que ouuera dauer com a gouernança.

¶ Capit. lij. De como dom Garcia anrriquez entregou a fortaleza de Maluco a dom Jorge de meneses.

Dom Jorge de meneses q̃ inuernou nas ilhas dos Papuas como disse atras despois que ventarão os leuantes partiose pera Maluco z chegou á ilha de Ternate em Mayo de mil z quinhẽtos z vinte sete, onde soube em chegando a guerra q̃ os Portugueses tinhão com os Castelhanos/ Tidores z Geilolos: do que lhe pesou por a pouca gẽte q̃ leuaua z essa quasi toda doente que a outra lhe morreo nas ilhas onde inuernou. E tendo ja esta certeza despois de chegado/ deixando os dous nauios a recado se foy nos bateys aa fortaleza, donde sabendo dom Garcia sua ida ho sayo a receber muyto ledo / porque se poderia tirar da grande obrigação em que estaua com a guerra por amor do pouco apercebimento que tinha parela/ z logo lhe entregou a fortaleza assi como lha Antonio de brito entregara/ que foy da maneyra que disse no liuro sexto. E dom Jorge lhe deu disso hũ conhecimento feyto per hũ tabalião pubrico: z logo q̃ dõ Jorge chegou Martim hinheguez o capitão dos Castelhanos que estaua em Tidore ho mandou visitar dandolhe a boa hora de sua vinda/ z offrecendolhe paz z amizade: cõ queixume de dõ Garcia que nunca a quisera coele, antes lhe metera a sua nao no fundo, z lhe matara hũ homẽ z ferira tres: o q̃ dom Jorge lhe agardeceo offrecẽdoselhe tambem por amigo/ z disculpando dom Garcia que ho quisera ser seu, mas que ele fora o que não quisera nem irse parele como lhe mandara pedir, z quisera antes estar antre os mouros seus immigos / pedindolhe que pois queria sua amizade q̃ ho mostrasse ẽ se ir pa a fortaleza/

ondelhe daria apousentamento de
que fosse contente. E por Martim
binheguez não responder a isto lhe
mandou dom Jorge hũ requerimẽ
to aos quatro dias de Junho em q̃
lhe requeria cõ ho alcayde mór da
fortaleza, feytor ꝛ outros officiaes
que se fosse logo daquela terra ꝛ de
todas as ilhas de Maluco / ꝛ não
comprasse nhũ crauo. E ho mesmo
requerimento lhe fez Martim bi-
nheguez: ꝛ despois de muytos re-
querimentos de parte a parte fize-
rão tregoas / ate verem recado da
India ou Despanha do que manda
ua ho gouernador q̃ fizesse dõ Jor-
ge. E como as tregoas forão assen-
tadas ouue muyta amizade, prestã
ça ꝛ conuersação antre os Portu-
gueses ꝛ Castelhanos, ꝛ dauãse da
diuas hũs aos outros principalmẽ
te os capitães. E sempre Martim
binheguez se fora pera a nossa forta
leza se ho não estoruarão el rey de
Geilolo ꝛ Cachil daroes: el rey de
Geilolo porque os Tidores teuessẽ
necessidade de sua ajuda / ꝛ Cachil
daroes porque os Portugueses a
teuessem da sua.

¶ Capit. liij. Do que dõ Jorge quisera fazer acerca do crauo ꝛ não pode.

DEspois disto tirou
dom Jorge a alcayda
ria mór da fortaleza
a Manuel falcão que
a tinha por lho man-
dar assi Pero mazcarenhas, porq̃
lhe leuara dous homiziados d' Ma
laca. E tirada esta alcaydaria deu a
a hũ Simão de vera, ꝛ porque Ma-
nuel falcão não se escandalizasse de
lhe tirar a alcaydaria / ꝛ ele ꝛ ou-
tros não cuydassem q̃ ho fazia sem
causa mostroulhe ho mandado de
Pero mazcarenhas. E com tudo
Manuel falcão não se ouue por sa-
tisfeyto ꝛ ficou imigo de dõ Jorge
posto que ho dissimulaua. Tambẽ
dom Jorge quis vsar de hũ regimẽ
to que Afonso mexia vedor da fazẽ-
da da India mãdara a Maluco, em
que mandaua que ho feytor de Ma
luco comprasse quanto crauo ouues
se nas ilhas / ꝛ carregasse ho mais q̃
podesse pera el Rey ꝛ ho mãdasse a
India, ꝛ o que sobejasse ho vendesse
aos moradores da fortaleza cõ ga-
nhar ho mais que podesse, ꝛ daq̃le
dinheiro se pagasse ho ordenado do
capitão ꝛ dos outros officiaes, ꝛ se
pagasse ho soldo ꝛ mantimento da
gente darmas pera el Rey poder so
frer os grandes gastos daquela for
taleza: ꝛ cõ tudo que se tomasse ho
crauo sem escandalo dos mouros ꝛ
Portugueses q̃ estauão na terra. E
dom Jorge mandou apregoar este
regimento, ꝛ que se goardasse. E vẽ
do os Portugueses quanto prouei
to lhes tirauão, ꝛ que desta maney
ra poderia el Rey saber ho muyto q̃
ganhaua ẽ auer ho crauo á sua mão
ꝛ ho muyto que perdia em ho não
auer / ꝛ que nunca ho mais alarga-
ria / no que ficauão perdidos, porq̃
nã ficauão mais q̃ cõ ho soldo ꝛ mã
timento que nunca lhes pagauão:
determinarão de não consentir que
aquilo fosse auante / ꝛ confedera-
rãse com Cachil daroes que ho es-
toruasse. E ele q̃ muyto folgaua de

os Portugueses sempre terem necessidade de sua ajuda assi ho fez, dizẽdo que pois os mouros não podião vender seu crauo a quẽ quisessem/ que assi não vẽderião seus mãtimentos na fortaleza, ⁊ mandou q̃ os não vendessem dali por diante: ⁊ começou ho escandalo de crecer em tanta maneyra que a dõ Jorge lhe foy necessario dissimular, porque ho nã pode defender. E assi perdeo elrey tamanho proueito como este fora de sua fazẽda/ ⁊ que foy a causa de fazer ali aquela fortaleza/ ⁊ que sem ter ho crauo lhe não seruia de mais que de gastar dinheiro debalde, ⁊ comprar ho crauo ho tres dobro mais caro do que ho compraua na India antes que a fizesse, porque os mercadores lho leuauão a Malaca ou á India, sem mandar por ele a Maluco cõ tamanho gasto como fazia a fortaleza que lá estaua, ⁊ as armadas que yão por ele, em que a fora ho dinheiro que se gastaua se auenturauão Portugueses q̃ cada dia se perdião no mar, ⁊ morrião na terra.

¶ Capit. liiij. Do que passou dom Jorge de meneses cõ dõ Garcia anrriquez sobre mandar a Malaca pela via de Borneo.

QUando dõ Jorge partio de Malaca pera Maluco, mãdoulhe Pero mazcarenhas que lhe mãdasse recado pela via de Borneo como achara Maluco ⁊ como ficaua/ ⁊ q̃ requeresse a dom Garcia q̃ fosse por este caminho de Borneo/ porq̃ como era muyto mais breue q̃ ho de Banda/ ⁊ podia a fortaleza ser por ali socorrida em menos tempo que pola via de Banda/ desejaua Pero mazcarenhas que fosse bem sabido dos Portugueses pera q̃ nauegassem por ali, assi pera serẽ conhecidos dos reys ⁊ senhores daquelas ilhas/ ⁊ tratarem coeles por ter enformação que auia nelas ouro/ como por os Castelhanos fazerẽ por ali seu caminho/ ⁊ os podião hi esperar ⁊ lhes tolherião que não fossem a Maluco: ⁊ tambem por se euitarẽ brigas que sempre recrecião antre os capitães que inuernauão em Bãda. Este regimeuto mostrou dom Jorge a dõ Garcia/ ⁊ requereolhe da parte de Pero mazcarenhas, q̃ se partisse pera Malaca no nauio ẽ que ele dom Jorge fora/ ⁊ que fosse pola via de Borneo. E coeste requerimento ficou dom Garcia muyto salteado/ porque recebia grãde perda não indo por Banda, ondespera ua dir ter hũ jũgo que ho anno passado mãdara a Malaca carregado de crauo seu ⁊ de partes/ ⁊ auia de tornar a Bãda com roupa pera ho leuar carregado de noz ⁊ maça/ ⁊ dizendo a dom Jorge que ele lhe responderia/ ouue conselho cõ algũs seus amigos que erão aqueles que tinhão mandado ho crauo com ho seu/ ⁊ esperauão de fazerẽ suas fazẽdas em Banda como ele esperaua de fazer a sua/ ⁊ por isso lhe cõselharão que per nhũ modo deixasse dir por Banda. E acordarão todos o q̃ dissesse a dõ Jorge pera não ir por Borneo: ⁊ isto acordado/ respõdeo dõ Garcia ao requerimento de dõ Jorge. Que ele fora de muyto boa vontade pola via de Borneo por

seruir el Rey/mas que sabia q̃ não auia de poder ir/ porque cometera por hi ho caminho em tempo Dantonio de brito, leuando muyto bõs pilotos: ⁊ despois de andar perdido por aquelas ilhas cõ muyto grã de trabalho arribara a Maluco: ⁊ auendo dõ Jorge a dõ Garcia por escusado de ir/ determinaua de mã dar outrẽ por aquele caminho: o q̃ visto por dom Garcia/ ⁊ que se fosse outrem ficaua ele em muyta culpa por não ir, determinou destoruar a ida/ ⁊ disse a dõ Jorge que lhe parecia muyto escusado mandar aq̃le nauio porque a fora descobrir aq̃la nauegação pela via de Borneo, a principal causa de ho mãdar era mã dar pedir socorro q̃ ele ja tinha mã dado pedir por Manuel lobo: ⁊ q̃ndo aquele nauio chegasse a Malaca ja lá auia de ser sabido ho seu recado, ⁊ quando vissem que sobre tão apertado da guerra dos Castelhanos como ele mandaua dizer q̃ estaua/ ⁊ tão necessitado de gente ⁊ munições pera a guerra, ⁊ que sobrisso ya aquele nauio pareceria q̃ ho primeyro recado fora zombaria, ⁊ que não auia necessidade de gente nẽ de munições/ porque se a ouuera não se podera mandar aquele nauio: ⁊ a fora isso os q̃ fossem nele auião de dizer como a nao dos Castelhanos se fora ao fundo/ ⁊ que os Castelhanos erão o menos/ ⁊ as tregoas que tinhão assentadas o que tudo seria causa de lhe não mãdarẽ ho socorro que esperaua/ ou se lho mandassem não seria tão bõ como fora nã indo ho nauio/ pelo que ho não deuia de mandar/ mas deixalo estar ⁊ mandar concertar outro que estaua varado/ ⁊ despois de aparelhado lho desse, porque ele iria nele esperar os Castelhanos ao caminho/ ⁊ impidirlhes que não mandassem pedir socorro á noua espanha como se dizia que querião mãdar pedir: ⁊ por fazer seruiço a el Rey queria leuar cem babares de crauo que tinha de partes/ ⁊ os venderia ao feytor pera el Rey. E porque logo dõ Jorge não quis conceder isto, lhe fez hum requerimento em que fazia grãdes protestações que sobreuindo algũa perda a el Rey por ele dõ Jorge não querer fazer o que lhe requeria carregasse tudo sobrele. E este requerimento foy pubricado a dom Jorge aos quinze dias de Junho/ que parecendolhe boas as rezões de dom Garcia/ respõdeo que queria fazer o q̃ lhe requeria: ⁊ porem q̃ se disso a fortaleza/ ou os Portugueses recebessem algũ dãno ou perda que carregasse sobrele dom Garcia, ⁊ assi cessou de mandar ho nauio. E porẽ dõ Garcia ficou muyto descontẽte de dõ Jorge por assi apertar coele q̃ fosse pela via de Borneo/ ⁊ arrepẽdeose de lhe dar cem bares de crauo de q̃ lhe tinha dada palaura d̃ lhos mãdar dar ẽ Malaca: ⁊ a causa foy que pedindolhos dõ Jorge emprestados respondeo ele que aueria seu conselho. E dando cõta disso a seus amigos q̃ esperauão de se ir coele/ conselharanlhe q̃ lhe desse de graça os cẽ babares de crauo, ⁊ que não quisesse dele outra paga se não hum nauio em que se fosse, ⁊ licença pera se irẽ coele ate vinte homẽs de sua obrigação. E dõ Garcia ho fez assi

fazendo hũa doação a dom Jorge dos cẽ bares de crauo, & hũa procuração pera os mandar arrecadar em Malaca/ & dom Jorge lhe prometeo ho nauio & mais a licença pera os homẽs/ & quãdo dõ Garcia vio que apertara tãto coele q̃ fosse pela via d̃ Borneo, sentio ho tãto q̃ desconfiou de dom Jorge comprir ho que lhe prometera / & começou de ter má sospeita dele.

¶ Capit.lv. De como dom Jorge de meneses mãdou recado ao capitã de Malaca pola via de Borneo.

Posto que dõ Jorge por amor do reqrimento de dõ Garcia/ desistio de mãdar ho nauio que disse, tinha tã assentado de mandar a Malaca pela via de Borneo pera se saber bẽ aquela nauegação / que determinou de mãdar hũa coracora, por ser nauio de que auia na terra grande abastãça, & não auia de fazer mingoa na fortaleza. E porq̃ a viajẽ lhe importaua muyto, não a confiou doutrẽ senão dũ Vasco lourenço / q̃ afora ser muyto esforçado & sesudo era seu tio / pelo que tinha nele muyta confiança: & deulhe pera sua cõpanhia hũ Diogo cão, & outro chamado Gõçalo veloso, & outros dous & por piloto hũ Castelhano / & hũ Malayo que forão coele de Malaca, & tinhão algũ conhecimento daquele caminho. E pedido a Cachil daroes a melhor coracora das que tinha os mãdou nela/ & deu a Vasco lourenço cartas pera ho capitã de Malaca, screuendolhe a guerra em que ficaua & a necessidade q̃ tinha/ pedindolhe muyto q̃ ho socorresse/ & que lhe mandasse hũ maço d̃ cartas ao gouernador da India/ & tãbẽ lhe deu roupa & outras peças boas pera dar a el rey de Borneo, & assi outros reys/ & dõ Garcia, & Cachil daroes tambẽ derão secretamẽte cartas a Diogo cão, q̃ screuião ao gouernador da India contra dom Jorge/ & ele as tomou por dõ Jorge ho mãdar contra sua vontade, & mandaua tãbẽ dõ Garcia hũa renunciação da doação / & procuração, que tinha dadas a dõ Jorge dos cẽ bares de crauo/ q̃ dõ Jorge mãdaua arrecadar em Malaca por Vasco lourenço: que partido de Ternate foy surgir na cidade de Borneo, leuãdo no caminho muyto trabalho, & hi achou hũ caualeiro chamado Afonso pirez que ya pera Maluco por capitão dum jungo, a q̃ deu conta de como ficaua dom Jorge/ & este Afonso pirez era muyto conhecido d̃l rey d̃ Borneo/ & por isso foy com Vasco lourenço quando lhe foy falar que lhe deu ho recado d̃ dom Jorge, como mãdaua por aquele caminho a Malaca, pera a amizade q̃ tinha coele fosse em crecimento/ & os Portugueses conuersassem/ & teuessẽ trato em sua terra/ & coeste recado lhe deu de p̃sente hũ pano darmar deras muyto rico/ em que estaua afigurado ho casamento del rey Dingraterra cõ a tia do Emperador/ & el rey tirado pelo natural cõ suas vestiduras reays. E quando el rey

de Borneo vio aquelas figuras, pre guntou que querião dizer, ⁊ Vasco lourenço lho disse. E sabẽdo el rey que aquele que tinha a coroa era rey coroado/ sospeitou que os Portugueses com engano lhe querião meter aquele pano em casa/ pera q̃ de noyte por feytiçaria aquela figura de rey se tornasse homẽ, ⁊ assi as outras figuras q̃ estauão coele/ ⁊ ho auia com ajuda deles de matar ou prender ⁊ tomarlhe ho reyno/ pelo que ficou muy toruado/ ⁊ disse a Vasco lourẽço que lhe tirasse logo ho pano de diante/ que não queria que em seu reyno ouuesse outro rey se não ele, ⁊ que se fosse logo com os outros Portugueses se não que os castigaria como a homẽs q̃ lhe querião fazer treiçã. E ele ⁊ os outros se virão em perigo, se não fora por Afonso pirez ⁊ algũs mouros mercadores que os disculparão dizendo a verdade a el rey ⁊ ho abrandarão muyto da furia que tinha, ⁊ porem não quis ho pano nem que ficasse na terra. E detẽdose aqui Vasco lourenço, determinou Afonso pirez de não ir a Maluco ⁊ tornarse a Malaca, ou por se deter aqui mais tempo do que ouuera de ser, ou por amor da guerra q̃ auia em Maluco com que não podia fazer fazẽda/ ⁊ sabendo Vasco lourẽço como se tornaua foyse coele por ir em melhor embarcação que na coracora q̃ dali se tornou pera Maluco õde chegou cõ muyto perigo, ⁊ ho capitão cõtou a dõ Jorge o que passara.

¶ Capit. lvj. De como dõ Jorge de meneses mandou prẽder dõ Garcia anrriquez.

NO tempo que esta cora cora chegou começaua el rey de Geilolo de fazer guerra a dõ Jorge porque não ẽtraua nas tregoas dantre el rey de Tidore, ⁊ fazia algũas corridas por mar a Ternate/ ⁊ Cachil daroes as fazia tambẽ a Geilolo, ⁊ faziãse algũ dãno de parte a parte. E estãdo assi a cousa, faleceo Martĩ hinheguez capitão dos Castelhanos/ ⁊ eles fizerão outro q̃ se chamaua Fernão dela torre. E sabido por dõ Jorge mandou ho visitar/ ⁊ preguntarlhe se queria goardar as tregoas que estauão assentadas antrele ⁊ Martim hinheguez: ⁊ Fernão dela torre não quis/ ⁊ tornouse a guerra a renouar. E porque Fernão dela torre não tinha nhũa vela de remo se não as da terra mãdou fazer hũa galeota pera que pelejasse nela cõ os Portugueses: ⁊ como dõ Jorge ho soube mandou fazer outra com muyta pressa, pera o que mandou apenar quantos carpinteiros ⁊ calafates auia na terra/ posto que andassem ẽ outras obras: pera o que mandou tomar muytos que fazião hũ jũgo de dom Garcia, porque importaua muyto acabarse a galeota cedo, por ele não ter outro nauio de remo em que pelejasse com a galeota q̃ fazião os Castelhanos. E vendo hũ clerigo chamado Fernão vaz tomar os carpinteiros que trabalhauão no jungo, assi por ter parte nele como por ser amigo de dõ Garcia se foy logo a sua casa, dizẽdo que pesar de tal como lhe auia dom Jorge de ti-

rar os officiaeis da sua obra/ e que ho não fazia se não polo não ter em conta, e coisto outras palauras ď padre mais caualeiro, q̃ religioso/ cõ q̃ ho prouocou a ter menencoria de lhe dom Jorge tomar os carpinteiros/ sem lhe lembrar q̃ era pera seruiço del rey, e coesta furia se foy á ribeira/ onde dom Jorge andaua fazendo trabalhar na galeota/ e se lhe queixou do q̃ tinha feyto/ e dõ Jorge respondeo q̃ não se podia fazer menos, por cõprir assi a seruiço del rey. E por dõ Garcia insistir que lhos não ouuera ď tomar, e dõ Jorge querer soster q̃ fizera bẽ, vierão a taeis palauras/ que dõ Jorge chamou sandeu a dõ Garcia, e q̃ ho castigaria muy bem/ e dõ Garcia lhe disse que disistisse da capitania, e q̃ lhe faria conhecer q̃ era melhor fidalgo e caualeiro que ele/ e nisto apunhou da espada/ e passarão outras palauras mais feas, e acodindo gente de hũa parte e doutra, se foy dõ Garcia pera sua pousada acõpanhado desses q̃ erão de sua valia, que lhe louuauão muyto ho q̃ dissera a dom Jorge/ e os q̃ ficarão cõ dom Jorge, lhe disserão q̃ não deuia ď passar por tamanha desobediencia/ e q̃ deuia logo de prẽder dõ Garcia, e ho que mais atiçaua isto era Manuel falcã, por q̃rer grande mal a ambos, e desejar de os ver em discordia: e a garrochado dõ Jorge destes conselhos/ mãdou a Thomas nunez dafonseca seu ouuidor/ que fosse tomar a menajẽ a dõ Garcia e ho trouuesse preso a fortaleza, ao q̃ os que estauão coele que erão muytos acodirão, dizẽdo a dom Garcia q̃ não era bẽ deixarse prender/ e que eles ho ajudarião/ e dõ Garcia não quis dar a menajem ao ouuidor, e disselhe que nã tinha alçada sobrele nẽ el rey lha daua, que tirasse deuassa dele/ e a mãdasse ao gouernador da India: e sabendo isto dom Jorge, mandou repicar ho sino da fortaleza/ aque se jũtou a gente, e dõ Jorge lhe disse como dõ Garcia lhe desobedecia, pelo q̃ determinaua de ho prender, e todos disserão que fizesse ho que lhe bẽ parecesse, e que eles ho ajudarião como a capitã del rey de Portugal: e logo dõ Jorge mandou a Simão de vera alcaide mór, que cõ hũ scriuão da feytoria fosse tomar a menajem a dõ Garcia da sua parte, que se fosse pera a fortaleza preso e disesse aos q̃ estauão com dõ Garcia que se fossem parele ãtes q̃ fosse lá/ e q̃do chegou a sua casa/ achou que se ajũtauão muytos coele, hũs por terem seu crauo feyto e se q̃rerem ir coele/ outros porq̃ tambem se querião ir, por amor da guerra q̃ estaua trauada de que se enfadauã, e quãdo estes ouuirão ho que lhes dom Jorge mandaua dizer de sua ida lá, disserão que fosse embora, q̃ eles ho iriã receber ao caminho cõ lançadas/ e este atreuimẽto tinhã por saberẽ que passarã sem castigo aqueles que fauorecerã e ajudarã Antonio de brito não sendo capitão/ contra dõ Garcia que ho era/ e dõ Garcia respondeo ao alcaide mór ho que respondera dantes ao ouuidor/ ho que os ď sua valia lhe louuarão muyto/ e era ho aluoroço muyto grande neles, o q̃ sabido

por dom Jorge mandou apõtar algũas peças dartelharia nas casas de dom Garcia pera as derribar/ mas primeyro tornou a mandar lá ho alcayde mór com ho mesmo recado que dantes/ ꝛ coele hũ Tristão vieira: a q̃ rogou por ser amigo de dom Garcia que lhe conselhasse que se fosse pera a fortaleza. E ele ho fez assi, pregũtandolhe primeyro se determinaua de se defender de dõ Jorge. Ao que dom Garcia respondeo, que como se auia de defender sendo ele capitão del Rey de Portugal: ꝛ então lhe disserão Tristão vieira ꝛ ho alcayde mór/ que pois assi era q̃ lhe pedião que fizesse o que dõ Jorge mandaua: o que os q̃ ali estauão lhe contrariarão/ ꝛ ele disse q̃ não era tempo/ porque se ho fizesse daria causa a auer muytos mortos ꝛ feridos/ pelo que os Castelhanos ficarião senhores da terra. E dizẽdo isto foy se só á fortaleza pera ver se podia apacificar dom Jorge, a q̃ disse. Ex me aqui que me quereis, q̃ me quereis: ꝛ ele lhe pedio a menagem que dom Garcia lhe deu despois de muytos debates porq̃ lha nã queria dar. E tomada pelo ouuidor ꝛ feyto disso hũ auto/ ho mandou pera hũas casas em q̃ Antonio de brito pousara, ꝛ mãdou logo tirar deuassa dele.

¶ Capit. lvij. De como dom Jorge soltou dom Garcia ꝛ tornarão a ser amigos.

Tanto que dom Garcia foy preso/ como Cachil daroes era grãde seu amigo, trabalhou muyto com dom Jorge q̃ ho soltasse dandolhe pera isso muytas rezões/ mas dom Jorge nunca quis/ dizendo que ho auia de ter preso, ꝛ que assi ho auia de mãdar ao gouernador da India pelo que Cachil daroes ficou muy desgostoso de dom Jorge/ ꝛ se lhe acrecentou ho odio que lhe começaua de ter polo não ter tanto de sua mão como cuydaua que ho teuesse. E tambem Baltesar rodriguez feytor ꝛ outros homẽs hõrrados trabalhauão com dom Jorge q̃ soltasse dom Garcia/ ꝛ que se lembrasse que era hũ bõ fidalgo, ꝛ q̃ fora capitão daquela fortaleza, ꝛ ho recebera cõ muyta festa ꝛ prazer/ ꝛ lhe fizera muytos offrecimentos: mas todauia dom Jorge ho não quis soltar/ dizendo que ele escreueria a el Rey porque ho tinha preso. E com toda esta briga mandou neste tempo Cachil daroes com algũs Portugueses correr per mar a Geilolo, ꝛ queimarão hũ lugar ꝛ sem receberẽ dãno se tornarão pera Ternate: ꝛ auẽdo dezoyto dias que dom Garcia estaua preso, ꝛ sabendo que dõ Jorge ho não queria soltar, ꝛ dizia que ho auia de mandar preso ao gouernador agastouse muyto, ꝛ teue conselho com os de sua valia sobre o q̃ faria: ꝛ eles lhe conselharão que deuia de requerer a dom Jorge q̃ ho soltasse que ja deuia destar satisfeyto dalgũa paixão que dele teuera/ ꝛ quando ho não quisesse soltar lhe mandasse dizer que ho prendesse em ferros, porque ou auia de ser bem preso ou bem solto: ꝛ se ho não quisesse prender em ferros que auia a menagem por aleuantada/ ꝛ se auia

dir pera sua casa & fazer o que lhe bẽ viesse. E dom Jorge por ho seu caso não ser pera ho prender em ferros não ho auia de prender, & por se não soltar per si sem sua licença ho auia de soltar: porem aconteceo doutra maneyra / porq̃ ouuindo dõ Jorge ho recado de dom Garcia que lhe leuou ho alcayde mór, lhe mandou dizer polo feytor que ho nã auia de soltar / & que lhe pedia que quisesse antes estar sobre sua menagem que em ferros. E não querendo dõ Garcia, aconselharão a dom Jorge que pois assi queria que ho prẽdesse em ferros, & ele se foy ás casas onde dõ Garcia estaua / & dahi ho leuou aa fortaleza & com hũs grilhões ho mandou meter na torre da menagẽ ondesteue oyto dias. O que vendo os de sua valia que serião de corẽta ate cincoẽta homẽs, determinarão de ho tirar da fortaleza, dando disso conta a Cachil daroes pera que os fauorecesse como fauorecia: mas eles não poderão por na fortaleza auer grande goarda & vigia de noyte & de dia. E vẽdo que não podião fazer o q̃ desejauão / determinarão de se ir pera hũ lugar forte donde mandassem requerer a dom Jorge que soltasse dom Garcia / & quando não quisesse q̃ se fossem pera os Castelhanos, & que os prouocarião a fazerẽ guerra a dom Jorge / dizẽdo lhes quão pouco poder tinha pera se defender, & primeyro q̃ ho posessem por obra vsarão de manha / descobrido ho a Fernão baldaya escriuão da feytoria, porque como era amigo de dõ Jorge lho diria logo: & dom Jorge por se eles não irem pera os Castelhanos soltaria dõ Garcia. E isto foy discuberto a Fernão baldaya por hũ Castelhano desta liga q̃ auia nome Frãcisco do souto que era seu amigo, & porque sabia q̃ ho era de dom Jorge lhe descobria aquele negocio. E sabido isto por dom Jorge quisera logo prẽder os principais daquela conjuração, & assi ho disse a Fernão baldaya & a Simão de vera alcayde mór, a que pesou disso por serem seus amigos & naturais do porto dõde eles erão & por isso disserão a dom Jorge que lhe auia de ser muyto trabalhoso goardar tantos homẽs quatro ou cinco meses q̃ auia dali aa moução de Malaca, & que temia que lhe fugissem, & que estes auião de soltar dõ Garcia despois que esteuessem presos / & soltos poderião fazer hũ mao recado: que ho melhor seria soltar dõ Garcia & tirarse de perigos / & mais não sendo a causa de sua prisam tão obrigatoria: & sobristo lhe derão outras muytas rezões pera ho soltar que a dõ Jorge parecerão bem. E cõ outros pareceres como estes / mandou soltar dom Garcia com condiçao que não fosse cõtrele & ho ajudasse cõtra os Castelhanos & que ele romperia a deuassa que tinha tirada dele: & tudo isto lhe prometeo dom Garcia, & lhe deu sua fé de ho fazer assi, & despois forão grãdes amigos & se conuersauão como que nũca ouuera antreles nhũa discordia.

¶ Capit. lviij. De como os da parte d dõ Garcia trabalhauão por auer imizade antrele & dõ Jorge.

Desta amizade & conuersação de dõ Jorge & dõ Garcia pesaua muyto aos de sua valia / porque como erão os mais que estauão na fortaleza & os mais luzidos dela/ & vião a grande necessidade que dõ Jorge tinha de gente por amor da guerra temiãse de dom Jorge não querer q̃ se fossem/ & dauão por muyto certo dom Garcia não lhos pedir se con tinuasse coele a amizade q̃ começauão, que bẽ vião que não era rezão que dom Garcia os pedisse em tal tempo/ mas ho desejo de irẽ lograr a fazenda que tinhão, & ho interesse do que ganhauão em se ir não lhes deixaua vsar do que entẽdião. E como vião que pera se irem não auia melhor remedio que discordia antre dom Jorge & dom Garcia traba lhauão quãto podião pola semear/ & dizião aos amigos de dõ Jorge que não se deuia de fiar tanto de dõ Garcia que não era tamanho seu amigo como lhe daua a entender, & tudo erão dissimulações ate auer licença pera leuar os que queria/ & quãdo lha não desse que os auia de leuar por força, & a dom Garcia dizião que visse bem como se confiaua em dom Jorge que não era seu amigo como mostraua/ nẽ auia de com prir coele de lhe dar ho nauio pera se ir/ nem a licença pera os homẽs como lhe prometera/ & que se auia descusar cõ a guerra que tinha: porem q̃ a verdade era pera se vingar deles porq̃ forão da sua parte, por isso que tomasse coele concrusam na quele negocio/ & não esperasse pola partida quando não teuesse tempo pera fazer nada: & tantas vezes disserão isto a dõ Garcia que quasi ho creo, & por isso estando hũ dia com dõ Jorge á porta da fortaleza lhe pedio que lhe acabasse de dar ho na uio que lhe prometera pera se ir, & licença pera os que forão em ajuda de sua soltura: ao que dõ Jorge respondeo que ainda era muyto cedo pera falar naq̃le negocio, que q̃ndo fosse tempo ele seria seruido como mãdasse. Do q̃ dom Garcia foy cõtente/ & falou em outra cousa, do q̃ os de sua valia ficarão muy descontes, porque lhes pareceo que dom Jorge dizia aquilo por tẽporizar/ & assi ho disserão a dom Garcia/ & que não se mostrasse tão froxo naquele caso/ nem quisesse estar aa disposição de dom Jorge, nem se lhe acanhasse como mostrara quando lhe falara, q̃ se quisesse andar acompanhado que eles ho acompanharião: porque vendo ho dom Jorge andar acompanhado ho temeria & faria quanto quisesse. O que a dom Garcia pareceo bem, & dali por diãte andou acompanhado & todos cõ suas espadas: & como dõ Jorge era seu amigo não atẽtaua naquilo, nẽ em muytas sobrançarias que lhe fazião os de dom Garcia/ a q̃ aquilo pareceo muyto mal / & parecialhes que dom Jorge dissimulaua/ pera quando fosse ao tempo da par tida os não deixar ir & vingarse deles despois de ido dom Garcia / & por isso assentarão de os não deixarem estar em paz, & semearem antreles tal discordia que nunca esteuessẽ bem, porque doutra maneyra não

se poderião ir daqla terra / ⁊ dizião a dom Jorge que dom Garcia daua muytos auisos aos Castelhanos ⁊ aos mouros de quãto se ordenaua na fortaleza contreles, ⁊ trabalhaua quanto podia, porque os de Ternate lhe teuessem odio / ⁊ lhe fizessẽ guerra: ⁊ pera os prouocar a isso lhes mandaua deitar peçonha nos poços de que bibião / ⁊ mãdaua de noyte aos de sua valia que lhes entrassem nas casas ⁊ lhes dormissem com as molheres ⁊ com as filhas / ⁊ como sabião a lingoa da terra diziãlhe por ela que dom Jorge lho mandaua fazer. E porque isto assi passaua / ⁊ os de dom Garcia ho fazião / vianse os mouros tão perseguidos que muytos se yão da cidade a morar a outra parte: ⁊ dizião mais a dom Jorge que nhũa cousa dõ Garcia desejaua tanto como matalo / ⁊ destruylo quando ho não podesse matar: ⁊ pera mais auerigoarem suas mẽtiras ⁊ falsos testemunhos, ⁊ meterem odio antre os da terra ⁊ dom Jorge, ⁊ ho homiziarẽ com el rey de Bacbão grande amigo dos Portugeses que aste tempo estaua em Ternate com obra de duzentos homẽs saltarão hũa noyte no seu arrayal hũ Tristão vieira / Afonso gẽtil, Luys diaz / ⁊ outros da parte de dom Garcia ⁊ matarão quatro ou cĩco Bacbões ⁊ ferirão muytos / porque como estauão em terra damigos não se temião de nada, ⁊ os Portugueses fizerão a seu saluo o que querião ⁊ feyto recolheranse. E ao outro dia indo el rey de Bacbão fazer queixume daquilo a dom Jorge / Tristão vieira ⁊ os outros q̃ ho fizerão ho estauão esperãdo sobre acordo: ⁊ sabendo dele ao q̃ ya disserãlhe que não fosse porque dom Jorge lho mandara fazer / por isso q̃ não tinha remedio pera se lhe fazer justiça. E pera q̃ el rey cresse que era assi / disserãlhe que a causa porque dom Jorge lhe mandara fazer aquela offensa fora por vingança dos Portugueses que matarão em sua terra a dom Tristão seu irmão quando lá fora / ⁊ dos jungos ⁊ crauo que lhe tomara como atras fica dito. E el rey o creo, ⁊ dali por diante não quis ir á fortaleza / ⁊ esteue pera se leuantar ⁊ fazer leuãtar a terra: mas quis Deos que foy dõ Jorge sabedor disso ⁊ da causa por que ho queria fazer / ⁊ deulhe muytas disculpas / ⁊ mandou tirar deuassa sobrisso em que se acharão culpados Tristão vieira ⁊ os outros que ho fizerão / que sendo auisados fugirão pera ho mato onde os não poderão tomar, pelo que dõ Jorge os não castigou ⁊ deu conta do que passaua a el rey de Bacbão pelo q̃ perdeo a sospeita que tinha de dom Jorge ⁊ tornou a sua amizade como dantes.

¶ Capit. lix. De como dõ Garcia prendeo dom Jorge em ferros, ⁊ a causa porque.

OS outros da parte de dõ Garcia como virão que ele achara culpados Tristão vieira / Afonso gẽtil ⁊ Luys diaz, pera indinarem dom Jorge contra dom Garcia ⁊ sua discordia auer effeyto: disserãlhe que

bem via ho perigo em que aqueles homẽs ho quiserão poer, ꝛ que não ho fizerão se não por mandado de dom Garcia: ꝛ pera ver se era assi q̃ visse quão pouco caso dom Garcia fizera disso sendo tamanho seu amigo/ ꝛ que ele os fizera fugir ꝛ os favorecia. E parecendo a dom Jorge q̃ aquilo seria assi, pera escusar paixões ꝛ desgostos, ꝛ tambem por ser perto do tempo da partida de dom Garcia que era em Nouembro / determinou de ho mandar pera Calãgame donde auia de partir/ ꝛ que hi estaria ate que partisse/ do q̃ deu conta a Baltesar rodriguez feytor/ ꝛ ao alcayde mór Simão de vera ꝛ a Fernão baldaya q̃ tinha por amigos / que por ho serem mais de dõ Garcia/ ou por lhes parecer assi tirarão dom Jorge daquele proposito/ dizendo que seria dar causa a outras inizades ꝛ odios, pelo que dõ Jorge se mudou daq̃la determinação. E vendo seus imigos q̃ nhũa cousa daquelas ho aluoroçaua nem mouia pera quebrar cõ dõ Garcia/ começarão de deitar fama que dõ Jorge mandaua matar dõ Garcia: ꝛ rugindose isto assi/ hũ negro que se chamaua Miguel nunez que dõ Jorge leuara da India, ꝛ em q̃ confiaua por ser homem esforçado descobrio em muyto segredo ao feytor que dom Jorge lhe tinha mandado que matasse a dom Garcia / ꝛ por lhe parecer que não era bem que ho fizesse/ se queria lançar cõ os Castelhanos. E parecendo isto hũa cousa muy graue ao feytor quisera que Miguel nunez ho dissera a dõ Garcia/ mas ele não quis dizẽdo q̃ auia medo de dom Jorge: ꝛ porem que dõ Garcia podia estar seguro que ele ho não matasse, mas que doutrem ho não segurava: ꝛ ho feytor fez com Miguel nunez q̃ não se fosse pera os Castelhanos nẽ pera outra parte/ ꝛ que dom Garcia ho leuaria p̃a a India, ꝛ assi ficou. E cuydando ho feytor bem naquele negocio não lhe daua muyto credito, assi por lhe parecer que dõ Jorge não cometeria hũa cousa tão fea, como por saber os mexericos ꝛ emborilhadas que auia naquela terra antre os capitães, ꝛ por outra parte parecialhe que podia ser verdade/ porque nos homẽs tudo ha, ꝛ que se matassem dom Garcia que ele teria que dar conta a Deos pois ho não auisara, ꝛ por este respeito determinou de lhe descobrir o que lhe Miguel nunez dissera, tomandolhe primeyro juramẽto de não somẽte dizer em nhũ tempo q̃ ele lho dissera, mas nem dar disso cõta a pessoa algũa ꝛ ho ter em muyto segredo. Ouuido isto por dom Garcia, assentou que era verdade/ ꝛ que dõ Jorge o queria mandar matar: ꝛ despois de agardecer muyto ao feytor tão bõ auiso, disselhe que não podia deixar de dar conta daquele caso a algũs seus amigos/ pera que teuessem cuydado de ho goardar, porem que lho diria com juramẽto: o que pareceo bem ao feytor, ꝛ pediolhe muyto que lhe não lembrasse aquilo mais, nem teuesse nhũ escandalo de dom Jorge, que bem poderia ser que estaria muyto innocente / mas dom Garcia não ho fez assi / ꝛ logo deu conta disso a Manuel falcão/

Manuel botelho, Diogo darocha, Francisco pirez, ꝛ a outros q̃ tinha por amigos ꝛ em que confiaua, que lhe conselharão que matasse logo a dom Jorge. E offerecerãse pera ho fazerem Manuel botelho ꝛ Francisco pirez. E Manuel falcão não foy deste parecer, dizendo que era forte cousa matar hum capitão de hũa fortaleza/ que melhor seria prẽdelo ꝛ tirar deuassa de suas culpas, porque alem das que tinha lhe poerião tantas que nunca se desembaraçasse delas, ꝛ mais sendo eles testemunhas, ꝛ com a deuassa ho mãdasse dom Garcia preso aa India/ ꝛ que ficasse por capitão daquela fortalez/ como ho ele era dantes. O qual conselho pareceo bem a dom Garcia, sómente tornar ele a ser capitão/ porque sabia quão trabalhola ꝛ perigosa cousa era selo daquela fortaleza, em que assentou consigo de deixar por capitão a Manuel falcão/ ꝛ isto não q̃ lho dissesse ate auer effeito. E assentado nisto disse ho dom Garcia a el rey de Bachão ꝛ a Cachil daroes/ pedindo lhes que ho fauorecessem. E eles lho prometerão ꝛ muyto alegres por auer tamanha discordia antre os Portugueses, porque por derradeyro erão seus immigos, ꝛ não lhes mostrauão amizade se não cõ necessidade/ o que eles sempre desejauão que teuessem deles. E neste tempo mandou dom Jorge a Cachil daroes que fosse darmada aa ilha de Maquiem/ com quem forão muytos dos que erão da parte de dom Jorge: ꝛ dom Garcia fez que ficassem os da sua pera fazer o que determinaua. E vendo que era tempo ho pos em obra, ꝛ logo Francisco de crasto grande amigo de dom Garcia conuidou Simão de vera alcayde mór ꝛ outros pera lhes dar hũ banquete no Toloco hum lugar hũa legoa da fortaleza, porque se temia dom Garcia que estando estes na fortaleza não lhe deixarião prender dõ Jorge sem baralha. E aceitado ho banquete pelo alcayde mór ꝛ pelos outros que auião de ir coele/ ao outro dia que era domingo leuou os Francisco de crasto ao lugar onde auia de ser: ꝛ como dom Garcia soube que dom Jorge acabara de jantar/ mandou a Manuel falcão/ ꝛ a Diogo da rocha/ que se fossem parele ꝛ fizessem que jugasse coeles as tauolas/ porque ocupado no jogo não entendesse o que lhe querião fazer. E assentados a jugar forãse logo aa fortaleza Manuel botelho/ Tristão vieyra ꝛ Afonso gentil que ja erão perdoados do que fizerão a el rey de Bachão/ ꝛ assi hum Francisco pirez/ João de figueiredo, Andres de palacios, Francisco do souto ꝛ outros todos da quadrilha de dom Garcia: ꝛ estes yão ja repartidos hũs pera fecharem as portas da fortaleza ꝛ as goardarem/ ꝛ outros pera leuarem algũs criados de dom Jorge a folgar fora da fortaleza/ ꝛ os que não podessem leuar fora, que com cada hum se posessem tres dos conjurados pera os terem ꝛ tolherem que não acodissem a dom Jorge: ꝛ apos estes foy dõ Garcia, seria ás duas horas despois de meo dia:

e como não se temião de immigos e era de dia não estaua ali ho porteiro/ pelo q̃ os q̃ tinhão cargo de fecharem a porta tanto que dom Garcia sobio pera a torre da menagem onde dom Jorge estaua/ tomarão as chaues da porta da fortaleza que estauão hi dependuradas e a fecharão e forãose apos dom Garcia/ que despois de recebido de dõ Jorge se assentou, e vẽdo como dom Jorge estaua com ho sentido no jogo que jugaua se abraçou coele, dizendo. Estay preso: e logo Manuel falcão e outros tres ou q̃tro ho ajudarão/ e os outros se liarão com dous criados de dom Jorge que não estauão coele mais/ e teuerãnos e taparãlhe as bocas que não bradassem. E dom Jorge que vio a cousa como ya/ começou de bradar. Treição/ treição: e nisto hũ seu paje teue acordo de ir repicar ho sino da vigia. Dom Garcia e os outros que se abraçarão com dom Jorge/ teuerão coele muyto trabalho em ho derribarem pera lhe lançarem ferros: porq̃ como ele de seu natural era muyto forçoso e esforçado/ e a menencoria de se ver assi tratar lhe acrecentaua as forças e esforço/ bracejaua e pneaua e mordia tão fortemẽte que quasi ho não podião ter. E se ele esteuera solto e com armas / nhũ daqueles ousara de ho esperar: e ele bradaua/ dizendo. Tredores mataime/ e não me injurieis. E com tudo como erão muytos derão coele no chão e deitarãlhe hũa adoba de quatro elos que dom Garcia pera isso mandara leuar secretamente, e coesta esteue dõ Garcia preso quando dõ Jorge ho prendeo. E deitada a adoba apanharãno em corpo e em alma e derão coele em hũ sotão da fortaleza debaixo do chão, õde ainda ho prẽderão a hũas camaras de bombardas.

¶ Capitolo. lx. Do que passou dõ Garcia despois de ter preso dom Jorge.

Baltesar rodriguez raposo feytor e outros Portugueses que pousauão fora da fortaleza, ouuindo repicar ho sino como ho tinhão por cousa noua por ser a tais horas acodirão todos com suas armas/ e quando acharão as portas fechadas cuydando q̃ era treição, hũs bradauão por escadas pera sobirem ao muro, outros dizião que quebrassem as portas : e era a reuolta e arroido tamanho que a gente da terra saya a ver o que era. E despois que dom Garcia sayo do sotão em que deixou dom Jorge/ e ouuio repicar ho sino / e ho arroido que fazião os que estauão de fora/ acodio ao muro a lhes falar pera os assessegar, e disselhes Senhores não vos aluoraceis e assessegay q̃ a fortaleza he del Rey dõ João de Portugal nosso senhor e por sua está e estara/ que todos somos seus vassalos, e desejamos seu seruiço: e porque ho eu muyto desejo/ e ho bem e repouso de todos fiz o que vos agora direy. Bem sabeis como eu era capitão dest

fortaleza/ ⁊ a entreguey a dom Jorge de meneses por virtude de hũa prouisam do gouernador da India pera que lha entregasse, o que eu não podia fazer por dom Jorge mandar enforcar hũ homem Portugues nas ilhas dos Papuas/ pera o que não tinha alçada nem poder pois ainda não era capitão, por não ser entregue da capitania/ pelo q̃ era obrigado á justiça, ⁊ ate não se liurar não podia ter cargo de capitania nẽ doutra cousa: ⁊ se ho eu soubera não lhe ẽtregara a desta fortaleza ⁊ ho mandara preso á India. E não abastou este crime que tinha cometido sẽdo pessoa priuada, se não despois q̃ foy capitão vsou sempre de tiranias, ⁊ tẽ destruyda esta terra, ⁊ andaua pera me matar: ⁊ sabendo eu suas culpas pelo que deuo ao seruiço de Deos ⁊ del Rey nosso senhor ho prendi pera ho mãdar á India com a deuassa de suas culpas: ⁊ não dei cõta disto a todos ẽ geral porq̃ não toruasse tamanho seruiço del Rey/ ⁊ agora que he feyto volo digo. E peço senhores muyto por merce q̃ mo ajudeis a soster/ auendo por bẽ o que tenho feyto/ ⁊ ajudandome a goardar esta fortaleza de q̃ me ey por entregue pera dar conta dela a el Rey nosso senhor ou ao seu gouernador da India. E nisto chegou ho feytor Baltesar rodriguez q̃ ya muyto agastado por lhe parecer que fora causa daq̃la reuolta/ pelo q̃ descobrira a dõ Garcia, ⁊ então vio quão mao conselho teuera em lho dizer/ ⁊ achauasse muyto culpado: ⁊ quãdo vio dom Garcia nã quis esperar q̃ acabasse de falar/ ⁊ queixandoselhe do q̃ tinha feyto a dõ Jorge, dizialhe q̃ outros meos mais honestos podera ter aq̃le negocio que ho de q̃ vsara / de que lhe auia de ser tomada muy estreita cõta. E dissimulando cõ o que Baltesar rodriguez dizia por se não poer coele em disputa, pediolhe por merce q̃ se fosse pera sua casa ⁊ oulhasse polo seruiço del Rey como oulhaua a quẽ ele daria conta do porq̃ prẽdera dõ Jorge/ pelo que esperaua merce ⁊ honrra. E vendo Baltesar rodriguez q̃ naquilo nã auia remedio calouse: ⁊ os outros responderão a dom Garcia q̃ se fizera bẽ ou mal q̃ ele daria conta disso ⁊ forãse/ ⁊ tambẽ Baltesar rodriguez. E em quãto dom Garcia ⁊ os outros andauão nisto ficou a torre da menagem só, ⁊ sintindo ho hũ criado de dom Jorge chamado Aluaro do cais q̃ estaua doente, ⁊ assi o que era feyto a dõ Jorge como homẽ esforçado leuantouse, ⁊ metẽdose na torre da menagem fechou as portas de dentro/ ⁊ posto a hũa janela começou de dizer a grãdes brados. Esta fortaleza he del Rey nosso senhor, ⁊ dõ Jorge de meneses ho capitão dela em q̃ pes a dom Garcia anrriquez. ao q̃ logo acodio dom Garcia, ⁊ os q̃ estauão coele ⁊ por escadas sobirã ás janelas da torre ⁊ entrando dẽtro tomarão Aluaro do cais com q̃ derão dũa janela abaixo bẽ espancado ⁊ arrepelado / ⁊ a outro que quisera repicar ho sino fizerão saltar do muro abaixo. E ainda isto não era quasi feyto quando chegou Simão de vera alcayde mór, ⁊ os outros amigos de dom Jorge que

forão ao banquete, & sabendo q̃ esta na prisão determinarão de ho soltar & todos juntos se forão á porta da fortaleza pera a quebrar: & outros da parte de dom Garcia acodirão pera lho defender, & João escriuão patrão da ribeira, & Thome fernãdez piloto subirão ao muro polas lanças, & assi outros algũs/ & disserão a dom Garcia que acodisse ao q̃ queria fazer Simão de vera & os outros, & começouse hũa grãde reuolta porque acodio el rey de Bachão com muyta gente: & posto que mostraua que era pera apacificar a verdade, era pera fauorecer dõ Garcia, que com hũa lãça nas mãos, & hũa adarga no braço reqreo a Simão de vera & aos que estauão coele que se fossem/ porq̃ aquele feyto não se auia de liurar por força darmas como eles querião, pois todos erão hũs & vassalos del Rey de Portugal/ cujo seruiço não era auentura rẽse tantos homẽs por hũ só, & que sem tanto dãno como eles querião fazer se apacificaria aquilo. E tambẽ outros que estauão de fora que não erão por dom Jorge nẽ por dõ Garcia ajudarão a pacificar de modo que Simão de vera & os que estauão coele se forão pera suas casas & dom Garcia ficou por capitão da fortaleza/ & assi esteue hũs dias.

¶ Capit. lxj. Do q̃ fizerão os amigos de dõ Jorge despois de sua prisam.

Desta prisam de dõ Jorge correo logo a noua pola terra/ de que a gente se espantou muyto. E sabida por Cachil daroes em Maquiẽ, esses amigos de dom Jorge q̃ estauão coele ho fizerão logo partir pera Ternate pera ho socorrerẽ & ajudarem. E chegados a Ternate Cachil daroes foy logo ver dom Garcia, de que estaua muyto cõtẽte por prender dõ Jorge a quẽ tinha odio & desejaua de ho ver fora de capitão. E Simão de vera tãto que esta armada chegou/ ajuntou logo os amigos de dõ Jorge que yão nela, & erão por todos corenta homẽs/ & fizerão todos cabeça de Simão de vera, a que derão sua fé de fazer em todo ho possiuel por soltarem dom Jorge, & quando não podessem irse pa os Castelhanos: & fauoreciaos hũ irmão del rey q̃ auia nome Cachil viaco grande amigo de dõ Jorge & immigo de Cachil daroes por entender suas tiranias. E praticando sobre o que auião de fazer, determinarão de impedir hũa deuassa q̃ dom Garcia mandaua tirar de dõ Jorge: porque a fora lhe assacarem grãdes males tirauão por testemunhas seus imigos, & q̃ forão em sua prisam. E Simão de vera fez sobrisso hũ requerimento a dom Garcia, protestando não ser valiosa tal deuassa: porem dom Garcia não deixou de a tirar. E porque Simão de vera insistia que não se tirasse, aluoraçarãose os da parte de dom Garcia pera ho matar / & assi ho dizião pubricamente & andauão em magotes armados darmas defensiuas & offẽsiuas, & como erão muyto mais que os de dom Jorge & tinhão por sua parte el rey d' Bachão & Cachil daroes ãdauão afouto co

mo senhores do campo. O q̃ vendo Simão de vera e seus companhei-ros não se teuerão por seguros em Ternate/ e disserão a Cachil viaco que se querião ir pera a terra alta onde estarião seguros, e dali requererião sua justiça/ e quãdo lha não quisessem fazer se irião pera os Castelhanos: o que pareceo bem a Cachil viaco, e foyse coeles pera os fazer apousentar / porque se temeo que ho gouernador daquela terra os não quisesse receber/ e partirão hũa noyte secretamente. E chegados a terra alta não os quisera ho gouernador receber por não leuarẽ licẽça d̃ Cachil daroes: e Cachil viaco lhe disse/ q̃ onde ele estaua nã era necessaria licẽça de Cachil daroes, q̃ sintio muyto agasalharẽ Cachil viaco e os Portugueses sẽ sua licẽça, e a dõ Garcia tambem lhe pesou muyto de se irẽ pera lá / porq̃ logo lhe começarão de fazer seus requerimentos, e assi fizerão hũ a Pero botelho capitão do nauio em q̃ fora dom Jorge de Malaca pera Maluco/ em que lhe Simão de vera requeria que se ajuntasse coele pera soltarem ao seu capitão que estaua preso: ao que Pero botelho respondeo q̃ não conhecia outro capitão se não dom Garcia/ e que lhe não tornassem mais com tais requerimentos porque era tempo perdido, que ele não conhecia por capitão a dõ Jorge. E vendo Simão de vera quão pouco lhe aproueitauão seus requerimentos/ assentou com os outros que chamassem em sua ajuda el rey de Tidore e Fernão de la torre/ e q̃ se fossem pareles quando não acabassem com dom Garcia q̃ soltasse dom Jorge/ e mandarãlhes dizer tudo o q̃ passaua acerca da prisam de dõ Jorge/ pedindolhes que os ajudassem e emparassem como pessoas virtuosas e poderosas q̃ erão, e que mandassem requerer a dom Garcia que soltasse dom Jorge/ e quãdo não quisesse q̃ então se irião pareles/ porq̃ por nhũ modo auião de ficar com dom Garcia nem com outro capitão. E el rey de Tidore e Fernão de la torre posto q̃ tinhão guerra com os Portugueses vendo que aqueles não tinhão culpa/ e que erão desemparados / determinarão de os fauorecer e ajudar, e assi lho mandarão dizer / e logo fizerão hũ requerimento a dõ Garcia que soltasse dom Jorge protestãdo que carregassem sobrele todas as perdas e dãnos que daquela prisam recrecessẽ, assi a el Rey de Portugal como a quaesquer outras pessoas. E quando dõ Garcia vio aq̃le requerimento ficou muyto embaraçado, porque vio que se dõ Jorge teuesse de sua parte el rey de Tidore e os Castelhanos que lhe daria trabalho/ e que lhe farião guerra e receou muyto aquela carga. E com tudo respondeo ao requerimento/ dando as melhores rezões q̃ pode por onde prendeo dom Jorge: e despois disto rogou a Cachil daroes q̃ fosse a terra alta, e com algũa dissimulação soubesse de Simão de vera e dos que estauão coele se determinauão de se irẽ pera os Castelhanos porque isto receaua muyto / e os segurasse quãto podesse. O que Cachil daroes fez logo/ e chegado

a eles disselhes que não sabia porq se forão da fortaleza / porque dom Garcia não lhes tiraua officios, nẽ ordenados / nem soldos: antes desejaua delhos dar dobrados / ⁊ lhe pesaua muyto de se irẽ. Ao que Simão de vera respondeo que não querião nada de dõ Garcia sem soltar dom Jorge: ⁊ que soubesse certo q̃ se auião dir pera os Castelhanos / ⁊ ele daria conta dos males que sucedessem. E estando nestas praticas chegou hũa armada dos Castelhanos que mandaua Fernão dela torre ẽ fauor de Simão de vera / ⁊ dos outros: que por Cachil daroes ali estar fizerão que ya pera os leuar ⁊ fizerão mostra de se quererem embarcar. E quãdo ele vio tanta conerusam, pedio a Simão de vera que não fizesse nada de si ate não ir falar com dom Garcia / de q̃ sabia certo q̃ auia de soltar dõ Jorge antes de se partir pera Malaca / ⁊ q̃ ele lho faria fazer logo: ⁊ Simão de vera disse q̃ por amor dele esperaria, porem que se dom Garcia não soltaua dom Jorge que logo se auia dir.

¶ Capit. lxij. De como dõ Garcia soltou dõ Jorge de meneses.

Sabendo dom Garcia per Cachil daroes a determinação de Simão d̃ vera ⁊ de seus companheiros temeo muito sua ida pa os Castelhanos, porq̃ lhe auião logo de fazer guerra eles ⁊ el rey de Tidore / ⁊ el rey de Geilolo. E estando a fortaleza de guerra não se podia partir como queria / ⁊ deixala a Manuel falcão / porq̃ sucedendo algũ desastre seria sua a culpa / ⁊ por isso se mudou do proposito que tinha de leuar dõ Jorge preso ⁊ deixar por capitão a Manuel falcão, ⁊ quis antes soltar dõ Jorge ⁊ tornarlhe sua capitania / ⁊ assi ho mandou dizer a Simão de vera por Cachil daroes / ⁊ q̃ se fosse logo pera a fortaleza com os outros. E ele não quis / dizendo que não se auia dir se não despois de dõ Jorge solto. E dali por diante se entendeo em ho cõcertarẽ com dõ Garcia no q̃ se passarão algũs dias: ⁊ por derradeyro se assentou que dõ Garcia soltasse dõ Jorge ⁊ lhe deixasse sua capitania, ⁊ q̃ dom Jorge lhe auia de dar ho nauio de Pero botelho pera sua embarcação, ⁊ auia de deixar ir Pero botelho com quantos estauão no nauio / ⁊ auia de dar licẽça pera se irẽ com dõ Garcia todos os q̃ erão da sua parte sem lhes embargar suas fazendas nẽ fazer nhũ impidimẽto pera q̃ não se fossem / ⁊ assi se auião de romper todos os requerimentos q̃ erão feytos de parte a parte ⁊ deuassas q̃ erã tiradas / ⁊ q̃ isto auião de jurar dõ Jorge ⁊ dõ Garcia em solẽne juramento. E despois de dõ Garcia ido pera Talãgame cõ todos os q̃ auião dir coele, viria Simão d̃ vera ⁊ os outros ⁊ soltarião dõ Jorge: ⁊ assi foy feyto, ⁊ dom Garcia mandou diante seu fato / ⁊ dos que yão coele / ⁊ primeyro que se partisse da fortaleza mãdou ẽcrauar a artelharia da fortaleza porq̃ lhe nã tirassẽ coela: ⁊ ele ido ẽtrarão Simão de vera ⁊ seus

companheiros & soltarão dõ Jorje com muyto prazer/ mas dõ Jorge que ho não tinha antes estaua muyto sentido de dõ Garcia pola offensa que lhe fizera/ mandou logo ao ouuidor que fizesse autos de tudo o que lhe dom Garcia fizera & assi tirou estormẽtos de como no tempo que esteuera preso se apoderarão os Castelhanos da ilha de Maquiem por não auer quem lha defendesse/ no que el Rey de Portugal recebera muyta perda por auer nela muyto crauo/ & mandou logo fazer hũ requerimento a Pero botelho que se fosse pera a fortaleza porq̃ tinha muyta necessidade do seu nauio por amor da guerra dos Castelhanos, & sobristo tornou a auer outra reuolta que dom Garcia dizia que dõ Jorge lhe tinha dado aquele nauio pera sua embarcação: & ouue muytos requerimẽtos de parte a parte, & por fim de tudo se foy dõ Garcia no nauio & Pero botelho coele contra vontade de dom Jorge/ que mãdou fazer auto de sua desobediencia, auendo ho por aleuãtado, & assi quãtos yão com dom Garcia, & tirou estormentos de como lhes dera a licença por força/ & a necessidade em que ficaua de gente: & coestes autos & estormentos/ & com cartas pera ho capitão de Malaca, mandou logo a hũ Vicente da fonseca que partio pera Malaca apos dõ Garcia/ & assi mandaua tambẽ pedir socorro de gente.

¶ Capit. lxiij. De como os mouros de Lõgú matarão Aluaro d̃ brito & tomarão hũa galé.

NEste ãno de mil & .ccccc xxvij. estando Jorge cabral por capitão de Malaca, matarã os mouros da cidade d̃ Lõgú certos portugueses sem nhũa causa/ & Jorge cabral mandou lá a vingar estas mortes a hũ Aluaro de brito capitão de hũa galé em que leuaria setenta Portugueses que todos coele forão mortos pelos mouros de Lõgú/ & tomarão a gale. E auẽdo quinze dias que a noua deste dãno era em Malaca chegou hi de Sanda Martim correa/ a que Jorge cabral por hoter por bõ caualeyro deu a capitania mór de hũa armada que mãdou a Lõgú a vingar aquelas offensas/ & por não saber particularmẽte como Martim correa as vingou digo em soma que queymou Longú matando primeyro muytos mouros/ & tornãdo a tomar a gale que tomarão a Aluaro de brito se tornou a Malaca/ & por ele soube Jorge cabral como a sua partida d̃ Maluco ainda lá não era dom Jorge de meneses, & a necessidade grandissima de gente & de mantimentos em que ficaua dõ Garcia ãrriquez por amor da guerra q̃ tinha cõ os mouros & cõ os Castelhanos q̃ ficauão em Tidore. O que sabido por Jorge cabral fez logo prestes ho socorro cõ que partio na ẽtrada do Janeyro seguĩte hũ fidalgo chamado Gõçalo gomez dazeuedo q̃ foy por capitão mór de hũa armada de dous nauios de gauea, & hũ bargãti, & hũ jũgo em q̃ forão cẽ Portugueses & muytas munições, & dous mil cruzados de roupa.

¶ Capit.lxiiij. Do q̃ fez Lopo vaz de Iam Payo despois que foy julgado por gouernador.

Ho gouernador Lopo vaz de Iam Payo que ficou ẽ Cochi despois de partidas as naos da carrega pera Portugal, despachou dom João deça que fosse tomar posse da sua capitania da fortaleza de Cananor/ ꝛ por que tinha por certeza que auia muytos paraós de Malabares de Calicut por toda aquela costa q̃ fazião muyto mal aos amigos dos Portugueses/ rogou a dom João deça que aquele pedaço de verão q̃ auia ate ho inuerno goardasse aquela costa com hũa armada que lhe daria: do que ele foy contente por seruir el Rey, ꝛ ho gouernador lhe deu hũa galé em que andasse ꝛ dezaseys cartures ꝛ bargantis que ho acompanhassem/ a cujos capitães não soube os nomes. E partido dom João deça a goardar a costa do Malabar / entendeo ho gouernador em mandar fazer a fortaleza a çunda q̃ sabia q̃ não era feyta por Francisco de sá não poder mais: ꝛ por esta fortaleza importar muyto ao seruiço del Rey de Portugal / porque defenderia aos Castelhanos que não fossem lá se quisessem ir buscar pimenta desejaua ele de se fazer, ꝛ pera isso escolheo a Martim Afonso de melo jusarte que era seu parente ꝛ ho conhecia por esforçado: ꝛ quãdo o cometeo coeste cargo ele ho nã quis aceitar, dizendo que Francisco de sá auería por injuria querer outrem fazer o que ele não fizera/ ꝛ por isso não auia daceitar tal cargo. E ho gouernador lhe disse que as cousas do seruiço del Rey / nã auia ninguem dauer por injuria fazelas outrem se ele as não pode fazer/ ꝛ q̃ el Rey não era obrigado a goardar essas prehemínencias a ninguem, se não seruisse de quem fosse sua vontade pois todos erão seus vassalos/ ꝛ que ja se seruira de Francisco de sá ꝛ então se seruería dele. E com tudo Martim afonso não quis aceitar aquela capitania/ nẽ a aceitara se ho gouernador lhe não fizera sobrisso grandes requerimentos / ꝛ ainda então a actitou com dizer que faria o que lhe Francisco de sá mandasse se ho achasse em Malaca. Aceitada esta ida por Martim afonso, por ho gouernador ꝛ ele se temerem que sabendo a gente onde ya não auia de querer ir pelo q̃ lá acontecera a Frãcisco de sá/ deitarão fama que Martim afonso auia dir fazer presas aa costa de Canaçarim, ꝛ de caminho auia dinuernar em Paleacate, pelo que se ajuntarão quatrocentos homẽs que ho gouernador queria mãdar nesta armada que foy de noue velas grossas ꝛ de remo / de cujos capitães não soube os nomes saluo de tres, de Thome pirez capitão do nauio em que ya Martim afonso/ de Duarte mendez de vasconcelos capitão de hũa galeota de João coelho capitão dũ bargantim, ꝛ ho gouernador mandou a Martim afonso que fosse por Ceilão ꝛ socorresse a el rey a quem fazia guerra Patimarcar capitão mór dũa armada

del rey de Calicut: ⁊ Martim afonso ho fez assi. E chegado a Ceilão não achou Patemarcar / que sabẽdo que ele ya lhe ouue tamanho medo que fugio, ⁊ ficãdo el rey de Ceilão liure desta guerra, foyse Martim afonso a Calecare hũ grande lugar na costa cujo senhor tinha a pescaria do aljofar como contey atras, ⁊ porque se temia dos mouros de Calicut fez paz com Martim afonso com condição que pagasse ho tributo que seu antecessor pagaua / ⁊ que ho gouernador da India lhe mandasse dar goarda quando fosse a pescaria / ⁊ daqui se foy a Paleacate onde auia dinuernar.

¶ Capit. lxv. De como dom João deça desbaratou ⁊ prendeo Chinacutiale.

Dom João deça capitão de Cananor que andaua goardãdo a costa com a armada que disse, andou por ela todo aquele pedaço de verão / em que fez muyto dãno aos mouros de Calicut que yão pera Cambaya com pimenta / ⁊ em diuersos dias tomou corenta ⁊ oyto velas antre zambucos ⁊ paraós ⁊ os mais deles pelejando em que matou muytos mouros: ⁊ não contẽte coeste dãno que lhes fazia sayo hũ dia em Mangalor onde sabia q̃ estauão certos paraós de Calicut que lhe fugirão ⁊ queimou ho lugar: ⁊ porque ho nã pude saber particularmente ho digo assi ensoma, ⁊ tambem hũa batalha que ouue no cabo do verão com Chinacutiale hũ valẽte mouro ⁊ muy sabedor da guerra que era capitão mór de sessẽta paraós del rey de Calicut / ⁊ cuydando de tomar dom João sayo a pelejar coele / ⁊ com quanto leuaua tamanha armada ⁊ gente muy grossa a respeito dos Portugueses foy desbaratado ⁊ morta ⁊ ferida muyta de sua gente / ⁊ ele foy ferido de duas cutiladas pelo rosto, ⁊ de duas espingardadas per hũa perna / ⁊ assi se deitou ao mar cuydando descapar por ho seu paraó ser entrado pelos Portugueses / ⁊ assi foy tomado. E auida esta vitoria que foy muyto grãde por ser ja ho cabo do verão se recolheo dom João a Cananor / ⁊ mandou parte da armada pera Cochim / ⁊ ho gouernador lhe fez merce de Chinacutiale que eu vi em seu poder / ⁊ por quem ouue grande resgate.

¶ Capit. lxvj. De como Pero de faria partio pera Malaca / ⁊ Simão de sousa galuão pera Maluco.

Estando ainda ho gouernador em Cochim por lhe parecer assi seruiço del Rey rogou a Pero de faria que fosse seruir a capitania de Malaca pois era sua: do que se ele quisera escusar por Malaca ser muyto doẽtia / ⁊ assi ho disse ao gouernador / dizẽdo que antes queria ficar em Goa pois tambem era sua, que era muyto sadia, ⁊ por derradeyro cõsentio em ir a Malaca por comprazer ao

gouernador que desejaua de tirar
de lá Jorge cabral q̃ estaua da mão
de Pero mazcarenhas. E querẽdo
tambem ho gouernador prouer a
capitania de Maluco ⁊ tirala a dõ
Jorge de meneses deuha a hũ fidal-
go chamado Simão de sousa gal-
uão de q̃ faley atras/ ⁊ isto por ser
pessoa de grãde confiança ⁊ em que
tinha muyto credito, ⁊ a capitania
mór do mar ⁊ alcaydaria mór da
fortaleza deu a outro fidalgo cha-
mado dom Antonio de crasto/ ⁊ a
feytoria a outro fidalgo chamado
Antonio caldeira/ ⁊ a capitania de
hũa galé em q̃ Simão de sousa auia
dir a Jorge dabreu que fora ao pres
te cõ dõ Rodrigo de lima, ⁊ deulhe
setenta homẽs, ⁊ em Malaca lhe a-
uia Pero de faria de dar trinta pe-
ra fazerem cento/ ⁊ despois parti-
rão ele ⁊ Pero de faria pera Mala
ca em Abril de mil ⁊ quinhentos ⁊
vintoyto, ⁊ primeyro se partio ho
gouernador pera Goa õde auia din
uernar/ ⁊ dahi mãdou por capitão
da fortaleza Dormuz hũ fidalgo
chamado Christouão de mendoça
que a tinha por el Rey dom João
de Portugal, ⁊ mandou coele Raix
xarafo que era liure por sentẽça do
licenceado João de soiro ouuidor
geral, ⁊ que fosse seruir ho seu goa-
zilado Dormuz. E chegado Cristo
uão de mendoça a Ormuz foy en-
tregue da capitania por Diogo de
melo que era capitão.

¶ Capit. lxvij. Das presas que Antonio de miranda capitão mór do mar fez no estreito/ ⁊ do mais que sucedeo.

Partido de Goa An
tonio de miranda
dazeuedo capitão
mór do mar seguio
sua rota pera ho ca
bo de Goardafum
õde chegou despois de passada hũa
grande tormenta, ⁊ ali repartio sua
armada em tres escoadrões aparta
dos hũs dos outros, porq̃ as naos
dos mouros que passassem não lhe
podessem escapar/ ⁊ andando espe-
randoas apartouse Anrrique de
macedo com tẽpo da conserua Dan
tonio de miranda: ⁊ andando apar-
tado alamar/ hũ dia pola manhaã
topou com hũ galeão grande de ru
mes feyto como os nossos/ ⁊ como
os rumes erão muytos ⁊ yão bem
apercebidos de guerra sayrão ao
encontro dos Portugueses tiran-
dolhe muytas bombardadas/ ⁊ a-
perceberão muytos armados de
sayas de malha ⁊ corceletes, ⁊ era
fermosa gente ⁊ muyta. E cõ tudo
Anrrique de macedo os não duui-
dou ⁊ abalrroou coeles/ ⁊ começa-
rão hũs ⁊ outros de pelejar braua
mẽte sobre entrarẽ hũs os outros,
⁊ sendo ho vẽto calma que ficou de
lufadas arremessarão os immigos
hũa lãça de fogo ao galeão Portu-
gues/ ⁊ pegoulhe no artimão que
ardeo donde com hũa lufada de vẽ-
to se sacodio, ⁊ tornou a caír no dos
imigos ainda acesa ⁊ pegoulhe ho
fogo/ ⁊ por amor do fogo que se pe
gou nos galeões cessou a peleja/ ⁊
acodirão hũs ⁊ outros ao apagar/
⁊ os Portugueses cortarão logo a
abalrroa: ⁊ desapegados dos imi-
gos apagarão ho fogo ⁊ liuraranse

delr/o que os immigos não poderão fazer ao seu ꝛ ardeo todo com muytos deles, ꝛ algũs poucos se lãçarão ao mar que forão mortos ꝛ catiuos cõ ajuda doutros Portugueses de dous galeões da frota q̃ ali forão ter. E por ser acabada a a moução das presas forãse todos estes tres capitães a Caxẽ hũa vila de mouros na costa Darabia, õde p mãdado Dantonio de mirãda se auião dajũtar despois de feytas as p̃sas, ꝛ hi ho acharão cõ vĩte velas de mouros que tomarão ele ꝛ os outros/ ꝛ erão oyto naos grossas ꝛ doze terradas, ꝛ marruazes q̃ sam mais pequenos que naos: ꝛ por ele ser certificado que ainda auião de passar certas naos de mouros pera ho estreito tornouse a esperalas deixando em Caxem Ruy pereyra que era quadrilheiro mór pera vender parte da fazẽda que se tomara aos mouros, ꝛ porem as naos não passarão ꝛ vendo q̃ não passauão foyse a Adem que estaua de paz cõ Portugal, onde achou Ruy pereyra q̃ tinha recado dos regedores da cidade que elrey não estaua nela/ ꝛ q̃ os rumes fizerão hi algũ dãno. E despois da morte de çoleimão raix se forão a Camarão esses que escaparão. E sobresta noua teue Antonio de mirãda conselho se iria a Camarão pelejar com os rumes: ꝛ foy acordado que não porq̃ era passada a moução/ mas que mãdasse lá hũ catur a saber nouas deles q̃ por ser pequeno poderia passar/ ꝛ foy nele ho piloto mór, ꝛ por lhe ho vẽto ser contrairo não pode surdir auante ꝛ tornouse, ꝛ no caminho tomou dous marruazes/ ꝛ dos mouros soube que os rumes que estauão em Camarão serião tres mil ꝛ quinhẽtos homẽs. E esta noua deu a Antonio de miranda: que Dadẽ se foy a Zeila p̃a dar nela, ꝛ achouha despejada ꝛ queimou ha, ꝛ dali se foy a Mazcate: ꝛ deixando hi a frota/ ꝛ por capitão mór dela Antonio da silua foy inuernar a Ormuz.

¶ Capit.lxviij. De como forão catiuos de mouros Diogo de mezquita ꝛ outros.

Inuernando Antonio de miranda dazeuedo em Ormuz vẽdeose a fazẽda das naos que tomou em que se fizerão sessenta mil cruzados: ꝛ a vinte dous Dagosto se partio pera a ponta de Diu onde auia de fazer outras presas. E chegado la achou ainda ho mar tão grosso que ho comia/ ꝛ por isto arribou a Chaul fazendo sinal aa frota que arribasse/ ꝛ todos arribarão saluo Antonio da silua ꝛ Anrriq̃ de macedo que poderão sofrer ho pairo: ꝛ arribando Antonio de miranda sobreueolhe hũ temporal de vento por dauante com que Lopo de mezquita capitão do çamorim peq̃no arribou pera Diu. E andando ainda os mares feytos desta toruoada topouse com hũa nao de mouros de Diu que serião duzẽtos/ todos bem armados, ꝛ os Portugueses serião ate trinta/ ꝛ arribarão sobre a nao com quanto ho tempo era forte ꝛ ho mar andaua grosso, ꝛ abalroarãna/ ꝛ em a ferrãdo saltou Lo

po de mezquita nela com boa parte dos seus & começarão de pelejar cõ os immigos com muyto esforço, & neste conflito desfaziãse a nao & ho galeão polas grandes pancadas q̃ se dauão com a grandissima marulhada que fazia & ambos estauão abertos & fazião muyta agoa/ & ouuerãse de perder se não quebrara a abarroa, & cada hũ foy pera seu cabo ficando Lopo de mezquita com os que digo na nao: & não podendo os do galeão tornar a tomar a nao com a fortidão do tẽpo arribarão por esse mar por se não perderem. E Lopo de mezquita & os outros que ficauão na nao vendo que sua saluação despois de nosso senhor era ho bõ pelejar/ pelejarão tão esforçada mente que matarão a mayor parte dos mouros, & os outros se derão de muyto feridos/ & postos em recado acodirão os Portugueses á nao que se ya ao fũdo com a muyta agoa que fazia: o que vẽdo Lopo de mezquita apanhou todo ho dinheiro que achou nela/ & mandou a Diogo de mezquita seu irmão que se metesse no batel / & assi deza seys outros, porque não podendo a nao escapar se saluasse com ho dinheiro/ & porem não deixou de trabalhar por esgotar a nao. E vendo os que estauão no batel com Diogo de mezquita que não se podia vencer a agoa q̃ a nao fazia/ nem com as bombas, nem com baldes/ desesperarão de se poder saluar, & porque se os que estauão nela se quisessem acolher ao batel se alagaria por ser pequeno, acolherãse antes que isto acontecesse sẽ Diogo de mezquita lhes poder resistir antes ho leuarão por força. E indo caminho de Chaul toparão com a armada de Diu & forão catiuos/ & leuados a Diu: donde os leuarão a el rey de Cãbaya q̃ folgou muyto coeles por os ter por muyto esforçados & sabedores na guerra/ principalmente a Diogo de mezquita, a que cometeo que se tornasse mouro/ offrecendolhe por isso grãdes honrras & merces: & não querẽdo ser mouro ho atentou cõ grãdes tormentos ate ho meter na boca de hũa bombarda ceuada pera desparem coele. E ele como fiel Christão & verdadeyro amigo de nosso senhor/ sofreo tudo com costancia grandissima/ dizendo sempre q̃ lhe fizessem quanto quisessem/ que não auia de deixar a ley de Deos verdadeyro pola seyta de Mafamede que era mentira. E vendo os outros catiuos seu esforço tambem não quiserão ser mouros. E el rey de Cambaya espantado da costãcia de Diogo de mizquita ho mãdou prẽder/ & a ele & aos outros mãdou dar cruel catiueiro. E Lopo de mezquita q̃ ficou na nao/ pos tanta diligencia com ajuda de nosso senhor que venceo a agoa, & escapãdo a nao foy ter a Chaul õde achou Antonio de miranda/ & do dinheiro que se fez da fazenda desta nao forão pagas as partes que se deuião aos da armada/ & os sessenta mil cruzados ficarão forros pera el Rey

Capit. lxix. De como Halixá capitão da armada de Diu pelejou cõ Anrrique de macedo, & de como foy morto Antonio da silua.

Anrrique de macedo que ficou á põta de Diu passada a tormenta com q̃ os outros arribarão acalmou ho vento: e estando em calmaria derão co ele as fustas de Diu que erão trinta e tres/ e ãdaua por seu capitão mór hũ valente mouro chamado Halixá/ que vẽdo ho galeão daquela maneyra cercou ho em redondo, e mãdoulhe dar bateria, e os Portugueses começarão tambem de jugar com sua artelharia/ e começouse hũ brauo jogo prĩcipalmente da parte dos mouros que tirauão todos ao lume dagoa por as fustas serem rasteiras/ e fizerãlhes tantos rombos que não aproueitauão bombas nẽ baldes pera vedar a multidão dagoa q̃ entraua/ e foy necessario atupirẽse os buracos cõ colchões e colchas/ e andauão os nossos tão cansados que quasi não auia quem podesse trabalhar / e se os nosso senhor não socorrera não poderão escapar, porque ainda que neste tempo sobreueo vento ho galeão não podia bẽ nauegar por ter quebrados os mastos e as vergas espedaçadas/ e as velas rotas. E nisto chegou Antonio da silua capitão do galeão reys magos q̃ vinha ao tõ do estrõdo das bõbardadas/ e chegando a tiro de berço do çamorim mandou dar fogo a sua artelheria/ e mais auante começarão as trombetas de tanger / dizendo. Alegraiuos, alegraiuos que aqui sam os tres reys magos. E ouuindo os mouros as trõbetas, cuydarão q̃ era o capitão mór q̃ sabião q̃ chegara á ponta de Diu, mas não que se fora, e cuydando que vinha com toda sua armada / fugirão todos com medo e deixarão Halixá só, que tambem fugio por derradeiro. E sospeitando Antonio da silua a causa da fugida dos immigos/ seguios ás bombardadas, e Halixá lhe teue hũ pouco ho rosto tambem ás bombardadas, e nisto deu nele hũ pelouro de bombarda perdido e matouho, cõ que os seus ficarão tão desacoroçoados q̃ nã quiserão mais seguir os imigos, e tornarãse pera onde ficaua Anrrique de macedo: e Halixá vendo os assi tornar cuydou que era manha pera ho colherẽ, e por isso não quis ir apos eles, mas foyse fugindo, que se os seguira, nem eles nem os do çamorim escaparão. E chegados a Anrriq̃ de macedo forãse todos a Chaul, e dahi pera Goa com ho capitão mór que chegou la na fim de Setẽbro/ e deu conta do passado ao gouernador.

¶ Capit. lxx. De como Christouão de mẽdoça capitão Dormuz mãdou por terra Antonio tenreyro a Portugal cõ recado a el Rey.

Este tempo desejãdo Christouão de mendoça capitão Dormuz de mãdar a el Rey de Portugal certeza d̃ como os rumes não passauão aa Indía, e auisos de muytas cousas que comprião a seu seruiço, assi em Ormuz como na India escolheo pera leuar por terra este recado a hũ Antonio

tenrreyro natural de Coimbra q̃ estaua em Ormuz/ ⁊ fora com Baltesar pessoa ao Xeque ismael/ donde indo caminho de Jerusalem foy preso por turcos cuydando que fosse espia. E leuado ao Cayro foy solto/ ⁊ querendose dali tornar a Portugal se foy a Chipre/ donde por hũ acontecimento mudou seu caminho ⁊ tornouse aa India/ ⁊ de Chiprea traueſſou ho deserto ⁊ foy ter a Baçora ⁊ dahi a Ormuz: ⁊ porq̃ tinha experiencia deste caminho, ⁊ sabia a lingoa Persiana/ ⁊ por ser homem desprito ⁊ esforçado ho escolheo pera fazer este caminho/ ⁊ mais por não achar outrem/ porque por ho perigo do caminho ho receauão todos/ ⁊ dizendolhe Christouão de mendoça quanto esta ida importaua ao seruiço del Rey d̃ Portugal. Ele polo seruir a aceitou de boa võtade, ⁊ dãdolhe Christouão de mẽdoça muyto pouca ajuda pera sua despesa/ ⁊ algũas cartas de credito pera onde lhe fossem necessarias se partio Dormuz pera a cidade de Baçora a vinte de Setembro do anno de mil ⁊ quinhẽtos ⁊ vintoyto, ⁊ foy por mar ate esta cidade, que he em Arabia no cabo do sino persico trinta ⁊ tantas legoas pelo rio eufrates acima/ ⁊ pos neste caminho corenta dias por os vẽtos q̃ achou contrairos: ⁊ nesta cidade se deteue vinte dias em se despachar porque a cafila que ya pera Damasco onde ele esperaua dir era partida, ⁊ ho Xeque da cidade não lhe queria dar guia pera atrauessar ho deserto que ya de Baçora ate Alepo/ dizendo que não achaua quem se arriscasse a tamanho perigo como era irẽ duas pessoas no mais. porq̃ as alimarias os comerião: ⁊ mais que nunca ouue pessoa q̃ passasse ho deserto sem ir em cafila/ ⁊ parecia que ho Xeque d̃ ho dar por morto se fosse no mais que com a guia/ auia dó dele ⁊ não lhe queria dar auiamẽto pera se ir. E com tudo nunca Antonio tenrreyro desistio de ir. E vendo ho Xeque sua perfia/ muyto espãtado de seu esforço, ⁊ louuandolho muyto: lhe deu hũ piloto q̃ ho guiasse/ porque naquele caminho regẽse polos ventos como no mar por não auer hi estradas nẽ pouoados saluo deus castelos dalarues. E Antonio tenrreyro ⁊ ho piloto se partirão na entrada de Nouembro ás duas horas despois de mea noyte/ porque não fossem vistos/ ⁊ ya cada hũ em seu dormedario que andão de vinte cinco legoas ate trinta antre dia ⁊ noyte/ ⁊ não comẽ mais de hũa q̃rta de farinha hũa vez no dia ⁊ bebẽ de quinze em quinze dias/ ⁊ nestes leuauão seu mãtimẽto de tamaras, biscouto/ farinhas/ manteiga/ Uaca cozida ⁊ agoa. E partidos d̃ Baçora tirarão por seu caminho a diãte por aquele espantoso deserto por õde nã auião mais q̃ alimarias brauas. s. vssos, tigres, liões ⁊ lobos: ⁊ afastauãse quãto podião donde podia auer alarues (q̃ andão por aq̃le deserto em aduares) porque os não roubassem q̃ sam grandes ladrões. ⁊ assi caminharão vinte dous dias sem nunca receberẽ afronta daq̃las alimarias saluo duas vezes que os quiserão cometer dous liões a que escaparão polo grande andar dos

dormedarios: τ outra vez ð madrugada correndo a redea solta. E tão amedrontados forão os dormedarios que correrão duas legoas, τ desta corrida se estrepou ho dormedario Dantonio tenrreyro em hũa mão/ τ ficou tão manco q̃ lhes foy forçado deterẽse seys dias/ no que passarão muyto grande trabalho/ τ tambẽ em não acharem em todo este tempo agoa mais q̃ quatro ou cinco vezes em que padecerão grãde sede, τ ainda esta q̃ achauão era amargoz. E tornando ao caminho despois do dormedario ser são/ no cabo destes vinte dous dias chegarão a hũa pequena vila castelada τ cercada de muro de taipas grossas pouoada dalarues mouros, por nacer ali hũa grande fonte que lhe regaua suas sementeiras/ τ auia palmeyras ð tamaras, τ aqui se meteo Antonio tenrreyro em hũa cafila que estaua de caminho pera a cidade Dalepo no cabo deste deserto: τ ho seu piloto se tornou pera Baçora: τ neste mesmo dia foy dormir a cafila a outra fortaleza, τ dali a corenta legoas sairão do deserto τ entrarão na comarca da cidade Dalepo cercada de muro τ pouoada de mouros do senhorio do turco/ τ aqui se tirou Antonio tẽrreyro da cafila q̃ auia de passar ate a cidade de Damasco: τ ltirado se foy a casa dũ Veneziano mercador ð muyto grosso τ rico trato que ali fazia sua abitação, τ em que a gente da terra tinha grande credito/ τ chamauasse Micer andre/ a quẽ leuaua cartas de Christouão de mẽdoça pera lhe dar auiamento pera seu caminho τ não ho achou que era em Costãtinopla a chamado do turco/ τ por ser inuerno τ auer muyto grandes neues que ninguem caminhaua esperou aqui Antonio tenrreyro cincoenta dias τ no cabo se meteo em hũa cafila que ya pera a cidade de Tripoli de suria tudo senhorio do Turco/ τ daqui se embarcou τ foy ter aa ilha de Chipre/ τ despois de passar assaz de trabalho em muyto grandes tormentas em que se vio/ foy ter a Italia, dõde tomou seu caminho por terra pera Portugal õde chegou a saluamento/ τ deu a el Rey as cartas q̃ leuaua, τ foy muy grande espãto sua ida por ser ho primeyro Portugues que fez aquele caminho por terra/ τ ho primeyro homem que ho fez só cõ hũ piloto, τ que mostrou a el Rey que por terra lhe podia ir recado da India ẽ tres meses ou menos, porque não gastou ele mais no tẽpo em que caminhou / bem que fez mais detença polos impedimentos que lhe socederão.

¶ Capit. lxxi. Do que passou Gonçalo gomez dazeuedo com dom Garcia anrriq̃z na ilha de Bãda.

Atras fica dito como Jorge cabral mãdou socorer Maluco por Gõçalo gomez dazeuedo q̃ partio de Malaca na entrada de Janeyro do anno de mil τ quinhentos τ vintoyto/ τ chegou a Banda onde achou dõ Garcia anrriquez q̃ auia pouco que chegara de Maluco/ τ tinha feyta hũa tranqueyra onde

pousaua, ⁊ Gonçalo gomez tambẽ mandou fazer outra / ⁊ nisto chegou Vicente dafonseca com as cartas de dom Jorge de meneses ⁊ autos que mandara fazer de dõ Garcia / ⁊ contou a Gonçalo gomez tudo o que dom Garcia fizera a dom Jorge, requerendolhe secretamẽte que ho prendesse ⁊ a quantos yão coele ⁊ que lhe tomasse ho nauio / ⁊ quanto aa prisam de dom Garcia ⁊ dos outros respondeo Gõçalo gomez que ho não podia fazer, mas q̃ lhe tomaria ho nauio quando fosse tẽpo. E vendo Vicente dafonseca isto quisera mãdar a Malaca as cartas ⁊ papeis que leuaua de dom Jorge per algũs Portugueses que auião dir pera laa, ⁊ como sabião q̃ era contra dom Garcia, que tambẽ auia dir não ouue ninguem que os quisesse leuar / pelo que os não mãdou ⁊ tornou a dõ Jorge como direy a diante. E vendo dom Garcia Vicente dafonseca, que sabia q̃ era grande seruidor ⁊ amigo de dom Jorge logo sospeitou a que auia de ser sua vinda, ⁊ por isso se começou de recear que Gonçalo gomez ho prendesse, ⁊ mais porque tanto que Vicente dafonseca chegou, Manuel falcão que pousaua com dom Garcia tendo a mesma sospeita de Vicente dafonseca que ele tinha / se passou logo pera a tranqueira de Gonçalo gomez / parecẽdolhe que fazia a vontade a dom Jorge / por que esperaua de tornar pera Maluco com Gonçalo gomez a q̃ contou o que dom Garcia fizera a dõ Jorge / conselhandolhe que ho prendesse por isso / ⁊ que lhe tomasse ho nauio em q̃ ya, ⁊ Gonçalo gomez dissimulaua, ⁊ Manuel falcão começou de deitar fama que Gõçalo gomez auia de prender dõ Garcia pelo que fizera a dom Jorge, ⁊ algũs seus amigos o começarão dauisar disso / ⁊ q̃ lhe auia de tomar ho nauio em que ya por isso que posesse cobro nele: o que não quis fazer por quelhe parecia impossiuel tomarẽlho por leuar crauo pera el Rey / ⁊ da prisam nã se temia porque sabia a verdode por espias que trazia cõ Gonçalo gomez, que tinha assentado consigo de lhe tomar ho nauio quãdo se ouuesse de partir ⁊ não ho disse a ninguem por não ser descuberto: ⁊ quãdo se ouue de partir pera Maluco se foy por terra espedir de dom Garcia que sayo coele ate a praya õde se embarcou nos bateis, ⁊ alargado de terra se foy dereyto ao nauio em que dom Garcia ya q̃ auia nome cayado, ⁊ então ho deu dom Garcia por tomado ⁊ creo o q̃ lhe tinhão dito. E entrado Gõçalo gomez no nauio tomou ho pera leuar a Maluco, ⁊ sabendo que dõ Garcia tinha as velas na trãqueira mãdoulhas pedir, desculpãdose de tomar ho nauio, porque ho fazia a requerimento de dõ Jorge de meneses capitão de Maluco de cuja jurdição era aquela terra, ⁊ por dõ Garcia as nã querer dar lhe tomou ho seu jungo em que leuaua mais de quatorze mil cruzados, pelo que dõ Garcia mandou logo as velas ⁊ hũ recado a Gonçalo gomez per Manuel lobo / estranhandolhe o q̃ lhe fazia / ⁊ por ele mandou hũa carta de crença ao mestre ⁊ condestabre

do nauio/ ⁊ a outros em que confia
ua que fizessem o que lhe Manuel
lobo dissesse, que foy que quando se
partissem fizessem de modo que des
sem á vela derradeyro de todos pe-
ra ficarem na traseira/ ⁊ ainda en-
tão fizessem que se embaraçauão/
porque entre tanto iria dõ Garcia
com gente ⁊ tomaria ho nauio, por
que Gonçalo gomez por lhe ho vẽ-
to ventar a popa não lhe auia de po
der acodir, ⁊ assi ho tomaria. E eles
disserão que ho farião: ⁊ ido Ma-
nuel lobo deu Gonçalo gomez a ca-
pitania do nauio a Ruy figueira ca
pitão doutro nauio, cuja capitania
deu a Manuel falcão. Isto feyto foi
se ao seu nauio ⁊ fezse á vela, ⁊ os ou
tros capitães coele saluo Ruy fi-
gueira/ cujo mestre por comprir o q̃
prometera a dom Garcia fez que se
embaraçaua ao dar da vela/ pelo q̃
todos os outros ja nauegauão quã
do ele deu á sua/ ⁊ ainda fez tomar
ho nauio por dauante/ que era ho
sinal a que dõ Garcia auia dacodir,
que acodio logo em paraós cõ muy
ta gente. E Ruy figueira que entẽ-
deo a ruindade capeou a Gonçalo
gomez que estaua vendo ho embara
ço do nauio: ⁊ vendo Gonçalo go-
mez a gente que ya de terra pera ho
nauio ⁊ ho capear de Ruy figueira,
entendeo logo o que era, ⁊ mandou
tirar ás bombardadas a dom Gar
cia/ o que fez tambem Manuel fal-
cão: ⁊ como Manuel lobo ya na diã
teira matoulhe hũa bombardada
dous remeiros, ⁊ a ele quebroulhe
hũa perna: o que vendo dõ Garcia
desesperou dauer o nauio ⁊ tornou
se, ⁊ Ruy figueira seguio sua via a
pos Gonçalo gomez que partio na
fim dabril.

¶ Capit. lxxij. De como Aluaro de saya vedra tomou hũa galeota aos Portugueses ⁊ catiuou muytos dos que yão nela.

EM quanto isto passa
ua estaua dom Jorge
em grãde aperto, por
que sabendo Fernão
de la torre ⁊ os reys
de Tidore ⁊ de Geilolo quão escor-
chado dom Garcia ho deixara assi
de gẽte como de munições de guer-
ra/ determinarão de lha fazer mais
apertada que dantes/ principalmẽ
te el rey de Geilolo que trabalhaua
quanto podia por ganhar todo ho
Morro/ que desejaua muyto de ser
senhor dele, ⁊ por lhe os Castelha-
nos prometerem de lho fazer em a-
uer foy ele da sua parte ⁊ os ajuda-
ua: ⁊ como trazia ali sempre grossa
armada pera esta conquista tolhia
leuarẽse mantimentos a Ternate/
tomãdo os nauios que os leuauão,
o que era causa de auer grãde fome
na fortaleza. E estando a cousa nes-
te estado, chegou a Tidore hũ na-
uio de Castelhanos, ⁊ por capitão
hũ Aluaro de saya vedra que par-
tira da noua espanha por mandado
do gouernador dela por capitão
mór de tres nauios ẽ socorro dos
Castelhanos que estauão em Tido
re ⁊ dous desaparecerão no cami-
nho/ que segundo se despois soube
se perderão: ⁊ Aluaro d̃ saya vedra
não pos mais na viagem de tres me
ses por amor das grãdes corrẽtes

que ho mar faz da noua espanha pera as ilhas de Maluco/ ꝛ polos vẽtos que sam sempre a popa. E estes nauios mandou ho gouernador da noua espanha por grandes conjeituras que auia que dali se podia nauegar pera as ilhas de Maluco. E quando os Castelhanos virão Aluaro de saya vedra, ꝛ souberão dom de ya/ ꝛ a breue viagem que fizera ficarão muyto ledos ꝛ esforçados contra os Portugueses, esperãdo que da noua espanha lhe iria sempre socorro/ a que os Portugueses nã podessem resistir ꝛ lhes tomarião a fortaleza/ ꝛ os mouros seus amigos tambem tinhão grande contẽtamento coesta noua: ꝛ determinarão logo el rey de Tidore ꝛ el rey de Geilolo de irẽ tomar a ilha đ Moutel cujos Sangajes erão da obediẽcia del rey đ Ternate/ ꝛ muyto amigos dos Portugueses. E sabendo os Sangajes este apercebimẽto ho mandarão logo dizer a Cachil daroes ꝛ a dom Jorge pedindo a ambos que os socorressem: ꝛ Cachil daroes apercebeo sua armada em q̃ se embarcou: ꝛ dom Jorge mandou Fernão baldaya na galeota noua q̃ fizera ꝛ deulhe trinta ꝛ tãtos Portugueses que fossem coele/ ꝛ mandoulhe que andasse da ilha de Moutel pera a de Maquiẽ, ꝛ que fizesse a mais crua guerra que podesse aos immigos. E sabendo Fernão de la torre este socorro que ya aos Sangajes de Moutel/ mãdou logo Aluaro đ saya vedra por capitão doutra galeota que fizera noua, ꝛ deulhe corẽta Castelhanos. E partido pa Moutel topouse cõ Fernão baldaya a q̃tro đ Mayo. E como erão ambos valẽtes caualeyros em se vẽdo fizerão remar hũ cõtra o outro desparãdo essa artelharia q̃ leuauã ꝛ de aparelhãdo as galeotas com as bõbardadas se aferrarão, ꝛ pelejarão hũ bõ pedaço mui brauamẽte sem se poderẽ entrar: ꝛ neste tẽpo foy morto Fernão baldaya cõ outros oyto. E como os Portugueses ficarão sem capitão/ ꝛ por estarẽ muytos feridos não se poderão mais defender com ho esforço primeyro, pelo q̃ os Castelhanos os entrarão ꝛ os fizerão rẽder, ꝛ os catiuarão, ꝛ lhes tomarão a galeota/ morrẽdo porẽ cinco deles ꝛ feridos os mais. E tomada a galeota/ Aluaro de saya vedra a leuou a Fernã de la torre q̃ estaua na cidade de Tidore, ꝛ entrou cõ grãde festa / ꝛ foy recebido cõ outra mayor ꝛ os Castelhanos ꝛ mouros ficarão tão soberbos coesta vitoria q̃ se đrão por senhores da fortaleza, õde foy grãde tristeza pola tomada da galeota ꝛ catiueiro dos Portugueses, por q̃ não ficauão nela mais de cincoẽta ꝛ Cachil daroes não quis mais andar em Moutel auẽdose por muyto injuriado de acõtecer aq̃le desastre aos Portugueses andando ele em sua cõpanhia: ꝛ deixãdo sua armada ẽ Moutel tornouse pa Ternate.

Capit lxxii. De como Gõçalo gomez dazeuedo chegou a ilha đ Ternate.

Estando dõ Jorge muyto agastado pola tomada desta goleota / ꝛ por lhe não ficarẽ mais de

cincoenta Portugueses pera defender a fortaleza/ & por não ter mãtimentos chegou Vicẽte dafonseca a oyto de Mayo/ & deulhe noua do grande socorro q̃ trazia Gõçalo gomez q̃ não tardaria. E cõ ho prazer desta noua não sintio dõ Jorge não querer ninguẽ leuar a Malaca os papeis q̃ Vicẽte dafonseca leuaua/ & logo se espalhou a noua do socorro q̃ vinha aos Portugueses. E os Castelhanos cuydãdo q̃ sẽpre auião de vẽcer fizerão prestes Aluaro de saya vedra pera ir esperar Gõçalo gomez ao caminho & tomalo com quantos yão coele/ & leuou duas galeotas & hũ bargantim, & a armada del rey de Tidore. E ele partido chegou Gõçalo gomez á ilha d Bachão/ õde se vio cõ el rey & soube dele ho estado em q̃ estaua a fortaleza, & deixou coele Manuel falcão, por q̃ como sabia a imizade q̃ auia ãtrele & dõ Jorge quãdo se partira de Ternate nã ho quis lá leuar ate nã saber como dõ Jorge estaua coele & soldalos se fosse necessario. E partido dali seguio sua rota pera Ternate cõ toda sua armada/ & topou no caminho a dos Castelhanos de q̃ auẽdo vista mãdou embandeirar a sua em sinal dalegria porq̃ nã cuydassem q̃ os temião: porem Aluaro de saya vedra não ousou de cometer Gõçalo gomez q̃ passou por ele mãdando tanger suas trõbetas como q̃ os saluaua / & dali foy surgir no porto de Talangame, & dahi á fortaleza onde foy recebido cõ muyta festa: & dõ Jorge lhe entregou logo a alcaydaria mór da fortaleza, & a capitania mór do mar por hũa prouisam q̃ leuaua do gouernador da India. E sabẽdo Gõçalo gomez ho dãno q̃ dõ Jorge tinha recebido da guerra/ conselhoulhe q̃ trabalhasse por fazer paz cõ Fernão dela torre: & dõ Jorge lhe disse q̃ a nã auia d fazer se nã cõ sua hõrra, & ainda por q̃ lhe a ele parecia bẽ fazela q̃ se fora por ele não a ouuera de cometer. E auido seguro pera mãdar hũ messageiro a Fernão de la torre lhe mandou dizer por Jorge goterrez hũ caualeiro, q̃ ele semp̃ desejara d ter paz cõ os castelhanos/ assi por serẽ christãos, como por vassalos do ẽpador q̃ estaua tão liado cõ el rey d Portugal por parẽtesco & amizade: & q̃ se a teli não falara na paz fora porq̃ não cuydasse q̃ ho fazia por necessidade mas agora q̃ sabia q̃ não era por isso pois lhe era vido tamanho socorro como era notorio/ lhe pedia q̃ fizesẽ paz, & não fosse causa dauer guerra antre Christãos. E deu a Jorge goterrez estes apontamẽtos com que auia de fazer a paz.

¶ Que dõ Jorge era cõtẽte d fazer paz coele & cõ os reys de Tidore & d Geilolo por amor dele: & lhe daria Paulo hũ castelhano q̃ fora catiuo do tp̃o de dõ Garcia: & q̃ Fernão de la torre lhe auia d dar todos os portugueses q̃ forão catiuos na galeota & lhe auia de tornar a metad da ilha de Maquiẽ q̃ tinhão tomada & era da obediencia del rey de Ternate: & lhe auia d jurar q̃ não auia dajudar os reys de Tidore & de Geilolo/ se quisessem guerra coele. E q̃ os portugueses & castelhanos q̃ se passasiẽ dũa parte pa a outra não sendo por casos crimes, q̃ os dessem a seus ca

pitães/ꝛ assi os escrauos que fugis sem:ꝛ que Cachil daroes ꝛ el rey de Bachão não farião mais guerra aos reys de Tidore ꝛ de Geilolo: ꝛ quando Fernão de la torre não quisesse a paz coestas cõdições que lhe fizesse sobrisso hũ requerimento cõ protestação q̃ ele fosse obrigado a todas as perdas ꝛ dãnos q̃ recresessem daq̃la guerra/ assi a el Rey de Portugal como ao Emperador. Leuado este recado de dõ Jorge ꝛ apõtamẽtos das pazes a Fernão de la torre em todos cõcedeo se não na restituiçã da metade da ilha de Maquiẽ, dizẽdo q̃ era do Emperador. E respõdẽdo ao requerimẽto q̃ lhe fez Jorge goterrez ficou a guerra como dantes.

Capit. lxxiiij. De como dom Jorge de meneses ꝛ Fernão de la torre mandarão pedir socorro hũ á India ꝛ outro á noua espanha.

Vendo dõ Jorge q̃ Fernão de la torre não queria a paz cõ as cõdições q̃ ele apõtaua não a quis: posto q̃ foy cõtra ho parecer d Gõçalo gomez ꝛ doutros q̃ forão coele/ q̃ dizião que deuia daceitar a paz sẽ se dar a metade da ilha de Maquiẽ, mas dom Jorge não quis por q̃ lhe parecia aquilo couardia: ꝛ vẽdo q̃ não fazia a paz, ꝛ que a guerra auia dir em crecimẽto: ꝛ entendẽdo em Gõçalo gomez quão pouco ho auia dajudar a ela quis mãdar pedir socorro a Malaca ꝛ á India assi de gente como de fazenda pera a feytoria q̃ ja nã auia nhũa por se gastar toda como chegou, ꝛ mais pera mãdar por Simão de vera que queria mandar em hũ nauio os autos ꝛ estormẽtos q̃ tirara de dõ Garcia pera ho fazer prender antes q̃ se fosse pera Portugal/ ꝛ determinou que fosse no nauio cayado q̃ estaua carregado de crauo. E dadas as cartas em q̃ escreuia ao capitão de Malaca ꝛ ao gouernador da India quanto acontecera despois de ser capitão da fortaleza partiose Simão de vera no nauio que digo. E chegado á ilha de Mindanao foy morto com quantos leuaua polos da terra que lhe tomarão ho nauio, ou se perdeo porq̃ nũca mais pareceo/ ꝛ assi não ouue effeyto o q̃ dõ Jorge queria. E sabẽdo Fernão de la torre como dõ Jorge mandara Simão de vera a pedir socorro a Malaca ꝛ á India sobrelho Gõçalo gomez leuar tão bõ creo q̃ queria destruir de todo os Castelhanos, ꝛ pera tãbẽ ter gẽte com q̃ se defendesse/ acordou cõ conselho de mãdar pedir socorro aa noua espanha, escreuendo ao gouernador dela o q̃ passaua, ꝛ q̃ alem da gẽte darmas lhe mãdasse officiaes pera fazer hũa fortaleza de q̃ tinha necessidade grãdissima por não ter em q̃ se recolhesse. E coeste recado mãdou Aluaro d saya vedra no nauio em q̃ fora/ ꝛ pera credito da tomada da galeota dos Portugueses leuou algũs dos q̃ forão nela catiuos ꝛ forão Fernão romeiro patrão da ribeira, Jacome ribeiro comitre/ ꝛ hũ escriuão pubrico da fortaleza: ꝛ assi outros dous Portugueses q̃ se passarão pera os Castelhanos, ꝛ pedirão q̃ os mandasse cõ

Aluaro de saya vedra/ hũ auia nome Simão de brito patalim/ ꝛ outro Bernaldim cordeiro. E partido Aluaro de saya vedra a quatorze de Junho pera a noua espanha/ estando surto no porto de hũa ilha q̃ se chama Mamey cẽto ꝛ setenta legoas de Tidore, determinou Simão de brito cõ Fernão romeiro de queimarem ho nauio/ porq̃ Aluaro de saya vedra não fosse pedir ho socorro/ ꝛ não achando maneyra pera isso furtarão ho batel ꝛ quatro escrauos q̃ ho remassem/ ꝛ tornarãse todos pera Ternate/ ꝛ cõ furtarẽ este batel poserão Aluaro de saya vedra em condição de não ir por diãte por nã ter batel com q̃ se seruisse: ꝛ todauia foy / mas achou logo ho vento por dauante / ꝛ por tãtos dias que lhe pareceo q̃ era ali geral ꝛ por isso se tornou pera Tidore onde foy ter em Nouembro. E Simão de brito ꝛ os outros Portugueses q̃ fugirão no batel forão dilha em ilha sofrendo muyto má vida de fome ꝛ de trabalho ate que forão ter antre hũas ilhas onde se deixarão ficar tres de cansados ꝛ os tres seguirão auante ate a ilha de Garmelim do senhorio del rey de Tidore/ onde sendo conhecidos por Portugueses forão presos por amor da guerra que sabião que el rey tinha coeles a quẽ logo forão mandados: ꝛ conhecẽdo os Fernão dela torre q̃ yão com Aluaro de saya vedra teue deles má sospeita, pelo q̃ os mãdou meter a tormẽto ꝛ confessarão a verdade. E por esta treiçã mãdou Fernão dela torre degolar Simão de brito ꝛ enforcar Fernão romeiro ꝛ ho outro ficou catiuo. E despois disto se tornou a falar na paz / mas não se tomou nhũa concrusam por Fernão dela torre não querer alargar a metade da ilha de Maquiem: do q̃ dom Jorge andaua muyto agastado, ꝛ mais porq̃ quisera ir destruir a cidade de Tidore/ ꝛ Gõçalo gomez nunca ho quis ajudar nem quis mandar os Portugueses que forão coele/ ꝛ dizia q̃ não fora a Maluco se não pera fazer crauo, pelo q̃ todos lhe querião bẽ ꝛ não fazião caso de dõ Jorge se não dele / nẽ dõ Jorge não ousaua demandar os q̃ forão coele de modo que ficaua subdito de Gonçalo gomez com quem não ousaua de bolir por não amotinar a gẽte ꝛ trabalhaua pola leuar por bem. E Gonçalo gomez cõ vergonha foy sobre a ilha de Maquiẽ pera tomar os lugares q̃ forão del rey de Ternate/ ꝛ foy coele Cachil daroes mas enfadouse logo ꝛ tornouse sem fazer nada/ nẽ quis mais sair de Ternate se não quando se foy, ꝛ por não ter rezão de ir darma da alargou a alcaydaria mór ꝛ a capitania mór a dom Jorge ꝛ todo seu feyto era fazer crauo: ꝛ dom Jorge deu estes officios a Lionel de lima que cuydou que ho fizesse melhor q̃ Gonçalo gomez/ ꝛ mandoulhe pagar dãte mão hũ anno do ordenado/ mas ele ho fez tão mal/ ꝛ valeolhe a dõ Jorge que os Castelhanos cõ medo da gente que sabião que estaua na fortaleza fazião a guerra mais branda, ꝛ tinhão muytas vezes tregoas.

¶ Capit. lxxv. De como Martim afonso de melo jusarte se perdeo na costa de Bengala.

Inuernando Martim afonso de melo jusarte em Paleacate rompeose na India ho segredo de sua ida a çunda, ⁊ algũs amigos dos q̃ leuaua na armada lhes escreuerão verdade donde auião dir: ⁊ estes derão a noua a outros / de modo que foy sabido pelos da armada do que se muytos escãdalizarão polos enganarem, ⁊ hũs fugirão por não irem a çunda / ⁊ outros se conjurarão pera queimarem os nauios da frota tão dãnados estauão / ⁊ hũa noyte lhes poserão ho fogo, ⁊ se nã fora acodirlhe Marti afonso muy asinha ⁊ apagar ho fogo cõ muyta diligencia eles forão queimados, ⁊ por mais deuassas que tirou pera saber quem ho fizera nunca ho pode saber, mas soube de muytos que estauão pera fugir por não irẽ coele ⁊ estes mandou prender, ⁊ aos que erão fugidos tomou as fazendas. E passado ho inuerno com muyto trabalho destas amotinações partiose / ⁊ porque soube que antre Bẽgala ⁊ Pegu andauão certas fustas de rumes fazendo presas / surgio em hũa ilha chamada Negamele defronte da cidade Darracão a esperar as fustas q̃ auião ali dir ter: ⁊ estando surto sobreueolhe tamanho temporal de vẽto que não podendo ho nauio sofrer a amarra se leuou ⁊ arribou / ⁊ os outros capitães tambem arribarão, ⁊ não podendo ter coele se apartarão de sua conserua / ⁊ despois de cessar a tormenta se achou só / ⁊ determinou de tornar á ilha donde se aleuantara pera ver se achaua hi os outros capitães: ⁊ nauegãdo per antre hũas ilhas deu ho nauio em hũ baixo onde ficou / ⁊ porque a gente não pelejasse sobre tomar a barquinha do nauio pera se saluarẽ hũs ⁊ outros não, mandou a hũ fidalgo chamado Andre de sousa que se metesse nela / ⁊ não consentisse que ninguem entrasse dentro / ⁊ pera se saluar a gente toda mandou muyto depressa fazer jangadas dalgũs paos das obras mortas do nauio ⁊ darcas / esforçando a gente que todos se saluarião. E estando nesta ocupação seria a mea noyte quando ho nauio adernou / ⁊ tõbouse todo pera hũa parte, que lhe não ficauão descubertos mais que os castelos. E como isto foy supito ⁊ de noyte ouuerãse de perder quantos estauão dentro mas acolherãse aos castelos ⁊ ali ficarão / ⁊ as jangadas que estauão começadas se perderão, ⁊ eles ficarão molhados ⁊ quasi despidos pera se deitarem ao mar cuydãdo que não tinhão outra saluação: o q̃ vẽdo Martim afonso os deteue ⁊ chamãdo Andre de sousa que chegasse á popa do nauio se meteo na barquinha leuando diante a Thome pirez que era ho senhorio dele / ⁊ despois se meterão outros que Martim afõso chamou por seus nomes, ⁊ não ficarão mais que seys Portugueses ⁊ os escrauos / que pedião chorando que os tomassem / ⁊ era piedade ouuilos: mas por ser de noyte ⁊ Martim afonso temer que se ço=

çobrasse a barquinha com ho peso da gente não os quis tomar/prometendolhes com juramento de tornar por eles tanto que posesse os outros em terra/que por não caberem ⁊ temer que çoçobrassem os não tomaua/⁊ eles disserão que assi ho esperauão nele. E Martim afonso, se foy caminho da terra que seria donde estaua ho nauio como de Lisboa a Almada, onde chegou sendo ainda de noyte/⁊ ho rolo do mar era tamanho ⁊ tão brauo que fazia muy grande escarceo, ⁊ por isso não ousou Martim afonso de se chegar a terra, ⁊ mandou fora dous marinheiros pera verem se era praya ou penedia/⁊ estes não tornarão mais/⁊ parecẽdo a Martim afonso q̃ se afogarião não quis que sayssemais ninguem, ⁊ tornou ao nauio pelos Portugueses que lá ficauão por ver que caberião na barquinha, ⁊ não quis tomar nhũ escrauo porque não çoçobrasse. E tomados os Portugueses tornou se a terra onde deitara os marinheiros, ⁊ não os achando nem final deles teueos por perdidos. E com quanto este desastre era tamanho/⁊ estauão em muyto grande perigo assi no mar como na terra q̃ não sabião/não faleceo a Martim afonso esforço: ⁊ mostrando grande coração lhes disse. Em tamanha desauentura como he perder a fazenda, ⁊ a vida ficar em tamanho risco como parece que está a nossa a principal cousa que nos ha de consolar, ha de ser termos por certo q̃ ho merecemos por nossos peccados/porque muyto menos se sente ho mal que vem a homem por sua culpa que aquele q̃ padece sem ela, ⁊ que este que nos sobreueo não he tanto como merecemos a nosso senhor: que como pay piadoso vsando de sua misericordia infinita nos deu este leue castigo/porque se ho dera conforme a nossas culpas ou de se perdeo ho nauio acabarão nossas vidas, ⁊ por não perdermos as almas que lhe tanto custarão deuemos de crer que nos deixou coelas/⁊ mais que assi como nos liurou de tamanho perigo nos ha dacabar de liurar de todo ate nos poer em saluo, por isso meus companheiros vos peço muyto que creais isto como ho eu creo, ⁊ que espereis em nosso senhor como eu espero que nos ha de leuar a saluamento/⁊ que esta esperança vos esforçe pera não sintirdes trabalho, fome, sede ⁊ outras fadigas que auemos de passar ate termos remedio com que tornemos aa India/⁊ que vamos agora ao longo da costa pera ver se achamos os nossos nauios ou algũs deles em que nos embarquemos/⁊ quando não iremos ate Arracão/cujo senhor he amigo dos Portugueses ⁊ dali nos iremos aa India. O que pareceo bem a todos, ⁊ se mostrarão muyto esforçados pera ho seguirem.

Capitolo.lxxvj. Dos grandes perigos ⁊ trabalhos que passarão Martim Afonso ⁊ os outros ate chegarem a Arracão.

E Sem leuarem nhũa cousa que comer mais que hum pouco de bizcoito, ⁊ sem agoa nauegarão dous dias ao longo de terra sem comer nhũa cousa, porque por amor da agoa que não tinhão não ousauão de prouar ho bizcoito / nem ousaua Martim afonso de mandar a terra buscar agoa porque não via final de a auer nem ya na companhia quem soubesse a terra pera a buscar / ⁊ mais não vião nhũa pouoação. E indo assi nesta afronta tamanha virão hũa aldea / com que todos forão muyto ledos parecendolhes que ali terião remedio dagoa, ⁊ Martim afonso mãdou deitar em terra hum fidalgo chamado Francisco dacunha que agora mora no Algarue/ ⁊ a hum Fialho dalcunha/pera que soubessem dos moradores daquela aldea se lhe darião agoa / ⁊ quão longe estaua do mar. E como Francisco da cunha ⁊ ho fialho chegarão aa aldea aiuntarãse bem corenta homẽs ⁊ tomandoos antre si os leuarão por força mais pera ho sertão ⁊ os prenderão/ ⁊ os que ficauão na barquinha bem os virão leuar mas não conhecerão como os leuauão, ⁊ cuydarão que lhes yão mostrar algũa agoa. E estando esperando por eles sobreueo hũ vento por dauante com que ho mar se começou dencarapelar: ⁊ receando os Portugueses algũa tormẽta/ ⁊ tambem enfadados da má vida tomarão dali achaque pera dizerem a Martim afonso que desembarcassem ali / o que lhe não pareceo bem ao menos ate não tornarem Francisco da cunha ⁊ ho Fialho / nem lhe parecia bem desembarcarem / porque como os da terra os vissem desarmados terião coração pera os matarem por amor de os roubarem / ⁊ que farião isto sem receo, porque como não nauegauão não tinhão que perder, ⁊ que auendo de desembarcar melhor seria em Arracão como tinha dito / porque ho senhor dela como nauegaua ⁊ tinha que perder não lhes auia de fazer nhũ mal com temor das nossas armadas, ⁊ por isso seria melhor irẽ lá. E Martim afonso não dizia isto se não pera ver se topaua algũs dos seus nauios que tão mal lhe parecia desembarcar em hum cabo como no outro. Mas como isto não parecia assi a todos / disserão muytos que deuião de desembarcar ali porque não leuauão mantimẽtos/ ⁊ auia dous dias que não comião, ⁊ yão sessenta ⁊ quatro pessoas cõ que a barquinha ya metida no fundo/ ⁊ que se alargaria com qualquer marulho / por isso que ho mais seguro era desembarcar ali. E nisto apertarão tanto que Martim afonso disse que desembarcassem, ⁊ porem que ho fazia muyto contra sua vontade, ⁊ que não era capitão, nem era nada / que se ho fora não desembarcara/ ⁊ que não podia ser que de cinco nauios que se dele apartarão não achassem algum em que se sal-

uassem por escusarem destar á cortesia dos mouros / τ que entre tãto bem se poderião soster na barquinha / τ quando a tormenta fosse tamanha então desembarcarião. E ouuindo isto Andre de sousa / Gonçalo vaz de melo / Nuno fernãdez freyre τ outros dous todos grandes amigos de Martim afonso disserão / que ele era seu capitão τ ho auia de ser / τ que se posesse aquilo em conselho, τ saberião se era pera fazer ou não. E posto fez se o que Martim afonso dizia: τ passando grande espaço que Francisco da cunha τ ho fialho não tornauão disse que ali verião todos que gente era aquela / τ quão bom seria desembarcarem. E sem mais esperar se partio / porque como não tinha armas não ousou de sair a saber o que lhes acontecera / τ estes fugirão despois τ forãse aa India. E indo Martim afonso ao longo de terra com ho mar bonança virão hum ribeiro que se metia no mar, com que derão muytas graças a nosso senhor / τ por q̃ ali não parecia pouoação segurouse Martim afonso τ mandou a Diogo pirez deça / τ Nuno fernandez freyre / τ a outros dous que fossem encher dagoa hũa jarra martabana que leuaria dous almudes. E estãdo tomando agoa acertarão dous homens da terra de chegar ao ribeiro com hũa panela darroz cozido que ainda leuauão quente / τ Nuno fernandez lho comprou τ leuou a com a agoa a Martim afonso: τ querendo ele partir ho arroz por todos lhe pedirão que ho comesse soo, porque pera todos não era nada τ pera ele soo seria algũa cousa / τ não quis se não partilo τ a cada hum coube hum bocado. E porque na agoa era necessaria grande prouisam se fartarão ali dela / τ leuarão a jarra chea / τ por lhes durar molhaua Martim afonso a ponta dum lenço nagoa τ dauao a chupar a cada pessoa certas vezes no dia / τ ho outro tempo tinhão na boca hum pelouro despingarda pera não auerem sede / τ comião algũs bocados de bizcoito pera se sosterem. E coesta adieta tão trabalhosa nauegarão cinco dias sostendo os nosso senhor milagrosamente / τ no cabo deles chegarão aa barra Darracão.

Capitolo.lxxvij. De como Martim afonso foy leuado com os outros per hũs pescadores aa cidade de çuquiriá.

Como a Martim afonso lhe pesasse muyto de se ẽtregar aos mouros / porque sabia quão desleais τ falsos sam, trabalhaua por buscar todos os modos que podia pera não se entregar. E porque sentia nos mais dos Portugueses enfadamẽto de tanta má vida nã ousou de lhe dizer o q̃ temia dos mouros porq̃ não cuydassem q̃ ele não queria desembarcar se não trazelos na barquinha, τ q̃ desespe-

rados fizessem algum desatino / ꝛ por isso dissimulou coeles / dizendolhes que antes que se fossem pera Arracão fossem ver a hũs ilheos que ali estauão perto se por ventura estarião hi algũs dos seus nauios / ꝛ quãdo não algũ fato se fossem perdidos / que ho mar ali lançasse, ꝛ despois se irião pera Arracão. E consentindo que fossem mandou remar pera lá, ꝛ começãdo da trauessar acalmou ho vento ꝛ ho mar ficou cauado, ꝛ era tão vanzeiro que metia a barquinha no fundo com a agoa que lhe entraua que vazauão com hum capacete ꝛ com hũa bacinica que leuauão / ꝛ aqui se virão de todo perdidos pelo que chamarão muyto deuotamẽte por sam Lourenço a quem prometerão suas esmolas, ꝛ nosso senhor por rogos do bem auẽturado martir os liurou deste perigo / a cuja honrra despois mandou Martim afonso fazer hũa irmida em hũa sua quinta no termo Dobidos: ꝛ liures do mar chegarão ao ilheo / em cuja praya logo em desembarcãdo acharão dous sacos de bizcoito todo molhado ꝛ hũa arca de pao / ꝛ dentro algũs guingões de que despois fizerão arrombadas á barquinha. E nisto conhecerão que algum nauio dos que buscauão era perdido, ꝛ virão que ho ilheo era quasi tudo praya pequeno ꝛ redondo ꝛ no meyo dele debaixo de hũas aruores altas estaua hum charco dagoa nadiuel em q̃ andauão peixes / mas a agoa cheiraua mal ꝛ amargaua, ꝛ por ali auia hũas faueiras como as nossas com fauas / hũas verdes ꝛ outras secas. Os Portugueses em as vendo arremessarãse a elas com a fome que leuauão comendo muytas: ꝛ parece que por terem esta propriedade os mais dos que as comião começarão logo darreuessar / ꝛ sair tudo juntamente como se comerão algũa peçonha ꝛ cayão no chão muyto fracos ꝛ desacordados / pelo que os outros cessarão de as comer, ꝛ Martim afonso acedio muy triste cuydando que aquilo fosse peçonha ꝛ fez agasalhar os doentes ainda q̃ não auia outras camas se não a area / ꝛ assi andou ate que anoyteceo / ꝛ quis lhe nosso senhor bem que fazia lũar pera os alomear. E andãdo passeando Nuno fernandez freyre ꝛ Frãcisco mendez ao longo do mar por não poderem dormir com ho cuydado do perigo em que se vião virão sair dagoa hũa tartaruga / ꝛ indo apos ela ate onde tinha perto de duzentos ouos tomarãna coeles ꝛ leuarãna a Martim afonso que a mandou logo fazer em pedaços pera comerem ꝛ fizerão muytos por ser mayor que hũa grande rodela / ꝛ as gemas dos ouos deitou em hũa bacinica ꝛ coalhados ao fogo os deu por sua mão aos doentes com que os esforçou / ꝛ assi comerão todos da tartaruga assada ꝛ do bizcoito ꝛ almeirões cozidos q̃ auia ali muytos ꝛ coziãnos em agoa em hum capacete que ainda que era ferrugẽto ꝛ os almeirões sabião a ferrugem sabião bẽ com a fome. E ao ou

tro dia tomarão outra tartaruga a que acharão mais de duzentos ouos / ⁊ coeste refresco sararão os doentes ⁊ esforçarão os sãos algum tanto em tres dias que ali esteuerão. E vendo Martim afonso a gente contẽte, rogoulhes que não fossem a Arracão, porque tinha grande duuida no senhor daquela cidade por royndades que sabia que fizera a Portugueses que ali forão mais prosperos do q̃ eles yão, mas que fossem a Chetigão outra cidade del rey de Bengala que hũ Portugues dos da companhia que ja fora nela lhe dizia q̃ era perto, ⁊ que ali os agasalharião bem por amor que nauegauão / ⁊ tinhão necessidade da amizade dos Portugueses / ⁊ todos disserão q̃ fossem. E atrauessando a costa / chegarão a hũa praya õde virão muytos palmitos / ⁊ vendo Martim afonso a terra despouoada desembarcou ali com todos / ⁊ mandou tirar a barquinha em terra / ⁊ com pedaços das tartarugas q̃ ainda leuaua ⁊ algũs ouos, ⁊ cõ ho biscoito ajũtarão os palmitos ⁊ refrescarão, ⁊ com boa agoa que acharão deixarã se estar tres dias, ⁊ d̃ noyte dormiã dous marinheiros na barquinha / ⁊ de quando em quãdo se leuantaua Martim afonso ⁊ a vigiaua: ⁊ isto fez porque algũs Portugueses lha não podessem furtar como determinarão pera fugirem nela ⁊ deixarẽ os outros. E na derradeyra noyte indo a Marti afonso visitar achou duas almadias pegadas cõ terra / ⁊ cuydando que a querião tomar bradou aos Portugueses q̃ acodissem. E sentindo hũs pescadores da terra que estauão nas almadias q̃ acodião / afastarãse de terra ⁊ falarão / ⁊ Martim afonso lhes mãdou preguntar por hũ Portugues que ja esteuera em Bengala ⁊ sabia a lingoa quanto era dali a Chetigão / ⁊ dizẽdoque perto concertou coeles que os leuassem lá por dez pardaos que lhes derão / ⁊ os pescadores mentião / ⁊ a cidade que dizião não era Chetigão se não outra chamada Cuqueriá de q̃ era senhor hũ mãcebo mouro chamado Codauaz ⁊ por dinidade cão, ⁊ ficaua ho nome todo Codauazcão, ⁊ era vassalo del rey de Bengala. E tomãdo os pescadores a barquinha d̃ toa tirarão a força d̃ remo q̃nto mais poderão ⁊ em amanhecendo achouse Martim afonso dentro em hũ rio / q̃ ho Portugues que esteuera em Bengala disse que não era aquele ho rio de Chetigão / porem que bem podião sair por ali ao mar, porque sabia que aquele rio cercaua aquela terrra como ilha, ⁊ forão por aquele rio ate que anoyteceo: ⁊ nisto saltarão os pescadores supitamente em terra, dizẽdo que yão leuar recado ao lascar de Chetigão como estauã ali: ⁊ dizẽdolhe ho Portugues que porque mẽtião se aquele não era ho rio de Chetigão / disserão q̃ si era / ⁊ forãse. E Martim afonso disse que esperassem ate verem que recado leuauão os pescadores, mas eles não tornarão mais / porem forão dizer a Codauazcão que estauão ali tãtos Portugueses q̃ andauão ꝑdidos / ⁊ q̃ nã leuauão armas: E ele folgou muyto cõ aq̃las nouas

porque os tinha por valentes homẽs & sabedores na guerra/ & folgou coeles pera ho ajudarem em hũa que tinha com hũ seu vezinho, porque esperaua de ho vẽcer cõ sua ajuda, & porque era noyte não quis que desembarcassem, & mãdoulhes dizer per hũ homem que sabia a lingoa Portuguesa que não se agastassem porque ele era grãde amigo del Rey de Portugal/ & assi lho disse ho homem em voz alta sem ho verẽ por amor do grande escuro que fazia. E ouuindo Martim afonso estas palauras em Portugues & em lugar onde tão pouco esperauão ouuir falar sua lingoa nem palauras tão fauoraueis a eles ficarão muyto consolados, & esperarão bõ remedio pera a saluação das vidas, pelo que derão muytos louuores a nosso senhor.

Capit. lxxviij. De como Martĩ afonso & os outros ficarão ẽ poder de Codauazcão.

Codauazão que estaua muyto aluoraçado pera auer os Portugueses/ leuantouse como foy manhaã & caualgou acompanhado de muyta gente de guerra que tinha junta/ & ido coele todos a pé se foy á ribeira leuando diante seus instormẽtos de guerra que yão tocando por festa/ mas aos Portugueses não lhes pareceo assi: & quando virão tanta gẽte daquela maneyra cuydarão que os yão prender/ & disserão que não era siso esperar mais, que se fossem/ porque ho recado que lhes derão de noyte da parte do goazil foy pera os deterem que não fugissem/ & a Martim afonso lhe pareceo bem & foyse pelo rio abaixo pera ir sair ao mar: a gẽte de Codauazcão quãdo os virão fugir lançarão apos eles ao longo do rio apelidando a terra, & tirãdolhes muytas frechadas & pedradas/ & da outra banda do rio acodião trabalhadores/ & suas molheres & filhos: & todos cõ tamanha furia que parecia que os querião meter no fũdo, & valeolhes que indo assi deu a barca em seco/ o que vendo Martim afonso leuantou hũ lenço em sinal de paz porque os não matassem & bradou á gente que esteuesse queda: & ela ho fez assi/ & porque a barca estaua hũ pouco afastada foy necessario desembarcar Martĩ afonso & os outros a nado: & ele foy logo falar a Codauazcão que quando ho vio lhe fez muyto gasalhado/ & disselhe que não se agastasse polo desastre que lhe acontecera, & que fizesse cõta que estaua em Portugal, porq̃ ele & os outros Portugueses assi auião de ser tratados como lá/ & que ele os deixaria ir pera a India dentro na mouçâo/ ou os mandaria quando não teuesse embarcação por isso que descansasse: o que lhe Martim afonso agardeceo muyto, & ele ho mandou apousentar com todos os outros em hũas grandes casas/ & lhes mãdou dar todo ho necessario, & panos pera vestidos dalgũs que disso tinhão necessidade. E logo

ao outro dia chegarão aa barra des
ta cidade Duarte mendez de vascõ
celos capitão de hũa galeota ꝛ Ioã
coelho capitão dũ barganti ambos
da conserua de Martim Afonso q̃
andauão em sua busca, ꝛ na barra
souberão dos mesmos pescadores
q̃ ali leuarão os Portugueses co
mo estauão na cidade. E os capitã
es mãdarão dizer a Martim afõso
como estauão ali/ q̃ determinasse o
q̃ queria: ꝛ ele pedio licẽça a Coda
uazcão pera se ir lẽbrandolhe o que
lhe tinha prometido. E ele lhe disse
q̃ era verdade, mas q̃ não lhe podia
logo dar licẽça, ꝛ cõtoulhe a causa
porq̃, q̃ era a guerra q̃ tinha/ q̃ espe
raua dacabar cõ sua ajuda dẽtro na
moução/ ꝛ então lhe daria licença/
ꝛ q̃ mãdasse dizer aos capitães que
estauão na barra q̃ ho esperassem, ꝛ
entre tanto lhes darião os manti
mẽtos de q̃ teuessem necessidade, ꝛ
Martim afonso ho fez assi.

¶ Capit. lxxix. De como Martim afonso foy liure do catiueiro em que estaua.

Como Codauazcão
tinha sua gente pres
tes pera ir sobre seu
imigo, partiose logo
leuãdo Marti afon
so cõsigo, q̃ ya a caualo ꝛ os outros
Portugueses a pé, ꝛ todos leua
uão armas q̃ lhes Codauazcão de
ra/ ꝛ forão cõ muyto trabalho por
ho caminho ser muyto roym ꝛ fra
goso. E a gente de Codauazcão se
espantaua de como ho podião atu
rar não sendo costumados a andar
por aquela terra/ ꝛ tinhão os pera
muyto/ ꝛ assi forão por suas jorna
das ate chegarem aa cidade do im
migo de Codauazcão que tinha dei
tado fama que leuaua cem Portu
gueses com espingardas a fora ho
grande poder de gente da terra/ ꝛ
assi alifantes, pelo que seu immigo
não ousou dho esperar ꝛ fugio dei
xando a cidade despejada/ ꝛ por isso
a tomou Codauazcão sem nhũa re
sistẽcia: ꝛ dali foy seguido seu ĩmigo
ate ho deitar fora da terra que nũca
ousou de lhe dar batalha com me
do dos Portugueses que da gente
da terra não fazia conta ainda que
fora mais da que era: assi que ho me
do dos Portugueses fez fugir ho
immigo de Codauazcão que fican
do senhor de toda a terra de seu im
migo se tornou pa a cidade de Soré
ondestaua sua mãy ꝛ dous seus ir
mãos / ꝛ ho galardão que deu a
Martim afonso ꝛ aos outros pola
ajuda que lhe derão, foy negarlhes
a licença que lhes tinha cõcedida ꝛ
pedirlhes resgate polos deixar ir/
o que lhes não derão polo não terẽ.
E quãdo Martim afonso vio a pou
ca verdade de Codauazcão / deter
minou de fugir dando parte disso a
algũs dos q̃ estauão coele. E cõcer
tado com os capitães que estauão
na barra, que pera hũ dia certo lhe
mandassem as almadias pos em o
bra sua fugida hũa noyte despois
que sintio que os da cidade erão re
colhidos/ ꝛ mandou diante os ma
is dos que estauão coele com quem
foy hũ portugues q̃ cõ hũ Manuel
d caceres leuaua os recados d Mar
ti afõso aos capitães ꝛ sabia a terra

ꝛ õdestauão as almadias q̃ era dali a q̃tro legoas: ꝛ partidos estes foise Martim afonso apos eles, indo coe le Manuel de caceres: ꝛ isto seria as onze horas da noite: ꝛ como ho caminho era muyto roym ꝛ cõprido/ começarão de cansar ꝛ algũs ficarã ꝛ estes querẽdo despois ir apos os outros não sabẽdo a terra se perderão: ꝛ vẽdose perdidos tomarã por remedio tornarẽse á cidade, õde chegarão antes damanhecer / ꝛ deitarãse em suas camas a dormir, ꝛ antrestes foy Diogo pirez deça. Martim afonso ꝛ os outros seguirão auante, ꝛ com ho roim caminho ꝛ cõ irem de vagar/ ꝛ partirem tarde da cidade amanheceolhes antes q̃ chegassem aas almadias, ꝛ por nã serẽ descubertos embrenharãse. E tanto q̃ amanheceo soube logo Codauazcão q̃ Martim afonso ꝛ os outros Portugueses erão fugidos/ do que lhe pesou muyto / ꝛ mãdou chamar Diogo pirez deça ꝛ os que estauão coele/ ꝛ preguntoulhes que como fugira Martim afonso ꝛ os outros ꝛ eles ficarão/ disse que não sabia porque Martim afonso lhe não dera conta de nada/ ꝛ q̃ acordãdo d̃ noyte ho achara menos ꝛ aos outros. Codauazcão ho creo/ ꝛ mãdou logo hũ capitão cõ quatro cẽtos homẽs darmas ẽ busca dé Martim afonso ꝛ dos outros ꝛ q̃ trabalhasse muyto polos achar: ꝛ ele os achou, ꝛ ẽ a gẽte os vẽdo começão darremessar sobreles pedradas / ꝛ frechadas sem conto: ꝛ os Portugueses se quiserão defender, ꝛ Martim afonso não quis / dizẽdo q̃ não era tẽpo, porq̃ se ho fora ele começara primeyro, ꝛ q̃ quanto se mais defendessem tãto mais aluoraçarião a terra/ ꝛ se ajuntaria mais gente ꝛ os matarião mais asinha, ꝛ por isso era melhor entregarẽse sem escãdalo. E bradãdo aa gẽte q̃ não tirasse foyse parela, ꝛ disse ao capitão q̃ os Portugueses erão tão obedientes a quem tinhão por capitão q̃ fazião quãto lhes mandaua, ꝛ porq̃ ele mãdara aq̃les q̃ ali vinhão q̃ fugissem que por isso fugirão: ꝛ se se auia de dar algũa pena por aq̃la culpa que fosse a ele sómente porq̃ ele a tinha. Ho capitão lhe disse q̃ não era culpado ẽ fugir, ꝛ q̃ pesara disso a Codauazcão / porq̃ folgaua coele ꝛ cõ os outros Portugueses/ q̃ se fosse pera a cidade ꝛ q̃ lhe faria merce / ꝛ assi forã. E primeiro q̃ dali abalasse hũs Bramenes dos gẽtios pedirã ao capitão q̃ lhes mandasse dar hũ daq̃les Portugueses pera sacrificarẽ aos seus pagodes a quẽ rogarão q̃ lhe deparasse aq̃les portugueses, ꝛ pois lhos deparara q̃ lhes desse hũ pera lhes fazerẽ festa: ꝛ ele lhes deu a hũ Gõçalo vaz de melo, a que queria mal porq̃ quando forão aa guerra lhe chamara cão perro, ꝛ ele não se vingou cõ medo/ ꝛ vingouse ali porque vio a sua. E ali foy logo degolado, sem Martim afonso nẽ nhũ dos outros ousarẽ de falar por não poderẽ mais. E leuado Martĩ afonso a Codauazcão, ele se lhe queixou porq̃ lhe fugia dãdolhe tã boa vida, ꝛ tornouho a sua graça como dantes/ ꝛ fazialhe merce ꝛ hõrra ꝛ porẽ não ho quis deixar ir nẽ a nhũ dos outros, pelo q̃ Martim afonso escreueo tudo o que passaua aos

capitães que ho estauão esperando na barra/ escreuendolhes que se fossem/ & escreueo hũa carta pera ho gouernador em que lhe daua relação de sua desauẽtura/ pedindolhe que ho mandasse resgatar/ & os capitães se partirão & derão esta carta a Lopo vaz de sam Payo q̃ ainda gouernaua a India/ q̃ rogou a hũ mouro Dormuz chamado Cojeçabadim que ya a Bengala/ que resgatasse Martim afonso/ & os que a achasse viuos, & ele os resgatou por tres mil cruzados que deu a Codauazcão/ & os mandou á India em hũa fusta sua gouernando Nuno da cunha/ logo no primeyro anno de sua gouernança.

Capit.lxxx. De como Simão de sousa galuão com tormenta foy ter a Dachem.

Partidos Pero de faria & Simão de sousa de Cochim pera Malaca como ẽtrarão no golfão da ilha de Ceilão pera a deçamatra/ por ser sempre perigoso ainda que seja na moução & porque a gale era rasteira mãdou Simão de sousa abater quanta artelharia leuaua assi grossa como miuda: & q̃si no cabo do golfão lhe sobreueo hũa braua tormenta com que se apartarão/ & Pero de faria foy ter a Malaca õde foy entregue da capitania da fortaleza por Jorge cabral que a seruia/ & Simão de sousa com ho mesmo temporal foy ter á ilha de çamatra á barra d̃ Dachem quasi perdido/ & cõ a artelharia toda a batida & a gente enjoada & cansada. E sabendo ele polos da terra õde estaua/ quiserase logo ir se ho deixara ho tẽpo por saber camanho imigo dos Portugueses era elrey Dachẽ/ mas ho tẽpo não lhe daua lugar. Elrey sabẽdo da gale q̃ estaua na barra mãdou preguntar q̃ gente era & pera õde ya, & sabendo q̃ erão Portugueses q̃ yão pa Malaca/ determinou de os tomar, & pera saber quantos erão/ & como yão apercebidos mãdou visitar Simão de sousa cõ muyto refresco/ dizẽdo q̃ folgaua muyto de ir ali ter pera fazer amizade cõ os Portugueses cõ quẽ a desejaua de ter auia dias/ rogãdolhe q̃ entrasse pera dẽtro q̃ lá estaria mais seguro & seria melhor prouido, & se quisesse q̃ ho mãdaria rebocar per algũas lãcharas. O q̃ Simão de sousa lhe agardeceo, dizẽdo q̃ não ya pera dentro por se deter menos/ porq̃ na hora q̃ ho tempo desse lugar se auia d̃ partir. E receãdo elrey q̃ ho fizesse assi/ mãdou fazer aquela noyte prestes mil homẽs darmas q̃ se embarcarão em vinte lãcharas pera irẽ tomar Simão de sousa q̃ polo seu q̃ lhe leuou o refresco soube a gẽte q̃ tinha, & q̃ não leuaua artelharia pera se defender: & como foy manhaã os despedio, mãdãdo ao capitão delas q̃ por força lhe leuasse Simão de sousa quãdo não quisesse por sua võtade, & por dissimular mãdoulhe diãte hũ recado em hum calaluz: que pois ali estaua que entrasse pera dentro porque lá estaria mais seguro/ & que mandaua algũas lancharas pera que ho rebocassem. E este recado lhe deu

do calaluz hũ mouro que não quis entrar na galé. E dandolhe Simão de sousa a reposta yãose as lanchaáras chegando: ꝛ quando Simão de sousa vio a muyta gente que ya nelas conheceo ho engano, ꝛ disse ao mouro quelhes dissesse q̃ se fossem quelhes não queria dar trabalho/ ꝛ ele não se queria ir, pelo que Simão de sousa pedio suas armas/ ꝛ os outros tambem se armarão: ꝛ hũ fidalgo q̃ se chamaua Manuel de sousa pos ho fogo a hũ falcão ꝛ tirou ao calaluz pera que se fosse. Ho capitão das lancharas vendo que era descuberta sua treição mãdou que aferrassem a galé: ꝛ tangẽdo os mouros seus instormẽtos de guerra/ ꝛ dando grandes gritas remeterão á galé tirandolhe muytas bombardadas ꝛ espingardadas de que ferirão algũs Portugueses, ꝛ duas ou tres lancharas aferrarão a gelé por popa, ꝛ saltarão muytos mouros dentro sem lho os Portugueses poderẽ defender: ꝛ a peleja se começou muyto braua/ que com quanto os Portugueses erão poucos, ꝛ os mouros muytos pelejarã tam esforçadamẽte que matarão ꝛ ferirão muytos dos que entrarão ꝛ os outros fizerão tornar a suas lancharas, pelo que os das outras não ousarão mais dẽtrar: ꝛ porem combatião os Portugueses brauissimamente com espingardadas, frechadas/ zagũchadas ꝛ pedradas: ꝛ com tudo fazião mortal dãno por que como as lancharas erão alterosas ꝛ a gale rasteira ficauão muyto senhores dos Portugueses ꝛ tratauão os muy mal/ porẽ não tanto que não recebessem dobrado mal/ mas como erão as noue partes mais que os Portugueses não se lhes enxergaua tanto como neles q̃ erão poucos. E desta maneyra durou a peleja ate as dez horas, em que Simão de sousa ꝛ os outros se defenderão com esforço tão sobrenatural q̃ auendo os mouros por impossiuel vencerẽnos ꝛ espantados de tal valentia domẽs/ ꝛ dos muytos q̃ da sua parte erão mortos ꝛ feridos se retirarão ficando corenta Portugueses mortos ꝛ feridos/ ꝛ tornarãse pera a cidade.

¶ Capit. lxxxi. De como Simão de sousa galuão foy morto na barra de Dachem cõ quãtos yão coele.

Sabẽdo el rey como a sua gente não leuaua a gale/ ouue disso muyto grãde menencoria/ ꝛ mãdou logo ir diante de si os capitães ꝛ preguntoulhes como não leuauão a gale, ꝛ eles lho contarão fazendolhe grande espãto da valentia dos Portugueses: do q̃ el rey se agastou muyto mais do q̃ estaua, ꝛ caualgãdo em hũ alifante mandou chamar ho seu capitão geral com a gẽte de guerra que tinha a cargo, ꝛ mandoulhes que lhe fossem por a gale de Simão de sousa/ jurãdolhes por Mafamede que os que tornassem sem ela q̃ os auia de mandar matar com a mão daquele alifante, ꝛ logo os mandou embarcar em cincoenta lancharas/ o que fizerão com bẽ má võtade por aue-

rẽ grãde medo aos Portugueses pola valẽtia q̃ neles virão na peleja passada. Ho capitão mór dos mouros despois q̃ chegou á gale fez q̃ nã ya pa pelejar/ ⁊ leuãtãdo hũa bãdeira d̃ paz disse q̃ queria falar a Simã de sousa q̃ chegou a bordo a saber o q̃ queria. E ele lhe disse da parte del rey q̃ estaua muyto agastado, porq̃ sendo tamanho amigo dos Portugueses ⁊ desejãdo de lhe fazer hõrra ⁊ gasalhado receberã de seus vassalos tamanha offẽsa como lhes fora feyta, ⁊ q̃ logo mãdara prẽder todos aq̃les q̃ lha fizerão / ⁊ pera ver ho castigo q̃ lhes daua/ lhe rogaua muyto q̃ entrasse pera dẽtro/ ⁊ q̃ ficaria louuado. O q̃ ouuido polos q̃ estauão cõ Simão d̃ sousa, muytos começarão de dizer q̃ se ẽtregassem porq̃ ja não podião pelejar: o q̃ ouuindo Simão de sousa ouue medo que se amotinasse a gente/ ⁊ por isso lhes quis falar / ⁊ disse ao capitão dos mouros q̃ aueria conselho com sua gente, ⁊ se eles quisessem ir pera dẽtro. E como ho capitão receaua muyto a peleja com os Portugueses foy contente de Simão de sousa auer ho conselho que dizia pera ver se podia escusar a peleja ⁊ afastouse. E Simão de sousa pregũtou á gẽte da galé que dizia, ⁊ muytos lhe disserão que faria bem de fazer o que el rey de Dachẽ queria pois por força ho auião de fazer por não serẽ poderosos pera se defẽder posto q̃ todos os q̃ ali chegarão forão viuos ⁊ sãos q̃nto mais sendo a mayor parte mortos ⁊ feridos: ⁊ poderia ser que vẽdo el rey q̃ se punhão em seu poder q̃ lhes goardaria sua palaura ⁊ faria o que dizia/ ⁊ q̃ se tiraria dalgũ mao pensamẽto se ho tinha, o q̃ mais asinha poeria em obra vẽdo q̃ não se fiaua dele. Ao que Simão de sousa respõdeo, q̃ claro estaua q̃ quẽ era tão mortal imigo dos Portugueses como el rey Dachẽ que se os acolhesse q̃ os auia de matar d̃ muy cruas mortes: ⁊ pois auião de morrer sem as vingar, q̃ melhor morrerião vingãdo as/ ⁊ farião o q̃ deuiã a Christãos ⁊ a caualeyros/ ⁊ entre tãto q̃ fazião o q̃ deuião lhes daria nosso senhor maneyra pera se saluarẽ: ⁊ quando não podessem saluar as vidas q̃ lhes saluaria as almas por sua misericordia pois morrião por seu seruiço. E animados todos coestas palauras/ disserão q̃ fizesse o q̃ lhe bem parecesse/ ⁊ q̃ eles ho seguerião: o q̃ lhes agardeceo muyto, ⁊ disse ao capitão dos mouros que não auia dẽtrar pera dẽtro q̃ se podia ir ẽbóra: ⁊ ele por estar ameaçado del rey nã ousou de se ir, ⁊ mãdou aos seus q̃ cometessem a galé ⁊ trabalhassem muyto porq̃ tomassẽ os Portugueses viuos, q̃ assi lho encomẽdara el rey/ ⁊ q̃ lhes lẽbrasse como os ameaçara se fossẽ sem a gale/ por isso q̃ fizessem por saluar as vidas. Os mouros remeterão á gale cõ tamanhos alaridos q̃ eles somẽte abastarão pa desatinar os Portugueses/ q̃nto mais tãtas nuuẽs de frechas q̃ tolhião a claridade do sol: tãta soma despigardadas q̃ escurecião ho ár / pedradas, zagũchadas, azagayadas ⁊ outros arremessos tão espesos q̃ parecião hũa grossa chuua. E nesta reuolta se chegarã tãto certas lãcharas á gale q̃ sal

tarão algũs mouros dẽtro/ q̃ logo
forão somidos pelos Portugueses
q̃ cada hũ pelejaua por vinte, ⁊ não
descansauão momẽto ⁊ fizerão afas
tar as lancharas dos mouros/ que
como erão muytos se ẽbaraçauão
hũs com os outros porque todos
querião ser os dianteiros que pele
jassem, ⁊ cõ a fadiga q̃ nisto tinhão
podião os Portugueses aprouei-
tarse deles/ assi cõ os tiros miudos
como cõ as espingardas ⁊ outras
armas offensiuas com que derriba-
uão hũs sem pernas, outros parti-
dos em pedaços. E era cousa espã-
tosa de ver como os Portugueses
se podião defender de tanta multi-
dão de mouros/ quanto mais offẽ
delos com tamanha destruição. E
porem eles não estauão sem ela que
erão algũs mortos ⁊ os outros q̃si
todos feridos / ⁊ os mouros q̃ ho
não sabião mas cuydado q̃ estauão
em todas suas forças por passar de
tres horas que duraua a peleja/ ⁊ q̃
nem somẽte os poderão nũca abal-
roar/ começarão de se alargar da
peleja ainda que os capitães lhes
lembrauão ho ameaço q̃ lhes el rey
fizera, pelo que lhes não daua espan
tados de tã braua defensão domẽs.
E vẽdo hũ mouro q̃ andaua na ga-
lé de por força/ como os mouros se
afastauã lãçouse a nado por ninguẽ
atẽtar nele, ⁊ foy dizer aos mouros
que nã se fossem, porq̃ os portugue
ses erão mortos os mais deles, ⁊ os
outros tão feridos ⁊ cansados q̃ nã
se podião defender, ⁊ se os cõbatessẽ
mais hũ pouco q̃ lhes tomariã a ga
lé/ ⁊ ho capitão mãdou este mouro
a el rey pera quelhe disesse aquilo, ⁊
assi os feridos q̃ tinhã, pa q̃lhe mã-
dasse gẽte de refresco, ⁊ munições q̃
logo mandou. E chegada esta gẽte
tornarã os mouros a cometer a ga-
lé q̃ entrarã muytos, por ja os Por
tugueses que auia viuos lhes nã po
derem resistir: porq̃ não pelejauão
mais q̃ Simão de sousa, Manuel d
sousa, dõ Antonio de crasto, Anto-
nio caldeira / Jorge dabreu / ⁊ ou-
tros tres ou quatro: ⁊ cõ quanto fa
zião façanhas/ os mouros os fize-
rão retirar ate ho pé do masto, ⁊ pre
garão duas frechas a dõ Antonio
de crasto na aste dũa chuça com que
pelejaua/ ⁊ ficarãolhe as mãos pre-
gadas, ⁊ assi pelejou ainda hũ pou-
co, ⁊ foyselhe tãto sangue das muy
tas feridas que tinha que cayo mor
to, ⁊ Simão de sousa, ⁊ Manuel de
sousa com os outros fizerão ali cou
sas tão milagrosas que não se podẽ
contar, ⁊ bẽ vingarão suas mortes
assi os que ali morrerão/ como os q̃
despois acabarão suas vidas ẽ po-
der dos mouros. E na furia desta
peleja deu hũ zaguncho darremeso
a Simão de sousa sobre ho coração,
⁊ com a força que leuaua lhe rõpeo
as coiraças ⁊ ho coraçã ⁊ caio mor
to/ ⁊ os que ficarão viuos que seriã
vinte cinco, em que entrauão Anto-
nio caldeira, ⁊ Jorge dabreu/ se en-
tregarão, prometendolhes os mou
ros as vidas/ ⁊ eles se derão por nã
terem forças nem folego pera se de-
fenderem, ⁊ com este Simão de sou
sa acabarão d morrer quatro filhos
de Duarte galuão. s. Jorge galuão,
Manuel galuão/ ⁊ Ruy galuã que
todos falecerão nestas partes ser-
uindo os Reys de Portugal como

seu pay ⁊ ante passados seruirão. Tomada a galé pelos mouros não q̃rião goardar ho seguro q̃ derão aos Portugueses / ⁊ queriãnos matar se os capitães não acodirão que lhos tolherão: ⁊ eles vẽdo que nã podião vingarse deles dos muytos parentes ⁊ amigos q̃ lhes matarão/vingarãse em Simão de sousa q̃ feyto em pedaços ho deitarão ao mar. Tomada assi a galé foy leuada a el rey com os Portugueses que escaparão viuos, a q̃ el rey fez muyto gasalhado por dissimular sua maldade/ ⁊ fez q̃ lhe pesaua muyto da morte de Simão d̃ sousa ⁊ dos outros q̃ ele mãdaua chamar pera lhes fazer gasalhado ⁊ hõrra como desejaua de fazer a todos os Portugueses de que era grande amigo: ⁊ como eles fossem sãos q̃ escolhem antre si algũ que fosse dizer da sua parte ao capitão de Malaca/ q̃ mãdasse por eles, ⁊ pola galé ⁊ artelharia/ ⁊ polo mais que lá teuesse que fora dos Portugueses, porque tudo daria de boa vontade. E isto fazia com tenção que ho capitão de Malaca mandasse algũ nauio / ⁊ q̃ ho tomaria com a gente que fosse nele: ⁊ pera mais enganar os Portugueses mandoulhes dar muyto boas pousadas ⁊ curalos cõ grãde diligencia/ ⁊ darlhe todo ho necessario tão largamẽte como se esteuerão antre Christãos.

¶ Cap. lxxxij. De como dõ Garcia anrriq̃z chegou a Malaca.

Dom Garcia anrriquez q̃ ficou na ilha de Banda despois que foy tempo partiose pera Malaca, ⁊ no caminho tomou hũ jũgo d̃ mouros Jaos. E auido seguro d̃ Pero de faria que ho não prendesse nẽ a nhũ dos q̃ forão na prisam de dom Jorge, se foy a Malaca / onde lhe Pero de faria mandou embargar toda sua fazenda, dizẽdo q̃ lhe não dera seguro mais q̃ pera ho nã prẽder. E despois estando em Malaca hũs embaixadores del rey de Panaruca, que he na ilha da Jaoa que vão assẽtar paz ⁊ amizade cõ Pero de faria/ se leuãtou hũ arroido antre os criados destes ẽbaixadores ⁊ os Malayos, que foy causa de se desembargar a fazẽda de dõ Garcia, ⁊ foy desta maneyra. Pousauã estes embaixadores ẽ hũa cerca de taipa junto da pouoação dos Quelis/ ⁊ passando hũ dia hũ homẽ da terra per junto desta cerca com hũ pouco de dinheiro virãlho hũs criados do ẽbaixador ⁊ tomarãlho por força, ao que acodirão algũs da cidade: ⁊ estando em rezões com os q̃ tomarão ho dinheiro q̃ ho tornassẽ passou ho meirinho da fortaleza / a q̃ requererão que ho fizesse tornar, ⁊ querẽdoho fazer foy sobrisso morto pelos Jaos. E os da cidade vendo isto se acolherão cõ medo / ⁊ començasse hũ rumor que os Jaos de Panaruca ⁊ quãtos morauão em Malaca erão feytos amoucos, ⁊ porq̃ atras disse q̃ cousa sam amoucos ho não digo: ⁊ este rumor chegou á fortaleza/ ⁊ acodio logo Pero de faria com gente armada cuydãdo q̃ era treiçã, ⁊ q̃ndo foy achou ja dõ Garcia anrrriq̃z q̃ cõ sete ou oyto Portugueses da sua companhia acodio ao arroido cõ suas ar-

mas ⁊ fez deter os Iaos que nã pas
sassem auante ⁊ matou doze deles,
pelo que quando chegou Pero de
faria ouue pouco que fazer em os
fazerẽ recolher/ ⁊ tudo se logo apa-
cificou. E porque dom Garcia aco
dio a tão bõ tempo lhe mãdou Pe-
ro de faria desembargar sua fazẽda
dando fiança dũs tantos mil cruza
dos/ pera se dom Iorge de meneses
quisesse dele algũa cousa/ ⁊ assi esca-
pou dom Garcia em Malaca.

Capit. lxxxiij. De como el rey de Dachem mandou cõ engano dizer a Pero de faria que lhe daria os Portugueses ⁊ a galé.

Este tẽpo auia guer
ra antre el rey de
Dachem /⁊ el rey
Dauru seu vezinho.
E sabendo el rey
Dauru a muyta re
zão q̃ os Portugueses tinhão pera
serem imigos del rey Dachem/ mã
dou pedir ajuda a Pero de faria ca
pitão de Malaca/ mandãdolhe di-
zer por seu embaixador como tinha
guerra cõ el rey Dachẽ, ⁊ q̃ confia-
do na amizade q̃ tinha cõ os Por-
tugueses do tempo q̃ Iorge dalbu-
querq̃ fora capitão de Malaca lhe
mandaua pedir ajuda contra el rey
de Dachẽ que sabia que era imigo
dos Portugueses/ ⁊ q̃ lha auia de
dar por mar pera coela pelejar a sua
armada com a del rey de Dachem
em quãto eles pelejassem por terra,
⁊ q̃ esperaua de se vingar dele ⁊ vin
gar aos Portugueses das offensas
q̃ lhes tinha feytas. E partido este
embaixador del rey Dauru, foy lo-
go sabido del rey de Dachem: do q̃
ele ficou muyto agastado/ porque a
fora recear muyto el rey Dauru por
ser poderoso de gente/ ⁊ gẽte esfor-
çada ⁊ guerreyra, auia grande me-
do de lhe ho capitão d̃ Malaca dar
ajuda, porq̃ dandolha era sem nhũa
redenção destruido: ⁊ estaua certo
darlha assi por os males q̃ os Por
tugueses tinhão dele recebidos co-
mo porque naq̃la conjunção auia
muytos Portugueses ẽ Malaca/
assi os q̃ estauão dantes/ como os
que forão cõ Francisco de sá açũda:
⁊ os q̃ leuara Pero de faria da In-
dia/ ⁊ os que auia de leuar Marti
afonso de melo jusarte q̃ ainda não
sabia que era perdido / porem sou-
bera dos Portugueses q̃ tinha ca-
tiuos q̃ auia dir a ter a Malaca. E
tẽdo por certo darse a ajuda a el rey
Dauru/ determinou de lhe atalhar
com manha que lha não dessem: fa-
zendo como dizẽ da necessidade vir
tude, ⁊ requerer amizade ao capi-
tão de Malaca cõ offrecimento de
dar os catiuos ⁊ a galé/ ⁊ todo ho
mais q̃ tinha tomado aos Portu-
gueses. E porq̃ não auẽturasse nhũ
dos seus nesta embaixada, ⁊ tambẽ
porq̃ parecesse ao capitão de Mala
ca q̃ tinha võtade de cõprir o q̃ di-
zia/ mandou coela Antonio caldei
ra/ ⁊ em sua cõpanhia outro Por-
tugues, ⁊ primeyro q̃ ho mandasse
lhe fez muytas mostras damizade
a fora as q̃ tinha feytas a todos em
os agasalhar ⁊ curar / ⁊ disselhe
causa porq̃ ho mãdaua ⁊ não a nh
seu, ⁊ q̃ se o capitão d̃ Malaca q̃ses

q̃ mãdasse logo pelos outros Portugueses, ⁊ pola galé ⁊ artelharia/ assi dela como de hũa nao q̃ se perdera na sua barra, ⁊ a que tomara na fortaleza de Pacem: ⁊ que não queria outra cousa se não sua amizade ⁊ a dos Portugueses. E ao tempo que Antonio caldeira chegou a Malaca tinha Pero de faria prometida sua ajuda ao ẽbaixador del rey Dauru, ⁊ quando vio Antonio caldeira ⁊ soube ho recado q̃ leuaua ficou muyto ledo parecẽdolhe que cobraria os Portugueses que estauão catiuos, ⁊ a gale ⁊ artelharia, ⁊ que nisto ganhaua mais q̃ em dar ajuda a el rey Dauru: ⁊ não ele sómẽte estaua co isto muyto ledo mas os mais dos principais da fortaleza/ ⁊ dõde Pero de faria tinha prestes Diogo de macedo capitão mór do mar de Malaca pera ir por mar com outros capitães ajudar el rey Dauru começou de ho ter. O q̃ não parecendo bem a Martim correa por ser seu amigo ⁊ ter co ele credito lhe disse que visse bem o q̃ fazia/ por q̃ toda aq̃la amizade del rey Dachẽ lhe parecia fingida, ⁊ q̃ não era pera outro fim senão pera saber se daua ajuda a el rey Dauru, ou se fazia armada prestes pera ir vingar a tomada da gale assi como auia pouco q̃ se fizera em longũ/ porq̃ bem deuia ele de saber que auia muyta gente ẽ Malaca. E a rezão por onde lhe parecia q̃ el rey Dachẽ mandaua mais Antonio caldeira pa saber aq̃las duas cousas que cõ determinação de fazer amizade/ era conhecer ele por experiencia que os mouros não cometião amizade senão q̃ndo virão q̃ lhes era muyto necessaria, ⁊ que el rey Dachẽ ainda nã se vira a pressado dos Portugueses pera cõ necessidade desejar sua amizade/ antes ele lhes tinha feytas muytas ⁊ muy graues offensas, na morte de Jorge de brito/ na tomada da fortaleza de Pacem, na da galé de Simão de sousa ⁊ outras, porq̃ nunca ouuera castigo: pelo q̃ auia destar muyto soberbo/ ⁊ não pedir amizada com offrecer tãtas cousas a quẽ lhe não pedia nhũa/ o que lhe fazia sospeitar o que sospeitaua. E parecẽdo isto bẽ a Pero de faria/ mandou chamar Antonio caldeira, ⁊ lhe resumio perãte Martim correa quanto lhe ele tinha dito/ rogando lhe muyto que atentasse bẽ se se poderia ter aquela sospeita del rey Dachem. Ao que ele respõdeo que não abonãdo ho muyto, ⁊ dãdo ho por amigo muy fiel dos Portugueses/ ⁊ acreditando ho tanto que disse q̃ por nhũ preço deixaria de lhe tornar com qualquer reposta que lhe dessem pola confiança q̃ nele tinha. O q̃ visto por Pero de faria, teue por sem duuida q̃ el rey Dachẽ falaua verdade pois Antonio caldeira fiaua tãto dele/ q̃ estãdo liure se queria tornar lá sem receo de ho catiuarẽ: ⁊ mais porq̃ dilatãdo ele a reposta a el rey de Dachẽ/ lhe disse Antonio caldeira q̃ se a mais dilatasse ⁊ ho não quisesse mandar a Dachẽ q̃ ele se iria, porq̃ auia de cõprir o q̃ prometera a el rey de Dachẽ ⁊ aos Portugueses que ficauão co ele de tornar com a reposta. E quãdo Pero de faria vio sua determinação, acabou de todo crer q̃ ele tinha por

verdadeyro o que el rey de Dachē
lhe mandaua dizer, τ despachou ho
logo escreuendo a el rey de Dachē
que folgaua muyto com sua amiza-
de/ τ q̄ a aceitaua em nome del Rey
de Portugal, τ dali por diante te-
ria nele hũ bõ amigo, τ receberia de
le fauor τ ajuda quando lhe fosse ne
cessario/ τ que logo mādaria pelos
Portugueses τ polo mais q̄ dizia/
τ com a confiança que tinha de sua
amizade, não queria dar ajuda a el
rey Dauru que lha mandaua pedir
contrele, τ que disso poderia estar se
guro/ τ mandaua hũ Portugues
casado em Malaca que sabia bem a
terra τ a lingoa dela que leuasse An
tonio caldeira em hũ balanco τ ho
posesse no reyno de Pacem onde es
taua el rey de Dachem τ lho entre-
gasse. E partidos d Malaca forão
ter a hũa ilha/ onde fazēdo agoada
forão mortos polos moradores de
la que erão mouros, pelo que el rey
de Dachem não ouue reposta.

¶ Capit. lxxxiiij. Do q̄ passou an-
tre Pero de faria τ el rey Dau-
ru/ τ el rey de Dachem.

Despedido Antonio
caldeira pa Dachē,
como de Pero de fa
ria tinha assētado de
nã dar ajuda a el rey
Dauru despedio ho seu embaixador
respōdendo que não podia ajudar
a el rey Dauru contra el rey de Da
chem por amor dauer aqueles Por
tugueses que tinha catiuos/ τ por
cobrar a muyta artelharia q̄ tinha
del Rey d Portugal que se isso não
fora que ho ajudara de muyto boa
võtade/ τ ajudaria cõtra qualquer
outro rey. E ouuindo ho embaixa
dor esta reposta tão fora do que es-
peraua, τ despois de ho deterem tã
to tempo como ho deteuerão ouue
muyto grande menencoria posto q̄
ho dissimulou. E sem mais se despe
dir de Pero de faria se partio hũa
noyte muyto secretamente, do que
pesou muyto a Pero de faria/ pa-
recendolhe que ya agrauado/ τ que
el rey Dauru ho ficaria dele:o q̄ ele
não queria porque sabia que el rey
Dauru era leal amigo dos Portu-
gueses, τ grande seruidor del Rey
de Portugal, τ por isso desejaua de
ho poupar: τ pera ho temperar de
seu agrauo, mandou lá a hũ Fernão
de morais capitão dũ galeão como
que ho mandaua em seu fauor/ τ cõ
grandes disculpas de lhe não dar
logo ajuda. E chegado ho embaixa
dor del rey Dauru a ele antes que
Fernão de morais lá chegasse/ lhe
deu a reposta de Pero de faria/ de
que el rey ficou muyto agastado/ τ
porque se temeo que desse ajuda a el
rey de Dachē, despachou logo sua
armada que tinha prestes que fosse
pelejar com a del rey de Dachē que
estaua no porto de Pacem: τ indo
pa lá topou no caminho hũ paraó
em que ya hũ Portugues daqles q̄
el rey de Dachē tinha catiuos por
quē ho mesmo rey mandaua dizer a
Pero d faria q̄ mādasse logo polos
outros Portugueses/ τ pola galé
τ artelharia: τ isto porq̄ Antonio
caldeira tardaua cõ a reposta/ τ pa
recialhe q̄ Pero de faria nã queria
sua amizade/ por amor dos dãnos
q̄ tinha feytos aos Portugueses/

⁊ q̄ria antes a amizade del rey Dauru ⁊ darlhe ajuda pera ho destruirē ambos. E coesta sospeita feruia / ⁊ pera se tirar dela tornou a mandar aquele Portugues, q̄ topando bo os Aurus / como sabião que ho seu rey não estaua bē com os Portugueses tomarão este ⁊ mandarãno a el rey Dauru / que sabēdo dele ao que ya não ho quis deixar ir / porq̄ Pero de faria coeste recado não se apressasse a socorrer el rey Dachē. E nisto chegou Fernão de morais ao porto dondestaua el rey Dauru: que como não era amigo dos Portugueses não quis mandar recado a Fernão de morais, ātes defendeo que ninguem fosse ao galeão. E passando quatro dias que Fernão de morais estaua no porto sem pessoa nhūa da terra ir a bordo, determinou com quāto lhe aquilo pareceo mal ō se auēturar ⁊ ir falar a el rey / o que lhe foy contrariado, dizendo que poderia ser que el rey estaria agrauado de Pero de faria pola ajuda que lhe não quis dar / ⁊ por isso não quereria que os Portugueses fossem a sua terra nē conuersalos / ⁊ que indo a terra sem seu recado lā çaria mão dele, ⁊ ho prenderia por isso que não fosse. E como Fernão de morais era muyto esforçado ⁊ auentureyro não quis deixar dir: ⁊ chegado diante del rey / foy dele muyto bē recebido ⁊ agasalhado, ⁊ mostrou receber bem as disculpas de Pero de faria / ⁊ que não lhe pesaua de sua amizade com el rey Dachem por amor das causas q̄ dizia, antes folgaua muyto de cobrar por aquela via os Portugueses / galé ⁊ artelharia, ⁊ que nem por isso deixaua de ser seu amigo ⁊ ho seria sempre. E isto tudo era fingido, que como vio Fernão de morais logo determinou de ho prēder ⁊ tomarlhe ho galeão se a sua armada desbaratasse a del rey de Dachem, ⁊ isto por se vingar da ajuda que lhe Pero de faria não deu. E com tudo quis esperar se vēcia a sua armada ou não, porque não vencendo queria ficar amigo com os Portugueses / porq̄ ficando mal coeles receaua q̄ se ajūtassem cō os Dachēs ⁊ ho destruissem / ⁊ deteue Fernão de morais oyto dias dando lhe a entender q̄ ho tinha pera se fauorecer coele contra seus imigos / ⁊ acabo dos oyto dias lhe foy noua que a sua armada pelejara com a del rey Dachem / ⁊ q̄ nhūa vencera ⁊ se apartarão sem mais pelejarem ⁊ a sua se tornaua, ⁊ logo deixou ir Fernão de morais ⁊ lhe deu ho Portugues que leuaua ho recado del rey de Dachem / que tinha reteudo ate tambem ver em q̄ parauão aq̄les negocios, ⁊ por não serem a sua vōtade ho soltou / ⁊ mā dou dizer a Pero de faria o que ja tinha dito a Fernão de morais que quādo chegou ao galeão achou q̄ ho mestre ⁊ a outra gēte se querião ir desesperados de ele tornar / parecendolhe que era catiuo / ⁊ receando que fossem os mouros tomar ho galeão. E vendo el rey Dauru que sua armada não vencera a del rey de Dachem não quis pelejar coele por terra / nem menos el rey de Dachem quis coele guerra / parecendolhe que ho auião dajudar os Portugueses por não ter

ainda reposta de Pero de faria, ⁊ logo se concertarão ambos ⁊ se fizerão amigos. E como a amizade del rey de Dachem cõ Pero de faria era fingida por amor da guerra del rey Dauru como se vio dela desapressado/ não quis mais amizade com Pero de faria nẽ darlhe nada, ⁊ pesoulhe dos Portugueses que tinha mandados: o que Pero de faria não soube porque por nã poder não mandou a Dachem/ ⁊ por lhe parecer que tudo estaua certo pera de cada vez que lá mandasse, ⁊ se então soubera a verdade ⁊ mãdara lá hũa armada el rey de Dachem comprira o que tinha prometido ou fora destruido.

¶ Capit. lxxxv. De como Nuno da cunha partio pera a India por gouernador dela.

Este anno de mil ⁊ quinhentos ⁊ vintoyto mandou el Rey dom João de Portugal por gouernador da India hũ fidalgo chamado Nuno da cunha vedor da sua fazenda/ q̃ por amor da grande inuernada que foy aquele anno não pode partir se não a dezoyto Dabril/ ⁊ leuou hũa armada de noue naos grossas ⁊ hum galeão/ ⁊ hũ nauio redondo. Das naos forão capitães a fora ele, Simão da cunha seu irmão que ya por capitão mór do mar da India, Pero vaz da cunha tambẽ seu irmão q̃ leuaua a capitania de Goa/ Garcia de sá q̃ leuaua a de Malaca/ dõ Fernãdo de lima de Sãtarem q̃ ya por capitã mór das tres naos do trato d̃ Baticalá pa Ormuz, dõ Frãcisco deça/ Frãcisco de mẽdoça, João de freytas ⁊ Antonio de saldanha: do galeão Bernaldi da silueira/ do nauio afonso vaz azãbujo. E nesta armada forã tres mil homẽs darmas em que entrauão muytos fidalgos ⁊ criados del Rey a mais luzida gẽte que ate aq̃le tempo fora á India. Partida esta armada antes de chegar ás ilhas das Canarias ãtre as noue horas ⁊ as dez do dia se foy a nao de João de freitas ao fũdo porq̃ abrio da popa ate a proa de duas pancadas que lhe deu a nao de Simão da cunha, ⁊ isto por culpa do piloto da nao de João de freitas, ⁊ em obra de hũa hora se ẽcheo dagoa que não se pode lançar ho batel fora ⁊ ho esquife escassamente, em que se meteo João de freitas cõ alguũs, ⁊ sobristo ⁊ sobre se tomarem arcas ⁊ tauoas pera cada hũ se saluar ouue muytas cutiladas, de q̃ muytos morrerão: ⁊ foy piedosa cousa d̃ ver hũ homẽ casado que leuaua sua molher ⁊ tres filhas moças/ que vendose sem esperança de saluação se abraçarão todos cinco: ⁊ dãdo gritos que chegauão ao ceo se forão cõ a nao ao fundo: o q̃ os das outras naos entenderão quãdo a virão meter debaixo dagoa que ateli não sabião nada do que passaua por irem hũa legoa dela ou pouco menos. E entendendo o que era acodirão os capitães em os esquifes com q̃ saluarão bem cincoenta pessoas q̃ andauão pegadas ẽ arcas ⁊ ẽ tauoas, ⁊ afogarãse na nao cento ⁊ cincoen-

ta, ꝛ Nuno da cunha nã castigou ho piloto da nao de João de freitas q̃ escapou porque nã soube a verdade de como aquilo fora que lhe foy encuberta. E proſſeguindo em sua viagẽ foy fazer agoada na ilha de Sãtiago / õde achou menos ho galeão de Bernaldim da silueira que cuydou que achaſſe ali porque desapareceo logo ao sair da barra de Lisboa, ꝛ indo por sua rota foy ter ao parcel de çofala onde deu em seco, ꝛ foy morta a gente pelos cafres. E fazendo Nuno da cunha agoada na ilha de Santiago / ꝛ tomados os mantimẽtos que lhe leuauão duas carauelas que ateli forão coele tornou a sua viagem / ꝛ na costa de guiné deixou a nao Dantonio de saldanha por singrar menos que todas as outras ꝛ perderem viagem por esperarẽ por ela: ꝛ disselhe pelo seu piloto que se ficaſſe com a bẽção de Deos / porque bem via quão tarde era / ꝛ que perdião viagem por sua causa / ꝛ que melhor seria perderse hũa nao que todas: ꝛ co isto deu os traquetes que leuaua amainados ꝛ ho mesmo fizerão as outras / o que vendo os que yão com Antonio de saldanha ficarão muyto tristes de se verem ficar / o que eu vi por ir na nao. E dãdo ho gouernador os traquetes com as outras desaparecerão em pouco espaço / ꝛ Antonio de saldanha mandou tantas vezes mudar a carrega da nao da popa a proa / ꝛ assi pelo contrairo que lhe acertou ho cõpaſſo: ꝛ singrou dali por diante muyto bẽ. E nisto ꝛ em vigiar a nao sem dormir de noyte nẽ se despir / ꝛ em a fazer andar mais do que ho piloto ꝛ mestre fazião ꝛ em a segurar / ꝛ em ter muyto grã de cuydado de curar os doẽtes foy tão singular capitão que mais não podia ser. E despois da ajuda d̃ nosso senhor por sua diligencia foy esta nao aquele anno á India segũdo os estoruos que teue pera não ir. E seguindo Nuno da cunha sua rota nã leuãdo ẽ sua conserua mais q̃ Pero vaz da cunha ꝛ dõ Fernãdo de lima ꝛ Afõso vaz ido na volta do cabo d̃ boa Esperãça lhe deu hũ temporal de sul q̃ durou hũa noyte ꝛ hũ dia ate vespera, ꝛ em acabando forão ter coele Antonio de saldanha ꝛ dõ Francisco deça / que auia dias que yão em companhia, ꝛ forão recebidos com grande festa. E indo assi em conserua lhe deu aos seys dias de Julho na paragem do cabo outro temporal de sul que durou vinte q̃tro horas, ꝛ poderão as naos sofrer ho pairo ate ho quarto dalua / em q̃ ho vẽto foy em tanto crecimento q̃ a Nuno da cunha lhe foy forçado arribar porq̃ era ho mar tão groſſo que ho comia / ꝛ assi arribarão as outras naos saluo a Dãtonio de saldanha, que como era noua quis noſſo senhor q̃ pode sofrer ho pairo / ꝛ iſſo foy tambẽ causa de paſſar á India. E arribando Nuno da cunha foy correndo com aquele temporal ate que acalmou ꝛ achou se com Pero vaz da cunha ꝛ com dom Fernãdo de lima. E os outros capitães forão por eſſe mar ate que tornarão a fazer viagem. E achãdose Nuno da cunha cõ seu irmão ꝛ com dõ Fernãdo / acordou coeles que por quanto era tarde ꝛ yão em

risco de não passar á India / q̃ por
pouparẽ caminho fossem por fora
da ilha de sam Lourenço, ⁊ assi ho
fizerão: ⁊ dõ Francisco deça ⁊ Frã-
cisco de mendoça ⁊ Afonso vaz que
fizerão seu caminho por dentro fo-
rão ter a Moçãbiq̃ / saluo Afonso
vaz q̃ se perdeo nos ilheos de Mo-
çambique ⁊ saluouse toda a gente /
⁊ dom Francisco deça ⁊ Francisco
de mendoça acharão em Moçam-
bique a Simão da cunha / ⁊ por ser
passada a moução não poderão pas
sar aa India, ⁊ inuernarão hi. E
Garcia de sa que antes do primey-
ro temporal se apartou da cõserua /
despois de se ver quasi perdido cõ a
segunda tormenta seguio sua rota /
⁊ passando muyto trabalho de fo-
me ⁊ de sede cõ que lhe morreo muy
ta gente chegou aa costa da India
hũ sabado dezasete Doutubro com
tanta necessidade dagoa que não le
uaua mais que hũa pipa dela. E des
pois dele oyto dias chegou Anto-
nio de saldanha que tambẽ passou
assaz de trabalho com fome ⁊ sede /
de q̃ lhe adoeceo quasi quanta gẽte
leuaua ⁊ lhe morrerão perto de ses-
senta pessoas, ⁊ foy por fora / ⁊ por
fazer prouisam na agoa que leuaua
pouca / bem hũ mes se não deu a ca-
da pessoa mais q̃ hũ quartilho da-
goa cada dia, ⁊ por passar aa India
não tomou nhũa agoada por se não
deter: ⁊ chegou a Baticala hũ saba
do vinte quatro Doutubro / ⁊ dali
foy ter a Cochim.

¶ Capitolo .lxxxvi. De como se per deo a nao de Nuno da cunha.

Passada a tormenta
que disse com que se
as naos espalharã,
Nuno da cunha cõ
pero vaz da cunha
⁊ dom Fernãdo de
lima seguirão por sua rota / ⁊ com
muyto roym viagem de ventos cõ
trairos ⁊ calmarias foy ter aa ilha
de sam Lourẽço quasi na fim Dou-
tubro / ⁊ surgio na barra do rio de
Santiago pera fazer agoada, ⁊ ali
foy ter coele hum Portugues q̃ lhe
contou como escapara da nao de
Manuel de lacerda que se perdera
ali em hũ baixo por culpa do seu pi-
loto / ⁊ a gente se saluara na terra
por ser perto / ⁊ Manuel de lacerda
se deteuera hũ anno esperando que
fossem ali ter algũas naos que os
tomassem: ⁊ q̃ aueria dous meses
que andara hi hũa nao oyto dias /
de dia a terra ⁊ de noyte ao mar, ⁊
que cada noyte lhe fazião fogos em
cruz pera que soubesse que estauão
ali Christãos, ⁊ nunca chegara a
terra / ⁊ despois desaparecera. E es
ta era a nao Dãtonio de saldanha,
⁊ não quis chegar posto que vio os
fogos, porque sabia que tambẽ os
mouros os fazião pera enganarem
os Christãos ⁊ os fazerem chegar
a terra / ⁊ se perderem em muytos
baixos ⁊ restingas que ha ao longo
dela. E disse mais aq̃le Portugues
que desaparecida esta nao ficarão
Manuel de lacerda ⁊ todos muyto
tristes / por não esperarem tão cedo
por outra nao. E porque a terra era
muy pobre de mantimentos / ⁊ não
se podião manter: ⁊ tambem porq̃
ho mais certo caminho das naos

Portuguesas era pola outra bãda da ilha acordarão de se passarẽ lá/ τ feytos em duas quadrilhas foy cada hũa por seu cabo: τ ele por estar doente se deixara ali ficar, τ que a gente da terra lhe fazia muyto boa companhia / τ dela soubera como chegarão aquelas tres naos. E fazendo Nuno da cunha τ os outros capitães agoada/ em hũa terça feyra que auia quatro dias que ali estaua/ estando os bateis dẽtro no rio/ leuantouse hũ trauessam com que a nao de Nuno da cunha começou de caçar pera terra, τ por estar sobre hũa só ancora lãçarão outra/ τ despois outras ate seys que não auia mais τ todos os austes delas trincarão, τ era por se roçarem por penedos que estauão debaixo, τ com a grande força que leuauão pelo peso das ãcoras trincauão logo. E não auẽdo ancoras que teuessem a nao, caçou tanto pera terra/ que deu sobre hũa area õde fez assento τ abrio, encheose dagoa/ τ ho mesmo ouuera dacontecer á nao de dom Fernãdo de lima se não teuera hũ auste de cairo que teue mão, porque tambẽ outros de linho trincarão, τ os esquifes que erão por agoa dẽtro ao rio nunca poderão acodir por ho vẽto ser trauessam τ na boca do rio fazer ho mar tamanho escarceo que não poderão sair/ nẽ sairão ate não acalmar ho vento. τ a nao por a restinga ser baixa não ficou cuberta dagoa mais que ate a ponte/ τ dali pera baixo tudo se perdeo, τ a gente se saluou toda/ τ Nuno da cunha se passou com parte dela pera a nao de Pero vaz da cunha, τ a outra se apousentou na de dom Fernando, τ tirados os mastos τ vergas a esta nao / τ queymado quanto parecia sobelagoa/ Nuno da cunha se partio caminho da India a dez de Nouembro τ foy ter antre as ilhas de Zanzibar/ τ hũa noyte entrou em hũa enseada grande que se fazia antre a ilha de Zanzibar τ outra. E quando veo pola manhaã nem os pilotos poderão entender por onde entrarão/ nẽ por õde auião de sair: porque os canais por õde entrarão τ por õde auião de sair erão tão estreitos que não se enxergauão com ho mar que arrebentaua em frol. E despois de desesperarem de não poderem dali sair τ estarem em muyto risco de se perder, mãdou Nuno da cunha a Manuel machado capitão dos seus alabardeiros que fosse a terra com algũs deles a tomar lingoa pera saber ondestaua, τ ele foy no esquife da nao τ quisera sair em hũa pouoação de q̃ logo os negros acodirão bem armados de frechas τ paos tostados, τ pelejando coele ho fizerão recolher por força/ τ sobrisso lhe matarão hũ gormete τ ferirão outros homẽs: o que sabẽdo Nuno da cunha / fez conselho sobre o que faria/ τ seu irmão Pero vaz se conuidou pera ir a terra/ õde foy no batel com certos fidalgos τ outros homẽs todos armados. E vẽdo os a gente da terra daquela maneira fugirão τ despouoarão ho lugar: do q̃ Pero vaz se agastou muyto/ τ disse a todos que bem vião ho perigo em q̃ as naos estauão, τ quãta necessidade tinhão de tomar quẽ as tirasse dali / τ pois os negros

não querião esperar era necessario tomarênos por manha: ꝛ esta seria ficarem em terra embranhados algũs dos nossos/ ꝛ os outros fizessem que se tornauão no batel á nao. porque como fosse noyte os negros auião de tornar á pouoação/ ꝛ os q̃ ficassem embranhados poderião tomar algũ que lhes disesse ondestauão/ ou lhes desse maneyra pera se tirarem dali. E a isto não respondeo ninguẽ/ saluo hũ mãcebo fidalgo chamado Diogo de melo filho de João de melo abade de põbeiro q̃ disse ele ficaria com hũ seu irmão chamado Tristão de melo/ ꝛ com hũ seu criado que auia nome João rodriguez. O que lhe Pero vaz teue muyto em merce/ louuando ho por isso grandemente, ꝛ prometendolhe de ho dizer a Nuno da cunha pera lhe fazer merce: ꝛ Diogo de melo lhe disse que visse como ficaua/ ꝛ tanto que fosse noyte que acodisse á praya diante daquela pouoação ondestauão pera ele ter õde se saluasse/ que bem sabia que se auia de ver em perigo, porq̃ não auia de vir de terra sem tomar lingoa: ꝛ coisto se foy embranhar com seu irmão ꝛ cõ ho outro/ ꝛ Pero vaz mandou remar ho batel pera as naos. E vendo ho os da terra ir cuydarão que se tornauão/ ꝛ por isso em anoytecẽdo se forão pera a pouoação: ꝛ sintindo Diogo de melo que tornauão sayo do mato cõ Tristão de melo ꝛ João rodriguez/ ꝛ apanhou hũ mouro q̃ ya só, que vendo os nossos ouue tamanho medo que se calou, porque eles tambem ho ameaçarão com as espadas nos peitos q̃ ho matarião se bradasse ou não quisesse andar. E coisto derão muy asinha coele na praya onde a borda dagoa acharão Pero vaz no batel. E vendo todos ho mouro que era hũ velho forão muyto ledos/ porque disse a Pero vaz pelo lingoa despois que perdeo ho medo/ que se ho não tomarão q̃ nunca as naos ouuerão de sair dali ainda que tomarão outro/ porque ele era piloto daquela costa, ꝛ q̃ as auia de tirar/ ꝛ ho mesmo disse a Nuno da cunha despois q̃ foy coele que deu a Diogo de melo muytos agardecimentos pelo que fizera/ ꝛ lhe prometeo que como gouernasse a India lhe daria a primeyra cousa que vagasse que coubesse nele/ porq̃ fizera hũ muyto grande seruiço a Deos ꝛ a el Rey em lhe trazer aq̃le piloto: do que os q̃ forão cõ Pero vaz ouuerão grande enueja, ꝛ lhes pesou muyto de não se offerecerem a embranharse como se ele offreceo. E certo q̃ despois de nosso senhor ele foy causa de se as naos saluarem em tomar aquele piloto, ꝛ ao outro dia ho piloto mouro tirou as naos daquela enseada por hũ canal tão estreito que todos se espantauão de como podião por ali sair/ ꝛ dali forão ter ao porto de Zanzibar/ ondesteuerão algũs dias refrescando por ser a terra muyto pera isso como disse atras. E desesperando Nuno da cunha de poder passar á India por ser vinda a moução dos leuantes que era contraira pera sua nauegação/ ꝛ lhe era forçado inuernar em algũ lugar daq̃la costa, determinou de ser em Mombaça por ter muyto bõ rio pera estarem as

naos o que não podia ser em Melin de por ser costa braua, ⁊ as naos correrẽ muyto perigo, ⁊ por isso não podia hi ter ho inuerno. E assentado nisto/ deixou em Zanzibar bem duzentos doẽtes que leuaua por ir mais despejado/ ⁊ por ser a terra muyto sadia ⁊ abastada pa eles ali ficarem. E pedio a hũ fidalgo chamado Aleixo de sousa chichorro q̃ ficasse por seu capitão, o que ele fez de muyto boa võtade por seruir el rey. E Nuno da cunha se partio pera Melinde, onde foy muyto bẽ recebido del rey/ ⁊ hi achou Diogo botelho pereyra capitão de hũa naueta em que fora buscar dõ Luis de meneses se parecia por aq̃la costa/ porque auia sospeita q̃ não era perdido ⁊ estaua ali com a gente da sua nao, ⁊ daqui mandou Nuno da cunha pedir licença a el rey de Mombaça pera inuernar no seu porto dãdolhe a rezão porque não podia ser em Melinde, ⁊ fazendolhe muytos offrecimentos. Mas el rey de Mõbaça parecendolhe que aquilo era manha pera lhe tomarẽ a cidade nã a quis dar/ pelo que ele determinou delha tomar ⁊ ter hi ho inuerno.

¶ Capit. lxxxvij. De como Nuno da cunha tomou a cidade de Mõbaça.

E Dãdo parte desta determinação a seu irmão ⁊ a dõ Fernãdo a que pareceo bem/ assentou em conselho que ho deuia de fazer. E feyto alardo da gente que tinha achou oyto centos Portugueses ⁊ bem duzẽtos mouros da India nossos amigos que inuernauão em Melinde que forão coele/ ⁊ seys centos com que ho ajudou el rey de Melinde: ⁊ partio hũ dia atarde com quatro velas: a capitaina/ a de dom Fernãdo de lima/ a de Diogo botelho pereyra ⁊ a dos mouros. E chegãdo ao outro dia pola manhaã á barra de Mombaça surgio, ⁊ surto mandou sondar a barra por Pero vaz da cunha q̃ foy no batel da nao bem artilhado ⁊ forão coele corenta homẽs de que algũs erão fidalgos. s. Anrrique de sousa chichorro/ Diogo botelho pereyra ⁊ outros: ⁊ na entrada da barra que era ho mais estreito dela acharão que estaua hũ baluarte de pedra/ ⁊ q̃ tinha oyto bombardas que os mouros que estauão nele despararão logo em vẽdo ho nosso batel que por ser rasteiro, ⁊ passar muyto rijo ho não poderão pescar: ⁊ passando auãte foy surgir no lugar onde as naos auião de surgir que era perto da cidade, ⁊ este final auia de ter Nuno da cunha pera entrar sem Pero vaz tornar a darlhe recado, porq̃ das naos podião ver onde surgia/ pelo que Nuno da cunha começando de ventar a viração diffirio as velas leuadas as ancoras/ ⁊ ho mesmo fizerão os outros ⁊ entrarão pera dentro/ ⁊ tirarãlhe do baluarte mas não lhe fizerão nhũ dano, ⁊ Nuno da cunha não mãdou tomar ho baluarte por mostrar aos mouros q̃ ho não tinha em conta/ ⁊ lhe fazer crer q̃ lhe não queria fazer guerra ⁊ consentisse el rey por bem que inuernasse ali/

& por isso esperou aqle dia ate noyte sem mandar tirar á cidade pera ver se lhe mandaua algũ recado / mas ele estaua bem fora disso / & assi lho aconselhauão os seus, & diziãlhe q̃ quãdo se não podesse defender que melhor era deixar a cidade que dar lha por sua vontade / & que hi lhe ficauą passado ho inuerno q̃ os Portugueses se auião dir. E coeste proposito despejarão a cidade da fazẽda & da gente que não ficou mais q̃ a de peleja. E vẽdo Nuno da cunha que el rey estaua em seu ser & não lhe mandaua recado desenganouse que queria guerra / & pera saber õde teria melhor desembarcação / como foy noyte mandou a Pero vaz que ho fosse ver. E chegando ele diante da cidade q̃ os mouros ho sintirão sairão muytos á praya & tirauão muytas frechadas cõ frechas heruadas q̃ ferirão algũs Portugueses / & Pero vaz se tornou a Nuno da cunha / a que disse que auia hũa praya em q̃ podia bẽ desembarcar posto q̃ auia de sair a gẽte por agoa que daria pola cinta / & dali a duas horas chegou á capitaina hũ mouro de Melinde que vinha da cidade & disse a Nuno da cunha que se goardasse de desembarcar na praya que auia de ser cousa perigosa pola detẽça que a gente auia de fazer em chegar a terra / & que entre tanto a frecharião os mouros porque assi ho tinhão determinado: por isso q̃ deuião de desembarcar junto de hũa mezquita q̃staua abaixo da praya em q̃ desembarcaria sẽ nhũ perigo por ser ali alcantilado / & que ele mostraria este lugar. E disse mais que os mouros serião tres mil d̃ peleja, & que não tinhão mais que hũa estancia de fora de hũa das portas da cidade com quatro ou cinco bombardas de ferro / & que ho bombardeiro era hũ Portugues / & q̃ auia antreles algũs espingardeiros, & q̃ estauão com grande medo q̃ lhe parecia que auião logo de fugir. Sabido isto por Nuno da cunha, cõcertou cõ seus capitães de dar ao outro dia na cidade & deu a diãteira a Pero vaz da cunha com seyscẽtos Portugueses & trezẽtos mouros, & muytos destes Portugueses erã espingardeiros / & era seu capitão hũ fidalgo chamado Fernão coutinho que despois foy por terra da India a Portugal, & Nuno da cunha co os outros capitães & resto da gẽte lhe auião dir na retro goarda. E ao outro dia em amanhecẽdo desembarcarão na mezquita onde os guiou ho mouro de Melinde / que seria da cidade hũ tiro de bésta ou pouco mais, & sem acharem ali resistencia (porque os mouros os esperauão na praya) seguirão pera a cidade que era cercada de muro baixo, & forão contra a porta onde de fora estaua a estancia que ho mouro dissera / em que estauão duas bõbardas de ferro que tirarão algũs tiros. E vendo ho bombardeiro q̃ os nossos se chegauão, fugio cõ medo & assi os mouros que estauão na estãcia se recolherão á cidade. E vẽdo el rey que contra os Portugueses nã auia defensa fugio da cidade cõ toda a gente, & como a pressa foy grande que não podião leuar o que tinhão deixarão muyta parte dele

soterrado, e outra leuarão e lhes ficou por hi. E el rey se pos na mesma ilha mea legoa da cidade cõ seu arrayal bẽ fortalecido. E não achãdo Nuno da cunha nhũa resistencia nos mouros/não os quis seguir e mandou roubar a cidade em que ho mais que se achou forão mantimẽtos/porẽ algũs acharão dinheiro com q̃ se tornarão dali pera Portugal no nauio de Diogo botelho. E tomada assi a cidade sẽ morrer ninguem dũa parte e da outra/fez Nuno da cunha algũs caualeiros, e despois mandou fortalecer algũa parte dela atrauessando as ruas cõ tranqueiras :porq̃ pera quão poucos os nossos erão ficaua ela muyto grande/e não a podião defender toda:e temiase Nuno da cunha que os mouros lhe corressem por quão perto estauão. E fortalecida aquela parte da banda do mar com suas estancias e gente que as goardasse/apousentouse nos paços delrey/e dahi a algũs dias mandou tomar ho baluarte da barra em que ainda estauão mouros/e mandou a isso dom Rodrigo de lima irmão de dõ Fernando de lima, que com os que leuaua tomou ho baluarte matãdo e catiuando a mór parte dos mouros q̃ ho goardauão, e tomandolhe sua artelharia/e foy ferido dõ Rodrigo de hũa frechada e assi algũs outros:e ele morreo despois da ferida por ser a frecha heruada. E dali por diante como os mouros estauão tão perto da cidade/e a mayor parte dela esteuesse despejada, vinhão correrlhe de dia e de noyte/e como não achauão resistẽcia da parte do sertão desauergonhauãse tãto que entrauão dentro/e hũs leuauão o que lhes ficara escondido, outros chegauão ate as tranqueiras q̃ os nossos tinhão feytas nas ruas:e querião passar por elas/e assi ho fizerão se pelos nossos lhe não fora defendido q̃ lhes resistião fortemẽte:e se os nossos não teuerão necessidade de pelejar na tomada da cidade aqui teuerão tanta q̃ os mais dos dias e das noytes ho fazião, porq̃ os mouros erão tão sobejos que continuamẽte vinhão, e muytas vezes tomauão os Portugueses comendo e erão feridos muytos de hũa parte e doutra. E hũa vez sayo dõ Fernando de lima com tamanha pressa que foy sem capacete cõ hũ chapeo de frisa, e passãdolho com hũa frecha ho ferirão na testa:ao que ele disse muyto alto. Amores de minha molher por mostrar que não sentia a ferida/e pelejou tambem com os q̃ ho ajudauão que fez fugir os mouros de que ficarão algũs mortos. E sendo os Portugueses tão perseguidos coestes continos rebates/afrontauasse Nuno da cunha disso/e tinhao por grande injuria, e porque não sabia quantos os mouros erão e os nossos serẽ poucos não ousaua de mãdar dar no arrayal pera os fazer afastar dali:e desejãdo de tomar lingoa pera que soubesse o q̃ digo, encomendou a Diogo de melo de que disse atras que lha tomasse, porque tinha nele confiança que ho faria, e ele lho prometeo/e forão coele Tristão de melo e outros dous homẽs e hũa noyte se deitarão em cilada

perto do arrayal. E estando assi forão ter coeles dous mouros de que tomarão hũ/ ⁊ em no tomando deu tamanhos brados antes que lhe podessẽ tapar a boca q̃ foy ouuido no arrayal, õde ho aluoroço foy muyto grande/ ⁊ começarão todos de se rebolucr pera acodir: o que sentiu do Diogo d melo quisera tomar ho mouro ás costas ⁊ leualo: mas era tão gordo que nunca ele nẽ nhũ dos outros ho poderão leuantar. E vẽdo ele isto/ ⁊ que dali á cidade era mea legoa/ ⁊ que ho não auia de poder leuar contra sua vontade porq̃ os mouros vinhão matou ho ⁊ cortoulhe hũ braço que leuou pera testemunho do que fizera/ ⁊ perto da mea noyte chegou aa cidade coele ⁊ por Nuno da cunha dormir deu ho braço ao seu camareyro/ ⁊ ao outro dia lhe contou o que fizera: ⁊ querẽdo laa tornar pera ver se podia tomar lingoa não ouue disso necessidade, porque os mouros não tornarão mais/ que vendo que os Portugueses chegauão de noyte ao seu arrayal pareceolhes que lhes punhão cilada/ ⁊ ouuerão tamanho medo que dali por diante não yão á cidade se não com muyto tento/ ⁊ se dauão rebates era poucas vezes/ de modo que os Portugueses ficarão liures da afronta em que dãtes estauão polo bõ esforço de Diogo de melo. E auendo ja dias que Nuno da cunha ali estaua começarão os nossos da doecer ⁊ morrer por ser a terra doentia/ ⁊ em todo ho inuerno que durou ate fim de março morrerão trezentos ⁊ setenta Portugueses antre os quaes morreo Pero vaz da cunha ⁊ outros muytos fidalgos ⁊ caualeyros.

¶ Capit. lxxxviij. Do q̃ ho gouernador fez este inuerno em Goa, ⁊ de como se perdeo hũa armada no rio de Chatua.

Inuernãdo ho gouernador Lopo vaz de sam Payo este inuerno do ãno de vinto yto na cidade de Goa não quis prouer a fortaleza de capitão/ ⁊ ele mesmo ho foy pera tirar algũas tiranias que sabia q̃ fazião os capitães, assi como dar sentẽças por dinheiro/ porq̃ os juyzes não podião despachar os feytos se não coeles/ leuar hũa tãga de todos os caualos que yão Dormuz: ⁊ irião sempre hũs ãnos pelos outros passante de dous mil caualos, d todos os seguros q̃ dauão ás naos Dormuz quãdo se tornauão hũ pardao por cada vinte candis/ ⁊ auia nao q̃ pagaua cincoẽta pardaos/ ⁊ mais hũa tanga de cada pessoa, ⁊ nã auia anno que não fossem a Goa sessenta setẽta naos ⁊ leuaua cada hũa muyta gente. E estes tributos que os mouros sentião muyto mais q̃ os que pagauão a el rey na alfandega tirou ho gouernador/ de q̃ os mouros folgarão tanto que no anno seguinte forão a Goa muyto mais naos que ateli ⁊ a renda dalfandega teue muyto grande crecimento, ⁊ assi concertou outras miudezas que erão muy necessarias pera bõ regimento da cidade ⁊ nobreza dela. E porque auia algũa falta dos manti

mentos q̃ yão do Balagate por os Tanadares do Hidalcão os antreterē/mãdoulhe sobrisso hũa embaixada per Tristão de gá/cõ hũ presēte dũ arnes inteiro laurado d̃ romano cõmedalbas ꝛ folhajē, duas maças de torneo de prata douradas ꝛ hũa soma de coral grosso/ mãdãdo lhe offrecer sua ajuda se lhe fosse necesaria. Do q̃ o Hidalcã se mostrou muyto cõtēte/ ꝛ despachou ho com muytos agardecimētos: ꝛ ꝓuisões pera os tanadares q̃ deixassem passar pa Goa q̃ntos mãtimētos lhe leuassē ꝛ cortar na terra firme toda a madeira q̃ quisesse: cõ o q̃ foi a cidad̃ bē prouida. E porq̃ não saysse d̃ Calicut nē de seu señorio nhũa pimēta, mãdou o gouernador Simão d̃ melo cõ hũ galeã ꝛ cinco bargãtis a goardar a costa, ꝛ ele ficou esperando por Antonio d̃ mirãda q̃ chegou na fim de setēbro. E foy lhe recado de dõ Joã deça capitão de Cananor q̃ a vinte de setēbro se perdera hũa armada q̃ sayra de Cochi d̃ treze bargãtis ꝛ catures ꝛ hũa galeota: ꝛ cõ hũ supito trauessã dera toda á costa na boca do rio d̃ Chatuá na costa d̃ calicut ꝛ se espedaçara, ꝛ a gēte fora toda morta ꝛ catiua pelos mouros: pelo q̃ el rey ficara muto soberbo ꝛ fazia hũa grossa armada: cõ cuio fauor os mouros d̃ Cananor andauã muito aluoraçados: por isso q̃ saisse de Goa ho mais cedo q̃ podesse.

Cap. lxxxix. como o gouernador desbaratou Cutiale de Tanor.

Sabido isto pelo gouernador ē seis dias se acabou d̃ fazer ꝑstes: ꝛ partio d̃ goa ho .j. doutubro deixãdo por capitã Antonio de mirãda q̃ descãçase do trabalho q̃ leuara no estreito. Forã coele estes capitães nos seus galeões Fernã rodriguez barba, lopo d̃ mezquita, Anrriq̃ de macedo, Antonio de lemos a q̃ deu ho galeão Dantonio da silua: leuou mais ē sua conserua ate sete bargãtins q̃ não auia mais ē Goa, ꝛ ele foy no galeão sam Dinis. E chegãdo antre mõte Deli achou Simão de melo seu sobrinho q̃ lhe disse q̃ tinha auiso de dõ João deça capitão de Cananor/ q̃ estaua em Termapatão hũa frota de Calicut de .cxxx. velas .s. sessenta paraós bē armados ꝛ artilhados ꝛ as outras pagueres ꝛ naos de carga q̃ leuauã especiaria a meca: ꝛ os paraós yão ē sua goarda ate serē fora da costa da India: de q̃ era capitão mór Cutiale de Tanór valēte caualeyro q̃ tinhã por scrõ por chegar entã da casa de Meca. E sabēdo ho gouernador esta noua disse q̃ se fossem lãçar ao mar da baya d̃ cananor q̃ ali q̃ria pelejar: porq̃ dãdolhe nosso senhor vitoria como esperaua/ queria q̃ a vissem os mouros. E fez se alamar cõ os galeões: ꝛ os bargantins mãdou que fossem ao longo da costa: ꝛ assi foy surgir onde digo á boca da noyte: ꝛ logo mãdou Siqira ho malabar capitão dũ catur a saber noua da armada dos mouros se y a/ ou q̃ fazia pera a ir buscar se não viesse logo. E ele a achou no caminho: porque sabendo Cutiale que Simão de melo andaua a monte Deli com tão poucas velas / determinou de ho ir tomar parecendolhe q̃ ho podia fazer cõ tamanha armada, ꝛ despois de ho tomar esperaua de ir cõ-

bater a fortaleza de Cananor: r coeſ ta determinação ſe fez á vela de madrugada, r paſſãdo a viſta do gouernador cuydou q̃ era Simão de melo r por iſſo virou ſobrele. E era fermoſa couſa de ver tãta multidão de nauios todos cõ as velas infunadas r muyto pera eſpãtar a quẽ auia de pelejar coeles. a ſoma dartelharia ð q̃ yão armados / a gẽte ſem cõto de q̃ yão fornecidos / abaſtada deſpingardas / darcos r frechas / de zagũchos / deſpadas r doutras armas offenſiuas r defenſiuas: r dãdo gritos q̃ parecia q̃ fendião ho ceo com prazer de lhes parecer q̃ tomarião os noſſos, r coiſſo tanta diuerſidades de tãgeres q̃ retenião q̃ quebrauão os ouuidos ð quẽ os ouuia. E cõ tudo o gouernador como os vio armouſe logo r fez ſinal de conſelho a q̃ forão os capitães r fidalgos r acharãno ainda armãdoſe / r ſem ſe aſſentar aſſi em pé como eſtaua lhes diſſe q̃ determinaua ð pelejar cõ os mouros. Lopo dazeuedo, dõ Triſtão de noronha r Eytor da ſilueira diſſerão logo q̃ pareceria doudice q̃rer pelejar cõ armada tão groſſa q̃ ho não deuião de cometer, mas q̃ ſe apionhaſſem r fizeſſem fortes pera ſe defenderẽ dos imigos ſe os cometeſſẽ. E coeſtes ſe forão a mayor parte dos do conſelho: r algũs q̃ forão bẽ poucos dizião como a medo q̃ ſeria melhor pelejar q̃ apinhoarẽſe / porq̃ os mouros nos ſeus nauios q̃ erão raſteiros os rodearião r matarião ás eſpigardadas r frechadas ſem lhe eles poderẽ fazer nhũ nojo dos galeões / por iſſo ho melhor ſeria pelejar coeles r cometelos logo nos bargãtins, porq̃ por ſerẽ ligeiros poderião ẽtrar r ſair q̃ndo quiſeſſem / r os galeões irião á vela em ſua cõpanhia pera ſeruirẽ cõ a artelharia como fortaleza. E debatẽdo hũs r outros ſobre fazerẽ boas ſuas rezões / chegou Siqueira / r como era muyto esforçado r ſabia bem a guerra do mar por auer dias q̃ a vſaua, diſſe ao gouernador q̃ fazia por q̃ eſtaua tão deuagar / q̃ ſe os mouros chegauão a eles q̃ lhes auião de fazer muyto mal eſtãdo daq̃la maneyra / q̃ não tinhão outro remedio ſe não cometelos nos bargãtins ſomẽte r não no meyo em q̃ auia grãde força ſe nã per q̃lquer dos cabos q̃ auião deſtar fracos r nã ſe auião ð poder ajudar tão aſinha q̃ eles nã leuaſſẽ na mão cada hũ ſeu parao: r q̃ eſperaua ẽ noſſo ſenhor q̃ os auia dajudar como fizera outras vezes / r q̃ entre tãto q̃ cometeſſem nos bargãtis os galeões farião ſeu officio cõ a artelharia. Ao gouernador lhe pareceo bẽ eſte conſelho mas nã ouſou de ho tomar por tãtos capitães r fidalgos lhe ſerẽ cõtrairos r calauaſſe, r Ioão de ſoire ouuidor geral que era do parecer do gouernador / r porq̃ ho via calar não ouſaua de falar / pos lhe rijo hũ pé ſobre ho ſeu oulhãdo pare le como q̃ lhe conſelhaua q̃ tomaſſe ho parecer de Siqueira. E ele parece q̃ inſpirado de noſſo ſenhor pera auer a vitoria q̃ ouue / diſſe muyto ledo r eſforçado. Ora ſus que ey de pelejar, A eles com ho nome de Ieſu: quẽ quiſer acompanhar ho ſeu gouernador r a bandeira real de ſua Alteza ſigame. E coiſto tomou hũa eſpigarda ás coſtas r ſaltou em hũa fuſta de que era capitão Ioãne ho taful, r nã ho ſegui

rão outros fidalgos senão os que yão no seu galeão/que forão estes/ Ruy diaz pereyra / dom Sancho Manuel, João rodriguez pereyra ho passaro/dõ Francisco de crasto, João pereyra/ Bras da silua dazeuedo/ Garcia de melo / Duarte coelho, Fernão da silua/ Nuno pereyra Lionel de sousa/ Andre casco, Manuel de brito cabral , Francisco de barros de paiua. Porque os mais dos que forão de voto que não se pelejasse se deixarão ficar / e não com medo mas com pesar da honrra q̃ o gouernador ali poderia ganhar/ que ainda não podião apagar ho odio que lhe tinhão por parte de Pero mazcarenhas. Embarcado ele, achouse com treze ou quatorze bargantins e catures que tambem acodirão algũs de Cananor / de q̃ forão capitães Francisco mẽdez de Braga, Martim da silua e Jorge vaz/ e de todos fez dous escoadrões: e ho diãteiro deu a Simão de melo com quẽ foy Lopo de mezquita em hũ bargantim, e ho outro lhe ficou, e foy hũ dos capitães Fernão rodriguez barba. Isto ordenado remeterão aos imigos q̃ estauão a tiro de berço bradãdo por Sãtiago/ e vão por hũ cabo tirando muytas bombardadas e espingardadas cõ que os romperão deixando arrõbados algũs paraós sem receberẽ deles dano, e ho mesmo foy doutra vez que os tornarão a romper: e desta vez sete bargantins nossos aferrarão sete paraós dos immigos, de que dos primeyros tres que abalroarão erão capitães Siqira/ Frãcisco mẽdes de Braga, Martim da silua de Cananor. E em aferrando lhes lançarão dentro muytas panelas de poluora com que os queymarão e aos mais dos que yão neles: e ho gouernador com os outros tambẽ pelejarão tão esforçamente que poserão os immigos em tal aperto que se desbaratarão em menos de duas horas q̃ durou a força da peleja/ e fugirão a remo hũs pera Cananor, outros por esse mar que andaua bem cuberto deles que se lançauã a ele por escapar dos nossos/ q̃ matatarão muytos e outros catiuarão. E durou isto ate ho meyo dia que começou a viração de q̃ os imigos se ajudarão e derão á vela pera fugirẽ a todo tirao: o q̃ vẽdo ho gouernador os não quis mais seguir por os seus estarẽ muy cansados e recolheo os paraós q̃ estauã rẽdidos q̃ forã.xxxv.cõ os metidos no fũdo em q̃ forão tomadas quasi cincoẽta peças dartelharia/ e forã mortos e catiuos bẽ dous mil mouros, sem dos nossos nã morrer nhũ o q̃ foy milagre por quã poucos erã e os imigos tantos de cujo sangue o mar em q̃ foy a batalha se tornou de cor de sangue q̃ foy a vista de Cananor: e por isso os mouros dele a virão muy bem q̃ todos esteuerão na praya cuydãdo q̃ os nossos auiã d ser tomados e ficarão muyto tristes q̃do virão ho cõtrairo/ e fizerão grandes prãtos/ porq̃ muytos dos mortos erão naturais d Cananor. E receãdo el rey de Calicut q̃ por amor desta vitoria lhentregasse ho gouernador a terra por Crãganor mandou laa ho princibe com muyta gẽte: e sabido isto ẽ Cochim

mandou ho vedor da fazenda hũa armada ao passo de Cranganor.

¶ Capit.xc. De como ho gouernador correo a costa d Calicut ꝛ destruyo a vila de Porquá.

Auida esta tamanha vitoria ho gouernador se tornou aos galeões ꝛ achou dõ Tristão de noronha, Lopo dazeuedo ꝛ Eytor da silueira: que despois do gouernador partido pera dar a batalha se correrão de ho não ajudar ꝛ yão pera isso em hũ batel/ mas chegarão a tempo q̃ tudo era acabado: ꝛ ele ꝛ os outros que contrariarão ao gouernador q̃ não pelejasse ficarão muyto corridos: ꝛ muyto mais de ho não acompanharem na peleja ꝛ ficarem nos galeões. E parecendo a algũs que o gouernador ho escreueria a el rey fizerão capitulos dele por se vingar que prouarão por seus parẽtes ꝛ os mandarão a el Rey no anno seguinte: mas ho gouernador q̃ não tinha tal pensamẽto posto q̃ ho nã acõpanharã na batalha, lhes fez tãta hõrra ꝛ gasalhado como se a eles vẽcerão. E porq̃ poderia ser q̃ a armada dos mouros se tornaria a reformar nã quis ho gouernador desẽbarcar ẽ Cananor ꝛ dous dias esteue esperãdo no mar. E vẽdo q̃ nã tornauã parecẽdolhe q̃ auiã destar metidos por esses rios, partio a buscalos cõ conselho dos capitães ꝛ fidalgos, ꝛ mãdou diãte a Simão de melo por capitão mór dos bargãtis, ꝛ ele ya ao mar cõ os galeões. E indo assi ẽtrou Simão de melo cõ noue bargantis/ õde soube que estauão varados doze paraós ꝛ queimou os cõ parte do lugar sem em seus moradores auer resistencia/ porque fugirão como virão os nossos/ q̃ despois de queimados os paraós cortarão quantas palmeiras auia ao derredor do lugar que era a mayor destruição que se lhes podia fazer: ꝛ despois disto sayo em Chatuá õde queimou dezasete paraós/ ꝛ ho lugar com morte de muytos dos seus moradores em vingãça dos nossos que ali forão mortos quãdo se a frota perdeo. E assi sayo em outros lugares que todos forão destruidos estando ho gouernador no mar a vista de tudo/ ꝛ assi foy ate Cranganor onde achou a nossa armada que hi estaua como disse. E sendo certo que ho principe de Calicut não estaua ali se nã pera defensam leuouha em sua companhia / porque leuaua determinado de ir dar em Porquá pera destruir ho Arel pola imizade que tomara com os Portugueses por amor del rey de Calicut. Este nome Darel he titulo de senhorio/ ꝛ assi era ho Arel senhor daq̃le lugar, ꝛ grande cossairo de toda roupa pera o q̃ trazia muytos catures bẽ artilhados, ꝛ co isto tinha aquirido grãde tesouro/ ꝛ tinha muyta artelharia ꝛ bõ quinhão de gẽte de peleja. E porq̃ ho gouernador isto sabia d terminou de o destruir ꝛ dar ho lugar a saco ꝑa q̃ os Portugueses enrriq̃cessem, ꝛ isto disse secretamente a algũs capitães porq̃ se não rompesse ꝛ desse supitamente no lugar. E partido de Cranganor tarde/ fez que ya pera Cochim / ꝛ em anoytecendo fez volta sobre Porq̃

onde surgio em amanhecẽdo, ⁊ em surgindo saltou em terra cõ sua gẽte/ a que fez saber que lhe daua ho lugar a escala franca/ com q̃ todos ficarão tão ledos que posto q̃ a sua ẽtrada era muyto perigosa por ser por esteiros de maré, ⁊ por muyta vasa que chegaua ao giolho/ passarão tudo prestesmente leuando Simão de melo a dianteira/ mas não acharão com quem pelejar por ho Arel ser fora com sua gente de peleja. E os moradores que erão fracos ⁊ sem armas em vẽdo os nossos fugirão ⁊ deixarãlhe ho lugar/ em que ele entrando se forão dereytos aos paços do Arel ⁊ meterãnos a saco, ⁊ tomouse muy grosso dinheiro, porque eu vi hũ caldeirão de cobre que leuaria hũ cantaro dagoa q̃ tomou Francisco mẽdez de Braga cheo de pardaos douro, ⁊ outros tomarão dez mil/ oyto mil/ cinco mil, ⁊ ho geral de cẽto ⁊ duzẽtos pa cima ⁊ erão mil homẽs. E a fora ho dinheiro amoedado douro se tomou outro muyto de prata ⁊ peças ricas d̃ pedraria, ⁊ muytos panos ricos da Persia, Choramandel ⁊ das ilhas de Maldiua/ ⁊ camarabãdos da Persia: ⁊ forão tomadas sua molher do Arel ⁊ hũa sua irmaã que não poderão fugir/ fermosamẽte arrayadas douro/ aljofar ⁊ pedraria, assi nas orelhas como no pescoço/ mãos, braços ⁊ pernas ⁊ tudo lhes foy tomado ⁊ elas ficarã catiuas. E roubado ho lugar foy destruido com seu sitio em redondo a fogo ⁊ a ferro q̃ não escapou nhũa cousa/ ⁊ forão tomadas oytenta peças dartelharia de ferro ⁊ de metal ⁊ oyto paraós ⁊ dous catures. E coesta vitorio se foy ho gouernador a Cochim: ⁊ ho Arel ficou tão quebrado desta destruição que nunca mais ousou de ser cõtra os nossos/ ⁊ daqui naceo fazer despois paz cõ Nuno da cunha, ⁊ não ousou de a fazer com ho gouernador por saber que aquele anno se esperaua na India que fosse outro de Portugal, ⁊ auia medo que desfizesse o que esteuesse assentado/ ⁊ resgatou sua molher ⁊ irmaã por muyto dinheiro.

¶ Capit. xcj. De como soube ho gouernador que as fustas de Diu corrião a Chaul: ⁊ do q̃ fez.

Estãdo ho gouernador em Cochĩ chegou Garcia d̃ saa, ⁊ despois Antonio de saldanha/ que como disse se apartarã de Nuno da cunha com a tormenta que lhes deu: ⁊ contarão ao gouernador o que passarão na viagem. E Antonio de saldanha lhe disse q̃ segundo ho tempo que auia q̃ se apartara de Nuno da cunha, q̃ pois não era na India q̃ não passaria aquele ãno/ ⁊ assi pareceo a todos. E assẽtado q̃ não passaria aq̃le anno, tornou ho gouernador a fazer guerra a Calicut/ pa o q̃ se foy a Cananor cõ toda a armada, ⁊ surgĩdo ao mar mãdou a Simão d̃ melo q̃ fosse queimar q̃torze paraós de Calicut q̃ estauão no lugar de Marauia ao pé do mõte Deli: ⁊ Simão de melo foy lá cõ cinco bargãtis em q̃ leuou sessẽta homẽs ⁊ pelejou cõ os mouros que erão trezentos/ ⁊ despois de pelejarem hũ pedaço os desba-

ratou & os fez fugir & queimou os paraos. E feyto isto tornouse Simão de melo a Cananor & desembarcou cõ ho gouernador / que determinãdo de mandar Antonio de miranda á costa do Malabar, deu a capitania de Goa a dõ João deça busca dos immigos indo abolinã· capitão d Cananor: & a de Cananor bargantins darmada ate a vinda d Antonio de mirauda, q̃ despachou despois de chegar a Goa pera onde se partio de Cananor: & despois de le partido partiose dom João deça pera Goa / & em chegando se partio Antonio de mirãda pera a costa do Malabar com hũa armada de duzẽtos homẽs. E estando ho gouernador em Goa lhe foy dado hũ recado muyto apressado de Francisco pereyra de berredo capitão de Chaul em que lhe dizia q̃ as fustas de Diu que erão cincoenta & tantas chegauão á boca da barra de Chaul & lhe corrião cada dia / q̃ se temia segũdo trazião muyta gente que entrassem no rio & tomassem a fortaleza que tinha pouca gente: por isso que socorresse logo se não que lha ẽcampaua. Pelo que ho gouernador assentou de ir a Chaul como trazia determinado de ir por outro recado como aquele que lhe Frãcisco pereyra mãdara a Cananor. E partiose de Goa a cinco de Janeyro de mil & quinhẽtos & vinte noue bem contra vonta de Dantonio de saldanha & de Garcia de sá que forão coele que cõ outros muytos fidalgos lhe contrariarão sua ida / dizẽdo que a pessoa do gouernador da India não auia de ir a cousa tão pouca a seu respeito como as fustas de Diu, que abastaria mandar hũ fidalgo. E ho gouernador que sabia que era hũa armada muyto poderosa / & que se a desbaratasse faria grande seruiço a el Rey seu senhor não quis se não ir & leuou hũa armada de cincoenta & duas velas, galeões / galés, galeotas / bargantins & catures, & nela dous mil homens Portugueses & dos da terra. E chegando a Chaul achou que as fustas fugirão com medo de sua ida / do que os que lha contrariarão zombarão muyto & diziãlhe que as fosse buscar / & logo o gouernador despedio hũ capitão dũ catur q̃lhas fosse buscar ate certas legoas pola costa: & ele as achou no rio de Maim, & vio que erão sessenta & tres cheas de gẽte & muy bẽ armadas dartelharia / & que andaua por capitão mór delas hũ valẽte mouro chamado Halixa / & assi ho disse ao gouernador que achou na barra de Chaul. E sabendo ele esta noua entrou no rio & foy desembarcar na fortaleza / & despois de desembarcado chegarão no mesmo dia á barra treze fustas de Halixa que ele mandaua a saber nouas do que ho gouernador determinaua, & deulhe por final q̃ se lhe saissem de Chaul q̃ era final que ho gouernador ya pelejar coele & se não não. E os mouros chegarão á boca da barra posto que os nossos galeões estauão hi surtos & não lhes ouuerão medo porque ventaua a viração que era contraira pera sairem de dentro, & começarão desbombardear: o que sabido pelo gouernador mãdou logo a Eytor da silueira que lhe saisse cõ doze bargantis q̃ foy a remos ate a boca da barra cõ a decente da

maré mas não pode sair por amor da montante que começaua. E com tudo os mouros fugirão ꝛ forã dar esta noua a Halixa.

¶ Capit. xcij. De como ho gouernador disse aos capitães da armada que queria ir tomar Diu ꝛ de como foy contrariado.

Sabêdo ho gouernador õde as fustas estauão/ ꝛ q̃ nã corrião a Chaul como dantes determinou de as ir buscar pera pelejar coelas: ꝛ primeyro q̃ partisse descobrio aos capitães ꝛ fidalgos hũa cousa q̃ ja de Goa trazia na võtade. E jũtos todos em conselho lhes disse. Bẽ sabeis señores q̃ Diu he a mais forte cousa de toda a costa de Cambaya/ ꝛ chaue de toda a India porq̃ dali a pode el rey de Cambaya conquistar, ꝛ ali he a certa colheita dos rumes se vierẽ á India: ꝛ por isto a fora ser tão mao vezinho como he pola guerra q̃ nos faz importa muito ao seruiço del Rey meu senhor tomarse, o q̃ agora prazẽdo a nosso senhor se poder a fazer cõ muyto pouco perigo de seus vassalos ꝛ muy pouco gasto de sua fazẽda/ porque eu sey certo q̃ a principal gente de Diu anda nestas fustas/ ꝛ a mayor parte de sua artelharia, ꝛ q̃ Meliq̃ tocão q̃ agora he capitão he ainda nouo na guerra ꝛ sabe pouco dela q̃ sam cousas euidẽtes pa se poder tomar facilmẽte: ꝛ esta foy a causa pricipal de minha vinda ꝛ nã buscar as fustas q̃ pera isso abastara hũ capitão. E porq̃ eu sey certo q̃ Diu esta desta maneyra, ꝛ sey q̃ cõ ajuda de nosso señor ho poderemos tomar/ me parece q̃ deuemos de deixar as fustas ꝛ engolfarmonos no mar, como queimos a Ormuz/ ꝛ engolfados fazer volta sobre Diu onde vẽdonos de supito hão de cuydar que deixamos sua armada desbaratada de que hão dauer tamanho medo q̃ ou se nos hão de dar ou não hão de poder resistir pera os tomarmos: ꝛ isto me crede como a homem que de idade de dez a seys annos andey sempre na guerra ategora. E preguntãdo a Antonio d saldanha ꝛ a Garcia de sá que lhes parecia, disserão que lhes não parecia bem ir primeyro a Diu que pelejar com as fustas, porque segundo a gente delas anda na soberba vẽdo que ele se partia de Chaul ꝛ as não ya buscar crerião q̃ lhes fugia ꝛ terião atreuimẽto de ir a Chaul ꝛ destruir a cidade ꝛ a fortaleza: ꝛ quanto a ir a Diu tambem lhes parecia mal porque não crião que estaua despejado nẽ se deuia de crer se se não visse pelo olho, porque como auião os mouros de ser tão descuidados que estando ele tão perto auião de ter Diu desapercebido pera se defender importandolhe tãto: ꝛ aparecendo ele no seu porto ꝛ não ho tomando seria hũa grande deshonrra: por isso não era bẽ que fosse/ nem menos ás fustas porque era muyto pequena empresa pera ho gouernador da India. E cõ ho parecer destes dous se forão os mais dos que ali estauão/ somente Eytor da silueira foy do parecer do gouernador, assi em ir a Diu como em ir pelejar cõ as fustas, ꝛ por ser hũ só não aproueitou, mas ho gouer-

nador disse que ainda que parecesse
mal a todos, que auia dir pelejar cõ
as fustas, e que fosse coele quẽ qui-
sesse. E logo se partio com toda a ar
mada, e deu a capitania mór dos
nauios de remo a Eytor da silueira
pera que fosse ao longo da costa, e
ele com os nauios grossos ya hum
pouco amarado pera que as fustas
lhe não escapassem. E quãdo ho go
uernador partio apareceo no ceo
hũ sinal branco feyto como barra e
atrauessaua de noroeste a sueste e ti-
nha hũa ponta sobre Diu, de q̃ des-
pois se soube que os mouros toma
rão muyto mao pronostico, e este
sinal durou ate ho dia e hora em q̃
as fustas forão desbaratadas.

¶ Capit. xciij. De como ho gouernador pelejou com a armada de Diu e a desbaratou.

Indo ho gouerna-
dor nesta ordem dia
doẽtrudo atarde apa-
recerão ao longo de
terra hũas treze fus-
tas que yão pera Chaul, e em auen
do vista da nossa armada voltarão
fugindo: ho gouernador como vio
estas cuydou q̃ vinha toda a arma-
da: meteose logo em hũ bargantim
cõ determinação de pelejar coela.
E vendo que não erão mais foyse
ao bargantim Deitor da silueira, e
dissellhe que ao outro dia prazendo
a nosso senhor esperaua que pelejas-
sem com as fustas, e deulhe ho regi
mento do que auia de fazer: porque
ele auia destar nos galeões fauorecẽ
do a batalha: e pa mais animar os
capitães na peleja mãdou apregoar
por toda a frota, que daria cẽ cru-
zados ao capitão q̃ primeyro afer-
rasse fusta. E sabido pela frota que
auião de pelejar confessarãse todos
aquela noyte: e ao outro dia q̃ era
quarta feyra de cinza seys de Feue-
reyro em rõpendo a alua chegarão
a Bombaim õde as fustas estauão
pegadas cõ hũa ponta, e erão por
todas sessenta e quatro. Eytor da
silueira como foy ho dia claro que
as vio correo todos os bargantĩs
e catures d̃ sua capitania e mãdou
a todos os capitães que não tirassẽ
nhũ tiro aos imigos se não despois
de desesperarem de os aferrar que
assi ho tinha mandado ho gouerna
dor, porque não fugissem com me-
do da nossa artelharia. E receando
Eytor da silueira q̃ os mouros se
se vissem em apertada se acolhessem
a hũ rio que lhes ficaua da bãda do
norte, mãdou a hũs oyto capitães
de bargantins que em ele rompẽdo
com os mouros tomassem a boca
do rio e lha defendessem, e abalou
pera os mouros com os outros cu
jos capitães erão a fora ele, Diogo
coelho, Gaspar paez, Francisco al-
uarez, João rodriguez ho chatim,
Pedraluarez de mezquita, Anto-
nio correa de Goa, Lourẽço bote-
lho, Christouão Lourenço carra-
cão, ho calafate de Chaul, Diogo
coresmas malu, Pero barriga, An
tonio colaço, Christouão correa,
Jorge diaz, e Antonio fernandez:
com quẽ yão estes fidalgos, Chris-
touão de melo e Diogo de sá Payo
sobrinhos do gouernador, dõ Frã
cisco de crasto, João pereyra, Ma-

nuel rodriguez coutinho, Andre casco/ Fracisco de barros de payua/ Luys coutinho/ Duarte coelho/ João de melo, Garcia d melo, Antonio barbudo, João da silueira, Manuel do carualhal/ Nuno pereyra, Lãçarote dalpõem ꝛ outros a que não soube os nomes. Halixa estaua com suas sessenta ꝛ quatro fustas feytas ẽ tres batalhas ꝛ ele na da retrogoarda: ꝛ como vio que os nossos abalauão deu sinal aos seus que tirassem com a artelharia/ ꝛ começou de tirar tãtos pelouros que era cousa despanto, ꝛ tudo foy cuberto d fumo/ ꝛ por mais bastos que os pelouros erão os nossos tirauão auante quanto podião sem nhũ tirar. O que visto por Halixa, ꝛ q̃ chegauão a aferrar não ousou dagoardar mais com medo ꝛ fezse á vela pera dobrar a põta que digo ꝛ acolherse pelo rio acima/ ꝛ por ho vento ser escasso pera isso mandou meter os remos de q̃ tão pouco se pode ajudar por ser contra agoa q̃ vazaua a maré, ꝛ por isso se mudou a outra fusta peq̃na ꝛ deixou a sua q̃ era grãde, o que foy causa descapar da peleja que a este tempo se começaua datear brauamente, porque os nossos chegarão aos immigos, ꝛ ho primeyro bargantim q̃ aferrou cõ hũa das fustas q̃ era como hũa boa galeota foy ho Dantonio fernãdez em q̃ yão os fidalgos q̃ disse/ ꝛ com a grande pancada q̃ ho bargantim deu em aferrando tornou a desaferrar ꝛ afastouse hũ pouco ficando dentro na fusta Francisco de barros de payua q̃ foy ho primeyro que saltou nela ꝛ ficou na postiça onde ho espaço que ho bargantim esteue sem tornar a abalrroar correo muyto grande perigo ꝛ sofreo trabalho immenso em se defender dos imigos que trabalhauão quãto podião por lhe tirar a vida. E tornando ho bargantim a aferrar foy socorrido dos outros a q̃ os mouros defendião que não ẽtrassem na fusta. E estãdo nesta perfia cayo da gauia da fusta hũa panela de poluora que quebrou na mesma fusta do masto pera a popa, ꝛ tomando fogo a poluora que ali estaua arrebentou com hũ medonho estouro/ ꝛ toda a cuberta daquela parte lançou ao mar com quantos estauão nela/ ꝛ Francisco de barros que hi estaua cayo no bargantim ferido em hum hombro dũ zaguncho, ꝛ forão feridos João pereyra de hũa frecbada no rosto, ꝛ dom Francisco de crasto na cabeça com hũa pedra/ ꝛ como a fusta arrebentou ficou rẽdida/ ꝛ entre tanto chegou Eytor da silueira com os outros capitães/ ꝛ aferrãdo os imigos apertarãnos tã rijo que fizerão saltar muytos ao mar ꝛ outros matarão/ ꝛ os desbaratarão de maneyra que todos fugirão ꝛ os Portugueses os seguirã ꝛ por se não poderem acolher ao rio que cuydauão, forão tomadas corẽta ꝛ seys fustas com toda sua artelharia ꝛ queimadas tres de q̃ não escapou ninguem que todos forão mortos nelas ꝛ no mar: sem dos Portugueses morrer nhũ, somente forão algũs feridos/ ꝛ das onze fustas que escaparão recolheo Halixa sete cõ a sua ꝛ fugio pera hũ lugar grande chamado Tanã donde se foy a Ba-

çaim, ⁊ as quatro fugirão pelo rio de Nagotane onde forão tomadas pelos gentios de Chaul/ ⁊ aſſi não eſcaparão mais que as ſete q̃ leuou Malixa. E deſbaratados os mouros/ recolheoſe ho gouernador cõ os nauios groſſos aa enſeada de Bombaim no proprio dia/ no q̃l ⁊ na noyte ſeguite os dos nauios de remo que pelejarão cõ os mouros os acabarão de matar na agoa. E iſto feyto ajuntou Eytor da ſilueira ſua armada, ⁊ as fuſtas que tomou aos imigos ⁊ foyſe pera ho gouernador que ho recebeo cõ muyto prazer/ ⁊ laa armou caualeiros a muytos fidalgos ⁊ a outros que ho quiſerão ſer por ſe acharẽ em hũ feyto tão hõrrado como aquele foy, ⁊ de que os mouros ficarão muy debelitados: porq̃ toda ſua eſperança eſtaua naq̃la armada. E juntos todos os noſſos/ tornou ho gouernador a propoer em cõſelho ſua ida a Diu, dando por rezão muy principal ho deſbarato das fuſtas com q̃ Diu ficaua deſbaratado ⁊ ſe tomaria facilmente ou ſe daria, mas não lhe aproueitou porq̃ Antonio de ſaldanha ⁊ Garcia de ſa lhe forão muy cõtrairos, ⁊ por ſua cauſa outros muytos como da primeyra. E veo a couſa a tãto q̃ lhe diſſe Garcia de ſa que não roubaſſe a honrra a Nuno da cunha que el rey não mandaua aa India a outra couſa ſenão a tomar Diu: por iſſo q̃ lho deixaſſe/ ſe não q̃ pedia dele hũ eſtormẽto, ⁊ ho meſmo dizia Antonio de ſaldanha. E por ho gouernador não ter da ſua parte mais que Eytor da ſilueira/ ⁊ andar muy acanhado cõ a vinda de Nuno da cunha q̃ quaſi ninguem ho queria ver, não ouſou dir cõtra os requerimẽtos que lhe fazião. E ſegundo ſe deſpos ſoube foy couſa muy errada não ir a Diu porq̃ ſe lhe entregara ſe la fora ⁊ não cuſtara tãto como deſpois cuſtou aſſi de ſangue como de dinheiro, ⁊ pa ſua diſculpa com el rey pedio ho gouernador ao ſecretario hũ eſtormento de certidão do que propoſera naquele conſelho ⁊ no outro ãtes de pelejar com as fuſtas/ pera q̃ el rey ſoubeſſe que ſe não deixara de tomar Diu por ſua culpa. E eſte eſtormẽto foy tirado de hũ auto que ho ſecretario fez dambos os conſelhos que foy aſſinado pelos que forão neles.

¶ Capit. cxiiij. De como ho gouernador quiſera ir ſobre a cidade de Taná/ ⁊ a cauſa porque não foy.

Vendo ho gouernador q̃ não podia ir a Diu, determinou de dar em Taná hũa cidade de mouros quatro legoas por dentro do rio de Maim/ cidade grande ⁊ rica, ⁊ em q̃ ſe faz muyta roupa de Cambaya, ⁊ era ſenhor dela hũ Xeque: ⁊ porq̃ ho gouernador ſabia que eſtaua rica a queria tomar pera a dar a ſaco aos ſoldados q̃ leuaſſem de comer pa ho inuerno: ⁊ pera q̃ ho fizeſſe tributario a el rey d̃ Portugal. E propoſto iſto em conſelho/ ⁊ acordado que ho fizeſſe embarcouſe na fuſtalha ⁊ nos bateis dos galeões com toda a gente da armada, ⁊ Antonio de ſaldanha foy ẽ hũa galé muyto contra võtade do gouernador ⁊ de

todos/porque ya em risco de ficar em seco: e aquele dia á tarde que foy ho primeyro de Março entrou pelo rio de Maim com determinação de chegar a Taná em amanhecêdo porque tomasse os immigos mais desapercebidos. E indo todos a remo com a maré que enchia ja perto da cidade/ soube ho comitre da galé Dantonio de saldanha tão mal atinar ho canal do rio que se meteo por hũ esteiro/ em que ficou em seco quãdo vazou a maré que foy quasi em amanhecendo, e assi ficou toda a armada em seco/ e foy cousa espãtosa quando foy manhaã clara ver como ficarão os bargantins e catures/ porque hũs ficauão como esporões fincados no chão e as popas pera cima/ outros com os esporões pera cima e as popas pera baixo, que parecia que os esteuerão ordenando daquela maneyra: do que ho gouernador ficou bem agastado porque não auia outro remedio se não esperar pola maré: e os capitães assi como ho nauio de cada hum podia nadar/ assi tiraua pera a cidade por mais mandados que ho gouernador fazia que ho nã fizessem/ e deixauãno só/ e ate Antonio d salданha deixou a sua galé em seco e foyse em hũa fusta/ e a gale ficou ẽ risco de não poder sair/ porque as agoas yão quebrando com o que as mares da noyte sam móres que as do dia, e por isso ficou a gale ẽ muyto pouca agoa/ e não podia nadar/ nẽ podera sair sem ajuda: e esta deu ho gouernador que por se não perder nã se quis dali irate a não tirar, e ele por sua pessoa se meteo na vasa ate a cinta e ajudaua a tirar pelos cabos e aportar ancoras porq̃ os fidalgos que yão coele tirassem tãbem/ o q̃ eles fizerão e forão Christouão de melo, Diogo de sam Payo/ dom Francisco de crasto/ Frãcisco de barros de payua/ João pereyra, Manuel rodriguez coutinho Andre casco/ Luys coutinho/ Duarte coelho/ João de melo/ Garcia de melo, João da silueira/ Manuel do carualhal/ Antonio barbudo/ e Lançarote dalpõem. E ajudarão tambem Lourenço botelho com a gẽte da sua fusta e ho colaço com a do seu catur: e leuando todos tanta fadiga e trabalho que lhe saya ho sangue das mãos de puxarẽ polos cabos tirarão a gale pera ho alto das oyto horas da manhaã ate a hũa despois de meyo dia, sem nhũ dos outros capitães querer ajudar se não tirar pera a cidade posto que vião ho trabalho em q̃ ho gouernador ficaua. E vendo ele tão pouca obediẽcia aos seus mandados não quis dar em Taná porque receou q̃ tão pouco lhe obedecessem lá e que recrecesse disso algũ desastre/ e tornouse pera a frota que deixaua no mar. E vendo os que estauão diãte da cidade partir a bandeira forão a pos ela: e ho gouernador não quis castigar tamanho desacatamẽto como aquele foy por os culpados serem muytos mas reprendeos brãdamente: e perdeose hũ bõ saco naquela cidade porque estaua muy rica. E por ser ja perto do inuerno e ho gouernador auer dinuernar em Goa, e não ter mais q̃ fazer naq̃la costa que não fizesse hũ capitão mór

& deixou hũa armada de vinte bargantins & duas galeotas com trezentos homẽs a Eytor da silueira peraque fizesse a guerra naqla costa ate ho cabo do verão em que se recolheria a Chaul/ & ele partiose pera Goa onde chegou em Março.

¶ Capit. xcv. Do que fez Antonio de miranda na costa do Malabar cõtra os mouros de Calicut cõ ajuda de Christouão de melo.

Chegado ho gouernador a Goa despois do desbarato das fustas mãdou a Ormuz tres galeões carregados d mercadoria del rey, cuja capitania mór deu a dom Fernando deça seu cunhado/ & forão seus capitães Antonio de lemos & Lopo de mezquita, & mandoulhe que da volta fosse fazer presas á ponta de Diu/ & despachou pera Malaca a Garcia de sá que tinha a capitania/ & encomẽdoulhe muyto ho resgate de Martim afonso de melo jusarte que estaua catiuo em Bẽgala, & mandou ao Malabar Christouão de melo seu sobrinho em hũa gale & seys bargãtins de baixo de sua bandeira pera que se ajuntasse com Antonio de miranda & lhe obedecesse. E chegado laa foy coele ao rio de Chale õde sabia que estaua hũa grande nao del rey de Calicut carregada de pimẽta pera Meca & doze paraós pera irem em sua companhia em que aueria oyto centos mouros frecheiros & espingardeiros a fora outros despadas & lãças q erão muytos, & Antonio de miranda entrou no rio com os bargãtis & catures leuãdo os a fio por ambas as partes do rio que lhe não fizesse nojo a artelharia dos mouros, que tinhão os paraós diante da nao na metade do rio encadeados de quatro em quatro com bombardas nas proas & per ambos os bordos. E por mais bombardadas q tirarão, os Portugueses remãdo a todo tira/ & desparando sua artelharia lhe chegarão/ & aferrando cõ os quatro diãteiros pelejarão tão rijo cõ os mouros que estauão neles q os fizerão fugir saltãdo hũs ao mar & outros recolhendose pera os paraós traseiros que logo forão cercados dos Portugueses, & pera se despacharẽ mais asinha lhe lançarão dẽtro panelas de poluora com que os queimarão, & coisso se deitarão todos os mouros ao mar / & deles forão mortos nagoa outros fugirão pera terra a na do cõ tamanho medo que nem na pouoação se atreuerão a saluarse/ & os Portugueses a qimarão & destruirão tudo ao derredor. E destruida a terra tornouse Antonio de miranda sem pder nhũ dos seus de q forão feridos algũs/ & leuou consigo a nao carregada como estaua & oyto paraós q os quatro forão queimados / & mãdouha coeles a Cochim onde ho vedor da fazenda mandou fazer deles bargãtins, & a pimenta foy descarregada na feytoria. Despois disto andãdo Antonio de miranda & Christouão de melo a monte fermoso hũ da bãda do sul & outro da do norte / teue Christouão de melo vista da arma-

da de Calicut hũ dia a tarde / ⁊ sabendo que era de cincoenta paraós ajuntouse com Antonio de miranda (que ainda não sabia parte dela) ⁊ disselho, ⁊ por ser tarde não pelejarão coela aquele dia ⁊ deixarão pera ho outro dia. E cõcertado da maneyra q̃ auia de ser / em amanhecendo foyse Christouão de melo em busca dos immigos indo abolinãdo ao longo de terra com ho terrenho, ⁊ Antonio de miranda se empegou. E ido assi ouue Christouão de melo vista dos imigos que tambem ho buscauão / ⁊ sendo perto deles tiroulhe algũs tiros / ⁊ como q̃ auia medo deles polos ver muytos viroulhe a popa com os outros ⁊ fezsena volta do mar. E em os mouros vendo que fugia forão apos ele obra de trinta paraós que ho seguirão ate auer vista Dantonio de miranda, que indo de auiso do q̃ auia de fazer em vendo Christouão de melo fez volta / ⁊ passando a sota vẽto dele meteose por ãtre os imigos, que vẽdose assi cometer de sobresalto amainarão pera fugir a remos porque não podião pola bolina. E nesta detença oyto dos nossos bargantins aferrarão oyto paraós / ⁊ começarão de pelejar: ⁊ querẽdo os outros fugir sayolhes ao encontro Christouão de melo, ⁊ seys dos seus bargantins abalrroarão cõ outros seys paraós, ⁊ os dezaseys q̃ ficarão por aferrar fugirão ate se ajuntar com ho seu capitão mór seguindo os Antonio de miranda ás bombardadas ⁊ espingardadas: ⁊ nisto esteuerão hũ pouco coeles / q̃ posto que os quiserão aferrar eles se goardarão bem disso: tanto que apertando os nossos pera ho fazer lhes fugirão ao longo de terra metendose por rios ⁊ esteiros cõ muyta gente ferida ⁊ algũs paraos arrombados / ⁊ Antonio de miranda ⁊ Christouão de melo os não quiserão seguir, ⁊ forão ajudar os seus q̃ ficarão aferrados com os imigos que ja os tinhão desbaratados, ⁊ os matarão todos sem ficar nhũ / ⁊ os quatorze paraos lhes ficarão em poder que Antonio de miranda mandou a Cananor pera os fazerẽ bargantis: ⁊ correrão a costa despois, ⁊ deixãdo a limpa meado Abril se recolheo Christouão de melo pera Goa ⁊ Antonio de miranda pera Cochim por amor do inuerno.

¶ Capit. xcvj. Da guerra que Eytor da silueira fez em Cambaya.

Ficando Eytor da silueira por capitão moor na costa de Cambaya, determinou de tomar hũa fortaleza duas legoas do mar pelo rio de Ragotane / em que soube que estaua hũ capitão del rey de Cambaya com seys centos de caualo ⁊ dous mil de pé: ⁊ deixou dir porque obra de hũa legoa da fortaleza era ho rio tão baixo que não podião nadar os catures / ⁊ queimou seys pouoações grandes de lauradores que estauão quasi na entrada do rio de hũa parte ⁊ doutra / ⁊ fez espantosa destruição: o que sabẽdo ho capitão da fortaleza foy ho bus-

car com sua gēte pera pelejar coele, & topou bo na derradeira pouoação que andaua destruindo. E sabendo Eytor da silueira quão grossa gēte trazia não quis pelejar coele no cāpo por ter tão pouca gēte como erā trezētos homēs/ porque muyto ya de pelejar coeles no cāpo a pelejar na fortaleza onde determinaua dir pelejar, que no campo auião destar espalhados & tirar aos nossos como a barreira/ & na fortaleza não auião de pelejar mais que aqueles q̄ coubessem no muro/ & no primeyro impeto q̄ era ho mais forte ficauão com os nossos quasi tantos por tātos/ & por isso não quis Eytor da silueira pelejar, & assi ho disse aos seus que fez recolher aos bargātis ficando ele na traseira/ porque os mouros q̄ chegauão ja sobrele asso berbauāno muyto dando grandes apupadas, & chamando nomes aos nossos & os de caualo remetião esca ramuçādo: & Eytor da silueira lhes fez rosto com a gente que estaua por embarcar tirādo muytas espingar dadas, & hū dos nossos que tinha hūa lāça com hūa rodela se afastou do corpo dos outros/ & hū dos de caualo que ho vio só remeo a ele pera ho ferir a mão tente com hū zaguncho, & ho soldado ho esperou/ & em querēdo chegar a ele q̄ alçaua ho braço pera ho ferir meteolhe a lança polo sobaco do braço & deu coele no chão ferido mortalmente/ & ainda não foy no chão quādo lhe ho soldado tomou ho zaguncho/ & caualgādo no caualo, leuou outro mouro dēcontro que ya pera ho ferir/ & passou ho polos peitos posto q̄ ho laudel era forrado de malha: ao que os nossos derão grāde grita & desfecharão hūa grāde çurriada despingardadas, & coisto se teuerão os mouros & se retirarão. E ho soldando tomando ho caualo do segū do mouro pela redea se foy cō muyto assessego pera Eytor da silueira pedindolhe que ho fizesse caualeyro quando fosse tempo: & ele ho fez. E não ponho ho nome deste soldado por não ser conhecido: porē ganhou ali esta honrra/ & Eytor da silueira lha fez dali por diante/ & assi ho gouernador q̄ lhe chamaua ho seu caualeyro, & na igreja estaua jūto coele/ & eu ho vi muytas vezes. E embarcado Eytor da silueira foyse ao lōgo da costa caminho de Baçaim dali a cīco legoas: mea legoa por hū rio acima/ mandando diante saber sua disposição per hū Christouão correa capitão dū bargātim: & este lhe disse que quasi pegado cō ho lugar estaua hūa trāqueira de madeira de duas faces entulhada que tinha tres baluartes do mesmo com sessenta peças dartelharia grossa, & estaua em sua goarda & do lugar Halixa (q̄ fora capitão das fustas) cō tres mil homēs de pé & quinhētos de caualo acubertados. E com quanto isto se soube era ho desejo dos nossos tamanho de pelejar cō os mouros, que em quanto Eytor da silueira fazia cōselho como auiā de cometer ho lugar bradauão todos que acabassem. E assētado por todos que se cometesse/ & repōtādo a maré entrarão pelo rio acima cō grādes alegrias: & ao outro dia ās noue horas chegarão defronte da

tranqueira que estaua na borda do rio que não auia outro desembarcadoiro se não nas bocas das bõbardas q̃ logo desparàrão nos nossos, que sendo tão poucos era cousa medonha velos antre tãtos pelouros como vinhão da tranqueira q̃ pera cada hũ dos nossos auia muytos q̃ os matassem/ mas nosso senhor os goardou que todos escapàrão ⁊ tomàrão terra/ ⁊ os primeyros forão duzentos piães Canarins que yão cõ Malu mocadão dos remeiros q̃ Eytor da silueira deitou diante pera quebrar neles a primeyra çurriada da tranqueira/ ⁊ tambẽ estes forão saluos. E desembarcado Eytor da silueira, remeteo á tranqueira que muytos dos nossos tinhão aferrada/ ⁊ pelejauão muyto valẽtemente com os immigos que se defendião muy bem, ⁊ dauão q̃ fazer aos nossos por serem muytos: ⁊ se os nossos não teuerão tãtas espingardas virãse ẽ assaz de trabalho/ porque as frechadas dos immigos não tinhão conto/ nem os arremessos ⁊ pedradas que lançauão/ ⁊ lãçadas que dauão a mão tente mas as espingardadas dos nossos podião mais ⁊ derribarão tantos que fizerão caminho pera ẽtrar sem lhe os mouros poderem resistir, posto que trabalharão nisso quanto poderão. E vẽdo que os nossos os entrauão fugirão/ ⁊ eles os seguirão ate ho lugar onde se meterão todos: ⁊ aqui fizerão os immigos rosto aos nossos defendendose. E isto porque sabẽdo Halixá q̃ Eytor da silueira ya sobre a tranqueira, receãdo que a entrasse deixou nela a gente q̃ lhe pareceo que abastaria pera a defender ⁊ com a outra de pé ⁊ de cauallo se pos em Cilada com tẽção de dar nos nossos despois de andarem no lugar, ⁊ com os immigos terẽ esta certeza fizerão rosto aos nossos ⁊ se defendião. E estando nisto say o Halixá da cilada com os de cauallo diante ⁊ os de pé detras/ o que fintido Eytor da silueira recolheo os nossos ⁊ sayose ao campo/ ⁊ feytos em hũa pinha esperou os immigos que ho forão cometer cuydando q̃ lhe fugia. E chegãdo os dianteiros q̃ erão os de cauallo/ dessechão os nossos as espingardas tirando em roda viua porq̃ os mouros os não entrassem ⁊ derribarão muytos deles/ ⁊ os cauallos cõ medo do estrõdo das espingardadas começão de fugir, ⁊ metẽse por antre os de pé derribando os com os peitos, ⁊ trilhando os com os pes os desbaratarão ⁊ fizerão fugir ⁊ coeles Halixa: ⁊ os nossos por estarem muy cansados os não seguirão/ ⁊ forão roubar ho lugar a que derão fogo despois d̃ roubado ⁊ ardeo a parte daquele dia ⁊ quasi todo ho seguinte sem ficar cousa q̃ não fosse queimada, ⁊ cortadas as hortas ⁊ palmares derredor. E foy cousa espãtosa a destruição que foy feyta por tão pouca gente. E isto acabado q̃ foy hũa cousa muy grande sayose Eytor da silueira pera ho mar com sua armada carregada de muyta fazẽda/ artelharia ⁊ catiuos que se tomarão em Baçaim, ⁊ com tres taforeas carregadas de madeira, ⁊ foyse por essa costa a destruir muytas pouoações: de que a gẽte fugia

cõ medo, ⁊ os noſſos que inauão os
lugares ⁊ deſtruyão tudo. E era
ho medo tamanho nos da terra q̃ a
ſeys legoas por dentro do ſertão
não ouſaua ninguem de parecer. E
coeſte medo mandou ho Xeque da
vila de Taná pedir paz a Eytor da
ſilueira com lhe offrecer que paga-
ria cadãno quatro mil pardaos de
pareas/ ⁊ daq̃le deu logo dous mil
⁊ por não poder pagar os outros
dous mil deu arrefens. E de tudo
iſto foy feyto hũ contrato aſſinado
por ambos/ ⁊ por ſer no cabo do ve
rão ſe foy Eytor da ſilueira a Cha-
ul onde auia dinuernar/ ⁊ dahi mã
dou as taforeas da madeira ao go-
uernador.

¶ Capit. xcvij. Do que paſſou dõ Jorge de meneſes cõ Fernão de la torre.

Atras fica dito quão
pouca ajuda deu Gõ-
çalo gomez dazeuedo
a dom Jorge de mene
ſes cõ a gente q̃ leuou
de Malaca ⁊ como nã queria mais
que eſtar na fortaleza fazẽdo ſua fa-
zenda: porem hũ ſó bem lhe fez que
com ſua eſtada enfreaua os caſtelha
nos ⁊ os mouros pera que não fizeſ
ſem a guerra tão aptada como dã-
tes, ⁊ tinhã muytas vezes tregoas
⁊ yão folgar hũs cõ os outros ſem
terem neceſſidade de pedirẽ ſeguro
ſenão quando chegauão ou leuan-
tauão hũa bandeira branca, no que
parecia que aueria paz antreles. E
com tudo nunca a ouue/ nẽ Fernão
de la torre quis dar a dõ Jorge os
Portugueſes que tinha catiuos
por mais vezes que lhos pedio do
que dom Jorge eſtaua muyto agaſ-
tado. E correndo aſſi ho tempo hũa
noyte quaſi no fim do quarto da
prima forão ter aa fortaleza dous
caſtelhanos, que tomados pelas vi
gias forão leuados a dom Jorge q̃
os mandou prender cuydando que
yão pera dãno da fortaleza por não
pedirem ſeguro/ nem leuarem re-
cado do ſeu capitão. E ſabendo Fer
não de la torre a priſam deſtes Caſ-
telhanos com ſeguro de dõ Jorge
lhe mãdou hũ embaixador que foy
com tamanho aparato como que fo
ra de hũ grande principe/ porque
alẽ de leuar muyto ricos veſtidos/
leuaua diãte trombetas/ ⁊ frautas
⁊ dous reys darmas: ⁊ ya acompa
nhado de gente muy luzida. E a cõ
cruſam de ſua embaixada foy eſpã-
tarſe Fernão de la torre muyto de
dom Jorge, prender os dous Ca-
ſtelhanos ſendo tão coſtumado an-
treles, ⁊ os Portugueſes irẽ folgar
hũs com os outros, pedindolhe q̃
lhos deſſe: ⁊ dom Jorge diſſe q̃ ele
reſponderia, ⁊ mandou apouſentar
ho embaixador que deteue algũs di
as, ⁊ neles lhe fez muyta hõrra co-
mendo ás vezes ambos/ ⁊ outras
lhe mandaua de comer a ſua pouſa-
da. E hũ dia eſtãdo ho embaixador
no cabo do comer lhe mandou dom
Jorge como por zõbaria hũ paſtel
em que yão hũ cão ⁊ hũ gato peque
nos viuos com hũ recado, que pois
aqueles dous que erão tão cõtrai-
ros de ſua natureza/ ⁊ eſtauão tão
pacificos/ que porque ho não eſta-
uão aſſi os Caſtelhanos cõ os Por

tugueses; pois que auia tanta rezão pera isso / assi porserem todos Christãos & espanhoes/como tambem por serem vassalos de dous principes tão liados per parentesco & amizade. E visto pelo embaixador ho recado & ho presente,mãdou preguntar a dom Jorge per qual daquelas alimarias entendia os castelhanos. E ele respondeo q̃ polo gato/por ho terem ate então muyto arranhado / & ele auia de ser ho cão que os auia dapanhar dum bocado/ & q̃ dissesse a Fernão dela torre que lhe pedia muyto q̃ lhe desse os Portugueses que lhe la tinha/se não q̃ lhe não auia de dar os castelhanos / que pera isso os tomara. E isto respondeo ao embaixador por derradeyro quando se tornou :porem Fernão dela torre não quis dar os portugueses E daqui a dias a quatro de Dezẽbro chegou a Ternate hum fidalgo chamado dom Jorge de crasto em hum jungo de que ya por capitão & de caminho foy por Borneo, leuando em sua conserua hum Jorge de brito por capitão de hũa fusta que se perdeo de sua companhia & tornouse pera Banda,& dõ Jorge leuou muyta roupa pera a feytoria & munições pera a fortaleza que então era tudo muyto necessario. E com a vinda de dom Jorge de crasto se fauoreceo dom Jorge algũa cousa / & mandou ho darmada ao morro,onde chegado pelejou com a armada dos immigos & os desbaratou & se tornou a Ternate : & sendo ja em Janeyro de mil & quinhentos & vinte noue/ Gonçalo gomez dazeuedo começou de querer entender em sua partida pera Malaca :o q̃ vendo dom Jorge de meneses,lhe reqreo muyto estreitamẽte que ho não fizesse, & assi ho requereo a Lionel de lima,a quem tinha dada a alcaydaria mór da fortaleza / & capitania mór do mar / poendolhe diante a necessidade que tinha deles por amor da guerra que lhe fazião os mouros & os Castelhanos / & em quanto apreto ficaria por lhe leuarem a gente. E com tudo nunca quiserão se não irse / prometendo lhe de lhe não leuar a gente , que dom Jorge deteue com muytos rogos & dadiuas de sua fazenda/ & prometendolhes que no anno seguinte lhes ajudaria a fazer crauo. E coisto que lhes prometeo ficarão : & pola ida de Lionel de lima deu os seus officios a hũ Gomez aires criado do mestre de Santiago/ & mandou na conserua de Gõçalo gomez dazeuedo a dom Jorge de crasto que fosse pedir socorro a quaisquer capitães ou mercadores que achasse em Banda/assi de gente como de mercadorias pera a feytoria. E partio Gonçalo gomez & os outros a dez dias de Feuereyro / & Gonçalo gomez foy por Bachão pera tomar hi Manuel falcão que deixou em Bachão ate saber se dom Jorge queria que ele fosse pera a fortaleza/ o que ele não quis consentir por estar mal coele/como ja disse.

¶ Capit.cviij.De como Garcia de sá se partio pera Malaca.

Entrado ho mes de Janeyro deste anno de mil ꝛ quinhentos ꝛ vinte noue que era a moução pera ir de Malaca pera a India / partiose Jorge cabral que fora capitão da fortaleza de Malaca / ꝛ dom Garcia anrriquez cada hũ em seu jungo / ꝛ assi outros fidalgos que laa estauão ꝛ chegarão aa barra de Cochim / ꝛ com quanto yão com determinação de passarem a Goa não ousou Jorge cabral por ser ja na fim de Março ꝛ ventarem os noroestes que correm ao lougo da costa ꝛ lhe erão por dauante / ꝛ por isso se acolheo Jorge cabral a Cochim. E dom Garcia não quis acolherse coele / ꝛ disse que auia de passar a Goa em que pes ao vento ꝛ ao mar: ꝛ polo vento ser por dauante / ꝛ ho jungo em que ele ya ser mao de bolina ꝛ ir muyto carregado / chegou a Batecalá com muyto grande trabalho ꝛ perfia: ꝛ estãdo hi vio que ho tempo auia de ser de cada vez mais forte por ser meado Abril que entraua ho inuerno / ꝛ por isso ouue por seu acordo que era melhor tornarse a Cochim: como tornou / ꝛ com grãde tormenta chegou aa sua barra onde durando a tormenta surgio, porque por ho jungo ser grande ꝛ ir muyto carregado não pode entrar no rio de Cochim. E deixando dom Garcia ho jungo surto sobre hũa ancora foyse a terra / ꝛ despois de ido creceo ho vento tanto que durou tres dias ꝛ tres noytes ꝛ andaua ho mar tão grosso que ho jungo se foy ao fundo cõ a muyta agoa quelhe entrou dentro / em que se perderão cincoenta mil cruzados que tanto valia a carrega q̃ tinha: ꝛ dom Garcia não ficou cõ mais que com ho vestido com que foy a terra / ꝛ despois ho prendeo Nuno da cunha pelo que fizera em Maluco ꝛ ho mãdou preso a Portugal no anno seguinte. E despois de passada esta tormenta / Garcia de saa que estaua então em Cochĩ se partio pera Malaca / ꝛ ya em hũa nao, ꝛ leuaua em sua companhia hum jungo que comprara pera leuar sua fazenda: ꝛ ho jungo se perdeo ao sair da barra. E chegado Garcia de saa a Malaca, lhe entregou Pero de faria a capitania de fortaleza / ꝛ ficou em Malaca ate ho Setembro seguinte que se partio pera a India onde chegou em Nouembro.

¶ Capitolo. xcix. De como el rey Dachem tomou por engano hũ galeão a Manuel pacheco.

El rey de Dachem polos recados que tinha mandado a Pero de faria que mandasse pola galé como atras fica dito esteue esperando que fossem por ela. E quando vio que não yão / nem Pero de faria lhe mandaua reposta ficou espantado / ꝛ determinou de saber porque lhe não mãdaua recado: ꝛ mandando preguntar a causa disso ao Bẽdara de Malaca q̃ auia nome Sanaya de raja cõ

quem tinha grande amizade/ ꝛ lhe peitaua grossamente por lhe dar auiso do que sabia q̃ os Portugueses determinauão ꝛ quantos erão, porque todo seu pensamento era diminuilos tanto com ardijs ꝛ manhas que podesse tomar a fortaleza sem perigo. E como pera isto tinha este trato com Sanaya / foy por ele auisado de como Pero de faria recebera bem a embaixada que lhe leuara Antonio caldeira, ꝛ como ho mandara com reposta: ꝛ por amor da sua amizade que tinha por muyto certa não dera socorro a elrey Dauru/ ꝛ que se Garcia de saa não entrara na capitania naquele tempo / que sempre Pero de faria mandara pola galé. E elrey de Dachem que isto soube, determinou logo de cometer paz a Garcia de sá pera ver se lhe podia acolher algũs Portugueses pera os matar, ꝛ mandoulhe hum embaixador, que auido seguro de Garcia de sá entrou em Malaca, ꝛ primeyro que desse a embaixada correo toda a cidade sobre hum alifante leuando nas mãos hum bacio douro em que ya hũa carta del rey de Dachem pera Garcia de sa ꝛ rodeado de muyta gente de pé/ leuaua hum homem diante tangendo em hũa bacia, ꝛ de quando em quãdo dizia em voz alta como pregão que elrey de Dachem queria fazer amizade com elrey de Portugal: ꝛ isto fez por ser assi ho costume daquelas partes. E corrida a cidade deu a embaixada a Garcia de sa, cuja concrusam foy desculparse do que fora feyto a Simão de sousa galuão/ ꝛ como estaua prestes pera dar a galé, artelharia ꝛ Portugueses, sobre que mãdara tres a Malaca per duas vezes pedir ao capitão que mandasse por tudo hum homem honrrado pera assentar coele amizade/ porque desejaua que os Portugueses teuessem trato em sua terra, ꝛ que nunca vira reposta: pedindo a Garcia de saa que lhe quisesse responder com fazer o que pedia. E parecendo Garcia de saa que era aquilo verdade, fez muyta hõrra ao embaixador/ ꝛ despedioho logo mandando coele outro com reposta como elrey queria, que fez grande recebimento ao embaixador Portugues / ꝛ por lhe fazer honrra que antreles he muyto grãde lhe deu duas manilhas douro pera que trouuesse no braço de reyto como caualeyro, ꝛ aos que yão coele deu a cada hum sua. E partido ho embaixador pera Malaca foy morto com quantos yão coele na barra de Dachem por mandado del rey / ꝛ isto tão secretamente que ho não souberão mais que aqueles que ho fizerão / ꝛ por isso ho não soube Garcia de saa, mas soube a honrra que lhe elrey de Dachem fez pelo que não teue nenhũa sospeita daquela maldade/ mas vendo que ho embaixador não tornaua cuidou que se perdera no mar. E sabendo isto el rey por Sanaya de raja/ tornou a mandar outro embaixador a Garcia de saa/ espantandose muyto como não mãdaua confirmar a paz como lhe mandara dizer/ q̃ a mandasse logo

confirmar per algum homem honrrado. E cuidando Garcia de ſá que era aſſi, ſem ho praticar em conſelho eſcolheo pera mandar a Dachem hũ Manuel pacheco q̃ ſabia bem a lingoa Malaya, ⁊ porque ſe ganhaua muyto na mercadoria q̃ ſe lá leuaſſe deulhe hũ galeão nouo carregado dela ⁊ a mais ſua/ ⁊ a outra doytenta Portugueſes que auião dir com Manuel pacheco/ que por a ida ſer de proueito ouuerão licença pera irem/ com grãde aderença. E diſto deu logo Sanaya auiſo a el rey de Dachem conſelhãdolhe que tomaſſe aquele galeão/ affirmando que ſe ho tomaua que ele lhe tomaria logo a fortaleza de Malaca, porque a gente que ya no galeão era a principal da fortaleza, ⁊ a q̃ ficaua era doente ⁊ pobre. E tendo el rey eſte recado quando Manuel pacheco chegou á barra de Dachẽ determinando el rey de ho tomar mandou muytas lancharas darmadá pera iſſo/ que andando ho galeão balrrauenteando de fora da barra ſayrão poucas ⁊ poucas, ⁊ quando os Portugueſes virão tanta gente como trazião as lancharas/ diſſerão a Manuel Pacheco que lhe parecia aquilo treição/ que ſeria bõ armarẽſe pera ſe defenderem: do que ſe ele agaſtou muyto dizendo que ẽ el rey não auia treição que não fizeſſem aluoroço. E como ja eſteueſſem muytas lancharas ao derrador do galeão, entra por ele hũa frecha que ſayo dantre os mouros, ao q̃ Manuel pacheco pedio muyto apreſſado hũa ſaya de malha/ ⁊ em a metẽdo pela cabeça vem outra frecha ⁊ atraueſſalhe ho peſcoço/ ⁊ apos iſto ẽtrão os mouros ho galeão por todas as partes dando grãdes gritas, ⁊ ſem ſe os Portugueſes poderem armar nem defender forão tomados ás mãos ſem eſcapar nhũ/ ⁊ leuados a el rey os mãdou matar com os outros q̃ tinha da galé de Simão de ſouſa/ ⁊ ficoulhe ho galeão que era nouo ⁊ muyto bem artilhado/ ⁊ coeſta artelharia ficou muyto mais abaſtado dela do que eſtaua a fortaleza de Malaca: cõtra quem mandou logo hũa armada/ mandando dizer a Garcia de ſá que lhe agardecia muyto ho galeão que lhe não falecia mais que hũ bargãtim, que lhe rogaua que lho mandaſſe ſenão que ele ho tomaria cedo. E el rey ficou tão ſoberbo que não tinha em conta os Portugueſes/ ⁊ determinou de lhes tomar a fortaleza de Malaca.

¶ Capit. c. De como foy diſcuberta a treição de Sanaya de raja/ ⁊ foy morto por iſſo.

DEſpois da tomada deſte galeão mãdou Sanaya de raja dizer a el rey de Dachẽ que pois ho tomara que ele compriria com lhe dar a fortaleza pera que dali por diante buſcaua tẽpo. E quaſi q̃ ho ouuera de fazer ſe ho noſſo ſenhor não deſcobrira, ⁊ aſſi foy que andando muytos mouros Dachem darmada ao longo da coſta de Malaca/ ajuntarãſe com algũs dela onde chamão

ho tãque del rey ⁊ hi fizerão hũ bãquete em que os Dachẽs despois de bebados cõtarão aos Malayos como por instrução de Sanaya el rey de Dachem tomara ho galeão, ⁊ como mandara matar ho embaixador de Garcia de sa pera mais dissimulação, ⁊ como tinha ordenado de tomar a fortaleza em hũ tal dia que Garcia de sa esteuesse na igreja com toda a gente que auia de tirar dentro com hum camelo que estaua ceuado defronte aa porta da fortaleza, ⁊ matar a mais da gente que esteuesse dentro tomar a fortaleza cõ gente que auia de ter pera isso: do q̃ logo Garcia de sa foy auisado por algũs dos Malayos que erão seus amigos: ⁊ ouue logo conselho sobre matar Sanaya / ⁊ que fosse com ho menos aluoroço que podesse ser. E estando neste conselho chegou Sanaya q̃ era fora com outro mouro seu enteado que auia nome Tuam mafamede / ⁊ Garcia de sá ho mandou chamar: ⁊ ele foy logo lá bẽ descuydado do pera q̃ ho chamauão que não cuydaua que se sabia / ⁊ ya coele Tuã mafamede / a que Garcia de sá disse q̃ queria prender Sanaya por treição que fazia: o q̃ Sanaya não entendeo por não entẽder a lingoa Portuguesa. A que Tuam respondeo / que se Sanaya fizera treição que a pagasse. E logo Sanaya foy preso / ⁊ atadas as mãos atras foy deitado do terrado da torre q̃ era de cinco sobrados / ⁊ assi foy morto. E Tuam mafamede que assi ho vio matar ficou fora de si com medo / ⁊ Garcia de sá lhe disse que não ouuesse medo / porque Sanaya pagarão ho mal que fizerão: ⁊ a ele q̃ era leal faria sempre muyta honrra ⁊ merce / ⁊ mandou ho leuar pera sua casa muyto acompanhado: ⁊ assi liurou nosso senhor a fortaleza cõ a morte de Sanaya deraja que fez muyto grande espanto nos Malayos / ⁊ fez lẽbrar a morte de Tuã timuteraja em tempo Dafonso dalbuquerque / ⁊ dizião que os Portugueses sabião muyto que não se lhes escondia nada. E el rey de Dachem ficou muyto triste pola morte de Sanaya / porque perdeo nele grande perda / ⁊ a molher de Sanaya fugio logo / ⁊ foy se coela Tuã mafamede pera el rey Dugentana, hũ rey comarcão de Malaca.

Capit. cj. De como Nuno da cunha chegou a Ormuz, ⁊ de como foy preso Raix xarafo.

Inuernãdo Nuno da cunha em Mombaça forão ter coele no cabo do inuerno Simão da cunha / dom Francisco deça, ⁊ Francisco de mẽdoça que inuernarão em Moçambiq̃ onde lhe morrerão q̃trocẽtos homẽs / ⁊ assi ho disserão a Nuno da cunha / ⁊ a perdição Dafonso vaz azambujo, ⁊ de Bernaldim da silueira: do que ele ficou muyto triste ⁊ receou que tambem Garcia de sá ⁊ Antonio de saldanha fossem perdidos / ⁊ porque era no cabo do verão da India / ⁊ a nauegação pera laa auia de ser muy perigosa

por amor das naos que erão grandes / acordou cõ aqueles capitães que pera segurança delas fosse ter ho inuerno da India a Ormuz. E estãdo pera partir foy hi ter em hũ nauio hũ Bastião ferreyra cidadão de Goa que por mandado do gouernador foy buscar Nuno da cunha a Moçambique cuydãdo que inuernaua lá ꝛ não ho achando foy a Melinde, ꝛ porque auia de ir inuernar aa India escreueo Nuno da cunha por ele ao gouernador como tomara Mombaça, ꝛ a causa porque ya a Ormuz / pedindolhe muyto que teuesse a armada da India concertada porque auia de ter necessidade dela em chegando. E partido Bastião ferreyra, partiose ele pera Ormuz, ꝛ estando na agoada de teiue foy ter coele dom Fernãdo deça cõ os outros dous capitães de sua cõserua que yão da India como disse atras, ꝛ dahi se foy a Mazcate õde deixou os doentes da armada que erão muytos / ꝛ as naos de dõ Frãcisco deça ꝛ de Francisco de mendoça, ꝛ por capitão a dom Fernãdo de lima / ꝛ foyse na sua nao a Ormuz indo coele Simão da cunha ꝛ dom Fernando deça com seus capitães, ꝛ el rey lhe fez grande recebimento: ꝛ com sua chegada ficou Raix xarafo muy assombrado que castigasse suas tiranias, porque como vinha nouamente auia medo de entender nele. E auẽdo poucos dias que ho gouernador estaua em Ormuz / chegou de Portugal Manuel de macedo por capitão de hũ galeão com prouisam del Rey de Portugal pera prẽder Raix xarafo por muytas culpas que tinha dele / ꝛ que lhe fosse entregue / ꝛ no mesmo galeão ho leuasse preso a Portugal. E el Rey deu este cargo a Manuel d macedo por confiar dele ꝗ ho faria melhor que outrem ꝛ não se peruerteria cõ peitas. E chegando ele á agoada de Teiue que he sessenta legoas Dormuz soube como Nuno da cunha estaua em Ormuz: ꝛ porque se receou que se soubesse ao que ya lhe tiraria a honrra quesperaua de ganhar em prender Raix xarafo (por ser cousa muy desejada) quis ẽcobrir sua ida a Ormuz, ꝛ foyse ẽ hũa terrada cõ algũs de que se confiou mandando ao ꝗ deixou no galeão por capitão que dali a tantos dias fosse ter a Ormuz que era ho tempo que lhe pareceo que teria feyto seu negocio. E chegado a Ormuz na terrada que era hũ dia pola manhaã desembarcou muyto secretamẽte ꝛ foyse a casa de Raix xarafo que pousaua nos paços del rey, mãdando primeyro a hũ criado seu que como ho visse falar com Raix xarafo lhe leuasse hũa carta a Nuno da cunha em ꝗ dizia ꝗ lhe requeria da parte del Rey de Portugal que tanto que aquela visse mandasse gente a casa de Raix xarafo porque cõpria muyto a seu seruiço. E chegado a casa de Raix xarafo foy dele muyto bem recebido porque ho conhecia ꝛ tinha coele amizade de quãdo ho leuara da India pa Ormuz despois de se liurar das culpas que lhe punhão como disse atras. E ho homem que tinha a carta pera Nuno da cunha como os vio falar foylha leuar. E lendo Nuno da cunha a carta chegou Si-

mão da cunha muyto de pressa τ dis selhe que fazia/que Manuel de macedo tinha preso Raix xarafo:τ assi era que ja a noua andaua pola cidade. E ficando Nuno da cunha muyto salteado coesta noua mandou logo a Simão da cunha que fosse prẽder Raix xarafo,τ ele foy com muyta gente: τ chegando la achou que ja Manuel de macedo tinha preso Raix xarafo, τ Simão da cunha lho tomou τ lhe mandou logo escreuer sua fazenda,τ ho leuou consigo a casa de Nuno da cunha sem na cidade auer por isso nhũ aluoroço cõ quanto Xarafo tinha nela muyto poder τ muyta valia, τ era muyto aparentado / τ isto por medo dos nossos. E Nuno da cunha ficou tão agastado de Manuel d macedo prẽder Raix xarafo sem lhe dar conta disso/que ho mandou prender com quanto lhe ele mostrou a prouisam que trazia del Rey pera ho prẽder: τ tambem ho porque Nuno da cunha fez isto foy por abrandar el rey Dormuz q̃ mostrou sentir muyto a prisam de Raix xarafo por ser ẽ sua casa, τ dauasse por muyto injuriado disso. E despois da prisã de Raix xarafo em Agosto, ordenãdo Nuno da cunha sua partida pera a India veyo noua certa a el rey Dormuz que Raix bardadim gouernador de Baharẽ por el rey Dormuz se lhe reeblara τ lhe não q̃ria pagar corenta mil xarafins que lhe pagaua de rẽda, τ isto por amor da prisã de Raix xarafo de q̃ era cunhado dizẽdo q̃ el rey ho fizera prender pois cõsentira q̃ fosse em sua casa, pelo q̃ lhe auia de fazer todo ho mal q̃ podesse. O q̃ sabido por el rey deu cõta a Nuno da cunha, dizẽdo q̃ pois ele era vassalo del Rey d Portugal τ lhe pagaua pareas q̃ ele como seu gouernador lhe auia d restituir Baharem τ tornar a sua obediencia a Raix Bardadim/ τ mais pois a prisam de Xarafo fora causa de seu aleuantamento/ τ se isto não fazia que não podia deixar de descontar nas pareas del Rey de Portugal aq̃les corenta mil xarafins q̃ lhe rẽdia Baharẽ:a q̃ Nuno da cunha respõdeo q̃ não tinha naquilo rezão/porque se Xarafo fora preso fora por suas culpas τ el Rey de Portugal ho podia castigar como seu superior / τ por isso não era aquilo escusa pera não pagar as pareas. E daqui praticarão tanto sobresta cousa q̃ Nuno da cunha fez cõ el rey q̃ pagasse mais de pareas a el Rey de Portugal os corenta mil xarafis q̃ lhe rẽdia Baharem τ que lho someteria a sua obediencia. E isto pos Nuno da cunha em cõselho com os capitães τ fidalgos de sua armada: τ algũs disserão q̃ ele ya dirigido de Portugal pera tomar Diu: τ Diu importaua mais tomarse que se acrecẽtarem mais corẽta mil xarafins ás pareas Dormuz/porque auia de rẽder mais/ τ auia de ser mais hõrra del Rey de Portugal tomarse / τ que se agora fosse sobrele cõ ho destroço que Lopo vaz de sam Payo tinha feyto nas fustas/ τ com ir de nouo de Portugal q̃ ho tomaria,τ indo sobre Baharem ou mandãdo lá q̃ auia dauer muyta detença por ser fora de moução/ τ perderia tempo de chegar aa India tão cedo co-

mo era necessario pera ir sobre Diu;
por isso que deixasse Sabarẽ. E ou-
tros disserão que não porque bẽ se
podia sugigar Sabarem ⁊ tomarse
Diu, ⁊ coestes foy Nuno da cunha.
E isto se assentou, ⁊ q̃ fosse Simão
da cunha a Sabarem: a que Nuno
da cunha deu por regimento q̃ por
quanto era fora da moução / ⁊ os
ventos lhe auião de ser por dauante
q̃ andasse ás voltas ate trinta dias
⁊ quando neste tempo ho não po-
desse aferrar que se tornasse. E coes-
te regimento se partio Simão da cu
nha na entrada de Setembro / ⁊ ele
foy em hũ nauio redondo dũ Jorge
gomez mercador da India Portu-
gues, que eu conheci / ⁊ forão por
seus capitães dom Francisco deça
no nauio em q̃ Manuel de macedo
fora de Portugal, que não chegou
a Sabarem por ser roim de vela / ⁊
Manuel dalbuquerque em outro,
⁊ dom Fernãdo deça no seu galeão,
⁊ Aleixo de sousa em outro, ⁊ Lopo
de mezquita no çamorim pequeno,
⁊ Tristão dataide em hũa fusta / ⁊ a
gente q̃ ya nestes nauios forão tre-
zentos dos nossos todos fidalgos
⁊ caualeyros criados del Rey, gẽte
toda limpa ⁊ bem armada de coira-
ças de seda, ⁊ armas brancas. E fa
zendo sua viagẽ acharão os vẽtos
contrairos ⁊ teuerão assaz de tra-
balho / ⁊ andando assi deulhes nos-
so senhor hũ vento que os pos em
Sabarẽ / saluo a dom Francisco de
ça que ficou atras ⁊ Aleixo de sou-
sa que no caminho tomou algũas
terradas de mouros, ⁊ despois foy
ter a Sabarem estando os outros
surtas.

¶ Capit. cij. Do q̃ aconteceo a Simão da cunha em Sabarem / ⁊ de como morreo ⁊ outros muytos.

Chegado Simão da
cunha ao porto d̃ Sa
barem achou hi Bel
chior de sousa taua-
res capitão mór do
mar Dormuz com
obra de seys bargantis ⁊ catures q̃
estaua goardando ho porto, junto
do qual estaua hũa boa fortaleza
cõ cobelos ⁊ torres cercada de mu-
ro ⁊ caua onde Raix Bardadim es-
taua com suas molheres / filhos ⁊
muyta gente darmas. E vendo ele
surta a nossa frota / ⁊ parecendolhe
ao q̃ ya / pos hũa bandeira branca
aruorada na fortaleza: ⁊ vista por
Simão da cunha mãdou a terra sa-
ber o que queria por hũ lingoa: por
quẽ Raix bardadim lhe mandou di
zer que ele não se leuãtara se não por
amor da prisam de Raix xarafo seu
cunhado: ⁊ pois os nossos interui-
nhão nisso que ele nã queria coeles
nada por ser muyto grãde seruidor
del Rey de Portugal, ⁊ pois ele
queria aquela fortaleza lha queria
dar em paz / ⁊ se iria cõ suas molhe
res / filhos / gente ⁊ quanto estaua
nela / ⁊ coesta condição lha daria.
Ouuido isto por Simão da cunha,
quisera aceitar a fortaleza com aq̃la
condição, mas foy cõtrariado dos
capitães ⁊ fidalgos / dizendolhe q̃
com medo a tomaua daq̃la maney-
ra, ⁊ q̃ não era bẽ que aq̃le mouro fi
casse sẽ castigo polo q̃ fizera / ⁊ quã-
do a ouuesse d̃ tomar sem peleja fos
se cõ lhes ficar a fazẽda: ⁊ que Raix

bardadim se fosse com suas molheres/ filhos ꝛ gente/ porque sem fazenda ficaria bẽ castigado, ꝛ não daria mais toruação nẽ desassego a el rey Dormuz. E com quanto isto pareceo muyto mal a Simão da cunha por parecer assi a todos ho ouue por bẽ, mas muyto contra sua vontade / ꝛ isso respondeo a Raix bardadim: que como homẽ esforçado não repricou mais se não mandou aruorar no muro duas bandeiras/ hũa brãca outra vermelha como quẽ dizia aos nossos q̃ vissem se querião paz ou guerra. O q̃ vendo os capitães disserão a Simão da cunha q̃ quisesse guerra / ꝛ por isso ele mandou desembarcar a gente/ ꝛ algũa artelharia q̃ leuaua pa bater a fortaleza. E feytas suas estãcias/ ꝛ ordenados seus capitães ꝛ gente q̃ auia destar nelas/ começouse de dar bateria á fortaleza/ ꝛ em começando mandou Raix bardadim tirar a bandeira branca ꝛ ficou a vermelha como quem não estimaua a guerra dos nossos: ꝛ bem parecia q̃ era assi/ porq̃ como os nossos faziã algũ buraco no muro cõ a artelharia logo era tapado ꝛ tão depressa q̃ quasi q̃ não se enxergaua / do q̃ Simão da cunha andaua muyto agastado vendo q̃ não fazia nada, principalmẽte porq̃ lhe faleceo a poluora tambẽ apercebido ya dela: ꝛ então vio ele tamanho erro fizera em não tomar a fortaleza q̃ lhe dauão em paz. E como não tinha outro remedio de poluora se não mãdar por ela a Ormuz/ mandou logo lá hum bargãtim q̃ foy ẽ poucos dias/ por ho vento ser a popa, mas á tornada foy ho vagar muyto. E vendo os mouros a dilação que auia na bateria da fortaleza zombauão dos nossos de cima do muro como era noyte, ꝛ diziãlhe q̃ pois os nã quiserão deixar ir q̃ ali auião todos de ficar. E parece q̃ adiuinhauão ou fizerão por onde fosse assi segundo se presumio q̃ deitarão peçonha nas agoas de que os nossos auião de beber, ou por elas serẽ peçonhentas naquele tẽpo/ ꝛ nele mesmo ser a terra muyto doentia/ ꝛ os nossos estarẽ despostos pera doenças com ho muyto grande trabalho q̃ tinhão começarão dadoecer ꝛ tanto que não se podião leuantar. E Raix bardadi mandou dizer a Simão da cunha q̃ pola amizade q̃ tinha cõ os nossos lhe aconselhaua q̃ se fosse, porque se ali esteuesse mais lhe auia dadoecer a gente de maneyra que quando se quisesse ir não auia de poder: ꝛ os nossos zombauão daquilo ꝛ dizião a Simão da cunha q̃ ho mouro dizia aquilo com medo, ꝛ por isso Simão da cunha não tomou seu conselho que fora muy bõ/ porq̃ despois nã sucedera a desauẽtura q̃ sucedeo: ꝛ foy a doẽça dos nossos em tanto crecimento que quando a poluora chegou Dormuz estauão quasi todos doẽtes ꝛ algũs mortos/ ꝛ porq̃ ele via assi adoecer a gente mudou as estãcias pera perto do mar, porq̃ ho teuesse mais a mão se se visse apertado dos mouros que fossem sobrele/ o que temia muyto que fosse se Raix bardadim soubesse como tinha a gente: o q̃ ele sabia muy bẽ pola experiẽcia q̃ tinha da terra/ mas como não queria se não ami-

os nossos porque se fizesse algũ dãno sabia que Raix xarafo ho auia de pagar nunca quis bolir consigo nem sair aos nossos/ que se saira cõ pouco trabalho os matara a todos. E despois de Simão da cunha recolher os seus pera mais perto do mar, fez hũa estãcia em que os pos todos/ ⁊ tornou outra vez a bater a fortaleza de que derribou hũ lãço do muro por estar abalado dantes, ⁊ quisera por ali entrar a fortaleza se teuera quem ho acompanhara/ mas não achou sãos mais de trinta ⁊ cinco homẽs, ⁊ todos os outros tão doentes ⁊ fracos que não se podião bolir: ⁊ de muyto agastado leuantou as mãos ao ceo, dizẽdo. Senhor quã pouco te custara daresme cem homẽs sãos/ Que cõ tãtos se atreuera a entrar a fortaleza se os teuera: ⁊ vendo que os não tinha deixou de ho fazer com muyto grande magoa assi por isso como por ver quão bem acertaua em tomar a fortaleza que lhe dauão em paz/ ⁊ quã mal aconselhado fora em a não tomar ⁊ em se não ir quando tinha tẽpo. E ãtes que ho não teuesse de todo determinou de fazer embarcar a artelharia ⁊ os doentes porq̃ os saluasse/ o que fez cõ immenso trabalho assi seu como dos trinta ⁊ cinco que estauão sãos/ que saindolhe muyto sangue das mãos embarcarão a artelharia, ⁊ despois os doentes com q̃ ja não podião de cãsados ⁊ por isso lhes atauão cordas nos pés ⁊ os leuauã a rasto ate ho mar. E foy hũa muy piedosa cousa de ver esta embarcação, assi do mao tra[to] que se daua aos doentes por se mais não poder fazer, como dos gimidos ⁊ gritos que dauão ⁊ magoas que dizião. E neste trabalho ajudou muyto bẽ aos nossos hum mouro Dormuz q̃ foy com Simão da cunha que era xeque da ilha Dãgão ⁊ ya em hũa terrada com corẽta mouros tambẽ Dormuz com q̃ fez muyta ajuda aos nossos assi no cerco passado como nesta embarcação. E embarcados todos os doẽtes ⁊ artelharia/ se embarcou Simão da cunha morto de paixão, ⁊ de tamanha desauentura a que ele quisera atalhar em tomar a fortaleza se ho deixarão/ do que ele tinha mayor magoa/ ⁊ coela disse ao mestre do seu nauio em se embarcando. Mestre quando ouuerdes de fazer algũa cousa de vossa honrra não tomeis ho conselho de ninguẽ se não ho vosso. E coisto fez dar ás velas ⁊ se partio ⁊ assi os outros nauios: ⁊ logo nos primeyros tres dias de sua nauegação começarão de morrer muytos dos doentes q̃ leuaua q̃ lhe renouauão de cada vez mais sua tristeza de que ele adoeceo, ⁊ tão auorrecido ya da vida ⁊ de tudo q̃ se meteo na camara do nauio sem querer ver ninguem nẽ falar/ ⁊ dãdo muyto grandes ays ⁊ sospiros durou noue dias despois q̃ adoeceo ⁊ morreo de tristeza, ⁊ no seu nauio morrerão bẽ setenta doentes a fora os dos outros nauios: ⁊ ficou ho nauio tão desemparado de quẽ ho mareasse que se ouuera de perder se lhe nosso senhor não socorrera com ir ter coele Fernandaluarez çarnache em hũa terrada que com sua gẽte ho ajudou a leuar a Ormuz, õde

Simão da cunha q̃ ya morto nele foy enterrado/ ꝛ assi Francisco gomez filho do bispo do Fũchal, ꝛ todos os nauios da armada chegarã muy destroçados/ hũs diante outros depois: ꝛ os mais dos q̃ forão a Sabarẽ morrerão que muy poucos escaparão ꝛ isto foy o q̃ ganhou de ir lá: ꝛ mais coesta ida não pode Nuno da cunha partir pera a India em Agosto pera chegar em Setembro ꝛ fazer prestes a armada pera ir a Diu aquele anno ꝛ não foy. E vẽdo Nuno da cunha como nã tinha mais que fazer em Ormuz/ determinou dese partir pera a India/ ꝛ arrecadou as pareas del rey Dormuz/ ꝛ soltou Manuel de macedo ꝛ pos em seu poder a Raixxarafo porque ho auia de leuar pera Portugal por mandado del Rey. E tẽdo tudo prestes, partiose caminho da India, ꝛ forão coele dõ Fernãdo de lima/ dom Francisco deça/ Frãcisco de mendoça/ Manuel de macedo ꝛ outro todos capitães de naos/ ꝛ Jorge gomez no seu nauio.

¶ Capit. ciij. De como ho gouernador se partio de Goa pera Cochi.

SEndo ho gouernador Lopo vaz de sam Payo ho inuerno ẽ Goa, chegou hi Bastião ferreyra na entrada dele com cartas de Nuno da cunha, que tomara aos mouros Mombaça õde teuera ho inuerno, ꝛ ficaua em Melinde dõde auia dir a Ormuz pa no verão seguinte passar á India, pedindolhe que lhe teuesse a armada prestes porque auia de ter necessidade dela ẽ chegãdo/ ꝛ por esta noua mandou ho gouernador hũa solẽne procissam/ em que com todos foy dar graças a nosso senhor por a noua da armada de Portugal/ q̃ os mouros querião adiuinhar que não auia de vir/ ꝛ andauão por isso muyto ledos dizẽdo q̃ ja não auia Portugal. E dadas graças ao eterno Deos/ ho gouernador se pos com muyta diligẽcia a mandar concertar a armada, ꝛ a fazer de nouo algũs nauios a fora muytos que mandara fazer em diuersos tempos .s. seys galeões ꝛ a taforea de Cochim que era nao de quinhẽtos toneis, seys galés reais cinco galeotas/ quatro carauelas/ ꝛ cincoenta bargantins/ ꝛ muytos outros q̃ mandou fazer de paraós Malabares/ de que no tempo q̃ gouernou a India se achou por certeza que se tomarão a imigos bẽ cento ꝛ cincoenta com fustas ꝛ outros nauios, ꝛ todos bẽ artilhados ꝛ de boa artelharia: ꝛ destes forão leuados muytos pera diuersas partes do senhorio que el Rey de Portugal tem na India, ꝛ outros se gastarão de velhos: ꝛ com tudo ficou a mais grossa ꝛ melhor armada que tinha nhũ principe Christão de cẽto ꝛ trinta ꝛ seys velas .s. quatorze galeões, seys galés reais, oyto galeotas, seys carauelas, ꝛ cẽto ꝛ duas fustas ꝛ bargantins. E assi como acrecẽtou a armada, assi tambẽ teue cuidado de repairar as fortalezas da terra do necessario: na Dormuz mandou fazer hũ baluarte defronte da porta, ꝛ mandou acabar

hũs cobelos q̃ estauão começados, ꝛ enmadeirar os terrados da forta leza/ꝛ argamassar ho muro, ꝛ con- certar a igreja q̃ estaua dãneficada, ꝛ na d Chaul mãdou leuãtar mais hũ sobrado na torre da menagẽ, ꝛ a cabar ho cobelo do alcayde mór/ ꝛ fazer hũ cais d pedra, ꝛ duas casas pera almazẽs dartelharia ꝛ de mã- timẽtos. Na cidade de Goa hũ pe- daço de chapa no muro da banda do mar ꝛ hũ cobelo. ꝛ acabar a sé q̃ estaua começada ꝛ telhar de nouo ho mosteiro d sam Frãcisco. Na for taleza de Cananor mandou fazer hũa caua ao derredor do arrabal- de pera q̃ ficasse dẽtro ho poço da- goa/ q̃ estaua fora da fortaleza q̃ era parela muy grãde perjuyzo por nã ter agoa: ꝛ na mesma caua hũ ba- luarte q̃ varejasse ho mar dũa bãda ꝛ da outra cõ a artelharia ꝛ mãdou refazer ho muro da cerca da forta- leza q̃ estaua desfeyto em muytas partes ꝛ derribar o q̃ cercaua a tor re da menagẽ por ser fraco ꝛ fazelo mais forte/ ꝛ fazer hũa casa pa fey- toria, ꝛ hũa sala do apousentamẽto do capitão. Em Cochim mãdou fa zer a parede grande q̃ vay da fortã- leza ao lõgo da praya ate o caluete/ ꝛ acabar todos os cobelos q̃ estauã da bãda do mar: ꝛ assi outras obras miudas de q̃ a fortaleza tinha neces sidade. E a fora tudo isto mãdou pa gar trezẽtos mil cruzados d soldo, q̃ foy cousa em q̃ fez grande seruiço a el Rey seu senhor. E assi como foy esforçado na guerra/ foy cõstãte na justiça q̃ sempre folgou muyto de fa zer/ posto q̃ algũs quiserã dizer ho cõtrairo por odio q̃ lhe tinhão: po- rẽ ele castigou sempre os crimes as- peramẽte como se vio no mulato q̃ foy enforcado em Goa por tirar de noyte em Cochi cõ hũa espingarda a Frãcisco pereyra pestana/ ꝛ os oy to aleuãtados da cõpanhia dos q̃ se aleuãtarão cõ hũa fusta ꝛ cõ hum bargantim, q̃ em pessoa foy prẽder hũa noyte a terra firme/ ꝛ eu ho vi partir q̃ estaua em Goa a esse tẽpo. Foy sẽpre muyto deuoto ꝛ temero- so de nosso senhor/ ꝛ tão casto q̃ nũ- ca lhe sentirão molher em quãto an dou na India: ꝛ foy fora de vaida- des nẽ presunções/ ꝛ cõ todos era companheiro assi na paz como na guerra/ ꝛ pera todos muyto bẽ en- sinado. Foy homẽ grande de corpo mẽbrudo ꝛ bẽ apessoado ꝛ de rosto alegre. E no cabo deste inuerno que teue ẽ Goa/ em dia de sam Bertola- meu de madrugada surgio na sua barra a armada q̃ aquele anno foy de Portugal de q̃tro naos em q̃ ya por capitão mór Diogo da silueira ꝛ por seus capitães Ruy gomez da grã, Ruy mendez de mezquita/ ꝛ Anrriq̃ moniz que morreo no mar, pay Daires moniz ꝛ Dantonio mo niz q̃ forão coele meninos: ꝛ esta ar- mada leuou tão boa viagẽ que quã- do chegou a Goa yão os homẽs de la q̃ erão quinhẽtos tão sãos ꝛ tão gordos q̃ parecia q̃ auia quize dias q̃ partirão de Lisboa, ꝛ nũca despo is eu vi outros tais. E detendose Diogo da silueira poucos dias em Goa, se partio pa Cochi: ꝛ despois dele o gouernador a fazerse prestes pera a partida d Portugal/ pa õde esperaua de partir pola vida de Nu no da cunha, como direy a diante.

Finis.

HO OCTAVO liuro da hiſtoria do deſcobrimẽto & cõquiſta da India pelos Portugueſes.

Feyto por Fernão Lopez de Caſtanheda, que Deos tem.

Impreſſo em Coimbra.
Com Real Priuilegio.

M. D. LXI.

HO LIVRO OYTAVO DA HISTORIA do descobrimento & conquista da India pelos Portugueses, por mandado del Rey dom Ioão de gloriosa memoria deste nome o III. Em que se cõtem o q̃ os Portugueses fizerão na India, & em outras partes do oriẽte, gouernandoa Nuno da cunha.

Feyto per Fernão lopez de Castanheda.

CAPITVLO PRIMEYRO.

¶De como Nuno da cunha chegou â India, & foy entregue da gouernança.

PARTIDO Nuno da cunha Dormuz. E seguindo por sua viagem, foy surgir na barra de Goa a vinte quatro Doutubro. E no mesmo dia a tarde desembarcou, esperando o no cais os vereadores da cidade, & capitão, & ouuidor dela com muytos fidalgos, & gẽte outra. E mostrada sua prouisam de gouernador, & jurando de goardar os priuilegios da cidade: forão abertas as portas, que estauão cerradas em quanto durou esta cerimonia. E metido debaixo dũ paleo, entrou na cidade: onde estaua a clerizia com hũa solẽne procissam de Cruzes leuantadas, foy leuado á Sé da cidade a fazer oração, & da hi pera sua casa. E como tinha determinado de aq̃le anno não ir a Diu, cometeo a Eytor da silueira que fosse com a armada da India esperar Simão da cunha á costa de Cambaya: pera hi lhentregar a armada quando tornasse de Baharem, pera fazer guerra a Cãbaya. Que ainda q̃ diz no cabo do liuro sexto, q̃ Simão da cunha tornou de Baharem antes de Nuno da cunha partir Dormuz; não foy asi, q̃ foy erro da impressam. E por Eytor da silueira auer por afronta de leuar aq̃la armada pera outrem, escusouse disso: pelo que ho gouernador pedio a seu cunhado Antonio da silueira de meneses que a leuasse. E estando pera partir, chegou recado do desbarato de Simão da cunha, & da sua morte. E porque Antonio da silueira estaua ꝑa leuar esta armada, deu lhe ho gouernador a capitania mór dela, pera que fizesse a Cambaya a guerra q̃ lhe ouuera de fazer Simão da cunha, & deulhe nouecentos Portugueses, de que os quatrocẽtos erão espingardeiros: que forão embarcados em cincoenta & tres velas de remo, galés, galeotas & bargantins. E partido Antonio da silueira, deu o gouernador a capitania mór doutra armada que auia de mãdar ao estreito a Eytor da silueira de quatro galeões, duas carauelas & quatro bargãtins. Dos galeões a fora ele, forão capitães Martim de crasto, Antonio de lemos & Fernão rodriguez barba: das carauelas Frã-

ciſco de vaſconcelos, & Ioanemendez de macedo. Dos bargãtins Antonio botelho, Franciſco de freytas, & outros dous, & deulhe por regiméto q̃ partiſſe em Ianeiro. E deixádo por capitão de Goa a dom Fernando de lima, ſe partio pera Cochim. E de caminho deixou dom Ioão déça na capitania de Cananor que era ſua. E fez capitão mór da coſta do Malabar a Diogo da ſilueira ſeu cunhado da primeyra molher, & deulhe hũa armada de duas galeotas, de que forão capitães Manuel de vaſcõcelos, & Nuno fernandez freyre, & a carauela de Franciſco da cunha, & ſeys bargantins, & foy capitão dũ Ioão da ſilueira ſeu irmão de Diogo da ſilueira, & deixoulhe neſta armada duzentos Portugueſes. E chegado a Cochim, foy recebido com a meſma ſolénidade q̃ em Goa: & ali acabou de ſer entregue da gouernança.

CAPIT. XII.

¶De como forão preſos Lopo vaz de ſam Payo & ho licenceado Ioão de ſoyro.

Entregue ho gouernador da gouernança, mandou préder a Lopo vaz de ſam Payo, & eſcreuerlhe quanta fazenda lhe foy achada, dizendo q̃ aſsi ho mandaua el Rey de Portugal, por amor de hũs capitulos q̃ derão dele ſeus amigos. E por eſtes capitulos ſe proceſſou deſpois em Portugal contra Lopo vaz de ſam Payo: & ſe deu ſentença cõtrele, que perdeſſe ho mantimento q̃ ouuera ſeruindo de gouernador. E por eſta cauſa ſe deu a ſentéça cõtrele, & nã por lhe daré a gouernãça os juyzes q̃ julgarão por ele na India, como diſſe no [...]uro ſeptimo q̃ foi por erro. E ſabida a p[...]ſam de Lopo vaz, todos os q̃ erão am[...]gos do ſeruiço de Deos & del Rey, fo[...]rão muyto eſpantados: por ſer notori[...] com quanta diligencia, verdade & lim[...]peza Lopo vaz de ſam Payo ſeruira h[...] cargo da gouernança da India, aſsi n[...] guerra, como na paz, & q̃ tinha feyta [...] melhor & mayor armada do q̃ nũca g[...]uernador fizera ateli. E todos os da In[...]dia ho dizião aſsi pubricaméte, o que e[...] ouui a muytos, braſſemando de quan[...] mao galardão lhe dauão de ſeus muy[...]tos & grandes ſeruiços. E aſsi diziã[...] q̃ ho gouernador eſtaua muyto indina[...]do cõtra Lopo vaz de ſam Payo, & lh[...] queria mal por lhe Garcia de ſaa & A[...]tonio de ſaldanha fazeré crer, que Lop[...] vaz lhe quiſera roubar ſua honrra en[...] querer tomar Diu, o q̃ fizera ſem duui[...]da ſe lho eles não eſtoruarão, & aſsi po[...] outros mexericos doutras peſſoas q̃ nũ[...]ca falecé. E de ho gouernador não eſta[...] bé cõ Lopo vaz, ſe pareceo no excede[...] ho modo q̃ teue em lhe mandar toma[...] ſua fazéda tão meudaméte, que lhe mã[...]dou Lopo vaz dizer q̃ nã ſe agaſtaua d[...] q̃ lhe fazia, porq̃ eſperaua em noſſo Se[...]nhor que outro ho auia de vingar: o q̃ [...] ſe comprio bé. E logo q̃ Lopo vaz foy[...] preſo, mandou dizer ho gouernador a[...] licenciado Ioão de ſoiro, ouuidor gera[...] da India, que entregaſſe a vara a hũ Pe[...]ro barreto, & ſe fizeſſe preſtes pera Po[...]tugal. E védo Ioão de ſoiro eſte recad[...] do gouernador, como era prudéte, par[...]ceolhe q̃ não era ſem miſterio, & q̃ nã[...]

fari[...]

faria boa fazẽda em ficar na India cõtra võtade do gouernador. E sem mais q̃rer saber se el Rey ho mãdaua ir ou nã, respondeo ao gouernado: q̃ lhe beyjaua as mãos por tamanha merce, q̃ ele era ja velho & cansado, & não tinha na India outro premio de seus trabalhos, se não pobreza & muytos desgostos, pelo que nenhũa cousa deseja mais q̃ irse pera sua molher, & seus filhos. Mas porq̃ ele desse boa cõta de si a el Rey de quẽ tinha aq̃la vara, que lhe desse hũa certidão de como lha tomaua. Cõ cuja reposta ficou ho gouernador atulhado, q̃ desejaua de mãdar Ioão de soiro pera Portugal, & q̃ não fosse seu ouuidor: porque lhe não tinha boa võtade, por ser certo q̃ ele fora ho primeyro que em particular, & em pubrico conselhara cõ muyta instancia a Lopo vaz de sam Payo despois do desbarato das fustas de Diu, q̃ ho fosse tomar, & asi por outros mexericos, de q̃ sempre os gouernadores quando nouamente chegão á India ouuẽ que farte, principalmẽte de pessoas q̃ tẽ nela mãdo. Asi q̃ vẽdo ho gouernador q̃ por ali não podia leuar Ioão de soiro, mãdoulhe tomar residẽcia sem ho el Rey mãdar ir ꝑa Portugal, nẽ auer por acabado ho tẽpo de sua ouuidoria. E tãto q̃ a residẽcia foy pregoada, como Ioã de soiro tinha muytos ĩmigos, asi dos fidalgos da India, por ser grãde amigo de Lopo vaz, cujos ĩmigos erão, como dos outros por fazer deles justiça que todos auorrecẽ, todos teuerão q̃ dizer cõtrele. E mais porq̃ ho enqueredor & escriuão da residẽcia erão seus ĩmigos, & asi ho forão tãbẽ muytas testemunhas, que cõ medo q̃ ele fizesse justiça deles, se lançarão cõ os mouros. E cõ seguro do gouernador se tornarão ꝑa os Christãos. E cõ os ditos destas & outras taes testemunhas, foy Ioão de soiro preso, & mandado a Portugal. E partido, como seus ĩmigos desejauão de ho destruir, nã cõtentes cõ as testemunhas da residẽcia ajudarãse de hũ Pero daguiar, q̃ seruindo Ioão de soiro douuidor geral seruia de seu escriuão, q̃ depois de sua partida foy preso por falsario, a q̃ algũs ĩmigos de Ioão de soiro cometerão q̃ testemunhasse cõtrele, & q̃ lhe auerião perdão do gouernador do crime, porque estaua preso. E prometendo que si, ouuerãlhe ho perdão, que dizia ❡ Eu Nuno da cunha vẽdor da fazenda del Rey nosso senhor, & gouernador India, &c. Certifico, q̃ sendo preso Pero daguiar por falsario, lhe perdoey suas culpas, cõ tal cõdição q̃ confessasse tudo o que sabia do licẽciado Ioão de soiro, q̃ foy ouuidor geral nestas partes da India. E isto por parecer q̃ cõpria asi a seruiço del Rey nosso senhor. E asi pareceo ao gouernador, & nã cõ outra mã tẽção. E coeste perdã, disse este Pero daguiar mil testemunhos falsos cõtra Ioão de soiro, segũdo se despois soube por inquirições mui autẽticas que sobrisso se tirarão, que eu vi: & mais Pero daguiar como foy solto fugio ꝑa os mouros, & antreles morreo, & se me não engano mouro. Finalmẽte q̃ por mais maldades q̃ os ĩmigos de Ioão de soiro fulminarão cõtrele ate ho fazerẽ condenar, sabida despois a ver

dade, foy reſtituido em ſua honrra, & em graça del Rey, & em ſeu ſeruiço, & nele morreo. E Lopo vaz de ſam Payo, & ele, como digo forã mãdados p̃ſos p̃a Portugal na armada q̃ ho gouernador mãdou aq̃lle anno, de q̃ foy capitão mór Lopo dalmeida de Santaré, filho q̃ foy de dõ Diogo dalmeida prior do Crato, que chegou a Portugal a ſaluaméto cõ rica carrega.

CAPIT. III.

¶Do que dõ Iorge de craſto fez na ilha de Bãda.

NO liuro ſeptimo fica dito como dõ Iorge de craſto, por mandado de dom Iorge de meneſes capitão da fortaleza de Maluco, foy a Banda a buſcar ſocorro. E chegado, achou hi Iorge de brito capitão da fuſta q̃ ſe perdera de ſua conſerua quãdo hia pera Maluco, & não podendo ſeguir ſua rota arribou a Banda, pera q̃ vinda a mouçáo de Mayo ſe foſſe a Maluco. E aſsi achou dõ Iorge dous jũgos de Malaca, de que erão ſenhores hũ Lopaluarez, & hũ Baſtião vieyra mercadores ricos, a q̃ dõ Iorge contou a neceſsidade de géte, & de dinheiro em que ficaua a fortaleza de Maluco, requerẽdolhes da parte del Rey, que empreſtaſſem dinheiro p̃a ſe remedear, & alargaſſem coréta Portugueſes q̃ leuauão em ſua cõpanhia pera a defender. O q̃ eles não quiſerão fazer, do que dõ Iorge fez autos que mandou ao capitão de Malaca pera os caſtigar. E eſperando ele por mouçáo pera tornar a Maluco, forão ter ás outras duas ilhas de Banda certos mouros vaſſalos del rey de Tidore por ſeu mandado aleuantar a terra cõtra os Portugueſes, & pera os fauorecerẽ hião coeles algũs Caſtelhanos: q̃ aluoroçarão a géte, dizendo mil males dos Portugueſes, & muytos bẽs dos caſtelhanos, & q̃ auião cedo de ſenhorear toda aq̃la terra. E por mais que dõ Iorge trabalhou por atalhar a iſto, & por tomár eſtes mouros & caſtelhanos nunca pode. E vinda a mouçáo de Mayo, partioſe pera Maluco, & chegou á fortaleza cõ no mais q̃ vinte cinco Portugueſes que hião na fuſta com Iorge de brito, & ſem nenhũa fazenda pera a feytoria, do q̃ dõ Iorge de meneſes ficou muyto agaſtado por não ter com q̃ pagar á gente ſeu mantiméto, q̃ morrião com fome. E a géte da terra q̃ ho ſabia, ſe eſpantaua muyto de como os Portugueſes podião ſofrer tamanhos trabalhos como erão os da guerra & os da fome, & da grãde conſtãcia q̃ tinhão em ſeruir a ſeu Rey, & como nã ſe hião & deixauão a fortaleza pois erão tã mal pagos, aſsi do ſoldo como do mantiméto. E aſsi erão eſpãtados do pouco cuydado que os gouernadores da India tinhão dos Portugueſes q̃ eſtauão naq̃la fortaleza. E quando Cachil daroes ſoube q̃ não auia nenhũa fazẽda com q̃ ſe pagaſſe o que ſe deuia aos Portugueſes, dizia q̃ nã podia ſer ſe não q̃ não auia na India nenhũs Portugueſes, nẽ gouernador pois não mãdaua cõ que ſe pagaſſe a géte que eſtaua naq̃la fortaleza. E vẽdo ele a deſordé que auia antre os Portugueſes, & quão pouco obedecião os que ſe achauão em Banda aos mãdados do capitão de Maluco, cuja ſabião q̃ era

a jurdição de Banda, teue ho em muy pouca conta, & aſsi aos Portugueſes: & dizia que galinhas brancas antre pretas parecião muyto mal. E outras couſas, em que moſtraua criar algũa malicia cõ treles, como deſpois ſe affirmou.

CAPIT. IIII.

¶De como dom Iorge de meneſes foy ſobre a cidade de Tidore.

NEſte tempo ſe acabarão hũas tregoas que auia antre dom Iorge, & Fernão dela torre, & aſsi antre os reys que ſeguião eſtes dous capitães. E acabadas as tregoas, nã quis Fernão dela torre aſſentar outras por conſelho del rey de Tidore, & do gouernador de Ieilolo, que tinha tudo preſtes pera renouar a guerra com que eſperaua de ſe fazer de todo ſenhor do Morro, que he a melhor couſa daquelas partes, & por iſſo fazia eſta guerra. E mãdou logo lá ſua armada, pera que tomaſſe os lugares que lá tinha el rey de Ternate: & el rey de Tidore mandou outra. E ainda que Cachil daroes tinha bẽ prouidos os lugares del rey de Ternate, mandou tambẽ ſua armada, em que forão algũs Portugueſes. E andando lá, encontrouſe Cachil rade gouernador de Tidore, capitão de hũa groſſa armada com ſeys corascoras da armada de Ternate. E deſpois de os ternates pelejarem muy esforçadamente, forão desbaratados por Cachil rade: que matou & ferio muytos deles, & mais prendeo hũ mouro principal de Ternate capitão de hũa cora cora, que tomou com quantos hião nela, que mãdou deſpois matar muy cruamente. E ficando os Ternates, & os Portugueſes que os ajudauão aſsi desbaratados, acolheraſe a terra: & mandarão recado por mar a dõ Iorge de ſeu desbarato. E que os ĩmigos eſtauão muito poderoſos, porque a fora eſtar lá a principal gente de Tidore, andauão coela corẽta Caſtelhanos, q̃ a fauorecia muyto, & ſe nã foſſe hũ groſſo ſocorro, q̃ ſerião cedo ſenhores do Morro. O que ſabido por dom Iorge, ficou muyto ledo, porque vio que tinha muyto bõ tempo pera deſtruyr el rey de Tidore, & desbaratar Fernão dela torre, q̃ não teria conſigo mais que ate corenta Caſtelhanos, & el rey de Tidore muy pouca gente, & eſſa não bem vſada na guerra, pelo que determinou de ir a Tidore. E calando iſto conſigo, diſſe a Cachil daroes que era neceſſario deſtruyrẽ aquelas armadas de ſeus ĩmigos que andauão no Morro, & ajũtarem todo ſeu poder, & ho de ſeus amigos. O que parecendo bem a Cachil daroes, mandou logo recado aos Sangajes & capitães da ilha de Ternate, & a el rey de Bachão, que acodiſſem com ſua gente: o que logo fizerão, porque tinhão pouco que fazer em a ajuntar. E chegados a Ternate, ſem dom Iorge dizer nada do que determinaua, mandou armar os Portugueſes, que erão cento & vinte todos escolhidos. E leuando ſuas trombetas & atabales, deu moſtra a el rey de Bachão, & a Cachil daroes, & aos outros, que folgarão muyto de os ver. E eles tambẽ derão moſtra da ſua gente a dom Iorge, que por não ſaber certo quanta era ho não digo, mas era muyta & bem arma-

da. E logo ali ſe apartou dom Iorge cõ ho alcayde mór, & com ho feytor, & outros Portugueſes principais, & com el rey de Bachão, & Cachil daroes, & diſſelhes. Que bem ſabião que a guerra que tinhão auia tãto tempo, & de q̃ recebião tantas opreſsões, toda nacia da cidade, & ilha de Tidore. Cujo rey a fora ter grande poder de gente de ſeu reyno tinha ho fauor & ajuda dos Caſtelhanos que ſe tinhão fortalecidos em ſua terra com fortaleza prouida de muyta & boa artelharia, com que ficaua ainda mais poderoſo. E que ele nunca vira ho tempo tão deſpoſto pera ho deſtruyr como aquele, por a ſua principal gente da guerra ſer fora, & aſsi a mayor parte dos Caſtelhanos, pelo que não auia quẽ defendeſſe a terra, que deſtruida ficarião em paz, & não aueria quem lhe fizeſſe mais guerra: porque el rey de Geilolo não a podia fazer ſem ajuda del rey de Tidore, & dos caſtelhanos. Ouuido iſto polos circunſtantes, ho primeyro que deu ſeu voto foy el rey de Bachão, por ſer ho principal. E diſſe, que lhe parecia muyto bem irem ſobre Tidore, & deſtruyla, & ho meſmo diſſe Cachil daroes, & os Sangajes & capitães q̃ hi eſtauão. Mas os Portugueſes, que como tinhão fazenda que lograr, não quererião arriſcar as vidas em pelejas, forão os mais contra eſtes pareceres, dizendo: q̃ ainda que pareceſſe que em Tidore auia pouca gente, q̃ não auia de ſer tão pouca, que com a artelharia que tinha não defendeſſe ho primeyro combate dos Portugueſes, que não erão tantos, nem leuauão tanta gente, que do primeyro lanço leuaſſem nas mãos hũa cidade tão forte como era Tidore, nem menos a fortaleza dos Caſtelhanos que eſtauã dentro. E que ficando a combates, auerião tempo pera a gente que andaua darmada no Morro, & a de Geilolo lhe ir ſocorrer: & ajuntandoſe toda, os poderião desbaratar, ou ſabendo como a fortaleza de Ternate ficaua ſoo a irião tomar, & vſarião do ſeu ardil: por iſſo lhes parecia que não deuia de ir a Tidore. O que ouuido por dom Iorge, ficou tão agaſtado de os Portugueſes ſerem de voto que não foſſem a Tidore, dizendo os mouros que ſi: que ſe leuantou, dizendo que não auia de perder a merce que lhe noſſo Senhor fazia, em lhe dar vitoria de ſeus immigos com tão pouco trabalho & perigo, como ſabia que auião de ter. E logo entregou a fortaleza a Gomez aires alcayde mór, com que deixou algũs Portugueſes fora dos cento & vinte que diſſe. E pedio a el rey de Bachão, & a Cachil daroes, que logo ſembarcaſſem com ſua gente, que ele aſsi ho auia de fazer: & auião de partir aquela noyte antes que ſe rompeſſe õde hião, porque queria tomar os immigos de ſupito. O que lhes pareceo muy bem, & logo ſe embarcarão, & aſsi dõ Iorge: com que os Portugueſes hião de muyto má vontade, o que ele entendia mas diſsimulaua. E embarcouſe em hũ batel grande bem artilhado, & com Iorge de Craſto em hũ parão malabar. E os Portugueſes q̃ não couberão coeles, ſe embarcarão cõ el rey de Bachão, & com Cachil daroes, & par-

& partiose vespera de sam Simão & judas passado hũ pedaço da noyte. E ao outro dia, que era dia destes dous Apostolos, em amanhecendo chegou ao porto de Tidore: que he hũa cidade grande hũ pouco afastada do mar, cercada de hũa tranqueyra de duas faces em lugar de muro.

CAPIT. V.

¶De como dom Iorge de meneses tomou a cidade de Tidore.

Chegado dom Iorge ao porto de Tidore, assentou logo coelles capitães & pessoas principaes de dar na cidade. E que entretanto que fosse parela, ficasse dom Iorge de crasto no parão em que hia: & com ho camelo que leuaua, & com ho outro q̃ hia no seu batel desse bateria a hũ baluarte que ali estaua, & deixou coele quinze Portugueses, & algũs mouros de Ternate. E ele com a outra gente desembarcasse & fosse dar na cidade, que era dali a hũ pedaço. E porq̃ auião dir por antre aruoredo, acordouse que fosse diante descobrindo a terra hũ Vasco Lourenço, muyto valente caualeyro, com que irião doze Portugueses: & logo á sua vista hũ Dinis botelho cõ outros tantos. E desembarcado dõ Iorge com toda a gente leuando esta ordẽ, abalou pera a cidade, onde asi nos mouros como nos castelhanos auia grande sobresalto, & muyto grãde medo: porque Cachil rade ho gouernador de Tidore, que era muyto esforçado, & sabido na guerra não estaua na cidade, que andaua no Morro com a principal gẽte dela, & el rey era ainda moço que não sabia pelejar. E Fernão dela torre ho capitão mór dos castelhanos tambẽ estaua desatinado, porque alem de saber pouco da guerra, & não se ver nunca em outra tal como aquela, & achauase com no mais de coréta & dous castelhanos, que os outros erão todos fora. E ele não se entendia com os mouros, nẽ eles coele: pelo que auia em todos muyto grande espanto. E com tudo Fernão dela torre mandou assestar algũs berços sobre ho muro, principalmente daquela parte dõ de hia dom Iorge, & mandou tirar coeles, & tirauão muyto amiude. E chegãdose os Portugueses mais, começarão os castelhanos de mesturar espingardadas, & com hũa passarão a rodela a hũ Portugues, & ho ferirão na mão esquerda. E como eles hião todos, ou os mais de má vontade a esta guerra, abastou esta ferida pera os espantar, & impedir que não passassem auante, & deteuerãse. O que ouuera de ser causa de morrerẽ muytos se lhes nosso Senhor não acodira, porque como estauão juntos, poderãlhe as espingardadas dos imigos fazer muyto dano. Mas nisto chegou dom Iorge & começou de bradar, que se chegassem ao muro, & eles não derão por isso, & deixarãse estar quedos. E como ele era muyto esforçado, passou a diante com hũa espada dambas as mãos, dizendo. Que pois não querião pelejar, que ele queria ser ho primeyro que recebesse a morte, antes que padecer tamanha vergonha. E dizendo isto, & chamãdo por Santiago, remeteo a hũ portal que estaua na tranqueyra por onde os de dẽ-

tro se seruião. E em abalando que hia perto da tranqueyra hũ Castelhano chamado Pero deramos, que estaua em cima com Fernão dela torre, & cõ outros: lhe disse. Senhor dom Iorge, agora veremos. E dizendo isto, desfechou hũa espingarda nele. E quis Deos que lhe deu na espada, & resualando dahi ho pelouro, lhe deu na cabeça: & por ter capacete, & ho pelouro ir fraco lhe não fez nada. E logo dom Iorge çarrou com a tranqueyra, & por ser aleijado do braço dereyto não se pode guindar acima, o que prouou de fazer por ser muyto ligeiro. E em ele chegando ao muro, chegarão Vasco Lourenço, Dinis botelho, Vicente dafonseca, Francisco pirez, & outros que abalarão coele. E neste tempo os Castelhanos nã fazião senão tirar, hũs com espingardas outros com bêstas & outros com pedras & lanças. Poré os Portugueses não dando por isso, esforçados por dom Iorge se chegarão sem medo á tranqueyra, & mais vẽdo dom Iorge em cima, porque como Vasco Lourenço, Vicente dafonseca, & os outros forão coele, ele os ajudou a sobir, & asi eles tambem ajudarão a ele, dandolhe decima as mãos. E em quanto se isto fazia era a peleja muy braua, porque vendo os Castelhanos que os entrauão, trabalhauão quanto podião por não perder a tranqueyra, & os Tidores lhes ajudauão muy bem, de que forão mortos bem cincoenta: q̃ como os Portugueses & os mouros que os ajudauão erão muytos, entrarão a tranqueyra. E entrada, não poderão os Castelhos, nem os mouros resistir aos Portugueses, & os Tidores se recolherão pera a cidade, & Fernão dela torre com os Castelhanos pera a sua fortaleza, leuãdo os mais feridos, & ficando dous mortos & quatro presos. E dom Iorge foy com sua gẽte seguindo os Tidores, ferindo & matando muytos, ate os deitar da cidade, & de volta coeles se foy ho seu rey.

CAPIT. VI.

¶Do concerto que fizerão dom Iorge de meneses, & Fernão dela torre.

AVida por dõ Iorge esta tão ilustre vitoria com sómente lhe ferirem tres Portugueses, mandou recado a dom Iorge de Crasto, que se fosse logo á cidade cõ os Portugueses q̃ ficarão coele. E ele chegado, foy a cidade saqueada & despois queymada, no que se gastaria ate vespera, porq̃ como as casas erão de madeyra ardeo muy asinha. E despois disto assentou dom Iorge de combater a torre dos Castelhanos, a que chamauão fortaleza, que como disse era cercada de caua. E primeyro que ho fizesse, escreueo hũa carta a Fernão dela torre: em que dizia, que lhe pedia muyto, & requeria da parte do Emperador, que se entregasse: & que não fosse causa de mais mortes dos Christãos, porque bem via ho estado em que estaua, & quam pouco remedio tinha pera se defender. & q̃ se se quisesse entregar a ele, & aos que estauão coele seguraua as vidas, & as fazendas. E esta carta lhe mãdou por hũ seu escrauo que forrou pera isso: & da torre sayo ho alcayde mór q̃ se chamaua monte mayor a tomar esta carta.

E lida

E lida por Fernão dela torre, mandou dizer a dom Iorge pelo mesmo Monte mayor, que não se auia dentregar por mais seguros que lhe desse: mas que lhe daria a galeota que fora tomada a Fernão Baldaya com toda sua artelharia, & a ilha de Maquiem, & que não ajudaria mais cõtra os Portugueses a el rey de Tidore, nem a el rey de Geilolo, né lhes faria guerra. E que ficando em paz, & amizade, ele dom Iorge se tornasse pera Ternate. Ao que dom Iorge respõdeo, que não fora sua ida por tão pouca cousa: & pois asi queria, que sua fosse a culpa do dano que recebesse. E partido mõte mayor co esta reposta, abalou dõ Iorge apos ele com sua gente, toda feyta em dous fios como procissam, porque a artelharia da torre dos castelos a não podesse pescar. E diante hião algũas peças dartelharia em carretadas, que forão tomadas em hũ baluarte, & asi escadas & muytas panelas de poluora. E vẽdo Fernão dela torre este aparato, & a muyta gente que dom Iorge leuaua, determinou de se entregar. E auido seguro de dom Iorge pera lhe ir falar, sayo da torre com a melhor gente que tinha. E afastado hũ pouco dela, & dõ Iorge da sua, se falarão: & assentarão que Fernão dela torre desse a dom Iorge a galeota, que fora tomada a Fernão Baldaya, com toda a artelharia, & os catiuos. E que logo ao outro dia Fernão dela torre se fosse pera a cidade de Camafo com os Castelhanos que ho quisessem seguir, & ali estaria sem fazer guerra aos Portugueses, né a el rey de Ternate, né a el rey de Bachão, nem a nenhũs amigos dos Portugueses. Nem farião crauo, nem irião a nenhũa das ilhas em que o auia: & q̃ tornarião a ilha de Maquié a el rey de Ternate. E contra ele, nem contra el rey de Bachão ajudarião el rey de Tidore, nem el rey de Geilolo: & pera sua embarcação dom Iorge lhes daria ho bargantim que fora del rey de Geilolo, & mais tres corascoras pera ho acompanharem ate Camafo: & que dom Iorge lhes não faria mais guerra, nem a el rey de Tidore, nem a el rey de Geilolo. E isto se goardaria ate el Rey de Portugal, & ho Emperador mandaré ho contrayro. E depois de ambos de dous darem conta disto a sua gente, do que todos forão contẽtes: fizerão ambos por escrito hũa capitulação desta paz, que jurarão de comprir, & goardar, & a asinarão cõ algũas pessoas principais.

CAPIT. VII.

¶ Do que fez dom Iorge de meneses despois deste concerto.

Feyto este concerto, logo dezoyto, ou dezanoue Castelhanos disserão que querião ficar com dom Iorge. E Fernão dela torre lhos entregou, & cõ os outros q̃ serião vinte, se tornou a sua torre a fazer prestes pera sua partida, q̃ foy ao outro dia, leuando toda sua fazẽda, & a do Emperador, & dõ Iorge mãdou co ele tres corascoras da armada de Cachil daroes. E indo seu caminho pera Camafo, q̃ he no Morro, toparão q̃tro corascoras, em q̃ hia ho gouernador de Geilolo: & quãdo vio o Bargãtĩ, cuidou q̃ era de Portugueses, e por isso nã ousou

de

de os cometer: & disimulãdo, passou a-uante sem mais querer saber quem hia ali. E chegado a Geilolo, soube o que dom Iorge de meneses fizera em Tidore, & que no bargantim que topara hia Fernão dela torre com os castelhanos, & as corascoras erão de Ternates, que lhe dauão goarda. E auendo ho gouernador aquilo por injuria, armou logo dez corascoras, & foyse nelas, pera por força tomar os castelhanos aos Ternates, & os leuar a Geilolo, onde lhe parecia q̃ estarião melhor que em Camafo: & partido, nunca os pode achar, & tornouse. E chegado Fernão dela torre a Camafo, tornarãse pera Tidore os Ternates q̃ forão coele. E algũs castelhanos q̃ estauão em Geilolo, como souberão q̃ estaua em Camafo, lhe escreuerão que fosse pera Geilolo, porque lá estaria melhor, por ser Camafo del rey de Tidore, que era ja amigo dos Portugueses. E tanto fizerão coele, que depois se foy pera Geilolo, & quebrou o que tinha prometido, & jurado. E dom Iorge de meneses, que ficou em Tidore, despois de partido Fernão dela torre, assentou paz com el rey de Tidore, com cõdição que auia de pagar certos bahares de crauo cadãno de pareas a el Rey de Portugal, & q̃ auião destar certos Portugueses em Tidore, pera lhe ensinarem os nossos costumes, & não auia mais dajudar os Castelhanos contrele, nem aos mouros. E estando aqui dom Iorge, apareceo ao mar hũ jungo de Bãda, & Damboino, em que vinhão cento & cincoẽta mouros, que ho leuauão carregado de roupas, & de mantimentos pera darem por crauo em Tidore, cuydando que estaua em sua prosperidade. E sabendo dom Iorge donde era, mandou a dom Iorge de Crasto que o fosse tomar, & ele foy em hũa galeota. E sabendo os mouros a destruyção de Tidore, & a ida dos castelhanos, não ousarão de pelejar, & entregarãse a dom Iorge de Crasto, que os leuou no jungo á cidade. E dom Iorge de meneses lhe fez mercé do jũgo, em nome del Rey de Portugal, asi porque ho tomara, como porque auia de ficar em Tidore, pera arrecadar ho crauo que el rey auia de dar. E deixando coele corẽta Portugueses, & Cachil daroes com sua armada, se partio pera Ternate, leuando duas galeotas dos Castelhanos, & algũa artelharia, & asi a galeota que elles tomarão a Fernão Baldaya com sua artelharia, & muyta poluora, & muytas munições, & ho maçame, & ancoras que forão da nao de frey Garcia de loais. E bem vingado dos dános que recebera dos castelhanos, & comprido o que dissera, que auia de ser ho cão que os auia dapanhar dũ bocado, chegou a Ternate, onde foy recebido com grande festa. E ficou em muyto credito com a gente da terra, & dali a algũs dias chegou dom Iorge de Crasto de Tidore, onde deixou tudo acabado. E no Ianeyro seguinte se partio pera Bãda cõ determinação de se tornar á India, como tornou, & leuou algũs Castelhanos ꝑ mãdado de dõ Iorge de meneses q̃ sabẽdo como Fernão dela torre se foy de Camafo pera Geilolo cõtra a capitula-

pitulação que tinhão feita, lho manodu eſtranhar. E Fernão dela torre deu por deſculpa, que ho fizera por força: & porem que no mais goaadaria a capitulação, & aſsi ho fez.

CAPIT. VIII.

¶De como Antonio da ſilueyra de meneſes deſtruyo çurrate & Reynel.

PArtido Antonio da ſilueira cõ ſua armada, foy ter a Chaul, donde ſe partio pera a coſta de Cambaya, q̃ he da banda do ſul, onde auia de fazer a guerra. E começou logo em hũ lugar chamado Reynel, ho principal daquela banda: que eſtá quatro legoas do már, por hũ pequeno rio acima, que vay em voltas per hũ campo aſſentado na borda do rio. He abaſtado de trigo, & darroz, que ſe colhe naquele campo, em q̃ ha muyta caça daltenaria. Ho lugar he grande, & raſo, & bẽ arruado: tem boas caſas de pedra & cal, de muytos ſobrados, & muyto polidas. Seus moradores ſam todos mouros Neiteás, & os melhores caualeiros de Cambaya. E daqui hia a principal gente pera as fuſtas de Diu, & aſsi pera os exercitos del rey de Cambaya, que tinha por fronteyro ho capitão deſte lugar contra Nizámaluco, & eſtaua hi outro. E chegando Antonio da ſilueira á foz deſte rio de Reynel, quã a vio tão eſtreyta, não quis entrar ſem ſondar primeyro ho rio per ſi meſmo: & achou que ficaua ſeco delle muyta parte com baixa mar, pelo que não podião entrar os nauios grandes que deixou de fora com gente que os guardaſſe, & por capitão mór Manuel de vaſconcelos: & nos catures, em que leuaua ſete centos ſoldados, entrou pelo rio acima. E de caminho quiſera dar em outro lugar, grãde & nobre, chamado çurrate, que eſtaua pelo meſmo rio hũa legoa antes de Reynel, & achouho deſpejado. E deſembarcando com ſua gente, em hũ dia & hũa noyte ho queymou todo, que nenhũa caſa ficou em pé: & as ortas & palmares darredor forão todas cortadas & deſtruidas, & queymadas muitas cotias carregadas de mantimẽtos, que eſtauão pera ir a Diu. Feyta eſta deſtruyção, partioſe Antonio da ſilueira pera Reynel, que parecia da outra banda do rio, que por fazer grandes voltas eſtaua hũa legoa de çurrate: de cuja deſtruyção ſendo ſeus moradores certificados, ſe fortificarão com hũa tranqueyra a borda dagoa em que aſſeſtarão muyta & boa artelharia que tinhão, a mais della de metal. E nas bocas das ruas fizerão outras, em q̃ tambem aſſentarão artelharia: & quatrocentos de caualo, ſe ſayrão ao campo a eſperar Antonio da ſilueira. E muytos deſtes erão acubertados, & todos armados de laudeis, deles enlaminados de laminas de ferro, & outros forrados de malha pelos peytos, & mangas, & terçados nas cintas, & nas mãos dous & tres zagunchos, & nos arções ſeus arcos & coldres de frechas, que bẽ parecia gẽte de feyto. E aſsi eſperarão os Portugueſes, que hião pelo rio acima tangẽdo ſuas trombetas, & dando grandes gritas, porque os immigos ſoubeſſem que os não temião. E eles em ſe os noſſos deſcobrindo, que a artelharia podia

jugar descarregaão hũa grande çurriada de bombardadas, que parecia hũa torruoada muy espantosa. E continuando, parecia que tirauão em roda viua tantos & tão bastos erão os pelouros. E foy milagre de nosso Senhor por sua bõdade, que nenhũ não acertou em homẽ, & todos hião por alto. E sendo hũ tiro de bésta abaixo do lugar, defrõte dõde estauã os de caualo desembarcou Antonio da silueira cõ toda a gẽte, por não desembarcar nas bocas das bõbardas da trãqyra & pera dali ir dereyto ao lugar. E porq̃ creo q̃ os de caualo ho cometeterião, ordenou sua gente, & deu a diãteyra a Manuel de sousa, cõ que hião os mais dos espingardeyros, q̃ em desembarcãdo fizerão rosto aos de caualo, desparando suas espingardas, de q̃ eles parece q̃ ouuerão medo, & recolherãse ao lugar sem peleja, porq̃ lá esperauão de se defender com a artelharia q̃ tinhão nas bocas das ruas. E asi ho fizerão, q̃ em os Portugueses aparecendo começarão de tirar coela: mas nẽ por isso eles deixarão de chegar, saltando dũ cabo pera ho outro, & abaixãdose q̃ lhe não acertassem os pelouros, como não acertarão. E chegando ás tranqueyras, acharão grande resistẽcia nos mouros, q̃ erão muytos & esforçados, & pelejarão hũ pedaço ate q̃ os entrarão pela rua principal, & forão os primeyros Ioão jusarte tição Dazinhaga Ruy boto de lima, dõ Diogo vilançuela, Gonçalo vaz coutinho, Frãcisco da silua, Baltesar lobo de sousa, & outros fidalgos ate dez: & estes mostrarão aqui bẽ sua valẽtia, por naq̃la rua estar ho mayor peso da gente. E asi como se estes desbaratarão, logo a gente das outras se desbaratou, & fugirão todos, ficando corẽta mortos, & dos Portugueses tres, & algũs feridos. Antonio da silueyra os não quis seguir, & poẽdo goarda da bãda do sertão, mãdou saquear ho lugar, em q̃ as mais das casas erão lauradas de macenaria, & douradas, & catetes dourados & laurados de pedraria baixa, & outras alfayas tão polidas & ricas: que ate muytos falcões que se acharão em alcandaras tinhão os caparões dourados. E bẽ parecião de gente rica, q̃ asi o era a q̃ ali moraua, por ser dos principaes lugares de q̃ tratauão pera a China. E asi acharão muyta mercadoria, de que auia casas cheas: principalmente de cobre, & de marfim, & de porcelanas, & doutras cousas de muita valia, de os nossos carregarão os catures ho mais q̃ poderão: porẽ carregauão pouco por amor do peso da gẽte que auia dir neles, que se forão nauios grãdes, quantos ali hião ficarão ricos pera sempre, porque não tinha cõto a riqueza que ali auia de muytas cousas q̃ não digo. E temendo Antonio da silueira q̃ lhe carregassem os catures, q̃ não podessem nadar, mãdou poer fogo ao lugar, & esperou a noyte seguinte, q̃ ardeo todo sem ficar cousa que se podesse enxergar. E forão queymadas vinte naos, & muytas cotias todas carregadas de mercadoria, & de madeyra, & a terra ao derredor foy toda destruida como em çurrate. E deixando tudo destruido a fogo, & a ferro, embarcouse: mandando primeyro

ro deitar na mayor altura do rio a arte-
lharia que não pode leuar, q̃ foy muyta,
berços & falcões, & todos de metal. E
chegado á barra, achou q̃ tomarão os q̃
ficauão na armada seys cotias que hião
pera Diu carregadas de mãtiméros, &
queymarão outras muytas carregadas
de madeyra, q̃ em Diu fizerão grande
mingoa, pola necessidade q̃ tinha de tu
do. E as nouas da destruyção destes dous
lugares fizerão grãde espanto, assi lá co-
mo em toda Cambaya, porque por esta
rem tão longe do mar, & os caualeyros
de Reynel terem tanta fama, se espera-
ua que nũca os nossos lá fossem. E a gen
te da terra andaua toda pasmada, porq̃
vião que se não podião segurar se não
pé metidos no sertão. E deixando An-
tonio da silueira muyto grãde terror ne
sta comarca, por começar de se chegar
o inuerno se partio pera Chaul.

CAPIT. IX.

De como Antonio da silueira destruyo Damão, & Agacim, & outros muytos lugares de Cãbaya.

Indo sempre ao lõgo da costa pera a destruir, foy ter a Damão hũ lugar muy grãde na põta da enseada da banda do sul cõ hũa fortaleza de muro de largura doyto pês quadrada, & em cada quadra hũ cobelo, & a porta chapada de metal, em que el rey de Cãbaya tinha gête de guarinção, que sabendo a destruição q̃ os Portugueses fizerão em çurrate & Reynel, & como tornauão não ousarão desperar, & fugirão. E os do lugar lhes teuerão companhia, tirando primeyro suas fazẽdas: & por isso os nossos não acharão aqui com quẽ pelejar, & queimarão, & destruirão tudo na terra, & no mar muitas naos, & cotias carregadas de mantimentos, & mercadorias. E indo daqui pelo rio acima, queymarão muytas aldeas: em que acharão hũa nao grande q̃ se fazia pera Meca, q̃ tambẽ foy queymada, & forão catiuas muytas almas. E tamanho era o medo na gẽte, principalmẽte na mezquinha, q̃ desemparauão os lugares em q̃ morauão, posto que fossem lõge do mar, & hiãse pera mais longe. Destruida esta comarca de Damão, partiose Antonio da silueira pera Agacim, outro lugar grande, por hũ pequeno rio acima na volta que a costa faz pera Chaul, em q̃ auia cinco mil & quatrocẽtos homẽs de peleja: os cinco mil de pé, & os quatro cẽtos de caualo, gẽte esforçada, & q̃ esperaua de se defender. E por isso Antonio da silueira determinou de os cometer, pera o q̃ desembarcou na costa hũ quarto de legoa do lugar, por ho rio ser pequeno & baixo: & mandou diante Manuel de sousa cõ cẽto & cincoẽta espingardeyros, acõpanhado de muitos fidalgos, & ele hia nas costas. E chegãdo perto do lugar, acharão os de caualo no cãpo, & os de pé no lugar. E os de caualo posto que vião chegar os Portugueses não os sairão a receber, & deixarãse estar apinhoados. O q̃ vendo Manuel de sousa, deu Saniago neles, & então começarão de bolir, remetẽdo aos Portugueses: q̃ os tratauão muyto mal cõ as espingardas, com que derribarão treze: de q̃ eles ouuerão tamanho medo, que a cabo de pouco que pelejauão fugirão, deixan-

deixando cinco Portuguefes mortos. Os de pé tanto q̃ os virão fugir fizerão o mefmo, fem receberẽ tãto mal como receberão fe ho lugar não teuera naq̃la parte mais q̃ hũa fó ẽtrada muito eftreito, pelo q̃ os Portuguefes fe deteuerão em entrar: & por iffo não poderão alcãçar dos imigos mais que ate duzẽtas almas, que matarão & catiuarão. E ho lugar foy todo deftruido a fogo & a ferro, afsi cafas como aruores, & cotias, q̃ auia muytas carregadas de mantimẽtos, & madeyra, q̃ fe leua daq̃las partes pera outras de Cambaya, & pera ho eftreyto. E eftando Antonio da filueira pera fe embarcar, tres Portuguefes que ficarão em terra defmãdados, forão cometidos de certos mouros de caualo, q̃ os poferão em tanto aperto q̃ os fizerão apartar, & dous fugirão por acerto pera ondeftaua Antonio da filueira, a q̃ ele acodio, & os recolheo. E ho outro, q̃ fe chamaua Pedraluarez do geito, tomou mais defuiado feguindoo tres mouros de caualo. E vendo ele q̃ não podia efcapar virou a eles, & derribou hũ morto q̃ vinha diante: o q̃ vendo os outros fugirão, & ficando liure, fe foy embarcar em paz. E dali fe foy Antonio da filueira a hũa ilha chamada Bombaim pegada cõ a cofta, pera dali arrecadar as pareas de Tanã, Bandorã, & Caranjã, que Eytor da filueira fizera tributarios, como diffe no liuro fexto: q̃ eles logo pagarã cõ medo de ferẽ deftruidos como os outros, em q̃ fe fez a efpãtofa deftruição q̃ diffe, não fomente neles, mas em muytas aldeas q̃ ha por aq̃la cofta, q̃ he muy pouoada. E nefta guerra queymarão os noffos trezẽtas velas antre naos groffas zambucos, & cotias carregadas de fazẽda, de madeyra & de mantimẽtos. Em que fizerão muyto grande perda, afsi a Cambaya como ao eftreito, & forão catiuas muytas almas, de que a el Rey de Portugal vierão cẽto & cincoẽta, bõs pera remeyros. E efta foy a mais afpera guerra q̃ ateli foy feyta a Cambaya, & de q̃ recebeo mais perda, & os noffos receberão mais proueito: porque todos os daq̃la armada forão ricos, & el rey de Cãbaya a fentio muyto. E nefta ilha ficou Antonio da filueira algũs dias pera arrecadar as pareas como diffe.

CAPIT. X.

¶De como ho capitão del Reynel desbaratou a Frãcifco pereyra de berredo, capitão da fortaleza de Chaul.

FAzendo Antonio da filueira efta guerra naq̃la cofta, a fazia el rey de Cambaya a Nizamaluco fenor de Chaul vaffalo del Rey de Portugal. E ifto por feus capitães, q̃ lhe tomarão & q̃ymarã muytos lugares de feu fenorio & ele andaua fugindo dũ cabo pera ho outro, & por iffo os ĩmigos fe efpalharã por fua terra. E hũ deftes capitães, q̃ era ho de Reynel fabẽdo a deftruição q̃ os noffos fizerão em Reynel, por vingãça determinou de queymar Chaul dos mouros, parecendolhe que por ferem amigos dos Portuguefes fe vingaua, & partio pera lá cõ cinco mil de caualo, & doze mil de pé. E mandou diante algũs q̃ foffem ver a difpofição da terra, & eftes chegarão jũto do lugar. Onde logo foy grande aluoroço, & derão re-

cado na fortaleza q̃ lhe acodisſẽ. E acertouſe q̃ eſtaua hi Fernão de moraes, que hia em hũ Galeão pera Ormuz, & acodio logo cõ ſua gẽte, & aſsi algũs da fortaleza. E acharão ja os ĩmigos antre as portas de Chaul, & pelejarã coeles, & os fizerão fugir, ficãdo mortos tres de caualo. E ficãdo ho lugar ſeguro por aq̃la vez, ſe tornou Fernão de moraes pera a noſſa pouoação. E ao outro dia forão eſſes principaes de Chaul dos mouros requerer a Frãciſco pereyra de berredo capitão da noſſa fortaleza, q̃ foſſe buſcar os ĩmigos q̃ eſtauão perto, & os lançaſſe de todo fora da terra, porq̃ lhes nã queimaſſem o lugar: & q̃ era obrigado a defendelos pois Nizamaluco era tributario a el Rey de Portugal. O que os q̃ eſtauão com Frãciſco pereyra, lhe cõſelharão q̃ fizeſſe. E ele ho fez, & ſahio da fortaleza cõ cincoenta de caualo, & cento & cincoẽta eſpingardeiros de pé: & foy em buſca dos ĩmigos ate chegar a hũ paſſo mea legoa alem de Chaul, q̃ ſe chama Argao: que he tão forte q̃ cincoenta homẽs ho podẽ defender a todo mũdo. E chegando ali não parecião ainda os mouros, pelo q̃ teue que erão fugidos de todo, & ſe quiſera tornar pera a fortaleza. E aſsi lhe diſſerão algũs q̃ ho fizeſſe, porq̃ ele não era obrigado a ir buſcar os imigos tão lõge da fortaleza: & pera defender Chaul abaſtaua acodir lhe ſe os ĩmigos tornaſſem, & quanto mais perto pelejaſſe da fortaleza, tanto mais pelejaria a ſeu ſaluo. Outros diſſerão, que deuia de paſſar auãte & ir buſcar os imigos, & pelejar coeles: porq̃ ſe tornaſſe ſem ho fazer, q̃ parreceria fraqueza, & q̃ ficaria em deſcredito com a gẽte da terra. E tãto ho apreſſarão eſtes q̃ ho fizerão paſſar auãte a outro paſſo, dõde mãdou quatro de caualo a deſcobrir a terra. E eſtes lhe mandarão dizer q̃ não parecião os ĩmigos, q̃ foſſe auãte, & não perdeſſe aq̃la honrra, q̃ lhe querião roubar os que lhe conſelhauão que não foſſe, & coiſto foy. E ſaindo a hũ campo acharão os imigos, q̃ eſtauão no cabo dele deitados ao pé de hũa ſerra: q̃ logo ſe leuantarão em os noſſos parecẽdo. E quando Franciſco pereyra vio tão groſſa gente, achouſe embaraçado: & mais porq̃ os ĩmigos de caualo pegarão logo cõ os noſſos de caualo q̃ hião diãte. E por os mouros ſerẽ tão groſſa gente, os não poderão ſofrer, & recolhiãſe quãto mais podião muyto apreſſados dos ĩmigos, que os apertauão rijo: & por iſſo Frãciſco pereyra ſe quiſera recolher com os de pé ao paſſo donde partira, & fazerſe ali forte. Mas não pode, porq̃ vẽdo os de pé a preſſa com q̃ ſe os Portugueſes de caualo recolhião, & a groſſa gẽte dos ĩmigos q̃ vinha ſobreles, ẽ eſtãdo cãſados do caminho, por a calma ſer muyto grãde: começarão de deſmayar, & deſordenarſe. E em vez de ſe fazerem em corpo, & tirarẽ aos imigos cõ as eſpingardas, eſpalhãſe & começão de fugir polas ſerras fora do caminho. O que vẽdo os ĩmigos, começão de dar grãdes gritas: & apertarão tão rijo coeles, q̃ os desbaratarão a todos & fizerão fugir, aſsi os de caualo, como os de pé por eſſas ſerras por fora da eſtrada, com ho

que

que receberão mais dáno:q̃ se forão por ela como Francisco pereyra, & algũs outros que teuerão coele em chegando ao primeyro passo se fizerão fortes, & resistirão aos ĩmigos cõ as espingardas, mas não ouue esse acordo. E asi forão os Portugueses fugindo ate a fortaleza, indo os mouros em seu alcáço, q̃ matarão deles oytenta de pé. & ferirão muytos, & queymarão Chaul dos mouros, de q̃ matarão muytos. E chegarão tão perto da nossa fortaleza, que lhe queymarão ho arrabalde se não fora a artelharia que começou de tirar. E cõ tudo cercarão a fortaleza, o que Frácisco pereyra escreueo logo a Antonio da silueira, & q̃ ho fosse socorrer. O q̃ ele fez como vio a carta, & chegou no mesmo dia q̃ partio, por não ser Chaul mais de cinco legoas de Bombaim. E chegando a Chaul, achou a terra toda cuberta de mouros, que cõ sua vinda se forão: & receando que tornassem, deixouse ficar em Chaul.

CAPIT. XI.

¶De como ho gouernador prendeo Francisco pereyra de berredo.

PArtidas as naos da carga pera Portugal, de q̃ foy por capitão mór dõ Lopo dalmeida, despachou ho gouernador pera Malaca a Antonio da silua de meneses capitão da nao do trato da India pera Malaca. E asi pera Maluco hũ fidalgo chamado Gõçalo pereyra, q̃ tinha por el Rey de Portugal a capitania da fortaleza da ilha de Ternate, & coele outro fidalgo seu cunhado que auia nome Hanibal cernige q̃ hia na sua subcessam. E por capitão mór do mar de Maluco hũ Bras pereyra sobrinh[o] de Gonçalo pereyra. E ho gouernado[r] deu a feytoria da fortaleza a hũ Luy[s] dandrade: & estes todos partirão de C[o]chim em Abril pera Malaca, indo e[m] sua cõserua Antonio da silueira, & h[ũ] Lionel de lima em hũa galeota que hi[a] tãbé pera Maluco. E despachados este[s] partiose ho gouernador pera Goa a sey[s] de Feuereyro, & ẽ Baticalá lhe foy da[da] hũa carta Dantonio da silueira: em [q̃] lhescreuia ho desastre que acontecera [a] Francisco pereyra, & como ficaua en[n] Chaul. E ho gouernador quisera log[o] ir a Chaul, & não foy por adoecer en[n] Goa, & por isso escreueo a Antonio d[a] silueira, que tirasse a capitania a Frácisc[o] pereyra de berredo, & a seruisse, & lh[o] mandasse preso a Goa, & q̃ tirasse a in[]quirição sobre a desordẽ do Argao, & asi ho fez Antoni da silueita, & fico[u] por capitão de Chaul, & inuernará co[e]le seys cẽtos & cincoenta soldados, a q̃ deu sempre de comer á sua custa, em q̃ gastou tãto. E ficou tão indiuidado, qu[e] de pão cozido ficou deuendo tres mi[l] pardaos a Ana fernandez, molher d[o] bacharel Fernão Lourẽço, a quẽ ho ou[]ui. E coesta gente segurou á fortalez[a] de ser cercada de mouros.

CAPIT. XII.

¶De como Diogo da silueira queymou Calicut, & foy sobre ho lugar de Mangalor, & ho destruyo de todo.

DIogo da silueira, q̃ ho gouernado[r] deixou por capitão mór na cost[a] do Malabar: foy por seu mãdad[o] ao porto de Calicut p̃a acabar as paze[s]

que

q̃ el rey de Calicut começara de fazer cõ Lopo vaz de ſam Payo. E el rey não quis por hũa liga q̃ tinha feita cõ o Chatim de Mangalor, como direy a diante. O q̃ vẽdo Diogo da ſilueira, por ſe vingar mãdou poer fogo ao lãço da cidade q̃ eſtaua ao lõgo do mar, o q̃ algũs Portugueſes fizerão cõ panelas de poluora. A q̃ os da terra logo acodirão, mas tolherãlho do mar cõ a artelharia: & cõ tudo não arderão mais de duzẽtas caſas, por não auer vẽto: q̃ ſe ho ouuera, toda a cidade fora queimada. E vẽdo Diogo da ſilueira q̃ não auia ali mais q̃ fazer, foyſe pola coſta queimando muytos lugares, & cortãdo os palmares, & outros aruoredos de q̃ a gente ſe mantẽ, q̃ he a mayor guerra q̃ ſe lhe pode fazer. E ſabẽdo quanto importaua ao ſeruiço del Rey de Portugal, q̃ a eſpeciaria não foſſe leuada a Meca: trabalhaua cõ grande diligẽcia em goardar os rios daq̃la coſta principalmẽte ho de Chale, em q̃ ſabia q̃ eſtauão carregando algũs galeões de rumes deſpeciaria & droga pera ho eſtreyto, & aſsi muytos zãbucos & parãos grãdes. E porq̃ não podeſſem ſair, logo dahi a poucos dias q̃ foy na coſta mãdou a Nuno fernãdez freyre q̃ foſſe ſurgir na boca do rio de Chale cõ a ſua galeota, & cõ hũ bargantim, q̃ leuauão ambos ſeſſenta homẽs, & q̃ goardaſſe q̃ não ſaiſſe nenhũa das velas q̃ eſtauão dẽtro. E pera eſtarẽ todos de melhor võtade, os manteue quatro meſes á ſua cuſta, tendo continuamẽte tanta abaſtãça de mantimẽtos q̃ mandaua buſcar a Cananor q̃ nũca lhe faltauão. E ele cõ a outra armada vigiaua os outros rios de maneyra q̃ nũca pode ſair nenhũa nao, & paſſouſe a Moução: pelo q̃ os mouros, & rumes deſcarregarão as naos & galeões & os vararão: & não quiſerão cõprar tanta pimẽta como lhes vẽdião os gẽtios, & eles por iſſo a forão vẽder na noſſa feytoria de Cochim, & por eſta cauſa foy muyta aq̃le anno. E ſabendo Diogo da ſilueira q̃ os mouros não podião aq̃le anno ir ao eſtreyto, determinou de ir ſobre Mangalor como lhe ho gouernador eſcreuera de Goa q̃ foſſe: & pera iſſo lhe mandou mais bargãtins & gẽte. E praticãdo Diogo da ſilueira eſte feyto cõ dom Ioão dẽça capitão de Cananor, por ſer bẽ eſperemẽtado na guerra aſſentarão q̃ deuia dir. E partioſe logo, leuãdo hũa armada de duas galeotas, hũa carauela & treze Bargãtins, cujos capitães forão Nuno fernãdez freyre, Manuel de vaſcõcelos, Franciſco da cunha, Ioão da ſilueira. Antonio de ſouſa, Gomez de ſouto mayor, Niculao juſarte, Aires cabral, Lourenço botelho, Afonſo aluarez, o calafate de Goa, Ioão penaluo, Antonio fernandez, Frãciſco de ſequeira malabares, Diogo coreſma & Antonio mẽdez de vaſcõcelos ſenor da armada. E coeſta armada foy ter ſobre a barra de Mangalor, q̃ he hũ lugar grande do reyno de Narſinga metido obra de meya legoa por hũ rio. E ſobre le jũto cõ ho lugar eſtaua feita hũa caſa forte de pedra, & cal como fortaleza com ſeus baileus ao derredor, de que ſe podia defender, & tinha muyta artelharia aſſeſtada da banda do rio pera õde tinha

nha hũa seruẽtia & outra pera o lugar. E hũ pouco abaixo desta fortaleza da banda da terra estaua hũa tranqueyra de duas faces entulhada de terra, em q̃ estaua hũa estãcia dartelharia. E este lugar tinha arrendado a el rey de Narsinga hũ grãde mercador gẽtio, a q̃ na sua lingoa chamão Chatim: & por seu grãde trato & riqueza se chamaua ho Chatĩ de Mangalor. E asi era ele ho mais rico Chatim de toda aq̃la costa de Goa ate ho cabo de Comorim, & que tinha mayor trato: & por ser amigo dos nossos podião suas naos nauegar seguras. E vendo el rey de Calicut que não podia carregar ẽ seus portos pera o estreito, fez amizade coeste Chatim, & mãdaua ali sua especiaria, & hi a carregauão os mouros de Meca cõ disimulaçã q̃ carregauão no porto de nosso amigo: & pagauão a el rey de Calicut os mesmos dereytos q̃ lhe soyão de pagar no porto de Calicut, & por isso cõtentaua ho Chatim. E hia este trato em tãto crecimento, q̃ asi era Mangalor escala de Meca, como Cochim de Portugal, pelo q̃ era muy perjudicial. E por industria del rey de Calicut, se fortaleceo ho Chatim da maneyra q̃ digo, & lhe mandou a artelharia, & á sua custa tinha ali gẽte de goarnição pa defensam do lugar, & da fortaleza: & isto esteue encuberto algũs annos ate q̃ foy sabido pelo gouernador, q̃ por essa causa ho mandou destruir. E chegado Diogo da silueira á barra de Mangalor, mãdou tomar lingoa, de q̃ soube q̃ ho Chatim fora auisado de sua ida per mouros de Cananor, & q̃ esperaua por ele cõ determinação de se defẽder, pera o q̃ tinha muyta gẽte de peleja, & asi soube ho sitio do lugar. E cõ quanto vio q̃ era muyto forte, & a gẽte muyta em demasia pera a sua, q̃ não erão mais de q̃trocẽtos Portugueses, determinou de dar nele. E dando cõta aos outros capitães de sua determinação, q̃ forão coela conformes: assentou coeles de dar no lugar ao outro dia. E porq̃ os parãos de Calicut cursauão ali muyto, q̃ ficarião na boca do rio a carauela & as duas galeotas pera lhes defenderẽ a ẽtrada se viessem, & cõ os bargãtins entrarião. E por se liurar do nojo q̃ a artelharia lhe podia fazer, desembarcaria hũ pedaço abaixo do lugar cõ duzẽtos & corẽta Portugueses, de q̃ os cento & vinte serião espingardeiros, & os outros q̃ erão comitres, bombardeiros, & gẽte do mar irião nos bargantins pera esbõbardear a fortaleza: porq̃ cuydado os ĩmigos q̃ os cometião polo rio não acodisẽ tãtos a defenderlhe a entrada da terra. E destes iria por capitão hũ Francisco dajora, porq̃ os capitães auião dir cõ Diogo da silueira. E isto assentado, confessarãse todos aq̃la noyte, & encomẽdarãse a nosso Senhor, porq̃ o feyto era perigoso. E ao outro dia q̃ forão vĩte sete de Março, de mil & quinhẽtos & trinta, em começando a maré abalarão pelo rio acima, & Diogo da silueira desembarcou ondestaua assentado. E seguindo pera ho lugar, pto dele acharão obra de dous mil dos ĩmigos, que os esperauão em hũ palmar. E em vendo os nossos derão hũa grãde grita, desparãdo

o muytas frechadas & algũas eſpin-
ardadas. Ioão da ſilueira que leuaua a
ianteira cõ os eſpingardeyros, mãdou
eſſechar neles: & apertarãnos tão rijo,
erribãdo algũs mórtos, q̃ os fizerão re
olher ao lugar. E eles recolhidos, quiſe
a hũ ſeu bombardeiro dar fogo a arte-
laria da tranqueira: & quis Deos q̃ hũ
os noſſos lhe acertou cõ hũa eſpingar-
lada & o matou, & os noſſos chegarão
am aſinha a trãqueira que a artelharia
ão pode tirar, & em chegãdo entrarão
ogo a tranqueira, que os ĩmigos não ou
ãrão de reſiſtir, & deles ſe acolherão â
ortaleza, & outros ao lugar. E Ioão da
ilueira com ate ſeſſenta dos noſſos, to-
nou ao lõgo do rio pera a fortaleza: &
o caminho achou hũa mezquita õde-
ſtauão recolhidos muytos ĩmigos, q̃ ſe
defẽderão cõ muyto eſforço. E logo no
começo foy a peleja muyto aſpera, &
muytos dos noſſos forão feridos, porq̃
como a porta da mezquita era eſtreita,
& eles querião entrar todos juntos deſ-
cobriãſe & feriãnos. E eſtando neſte cõ-
flito, hũ fidalgo chamado Franciſco de
ſouſa remeteo ſó á porta da mezquita,
& leuou hũ mouro nos braços, & ma-
touho ás punhaladas. E coiſto os q̃ de-
fendião a porta ſe retirarão hũ pouco pe
ra dẽtro, q̃ algũs dos noſſos teuerão lu-
gar dentrar, & como hũs entrarão, en-
trarão todos. E a cauſa dẽtrarẽ deſpois
de noſſo Senhor, foy Frãciſco de ſouſa,
q̃ doutra maneira a ẽtrada da mezquita
ouuera de cuſtar muyto. E entrados os
noſſos, todos os ĩmigos forão mórtos, q̃
nenhũ eſcapou: & entretanto os q̃ fica-
uão cõ Diogo da ſilueira enxorarão ho
lugar de todo, q̃ não ficou nele ninguẽ.
E todos cõ grande impeto, remetẽ a cõ
bater a fortaleza: em q̃ logo acharão grã
de reſiſtẽcia, porque os ĩmigos eſtauão
muytos ſobre os baileus, de q̃ arremeſ-
ſauão panelas de poluora, & tirauão
muytas pedradas, & algũas eſpingar-
dadas, cõ que ferirão algũs dos noſſos q̃
chegarão deſmãdados. Mas eſtes não
durarão muyto, porq̃ a noſſa eſpingar-
daria lhes começou de tirar, & matãdo
algũs fez recolher os outros: & não ou-
ſarão de tornar ali mais por amor das
eſpingardadas q̃ lhes tirauão em apare-
cẽdo. E vẽdoſe os noſſos deſapreſſados
de cima, buſcarão maneyra pera entrar
a fortaleza: & Ioão de ſouſa lobo, &
Diegaluares telez, & Franciſco de bar-
ros de payua, acertarão dachar hũ berço
de ferro, q̃ tomando todos tres fizerão
dele vay & vẽ, com q̃ arrõbarão hũ po-
ſtigo da fortaleza por onde entrarão cõ
outros a peſar dos mouros, q̃ lho defen-
derão pouca couſa, porq̃ os entrauão ja
por cima das paredes. E era a reuolta an
treles muyto grande por fugirẽ, porq̃
como forão ẽtrados não ouſarão deſpe-
rar mais, & fugirão pela porta do rio, a
q̃ ſe lançarão pera ſe acolherẽ da outra
bãda, como acolherão muytos. E algũs
forã mórtos, aſsi ao fugir pelos noſſos, q̃
ãdauã na fortaleza, como no rio pelos q̃
eſtauã nos bargãtis, q̃ ja erã chegados. E
ãtreſtes foy morto o Chatĩ de hũa eſpĩ
gardada, & dos noſſos Deos ſeja louua-
do não morreo nhũ, ſendo eſte hũ feito
muyto perigoſo, & em que os ĩmigos

pelejarão animosamente. Despejada a fortaleza, porq os imigos não tornasse em qnto se roubasse, & os tomasse desa percebidos, mandou Diogo da silueira goardar as portas a seu hirmão Ioão da silueira, & a Manuel de vascócelos: & deu ho cargo de fazeré embarcar a artelharia dos imigos a Ioão de sousa lobo, Diegaluarez, Martim vaz pacheco, & a Francisco de barros de payua: q a fizerão embarcar, & forão sessenta bóbardas, de que muytas erão grossas, & tres quartaos. E entretanto foy a fortaleza roubada, em q se achou muyta soma de cobre, de coral & dazougue, & muytas graás, & veludos, & outras muytas mercadorias muy ricas de Meca: & muyta poluora, & mantimétos sem có to. E disto foy a mayor parte queimada, porq védo Diogo da silueira q a géte se desmandaua em carregar muyto os bargantins, despois dembarcada a artelharia mandou dar fogo á fortaleza, q foy toda queimada se não as paredes da banda do rio por seré muyto fortes, & os nossos as derribarão à mão ate os aliceces. E asi foy queimado todo ho lugar & treze naos q hi estauão varadas, & queimadas, & cortadas as hortas: de maneyra q parecia q nunca ali ouuera pouoação. E foy este hũ muy notauel feyto por seré os nossos tão poucos, & de q el Rey de Portugal foy muyto seruido, asi por se lhe tolher q ná se leuasse mais dali pimenta a Meca, como por ser aqle lugar muyto forte & soberbo, q se não falaua em outra cousa. E ali tinha el rey de Calicut sua esperáça, & os seus muy grande esforço, & colheita: & por sua destruição ficarão todos muy qbrados, & a terra ficou toda assombra da de medo dos nossos.

CAPIT. XIII.

¶Do que aconteceo a Diogo da silueira com Pate marcar capitão da armada de Calicut.

DEstsuido ho lugar, porq era cabo do verão, & Diogo da silueira nã auia de fazer mais q correr a costa, em q não se esperaua cousa perigosa, pelo q não tinha necessidade de tátas velas, mandou perá Goa noue, & có as outras q erão sete se foy a Cananor. E no mesmo dia q chegou passou a vista Pati marcar capitão de hũa armada de Calicut de sessenta paráos, q hia por arroz a Mangalor, não sabédo q era destruido. E auendo os nossos vista dele, determinou Diogo da silueira dir pelejar coele, posto q tinha tão pequena frota: & esta ainda carregada da presa de Mangalor, & sayo có hũa galeota em q andaua, & có cinco bargátins por se ho outro estar descarregado, & tres ou quatro catures de Cananor. E mandou a todos q afferrassem có os mouros, porq trazião artelharia, & se andassem ás bombardadas q os meterião no fundo. E indo coesta determinação achou ho véto trauessam & ficauãolhe os imigos de balrra véto, pelo q os não pode affertar, sométe hũ dos catures por ser ligeiro passou auáte a remo. E quádo os imigos ho virão só o quiserá abalrroar. E é querédo voltar pa fugir, os q hião nele se cócertarão tão mal q çoçobrou, & afogarãose sete dos nossos q hião dentro. Ao q os mouros derão hũa grande grita, & começarão de

de desparar muytas bombardadas, & de hũa quebrarão hũ braço a Ioão da silueira, que andaua diante no seu bargantim. E vendo Diogo da silueira que por causa do vento não podia afferrar os imigos, & que ás bombardadas lhe tinhão muyta auantagẽ por serẽ muytos, & trazerẽ os nauios desempachados: não quis perder tempo, nem gẽte, porque vio que era por de mais andar ali cõ tão poucos nauios & tão carregados. E tornouse a Cananor, & Patemarcar foy sua guia, & quando achou Mangalor destruido carregou em outra parte. E tornado Diogo da silueira a Cananor muyto sentido pelo que lhe acontecera, mãdou descarregar os bargantins, & a galeota. E cifados, & ensebados pera que ficassem mais ligeiros, leuando algũs catures de Cananor: que por todos erão onze velas, foyse a mõte Deli a esperar Patemarcar pera pelejar coele, & tornãdo ho foy logo cometer. E como ele então vinha carregado, & sentio a determinação dos nossos, pois ho hião ali esperar. E cõ ho espãto q̃ trazia do q̃ achára feyto em Mãgalor, não quis tomarse coeles, & trabalhou por se acolher cõ ho vento que lhe fazia pera isso. E os nossos os seguirão cõ grandes apupadas, & meterão no fundo seys paraos cõ a artelharia, & os outros fugirão & se forã a Calicut: cujo rey ficou muyto triste pela destruição de Mangalor. E vẽdose desesperado de ter outra colheita como aq̃lla, quisera despois fazer paz cõ ho gouernador, q̃ não quis por conhecer quã mentiroso era, & quã incõstante. E Diogo da silueira despois q̃ lhe fugio Patemarcar, andou pela costa ate quasi a fim Dabril sem mais achar cõ quem pelejasse: & por entrar ho inuerno se foy a Cochim, onde inuernou.

CAPIT. XIIII.

¶De como Eytor da silueira foy por capitão mór ao cabo de Goardafum, & das presas que fez.

ATras fica dito como Eytor da silueira partio de Goa a vinte hũ de Ianeiro, do anno de trinta pera ho cabo de Goardafũ cõ a armada q̃ disse, em q̃ forão seyscẽtos Portugueses. E chegado á paragem onde auia desperar as naos, repartio os nauios atrauessando ho mais que podião alcançar, porq̃ não podessem passar nenhũas naos sem serẽ vistas. E andando as esperando, foy ter coele hũa nao muito grãde de mouros malabares, cõ quem pelejou. E eles se defenderão muyto bẽ por hũ bõ pedaço, & despois forão entrados & mortos todos, se não hũs poucos de q̃ Eytor da silueira soube q̃ aq̃la nao era do Chatim de Mangalor, & hia carregada de pimẽta & droga. E foy muyto grande dita tomarse esta nao, porq̃ cõ a goarda q̃ Diogo da silueira fez na costa do Malabar não hia a Meca outra pimenta se não aquela, & asi não foy lá aquele anno nenhũa. Tomada esta nao que foy muyto rica, topou Martim de castro outra q̃ hia de Diu carregada de roupa de Cambaya, & hião nella bem duzentos homẽs de peleja, em q̃ entrauão muitos Turcos: & os nossos serião ate corenta. E pelejarão coeles hũ bõ espaço primeiro q̃ os aferrassem ate q̃ os abalrroarão:

& em afferrádo, Martim de crasto que era muy arriscado caualeyro, foy o primeyro que saltou dentro, & coele algũs dos seus: cõ quanto as pedradas & frechadas q̃ os ĩmigos tirauão erão sem conto. E despois de seré dẽtro, foy a peleja muyto mais rija que dãtes, porq̃ os mouros erão homẽs de feyto, & pelejauá com muyto esforço: & defendẽdose morrerã quasi todos, deixando muyto ferido a Martim de crasto, & dez ou doze dos nossos, q̃ todos jũtos sosteuerão ho mayor impeto da peleja. E tomada a nao, achouse q̃ hia rica arrezoadamente. E a fora estas duas naos se tomárão algũas outras pelos outros capitáes, mas sem peleja: & estas duas forão as de mór preço. E dos catiuos q̃ forão tomados soube eytor da silueira, que a mayor parte das naos de Diu & do reyno de Cambaya erão passadas: porq̃ como esperauão q̃ ho gouernadot fosse aq̃lle áno a Diu partirão cedo polas não tomaré. E sabido isto por Eitor da silueira, vẽdo q̃ era tẽpo p̃dido andar ali mais, partiose pera ho lugar de Mete: õde tinha mãdado aos outros capitáes q̃ se ajũtassem no fim das presas, & hi se ajũtarão todos.

CAPIT. XV.

¶De como os Rumes leuantarão ho cerco a Adem com medo da nossa armada.

MOrto ho capitão mór do Turco q̃ matou Soleimão raez, como disse no liuro sexto. Mustafa, & Cojeçofar seu tesoureyro, não ousando de tornar a Iudá, né a çuez, pola treição que fizerão ao Turco, determinarão de tomar Adẽ & fazerse Mustafa senhor dela pera fazer hi seu assento. E ajũtádo dez nauios de remo, antre grãdes & pequenos da armada q̃ leuaua Soleimão raez, & corẽta zãbucos: & Geluas foy sobre Adẽ, onde chegou de supito com seys cẽtos Rumes, & muyta outra gẽte da terra, q̃ por ganhar soldo ho ajudaua. E cercou Adẽ por mar, & da banda da terra mandou fazer hũa estácia, em que forão assestados quatro Basiliscos, com q̃ lhe derribarão todo o muro daq̃lla parte por muytas vezes: & os mouros ho tornarão a refazer. E erão tão esforçados, & defendiãse tambẽ, q̃ nunca Mustafa os pode tomar em cinco meses q̃ durou ho cerco: em que lhe morreo muyta gẽte dessa pobre, de fome, & de sede. E sabendo Mustafa como a nossa armada andaua no estreito ouue medo q̃ fosse a Adẽ como custumauão, & q̃ ho tomasse segũdo a sua gẽte estaua desmayada do trabalho da guerra. E por isso leuãtou ho cerco, & se foy pera Camarão & Adem ficou liure.

CAPIT. XVI.

¶De como Eytor da silueira fez que el Rey Dadem se fizesse tributario del Rey de Portugal.

SEndo junta toda a nossa armada em Mete, mandou Eytor da silueira as naos & zãbucos das presas á Mazcate pera se vẽderé. E ele partiose pera Adẽ, porq̃ leuaua por regimẽto do gouernador, que acabãdo as presas desse hũa vista a Adem. E achãdo no porto quaesquer nauios de muyto preço os tomasse, & doutra maneyra não curasse deles. E mandasse recado a el Rey, q̃ por amor dele ho fazia: & se quisesse ser vassalo del Rey de Portugal, & pagarlhe

lhe algũas pareas q̃ ho ajudaria em quã-
to podesse: & por a guerra q̃ sabia q̃ ti-
nha com os rumes mandaua aq̃la arma-
da em sua ajuda. E chegado Eytor da
silueyra ao porto Dadẽ, q̃ foy aos qua-
tro Dabril, despois de surto, foy logo vi
sitado por dous mouros principais, da
parte del rey cõ muito refresco, de vacas
galinhas & carneiros, & cõ palauras de
muyta amizade: & isto cõ medo da nos
sa armada. Porq̃ segũdo ele sabia que os
nossos erão de concrusam, & tinha a sua
gente trabalhada da guerra dos rumes,
deuse por tomado, & porisso dissimulou
com estas mostras damizade. E na enuol
ta delas mãdou perguntar a Eytor da sil
ueira a determinação de sua vinda. E ele
lhe respondeo pola instrução do gouer-
nador: & pos de sua casa que achado no
uas em çacotora que os rumes erão idos
& não tinha necessidade dajuda, espalha
ra a armada âs presas. E coisto lhe come
teo a vassalagẽ & paga das pareas, offre
cẽdolhe sua ajuda cõtra os rumes, se tor-
nassem, & mandoulhe algũa cousa com
que lhe pareceo que folgasse, pera o pro
uocar a fazer seu requerimento. A que el
rey respondeo, que cuydaua que ho go-
uernador lhe agardecese soster ele aguer
ra contra os rumes, gente maluada, & ta
manha imiga dos nossos: q̃ todo seu de-
sejo era entrar em Adẽ pera passar á In-
dia: & porisso folgasse com sua amizade
sem mais pareas nẽ cousa algũa. E enten
dendo Eytor da silueyra q̃ el rey se escu
saua, mãdoulhe dizer que ho milhor lu-
gar em q̃ os o gouernador podia acolher
era Adẽ, porq̃ os teria ali mays certos: &
se ate li não erão desbaratados, fora por
andarẽ sempre por lugares estreytos &
não sabidos, por isso visse oq̃ lhe cõpria.
E passados sobristo mais outros recados
vio el rey q̃ lhe cũpria fazerlhe a võtade
& fezse vassalo delrey de Portugal, com
lhe pagar de pareas cadãno dali por dian
te dez mil xerafins da valia Dormuz: &
disto se fez hũ contrato, cõ condição q̃ o
gouernador ho ajudasse contra seus ĩmi
gos, & as naos Dadẽ podessem nauegar
seguras pera onde quisessem, tirãdo Me
ca. E este cõtrato foy asinado por el rey
& por Eytor da silueira. E el rey deu lo-
go a Eytor da silueira mil & quinhẽtos
xerafins mortos, de q̃ mãdaria fazer em
Ormuz hũa coroa pera el rey de Portu-
gal, que lhe leuariã da sua parte em final
de vassalagẽ. E detendose aqui Eytor da
silueira a fazer este contrato lhe escreueo
elrey de Xael q̃ queria ser vassalo del rey
de Portugal, & entregarlhe a artelharia
que tinha em Xael & em Dofar, pedin
dolhe muyto que fosse por hi pera se fa
zer disso assento. E eytor da silueira res-
pondeo que aceitaua sua vassalagẽ, porẽ
que não podia ir lá por lhe ho tẽpo não
dar lugar, que mandaria lá hũ homẽ de
confiança com quẽ assentase o q̃ dizia.
E querendose Eytor da silueira partir
deixou em Adẽ a requerimento del rey
hũ bargantim com trinta Portugueses,
& por capitão hũ Antonio botelho cria
do del rey de Portugal, de q̃ cõfiaua: &
deulhe por regimẽto q̃ passado ho inuer
no se fosse à India: & de caminho passase
por Xael, & visitasse el rey da sua parte,
& lhe dissesse que coele podia assentar

o q̃ lhe escreuera a Adẽ, pera o q̃ lhe deu instruçã. E feyto isto se partio pera Ormuz, & passando por Mazcate achou vẽdidas as presas, de q̃ vierã a el rey pagas as partes trinta & dous mil pardaos. E hi soube que Frãcisco de freytas capitão de hũ bargantim que deixara em Mete cõ hũa nao de presa pera a leuar a Mazcate, despoys de ele ser partido, chegou hũa fusta de rumes, que erã trinta, & dez Arabios todos espingardeyros: & quando Francisco de freytas a vio, cuydando q̃ fosse algũ bargantim nosso sayo a ela, & conhecẽdoa aferrouha, posto q̃ nã tinha mays de dez Portugueses: & aferrados pelejarão por tãto espaço sem se poderẽ vencer, que de cansados lhes foy necessario descançar pera tomarẽ folego: & tornãdo a pelejar quis nosso senhor q̃ posto que os nossos erão tam poucos, que pelejarão tam esforçadamente q̃ os rumes & Arabios forã todos mortos: saluo hũ arrenegado Portugues, que andaua coeles, q̃ saltando nagoa bradou q̃ era Christão, & isto lhe valeo: & este se chamaua Antonio bocarro, & estando cõ seu pay em Ormuz que era alcayde mor, de sua propria malicia sem auer outra causa, fugio pera a terra firme, & se foy tornar mouro: polo q̃ os mouros ho não teuerã em conta, & ho desprezauão. E viose despoys em tãta necessidade de pobreza, que lhe foy necessario fazerse alfayate, & cõ isso ganhaua de comer, ate q̃ se ajuntou cõ os rumes: que na peleja ajudou muy bẽ cõ hũa espingarda, porq̃ despoys de tomado disserã algũs que ho virão tirar. E nesta peleja morrerão dous Portugueses, & os outros forão feridos. E de Ma[...] cate se foy Eytor da sylueira inuernar [...] Ormuz: dõde na fim de Agosto se parti[...] pera a ponta de Diu, & sem fazer nad[...] esteue hi todo Setembro, & despoys s[...] foy pera Goa em Outubro.

CAPIT. XVII.

¶De como Gonçalo Pereyra chegou a Malaca.

PArtidos Gonçalo pereyra, & Anto[...] nio da silua de Cochim, seguirão su[...] rota pera Malaca, & com tẽpo apar[...] touse Antonio da silua de Gõçalo pereira, que com Lionel de lima foy em conserua ate as ilhas q̃ chamão de Nicobar, & Lionel de lima q̃ hia diãte como a sua galeota era pequena, podeas dobrar, posto que achou ho vento ponteyro: o que Gonçalo pereyra não pode fazer por se[...] ho seu galeão grande: polo q̃ lhe foy fo[...] çado surgir na primeira ilha que era de[...] pouoada, & surgio hũ pedaço afastado de terra. E por ho tẽpo ser roim pera su[...] viagẽ se deteue ali algũs dias, em q̃ po[...] recear que lhe faltassem os mantimẽto[...] começou dapertar a regra: do q̃ se a ge[...] te começou dagastar, & desconfiados a[...] gũs de se poderẽ ir dali tão cedo, conce[...] tarão muyto secretamẽte que se fosse[...] no paraó do galeão á costa de Pegu qu[...] era dali perto, onde farião em presas ma[...] ys proueyto do que fazião auenturado[...] a morrerẽ de fome & de sede, & q̃ tinh[...] bõ aparelho pa furtar ho paraó, por neste tempo se fazer coele agoada, & pori[...] so trazia hũ par de berços & pelouros. E [...] tẽdo isto assentado, negocearão estes co[...] mo fossem fazer agoada: pera o q̃ leuar[...]

ſuas armas, & eſtando ho piloto em terra enchendo as pipas cõ algũs marinheiros os conjurados ſe forão cõ ho parao: & não ho achando ho piloto logo ſoſpeitou o que era: & ficando muyto triſte por ho galeão eſtar dali bõ pedaço & não ter em q̃ foſſe por ſer a ilha deſpouoada. & muyto triſte ſe foy com os outros por ella a diante pedindo miſericordia a noſſo ſenhor, que auendoa delles lhes aparou hũa almadia, que parece que ali foy ter à coſtà, cõ que elles ficarã muyto ledos, ainda q̃ era tão pequena que não cabia nella mais q̃ hũ homẽ pera ir ao galeão, & eſte acordarão q̃ foſſe ho piloto, aſſi por ſer là muyto neceſſario, como por lhes prometer de acrecẽtar a almadia com algũas tauoas & mãdar por eles: & metẽdoſe ſo na almadia foy remando cõ hũ pao, & aſſi chegou ao galeão: & dito a Gonçalo pereyra como ho parao era furtado, fez logo acrecentar a almadia, & mandou polos marinheiros q̃ ficauão em terra. E indo perto da ilha deulhes por cima dela hũa toruoada que ouuera de çoçobrar a almadia, & mais eſgarrou coela por eſſe mar & perderaſe, ſe lhe noſſo ſenhor não acodira, que paſſada a toruoada ho piloto q̃ tinha olho na almadia a vio ir eſgarrada o que ſabido por Gonçalo pereyra porque ficaua perdido ſem ela mandou cõ grande preſſa leuar ancora, & dar à vela & forão ſobre a almadia q̃ tomarão: & cobrados os marinheyros q̃ ficarão na ilha, alargou ho vẽto algũa couſa, com que acordarão de proſſeguir ſua viagẽ, ainda q̃ foſſe cõ trabalho, porq̃ menos o ſintirião que morrerẽ ali à fome: & por eſta cauſa ſe partirão, & ſe forã de ilha ẽ ilha, ſurgindo muytas vezes, por ho vẽto ſer contrayro. E quaſi q̃ não ſe mantinhão ſe não cõ ho peixe que peſcauão. E parece q̃ enfadado ho piloto & algũs homeẽs darmas, & marinheiros deſta mà vida, determinarão de ſe tornar a Bengala, matando primeyro a Gõçalo pereyra pera ho poderẽ milhor fazer, & q̃ em Bengala ſe fariã ricos de preſas. E cõcertandoſe eſta conjuraçã, foy deſcuberta a Gonçalo pereyra: que prẽdeo logo ho piloto, & todos os outros cõjurados. E chegado a Malaca, foy tirada deuaſſa ſobre aquela conjuraçao, em q̃ não ſe achou mais proua contra os cõjurados, que pera ſerem açoutados com baraço & pregão & degradados. E porq̃ Gonçalo pereyra leuaua por regimẽto do gouernador que foſſe de Malaca pera Maluco pela via de Borneo, deteueſe em Malaca ate quaſi a fim Dagoſto.

CAPIT. XVIII.

¶ De como morreo el rey de Ternate, & ſe matou Cachil vayaco

ATras fica dito como Fernão de la torre deſpois de ido pera Camafo, onde auia deſtar pola capitulaçam das pazes que fez com dõ Iorge de meneſes, ſe foy pera Geilolo por lho requererẽ os caſtelhanos que hi eſtauã. E depois de là eſtar tornou ho gouernador de Geilolo a fazer guerra a el rey de Ternate: polo q̃ foy neceſſario fazerlha tãbẽ dom Iorge, mas nẽ hũs nẽ outros ã fazião tam apertada como dãtes. E começãdoſe aſsi eſta guerra, faleceo el rey de

de Ternate: & sospeitouse muyto q̃ foy de peçonha, & q̃ lha mandara dar Cachil daroes, por saber que elrey lhe q̃ria mal por elle ser causa de ser metido naquela fortaleza, & auer tanto tẽpo q̃ ali estaua como preso. E assi tãbẽ por amor das tiranias q̃ fazia em sua gouernança, com q̃ tinha posto ho reyno em grande opressam. Porẽ a verdade da morte del rey não se soube: & foy muyto sintida, assi dos portugueses como dos mouros por lhe todos quererẽ bem por sua boa condição. E por sua morte foy leuantado por rey outro seu irmão mais moço q̃ auia nome Cachil ayalo. E vẽdo a raynha sua mãy que lhe não ficaua outro, temendo q̃ lhe morresse este, pedio muito a dõ Iorge que lho desse pera estar na cidade, & fezlhe sobrisso muytos requerimentos. Mas dom Iorge nunca quis, temendo q̃ lhe fizessem treição se el rey esteuesse fora de seu poder. E assi lho cõselhaua Cachil daroes por amor do que ganhaua em el rey estar na fortaleza, q̃ tinha ausolutamente todo o mando do reyno, & estãdo fora não auia de ser assi porlhe a raynha q̃rer grãde mal. E porq̃ ela sabia q̃ por ele poderia seu filho sair fora da fortaleza, dissimulaua ho mal q̃ lhe queria, & trabalhaua muyto por lhe fazer a vontade. Em tanto que teue coele ajuntamento, sendo sua madrasta & com tudo nunca pode alcançar o q̃ desejaua, por Cachil daroes estoruar q̃ato podia que não tirassem el Rey da fortaleza: pelo mando que perdia: tirãdose que receaua tanto de perder, que tinha mortal odio a toda pessoa que sospeitaua que podia ser causa delho tirarẽ. Pelo que queria grande mal a Cachil vayaco que a tras nomeey, porq̃ dõ Iorge era grande seu amigo, & ho fauorecia muyto: o q̃ temia ser causa de ho fazer gouernador, & tirar a ele daquele cargo: porq̃ sempre entẽdeo em dõ Iorge despoys que forão as deferenças q̃ teue com dõ Garcia anriquez q̃ não era seu amigo: & que a cõmunicação que tinha coele era mays por necessidade q̃ por vontade. E por isto que digo se temia de Cachil vayaco, & encubertamẽte ho tinha por imigo: & Cachil vayaco a ele da mesma maneira por amor das suas tiranias. E viuẽdo desta maneyra acertou se q̃ hũa armada del rey de Geilolo foy dar vista á fortaleza: & dõ Iorge mandou contrela a Cachil vaiaco com algũs Portugueses: & ele se embarcou em hũa coracora em q̃ Cachil daroes costumaua dandar, do que ele não soube nada. E cachil vaiaco depois de fazer recolher os geilolos & lhes tomar hũa coracora, tornouse coela muyto ledo pera a fortaleza: o que tambẽ dom Iorge festejou por ser seu amigo, do q̃ Cachil daroes ouue grãde enueja. E ouue tamanha menencoria de cachil vaiaco ir na sua coracora que descobrio ho odio q̃ lhe tinha & dali por diante lhe daua todos os desgostos que podia, & ho auexaua em tudo: & trataua de lhe dar peçonha. E tão apertado se vio Cachil vaiaco dele, que desesperado de saluar sua vida antre os mouros se acolheo á fortaleza, contãdo a dom Iorge a causa porq̃ ho fazia. E sabẽdo Cachil daroes como estaua na for

aleza ficou muy agaſtado por lhe pa-
recer q̃ tomaua por valedor a dõ Iorge.
E iſto inflamou ainda mais a Cachil da-
roes cõtrele, & determinãdo de ho auer
pedio ho a dom Iorge por ſua peſſoa: di
zendo, que aquele homẽ tinha offendi
do muy grauemente a el Rey de Ter-
nate, & ho tinha muyto deſeruido. E pe
ra proueito do reyno era neceſſario ſer
caſtigado, pelo q̃ lho deuia de dar: porq̃
el Rey de Portugal não auia dauer por
ſeu ſeruiço emparar ele, nem fauorecer
os que deſeruião a el Rey de Ternate,
antes folgaria de lhos ajudar a caſtigar.
O que ouuido por dõ Iorge, como era
amigo de Cachil vayaco, & deſejaua
de ho ſaluar, pos em conſelho ſe ho en-
tregaria a Cachil daroes. E quando ele
vio que dõ Iorge punha aquilo em cõ-
ſelho, temeoſe que ho aconſelhaſſem,
que ho entregaſſe. E porque ſabia cer-
to, que ſe Cachil daroes ho acolheſſe q̃
ho auia de matar, & que ho nam pedia a
outro fim: quis antes matarſe que mor-
rer por ſeu mandado. E ſupitamente ſe
deitou da torre abaixo, & logo morreo.
E com ſua morte ſe desfez ho conſelho,
& Cachil daroes ficou vingado, & dõ
Iorge muyto triſte por lhe não poder
valer. E ficou muyto mais deſcontente
de Cachil daroes do que era, & Cachil
daroes muyto mais dele, por q̃rer em-
parar ſeu ĩmigo, & lho nam dar logo
como lho pedio ſem auer conſelho ſo-
briſſo. E aſsi ſe foy mais acrecentando
ho odio que ſe tinhão hũ ao outro.

CAPIT. XIX.

¶Da injuria que foy feyta a Cachil vaydua, E do mais que ſucedeo.

DEſte odio que Cachil daroes tinha a dõ Iorge, lhe naceo ter outro a todos os Portugueſes, & deſejar de os deitar da terra, & auorreciãolhe tanto, que os mouros ho entendião. E a fora quererem mal aos Portugueſes de ſeu natural, queriãolho tambem por ſaberem q̃ lho queria Cachil daroes. E no q̃ podião lhe fazião mal, mas iſto muy diſsimuladamẽte, porq̃ não vião a ſua: & auião grande medo a dõ Iorge, porq̃ ho conhecião por caualeyro. E por ſe vingarem dele lhe matarão hũa porca da China, que ele eſtimaua muyto. E poſto que foy feyto ſecretamente, dõ Iorge fez ſobriſſo tanta diligencia, que achou culpado na morte da porca a Cachil vaydua tio del rey, & caciz mór que antreles he como antre nos ho Papa: & nem por ſer de tão alto eſtado & dignidade, dõ Iorge deixou de ho mãdar prender na fortaleza. Do q̃ ſe recreceo grãde aluoroço na cidade, & ſe não fora ho medo que tinhão a dõ Iorge leuãtarãſe. E logo cachil daroes ſe foy cõ os principaes da cidade â porta da fortaleza õde eſtaua dõ Iorge, & pediolhe cõ todos eles, q̃ mandaſſe logo ſoltar Cachil vaydua: eſtranhãdolhe prẽder hũa peſſoa de tal qualidade por tão baixa couſa como hũa porca. E dõ Iorge não curando de muytas palauras diſſe, que ho não auia de ſoltar, ſe não pagãdolhe a ſua porca anoueada. E Cachil daroes, que conhecia dõ Iorge por determinado, não curou de mais pratica, & foy cõ os outros pera mandar penhores que ſe poſeſſem em caução ate a porca ſer aualiada:

liada. E quando tornou ja não achou dõ Iorge que andaua na ribeira, onde lhe foy falar Cachil daroes. E dõ Iorge foy cõtẽte de dar Cachil vaydua sobre os penhores, & mandou a hũ Pero fernãdes que os tomasse & ho fosse soltar, & ele ho fez asi. E como homẽ de pouco saber cuydando que fazia graça, lhe vntou a boca & ho rosto com hũa posta de toucinho: que foy a mayor injuria & offensa que se podia fazer a hũ mouro, por lhe ser tão defeso em seu alcorão comerem porco, quãto mais a Cachil vaidua de tal qualidade & dignidade antre os mouros. E asi sentio ele tanto aq̃la injuria, que lhe saltarão as lagrimas fora dos olhos. E correndolhe polo rosto, que ainda leuaua vntado do toucinho, se foy pera Cachil daroes, que cõ muytos mandarins ho esperaua â porta da fortaleza, a quem contou sua injuria: cõ que todos chorarão asi da magoa dele como por não se poderẽ vingar. E cuydando que aquilo fora feyto por mandado de dom Iorge, se indinarão ainda muyto mais, porem calarãose. E algũs Portugueses que ali estauão, em vez de os consolarẽ riãose muyto, louuando a graça de Pero fernandez. E Cachil vaidua de se auer por muyto injuriado, não quis mais morar em Ternate, & foyse por aquellas ilhas: notificando aos mouros a grandissima injuria que lhe fora feyta, do q̃ Mafamede estaua muy offendido, pedindolhe da sua parte que a vingassem. Pera o que todos se começarão daperceber, & depois ho fizerão: & Cachil vaidua se recolheo na ilha de Bachão, & não tornou a Ternate se não no tempo Dantonio galuão como direy a diante. E se a dõ Iorge lhe pesou quando soube a offensa que fora feyta a Cachil vaidua, ou o q̃ fez nisso não ho pude saber: porẽ Cachil daroes não fez nada, & esteue como estaua sem bolir consigo, se não que dali a algũs dias mãdou que nam leuassem os mouros a vẽder nenhũs mantimẽtos â cidade. E isto por lhos os Portugueses tomarem por força sem lhos quererẽ pagar, porq̃ não tinhão com que, que não auia dinheiro na fortaleza cõ que lhe pagassem soldo nem mantimento, do que dõ Iorge andaua muito agastado, & não podia dar remedio aos muytos queixumes q̃ lhe os mouros fazião dos Portugueses que lhes tomauão ho seu. A quem se reprẽdia disso, respõdião que lhes desse de comer, & que ho não tomarião aos mouros: q̃ vendo ho pouco remedio de seus agrauos que achauão em dom Iorge se queixauão a Cachil daroes, que por euitar brigas lhes mandou q̃ não vendessẽ nenhũs mantimẽtos, nẽ os teuessem em casa por lhos os Portugueses não tomarem. Cõ que eles ficarão em estrema necessidade, & se vião cercados da morte: a que dõ Iorge querendo acodir, mandou Gomez aires alcaide môr da fortaleza cõ algũs Portugueses, que fosse pola ilha buscar mantimentos. E algũs destes que hião diante, chegarão a hũ lugar chamado Tabona, & como homẽs mortos de fome, & tambem soberbos: parecendolhes que erão senhoras da terra, se meterão logo polas casas, toman-

do por força os mantimētos q̃ achauão: Do que escandalizados os moradores, começarão de lhes resistir com suas armas. E como erão muytos, & os Portugueses poucos tratauãnos mal, & nisto chegou Gomez aires cõ os que ficauão coele, que erão poucos mais q̃ os q̃ andauão no lugar. E cuydando ho regedor dele que hião em socorro dos com que os mouros pelejauão, acodio tambem pera lhes socorrer: & tomando os Portugueses antre si, derãlhes muytas pancadas & feridas, & a algũs tomarão as armas que leuauão, & assi os fizerão tornar pera a fortaleza.

CAPIT. XX.

¶De como ho gouernador de Tabona foy deitado aos cães, & Cachil daroes foy degolado.

VEndo dõ Iorge os Porugueses tão mal tratados, ficou muyto indinado contra os mouros de Tabona. E mandou a Gomez aires, que fosse logo contar aquilo a Cachil daroes, & q̃ lhe dissesse da sua parte que mandasse ir á fortaleza o regedor de Tabona, & os principaes que ho ajudarão a fazer tamanha offensa aos Portugueses: porque doutra maneyra não ho teria por amigo del Rey de Portugal, nẽ ho seria seu. E como dõ Iorge tinha el rey na fortaleza, fez logo Cachil daroes o q̃ lhe mãdou dizer: & forão com ho regedor de Tabona dous homẽs principaes do lugar, a que dom Iorge mandou cortar as mãos, & cortadas os mandou leuar a Tabona pera darem nouas aos outros, & ao regedor mãdou ho deitar com as mãos atadas a dous cães grandes que tinha de filhar. E isto era na praya, q̃ estaua cuberta de gente, que sahia a ver tão noua & crua justiça. E foy cousa piadosa de ver como os cães remeterão ao regedor, & começarão de lhes sfarrapar a carne, mordendo ho muy cruelmente, & dos gritos que ele daua cõ a dor das dentadas. E nisto deu consigo no mar, parecendolhe que ali se saluaria: & metendose ho mais que podia, os cães ho seguirão dandarem encarniçados. E vẽdose ele em tamanho perigo, andando ja a nado com os pés que cõ as mãos não podia, fez volta aos cães que ho seguião & começou cõ muyto esforço & acordo de se defender cõ os dẽtes: do que todos ficarão muy espantados, porque se os cães ho mordião ele tambem a eles. E andando muyto ferido, afferrou hũ dos cães por hũa orelha, & afferrado se meteo coele debaixo dagoa, onde foy afogado. E assi acabou sua vida deixãdo muyto grande espanto de seu esforço em quantos ho virão, & tamanha fama antre os mouros, que ainda agora falão nele, & não ouue ali quẽ não chorasse cõ piedade de verem morrer tão cruel morte a hũ homẽ tão esforçado, que posto que tinha culpa, fora pera lha perdoar auẽdo respeito á causa dela, & mais despois que mostrou seu esforço. E pola perda deste homem ficaram os mouros muyto magoados, principalmente Cachil daroes, que dali por diãte teue mortal odio a dõ Iorge, & aos Portugueses: & desejaua de os matar a todos, ou deitalos fora da terra, & praticou isto com os do conselho del rey de

Ternate. E a principal causa pera que o queria fazer era pera ser rey, & dahi a al gũs dias foy dito a dom Iorge, que ele tinha assentada paz cõ Cachil catabruno gouernador de Geilolo, & tinhão ambos concertado de matarem os Portugueses & os Castelhanos, & tomarlhes quanto tinhão, & depois matarem os reys, que eram ainda moços, & fazerẽse reys, & liarẽse por casamẽto. E Cachil daroes auia primeyro de matar os Portugueses, & despois Cachil catabruno os Castelhanos. E culpauão tambem nesta treyção ho çamarao, que era ho almirante do mar, & ho Boyo q̃ era justiça mór do reyno. Sabido isto por dom Iorge, porque ho caso era de tanto peso não quis fazer nada nele, ate não ter a mayor certeza que pode. E despois que a teue, mandou hũ dia chamar a Cachil daroes, & ho Boyo, & ho çamarao: & apartando os, lhes fez pregũtas do que lhe era dito: & eles ho confessarão com temor que os nam metessem a tormento. E por Cachil daroes ser ho principal da treyção, foy preso na fortaleza: sobre o q̃ foy grande aluoroço nos mãdarins, & mais quando souberão a causa de sua prisam. E dom Iorge teue logo conselho com ho feytor, & alcayde mór, & outros officiaes, & pessoas principaes da fortaleza sobre o que faria de Cachil daroes. E foy acordado q̃ fosse degolado pubricamente, porque estando preso podersehia leuãtar a terra cõtra a fortaleza com esperança de ho liurarem: & sabẽdo que era morto assessegarião pois ho não podião cobrar. E isto assentado, foy Cachil daroes degolado da maneyra que em Portugal sam degolados os grandes senhores: o que pos grande espanto nos mouros, especialmente nos mandarins, que naquela terra não morrem por justiça: & quando cometem crime per q̃ mereção morte degradãnos. E vendo eles matar assi a Cachil daroes, não se ouuerão por seguros, & dizião q̃ fora morto sem causa sòmente por mexericos: & temendo esses principaes que lhes fizessem outro tanto, determinarão de se ir da cidade morar a outra parte, por não estarem na conuersação dos Portugueses, & cõselharão à raynha q̃ fizesse ho mesmo. E assi ho fez, & foyse coeles a hũ lugar forte chamado Turutó: porem a gente comuũ não bolio consigo, & deixouse estar. E a raynha despois q̃ foy em Turutó, mandou pedir a dom Iorge, que lhe desse el rey seu filho porq̃ não morresse. E elle nunca quis, pelo q̃ a raynha mandou, q̃ não leuassem a vender mãtimentos à cidade: & assi durou este aluoroço ate que Gonçalo pereyra chegou a Ternate.

CAPIT. XXI.

¶ De como Gonçalo pereyra chegou à ilha de Ternate.

GOnçalo pereyra que ficou em Malaca, esteue hi ate vinte Dagosto q̃ se partio pera Maluco com Lionel de lima, & foy de Malaca ate ho estreito de Cincapura ao longo da costa, & dali fez seu caminho pera a ilha de Borneo, que assi ho leuaua por regimento de Nuno da cunha pera tomar hi caixas, que sam hũ genero de moeda que

rue em Maluco, & asi algũa merca-
ɔria necessaria pera lá. E fazendo seu
minho por ãtre muytas ilhas por õde
e he, foy ter á ilha de Borneo q̃ he hũa
ıa, de q̃ os Portugueses a este tempo
ıhão descubertas oytenta legoas. He
rra muyto abastada de carnes, arroz,
doutros muytos & diuersos manti-
étos: & asi de cousas ricas, & de muy
preço, como a canfora que nace por
da esta ilha em aruores, asi como na
a rezina nestas partes. E esta daqui he
propria canfora, & que val na India a
so douro: porque a outra da Persia
contrafeyta. Ha tambem diamães
ıe nacem nas prayas do mar, junto da
dade de Tanjapura, que sam muyto
ais finos q̃ os da India, & sam de ma-
or valia. Nesta costa que he descuber-
ha cinco grandes pouoações, todas
ɔrtos de mar. s. Moduro, Cerauá, La-
, Tanjapura, & Borneo: de que a ilha
ɔma ho nome. Cidade grãde, cercada
muro de ladrilho de nobres edificios
a principal de todas, & em q̃ os reys
aq̃la ilha residem, & té ali muy sum-
tuosos paços. Destes portos, os princi
aes sam Laue, & Tanjapura, & onde
faz mayor carregação: & em todos
ıorão muytos, & muy ricos mercado
es que tratão na China, na Laquea, em
ião, Malaca, çamatra, & ẽ outras ilhas
erredor, a que leuão canfora, diamães,
guila, & mantimentos, em que entra
ũ vinho q̃ chamão tampoi, ho melhor
ue ha antre os vinhos contrafeytos, &
m retorno leuão roupa de cambaya de
oda sorte, cobre, azougue, vermelhão,
& cacho & pucho. Os moradores de-
ilha sam mouros: geralmẽte sam baços,
& bem despostos, tratãse bem, & vestẽ
se ao vso malayo, & falão a lingoa ma-
laya. Ho rey desta ilha he mouro, &
muyto rico & poderoso de gẽte, & ser-
uese com grande estado: tem hũ rege-
dor que pola mayor parte gouerna ho
reyno, a que chamão em sua lingoa xa-
bandar. Chegado Gonçalo pereyra ao
porto desta cidade, mandou hũ presen-
te a el rey per Luis dandrade, & ao xa-
bandar outro: & mandou dizer a el rey,
que el rey de Portugal, & ho seu gouer-
nador da India ho mãdauão ali pera ho
seruir no que mandasse, porque deseja-
uão muyto sua amizade: & q̃ seus vas-
salos fossem tratar a Malaca como hião
dantes, onde serião bem tratados, & tã-
bem os Portugueses fossem a seus por-
tos & teuessem neles trato. E dado per
Luis dandrade este recado a el rey, & ao
xabandar com os presentes, com q̃ mo-
strarão folgarem muyto, responderão.
Que recebião grande contentamento
em el rey de Portugal & seu gouerna-
dor querem sua amizade, q̃ goardarião
coeles muy inteiramẽte, & erão muy-
to contentes de fazerem o que lhes pe-
dião. E que se auião por ditosos de Gõ-
çalo pereyra ir ao seu porto, & de ho te
rem por vezinho em Maluco, onde se
prestarião coele. E mandou el rey ao xa-
bandar, que aquele dia agasalhase em
sua casa a Luis dandrade: & asi ho fez,
fazendolhe grande festa. E ao outro dia
ho despachou el rey, & mandou coele
dous mandarís a visitar Gõçalo perey-
ra,

ra, & mãdoulhe hũ presente. E em vinte dias que ali esteue, lhe leuarão a vẽder todos os mantimentos & cousas de que tinha necessidade. E ficando em grãde amizade com el rey, se partio pera Ternate: & leuando muyto boa viagem, foy surgir no seu porto a hũ sabado na entrada Doutubro, do anno de mil & quinhẽtos & trinta & hũ. E logo algũs se forão á fortaleza, de quem dõ Iorge soube como Gonçalo pereyra hia proui do da capitania por el rey, & como hia coele Lionel de lima que era seu imigo. E teue pera si, que por essa causa ho auia de mexericar com ho gouernador da India: & sospeitou q̃ auia de ser preso. E ao domingo quando sayo a receber Gonçalo pereyra mãdou leuar a hũ seu criado hũs grilhões debaixo da capa. E depois de recebido Gonçalo pereyra cõ grãde festa, que desembarcou ao domin go pola manhaã. Chegados á porta da fortaleza, mostrando Gonçalo pereyra a prouisam que leuaua da capitania, lha entregou dom Iorge, dandolhe as chaues da fortaleza, & asi lhe entregou el rey Cachil dayalo. E despois tomando os grilhões q̃ ho seu criado leuaua, disse a Gonçalo pereyra: que se tinha necessidade deles pera lhos deitar, que ali estauão, & ele muyto obediente pera os receber. E esta justificação fez dom Iorge pola sospeita que disse que tinha de ser preso. E Gonçalo pereyra lhe disse, que não hia pera ho prender nem anojar, se nam pera ho seruir no que podesse, cõprindo cõ a obrigação de seu carrego. E coisto entraram na fortaleza, onde dõ Iorge ho banqueteou aquele dia, & h[...] enformou da terra: & deixando ho nel[...] se foy á noyte pera a sua pousada, q[...] era fora da fortaleza.

CAPIT. XXII.

¶ De como Gonçalo pereyra prometeo á raynh[...] de Ternate de lhe entregar seu filho.

SAbendo a raynha & os mandari[...] q̃ estauão coela, que Gõçalo perey[...] estaua de posse da capitania, & q[...] dom Iorge nam era capitão, determi[...] rão de se queixar dele dos muytos gr[...] des agrauos q̃ lhes tinha feytos, asi [...] prisam de Cachil vaidua, como na m[...] te do regedor de Tabona, & de Cach[...] daroes: & sobre tudo de lhe não quer[...] dar ho seu filho & terlho preso, morr[...] dolhe ja outro na prisam. E auida licen[...] ça de Gonçalo pereyra, mandarão [...] principal Mãdarim a este negocio, q[...] sabia a lingoa Portuguesa, & home[...] muy prudente, & discreto: que despo[...] de ser bem recebido de Gonçalo perey[...] ra lhe disse. A pouca experiẽcia de nos[...] lealdade, & a má fama que os mour[...] tẽ de desleais aos Christãos, & ho muy[...] to credito que os Portugueses tem d[...] justiçosos, te fará crer que a ida da ray[...] nha & dos mandarins, & deixarem s[...] cidade: não foy por culpa de dom Iorg[...] de meneses. E que fazẽdolhe ele muyt[...] boas obras, fauorecẽdo suas pessoas, & [...] emparãdo sua terra, eles como imigo[...] dos Christãos por lhes fazerem mal, & [...] lhes tirarem os mantimentos, deixarã[...] suas antigas moradas, & forão toma[...] outras nouas. E porẽ, não sam os mou[...] ros tão desleais como os Christãos o[...]

fazen[...]

fazem principalmente os destas ilhas de Maluco que se prezão de fidalgos, & de caualeiros. Poys quem se preza destas duas cousas, tambẽ se prezará de lealdade, sem que a fidalguia & caualaria não podem ser. E se nossa lealdade he verdadeyra ou não, digam no os moradores da ilha de Tidore, que vindo os castelhanos a sua terra sem os conhecerem os agasalharão, fauoreçerão, & ampararão ha tantos annos: & podendoos matar & tomarlhes tanta fazenda como tem, sem terem quem lhes disso tomasse conta, nunca neles entrou tamanha baixeza, & sempre os tratarão como a seus naturaes: E se os Tidores fizerão isto aos Castelhanos que não conheçião, porque ho não farião os Ternates aos Portugueses, de que tinhão tanto conheçimento por fama, & por experiencia: & a quem por estas duas cousas que el Rey Boley se tinha de suas virtudes offreçeo fortaleza em sua terra, cõ desejo de sua amizade, & sem a isso ho obrigar outro interesse. Mas temo de passar a diante que a grauidade do caso me faz couardo pera ho contar: & com tudo esforçome cõ a confiança de tua bondade, que nos dizẽ que he tanta, que de ti mesmo faras justiça. Não foy a ida da Raynha nem dos mandarins por sua culpa, nem deixarão suas casas por maldades que fizessem: mas forão tantas as auexações, opressões & males que receberão dos Portugueses que de os não poderem sofrer se desterrarão de sua natureza, & forão buscar nouos assentos. Certo que outra pessoa a que estes males que digo não doerão tanto os ouuera de contar: & não eu, que sómente em cuydar neles sinto partir meu coração em mil partes, com dor & magoa de tamanha desauentura como foy a nossa, quanto mays tendo padecido tãta parte deles. E poys aquilo a que me a ty mandarão não se pode fazer sem os contar dilos hey. Ho primeyro agrauo q̃ os desauenturados moradores desta terra receberão, foy de Antonio de brito, que lhes prendeo seu Rey, & de liure lho fez catiuo. E dom Garcia ho continuou q̃ nunca lho quis soltar, nem menos dom Iorge, ate que morreo. E nam abastou morrer aq̃lle mas logo meteo em seu lugar o que lhe sucedeo, & este foy ho galardão que ouuemos de consentir que os Portugueses fizessem fortaleza em nossa terra, & cuydando q̃ metiamos amigos com nosco, nos achamos com imigos, porque sempre nos assi tratarão. E despoys q̃ os agasalhamos qual de nos pode saluar o que tinha pera comer, que tudo nos tomauã? Qual de nos pode goardar suas molheres & filhas que as não forçassem? Qual de nos pode viuer quieto, que eles nos desenquietauão? E tudo isto sofreramos, mas dõ Iorge não quis, que ele nos auexou & perseguio, de maneyra que ho não podemos sofrer. Ele nos prendeo Cachil vaidua nosso caciz mór, que não podia ser pera nos mayor injuria, nem parele mayor offensa que vntaremlhe a boca com porco, cuja carne he tão abominauel em nossa ley. Mandou deytar aos caẽs hum homem de tanto preço como era ho regedor de Tabona. Mandou degolar Cachil daroes gouer-

nador deſte reyno, & a principal peſſoa dele. E temẽdo a raynha, & os Mandarins, que tambẽ os mandaſſe matar ſe forão da terra. E ela, & eles ſe mandão aqueixar de dõ Iorge por eſtas couſas q̃ fez, & te pedẽ que lhe faças juſtiça dele tão inteiramente como eles eſperão: & que lhe des ſeu rey, pera q̃ os gouerne, empare & fauoreça, & pera q̃ caſe & aja filhos que lhe ſucedão. E a raynha te pede eſpecialmente, q̃ ajas piedade de ſua viuuidade, & deſemparo: & que te lẽbre que não tẽ outro filho pera ſua conſolação ſe não eſte, q̃ lho deixes lograr algũs dias antes de ſua morte. E que fazendo iſto faras o que deues, & como ſe eſpera da bõdade Portugueſa: & ela, & todos os do reyno ſerão obrigados pera ſempre fazerẽ o que lhe mandares. Ouuida eſta fala por Gõçalo pereyra diſſe ao embaixador, que ele reſponderia. E mandou ho agaſalhar, & dar todo ho neceſſario à cuſta del Rey. E fazendo cõſelho, propos nele o q̃ lhe a raynha & Mandarins mandauão dizer acerca de lhes ſoltar ſeu rey: em q̃ hũs diſſerão, q̃ não era bẽ que ſe ſoltaſſe. Porq̃ ſe a raynha & os Mãdarins não ſe tinhão leuãtado polos eſcãdalos & agrauos que dizião ter recebidos, fora por amor do ſeu rey que eſtaua na fortaleza. E ſegũdo ſe moſtrauão agrauados, como ho teueſſem por ſe vingarẽ dos agrauos paſſados, & por não receberẽ outros, ſe leuãtarião. Outros diſſerão, q̃ antes pera os deſagrauar & apazigoar, ſe deuia de ſoltar el rey: porq̃ ſe Gõçalo pereyra cõtinuaſſe cõ a priſam del rey cuydarião q̃ todos os capitães lhes auião de ter preſos os ſeus reys, & os auião ſempre dagrauar. E como deſeſperados trabalharião por deitar os Portugueſes fora da terra, q̃ erão muy poucos pera reſiſtirẽ ao poder dos mouros, ſe fizeſſem todos corpo: o q̃ eſtaua certo fazerẽ, porq̃ hũs auião dajudar os outros. E vẽdo q̃ Gõçalo pereyra lhes ſoltaua ſeu rey, & fazia o q̃ ſeus anteceſſores não fizerão, lhe tomariã amor, & crerião q̃ tambẽ auia capitães q̃ lhes fizeſſem bẽ: & tornarião a amizade cõ os Portugueſes, & ficaria a terra aſſentada. E deſte parecer foy Gõçalo pereyra, & eſte ſe goardou. E porẽ aſſentouſe, q̃ antes que el rey foſſe ſolto ſe acabaſſe a fortaleza, pa mayor ſegurãça dos Portugueſes, & dos mouros eſtarem em paz. E q̃ entretanto fingiſſe Gonçalo pereyra q̃ andaua muyto ocupado no deſpacho dos nauios q̃ auião dir pa a India, & q̃ deſpois de ſua partida lhes daria el rey: porq̃ ate então ſe poderia çarrar de todo o muro da fortaleza, & acabar hũ baluarte, ou faleceria muy pouco, & q̃ então não faltaria algũa eſcuſa. E iſto aſſentado, reſpõdeo Gõçalo pereyra ao embaixador da raynha: q̃ era contẽte de lhe dar el rey ſeu filho, & ſeruila ẽ tudo, porq̃ aſsi lho mãdaua el Rey de Portugal, & ho ſeu gouernador. E q̃ lhe pedia muito q̃ logo ſe foſſe pera a cidade de Ternate, & aſsi os mãdarins q̃ eſtauão coela, pa aſſentarẽ a terra: & q̃ teueſſem amizade cõ os Portugueſes como dãtes, porq̃ todos erão ſeus ſeruidores. E tornado ho embaixador coeſta repoſta, ainda a raynha repr

cou que lhe dessem primeyro seu filho, & étão se iria pera a cidade: & sobristo ouue muytos recados de parte a parte. E assentouse por derradeyro, q̃ el Rey fosse entregue despois da partida dos nauios: & que Gonçalo pereyra jurasse solênemente de ho fazer asi. E ele ho jurou em hũa Cruz q̃ ho vigayro da fortaleza tinha nas mãos, vestido em hũa sobrepeliz: & ele em giolhos cõ as mãos sobre a Cruz em quanto disse as palauras do juramento, estãdo presentes os principaes Mãdarins de Ternate, & os officiaes da fortaleza.

CAPIT. XXIII.

¶ Do que Gonçalo pereyra fez despois de chegar a Ternate.

FEyto este juramẽto, fizerão os mouros grande festa com a esperança da liberdade do seu rey. E a raynha cõ os Mandarins, se foy logo pera Ternate. E Gonçalo pereyra a mandou visitar por Luys dandrade, mandãdolhe hũ bõ presente, & asi a algũs dos Mãdarins que sabia que erão seu priuados. E asi os mãdou aos Sangajes & gouernadores da terra, notefícandolhe ho cõcerto que tinha feyto com a raynha, & como estaua em Ternate, pedindolhe q̃ ho viessem ver porque folgaria muyto de os conhecer & seruir. E eles ho fizerão asi, saluo Cachil humar sangaje da cidade de Maquiem por estar agrauado das pareas do crauo que lhe dom Iorge mandara que pagasse a el Rey de Portugal: que ele dizia q̃ não podia pagar, por lhe não ficar q̃ comer. E por não fazer aluoroço, disimulou Gõçalo pereyra coele: & aos que forão á fortaleza fez muyta honrra, merces, & gasalhado. E pera mais cõtentar a todos, vestio el rey á Portuguesa de veludo de cores: & ordenou certos Portugueses pera sua goarda, & que ho leuasiem a desenfadar, & folgar pola cidade. De maneyra q̃ parecia a todos q̃ el rey estaua em sua liberdade: do que a raynha & todos andauão muyto contentes, & tinhão muyta confiança q̃ Gõçalo pereyra compriria o que tinha jurado, & mostrauãlhe em tudo grande amizade. E pera a ele arrematar mais & segurar, fez hũ gouernador do reyno com aprazimẽto dos Mãdarins & da raynha, pera que ho teuesse de sua mão, & o ajudasse, & fauorecesse como Cachil daroes fizera a Antonio de brito. E este foy hũ mãdarim da geração dos reys de Ternate, q̃ auia nome Cachilato: de q̃ todos os Portugueses tinhão muyto conhecimẽto. Tãbẽ neste tẽpo Fernão dela torre capitão mór dos castelhanos, mãdou visitar Gõçalo pereyra, & ratificar as pazes que tinha feytas com dõ Iorge de meneses, & fez paz cõ el rey de Geilolo. E por se lhe el rey de Tidore mãdar queixar, que não podia pagar as pareas do crauo que lhe posera dom Iorge de meneses, porque se as pagasse lhe não ficaua nada, pareceo bẽ a Gonçalo pereyra de lhas leuãtar ate auer recado do gouernador da India, a quem escreueria sobrisso. Do que el rey foy muyto contente, & ficou grande seu amigo. E tendo Gonçalo pereyra assentada a terra em tanta paz, & assessego, & vendo que não auia cou

ſa que eſtoruaſſe ho ſeruiço del Rey ſeu ſenhor, que ele poſpoſta toda cobiça, deſejaua de fazer muy inteyramente: começou de ſe poer em ordem pera ho fazer, & deu hũa carta do gouernador Nuno da cunha a dõ Iorge de meneſes, que lha não quiſera dar ate não aſſentar a terra. Em que ho gouernador dizia a dom Iorge, que ele era enformado que a principal cauſa dos deſconcertos que ouuera antre os capitães que eſtauão naquela fortaleza, & os que hião de nouo pera eſtarem nela, fora quereréſe ir cõ os capitães que ſe hião, os Portugueſes que la eſtauão, por terem feyto ſeu crauo. E algũs que hião com ho capitão nouo ſe podião empregar ſuas fazendas fazião ho meſmo. E ſem lhes lembrar a obrigação que tinhão do ſeruiço de Deos & del Rey ſe hião, deixando de guerra ho capitão que ficaua, & ſem gẽte. E pera euitar iſto lhe mandaua, que quando ſe foſſe da fortaleza não leuaſſe mais que ate ſeys homẽs ſem licença de Gonçalo pereyra, & por cada hũ que leuaſſe de mais ſem ela pagaria mil pardaos. E a fora eſta carta, lhe moſtrou Gonçalo pereyra hũ aluará do meſmo gouernador, em que lhe mãdaua o que lheſcreuia na carta: & aſsi outro, em que mandaua a Gonçalo pereyra, que tomaſſe a menagem a dom Iorge ate ſe ir apreſentar diante dele na India, & tiraſſe deuaſſa dele de todo ho tempo que fora capitão daquela fortaleza. E Gonçalo pereyra lha tomou perante ho alcayde mór & feytor, & perante hũ eſcriuão, que fez de tudo hũ auto. E Gõçalo pereyra pedio muyto perdão a dõ Iorge do que fazi, dizendo que não podia al fazer, por lho mandar aſsi ho gouernador da India: & porem que lhe prometia de ho deſpachar muyto bẽ, goardando em tudo ſua honrra. E que alem dos homẽs que lhe ho gouernador daua, lhe daria vinte homẽs que foſſem coele: & daria licença a dom Vicente de meneſes ſeu jrmão pera ir em ſua cõpanhia, & aſsi lhe daria hũ jungo que fazia pera ſua embarcação. E dom Iorge lho teue em merce, & lhe diſſe que ho não culpaua em fazer o que lhe mandaua ho gouernador, nem deixaria por iſſo de ſer ſeu amigo, & ſeruidor & q̃ confiaua muyto nele, que faria o q̃ dizia. E pediolhe q̃ foſſe eſcriuão de ſua deuaſſa Grauiel da coſta, que ali fora feitor: & ele lho prometeo. E dom Iorge ſe foy pera ſua pouſada preſo ſobre ſua menagem ſem nenhũ eſcandalo de Gõçalo pereyra: & aſsi ho dizia a ſeus amigos, que ho forão logo viſitar. E gonçalo pereira começou logo de tirar deuaſſa dele.

CAPIT. XXIIII.

¶De como Gonçalo pereyra quis fazer crauo pera el Rey de Portugal.

COm eſta priſam de dom Iorge de meneſes, & por ſer feyta com tanto aſſeſſego, ficarão os Portugueſes muy toruados, principalmente os que forão officiaes na fortaleza: & temerão muyto a Gõçalo pereira, vendo cõ quãta prudencia fazia ſuas couſas. E logo virão em ſi o q̃ receauão, q̃ Gonçalo pereira mandou recencear a cõta ao feytor, & almoxarife, & outros officiaes paſſados

os pelo feytor Luys dandrade. E isto
orque os mandaua ficar na fortaleza
or ter falta de gente. E não se achou a
stes nenhũa cousa da fazenda del Rey
n receita, & tudo era despesa; pelo que
ndo eles roubado el Rey, & deuendo
ne quanto tinhão, achouse que el Rey
nes deuia. Tão desordenado andaua
ido naquela fortaleza, & tão pouco se
lhaua pola fazenda del Rey, nem auia
quem lembrasse os gastos que fazia
aquela fortaleza, pera lhe pouparem
areles sua fazenda, se não quem mais
odia apanhar mais leuaua. E desenga-
ados estes, que não auião aquele anno
le ir pera a India: determinou Gonça-
o pereyra de fazer crauo pera el Rey,
x mandou apregoar hũ regiméto que
euaua do gouernador Nuno da cunha,
que era ho mesmo que fizera Afonso
nexia: & polo auer por bom, mandaua
que se goardasse. E Gonçalo pereyra
o mandou apregoar com grande so-
énidade: & a sustancia dele era, que se
comprasse pera el Rey quanto crauo ou
esse naquelas ilhas pelo preço que esta-
a assentado na feytoria, & se metesse
nela, & que nenhũa pessoa de qualquer
qualidade q̃ fosse ho podesse comprar.
E este crauo que se comprasse pa el Rey
ho compraria ho feytor Luis dádrade,
ou quem ele ordenasse, com conselho
& parecer de Gonçalo pereyra: & cõ-
prado se carregasse ho mais que ser po-
desse, asi pera se leuar á India como a
Malaca, & o que sobejasse se desse ao ca
pitão, feytor, & officiaes da fortaleza,
& a géte darmas sobre seus ordenados,
& soldos, por tal preço que el Rey po-
desse ganhar, pera poder cõ ho ganho
soster ho gasto que fazia naquela forta-
leza. E auendo hi tanto crauo que so-
bejasse de tudo isto, se vendesse aos mer
cadores com ho mesmo ganho. E po-
rem que tudo isto se fizesse com resgo-
ardo de não auer escandalo na terra. A-
pregoado este regimento, ficarão os
mouros muy descontentes por lhes ti-
rarem de venderem ho crauo por mais
do preço que estaua assentado na feyto
ria, porque ho vendião por mais. E os
Portugueses tambem teuerão muyto
descontentamento, porque perdião
muyto em não compraré ho crauo aos
mouros: & com tudo consolarãse, pare
cendolhes q̃ aquilo não ouuesse effeito:
porque assi se apregoaua na chegada de
cada capitão, mas não se fazia nada po-
las emburulhadas que recrecião ao par
tir, antre o que ficaua & o que se partia.
O que eles esperauão que seria assi antre
aqueles dous, & por mais conformes q̃
elles esteuessem, que eles os reboluerião
com seus mexericos de que erão muy-
to bõs officiaes: & por isto se desagasta-
rão logo, & não deixarão de fazer cra-
uo ho mays encubertamente q̃ podião.
Mas tambẽ Gonçalo pereyra atalhou a
isto, com mãdar apregoar sob certa pe-
na que toda pessoa que teuesse dachem
em sua casa, que asi chamã ao peso cõ
que pesam ho crauo, ho leuasse ao fey-
tor Luys dandrade pera ho quebrar &
queimar, porq̃ dali a diante não auia da
uer mais q̃ dous pesos, ãbos de hũa mar
ca, hũ na feitoria, & outro ẽ casa da ray-

nha,pera que todos os que vendessem crauo ho fossem lá pesar, pera se saber quanto crauo vinha á feytoria, & quãto rendia: & que ho feitor auia dir buscar as casas, & se achasse algũ Dachem, quem quer que ho teuesse auia de pagar a pena. E este pregão se comprio muy inteyramente, & todos os dachẽs forão leuados a Luis dandrade que os queimou & quebrou: & mandou fazer dous nouos, hũ pera a feytoria, & outro pera a raynha. E porq̃ os Portugueses tinhão comprado muyto crauo, pelo que ja aq̃le anno se podia auer pouco pera el Rey, mandou a todos os que ho tinhão que vẽdessem ho terço dele a el Rey pelo preço da feytoria, o que eles fizerão muyto cõtra sua vontade. E sabẽdo q̃ se estaua carregando hũ jungo dũ mercador chamado Nacoda catimo pera ho leuar á ilha da Iaoa carregado de crauo, mandou ho tomar pera el Rey, por ser despois do pregão da defesa do crauo, & pagalo polo preço da feitoria: & acharão q̃ tinha setenta & tantos bares de crauo. E nesta carregação tinha parte a raynha de Ternate, & algũs Sangajes que se calarão, porq̃ Gonçalo pereyra não soubesse q̃ eles quebrauão ho regimento del Rey de Portugal, & tãbem porq̃ ho crauo era tanto q̃ os mouros rogauão coele. Neste tẽpo foy Gõçalo pereyra auisado, q̃ na ilha de Maquiem estauão varados seys jungos de mouros pera fazerẽ crauo, & na ilha de Bachão cinco sobre ancora pera o mesmo, que erão da Iaoa, Báda, & Amboino. E dando conta disto a Bras pereyra capitão mór do mar, mãdoulhe q̃ os f[...] se deitar fora, porque não carregassen[...] E bras pereyra não quis ir, dizendo q[...] não hia a Maluco se não pera fazer pr[...]ueito: & não auia dandar darmada co[...]rẽdo as ilhas, gastando o q̃ tinha: que [...] a ida fora proueitosa q̃ logo a fizera. [...] por mais requerimentos quelhe Gõç[...]çalo pereyra fez p̃a ir, nũca quis ate lh[...] dizer q̃ lhe alargaua a capitania mór d[...] mar, & q̃ se iria pera a India na mouçã[...] seguinte pois ho apertaua tanto. E pe[...]diolhe logo licença pera se ir, dizendo [...] se lha não desse q̃ a tomaria. E Gonçal[...] pereyra dissimulou coele, porque nã[...] abrisse caminho a outros: que vendo [...] aq̃le q̃ era seu parẽte ho deixaua em ta[...] tempo, que farião eles q̃ não lhe erão n[...]da: & disselhe que não se fosse, q̃ não h[...] queria mandar pois não era sua võtad[...] de ir. E cõtudo Bras pereyra ficou mu[...]to escandalizado, & quasi seu ĩmigo[...] E Gõçalo pereyra não ho pode castiga[...] por não se amotinar, & amotinar ou[...]tros quelhe farião grande mingoa, po[...]la grãde necessidade que tinha de gẽte[...] E porque Bras pereyra isto sabia fazi[...] aqueles feros. E vendo Gonçalo perey[...]ra que ele não queria ir, cometeo a ida [...] Lionel de lima, que com quanto era capitão del Rey, & aquela ida era muyto de seu seruiço, a não quis aceitar, nẽ aceitou ate que lhe Gonçalo pereyr[...] prometeo a capitania do primeyro nauio ou jungo, que mandasse á India cõ crauo, em que podesse leuar o que teuesse,, & lhe pagaria ho ordenado da galeota. E por derradeyro quando foy

não

não achou nenhũ jũgo, porque foy tãto ho vagar que primeyro os ternates mã darão auiso aos capitães dos jungos, & eles se forão com medo de lhos meterem no fundo.

CAPIT. XXV.

¶ Da desauença que ouue antre dom Iorge de meneses & Gonçalo pereyra.

COmo quer que ho diabo trabalha sempre por toruar ho seruiço de Deos: & onde vê mayor feruor, hi põe mayores forças pera ho impedir. Asi fez aqui, que não trazendo Gõçalo pereyra ho pensamento, se não como seruiria nosso Senhor & a el Rey: & a maneyra q̃ teria pera ter aq̃la terra em paz em quanto nela esteuesse, & fizesse ter aos homẽs boa ordem em sua vida, pera que ficasse exemplo a seus sucessores: ouue Portugueses tão pouco Christãos, & tão bestiaes, que por ele fazer isto lhe tinhã mortal odio, & asi a Luis dandrade. Porq̃ por ter ho mesmo dese jo, que ele tinha de seruir el Rey ho aju daua quanto podia por sua parte, & to mauão estes imigos por causa de suas abominaueis võtades, dizerẽ que Gõça lo pereyra queria vsar o que nenhũ capitão vsara de goardar tão inteiramẽte ho regimento acerca do crauo. E o que os mais atormentaua verẽ a grãde amizade que Gõçalo pereyra tinha com os mouros, & quanto trabalhaua pola soster cõ boas obras. E q̃ isto nã era outro fim se não por não ter necessidade dos Portugueses, & poder fazer o q̃ quisesse. E verẽ a grãde conformidade q̃ auia antrele & dõ Iorge de meneses, q̃ o que hũ queria, queria ho outro: & vendo q̃ indo aquilo asi era em seu perjuyzo, começarão de vsar de suas diabolicas manhas, & ordir odio & imizade antre Gõçalo pereyra & os mouros, & antrele dõ Iorge, dizẽdo aos mouros q̃ Gõçalo pereyra os queria ter sugeitos, & q̃ não vẽdessem ho crauo, não mandando el Rey de Portugal tal cousa, nẽ menos ho gouernador da India: & ele por se mostrar bõ seruidor q̃ria fazer mais do q̃ lhe mãdauão: que não sabia como a raynha & os mãdarĩs cõsentião aquilo. E a Gõçalo pereyra hião dizer q̃ dõ Iorge dizia á janela de sua pousada aos q̃ passauão pola rua, que ele Gõçalo pereyra auia de prẽder a raynha, & algũs seus priuados. E isto dizia por se a raynha ir da cidade, & fazer aleuãtar os mã timẽtos: & q̃ se lhe não quisera muyto grãde mal & desejara muyto de ho dãnar que ho não dissera, mas q̃ lho queria & desejaua de ho ver em necessidade: porq̃ asi tãbẽ dizia, q̃ quãdo se partisse q̃ auia de leuar da fortaleza quanta gẽte podesse, porq̃ não teuesse cõ que a defẽder aos mouros. E q̃ em Banda auia de tomar ho nauio a Hanibal cernije, porq̃ era seu cunhado, & mãdar pedir seguro ao gouernador antes de chegar á India: & quãdo lho não desse q̃ se auia daleuãtar, & segũdo dõ Iorge era determinado q̃ ho faria asi, por isso q̃ ho deuia de prẽder em ferros. E a dõ Iorge de meneses diziãlhe q̃ não se fiasse da amizade que lhe mostraua Gonçalo pereyra, porque na deuassa não lhe goardaua nenhũa, antes se mostraua seu immigo

mortal, porque prouocaua as teſtemunhas a que diſſeſſem mal dele. E quãdo ho não querião dizer, que dizia q̃ não ſabia, porq̃ aqueles vilãos dauão ſua alma ao diabo por amor de dõ Iorge, & ſobriſſo lhe dizia outras palauras injurioſas, & fazia eſcreuer o que dizião ao contrayro. E dizião, que por ſer parente de dom Garcia anrriquez lhe queria tamanho mal: que ho auia de deſtruir, pois lhe não podia tirar cõ hũa eſpingarda. E poſto que pola primeyra Gonçalo pereyra, & dõ Iorge não creſsé iſto, tantas vezes lho diſſerão, & tantos modos buſcarão eſtes mexeriqueiros pera lho meterẽ na cabeça, & mais ho diabo que os ajudaua que ho crerão: & começarão de criar odio hũ ao outro, & como ele foy crecendo aſsi, não ſe fiaua hũ do outro. E veo a deſconfiança a crecer tanto, principalmente em dõ Iorge: que mandou pedir a Gonçalo pereyra que lhe deſſe hũa certidão de como lhe entregara aq̃la fortaleza de paz cõ tãtas peças dartelnaria com as q̃ tomara aos caſtelhanos, & aſsi ſeys nauios & outras couſas, porque lhe era neceſſaria pera el rey ſaber ho ſeruiço q̃ lhe tinha feyto. Ao que Gonçalo pereyra reſpondeo, q̃ não lhe auia de dar tal certidão, porque a terra não eſtaua de paz cõ a fortaleza quando lha entregou, antes muy abalada pola morte de Cachil daroes, & do regedor de Tabona, & da injuria q̃ fora feyta a Cachil vaidua, & a raynha fugida de Ternate, & os ſeus mandarins, & ho Sangaje Cachil humar rebelado por amor das pareas que lhe poſera, & el rey de Tidore queixoſo por lhe fazer outro tãto. E por de todo em todo Gõçalo pereyra não querer dar eſta certidão, tirou dõ Iorge hũ eſtormẽto dele: pelo q̃ de cada vez crecia mais ho odio antreles. E ſobriſto fugirão da fortaleza ſeys Portugueſes, de que hũ era piloto: deſtes ſeys ſe forão dous ꝑa os caſtelhanos, & os quatro caminho de Bãda em hũ parão da terra. E tãto q̃ eſtes homẽs deſaparecerão, foy dito a Gonçalo pereyra, q̃ dom Iorge & ſeu jrmão dõ Vicente os mandarão diante: & aſsi auia de mandar os mais que podeſſe. O que ſabido por Gonçalo pereyra, condenou eſtes fugidos em perdimento das fazẽdas pera el rey q̃ logo forão vẽdidas em leylão, & ho dinheiro entregue na feitoria. E de dous deſtes q̃ logo forão tomados em hũa ilha ſe ſoube em juyzo q̃ era verdade que ſe hião por mãdado de dõ Iorge, & de ſeu jrmão dom Vicẽte, & lhes derão vinte mil caixas pera o caminho, & ſete patolas, & lanças, eſpingardas, & outras armas: & lhes diſſerão que cedo iria outra barcada apos eles. E com ho teſtemunho deſtes homẽs, acabou Gonçalo pereyra de dar credito ao que lhe dizião de dom Iorge: & prẽdeo logo dom Vicente ſobre ſua menagẽ, & dous criados de dõ Iorge em ferros por amor dos dous homẽs dos quatro q̃ fugirão. No q̃ dõ Iorge não teue paciencia, & ſoltou muytas palauras cõtra Gonçalo pereyra, a que logo foy diſcuberto: que ho jũgo que dõ Iorge tinha começado pera ſi, ſe fazia cõ a pregadura, breu & eſtopa del Rey de Portugal,

& á sua custa pagaua tambẽ os officiaes. E pera mayor certeza disto, que fossem a casa Dafonso pirez hũ amigo de dom Iorge, & hi acharião muyto ferro, & outras cousas que dõ Iorge de meneses tomara dos almazens, quando soube q̃ Gonçalo pereyra vinha á vela pera tomar ho porto de Talãgame. E logo Gõçalo pereyra foy buscar a casa Dafonso pirez, em que achou quinze quintaes de ferro que tomou pera el Rey, por lhe Afonso pirez dizer que dom Iorge os mandara ali meter: & asi tomou ho jũgo pera el Rey. E receando q̃ dom Iorge se leuantasse, tirou hũ capitão doutro jungo que hi tinha dõ Iorge, q̃ chegara q̃ era seu, & deu a capitania a Lionel de lima ĩmigo de dom Iorge. E isto porque ho jungo auia de tornar pera a India, & Gõçalo pereyra lhe tinha prometida a capitania do primeyro nauio q̃ fosse pera a India. E sobristo tirou dõ Iorge muytos estormentos de Gõçalo pereyra, & ele deuassou de dom Iorge sobre a morte de Cachil daroes, & do regedor de Tabona, & da injuria q̃ foy feyta a Cachil vaidua, & sobre mandar enforcar hũ Portugues nas ilhas dos papuas, & asi sobre outras culpas q̃ lhe punhão. E por derradeiro quãdo foy tẽpo de partir, que foy em Feuereyro de mil & quinhentos & trinta & dous, ho entregou preso em ferros a Lionel de lima seu ĩmigo. E não lhe valeo requerer a Gonçalo pereyra, que lho não entregasse por ser seu ĩmigo, que ho desse a Hanibal cernije que hia tambem pera Banda. E porq̃ Gonçalo pereyra receaua que dom Iorge tomasse em Banda o nauio a Hanibal cernije como dizião, não quis dar licença a nenhũ seu amigo pera ir naquela armada, nẽ a seu jrmão dõ Vicente. E deu a Lionel de lima as deuassas que tirara de dom Iorge, & escreueo hũa carta muy larga ao gouernador Nuno da cunha, acerca das cousas de dom Iorge, dizendo que perguntasse por elas a Lionel de lima, & ao vigairo que fora da fortaleza & ao meirinho. E asi lhe screuia tambem como ficaua a fortaleza, & quão trabalhosa era por amor das desordẽs dos Portugueses, & asi outras cousas necessarias. E mandou pera el Rey cincoẽta bares de crauo, que foy ho primeyro capitão q̃ ho mandou. E na conserua de Lionel de lima hia Hanibal cernije ate Banda, pera trazer dahi fazenda pera a feytoria. E a raynha de Ternate escreueo tambẽ a el Rey de Portugal, & ao gouernador da India, fazendolhe queixume de dom Iorge, & mandou cõ as cartas ate a India dous criados seus, a que encomẽdou muyto que visem bẽ que poder tinha el Rey de Portugal na India. E leuado dõ Iorge tãto a recado como digo, foy ter á India, donde ho gouernador ho mandou preso pera Portugal, porq̃ por ser da qualidade que era não quis julgar as culpas que lhe punhão, & asi ho escreue á raynha de Ternate. Cujos criados quãdo virão mandar dõ Iorge pera Portugal, & q̃ não fazião dele justiça na India dizião, q̃ antre os Portugueses não auia justiça pois alargauão tanto ho castigo das culpas: que pera bẽ se auião

de

de castigar õde se cometião, & que dali por diante não esperarião q̃ lhes fizessem justiça.

CAPIT. XXVII.

¶De como se perderão no mar dom Fernando de lima de Sanctarem & Lopo dazeuedo.

NEste inuerno que ho gouernador Nũno da cunha teue em Goa, não quis prouer a capitania da fortaleza que estaua vaga, & ele seruio de capitão por poupar o ordenado a el Rey, & deu a ouuidoria géral da India ao licenciado Lopo fernandez de castanheda meu pay ouuidor de Goa, & por sua industria crecerão as rendas de Goa vinte mil pardaos. E no cabo deste inuerno chegou a Goa Antonio botelho capitão do bargantim que ficou em Adem cõ cartas damizade del rey Dadé pera ho gouernador, em q̃ lhescreuia como Mustafa & Gojeçofar despois de leuãtados de sobre Adem se partirão com vinte seys velas pera a India. E despois deste na ẽtrada Doutubro, chegou Eytor da silueira com sua armada, & deu conta ao gouernador do que fizera em Adem. E lhe contou como dõ Fernando de lima, nem Lopo dazeuedo não forão a Ormuz, nem sabião nouas deles, pelo que se cria serem perdidos: & assi foy que nunca mais parecerão.

CAPIT. XXVIII.

¶De diuersas armadas que partirão pera a India.

NEste anno partirão de Portugal cinco naos pera a India sem capitão mór, de q̃ forão capitães Manuel de brito, Fernão camelo, Frãcisco de sousa tauares, q̃ hia por capitão de Cananor, Pero lopez de sam Payo pera capitão de Goa, & Luis aluarez de payua. E despois da partida destas naos, partio pera a ilha de sam Lourenço Duarte dafonseca por capitão mór de seu jrmão Diogo dafonseca a buscar a gẽte da nao de Manuel de lacerda, & ambos se perderão. E os capitães das cinco naos da carrega leuarão muyto roim viagẽ, & os tres primeyros chegarão a Goa no mes Doutubro em diuersos dias. E despois disso se partio ho gouernador pera Cochim, & sendo là chegou ẽm Nouẽbro a nao de Pero lopez de sam Payo, a que morrerão na viagẽ duzentos Portugueses a fora escrauos, & os mais morrerão doudos. E milagrosamente chegou defronte de Cananor por não auer quẽ mareasse as velas, & auia dias que as não guindauão, nem amaynauão, & acodiolhe Diogo da silueira que andaua na costa, & a leuou à toa a Cananor. E chegado ho gouernador a Cochim, despachou pa Portugal as naos: & primeyro que partissem, mandou Niculao jusarte em hũ nauio com nouas a el Rey do que passaua na India. E deixãdo em Cochim Antonio de saldanha pera leuar a armada que hi estaua se tornou a Goa.

CAPIT. XXIX.

¶De como foy morto Hagamahumed por dõ Manuel telo de meneses.

COmo quer que ho gouernador determinasse de ir este anno sobre Diu, vsou de hũ ardil a fim de coele alcançar fortaleza em Diu, sem morte

te de gente. E foy mádar a Diu primeiro que ele fosse Coje percoli hũ mouro Persiano, em que tinha grande confiança por ser bõ homem, & auer muytos annos que era morador em Goa. E este mouro auia destar em Diu, pera q̃ quando ho gouernador fosse cõ sua armada, conselhasse a Melique tocá capitão de Diu, q̃ desse fortaleza ao gouernador, porq̃ lhe não tomasse a cidade, fazendolhe ho poder que ho gouernador leuaua muyto mayor do que era. E que aq̃le conselho lhe daua como amigo, & quádo Melique ho não tomasse, que visse bem o que determinaua, & se saisse da cidade pera lho dizer. E cõ lhe fazer grádes merces, se partio Coje percolim como mercador, q̃ hia Dormuz com mercadoria. E despois da partida deste mouro, começou dese ajũtar em Goa a armada que ho gouernador auia de leuar: & por seré os nauios muytos, & não caberem no rio de Goa, asi como chegauão asi se partião pa Chaul, donde auião de partir todos jũtos pera Diu. E despois de seré partidos, partiose ho gouernador com a armada q̃ tinha em Goa pera Chaul em dia dos Reys, do anno de mil & quinhentos & trinta & hũ. E chegando a Chaul pera saber o que hia na costa de Cambaya, mádou ha descobrir per dom Manuel de menesestelo, Luis falcão & outro fidalgo, q̃ me não lembra seu nome, que forão em tres catures armados. E chegando todos tres juntos perto da ilha das vacas, toparão de supito cõ Hagámahumud, aquele mouro deque contey no liuro quinto, que tanta guerra fez aos Portugueses: que andaua por capitão de vinte fustas em goarda daquela costa, em que trazia muyta & muyto boa gente de guerra. E auendo ele vista dos tres catures, & conhecendo que erão de Portugueses, foy contreles com sua armada. Dõ Manuel & os outros dous capitães, que virão hũa armada tamanha, parecé dolhe que seria mais doudice que valétia pelejar coela, começarãse de recolher seus passos contados, porque não cuydassem os mouros que fugia, que cõ tudo não deixarão de os seguir, apertando ho remo quanto podião, principalmente Hagamahumud, cuja fusta era mais remeyra que todas, & asi leuaua a dianteyra a todas: & hia alcançãdo ho catur do a que não soube ho nome, por ser zorreyro, & não se remar tambécomo os de dom Manuel, & de Luis falcão, & quasi que ho hia abalrroando. O que védo dõ Manuel, posto que ho perigo de ho socorrer era muyto gráde não deixou de ho fazer. E fazendo volta atras a boga arrancada, remeteo á fusta de Hagamahumud, & em chegãdo bordo cõ bordo, q̃ os Portugueses quiserão saltar dentro na fusta, quis nosso Senhor poer tamanho medo nos mouros q̃ vinhão nela, q̃ se acolherão todos ao outro bordo. E em se recolhendo & a fusta çoçobrãdo, tudo foy hũ: que não teuerão os Portugueses tempo pera saltar dentro. E o que ouuerão de fazer na fusta fizerão fora, que foy matarem nagoa os mais dos mouros, & ãtreles foy Hagamahumud. E porq̃ a mayor parte

te de sua armada se vinha chegãdo, cõtentouse dom Manuel com saluar ho catur. E mandando cessar da morte dos mouros, fezlhe dar hũ cabo pera ho ajudar a surdir, & foyse coele & com Luis falcão pera Chaul, õde se soube logo a morte de Hagamahumud. Do que ho gouernador foy muyto ledo, & deu por isso muytos agardecimẽtos a dom Manuel: & não tão sómente por a valẽtia que fez em se auenturar com tamanho perigo a saluar ho catur & salualo, mas em ser causa da morte de Hagama humud, ho mais valente & esforçado capitão que tinha el rey de Cambaya, & que mais ardijs de guerra sabia: & q̃ ho gouernador temia tanto, que não receaua de ter outro estoruo pera não tomar Diu, se não este mouro, que sabia q̃ auia destar dẽtro, & que Melique tocão se regia por ele em tudo. E quando soubeq̃ era morto, deu ho feito de Diu por acabado como ele desejaua, & asi ho derão os capitães & fidalgos da armada, dizendo: que nenhũa cousa podera suceder tão importante pera se tomar Diu como a morte de Hagamahumud. E asi fora se ho gouernador não se deteuera tanto como se deteue em Chaul q̃ forão dez dias mais do necessario, & despois na ilha do betele. E nesta detẽça veyo a Diu ho socorro que direy a diante: & forã os mouros q̃ estauão nele auisados pelos de Chaul de tudo o q̃ o gouernador determinaua, & do poder q̃ leuaua. E os mesmos mouros se espantauão de indo ho gouernador a hũa empresa tamanha fazer tanta detença: & tambem se espantauão muyto, que sendo são, quãdo caualgaua hia encostado a hũ moço desporas. E zombando daquilo dizião, que não era aquele ho homem que auia de tomar Diu.

CAPIT. XXX.

¶ De como ho gouernador Nuno da cunha partio de Chaul pera a cidade de Diu.

Acabadas estas detenças, partiose ho gouernador com a mais poderosa armada do que ate aquele tempo se ajuntára na India, que era de quatorze galeões todos grandes, fortes & bem artilhados, & seys naos Portuguesas, & dezasete galés & galeotas, & hũa galeaça, & duas carauelas, & cẽto & doze fustas, bargãtins, catures, jũgos: & outros nauios de diuersas feyções, que com os de guerra fazião perto de trezentas velas. E nos de guerra hião quatro centas peças dartelharia grossa, basiliscos, espalhafatos, camelos, esperas liões, serpes, saluagẽs, a fora a miuda, que era grande soma. A gẽte que hia nesta armada erão tres mil Portugueses, & tres mil Malabares, & dous mil Canarins frecheiros, & espingardeyros. Os principais capitães forão Eytor da silueira, Diogo da silueira, Antonio da silueira de meneses Antonio de saldanha, Manuel de brito, Ruy gomez da graã, Martĩ afonso de melo jusarte, Martĩ de crasto, Ruy vaz pereyra, Vasco da cunha, Franscisco da cunha, Manuel de sousa, Antonio de lemos, Fernão rodriguez barba, Anrriq̃ de macedo, Lopo de mezquita, Fernão de morais, dom Fernando deça, Frãcisco de vascõcelos, Manuel de vasconcelos,

s, Ambrosio do rego, Nuno barreto, onçalo gomez dazeuedo, Francisco e saa, Fernão de lima, Ioão da silueira, nrrique de sousa, Manuel dalbuquer-ie, Tristão dataide, Luis falcão, Anto-o de saa, Iurdão de freytas, Tristão go ez da graã, Nuno fernãdez freire, Io-n mẽdez de macedo, Diogo botelho ereyra. E pera que a frota fosse em boa dem & goardada, fez tres capitanias da hũa de vinte bargãtins & catures: fez delas capitães a Manuel dalbuqr-ie, Tristão dataide, & Luys falcão. E ãte da armada obra de hũa legoa auia ir Antonio correa de Goa, descobrin ho mar com certos catures. E indo esta ordem bẽ de vagar, foy ter a Da-ião, donde auia datrauessar a enseada era Diu: & porq̃ despois não podia to ar outro porto, tomou ho deste lugar, ie com ho medo da nossa armãda esta despouoado, & asi a fortaleza q̃ era rte cõ suas portas forradas de metal. aqui foy dita hũa missa cõ grande so-nidade, em hũa tenda q̃ se armou pera so, & prẽgou frey Antonio padrão co issairo na India do menistro da ordẽ a obseruancia de sam Francisco. E en-omendou muyto da parte de nosso Se hor, q̃ pelejassem todos cõ muyto es-orço pera tomarem Diu, onde nosso enhor era muyto offendido cõ as abo-ninações da falsa seyta de Mafamede, geralmẽte assolueo todos de seus pe-ados. E dita a missa, mandou ho gouer ador dar hũ pregão Real, q̃ dizia. Ou-i, ouui, ouui ho mãdado do muyto al-o, & muito podero Principe el Rey dõ Ioão de Portugal nosso senhor, que por galardoar ho esforço & valentia dos q̃ se atreuerem a sobir primeyro nos mu-ros de Diu, & leuantarẽ neles esta ban-deyra por sua Alteza, em seu nome lhe faz o senhor gouernador merce ao pri-meyro de quinhentos cruzados, & ao segundo de quatrocẽtos, & ao terceyro de trezentos. E despois disto, porque ho gouernador sabia por Antonio correa que oyto legoas de Diu estaua hũa pe-quena ilha quasi pegada com a terra fir me, onde por ser muyto forte el rey de Cambaya mãdaua fazer hũa fortaleza, pera o que tinha hi hũ capitão turco cõ dous mil homẽs de peleja Guzarates, & Abexins, & algũs Turcos: & mil de trabalho que trabalhauão na fortaleza, de que estaua feyta algũa parte dos mu ros, & dos cobelos, mas pouca cousa. Teue conselho com os capitães princi-pais da armada, se daria nesta ilha pri-meyro q̃ em Diu. E moueo a poer isto em conselho, saber que a voz de todos era que se desse primeyro naquela ilha q̃ em Diu: posto q̃ sua determinação era de não se entremeter em nenhũ feyto ate não tomar Diu. E asi ho disse no cõ selho, em que ouue diuersos pareceres: porq̃ hũs dizião que era bẽ cometer pri meyro a ilha q̃ dessem em Diu, porq̃ se passassem sem a tomar, como os mou-ros erão mais de mostras q̃ de obras, to-marião tamanha soberba cuidãdo q̃ era de medo, que aquilo abastaria pera lhes dar esforço com que se defendessem. E por isso era necessario não passar sem to mar a ilha, porque isso seria causa de os

mouros deſconfiarẽ de ſe defenderem. Outros dizião que não era bẽ cometerſe a ilha, porq̃ como ela era muyto forte por ſer a mayor parte cercada de rochedo, & menos gente da q̃ eſtaua nela a poderia defender. Podia ſer q̃ aconteceſſe algũ perigo no cometimento, & qualquer q̃ foſſe daria muyta quebra a tamanha armada como aq̃la era & tão poderoſa. E os noſſos vendo q̃ tão pouca couſa como a ilha (a ſeu reſpeyto) lhes daua que fazer, eſperãdo que em Diu por ſua grandeza, & fortaleza achaſsẽ mais reſiſtencia perderião ho esforço q̃ leuauão pera o tomar. E os mouros pelo cõtrayro: o q̃ ſe deuia muyto de recear, & por iſſo não ſe deuia de cometer a ilha. E como do outro parecer erão mais q̃ deſte, aſſentouſe q̃ ſe tomaſſe a ilha primeyro que Diu, & aſsi ho aſsinarão todos em hũ auto que foy feyto pelo ſecretario Simão ferreyra.

CAPIT. XXXI.

¶ De como ho gouernador pelejou na ilha do betele com ho capitão del rey de Cambaya, & lha tomou.

ASſentado q̃ a ilha do betele ſe deuia de tomar, partioſe ho gouernador, leuando a ordẽ que trouuera ateli. E atraueſſando ho golfão da enſeada, chegou hũa manhaã a eſta ilha, que ſe chamaua então do betele, & agora ſe chama dos mortos, que como diſse eſtá oyto legoas de Diu, quaſi pegada cõ a terra firme terá hũa legoa de roda pouco mais ou menos: da banda do norte té hũ canal daltura de tres braças, & da bãda do ſul hũs ilheos com q̃ fica eſtreita a paſſagem pera a terra firme. Da de leſte tẽ ho rio q̃ a aparta da terra firm[e], da doeſte ho mar. E de todas he cerca[da] de alto rochedo, & fica muyto alta ſ[o]bre ho mar. E pera ſer hũa das mais f[or]tes couſas do mundo, não lhe falta[ua] mais que ſer cercada de muro, que l[he] el rey mandaua fazer, pera fazer out[ro] Diu, receando q̃ lha tomaſſem: porq[ue] de nenhũa parte ſe podia tambẽ faz[er] guerra a Diu como dali, do que os g[o]uernadores tinhão pouco cuydado. [A] eſta ilha chegou ho gouernador hũ d[ia] pola manhaã: & vẽdo os mouros tam[a]nha armada, temerãſe q̃ os tomaſſe[m]. E querendo fazer concerto com ho g[o]uernador, auido ſeguro dele, foylhe f[a]lar ho capitão da ilha: & pediolhe q̃ [o] deixaſſe ir com ſuas molheres, filhos [&] fazẽdas, & que lhe deixaria a ilha. E [ho] gouernador não quis, ſe não q̃ ele ſõ[men]te ſe foſſe com ſuas molheres, filhos [&] fazẽda: & que os outros ſe lhe auião d[en]tregar, & ho capitão não quis. E iſt[o q̃] ho gouernador fez, foy contra ho par[e]cer de todos. E aquele dia aſſentou [ho] gouernador, q̃ ao outro dia deſſe na il[ha] manhaã clara: & a primeyra entra[da] foſſe Deitor da ſilueira, que cometeſ[ſe] da banda do ponente onde eſtaua a p[or]tã da fortaleza, & da banda do leuan[te] Diogo da ſilueira, & da do ſul Marti[m] Afonſo de melo juſarte, & Franciſco [de] ſaa, & os outros capitães irião repar[ti]dos coeles. Iſto aſſentado, foy Marti[m] afonſo de melo juſarte em anoytecẽ[do] por mãdado do gouernador ver ho d[e]ſembarcadoyro da ilha. E achando q[ue] era bõ, tornou cõ recado ao gouern[ador]

do

lor,& despois ao seu nauio. E confessouse, & encomédouse a nosso Senhor, omo fazião todos os da armada. Os nouros como estauão determinados e morreré antes que se entregarem, fierão setecentos deles os cercilhos cono clerigos, q̃ asi ho custumauão quálo determinão de morrer: & estes se hamão boluches, gente de feyto. E ho eu capitão queymou suas molheres, fihos & fazenda: & asi ho fizerão todos os casados, por não terem embarcação era passaré a terra firme, & a géte pobre passou a nado. E ho tesoureyro del ey de cambaya, se passou em hũa pequena jangada de madeyra com ho dinheiro que tinha. Asi que não ficou na lha mais que a gente de peleja. que acabando de queymar as molheres, & os ilhos, q̃ foy tres ou quatro horas ante nanhaã, derão fogo a essa artelharia q̃ inhão por mandado do capitão, & coe a, & com espingardas começarão de ti ar a algũs nauios nossos que estauão a ombra da ilha, & tão perto que ouião os nossos aos mouros chamarlhes perros, & que ali auião de morrer. E os nossos lhe começarão també de tirar, & era ho lũar tão claro que os enxergauão muyto bé, & começouse hũ aspero jogo de bombardadas, & espingardadas de hũa parte & doutra. E védo ho gouernador que se gastaua naquilo a poluora dos nossos debalde, não quis estar polo que se determinára no conselho de dar na ilha manhaã clara, & mádou dar logo, que foy muyto ante manhaã, pera o que mandou fazer sinal cõ as trõbetas & charamelas: o que foy grande erro, pelo q̃ se disso seguio. Ouuido este sinal pela armada, embarcarãse logo todos com grande pressa hũa quinta feyra a dous dias de Feuereyro, dia da purificação de nossa Senhora. E cometerão cõ seus capitães a ilha pelas partes que lhes forão asinadas, não cessando os mouros de desparar sua artelharia & espingardaria, mas não fazião nojo coela. Eytor da silueira por ter a primeira entrada, foy o que cometeo primeyro a porta da fortaleza, q̃ os mouros tinhão entulhada de pedra & terra. O q̃ os nossos não entenderão cõ ho açodaméto q̃ tinhão de a quebrar, & també não o exergarão cõ a sombra do muro, & trabalhauão pela derribar cõ hũ vay & vé. E tãto ádarão neste trabalho q̃ amanheceo, & étão enxergarão como a porta estaua, & disserão no a Eytor da silueira que estaua ao pé da escada, q̃ ficou muy agastado porlhe teré feridos algũs despingardadas, & ter necessidade descada pa sobir ao muro, & mãdou logo por ela. E entretanto ficou ás espingardadas com os mouros, q̃ não recebião tãto nojo por estarem cubertos cõ ho muro, como fazião aos nossos que estauão descubertos. E nisto derão hũa espingardada a Eytor da silueira na coxa da perna dereyta que lha vazou, passandolhe as escarcelas: & achouse logo tão mal q̃ ho leuarão ao batel. E chegando á escada, sobio a sua gente ao muro: & ho cõtramestre do seu galeão, a q̃ não soube ho nome, não podendo sobir pela escada por a gente ser muyta, sobio pola lã-

ça q̃ leuaua ate que láçou a mão ezquerda ao muro, & se pegou. E arrancando cõ a direyta a espada, deu hũa estocada a hũ mouro q̃ ho derribou: & os outros não ousarão de chegar a ele polas espingardadas q̃ os nossos tirauão muy bastas. E neste tẽpo começarão os mouros de despejar daq̃le lugar, porque ouuião grande grita, & reuolta na ilha: & foy q̃ nesta detença q̃ os Deitor da silueira fizerã em sobir, cometeo Diogo da silueira pela parte que lhe foy assinada: & foy ho primeiro capitão q̃ subio, & subirão coele dez homẽs do galeão, ẽ que hia Martim de crasto capitão dele, Fernão de crasto, Gil de crasto, Luys coutinho, Francisco de sousa, Payo rodrigues daraujo, Antonio de sá, Lionel de sousa, Ioão aluarez dazeuedo: & Anrique de sousa ho galego. E a pos estes sobirão logo Diogo de melo, Fernão de lima, Lionel de lima, Iorge de lima, dom Vasco de lima Vasco pirez de sãopayo, dom Manuel de meneses, dom Francisco de crasto, & outros a que nã soube ho nome, q̃ erã dez: & acharão Diogo da silueyra cõ os outros q̃ os tinhão os mouros em grande aperto por serẽ muytos, & eles poucos. E se estes não sobreuieram virãse em grã de fadiga: & cõ sua vinda & de Martim afonso de melo: que chegou cõ sua gẽte os fizerão afastar: & carregando sobre eles os leuarão ate jũto de hũ cobelo, onde se apinhoarão bem quatro centos, & aly fizerão rosto aos nossos, pelejando brauamẽte cõ espingardadas & frechadas: & algũs que estauão no Cobelo os ajudauam de çima cõ pedras & cantos q̃ deytauão aos nossos. E acertou hũ canto na cabeça a Diogo da silueyra, q̃ foy ho primeiro q̃ chegou a elles q̃ ho derribou: & assi forão derribados outros que quiserão chegar coele. Porẽ Diogo da silueira & eles se eleuantarão, & era a peleja tamanha q̃ era espãto. E cõ quanto a este tẽpo se tinhão ajuntados muytos dos outros capitaẽs cõ Diogo da silueyra, não podião entrar os mouros, tambẽ se defendião: principalmẽte despois q̃ foy ter coeles ho seu capitão cõ outros tres mouros de caualo. E deçẽdose se ajuntou coelles esforçãdoos cõ grandes alaridos. E tambem da nossa parte se ajuntarão todos os capitães q̃ eram ja entrados cõ sua gẽte; & de cada vez a peleja era mais aspera. E estãdo em peso remeteo Iorge de lima ao capitão dos mouros & ferioho de maneyra q̃ ho matou: & cõ sua morte enfraqueçerão os mouros, de que muytos erão mortos: & se forão recolhendo pera hũa mezquita, onde se meterão muytos, & outros q̃ não poderão por os nossos os apertarẽ, fugiram cõtra as barrocas da banda do mar, & parte dos nossos ficarão cõ Diogo da silueyra pelejando cõ os que se acolherão à mezquita, parte forão seguindo os q̃ fugião caminho das barrocas, por onde se lançauam abayxo: & muytos destes forão mortos. E matãdo hũ Portugues hũ mouro, outro mouro que hia em sua companhia, vendo que nã podia escapar, virou ao Portugues pera ho ferir, & ele lhe deu cõ a lança polos peytos & ho passou da outra parte, & ho mouro se deixou correr pola lança assi atrauessado, ate se ajuntar cõ ho Portugues

ugues & deulhe hũa cutilada cõ hũ ter-
ado que lhe cortou hũa coxa cercea, &
airão ambos cadahũ pera seu cabo. E de
le esforço, & força auia muitos antre os
mouros, de q̃ quãtos se acolherão á mez-
quita forão mortos. E acabãdo de os ma
ar chegou ho gouernador, & achou os
nossos á caça cõ os mouros que fugião
pera as barrocas, por onde se deytauão a
correr: & muitos cayão com pressa, & fa
ziãose ẽ pedaços por aq̃les penedos, & os
outros lançauãose delles ao már, delles se
metião debaixo de lapas. E os nossos q̃
acudião todos a esta parte por ser a pele-
a acabada estauão em atalaya: & em se
os do már ou os das lapas descobrindo,
irauãolhe cõ as espingardas, & assi ma
auão muytos. E porque se perdião muy
os tiros, mandou ho gouernador q̃ não
irassem mais, & foy correr a ilha, onde
não achou nenhũ mouro, q̃ quasi todos
forão mortos & catiuos. E por isso cha-
marão dali por diãte a esta ilha á dos mor
tos. E dos nossos morrerão dõ Francisco
dabranches, Ioão aluarez dazeuedo, &
outros fidalgos & homẽs conhecidos, q̃
erão por todos dezasete. E forão feridos
cento & vinte, de que despoys morrerão
algũs. E posto que a vitoria foy grande
custou muyto caro, & deu mays perda
que proueyto, porque não auia nhũa ne-
cessidade de matar então aquelles mou-
ros, & muyto grande de poupar os nos-
sos pa tamanho feito como ho de Diu.

CAPIT. XXXII.

¶De como ho gouernador chegou a Diu, & como soube que Rumecão estaua dentro com rumes & artelharia.

Mortos & catiuos todos os mou-
ros que auia na ilha & destruida
& queymada a fortaleza que se começa-
ua, & recolhida sua artelharia, recolheo
se ho gouernador á frota com todos
os nossos, em que se logo começou den-
xergar algũ desmayo polo dano que re-
ceberão na destruyção da jlha: assi dos
mortos que eram pessoas principaes, co-
mo dos feridos, de que muytos ho eram,
& auiam de fazer grãde mingoa no fey
to de Diu, assi como Eytor da silueyra
que de cada vez se achaua peor: & era hũ
dos esforçados capitães da armada & de
bõ conselho, & ele foy hum dos que ho
deu que não se tomasse a jlha antes de
Diu. E recolhido ho gouernador dey-
xouse ali estar oyto dias esperando polo
judeu, ou polo mouro que tinha em Diu
por espias, que leuassem auiso de como es
taua, o que não pode ser, porq̃ seys dias
antes que chegasse á ilha dos mortos, po
las detenças que fez, chegou Mustafa, q̃
depoys se chamou Rumecão, que inuer
nando no estreyto (como disse a tras) se
partio pera a India com determinação de
jr morar a Cambaya, & viuer cõ elrey
que se seruiria dele polas guerras q̃ tinha.
E coeste fundamento se foy diante Co-
je çofar com ho dinheiro q̃ tinha do Tur
co, q̃ erão trezentos mil cruzados: & foy
desembarcar a Diu. E despoys chegou
Rumecão em hũ galeão, & com a outra
frota em que leuaua suas molheres, & se
yscentos rumes, & tres basaliscos de me
tal, cada hũ de trinta & dous palmos, que
erão muy fermosas peças: & assi outras
miudas, & mil & trezẽtos Arabios. E cõ

toda esta gente foy ter a Diu, onde foy muy bẽ recebido de Melique tocão, que estaua muyto medroso da grande armada que sabia que ho gouernador leuaua. E polo que ho judeu, & ho mouro lhe tinham dito estaua determinado de dar fortaleza ao gouernador. E Rumecão q̃ ho entendeo ho prouocou a q̃ ho não fizesse, poẽdolhe diante quam forte estaua Diu, assi de gente (porque auia nele treze mil homẽs de peleja) como dartelharia: porq̃ os baluartes, assi da fortaleza como da vila dos Rumes estauão muy bem bastecidos dela. E a cadea que atrauessaua ho porto que fazia muy grande impedimẽto na entrada & dentro dela setẽta & tres fustas, que era hũa grossa armada: & estaua tam forte que podia pelejar com todo ho mũdo & defenderse: quanto mais dos Portugueses que não auião de ser tantos: pelo que lhe seria cousa vergonhosa & de grãde vituperio & desonrra fazer nenhũ partido com ho gouernador quãto mays darlhe fortaleza, que pois lhe parecia que os nossos leuauão tamanho poder q̃ despejasse a cidade da fazenda & da gente q̃ não era pera pelejar, & ficasse a de peleja & a defendesse coela. E se os Portugueses podessem mais & os entrassem, q̃ estarião despejados pera se saluar. E se os não entrassem que tornarião a recolher o q̃ teuessem fora, & ficarião descansados. E isto pareceo bẽ a Melique tocão, & assi se fez, E mais mandou que sopena de morte não se saisse nenhũ dos mercadores estrãgeyros que nela estauão, porq̃ estes pelo q̃ lhe compria ajudarião a defender a cidade, & mais não darião nenhũ auiso ao gouernador do que determinauão de fazer. E por isto nem ho judeu nem ho mouro não poderam sayr da cidade & dar auiso ao gouernador, que se andara mais depressa & chegara antes de Rumecão, fizera muyto seruiço a Deos & a el Rey, & ganhara grande honra em se lhes dar fortaleza em Diu, que era a mais forte cousa que auia na India, & de que mouros & Rumes fazião todo seu fundamento, pera dali deitarem os nossos fora dela E vendo ho gouernador q̃ lhe tardaua ho recado q̃ esperaua não quis mais esperar, & partiose pera Diu, onde chegou hũ domingo á tarde onze de Feuereiro, & surgio ao már quasi hũa legoa da cidade: sabendo já a vinda de Rumecão por lingoa q̃ tomou Antonio correa. E certo que fez espanto na cidade hũa armada tamanha & tam poderosa como a nossa parecia. E se Rumecão não esteuera dentro, Melique rogara com fortaleza ao gouernador, & q̃ ho não destruisse. E ainda Rumecão teue que fazer em lho estoruar: ate dizerlhe q̃ se saisse da cidade, & que ele a defenderia cõ a gente que trouuera, & cõ os mercadores. E ele tinha mandado minar todas as ruas da cidade, & encher as minas de poluora pa lhes dar fogo, se os nossos entrassem. E mandoulhes tirar cõ os seus tiros, principalmente á capitaina, q̃ ate noite não fizerão outra cousa. E cairã tres pelouros tã perto dela q̃ o gouernador mandou alargar as amarras pa ficar mais lõge que lhe não fizesem os pelouros nojo. E nũca quis mandar tirar á cidade, esperando ainda por recado das suas espias, pera determinar o que auia de fazer.

CAPIT. XXXIII.

¶De como ho gouernador deu bateria a Diu, & do que lhe aconteceo.

AO outro dia em saindo ho sol apareçeo muyta gẽte polos muros & baluartes da cidade, vestidos de cabayas de graã que se vião muyto bẽ, & logo os basiliscos dos rumes começarão de disparar & tirauão pelouros de metal: & de ferro coado de peso do ytẽta arratẽs, segũdo se vio por algũs q̃ cairã em nauios nossos, q̃ nam fizerão nojo. E vendo ho gouernador isto & que não vinha nenhũa das suas espias desesperou de virẽ, & determinãdo de dár bateria á cidade por már mandou a Antonio correa que chegasse até a cadea q̃ çarraua ho porto pera descobrir a artelharia q̃ auia nos baluartes, & se estaua algũa armada no porto, & Antonio correa foy costeãdo a ilha cosido cõ terra, po lo não pescar a artelharia, asi dos baluartes da cidade como do da vila dos rumes, que chouia sobre eles pelouros, & asi ho galeão dos rumes q̃ estaua de fora da cadea, & as fustas q̃ estauão de dentro, ho q̃ tudo muy bem visto por ele se tornou ao gouernador q̃ estaua no galeão são Dinis cõ Eytor da silueyra, q̃ se finou aq̃le dia da espingardada q̃ lhe derão na ilha dos mortos. E sua morte fez grande espanto na gente comũ por ele ser dos principaes capitaẽs da armada & bem quisto, & sabendo ho gouernador por Antonio correa como á cidade estaua forte pola banda do már, mãdoulhe que fosse saber sua desposição da banda da terra, & sabida lhe tornou a dizer que daq̃la parte não tinha artelharia & que estaua fraca porq̃ a mayor fortaleza q̃ tinha era hũa caua baixa q̃ logo se podia atupir, & q̃ do desembarcado yro à cidade seria perto de hũa legoa, & q̃ daquela parte lhe parecia q̃ aueria pouco em atomar, o que não podia ser por ho gouernador nã hir aparelhado pera dar bateria por terra. E então vio ho er q̃ fizera ẽ se deter tãto no caminho, & em fazer tamanho gasto como fez em fazer aq̃la armada pera ir a Diu sem saber muito bem sua disposição, & que gente lhe era necessaria pera ho tomar. E neste dia senão fez mais, & ao outro pola menhaã se ajuntarão no seu galeão os capitaẽs da armada aque disse ho auiso que esperaua da cidade, & a fortaleza que tinha da bãda do mãr & da terra, propondo per qual seria melhor darem lhe bateria, & foy determinado que posto que a bateria não se podia dar bem por mâr por amor do arfar dos nauios, q̃ pois ali estauão que se desse do mãr, porq̃ da terra não podia sêr, por a distancia que auia do desembarcadoiro á cidade ser grãde pera se leuar a artelharia por terra. E posto q̃ se podéra leuar não auia tanta gente que podesse ficar na frota pera pelejar cõ a armada dos imigos se lhe saise, & podesse jr á bateria pera goardar á artelharia com q̃ se desse: & os imigos erã tanta gente que se podião repartir ꝑa pelejar no már & defender a terra, & por isso era ho mais seguro dar á bateria por már, & trabalhar por q̃brar a cadea q̃ çarraua ho porto, & entrar dentro & tomar a armada dos mouros ou ganhar ho baluarte do már ou ho da barra: porque cõ qualq̃r destas cousas se abalarião os mouros pera darem fortaleza. E logo ali se as-

ſentou que dom Vaſco de lima, Iorge de lima, & Triſtão homẽ cada hum em ſeu batel de mantas que leuaua cada hum ſeu tiro chamado lião ſurgiſem da lagea pera dentro: & deſſem bateria ao baluarte do mar. E que os ajudaſſem Iurdão de freytas hum fidalgo da ilha da madeyra, & Antonio de ſá de Santarem, capitães de duas albetoças que leuaua cada hũa hũ eſpalhafato : & ao baluarte de Diogo lopez bateria Manuel dalbuquerque com a ſua galeaça que tiraua hũ baſeliſco por proa, & auião dajudar quatro capitães de quatro galeotas, que tirauão quatro tiros groſſos. E os capitães forão Nuno fernandez freire, Fernão de lima, Manuel de vaſconcelos, & Vaſco da cunha. ho baluarte da terra auia de bater Franciſco de ſá capitão da galé baſtarda com hum baſeliſco que tiraua ferro coado de peſo de ſetenta arrateẽs: & auião no dacõpanhar quatro galés que tirauão tiros groſſos: & Antonio da ſilueyra com ho reſto das galés: & fuſtalha de que era capitão mór, auia de eſtár de ſobre ſalente pera acodir ſe foſſe neceſſario, & entrar por qualquer portal que os da bateria fizeſſem no baluarte do mar. E a outra armada dos galeoẽs & nauios groſſos auia deſtar afaſtado obra de hũa legoa de terra, porque lhe não chegaſſe a artelharia dos mouros. Iſto aſſentado forão deſemmaſteados os nauios da bateria, & fortalecidos de fortes & largas arrõbadas: & aquela tarde os começarão de rebocar algũs catures com quem andauão ho gouernador & Antonio de ſaldanha: & niſto forão as bõbardadas da cidade tantas, principalmente dos baluartes que auião de ſer batidos, que os que rebocauão Franciſco de ſa ho deyxarão longe donde auia deſtar, porem Manuel dalbuquerque foy leuado ao poſto donde auia de bater. E por Franciſco de ſá ficar longe donde auia deſtar não ſe deu ao outro dia a bateria como eſtaua aſſentado, mas ouue hum brauo jogo de bombardadas dãbas as partes. E na madrugada ſeguinte quis ho gouernador mandar rebocar Franciſco de ſa, & deuſe niſſo tam má ordem: & aſsi por a corrente dagoa ſer muy teſa, que amanheceo primeiro que ho poſeſſem no poſto, então forão as bombardadas tam baſtas que os mouros tirauão que não as podendo os capitães dos catures ſofrer deyxarão Franciſco de ſá mea legoa donde auia deſtar, que foy grande deſmancho: & ho gouernador dagaſtado de ver quanto eſtoruo auia pera Frãciſco de ſa chegar onde auia deſtar, mandou que todavia ſe deſſe bateria, que ſe começou ás noue horas do dia, & foy couſa eſpantoſa as bombardadas que deſparauã dhũa parte & doutra, & a groſſa fumaça que ſe leuantaua dambas as partes que eſcurecia ho çeo & a terra. E em a bateria começãdo ex que abalão os tres bateis de mantas atoados a tres catures, de que erão capitães, Gonçalo vaz coutinho fidalgo, Frãciſco de barros & outro. E parecia couſa de ſcarnio ver tres bateys que parecião tres caſcas de nozes, irem cometer tres baluartes que eſtauão das mais medonhas couſas do mundo, com os muytos pelouros que deytauão, com que parecia que ardião em fogo: & aſsi lhes tirauão as fuſtas que eſtauão de dentro da cadea, & ou

tras

tras dantre ho baluarte da terra & a vila dos Rumes. E á dozentos passos do baluarte do màr como os pelouros chouião matarão dez remeiros no catur de Gonçalo vaz coutinho, que rebocaua ho batel de dom Vasco de lima: & ho arrombarão de modo que não pode passar auante: & alargando ho cabo com que leuaua atoado ho batel ho deyxou. Mas logo acodio outro catur que ho rebocou: & vendo Iorge de lima como Gonçalo vaz alargara ho batel a dõ Vasco, temeose q Fernão de barros lhe alargasse ho seu, pelo q lhe bradou que ho não fizesse se não q ho meteria no fundo. E como ele era esforçado não ho fez por mais q as bombardadas forão, cõ que lhe matarão dous Portugueses & sete remeiros: & foy ho poer a quarenta passos do baluarte, q deste espaço se auia de dar a bateria. E ainda ali não alargou o cabo ate lhe Iorge de lima não bradar duas vezes que ho alargasse: & neste espaço forão postos os outros bateis: & ficou ho de dom Vasco da banda do mesmo baluarte. E ho de Tristão homé da vila dos Rumes: & ho de Iorge de lima no meo. E todos tres começarã de ho bater com seus tiros que deytauão pelouro de ferro de peso de quarenta arratés: & tendoho aberto Iorge de lima com tres tiros que lhe tirou, arrebentou a bombarda no repairo ho derradeyro, & não pode mays tirar, que se isso não fora ele, & os outros fizerão portal por onde se podera entrar. E com tudo Iorge de lima ho mandaua cõcertar: pera ver se poderia fazer obra: & nisto lhe derão tres tiros ao lume dagoa com que lhe arrombarão ho batel, & lhe matarão cinco Portugueses: & pera não se alagar mandou lançar ho tiro a hũa banda. E neste instãte estando dom Vasco em pé no seu batel lhe leuou hum pelouro dos imigos a cabeça com parte dos hõbros, respondẽdo ele ao seu condestabre (que lhe dizia que se abaixasse) que não auia medo a pelouros. E asi como aconteceo a estes bateis asi aconteceo aos outros nauios da bateria que lhes não valerão arrombadas nem fortaleza pera resistirem às brauas çurriadas de pelouros que lhes dauão os imigos em roda viua: & a todos arrõbarão, & meterão muytos dentro, com que lhes matarão assaz de gente, principalmente a Manuel dalbuquerque que estaua mais pérto do baluarte que tinha a cargo. E os mouros tambem recebérão algum dano, porque polas ameas dhum pano do muro entrou hũ pelouro nosso que acertou de dar em hum cayxão de poluora que estaua junto de hum tiro: & acendeose ho fogo na poluora. E queymou muytos dos imigos, & eu vi ho fumo: & asi outros tiros perdidos lhes fizerão tambem muyto dano & muyto mais lho ouuerã de fazer se os nossos tiros grossos não arrebentarão todos sem ficar nenhum. E dissese que por lhe deitarem carrega dobrada da q leuauão: & que ho mãdou asi ho gouernador, por lhe parecer que farião mayor passada, & por isso se esquentarão muyto mays do que se esquẽtarão cõ a carrega propria. E arrebentarão sem lhes valer a muyta diligencia que os nossos poserão em os resfriar com vinagre. E estando asi a cousa que passaria de dez oras, que tãto durou a bateria sem

os tiros arrebentarem, soube ho gouerna dor como os tiros erão arrebentados, & que não fazião nada, & por isso mandou afastar esses nauios pequenos: & os gran des por ho não poderem fazer logo, fica rão ate a tarde.

CAPIT. XXXIIII.

De como ho gouernador se partio do porto de Diu.

Em se os nauios afastando derão os mouros grandes gritas, assi de pra zer, como por fazerem escarnio dos Por tugueses, & mostraranse muytos polos muros & baluartes, disparando sua espin gaderia: & nisto & em tirar a artelharia despenderão ate a tarde, que se os nauios grossos acabarão dafastar. Ho gouerna dor dagastado & descontēte não se quis tornar ao seu galeão, & foise à taforea de Antonio saldanha, & hi teue conselho se daria outra bateria, & foylhe cõselhado que não, porque ainda que não teuera ar rebētados os tiros grossos como os tinha não podia fazer nojo à cidade, pola muy ta & muy grossa artelharia que tinha, cõ que lhe faria de cada vez mays dano. E q̃ a cidade tam forte como aquela estaua não se podia dar bateria por mar pera lhe fazerem dano, se não por terra detras de mantas & repairos. E que se deuia de tor nar, & deixar aquele feito pera outro tem po em que se podesse milhor fazer. E estā do nisto supitamēte despararão as fustas dos immigos a sua artelharia, & assi os baluartes & muros, & isto por festejarem ho prazer que tinhão da vitoria. E ouuin do os Portugueses aquele supito, cuyda rão que as fustas sahião a pelejar cocles. E como os nauios da bateria estauão de saparelhados, & eles assombrados da re sistencia passada, aluoroçaranse muyto com medo: & foy muyto grande rebate por todo a nossa armada. E se as fustas sayrão os nauios desaparelhados corre rão risco de serem tomados, mas não say rão porque não tinhã os imigos essa ou sadia: & cuydauão que tinhão feito assaz em se defender: & assi foy, porque se os nossos tiros não arrebentarão tam asinha eles fizerão portal por onde os Portugue ses entrarão: ou quebrarão a cadea, & afe rarão cõ as fustas: & com qualquer destas a cidade se tomara. E porque os nauios da bateria estauão desaparelhados, & era necessario aparelharense foy forçado ao gouernador deterse ali a sesta feyra se guinte, & sabado, & domingo: & segũ da feyra se partio pera a ilha dos mortos. E os mouros q̃ ho virão ir ficarão liures do grande medo que tinhão de os entra rem: & Mustafa muyto soberbo por fa zer que não se desse Diu ao gouernador. E assi ho fez certo a el Rey de Cambaya, pera quem se logo foy, a que contou ho que passaua, & lhe fez seruiço da artelha ria que trouuera. E por tudo isto lhe fez el rey grandes honrras & merces, assi de renda como de nome de cão, que antrele he muyto estimado. E dali à diãte se cha mou Rumecão: & era dos mays honrra dos capitães del Rey de Cambaya; & mais seu priuado, & de que ele fazia ma yor conta, do q̃ Melique tocã ficou muy to magoado: & secretamente inmigo de rumecão, & receoso que el rey lhe desse a capitania de Diu.

CAPIT. XXXV

¶Do que ho gouernador fez despoys de se yr de Diu.

CHegado ho gouernador á ilha dos mortos, teue ali cóselho com todos os capitães & fidalgos da armada, que por quanto os mouros de Diu auião de ficar muyto soberbos por ho gouernador os não poder tomar, & auião de cuydar que não podia nada, era necessario pera q̃ de todo não perdesse ho credito ficar na costa de Cambaya hũa grossa armada que destruisse os mays dos lugares que podesse, principalmente Baçaim em que el Rey de Cambaya começaua de fazer outro Diu. E começasse na cidade de Goga que he dentro na enseada dezasete legoas da ilha dos mórtos: & coisto se restauraria em parte ho reués que os Portugueses receberão em Diu. E assentado de se fazer assi, conuidouse Antonio de saldanha pera ficar por capitão mór desta armada: & ho gouernador lho concedeo por ser pessoa de merecimento, & por ter feyto muyto seruiço na India a el rey de Portugal: & deulhe a galé bastarda em que ficasse & oyto galês outras com quarenta fustas: & bargantins em que ficarão passante de mil Portugueses todos gente escolhida, & com a outra armada se foy ho gouernador a Chaul, cuja capitania por estar vaga deu a Diogo da silueyra seu cunhado. E de Chaul se foy ho gouernador a Goa, dõde mandou ao estreyto a dom Antonio da silueyra por capitão mór de hũa armada & deulhe a galeaça em que foy: & os outros capitães a fora ele forão Martim de crasto, Iorge de lima, Anrrique de maçedo, Antonio de lemos, Ioão rodriguez paez, todos em galeoés. E deulhe por regimento que fosse ver Adem a saber del rey se tinha necessidade de sua ajuda: & tendoa lha desse. E arrecadasse as pareas que deuia. E ho gouernador ficou em Goa onde auia de ter ho inuerno. E porque pola ida de Afonso mexia, que se fora pera Portugal aquele anno ele ficaua por védor da fazenda ate el Rey prouer, ho que lhe era pejo por a grande ocupação que tinha na gouernãça da India. Por se descarregar dos negocios da fazenda fez ouuidor dos feytos de la ao licençiado Lopo fernandez de castanheda que ateli seruira do ouuidor geral da India na vagante do licenciado Ioão do soyro: & auiao de ser dali por diante ho doutor Antonio de macedo, que vinha prouido por el Rey deste officio.

CAPIT. XXXVI.

¶De como Antonio de saldanha destruyo a cidade de Goga, & do mays que fez na costa de Cambaya.

ANtonio de saldanha que ficaua na costa de Cambaya com a armada que disse, partido ho gouernador pera Chaul, partiose pera a cidade de Goga q̃ he na enseada como disse, situada na boca de hum steyro rasa sem nenhũa fortaleza, pouoado de mouros mercadores, q̃ ouuindo como a nossa armada hia despejarão ho mays que poderão. E neste tempo acertou destar ali hũa armada de Malabares de Calicut de vinte cinco paraos carregados de pimenta que leuauão a vender. E estes sabendo a vinda de Antonio de saldanha, & não tendo outro re

medio vararão os paraos polo esteyro açima obra de hũa legoa da cidade: se poserão em renque jũtos hũs dos outros, com seus tiros dartelharia nas proas: & os lemes atrauessados nelas pera mays fortaleza: & a gente detras com mostra de se defender, postoq̃ algũa se foy pa á cidade a ajudar algũs mouros que nela ficarão por que os mays erão acolhidos com medo dos Portugueses que chegarão à cidade hum dia pola menhaã, & logo desembarcarão: & diante de todos Fernão rodriguez barba, que leuaua a primeyra entrada. E por derradeyro Antonio de saldanha, E como a gente que estaua na cidade era pouca defendeose pouco, q̃ logo fugirão ficando algũs mortos asi guzarates como malabares: & entrada a cidade foy saqueada. E porque Antonio de saldanha sabia que a armada dos malabares estaua pelo esteiro açima, determinou de a hir destruyr. E partio pera lâ despoys de comer, & foy por terra feytos tres escoadroẽs de sua gẽte. A capitania do dianteyro que seria de dozentos homẽs deu a Fernão rodriguez barba E a do segundo q̃ seria de trezentos deu a Francisco de vasconcelos. E ho terceyro deyxou pera si que seria de quinhentos homẽs. E indo nesta ordem chegou a hũa grãde varzia, por onde na borda do esteyro estaua varada a armada dos malabares, que como os Portugueses forão deles a tiro de bombarda, lhes começarão de tirar com a artelharia que jugaua muyto a miude: mas nem por isso deyxarão eles de passar auãte. E rompendo por antre aquela multidão de pelouros inuestirão cõ os paraos, & os mouros como virão a cõcrusão, & que os Portugueses querião pelejar cõeles sem nenhũ medo, ouuerãolho tamanho que fugirão: & deyxarão os paraos, sem morrer nenhum Portugues, que acabando os immigos de fugir começarão logo dapanhar essa pimenta que eles tinhão. E temendo Antonio de saldanha q̃ se carregassem muyto: & que tornassem os imigos sobreles & não se podessem defender como muytas vezes se faz, mandou dar fogo aos paraos. E arderão todos com quanta pimenta tinhão, do que os soldados ficarão muito magoados, porque perderão ali muyto: & ficarão assaz descontẽtes de Antonio de saldanha, que despoys que os paraos arderão se tornou a cidade, onde mandou queymar cinco naos que estauão varadas, & sem a sua gente fazer ali nenhũa presa se tornou a embarcar. E dali se passou á outra banda da enseada, & entrou em çurrate & Reynel que achou despejados. E hi tomou oyto paraos Malabares que achou varados. E feyto isto se partio pera Chaul sem querer hir dar em Baçaim, como lhe ho gouernador mandara, & a causa foy porque ho escorreo de noyte, & por não tornar atras, & mays porque soube que estaua muyto forte. E chegando a Chaul deyxou quasi toda a armada a Diogo da silueyra, que asi ho mandara ho gouernador, pera fazer guerra á costa de Cambaya, & tolher que não fossẽ dela mantimentos a Diu nem madeyra, porque desta maneyra lhe daria tanta guerra que com aperto se desse. E deyxando a armada em Chaul se foy na galé bastarda a

Goa, & deu conta a gouernador do que fizera.

CAPIT. XXXVII.

¶De como Iorge de lima focedeo na capitania a dom Antonio da silueyra.

DOm Antonio da silueyra que foy ao cabo de goardafum por capitão mór da armada chegado a parajem em que auia desperar as naos de presa, repartio sua armada no modo que auia de star: & andarão asi ate quasi a fim Dabril sem passarem nenhũas naos de presa, & per se chegar ho inuerno partiose pera Adem. E no caminho soube que el rey se leuantara contra os Portugueses, & matara quantos la deyxara Eytor da silueyra, & outros que despoys forão com mercadorias, em que tomou bem oytẽta mil pardaos. E affirmouse q̃ a causa desta treyção del Rey Dadem foy cobiça de hũa nao carregada de pimenta que hũs Portugueses lá leuarão que ele mandou tomar, & despoys tomou ho mays que digo, & comtudo dõ Antonio chegou a Adẽ. E chegando fugirão do porto certas naos que hi estauão, & a ele tirarãolhe ás bombardadas: & vendo dom Antonio que não podia fazer nada porquam pequena armada leuaua, partiose pera Ormuz onde auia de inuernar & hi falaceo: & por seu falecimento foy emlegido por capitão mór daquela armada, Iorge de lima. E ele deu a capitania do seu nauio a dom Ioão lobo, & em Agosto se partio Iorge de lima pera a India. E no caminho tomou dous nauios de mouros: & no dinheyro que se fez na carrega q̃ leuauão vierão a el Rey cincoenta mil pardaos pagas as partes.

CAPIT. XXXVIII.

¶De como Gonçalo pereyra fez amizade com el Rey de Tidore.

PArtido dom Iorge de meneses de Ternate, entendeo Gonçalo pereyra em acabar a fortaleza que ainda estaua da madeyra q̃ Antonio de brito a deyxara: que nenhũ destes capitães se lẽbrou de acabar aq̃la obra. E como Gõçalo pereyra pa isso tinha necessidade de madeyra, & outras cousas que auia na ilha de Tidore mãdou pedir tudo ao rey dela por ser amigo dos Portugueses, & mandou a isso Luys dandrade, por quem lhe mãdou hum presente de sedas, & outras cousas de preço. E Luys dandrade hia com nome dembaixador, & asi leuaua ho aparato, com que desembarcou em Tidore. E sabendo el Rey quem ele era: & os carregos que tinha lhe mandou fazer solẽne recebimento: & os seus principaeis mandarins com muyta gente ho forão esperar ao mar: & em desembarcando ho tomarão antre si, & ho leuarão aos paços del Rey per debayxo de hũa ramada de ramos verdes q̃ duraua do mar ate os paços: & ho chão cuberto de flores: & eruas cheyrosas, & entrados nos paços acharão el Rey ẽ hũa varanda terrea aparamentada de finos panos deras, de figuras, & de verdura: que lhe derão os Castelhanos. E el rey seria de xvij. annos, & era aluo & gẽtil homẽ: estaua vestido muy ricamẽte, & tinha grãde magestade & estado, estaua acõpanhado de seus jrmãos, & de muytos mandarins. E como se criara cõ os Castelhanos sabia bem a sua lingoa: & Bizcainha, & Portuguesa: & prezauase muyto de as falar E quãdo Luys dãdrade chegou diante dele

fez

fezlhe muyta honrra: & faloulhe Portugues. E Luys dandrade lhe apresentou ho presente que lhe leuaua com que mostrou, que folgaua muyto, principalmente com hũa espingarda: & despoys lhe preguntou miudamente por el Rey de Portugal: & polo Emperador, & por suas cortes, & despoys polo gouernador da India. E por Gonçalo pereyra, a que respondeo que madeyra: & quanto lhe fosse necessario de sua terra tudo lhe daria, & lho mandaria: & assi ho fez. E ficando muyto amigo de Gonçalo pereyra, a que tambem mandou hum presente, tornouse Luys dandrade pera Ternate. E no caminho se ouuera de perder com hũa toruoada que lhe deu: & despoys disto por Cachil humar Sangaje da cidade de Maquiem estar leuantado por amor das pareas que lhe posera dom Iorge, & não querer dar obediencia a Gonçalo pereyra mandou contrele Vicente dafonseca com hũa armada, & Cachilato com outra, ho que sabido por Cachil humar fugio pera el Rey de Geylolo, & foy lhe tomada sua terra. E despoys por rogo del Rey de Geylolo: & de Fernão dela torre lhe restituyo Gonçalo pereyra seu estado, do que el Rey de Geylolo & Fernão dela torre ficarão seus amigos, & se visitarão dali por diante por seus mesejeyros.

CAPIT. XXXIX

¶ De como a Raynha de Ternate determinou de matar Gonçalo pereyra.

NEste tempo executaua Gonçalo pereyra a prematica do crauo quanto podia, apertando muito que se goardasse do que os Portugueses andauão muy escandalizados polo muyto que nisso perdião: & dizião antre si que se deuião de jr pera os mouros ou pera os Castelhanos, & deyxar sòs Gonçalo pereyra: & Luys dandrade, pera ver se defendião a fortaleza. E os que isto sintião mays, & dauão causa a se os outros aluoroçarem erão ho vigairo da fortaleza que auia nome Fernão lopez: & Afonso pirez, Vicente dafonseca, Baltesar veloso: & Manuel pinto, que como sabião a lingoa da terra, & tinhão amizade com a Raynha & com muytos mouros que tambem recebião perda nesta prematica do crauo, prouocauamnos a parecerlhes mal: & a escandalizarense de Gonçalo pereyra, a que determinarão de tirar a capitania & fazerem outro capitão que lhes alargasse ho crauo, & cometerão pera isso Bras pereyra que sabião que estaua mal com Gonçalo pereyra: & por ho não querer aceytar assentarão de fazerem capitão Vicente dafonseca, que naquele tempo injuriou de palaura ao sobrerolda da fortaleza por dizer da parte de Gõçalo pereyra aos que estauão em sua casa que fossem vigiar a fortaleza porque não querião jr à vigia. E reprendendo Gonçalo pereyra disto a Vicente dafonseca, ele se agastou tanto que lhe disse algũas descortesias. E como Gonçalo pereyra desejaua de ho castigar por saber que era trauesso: & reuoltoso prendeo ho na fortaleza em ferros cõ aquele achaque: ho q̃ sabido polos outros cõjurados pedirão logo a Gõçalo pereyra com grande instancia que ho soltasse

ſe & ele não quis, dizendo q ho auia de preſo pera na moução ho mandar a dia com outros reuoltoſos q auia na for eza: do que eles ficarão muyto corta s por lhes parecer que entrauão naque conto: & não quiſerão mays falarlhe ſoltura de Vicente dafonſeca: & de minarão de ho matar antes da moução antes que Hanibal cernige ſeu cunha chegaſſe de banda. E trabalharão de a erir de ſua parte a Raynha, & Cachi to: & os mays dos mandarins, & tan ſcouſas & males lhes diſſerão de Gon lo pereira: & que não auia de dar el rey. tanto lhe meterão em cabeça que não ſejaua ſe não deſtruilos, & que aſsi ho ia de fazer ſe lhe não atalhaſſem com morte, que eles ho crerão: & menos aba ira pera ho crerem por ſerem deſcon dos: & imigos dos christãos. E a fora eſ odio natural teuerão outro a Gonçalo reira polo que dele ouuirão. E pera ſa tem ſe era aſsi como eles dizião man ulhe a Raynha pedir ſeu filho muy ertadamente, dizendo que lhe lembraſ quantos dias auia que lhe juraua de o dar & que ho nam cõpria, que ſe eſ ntaua muyto de não comprir ho que rara em ſua ley. E como ele deſejaua cabar hum baluarte da fortaleza em e andaua com grãde preſſa, & a entre a del Rey ho auia deſtoruar: & tam m não ho querer entregar ate a forta za não ſer de todo çarrada, porque os terra ho ajudaſſem como ajudauão, ſpõdeo à Raynha que ele deſejaua tan de a ſeruir: & fazerlhe a vontade que ſem juramento lhe entregara ſeu filho quanto mays jurandolho. E pola ocupa ção em que andaua de que não ſe queria eſtoruar não compria coela, pedindolhe muyto que lhe deſſe licença pera iſſo: & que ho ajudaſſe com mays gente pera acabar aſinha aqla obra: porque quanto mays aſinha cabaſſe, tanto mays aſinha lhe daria ſeu filho & faria todo ho mays que lhe mandaſſe porque pera iſſo deſeja ua de ter deſcanſo. Porem a Raynha não foy contente daquela reſpoſta: porque lhe pareceo eſcuſa pera lhe não dar ſeu filho: & teue por verdade, ho que lhe os Portugueſes dizião de Gonçalo pereyra, pelo que determinou de ho matar & tomar a fortaleza, & deſpois matar todos os Portugueſes. E o que lhe deu atreuimẽto pera iſto foy conhecer ho odio que os principaeis & mays antigos Portugueſes tinhão ao capitão, & que folgarião de ho ver morto: & por eſſa cauſa tinha pera fazer aquilo ho melhor tempo que podia ſer. E mays por el Rey eſtar na fortaleza: & coele ſeus hirmãos, & algũs filhos dos mandarins: & hia ho gouernador viſitalo muytas vezes. E quaſi q nũ ca de lá ſayão mandarins mancebos que hião folgar coele, a quem polos terem muyto em coſtume não buſcauão ſe leuauão armas, pelo que as podião leuar ſecretas: & quando não leuarlhas hião os que leuauão de comer a el Rey, nas canas em que leuauão ho vinho: & a agoa. E niſto ſe acabou de determinar, com conſelho dos ſeus mandarins com que holo go praticou.

CAPIT. XL.

¶De como foy morto Gonçalo pereira. E os mouros que ho matarão.

ISto determinado a raynha por dissimular com Gonçalo pereira se mostrou muyto satisfeita com a sua reposta, & mandoulha muyto agardecer. E pera mais dissimulação mãdoulhe muyta gẽte que ho ajudasse a fazer a fortaleza, por que quanto acabasse mais cedo mais asinha lhe daria seu filho: do que Gõçalo pereyra ficou muyto ledo, & andaua muy contente, fazendo continuamente trabalhar na fortaleza. E neste tempo Cachil Catabrum gouernador de Geylolo, que era metido na treyção que a Raynha de Ternate auia de fazer a Gonçalo pereira, vendo que tardaua a dele executar, receou se que se rompesse, & que Gonçalo pereira lhe ficasse por imigo. E determinando de lho descobrir, temendo tambem que ho não soubesse ainda: & descobrindolhe q Gonçalo pereira ho soubera porque a Raynha & os de seu cõselho ficarão seus imigos. E pera não perder nisto nada quis apalpar o que Gonçalo pereira sabia daquela treição. Mandando a hum Mandarim em q confiaua muyto que lhe fosse dizer em segredo como de si mesmo, que olhasse como estaua, porque os Mandarins de Ternate fazião muytos conselhos, & segundo lhe parecia erã cõtra sua vida, & contra aquela fortaleza. E isto pera que assi como Gonçalo pereira tomasse aquilo, assi saberia se lhe descobriria a treyção, ou se calaria. E Gonçalo pereyra como estaua muyto crente na amizade da R[...] nha & dos do seu conselho, & pouc[...] cautelado da maldade dos Portugu[...] seus imigos: pareceolhe quando lh[...] Mãdarim disse o que lhe Cachil cat[...] mandou que lhe disesse, que era m[...] co, & que procedia denueja de os Te[...] tes ho ajudarem tambem a fazer a fo[...] leza. Respondeolhe que ja era velho [...] não tinha necessidade de conselho. [...] Mandarim quando vio quão descuy[...] do Gonçalo pereyra estaua da trey[...] temeose que ho descobrisse aos Terna[...] que ho matarião por isso, & acolheos[...] ra Geilolo, onde contou a Cachil c[...] brum o que achara, do que ele ficou a[...] segado da sospeita que tinha. E a fora [...] auiso em que Gonçalo pereira não at[...] tou, disseranlhe algũs Portugueses [...] os mouros que ajudauão na fortaleza [...] dauão mays ledos que dantes, & que [...] uão muytos saltos, & fazião geitos[...] mo fazião quando andauão na guer[...] E que os tomauão polas mãos, & pe[...] uão neles dizendo carachel mandi, [...] em sua lingoa quer dizer homẽ vale[...] & esforçado: & que lhe parecia aquil[...] nal de terem ordenada algũa treição [...] E nem por isto atentou Gonçalo perei[...] E sendo ja chegado ho dia em que [...] mouros tinhão entre si determinado [...] ho matar, que foy aos dez & sete de M[...] yo, vespera de Penthicoste, ordenarão [...] mo auia de ser. E deitando sortes sob[...] quem seria o que matasse Gonçalo p[...] reira, cahio a sorte sobre hum primo [...] Cachil daroes, que auia nome Cach[...]

cabalou ainda mancebo, & sobre outros dez da sua idade que ho auião dajudar. E pera que os Portugueses não sospeitassem dele nada, auião de jr com Cachilato que era feitura de Gonçalo pereira: & que lhe hia falar a qualquer hora, por ter coele estreita amizade. E poserão logo aquele dia pola menhaã muyta gente em tres ciladas, hũa ao derredor da pouoação dos Portuguesesem matos tam cerrados que a cercão, que nunca ali ningué vay, & po risso não podião ser vistos. E a segunda estaua por essas casas da cidade, & a terceira na mizquita, que estaua pegada com a fortaleza. E os mouros desta em vendo hũ certo sinal que fizessem na fortaleza os que matassem Gonçalo pereira auião de sayr, & entrar nela pela bãda do mar, por onde ho muro ainda estaua baixo: & auião de repicar ho sino da vigia pera que acodissem os Portugueses que esteuessem fora: & em sayndo auião de sayr os mouros das duas ciladas a darlhes nas costas, & matalos a todos. E este dia andarão os mouros tam contentes pelo que esperauão de fazer, que vindo ho meyo dia em que hião comer & tomar folga, dizião a Gonçalo pereira que fosse comer & repousar, & que eles trabalharião ate noite. E assi lhe disserão algũs Portugueses que lhe parecião muyto mal aqueles offrecimentos dos mouros, mas nem aquilo ho pode espertar. E mandou aos mouros q̃ fossem comer & repousar ate as tres horas que passaua a calma, & então tornarião como costumauão. E idos ele se recolheo na fortaleza com os Portugueses q̃ comião coele, & despois de comerem se forão repousar a suas pousadas, que estauão fora da fortaleza. E ho capitão Gonçalo pereira ficou com seus criados, & algũs outros que pousauão dentro, & cada hum se recolheo á sua camara a dormir. E sabendo Cachilato isto foise á fortaleza com Cachil cabalou, & os outros deputados, pera matarem Gonçalo pereira, & batendo á porta da fortaleza que estaua fechada, como estaua sempre a aq̃las horas, abrio ho porteiro conhecendo ser Cachilato, que por jr outras muytas vezes a este tempo falar a Gonçalo pereira, ho deixou entrar: & ate ho page que lhe leuaua a espada, sem buscar se leuaua armas, nem a nenhũ dos outros, tam em costume os tinha. E Cachilato hia tam seguro, que nem mudou cor, nem fez nenhũ geito, em que se entendese ao q̃ hia. E sobindo ate ho derradeiro sobrado da torre da menajem, onde pousaua el rey & seus hirmãos, achou Vicente dafonseca, que como disse auia dias que estaua preso, & andaua com hũs grilhões: & porque Cachilato, & Cachil cabalou erão seus amigos, & sabia a lingoa, assentaranse sobre hũ catle a falar coele, dando a entender que esperauão por Gonçalo pereira pera lhe falarem. E se ele então sayra sem duuida que a fortaleza fora tomada, & forão mórtos todos os Portugueses. Mas nosso senhor os quis goardar, pera em aquelas partes se conuerterem tãtas almas á sua sancta fé, como se despois conuerterão. E nesta conjunção hia pera a cidade hũ Portugues chamado Manuel aluarez dalcunha ho saboeiro. E passando por jũto da mizquita, vio a gente darmas que

hi

hi estaua: & como lhe pareceo cousa noua, fez volta pera a fortaleza. E receando os mouros q fossem descuberros por ele sairão algũs ao matar, & matarão, & andãdo coele ás cutiladas vioos hũa escraua branca de Gonçalo pereira, que acertou de chegar a hũa janela da camara em que ele dormia a sesta, q̃ estaua daquela banda: & começou de bradar dizẽdo q̃ matauão os mouros hũ Portugues. Ao q̃ Gonçalo pereira acordou, & acodio logo á janela bradãdo q̃ acodissem ao Portugues, & tomãdo hũa adarga, & a espada abrio a porta da camara pera sair fora, & vio estar á porta Cachilato & Cachil cabalou, & os outros cõ seus crises arrancados pera ho ferirem. E na casa mais afastados el rey: & seus hirmãos tambẽ cõ armas, & logo arrancou da espada, & se pos á porta a defenderlhe a entrada muy esforçadamẽte, q̃ ho não podião entrar: & mays não tendo cõ que ho picar de longe como ele fazia. E despoys cõtaua el Rey q̃ Vicẽte dafonseca que hi estaua atiçaua muyto os mouros que matassem Gonçalo pereira, & que não se chamassem homẽs se sendo tantos não matassem hum só, & os mouros vendo que ho não podião entrar pola porta, entrarão hũs por çima do repartimento da camara que era baixo: & outros quebrauão ho repartimento q̃ era de canas com barro por çima. E como erão tantos & Gonçalo pereira só não pode acodir a tantos lugares, foy entrado & ferido na mão da espada, & de duas mortaes feridas nos peytos com que cahio. E nisto a sua escraua não fazia se não bradar: & a estes brados & á reuolta que os mouros fazião acodirão os criados de Gõçalo pereira com suas armas, & hũ deles que auia nome Dinis daraujo que hia diãte deu com hũa chuça á Cachil cabalou que achou primeyro & passou ho dá outra banda, & asi ferido ho ferio á ele, de maneyra que cairão ambos mórtos á porta da camara, & logo Bastião fernandez: & outros criados de Gonçalo pereira que vinhão a pos Dinis daraujo se meterão com os mouros as cutiladas: & isto tudo foy tão breuemente feito que os mouros não teuerão tempo de fazerem ho sinal que auião de fazer aos dá mezquita: pelo que eles não sairão, que foy causa dos mais que estauão na fortaleza serem mórtos, & a reuolta era muy grande dẽtro, porque os mouros se defendião como homẽs desesperados, & posto que nã tinhão senão crises dauão que fazer aos Portugueses. E então acodio Vicente dafonseca a hũa janela que cahia pera fora da fortaleza acenando com a mão, & bradando treição, & repicarão ho sino da vigia, a que logo acodio Luys dandrá de que pousaua fora da fortaleza & coele forão dez homẽs, todos com as armas que poderão tomar, & batendo á porta da fortaleza, que ainda estaua fechada lhá foy abrir hũ Ieronimo Fernandez criado de Gonçalo pereira. E chegado Luys dandrade onde era a peleja vio Cachilato cõ hũa espada nua na mão, assentado no catle com Vicente dafonseca, & os Portugueses pelejando com os mouros: á que Luys dandrade remeteo com os que hião coele, & como eles virão tantos sobre si desesperados de se poderẽ defender

der hũs derão consigo polas janelas fora que cayão sobre ho patio da fortaleza. & fugirão polo muro que estaua muyto baixo da banda do mâr. Outros q̃ não poderão mais acolherãse á camara onde el rey já estaua com seus jrmãos, a q̃ logo se acolheo em os Portugueses começando dacodir, porque não cuydassem q̃ sabia parte daquela treição. E os que digo q̃ entrarão na camara em que el rey estaua fecharão a porta sobre si, que logo Luys dãdrade q̃brou, & matou ho primeiro mouro que lhe sahio ao encontro. E cõ ajuda de Gomez ayres, & outros muytos q̃ já érão chegados entrou com os mouros & os acabou de matar, saluo a el rey & tres jrmãos seus, & Cachilato pera saber por eles como fora a morte de Gonçalo pereyra, & os tér por arrefeés, que por amor deles não fizessem os mouros guerra á fortaleza: de que logo tomou as chaues & se ouue por apossado dela, por lhe dizerem que quando Gonçalo pereira espirou preguntou por ele: & disse q̃ lhe dissessem q̃ olhasse por aquela fortaleza.

CAPIT. XLI.

De como Vicente dafonseca foy leuantado por capitão da fortaleza de Ternate.

SEgura a fortaleza dos mouros, q̃ andauão no derradeiro soberado da torre da menajẽ, deceo Luys dandrade abaixo pera acodir á pouoação dos Portugueses, a que os mouros das ciladas punhão ho fogo, vendo que não poderão tomar á fortaleza. E no primeiro sobrado da torre achou Bras pereira, que hia acodir acima muyto de pressa, cuydãdo que hia a tempo. E luys dandrade lhe disse que fossem acodir abaixo, que tudo encima ficaua seguro. E Bras pereira respondeo q̃ fosse ele, porque queria ficar na fortaleza como capitão que era. & Luys dandrade lãçou mão dele, dizẽdo que esteuesse preso Mas logo se concertarã que se louuassem & a qual deles julgassem a capitania, que a esse ficasse, & decerão logo abaixo.

E como ja os portugueses estauão á porta da fortaleza, mandou Luys dandrade acodir á pouoação, onde os mouros tinhão feita muyta perda. Porem forão todos deitados fora pelos Portugueses, & algũs ficarão mortos. E deitados os mouros fora vigiaranse toda a noite. E como Fernão lopez ho vigairo da fortaleza, & Afõso pirez. Baltesar veloso, & Manuel pinto, & outros ĩmigos de Gõçalo pereira & de Luys dandrade, & amigos de Vicente dafonseca soubessem que ao outro dia se auia de determinar a deferẽça que auia antre Bras pereira & Luys dãdrade qual seria capitão: determinarão estes que nenhũ deles ho fosse, se não Vicente dafonseca, como tinhão ordenado auia dias, porque a estoutros dous querião lhe grãde mal a hum por ser parente de Gonçalo pereira, a que ainda tinhã mortal odio pelos terços do crauo que tomou pera el Rey, & polo regimento que mandaua goardar, & ao outro por ser seu amigo & quebrar os achens, & por se doer muyto do seruiço del Rey. E tinhão por certo que qualquer deles auia de leuar ho estilo de Gonçalo pereira. E mais auião de tirar deuassa de sua morte, o que lhes seria muyto perjudicial por eles darem motiuo aos mouros pera ho matarem.

&

& principalmente Vicẽte dafonſeca, de que elrey Cachil dayalo dezia, que ſe ele não fora que atiçaua os mouros q̃ mataſſem Gonçalo pereira, que nunca ho matarão. E por iſto, & porq̃ ſabião q̃ auião de ter Vicente Dafonſeca de ſua mão, & não os outros, não querião que nenhũ deles foſſe capitão ſe não ele. E toda a noite negociara como ho foſſe, principalmẽte ho vigairo Fernã lopez, que por ſacerdote & religioſo ho podia fazer mais ſem vergonha. Porque como era padre ſpiritual de todos, cuydauão que oq̃ ele dizia era verdade & aquilo ſe deuia fazer. E logo ao outro dia, q̃ forão dezoito de Mayo, dia do Spirito ſancto, de M.D.xxxj. ſe ajũtarão todos á porta da fortaleza da bãda de fora: & Bras pereira capitão mór do már, & Luys dãdrade feytor & alcaide mór, eſtando preſentes Ayres botelho & Grauiel da coſta eſcriuães da feitoria, derão as cartas de ſeus officios a Pero de moura ouuidor da fortaleza, pera q̃ determinaſſe com os que ali eſtauã de qual deles era a capitania. E deſpois de debatido por ambos, acordouſe q̃ eles juraſſem ſolénemente de cada hũ deles eſtar polo que ſe achaſſe por direyto & por regimẽto del Rey de Portugal, & o que ficaſſe ſem a capitania obedeceſſe ao outro, tam inteyramente como ſe fora prouido por elRey, ou polo ſeu gouernador da India. E eſte juramẽto lhes foy dado ſobre hũa pedra dara á porta da igreja polo vigairo do que foy feito hũ auto por Ayres botelho eſcriuão da feitoria, que por ſer amigo de Vicente dafonſeca, & ſaber a maçada que os de ſua parte tinhã feyta, pera que teueſſe credito, acrecentou mais na palauras do juramento que eſcreueo, qu cadahũ deles obedeceria por capitão a ou tra qualq̃r peſſoa que foſſe enlegida po capitão: o que Bras pereira aſsinou ſen ho lér. Mas Luys dandrade não quis aſs nar ſem ho lér primeiro. E quando vio que Ayres botelho acrecentou não qui aſsinar, porque cõ ninguẽ tinha duuida ſenão com Bras pereira: & com os outro claro eſtaua que a ninguẽ pertencia a capitania ſenão a ele q̃ era alcaide mór d fortaleza. E pedindo a pena eſcreueo po ſua mão, que não conſintia em ſer outr nenhũ elegido por capitão, ſenão ele o Bras pereira que contendia coele: & iſt aſsinou. Feyto eſte auto meteoſe ho o uidor na fortaleza com os outros todos & fechando as portas ſobre ſi, pera lá d terminarem ſe era a capitania de Luys d drade, ou de Bras pereira q̃ ficarã de fora E metidos dentro começa ho vigairo d burulhar tudo, dizendo a todos q̃ viſſem bem o que fazião, & não deſſem ſuas vozes a Luys dandrade pera ſer capitão, po que era de condição muyto forte, & im go dos homẽs, & que não queria ho pr ueito de ninguẽ ſe não ho ſeu. E q̃ Vicẽt da fonſeca era muito bõ homẽ, & amig de todos, & q̃ todos ho conhecião de mu to tempo: & que lhes deixaria fazer ſeu p ueito & os teria em paz. E fez de maneir que auendoſe de votar ou por Luys da drade, ou Bras pereira, meterão em luga de Bras pereira Vicente dafonſeca. E hũ votarão por ele, & outros por Luys da drade: ſem aproueitar ao ouuidor dize que não auia aquilo de ſer aſsi feito. E ve

do

do ho vigairo q̃ por Vicente dafonseca não votauão se não os de sua parcialidade, temeose que acabando todos de votar Luys dandrade teuesse mays votos q̃ Vicente dafonseca, não quis esperar ate ho cabo: & coesses q̃ tinha, abrirão a porta da fortaleza cõ grande arroydo de trõbetas: & de vozes com que dizião viua viua ho capitão Vicente dafonseca: & os que ainda nãotinhão votado, sairão de volta coeles, dando tambem as mesmas vozes, sem aproueytar ao ouuidor dizer q̃ aquilo não valia nada: & ho mesmo dizia a Luys dandrade, & bradaua que lhe não roubassem sua justiça: E que nao podião enleger por capitão se não a ele que era alcaide mór, & el Rey lhe daua a capitania per mórte do capitão, em quãto não proueisse doutro. E sabendo isto Gonçalo pereyra lhe entregára a fortaleza quando morrera: & que ele logo não consentia q̃ enlegessem por capitão se não a ele ou a Bras pereira, & auia por nenhũa a eleição q̃ era feita, pedindo ao ouuidor q̃ de tudo lhe desse hum estormento pera ho gouernador da India, requerendolhe que prendesse Vicente dafonseca q̃ não podia ser capitão porque matara Gonçalo pereyra: mas tudo isto não aproueytaua, porque Vicente dafonseca tinha tãtos por si q̃ ho ouuidor não se atreuia coele. E assi ficou Luys dandrade sem remedio, & Bras pereyra tãbem que de ver tão mal encaminhado ho feyto de Luys dandrade não falaua no seu. E Vicente dafonseca se foy a comer leuando consigo quasi toda a gente a q̃ deu de comer, & ainda quãdo jantauão, despoys de bem quentes do vinho muytos derão seus votos a Vicẽte da fonseca pera ser capitão. E com tudo ainda Luys dandrade tinha quasi tantos votos como ele. E acabando ele de comer pedio a Luys dandrade as chaues da fortaleza pera ficar de todo capitão, & não lhas q̃rendo dar nẽ obedecelo por capitão, mãdou Vicente dafonseca ao ouuidor q̃ lhe tomasse as chaues, & ele respõdeo que ho não auia de fazer porq̃ Luys dandrade era capitão por dereyto, & ele ho amostrária por regimento del Rey, req̃rendo que lhe desse hum estormento do q̃ dizia pera q̃ el Rey de Portugal soubesse que não tinha culpa no que aly passaua, & que não podia fazer mays doque fazia. E Vicente dafonseca fazendo q̃ não atentaua no que ho ouuidor dizia, mãdou a Grauiel da costa que tomasse as chaues a Luys dandrade, q̃ tão pouco ho quis fazer, nem menos bolião consigo nhũ da parcialidade de Vicente dafonseca, porque muytos se começão darrepender doque tinhão feyto. O q̃ entendendo Fernão lopez ho vigairo, porq̃ não se trastornasse ho que tinha feyto, remeteo a tomar as chaues a Luys dãdrade E logo acodirão ao ajudar Ayres botelho escriuã da feytoria & hũ Pero Iorge, & por força lhe tomarão as chaues bradando ele, que lhe roubauão sua justiça, mas como ela ali não era senão de quẽ mais podia ficou sem ela, porq̃ podia pouco, que ate ho ouuidor nã ousaua de bolir consigo cõ medo de ho matarem tão danados via andar os da liga de Vicente da fonseca: q̃ como desejaua a morte de Gõlo pereira: & a precurou, & foy causa dela nũca fez sobrela nhũa diligencia. E dissi-

 mulou

mulou coela como homẽ q̃ folgaua. E bẽ pareceo ser assi, porq̃ tendo preso Cachilato que fora ho principal menistro daq̃la morte, ho q̃ ele vio por seus olhos, nunca lhe deu nhũ castigo: nẽ pera mostrar que q̃ria castigar tão brauo crime como aq̃le ho quis meter a tormẽto pera lhe fazer cõfessar como aquela morte fora ordenada.

CAPIT. LII.

¶ Do q̃ fez Vicẽte dafonseca despoys de ser capitão.

SAbido pola Raynha q̃ sua treyção não ouuera efeyto, ainda q̃ lhe disso pesou muyto, cõsolouse sabẽdo q̃ Vicẽte dafonseca ficaua por capitão, porq̃ este lhe daria logo el Rey seu filho, como lhe tinha ꝓmetido Afonso pirez. E pera estar nisso mays segura mãdou logo recado ás ilhas de Moutel & Maquiẽ, q̃ lhe prẽdessẽ os Portugueses q̃ lá esteuessem. E quando chegou seu recado se sabia ja a morte de Gonçalo pereyra: pelo q̃ os mouros se leuantarão contra os Portugueses q̃ lá andauão fazẽdo crauo, & matarão logo Pero fernãdez, aquele q̃ vntou cõ toucinho ho rosto a Cachil vaidua, & outros algũs: & despoys de chegar ho recado da Raynha não matarão mays, & prenderão os outros, & presos lhos leuarão: & despoys de os ter, mandou dizer hũ deles a Vicẽte dafonseca que folgaua muyto de ele ser capitã daq̃la fortaleza, por saber q̃ era seu amigo & dos mouros, & ela & eles ho conhecerẽ de muyto tempo: que lhe lẽbrasse o q̃ lhe Afonso pirez prometera ẽ seu nome, que se ele fosse capitão q̃ logo lhe entregaria el Rey seu filho: pedindolhe muyto que poys ho era q̃ lho entregasse: & que ele lhe seria por isso em muita obrigacão & lhe faria todas as amizades q̃ podesse. Vicẽte dafõseca se cõselhou cõ Atõso pirez sobre ho que responderia a este recado: & como ele perdera setẽta bares de crauo q̃ lhe arderão, & mais hũ dos Portugueses q̃ estauão em poder da Raynha era seu filho, cõselhoulhe q̃ respondesse á raynha que lhe desse ela primeyro os Portugueses que lá tinha, & que pagasse aos outros a perda q̃ receberão dos mouros quando foy a morte de Gonçalo pereyra, & q̃ ele lhe daria el Rey. E como a Raynha tinha por muyto certo darlhe Vicẽte dafonseca seu filho tanto que fosse capitão, & naq̃la reposta ho achasse tão desuiado disso, pareceolhe q̃ se queria escusar de lho não dar. E pera o mouer a q̃ lho desse soltou a Francisco pirez filho de Afonso pirez, & mandoulhe q̃ se fosse pera a fortaleza, & rogoulhe q̃ disesse a Vicẽte dafonseca, que doutra maneyra esperaua ela q̃ ele comprisse sua palaura. E q̃ mais conta fizera de sua amizade do q̃ achaua que diuera de fazer, & q̃ mais cõfiara nele do q̃ ele confiaua dela: porq̃ ainda que lhe dera seu filho sem nhũa condiçã, que ela fizera despoys quanto ele mandara, & que bem ho sabia ele: por isso q̃ erão escusadas cõdições pera lhe dar seu filho, quãto mais q̃ ainda q̃ lho dera liuremente, lá lhe ficauão em arrefẽs tres hirmãos seus, & Cachilato gouernador do Reyno, & pessoa muy principal nele, que valião mays que quantas perdas os Portugueses podião ter recebido: & porem q̃ lhe parecia q̃ todo o que dizia era por escusar de lhe dar seu filho, que se lho nã quisesse dar, que não lhe mandasse mays nhũ recado. E porque sa-

bia que el Rey de Bachão estaua na forta leza mandoulhe pedir q̃ rogasse a Vicẽte dafõseca que lhe desse seu filho. E este rey de Bachão como era muyto leal amigo del Rey de Portugal, na ora que soube à morte de Gonçalo pereyra, acodio cõ sua gente à fortaleza pera valer aos Portugueses se teuessem disso necessidade, que ficarão muyto ledos coele. E Vicẽte da fonseca por mays azedume que ho recado da Raynha trazia no cabo não lhe quis mandar seu filho, porq̃ não falaua em cõprir as cõdições com que lho ele queria dar, nẽ lhe quis mandar recado, porq̃ a Raynha dizia q̃ lho não mandasse sem seu filho. E vendo a raynha q̃ lho não mandaua, por fazer mal a Vicente da fonseca & aos Portugueses foy se da cidade cõ os Mandarís: & mandou q̃ não se vendessem nhũs mãtimentos: & mandou se queyxar de Vicẽte dafonseca a el rey de Tidore seu sobrinho, delhe não querer dar seu filho como lhe tinha prometido, & como sabia q̃ lho prometera Gonçalo pereyra: rogandolhe que lhe empecesse em tudo ho q̃ podesse. E nisto chegou a Ternate ho nauio ẽ que fora Hanibal cernije a Banda: & hia por capitão dele hũ Dinis de payua, por Hanibal cernije não querer tornar a Maluco & se yr pera Malaca. E como Vicẽte dafõseca estaua necessitado de gẽte, munições de guerra, & de mantimẽtos, determinou de mãdar logo este nauio pola via de Borneo a pedir ao capitão de Malaca estas cousas & deu a capitania dele a hũ Manuel das naues criado del rey dõ Ioão de Portugal por ter hũ aluara seu pera lhe darẽ a capitania de hũ nauio: & despoys de lha ter dada a deu a Bras pereyra que lha pedio por ser capitão mór do mar, & tambẽ lha tirou, & a deu a Luys dãdrade, q̃ agastado da sem justiça q̃ lhe fora feyta se q̃ria jr pera a India, & por isso pedio aq̃la yda, & Vicẽte da fonseca lha deu cõ cõselho de seus amigos, por recearẽ que tanto q̃ os outros nauios q̃ esperauão de Banda chegassem, aueria amotinação na gẽte & farião capitão Luys dandrade, segũdo tinhão entendido E partido Luys dandrade hia tam triste pelo q̃ lhe fez Vicente dafonseca, q̃ hũ dia esteue pera se deytar no mar se ho não teuerão, & despoys ho ouuerão de matar ẽ hũa ilha, & tambẽ em Borneo sobre hũas deferenças q̃ teue cõ a gẽte do nauio, & dali foy ter a Malaca, & deu cõta a Garcia de sa do q̃ era feyto: peloq̃ ele não quis mandar socorro a Vicẽte da fonseca q̃ ouue por tredoro E dali se foy Luys dandrade à India, & contou a Nuno da cunha à morte de Gõçalo pereyra, & ho q̃ lhe fizera Vicẽte dafonseca, aqueixãdo se dele, mas não se fez sobrisso nada, nẽ Vicente dafonseca foy castigado.

CAPIT. XLIII.

De como Vicẽte da fonseca soltou el rey de Ternate.

COm a yda da raynha da cidade, & não se venderẽ os mantimẽtos, ficarão os Portugueses ẽ grande necessidade, do q̃ Vicẽte dafõseca ficou muyto agastado & sem esperança de remedio, porq̃ algũ que esperaua, era em hũ jungo q̃ sabia q̃ auia de vir de Banda cõ roupa & mantimẽtos, em que vinha por capitão hũ Frãcisco de sa: que sabendo como Gõçalo pereyra era morto & da maneira q̃ fora, pareceolhe que Vicente dafonseca estaua le

uantado, & não quis jr á fortaleza temendo que lhe tomasse ho jũgo & quanto leuaua, & por isso se foy a Tidore pera vẽder a fazẽda q̃ leuaua, & fazer seu emprego. E surto no porto de Tidore, el Rey por rogo da Raynha de Ternate ho prẽdeo, & aquãtos Portugueses yão coele, & lhe tomou quanta fazenda leuaua: & mandãdo desenxarçear ho jũgo ho mãdou meter no fundo, & isto cõ fũdamẽto q̃ por esta presa, & polos Portugueses q̃ a Raynha de Ternate tinha, lhe daria Vicẽte dafonseca el Rey seu filho, & assi lho mandou dizer a raynha. E parecẽdolhe a ele q̃ aquilo era fero, fezlhe outro mayor & mandou logo perante ho messageiro prender el rey de Ternate & metelo ẽ hũ sotão, & asi seus jrmãos, & prendeo em ferros os filhos dos Mandarins q̃ estauão coeles & as molheres q̃ ho seruião, dizendolhe que dissesse a Raynha que se el rey de Tidore lhe não mandasse logo ho jũgo, que seu filho & os outros ho pagariã. E ho jungo não foy restituydo, não soube porque causa: & a Raynha mãdou pedir a el Rey de Geylolo, q̃ não desse mantimentos a Vicente dafonseca ate lhe nã não dar seu filho poys lho tinha prometido, & que trabalhasse polo cõcertar cõ ele, que ela faria o q̃ lhe bem parecesse, porque não queria guerra com os Portugueses, se não auer seu filho & casalo pera ter herdeyro, o que não podia ser estando preso. E estando este embayxador da Raynha em Geylolo, chegou Bras pereyra em hũa galeota, q̃ apertado Vicẽte dafonseca da necessidade dos mãtimẽtos mãdaua por ele pedir a el Rey q̃ lhos mãdasse vender offrecẽdolhe por isso amizáde & ajuda cõtra seus immigos, & escreuia a Fernão dela torre a necessidade ẽ que estaua: pedindolhe polo amor de Deos q̃ ho ajudasse cõ el Rey, pera que lhe mandasse vender os mantimentos. E ouuidas por el rey ãbas as embayxadas cõ conselho de Cachil catabruno, & de Fernão dela torre & doutros Castelhanos, respondeo á Raynha q̃ faria cõ Vicẽte dafonseca q̃ lhe desse seu filho, cõ tanto q̃ fizesse ho q̃ lhe pedia, & mandou mantimentos a Vicẽte dafonseca, & pedindolhe muyto q̃ desse el Rey de Ternate a sua mãy, & que ela se ẽbrigaua a pagarlhe todas as perdas q̃ os Portugueses receberão quando matarão Gonçalo pereyra, & lhe daria os Portugueses que tinha catiuos & ho jungo q̃ estaua em Tidore, do q̃ el Rey de Geylolo & Fernão dela torre ficauão por fiadores, & querendo fazer aquilo por amor deles, lhe serião sempre em grande obrigação. E visto por Vicẽte dafonseca a necessidade grandissima q̃ tinha de mantimentos, & que os não podia auer foy cõtente com conselho dos Portugueses de fazer o que lhe el Rey de Geylolo & Fernão de la torre rogauão, cõ tanto q̃ lhe auião de dar arrefẽs ate a Raynha cõprir ho que dizia, & asi lho mãdou dizer per Bras pereyra, que foy em hũa Galeota q̃ el rey de Geylolo lhe mandou carregar de mantimentos, & lhe deu ẽ arrefẽs quatro Mandarins dos principais de Ternate, q̃ lhe a Raynha mandou pera isso, & asi lhe mandou muytos barcos carregados de mantimentos. E el Rey de Tidore como isto soube soltou logo Francisco de sa

& os

& hos outros pera os mãdar, & eles não es perarão por isso. & fugirão, & el rey lhes mandou ho seu fato. E despoys disso se ajuntarão na vila de Limatao onde a raynha estaua, Fernão dela torre, & ho gouernador de Geylolo: & hi foy ter coeles Vicente dafonseca, leuãdo el rey Cachil dayalo, q̃ entregou a sua mãy despois de jurare que compriria o q̃ estaua assentado, E logo os Portugueses forão entregues a Vicente dafonseca, & polas perdas recebidas ficarão os arrefẽs que disse ate serem pagas. E assi foy solto el rey de Ternate cõ grãde festa, ficãdo muyto amigo de Vicẽte dafonseca, & dos outros Portugueses, a q̃ pagarão logo as p̃das q̃ receberão quãdo matarão Gonçalo pereyra. E desta maneyra ficou Vicente da fonseca em paz cõ os mouros, & a terra ficou outra vez assẽtada como a tinha Gonçalo pereyra.

CAPIT. XLIII.

¶De como ho gouernador começou a fortaleza de Chale.

VEndo ho gouernador q̃ não podera tomar Diu, determinou de emendar este auesso cõ fazer hũa fortaleza ẽ Chale duas legoas de Calicut, q̃ tẽ hũ rio tão alcãtilado, como disse no liuro Sexto, q̃ podião entrar nele carauelas & galés, & auẽdo ali fortaleza podia inuernar a nossa armada, & andar pola costa ate Mayo: & sairia logo na entrada de Setẽbro, no q̃ se daria muyto estoruo ás naos dos mouros yrem cõ pimẽta a Meca, & nã se ordenaria cousa algũa contra os Portugueses q̃ se logo não soubesse em Chale, & coesta fortaleza ficauão os mouros de Calicut muyto enfreados, & não podião nauegar como dantes. E vendo ho gouernador quãto isto importaua ao seruiço del rey seu señor, negoceou em todo aquele inuerno que teue em Goa, que se ouuesse cõsentimẽto del Rey de Chale pera se fazer esta fortaleza, & porq̃ de todo não se pode acabar este negocio, como foy na entrada do verão que ho tempo deu jazigo, despedio Manuel de sousa com hũa armada pera a costa do Malabar, cõ hũa instruçã do q̃ auia de fazer no negocio da fortaleza, & q̃ comprasse ho chão a dinheyro, quãdo não podesse ser doutra maneyra. E vẽdose ele cõ el rey de Chale, prometeolhe mil pardaos douro por consentir q̃ se fizesse a fortaleza ẽ sua terra, & mais q̃ ho gouernador ho fauoreceria contra el rey de Calicut se lhe quisesse fazer guerra. E el rey aceytou os mil pardaos, dizendo que os tomaua pera pagar os palmares q̃ estauão no lugar em q̃ se auia de fazer a fortaleza. O q̃ logo Manuel de sousa escreueo ao gouernador, que se fez prestes pera partir, & andando nisso chegarão a Goa duas naos de Portugal, cujos capitães erão hũ Manuel de brito, & hũ Manuel botelho, q̃ hião dirigidos pera yrẽ á China: & estes disserão que partira tãbẽ ho Doutor Pero vaz corregedor da corte por capitão de hũa nao q̃ leuaua ho officio de vedor da fazẽda da India, porẽ ele não passou & tornou a Portugal. E vẽdo ho gouernador q̃ não yão mays naos, não quis q̃ fossẽ aq̃las á China, & mandou as carregadas pera portugal, & perderãose no caminho. E prestes ho gouernador de sua partida, partiose pera Chale leuãdo consigo parte da armada de remo, foise a Cochim a dar

auiamento ás naos q̃ auião de partir pera Portugal: & da volta q̃ tornou se ajũtou cõ Manuel de sousa é Ianeiro de. M. D. &. xxxij. E viose cõ el rey de Chale, a quẽ deu os mil pardaos por cõsentir q̃ se fizesse a fortaleza como estaua cõcertado. E forão logo cortadas hũas mil palmeiras q̃ ocupauão ho chão onde a fortaleza auia de ser edificada: & feytas algũas estãcias dartelharia q̃ defendessẽ os Portugueses se el rey de Calicut viesse cõ sua gẽte (por se presumir q̃ acodiria) forão abertos os alicesses da fortaleza cõ grande festa de todos & tãger das trõbetas & charamelas, & desparar de toda a artelharia. E abertos os alicesses ho gouernador assentou a primeira pedra vestido nũ pelote de veludo & muito loução. & Antonio de saldanha a segũda: & dahi por diãte os outros fidalgos q̃ erão muitos repartidos por quartos que todos trabalhauã com a outra gente como quaes quer pola animarem ao trabalho, & erão sempre os primeiros q̃ trabalhauão. E elrey de Chale ajudaua tãbẽ cõ sua gente. E ho gouernador mandou primeiramẽte fazer ẽ redõdo os muros da fortaleza em q̃ se pos tanta diligẽcia q̃ em. xvj. dias forão em altura q̃ se assẽtou a primeira andayna dartelharia nos baluartes. E cõ quãto foy fama q̃ el rey de Calicut auia de yr estoruar esta obra nũca ousou.

CAPIT. XLV.

De como ho capitão môr Diogo da silueyra destruyo ho lugar de Tana.

SAbẽdo ho Xeq̃ de Tana (que Eytor da silueyra fizera tributario a el rey de Portugal) que ho gouernador não podera tomar Diu & q̃ Meliq̃ tocã fazia forte Baçaim, não quis pagar as pareas a Diogo da silueyra quãdo lhas mãdou pedir: & cõ quãto despois disso ho mãdou ameaçar q̃ lhe faria guerra, toda via não quis, parecẽdolhe q̃ tinha costas no socorro q̃ lhe podia yr de Baçaim da muyta gẽte q̃ hi tinha Meliq̃ tocão. E tendo Diogo da silueyra regimẽto do gouernador q̃ na entrada do verão fosse fazer guerra a Cãbaya, quis logo começar ẽ Tana, pera õde partio no começo Doutubro de trinta & hũ cõ hũa armada de nauios de remo, em que leuaua trezentos homẽs de peleja, os mays deles espingardeyros, & ficou por capitão da fortaleza o seu alcaide môr. E de caminho fez muyto grande destruyção pola costa, queymãdo lugares, catiuãdo & matando gente, & cortando palmares & ortas. E chegado a barra de Tana, mandou sondar ho rio & espiala, & soube q̃ estaua muyto forte por ter diãte hũa tranqueyra entulhada & bẽ artilhada & ter muyto mao desẽbarcadoyro, por ser ho rio baixo & durar a marẽ pouco, & auião de jr hũ pedaço pola vasa primeyro q̃ desembarcassẽ, & cõ tudo isto determinou de desembarcar, & assi ho assẽtou cõ seus capitães q̃ ho mesmo esforço q̃ ele tinha, tinhão pera cometer os mouros q̃ cometerã ao outro dia cõ a marẽ d̃ pola menhaã, indo nos catures pera q̃ podessẽ milhor nadar. O Xeque que sentio q̃ hiã, os foy esperar na trãqueira cõ toda sua gẽte de peleja, q̃ erão quatro mil de pé, em que auia muytos frecheyros, & quinhẽtos de cauallo: & como os Portugueses forão a tiro de berço da tranqueira começou de jugar a sua artelharia, lançãdo grãde soma

de

de pelouros, & os Portugueses passauão por antreles muy sem medo, & querẽdo nosso señor que lhes não empecessem chegarã ate onde os catures não poderão passar, & ali saltarão na vasa, por onde forão cõ muyto perigo & trabalho aferrar cõ a trãqueira & acharão algũa defensa nos imigos, de q̃ os traseyros sem verẽ porq̃, começarão de se retirar pera a cidade, & tão rijo como que fossem os nossos a pos eles, & sentindo isto os diãteyros q̃ peleja uão cõ muyto esforço, cuydarão q̃ era aquilo algũa cilada q̃ os Portugeses deytarão, & q̃ os tomauão no meo, de q̃ ouuerão tamanho medo, q̃ se poserão em desbarato & fugirão por mays q̃ lhe ho Xeq̃ bradaua que ho não fizessem. E afroxada a defensa da tranqueyra, sobirão logo os Portugueses polas lãças, outros porõde podião, & dão a pos os imigos q̃ nẽ na cidade se atreuerão a saluar, & fugirão ficãdo muytos mortos & catiuos, & dos nossos não morreo nhũ: & despejado ho lugar foy roubado & q̃ymado. E dãdo Diogo da silueyra muytas graças á nosso sñor pola merçe q̃ lhe fizera tornouse a embarcar, & embarcado acabou a agoa devazar & os catures ficarã em seco, o q̃ deu assaz de fadiga, porque a gẽte da cidade que estaua recolhida hy perto forão sobreles, sabẽdo como estauão & leuarão algũs berços cõ q̃ lhes tirauão & cõ muytas frechadas: & neste trabalho esteuerão ate q̃ tornou a maré, & sem receberẽ nhũ dano, antes os imigos muito da nossa artelharia, se forão polo rio abaixo ate q̃ sairão ao mar.

CAPIT. XLVI.

De como o capitão mòr Diogo da silueyra destruyo a vila de Bandora.

DAqui partio Diogo da silueyra pera outra vila mais auãte chamada Bandora, que soube q̃ Meliq̃ Tocã sñor dela tinha muyto fortalecida cõ hũa tranq̃yra da Bãda do rio, & outra q̃ nacia de hũa põta daq̃la & se estendia pa o sertão, ambas de duas faces, & entulhadas, & assestada nelas muita artelharia, & auia cinco mil homẽs de pê, de q̃ muitos erã Rumes & oyto cẽtos de caualo. E estaua este lugar metido, por hũ rio a çima. E chegado Diogo da silueyra á barra pos em pratica a seus capitães & aos principaes da frota se daria naquele lugar, dizendolhe sua fortaleza & a gente que tinha: & todos acordarão que se cometesse, porq̃ quasi tão forte estaua Tanã & ajudaraos nosso senhor, & asi aueria por seu seruiço de o fazer entã. E coisto entrarão todos polo rio dentro hũa menhaã, & sabendo os mouros como entrauão quiserão lho defender cõ a artelharia, que de hũa das tranqueiras varejaua bem pelo rio abayxo, & erão os pelouros tão bastos, que fizerão fazer tanta detença aos nossos que quando chegarão perto do lugar era noyte, & por isso não quis Diogo da silueira q̃ desembarcassẽ, & chegouse da banda dalem do rio pera passar ali a noyte, que toda se gastou em bombardadas q̃ se tirarão hũs aos outros a montão sem se fazer nenhũ nojo: & como foy menhaã os mouros acodirã logo á praya a esperar os Portugueses como q̃ auião por injuria esperalos detras das tranqueiras. Diogo da silueyra porque a gente não auia de poder desembarcar se nam nos catures & bateis mandouha passar a eles, & partem pera terra a bogá arrãcada

passandolhes por çima muytos pelouros dos imigos: & quando abordarão com terra acharãna cuberta de mouros, & diante os Rumes por mais esforçados, de q̃ os mais erão espingardeiros, q̃ despara rão hũa grãde çurriada despingardadas, & os nossos a eles, & ẽ quãto ela desparou saltarão algũs nagoa, & asi Diogo da sil ueyra cõ abandeyra, pelejando todos cõ muyto esforço, porq̃ os imigos apertauão quãto podião por lhes estoruar q̃ não tomassem terra, ho q̃ nã poderão fazer, principalmente os Rumes q̃ mais trabalharão nisso, ate pderẽ muitos as vidas ho q̃ vẽdo os outros se retirarão, cõ q̃ os Guzarates q̃ tinhão neles seu esforço ouuerão tamanho medo q̃ se desbaratarão & fugirão, hũs ao lõgo das tranqyras, outros polas portas delas caminho do lugar, & sem se deter nele se acolherã: & os nossos os forã matãdo ate despejarẽ o lugar: & durou a peleja hũa grãde ora, ẽ q̃ muytos dos imigos forão catiuos, mortos, & feridos, & dos nossos feridos algũs. E saqado ho lugar foy todo queymado & destruido ã vista dos mouros que estauão recolhidos hy perto: & parecia q̃ nosso señor lhes punha medo dos nossos q̃ não ousauão de os cometer vẽdose vencidos então pouco tẽpo. E por os nossos estarẽ muyto cãsados & fracos nã quis Diogo da silueyra mandar ẽbarcar a artelharia q̃ estaua nas tranqueyras, & cõtẽtouse cõ destruyr ho lugar, q̃ foy assaz de perda pera os mouros por ser de grande trato: & dali se foy pola costa de Cambaya por õde ãdou toda a parte q̃ ficaua do verão cõ sua armada repartida ẽ esquoadrões de tres & quatro ve las, cõ q̃ lhe não escapou nhũ dos nauios q̃ hiã de hũs lugares da costa pa outros cõ suas mercaderias, de q̃ tomou muytos, & outros q̃ ymou & meteo no fũdo. E tamanha era a destruyção q̃ fazia q̃ não ousauã nenhũs de sayr dos portos, o q̃ foy causa deste anno auer muyta quebra na rẽda dal fãdega de Diu do q̃ rẽdia os outros annos, & ouue muyto grãde falta de mantimẽtos, & de todas as cousas q̃ hião da outra costa da ẽseada. E não sõmẽte fez Diogo da silueira esta destruição no mar, mas tambẽ na terra, em q̃ queymou muytas pouoações, & nauios q̃ estauão varados, ẽ q̃ catiuou obra de quatro mil almas & tomou muyta mercadoria, mantimẽtos, & madeyra. E de tudo isto ouue el Rey de Portugal sua parte, porq̃ Diogo da silueyra foy ho primeyro q̃ cõ aprazimẽto dos soldados q̃ leuaua, tirou o custume q̃ auia dãtes q̃ el rey nã ouuesse parte nas presas q̃ se fazião cõ os nauios de remo, & entã as ouue, em q̃ sua fazẽda recebeo muyto proueyto, porq̃ do dinheyro q̃ lhe coube ã sua parte pagou quasi todo ho soldo q̃ se deuia aos seus soldados & dos catiuos q̃ tomou se esquipou a mayor parte dos nauios deremo da armada da India, & ouue muyta roupa pera ho trato de Chaul pera çofala, & muyta madeyra, & mantimentos. E quasi na fim do verão se tornou a Chaul onde auia de ter ho inuerno, ficãdo os mouros tão danificados, q̃ muyto mays ho sentirã do que poderão sentir darse fortaleza em Diu: & de Chaul mãdou Diogo da silueyra ao gouernador q̃ fazia a fortaleza em Chale cẽto & vinte catiuos pera trabalharem nela.

CAPIT. XLVII.

De como se leuantou Damião bernaldez & do q̃ fez.

QVando ho gouernador tornou de Diu pera Goa, deu per intercessão de Simão ferreira seu secretario, licẽça a hum Chatim Portugues que auia nome Damião bernaldez pera yr tratar a Bengala em hum seu nauio. E indo de viagẽ tomou na costa de Baleacate muytas Chãpanas de mouros & de gentios amigos del Rey dõ Ioão de Portugal, que nauegauão com seu seguro, & matando com muyta crueza quantos hião nelas as roubou, & feyto muyto mal por esta costa, & deyxãdo a gente muy escandalizada, se foy á de Bengala. E estando na ilha de Negamale foy ter coele hũa galeota de Rumes, em que yrião bem quarenta homens de peleja, de que pelejando co eles matou dezoyto & catiuou vinte dous, & mays tomou a galeota, em que achou muyta riqueza. E nela & em outra que despoys tomou, fez bem feytos vinte mil cruzados que goardou pera si, sem dar parte aos soldados que lhos ajudarão a tomar: & a galeota com sua artelharia deyxou pera dar ao gouernador, & ho apazigoar se teuesse dele menencoria por seassi aleuantar. E parece que bem ho adiuinhaua, porque estando despoys em Bẽgala na barra do rio de Chetigão onde estauão dezasete nauios de Portugueses, foy dada hũa carta do gouernador da India ao Goazil da cidade de Chetigão, & a Cojeçabadim (ho Mouro em que faley no liuro Septimo) em q̃ lhes rogaua muyto que prendessem Damião bernaldez & quantos hyão coele, & quã do ho não podessem fazer, os matassem, & lhes queymassem ho nauio com a fazenda, porque andauão aleuantados & tinhão feytos grandes males, cõ que el rey de Portugal era muy deseruido, & que sobristo gastassem ate tres mil pardaos q̃ se obrigaua a pagarlhes. E esta carta escreueo ho gouernador, porque soube os roubos que Damião bernaldez fizera na costa de Baleacate, & esta carta mostrarão ho Goazil & Cojeçabadim, a hum Nuno fernandez freyre: & a Nuno lobo criado do gouernador: & sabendo deles que ho sinal da carta era seu, disserão lhes que polo seruirem querião prender Damião bernaldez pois ali estaua, & eles lhes disserão que ho não fizesse porque sabião que Damião bernaldez se queria yr apresentar ao gouernador, & por sinal lhes tinha emprestada a galeota que tomara aos Rumes pera com outros se yrẽ em sua conserua pera a India, & não lha quisera vender comprandolha eles, & escusara sedisso, cõ dizer q̃ agoardaua pa amansar coela o gouernador, & q̃ se não determinara de se lhe yr a presẽtar q̃ lhes vẽdera a galeota, por isso q̃ ho não prẽdesse, & mays por não auer morte dos Cristãos q̃ não se escusaua se o quisesse prẽder: & disto q̃ disserão derão cada hũ seu assinado ao Goazil & a Coje çabadi, q̃ lhes pedirão pa sua disculpa cõ o gouernador, de não fazerẽ seu rogo, & disto não soube Damião bernaldez nada. E estãdo ali na barra de Chetigão ya de noite a terra & furtaua muyta gẽte & mataua os homẽs, & prẽdia os moços d̃baixo de cuberta. E hũ dia andando na ribeyra hũ

mouro honrrado que era capitão da cidade, que na lingoa da terra se chama Gormale, saltou Damião bernaldez em terra supitamente & prendeo ho, & auia tam pouca gente na ribeyra que ho pode prender a seu saluo, & deu coele no nauio deyxando feridos os que lhe quiserão acodir. E logo como isto se soube na cidade forão presos dezaseys Portugueses que estauão nela & tomarálhes suas fazendas, & asi derão rebate em hũa feyra que se fazia dahy a duas legoas pera prenderem outros que lá andauão: & estes sintindo ho que lhes querião fazer fugirão pera ho mar & saluarense nos nauios. Os mouros porque Gormale era pessoa muy principal desejauão de ho cobrar, & por isso mãdarão dizer a Damião bernaldez que lho desse & que lhe darião os Portugueses: & ele não quis polo grande resgate que esperaua por ele. E os mouros leuarã então os Portugueses á praya, de q̃ Damiã bernaldes estaua tão ꝑto q̃ os podia ver & ouuir & despindo os nuus começarã de os açoutar muy cruelmẽte, pera q̃ auẽdo Damiã bernaldez piedade deles desse Gormale. Mas ele era tã cruel & amigo do dinheiro q̃ esperaua por Gormale, que nunca os quis dar. O que vendo os mouros tornarão a recolher os Portugueses.

CAPIT. XLVIII.
Do mays que fez Damião Bernaldez E como morreo.

NEste tempo estauão na galeota que Damião bernaldez tomara aos Rumes, Nuno fernandez freyre (que agora mora em Lisboa) Diogo de camões: & outros Portugueses a que Damião bernaldez emprestara a galeota pera se yrẽ caminho da India com suas fazendas em sua conserua. E vendo Nuno fernãdez as cousas que fazia Damião bernaldez tanto cõtra ho seruiço de Deos & del rey, & mais por se yr gastando a moução & serem partidos os mais dos nauios dos portugueses que ali estauão, pareceolhe q̃ Damião bernaldez não queria tornar á India, & por isso determinou de se yr com a galeota sem sua licença, se achasse quem ho ajudasse: pera ho que falou logo com ho piloto de Damião bernaldez que estaua na galeota & com ho mestre & com outros que conuerteo a yrense, por não encorrerão na pena em que Damião bernaldes tinha encorrido por ser leuantado. E concertado isto na noyte seguinte tres ou quatro oras ante menhaã que a marê começaua de deçer, cortou a amarra da ancora de montante, & começou de mandar leuar a outra da jusante ho mays quietamente que poderã, & como começou de se leuar asi a galeota começou de yr polo rio abaixo, ho que sintindo algũs de Damião bernaldez que estauão hy perto em hũ seu bargãtim começarão de bradar que se ya a galeota. Nuno fernandez & ho piloto fizerão q̃ caçaua, & q̃ então o sintião, & fazẽdo q̃ se aparelhauão, acabarão de leuar a ancora, & forãose, indo Nuno fernãdez ao leme: & polo escuro q̃ fazia deu algũas vezes ẽ seco, & cõ tudo quis nosso señor q̃ cõ aquela vazãte chegarão á barra, & dahy tomarão seu caminho pa Ceylão dõde se auião de jr a India E em amanhecendo soube Damião bernaldez q̃ a galeota era partida, & determinãdo de jr a pos ela pera enforcar quãtos

hião

mião nela soltou Gormale a troco dos Por
tugueses, ja q̃ não tinha tempo pera auer
por ele ho resgate q̃ esperaua. E indo cami
nho da barra deu ho nauio tamanha pãca
da em seco q̃ lhe saltou ho leme fóra por
não ter leua & perdeose, & védo q̃ não po
dia nauegar sem leme mudouse ao bargã
tim & botou a pos a galeota, que lhe leua
ua tanta auãtagem q̃ nũca a pode alcãçar,
& Nuno fernãdez cõcertou secretaméte
cõ ho piloto q̃ não tomassem ho porto de
Colũbo é Ceylão ondestaua a nossa fey-
toria, porq̃ poderia chegar entre tãto Da-
mião bernaldez, & dizer ao feytor q̃ lhes
leuauã furtada aq̃la galeota & req̃rer q̃ os
prendessé, & os ébaraçaria, & por isso tirã
rão pera ho cabo de Comorĩ guiando ho
piloto toda hũa noyte ꝑa ho mar por não
yré ter a Colũbo: do que a géte se agastou
muyto quãdo no dia seguĩte não virão ter
ra: & ho piloto dissimulou dãdose a culpa
de gouernar mal. E dobrado ho cabo de
Comorĩ, acharão hũ catur de Portugue-
ses a cujo capitão rogou Nuno fernãdez
que lhe posesse em terra dous homés que
erão da cõpanhia de Damião bernaldez
que quiserão yr coele coessa condição, &
mais por lhes prometer de lhes auer per-
dão do Gouernador, & deulhe vinte par-
daos pera gastarem entretanto. E daly se
foy a Cochĩ & depois a Chale onde ain-
da estaua o Gouernador, a que deu conta
do que fizera a Damião bernaldez & lhe
entregou a galeota: & o Gouernador lhe
agradeceo muyto aquele seruiço que fi-
zera a elrey de Portugal. E Damião ber-
naldez que ya a pos a galeota, chegou á
enseada de Bilgão onde achou Diogo de
camões que Nuno fernãdez hy deixara,
& quiserão enforcar porque lhe ajudara a
leuar a galeota, & deixou de ho fazer por
rogo de Nuno lobo & doutros que yão
coele no bargantim: & temendo que ho
achassé algũs capitães Portugueses & ho
prendessé sabẽdo como andaua, deixou o
bargãtim a Nuno lobo q̃ ho leuasse ao
gouernador & ele desembarcou é Nega
patão pera se jr a Bisnegar & auer dahi ꝑ
dão. E estando em Negapatão fazédo se
prestes pera ho caminho, soubeo hũ Mi-
guel ferreyra q̃ estaua em Baleate por ca
pitão, a q̃ ho gouernador Nuno da cunha
escreueo sobre Damião bernaldez ho q̃ ti
nha escrito a Coje çabadĩ & ao Goazil de
Chetigão, & foy ho prẽder. E carregado
de ferro ho mãdou a Gomez de souto ma
yor capitão da pescaria do Aljofar, q̃ ho
mandou a Coulão, donde foy leuado a
Goa, & estãdo hy preso no trõco & sen-
téciado em dez ãnos de degredo ꝑa a ilha
de sctã Helena faleceo, auẽdo primeiro o
gouernador oito mil cruzados que tinha
escondidos.

CAPIT. XLIX.

De como Antonio de saldanha foy por capitão mór ao cabo de Goardafum.

HO gouernador q̃ fazia a fortaleza deChale cõ ajuda dos fidalgos q̃ ho ajudauão, & assi doutra gente Portugue sa q̃ estaua coele, lhe deu cabo em tão bre ue tẽpo q̃ a géte da terra ficou espãtada: & muyto mais el rey de Calicut, q̃ nũca é to do este tẽpo ousou de mãdar géte a defen der aq̃la obra, posto q̃ deitou fama q̃ ho a uia de fazer. E muyto sentia o atreuimẽ- to do gouernador q̃ assi lhe fazia hũa for taleza nas suas barbas, & ho muito q̃ per-

dia

dia nisso de seu credito. E a fortaleza acabada ficou em hũ cāpo raso dōde descobria ho mar & muyto perto, era quadrada, & ē cada quadra tinha hũ baluarte mui to forte, & os panos dos muros q̃ corriāo de baluarte a baluarte erāo de cincoenta pés de largura, & da bāda d̃ dētro ao lōgo do muro estauāo as casas dos officiaeis da fortaleza & as dos fronteyros, & no meo estaua a torre da menajem, tambē muyto forte & toda bē artilhada. A capitania desta fortaleza deu ho gouernador a Diogo pereyra por ser seu priuado posto que era muito velho, & lha pediāo outros homēs de mays seruiço, & q̃ erā mais pera a defēder do q̃ ele era: & deyxando no mar por capitāo mór a hũ fidalgo chamado Manuel de sousa natural Deuora com hũa armada de trezētos homēs se partio pa goa, onde achou apercebēdose Antonio de saldanha pera yr ao cabo de Goardafum, ao que ho mandaua por capitāo mór de hũa armada, de que forāo capitães a fora ele q̃ ya no galeāo sam Mateus, Vascopirez de sampayo em Lambiamorim, dom Fernādo deça na galeaça, Antonio de lemos nos Reys magos, Diogo botelho pereira em hũ galeāo, que foy feyto em Chaul, & em duas galeotas dō Pedro de menefes & Manuel de vascōcelos, q̃ leuaua debaixo de sua capitania certos bargātins. E cō esta armada partio Antonio de saldanha na ētrada de Feuereyro de mil & quinhētos, & trinta dous, & no caminho lhe deu hũa grande tormenta cō q̃ Diogo botelho esteue q̃ si perdido, & milagrosamēte o saluou nosso sñor & arribou a Chaul: & nāo pode yr cō Antonio de saldanha.

CAPIT. L.

¶ De como Rayx ale quisera matar el Rey Dormuz seu jrmāo.

QVasi a pos Antonio de saldanha partio Antonio da silueyra de menses pera Ormuz por mādado do gouernador pera yr seruir a capitania da fortaleza Dormuz, q̃ vagara por morte de Cristouāo de mēdoça, & seruia de capitāo Belchior de sousa tauares que dantes era capitao mór do mar. E foy cō Antonio da silueyra Luys falcāo seu sobrinho, pa ser goarda mór del Rey Dormuz. E chegado lá Antonio da silueyra, & ētregue da capitania da fortaleza, elrey Dormuz se lhe queixou de hũ seu jrmāo homē de dezoyto annos, que ho queria matar por fauor & induzimento de sua māy, q̃ porlhe q̃rer mayor bem q̃ a ele, q̃ria q̃ fosse rey antes q̃ ele, & que hũa noyte fora achado debayxo do seu catele cō hũa adaga, & por isso ho mādara prēder: & por ser ho caso de tāta impeitācia & nāo auer dissensões no Reyno, nāo quisera fazer justiça dele como lhe merecia, pedindolhe q̃ ho mandasse a India, porq̃ sabia certo q̃ nāo fazia aquilo se nāo por induzimēto de sua māy, ho q̃ Antonio da silueyra fez por pacificar a cidade, em q̃ começaua dauer bandos por aq̃la causa. E no mesmo nauio em q̃ Antonio da silueyra, foy mandou ho jrmāo del rey que se chamaua Rayx ale com toda sua casa, escreuendo ao gouernador a rezāo porque ho mādaua. E ho gouernador ho recebeo muyto bē, & lhe tomou sua fé segūdo sua ley, de nā se tornar a Ormuz sem sua licença, porque se soubesse q̃ fazia, ou queria fazer ho contrairo que ho

mandaria pera Portugal. E ele prometeo de ho fazer, & ho comprio.

CAPIT. LI.

De como Manuel de vaſconcelos & outros tomarão a nao çafeturca.

CHegado Antonio de ſaldanha ao cabo de Goardafum, ſem lhe acontecer couſa que ſeja de contar, vendo que não fazia ali nenhũas preſas, mandou Manuel de Vaſcõcelos que foſſe com os bargãtins ao porto de Xael, pera ver ſe achaua hi algũas naos, que por ſer tarde aueriã dinuernar. E mandou eſtas velas porque por ſerem de remo não ſerião ſintidas, & auião de hir mais aſinha que os galeões, & por iſſo ficou coeles a tras pera jr de vagar. E chegando Manuel de vaſconcelos de ſupito, achou hi hũa nao de Cambaya chamada çafeturca, que ſeria de oytocentas toneladas, & por ſua grandeza, q̃ era a mayor de quantas andauã naquela carreira era muyto nomeada. E ho capitão eſtaua cõ determinação de inuernar em Xael, & na ſayda do inuerno antes q̃ foſſe verão de todo jrſe a Diu, & auẽturarſe antes ao perigo do már, q̃ ao de ſer tomado dos Portugueſes. E a meſma conta fazião outros muytos mouros: & por iſſo os Portugueſes não achauão preſas auia dous annos. E vẽdo os mouros deſta nao deſcobrir a noſſa armada, foy ho ſeu medo tamanho que não ouſarão deſperar, & fugirão pera terra, leuãdo todo ho dinheiro que tinhão, & algũas couſas leues, & ficoulhes a carrega groſſa. E por ſua fugida não teuerão os Portugueſes quem lhes reſiſtiſſe tomala, E Manuel de vaſcõcelos meteo nela hũ quadrilheiro & hũ feytor pera q̃ ſe entregaſſem da fazenda q̃ tinha & ele cõ os bargantins ſe pos em goarda dela, ate chegar Antonio de ſaldanha, q̃ chegou dahi a dous dias. E vendo ele que no porto não auia mais naos, & q̃ ſe chegaua ho inuerno partioſe pa mazcate, onde determinaua dinuernar, & hi foy vẽdida a fazẽda da nao & o caſco. E paſſado lo inuerno partioſe cõ a armada pa a ponta de Diu, & mãdou Manuel de vaſcõcelos ao lõgo da coſta cõ algũs bargãtĩs, & tomou outra nao de mouros de diu, q̃ hia de Meca muy to rica, q̃ deſpois foy vẽdida ẽ Chaul cõ toda ſua carrega. E no dinheiro que ſe fez nela & na çafeturca ſe mõtarão perto de dozẽtos mil pardaos. E aſsi deu Manuel de vaſconcelos caça a hũ galeá de Calicut, que por lhe fugir indo da ponta pera ſe meter em Diu deu em hũa lagea & perdeoſe, & afogaranſe os mais dos mouros. E ẽ quaſi dous meſes q̃ Antonio d̃ ſaldanha aqui andou nã fez mais preſas: & partioſe pera Goa onde entregou ho dinheiro que leuaua.

CAPIT. LII,

De como ho gouernador determinou de tomar a fortaleza de Baçaym.

NEſte anno de mil & quinhentos & trinta & dous foy a armada q̃ hia de Portugal pera a India repartida ẽ duas capitanias mòres, hũa leuou dõ Eſteuão da gama, filho de dõ Vaſco da gama cõde da vidigueira & almirante do mar Indico, que hia prouido da capitania de Malaca na vagante de Garcia de ſá, & hia debaixo de ſua capitania Vicente gil armador, cuja era a nao em q̃ hia. A outra leuaua dom Paulo da gama, hirmão de dom Eſteuão, prouido tambẽ da capitania de Malaca na ſua vagãte. E debaixo de ſua

bá

bandeyra hia hũ Antonio carualho. E destes capitães dõ Esteueão inuernou ẽ Moçãbique, & os outros cõ muyto grãde trabalho passarão á India õde chegarão aqle anno ẽ diuersos tẽpos cõ muytos doẽtes. E nesta armada foy hũ Bispo chamado dõ Fernando que fora frade de sam Francisco, pera reformar na India ho estado eclesiastico, & dar ordẽs & crismar: & eu ho ouui pregar ẽ Goa muyto bẽ, donde ho gouernador despachou Antonio de saldanha por capitão mór das naos da carga, que forão tres & hũ jungo q̃ partirão na fim de dezembro do mesmo anno. E tambẽ estando ho gouernador em Diu soube de certa certeza q̃ Melique tocão tinha feita em Baçaim hũa fortaleza muyto forte & que se criaua ali outro Diu, & q̃ esperaua de trazer ali as fustas de Diu pera que tolhessem aos nossos que não passassem a diante. E como ho gouernador se temesse de yrẽ rumes á India porque se fossem tomauão aquela fortaleza achandoa em terra tã fertil como aquela he, & situada ao longo de hũ tam bõ rio como ho de Baçaim: pelo que a India ficaua em muyto grande perigo se os teuesse tão vezinhos, & por isso determinou de jr sobre la & destruyla, & sem dar conta a ninguem se começou de aperceber pera hir quasi no cabo do verão, em que Diogo da silueyra auia de ter feyto muyta guerra a Cambaya.

CAPIT. LIII.

¶De como Diogo da silueyra tomou as cidades de Patane Pate & Mangalor.

Diogo da silueira que inuernaua em Chaul pelo regimento que tinha de fazer guerra a Cambaya partiose pera lá com sua armada logo na entrada do verão, & foy correndo a costa ate Diu, fazẽdo os catures muytos saltos por toda a costa, em que fizerão muyto grande dano, & coisso estaua a gente tão espantada que não se atreuia a saluarse menos de seys legoas pelo sertão onde se acolhia, & pola ourela do mar não auia ninguem, & nenhũs nauios ousauão de yr a Diu, nẽ as fustas ousauão de sayr, com quanto Diogo da silueyra andou a vista de Diu algũs dias. E vendo ele que não fazia ali nada passou auãte caminho de hũa cidade chamada Patane doze legoas de Diu na mesma costa de Cambaya, situada á borda de hũ arrecife cercada de muro, & na praya hũ baluarte que varejaua ho desembarcadoiro, & diante dele hũa forte tranqueyra bẽ artilhada que goardaua muytas naos que dentro dela estauão varadas, por ser cidade de grande trato, & pouoada de muytos mouros mercadores. E a fora isso tinha el Rey de Cãbaya ali gente de goarnição, de que muytos erão Rumes dos q̃ Rumecão leuara a Diu, & com a gente da cidade seriam bem tres mil homeẽs de peleja: ho que tudo soube Diogo da silueira por ho capitão de hum Catur, por quẽ mandou espiar esta cidade: que tambem lhe disse q̃ a sua desembarcaçã não podia ser se não diante da tranqueira. E cõ tudo ele assentou cõ os outros capitães q̃ dessem na cidade & a tomassem cõ ajuda de nosso senhor, em q̃ esperaua q̃ os ajudaria. E cõ esta determinação partirão parela da põta de Diu, estando a gẽte q̃ estaua nela bẽ descuidada đ tal ida, assi por a cidade es-

ar muyto afastada das nossas fortalezas
omo por atê aquele tempo nhũa armada
ossa chegar âquela costa. E quãdo ho ca
itão de Patane vio a nossa frota ficou mui
o salteado, porq̃ sabia ho grãde dano q̃ ti
ha feyto na outra costa de Cambaya, &
nais q̃ pera passar ali auia de ser visto das
ustas de Diu, que lhe auião de contra-
iar a passagem, & por isso ho salteou mui
o vela no seu porto: & mãdou logo muy
a parte de sua gẽte acodir â trãqueyra pe
a defẽder a desembarcaçã dos Portugue
es q̃ despoys de serẽ assoltos por hũ cleri-
go q lhes fez a confissão geral remarão pe
a terra em seus bargantins & catures &
em temor dos muytos & muy grossos
pelouros q̃ desparauão da tranqueyra &
do baluarte rõperão por eles ate pojar em
terra cadahũ por onde podia, & asi desẽ-
barcou Diogo da silueyra cõ abandeyra
eal, & nisto não auia ordẽ nẽ esperar por
capitães, se não quẽ primeyro podia (porq̃
na India este he ho proprio cometer dos
nossos) & pera quam perigosos os luga-
res são parece q̃ he asi melhor que doutrá
maneyra, porque quẽ desembarca nas bo
cas das bombardas sem ter nhũ emparo se
não ho de nosso sñor q̃ he ho verdadeyro
parece q̃ se não desembarcasẽ coesta pre-
steza, & esperassem cõcerto q̃ os mataria
a artelharia a todos. Assi desembarcados
os nossos como digo, remetẽ a tranquey
ra cada hũ por seu cabo & aferrarão coela
goardãdo os nosso sñor da artelharia que
lhe não fizesse nojo, & vẽdose os imigos
asi cometer depoys de se defenderẽ hum
pouco, em que morrerão algũs das nossas
espingardadas alargarão a tranqueyra, re
colhẽdose pera a cidade, de q̃ ho capitão a
codio cõ gẽte de refresco, & mandãdo a-
brir a porta pera sayr chegarão a ele os se
us q̃ fugião da tranqueyra, q̃ vinhão com
grãde pressa polos yrẽ os nossos ferindo
nas costas. E quando acharão ho seu ca-
pitão esforçarão & voltarão aos nossos
esforçandoos ele q̃ pelejou como muyto
valente caualeyro, ho que foy causa de o
matarem cõ outros algũs dos seus em hũ
pedaço q̃ aqui pelejarão muy bẽ, & estes
que morrerã forão Rumes. E vendose os
imigos sem capitão desacoroçoarã de ma
neyra q̃ fugirão, & os nossos entrarão na
cidade a pos eles ferindo & matãdo, & fi-
zerão matãça espantosa asi nos soldados
como em outra gente q̃ não era de peleja
de que catiuarão muyta. E Diogo da sil
ueira não consintia que os seus saissem fo
ra da cidade a pos os imigos, porq̃ estauão
cansados. E despois que os lançarão todos
fora repartio os nossos em quadrilhas, &
mãdou saquear a cidade & leuar todo ho
despojo que foy muyto â praya pera se
repartir despois, & acharão mantimẽtos
sem cõto, de q̃ a frota ficou bẽ bastecida.
E saq̃ada a cidade foy queimada cõ muy
tos mouros q̃ estauão escõdidos nas casas,
que cõ os q̃ morrerão na batalha foy hũa
bõa soma. E dos nossos quis nosso senhor
que não morreo nenhũ. E asi forão quei-
madas quorẽta naos & zãbucos q̃ estauã
varados, & hũ galeão q̃ chegara de çuez
auia dias carregado de rumes. E feyta estã
destruyção & recolhida a artelharia dos
imigos â nossa frota, embarcouse Diogo
da silueira cõ toda sua gente, q̃ dali ficou
rica, & tornãdose soube dalgũs mouros
que

que tomou em hũs zãbucos, que auãte de Patane pera ho norte estaua na mesma costa outra cidade chamada Pate muyto mays forte que Patane, cõ muytas estancias dartelharia pelos mutos da banda do mar, & com maré chea lhe batia ho mar no muro, & estaua dẽtro muyta gẽte de peleja todos Guzarates: & partiose logo pera la cõ determinação de a tomar, & ás noue horas do dia pouco mays ou menos chegou diãte da cidade cõ a viração, cujas estãcias os imigos tinhão muyto embãdeiradas. E chegãdo os nossos a tiro de bõbarda da cidade desepararão sua artelharia respõdẽdo a dos imigos, que não ousauão de sayr da cidade, & assi desembarcarão sem receberẽ nenhũ dano, & remetẽdo ás portas da cidade as arrõbarão, o q̃ vendo ho capitão dos imigos lhe acodio logo com muyta gente: & defendeoas cõ tanto esforço q̃ nunca as desemparou, ate perder sobrisso a vida, & assi cẽto q̃ estauão coele na dianteyra, de q̃ os mays morrerão despingardadas, & dos nossos quis nosso senhor q̃ nenhũ: & cõ a morte do capitão & destes se retirarão os outros a tras, & ficou lugar aos Portugueses pera q̃ entrassẽ na cidade em que se os imigos defenderão muyto bem em algũas ruas, & por isso forão muytos deles mortos, & por derradeiro fugirão & deyxarão a cidade que despoys de ser queymada, & destruyda como a de Patane, partio logo Diogo da silueira pera outra questaua mais auãte quarenta legoas de Diu, chamada Mãgalor, situada na boca de hum rio ẽ costa braua & tinha hũ bõ arrecife, cidade principal daq̃la costa toda rasa, & sẽ nenhũa fortaleza pouoada de mouros mercadores, q̃ sabẽdo a destruição de Pate & Patane ai[nda] questauão tão fortes, não se atreuerã a defenderse posto q̃ tinhão muyta gent[e] de peleja, que chamarão pera os defende[r] despoys que souberão q os Portuguese[s] andauão por aquela costa, & despejarão [a] cidade & se forão, & por isso os nossos n[ão] teuerão mays q̃ fazer que queymala cõ muytas naos que estauão varadas. E despoys de queymadas estas cidades em qu[e] Diogo da silueyra foy em pessoa, queymarão os seus capitães muitas pouoaçõe[s] sem ele sayr em terra, & fizerão tamanha destruição que se despouoou toda a cost[a] & não ousaua nenhũa gente de chegar ao mar cõ medo de não catiuarẽ mays, que forão muytos: & tomada muyta artelharia pera el Rey, & muyta fazenda a fora a das partes q̃ todos forã muyto ricos, & queymarão muyta riq̃za por não terẽ nauios em q̃ a carregar. E Melique capitão de Diu não podia acodir por a ocupação q̃ tinha em fazer Baçaim, & punha ali tãta força por lhe parecer que coela defenderia Diu, nem menos acodia el Rey de Cãbaya por muyta guerra q̃ lhe fazião seus imigos pelo sertão (como direy a diãte.) E não achando Diogo da silueyra quem lhe resistisse continuaua a guerra tornando outra vez a ponta de Diu a esperar as naos que fossem de Cambaya a pera Meca, que com seu medo nã ousou nhũa de sayr aquele anno, no q̃ elrey de Cambaya recebeo muyta perda ẽ suas alfandegas.

CAPIT. LIIII.

¶De como Açadacã fez paz com ho gouernador, & lhe deu as tanadarias de Salsete pera el Rey de Portugal.

NO Terceyro & Quarto Liuro se fez mēção de hũ mouro chamado çufolarim escrauo & capitão do Hidalcão a que Afonso dalbuquerq̃ tomou a ilha & cidade de Goa, a que ho mesmo Hidalcão por fazer honrra lhe concedeo que se podesse chamar Cão, & isto por ser este nome antreles de muyta honrra, & se chamou Açadacão, que despoys por ser bō caualeyro & de muyto seruiço o çabayo & seu filho Hidalcão que lhe suscedeo no senhorio o fizerão dos principaeis de seus capitães, & lhe derão terras na comarca de Salsete, & antrelas foy Pondá & Bilgão que he ao pê da serra do Gate que ele despoys fez hũa cidade muyto forte cercada de muros, cobelos, & caua, ao modo das nossas, & deu se tam boa manha q̃ tinha mays de quarenta contos de rēda, & muita gente de peleja asi de caualo como de pé & alyfantes, & despoys do Hidalcão era a segũda pessoa em seu senhorio asi de terras, gente, & renda, & cō tudo era escrauo do Hidalcão, & cada vez q̃ lhe viesse à vontade despoelo de seu estado o podia fazer, & por isso andaua ele sempre receoso de isto ser asi, & neste tempo veo a saber que ho Hidalcão ho queria fazer, porque ho mādou chamar, q̃ era a mayor certeza de ser asi, porq̃ estes senhores de marauilha mandão chamar estes capitães se não pera lhes tirar as terras que tē & matarēnos. E como Açadacão teuesse esta sospeyta ou certeza quis se logo fauorecer com fazer amizade cō ho gouernador q̃ estaua em Goa a q̃ secretamēte mandou sobrisso seu embayxador, & q̃ lhe daria por isso pera el rey de Portugal as terras de Salsete & Pondá q̃ rēdião bē cinquoēta mil pardaos douro: & porē q̃ ho gouernador auia de mandar recolher estas rēdas disimuladamēte porq̃ o Hidalcão o não soubesse, o que o gouernador lhe agardeceo muyto, & em nome del Rey de Portugal lhe confirmou amizade, & prometeo de o ajudar contra o Hidalcão, & fez logo Tanadar mór a hũ Cristouão de figueyredo casado em Goa & grande seu priuado, que mandou á terra firme cō outros Tanadares pequenos & escriuães & alguã gēte, & ele se aposentou ē hũ pagode de freyras, & dali arrecadaua as rendas, & Açadacão teue maneyra como se escusou de yr por aq̃la vez a chamado do Hidalcão, q̃ tābē não insistio ē ele por amor de grandes negocios q̃ lhe sobreuierão.

CAPIT. LV.

Das diferenças q̃ ouue antre Vicente dafonseca & Bras pereyra.

FIcādo Vicēte dafonseca por capitão da fortaleza de Ternate (como a tras he dito) determinou de mandar hũ jungo a Malaca, cuja capitania deu Afonso pirez que fora hum dos q̃ o fizerão capitão, & sabendo Bras pereyra que este jungo auia de yr pera Malaca, pedio a Vicēte dafonseca a capitania dele, & porq̃ lha não quis dar vierão a tanta desauēça, que Bras pereyra fez hũ requerimento ao feytor & officiaeis da fortaleza & a outros criados del Rey que prendessem Vicēte dafonseca, q̃ cometera treyção em dar ajuda & fauor aos mouros pera matarē Gonçalo pereyra, & que tinha aquela fortaleza por força, & dali por diante não falou mays a Vicēte dafonseca, & andaua armado cō

outros muytos q̃ erão de ſua valia, & eſtes amotinauão outros & tinhão Vicête da fonſeca então pouca conta, que dizião pubricamente q̃ ele ajudara a matar Gõçalo pereyra, & mandara matar outros Portugueſes deſpoys que fora capitão. E por ele atalhar a outras mayores couſas q̃ daquelas podião ſoceder prendeo Franciſco de sá, Coſmo, moniz, & outros culpados neſta defamação, q̃ com a priſão deſtes creceo muyto mays: & foy poſto per vezes fogo a hũ bargãtim polos amigos deſtes, porque ſoſpeytauão que preſos os queria mandar nele á India, & dali por diãte mandou Vicente da fonſeca vigiar a ribeyra por homẽs armados. E ainda deſpoys diſto crecco mays a deſauença & odio antrele & Bras pereira, ſobre hũ berço q̃ mandou tomar da Galeota em q̃ eſtaua Bras pereyra, pera hũ bargantim que queria mandar a Malaca em companhia do jungo q̃ diſſe, & aſsi ſobre certos homẽs que mandou leuar da galeota pera a fortaleza, por lhe dizerẽ que queriã fugir pera Bãda, & ſobre hũ que Bras pereyra tolheo ao Ouuidor que ho não leuaſſe, ſobre ho que diſſe palauras muyto defamatorias contra Vicête da fonſeca, pelo que ele indinado diſſo lhe mãdou tomar ho eſquife & os eſcrauos da galeota que erão em terra, & defendeo com grandes penas que nhũa peſſoa lhe leuaſſe mãtimentos. E vendoſe Bras pereyra aſsi atalhado, foy a ſua menencoria tamanha q̃ parecia doudo, & cõ grãdiſsimos brados dizia aos q̃ eſtauão em terra, q̃ Vicente da fonſeca não era capitão, antes era trédor a el Rey de Portugal por matar a Gonçalo pereyra ſeu capitão, & tinha aq̃la fortaleza pa a vender aos mouros, & por eſſa cauſa lhe não obedecia, & requeria a todos q̃ não lhe obedeceſſem: & acabando de dizer iſto, mandou tirar tres tiros á fortaleza. Vicête da fonſeca q̃ eſtaua na ramada ſe recolheo logo, & mandaua tirar a artelharia pa meter a galeota no fũdo ſe não fora pelo alcaide mór q̃ lhe pedio q̃ o deixaſſe primeyro falar cõ Bras pereyra, do que foy contente, & deſpoys do alcaide mór falar coele, & acabar q̃ obedeceria a Vicẽte da fõſeca & jria a terra & os faria amigos foi peor, porq̃ em Bras pereyra chegãdo a terra, Vicẽte da fonſeca muyto ledo com lhe parecer q̃ ya pera ſer ſeu amigo, como lhe o alcaide mór tinha dito, foyſe á praya pera o receber, & ele lhe diſſe muyto brauo q̃ ſe foſſe dali porq̃ o não q̃ria ver nem falar coele. & Vicente da fonſeca lhe reſpondeo q̃ não lhe amotinaſſe a gẽte & q̃ viſſe quão mao exẽpro daua aos mouros & a todos, com aquelas deſobediencias, & Bras pereyra tornou a dizer as meſmas palauras q̃ dantes, & requereo a quãtos hi eſtauão q̃ prẽdeſſem Vicẽte da fonſeca pola morte de Gõçalo pereyra: & Vicẽte da fonſeca q̃ prendeſſem a ele por que lhe deſobedecia, & foy ſobriſto muyto grande aluoroço nos Portugueſes, q̃ algũs dizião q̃ Vicẽte da fonſeca não era capitão, & os mays dizião que era, & q̃ Bras pereyra merecia preſo por ſer cauſa daq̃llas reuoltas: & chegou a couſa a tanto, q̃ ho alcaide mór & feytor ſe apartarã cõ toda a gente, & lhes preguntarão ſe tinhão Vicente da fonſeca por ſeu capitão, & por os mais dizerem q̃ ſi, o ouuerã por

capitão,

capitão, & Bras pereyra foy preso, & asi esteue na fortaleza sem mais Vicête dafõseca q̃rer ser seu amigo posto que lhe foy cometido. E não se auẽdo por seguro dele nẽ doutros de sua valia, os entregou presos a Baltesar veloso capitão do Bargantim q̃ mandou em companhia do jungo que hia pa Malaca dahi os leuassẽ á India, & partirão na entrada de Março do anno de mil & quinhentos & trinta & dous, & cuydando Vicente dafonseca que por mãdar Bras pereyra & os outros ficaua seguro na capitania o ficou menos, porq̃ algũs desses mais hõrrados que ficarão coele parecendolhes q̃ merecião melhor a capitania q̃ ele, começarão de praticar ẽ ho prenderẽ, & preso ho mandarẽ pera a India, ho q̃ lhe foy logo discuberto: & pa os amansar & tirar daq̃le pensamento gastaua coeles muy largamente, & lhes deyxaua fazer crauo, & lhe fazia quãtas boas obras podia cõ que algũ tãto os amãsou, & porẽ ele não se confiaua de ninguẽ, & trazia sempre hũa saya de malha secreta, & sua espada, & andaua tão acautelado q̃ quãdo lhe falaua alguẽ estaua sempre cõ os olhos nele & a mão na espada, nẽ tomaua nhũa cousa a pessoa q̃ não fosse sua se não com a mão esquerda & a dereyta na espada, & viuia com muyto grande fadiga, & muytas vezes se apartaua só a chorar da gastado d̃ ter tomado aq̃le carego.

CAPIT. LVI.

Do q̃ Pateçarãgue & Trauançelo determinarão contra el rey Cachil Dayalo.

VEndo os mouros as grãdes dissensões & desordẽs q̃ auia antre os Portugueses: & q̃ sẽ nhũ temor de castigo nẽ vergonha do mundo matauão capitães, & faziã outros cõtra o regimẽto de seu rey, & quã mal comprião os mãdados de hũs & dos outros, & q̃ sempre ficauão liures de pena, determinarão de fazer ho mesmo contra seu rey Cachil dayalo, & os q̃ derão principio a esta maldade & treyção forão hũ Pateçarangue q̃ Vicente dafonseca fizera gouernador do reyno pera ho ter de sua mão, & outro q̃ auia nome Trauãcelo ambos velhos discretos & prudentes, & de muyta autoridade cõ os mandarins & gẽte popular pelo q̃ tinhão credito pera fazerẽ quãto quisessem. E a causa de Pateçarãgue fazer esta treição, foy medo delhe el rey tirar a gouernãça do reyno, porq̃ por ser ja didade pa isso q̃ria entẽder nela pa saber como seus vassallos erão gouernados, q̃ auia muytos annos q̃ os gouernauão gouernadores q̃ fazião mais o q̃ os capitães q̃rião q̃ o que deuião: & porq̃ gouernãdo el Rey Pateçarangue não era necessario q̃ gouernasse & perdia sua valia determinou ele de priuar el rey do reyno, & fazer rey a hũ seu jrmão bastardo chamado Tabarija, & era tam moço q̃ não era pera gouernar, cõ fundamẽto q̃ gouernaria ele ao menos ate Tabarija ser didade, & de tudo isto deu conta a Vicente dafõseca, certificãdolhe q̃ se Cachil dayalo nã fosse desposto de rey, q̃ ho auia destoruar a não fazer seu proueyto como faria não sendo ele rey, nem ficaria tão ausuluto capitão como forão os passados, pelo q̃ deuia de consentir em Cachil dayalo ser desposto de rey, no q̃ Vicente dafonseca consentio por não perder ho q̃ esperaua de ganhar em quãto esteuesse na capitania. E tẽdo Pateçarangue este consentimento pa

ſua treyçam começou logo de a poer em obra, tomãdo por cõpanheyro a Trauançelo, & como não podiam fazer nada, ſẽ os fidalgos terẽ odio a el rey, prouocauão nos a lho terẽ por quantas maneiras podiã principalmẽte fazẽdolhes crer q̃ lhes ãdaua cõ as molheres: & diziam q̃ era mal inclinado: & de forte cõdição, & aſsi lhe punham outras muitas tachas cõ que o faziã inabil pera ſer rey, & deſpoys q̃ Pateçarãgue & Trauançelo virão q̃ os fidalgos tinhão odio a el rey, começarão de lhes perſuadir q̃ o deſpoſeſſem de Rey, & fizeſſẽ rey a ſeu jrmão Tabarija. Neſte tẽpo auia na fortaleza grãde falta de mãtimẽtos, & muytos Portugueſes mandauã ſeus eſcrauos q̃ os foſſem furtar aos mouros, & aſsi os cabaços q̃ tinhão nas palmeyras cõ o vinho q̃ ſaya deles, & como os mouros queriã mal aos Portugueſes & ás ſuas couſas, deitauão peçonha nos cabaços cõ q̃ matauão os q̃ lhes yão beber ho vinho, & tambẽ ás cutiladas quãdo os achauão de bõ lãço, & como erão mortos tam encubertamente não ſe ſabia mais de ſuas mortes q̃ acharẽnos menos. E não podẽdo Vicẽte dafõſeca determinar no q̃ ſeria feito deles diſſeo a Pateçarangue, rogandolhe q̃ lho ſoubeſſe, & ele por meter coele em odio a el rey, cõtoulhe a maneyra da morte dos Portugueſes & dos eſcranos atribuindo a culpa diſſo a el rey, afirmando q̃ ſe fazia por ſeu mandado, do q̃ ſe Vicẽte dafonſeca eſcandalizou muyto, & mandouſe q̃yxar a el rey pelo meſmo Pateçarangue, cõ o q̃ ſe el rey eſpantou muyto, por quã inocẽte ſabia q̃ eſtaua daquela culpa, & ſe nã ſe temera de o Vicẽte dafonſeca tornar a prẽder foraſelhe diſculpar por ſua peſſoa, mas eſte temor lhe fez q̃ não foſſe, & mãdouſe diſculpar por Pateçarãgue cuidãdo q̃ lhe era leal, & como ho ele não era no cabo da diſculpa q̃ deu a Vicẽte dafõſeca lhe diſſe q̃ ſẽ duuida creſſe q̃ tudo aquilo erão palauras. E crendo Vicẽte dafonſeca q̃ era verdade determinou de prẽder el rey & telo preſo como dãtes, & que Pateçarangue gouernaria ho reyno, porẽ el rey era tam recatado q̃ nunca mais foy á fortaleza, ou parece q̃ foy auiſado deſta determinação & afaſtauaſe ho mays q̃ podia da conuerſação dos Portugueſes, nã por mal q̃ lhes quiſeſſe, mas por recear de os eſcãdalizar, & fazialhes quanto bẽ podia, & era tã obediẽte a Vicẽte da fonſeca & deſejaua tã todeſtar bẽ coele, q̃ não queria valer a nhũ Portugues q̃ ſe a ele acolheſſe por algũ dilito, & logo lho mandaua, & cõ tudo nã lhe valia q̃ de cada vez lhe tinha mayor odio & deſejaua mais de o prẽder, & quãdo vio q̃ ho não podia fazer determinou de o mandar matar: & tudo iſto por induzimento de Pateçarangue q̃ tinha o meſmo deſejo, & tam danados andauão q̃ ho não podião encobrir, & foy diſcuberto a el rey q̃ como era de grande coração diſsimulaua cõ Pateçarangue, & não ho quis caſtigar por não dar cauſa á Vicẽte dafonſeca rõper coele guerra, q̃ bẽ ſabia q̃ auia de q̃rer acodir por ele. E andando aſsi encubertos forão quatro eſcrauos de Portugueſes ao mato, & não tornãdo mais mãdou Vicẽte dafonſeca dizer a Pateçarangue (deſpoys de lhe mandar pregũtar por eles) q̃ el rey os deuia de ter ſe os nã mandara matar, ho q̃ el rey ſoube do q̃ ficou tão

triſte,

triste & agastado, que se passou logo pera hum lugar chamado Turutó mea legoa de Ternate, & leuou pera lá sua máy & os do seu conselho, mandando dizer a Vicente dafonseca que se ya, pera ver se se podia liurar da culpa que não tinha, & que de lá faria ho que lhe mandasse, do que Vicẽte dafonseca ficou muy escandalizado, & creo que se queria leuãtar cõtra a fortaleza, & por isso trabalhaua quãto podia polo mandar matar, & mandaua fazer aos mouros quãtos males podia. E vendo el rey isto, ouue conselho com os seus sobre se mudar pera mays longe, & assentarão de fazer outra cidade onde se chama a terra alta hũa legoa daly, que com quanto lhe auia de ser trabalho, assi em deyxar seu assento, como em fazer noua pouoação, a tudo se offreciã por se tirarẽ de mexericos, desgostos, & brigas que disso podiam recrecer. E auido este conselho el rey & a raynha se forão a Tidore & derão disto cõta a el rey que era jrmão da raynha, & tio del rey, a que pareceo bem a mudãça pera a terra alta pelas rezões que lhe derão pera isso, & co este parecer mãdou el rey Dayalo edeficar outra cidade na terra alta.

CAPIT. LVII.

De como el rey Cachil Dayalo se passou pera a terra alta.

PAteçarangue como queria mal a el rey & desejaua q̃ Vicente dafonseca esteuesse firme em lho querer, como vio o q̃ se ordenaua disselho logo, atribuindo aquela mudança del rey a quererse fortalecer pera se leuantar contra a fortaleza, & fazerlhe guerra, ho q̃ Vicente dafonseca creo, asſy polo odio que tinha a El-rey, como pola mudãça que lhe via fazer tam de supito, & mays porque neste tpõ tendo já el rey onde se agasalhasse na terra alta se mudou pera lá cõ toda sua familia, saluo a Raynha sua máy que ficou pa fazer yr Pateçarangue & os de sua familia, que em nhũa maneyra se q̃rião yr de Ternate polo odio q̃ tinhão a el rey, & estauam determinados de lhe desobedecer, por lhes Vicente dafonseca ter prometido de os ajudar a defender, & por isso não se querião yr. E quanto el rey mays via que Pateçarãgue insistia em não yr pera a terra alta, tanto mays insistia q̃ fosse, porque reçeaua muyto que não queria ficar ẽ Ternate em tal tpo se não pera o deseruir, & que o fazia cõ ousadia q̃ lhe daua Vicẽte dafonseca, & com ter isto por certo, lhe mandou dizer q̃ pera hũ tal dia se fosse pa a terra alta cõ todos os de sua valia, sopena de os castigar como a reueis, & desobediẽtes a seu rey: E não satisfazẽdo Pateçarãgue a este mandado nẽ nhũ dos outros determinou el Rey de proceder cõtrele: pa o que se foy a Ternate, õde achou Pateçarangue posto em armas cõ todos os seus pa se defẽder, & tinha cõsigo q̃renta Portuguesés espingardeyros q̃ lhe dera Vicẽte dafonseca pa o ajudarẽ contra el rey, & estes estauão na dianteyra. E como os el Rey vio, disse q̃ não queria co eles guerra, mas que se espantaua, & estaua muyto escandalizado, q̃ sendo ele vasallo del Rey de Portugal, não lhe q̃rer Vicẽte dafonseca, que era capitão da sua fortaleza, deixar castigar Pateçarangue seu vassallo q̃ ho offendia grauemẽte, antes lhe daua fa-

uor & ajuda cõtrele, sendo obrigado po ys era capitão del Rey de Portugal a lho ajudar a castigar quãdo ele só nã podesse: & rogou muyto aos Portugueses q̃ asi ho dissessem a Vicẽte dafonseca, & q̃ ele era vassallo del Rey de Portugal, & por esse se tinha, nẽ deyxaua de o ser pola mudãça q̃ fazia de Ternate pera a terra alta, q̃ se a fizera, fora por escusar payxões, & desgostos q̃ se começauão antre os Portugueses & os Mouros, & da terra alta, mandaria mays mantimentos á fortaleza do q̃ yão dãtes, q̃ não cuydasse Vicẽte da fonseca q̃ se mudaua pera outro fim, & assi se veria a diante, pedindolhe por derradeyro q̃ nã quisesse fauorecer cõtrele Pateçarangue nẽ os outros q̃ lhe erão desobediẽtes, & q̃ esperaua por sua reposta pa saber o q̃ auia de fazer, & coisto se foy. E ele ydo recolherãse os Portugueses, & derão a Vicente dafonseca ho seu recado, q̃ ele ouuio com grãde menẽcoria porq̃ ho não matarão, & asi ho disse, affirmando cõ juramento q̃ ho auia de destruir, & soltando cõtrele muy feas palauras, ẽ q̃ mostraua claramẽte ho grãde odio q̃ lhe tinha, do q̃ el rey foy auisado: & nã vendo sua reposta, determinou cõ os de seu cõselho de proceder contra Pateçarangue, a q̃ mandou primeiro rogar q̃ se fosse parele, & não querẽdo, mandoulhe fazer guerra por seus capitães q̃ cada dia lhe fazião muitas corridas, & lhe dauão rebates por mar & por terra, asi de dia como de noyte, ẽ q̃ Vicente dafonseca ho mandaua sempre ajudar polos Portugueses, & asi se ya atẽ ãdo a guerra de pouco em pouco: ho que vẽdo el rey a quis mays apertar, & foy sobre Pateçarãgue por már, & Cachil bualaua gouernador de Toloco por terra cõ a mays gẽte q̃ pode. E Vicẽte dafonseca acodio logo por terra, & mãdou por már sessenta Portugueses espingardeyros em hũ batel, & em hũ paraó artilhados, & nã pelejarã: porq̃ vẽdo el rey os Portugueses q̃ yão diãte, nã quis pelejar coeles & retirouse, & eles o apertarão tãto cõ a artelharia & espingardaria, q̃ lhe foy necessario fugir. E outra vez tornou el rey ẽ hũ calaluz cõ algũs mãdarins pa falar a Vicẽte dafonseca & lhe rogar q̃ teuesse paz, & ele lhe nã quis falar, antes mãdou a certos Portugueses q̃ lhe saissem, & por ele não q̃rer pelejar, & se yr, forã a pos ele ate o en sacarẽ na praya da terra alta õde se saluou, leuãdo quatro mandarins feridos, & foy lhe tomado o calaluz. E despois disto foy Vicẽte dafõseca darmada á terra alta, õde chegou de supito ãte manhaã, & tomou a el rey toda a armada q̃ tinha asi no már como na terra, & se tornou pa a fortaleza cõ grãde cõtẽtamẽto de Pateçarãgue, & dos outros imigos del rey, q̃ vẽdo como lhe Vicente dafonseca fazia guerra daqla maneyra, ainda q̃ o nã merecia, era tã amigo dos Portugueses, & desejaua tãto sua amizade pola criação q̃ teuera coeles, que nũca quis guerra, nẽ defenderse pola não fazer, q̃ se quisera queyxarse aos outros Reys segũdo estauão mal cõ os Portugueses, bẽ ajũtara gente com q̃ fizera guerra, mas nã quis polo amor q̃ lhes tinha, & desejo de sua couersação: & ãtes quis auẽturarse a perder ho Reyno, como perdeo, q̃ fazer guerra aos Portugueses, tẽdo que era muyto mór perda nã lhe goardar lealdade,

aldade q̃ perder o Reyno, & pera ver ſe cõ ſe yr dele poderia q̃brar a furia q̃ Vicẽte dafonſeca tinha cõtrele, ſe foy pera Tidore cõ toda ſua caſa, & cõ ſua mãy, cõ determinação de eſtar lá ate q̃ el rey fizeſſe cõ Vicẽte dafonſeca que foſſe ſeu amigo, & aſsi lho diſſe, & ele lhe diſſe q̃ acabaria iſſo cõ Vicente dafonſeca por amor da amizade q̃ tinhão ambos, & que tambẽ ho ajudarião el rey de Bachão & el rey de Geylolo, & Fernã de la torre, a q̃ eſcreueria que ho fizeſſem, & aſsi ficou el rey Dayalo em Tidore, cuydãdo que ali ſe remediaria.

CAPIT. LVIII.
De como Vicente dafonſeca tomou a cidade de Tidore.

Vicente dafonſeca q̃ nã ſabia nada da ydadel rey Dayalo, ajũtou hũa grãde armada de mouros & de Portugueſes cõ determinação de o deſtruyr, pa o que ſe foy á terra alta q̃ achou deſpouoada, do q̃ ſe muyto eſpantou, & cuydou q̃ el rey ſe meteria pelo ſertã da jlha pera ſe fazer forte. E queymado eſte lugar, foy ſobre as cidades de Malayo & de Toloco, q̃ tãbẽ forão deſpejadas, por el rey ter mãdado aos moradores q̃ nã pelejaſſem cõ os Portugueſes, & eſtas tãbem forão queymadas. E ſabẽdo Vicente dafonſeca q̃ el Rey Dayalo ſe fora pera Tidore, folgou muyto, pa ter achaq̃ de lhe tirar o reyno, porq̃ não podia eſtar ſem Rey, & aſsi lho conſelharão Pateçarangue & os de ſua valia, & q̃ fizeſſe hũ jrmão baſtardo del rey Dayalo, chamado Cachil Tabarija moço de quatorze ate quinze annos, da propria ydade pera eles mandarẽ a terra â ſua võtade, & pera Vicente dafonſeca ho fazer melhor, fez gouernador do reyno Pateçarangue. E leuãtado Tabarija por rey, foy Vicente dafonſeca coele em hũa grãde armada por eſſes lugares da fralda do mar, a que mandaua dizer que ele deſpoſera de rey d̃ Ternate a Cachil dayalo, & o deitara do reyno cõ ſua mãy & outros, por ſerẽ culpados na morte do capitão Gonçalo pereyra & ſe q̃rerẽ leuãtar cõtra a fortaleza, & fizera rey a Cachil tabarija, q̃ tambẽ era filho del rey Boleyfe, cujo o reyno era por dereyto, pois Hayalo ho perdera: q̃ rogaua muyto a todos q̃ obedeceſſem por Rey a Tabarija, porq̃ não querendo lhes auia de fazer guerra. E vendo os mouros que el rey Dayalo ſe fora, cõ receo da guerra, obedecerão todos a Tabarija, ſomẽte o regedor de Toloco q̃ queria mal a Pateçarangue, cõ quanto era ſeu parẽte, & deſejaua de o matar por a treyção que fizera a el rey Dayalo, & por iſſo o mandou prẽder Vicente dafonſeca, & eſteue p̃ſo atẽ q̃ morreo. E como Pateçarangue ſabia q̃ el rey Dayalo eſtaua ẽ Tidore, receauaſe q̃ dali cobraſſe ſeu reyno: & pera mayor ſua ſegurança, fez cõ Vicẽte dafõſeca q̃ foſſe cõ grande armada ſobre Tidore, & fizeſſe cõ el rey q̃ lhe mãdaſſe entregar todo ho teſouro q̃ Dayalo leuara, cõ todo o mais quãdo ſe fora de Ternate, ſenã que o deſtruiſſe, & ficando Dayalo ſem teſouro nã teria poder pera ſe reſtaurar no reyno. E como Vicẽte dafonſeca cria muyto em Pateçarangue tomou ſeu conſelho. E chegado a Tidore hũa manhaã cõ grãde armada, mãdou dizer a el rey as rezões porq̃ deſpoſera de rey a Cachil dayalo & fizera rey a Tabarija, a q̃ ẽ

pertencia todo ho tesouro douro, prata, & armas defensiuas, & offensiuas, & escrauos que Dayalo & sua māy leuarão de Ternate, que lhe rogaua que lhe mandasse logo dar tudo se q̃ria ter paz coele, se nā q̃ lhe faria guerra: & tābem lhe auia dētregar Dayalo & sua māy, ou os lāçasse de sua terra, porq̃ quē tinha amizade cō os Portugueses nā auia dacolher hũ tamanho seu imigo como Dayalo. El rey de Tidore como era moço, espantouse dũ recado tā aspero, & respōdeo a Vicēte dafonseca que faria tudo o q̃ fosse rezão, que lhe pedia q̃ desembarcasse pera falarē sobre aquele negocio & se fazer o q̃ fosse seruiço del Rey de Portugal: & por cōselho de Pateçarangue não quis Vicēte dafonseca verse cō el rey, & repricou q̃ fizesse logo o q̃ lhe pedia se queria ter paz coele: & vēdose el rey tā apertado, disse q̃ aueria cōselho cō os seus, & despoys yria falar a Vicente dafonseca pois ele nā q̃ria desembarcar: & Vicēte dafonseca nā respōdeo, porque vio q̃ el rey não fazia o que lhe pedia E cuydando el rey q̃ consentia em q̃ ouuesse cōselho entrou nele, mas Vicēte dafonseca tomou outro, q̃ lhe deu Pateçarāgue, que foy dar na cidade pois el Rey nā satisfazia a seu requerimento, & com lhe fazer guerra o faria, & asi ho fez, desembarcādo supitamente cō sua gente armada, & entra pola cidade ferindo & matādo seus moradores, q̃ confiados na paz & amizade que tinhão cō os Portugueses estauão bem descuydados de tal cousa, & sabendo ho el Rey, fugio logo com a sua māy, & Cachil dayalo cō a sua pera hũa serra q̃ estaua sobre a cidade, pera onde tā bem fugirão os mais dos moradores, posto q̃ algũs quiserão resistir por defenderē suas molheres & filhos, & estes forão mortos quasi todos: & não tendo os Portugueses com quē pelejar, roubarão & queymarão a cidade. E a vida esta tamanha vitoria, em q̃ Vicente dafonseca cō os Portugueses perderão mais de credito, do que ganharão de honrra, se tornou pera Ternate sem alcāçar nada do que y a buscar, se não guerra cō Tidore sem nhũa causa, de q̃ nosso sñor lhe deu logo algũ castigo: E tornado á fortaleza, vēdo o regedor de Toloco (q̃ disseq̃ foy preso) q̃ Cachil dayalo nā podia cobrar o reyno, por nā auer rey daq̃la geração, determinou de matar el rey Tabarija, & dous seus jrmāos, que Vicēte dafonseca tinha na fortaleza pera sua segurāça, ho q̃ cuidou de fazer por estar coeles no derradeyro sobrado da torre da menagem, ainda que preso com hũa adoba, & pera cōprir sua determinação, ouue hũ cutelo q̃ trazia escondido, & logo q̃ Vicēte dafōseca chegou de Tidore, estādo hũ dia á porta da fortaleza ho regedor q̃ estaua só cō el rey & seus jrmāos, & outros algũs no derradeyro sobrado da torre da menagem, remeteo a el rey pera ho matar, q̃ quis Deos q̃ lhe escapou & fugio cō os outros pa duas camaras a q̃ fecharā as portas de dētro, & outros fugirão pola escada abaixo bradādo q̃ lhes acodissem, & ele nā pode alcançar nhũ por amor da adoba que ho toruaua, mas alcançou hũ filho de Vicente dafonseca, moço de sete ānos & degolouo, vendo q̃ não se podia vingar de quē quisera. E feyto isto, porq̃ sentio q̃ acodio gente, posse sobre a porta

da escada tirando cõ pedras & páos & algũas espingardas, cõ q defendia muy brauamẽte que a gẽte não sobisse a çima, & cõ tudo, hũ caualeiro chamado Iorge goterez passou a diante bem cuberto de hũa rodela q lhe o mouro q̃brou sobre a cabeça cõ hũa espingarda q lhe arremessou, & o ferio & atordoou algũ tanto, porẽ ele era tã esforçado que assi se chegou ao mouro, & lhe deu hũa estocada pela barriga q̃ o passou da outra parte, & ele q̃ não era de menos esforço q̃ Iorge goterez, nẽ por isso perdeo o lugar ẽ q̃ estaua em quãto teue cõ q̃ se defender, & despois de lhe faleçer, çarrou cõ Iorge goterez & ferio o cõ o cutelo por de baixo da barba, & ele o leuou nos braços, & forã ambos pola escada a bayxo, & chegãdo ao sobrado Iorge goterez se desemborilhou dele, & deu lhe hũa cutilada na cabeça com que quebrou a espada, & Vicẽte dafonseca & outros ho acabaram de matar.

CAPIT. LIX.

De como el rey Cachil dayalo perseguido de Vicente dafonseca se foy morar a Geylolo.

GRãde espãto foy por todas aquelas jlhas quãdo se soube q̃ Vicẽte dafõseca despusera de rey de Ternate a Cachil q̃ era legitimo, & tã amigo dos Portugueses & criado ãtreles, & ho perseguira tãto atẽ o fazer fugir do reyno, & fazer rey a Cachil Tabarija tã moço & bastardo, & a quẽ não pertẽcia o reyno por nhũa via, & tinhã todos disto grãde escãdalo: & muitos Sangages & gouernadores dos lugares do reyno de Ternatẽ, não querião obedecer a el rey Tabarija, & chamauãlhe rey de Vicẽte dafonseca & de Pateçarãgue, pelo q̃ Vicẽte dafõseca fez a mayor armada q̃ pode & mãdou nela por capitã mór Pateçarãgue ꝑa fazer a estes q̃ digo q̃ obedecessẽ a Tabarija q̃ obedecerã vẽdo se apressados da guerra, posto q̃ el rey Cachil dayalo lhes socorreo cõ algũa armada mas nã a ꝓueytou, & assi tãbẽ fez por força q̃ obedecesse a el rey Tabarija hum mouro chamado Ouro bachela tesoureiro del rey Cachil dayalo pessoa mui notauel no reyno, q̃ obedecẽdo a elrey Tabarija, lhe entregou todo o tesouro q̃ tinha del rey Cachil dayalo, o q̃ foy causa dalgũs Sãgages & s̃nores q̃ ainda estauã por dar obediẽcia a el rey Tabarija lha dessẽ. E vẽdo el Rey de Tidore como as cousas del rey Tabarija erã de cada vez mais prosperas, & el rey Cachil dayalo ya ẽ mais ꝑdição, & ele nã lhe podia valer por estar muy q̃brado das guerras passadas, fez paz cõ Vicẽte dafõseca cõ receo q̃ o destruisse & Vicẽte dafõseca a fez por assẽtar a terra: vendo el rey feita esta paz nã se atreueo a viuer ẽ Tidore por amor dos Portugueses q̃ sabia q̃ auião lá dir, dos quaes se não fiaua, & por isso determinou de morar em Geylolo, & foy lá primeyro, pera pedir licença a el rey q̃ lha deu de boa võtade, & lhe prometeo de lhe dar algũs lugares, d̃ cujas rẽdas se mãteuesse, & mais q̃ ele & Fernão de la torre mãdariã rogar a Vicẽte dafonseca q̃ o ajudasse cõ algũa cousa, poys o deytara de seu Reyno, & assi ho fizerão, mas ele não quis, antes com Pateçarãgue mandou cometer a el Rey de Tidore q̃ lhe vendesse el rey Cachil dayalo & lho entregasse, porq̃ não se passasse pera Geylolo, temẽdo q̃ de lá lhe fizesse guerra, ho q̃ el rey não quis fazer. E vendo Vicente

da

dafõseca q̃ não q̃ria, fez q̃ lhe desse a máy del rey Tabarija, q̃ andaua em cõpanhia da molher del rey Cachil dayalo, cõ quẽ Pateçarãgue desejaua de casar pera ser mays hõrrado, & asi o fez, depoys q̃ foy entregue a Vicente dafonseca, a q̃ não abastando as perseguições que tinha feytas a el Rey Cachil dayalo, tratou secretamẽte cõ a raynha sua molher q̃ lhe fugisse pera Ternate, & que a casaria cõ el rey Tabarija & seria raynha, o q̃ nunca auia de ser sendo molher de Dayalo, porq̃ nũca auia de ser rey: & affirmouse q̃ neste concerto cõsentio el rey de Tidore, cuja jrmaã era a raynha, & isto por peita, & por desesperar del rey Dayalo cobrar mais o reyno. E despoys dele tornar de Geylolo, hũa noyte o embebedou a Raynha ẽ hũa çea q̃ lhe deu: & estando ele bem entregue no sono, se foy ela secretamẽte com algũas das suas mãcebas, leuãdolhe a mayor parte do tesouro q̃ tinha. E chegando a Ternate, a casou Vicẽte dafonseca cõ el Rey Tabarija, o q̃ sabido por el rey Cachil dayalo ho sentio mais q̃ perder o reyno, por lhe q̃rer muyto grãde bem, & ser ela refrigerio de seus trabalhos, & tãbem sintio leuarlhe o tesouro, porq̃ ficaua de todo sem ter com q̃ sosteuesse aqueles que ho acõpanhauão: & como era magnanimo não desmayou cõ todos estes infortunios nẽ se mudou da determinação de yr morar a Geylolo. E porq̃ sua máy auia de ficar em Tidore, deyxou coela aq̃les que o acõpanhauão, ẽcomẽdadolhos muyto, & pedindolhe a eles muyto perdão de os nã leuar cõsigo, & de lhes nã poder fazer merce, fazẽdo ele & eles grãde prãto ao despedir, se partio pera Geylolo sò, & tã pobre, q̃ não tinha mays do que lhe el rey de Geylolo daua, õde esteue atẽ q̃ tornou outro tẽpo, como direy a diãte. E partido el Rey Dayalo pera Geylolo, el rey de Tidore pedio ajuda a Vicẽte dafonseca, & a el rey Tabarija, pera cobrar algũs lugares de seu senhorio q̃ lhe estauão reuelados, & cõ sua ajuda os tornou a cobrar: em q̃ hũ Iorge goterrez, & hũ Simão valẽte pelejarão muy esforçadamẽte. E despois disto, moueo el rey de Geylolo guerra a Vicẽte da fõseca por certos lugares de seu senhorio, q̃ lhe tinha tomados, & não lhos tornaua tẽdolhe prometido de lhos tornar, & asi esteuerão atẽ chegar a Maluco Tristão da tayde q̃ foy por capitão da nossa fortaleza, como a diante direy.

CAPIT. LX.

De como ho gouernador determinou de yr sobre a fortaleza de Baçaĩ, & do sitio da fortaleza.

Despoys do gouernador auer as tanadarias Daçadacão, como disse, vio q̃ era tpo de poer em efeyto a determinaçã que tinha de yr tomar a fortaleza de Baçaim, o q̃ tinha descuberto, per juramẽto q̃ o não descubrissem, a Martĩ afonso de melo jusarte, Manuel dalbuquerq̃, & a outros cinco ou seys, a que disse. Ainda quẽ cubro a tristeza q̃ tenho por nã tomarmos Diu, nã creais q̃ he tã pequena, que me nã dá tãto cuydado, q̃ podeis crer q̃ nũca mays fuy ledo, porq̃ com quãto fiz o q̃ pude como todos vistes, & nessa parte me dou por satisfeito, todavia me nã posso assessegar, porq̃ me lẽbra q̃ neste caso a minha satisfacã he a menos, pois nada a ꝓueita se nã satisfazer aos de fora, & mais ẽ cousas q̃ tocã ao bẽ pubrico. E como eu conheço

q̃ os homẽs geralmẽte nas cousas desta q̃ a lidade nã leuão em conta nhũas disculpas mas sempre fazẽ as culpas mayores do q̃ são: magoame muyto as q̃ me hão de dar de nã tomar Diu posto q̃ as não tenho, & por isso q̃ria fazer algũa cousa cõ q̃ estou tra esquecesse: & a que se offrece he tomar Baçaĩ antes de ser de todo outro Diu, ꝑa o q̃ despoys da ajuda q̃ espero de nosso senhor, faz muito ao caso o medo q̃ os mouros tẽ dos nossos, pola guerra q̃ fizerã em Cãbaya o ãno passado & este, & a destruição de Patane, Pate, & Mãgalor, q̃ quasi erã tã fortes como Baçaĩ, & forão destruydas por tã poucos como traz Diogo da silueyra, assi sera Baçaĩ cõ ajuda de nosso senhor polos q̃ lá formos, q̃ seremos dous mil Portugueses cõ os q̃ traz Diogo da silueyra, & por nã se saber õde ymos o encubro dizẽdo q̃ vou a Cãbaya, & por isso vos dey juramẽto q̃ o nã descubraeis, & assi volo peço. O q̃ lhes pareceo muito bẽ, & cõselharão ao gouernador q̃ sem detẽça o executasse. E como ele tinha tudo prestes partiose na entrada do ãno de mil & quinhentos & xxxiij. & foy na galé bastarda, & seria a frota de perto de oytẽta velas, ẽ q̃ entrauão sete galeões, de q̃ forã capitães, dõ Paulo da gama, Vasco pirez de sam payo, dõ Fernãdo deça, Antonio de lemos, Anrrique de macedo, Antonio cardoso, & outro a q̃ nã soube o nome: as outras velas forã galés, galeotas, bargantins, catures, & nauios da terra, dos principaeis capitães q̃ soube q̃ forão das gales, & galeotas forã, Martĩ afõso de melo jusarte, Manuel dalbuquerq̃, Tristão da tayde, pero đ faria, Frãcisco da cunha, Vasco da cunha, Nuno barreto, Manuel de vascõcelos, dõ Pedro de Meneses, Fernão de lima, & outros fidalgos & caualeyros: & nas velas Portuguesas yão dous mil Portugueses, & dous mil Canarĩs frecheiros & adargados nos nauios da terra. E partido de Goa coesta frota foy ter a Chaul, õde mãdou diãte Manuel dalbuquerq̃ cõ certos bargantĩs, q̃ fosse tomar a barra de Baçaĩ, porq̃ nã entrasse nenhũ socorro de Diu, & ele partio apos ele: E chegado ao rio do Pagode duas legoas de Baçaĩ: esperou por Diogo da silueira q̃ por seu recado se partio da põta de Diu õde andaua, & se foy ali ajũtar coele, & jũtos partirã todos ꝑa Baçaĩ, q̃ como disse, he quinze legoas de Chaul metido por hũ rio ẽ q̃ podẽ nadar galês, & deste rio se faz hũ esteyro q̃ o cerca da bãda de leste, & se vay meter no mar q̃ fica a terra ẽ ilha: pegado cõ a boca đste esteiro estaua hũ baluarte, & mais ꝑa a barra a tiro de bõbarda estaua hũa mezquita ẽ hũa mama de terra. E porq̃ os Portugueses não podessẽ desẽbarcar jũto da fortaleza fizerão hũa tranq̃yra de valos de terra q̃ começaua do baluarte, & se estendia atẽ mea legoa alẽ da fortaleza ꝑa a pouoção, era daltura de braça & mea & muito larga, & dos mesmos valos tinha muytos baluartes em q̃ estauão assentadas trezẽtas peças dartelharia, & ꝑa mais fortaleza cercarãona de caua daltura de hũa braça q̃ se ẽchia dagoa do esteyro q̃ disse, de modo q̃ nã se podia ẽtrar se não pelo cabo da tranq̃yra, q̃ os mouros fizerã, porq̃ se algũa ora os nossos quisessẽ cometer, nã poderiã tãto ãdar a pé ꝑa chegarẽ ao cabo da tranq̃yra, & se chegassẽ, chegarião

tam cansados que não poderião pelejar, & coesta fortaleza & cõ Melique ter dezasete mil homẽs de peleja assi de pé como de cavalo, & todos escolhidos, lhe parecia que estaua seguro de ser tomado.

CAPIT. LXI.

¶ Como Melique quisera deter cõ engano ho Governador q̃ não cometesse a fortaleza.

CHegado ho gouernador á barra de Baçaim entrou dentro no rio pa surgir com sua armada, q̃ sabendo Melique camanha era temeo de ser tomado, & pa auer mays gente & se fortalecer mais, mãdou logo dizer ao gouernador por hum mercador Dormuz q̃ hi tinha hũa nao, q̃ bẽ sabia como seu pay, & ele forão sempre grandes seruidores del Rey de Portugal: & a amizade que teuerã cõ os seus gouernadores da India, & nũca lhe quiserã fazer guerra, sobre q̃ el rey de Cãbaya os vexara & tratara mal, & por isto assi ser ele q̃ria goardar coele o que atè ali goardara com outros gouernadores, & ter coele paz & amizade como teuera cõ os outros se ele disso fosse contente, & se posesse no q̃ fosse razã. Ho gouernador despoys de ouuir este recado, pregũtou ao mouro pola fortaleza, & se estaua tã forte como era a fama, & ho mouro lhe prometeo de lhe dizer a verdade, pedindolhe q̃ lhe nã mãdasse queymar hũa nao q̃ hi tinha, & mays pois era vassallo del Rey de Portugal: ho q̃ o gouernador lhe prometeo, & ele lhe contou largamẽte a gente que Meliq̃ tinha & ho assento da fortaleza, & quam fortalecida estaua. E ho Gouernador que com tudo tinha determinado de dar nela, não lhe deu nada do que ouuio ao mouro, & respondeo a Melique, que por saber que era verdade tudo quãto lhe mandaua dizer, era contẽte de fazer coele paz & o ter por amigo, & que lhe mandasse arrefens, & que despois de os ter mandaria lá cõ quem assentasse a paz & a amizade. E como Melique não tinha tenção de fazer a paz, não quis mandar resposta aq̃le dia, & ao outro mãdou tres Mouros honrrados que ho mercador Dormuz conhecia, que ho gouernador mandou agasalhar em hũa galeota, de que era capitão Ioão de payua feytor da armada: & mãdou a Martim afonso de melo que fosse assentar paz com Melique: & seria com condição que lhe alargasse aquela fortaleza. E sabẽdo Melique como ya Martim afonso, sayo ho a receber hũ pedaço fora da fortaleza: & ali assentados na herua sobre hũa alcatifa praticarão na paz, & Melique não q̃ria dar a fortaleza, & por Martim afonso aprefiar muyto coele q̃ a desse, lhe disse Melique q̃ lhe rogaua por sua fidalgia que lhe dissesse, se ele fora Melique se a dera, & Martim afonso respõdeo que se soubera ho poder que ya contrele, como sabia, que a entregara por escapar: & com tudo Meliq̃ pola tenção que tinha insistia muyto em não dar a fortaleza. E por derradeyro, mays pera deter a cousa que pera querer concrusam, disse que dirribaria a fortaleza, com condiçam que lhe pagasse ho gouernador os gastos que fizera, & que auia de leuar a artelharia, madeyra, & pedra, & em refazimento dos gastos lhe auia de dar cincoenta caualos dos que leuaua, & coesta reposta se tornou Martim afonso, & deua ao Gouernador, que mandou logo os

arrefens,

rrefẽs, & chamou a cõſelho na ſua ga-
ẽ onde propos aos capitães fidalgos,
& peſſoas principaeis da armada, a re-
poſta de Meliq, & como muitos ſabiam
no aſſẽto da fortaleza pelo mouro & ho
modo de q̃ eſtaua fortalecida, & temeſſẽ a
peleja, ou lhes pareceſſe melhor auer a for
taleza ſem ela q̃ coela, em q̃ muitos corriã
riſco de morrerẽ, & a India ficar deſfale-
cida de gẽte, de q̃ ao preſẽte auia neceſſi-
dade grãdiſsima, forão de parecer q̃ ſe cõ
cedeſſe a Meliq o que pedia, dando as meſ
mas rezões q̃ digo, & porq̃ não ſe fizeſſe
Baçaĩ outro Diu. E Diogo da ſilueyra,
& Manuel dalbuquerq̃ forão muy deſuia
dos deſte parecer, dizẽdo que aq̃la armada
que ho gouernador trazia, tinha muyto
cuſtado a el Rey, & o que ſe poderia dar
por ſe derribar a fortaleza ſeria outro tan-
to, o que era grande vergonha & pare-
cia fraqueza, que era muyto de notar pois
ſe cometia por tanta & tam boa gente &
tambẽ armada como ali eſtaua, & por nã
ficar ẽ cuſtume aos mouros q̃ como qui-
ſeſſem ajuntar quaeisquer quatro pedras
pera lhas venderẽ tambẽ como Meliq q-
ria vẽder aquelas, & mays leualas, que o
não deuião de fazer: & ſe Melique nã qui
ſeſſe dar a fortaleza liuremente que pele-
jaſſem, & que eſperauão em noſſo ſñor q̃
os auia de ajudar por mays fortes que os
imigos eſtiueſſem, & deſte parecer forão
outros, & ho gouernador por derradey-
ro, & por ſerem mays vozes ſe aſſentou
que foſſe aſsi, & ho gouernador ho man-
dou dizer a Melique por ho mouro Dor
muz, & por ele reſpondeo que ao outro
dia mandaria a reſpoſta. E vendo os ſol-
dados eſta dilação ſem ſaberẽ a cauſa, &
porque ſabião o que Martim afonſo paſſa
ra cõ Melique ſobre o que o gouernador
teuera conſelho, & lhe reſpõdera, aſſenta
rão q̃ poys ho gouernador não dera logo
em terra que não q̃ria fazer nada & ſe tor
naua, & leuãtouſe ſobriſto grande mur-
muração por toda a frota, & o ſecretario
Simão ferreyra ho diſſe ao gouernador,
q̃ vendo ho vir de fora cõ roſto deſcontẽ-
te lhe preguntou que ya lá, & de que vinha
deſcõtente, ele lhe reſpõdeo q̃ por dizerẽ
todos q̃ ſe tornauão pera Goa ſem fazerẽ
nada, & entẽdendo ho gouernador, que
poys ele ſoltaua aquilo q̃ auia grãde mur-
muração na armada, & vendo tambẽ q̃
Melique não mandaua repoſta, tornou a
chamar a conſelho & determinou de dar
em terra ao outro dia q̃ era dia de ſão Se-
baſtião, & que de toda a gente ſe fizeſſẽ
tres eſcoadrões, no primeiro q̃ ſeria de ſeis
cẽtos Portugueſes, & quinhẽtos Canarĩs,
yrião Diogo da ſilueyra, Martim afonſo
de melo juſarte, & Manuel dalbuquerq̃.
No ſegũdo que ſeria doutros tãtos yrião
dom Fernando deça, Vaſco pirez de ſão
payo, dom Paulo da gama, Antonio de
lemos, Anrriq̃ de macedo, Antonio car-
doſo, & os outros capitães dos galeões.
No terceyro que ſeria de oyto cẽtos, yria
o gouernador cõ a bãdeyra real acõpanha
da dos outros capitães, & neſta ordem de
ſembercarião todos de madrugada & co
meterião ho cabo da tranqueyra, cujo
caminho ho mouro Dormuz lhes in-
ſinaria, indo na dianteyra com Dio-
go da ſilueyra, & á boca da noyte a
albetoça de Pero de faria com as mays

velas que teueſſem tiros groſſos, & aſsi al gũs bateis de mátas ſe chegarião o mays que podeſſem á fortaleza & á tranqueyra, pera q̃ ouuindo de madrugada hũ tiro de berço q̃ tiraria o ſeu catur indo ꝑa ter ra começaſſem de bater a fortaleza & trã queyra.

CAPIT. LXII.

De como Diogo da ſilueyra Martim afonſo demelo juſarte:& Manuel dalbuquerque deſbaratarão a trãqueyra dos imigos.

ISto aſſentado tornaráoſe os capitães a ſeus nauios, & chegados á tranqueyra & fortaleza os q̃ auião de dar a bateria ẽcomẽdouſe a gẽte a noſſo ſñor, porq̃ ho feyto era muyto perigoſo por a fortaleza eſtar tam forte como diſſe, & em grandes alegrias porq̃ ſoubeſſem os imigos q̃ os não temião. E vinda a madrugada q̃ o go uernador deu o ſinal cõ ho berço, como eſtaua aſſentado, começou a noſſa artelharia de deſparar & como era ainda de noyte & fazia neuoa, & os tiros deſparaſſem quaſi a hũa foy hũa couſa eſpãtoſa, & mays porq̃ á artelharia dos imigos começou tambẽ de jugar cuydádo q̃ os Portugueſes deſembarcauão diante da fortaleza. E deſembarcados eles & poſtos na ordẽ em q̃ auião de yr, começarão de caminhar ao longo da tranqueyra pera ho cabo dela, porque querẽdo Diogo da ſilueyra entrar pola caua não quis quãdo achou a altura que tinha: & por iſſo paſſou auãte por hũ campo raſo onde a noſſa gente nã tinhão outro emparo ſe não o de noſſo ſñor q̃ os goardaſſe das muytas bõbardadas q̃ lhes os imigos tirauam & eſpingardadas em roda viua, & muytas bõbas de fogo, & tudo tã baſto q̃ era milagre euidente eſcaparẽ de tantos tiros, & noſſo ſñor ſeja louuado em nhũ acertarão, pelo q̃ deſpoys muytos dos Canarís que yão cõ os noſſos ſe tornarão criſtãos, dizendo que o noſſo Deos era melhor que todos os outros deoſes q̃ nos goardaua dos perigos. E os meſmos mouros eſpantados de verẽ q̃ os ſeus tiros não empeçião aos Portugueſes, mandarão dizer á Meliq̃ q̃ viſſe o q̃ fazia porq̃ a artelharia não fazia mal áq̃les homẽs, & que ſe chegauão ão cabo da trãqueyra, onde ſe todos ajuntarão, & ſerião doze mil homẽs de pé & de caualo, em q̃ auia muytos Rumes & outra gente branca. E ſabido por Melique aq̃le recado, acodio á tranqueyra deyxãdo encomẽdada a fortaleza a hũ capitão de q̃ confiaua. E quando os Portugueſes chegarão ao cabo da trãqueyra deſpoys de tantos perigos acharão como digo aq̃le corpo dos imigos, q̃ era couſa de tiros de fogo que tirauão ꝑa defender a entrada, mas os Portugueſes não duuidando nhũa couſa remeterão aos imigos na ordem em q̃ yão, tirãdo hũs muytas eſpingardadas, & outros cõ lançadas. E vendo os imigos a ouſadia cõ q̃ os cometião os menos: teuerão coração pera ſe defender o que fizerão por hũ quarto dora, pelejando muy esforçadamẽte & logo ſe deſ baratarão, não podẽdo ſofrer o impeto dos Portugueſes, & fugirão deles pera a pouoação, & outros pera a fortaleza, & aſsi os ſeguirão os noſſos, parte deles com Diogo da ſilueyra q̃ ſeguio os q̃ yão contra a pouoação, & parte cõ Martim afonſo, & Manuel dalbuquerque os q̃ yão ꝑa a fortaleza: & niſto chegou Meliq̃, & começou đ recolher os ſeus, & aſsi como os

colhia fazia volta aos que yão com Dio
o da silueyra, mas aproueytaua lhe pou
o, porque como os Portugueses yão fa-
orecidos com a vitoria a cada volta lhe
matauão muytos: & assi os leuarão ate
pouoação, onde Melique nã se atreuẽdo
saluar, fugio passando hũa ponte que a-
auessaua ho esteyro q̃ disse, & recolheo
cõ a gente ao pé de hũa serra õde se fez
orte, & na entrada da tranqueyra & no
cãço dos imigos forã mortos bẽ quinhẽ
os homẽs, & muytos deles Rumes, &
treles foy hũ Abexi de caualo, q̃ atreles
ra tido por esforçado caualeyro, & ma-
ou ho Ioão jusarte tição, & asi foy mor
o hũ capitão del rey de Cambaya cõ do
s filhos & hũ genrro, & não foy a esta
atalha a mays que auer os Portugueses,
orque nunca os virã pelejar, & tinha
eles fama que erão muyto valentes ho
nẽs, & este capitão se achou armado d̃ hũ
õ corsolete: & assi morrerão outros mui
os capitães & homẽs conhecidos, & dos
ortuguesesmorrião ate seys, & hũ deles
ra fidalgo, & chamauasse Diogo de me
o, & outro Bertolameu drago, & dos ou
ros não soube os nomes. E esta vitoria se
uue ẽ tres oras, & foy das prĩcipaeis q̃ ate
ly se ouue na India, por ser hũ feyto de
nuyto grande perigo, & ser a peleja cõ a
nelhor gẽte da India, asi de pé como de
aualo, & em q̃ auia muytos Rumes, & a
nays da outra gente toda brãca, afora te-
em tantas municões & tiros de fogo co-
no disse.

CAPIT. LXIII.

De como os imigos despejarão a fortaleza de Baçaĩ.

DEsbaratados os imigos & posto fogo à pouoaçam, tiraram os Portugueses caminho da fortaleza, & chegando á mezquita que disse, esperarão polo gouernador q̃ chegou á trãqueyra quasi em tẽ do os Portugueses acabado de desbaratar os imigos, que polo pouco espaço q̃ gastarão em os desbaratar, não pode chegar mays cedo: & foy a pressa tamanha q̃ correrão os Portugueses muyto risco de serẽ mortos cõ a nossa artelharia q̃ tirauão os do mar, q̃ cuydando q̃ nã tomassem a trãqueyra tão asinha, não fazião se não tirar a ela polos ajudar, & tã impresso tinhão isto na fantezia, que os virão ãdar sobre os valos da tranqueyra, & cuydauão q̃ erão os imigos, & q̃ os Portugueses erão todos mortos, se não quãdo virão luzir os capacetes, então deixarão de tirar. E chegando ho gouernador á mezquita deu muytos louuores a nosso senhor por aq̃la vitoria, & fez muyta honrra & gasalhado a Diogo da silueyra & aos outros capitães louã do seu esforço & valentia, & disselhes q̃ esperaua em nosso señor dalmorçar ali & çear dentro na fortaleza, porq̃ o mais era feyto: & pera q̃brar as portas da fortaleza mandou logo â frota por algũs tiros grossos, q̃ por derradeyro aprouue a nosso senhor q̃ não forão necessarios, & acabouse ho feyto sem perigo, porq̃ indo polos tiros, mandou ho gouernador ao secretario q̃ fosse espiar a porta da fortaleza pã ver se lhe poderião tirar cõ as bõbardas porq̃ mãdara, & mandou yr coele sete ou oyto homẽs, & como os outros o virão abalar, (por ser priuado do gouernador) leuãtarãose bem quinhẽtos & forão a pos ele. E vendo os mouros q̃ estauão na fortaleza

aq̃le

aquele corpo de gente emcaraua nela & a bateria q lhe dauão por mar, & vendo desbaratada a tranqueyra, & que Meliq fora desbaratado, & não se podera recolher a fortaleza, cuydarão que lhe yão tomar a porta pera não poderé sayr em quã to os outros entrauão pelos muros, & cõ o medo q disto cõceberão abrirão as portas & fugirão pera ho esteyro cõ determinação de passar da outra parte: & os Portugueses q os virão derão a pos eles, mandando ho secretario dizer o que passaua ao gouernador, que logo seguio pera o lugar por onde os jmigos qrião fugir, & ainda neste alcanço forão deles mortos perto de cinquoẽta Rumes & homẽs brancos, & por não poderẽ passar do esteyro se tornarão pera a fortaleza, a cuja porta ho gouernador armou algũs caualeiros, & antre eles forão Gil de crasto filho de Diogo borges contador de Viseu, Baltesar lobo de sousa, Tomé de brito, Lionel de lima & outros, a fora muytos q fizera na mezquita: & despoys entrou na fortaleza dando muytas graças a nosso sñor pola muyto grande merce q lhe fizera, & achouse muyta poluora despingardada & de bõbardada & muytos pelouros & outras muytas munições, a fora a artelharia que com a que foy tomada na tranqueyra forão quatrocẽtas peças, & antrelas sete grossas arrebẽtadas, & a terra foy cortada & destruyda, em tãto q os Portugueses rogauão hũs aos outros q deyxassem algũas aruores pera sombra, & a rogo de hũ Guzarate gentio homẽ velho & que tinha presença de honrrado, mãdou o gouernador que não cortassem mais aruoredo. E porq ele não tinha gente pera soster aqla fortaleza contra võtade del Rey de Cambaya, & pola não deyxar aos mouros a mãdou derribar toda & assi o baluarte, & de fazer a tranqueyra, no q se deteue oyto dias tendo em terra seu arrayal. E desfeyto todo isto ate os alicecés recolheo se a frota, & dahi mãdou a Diogo da silueyra ao estreyto por capitão mór de hũa armada de tres galeões de que forão capitães ele, Antonio de lemos, Antonio cardoso, & hũ galé real a cujo capitão não soube ho nome, & duas galeotas, capitães Frãcisco de sousa, & Fernão de crasto, & quinze bargantins & catures: & porq lhe foy dito que a fortaleza de Damão estaua despejada determinou de a mandar derribar, & deu ho cargo disso a Manuel dalbuquerq que fez capitão mór de hũa armada de tres galés de q forão capitães ele, dõ Pedro de meneses, & Manuel de vasconcelos, & doze bargantins & catures, pera que lhe deu trezentos homẽs, & deyxandolhe esta armada se partio pera Chaul & dahi pera Goa õde auia de inuernar, & daqui despachou Martim Afonso de melo jusarte pera yr a Bẽgala fauorecer Cojexabadim, aquele mouro q ho resgatou, como disse no Liuro Septimo. E por el rey de Bengala ho não querer deyxar tornar pera sua terra escreueo a elrey de Portugal ho agrauo q lhe el rey fazia pedindolhe q ho mandasse tirar dela, & q auendo de yr alguẽ a isso fosse Martim afonso, aquem escreueo q lhe mandasse aquela carta, & que escreuesse a el Rey os seruiços q lhe tinha feytos, & q lhe pedisse aqla yda a Bengala porque ele tambẽ pedia a el rey q ho mã-

dasse

isse: & Martim afonso ho fez asi, & el
y lhe fez merce da yda, & asi lho escre
uo, & escreueo ao Gouernador que lha
esse, & porisso lha deu, & a tirou a Ruy
az pereira, a quem a tinha dada. E auen-
o Martim afonso dyr, deulhe ho gouer
ador ho galeão sam Rafael em que fosse,
e que era capitão Cristouão de melo, &
eulhe cento & cincoenta Portuguêses,
z partio de Cochim em Abril, leuando
m sua conserua hum nauio seu, & hũa
ao de Bastião luys escriuão da matricula
e Cochim, & Antonio gramaxo em hũ
ungo seu, & outro nauio, com que erão
inco velas.

CAPIT. LXIIII.
De como Manuel dalbuquerque foy derribar a fortaleza de Damão.

A Gente que ficou com Manuel dalbuquerque, se embarcou de muyto má vontade por ser entrada diuerno, & serem os ventos contrayros, como por estarem enfadados de pelejar, & desejarem de yr descãsar a Goa: & Manuel dalbuquerque os confortou & esforçou, & partiose pera Damão, que he hum lugar grande, & tem hũa boa fortaleza, situada na ponta da enseada de Cãbaya da banda do sul, por hũ rio a çimapouoado de Guzarates gentios, & na forteleza estaua hũ mouro capitão del rey de Cambaya, cõ quatrocentos Abexins & Fartaquis, & os mais deles espingardeyros, & estaua a fortaleza bem artilhada, & não despejada co mo fizerã crer ao gouernador. Chegado Manuel Dalbuquerque hũa antemenhaã á barra de Damã, asi como chegou mandou logo a hum fidalgo chamado Ioão de mendoça que fosse sondar ho rio pera ver se poderião entrar nele as galês & ver a desposição da fortaleza, & ele foy em hum catur, & tornou cõ recado ainda antes damanhecer, que as galés podião nadar no rio, & segundo as congeyturas que vira, que lhe parecia que os imigos estauão todos recolhidos na fortaleza esperando por ele. E com quanto Manuel dalbuquerque isto soube, & vio que trazia pouca gente pera cometer a fortaleza, era tam amigo de sua honrra que não quis que dissesse alguẽ que podera tomar a fortaleza se acometera, & asi ho disse a todos os capitães, & pessoas principaeis da frota, pedindolhe que a cometessem, & que despoys ho tempo lhe mostraria ho que podião fazer, & isto porque todos erão da cordo que poys a fortaleza estaua forte que a não cometessem, porque ho Gouernador os não mandara a tomala, se não a derribala, crendo que estaua despejada; & pois o nã estaua, nem eles não trazião petrechos pera a tomar, que era escusado cometela, & pelo que lhes Manuel dalbuquerque pedio, lhes pareceo bem veremna, & passarão tanto auante com toda a frota, ainda ante menhaã, que se pegarão com ho muro da fortaleza, de que as bombardas chouião: & vendo Manuel dalbuquerque q̃ nã fazia ali mays que poderem lhe matar gente, tornouse a sayr antes que viesse ho dia, & que lhe podessem os imigos fazer nojo com a artelharia, & atrauessando pera Diu a esperar algũas naos que fossem a Meca, deulhe hum tempo com que esteue quasi perdido, & arribou a hũ lugar

chamado Agaçim que achou despejado, & achou hy muyta madeira que mandou leuar a Goa, pera onde se foy queymado ho lugar, & hi achou ho gouernador, que por nã ser chegado dõ Esteuão da gama q̃ tinha a capitania d̃ Malaca na vagãte de Garcia de sá, despachou pera lá dõ Paulo da gama seu jrmão, q̃ entraua na mesma capitania, na sua vagante, que de Goa se foy a Cochim, & dahi partio pera Malaca na fim Dabril de mil & quinhentos & trinta & tres, & foy por capitão mór de dous nauios, & duas fustas, & foy coele hum fidalgo seu tio chamado Tristão datayde, que ya por capitão da fortaleza de Maluco. E chegado dom Paulo a Malaca foy entregue da capitania por Garcia de sá, & despoys despachou Tristão datayde q̃ partio pera Maluco em Agosto pera yr por Borneo, & por não poder saber que armada leuou, o não digo.

CAPIT. LXV.

De como chegarão aa India certas armadas de Portugal.

NEste anno de mil & quinhentos & trinta & tres, mandou el Rey dom Ioão de Portugal sete naos á India repartidas em duas capitanias, de tres foy capitão mór hum fidalgo chamado dom Iohão pereyra, que leuaua a capitania de Goa, & forã seus capitães hum dom Francisco de noronha que se perdeo com tempo, & Lourenço de payua que passou cõ dom Ioão. Da outra armada foy capitão mór outro fidalgo chamado dom Gonçalo coutinho prouido tambem da capitania de Goa na vagante de dom Iohão pereyra, forão seus capitães Simão da V[...]ga, Diogo brandão do porto, & Nu[...] furtado de mendoça comẽdador da Ca[...]diga, a que não soube ho que acontec[...] na viagem, se não a dom Ioão perey[...] que saindo do parcel de çofala, & ind[...] por antre hũas jlhas, quis esperar as na[...] de sua conserua, & preguntando ao pi[...]to & ao mestre como farião, disserão q[...] amaynassem, & Antonio galuão, hũ f[...]dalgo de que fiz meçã no liuro Septim[...] que ya na nao por passageyro, & sab[...] bem da nauegação, disse, que lhe não pa[...]recia bom conselho, & que poys não qu[...]rião fazer caminho, que deuião de payra[...] com ho traquete pera a nao fazer cabeç[...] ao már, & não yr dar em terra pera ond[...] corrião as agoas, & tambem como esta[...]uão perto do Tropico, podia sobreuir al[...]gũa toruoada que os leuasse mays a sinha[...] a terra, & parecendo isto bem a todos ass[...] se fez, porem nam durou mais que até o quarto da modorra rendido, que se dom Ioão, & Antonio galuão acolherão a suas camaras a dormir, & ainda bem o piloto & ho mestre não sentirã que dormião, derão com as velas embayxo, porque tomarão ho conselho de Antonio galuão de mã vontade. E feyta esta boa pilotagẽ, dão consigo nos camarotes, & deytãose a dormir muy descansados, & duas oras por passar do q̃rto dalua, começasse douuir o leme da nao, q̃ ya roçãdo polo chão porq̃ amaynadas as velas leuarã as agoas a nao p̃a terra como Antonio galuã dizia, que por yr na camara do leme acordou logo ao arroydo do q̃ ele fazia, & nisto deu a nao duas pãcadas tamanhas cõ a quilha

que

q̃ parecia q̃ se abria, & a eles acordarão os q jazião de baixo da cuberta, & começarã de gritar cuidando que a nao era perdida, & mays porque viáo o mestre & o piloto desacordados, que como virão o mao recado que tinhão feyto pasmarão, & nã sabiã mais q̃ chorar, & era a reuolta mui to grande na gẽte, hũs bradauã q̃ matassem o mestre & o piloto, pois forão causa de se perder a nao, outros arremetião a arcas, & a tauoas & paos, pera se deytarem ao már, com quanto fazia grande escuro, & dom Ioão queria tomar o batel, & trazia hũa espada pera ho defender a quem o quisesse tomar. E era o desacordo tamanho em todos, q̃ se ouuera a nao de perder se não fora Antonio galuão, que mãdou logo dar os tranquetes, & yr marinheyros ao leme, que nã acharão por sal ar fora quando a nao deu as pancadas: & Antonio galuão, ainda que vio tamanho pigo como aq̃le era, disse aos marinheyros & ao piloto & mestre q̃ se calassẽ por a gẽte nã esmorecer: que nosso Senhor lhes daria remedio que teuessem nele confiança, & disse a dom Ioão que tirasse a espada que tinha, nem lhe sentissem que queria tomar o batel, porque cuydaria a gente que era a nao de todo perdida, & remeterião todos ao batel pera o tomarẽ & matarsey ão hũs com os outros, que disimulasse & se mostrasse alegre, porque co isso os auia nosso Senhor de saluar & não cõ desordens, ho que pareceo bem a dom Ioão, & asi ho fez, & consolou a gente que estaua despida pera se lançar ao már, & Antonio galuão chegou então de bayxo da bõba, & disse a todos que esforçassem que a bomba tinha pouca agoa, que era sinal que a nao não abrira, & mandou logo dar a bomba pera que vissem q̃ era verdade, com o que todos esforçarão. E por Antonio galuão achar com ho prumo que estauão em dez braças, & logo em oyto, que erá sinal que não tornaua a terra, mandou logo alargar hũa ancora, & amaynar os tranquetes que tinhã dados: & isto feyto amanheceo, com que a gẽte acabou desforçar de todo, & mays porque as outras duas naos chegarão & lhes falarão, & ali ouue conselho, que por quanto não estauão de Moçambique mays q̃ quatorze legoas, & a nao começaua de fazer agoa q̃ fossem sem leme, porq̃ na detẽnça que fizessem em o fazer se poderia a nao yr ao fundo, & por ser tam perto poderia a nao yr á toa do seu batel & os outras naos yrião em goarda dela, & asi o fizerão & chegarão a Moçambique a saluamento, onde por não se poder tomar a agoa da nao por ser naquilha, acõselhauão a dom Ioão que a descarregasse nas outras naos & se fosse nelas, & aquela ficaria ali pera a desfazerem, mas Antonio galuão não foy deste parecer, se nã q̃ a nao se tirasse a mõte ou ás marês & se cõcertasse ho melhor que podesse ser, & que se fosse dom Iohão nela á India: & que ele yria coele & ho ajudaria de dia & de noyte com quãtos leuaua que erão muytos. E como dõ Iohão tinha bem esprementado quam bom conselho era o Dãtonio galuã tomou esse: & concertada a nao foy se nela á India, & quãtos yão na nao vẽdo q̃ Antonio galuã se ẽbarcaua, se ẽbercarã tambẽ, posto q̃ estauã fora dela,

& bem se pode crer, que despoys de nosso Sñor ele saluou aqla nao duas vezes. E asi partio dom Esteuão da gama, que inuernou em Moçambique, & dom Iohão foy ter a Goa, onde inuernaua o gouernador, que por esperar de fazer paz cõ el rey de Calicut, se partio logo pera lá como as naos chegarão: E chegado a Calicut com toda a armada, leuantouse tamanho temporal de vẽto, que não pode sofrer a amarra mais de hũ dia & caçaua muyto, pelo que o gouernador arribou a Cochí, & hy se deteue oyto ou dez dias, em escreuer pera Portugal, & despoys se tornou á Calicut: E começãdo dauer recados antrele & el rey sobre as pazes, nũca em dous dias se pode tomar nelas nenhũa concrusão, porque cada hum queria hũa cousa, & nisto sobreueo tam braua tormenta, que todos os nossos se derão por perdidos, & alargando tamalaues o vento, que Manuel dalbuquerque pode dar o traquete da sua galé, acolheo se por se não perder, & cuydando ho gouernador que ya desamarrado, & que esgarraua fez sinal á frota que leuasse, & disfirindo ho traquete dauante seguio a pos ele pera lhe acodir, & despois de ver como ya, por o vento lhe não seruir pera tornar a Calicut, fezse na volta de Goa seguindo ho toda a frota, & foy aferrar ho seu porto, & por esta causa não ouuerão efeyto as pazes com el rey de Calicut.

CAPIT. LXVI.
De como Vasco da cunha foy espiar Diu.

HO Gouernador ficou tam magoado de quam mal lhe socedeo a empressa de Diu, que por muytas boas venturas que lhe despoys socedarão não podia perder a mago que tinha, nem cuydaua ó mays do tempo se não que maneyra teria pera fazer fortaleza em Diu, & coeste fundamento mandaua fazer tanta guerra a Cambaya, porque el Rey enfadado dela lhe desse esta fortaleza, porque teuessem paz. E parecendolhe que el rey esteuesse ja mais brando pera isso, lhe mandou hũa embaixada per Tristã degá sobre que lhe desse fortaleza em Diu, & que fazia paz coele, & seria seu amigo, & por o mesmo Tristão degá escreueo a algũs capitães del rey, & senhores de sua corte que ho fauorecessem, & ajudassem pera auer esta fortaleza, & lhes mandou presentes pera que o fizessem de melhor vontade, & nisto se trabalhaua. Despoys que el rey ouuio a embaixada, que mostrou ouuir de boa vontade, porem nam tinha nenhũa pera dar a fortaleza. E andando asi este embayxador com el rey, soubeo Melique tocão capitão de Diu, q̃ estaua muyto receoso de lhe el Rey tirar aquele estado pera o dar a Rumecão, & estando coeste receo, não se sabe com que tenção escreueo ao Gouernador que lhe mandasse hũ fidalgo com que podesse falar miudamente cousas que compriã muyto a seruiço del rey de Portugal, & quando o gouernador vio esta carta, sospeytou que Melique quereria dar fortaleza, & fazendo logo conselho sobrisso, pareceo a todos ho que o gouernador sospeytaua, & por isso assentou que se mandasse o fidalgo q̃ Meliq̃ pedia, pera q̃ o gouernado escolheo a Vasco da cunha, asi

por caualeiro muito esforçado & sesudo, como por antigo na India, & saber bem os costumes dos mouros: & deulhe hũa instrução do que auia de fazer com Melique, que auia de ser, que ele desse aquela cidade a el rey de Portugal: & que ho gouernador em seu nome lhe fazia por isso doação de juro da metade da renda da alfandega dela, & mais lhe faria hũa fortaleza em qualquer dos rios de Cambaya que ele quisesse, pera que esteuesse seguro del rey de Cambaya, contra quẽ ho fauoreceria, & ajudaria de cada vez que lhe fosse necessario, & que trabalhasse por yr à cidade & ver se auia nela algũa entrada por onde se podesse tomar, porque não se tomando concrusão com Melique, yria sobrela outra vez & a tomaria, & pera isto mandou que fosse coele ho artilheyro mór, que sabia muyto da guerra. E asi lhe deu mais hum Iao Cristão casado em Goa, jrmão dum bombardeyro que estaua em Diu no baluarte do mâr, que se lhe offreceo, pera falar coeste bombardeyro seu jrmão, & intentar se se poderia por algũa maneira tomar a cidade. E despachado Vasco da cunha de tudo ho que compria a sua viagem, partiose em hũa fusta na entrada Dagosto, & chegando à barra de Diu, aruorou hũa bandeira branca, ho que sabido por Melique sospeytando ho que era, pelo que tinha escrito ao gouernador, mandou hum homẽ de confiança a saber quem vinha na fusta, & Vasco da cunha lho disse, & que trazia hũa carta do gouernador a Melique tocão, porẽ que não auia de yr a terra sem lhe mandar por arrefens o capitã do baluarte do mâr quelhe logo mandou, & deyxando ho Vasco da cunha em poder Dãtonio borges (hum fidalgo que ya coele) se foy desembarcar na cidade, & se vio cõ Meliq̃ nas suas casas onde falarão de praça hum pedaço, & despoys se recolheo Vasco da cunha a hum aposento das mesmas casas onde auia de pousar, & hi foy falar coele Melique secretamente, que como sabia falar bem ho Portugues, não ouue necessidade de lingoa. E despoys de lhe Vasco da cunha dar hũa carta do gouernador em Persiano, em que lhe escreuia o que queria dele, & ho partido que lhe faria, q̃ Melique leo: lhe disse mais, que não deuia nada a el rey de Cambaya pera por amor dele deyxar de fazer hũa cousa de tanto seu proueyto como lhe o gouernador cometia: antes ainda que não fora de nenhũ interesse a ouuera de fazer por se vingar dos danos, & agrauos que lhe el Rey de Cambaya tinha feytos, como fora matarlhe seu jrmão mays velho Melique saca, por outra nenhũa causa senão por lhe tomar sua fazenda, cuidando que fosse rico, & tirarlhe a honrra do gouernador não tomar Diu, & dala a Mustafa hum estrãgeyro, que fora sem porque tredoro ao Turco seu senhor, & que causas erão estas pera que vindo conjunção pera isso, como agora vinha, vingar se del rey de Cãbaya, & tiralhe Diu, & dalo ao gouernador com partido tam proueytoso como lhe fazia, & mais com ficar em sua natureza tam seguro del rey de Cambaya: & Melique lhe respõdeo que lhe parecia bẽ tudo ho que dizia, & com tudo queria cuydar nisso, & despoys lhe respon-

deria: & Vaſco da cunha lhe diſſe que cuydaſſe, & entre tanto yria dar hũa carta do Gouernador a Diogo da ſilueyra que chegara então á pōta de Diu de Maſcato onde inuernara, ſem fazer no eſtreito nhũas preſas. E a carta do Gouernador pera Diogo da ſilueyra dizia, q̃ nã fizeſſe nhũa guerra a Diu, porque trazia hũ embayxador com el rey de Cambaya. E deſpedido dele Vaſco da cunha ſe tornou a Diu, que lhe Melique tocão moſtrou, & né elle né o artilheiro mór virão entrada pera ſe poder cometer ſe não com grande força de gente, pera ſe repartir em terra & no mar, & hũa atupiſſe a caua & bateſſe os muros, & outra pelejaſse com a armada dos mouros que eſtaua no már. També neſte tempo ho Iao de Goa eſteue com o bombardeyro ſeu jrmão no baluarte do már, pera ho que diſſe, mas não ouue maneyra pera nada, nem Melique ſe acabou de determinar, ſe aceytaua ou não o que lhe o gouernador cometia: & reſpōdeo a Vaſco da cunha q̃ naq̃le verá yria o gouernador darmada até Diu, que até étão ſe determinaria, & lhe daria aui ſo de ſua determinaçã, & deulhe hũa carta de crença pera ho gouernador, & coela ſe foy Vaſco da cunha pera Goa, onde contou ao gouernador ho que fizera, & Diogo da ſilueira ſe foy pera Chaul.

CAPIT. LXVII.

Do que fez dom Paulo da gama deſpoys de ſer capitão de Malaca

Deſpoys que dom Paulo da gama foy entregue da capitania de Malaca, determinou de fazer guerra a el rey Dugentana, filho do Rey a que Afonſo dalbuquerque tomou Malaca, que deſpois de perder Bintão, fez ſeu aſſento em hũa cidade, chamada Vgentana, cincoenta legoas de Malaca por hũ rio açima, & era muyto poderoſo de gente, aſsi por már como por terra: & eſte deſpoys que foy Rey, aſſentou pazes com Pero maz carenhas ſendo capitão de Malaca, poré nunca deſpoys comprio as condições das pazes. E porque dom Paulo iſto ſabia, determinou de lhe fazer guerra, & yr ſobre ele & tomarlhe a cidade, & iſto com conſelho de todos os fidalgos que eſtauão cō ele: & eſtando quaſi preſtes a armada que dom Paulo auia de leuar, chegou á jlha das Naos hũa armada de vinte ſete lāchas bem fornida de gente & dartelharia, & era del Rey Dugentana, & ya por ſeu capitão mór hũ valente mouro chamado Tuão barcalar, q̃ mādou dizer a dō Paulo, que el rey Dugentana ſeu ſenhor ho mandaua em ſocorro del rey de Péra ſeu jrmão, & lhe mandara que de caminho mandaſſe ſaber dele ſe mandaua que ho ſeruiſſe em algũa couſa & que ho fizeſſe, ao que dom Paulo reſpondeo com muytos agardecimentos, dizendo não ter neceſſidade de ſua ajuda, & o capitão ſe foy. E examinada bem eſta ſua vinda, & offrecimentos deſneceſſarios, aſſentouſe que ſua vinda não fora por outra couſa, ſe não que ſabendo el Rey Dugentana a armada que ſe fazia preſtes, pera yrem ſobre ele, mādara eſta armada cō aq̃la diſsimulaçã, pera q̃ ficaſſe nas coſtas da noſſa, q̃ como auia de leuar toda a prīcipal gēte da fortaleza, & auia de ficar pouca pa defēder poderião os imigos deſēbarcar a ſeu

io, & ao menos queymar a pouoaçã dos Quelins, & por isto se asséntar por todos ser asi, se acordou por eles q̃ a yda sobre Vgentana era escusada, & que ficasse pera outro tempo. E porque dom Paulo segurasse el rey Dugétana, & lhe fizes se perder algũa sospeyta se a teuesse, mandoulhe por ẽbaixador a hũ Ferná vieyra que confirmasse as pazes que estauão asséntadas: & despoys que foy em Vgentana el rey ho prendeo & a quantos yão coele, & mandou os matar cõ diuersos generos de mortes, dizendo que ho fazia, porque sabia que os nossos erão seus imigos, & mays por vingar a morte de Sanaya que Garcia de sá mádara matar, como disse, & dali por diante se começou guerra antre os nossos & el rey Dugentana, q̃ mandaua suas armadas correr a Malaca, & pelejauão com a nossa armada, & asi durou a guerra ate que foy dom Esteuão da gama (como direy a diante). E com quanto dom Paulo não tinha mays de duzentos homẽs, era tão esforçado & de tão bõ saber na guerra, que ordenou sempre tam bem suas cousas, que sempre leuou ho melhor dos imigos: & sobristo era tam liberal, que gastaua ho seu muy largamente, dando muyto grande mesa aos soldados. E durando asi isto, por auer quinze annos q̃ el rey de Pão, & el rey de Patane, estauão de guerra com a fortaleza de Malaca, q̃ era grande deseruiço del rey de Portugal, determinou dom Paulo de fazer pazes coeles, que fez, indo por embayxador hum Manuel godinho, que as asentou muyto á vontade de dom Paulo, & como compria a seruiço del Rey de Portugal, que foy grande proueyto de sua fazenda, & da de seus vassallos: E estas pazes forão causa de tornaré a tratar na China, de que se despoys descobrirão pelos nossos, mais de cincoenta portos melhores que os de Cantá, como a diáte direy.

CAPIT. LXVIII.

Da treyção que el rey de Bengala ordenou contra Martim afonso de melo jusarte.

Martim afonso de melo jusarte que partio de Cochim pera Bengala com cinco velas, foy surgir na barra da cidade de Chetigão, & cõ licẽça do Goazil da cidade (que he como gouernador) sayo em terra com os Portugueses de sua companhia: & porque aly se paga na alfandega de tres hum, que he muy grande dereyto, receará os Portugueses de o pagar & por isso esconderá muyta da fazenda q̃ leuauá, sem a leuaré á alfandega, o q̃ foy peor porq̃ o Goazil o soube, & deu na casa em que estaua, & a tomou por perdida pera el rey de Bengala. E neste tempo mandou Martim afonso hum Duarte da zeuedo, que agora mora em Euora, com hũa embaixada a el rey de Bengala sobre paz, & amizade com el Rey de Portugal, & deyxar yr pera sua tera a Cojexabadim, & mandoulhe de presente dous caualos arabios, & hũa faca de Cambaya & algũs caixões dagoas rosadas, que Antonio de saldanha tomou na nao çafeturca, & muytas peças de veludos velutados & demascos, & isto da parte do gouernador da India, & da sua muyta fazenda outra & das partes, porque costuma el rey de Bengala de mandar aualiar ho que lhe dão os estrangeyros &

& pagarlho, & isto por auer todas as boas peças q̃ leuão, & porisso todos os mercadores & outras pessoas estrangeyras q̃ vão a ele, lhe fazem muyto grãdes presentes, em que tem o ganho muyto certo, & mais forrão os dereitos q̃ ouuerão de pagar, porẽ nẽ todos lhẽ podẽ mandar presentes, por a cidade do Gouro, em que reside, estar çẽ legoas dos portos de mar pelo Gãges a çima, & ser a yda lá muy custosa. E despachado Duarte dazeuedo, partio se pera ho Gouro, & forão coele hũ Ioão de vilhalobos Destremoz, Nuno fernandez freire, Iurdão de moraeis, Diogo cabaço, Diogo ferraz, Lopo cardoso, & outros que fazião numero de dez. E nauegãdo polo rio áçima, chegou á cidade do Gouro, (cujo sitio & nobreza disse no Liuro Quarto). E chegado lá, achou q̃ era morto Nançarotexá rey de Bengala, q̃ o matarão os seus capados, de que ficara hũ filho que por ser menino gouernaua o reyno hũ seu tio jrmão del rey, q̃ auia nome Mahmudxá, & este moraua nas casas del rey, q̃ erão do tamanho Deuora, hũ suntuoso & nobre edifiçio, lauradas todas as casas de lauores douro, & o chão & as paredes cubertas dazulejos, & no meo destes paços está hũ pateo, q̃ ocupa tãto espaço como o resio de Lisboa, a q̃ entrão por doze portas, & todas em voltas, & em cada hũa estão quatro porteiros, & no cabo deste pateo está hum alpendere, a que eles chamão Baileu, em q̃ el Rey de Bengala ouue os embayxadores, & então está ho pateo cheo de gẽte darmas. Tẽ tãbẽ estes paços muitos jardins & casas de prazer, q̃ alẽ de ricos sam muyto deleitosos. Sabendo Duarte dazeuedo, como Mahmudxá gouernaua o reyno, deulhe a ẽbayxada q̃ leuaua a el rey, & asi ho presente da parte de Martim afonso, & ele lhe disse q̃ o despacharia, & tres dias despois disto matou Mahmudxa el rey seu sobrinho, & fezse rey de Bẽgala, estãdo assentado tres dias & tres noytes na cadeira real, porque doutra maneira não podia ser rey. E como ele tinha muitos de sua parte pode fazer isto: & ficãdo por rey de Bẽgala, tornoulhe a falar Duarte dazeuedo, relatãdolhe outra vez sua embayxada, & asi lhe deu o presente que leuaua a el rey da parte do gouernador. Com que el rey folgou muyto, & ꝓmeteolhe de o despachar muyto çedo: E por não yr de cada vez tãta gente ao paço, disselhe que nã fosse daly por diãte mais que Nuno fernãdez freire, q̃ sabia a lingoa, & aque conhecia da outra vez que esteuera em Bẽgala, & asi se fez: & neste tempo que esperauão ho despacho, tomarão Nuno fernandez & os outros Portugueses grãde cõuersação & amizade com hum mouro Valẽciano que moraua na cidade que tãbẽ a tomou coeles por serẽ Espanhoes, & folgaua de falar coeles nas cousas Despanha, principalmẽte de Valença donde era natural, & este era homẽ principal na cidade, & tinha grãde credito cõ el rey: & a mesma amizade tomarão com hum Iogue, chamado Xeq̃ pir, q̃ dezia ser de trezẽtos ãnos, q̃ fazia grãde auftinẽcia & santa vida se nã fora Mouro, & por isso el rey & todos crião muito nele, & lhe fazião esmolas. E quando Duarte dazeuedo deu a el rey o presente da parte do gouernador, em que

(como

(como disse) entrauão algũs caixões dagoas rosadas q̃ forão tomados na nao çafeturca, q̃ ainda leuauão a marca dos mouros de cujos forão, que logo forão conhecidos por hũ Rume, cuja fora a fusta que tomara Damião bernaldez, que moraua no Gouro, & como ele estaua muyto magoado da fusta q̃ lhe tomarão, & dos cõpanheiros que forão mortos & catiuos na peleja, acrecẽtouselhe a magoa com ver os caixões que sabia como forã tomados: & desejando de se vingar, trabalhou por fazer matar Martim afonso com quãtos Portugueses estauã em Chetigão, & quãtos estauão no Gouro, & pera fazer com el rey q̃ o fizesse, peytou a hũ capado que auia nome Agehabedelá grãde priuado delrey, a q̃ disse que não deuia de consentir que os Portugueses fossem a Bengala, porq̃ tinha sabido que eram ladrões, que roubauã os romeiros q̃ yão a Meca, de cujas forão as mais das peças q̃ lhe derão de presente, & q̃ yão esspiar as terras cõ mostra de trato & amizade, & despois as cõquistauão, como fizerão em muytos lugares da India: O que sabendo el Rey de Calicut, & despois el rey da China, os nã quiserão consentir em suas terras, & os matarão & tomarão quãto leuauão, pelo que nunca lá mays tornarão, & assi deuia ele de fazer, & aueria çem mil cruzados q̃ leuauão de mercadoria. E como el rey de seu natural era tirano, pareceolhe isto bẽ, & mãdou logo recado ao Goazil de Chetigão que prẽdesse Martim afonso & os Portugueses q̃ estauão coele, & lhe tomasse as fazendas & lhos mãdasse: E porque se isto não descobrisse per alguem, & fosse auiso a Chetigão, mandou poer goardas assi no rio como em terra, q̃ não deyxassem passar ninguem pera Chetigão se não quem leuasse sua licença, porem isto não se pode fazer com tãto segredo, q̃ hũ Gentio chamado Darinda ho não soubesse, & este ho descobrio a Nuno fernãdez, por hũ certo p̃ço q̃ lhe pedio por isso ꝓmetendolhe de trabalhar por saber quãto passasse neste negocio. E como Nuno fernandez foy sabedor desta treyção, escreueo logo a Martim afonso, a que não pode yr ho recado por amor das goardas que não deixarão passar ho portador, & quando Nuno fernandez isto soube, disse ho a Duarte dazeuedo & aos outros, que tambẽ esperarão que lhes fizesse el rey o mesmo q̃ mandaua fazer a Martim afonso, & encomẽdarãose a Deos, porq̃ nã tinhão nhũ remedio pera escaparẽ, & Nuno fernãdez ya falar muytas vezes com o Iogue, & dizialhe o que passaua, & encomendaualhe que falasse a el rey por eles.

CAPIT. LXIX.

De como Martim afonso de melo jusarte foy preso em Bengala.

CHegado ho recado del rey de Bengala ao Goazil de Chetigão, determinou de prender Martim afonso, q̃ andaua coele em reqrimento que tornasse a fazẽda q̃ tinha tomada aos Portugueses: & determinando de ho prender, lhe mandou dizer q̃ lhe fosse falar, & concertariã ambos como lhe auia de tornar a fazenda. E Martim afonso leuou consigo cẽto & cincoenta homẽs os mais deles com espingardas, & vendo ho Goazil quã bẽ acõpanhado ya, não ousou de cometer o

que

que tinha determinado, & fingindo gran des ocupações dissimulou com Martim afonso, pedindolhe que ficasse pera ho ou tro dia, & mais que porlhe fazer grande honrra auia dir gẽtar coele com todos os Portugueses principaeis, pera que ele se podesse gabar de tamanha honrra como aquela. E Martim afonso como era bom homẽ, & sem nhũ dobrez, pareceolhe q̃ ho Goazil lhe falaua verdade, & por lhe comprazer por amor do requerimento q̃ trazia coele açeitou ho gentar, sem lhe lẽbrar que não conuinha a seu cargo acey talo, & que lhe poderião fazer treyção, & pois ya, yra percebido como o dia dãtes. E fiandose no Goazil, foy com quarenta homẽs sem leuarẽ todos mays armas que suas espadas, & outros ficarã na pousada com hum Francisco pacheco, & Ioão jusarte tiçã Dazinhaga que ya tambem na armada não quis yr, por ter cõcertado de yr a monte a matar hum porco. E Martĩ afonso foy coesta companhia que digo a casa do Goazil que tinha prestes grande bãquete, que foy dado em hum pateo de baixo de hum alpendere, & estando no meyo do comer, ho Goazil se leuantou supitamente da mesa, fingindo q̃ lhe vinha hum accidẽte ao estamago, & disse a Martim afonso, & a Gonçalo gomez dazeuedo que estauão junto coele, que não se bolissem que logo tornaua, & eles muyto inocentes ho crerão, & deyxarãse estar, q̃ se logo se leuantarão não fora o que foy: & esperando eles polo Goazil, acodẽ bẽ quatro mil frecheiros por çima das paredes do pateo, & com grandes gritas começão de desparar suas frechas em Martim afonso & nos outros, que conhecerão em tam ho mao recado que tinhão feyto em se fiarem dos mouros, & não tendo outro remedio, acodirão logo á porta do pateo pera se sayrem & acharãona fechada, & por mais força que poserão nunca poderã leuar as portas fora do couçe, & entre tanto os mouros não fazião se não frechar neles, & forão logo cubertos de frechas Cristouão de melo, Gonçalo gomez dazeuedo, Antonio de mezquita, Antonio gramaxo & outros seys que cayrão mórtos, & Martim afonso tambem ouue sete frechadas mas não forão em lugares perigosos, & era grande magoa ver a ele, & aos outros que não se podião defender dos mouros nem offendelos, & saltauão dum cabo pera ho outro por se goardarem das frechadas, & arremetião á porta perfiando pola leuar fora do couçe: & nisto apareceo o Goazil sobre a perede, & fazendo estar quedos os Mouros, disse a Martim afonso que bẽ via como estaua, que não quisesse morrer & que se entregasse, porque não era pera mays que pera os leuarẽ a el rey de Bengala que desejaua de os ver & que lhe daua espaço pera auer conselho com os seus, com que Martim afonso se apartando lhes disse, que não se enganassem cõo que lhes dizia ho Goazil, porq̃ se asi fora ja que os tinha em seu poder & estauão seguro de não se poderẽ defender antes delhes mandar fazer mal, lhes ouuera de cometer q̃ se desẽ, mas como determinaua de os matar ou prender, não fez coeles nhũ comprimẽto, que lhe parecia que não se deuião de dar, porque os outros Portugueses lhes acodiriã & os liurarião

ião, & todos forão contra este parecer, izẽdo q̃ se os mouros os quiserão matar, q̃ lhes na cometera o Goazil q̃ se dessem, porq̃ não lhe mõtaua mays matalos ás frechadas que mandarlhes cortar as cabe ças, & se os prendesse que assaz de merce lhes fazia, porq̃ ou por resgate ou por ou tra maneira teriã esperança de serẽ soltos por isso que se dessem: & não esperassem por socorro, porque se os outros Portu-gueses lho ouuerão de dar ja ali forão: & eles diziã verdade, porq̃ Frãcisco pacheco q̃ ficaua na pousada por mayoral, como ouuio q̃ Martim afõso estaua cercado dos mouros, em vez de lhe acodir fugio pera os nauios, & assi fizerão os outros, deyxã do quanto tinhão em terra, & tudo lhes tomarão os mouros, & se teuerão acordo tambem os matarão: & Ioão jusarte tiçã tambem se saluou milagrosamente, que no monte soube ho que passaua na cida-de. E vẽdo Martim afõso q̃ os que estauã co ele erão de parecer que se dessem, con-sentio nisso muyto contra sua voutade, & entregarãose, jurãdolhes o Goazil em hum Moçafo, que os não prendião se não pera os leuarem a el rey de Bengala por-q̃ desejaua de os ver: & como forã presos ho Goazil os mandou leuar por terra ao rio Ganges, & por ele açima ao Gouro.

CAPIT. LXX.

Do perigo em que os Portugueses esteuerã de serem mortos.

EMquanto se isto fazia, Nuno fernã dez freyre, que com Duarte dazeue do, & os outros Portugueses estaua no Gouro, trabalhaua por saber de Darinda, ho gentio que disse, que nouas tinha de Martim afonso & dos outros, & mãdaua lho p̃guntar pelo lingoa. E hum dia pola menhaã lhe respondeo, q̃ Martim afonso & os outros erão presos & que os leuauão ao Gouro, & Nuno fernandez ho disse logo a Duarte dazeuedo, & que lhe pare cia que os auião logo de prender por isso, que determinassem ho que seria bem que fizessem, & Duarte dazeuedo, & Ioão de vilhalobos, Diogo cabaço, Diogo ferraz & outros quatro forão de parecer que se entregassem logo, & Nuno fernandez, Iurdão de morais, & Lopo cardoso, disse rão que não se auião dentregar, porque poys os auião de matar querião primeyro vender bem suas vidas. E estando nesta pratica ex que dá de supito sobre as casas hum capitão del rey de Bengala com qua trocentos soldados pera os prender, & co meçando de quererem entrar a casa, entre garãose logo Duarte dazeuedo & os ou tros que erão do seu parecer, & em estes sayndo arremetẽ Nuno fernandez frey-re, Lopo cardoso & Iurdão de moraeis á porta, & defendiãona tam esforçadamẽ-te, que os imigos a não podião entrar: & como daqui recrecese grande aluoroço, acodio ho Lascar, que he como ho rege-dor da justiça em Portugal: & vendo a Nuno fernandez com que tinha conheci mento disselhe que pera que era comete-rem ho que não auião de poder leuar auã te, que se desse, porque el rey os não mãda ua prender se não por algũa má enforma ção que tinha deles, que sabida a verdade os soltaria logo, & ajudou o a isso Duar te dazeuedo, & os outros: & vendo eles que não se podião defender derãose, & fo rão

rão presos com outros de dous em dous a hũa braga, & ho Lascar lhes mandou escreuer as fazẽdas & socrestalas, & reboluendo hũa arca que não auia mays que escreuer, foy achado no fundo dela hũ Crucifixo de vulto, que hũ mouro amostrou dizendo que aquele era ho Deos dos Cristãos como por escarneo, o que magoou tanto os Portugueses que chorarã: & Nuno fernandez lhes disse, que poys aquele Crucifixo se achara a tal tempo, que o deuião de tomar por sinal de seu liuramẽto que esperassem em nosso senhor que auiã descapar. E presos asi de dous em dous forão leuados á cadea da cidade em que aueria bem quinhẽtos presos, & logo Agehabedalá disse a el Rey, que pera que erão presos aqueles ladrões q̃ os mandasse matar, & mandando elrey que os matassem quis nosso senhor q̃ parecesse aquilo mal a hum mouro chamado Alfacão que era ayo dos moços fidalgos delrey, & disselhe q̃ nã deuia de mandar matar aq̃les homẽs, porq̃ estariã antreles algũs mercadores que não terião culpa, & Agehabedelá a que pesou muyto douuir aq̃la palaura, disse que não era bem que se desse a vida a ladrões, & pera os matarem a todos lhes dissessem que os que soubessem tirar com espĩgarda q̃ os auião de goardar ꝑa a guerra, & aos que fossem mercadores que os auião de matar, & todos dirião que sabiã tirar com espingardas, & logo este recado foy dado ao Lascar, que logo se foy á cadea, & ho primeyro a que preguntou se era Lascarĩ foy a Nuno fernandez freyre, dizendolhe a causa porque lho preguntaua, & parece que nosso senhor inspirou nele que sospeytasse ho fim pera que lhe fazião aquela pregunta, disse que era mercador, & que bem ho deuião de conhecer por tal, pois com aquela erão duas vezes q̃ ali fora, & ho Lascar parecendolhe q̃ negaua a verdade, por comprazer a Agehabedelá que asi lho encomendara, quis fazer medo a Nuno fernandez pera dizer que era Lascarim, mandou ho tirar dá cadea & fizerão que lhe querião cortar a cabeça poẽdolhe hũa espada no pescoço, & dizialhe ho Lascar, que se queria viuer q̃ dissesse a verdade, mas nem por isso se disdisse, & ho mesmo aconteceo a Iurdá de moraeis & a Diogo cabaço, & os outros com medo da morte dizião que erã Lascarins, & que sabião fundir artelharia, & como ho Lascar vio que hũs dizião hũa cousa & outros outra, não quis fazer nada ate não dar conta a el rey, & escreuendo os nomes de Nuno fernandez, Diogo cabaço, & Iurdá de moraeis pera os mostrar a el Rey, foy lhe dar rezão do que passaua, & acertou de não estar coele mais q̃ Alfacã, q̃ disse a el rey despoys de lhe ho Lascar fazer relação do que passaua, que poys não ganhaua nada em mandar matar aq̃les homẽs que lhes desse a vida, por que poderia vir tempo em que folgasse de os ter viuos: & quando despoys os quisesse matar que hy os teria, & el rey foy cõtente, & asi escaparão os Portugueses, a que Alfacão mandou dizer ho que dissera a el rey, & poys escaparão daq̃la ora q̃ esperassem em Deos que os saluaria & q̃ lhe rogassem por eles & por ele, & q̃ soubessem que auião de ter nele hum bom padrinho. E despoys disto chegou Martim

fonſo de melo & os que forão preſos co ele, & forão metidos em hũa cadea que eſtaua metida dentro nos paços del Rey que era como cadea da corte, & eſtes andauão preſos cada hum ſobre ſy; & as mãos ſoltas, & Nuno fernandez & os outros afora eſtarẽ pſos de dous em dous, andauã cõ as mãos dereytas pſas ao peſcoço; & hũs, & outros nã tinhã pa comer cada dia mays que hum Pone, que pola moeda Portugueſa ſam tres reys, que cõprauão darroz que cozião em agoa, & iſto lhes ſoſtinha a vida pera não morrerẽ com fome. E com tudo Nuno fernandez & ſeus companheyros paſſauão melhor acerca do comer, porque lhes fazião muitas eſmolas algũs fidalgos que eſtauã pretos, & aſsi ho logue, & ho mouro Valenciano que diſſe, & Alfacã, & de tudo partião com Martim afonſo & com os outros, & do mays paſſauão todos muy trabalhoſa, & triſte vida, eſperando cada dia que os tiraſſem a degolar, como fazião a outros muytos, que não auia dia que ho não fizeſſem. E até as onze horas eſtauão ſempre ſem comer, que não podião com os ſobreſaltos que tinhão até aquelas oras ſe os matarião: & com ho roĩ comer & fedor da cadea, & com não veſtirem quorenta dias camiſas adoecião deles. E ouue noſſo Sñor por ſeu ſeruiço, q̃ paſſados eſtes quarenta dias, el rey por conſelho de Alfacão quis ver o fato que fora tomado a Nuno fernandez, & aos outros & mãdoulhes dar muytas camiſas, ceroulas, & gibões, que eſtauão antrele: & aſsi mandou dali por diante dar a cada hum cada dia hũa tanga pera ſua mantença, & coeſte fauor lhes reſpouſarã os corações, & perderão ho medo que dantes tinhão: & aſsi viuerão até a moução ſeguinte, em q̃ o gouernador mandou recado a el Rey de Bengala ſobre reſgatar Martim afonſo (como direy a diante).

CAPIT. LXXI.

De como os Caſtelhanos que eſtauão em Geilolo ſe forão pera Triſtão datayde.

Chegado Triſtão datayde a Malaca com dom Paulo da gama ſeu ſobrinho, partioſe pera Maluco quaſi na fim Dagoſto, porque auia dyr por Borneo. E porque nã pude ſaber certo o q̃ lhe acõteceo no caminho, nem q̃ armada leuou, o não digo, ſe não que chegou á ilha de Ternate em Outobro de mil & quinhentos, & trinta & tres: & deſembercado foy bem recebido del rey Tabarija, & de Vicente dafonſeca, que folgou muito cõ ſua vinda, pelo aperto em que eſtaua cõ a guerra dos Geylolos, & entregoulhe a fortaleza, moſtrandolhe Triſtão datayde primeyro as prouiſões que tinha pera entrar naquela capitania. E como neſte anno não era çafra de crauo nem ho auia, & todos os Portugueſes teueſſem ſuas fazendas pera empregarem no anno ſeguinte, pelo que deſejauão de ficar na fortaleza, todos ſe fizerão muyto amigos de Triſtão datayde pera os deyxar ficar, & algũs lhe deſcobrirão que Vicente dafonſeca em ele vindo á vela, apanhara quanto auia na feytoria pera ſe pagar, & a ſeus amigos, do que lhes era diuido de ſeus ordenados & ſoldos, pelo que Triſtão datayde ho mandou prender, & buſcarlhe a caſa, & lhe mandou tomar quanta fazenda

dã ſe achou que leuaua da feytoria: & mãdou logo tirar deuaſſa dele ſobre à morte de Gonçalo pereyra, & ſobre tomar ho reyno, a el Rey Cachil dayalo, & dalo a Cachil tabaruia. E ſobre outros males que tinha feytos. E como quaſi nenhũs Portugueſes ſe quiſeſſem aqle anno yr da fortaleza por amor do crauo que não tinhã, ninguem acodia por Vicente da fonſeca, & por iſſo Triſtão datayde não teue os trabalhos que teuerão os capitães paſſados, nem ouue as deſordens & aluoroços que auia dantes: E paſſados algũs dias, el Rey de Tidore & el rey de Bachão & outros ſenhores mandarão viſitar Triſtão datayde, & ele lhes mandou a todos preſentes: & vendo que el Rey de Geylolo ho não mandaua viſitar, teue por certo que eſtaua de guerra, & por iſſo ouue ſeguro dele pera mandar Antonio deteiue que mandou com Pero de monte mayor, que fora por embaixador de Fernão dela torre ao gouernador da India, ſobre lhe dar licença pera ſe yr â India, & dahi embarcaçã pa Portugal, & ho gouernador lha mandaua, & carta pera Triſtão datayde & pera dom Paulo, que de Maluco & de Malaca lhe deſſem embercação pera a India, & ay da Dantonio deiteue com Pero de mõte mayor foy pera aſſentar com Fernã dela torre, a maneyra de como ſe auia de yr de Geylolo pa a fortaleza, porq̃ por amor da guerra temia que el rey de Geylolo os não deyxaſſe yr, antes ſabẽdo que ſe querião yr os prenderia, & iſto receaua tambem Fernão dela torre, & por iſto nã quis que el rey de Geylolo ho ſoubeſſe, & tãbem pera ſe yrem ſem ſua licença não podia leuar ſua artelharia, nem as armas que tinhão, de que a mayor parte tinhão empenhadas a el rey de Geilolo por lhes dar que comeſſem, & pera auerem tudo, aſſẽtou que lhe mandaſſe Triſtão datayde dizer pubricamente, que ho Emperador & el rey de Portugal eſtauão concertados na deferença que tinhão ſobre a cõquiſta das jlhas de Maluco, & por iſſo ho Emperador lhe mandaua que com todos os Caſtelhanos que eſtauão coele ſe foſſem pera Portugal pera dahi ſe yrem a Caſtela, pelo que el rey de Portugal por rogo do Emperador lhes mandaua dar embarcação em que ſe foſſem, & ho gouernador da India aſsi lho mandaua dizer, & que eſtaua preſtes pera lha dar que ſe foſſe logo pera a India, & quando não quiſeſſem yr por ſua vontade, que Triſtão datayde lhos mandaſſe por força, & que ele ſe moſtraria muyto queyxoſo a el rey de Geylolo deſte recado, dizendo que nã ſe auia dyr pera os Portugueſes, & que antes ſe deyxaria morrer, & que ele ſe defenderia que ho não tomaſſem por força, & ſe el rey coeſtes biocos lhe não deſſe licẽça pera ſe yr com quanto tinha, & lhe diſſeſſe que o ajudaria a defender, que então foſſe Triſtão datayde com a maior armada que podeſſe ao porto da cidade de Geylolo, & deſſe a entender que queria deſembarcar de dia, pera os Mouros acodirem ali todos: com cujo medo faria que não deſembercaua, & como foſſe bẽ noyte, deyxaſſe ali algũs bateis com artelharia & gẽte que tiraſſem, pera que os mouros cuydaſſem que queria deſembarcar ante menhaã, & yr ſe ya com ho roſto da arma-

da desembarcar dali a mea legoa hũ lugar que se chama Balobalo, dõde yria por terra a Geylolo, onde os mouros lhes sayriã & eles yrião na diãteira, & se lhes ẽtregariã logo, ho que vẽdo os mouros auiam de fugir, & eles ficarião na cidade, & poderião leuar sua artelharia, & outras armas & ho mais que tinhão, & parecẽdo este ardil bem a Tristão dataide mãdou o recado que digo a Fernão dela torre q̃ mostrãdose dele muyto agrauado, ho relatou a elrey de Geylolo, dizẽdo o q̃ disse q̃ auia de dizer, & el rey & os do seu cõselho lhe respõderão q̃ não se agastasse que eles ho ajudariã a defender, que mãdasse dizer a Tristão dataydeque nã se auia dyr parele & sabendo ele ho que auia de fazer, pedio ajuda a el rey Tabarija pera yr tomar os castelhanos a Geylolo dizẽdolhe a causa porque, & ho mesmo mandou dizer a elrey de Tidore, & a el rey de Bachã, & a muytos Samgages, a que tambẽ mãdou pedir ajuda, que todos forã em pessoa com a mays gente que poderão ajuntar, & de Ternate partio Tristão dataydeacompanhado destes reys & senhores, & cõ hũa grãde frota & poderosa de gente & fortalecida dartelharia chegou ao porto da cidade de Geylolo, que pòs nos mouros grande espãto mas os Castelhanos lho tirarão, & esforçando os acodirã todos ao porto pera resistirem a Tristão datayde, que deu conta aos reys & capitães do ardil que leuaua pera vencer os imigos, não falando nada nos Castelhanos, & vsando logo dele fazendo que queria desembarcar, & vendose como que ho fazia com medo, esforçarãose os mouros muyto, parecendolhes que era asi, & dando grandes gritas tirauã muytas frechadas, & nisto esteuerã atè a noyte, que continuando Tristão datayde seu ardil deyxando no porto algũa gente em bateis se foy ao porto do lugar de Balobalo, & quasi à mea noyte desembarcou muyto pacificamente por não ser sentido dos mouros que estauão descuydados, se não quando sentirão que os entrauão, & querendo resistir a isso pelejarã hum pouco, mas forã logo desbaratados: & entrado o lugar per Tristão datayde mandou o queymar, & queymado abalou pera a cidade de Geylolo, & el rey q̃ soube sua yda pelos mouros que fugirão de Balobalo, mandou a Cachil Catabruno, que ho saysse a receber, que sayo com muyta gente, & diante Fernão dela torre com os outros Castelhanos, & menhaã clara chegarão a hum escampado onde então chegaua Tristão datayde, pera quẽ se forão logo dando grande gritas de prazer por se verem em liberdade que ate ly tinhãose por catiuos, pois não podião al fazer se não estar em poder dos mouros.

CAPIT. LXXII.

De como Tristão datayde queymou a cidade de Geylolo, & como Cachil catabruno se fez Rey.

DE tão supita mudança como esta, não sòmente ficou Cachil catabruno muyto espantado, mas com tamanho medo que logo se recolheo pera a cidade, donde nã se atreuendo a defender botou leuando el rey & tudo ho mais que pode & ho mesmo fizerão os moradores, & fugirão todos pera o mato, de modo que quando Tristão datayde chegou achou tudo despejado, & despois de ser a cidade

saqueada

saqueada disso q̃ lhe acharão, a mandou toda queymar saluo a mezquita, por lhe os reys rogarẽ q̃ não fosse queimada, mas de noyte, mãdou Tristão dataide a algũs Portugueses que dessem rebates falsos na gente dos reys, dando a entender que erã Geylolos, & q̃ nesta reuolta posessẽ secretamẽte fogo à mezquita, & assi foy tãbẽ queymada, & acabou de arder menhaã clara: & como não auia mais que fazer tornouse Tristão dataydecom os reys pera a fortaleza, deyxando no porto de Geylolo Diogo sardinha, capitão mòr do mar de Maluco, & Antonio de teyue cõ hũa armada em que ficarã sessenta Portugueses & muytos Ternates, pera que tolhessem aos Geylolos que não tornassem à cidade nem fossem pescar, por ho pescado ser ho principal mantimento que tem. E ele ydo, Cachil catabruno com acordo de todo ho conselho del rey de Geylolo, cometeo pazes a Diogo sardinha, & a Antonio de teyue, que mandarão sobrisso recado a Tristão datayde, & por seu consentimento foy Cachil catabruno coeles à fortaleza, & assentou pazes com Tristã datayde. E como auia dias que ele determinaua de se fazer rey de Geylolo, & ho tinha asi concertado com Cachil daroes, não ho fez por não ver mais ho tempo desposto pera isso, & vendo ho então, determinou de executar seu desejo: E quãdo foy de Ternate, deu peçonha determinada a el Rey, que morreo dahi a algũs dias, & por ele ser moço, nem ser casado, nẽ ter filhos, se fez rey de Geylolo. E porque fez isto quando foy de Ternate, crerão todos que fora aquilo por consentimento de Tristão datayde, & tambem por ele ho dizer pubricamente, & que dera por isso muyto grandes peytas a Tristão datayde, em que entrarão hũs payoẽs douro & crauo & outras cousas. Tambem despoys disto, Tristão datayde contra vontade del rey de Ternate & de Pateçarangue, & dos de seu conselho, leuantou ho degredo ao çamarao, que fora criado de Cachil daroes, & que gouernando ele o reyno de Ternate fora almirãte do mar, & dom Iorge ho degradou quando mandou degolar Cachil daroes polo achar culpado, & pesaua à el Rey Tabarija & aos de seu conselho, de Tristão datayde leuantar ho degredo ao çamarao por ele ser mao homẽ, & temerem q̃ lhes fizesse algũ mal, como fez, & Tristão datayde tomou logo coele grãde credito, & ele trabalhaua muyto por lhe fazer a vontade, & daualhe muytos ardis pera acrecentar sua fazenda, que era ho que ele desejaua, & pera a fazer melhor & ajuntar muyto crauo, determinou de fazer yr de Maluco quãtos mercadores estauão naquelas ilhas, asi Portugueses como estrangeyros, a que mãdou sob certa pena per hum Pregão que mandou deytar que pera tal dia se embarcassem, ho que fazia grande espanto, porque ate então nunca se acontecera deytarem por força os Portugueses fora daq̃las ilhas antes eles fugião, & então erã tão maos de yr q̃ Tristão datayde fez embarcar muytos por força, & ho primeyro capitão que partio, foy hum fidalgo chamado Iurdão de freytas, que primeyro que se embarcasse fez grandes requerimentos a Tristão

dataydeque lhe desse carrega de crauo pera ho nauio, porque ya vazio sem leuar algũa, no que el rey de Portugal recebia muyto grande perda, mas Tristão datayde não quis, porque lhe ficasse todo ho crauo. E entregou preso Vicente dafonseca a Iurdão de freytas, que ho entregasse ao gouernador da India com a deuasa de suas culpas. E tambem neste nauio, foy Fernã dela torre com os outros Castelhanos, & Iurdão de freytas foy ter á India onde entregou Vicente dafonseca. E cõ quãto na deuasa q̃ Tristão datayde tirou se prouauão claramente suas culpas por õde merecia muyto grande pena, nunca lhe foy dada, ho que deu causa a se fazerem em Maluco muyto mayores males, assi contra Deos como contra ho proximo, nem ouue quem se lembrasse do seruiço delrey, se não de enrriquecer por qualquer maneyra que podesse.

CAPIT. LXXIII.
De como ho gouernador foy a Diu pera se ver cõ El rey de Cambaya.

ATras fica dito, como Vasco da cunha foy a Diu por mandado do gouernador a falar com Melique tocão sobre lhe dar Diu, de cuja yda el rey de Cãbaya foy auisado per Rumecão, que trazia suas espias com Melique por lhe querer mal, & desejar que el rey de Cambaya lhe disse a capitania de Diu, & por isso disse a el rey q̃ aquela vista de Vasco da cunha com Melique deuia de ser pedirlhe o gouernador fortaleza em Diu, o que Elrey logo sospeytou, & dali tomou odio a Melique, & determinou de lhe tirar a capitania de Diu, & dala a Rumecão, ho q̃ auia dias que desejaua, crendo que cõ isso seguraua Diu de lho tomarem os Portugueses, & q̃ ele faria vyr muytos Turcos do estreyto perá andarẽ na sua armada, & defenderem aos Portugueses que não tomassem as naos de Cambaya a quãdo vinhão do estreyto, ho que ele sintia muyto. E sospeytando el rey que ho Gouernador trazia trato com Melique, pera lhe dar fortaleza, despedio Tristão degã, com lhe responder que era cõtente de dar ao gouernador a fortaleza que lhe pedia, que se fosse ver coele em Diu, & isto com tenção de ho nã fazer senão a fim destoruar que lhe não fizesse ho Gouernador guerra aquele verão, & que indo a Diu, ho poderia acolher & matalo, & mais estoruaria que Melique lhe não desse fortaleza. E sabido polo gouernador este recado del rey creo que era assi, porque ainda não conhecia quam maleciosó era, & logo se fez prestes perá yr a Diu, & dizendo ao que ya, com que toda a gente ficou muyto alegre. E pera esta vista do gouernador cõ el rey de Cambaya se fizerão os fidalgos & capitães da India, & outras pessoas honrradas prestes de muytas louçainhas, & galantarias de seda & ouro, assi nas armas como nos vestidos, & todos gastarão muyto, do que se arrependerão assaz, vẽdo depois q̃ não ouue efeyto esta vista: & daqui ficou despois chamarse na India este anno ho das paruoices, porque virão muytos q̃ as fizerão em gastar tãto dinheyro de balde. E feytos todos estes gastos, partiose o gouernador pa Chaul, & dahi pa Baçaim õde achou Diogo da silueyra, & daqui se partio pa Diu cõ hũa

poderosa frota doytenta velas, em que entrauão oyto galeões, de que a fora a capitayna erão capitães, Diogo da silueyra, Antonio de lemos, Manuel de macedo, dom Esteuão da gama, Antonio de sa ho rume, Diegaluarez telez, dom Gastão coutinho, & de Galés & Galeotas, Manuel dalbuquerque, Vasco pirez de são payo, dom Pedro de meneses, Manuel de vasconçelos, Fernão de lima, & outros fidalgos, y rião nesta armada dous mil Portugueses, a mays luzida gente que nunca se ajuntou na India. E chegado ho gouernador defronte de hum lugar chamado Danu, soube que ho dia dantes passara el Rey de Cambaya em noue galés pera Diu, & logo dali lhe mandou dizer por Simão ferreyra que onde seria bõ verése se em madrefaba ou no már, & foy coele pa lingoa Ioão de Sātiago (lingoa do gouernador) que fora mouro & fizerase Cristão. E proseguindo ho Gouernador por sua viagem foy ter a jlha dos Mortos, & ali esperou por Simão ferreyra, que não tardou muyto que não chegou, & ya co le Cojeçofar, que lhe disse da parte del rey de Cambaya que lhe pedia que fosse a Diu & que se veriā, & Ioão de Santiago disse ao gouernador que soubera em Diu que el Rey de Cambaya queria dar a sua capitania a Rumecão, que se lhe offrecera de lho defender. E desta jlha dos Mortos se foy ho gouernador a Diu, & da barra mandou Simão ferreyra com Cogeçofar a el rey, pera que lhe mandasse recado em que lugar da jlha queria que se vissem, & indo ele coeste recado foyse ho gouernador a terra com os capitães & algũs fidalgos, & desembarcou onde chamão ho Palmarinho, & ya ver se pode rião ali proar as galés, pera q̃ querendo el Rey de Cābaya que se vissem ali fazer chegar as galês, pera ficar seguro com a sua artelharia se el rey de Cambaya quisesse fazer algũa treyção.

CAPIT. LXXIIII.

De como Manuel de macedo se desafiou cõ Rumecão, & não lhe sayo ao desafio.

ESTando nisto, veo Symão ferreyra, & disse ao Gouernador que el rey não acabaua dassentar onde se auião de ver, & que lhe mandaua pedir que lhe mandasse la os capitães da galé bastarda & dos galeões, que os queria ver pera lhes fazer honrra. E estando ho gouernador suspenso sobre ho que faria, porque receaua que el Rey reteuesse os capitães despoys que os lá teuesse, disselhe Tristão de gá que ja fora por embayxador a el Rey de Cambaya que os mandasse, porq̃ não os mādando el rey era tam sospeytoso q̃ cuydaria que não se fiaua dele: & como isto cuydasse não se auia de querer ver cõ ele, & por isto os mandou ho Gouernador yr, & el Rey os recebeo com muyta honrra. E sabendo Manuel de macedo como el rey queria dar a capitania de Diu a Rumecão, & tirala a Melique tocão que era muyto seu amigo, estando com el rey lhe disse (despois de lhe pedir licēça pera falar hũ pouco) q̃ se espātaua muyto dũ rey tā sabedor, & caualeiro como ele era, querer tirar a capitania de Diu a hum vassallo como era Meliq̃ tocão & q̃ o tambē tinha seruido, & filho de tā singular capitão como fora Meliqaz o velho, q̃ tanto seruiço fizera ao reyno de Cābaya, & tā-

to

to acrecétara na hõrra dos Guzarates, & a q̃ria dar a Rumecão hũ homẽ estrãgey ro, de q̃ não tinha outra experiencia se nã fazer treyção ao Turco cõ quẽ viuia, & por essa causa fugira de seu seruiço, & se acolhera a Cãbaya, pelo q̃ não se deuia de fiar dele, se não esperar q̃ lhe fizesse outra treyção, & se Rumecão ali estaua & negasse ho que ele dizia, que ele lho faria confessar em batalha, que folgaria muyto dauer coele. E Rumecão que ali estaua o ouuio dizer ao lingoa, & por não responder oulhou el Rey pera ele com hũ rosto menécorio: & calandose toda via Rumecão, disse Manuel de macedo que entendeo q̃ era aquele, q̃ outra vez o tornaua a desafiar pola mesma rezão, & mays que podia meter consigo outro, porq̃ ele se mataria cõ ambos. E vendo el rey q̃ não respondia, lhe disse com yra, q̃ como não respõdia ao desafio, & Rumecão disse q̃ polo não ter em cõta, porẽ que poys assi q̃ria, q̃ aceytaua o desafio, sem meter outrẽ cõsigo, & assi foy logo deputado ho mar pera ser ho campo do desafio, & que pelejariã cada hũ de sua fusta em que estariáo sós. Aceytado ho desafio, mandou el rey dizer ao Gouernador, que lhe auia de falar de hũa genela, no baluarte de Diógo lopez, & ele esteuesse no már em hũa galê, do que se o gouernador rio quando ho soube, & mandoulhe dizer q̃ lhe não queria falar de q̃la maneyra: & sabẽdo o desafio de Manuel de macedo cõ Rumecão folgou muyto, & deulhe licẽça pera ho fazer, & mandoulhe esquipar hũ bargantim em que se meteo, & foy surgir jũto da lagea, & por Rumecão tar dar, & ao gouernador lhe parecer que nã ousaria de sayr com medo da nossa frota, mandou leuar & fezse hũ pouco ao mar, & despois disso sayrão do porto da cidade sete ou oyto fustas toldadas & embandeyradas, & hũa diante da outra forão demandar ho bargantim ondestaua Manuel de macedo, & dando todas hũa volta ao derredor dele se recolherão ao porto donde sayrão, & não tornou mais nhũa, que parece que não quis el Rey q̃ Rumecão sayse ao desafio. E vendo ho gouernador que tardaua muyto, fez sinal a Manuel de macedo com hum tiro que se recolhesse: & recolhido deyxouse estar, & vẽdo que o desafio não auia efeyto, & que ficaua de guerra cõ Cambaya, mandou hũa armada ao estreyto de tres Galeotas & treze fustas, & por capitão mór Vasco pirez de são payo que ya em hũa das galeotas, & nas duas dom Pedro de meneses, & dom Manuel de lima, & yrião na armada trezentos homẽs. E de Diu se tornou ho gouernador a Chaul, donde despachou pera ho estreyto a Diogo da silueyra por capitão mór de hũa armada de cinco galeões, cujos capitães a fora ele forão, Antonio de sá, dom Gastão coutinho, Diegaluarez telez, & Antonio de lemos, com regimẽto que lá se entregasse da armada q̃ leuara Vasco pirez de são payo, & q̃ na entrada do verão se fosse á põta de Diu donde faria guerra a Cãbaya: tãbẽ despachou Antonio da silua de meneses pera Bẽgala a resgatar Martĩ afonso de melo jusarte, & foy por capitã mór de noue velas, cõ q̃ partio de Cochĩ, & despois se partio o gouernador pa Goa onde

auia dinuernar: & dali despachou a dõ Esteuão da gama pa Malaca a seruir a capitania da fortaleza, porq̃ era sua primeyro q̃ de dõ Paulo da gama seu jrmão, & ele se foy a Cochĩ dõde o acabou de despachar o vẽdor da fazẽda, & partiose pa malaca ẽ Abril de M.D.xxxiiij. E depois dele, partio o vẽdor da fazẽda pa Ormuz a visitar a feytoria & saber como se gastaua a fazẽda del rey de Portugal, & foy ẽ hũa nao.

CAPIT. LXXVI.

De como indo dom Iorge de crasto sobre el rey de Reyxel, se tornou sem fazer nada.

NEste tempo estaua leuantado cõtra el Rey Dormuz hũ seu vassallo q̃ era rey de hũa cidade chamada Reyxel, na costa do estreyto da Persia, cẽto & setẽta legoas Dormuz, & este trazia hũa armada de doze fustas por aq̃le estreito, cõ q̃ roubaua as naos que naueguauã por ele, principalmente pera Ormuz, & por isto ousauão muy poucas de nauegar, no q̃ el rey Dormuz recebia grãde perda dos dereytos da alfandega, pelo q̃ se aqueyxou a Antonio da silueyra capitão da fortaleza, dizẽdo q̃ era necessario destruirse aqla armada, porq̃ doutra maneyra não podia pagar as pareas q̃ pagaua a el rey de Portugal. E sabido isto por Antonio da silueira assentou com dõ Iorge de crasto q̃ era capitão mòr do mar Dormuz que fosse com sua armada a Reyxel, & requeresse a el rey q̃ se tornasse á obediencia del Rey Dormuz, & recolhesse a armada, senão q̃ seria necessario acodir a isso pois el Rey Dormuz era vassallo del Rey de Portugal, & co isto se partio dõ Iorge indo em hũa galeota, & leuou dous bargantĩs, de q̃ erã capitães Ruy gomez casto, & Ioão ribeyro, & hũa fusta, capitão Nuno vaz, & cinco catures, & nestas velas forão duzentos homẽs. E chegado ao cabo de Vadestão, cẽto & sessenta legoas Dormuz, achou o tempo tã cõtrayro, q̃ lhe foy forçado surgir em hũa jlha despouoada pegada cõ ho mesmo cabo, onde esteue passante de vinte dias: & passado este tpo que teue lugar de fazer viagẽ, achouse cõ necessidade dagoa & de mãtimẽtos, & por nã auer na jlha nhũa destas cousas, as foy tomar á terra firme, & estãdo fazẽdo agoada hũ terço de mea legoa donde surgio, sayrão muytos mouros q̃ estauão em ciladas, & derão em sua gẽte tã supitamente q̃ não se poderão valer que nã fossẽ tomados pelos mouros oyto Portugueses & trĩta & cinco escrauos Cristãos, & outros tãtos remeyros da capitayna, q̃ não leuaua mais, & sabido isto por dõ Iorge q̃ estaua no mar ficou muy agastado, porq̃ pola pda dos remeiros q̃ lhe catiuarã nã podia proseguir sua viagẽ, & porq̃ não auia ondе os fosse tomar, propos ẽ cõselho se tornaria a tomalos á Ormuz pois sem eles nã podia fazer cousa q̃ a pueytasse, & auẽdo algũs q lhe cõselhauã q̃ tornasse a Ormuz sem passar auãte, disse hũ Frãcisco de gouea q̃ pois se auia de tornar q̃ pera poder dar nouas em Ormuz do que ya em Reyxel, & das fustas lho queria yr saber em hũ catur, & dom Iorge não quis, dizẽdo q̃ se lá fosse auisar se yão os imigos de sua yda, o q̃ ele não q̃ria se nã tomalos de supito, & assi se tornou a Ormuz, & quãdo Antonio da silueyra soube q̃ a fora nã fazer nada lhe acõtecera aq̃le desastre & por sua culpa, ficou muyto agastado pola mã

conta

cõta em q̃ os Portugueses seriáo tidos, & polo seruiço del rey de Portugal q̃ perecia & determinou de tornar a mandar a mesma armada cõ outro capitão mór, pa q̃ escolheo Frãcisco de gouuea, de q̃ conhecia esforço & saber pa acabar aq̃le feyto, & assi lho disse, pedindolhe muyto que o fizesse verdadeyro, & ele lho prometeo.

CAPIT. LXXVII.

De como Francisco de gouuea foy por capitão mor da armada cõtra el rey de Reyxel.

Epartiose Dormuz com a mesma armada q̃ leuara dõ Iorge, & foy na fusta de que era capitã Nuno vaz, & sem lhe acõtecer cousa q̃ o toruasse de sua viagẽ foy ter ao porto de Reyxel, cidade grãde cõ hũa boa fortaleza na costa Darabia situada ẽ bõ sitio de casas de pedra & cal, & abastada de mãtimẽtos, & pouoada de mouros. El rey sabẽdo q̃ a nossa armada estaua no porto, determinou de a tomar cõ quãtos yão nela, & isto por ẽgano, pa o q̃ mãdou dizer a Frãcisco d̃ gouuea por hũ mouro hõrrado q̃ sua vinda fosse boa, porq̃ folgaua muyto q̃ os Portugueses fossem a seu porto, polo desejo q̃ tinha de ter coeles pazes, & se as ele quisesse aceytar, era cõtente de lhe dar as fustas q̃ tinha & os catiuos que tomarão a dom Iorge, & fazenda dos nossos que os seus tinhão tomada, & coeste recado lhe mandou hũ presente de muyto refresco. E porq̃ Francisco de gouuea leuaua em regimento q̃ fizesse paz com el rey dandolhe ele o que lhe prometia, respondeo q̃ era cõtente de fazer coele paz se fizesse ho que dizia, & que ate então lhe não auia de tomar nada. E ouuida esta reposta por el rey lhe cometeo que se visse à borda dagoa, & em ordenar como auia de ser esta vista se passarão tres dias, porque el rey se arrependia de yr falar a Francisco de gouuea, porque como determinaua de o prender pareceo lhe que corria perigo, & quando ouuesse algum, melhor cayria no seu Goazil, & por isso ho mandou, escusandose a Francisco de gouuea de não yr como lhe mãdara dizer. E passados estes dias, mandou el rey armar hũa tenda muyto rica na praya pegada cõ ho mar, pera se ver nela ho seu Goazil cõ Frãcisco de gouuea, que sayo em terra cõ quarenta Portugueses: todos despingardas, & ele com hũa espada dãbas as mãos nua, & deyxou os nauios cõ os esporões em terra, & a artelharia ceuada, porque tinha sospeita que lhe auião os mouros de q̃rer fazer algũa treyçã, & assi era, q̃ el rey tinha posto hũa cilada detras dum oyteiro que estaua hi perto, em q̃ entrauão quatrocẽtos de caualo & grãde multidão de gẽte de pé, pera ẽ ho Goazil lançãdo mão de Francisco de gouuea acodissem eles sobre os que fossem coele, & os matassẽ a todos & lhes tomassem a armada: & pera isso sayo Coge frajulá (q̃ assi se chamaua o Goazil) cõ trezẽtos homẽs, & vendo o Frãcisco de gouuea lhe mãdou dizer q̃ pera q̃ era tanta gẽte poys ya de paz, q̃ ele não tinha mais de quarẽta homẽs q̃ trouuesse ele cẽto, & assi o fez o Goazil, & mãdou apartar os outros: & entrado na tẽda assẽtouse, & disse a Frãcisco de gouuea q̃ se assẽtasse & ele não quis pola sospeita q̃ tinha, & ẽ quãto falou cõ o Goazil semp̃ passeou cõ a espada na mão & por isso o Goazil nã ousou de cometer ho que leuaua determinado, antes estaua

temeroso de ver ho desassego de Francisco de gouuea, & cuydaua q̃ o auia de matar: & ho concerto da paz foy o que el rey mandou dizer a Francisco de gouuea, que todo foy escrito per dous escriuães, hum Portugues, & outro mouro, & assinado por Francisco de gouuea & polo Goazil que se tornou pa a cidade despois disto acabado, & disse que ao outro dia se compriria ho concerto. E quando el Rey vio ho Goazil sem Francisco de gouuea, ouue tamanha menencoria que ho quisera mandar matar, & não o fez por conselho dos seus, mas tiroulhe ho officio.

CAPIT. LXXVIII.

Do que fez Francisco de gouuea despoys q̃ vio que el rey de Reyxel não queria paz.

VEndo elrey que não podera auer Frãcisco de gouuea como quisera, determinou de se declarar coele por imigo, & mandou muytos espingardeyros & frecheyros a goardar hũs poços em que Frãcisco de gouuea quisera fazer agoada, ho que não pode por lho os mouros defenderem. E como erão muytos em demasia, & os nossos poucos, fizerão nos recolher pera os nauios com muyto trabalho, & ajudoulhes muyto a sua artelharia que fez algũ dano nos imigos de mortos & de feridos, & eles matarão hum marinheyro Portugues. E como a nossa artelharia pode jugar afastarãose os imigos, & os nossos teuerão lugar de se embercar, & pola necessidade que tinhão dagoa foy forçado a Francisco de gouuea (antes doutra cousa) de a yr tomar a hũa jlha chamada Carrega sete legoas de Reyxel, & indo pera lá ouue vista das fustas de Reyxel, & posto que erão o dobro da sua armada, determinou de pelejar coelas, & asi ho disse aos outros capitães, & arribou logo pera os imigos, que vendo a nossa armada, parece que ouuerão tamanho medo que arribarão pera terra, & forãose meter em hũ rio duas legoas de Reyxel, & duas ficarã de fora por não poderem mays. E vendo Frãcisco de gouuea q̃ se acolhiã, por as alcãçar mais asinha se mudou a hũ dos caturres & por remar rijo alcãçou hũa das duas fustas que ficarão de fora, & aferrou logo hũa delas, & nisto lhe matou tres homẽs de vinte que andauão nela todos espingardeyros, & os outros se lançarão ao mar que os Portugueses catiuarão todos & tomarão a fusta, & a outra varou em terra & saluouse a gẽte, & a fusta, q̃ ficou em poder de Francisco de gouuea, & achouse carregada de crauo, gingibre, & canela, & asy andauão as outras naos que tomarão que yão Dormuz pera Baçora. Tomada esta fusta, & vendo Francisco de gouuea que não podia pelejar cõ as outras por estarem metidas no rio foy se fazer agoada a Carrega, onde staua hũa pouoação com hũa mezquita, & aqui estauão obra de sessenta mouros da armada dos imigos, que ficauão esperãdo em quãto os outros leuauão a Reyxel as presas que fizerão, & estes como virão a nossa armada no porto em quanto se fazia agoada acolherãose a hum cabeço alto ode steuera hũa fortaleza, determinando de se defender, & mandarão recado a Reyxel de como ficauão, & os moradores do lugar se acolherão por outra parte a hũas lapas q̃ estauão ao longo do mar, de que os Portugueses matarão a mayor parte.

te. Despoys de feyta agoada & queymado ho lugar, em que foy queymado hũa mezquita que os mouros tinhão por cousa santa, & a que yão em romaria de muytas partes, mandou Francisco de gouuea, dizer aos mouros que estauão no cabeço que os auia de matar se em tres oras não se lhes fossem entregar pera fazer deles ho q̃ quisesse, & eles o fizerão com medo, man dandolhe primeyro as armas, & por eles ouue despoys Frãcisco de gouuea os Portugueses que catiuarão a do Iorge de crasto, com condição que se goardasse a paz q̃ assentara com Coje frujala, do q̃ el Rey foy contente, vendo quam pouco ganhaua em ter guerra com os Portugueses. E isto feyto, Francisco de gouuea foy correndo aquele estreyto atéa jlha de Baharem donde escreueo a el rey de Baçora o que fizera, & mandoulhe a especiaria q̃ tomara aos mouros, & isto por ser amigo dos Portugueses. E sabendo el rey que aquele estreito estaua seguro, mandou hũa nao carregada de mantimentos a Francisco de gouuea com muytos agardecimentos da especiaria que lhe mandara. E deyxando Francisco de gouuea seguro este estreyto se foy inuernar a Ormuz, cujo rey faleceo neste tẽpo: & Antonio da silueyra & Diogo da silueyra leuantarão por rey hum seu filho dydade doyto annos, que despois foy morto com peçonha, que lhe mãdou dar Rayxaleque q̃ estaua degradado na India, & por ser seu tio suçedeo no reyno, & foy muyto amigo dos Portugueses, & fez muytos seruiços a el Rey de Portugal.

CAPIT. LXXIX.

Do que fez Antonio da silua de Meneses em Bengala.

PArtido Antonio da silua pa Bengala chegou cõ toda sua armada ao porto de Chatigão, & porque leuaua por regimento que não fizesse guerra nem paz em Bengala sem ho parecer de Martim afonso de melo jusarte, teue maneyra como lhe mandou hũa carta em que lhe escreuia o regimento do gouernador, por isso que lhe respondesse ho que faria, & auido conselho com os Portugueses que todos estauão ja na cadea del rey assentarã que deuia fazer paz, porque por guerra não se podião liurar, & so Nuno fernandez freyre foy de parecer contrayro, dizẽdo, que se deuia de fazer guerra a el rey de Bengala pera que soubesse ho que podião os Portugueses, porq̃ com quatro nauios q̃ se possessem nas barras de Chatigão & de Satigão defenderiã que nem sayssede stes portos nem entrasse neles nenhum nauio, no que el Rey de Bengala receberia perda grandissima, por não terem seu reyno outros, & aqueles renderem muyto, & nem por amor da guerra os auia el Rey de Bengala de matar por amor dos Patanes que lhe começauão de fazer guerra, pera que auia de ter deles necessidade. E como Nuno fernandez era so deste parecer, assentou Martim afonso no outro, & assi ho escreueo a Antonio da silua, q̃ mandou por ẽbaixador a el rey de Bẽgala hũ Iorge alcoforado, & a sustancia de sua ẽbaixada foy, q̃ com quãto o gouernador tinha rezã destar agrauado dele, & de lhe fazer guerra, por lhe prẽder ho capitão & Portugueses q̃ mãdaua a sua terra, nã se q̃ria lẽbrar dagrauos, se nã ser seu amigo,

& ſeruilo no que podeſſe,porque aſsi lho mandaua el Rey ſeu ſenhor,de cuja parte & da ſua lhe rogaua que ſoltaſſe os Portugueſes,poys não tinhão feyto por onde mereceſſem ſer preſos. E dada eſta embaixada a el rey ouue conſelho ſobre ho que faria. E Agehabedelá lhe diſſe q̃ não fizeſſe paz com ho gouernador nem lhe deſſe os Portugueſes por menos de quorenta & cinco mil pardaos, porque dandolhos de graça pareceria que ho fazia cõ medo, & Alfacão lhe diſſeque lhe compria muyto fazer paz com ho gouernador,porque ho ſeu reyno, era como hum homẽ q̃ tinha dous olhos, & eſtes erã Chatigão & Satigão,dous portos de mar que lhe ho gouernador podia çegar com ſuas armadas, & por iſſo deuia de fazer paz & darlheos catiuos ſem dinheyro, poys forão preſos ſem rezão, porque leuando por eles dinheyro claro eſtaua que os Portugueſes ſe auião dentregar em ſua fazenda,ou na de ſeus vaſallos. E com quanto iſto pareceo bem a el rey & outros forão dele, era tam afeyçoado a Agehabedalá que tomou o ſeu, & reſpondeo a Iorge alcoforado que era contente de fazer paz com o gouernador,mas que lhe auia de dar quorenta & cinco mil pardaos por Martim afonſo & polos outros, porque os não auia de dar por menos, & deſpoys tornou a dizer que os ná queria reſgatar, & iſto por conſelho de Agehabedalá. E Iorge alcoforado ſe foy coeſta repoſta del rey,que diſſe a Martim afonſo & aos outros,que ficarão muyto triſtes,parecendolhesque poys os el rey não queria reſgatar que nunca ſayrião dali, & fizerão grã de pranto com Iorge alcoforado quando ſe deſpedio deles, & ele leuou eſta repoſta a Antonio da ſilua,q indinado cõtra elrey determinou de ſe vingar em ſeus vaſſallos, & hum dia ante menhaã deu com ſua gente em Chatigão & pos lhe ho fogo, com que queymou muyta parte dela, & matou & catiuou muyta gente: & dali ſe foy a hũas jlhas onde morauão muytos Bengalas degradados, & deſtruyolhe as pouoações, & matou os mais deles: & feyta muyto grande deſtruyção ſe foy pera a India, & com menencoria diſto mandou el Rey prender os Portugueſes de dous em dous, que andauam ja ſoltos, & os que lhe aconſelhauam que fizeſſe paz com ho gouernador & que lhe deſſe os catiuos ſem reſgate, lhe diſſerão então que bem via quanto melhor conſelho era ho ſeu que ho de Agehabedalá, & poys aquele capitão dos Portugueſes ſem mandado do gouernador lhe fizera tanto dano,que faria outro que foſſe dirigido pera lho fazer. E el Rey conhecendo a verdade mandou cortar a cabeça a Agehabedalá,porque ho não conſelhara bem fiandoſedele, & não lhe valeo ſua priuança, & por não parecer que ſoltaua os Portugueſes com medo os não ſoltou logo: E dali a algũs dias por parecer que os ſoltaua por amizade mandou leuar ante ſy a Martim afonſo ſolto, & moſtroulhe hũa carta de marear ſobre q̃ praticou coele hum pedaço, & deſpoys ho mãdou tornar á cadea, & de dias em dias ho mandaua leuar ante ſy, buſcando ſempre couſas pa praticar coele: & neſte tẽpo mãdou q̃ lhe tiraſſẽ os ferros, & aos outros, de que

mandou

mandou tirar da cadea Nuno fernandez freyre por saber tanger viola, & a hum Ioáo adáo que tangia hũs orgáos q̃ lhe Martim afonso mandara de Chatigá, & a hũ André gonçaluez pera lhe cantar, porque era muyto inclinado a musica, & tinha muytos musicos ao seu modo, & hum mestre da musica que tinha treze mil pardaos de rẽda com aquele officio, & a este entregou Nuno fernandez, Iohão adão, & André gonçaluez, & dali por diante teuerão todos melhor vida, & fazialhes el rey merce, & não tinhão outra má vida senão estarem ali sem poderem sayr quãdo querião.

CAPIT. LXXX.

De como hũa armada del rey Dugentana foy correr a Malaca, & de como foy morto dom Paulo da gama & outros.

DOm Esteuão da gama que ya pera Malaca chegou la em Mayo, & logo lhe dom Paulo seu jrmão entregou a capitania, & ficando ele por capitão, daly a oyta dias teue noua que estaua no rio de Muar hũa armada del Rey Dugentana, & pera saber a verdade disso & quantas velas erão, mãdou la Simão sodré, & Frãcisco de barros de payua que leuarão cinco manchuas. E chegados acharão a armada fora do rio posta ao longo de terra, & erão doze calaluzes de Iaos, de que era capitão mór hum mouro chamado Habrahem, & cinco lancharas del rey Dugẽtana, & todas com muyta gente & artelharia, ho q̃ Simão sodré, & Francisco de barros poderão bem ver por se chegarẽ muyto, em tãto que os imigos cuydando que querião pelejar se leuarão, & forão pa reles, & eles como não yão pera pelejar fizerão volta pera Malaca a dar rezão do que virão, & os mouros os yão seguindo quanto podião, & em anoytecendo lhe começarão de tirar com a artelharia. E sendo duas legoas de Malaca, passadas duas oras da noyte, virão com ho luar que fazia muy claro muitas manchuas, & em cada hũa dous tres Portugueses, & deles souberão que sobre a tarde despois de sua partida, se vira em Malaca contra Muar, hũas nuuens delgadas como fumo, & por muytos afirmarem que era fumo, & dar telharia, o dissérão a dom Esteuão, & que seria bom mandar socorrer aos Portugueses que laa erão, & assi lho conselhou hũ Aluaro botelho bem caualeyro & muyto antigo em Malaca: & com quanto dõ Esteuão não quisera mandar ho soccorro, disselhe dõ Paulo que o mandasse & q̃ ele yria, & dõ Esteuão se escusaua dizẽdo, q̃ a armada estaua ainda varada & que não auia em que yr ho socorro: & com tudo dom Paulo nã quis senão yr muyto contra võtade de dom Esteuão, & embarcouse em hũ paraò de carrega de hũa nao de Cambaya, & Manuel da gama em outro, & com cada hum vinte homẽs fidalgos & caualeyros: & outros quarenta homẽs se embarcarão em manchuas tam pequenas que não cabião em cada hũa mays q̃ dous tres, & com tam roîs embarcações foy socorrer quem não tinha necessidade de socorro, & chegou a eles ás oras que digo. E sabendo eles quam mal aparelhado vinha dom Paulo pera pelejar com os imigos, por hum nauio dos seus abastarsó pera pelejar com toda a sua armada foy

foy Simão ſodré dizer a dõ Paulo q̃ por eſta rezão ſe deuia detornar, & não pelejar com os imigos de cuja armada lhe deu relação, pelo que a dom Paulo lhe pareceo bem ſeu conſelho, & fez volta, & os imigos não deyxarão de lhe dar caça quãdo virão que armada trazião, tirandolhe muitas bombardadas, o que os Portugueſes não podião fazer por não terem artelharia. E vendo eles que os imigos os alcançauão, & quam mal auiados yão pera pelejar coeles, conſelharão a dom Paulo que ou ſe paſſaſſe a hũa manchua & recolheſſe as outras & ſe foſſe que o poderia fazer por ſerem legeyras, ou varaſſe em terra, porque onde ele enſecaſſe nã auião os nauios dos imigos de nadar, & deſte modo ſe ſaluaria ate ſer ſocorrido de Malaca. E dom Paulo parecẽdolhe iſto fraqueza não quis ſe nã pelejar, & cõ animo muy esforçado virou a abalrroar cõ hũa lanchara q̃ achou mais perto, & Manuel da gama fez ho meſmo, & em aferrando forão todos os ſeus encrauados dazagayas, frechas, & páos toſtados, & com tudo ele entrou na lanchara que aferrou a pos hum ſeu ayo chamado Iorge fernãdez borges, que foy o primeyro que entrou, & com quanto a dom Paulo lhe atreueſſou hũa azagaya a mão dereyta, ele & Iorge fernandez pelejarão tam valentemẽte que logo em entrando leuarão os mouros ate a popa da lanchara, & niſto entrarão Antonio pereira que foy alejado do braço dereyto, Vaſco da cunha, dom Franciſco de lima, que forão feridos nas cabeças, & Gonçalo bayão, & aſsi outros, & pelejauão com grã de braueza porque os imigos erão muytos, & outro tanto fazia Manuel da gama com os ſeus. E tendo dom Paulo rendida a lanchara ondeſtaua quiſera paſſar auante mas não pode, porq̃ em aferrando a lanchara ſe lançarão os ſeus remeyros ao mar, & fugirã & eſtãdo aſsi cõ a lãchara rẽdida, acodio outra q̃ trazia muyto mays gẽte, & entrou de roldão ondeſtaua dom Paulo & forão tantos os que carregarão ſobre ho Bayleu que quebrou coeles, & como erão muytos, & os Portugueſes eſtauão ja feridos, & doutras lancharas lhe tirauão muytos arremeſſos, por mays eſforçadamente que pelejarão não ſe poderão defender, & foy morto Iorge fernandez borges & dom Paulo cayo deſmayado do muyto ſangue q̃ ſelhe ya das mortaeys feridas que tinha, & Gonçalo bayã eſtando muyto ferido poſto no bordo da lanchara foy derribado no mar, & aſsi cayrão outros muytos com a grande multidão darremeſſos que os imigos arremeſſauão, & acharãoſe ſeys paos toſtados jũtos com que tirauão. E tambẽ foy desbaratado Manuel da gama, poſto que aq̃le dia fez marauilhas cõ os ſeus & aſsi os outros Portugueſes, porem aproueytou pouco porque os imigos por ſerem em demaſia muytos os afogauão & com tudo tambem receberão perda, que morrerião bem quorenta a fora muytos feridos, & por iſſo ſe contentarão com eſcaparem, & ſe forão leuando dom Paulo quaſi morto na lãchara ſem ſaber q̃ o leuauã, nem a Iorge fernandez ſeu ayo, & ſoubeſſeq̃ ainda a dom Paulo viuera ate ao outro dia a veſpera, & ſe ele não cayra nunca ho mal dos Portugueſes fora tanto. E acolhidos os

imigos ajuntarãose todos os nossos capitães, & achando menos dom Paulo ficarão muyto tristes por ser muyto amado de todos, por suas muitas virtudes, & por ser muyto esforçado. E afora ele acharão que morrera Ioão rodriguez de sousa, sobrinho de garcia de sá, Iorge fernandez borges, Antonio defarão, Pero queymado, Gonçalo bayão, & dous bombardeyros, & forão feridos Manuel da gama, dõ Francisco de lima, Vasco da cunha, Antonio pereyra, Francisco bocarro, Fernão gomez, & outros que fazião numero de trinta, & coesta perda se tornarão a Malaca, & contarão a dom Esteuão ho que lhes aconteçera.

CAPIT. LXXXI.

De como Francisco de barros de payua foy buscar mantimentos a Patane, & do que lhe aconteceo

SEntindo muyto dom Esteuão a morte de seu jrmão, determinou de yr sobre el Rey Dugentana & destruylo, por vingança daquela morte, pera ho que se começou dapceber. E porq ẽ Malaca auia grãde falta de mãtimẽtos, mãdou por eles no Iulho seguinte a Pão, cujo rey estaua de paz, & foy Simã sodré ẽ hũa nao de duzentos toneis, & ao mesmo mãdou Francisco de barros de payua a Patane cõ que tambem tinha paz, & estando la foy ter com Simão sodré hũa armada del rey Dugentana de trinta & cinco lancharas, de que ya por capitão mór Tuão mafamede, que fugira de Malaca pola morte de Sanaya de raja. E por Tuão mafamede não se atreuer a pelejar com Simão sodré foy em busca de Francisco de barros que sabia que tinha hum nauio pequeno, & não teria nele mays que até vinte Portugueses, & nẽ por isso se deyxou ele de defender dos imigos com muito esforço, & eles o cometerão com grandes gritas pera ho aferrarem, mas nunca poderão, porq os Portugueses os não deyxarão cõ muytas panelas de poluora que lhe arremessauão & cõ muyta soma de espingardadas q̃ lhe tirauão. E despois de lhe matarem tres homẽs, & ferirẽ os outros todos, vendo q̃ o nã podiã aferrar se afastarã hum pouco, ho que vendo os Portugueses como estauão muyto cansados & feridos, q̃ ja não podião consigo, requererão a Francisco de barros que poys não podião mais fazer que se acolhessem a terra, & saluar seyão, & despoys viria tempo em que se vingaria, & ele não quis parecendolhe que era quebra de sua honrra: dizẽdo que melhor era a morte com honrra, que a vida deshonrrada, & mays que temia que vendo os Patanes como yão desbaratados que se leuantassem contreles & os matassem, posto que estauão de paz. E vendo a gente que nã se queria yr, não quiserão mays esperar, & lançarãose ao batel do nauio & forãose a terra, sómente dous, hum chamado Ioão freire, & outro Bastião nunez & estes dous persuadirão a Francisco de barros que se fosse, & primeyro deytou a mais da artelharia que pode no mar por que não ficasse aos imigos, & por essa causa pos fogo ao nauio, & á poluora que estaua nele, & despoys se foy pera terra sẽ ser visto dos imigos, & em terra recolheo os Portugueses & foy se pera a cidade onde foy bem recebido, & hi ficou hum anno por não ter embarcação pera se yr, & despoys

despoys mandou dom Esteuão por ele. E sintindo os imigos que ho nauio estaua despejado entrarão nele, & a pagarão o fogo & tomarão meo queymado: & vendo que não podião auer a gente dele forão se, & Simão sodré que foy a Pão fez carregar certos jungos de mantimẽtos, & foy se coeles a Malaca.

CAPIT. LXXXII.
De como Diogo da silueyra chegou a ponta de Diu & do que hi fez.

PAssado ho inuerno q̃ Diogo da silueira teue em Ormuz, partiose pa Mazcate onde tinha os galeões, & dali na fim Dagosto com toda a armada pera a ponta de Diu, onde esperou as naos que fossẽ do estreito, de que fez dar á costa algũas q̃ lhe fugirão, & as não pode tomar. E vendo que nã fazia ali nada foy surgir na barra de Diu onde as fustas se lhe mostrarão, mas não ousarão de pelejar coele: & aquy soube que ainda estaua em Diu por capitão Meliquetocão, & não deyxara el rey de Cãbaya Rumecão como estaua determinado, por naquela conjunção lhe ser notificado que el rey dos Mogores (hum rey muyto poderoso) lhe fazia guerra pera que el rey de Cambaya tinha necessidade de Rumecão. E despoys que Diogo da silueyra isto soube, tomou hũa nao de presa que foy ter coele, & tomada se fez à vela, & foyse pera Goa com recado do gouernador que lhe mandou dizer que se fosse.

CAPIT. LXXXIII.
De como chegou à India Martim afonso de sousa.

NEste tempo chegou a armada de Portugal, de que foy por capitão mór Martĩ afonso de sousa, a quẽ por seus seruiços el rey fez merce da capitania mór do mar da India: & a armada q̃ leuou de Portugal foy de cinco naos grossas cõ a sua, de q̃ forã capitães ele, Diogo lopez de sousa, Tristão gomez da graã, Simão guedez de sousa, q̃ leuaua a capitania de Chaul, Antonio de brito que leuaua a de Cochĩ. E chegãdo a Goa a saluamẽto, mostrou Martĩ afonso sua prouisã ao gouernador q̃ hi estaua, pelo que o meteo de posse da capitania mór do mar, & lhe mandou que se fosse a Cãbaya pa tomar a vila de Damão, & lhe fazer a mays guerra que podesse, & que em Cambaya se entregaria da armada que trazia Diogo da silueyra. E despachado Martim afonso, partiose pera Chaul, & forão coele estes capitães de galês & Galeotas, Fernão de sousa de tauora, Manuel de sousa de sepulueda, Martim correa, dom Diogo dalmeyda, Ioão de sousa lobo, & Francisco de sa, & outros, & assi hũ Ioão de sousa dalcunha Rates em hũa carauela: & chegado a Chaul achou hy Diogo da silueyra que lhe entregou a armada de Vasco Pirez de são payo, q̃ era de tres galeotas, & dez asseys fustas, & assi quatro galeões, & Diogo da silueyra seguio sua rota pera Goa pera se yr pera Portugal.

CAPIT. LXXXIIII.
De como Martim afonso de sousa tomou a vila de Damão.

ENtregue Martim afonso de sousa da armada, partiose pa a vila de Damão, & leuaua trinta & cinco velas, em que yrião seyscentos soldados, & coesta frota chegou a Damão, hum lugar do reyno de Cambaya, situado na ponta da

ira enseada da banda do sul por hũ rio açi
na õde el rey de Cãbaya tinha hũa forta
eza forte & bem artilhada, quadrada, &
m cada quadra hũ baluarte, & tinha hũa
ô porta. E sabẽdo ho capitão dela, que era
Turco, a yda de Martim afonso quey-
nou ho lugar, & destruyo tudo ao derre
lor, & recolheo a gente na fortaleza, em
que tinha quinhentos soldados, os mays
leles Rezbutos, que sam os gentios que
rão senhores de Cambaya, antes q̃ a os
nouros ganhassem, & por serẽ homẽs es
orçados os tinha ali el rey de Cambaya,
s outros erão Turcos, em que entrauão
em espingardeyros, & estauã todos mui
o confiados de poderem defender aquela
ortaleza ao gouernador da India, quãto
nays a Martim afonso, que sabião q leua
a pouca gente. E parecendo ao capitão q
le cometesse a fortaleza polo rio, mãdou
azer ao longo dele algũas estancias darte
haria. Chegado Martim afonso, como
igo, surgio na costa pera dali yr ver a dis
osição da fortaleza, a que foy em hum
atur pequeno quando era baixa mar, &
oy neste tempo, porque com a marè cre-
ia a agoa, & ficaria sobre a terra descuber
o a artelharia, & cõ bayxa mar ficaua ho
lcantil alto, & encobrilo ya dos tiros, q̃
rão sem conto, asi de bõbardas, como
lespingardas entrãdo polo rio, & valeo-
he ho ardil que teue pera lhe não empe-
erem, & por isso passou auante da forta-
eza & a vio muyto bẽ, & vẽdo quã pigo
a era a ẽtrada por aq̃la parte por amor da
rtelharia, determinou d a cometer por ou
ra se podesse ser: & sabẽdo que polo sertã
polas costas da fortaleza auia hum cami-
nho largo & chão, por onde a gente po-
dia yr a prazer, pareceolhe bem cometer
por aly, & asi o disse aos capitães em con
selho, & que auia de desembarcar na cos-
ta braua de frõte da fortaleza ás duas oras
despoys de mea noyte, pera em amanhe-
cendo dar na fortaleza, & asi ho fez, &
ao desembarcar teuerão os Portugueses
muyto trabalho, q̃ desembarcarão tã afas
tados da terra que lhes daua a agoa polo
pescoço, porque não ousauão de chegar
os catures a terra que auião medo de se es-
pedaçarem com ho grande escarceo que
o mar fazia. E em quanto a gente desem
barcaua foy Martim afonso ver cõ cin
co fidalgos o lugar por onde auia dyr: &
achando que era asi como lhe tinhão di-
to, tornouse pera sua gente que achou de
sembarcada, & coela feyta em hum cor-
po abalou pera a fortaleza, & chegou ás
costas dela em amanhecendo, leuando
diante duzentos espingardeyros pera fa-
zerem despejar os mouros que acodissem
daquela parte, como acodirão logo, mas
quam asinha forão acodir, tam asinha se
tornarão com medo das espingardadas,
que erã tantas, que quasi desfaziã as ame-
as. E vendo os Portugueses o muro des-
pejado poserão as escadas que leuauão pe-
ra sobyre, & o primeyro q̃ pos a sua foy
hũ Frãcisco da cunha, & o primeiro que
subio por ela, & a pos ele outros, & por a
escada ser podre, com a gente ser muy-
ta quebrou, sendo Francisco da cunha q̃si
no cabo dela & cayo, leuando diante de
sy quantos yão detras dele, & todos fica
rão maltratados das quedas, principalmẽ
te ele que cayo de mays alto, & com que

brar esta escada reçeou a gente de subir po las outras, & não quis ninguẽ mais sobir, dizẽdo q̃ erão podres, o q̃ ouuindo Martĩ afonso mãdou logo trazer hũa escada no ua q̃ mãdara fazer de duas antenas da cara uela, & era tão larga q̃ podiã yr por ela cin co homẽs em fieira, & ẽ quãto se foy por esta escada forã algũs Portugueses ao der redor da fortaleza pa onde estaua a porta pola qual virã sayr obra de trinta dos imi gos q̃ yão fugindo, & estes erão da gente bayxa, em q̃ o medo era tamanho q̃ deter minarão de fugir, & estes começarã logo, por os soldados estarẽ em çima nos balu- artes, & não auer quẽ os teuesse: & vẽdo os fugir estes Portugueses q̃ digo, come- çarão de bradar q̃ fugião os imigos, & de rã logo a pos eles, & outros acodirã à por ta que estaua aberta & remeterão a ela ri- jo que os jmigos a não poderã fechar, po rem fizerão se em corpo diante dela, & co meçarã a defender a ẽtrada, & na propria conjunção em que aqueles Portugueses remetiã à porta da fortaleza, chegou a es- cada noua que digo, & posta ao muro ho primeyro que sobio & chegou ao muro, foy Torres hũ Italiano comitre da galé đ Martim afonso, & ho segũdo Diegalua- res telez, hũ fidalgo muy esforçado, & a pos estes outros poucos, & isto & ho che gar dos outros Portugueses à porta da for taleza foy todo hum, & vendose os imi- gos assi cometer, desesperados de se defen derem, determinarão de fugir, & por isso se decerão os mais ao pateo da fortaleza, & setenta (parece q̃ dos mais honrrados) se poserão a caualo pera se acolherem logo, & os outros cometerã a porta a pé como que querião sayr, mas não poderão por estarem nela tantos Portugueses, que esta uão atochados sem poderem yr pera diã- te nem pera tras, & tinhão feyta hũa me- donha pinha de fais & despadas nuas, & espingardas, & era hũa braua reuolta de- les pera entrarẽ & dos imigos pera sayrẽ, & tudo era cheo de brados & gritos. E tres dos imigos como determinados de morrerẽ pa fazerẽ lugar aos outros, espe- taranse nas lanças, & forão correndo por elas ate chegarem aos q̃ as tinhão, & feri- rãonos muy rijo cõ os terçados, & muyto mais dano fizerão se não fora por hũ Al- uaro de meyreles que os acabou de matar cõ hũa espada dãbas as mãos, & assi foy morto outro de caualo com hũa espingar dada que tambem quis cometer a porta. E tanto que Martim afonso vio que Die- galuarez telez, & os outros sobião pola escada, acodio a esforçar os que estauão à porta, & a força dombros q̃ pos com ou- tros deu coeles dentro, & como a agoa que rompe de presa, dá Santiago nos imigos, & nisto chega Diegaluarez telez, & os outros que entrarão pelo muro, & colhẽ- dohos no meo, apertarãonos de tal mo- do, que nenhum escapou viuo, pelejando primeyro com muyto esforço, porque vendo que não podião escapar vingarão se nos Portugueses, de que matarão dez, & ferirão muytos de muytas feridas. E roubada a fortaleza, deteuese Martim a- fonso tres dias em a derribar & arrasar, que parecia que nã esteuera aly, & daquy foy correndo a costa ate Diu, & coesta vi toria lhe ouuerão os mouros grande me- do, & el rey de Cãbaya a sintio muyto.

CAPIT.

CAPIT. LXXXV.

De como el Rey dos Mogores entrou na India.

ANtes disto entrou na India hum rey de hũs pouos a que vulgarmẽte chamão Mogores, cujo senhorio confina cõ ho do çofio, & dizem que he a terra a que antigamente chamarão Parthia; he esta gente alua & bẽ assombrada de barbas cõ cridas, & trazẽ as cabeças rapadas, & nenhũs carapuções quasi da maneyra dos do çofio, vestem cabayas, & roupões de seda, ou de pano, segũdo cada hum pode: os nobres se seruẽ com muyta policia de baixelas de prata, & de noyte alomeão se com velas de çera em castiçaeis, & de caminho leuão ho fato em arcas encoyradas, almofreixes, & malas, cubertos cõ reposteyros, & alcatifas sobre camelos, & leuão muyto boas tendas pera pousarem no campo. Ho proprio pelejar dos Mogores he a caualo, os caualos são como quartãos, correm pouco, & andão muyto, & pelejão coeles acubertados, suas armas são pelotes de seda ou de coyro de quartos, que lhe chegão hum palmo abayxo do giolho forrados de laminas, cõ crauação dourada, nas cabeças celadas, & capacetes cõ grãdes penachos dourados. As armas offẽsiuas são arcos, frechas, terçados, maças de ferro, & machadinhas, & todas estas armas leuã pẽduradas nos arções das selas, leuão tãbẽ muyta artelharia encarretada, & cada peça de cõprimento de couado, as grossas tirão pelouros do tamanho de falcões, a miuda como nozes. Cõ esta gente anda outra muyta de diuersas nações, assi como Tartaros, Turquimães Coraçones, & outros, & todos se chamão Mogores, mas os proprios Mogores são os que digo: cujo rey era grão senhor de terra, & de gente, & seruia se com grande estado, & vẽnio muyto poucas vezes, & quando quer que lhe fala alguem manda ho chamar, & os senhores da sua corte fazẽ cada dia duas vezes a çalema a cara da tenda em que està: he mouro, & assi ho são todos seus vassallos, ho mais do tempo jejũa, & reza, pelo que os seus ho tem por santo, dizião que nunca lhe souberão conhecer molher, & assi estranhaua muyto ho pecado da luxuria. Tem grãde goarda ẽ sua pessoa assi na paz como na guerra, & goardão aos quartos dous mil de caualo, acada quarto em q̃ entrão cem senhores principaeis, & todos comẽ da sua cozinha, quando caualga acompanha ho gente sem conto, assi de pẽ como de caualo, & vão diante dele porteyros cõ varas vermelhas, & outros officiaeis que fazem apartar a gente. A causa da vinda deste rey à India foy segũdo soube dalgũs Portugueses que esteuerão no seu arrayal, ser desbaratado do Xeque jsmael, de que escapou com sete mil de caualo, & vendo se desbaratado, de corrido nã quis tornar a seu Reyno, sem fazer algũa cousa com que emendasse aq̃la quebra, & determinã do de conquistar ho Reyno de Deli comarcão do seu, lhe começou d fazer guerra cõ ajuda dum jrmão del rey de Deli, a que pertencia ho reyno de dereyto, & a q̃ prometeo se ho conquistasse, porem não ho fez assi despoys de conquistado, & tomou pera sy. E este a que pertencia ho reyno quando isto vio fugio pera el Rey de Cambaya, a pedirlhe ajuda contra

ho rey

ho rey dos Mogores, que por as nobrezas de que vsou nesta conquista cõ os soldados, cobrou tamanha fama, q̃ em pouco tempo ajuntou cincoenta mil de cavalo. E como tambẽ tinha fama de conquistador, estado no reyno de Deli, foy ter cõ ele hũ sobrinho del Rey do Mandou, aqueixandoselhe del rey de Cambaya, q̃ lhe matara seu tio por treyção, & lhe catiuara sete filhos & lhe tomara ho reyno. Pedindolhe que fizese por bẽ ou por mal que el rey de Cãbaya soltasse os filhos, & lhes tornasse o reyno. Sobre o q̃ el rey dos Mogores mandou hũ embaixador a elrey de Cambaya, que por não querer fazer seu rogo ouue desafio antreles pera fazerẽ guerra hũ ao outro, que logo começarão per seus capitães. E porq̃ os del rey de Cambaya leuauão ho pior, determinou ele de jr a ela em pessoa, pera o q̃ determinou de fazer paz com ho gouernador Nuno da cunha, porq̃ temeo que lhe tomasse Diu cõ toda a fralda do mar em quanto fosse contra el rey dos Mogores. E pera o contẽtar & prouocar que fizese a paz, lhe deu Baçaym, sobre o q̃ lhe mandou hũ embaixador, que se chamaua Coge xacoez.

CAPIT. LXXXVI.

De como el Rey de Cambaya deu Baçaym a el Rey dom Ioam de Portugal.

PArtido este embaixador que digo, chegou a Goa, onde deu sua embaixada ao gouernador, cuja cõcrusam foy que el rey de Cãbaya lhe daua Baçaym com todas suas ilhas, & hũa legoa polo sertão, que rendia tudo cincoẽta mil pardaos douro, & que fizese paz coele. E como ho gouernador sabia certo ho fim p[...] ra que el rey de Cãbaya queria a paz, [...] quãta necessidade tinha dela, nã a quis c[...] ceder, sem el rey de Cambaya a fora o [...] daua consintir que as naos dos mouros [...] hião a Diu fossem a Baçaym, & hi pag[...] rião pera el Rey de Portugal os dereyt[...] que pagauão em Diu, que serião bẽ ou[...] tros cincoenta mil pardaos de ouro, & [...] mais que lhe auia de dar todos os Portu[...] gueses catiuos que tinha, o que el rey d[...] Cambaya concedeo, porque era sua ten[...] ção vencer el rey dos Mogores, & desp[...] ys os Portugueses, & tomarlhes a India. E outorgado por ele este contrato, foy [...] ho gouernador a Baçaym com hũa grã[...] de armada: & la se ajũtou coele Martim afonso de sousa, & lhe leuou ho embaix[...] dor delrey de Cambaya assinado por el[...] ho contrato que antreles foy feyto. E ho embaixador lhe entregou Baçaim com suas ilhas, & hũa legoa pelo sertão, & e[...] tregue mandou o gouernador fazer hũ[...] casa forte por não poder fazer logo forta[...] leza, & esta serueria de feitoria, & fez fey[...] tor a hum Gaspar paez, & deyxandolhe algũa gente se tornou a Goa onde inuernou, & primeyro despachou ho embaixador del rey, cõ quem foy Ioão de Santiago lingoa do gouernador q̃ fora mou[...] ro & era Cristão, pera que trouuesse os ca[...] tiuos que el rey auia de dar, que erão Dio[...] go de mezquita, Lopo fernandez pinto, & outros. E el rey porq̃ lhe pareceo q̃ Sã[...] tiago lhe descobriria muytas cousas do gouernador que lhe erão necessarias que soubesse, cometeo que ficasse coele, fazẽ[...] dolhe merce de vinte mil pardaos douro

&

& de quorenta mil de renda & q̃ seria seu lingoa, do que Santiago foy contente, & descobrio a el rey quanto lhe pareceo que sabia do gouernador & dos Portugueses fazendolhe seu poder muyto pouco, & q̃ facilmente os deytaria fora da India, se quisesse, & por isso el rey não quis mandar os catiuos ao gouernador, nem tam pouco mandar que as naos que auião dir a Diu fossem a Baçaim.

CAPIT. LXXXVII.

De como indo dom Esteuão sobre el rey Dugentana lhe desbaratou hũa tranqueyra.

DEspois da morte de dõ Paulo ficou el rey Dugentana tão soberbo, que mandou logo suas armadas ao estreito de Cincapura pera que tomassem os juncos que per hi fossem a Malaca, & fizessem aos nossos quanto mal podessem, & eles ho fazião asi, correndoos por muytas vezes. O que demoueo mais a dom Esteuão pera a destruyção del rey de Vgentana, que tinha seu assento em hũa grande cidade sete legoas por hum rio a cima, cujo nome he Vgentana, & dele se chama asi a cidade: & este rio se mete no mar alem do estreyto de Cincapura. E determinado dom Esteuão de destruyr este rey, ajuntou sua gente q̃ forã quatrocẽtos Portugueses: & deyxando a fortaleza entregue ao alcaidemôr, se partio pera Vgentana em Iunho do anno de mil & quinhentos & trinta & cinco cõ hũa armada de duas fustas ele em hũa, Manuel da gama em outra, & sete lancharas, de q̃ erão capitães, Simão sodré, dom Frãcisco de lima, Antonio dabreu, dõ Cristouão da gama, Anrique mendez de vasconcelos, Pero barriga, Antonio grãdio, & hũa carauela redõda, de q̃ foy capitão hũ Fernã gomez natural Dalcouchete, q̃ fora scriuão da feytoria de Malaca, & hũa nao capitão hum Diogo botelho, & asi alguas manchuas, & balões pera seruiço desta frota, & partido coela chegou a foz do rio Dugentana, por onde entrou, & despoys de nauegar por ele tres legoas por ser bayxo não pode a nao passar mais auante, & por isso a deyxou ali, & pa q̃ goardasse o rio que não socorresse a armada del Rey que andaua de fora. E partido dali, a obra de mea légoa achou hũa pouoaçã q̃ se despouoou com medo dele, que cõ tudo tomará ali lingoa, por quem soube que dali pera riba não era o rio de mais largura que dum tiro de pedra & de muyto grande corrente, & todo cuberto despesso aruore do que encobria ho sol, & que dali a duas legoas mãdara el rey fazer hũa tranqyra, porque os Portugueses teuessem mays q̃ fazer em chegar a Vgentana, & pera lhe tolherem dali ho caminho, porque ficaua muito estreyto. E sabido isto por dõ Esteuão, mandou Pero barriga, Iorge dalua-rẽga, & Bernaldim cordeyro em senhos balões a descobrir ho rio, & saber se era asi ho que ho lingoa dizia, & que lhe tornassem cõ recado porq̃ ali os esperaua. E eles forão & acharã a tranqyra feyta ao pé dũ outeyro q̃ fazia hũ cotouelo no rio, & cõ a tranqira ficaua tão estreito q̃ não podia passar ninguem q̃ os imigos q̃ nela estauão os nam matassem às frechadas, & tinhão cortadas muytas aruores sobre o rio & atadas com rota de Bengala,

pera q̃ se dõ Esteuão passasse as deixasse cayr & lhe çarrassem ho caminho, q̃ não se podesse tornar. E ver isto lhes custou muyto perigo de os matarẽ cõ frechadas & visto tornarão a dõ Esteuão & lho cõtarão, & q̃ segundo seu parecer ele não podia passar sem desbaratar aq̃la tranqira, & q̃ ho faria por ter pouca gente. E dito isto per dõ Esteuão aos outros capitães & pessoas principais da frota, assentouse por todos q̃ tomasse a tranqueira, & hũ pedaço primeiro q̃ chegassem a ela sairia Pero barriga & Antonio grandio com a sua gente em terra pera darẽ por ela na trãqueira, & ele com os da armada daria por mar. E porq̃ ho mato era muyto basto & dõ Esteuão se temeo q̃ pola estreiteza do rio os ĩmigos se escondessem antre ho aruoredo & lhe frechassem a gente, mãdou fazer baileus nas fustas & nas lancharas pera irẽ debaixo espingardeiros, & tirarẽ dali se acõtecesse o q̃ receaua. E passados dous dias que se nisto deteue, tornou a sua viagẽ caminho da tranqueira, & hũ pedaço dela desembarcarão Pero barriga & Antonio grandio com a gente de suas lãcharas, que serião ate sessenta homẽs, ou pouco menos, & tirarão pera a trãqueira indo a vista da armada, & chegarão primeiro que os do mar. E por lhes parecer q̃ seria perigo não cometer os ĩmigos, os cometerão assi como hião auiados, dessechãdo os espingardeiros q̃ hião diãte. E os imigos se defenderão hũ pouco, mas vendo chegar a armada pareceolhes q̃ os queriã tomar no meyo, & sem se deter muyto na defensa fugirão, ficando mortos tres dos principays, & os outros se acolherã â fortaleza onde el rey estaua, a quẽ cõtarã seu desbarato, engrandecẽdo muyto ho poder de dõ Esteuão & seu esforço, por encobrirem ho medo q̃ leuauã: Pelo que os q̃ estauão com el rey teuerão tambẽ algũ de serem desbaratados, & receauão a chegada dos nossos.

CAPIT. LXXXVIII.
De como dom Esteuão chegou â fortaleza dos immigos.

Desbaratada a trãqueira sem os Portugueses receberẽ nenhũ dãno, como chegou dom Esteuão tornarãse a embarcar Pero barriga & Antonio grandio com sua gẽte, porq̃ posto que dõ Esteuão quisera que forão sempre por terra ate a fortaleza pera tolher aos ĩmigos se os ouuesse que lhe não tirassem dantre ho aruoredo, não podião por a terra ser apaulada pola mayor parte dabas as partes do rio, & ser sapal por onde se não podia andar: & por isso os ĩmigos não podião chegar âs bordas do rio, que se isso não fora eles chegarão, & somẽte delas âs pedradas & frechadas segundo ho rio era estreito & eles muytos poderão defender a passagẽ a dom Esteuão: & tambẽ por ho rio fazer muitas voltas & cotouelos lhes estoruou lãçarẽ balsas de fogo pera queimar a nossa frota, porq̃ se auiã de deter nestes cotouelos. E posto que a terra era assi apaulada onde auia lugar pera isso ainda q̃ estreito desembarcarão Antonio grandio & Pero barriga cõ sua gente & hião a vista da frota, despois q̃ partio desta primeira trãqueira caminho da fortaleza: onde estaua Laqueximena capitão mór del rey q̃ teria cõsigo bẽ seys mil homẽs os mais deles frecheiros, & dos outros algũs espĩgardeiros

& em q̃ el rey tinha todo seu esforço, & a fora isso estaua muyto forte cõ hũa tranqueira q̃ atrauessaua ho rio, & era de duas faces entulhada de grãdes madeiros & pedras: & ẽ cada cabo hũ cobelo do mesmo, & no meio hũa porta q̃ se fechaua ẽ abria pera sairẽ suas armadas. E nesta trãqueira auia mũyta artelharia, & dela pa hũa chapa da terra de hũa das bãdas do rio se estẽdia hũa fortaleza de madeira muito forte em q̃ estaua recolhido Laqueximena cõ sua gẽte. E el rey estaua em hũa pouoaçã dali a hũa legoa, & por ele estar tão fortalecido lhe pareceo q̃ estaua seguro de ser entrado. Chegado dõ Esteuão a esta fortaleza surgio cõ a frota detras dũ cotouelo que a emparaua da fortaleza, de q̃ ficou a tiro despingarda, q̃ era a largura do cotouelo. E logo ẽ chegando Pero barriga & Antonio grandio q̃ chegarã por terra lhe mandarão dizer q̃ deuia seguir a vitoria q̃ trazia da tranqueira, & cõ ho fauor dela desbarataria logo os imigos. E dõ Esteuã não quis por nã jr apercebido pera isso, & por ser tarde & a gẽte jr cãsada de leuar ã toa os nauios. E assi ficou ho cõbate pa outro dia. E porq̃ de noite os imigos não lançassem fogo de terra na frota, ficarão Antonio grandio & Pero barriga cõ sua gẽte da parte ondestauão, & da outra desembarcou Anrique mẽdez de vascõcelos cõ os seus, pera q̃ a frota lhes ficasse no meyo & hũs & outros a goardassẽ. E laq̃ximena q̃ sintio q̃ os nossos erão chegados fortaleceose ainda mais do q̃ estaua, & mandou meter muytos estrepes de pao ferro muyto grossos por derredor da fortaleza E esta noite cõcertou dõ Esteuão como se auião de cometer os imigos: & foy q̃ dõ Christouã da gama seu jrmão fosse na carauela de Fernãgomez abalroar a trãqueira, & jrião coele Simão sodre, Manuel da gama & outros ate cincoẽta homẽs fidalgos. E q̃ a carauela fosse çercada darrõbadas por lhe nã fazer nojo a artelharia. E logo ao outro dia lhas fizerão muyto fortes daruores inteiras q̃ cortarã pa isso. Isto feito hũ dia pela menhaã abalou a carauela q̃ leuaua muy grande peso por amor das arrõbadas, & por isso não podia jr senão ás toas, & estas auia dir atar em aruores hũ Luys de braga q̃ fora escriuão da feitoria, & despois datadas nas aruores se auião dalar por elas os da carauela ao cabrestante, porq̃ nã auia força de remos q̃ a fizese surdir segundo seu peso, & a grande corrẽte dagoa: & mais indo a remos não se podia leuar por amor da artelharia dos imigos q̃ estaua certo pescar as manchuas ou balões a q̃ fosse atoada como descobrisse ho cotouelo q̃ ficasse avista da trãqueira. E indo hũa só manchũa atoada desta maneira hia ao longo de terra, & despois emparar sehia cõ a mesma carauela em quanto se alasse polo cabestrãte. E porq̃ nisto auia de auer vagar ficou dõ Esteuão cõ o resto da armada detras do cotouelo ate a carauela afferrar cõ a trãqueira, de q̃ tanto q̃ se lhe a carauela descobrio começão de chouer pelouros cõ tanta furia q̃ parecia q̃ fundiã ho mundo, quanto mais a carauela, a q̃ as arrõbadas aproueitarão muyto pa os que hiã dẽtro não serẽ todos feitos ẽ pedaços. Porem Fernão gomez foy ferido dũ pelouro em hũ braço, de q̃ despois morreo. E da carauela tambẽ jugauão coessa artelharia

lharia q̃ leuauão, & tudo era cuberto de fumo, & como o rio era sobrio por amor da espessura do aruoredo, q̃ se q̃ ficou todo escuro, & nisto passou Luis de braga muj grãde perigo em yr atoar os cabos âs aruores por onde se auia dalar a carauela. E auẽdo os negros q̃ remauão medo das bõbardadas & frechadas q̃ tirauão da tranqyra não querião remar, pelo q̃ conueo a Luys de braga arrãcar da espada, & ameaçalos coela q̃ os mataria se nã remasse, & cõ isto remarã sem eles nẽ ele serem feridos: o q̃ pareceo milagre: & asi foy ate q̃ anoiteceo q̃ a carauela ficou a meo tiro de pedra da tranqyra & ali surgio cõ determinaçã de aq̃la noyte jr aferrar a trãqueira.

CAPIT. LXXXIX.

De como dõ Esteuão desbaratou el rey Dugentana.

Svrta a carauela, vio Luis de braga na boca do canal jũto da tranqyra onde a carauela podia chegar hũ jũgo alagado q̃ os imigos alagarão receando de ser o q̃ vião, & ficaua a agoa tã baixa q̃ nã podia passar hũa manchua por çima do jũgo, & sabido isto por dõ Christouão deyxouse estar ate ver o q̃ dõ Esteuão determinaua, a quẽ logo mandou dizer o q̃ passaua, ele lhe mãdou dizer q̃ se tornasse, & asi o fez E vẽdo dõ Esteuão q̃ nã podia cõbater a fortaleza por már determinou de o fazer por terra & nã se yr sem a tomar: & pa saber sua disposição, & onde poderia assentar a artelharia mãdou a Francisco bocarro de Lisboa q̃ tinha a feytoria de Malaca q̃ se passasse da bãda dalem do rio, & visse a disposição da terra dizendolhe pa q̃: & foy coele hũ espĩgardeiro, & indo em pés, & ẽ mãos por não ser visto se pos em çima dũ outeirinho q̃ senhoreaua a fortaleza, q̃ vio assentada de maneira q̃ estãdo hũ camelo dõde ele estaua cõ hum par de falcões, nã pareceria nĩguẽ na fortaleza q̃ não fosse pescado, & asi o disse a dõ Esteuão, & q̃ sô aq̃la estãcia abastaria pa fazer despejar a fortaleza aos imigos E ouuindo lho Manuel da gama lhe disse, q̃ não fizesse aquilo tã chão, q̃ mais auia q̃ fazer do que dizia, & ele disse q̃ pois ele q̃ o fora ver o dizia q̃ ainda era muyto menos, & pa isso fossem lá dõ Esteuão, & ele, & verião se era asi, & então forã todos tres & coeles dõ Cristouão, Antonio dabreu & Anriq̃ mẽdez, & por o mato ser muyto basto os não virão da fortaleza. E vẽdo q̃ era asi como Frãcisco bocarro dizia, na noyte seguĩte mandou dõ Esteuão fazer ali hũa estancia cõ hũ camelo, & dous falcões, & deu a goarda dela a Anriq̃ mẽdez de vascõcelos cõ a gente da sua lanchara: & Antonio grãdio estaua ẽ outra da mesma parte em q̃ estaua a fortaleza. E ẽ amanhecẽdo começou jugar a artelharia q̃ fazia muyto nojo aos imigos, & eles aos nossos nenhũ, posto q̃ a sua nũca deixaua de tirar. E durou este cõbate q̃si oyto dias, ẽ q̃ os nossos matarã dos imigos muitos & eles algũs dos nossos, & nisto faltou a poluora, porque dõ Esteuão não determinaua de dar tãtos dias cõbate, que cuydou q̃ em hũ se acabasse aq̃le feyto, & tãbẽ lhe começou da doecer a gente por a terra ser muyto doentia, & por faltarẽ os mãtimẽtos, pelo q̃ dõ Esteuão da gastado pos ẽ cõselho se se tornaria pois não fazia nada & podia p̃der muito, & muitos forã de parecer q̃ se tornassẽ, & Pero barriga cõ algũs disse

disse q ele não auia medo aos imigos pera se tornar, mas q auia medo á nossa frota q tinha pa andar sete legoas per hũ rio muyto estreyto & de grande corrente, q seria causa de darem hũs nauios pelos outros & desbaratarẽse per si, que nao se deuião yr dali sem cometer a fortaleza, & cometendoa poderia ser que Deos os ajudaria, & quando não, se os imigos os vissem tornar terião rezá de dizer, vãose dei xalos yr. E como dõ Esteuão & todos tinhão á Pero barriga por muyto bõ caualeyro, & que fizera disso muy boa experiẽcia em Africa, & q sabia bẽ da guerra, abalouos muyto este seu parecer, & ouuerãno por bõ, porẽ não se determinarão no q farião & ficou assi, & cada hũ se tornou a seu lugar, & se forá a jentar q era pela menhaã. O q parece q quis nosso sñor pera mais seu louuor & gloria: porq despoys deste conselho, chegou á fortaleza Tuão mafamede capitão mór do mâr del rey Dugẽtana, da costa de Pão onde ada ua darmada, & el rey o mádara chamar pa ajudar cõ sua gẽte a Laqueximena cõ tra os nossos & deixou a frota no mâr, & foyse por terra cõ sua gẽte á fortaleza, & chegou o dia em q foy este cõselho, & co mo ya de refresco quis logo sayr aos nossos, & deu aqla tarde rebate nas estancias Dãtonio grãdio, & de Pero barriga cõ bẽ mil homẽs, & eles q não desejauão mays q pelejar coeles receberãonos cõ muito esforço, & pelejarã cõ grãde ousadia. E tanto q a grita foy ouuida na frota, mãdou dom Esteuão os mais que pode q fossem acodir, & a artelharia começou logo de jugar, & foy ho arroido tamanho q parecia destruirse o mũdo. E como os imigos vissem quã bẽ se os da estãçia defendião, & q soccorrião os da armada, & ouuirão as bombardadas, cuydarão q erão tomados no meo, & desmayarão de modo q se ouuerão de pder se não teuerão tã pto a colheyta, onde se acolherão sem fazer dano aos Portugueses, recebendo deles mũyto, & forão os matãdo atẽ a fortaleza. E vẽdo Laqximena quã facilmẽte Tuão mafamede, q ya de refresco fora desbaratado & a bateria q se daua de cõtino á fortaleza, & sobre tudo parecerlhe q determinauão de a tomar, ouue tamanho medo, & assi os q estauão coele, & tambẽ Tuã mafamede pelo q tinha espremẽtado, q aqla noyte despejarão a fortaleza de todo, & se forão caminho da pouoação em q el rey estaua, que tãbẽ despejou a pouoação cõ quantos estauão nela & fugio cõ medo.

CAPIT. XC.

Do q fez dõ Esteuão despois q desbaratou el Rey Dugentana.

DEspejada a fortaleza, qndo veo ao qrto dalua, q era d Pero barriga nã ouuido na fortaleza o q dãtes ouuia p bradarẽ & falarẽ os imigos q se vigiauã, & tãger os seus sinos, & cantar galos. E parecendolhe muyto sossego, sayose fora da estãcia cõ algũs homẽs do quarto, & chegouse á fortaleza, & não ouuindo nada chegouse tão perto q claramẽte vio q estaua despejada, o q logo mãdou dizer a dõ Esteuão q como amanheceo desembarcou com sua gente, & entrou dentro na fortaleza em que não ouue que roubar. E ela desfeyta de todo, & recolhida a artelharia q hi ficou, foy se cõ toda a frota pelo rio açima á pouoação delrey q tambem

achou despejada, & queymouha toda, & muitas lãcharas q̃ estauão começadas, & tomou outras q̃ estauão acabadas, & asi algũs calaluzes. Isto feyto seguio pelo rio açima bẽ hũa legoa alẽ da pouoação pera ver q̃ auia nele: & achou muitas lãcharas & calaluzes q̃ estauã varados no mato no q̃ gastou tres dias. E feyto isto se tornou, & quãdo se sayo do rio, porq̃ a corrẽte nã atrauessasse os nauios, hiãose atoãdo as aruores, pelo modo que se atoaua a carauela quãdo foy pera aferrar a tranq̃yra: & saydo fora do rio tornouse a Malaca õde foy recebido cõ muito grãde festa da gẽte da terra, porq̃ ouue tamanha vitoria dũ Rey q̃ estaua tão poderoso, & fazia tãto dano a Malaca, & de cada vez lho ouuera de fazer mais, & das lancharas, & calaluzes & artelharia que dõ Esteuão ouue dos imigos fez hũa grãde armada de q̃ tinha muita necessidade.

CAPIT. XCI.

De como Francisco de barros de payua & Anriq̃ mẽdez de vascõcelos pelejarão cõ hũa armada de Iaos.

Chegado dõ Esteuão Dugẽta na mãdou Anriq̃ mẽdez de vasconcelos a Patane asi p̃a trazer Frãcisco de barros de payua q̃ la estaua, como p̃a dar ordẽ que fosse dahi hũ jũgo à China que lá mãdaua a prouar se q̃reriã ter trato, como teuerão em tẽpo passado, & foy Anriq̃ mẽdez em hũ nauio dos nossos: & chegado a Patane achou Frãcisco de barros viuo & os q̃ ficarão coele, & despachado o jũgo p̃a a China deu ordẽ como Francisco de barros se ẽbarcasse em outro da terra cõ os de sua cõpanhia pera se tornarẽ a Malaca. E despachãdose Frãcisco de barros teuerão noua de hũa armada de cossayros Iaos, de que era capitão mór hũ mouro Iao chamado Eriacatĩ, & trazia vinte q̃tro calaluzes, dũs q̃ tẽ duas ordẽs de remos hũs de pãgayo outros de galé, & sã tamanhos q̃ traz cada hũ çẽ homẽs de peleja, & asi o trazião estes, & muyta artelharia, & muitos arteficios de fogo. E sabẽdo Anriq̃ mẽdez & Francisco de barros q̃ esta armada vinha p̃a Patane, fizerãose à vela cõ traq̃tes, & mezenas p̃a yrẽ recebcr a armada ao már, & em sayndo da enseada surgio Francisco de barros na costa por ter ainda gẽte em terra & mais a vela grãde. E Anrique mendez foy na volta do mãr a descobrir os imigos, & descubertos virou pera onde ficaua Frãcisco de barros, & surgio por ho vento ser calma, & os imigos se forão chegãdo a remo p̃a ele: & seria as tres oras despois de meo dia, Eriacatĩ repartio os calaluzes desta maneyra: Mãdou a sete que se fossem cometer Francisco de barros, & ele cõ os outros a Anriq̃ mẽdez & porq̃ o não pode aferrar à sua vontade, por Anriq̃ mendez trazer o seu batel atracado da banda da balrauento, mãdoulhe cortar ho cabo por hũ calaluz, & os q̃ ho yão fazer como sabião q̃ auiã dachar contradiçã ap̃ceberão se parela, fazẽdo hũ teito das suas rodelas por cima do calaluz cõ q̃ por mais pedradas q̃ lhe derã & outros arremessos cõ q̃ lhe tirarã, nã deyxarã dẽtrar no batel, & cortarlhe o cabo & leuarãno. E leuado abolroou Eriacatĩ ho nauio com outros capitães, & Anrique mẽdez acodio logo cõ os seus, cõ muytas panelas de poluora & muytas espingardadas: & durou a peleja hũ pedaço em q̃ muytos dos imigos forão mortos. E nesta peleja

eja foy Anrique mẽdez ferido na barba
le hũa frechada de zarauatana, & por ser
peçonhenta ficou ele desacordado, & os
eus ho meterã por morto em hũa cama-
a. E com tudo se defenderão tambẽ que
nunca os imigos ós poderão entrar por a
quela parte, antes os fizerã afastar. E que-
ẽdo outros abalroar por outra, como ja
azia vento, derão ás velas, & forãse na
olta do mâr. E não os podendo os imi-
gos seguir, forãse todos a Frãcisco de bar
os, que pelo q̃ lhe ficaua em terra se dei-
ou estar surto, não tendo consigo mays
que dezaseys Portugueses, & porisso os
migos ho aferrarão logo, & ele se defen-
leo que ho não entrassem cõ muytos ar-
ificios de fogo que lhes deitou. E neste cõ
bate lhe matarão tres homẽs, & lhe toma
ão tres paraós de seruiço que tinha a bor
lo, & fugirãlhe doze marinheyros da
erra. E vendo Eriacatim que achaua ma
yor defensa do que cuydou, ja sobre per
ia fez quatro fieyras dos seus calaluzes,
& cada hũa hia abalroar ho jungo, & pe
ejaua tanto ate que cançaua, & todos ho
balroarão muytas vezes. E tambẽ se de-
fendeo que nunca ho entrarão, posto que
he matarão & ferirão quasi todos, & ele
oy ferido em hũa perna de hũa frechada
peçonhẽta, & a hũ Bastião nunez da vidi
gueira derão quatro bõbardadas em hũa
odela q̃ tinha embraçada, sem lhe fazer
nenhũ mal. E durou a peleja ate as onze
horas da noite, q̃ era muy clara polo gran
de lũar q̃ fazia. E não ficando viuos nẽ pe
ra pelejar mays que Frãcisco de barros &
Ioã martinz mestre do nauio, & Bastião
nunez, aferrou por derradeiro ho jungo
Eriacatim, que nũca ate então ho abalroa
ra, & coele foy outro capitão. E como os
nossos não erão mais que os q̃ digo, co-
meçarão de subir ao nauio ate doze dos
ĩmigos, a que acodirão Francisco de bar-
ros & os outros dous cõ muyto esforço,
& lançarão sobreles tãtas panelas de pol-
uora q̃ os fizerão saltar ao mâr todos quei
mados, de que morrerão os mais. E assi
hũa molher & dous filhos de Eriacatim,
que trazia cõsigo, q̃ desesperado dentrar
ho jungo se afastou, & não quis mais per
fiar, & de fora se pos as frechadas & bõ-
bardadas cõ sua armada, de q̃ tinha per-
dida a mayor parte da gẽte q̃ foy morta
nos cometimẽtos passados, que foy muy
to grãde milagre de nosso senhor, sendo
tantos quantos erão não entrarẽ nũca ho
jũgo, ou nã ho queimarẽ, segundo a mul
tidão dartefícios que lhe deitarão dentro:
de que algũs derão em hũa jarra de poluo
ra, em q̃ se acẽdeo ho fogo que queimou
tres Portugueses, & hũ foy Francisco de
barros em hũa mão, & em hũa parte do
rosto. E a fora isto forão tantas as bõbar-
dadas que lhe derão, que se nosso senhor
ho não liurara, abastarão pera ho meter
no fundo, & ho fazerẽ em pedaços, por
que ao lume dagoa lhe derão quatro cem
que ho arrõbarão, & acodirão os Portu-
gueses a taparlhe os rõbos, & no masto
grãde lhe derã cinco, & no do traq̃te tres
& na camara de popa lhe meterã .xlv. pe-
louros. E estando asi Anriq̃ mẽdez q̃ fi-
cara desacordado da frechada tornou em
seu acordo, pregũtando se era Francisco
de barros tomado: & sabẽdo q̃ ainda se
defendia, queixouse muito cõ os seus por

que ho desempararão, & ho nã ajudarão & mandou que ho fossem ajudar, & quã do forão acharão os ĩmigos afastados tirã dolhe bombardadas, & romperão por an treles tirando com a artelharia, & meterã hum calaluz no fundo, & forãose ajuntar com Francisco de barros, ho que vendo Eriacatim se foy na volta da terra muyto destroçado, & com grande perda.

CAPIT. XCII.

De como Francisco de barros & Anrrique mendez de vasconçelos se tornarão a Malaca.

PArtidos os ĩmigos, disse Francisco de barros a Anrriq mẽdez como ficara, & q forçado auia dir a terra pola gente q lá tinha, & amarinharse, porq sem isso nã poderia yr a Malaca, & assi o fez, & Anrique mẽdez prosseguio pera Malaca, & tornado Francisco de barros à Patane & tomado o de q tinha necessidade & sua gente, & curados os feridos, partiose pera Malaca, & no caminho topou Patibarrã Iao capitão môr de hũa armada de cossai ros de sessenta, & tantas velas grossas, & por yr muyto ao mar lhe escapou, posto que ho seguirão oyto velas, & não ho po dendo alcançar ho deyxarão. E despois disto foy ter coele Anrique mendez, que vinha de Patane onde arribou cõ tempo despois de Francisco de barros partido, & assi forão em companhia ate que se a-partarão com tẽpo. E ficando Francisco de barros só, porque leuaua tão pouca gẽ te como digo, & sabia que aqlas armadas o auião dir esperar ao estreyto de Cinca-pura pera ho tomarem, porq não tinha outro caminho pera Malaca, foyse a hũa jlha que estaua oyto legoas da costa, & hi se deyxou estar ate q lhe pareceo q os inimi gos serião idos, & ele marcaua ho tempo de sua estada polos mantimentos que po derião ter. E parecẽdo a Francisco de barros que era tempo, partiose & passou o es treyro sem achar nhũ dos jmigos, & foy ter a Malaca onde achou Anrique mẽdez que por achar os tempos contrayros ga-stou tanto tempo que ja os ĩmigos erão ydos, que se isso não fora, fora grande mi lagre escaparlhes.

CAPIT. XCIII.

De como muytos gentios q morauão no Morro se tornarão Christãos.

DEspoys q Tristão datayde capitão da fortaleza de Maluco ficou de posse dela, entendeo em a restaurar por es tar muyto danẽficada, & a torre da me-nagem, q do derradeiro sobrado pera çi-ma era de paredes de canas, & mãdou ha fazer de touoado & rebocar por dẽtro cõ cal, & assi mãdou fazer a ygreja de pedra & cal. E neste tempo lhe chegou hũ mes sageyro de hũ gentio gouernador de hũa cidade do Morro chamada Momoya, por quẽ lhe mãdou dizer que se tornaria Chri stão se lhe prometesse de o liurar dos mou ros q de cada vez q hião ali darmada vexa uão a ele, & aos outros gentios, tomando lhes o q tinhão, & tratandoos como cati-uos. E coeste messegeyro hia hum Portu gues chamado Gonçalo veloso, per cujo cõselho se qria este regedor tornar Chris tão. E folgando Tristão datayde muyto coesta noua, por ser tamanho seruiço de Deos como era, porq esta obra tão sancta ouuesse effeyto, teue este messegeiro com seus cõpanheyros escõdidos ate q se bau-tizarão

tizarão, & vestidos muyto bem de trajos Portugueses os despedio cõ reposta ao regedor, q se ele se fizesse Christão, alẽ de o fauorecer, ajudar, & emparar, contra quẽ quer que o quisesse anojar, lhe faria muytas merces. Pelo que o regedor sabida esta reposta se foy logo pera a fortaleza a fazer Christão, õde recebeo agoa de bautismo com grãde festa & solenidade, & foylhe posto nome dõ Iohão de momoya, & assi forão bautizados todos os de sua casa, E quando se foy mandou Tristão dataide coele hum clerigo chamado Symão vaz pera q̃ bautizasse aq̃le pouo, de q̃ ho mais se tornou em pouco tempo á santa fé catholica, & em tanto crecimento hia esta obra de nosso sñor, que foy necessario mãdar Tristão datayde outro clerigo q̃ auia nome Francisco aluarez, pera ajudar a Simão vaz, & tãto fruto fizerão ambos que os mays dos pagodes daq̃les gentios mudarão em ygrejas, em q̃ çelebrauão ho officio diuino. E vendo Tristão datayde como esta Christindade multiplicaua, mandou la algũs Portuguesesque em hũa trãqueyra que fizerão estauã em goarda & fauor daq̃les Christãos, pera q̃ os mouros os não vexassem. E fazẽdose isto no Morro, chegou ao porto de Ternate hũ calaluz em q̃ vinhão hũs homẽs de hũas jlhas que se chamão dos Celebes, onde dizem que ha muyto ouro, çera, cascas de tartarugas, & outras mercadorias ricas, & estes costumauão de yr cada anno a Ternate á buscar roupa da India & outras cousas q̃ leuauão em retorno de suas mercadorias, & como tinhão este costume despoys que forão no porto de Ternate fizerão mostra do que leuauão: em que mostrarão algũas manilhas douro, & logo na noyte seguinte saltarão coeles certos Portugueses em hum batel, & cometerãonos como imigos, ferindo & matando algũs & os outros se saluarão no mar deyxãdo ho calaluz que os Portugueses tomarão, & leuarão a Tristão datayde cõ todo ho despejo que tinha, que ele tomou, pelo q̃ pareceo que aquilo fora feyto por seu mãdado de que el Rey Tabarija & os mouros ficarão muy descõtentes, & escandalizados, mas calarãse porq̃ nã podiã mays.

CAPIT. XCIIII.

De como Tristão datayde prendeo el rey Tabarija de Ternate, & sua mãy, & Pateçarangue.

NEste tẽpo foy mexericado el Rey Tabarija de Ternate cõ Tristão datayde que trataua de ho matar & tomarlhe a fortaleza, & q̃ entrauão nesta consulta sua mãy, & seu marido Pateçarangue regedor do reyno: & Ragabaho justiça mòr. O que sabido por Tristão dataide ho creo por serẽ mouros. E determinãdo de os prender deu disso conta a algũs Portugueses seus amigos, com q̃ assentou q̃ pera prẽder el rey & os outros sem aluoroço, fizessem dous dos mesmos Portugueses que pelejauão, pelo que Tristão dataide os mandaria prender, & presos, rogarião a el rey que falasse por eles q̃ os soltasse, ao que ele jria á fortaleza, & indo lá seria preso cõ os outros, que tambẽ os farião la jr com algũa manha, Isto assentado logo se pos em obra. E rogado el rey por parte dos dous Portugueses presos q̃ os fizese soltar, foy se á fortaleza pera ho rogar a Tristão dataide, que esperãdo por

isso

isso estaua na torre da menagem com a mayor parte dos Portugueses da fortaleza, a que tinha dado cõta do caso, & a q̃ tinha mandado que tão que ele & el rey se assentassem agasalhassem, antre dous hum mouro dos que entrassem cõ elRey em que aferrarião como el rey fosse preso, porque não fizessem aluoroço, ou se deytassem da torre abayxo não se poden do defender. E estando todos praticando chegou a raynha mãy del rey, & Pateça rangue seu marido, & Ragabaho q̃ Tristão datayde tinha mandado chamar por hum Iorge de brito, & Lionel de lima fidalgos: & eles como inocentes da culpa q̃ lhe dauão, forão logo a seu chamado. E tendo os Tristão dataide todos jũtos, lhes disse, que tinha sabido, que se querião leuantar contra aquela fortaleza, & matar a ele & aos outros Portugueses, & pera lhes dizer isto os mandara chamar pera os prender polo caso ser pera isso, & mandalos ao gouernador da India pera os castigar como merecessem, do que eles se mostrarão muyto espantados, como quẽ não tinhã culpa, ficando muyto seguros, & sem mudança de cór, dizendo logo, q̃ aquilo erão mexericos de pessoas que lhes querião mal, que se posessem coeles ẽ justiça porque mostrarião sua jnocẽcia, & assi fizerão muytas exclamações, dizendo que os prendião sem causa, & lhes roubauão sua justiça: & com tudo Tristão datayde os mandou prender em ferros, & meter em hũs sotãos debaixo na torre da menagẽ, & isto sem nenhũ aluoroço, por que os mouros que hião com el Rey por estarem afferrados não ho poderão fazer & porq̃ o não ouuesse na cidade, quando se soubesse a prisam delrey, fez Tristão datayde logo rey por conselho do çamarao que estaua coele, a hũ moço que auia nome Cachil aeyro, filho bastardo del Rey Boleyfe & de hũa Iaoa q̃ ainda era viua, & ho tinha cõsigo, a cuja casa Lionel de lima foy por ele com outros, & sobre o leuarem deytarão a mãy por hũa Ianela fora, sobre o q̃ foy grande aluoroço na cidade. E porque logo se rompeo como el rey & os outros erão presos, muytos fugirão da cidade, principalmente os do cõselho del rey, cuydando que tambem os prẽdessem, & era pera auer piedade ho desatino cõ que fugião, & como os seguião as molheres, os filhos, & os criados chorãdo, & deixando as casas abertas, & como a gẽte baixa os saya a auer gritando de medo, & era a reuolta muy grãde. E hũ mouro honrrado q̃ auia nome Ouro bachela, de que faley a tras, por ser do conselho se quisera yr disculpar a Tristão datayde, & foy morto á porta da fortaleza, ho q̃ foy causa de ainda os mouros fugirem mais & quasi se despouoar a cidade, porem logo se tornou apouoar tornãdose os mouros poucos & poucos, por grandes amoestações que lhe sobrisso fez ho çamarao, dandolhes muyto firmes seguros da parte de Tristão datayde, de não receberem mal nos corpos nẽ nas fazẽdas, & por esta maneira forão assessegados todos os outros lugares da jlha, cujas pessoas principaeis forão á fortaleza por rogo de Tristão datayde que lhes deu as causas porq̃ prẽdera Tabarija & os outros. E o mesmo escreueo aos reys comarcãos, & Sãgajes

por

porq̃ ho nã teuessem por tirano & se aluoroçassem. E ainda q̃ lhes pareceo mal o q̃ tinha feyto, não lhes deu disso, dizendo q̃ era bẽ empregado nos Ternates todo ho mal que lhes fizessem os Portugueses, poys os leuarão a sua terra & lha entregarã, & os ajudarão contreles seus parentes, & naturaeis: & mandarão dizer a Tristão da tayde que lhes parecia bẽ ho que tinha feyto, offrecẽdolhes sua ajuda se lhe fosse necessaria, com ho que Tristão dataydе ficou cõtẽte & descãçado, & logo leuãtou por rey Cachil aeyro, & fez gouernador do reyno ho çamarao, posto q̃ era de baixo sangue, q̃ era cõtra ho costume da terra: & por se segurar meteo el rey na fortaleza donde nunca saya: mas hi era seruido & venerado como rey, & ho seruiã os seus. Nos officios q̃ tinha dordenãça, todos Tristão dataydе proueo de nouo, que cuydando q̃ estaua seguro pera fazer tudo o que quisesse, determinou logo dauer pera sy todo ho crauo q̃ ouuesse na terra, pelo preço que estaua assentado na feytoria, q̃ era a mil reaes ho Bahar. E pera isso mandou ho çamarao pregoar sob graues penas, que nenhũ mouro nem gentio vẽdesse crauo se não a Tristão dataydе & aos Portugueses q̃ ele ordenasse pera o cõprarem. E o mesmo mandarão pregoar a seu requerimento os reys de Tidore & de Geylolo, & ho de Bachão, que tambẽ foy requerido pera isso, mas nã quis. E pa se auer todo este crauo, & não escapar nenhũ, pos Tristão dataydе nos lugares em que ho auia criados seus, & outros homẽs de que cõfiaua, & estes a fora arrecadarẽ ho crauo, tiranizauão a terra com crueza demasiada, tomando a seus donos quãto lhes vinha á vontade, & as molheres & filhas, & seruindose deles em tudo como de scrauos, sem Tristão dataydе querer acodir a isso, & cõselhandolhe algũs que ho fizesse por não se leuantar a terra, zombaua disso. E toda esta diligencia dauer o crauo, era causa de ho seu preço aleuantar de cada vez mais, & chegou a valer ho Bahar a cincoenta & a sessenta cruzados, porq̃ como os Portugueses tinhão muita fazẽda q̃ empregar, & vião ho caminho q̃ a terra leuaua pera se leuãtar, q̃rião todos empregala, & todos comprauão crauo, & os mouros como se auenturauão a grandes penas se Tristão dataydе ho soubesse, não o querião dar menos do preço q̃ digo, & outros ho dauão por armas, & pola necessidade q̃ os Portugueses tinhão não deyxauão de ho comprar.

CAPIT. XCV.

De como Tristã dataide fez guerra a elrey de Bachão

Neste tẽpo fez Tristão dataydе guerra a el rey de Bachão, por se vingar dele de lhe nã querer deyxar fazer crauo em sua terra: & por não yr á fortaleza despois da prisão del rey Tabarija, como q̃ se q̃ria leuãtar cõtra ela. E como ele sabia bẽ da guerra, a primeyra cousa q̃ fez, foy mãdar tomar lingoa a Bachão pera saber ho que el rey determinaua, & a isto forão hũ Antonio pereyra, Iorge goterrez, & outro. E como os Bachões nã se temião por estarem de paz com os Portugueses, facilmente estes capitães tomarão algũs, do q̃ se el rey espantou muito, por ser ho maysantigo amigo, & mais leal que os capitães de Ternate teuerão sempre naquela

terra,

terra, & cõ mais deligencia acodio sempre á fortaleza em suas necessidades: & posto q̃ Tristão datayde soube dos Bachões que el Rey estaua muyto assessegado na paz & amizade que tinha coele, todauia proseguio a guerra contrele, mandando hũa armada que lha fizesse a fogo & a sangue. A cujos capitães el rey fez grãdes requerimentos da parte del Rey de Portugal que lha não fizessem pois era amigo del Rey de Portugal & tinha paz coele, & nã queria guerra nem fizera por que lha fizessem, & cõ tudo não quiserão se não fazerlha, no que não fizerão mays que perderẽ algũa gente que lhe os Bachões matarão & ferirão, & sem fazerem mays se tornarão a Tristão datayde, que tomando aquilo por injuria determinou de se vingar, & yr em pessoa, & leuar em sua ajuda os reys de Ternate, & de Tidore, & partiose cõ hũa grossa armada, de q̃ forão capitães afora ele, Diogo sardinha capitã mór do már, Baltesar vogado Antonio pereyra, Francisco pirez, Baltesar veloso, Lisuarte caeyro, Fernão anriquez, Antonio de teyue, Iorge goterrez, & outros, & asi os reys que digo, & seus gouernadores & Sangajes. E chegado á boca do rio de Bachão, soube q̃ os mouros ho tinhão atupido, com ho muito & muy basto aruoredo que tem de cada parte que serrarão, & deytarão nele. E sabendo Tristão dataydeque não podia yr por terra por ser alagadiça, determinou de yr polo rio & desatupilo, & asi ho fez, leuãdo nos bateis & chãpanas, molinetes carreteis com que tirauão os troncos grossos do aruoredo, & os mays delgados cortauão cõ machados, o que fazião cõ muito grãde trabalho. E sabẽdo el rey de Bachã como Tristão datayde desatupia ho rio & se hia chegãdo á cidade, mãdou gente que per antre o mato tirasse frechadas, & arremessos aos Portugueses, & os estoruasse de desatupirem ho rio, ao q̃ Tristão datayde atalhou, mãdando Diogo sardinha capitão mór do már cõ outros capitães q̃ fossem ao longo de terra cõ os espingardeiros & varejassem a gente q̃ impedia o desatupir do rio, & asi foy feyto. O que vendo el rey, mandou deytar ho rio por outra parte por onde ya antigamente, & como tinha muyta gente logo foy feito, & começando a agoa de vingar, ficou a frota de Tristão datayde em seco, & sospeytando ele o que podia ser, mandou gẽte a ver se era asi, & achando q̃ sy, derão nos q̃ trabalhauão no rio, & fizerãonos fugir, & despois atopirão a madre q̃ tinhão feyta ao rio, & fizerãono tornar por onde corria. E desesperado el rey de poder escapar a Tristão dataide, despejou a cidade & acolheose com a gente polo sertão da jlha, de modo q̃ quando Tristão dataide chegou a ela, nem achou gẽte cõ que pelejar, nem fazẽda q̃ roubar, o q̃ vendo os Portugueses lhe poserão o fogo, & a q̃ ymarão & destruyrão de todo, cõ grande parte da terra ao derredor, & quebrarão as sepulturas dos reys q̃ ali estauã sepultãdos, & leuarão as ossadas, parecendolhes que despoys lhas resgataria el rey: E despois disto, quisera Tristão datayde entrar pola jlha & destruyla, mas não pode, por ser terra alagadiça: & vendo que não podia fazer nada se tornou pera a fortaleza

com

cõ os reys, deyxãdo Diogo sardinha cõ a mayor parte da armada pa q̃ fizesse guerra guerreada a el rey de Bachão, & ficou coele Pateçarangue cõ a armada de Ternate. E ydo Tristão datayde el rey cometeo paz a Diogo sardinha & q̃ daria duzẽtos Bahares de crauo, do q̃ Tristão dataide foy contente, & despois disso mãdou hũ nauio a banda a fazer fazẽda, de q̃ foy por capitão hũ Ioão de canha pinto.

CAPIT. XCVI.

De como el rey de Cambaya foy buscar el rey dos Mogores.

DEspoys que çoltão badur Rey de Cambaya fez paz cõ ho gouernador, determinou de yr pelejar com el rey dos Mogores, q̃ lhe entraua a terra, como disse, & q̃rendo partir soube q̃ se lhe rebelara a raynha dum reyno por hum seu filho que era sen vassallo, que determinando de sugigar esta raynha primeiro que fosse contra el rey dos Mogores, partio logo da cidade do Mandou onde estaua & leuou hum exercito em que entrauão cento, & cincoenta mil homẽs de caualo, em que aueria trinta mil acubertados & de bõs caualos, & os outros erão bõs & mãos, & quinhẽtos mil homẽs de pé, em que entrauão quinze mil estrãgeyros Fartaquis, Abexins, & trezẽtos Rumes, que leuaua Rumecão, & cincoenta Portugueses, quinze Christãos catiuos, que el rey soltou pera ho ajudarem nesta guerra, & lhes mandou dar armas & pagar soldo, & os outros arrenegados, & trinta Franceses que forão ter a Diu na nao Dobrigas: leuaua mil peças dartelharia ẽcarretadas, em que entrauã quatro basaliscos, jrmãos do q̃ Nuno da cunha mãdou a Portugal, & tudo de metal, ẽ carretas de quatro rodas, & cada carreta era leuada por duzentos boys, os bois das carretas das outras peças erão segũdo elas demandauã, & muytos bombardeyros & fundidores. E pera esta artelharia hião quinhẽtas carretas carregadas de poluora & de pelouros: leuaua oytocentos Alifantes cõ castelos de madeyra, & de muytos deles jugauão dous berços, & nos outros hião quatro espingardeyros. Pera as despesas deste campo leuou quinhentos cofres grãdes de cobre cheos de dinheyro douro & de prata, & cada hũ hia em hũa carreta. A fora outro muyto dinheyro que leuauão todos os senhores q̃ hião com el rey, assi mouros como gentios, de q̃ algũs tinhão sete cẽtos mil cruzados de renda, & outros quinhẽtos, quatrocentos, trezentos, duzentos, & cento, & cada hum leuaua seu tesouro: & hião neste campo tres mil mercadores, q̃ ho mais pobre não decia de vinte mil cruzados, & muytos de trezentos, & duzentos mil. Partido el rey, seguio seu caminho pera o reyno de Sanga, & foy sobre a principal cidade dele, q̃ se chama Chitor, q̃ na lingoa da terra quer dizer sombreiro do mũdo, & assi ho he ela, & alẽ de ser a mais nobre & rica q̃ pode ser no mũdo, não lhe falta grandeza & fortaleza: será de tres legoas d̃ roda, situada sobre hũa muyto alta serra, cercada de fortes muros & baluartes da nossa maneira, em q̃ auia muy suntuosos edificios, assi dos seus pagodes como dos homẽs que tinhã os mais as paredes forradas de tauoado dourado, & as que não erão douradas erão bran-

quea

queadas cõ hũ betume aluo, & rijo q̃ parecia vidro. Nesta cidade estaua a raynha deste reyno, q̃ auia nome Cremétĩ, molher viuua & ainda de boa idade, & muyto fermosa, & tão esforçada q̃ pelejaua como homẽ, & tinha cõsigo dous mil de caualo & trinta mil de pé. Chegado elrey de Cãbaya a esta cidade cercou da serra quãto ocupaua dela a cidade, & do pé da serra começou logo de mãdar fazer dous mayneis de pedra & barro pera chegarem açima ao muro da cidade, & cada hũ por dẽtro de largura de cincoẽta pés cubertos de vigas muyto jũtas, porq̃ as pedras q̃ os imigos lançauão de cima não fizessem nojo aos que andauão dentro fazẽdo hũs degraos pera a gẽte sobir por ali à cidade, & mandou pregoar que a todo homẽ q̃ lhe leuasse hũa pedra dos muros da cidade daria hum madrafaxao, que pola nossa moeda val tres cruzados, pera o q̃ tinha diante de si cofres cheos deles, & coesta diligencia, & cõ a que se pos nos mayneis forão acabadas em hũ mes & feyto sobre cada hũa hũ baluarte que ficauão tão perto dos muros da cidade que deytauão dẽtro panelas de poluora, foy a cidade entrada principalmente pola valẽtia dos Portugueses, que el rey sempre mandaua poer nos lugares de mayor perigo, por os ter por mays ousados q̃ nhũs das outras nações, & assi forão eles os primeyros que entrarão a cidade. Cujos moradores fizerã hũa notauel façanha, que foy queymarense todos (em se entrando a cidade) assi molheres como homẽs que não poderão morrer na batalha, & assi suas fazendas que tinhão prestes pera isso, & soubese despois q̃ forão setenta mil pessoas & ho fogo durou tres dias sem se poder apagar. E a raynha fugio logo com seus filhos & com hum senhor seu vassallo que tinha por amigo. E tomada a cidade el rey de Cambaya ficou tão ledo como se fora senhor do mũdo, & dizia que dali por diante nhũ rey da India auia de trazer sombreyro se não ele, & fez muyto grandes merces aos do seu campo dobrando as rendas aos senhores, & ho soldo aos soldados.

CAPIT. XCVII.

De como el rey de Cambaya sem pelejar foy desbaratado, por el rey dos Mogores.

EL Rey dos Mogores despois q̃ determinou de pelejar com elrey de Cãbaya, partio de suas terras com duzentos mil de caualo, os cincoenta mil acubertados, & estes erão Mogores, os outros de caualos ligeiros, Tartaros, Tarquimães, Coraçones, & Delis, & cada hũ destes acubertados leuaua hũ moço de tras de sy cõ hũ zaguncho, & alforge cõ mantimẽto, & a gente de pé era sem conto, em q̃ auia dez mil espingardeiros, & assi hião neste campo muytas molheres solteyras todas a caualo & com arcos & frechas com que tirauão, & leuaua mil peças dartelharia, & coeste campo se foy caminho da cidade de Mandou onde cuydou que achasse el rey de Cambaya. E chegado a ela que soube que não estaua hi não a quis combater. E sabendo que estaua sobre Chitor fez para la seu caminho, donde lhe mandou dizer que auia dous meses que andaua por suas terras sem achar com quẽ pelejasse: & el rey de Cambaya auia tres dias q̃ tomára Chitor quando lhe derá este

ecado, & logo partio com seu campo cõ
a. Mandou q̃ era o caminho que trazião
eus cõtrayros. E chegado a hũa sua cida-
e chamada Doçer, assentada em hũ cã-
po raso ao longo de hũ rio, achou nouas q̃
o Mogor estaua dali sete legoas, & que
não andaua cada dia mais de hũa legoa,
egoa & mea, & os seus corredores erão
inte mil de caualo acubertados, de q̃ era
apitão hũ seu jrmão: & tãto que isto sou
e despedio hũ seu capitão chamado Co-
açacão com tres mil de cauało a saber se
ra assi o q̃ lhe dizião. E sabẽdo o jrmão
lo Mogor sua yda deu nele & matoulhe
quantos leuaua, saluo quorenta q̃ ficarão
muyto feridos, & ho capitão foy catiuo.
Aqui esperou el Rey de Cãbaya ho Mo
gor, assi por descansar sua gente, como
por auer disposição muito boa pera assen
ar o arrayal, que assentou pegado com o
io de hũa parte, & da outra cercado de
ranqueiras & cauas cõ muyta artelharia
que ficaua fortissimo, & aqui cõtra seu co
tume, q̃ era não se cõselhar nunca cõ niu
guem no que auia de fazer, tomou conse-
ho com Rumecão (que era seu condesta-
bre) se daria batalha ao Mogor, porq̃ auẽ-
uraua nela todo seu estado, o que lhe con
selhou q̃ não fizesse, mas q̃ por outros me
yos o afastasse de si, porq̃ dali ao jnuerno
aueria hũ mes, & cõ as chuuas & cheas &
ribeyras era impossiuel o Mogor esperar
no campo, & se auia dir por força, o que
pareceo bẽ a el rey de Cambaya, mas sa-
yolhe mal, porque nã choueo goteira da-
goa, que foy cõtra natureza do tempo: o
que foy causa de se perder, o q̃ quiçá nã fo
ra se pelejara. E tudo isto parece que foy
pmissão diuina, porq̃ se ele dali ficara cõ
a vitoria, todo seu poder ouuera de virar
contra os Portugueses, & não cessar atee
que os não desarreygara da India. E che-
gado ho Mogor a tiro dartelharia do cam
po del rey de Cambaya, assentou o seu q̃
tomaua tres legoas pera tras, & na fronta
ria do arrayal estauão dous senhores prin
cipais, hũ se chamaua Indobeque que era
Mogor, outro Estacolim, Grego de naçã
& condestabre, & das carretas em que le-
uaua a artelharia cercou o campo, & cada
quorenta se çerrauã com hũa cadea de fer
ro com que se fechauão em outra carreta,
& deste modo se fechauão todas em roda
que ficauã como fortaleza, & nhũ homẽ
de cauało podia entrar dentro. Tendo ho
Mogor assentado seu arrayal, começou a
artelharia de jugar, & como a del rey era
mays furiosa fustigaua mays ao longe,
& fazia mayor dano, pelo q̃ o Mogor se
tirou pera onde lho nã fizesse, & mãdou
conuidar el Rey de Cambaya pera bata-
lha campal, chamandolhe couardo. E cõ
tudo el rey de Cambaya pela determina-
ção que tinha não quis pelejar, porque ja
começaua dauer medo sem ver de que.
E neste tempo fugirão do campo de
Cambaya cinco Portugueses, quatro
Christãos, & hũ arrenegado, & forãose
pera ho campo do Mogor a quem forão
leuados, & leuantouse a velos da porta de
sua tẽda, & mostrou que folgaua muyto
de os ver, & preguntou a cada hũ por seu
nome, & o arrenegado que era o lingoa
lhos disse, & que ho seu era Hamet, porq̃
se tornara mouro, de q̃ se el rey espantou
muyto, & estranhoulhe muyto tornarse
mouro.

mouro. E ſabendo como em Chriſtão ſe chamaua Antonio gonçaluez, mandou lhe q̃ aſsi ſe chamaſſe, & a todos fez merce de dinheiro, veſtidos, & armas, & lhes prometeo muito grandes merces ſe quiſeſsẽ jr coele a ſuas terras, & encomẽdou os ao ſeu cõdeſtabre porq̃ era chriſtão: & agaſalhauãoſe com a ſua gente, & fazialhes muyta hõrra, & eſtes ouuirã no meſmo campo que ho Mogor era de caſta de Chriſtãos, & por iſſo folgaua coeles. E vẽdo ele que elrey de Cambaya não queria pelejar, começa de lhe tomar os mantimentos & não lhe deyxaua jr ao cãpo ſe não os q̃ não podia tomar, & eſtes erão tã poucos q̃ não erão nada pera a multidão domẽs & dalimarias q̃ auia no cãpo delrey de Cãbaya, em que logo ouue muyto grãde fome, & era o trigo & ho arroz tão pouco q̃ ſe vendia aos arratens, & valia cada hũ ſeys vintens, & hũ molho de feno outro tanto, & começarão de morrer os caualos & os homẽs, & em dous meſes q̃ aſsi eſteuerão ouue algũs recontros em q̃ ſempre os Mogores forão vencedores. E por derradeyro mandou elrey de Cãbaya hum capitão cõ todos os Abexins a tomar hũa grande recoua de mantimentos que lhe trazião, & os Mogores a tomarão & matarão os mais dos a Bexins, & era ja tamanho ho medo q̃ auião aos Mogores no cãpo de Cambaya q̃ do rugido das armas ſe eſpantauão. E vendo iſto elrey de Cambaya, & a muyta gente que lhe morria, foy ho ſeu medo tamanho de ſer tomado que determinou de fũgir. E hũa noyte ja no cabo do quarto da modorra ſe acolheo ho mays ſecretamente que pode, deyxando recado a Rumecão que arrebentaſſe a artelharia, por os imigos não ſe aproueytaſſem dela, & que com a mays da gẽte de caualo que podeſſe ſe foſſe á cidade de Mandou pa onde ya, q̃ eſta ſituada na ponta de hũa ſerra de ſete legoas de roda & de mea legoa da tura, & fica como hũ penhão: porq̃ a mayor parte he de rocha viua, a cidade ſera do tamanho de Lisboa & ſobẽ a ela per hũas eſcadas feytas ao picã na rocha. Neſta cidade tinha elrey, hũs paços todos laurados douro & dazul, & as paredes cubertas dazulejos, & tem hũa orta do tamanho de Vila noua dandrade, & dentro tres grandes tanques dagoa cõ dous bargantis cada hũ, em q̃ elrey ſe deſenfadaua com ſeus priuados, & no cabo dela hũa eſtrebaria com dez mil caualos, cõ ſuas ſelas & freos pera fazer merces aos ſñores ſeus vaſſallos. E primeyro q̃ chegaſſem a eſtes paços auião de paſſar por tres fortalezas muyto fortes cõ ſeus muros & cauas, & cada hũa não tinha mays de duas portas q̃ goardauão capitães cõ gente. E ſe eſta ſerra não fora tamanha nunca eſta cidade ſe podera tomar, porq̃ tinha dentro agoa & mantimẽtos pa quãto duraſſe o cerco, mas por a grãdeza da ſerra não ſe podia defender. E cõ tudo elrey de Cãbaya ſe acolheo a ela cõ ſete mil de caualo q̃ ſe forão ajuntãdo coele, cõ quãto deixou a eſtrada ẽ ſayndo do cãpo, & ſe foy por lugares deſuiados por não ſer tomado.

CAPIT. XCVIII.

De como elrey de Cãbaya ſe acolheo a Diu, & do mais que fez.

FVgido elrey de Cambaya, mandou Rumecão ſobrecarregar a artelharia

ria, & muita arrebētou & outra ficou por arrebentar cō pressa de fugir, porq̄ a fugida del rey por mais secreta q̄ foy se soube logo pelo Mogor, q̄ muyto de pressa foy a pos ele cō quinhētos de caualo, & os seus derão logo no cāpo del rey de Cābaya & roubarãono, & as tendas del rey que erão de borcado & de veludo de dentro & de fora forão todas espedaçadas, q̄ ocupauão hum tessio dētro no arrayal em q̄ caberiã dez mil homēs de caualo, & foy cousa sē conto ho dinheyro q̄ se achou, & assi ouro & prata em barras, & muitas peças ricas q̄ não tinhão preço, assi del rey como dos senhores q̄ yão coele, q̄ nhū cō pressa de fugir leuou cousa nhūa: & como eles, & a outra gēte do cāpo forão pelo dereyto caminho de Mādou, quasi todos forão mortos polos imigos q̄ lhe seguião o alcanço, & o Mogor se deu tāta pressa que em tres dias chegou a Mandou, & chegada sua gēte cercou a cidade, & mandou dizer a el rey de Cambaya q̄ restituisse aq̄le reyno a cujo era, & os outros q̄ tinha tomados, & q̄ desse Diu ao gouernador da India, & q̄ ho deyxaria yr pera Cābaya do q̄ se el rey rio, parecēdolhe q̄ estaua seguro pola fortaleza da cidade & polos mātimentos q̄ tinha: & durando este cerco se cōcertou o Mogor cō Rumecão q̄ se fosse pera ele & que lhe daria a rēda q̄ tinha del rey de Cābaya & se assentaria cō seus jrmãos, & não lhe deu Diu q̄ tābē Rumecão pedia por dizer q̄ o tinha prometido a Nuno da cunha. E coeste concerto fugio Rumecão fingindo q̄ daua hū rebate no cāpo dos imigos, & sayo ante menhaã cō q̄ntos Rumes tinha & foise pa o Mogor

E soubese q̄ quādo el rey de Cābaya o soube q̄ dissera a Manuel de macedo. Como foste verdadeyro, & isto polo q̄ lhe profetizara de Rumecão quando se desafiou coele. E despois disto peytou o Mogor tāto a hū capitão q̄ goardaua hūa das portas da cidade q̄ lhe deu por ela ētrada hūa noite & tomou a cidade, & el rey de Cābaya se acolheo cō quatro de caualo por yr mais encuberto, & foise caminho do reyno de Cābaya â cidade de Chāpaner q̄ he da costa trinta legoas, & ē hūs grādes cāpos se leuanta hūa serra peq̄na a modo de penha toda de rocha talhada & sera em partes de hūa legoa daltura, & em outras de quatrocētas braças, he toda cercada d̄ muro muyto forte de cantaria cō cincoēta & oyto baluartes do mesmo, & muito bem artilhados dartelharia grossa q̄ não tē cōto: toda esta cerca não tē mais q̄ hūa sô entrada per hūa porta feyta ao picão muito alta, & vay de baixo do chão mais de quorenta braças, & antes de chegar a esta porta tem hūa caua de çem passos muyto fūda, & no andar de baixo hūa ponte leuadiça: em goarda desta porta estauão quatro trabucos de mastos tão grossos como os das naos de carreira. Dentro desta primeira cerca ha outras seys, & alem da dertadeyra està a pouoação que he de çēto & trinta mil vezinhos q̄ se estende por toda a serra, & nela estão hūs paços del rey do tamanho da cidade Deuora cercados de muro cō tres portas de ferro, & de dentro pousa el rey quando ali vay com as suas molheres q̄ sam seyscētas, & os recebedores de suas rendas que andão na corte, & os officiaes de sua casa, & estâ os almazēs

dartelharia & das armas, & as casas da fūdição dartelharia: todo o mais sam jardīs & casas de prazer, a mais rica & deleytosa cousa do mūdo, & no pico desta serra ha outra fortaleza sobre rocha talhāda. Tanto q̄ el rey de Cābaya chegou a esta cidade, fez logo partir pera Diu suas molheres & sua māy & ho seu tesouro douro amoedado & joyas ricas, q̄ dizē q̄ chegaua tudo a dez cōtos douro: & ho de prata q̄ era muyto, mandou recolher na fortaleza do cume da serra, & mandou a hū capitão q̄ auia dir cō suas molheres q̄ se teuesse noua q̄ o Mogor ho seguia q̄ se fosse a Cābaiete, hūa cidade porto de mar, onde tinha feyta hūa frota muy grande de galeões, galés, & galeotas. E asi deixou em Champaner hum capitão com cinco mil homēs de peleja, & mantimentos ꝑa quatro annos. E isto tudo feyto partio ꝑa Diu cō seus quatro companheyros vestido como pobre, & rapado por não ser conhecido, nē dos seus q̄ tamanho era ho seu medo q̄ de tudo ho auia. E quē auia tão pouco q̄ com seu grande poder auia de cōquistar ho mūdo, tornou tão destroçado por sua grande soberba, que segundo ele cōfessou, ate li não tinha em conta Deos, nē Mafamede, nem entraua nas mezquitas a fazer a oração da sua seyta, & cuidaua q̄ ele mesmo era deos, & asi punha em seu titulo. Ho çoltão Badur cuja cadeyra está nos ceos, & ho sol he seu selo, & a lūa ferradura do seu caualo, & as estrelas crauos dela. E chegado ele a Diu, mādou logo fazer dous baluartes em dous passos da terra firme pera a jlha que se podião passar cō marē vazia, & isto porq̄ se o Mogor viesse que o não podesse entrar: & estādo em Diu chegarā as suas molheres & sua māy & seu tesouro. E porq̄ se os īmigos nā aꝓueytassem da armada q̄ tinha em Cābaiete mandou a queymar, & asi mādou hū seu sobrinho chamado Mirāomuhmald ꝑa Damão, & ꝑa aq̄la comarca que cōfina cō Chaul a fazer gente & defendelas do Nizamaluco se lhe quisesse fazer guerra, & mandoulhe q̄ quādo se visse em necessidade q̄ se fosse a Chaul & se entregasse a Martim afonso de sousa q̄ sabia que inuernaua a hi.

CAPIT. XCIX.

De como Martim afonso de sousa soube ho desbarato del rey de Cābaya.

EStando el Rey de Cābaya acolhido na cidade do Mandou despois q̄ fugio: hū Portugues q̄ andaua coele catiuo q̄ auia nome Francisco lourenço fugio, & cō muita grāde trabalho foy ter a Chaul vespera de sam Ioão, & cōtou a Martim afonso o desbarato del rey de Cābaya, & q̄ despois de ser fugido ouuira como fugira de Mādou no mais que com quatro de caualo, & como toda a terra por onde passara estaua muy temerosa dos Mogores & desesperada de se el rey de Cābaya poder defēder. E a pos isto foy dado hū recado a Martim afonso de Mirāomuhmald q̄ estaua em Damão, q̄ lhe mandou pedir seguro ꝑa estar ali, & pera se jr a Chaul cō sua pessoa, dinheyro, & molheres se se visse apressādo dos Mogores: ōde Nizamaluco, & Martim afonso & Symão guedez de sousa capitão de Chaul lhe mandarão os seguros muyto largos. E escreueo lhe Martim afonso q̄ el rey de Cambaya deuia dobrigar ao gouernador pera o aju

dar

dar ē tamanha necessidade como estaua cõ lhe dar hũa fortaleza em Diu, em q nã perdia nada, antes ganhaua muyto em co brar tam boa amizade como a sua, & creria ho gouernador que ele era seu amigo porq̃ doutra maneyra não se auia de fiar na paz que fizerão, pois tão mal comprira hũ dos sustanciaeis pontos do cõtrato das pazes, que era mandarlhe logo os catiuos que nunca mais mandou, antes induzira a Santiago que ya por eles a ficar coele, o que não erão começos de boa amizade, & pera desfazer todas as sospeytas q̃ o gouernador tinha de lhe não goardar a paz, era muyto necessario darlhe fortaleza ē Diu & mais por quã seguro ficaua de seus imigos cõ lha dar. E o mesmo escreueo Martim afonso a el rey de Cãbaya, mandandoo visitar como amigo, & offrecerlhe com sua armada o que lhe dele cõprisse, porque lhe pareceo q̃ polo tpo em q elrey estaua se moueria coisto a dar fortaleza em Diu, & o mesmo lhe escreueo Mirã muhmald, escreuendolhe a boa palaura q̃ achara em Martim afonso, & como lhe mandara ho seguro q̃ lhe pedira. E como Martim afonso escreueo a elrey de Cãbaya, escreueo ao gouernador do modo q̃ el rey estaua, mãdandolhe pedir licẽça pera na entrada Dagosto yr sobre Diu cõ a armada q̃ tinha, porq̃ cria verdadeiramẽte q̃ indo naqla cõjunção elrey auia de dar fortaleza em Diu pera ganhar nossa amizade, que lhe importaua tãto q̃ sem ela nã se podia restaurar, por estar desbaratado, & seu imigo muyto apoderado no reyno, cõ quem auia de recear de se ele gouernador ajũtar, & por Diu estar muito desgoarnecido dartelharia & mingoado de gente, porque tudo el rey tinha leuado á guerra & ho perdera no desbarato: & por q̃ estando no mar lhe podia tolher os mãtimentos que yão por ele, q̃ erão os mays dos que se gastauão em Diu, & por lhe tolher os socorros q̃ esperaua da gente do mar roxo que tinha mandado buscar, & mays faria arribar a Baçaym as naos que fossem do estreyto, o que podia fazer por virtude do contrato das pazes q̃ estauão assentadas. E vista por ho gouernador esta carta, mostrouha algũs fidalgos seus parentes & amigos dizẽdo, que bẽ escusado era cuydar ninguem q̃ auia el rey de Cãbaya de dar a aq̃le tẽpo fortaleza em Diu poys nunca teuera dele tanta necessidade como entã, por ser o prĩcipal lugar de sua saluação, & por ter nele suas molheres & thesouro, & por isso lhe parecia escusado fazer fundamento da fortaleza nem ho fazia: & posto que lha el Rey de Cambaya quisesse dar que primeiro auia de fazer a de Baçaim com q̃ se cõtentaua, & a segurança dela era o principal proueito q̃ queria do desbarato del rey de Cambaya, & despois que teue muitos fidalgos deste parecer, por serem seus parentes & amigos, pos em conselho a yda que Martim afonso lhe screuia que queria fazer a Diu, & todos os q̃ tinha prouocados a serem de seu parecer votarão que não era bem que fosse, dando pera isso as rezões que ho gouernador daua, & Frãcisco de sousa tauares, & Aleyxo de sousa chichorro, & outros algũs forão de parecer que Martim afonso era muyto bem que fosse, porque por el rey de Cambaya não ter outro lugar

mais principal pera sua saluação que Diu & ter hi suas molheres & tesouro auia de querer conserualo & telo seguro, ho q̃ ele mesmo sabia que não podia ser sem amizade dos Portugueses & darlhe fortaleza nele, porq̃ coela ho seguraua de todo, pois ho auião de defender aos Mogores como seu, & não tendo nele fortaleza se auia de temer que lho tomassem por quã fraco estaua sem a artelharia q̃ dãtes tinha, & mays sabendo quã pouco firmes estauão as pazes q̃ tinha cõ ho gouernador, por quã mal comprira as principaeis cõdições que mais importauão a sua firmeza: & sabendo q̃ eles erão sñores do már õde lhe podiã tolher os mantimentos, q̃ por ele principalmente mais que por terra hião a Diu, & por isso tinhão por muy certo q̃ indo Martim afonso a Diu sem pedir fortaleza ho auia el rey de conuidar coela quanto mais pedindolha, pelo q̃ auião por mui to grande seruiço de Deos & del Rey de Portugal sua yda lá, & não yr seria do cõ trario. E como este parecer foy de poucos & ho outro de mais, assentouse que Martim afonso não fosse a Diu, & que ho gouernador lho defendesse como defendeo, por hũa carta que lhe logo escreueo. E despoys vindo Agosto q̃ ho inuerno começou de dar lugar á nauegação daquela costa, despedio (sem fazer sobrisso conselho) Symão ferreyra q̃ fora seu secretario em hũa fusta pera Diu, com embayxada a el rey de Cãbaya, mandandoho visitar como amigo & offrecerlhe sua ajuda cõ tra seus imigos, cõ determinação que el rey lhe daria fortaleza ẽ Diu pola necessidade em que estaua, & pola ajuda q̃ lhe offrecia, & pera se isto asi fosse deu procuração a Symão ferreyra que a aceytasse, & fizesse sobrisso concerto como ele fizera sendo presente, & mandoulhe q̃ nã fosse por Chaul porq̃ Martim afonso nã soubesse sua yda, & mandou coele Cogexa coez (ho embaixador del rey de Cãbaya) & tres catures que ho acompanhassem & partio quasi na fim Dagosto.

CAPIT. C.

De como el rey de Cãbaya mãdou pedir socorro ao Turco.

Despois que el rey de Cãbaya se vio em Diu cõ suas molheres & tesouro, & vio q̃ seus comarcãos estauão q̃dos, & lhe não fazião guerra, & sabendo ho q̃ Martĩ afõso escreuera a Mirãomuhmald a çerca de lhe goardar á amizade, teuese por mais seguro do q̃ partira de Champanel, & coisso & cõ lhe parecer q̃ era impossiuel tomarẽlhe os Mogores Chãpanel nẽ Diu, & outros algũs lugares fortes q̃ tinha na costa de Cãbaya, pareceolhe q̃ bem se poderia soster cõtra os Mogores sem fundamento da amizade cõ os Portugueses pera lhes dar fortaleza em Diu, crẽdo que se contentassem com a de Baçaym: & determinou de mãdar pedir socorro ao Turco, tendo por certo que lho daria, & coele tornaria a cobrar seu sñorio, & deytaria os Portugueses fora da India & se faria sñor dela. E pa prouocar ao Turco q̃ com boa vontade & breuidade lhe mandasse o socorro, mãdoulhe hum presente de joyas, armas, & roupas ricas, q̃ foy aualiado em seyscentos mil cruzados, & em dinheiro pera paga do soldo de dez ou doze mil hõmẽs q̃ lhe mandaua perdir, lhe mãdou hũ conto douro, & oytocẽtos mil cruzados:

&

& isto tudo & cartas q̃ scriuia ao Turco, entregou a hũ seu principal capitão q̃ auia nome, çafercão em q̃ tinha grande cõfiança, & por isso ho mandou cõ esta embayxada, dandolhe por regimento q̃ fosse até Iuda por mar & dahi por terra ao Cayro deyxando a bõ recado o q̃ leuaua, & dahi seyria onde ho Turco esteuesse, & lhe daria suas cartas. E pera hir ẽ sua companhia lhe deu hũ Portugues arrenegado, chamado Iorge q̃ era seu patrão mór. E posto q̃ era ainda ho tẽpo verde quis q̃ partisse çafarcão na entrada de Setembro, porq̃ ouue medo q̃ partido mais tarde as topasse Martim afōso de sousa q̃ auia de correr a costa com sua armada, & porq̃ as cousas q̃ leuaua çafarcão erão de tamanho preço por hirem bẽ seguras deulhe tres galeões em q̃ fossẽ ele capitão de hũ, & doutro Iorge o arrenegado, & em sua companhia duas carauelas, & duas fustas, & todas estas velas ho melhor artilhadas q̃ pode ser. E posto q̃ algũs q̃ yrão dizer q̃ coeste çafarcão mãdou el rey de Cãbaya a sua principal molher, & que mandaua este tesouro cõ fundamento de se hir morar a Meca, o q̃ digo he verdade, segũdo se soube por Garcia de noronha, hũ Turco q̃ se tornou despoys Christão em tẽpo do Visorey dõ Garcia de Noronha, & doutros Turcos q̃ forão tomados no estreito (como direy a diãte). Nẽ he de crer q̃ determinãdo el rey de Cãbaya de se yr pera Meca mandasse diante & sem ele sua prĩcipal molher, & parte do seu tesouro, sendo os mouros tã ciosos de qualqr das suas molheres, quanto mais da prĩcipal. Nẽ he de crer q̃ fosse essa sua determinação, pois mandára q̃ ymar sua armada, q̃ pa esta viagem lhe era tã necessaria.

CAPIT. CI.

De como el rey de Cãbaya foy acõselhado q̃ desse fortaleza em Diu ao gouernador.

TOmada a cidade de Mãdou pelo Mogor, seguio a pos el rey de Cãbaya q̃ soube q̃ hia pera Chãpaner, & sabendo q̃ era partido, mãdou hũ seu capitão cõ vinte mil de caualo q̃ visse se podia alcançar ho tesouro del rey de Cãbaya, & q̃ fosse a Cãbayete a tomar a frota q̃ lhe pareceo que ainda acharia, mas achoua ja toda q̃ymada: & dali foy roubãdo a terra. E ho Mogor q̃ ficaua cõ seu cãpo sobre Champaner peitou tãto ao capitão q̃ a goardaua q̃ lha ẽtregou, porq̃ queria mal a el rey de Cãbaya por muitos males q̃ lhe fizera: & ho Mogor ouue esta cidade na ẽtrada Dagosto, & apousentouse nela pa dali cõquistar o reyno, & como ele tinha prometido Diu ao gouernador, que sabendo seu poder & a guerra q̃ fazia a el rey de Cambaya, lhe mandou pedir Diu secretamente per hũa carta q̃ lhe screueo, lẽbrouse de sua promessa, & q̃rendoa cũprir lhe screueo hũa carta aq̃les chamão Formão, & mãdouha a Martĩ afonso pa q̃ lha mãdasse, & antes de lhe ser dada esta carta soube el rey de Cãbaya q̃ ho Mogor estaua em Chãpaner & ouuese de todo por perdido & desesperado de ter õde se saluasse determinou de fugir pera Meca, cõ seu tesouro molheres, & parẽtes & deyxar ho reyno ao Mogor q̃ o tomasse. E q̃rẽdo por ẽ efeito sua partida ajuntouse sua mãy, & Cogeçofar & Ninarao hũ gentio seu parente, a que tinha dada a capitania de Diu, & assi outros seus parentes: & tantas rezões lhe derão q̃ nã era boa sua determinação,

que se tirou dela, & Cogeçofar lhe acõselhou q deste fortaleza em Diu ao gouernador, & q o ajudaria, porq lhe parecia q sem sua ajuda se não podia restaurar, & q não lhe desse nada de dar aqla fortaleza pa seu remedio, porq despois de restituydo no reyno a podia tomar de cada vez que quisesse & deitar os nossos fora dela. E co este proposito pareceo bẽ a el rey de Cãbaya dar esta fortaleza, & cessou d sua ryda pa Meca, & escreueo logo a Martim afonso que na ora partisse pa Diu porque cõpria muyto a seruiço del rey de Portugal fazelo assi, & mãdoulhe outra carta pa o gouernador, em q lhe dizia q fosse a Diu porq lhe qria dar a fortaleza. E per hũ ẽbaixador q leuou estas cartas mãdou Diogo de mezquita, Lopo Fernãdez pinto, & os outros catiuos q era obrigado a mandar, & antes q este embaixador chegasse a Chaul foy dada a Martim afonso a carta del rey dos Mogores, & a pos ela chegou o embayxador & lhe deu as del rey de Cãbaya assi pa ele como pa o gouernador. E vendo Martim afonso quãto importaua yr ele a Diu, posto q lhe o gouernador tinha defeso que não fosse, partiose logo com tres catures em q leuaria setenta homẽs, ele hia em hũ, & Symão guedez de sousa capitão de Chaul em ou tro, deyxãdo recado a Vasco pirez de sampayo q se fosse a pos ele cõ a outra armada & tãbem antes de sua partida, mandou a João de mẽdoça q leuasse o embaixador del rey de cãbaya ao gouernador & a carta del rey dos Mogores, & lhe escreueo como hia a Diu.

CAPIT. CII.

De como Martim afonso de sousa & Symão ferreyra chegarã a Diu, & do q assentarã cõ el rey de Cãbaya.

PArtido Martĩ afõso de Chaul seguio por sua viagem pa Diu, & perto dele achou Simão ferreyra de q ficou espantado hir a Diu pelo q lhe o gouernador escreuera, de quã pouco fundamẽto fazia de se lhe dar fortaleza, & mais de como Simão ferreyra passara sem tomar Chaul, & tambẽ se ele espãtou de quãdo lhe Martĩ afonso disse q el rey de Cãbaya o mãdara chamar muyto depressa & mandara cartas ao gouernador, & porẽ que não auia de fazer cousa nhũa cõ el Rey de Cãbaya sem lhe dar fortaleza em Diu: & isto tambem porq soube a procuração que ele leuaua do gouernador pa aceitar fortaleza em Diu se lha desse: dizẽdo mays q o tẽpo não era pa el rey não dar fortaleza & q lha auia de dar, & pa isso o mandaua chamar, & ele co esse proposito hia, & assi foy, que chegados a Diu, disse el rey a Martĩ afonso o estado em que estaua, & q qria que o gouernador o ajudasse cõtra seus imigos, nã somente a defenderse deles mas pa lhe fazer guerra, & q ele Martĩ afonso auia dãdar co ele pola cõfiança q tinha nele, & em galardão desta ajuda q queria do gouernador lhe daria hũa fortaleza em Diu no lugar q lhe bẽ parecesse. E porq o gouernador não podera logo hir, por Goa ôdestaua ser mais longe que Chaul, mãdara chamar a ele Martim afonso assi pera o ajudara defender de seus immigos se fossem sobrele, como pera co ele assentar ho dar da fortaleza, & capitulações das pazes, ate ho gouernador hs auer por boas, & pera q ta mandasse dizer ho gouernador quãta

von

vontade tinha de as fazer: & poys Simão ferreyra tinha procuração pa as fazer em nome do gouernador que logo assentasse como auião de ser, & que ho gouernador se lhe bem parecesse faria a fortaleza da bãda dos baluartes do mar & da terra, camanha lhe bem parecesse, porq̃ ambos lhos daua, & asi aquele lugar por melhor, porque era ho mais forte da cidade, & podia naq̃le lugar ser a fortaleza socorrida por mar se teuesse necessidade. E cõcertado el rey cõ Martĩ afonso de que maneira auiã de ser as capitulações das pazes, ho mandou meter de posse do baluarte da terra, & ali se apousentou com todos os Portugueses. E os capitulos das pazes forão estes.

¶ Ho çoltão Badur he cõtente de dar a el Rey de Portugal hũa fortaleza ẽ Diu em qualquer lugar que ho gouernador Nuno da cunha quiser, da banda dos baluartes do mar & da terra, da grandura q̃ lhe bem parecer, & asi ho baluarte do mar.

¶ E asi ha por bẽ de dar & confirmar Baçaym com todas suas terras, tanadarias, rẽdas, & dereitos, asi como tem dado no cõtrato que fez coele sobre as pazes no dito Baçaym.

¶ Com condiçã, que todas as naos de Meca que por virtude do dito contrato das pazes erão obrigadas a hir a Baçaym que ho não sejão, & venhão a Diu, asi como dantes vinhão: nem lhes seja feita força algũa. E quãdo algũa quiser lá hir por sua vontade que ho possa fazer: & assi ho farão outras doutras partes que yrão & virão pera onde quiserem E porem hũas & outras nauegarão com cartazes.

¶ E com condição, q̃ el Rey de Portugal não terá em Diu dereytos nẽ rẽdas nẽ mays q̃ só a dita fortaleza & baluartes, & todos os dereytos, rendas, & jurdição da gẽte da terra, será do dito çoltão Badur.

¶ E com condição, que todos os caualos Dormuz & Darabia que polo dito contrato das pazes erão obrigados a hir a Baçaĩ vão a Diu & pagarão os dereytos a el rey de Portugal segundo o costume de Goa. E não os comprando el rey, seus donos os leuarão onde quiserem.

¶ E com condição, que todos os caualos que forem do estreyto pera dentro, não paguem nenhũs dereitos, & serão forros.

¶ E com condição, que el Rey de Portugal & ho çoltão Badur serão amigos damigos, & immigos de immigos. E ho gouernador em nome del Rey de Portugal ajudará ho çoltão Badur cõ todo o q̃ poder por mar & por terra, & asi el rey á ele quãdo cõprir com suas gẽtes & armadas.

¶ E com condição, que querendose fazer Christãos algũs Mouros da terra do çoltão Badur que ho gouernador ho não consinta. E assi ho çoltão Badur não consintiraa fazerse nenhum Christão mouro. E que passandose de sua terra algũa pessoa ou pessoas que deuão dinheyro ou tenhão fazenda del Rey de Portugal, q̃ ele os mande entregar, & outro tãto fará ho gouernador se se passar pa os Portugueses algum homẽ que tenha fazẽda do çoltão Badur, ou lhe deua dinheyro.

Feytas estas capitulações, & asinadas por el Rey, mãdou as Martĩ afonso (por Diogo de mezquita que foy coele) ao gouernador pera q̃ as asinasse, & el rey de Cambaya mandou coele Xacoez com hũa car

ta ao gouernador, rogandolhe q̃ nã tardasse, & partirãse ambos na fim de Setẽbro.

CAPIT. CIII.

De como ho gouernador se partio pera Diu, a chamado del rey de Cambaya.

CHegado Ioão de mẽdoça a Goa cõ ho embaixador del rey de Cambaya, derão ao gouernador as cartas que lhe leuauão, & a del rey dos Mogores (q̃ eu vi) dizia em nossa lingoagem.

¶ *Muyto honrrado, & muito senhor ãtre todos & a cabeça de todos, q̃ he muyto sofrido & muyto virtuoso, & tal fama tẽ de muyta honrra, gouernador, & capitão mor Frangue, a que cato a cortesia como se fosse a pessoa del rey, ele me escreueo hũa carta cõ seu desejo, & por seu bẽ, & boa amizade, q̃ me foy dada indo ja de caminho pa offender meus cõtrairos sobre suas terras: & o q̃ mescreuestes vi logo & folguey muyto de ho ver. Eaqle tempo veo muita gẽte de meu cõtrairo sobre minhas terras, então sairã algũs capitães meus a pelejar coeles, & derão sobre ho seu arrayal, & os desbaratarã todos, & forão a pos eles ate jũto de Mãdou, matando & catiuãdo muyta gente, os quaes como virão a minha espada fugirão todos como gente roym & ciuel.*

¶ *Eu mandey hũ pião aos capitães do Daquẽ, a quẽ tinha mandado que fossem sobre as terras de meu cõtrairo: & lhes dissese q̃ se viessem pa mi: sam muyto honrados, & muyto grãdes senhores, & tẽ todo ho reyno do Daquẽ. Como chegarẽ a mi, conselharmey coeles, & cõ pouco trabalho auerey meu contrairo cõ todas suas terras.*

¶ *Os portos de mâr q̃ me escreuestes q̃ querieys que vos ficassem com toda a renda: os quaes eu tenho em meu poder, disso vos mando este Formão, & o q̃ me pedis vos outorgo, porẽ cõ condição que quẽ quiser nauegar q̃ ho possa fazer, & que viua quẽ quiser nesses portos sem receber escandalo. E de tal rey como eu aueys desperar ainda mais merces, & queria q̃ fizeseys boa justiça em qualquer lugar q̃ tiuerdes em poder, por que minha gente q̃ ha destar perto vos ajudarã a fazela quando for necessario: & assi fará a vos ja quando me cõprir. E as terras q̃ estiuerem perto de vos podereis tomar, & não cureys das de longe, que tempo virá q̃ as tomarey. E quẽ espera minha merce & deseja minha amizade, não digo eu darlhe os portos de mar, se não as terras firmes, & quanto eu poder, que os portos de mar não he nada.*

¶ A carta del rey de Cãbaya não dizia q̃ lhe queria dar fortaleza em Diu, senão q̃ em vẽdo aqla partisse logo pera Diu, por que cõpria muito ao seruiço del rey de Portugal verẽse ambos. E ho mesmo dizia a carta de Martĩ afonso q̃ lhe screuera el rey de Cãbaya, & q̃ hia porq̃ cria q̃ lhe auia de dar fortaleza em Diu. E parecendo ao gouernador q̃ assi auia de ser pola cõjunção em q̃ era, posto q̃ el rey dos Mogores fazia promessa tão larga, pareceolhe melhor tomar fortaleza del rey de Cambaya q̃ tinha Diu, que tomala da mão del Rey dos Mogores que ho auia ainda de cõquistar, & conquistado ou ho daria ou não. E tãbem vinha he melhor a amizade del rey de Cãbaya por quã pouco podia q̃ a del rey dos Mogores q̃ era muito poderoso, & segundo a presunção q̃ trazia queria conquistar toda a India, & daria mais q̃ fazer q̃ nhũ rey dela, & quanto menos podesse, tãto o estado del rey de Portugal ficaua mais seguro. & por isso determinou de se liar cõ el rey de Cãbaya & animalo q̃ resistisse a el rey dos Mogores & ajudalo a isso quãto podesse. E sem se deter mays q̃ ho dia em q̃ Ioão de mẽdoça chegou, se partio ao outro e hũa fusta: & forã coele em outras, Garcia de sá Frãcisco de sousa tauares, Diego lopez d sousa, & Antonio

gal-

galuão, porq̃ pa esperar por toda a armada seria muito vagar, poré ficou recado a Manuel de sousa q̃ se partisse coela ho mais asinha q̃ podesse ser. E partido de Goa foy ter a Chaul, & dahi a Baçaĩ onde achou Vasco pirez de sam payo cõ a armada q̃ leuaua a Martĩ afonso, & o gouernador ho deteue q̃ não fosse & deyxouse ali estar ate q̃ chegou Diogo de mezquita q̃ hia em sua busca com as capitulações das pazes pera as asinar, & ali lhe deu Xacoez a carta q̃ lhe leuaua del rey de Cambaya. ¶ Nomeado do grãde rey liado már, das agoas azuys, Nuno da cunha, capitã mór com a merce del rey, eu vos acrecẽtey por amizade. Sabereys q̃ o secretario Symão ferreyra fiel & amado em ãbas as partes & Xacoez atear filho do hõrado viera a mĩ: a vossa carta q̃ me mãdastes veo a meu estado, & vi tudo o q̃ nela vinha escrito, quãto a vontade & desejo q̃ tẽdes eu o soube claro, & ãtes disso Xacoez me fez saber a vossa bondade & amizade, & o soube agora por Simão ferreyra per via da amizade, aquilo q̃ vos era necessario, & q̃ em tãtos annos nã se pode cõprir, nẽ ouuereis dalcãçar tã asinha hũ lugar pera estarẽ os Portugueses aqui ẽ Diu da banda q̃ vos q̃reys, vos não ho mandass espedir nẽ ho pedistes, eu vos faço merce dele cõ as condições q̃ Symão ferreyra outorgou por virtude da vossa procuração, as quaes sabereis por sua carta & per palaura de Xacoez Agora he necessario q̃ tanto q̃ estavos forçada, q̃ nã esteys q̃do em nhũ lugar, & venhais aqui cõ Xacoez: eu tinha escrito ao capitão mór do már, & tãto q̃ lhe derão meu mãdado logo veo a minha casa, folguey coisso, & por isso o mãdey estar aqui pa me seruir. Feita ẽ Diu a vinto yto de Setẽbro de mil & quinhẽtos, & trita & cico.

C A P. CIIII.

De como ho gouernador chegou a Diu, & se vio cõ el rey de Cãbaya.

E Sabẽdo ho gouernador o q̃ era feyto logo partio pera Diu ẽde chegou em Outubro, & leuaria nouecẽtos homẽs, & a boca da barra o foy receber por mãdado del Rey de Cãbaya Nunarão capitã de Diu ẽ hũa galé acõpanhado dos principays da corte, & estes desembarcarão cõ ho gouernador que foy logo falar a el rey que esperaua por ele em seus paços que erão terreos, & faziãse as casas ao derredor de hũ grande pateo, & el Rey estaua em hũa casa pegada coele, que mais parecia alpendere que casa, deytado em hũ catle que não tinha outra riq̃za senã serẽ os pés douro, nẽ a casa não estaua paramẽtada se não tudo muito pobre, & el rey vestido em hũa Cabaya de pano dalgodão branco, estauão coele obra de dez ou doze senhores, hum fora hirmão del Rey de Deli homẽ de setenta annos, & outro jrmão doutro rey, & estes assentados no chão jũto do catle, & os outros em pé, por q̃ diante del rey não se pode assentar se nã rey ou filho de rey. Cõ o gouernador entrarão neste pateo ate quorẽta fidalgos, & tanto que vio el rey lhe fez hũa mesura ao nosso modo, & entrãdo na casa lhe fez outra, & asi fezerão os que yã coele. El rey não lhe fez outra cortesia se não agasalhalo bem com os olhos, & por asi se custumar, antes que falassem, foy vestida ao gouernador hũa cabaya de borcado de peso q̃ lhe el rey mandou dar, & aos que o acõ

panhauão outras de borcado, & borcadilho, & asi as teuerão em quanto esteuerão nos paços, porq̃ he isto sinal de grãde amizade. El Rey nao teue outra pratica cõ ho gouernador se não pregũtarlhe como hia do caminho: & aisto lhe respõdeo em pé, que ho não mandou assentar, sòmente cobrir a cabeça que teue discuberta ate lha el rey mandar cobrir, & despoys se tornou á frota, & ao outro dia desẽbarcou, & foy se apousẽtar no baluarte da terra q̃ estaua embandeyrado com bãdeyras das armas de Portugal. E despoys disto se virão algũas vezes o gouernador & el rey & concertarão que por quanto el Rey se temia q̃ os Mogores lhe tomassem a cidade de Baroche que está trinta legoas da enseada de Cambaya, mandasse lá ho gouernador hũ capitão nosso com duzentos & cincoenta Portugueses pera a defender, & estãdo pa hir por capitão deles dom Gonçalo coutinho chegou Manuel de macedo, a quem ho gouernador deu esta yda. Tambem el rey de Cambaya pedio ao gouernador q̃ lhe mãdasse tomar hũa fortaleza que lhe os Mogores tinhão tomada no rio Indo, & a esta empressã mandou ho gouernador por capitão mór Vasco pirez de sampayo com hũa armada de doze fustas & bargantins a cujos capitães não soube os nomes, saluo a Miguel dayala, Rodrigaluarez vogado, & Afonso figueyra, & leuou duzentos & cincoenta homẽs, & em sua companhia foy hum monro chamado Cogeçofar capitão del rey de Cambaya com trezentos Turcos debayxo da bandeyra de Vasco pirez, q̃ partio de Diu na entrada de Nouembro.

CAPIT. CV.

Do façanhoso feyto que fez Diogo botelho em se yr em hũa fusta pera Portugal.

NEste tempo andaua na India hũ caualeiro chamado Diogo botelho q̃ dãtes andara na India muitos annos, & fizera nela muito seruiço, asi a el rey dom Manuel como a el rey dõ Ioão seu filho, & a fora isso era muito sabido na arte marinhatica & sabia bẽ fazer cartas de marear & indo da India deu a el rey dõ Ioão hũa carta de doze peles em que estaua quanto do mundo era discuberto. E q̃rendolhe el rey fazer merce, não faleceo quẽ lhe dissesse q̃ se queria hir pa el rey de França pa ho deseruir, & outros mexericos cõ q̃ el rey o degradou pera a India, & foy na armada de Martim afonso de sousa, no ãno de mil & quinhentos & trinta & quatro. E como Diogo botelho fosse muyto leal a seu rey, & sabia que não tinha culpa no q̃ lhe assacarã, como foy na India pedio ao gouernador Nuno da cunha q̃ lhe deyxasse fazer hũa fusta pa ãdar nela seruido a el rey, & isto cõ tençã de feyta se yr nela pa Portugal, porq̃ tornãdose, visse el rey sua lealdade, & camãha falsidade fora o q̃ lhe dele disserã, & q̃ asi como ya da India na q̃la fusta, asi se fora pa Frãça se o quiserã fazer: & co esta d̃terminaçã fez a fusta ẽ Cochĩ q̃ foy de vinte dous palmos de cõprido, & doze de largo, & seys de põtal, q̃ he daquilha ate a primeyra cuberta. Feita esta fusta, começarão maldizentes de dizer q̃ a fizera pera se hir nela ao estreyto & dahi pera o Turco: & sabẽdo o Doutor Pero vaz o q̃ se dizia, lhe tomou a fusta, como vẽdor da fazẽda q̃ era, & Diogo botelho lhe disse q̃ visse bẽ o q̃ fazia em lhe tomar

aquela fusta sem ter proua abastante pera o fazer, no que ho destruya de todo, porq sabendo el rey que lhe tomara a fusta, & a causa porque lhe mandaria cortar a cabeça. E Pero vaz lhe tornou a fusta, jurandolhe ele primeyro em hũa ostia consagrada de não se ir pera parte algũa em que desseruisse el Rey de Portugal, senã de ho seruir como ho mays leal & honrado vassallo que ele tinha. E auida a fusta se foy Diogo botelho a Dabul pera dali se partir, & como ele sabia bem da pilotagem não quis leuar nenhũa pessoa que soubesse dela, por não auer antreles contradição, o que seria causa de se perder, né quis leuar pa marcaré a fusta mays q̃ seus escrauos, & de Portugueses leuou cinco a fora ele, tres criados seus, ho Comitre da fusta & hum Manuel moreno, & muyto bé prouido de mátiméntos cõ a vela doste se partio de Dabul ho primeiro de Nouébro de mil & quinhẽtos & trĩta & cinco, dizendo q̃ se hya ajũtar cõ a nossa armada que andaua na costa de Cãbaya. E pa atrauessar ho golfão, começou logo de se afastar muito de terra. E conselhandolhe ho Comitre que ho não fizesse, lhe descobrio sua determinaçã & aos outros: & porque se temeo q̃ se rebelassem quãdo o soubessem, trazia hũa saya de malha secreta, & hũa espada na cinta, & esforçou a todos muito pa esta viagẽ, dizẽdolhe quãto lhe compria fazela, promettẽdolhe galardão de seu trabalho, & logo deu ao Comitre vĩte mil reas, & lhe pagou tudo quãto jurou q̃ lhe ficaua na India, & co isto forã todos cõtentes dir coele, & mais porq tomou terra na costa Darabia ao tempo que disse que a auia de tomar ho que parece q̃ foy ordenado por nosso Senhor, por seré ali as correntes tamanhas, q̃ quãtos pilotos por ali nauegão desatinão no tomar da terra. E feyta agoada & carnagẽ em hũ porto chamado Iubo se partio, & foy surgir no cabo das agulhas duas legoas de terra, & ali lhe deu hũ brauo tẽporal de sul cõ q̃ arribou duas vezes, & coele se vio ꝑdido de todo, por serem os mares muy grossos em demasia: & como a fusta era pequena entrauão por hũa parte, & sayão pela outra, & milagrosamente ho saluou nosso senhor: & coeste tẽporal dobrou o cabo de boa esperãça a vinte de Ianeyro, & ainda despois passou trabalhos immensos, de se ver morto cõ tormẽtas, & cõ fome & sede, & escorreo a ilha de santa Elena, que a não vio cõ a neuoa que faziã os grãdes vẽtos, E coesta mã vida determinarão os marinheyros de ho matar, & aos outros Portugueses & hiréſe a terra, & não andaré mais no mar. E sendo ja debaixo da linha na costa de Guiné, leuantanse hũa noyte, hũs cõ espetos, outros cõ machados, & fisgas, & dão em Diogo botelho & nos outros, de que logo matarão hũ, & ferirão o Comitre & Diogo botelho que acodirão a esta reuolta, & isto feyto deytarãose ao mar, & afogarãose, & este foy outro trabalho muyto grande perderemse assi os que mareauão a fusta, & ficar ferido ho Comitre, & Diogo botelho que era o que mãdaua a via, sem q̃ nã se podia nauegar, & teré tã mao aparelho pa se curarẽ pelo q̃ Diogo botelho, esteue quatorze dias sẽ poder falar, & mãdaua gouernar por escrito o q̃ ouuera de ser causa de se ꝑderem, &

sobristo

sobristo lhes começou de faltar a agoa, & como não auia onde se tomar foy necessario estreitar a regra, no q̃ passarão muyto grande sede, & de tudo os liurou nosso Senhor, & chegarão á paragem das jlhas que Diogo botelho não quis tomar por hyr daquela maneyra, que temeo que ho prēdessem, & por lhe dar vēto por dauāte lhe foy forçado arribar á jlha do Fayal, onde soube q̃ estaua ho corregedor daquelas jlhas: & como não se podia encobrir, desembarcou, fingindo que leuaua hū recado do gouernador da India a el rey que lhe importaua muyto, & fez hū maço de cartas feytiço & selado, pera disimular o recado. E ao desembarcar ho forã receber ho corregedor cõ toda a gente da terra, como a cousa muy noua, sabendo como viera da India em hũa fusta tão pequena, ho que tinhão por grãde milagre, & fizerão lhe as mais festas que poderão, ate lhe correrem touros: & estando os vendo de hũa janela foy conhecido do corregedor q̃ estaua coele, & como sabia que fora degradado pera a India pareceolhe que vinha fugido: & por isso se auenturara a vír naquela fusta: & determinando de ho prender, preguntoulhe se era parente dū botelho q̃ fora degradado pera a India, fingindo que não lhe sabia ho nome, porq̃ se negasse q̃ era aquele, aueria sua presunção por verdadeyra, & prendeloya logo. E sospeytãdo Diogo botelho sua determinação, disselhe que ele era ho mesmo que fora degradado, & Nuno da cunha por não achar outrē que se quisesse auēturar a tamanho perigo como aq̃le fora, ho mãdara porlhe querer mal: & que fizerá aq̃la viagē poro recado q̃ leuaua ser de grãde importancia & de tanto segredo, que de ninguem fiaua as cartas se não de sy mesmo, & mostroulhe ho maço, o q̃ ho corregedor creo, & por isso ho não prendeo, & pediolhe q̃ lhe dissesse q̃ recado era, ao q̃ ele respondeo q̃ por nenhū modo lho podia dizer, mas q̃ por amor dele, posto q̃ fosse contra juramēto, lhe dexaria hũa carta em q̃ lho contasse, q̃ lhe auia de dar sua fé q̃ não abrisse se não oyto dias despoys de sua partida, & asi se fez. E na carta q̃ lhe deixou dizia do modo q̃ hya, do q̃ o corregedor ficou muito magoado porq̃ o nã prēdera, & mais porq̃ acabando de lér a carta chegou ali Simão ferreyra q̃ ho gouernador mandaua da India cõ noua a el rey como el rey de Cambaya lhe dera fortaleza em Diu, q̃ mãdou logo quasi a pos Diogo botelho quando soube q̃ era partido, porq̃ nã soubesse el rey por Diogo botelho a noua da fortaleza q̃ por ele, mas não pode ser, porque partido Diogo botelho chegou a Portugal onde se foy aprese̅tar a el rey & lhe disse a causa porq̃ se fora da India daq̃la maneyra, & lhe deu as nouas da India, cõ q̃ el rey ficou muyto ledo, & lhe agardeceo sua vinda louuãdo muito seu atreuimēto, & tornou o em sua graça, & fezlhe merce, tendoo por tã leal como era. E quãdo se soube do modo q̃ viera, & foy vista a fusta, foy ē todos espãto grandisimo, & dizião q̃ se fora ē tpo dos Romãos gētios, q̃ lhe fizerão hũa estatua por memoria de façanha tão grande, como não se acha em nenhũa escritura q̃ algum homē fizesse.

CAPIT. CVI.

De como Çoleymão Haga entrou nas terras da Tanadaria de Salsete.

A

A Tras fica dito como Açadacão ſenhor de Bilgão, por ſe temer do Hidalcão fizera paz com ho gouernador pera ho ter de ſua parte ſelhe compriſſe, & lhe dera ſecretamente as Tanadarias de Salſete & de Bardes, & deſpoys diſto tornádo o Hidalcão a eſtar bẽ cõ Açadacão, & a recebelo em ſeu ſeruiço, arrependeoſe Açadacão de ter dado as Tanadarias: & vendo que ho Gouernador era em Diu, onde ſe auia de deter, pareceolhe q̃ era tẽpo de as cobrar, por quam poucos Portugueſes ſabia q̃ as goardauão, & mandou a hum Turco capitão de Pondá, chamado Çoleymão Haga, que com cinco mil homẽs de pé & de caualo foſſe recolher as rendas daq̃las Tanadarias, & ele ho fez aſsi: & mandou algũa da ſua gente cercar Criſtouão de figueiredo Tanadar mór, q̃ eſtaua apouſentado em hum pagode de freyras chamado Bardor, que tomaua ho nome do diabo a q̃ era didicado, & eſtas freyras erão molheres, q̃ deſpoys de viuuas não ſe quiſerão queymar. E vendoſe Criſtouão de figueyredo cercado, ho mãdou logo dizer a dom Iohão pereyra capitão de Goa, & como ele era muyto esforçado & amigo de noſſo Senhor, & do ſeruiço del rey, em lhe ſendo dado ho recado, ajuntou çem homẽs de caualo Portugueſes, & duzẽtos de pé, & a dezoyto de Setembro ſe paſſou a Beneſtarim, & dali foy caminho do Pagode de Bardor, & çoleymão ſe retirou pera hũa aldea mea legoa dele, como ſoube que ya. E chegado dom Iohão ao pagode que ſoube que os ĩmigos ſe yão, não os quis ſeguir porque leuaua a ſua gente cãſada, & quis que repouſaſe em quãto comia, & entretãto mandou dizer a çoleymão q̃ ſe foſſe mais depreſado que ya, & detẽdo çoleymão o meſſageiro, mandou dizer por outro ſeu a dom Iohão que aſsi ho faria, & que ho não ſeguiſſe muyto, & antes q̃ ſe eſte meſſegeyro partiſe, mandou dom Iohão aos ſeus que deſſem moſtra, & os primeyros forão os eſpingardeiros que erão otyenta, & ho mouro tremia com medo do grande eſtrondo: & dada a moſtra deyxou ho dom Iohão yr, mandando dizer a çoleymão que tãto que acabaſſe de comer yria depos ele, por iſſo que ho não achaſſe, & aſsi lho diſſe, & lhe contou a eſpĩgarderia que dom Iohão leuaua. E conhecendo çoleymão ho dano q̃ podia receber dela, reçeou de o eſperar, & fezẽdo ſinal a ſua gẽte, retirouſe mais pa dẽtro da terra, & quãdo dõ Iohão chegou ao lugar onde eſperaua de o achar, não vio ſe nã a fardagem & vendo dom Ioão q̃ fugião, não os quis apertar, & deyxouſe yr a pos eles, & ao outro dia foy ter a hũ Pagode chamado Chãdor tres legoas do de Bardor, onde cuydou q̃ çoleymão ſe fizeſſe forte & ali ho eſperaſſe, mas não ho fez com medo, ante ſayo de todo da comarca de Salſete, & aſsi ho ſoube aly onde ſe deyxou ficar por ſer perto da noyte: E como foy menhaã por ſegurar a terra, andou por ela eſpaço de tres oras, & deyxando fauorecida a gente dela, com ho medo que lhe ouuerão os immigos, tornouſe ao pagode de Bardor, onde animou os Gãcares que não ouueſſem medo dos mouros, porque bem vião camanho ho eles auião das armas dos Portugueſes, que ſendo tã

tos

tos & eles tão poucos lhe fugirã. E deyxando algũa gente da que leuaua a Cristouão de figueiredo, principalmente espingardeyros se tornou a Goa.

CAPIT. CVII.

De como Manuel de vascõcelos desbaratou os mouros que estauão na tranqueyra de Bôri.

DEspoys que çoleymão hagã se recolheo cõ medo de dom Iohão, & soube que ele era tornado a Goa, temendo que se tornasse a entrar em Salsete cõ grande corpo de gente q̃ tornaria dom Iohão, & assi andaria sem fazer nada, por isso que seria melhor mãdar sua gente em quadrilhas por essas aldeas a recolher as rẽdas, & as recolheria melhor, & assi o fez. E sabido isto por dõ Iohão, fez logo hũa armada de fustas & bargantins que andasse por aquele rio de Salsete, & Manuel de vasconcelos casado ẽ Goa era capitão mór & fazia muytos saltos sayndo de dia, & de noyte em terra, & daua nas aldeas onde estauão os mouros descuydados de sua yda, & por isso mataua & catiuaua muytos. E sabẽdo çoleymã como os seus erão assi perseguidos dos Portugueses buscou remedio pera os defender: & como sabia que ho rio de Salsete era muyto estreyto, onde estaua hum passo que se chama Bóri, cinco legoas da jlha de Goa, por onde os Portugueses passauão, mandou ali fazer hũa estãcia de tres bombardas em hũa tranqueyra, que amanheçeo hum dia feyta, & quando os Portugueses forão pera passar pola estreyteza do passo varejaua os a artelharia muy rijo: & fazialhes muito dano, & por atalhar a ele, & que aquela força não crecesse mays, mandou dom Iohão a Manuel de vasconcelos que a fosse desfazer & foy lá cõ quarenta espingardeiros: & chegando, achou grande resistẽcia nos ĩmigos, que serião bem duzentos homẽs, & quasi todos frecheyros, & cõ tudo passando a primeira çurriada das bõbardadas aferrou cõ a tranqueyra & despois Manuel de vasconcelos, de pelejar hũ pedaço cõ os mouros muy esforçadamẽte os fez fugir, matando muytos deles, & q̃ ymou a tranq̃yra, & recolhida a artelharia se tornou pera Goa, & desembarcou cõ os que forão coele, leuando cada hũ sua cabeça de mouro na mão, p̃a mostra da vitoria q̃ lhes nosso Senhor deu, & por isso forão muy bem recebidos

CAPIT. CVIII.

De como dom Iohão fez no rio de Salsete a fortaleza de São Iohão de Rachol.

VEndo dom Iohão q̃ a guerra se ateaua, & que os questauão no pagode de Bardor não estauão seguros, & pera el rey de Portugal colher as rendas daq̃las Tanadarias q̃ tinha, era necessario ter la gẽte, & esta em lugar seguro dos ímigos, & pera isto determinou de fazer hũa fortaleza em hum lugar que a seu parecer & doutros fidalgos & pessoas principaeis achou muyto bõ p̃a isso no rio de Salsete em hum morro de rocha, que estaua por ele a çima seys legoas da jlha de Goa & hũa do passo de Bóri, & este morro era grãde, & estaua q̃si pegado cõ a terra firme, & ficaua antrele & ela algũa agoa como esteyro, & daq̃la banda se fazia hũ cã po raso q̃ era quasi terra alagadiça com agoa & morraça & ficaua hum sapal. E achado este morro por dõ Ioão logo cõ

a gẽte da armada q̃ lá andaua começou de fazer a fortaleza, & acabou a ẽ espaço de tres meses ou pouco menos, & ẽ todo este tẽpo teuerão os nossos muita guerra cõ os mouros a quẽ pesaua ẽ estremo daq̃la fortaleza, & por isso defendião brauamẽte q̃ não se fizesse: & aç adacã a quẽ pesaua mays q̃ ninguẽ, & era ho q̃ sostinha esta guerra nũca acabaua de mãdar gẽte, & artefícios de fogo, & muytas munições: & nesta guerra fizerão os nossos muito boas cousas em armas, q̃ não escreuo particularmente, porq̃ as não pude saber se não em soma. E com quanto dom Ioão foy bem contrariado dos ĩmigos q̃ não fizesse esta fortaleza, ele a acabou cõ muyta honrra, & acabada foilhe posto nome sam Ioão, a honrra do santo deste nome, & polo rochedo em q̃staua são Ioão de Rãchol, & tinha tres baluartes ẽ triãgulo, & no meyo hũa torre de Menagẽ, & todos cõ muita artelharia & cubertos de telha: era entulhada atẽ o andar das ameas do muro, & tinha sua coyraça, & seruiase por hũa escada dentulho, tam larga & chaã, que podião sobir por ela homẽs a caualo, & desta escada ẽtrauão na fortaleza por hũa põte leuadiça: podiãose bẽ agasalhar nela seys cẽtos homẽs cõ mãtimẽtos q̃ lhe abastasse. Acabada esta fortaleza deu dõ Ioão a capitania a Miguel froez, & deixoulhe sessenta dos nossos, & agoarda daq̃le rio deu a Gonçalo vaz coutinho, que andaua em hũa albetoça bẽ artilhada, & a Iorge de melo soarez q̃ andaua ẽ hũa galé, & isto porq̃ os mouros acodião sempre á borda do rio no passo de Bori a frechar os nossos que passauã nas fustas p͂a a fortaleza, q̃ todas leuauão arrombadas p͂a cõparo dos q̃ hião nelas, & sempre auia pelejas antre os nossos & os mouros. E tornado dõ Ioão a Goa soube q̃ era chegada a armada das naos da carga, de q̃ fora de Portugal por capitão mór Fernão perez dãdrade, & forão seus capitães Fernão de morays, Martim de freitas, Thome de sousa, Luis aluarez de payua Fernão camelo & Iorge mazcarenhas, q̃ chegarã a India a saluamẽto.

CAPIT. CIX.

De como Vasco pirez de saõ payo tomou a fortaleza de Variuene no rio Indo.

VAsco pirez de sam payo q̃ partio de Diu pera yr tomar a fortaleza de Variuene, como a tras disse, andadas oytenta legoas ao longo da costa chegou á foz do rio Indo, q̃ tanto esta de Diu pera ho norte, & ateli chega ho reyno de Cãbaya, & começa outro chamado Vlcinde, em que entra no már este rio Indo, hũ dos famosos de Asia. E surto aqui Vasco pirez vazou a marẽ hũa grande mea legoa & ficarão os nauios em seco, & foy auisado pela gente da terra que despejasse os nauios q̃ ficassem leues quando tornasse a mẽtante dagoa, porq̃ se perderião se esteuessem carregados por trazer grande força, que enchia com macareo, ho que logo fez, & mandando aboyar a artelharia forão postos sobrela os mastos & vergas dos nauios, & quãdo a maré tornou vinha ho macareo tam alto & cõ tamanho impeto & tugido, que os nossos ouuerão medo cuydãdo que os auia de çoçobrar, & assi derã os nauios grandes pancadas na praya, que parecia que se espedaçauã, & passada esta furia foy recolhida a artelharia cõ ho mais.

E aparelhados os nauios entrou a frota no rio, & hi achou Vasco pirez ho capitã del rey de Cãbaya a q̃ os Mogores tomarão a fortaleza, q̃ sabẽdo como Vasco pirez hia ho foy ali esperar cõ a gẽte q̃ tinha embarcada em galuetas, & contoulhe q̃ tanto q̃ os Mogores souberão sua vinda, queimarão logo a pouoação da fortaleza a q̃ se acolherão, & erião cẽto & cincoenta homẽs todos frecheiros, se não oyto que erão espingardeiros, & que não tinhã mays artelharia q̃ quatro ou cinco berços, & q̃ a fortaleza estaua na borda dagoa & era peq̃na & quadrada feyta de barro enuasado, & de rama cõ seus baluartes & cercada de caua. E leuãdo Vasco pirez este capitão cõsigo foy polo rio acima atẽ õde estaua a fortaleza a q̃ chegou de noite, & sem q̃rer saber mais da disposição da fortaleza nẽ da terra, ordenou de dar nela ao outro dia ẽ amanhecẽdo, & repartio o cõbate por tres estancias, hũa auia de ter ele cõ os seus capitães, & Portugueses da bãda do rio, outra Cogeçofar cõ os Turcos, & a outra o capitão del rey de Cãbaya cõ sua gẽte, q̃ era a mais espingardeiros, & não auião de ter outro cuydado se não de tirar aos Mogores que parecessem sobre ho muro, & cada dous capitães Portugueses auião de leuar hũa escada pa sobirẽ ao muro. Isto cõcertado, & encomẽdãdose todos a nosso senhor, desembarcarão ao outro dia ẽ amanhecẽdo feytos em tres escoadrões, & cada hũ se foy ao lugar q̃ lhe era assinado. E cõ quanto os Mogores erão poucos, resistião muy brauamente coessa artelharia q̃ tinhão & espingardas, desparãdo frechas sem cõto, & arremessando muytas panelas de poluora, & muyto fogo outro cõ que logo ferirão bẽ oytenta Portugueses, que foy causa de não poderem chegar as escadas ao muro, saluo Miguel dayalã q̃ foy ho primeyro que sobio, & bẽ cõtrariado & ferido sobio ao muro, donde os imigos o deytarão abaixo, no que correo muyto perigo, & cõ tudo escapou cõ a vida, & a hũ fidalgo chamado Martim afõso de melo punho, q̃ sobia apos ele, ẽ chegando ao quarto degrao foy ferido d̃ hũa frecha na roda do giolho cõ que cayo abayxo, & não sobio mais ninguẽ por nesse tempo arder a escada. E vendo Vasco pirez ho dano q̃ recebia sua gente, mandou a afastar com determinação de descoroar as ameas do muro pa a gente poder melhor sobir, & assi o fez cõ a artelharia q̃ logo mandou tirar em terra: & por se esta obra acabar tarde, não quis cometer a entrada, & ficou pera o outro dia, em q̃ não ouue q̃ fazer por os Mogores fugirẽ aq̃la noyte, do que sendo Vasco pirez auisado desembarcou cõ os seus & foy apos eles, & ainda matou algũs, & tomada a fortaleza entregou ao capitão del rey de Cambaya, & por não ter mantimẽtos & auer algũ desconcerto antrele & Cogeçofar, não fez mais guerra aos Mogores & tornouse pera Diu.

CAPIT. CX.

De como foy começada a fortalez de Diu, pelos Portugueses.

Ho gouernador q̃ estaua em Diu, cõ negocios que teue & em ajuntar pedra cal & madeyra, não pode começar de fazer a fortaleza se não em Nouẽbro, & despois douuir missa cõ todos os capitães

& fidalgos cõ grande estrondo dartelharia, & arroido de trõbetas, & alegre som de charamelas: assentou a primeira pedra desta fortaleza, com muytas moedas douro debaixo dela. E apos ele os outros capitães & fidalgos, que todos cõ muyto prazer trabalhauão, por auer tanto tẽpo que esta fortaleza era necessaria pera conseruaçã do estado da India: por ter a principal porta por onde os Turcos podiã entrar. E coela ficou de todo fechada, como direy no liuro nono quando foy cercada de Turcos. E assi foy começada a obra, pera que el rey de Cambaya mandou ao gouernador doze mil cruzados com nome dalmorço pera a gẽte de seruiço, que deu em grande abastança pera seruirem nesta obra, em q̃ os Portugueses leuauão assaz de trabalho, porque tanto trabalhauão os fidalgos como os outros, & todos erão repartidos por quartos: & os capitães deles andauão ás enuejas de quẽ daria melhor de comer aos de seu quarto, & quem ho daua melhor tinha mais gente, & fazia mais obra. E por isso crecia sempre, o que Garcia de saa tinha a cargo, que era hũ baluarte, a que despois chamarã de santiago, & algũs lhe chamauão de Garcia de saa, porq̃ o fez todo, no q̃ gastou muyto, que daua melhor de comer q̃ todos os outros capitães. E fazendose a fortaleza, soube el rey de Cãbaya como el rey dos Mogores despois de tomar Champanel quisera ir sobre Diu, & não fora por saber que estaua hi ho gouernador, & se foy a Madauá, & a tomou por peyta q̃ deu ao capitão que a tinha. E parecendo a el rey que seria bõ dar hũa sayda polo reyno pera que soubessem seus vassalos q̃ era viuo, & com esperança de os socorrer cõ ho fauor dos portugueses, não se entregassem a el rey dos Mogores. E tomando nisto ho parecer do gouernador, que foy q̃ sy, lhe pedio que lhe desse Martim afõso de sousa pera companheiro, por lhe ser affeyçoado por seu esforço & valentia, & boa conuersação, do que ho gouernador foy contente. E assi lhe deu mais sete ou oyto fidalgos. E quando se el rey partio lhe encomendou muyto suas molheres & seu thesouro: & mais lhe pedio q̃ mãdasse rogar a Niza maluco que lhe não fizese guerra, porq̃ estando seguro de lha não fazer tiraria de sua frontaria Miram muhmalà com a gẽte que tinha q̃ lhe era necessaria pera outra parte. E ho gouernador mandou com esta embaixada a hum caualeiro chamado Gaspar preto, homẽ de muyta confiança,

CAPIT. CXI.

¶ De como Xercansur tomou ho reyno dos Patanes a el rey de Bengala.

Reynando em Bengala Nançarote xá antecessor de Mahumedxá (como disse a tras) determinou el rey dos Mogores pola fama que tinha de seu grandissimo tesouro, de ho conquistar antes dẽtrar na India: & porq̃ não podia entrar se não polo reyno dos Patanes que confina com ho rio Ganges (como disse no liuro quarto falando do reyno de Bengala) cometeo dentrar por ele. E tendo el rey dos Patanes pouca força pa lhe resistir, pedio ajuda a el rey de Bẽgala, que logo lha deu pelo que lhe importaua: & ambos resisti

rão a el dos Mogores & ho fizerã tornar. E ele ido el rey de Bengala prendeo el rey dos Patanes & tomoulhe ho reyno: em q̃ deixou por gouernador Cotufoxa, hum grande senhor seu vassalo, com muyta gente repartida por capitanias, & ele andaua no campo com grãde exercito, em que andaua hum soldado Patane homẽ muyto esforçado, que auia nome Xercã sur, que auendo hum arroido com ho thesoureiro do campo, acodio Cotufoxa aos apartar, & foy morto por desastre: pelo que Xercansur se foy do arrayal. E el rey de Bengala lhe perdoou despois, & ho fez tornar, & pos por gouernador no reyno a hum seu primo chamado çoltão halamo. E despois disto morreo Nançarote xa, de que ficou hũ filho pequenino, em cujo nome gouernaua ho reyno Mahmudxa seu tio hirmão de seu pay, que se leuantou cõ ho reyno (como disse a tras) O que sabido por çoltão Halamo lhe escreueo logo que restituisse ho reyno a seu sobrinho, se não que lhe faria guerra, como fez, & nela foy morto. E Xercansur ho soldado que tenho dito, vẽdoho morto, pos logo em saluo ho tesouro do campo, & recolhendo a mais gente que pode do campo de çoltão halamo, desbaratou a gente del rey de Bengala. O que sabido por ele, & receando que Xercansur se lhe leuantasse com ho reyno, lhe mandou cometer que se fosse para ele, com promessas de muytas merces, que ele não quis sem que ele restituisse primeiro ho reyno dos Patanes em sua liberdade, o que el rey nã quis, & começou de lhe fazer guerra, de que Xercansur leuaua ho milhor.

CAPIT. CXII.

De como el rey de Bengala mandou ao gouernador vinte Portugueses dos que catiuou.

PRosseguindose esta guerra antre el rey de Bengala & Xercansur, q̃ foy causa de Martim afonso de melo, & os outros catiuos terem melhoramento em seu catiueiro. Neste ãno de mil & quinhẽtos & trinta & cinco chegou a Chetigão hum Diogo rabelo que hia da India, a q̃ ho gouernador encomendou muyto q̃ visse se por meyo de Coge çabadim podiria resgatar Martim afonso & os outros, & que lhe pagaria ho resgate, no que ele pos sua diligencia. E como el rey de Bengala estaua muy assombrado da guerra q̃ lhe fazia Xercansur: & auia medo de lhe ho gouernador mandar çarrar Chatigão & Satigão, folgou de fazer paz coele, & mãdoulhe vinte dos catiuos de graça, por hum embaixador que lhe mandou com Diogo rabelo, per quem lhe mandou dizer, que lhe não mandaua logo Martim afonso & os outros, por se temer de ter necessidade deles pera a guerra que tinha, pedindolhe muyto que lhe mandasse socorro, & despoys de vindo lhe mandaria Martim afonso & os outros: a quem rogou que escreuesse ao gouernador q̃ lhe mandasse ho socorro que pedia, dãdolhe a entender que se lho mandasse, que lhe daria fortaleza em Chatigão, & assi lho escreueo Martim afonso. Porem ho gouernador teue tanto que fazer na fortaleza que lhe el rey de Cãbaya deo em Diu, & despois com a morte do mesmo rey, como direy a diante, que nunca pode mãdar ho socorro, nẽ quis despachar ho embai-

baixador sem ho mandar. E el rey de Bēgala ainda que mandou estes catiuos, não quis soltar Martim afonso, temendo que fugisse pera Xercansur, mas mandauaho chamar muytas vezes, & praticaua coele em muytas cousas. E Martim afonso por que ho entendia, nūca lhe quis pedir que ho soltasse, antes se mostraua muyto des cuydado da soltura, por onde elrey folgaua muyto mays coele.

CAPIT. CXIII.

De como Tristão datayde mandou el rey Tabarija ao gouernador da India.

ENtrado ho anno de mil & quinhentos & trinta & cinco, despachou Tristão dataide capitão da fortaleza de Ternate os nauios que auião de ir pera Malaca & pera a India, cuja capitania mór deu a Lionel de lima: a que tambē entregou preso el rey Tabarija com os autos q mādou fazer de suas culpas: & coele mandou sua māy & Pateçarangue, que forão piadosa cousa de ver quādo os tirarão da prisam os prantos que fazião, & as magoas que dizião, vendose leuar de sua terra pera outra estranha, donde não esperauão mays de tornar. E então conheceo Pateçarangue que pagaua ho mal que fizera sem causa a el rey Cachil dayalo seu rey em lhe fazer tirar ho reyno. E partido Lionel de lima com sua frota foy ter à Banda & dahi a Malaca, & despoys à India, onde entregou el rey Tabarija & os outros presos ao gouernador Nuno da cunha, q por os achar sem culpa os deu por liures, & julgou que se desse ho reyno de Ternate a el rey Tabarija: & ele se tornou Christão, & ho gouernador ho tornou despoys à mandar pera Maluco, & morreo em Malaca, como direy a diante.

CAPIT. CXIIII.

De como os Reys das ilhas de Maluco jurarão de fazer guerra a Tristão dataydc.

ATras fica dito a guerra que Tristão datayde fez a el rey de Bachão, do q ele ficou tam escandalizado, que ainda q̄ fez paz não perdia ho escandalo, porque lhe lēbraua quamanho seruidor fora sempre del rey de Portugal, & quam leal, & com quanta diligencia acodira sempre à fortaleza em todas suas necessidades, & verse por derradeiro tam mal galardoado de Tristā dataide, tomoulhe mortal odio & desejou sua destruyção, & queixouse aos outros reys das ilhas de Maluco, que por tambē estarem muyto escādalizados ainda que ho dissimulauão: ho escandalo daquele lhe fez renouar ho seu. E despoys que per recados teuerão algūa inteligēcia acerca de se vingarem de Tristão datayde, ajuntaranse todos em Tidore. s. El rey Cachil dayalo, q fora de Ternate, El rey Cachil Catabruno de Geylolo, El rey Cachil mir de Tidore, & el rey de Bachão, onde todos juntos, alegou cada hū largamente as causas que tinhão pera serē imigos não somente de Tristão dataide, mas de todos os Portugueses, & procurarē sua total destruyção, & assi ho jurarão todos quatro sobre hum Moçafo, que he ho liuro de sua seyta, & por sua cabeça, & polos ossos de seus passados, de se leuātarem cōtra a fortaleza, & fazerēlhe tanta guerra ate que a tomassem, & matassem Tristão dataide, & quantos Portugueses esteuessem nela, ou os deitassem fora da terra,

E sendo caso que ho não podessem fazer por a fortaleza ser socorrida, que então cortarião & queimarião as aruores do crauo daquelas ilhas, & as da noz & da maça & todo outro aruoredo de fruyto, & despouoarião as ilhas, & se irião morar a outras, porque os Portugueses perdessem a esperança de tornar mais a elas, & sobristo perderião todos as vidas & os estados. E ho mesmo juramento fizerão vinte dous hirmãos destes reys, & assi de terē isto em muyto segredo. E logo ali foy ordenado que os da ilha de Ternate auião de ser os primeyros que auiã de começar esta guerra: & que ate eles não irē bem cõ ela por diante, não auião os reys das outras ilhas de bolir consigo. E ho çamarao tambem foy nesta liga, & ainda que não foy presente, deu pera isso seu consentimento Que posto q̃ deuia muyto a Tristão dataide, que de nada ho fizera tamanho senhor, era mouro, que naturalmente sam desleays. E ali foy tambē ordenado, que fizessem crer a Tristão dataide q̃ nas ilhas dos Celebes & Macaçares, & na de Mindanao auia ouro, que as mandasse descobrir, & ele com cobiça ho faria: & como a isso auia de mãdar gente lhe ficaria pouca pera se defender, pelo que aueria pouco que fazer em ho tomar. E que os da cidade de Ternate serião os primeyros que se leuãtassem, & a despouoarião, porque os Portugueses não podessem ter mantimētos: & lhes fizessem coisso mais guerra. E ho çamarao fingiria que lhe pesaua daq̃le leuantamento, & que não era sabedor dele: & se faria grande amigo de Tristão dataide, & ficaria coele pera espia, porque mayor guerra faria em descobrir aos imigos seus segredos do q̃ ordenasse cõtreles que em pelejar contrele.

CAPIT. CXV.

De como os mouros de Ternate despouoarão a cidade.

Isto assi ordenado, fizerão saber a Tristão dataide, que erão chegadas a Geylolo certas corascoras, que vinhão da ilha de Mindanao em que acharão muyto ouro, com o que ele se prouocou a mandar descobrir esta ilha, & mandou a isso hum Ioão de canha pinto em hũ nauio, que a foy descobrir, & tendo descuberta parte dela, foy com tempo ter a outra ilha que estaa ao mār desta, que se chama Siriagoa: & tendo necessidade de fazer nela agoada, fez paz com a gente da terra, sangrandose ele & el rey, & bebēdo hum ho sangue do outro, & desta maneira fica feita a paz. E auēdoa os da terra por muyto firme conuersauão com os Portugueses, & hião ao nauio sem medo. E determinãdo Ioão da canha de se ir, deitou hũ dia mão de quãtos da terra estauão no nauio pera os catiuar, & algũs fugirão deitandose ao mār, & estes forão dizer a el rey a treyção que lhe os Portugueses fizerão, que logo mandou deitar sua armada ao mār, em q̃ mandou meter sua gente pera ir tomar o nosso nauio, cõtra quem foy a velas, & a remos, tirãdo tantas frechadas & arremessos, & com tamanhas gritas, que Ioão de canha com medo mandou cortar as amarras, & dar ás velas & fugio. E ho que pior foy que lhe ficou a artelharia do nauio, q̃ com hum temporal deitou ao mār, E vēdo os mouros que ho não podião alcãçar

tornarãſe. E por iſto que lhe os Portugueſes fizerão crerão todos os males que os das ilhas de Maluco contauão deles. E eſcapando Ioão de canha daqui, acabou de deſcobrir a ilha de Mindanao, em q̃ não achou ouro, & tornouſe pera Ternate. E por aquele anno ſer a moução do crauo, não quis Triſtão dataydе de mandar mays deſcobrir os Celebes nem Maçacares, porque ãdaua muy ocupado em fazer nauios pera carregar de crauo, cõ outras peſſoas que tinhão nele parte. O que viſto polos reys, & deſeſperãdo de diuidirem os Portugueſes por aquela maneira, ordenarão de os diuidir por outra: & foy fazer el rey de Geilolo cõ hũs pouos chamados Tauaros, que erã liures, que fizeſſem guerra ao ſeñor da grã Bocanora & ao Morro: em cujos ſenhorios ſe tornauão muitos Chriſtãos, dos que diſſe a tras, porq̃ ſabião que lhes auia Triſtão dataide de mandar logo acodir, & aſſi o fez, mãdãdo hũa armada de Ternates & de portugueſes á grão Bocanora, & por capitão mór hũ ſeu ſobrinho chamado Iorge dataide, & outra ao Morro, cuja capitania mór deu a Diogo ſardinha capitão mór do mar. E andando eſtes capitaẽs fazẽdo a guerra neſtas duas partes: como os Ternates virão q̃ ficauão poucos Portugueſes na fortaleza, poſerão em effeito ſua determinação, & forãoſe muytos deles ſecretamente em certas corascoras á Batachina do morro junto de Geylolo, onde eſtaua hum Vicente correa meſtre de hũa nao, com outros cortãdo madeira pera eſtes nauios que ſe faziã, & duas ou tres legoas da coſta toparão hũ batel dos noſſos, que Vicente correa mãdaua carregado de madeira pera a fortaleza: & hião nele alguũs Portugueſes & Arabios que ho remauão. E os mouros matarão a treição quantos hião no batel, ſaluo hũ dos Arabios que eſcapou a nado, & foy dizer a Vicente correa o q̃ paſſaua do que elle ficou muyto eſpãtado, por os mouros ſerẽ tamanhos amigos dos Portugueſes. E parecẽdolhe iſto algũ miſterio, acolheoſe logo cõ os outros em hũ batel pa Ternate: & no caminho achou os mouros que matarão os outros Portugueſes: & quando os vio fezſe forte pera ſe defẽder: & conhecendo por iſſo os mouros q̃ Vicente correa ſabia o que fizerão, diſſimularão, & como não lhes fazia tempo pera Ternate, arribarão a Geylolo, & Vicente correa tambẽ pola meſma cauſa. E indo ao longo da coſta topou hum capitão del rey de Geylolo cõ oyto corascoras, que lhe diſſe que hia por ſeu mandado pera o leuar ſeguro, porq̃ ſoubera a treiçã que os mouros de Ternate fizerão aos outros Portugueſes, & porque ho não fizeſem a ele. E iſto fez el rey de Geylolo pera mays diſſimulaçã com Triſtão datayde, que lho mandou muyto agardecer quando ho ſoube: & ficou muy ſuſpẽſo não ſabendo determinar a cauſa porque os mouros farião aquela treição: & agaſtouſe muyto coiſſo, & mays porque não eſtaua ali ho çamarao que lho diſſeſe, que era darmada. E eſtando aſſi, como já os moradores de Ternate a teueſſem ſecretamente deſpejada de ſuas fazendas, hũ dia antemenhaã ſe forão todos: o que ſabido por Triſtão dataide acodio muyto depreſſa: & achando ainda algũs que hião na

trafeyra rogaualhesque não fe foſſem, & ſe eſtauão agrauados dele, ou doutra peſſoa que os deſagrauaria: mas eles nem ſomente ho quiſerão olhar, & forãoſe. E ele não quis que lhe fizeſſem mal polos não eſcandalizar mays, parecendolhe que os amanſaria por bem: mas eles não eſtauão niſſo, & forãoſe pera outros lugares donde eſperauão de fazer a guerra.

CAPIT. CXVI.
De como Triſtão datayde quiſera fazer paz cõ os mouros, & eles não quiſerão.

DEſpejada a cidade, acertou de chegar ho çamarao, q̃ como diſſe era fora com hũa armada, & tanto q̃ deſembarcou com os ſeus ſeruidores & peſſoas de ſua familia: os outros mouros q̃ ficauão na armada fizerão volta nas meſmas corascoras em que hião & ſe forão. O q̃ logo pareceo mal a muytos Portugueſes porque ſabião que ele era muyto mal quiſto dos mouros, por ſer gouernador em q̃ lhes pez: & deſejauão de ho matar, & q̃ não teuerão nunca tam bõ tempo pa iſſo como entào, poys eſtauão leuantados contra a fortaleza, o que moſtrauão em ſe irẽ logo, & poys ho deixauão viuo, não era ſenão por ſer tambẽ na conſulta do leuãtamẽto, & por diſsimulação ficaua na fortaleza pera poder deſcobrir aos outros o q̃ Triſtão dataide determinaſſe: a q̃ deſpois algũs diſſerão eſta ſoſpeita: mas ele criatanto no çamarao que lhe não deu credito E ho çamarao deſembarcado ſe foy logo a Triſtão dataide: & diſſelhe muyto eſpãtado que lhe parecia que a gente de terra era leuantada: porque os da armada em que fora ho quiſerão matar, porque não queria ir coeles: & que ſeu filho ho deſempara ra pera ſer com os aleuantados, & por amor dele ho não matarão, & ho leuarão á fortaleza, onde queria morrer & viuer coele que lhe tanto bẽ tinha feyto, & que a ſeu reſpeito lhe não lembraua natureza nẽ filhos, nẽ outra couſa algũa. E Triſtão dataide muyto crente q̃ era aſsi, lhe fez muyto gaſalhado, dãdolhe grandes agardecimẽtos. E determinando de ver ſe por bẽ podia pacificar a terra, fez hũa armada dalgũs bargantins & paraós que tinha, & aſsi das corascoras da armada del rey de Geilolo, cujo capitão ainda hi eſtaua pera ver o fim q̃ auia eſta guerra, & leuar a noua a elrey. E neſta armada mandou el rey Cachil aeyro, parecẽdolhe q̃ lhe obedecerião os mouros, & aſſeſſegarião daquele mouimento, & hia ho çamarao E eſta armada correo todos os lugares maritimos da ilha, a cujos moradores dezião da parte del rey & de Triſtão dataide, cõ muytos rogos, que tornaſſem a fazer amizade coele, & que ele os deſagrauaria ſe eſtauã agrauados, & faria quanto quiſeſſem: lẽbrandolhes a amizade q̃ ſempre teuerã cõ os Portugueſes, & como lhes chamauão hirmãos, & outras muytas couſas pera os prouocarẽ a paz & amizade. E os mouros como que eſtauão falados reſponderão todos per hũa maneira, dizendo q̃ não obedecião a Cachil aeyro, porq̃ ho não tinhã por rey: & poſto que como a rey lhe obedeceſſem algũ tempo fora por força, q̃ ſeu rey natural era Cachil dayalo q̃ ja tinhão E que quanto a amizade cõ os Portugueſes, eles a tinhão como dantes, & a queriã de muyto boa vontade, ſe eles mataſſem

a Tristão dataydе, a q̃ queriáo tamanho mal por muytos q̃ lhes fizera, q̃ nũca lhe veriáo ho rosto nẽ seriáo amigos dos Portugueses em quáto ho teuessem por capitáo. E sabendoo Tristão dataydе determinou cõ cõselho de lhes fazer guerra, pera ver se fariáo coela paz. E jũta sua armada correo a costa da jlha daq̃la banda da fortaleza, & queymou esses lugares que hi estauáo: o q̃ vẽdo os mouros leuantaráose logo dali, & passaráse pa os altos das serras, & fizeráo hi suas pouoações, q̃ fortalecerã grandemẽte: & porq̃ se temeráo q̃ os Portugueses fossem lá de noyte, & atinassem onde estauáo os lugares, polo ladrar dos cães ou cãtar dos galos, não deyxaráo nenhũs q̃ não matassẽ, & despois disto derã hũa noyte na cidade de Ternate em q̃ ainda morauáo algũs Portugueses & q̃ ymarãna toda, pera declararẽ a Tristão dataide q̃ nũca auiáo de ter paz coele, & dali por diante corriáo á fortaleza de dia & de noite: & deytauáolhe muitas ciladas, cõ m q̃ matauáo & catiuauáo dos q̃ estauã na fortaleza, principalmẽte os escrauos q̃ sayáo por agoa & lenha: E assi saltauáo cõ os q̃ ãdauã a pescar no arrecife & ás vezes lhes tomauáo os paraós & eráo tam sobejos q̃ de noyte não cessauáo de fazer seus saltos cõ q̃ dauáo grãde opressáo aos Portugueses, q̃ cõtinuamente estauã armados, & tirando tiros perdidos com suas espingardas porq̃ como ho não faziáo logo os imigos eram coeles gritãdo & fazẽdo grãdes matinadas. E Tristão dataide porq̃ sua gẽte não leuasse tã má vida, mãdou fazer certas goaritas ao derredor da pouoação dos Portugueses, em q̃ mandaua vigiar algũs espĩgardeyros repartidos per quartos & ho mesmo mãdou fazer na ribeyra pa goarda da armada, & ele tinha a outra gẽte jũta debaixo da ramada á porta da fortaleza pa se lhe fosse necessario acodir a algũ rebate, & ali comiáo & dormiáo. E Francisco de sousa alcoforado capitão da hũa não grossa, q̃ estaua ẽ Talãgame, cõ outros capitães doutros nauios, q̃ auiáo de partir cõ carrega pera a India no Ianeyro seguĩte, como souberáo q̃ a terra era leuãtada, cercaráo logo de trãqueiras & cauas os nauios q̃ tinháo a mõte pa os carregerẽ & bastecerãnas dartelharia pa sua defesã.

CAPIT. CXVII.

De como se leuantaráo os lugares do Morro.

COmo esta guerra foy começada, Tristão dataide mãdou logo auiso ẽ hũ parao ao vigairo Symão vaz q̃ estaua no Morro bautizãdo os q̃ se tornauã Cristãos, pa q̃ esteuesse a recado cõ os Portugueses q̃ estauáo coele & os nã tomassem de sobresalto: mandandolhe tãbẽ dizer q̃ comprasse os mais mãtimentos q̃ podessẽ antes q̃ os Ternates fossem aluoroçar a terra, & a poseste parao mandou Diogo sardinha capitão mór do mar ẽ hũ bargantim, assi pera fauorecer os Christãos da terra do Morro como pera ho trazer carregado de mantimẽtos, mas quando ele chegou, ja achou Ternates, q̃ tinháo dito como eráo leuãtados cõtra a fortaleza, & lhe faziáo guerra, de q̃ não auiáo de cessar ate a não tomarẽ & matarẽ Tristão dataide, & todos os outros Portugueses, q̃ deuiáo deter por imigos pois ho eráo del rey Cachil dayalo seu rey & senhor natural, a q̃ tinháo feyto tanto mal como eles sabiáo

& por essa causa & outras muytas se leuantarão contra os Portugueses, porque ele assi lho tinha mandado: & mandaua a eles como a seus vassalos que lhes não vẽdessem nenhũs mantimentos, & co isto tinhão amotinada a gẽte que os não queria vender. E algũs lugares que erão dos Christãos nouos como ouuirão que os Ternates erão leuantados contra a fortaleza, & que el rey Cachil dayalo era restituydo ẽ seu reyno, renunciarão logo a Christandade que tinhão, & tornarãose gẽtios co modantes, & poserãose da parte del rey Cachil dayalo & assi algũs gentios. E estes erão os que não queriã vender os mantimentos, & faziãnos aleuantar: em tanto que valẽdo ho alqueire darroz a dous vintẽs, tinha sobido a cruzado, & assi ho preço do mais hia cada vez em mayor crecimento. E achando Diogo sardinha isto assi trastornado, fez queixume ao gouernador de çugalá Christão nouo que auia nome Luys correa, que parece que por nã satisfazer a seu queixume, vierão a roins palauras, em que lhe Diogo sardinha chamou cão perro arrenegado: & que estaua em ponto de lhe cortar a cabeça, mostrãdo que ho queria fazer cõ hũa espada dãbasas mãos, & que como fosse na fortaleza auia de dizer a Tristão dataide que ho mandasse enforcar. E ou por esta injuria, ou por Luys correa estar abalado pa deixar a ley de Christo, com ho exẽpro dos outros deixouha logo, & tornouse gẽtio & imigo dos Portugueses, a que defẽdeo que não se dessem nem vẽdessem em sua terra nenhũs mantimẽtos. E cõ tudo em outra parte carregou Diogo sardinha ho bargantim deles, & se tornou pera a fortaleza, & forão coele algũs Christãos da terra, cõ voz de ajudarẽ Tristão dataydé na guerra que tinha cõ os Ternates. Porem a verdade era que hiã ver se os Ternates se tinhão leuantado, que ho não podiã crer: pera que achãdo que era assi se tornassem gentios, & serẽ contra os Portugueses. E chegado Diogo sardinha à fortaleza, que Tristão dataide soube ho aluoroço q̃ hia no Morro não cuydando que fosse mais, mãdou logo hũa champana armada em que hiã certos portugueses pera trazerem mantimentos: & estando estes lá em hum lugar chamado Bicoya forão todos mortos pola gente da terra, que tomou a chãpana com toda a artelharia, & as mais armas que leuaua. E ho mesmo foy feyto a outros Portugueses que hião do Morro pera Ternate em outro nauio. E nesta cõjunção foy morto ho vigairo Simão vaz com quantos Portugueses estauão coele, pela gente da terra que ele bautizara, que lhes tomou quanto tinhão. E isto tudo se fez sem no Tristão dataide saber se não dahi a dias. E vendo ele a necessidade que tinha de mantimentos: & quam dificultosamente os podia auer do Morro, socorreose a el rey de Geylolo, que por mays dissimular sua ĩmizade lhe mandou quatro corascoras carregadas de çagu: & mãdou aos que hião nelas que se deixassem ficar com ho seu capitão Cachil timor, que ajudaua Tristão dataide, a que mãdou fazer grandes offerecimentos dajuda de gẽte pera aquela guerra, & de sua pessoa se fosse necessaria, & de mantimentos: com o que Tristão dataide ficou muy contẽte

de ter por amigo hũ rey tam principal co mo aquele.

CAPIT. CXVIII.

Do espantoso feyto que fez dom Ioam de Mamoya.

EL rey Cachil dayalo ja antes disto á petição dos Ternates estaua apoderado de toda a ilha de Ternate, & outra vez obedecido por rey: & tinha mãdado fazer gente de guerra a Mindanao & a Banda, mandando dizer ho pera que: & como determinaua de tomar os Portugueses, & a causa porque. E sendo lá este recado, acertou de jr a Banda hum jungo de hũ Portugues chamado Lopaluarez, q̃ os Bandaneses tomarão, matando quãtos Portugueses hião dentro. E tomada a artelharia & outras armas, mandarão tudo a el rey Cachil dayalo, que muyto ledo ho mandou dizer a el rey de Geylolo com quem naquele tempo acertou destar hũ Castelhano que fora lingoa na fortaleza, q̃ auia nome Manhoz, que lá fora ter, não soube a que: & como este hia da nossa fortaleza, de que el rey desejaua saber nouas, deulhe hũa escraua & quatro aneys douro: & preguntandolhe despois por nouas de Tristão dataide, disselhe dele mil males: & q̃ por essa causa estauão os Portugueses muy descõtentes dele, & lhe q̃rião mal, & que se ho ajudauão na guerra era polo que lhes hia nisso. E que Tristão dataide estaua muyto apertado coela, por não ter mantimentos, nem esperança de os auer se não dele: & q̃ a guerra estaua já tã trauada, q̃ lhe parecia que nunca os Ternates fariã paz. Porẽ que Tristão dataide adesejaua muyto pera prender todos os reys de Maluco, & os mandar presos á India, como fizera a Tabarija. E assi lhe disse outras muytas cousas que parecião mẽtiras, porque as não podia saber tam particularmente como as dezia; & parecia que era mays por lhe parecer que el rey folgaria co isso, que por ser asi. Do q̃ el rey deitou mão & ho creo: & tendo por certa a guerra dos Ternates & Portugueses, mãdou dizer a el rey Cachil dayalo q̃ estaua prestes pera ho yr ajudar na guerra cõtra Tristão dataide, & cõprir o que tinha jurado com os outros reys, que lhe mãdasse entregar os lugares q̃ lhe forão tomados no morro, a q̃ logo el rey Cachil dayalo satisfez, mandando a isso hũ seu capitão que foy em cõpanhia del rey de geylolo, que leuou a mays poderosa armada q̃ pode. E determinando de yr ao Morro mandou recado a Cachil timor que estaua cõ Tristão dataide que se fosse logo, & leuasse os Christãos do morro, a q̃ tambẽ mandou que se fossem, & asi ho fizerão, sem falarẽ a Tristão dataide, do que se ele espãtou muyto, & logo ho teue a mao sinal. E chegados estes a Geylolo logo se el rey partio pera ho Morro: & tomado ho primeyro lugar despois q̃ foy lá, mandarãno chamar os de çugalá, pera lhe entregarẽ hũ clerigo Portugues chamado Francisco aluarez, que ali bautizara muytos dos q̃ se conuerterã: & algũs Portugueses q̃ stauão coele fazẽdo hũ jũgo pa carregarẽ de crauo, o q̃ lhes sendo discuberto fugirão em hũa coracora: em q̃ leuarã a pedra dara, & ho caliz, & algũs ornamentos de hũa igreja em q̃ se dizia missa. E não poderão secretamẽte, q̃ parte da armada delrey de Geylolo, q̃ ja hi estaua, não fosse

a pos

apos eles. E pelejãdo cõ algũas corascoras que os alcançarão foy Francisco aluares ferido de dez a sete feridas, & cõ tudo ele & os outros pelejarão tão brauamẽte q se escapulirão dos imigos, q por derradeyro os ouuerão de tomar se nã lançarã ao mar os ornamẽtos q leuauão, & como erão de seda, & os imigos cobiçosos, ẽbaraçarãse ẽ os tomar, & por isto, & por sobre vir a noyte escaparão & se acolherão, & sem fazerẽ detẽça forão ter á fortaleza, onde contarão a Tristão dataide o q passaua, do q ele ficou muito agastado, por perder aqle rey em q tinha grãde cõfiança, & por lhe parecer que tambẽ os outros reys se auião de leuãtar. E como andaua tão ocupado co modigo na guerra dos Ternates, nã pode mãdar socorro ao Morro & deixou o feyto á fortuna. Tomado Gugala por el rey de Geylolo tomou despois outros lugares & ho derradeyro auia nome Mamoya, de q era gouernador dõ Ioão de mamoya, a qle gẽtio q primeiro se tornou Cristão, q como ho era verdadeyro, não temeo elrey de Geylolo cõ quã poderoso ya, & pôsse em defensão cõ algũs Portugueses q tinha, q estauão ali os mais dos q andauão no Morro, & tinhão feyta hũa tranqyra cõ algũa artelharia, onde se dõ Ioão meteo coeles, & cõ algũs de sua valia pa se defender ou morrer, porq foy desenganado dos da cidadẽ q se auiã dẽtregar a elrey de Geylolo, como entregarão ẽ chegãdo. E quãdo elrey soube a determinação de dõ Ioão foy sobre a tranqyra, & os Portugueses sem pelejarẽ se lhe entregarã lógo, não aproueitando a dõ Ioão dizerlhe quam mal o fazião, q toda via cõ os q tinha ainda q erã poucos se defẽdeo del rey, cõ tanto esforço q em todo aqle dia ho nã pode entrar: & vinda a noyte q cessou o cõbate, vẽdo dõ Ioão q não se podia defẽder, não quis que sua molher por ser fraca lhe fizesse el rey negar a fé de Christo, & assi a seus filhos q erão peqninos, & por isso matou a ela & a eles, & despois de destruyr seus tesouros, por elrey os não auer, se quisera matar se seus parẽtes & amigos ho não teuerão por força, do que ele ficou muito magoado, & lhes pedio muito q o deyxassem matar, porq melhor seria matarse, que ficar em poder dum tirano tão cruel como el rey, que por ser rey fizera tamanha treyção como fora matar elrey seu irmão, q dedereyto era rey: pelo q lhe qria grãde mal. E cõ tudo não cõsentirão q se matasse, & entregarão se a el rey, q entrado na tranqyra, & sabendo o q dõ Ioão fizera, ho mandou trazer ante sy, & pregũtandolhe como teuera coração pera fazer cousa tão abominauel, respondeo cõ muito esforço, q bẽ sabia q ele & sua molher & filhos erã Cristãos, & como ela por ser molher era fraca, & cõ pouca pma a poderiã fazer negar a fé, & a eles por moços q por isso os matara, q melhor estarião na gloria do parayso, onde cria q auião dir q então nã terra como aqla, do q se el Rey espantou muito, & quisera o fazer tornar mouro, mas nũca pode, posto q ho ameaçou cõ a morte q ele não temeo, nẽ el rey lha deu por rogo de seus parentes. E tomada por el rey esta cidade, em que acabou de tomar os lugares que erão seus, tornou se a seu Reyno muyto ledo & vitorioso com muytos Portugueses catiuos.

CAPIT.

CAPIT. CXIX.

De como os outros reys das ilhas de Maluco se leuantarão.

VEndo el rey de Tidore & el rey de Bachão q̃ a guerra dos Ternates hia auante com os Portugueses, não quiserã mays esperar pera lha fazerem, como antre todos estaua jurado, pera o que logo a juntarão sua gente, que foy muyta, & tãbẽ forão ẽ sua ajuda quatro reys das ilhas dos Papuas, que per cartas entrarão nesta liga: & forão el rey de Vaigama, el rey de Vaigue, el rey de Quibibi, & el rey de Mincimbo. E determinados estes reys de romperẽ a guerra com Tristão dataide, porque lhe não parecesse que lha fazião por cobiça, não quiserão catiuar nenhum dos Portugueses que estauã fazẽdo crauo em seus senhorios, nem tomarlhe cousa algũa do que tinhão. E el rey Cachil mir de Tidore, mandou chamar Iorge goterres, Ioão figueira & outros portugueses q̃ là estauão, & preguntoulhes se querião ficar coele ou irse pera a fortaleza, a que determinaua de fazer guerra, dizẽdo as causas porque. E sabendo deles que se queriã ir, os mandou, dãdolhes embarcação em que leuarão tudo o que tinhão: & por eles mandou pubricar a guerra a Tristão dataydé, que ficou coisso bem agastado, nã por medo dos mouros, mas pola falta que tinha de mantimentos. E a pos estes portugueses que forão de Tidore, chegarão outros da ilha de Maquiẽ & da de Mouel. El rey Landim de Bachão tambẽ mãdou hum Francisco mendez dorta com outros, & todos forã mortos no caminho por os Ternates que os encontrarão, ou por outros seus amigos. Por cuja vingãça quando Tristão dataide ho soube, foy sobre hum lugar chamado Mongue perto da fortaleza, que estaua bẽ fortalecido de tranqueiras & prouido de mouros, com que Tristão dataide & os Portugueses q̃ hião coele ouuerão hũa braua peleja assi de feridos como de mortos: & com tudo ho lugar foy entrado. E ho primeiro que entrou foy hum Iorge de brito, de que fa ley a tras, & carregarão sobrele tãtos mouros, que ho ouuerão de matar se não fora socorrido por hũ Baltasar vogado Deuora, que eu conheci, muyto valente caualeiro, & por Iorge dataide, & Antonio de teyue, & por Tristão dataide, & por outros, que pelejarão com tanto esforço, q̃ com quanto os mouros erão muytos, & eles poucos os fizerão fugir: & ficarão feridos Iorge de brito, Andre pinto. Anriq̃ jorge. Afonso teixeira, & outros algũs. E saqueado ho lugar & queimado, tornouse Tristão dataide pera a fortaleza, ficãdo os mouros muyto magoados por a perda daq̃le lugar, q̃ estaua muyto forte.

CAPIT. CXX.

Do que fez Tristão dataydé prosseguindo a guerra. E de como Frãcisco de sousa tomou Turutoo.

NEste tẽpo chegou a Ternate hũ fidalgo chamado Simão sodré, em hũa carauela cõ socorro a Tristão dataide que ho mandaua dõ Esteuão da gama capitão de Malaca: & foy por Borneo, & logo a pos ele chegou Ioão de canha pinto de descobrir a ilha de Mindanao. E com a vinda destes dous capitães ficou Tristão dataydé muyto ledo, por trazerẽ gẽte, de que tinha grãde necessidade pera se defender daq̃les reys q̃ esperaua que fossem cercar a fortaleza: do q̃ eles estauão bẽ fora,

que

que não se atreuião a isso, por não terem tiros pera darem bateria, nem saber pera ho mais, & por isso determinarão de lhe fazerem guerra guerreada por mar, & tomar os Portugueses com fome. E em quãto se apercebião pera isso não quis Tristão dataide estár ocioso, porque estaua tam apertado, que não tinha outra saluação se nã fazer guerra aos mouros da ilha, & destruyrlhes as pouoações, porque nisso auia algũs mantimẽtos que se tomauão nelas. E porque não pude saber por ordem, nem particularmẽte o que fez Tristão dataide na guerra que teue com os Ternates, & cõ os outros mouros de fora, que lhe corrião por már ate a moução de partirem as naos pera a India, não posso tambẽ contar as cousas por ordem, nem particularmente, se não em soma: & despois da vinda de Simão sodré foy por mandado de Tristão dataide a hũa pouoação de mouros, q̃ estaua perto da fortaleza sobre hũa serra, a q̃ chegou ẽ amanhecẽdo cõ certos Portugueses que hiã cõ ele: & deu nela tã de supito, q̃ os mouros ficarão tam salteados, que não teuerão acordo pera se defender, & fugirão logo quasi todos, se não algũs que pelejarão quasi nada, & ferirã hũ Portugues chamado Fernão da silua. E saqueado ho lugar foy queimado, & Simã sodré se tornou á fortaleza. E vendo Tristão dataide tam bõ começo em tempo de tanta desauentura, como era muyto esforçado & sabedor na guerra, não quis deixar esfriar esta vitoria, & prosseguindo auante, mandou destruyr per Simão sodré as vilas de Tututó, Palatia, & Calamata, & nesta fizerão os mouros muy dura resistencia pelejando brauamente, & os Portugueses tambem, de que forão feridos alguũs, & hum deles se chamaua Ioão freire, que ouue cinco feridas, de que despoys esteue em perigo de morte. E na tomada doutra vila chamada Gico, ho fizerão os Portugueses tam esforçadamente, que a tomarão & queimarão, & foy ferido hũ Baltasar veloso dhũa espingarda que lhe quebrou hum braço. E com todas estas vitorias estauão os mouros tam duros no odio que tinhão a Tristão dataye de, que não querião coele paz, posto que depois lha mandou offrecer per algũas vezes, & ho çamarao lhes mandaua dizer q̃ a não fizessem, porque os Portugueses nã podião durar muyto, por a grande falta que tinhão de mantimẽtos, que não auia mays que os que tomauã nas pouoações: com o que se os mouros esforçauão pera prosseguirẽ a guerra. E todos os que fugião destes lugares que Simão sodrẽ destruyo se ajuntarã, & asi outros doutras partes, & fizerão hũa pouoação sobre hũa rocha no mais alto da serra, que fenece perto da fortaleza da parte do ponente, & dali pera baixo erão dambas as bandas de pena talhada, & cercada de dous profundissimos vales, q̃ era medo oulhar pera bayxo. E a seruentia desta pouoação era na bicada desta serra, per hũa vereda tam estreita, que não se podia yr por ela, se não hũa pessoa diante doutra: & ainda quasi em pés & em mãos, por ser demasiadamente ingrime, & com passos muy asperos. E afora isso ho pé da serra por onde era ho caminho, estaua cercado de hũa caua em que auia muytos esterpes ao derredor:

& perto da pouoação hũa tranqueira bẽ artilhada, que goardauão muytos espingardeiros. Nesta pouoaçã que auia nome Turutó se tinhão os mouros por seguros por sua fortaleza, & corrialhe daqui a miude, & punhãlhe ciladas, com que fazião muyto mal aos Portugueses & os punhã em grande trabalho, O que Tristão dataide sintia em estremo; & mais porque fora duas vezes pera destruyr este lugar & não pode fazer nada. E vendo que era escusado, por ho caminho que estaua fortalecido, não quis lá mais tornar, ate não ter quem soubesse outro caminho menos perigoso: & trabalhando por auer alguẽ, mãdou a isso Baltesar vogado, & Esteuão de chaues, que deitados em cilada em hũ vale, tomarão certos mouros, que prometerão a Tristão dataide de ho leuar a Turutó por caminho sem perigo. E porque ho feyto era grande, mandou pedir a Francisco de sousa que estaua em Talágame, que ho ajudasse com a gente q̃ tinha, deyxando nos nauios a goarda necessaria. E como Fráncisco de sousa desejaua muyto de seruir el Rey, foy de muyto boa vontade pera ho seruir nisso. O que visto por Tristão dataide lhe deu a capitania mór deste feyto, & não quis ir lá. E deulhe por seus capitães Antonio de teyue, & Antonio pereira, os quaes foy assentado q̃ fossem com a mayor parte da gente que hia com Frácisco de sousa pelo caminho sem perigo, & Frácisco de sousa fosse pelo perigoso & cometesse ho lugar, perá q̃ cuydassem os mouros que era toda a gente & acodissem ali. E entre tanto Antonio pereyra & Antonio de teyue ho entrarião, & tomarião. Isto assentado partiose Fráncisco de sousa bem de noite, & onde se fazia ho caminho sem perigo pera Turutó mandou Antonio pereira & Antonio de Teiue que fossem por ele com as guias q̃ leuauão, & ele em amanhecẽdo se foy cõ sua gente dereito á trãqueira dos imigos que como ho virão derão hũa grande grita, desparando suas bombardadas, que nã empecerão aos Portugueses por estarem mais altas que eles. E vendo que lhes não fazia nojo çarrarão com a tranqueira, tirãdose de hũa parte & doutra muytas espingardadas. E nisto chegarão Antonio pereira & Antonio de teyue com sua gente & dão por as costas do lugar, entrãdo cõ grande estrondo de gritas & espingardadas, com que os mouros cuydando q̃ era todo ho mũdo sobreles, foy ho seu medo tamanho que fugirã a quem mais podia, E francisco de sousa & os outros capitães os seguirão, matando & ferindo ate despejarẽ ho lugar, que logo foy todo queymado & destruydo com morte de muytos mouros, sem dos Portugueses morrer nenhum. Isto feyto tornouse Francisco de sousa pera a fortaleza, onde foy bem recebido por feyto tam façanhoso.

CAPIT. CXXI.
Do que aconteceo a Tristão dataydc com a armada del rey de Tidore.

COm quanto a perda deste lugar foy muyto grande pera os mouros, não desmayarão pera deixarem de prosseguir a guerra. E pera a fazerem dali por diante mays aspera & com mays sua segurança leuantarão todas as pouoações que ainda lhes ficauão daquela parte do ponente, onde

onde estaua a fortaleza, & passarãse pera a banda do leuante, com o que Tristão dataide ficou mays desaluado, porque como os imigos estauão mays afastados da fortaleza não lhe corrião tanto a miude: mas dessas vezes que lhe corrião, faziã muyto dano aos Portugueses, tomando lhe ho gado que sahia a pacer, & catiuãdo os escrauos q̃ hião ao mato, & quãdo hiã sobre algũas pouoações pdião o caminho à mingoa de guias: & primeiro que chegassem a elas os sentiã os mouros, que cõmo ho mato he muyto çarrado, & a terra muyto fragosa & sem caminhos, punhãose em passos onde se podião ajudar deles, & os ferião & matauão sem recebe rem dano, & recebendo os Portugueses muyto se tornauão sem fazerem nada. E outras vezes leuauão tambẽ os mouros ho milhor em algũas pouoações que os Portugueses querião tomar, donde se tornauão feridos & mal tratados, defendẽdo lhe os mouros que as não tomassem. E hó mesmo trabalho que tinhão os da fortaleza, tinhão os que estauão em Talãgame com Francisco de sousa nos nauios da carga, salteandoos os imigos por terra quando hião buscar mantimento, & por mar, Principalmente despois que os reys de Tidore, de Geilolo & de Bachão soltarã suas armadas que trazião por mar, com q̃ dauão assaz de fadiga a estes Portugueses q̃ estauão em Talangame, que às vezes lhes sahião em seus paraos & champanas, mas como erão poucos sempre leuauão a peor E vindo hũa vez certas corascoras de Tidore, sayranlhe os Portugueses, cujos capitães forão hum Luys do casal valente caualeiro, & hum Fernão anriquez, & outros. E receãdo os mouros a artelharia dẽs Portugueses, fizerão volta retirandose, & eles forão depos eles às bombardadas: & vendoos fugir seguirãnos ate os meter no porto de Tidore. Do que os mouros se ouuerão por muyto injuriados, & determinando de se vingar, poserão hũa cilada de muytas corascoras detras de hũa põta per to de Talangame, donde mandarão tres que corressem aos nauios dos Portugueses, & se chegassem a eles ho mais que podessem, pera os maisatiçarẽ a sayrlhes, & entã se retirassem de vagar, ate os meterẽ na cilada, & assi ho fizerão. E leuarão Luys do casal, & Fernão anriquez, q̃ lhe sayrão em dous paraos ate dobrarem a ponta onde estaua a cilada, & ali voltarão sobre les: & nisto sayrão os da cilada, & pegarã com Luys do casal que acharão diante, & assi como Fernão anriquez os vio pegados coele, acolheose pera Talangame, & deixou Luys do casal, & os outros que ho ajudauão, que despoys de pelejarẽ valentemente forão todos mortos. E os mouros se tornarão pera Tidore muyto ledos, por serem os primeiros que matarã Portuguẽses em batalha de mar, o que lhes parecia impossiuel, por amor da artelharia a que auião medo, & dali por diante lho perderão. O que Tristão dataide sintio tanto como a perda daqueles Portugueses: & por isso determinou de não deixar passar aquilo sem vingança, & embarcouse em sua armada, cujos capitães forão Diogo sardinha, Antonio de teyue, Antonio pereyra, Baltasar vogado, Francisco de sousa, Simão sodré, Estevão de chaues, & outros

fidalgos & caualeyros, & partiose pera Tidore, cõ proposito de destruir a cidade mas os mouros não lhe derão esse vagar, antes ho forão receber ao mar em sua armada, que era muy grossa a respeito da de Tristão datayde, que quando os vio ficou espantado de sua ousadia: & mandando dar fogo a seus tiros, começoulhes de tirar. E os mouros que lhe não auiã medo, fizerão ho mesmo com os seus, & começase hũ brauo jogo de bombardadas & espingardadas. E se os mouros teuerã os nauios tam fortes como os dos Portugueses sempre aferrarão com eles: & se ho fizerão não ficara nenhũ viuo dos nossos, porque os mouros erão muytos & bẽ armados: & porem ho medo de lhe meterẽ os nauios no fundo os estoruou de aferrarem, nem os Portugueses ousauão de os aferrar, porque os vião tantos. E assi andarão hum bõ pedaço neste jogo. E vendo Tristão datayde que lhe falecia a poluora & que não fazia nada, começou de se retirar & os seus coele, ate que voltarão de todo pera a fortaleza, seguindoo sempre os mouros, & dãdolhe muytas apupadas, ate que se enfadarão, & tornaraose pera Tidore muyto soberbos coesta vitoria, & perderão de todo ho medo que tinhão de Tristão datayde, que eles auiã por muyto esforçado. E entendendo ele os mouros não quis mays sayr da fortaleza a pelejar, nem por terra nem por mar: & tambem por amor do despacho dos nauios da carga que auião de partir pera a India.

C A P I T. C X X I I.

De como indo hum capitão del rey dos Mogores sobre Baçaym deyxou de hir com medo dos Portugueses

EL rey de Cambaya como fica dito atras) fazendo ho gouernador a fortaleza em Diu deu hũa sayda por seu reyno pera que soubessem que era viuo. E forão coele Martim afonso de sousa, & outros sete ou oyto fidalgos: & andando la soube como el rey dos Mogores tomara a cidade de Madauá, principal de Cambaya quando seus reys erão gentios. E estando el rey de Cambaya em hũa sua cidade, hum dia antemenhaã lhe derão rebate q̃ vinhão os Mogores, & foy ho medo tamanho que se os Mogores forão tomarãna. E el rey de Cambaya se sahio logo & tornouse a Diu. E sabendo ho gouernador estas nouas, & receando que os Mogores fossem sobre Baçaym & ho tomassem, mandou a Garcia de saa que fosse pera lá, por ter acabado ho baluarte que tomou a cargo de fazer na fortaleza, que auia nome Santiago, & deulhe quatrocentos Portugueses que fossem coele: & mãdoulhe que ajuntasse antretanto os materiaes pera hũa fortaleza que auia dir fazer como acabasse a de Diu: & assi ho fez. E estãdo ele em Baçaĩ, chegou hi Gaspar preto, que fora com embaixada do gouernador a Nizamuluco senhor de Chaul, sobre que não fizese guerra a elrey de Cambaya, que ho concedeo por amor do gouernador: & lhe offreceo sua ajuda: & Gaspar preto disse a Garcia de sá q̃ vĩdo de lá pa Diu, teuera por noua q̃ hia hũ capitão do rey dos Mogores sobre Baçaim com vinte mil de caualo, & gẽte de pé sem cõto, pera ho tomar cõ toda sua comarca, & dalo a Melique toção q̃ fora señor dele,

&

& se lançara com el rey dos Mogores no desbarato del rey de Cambaya. E que os corredores desta gente chegarão dele tão perto que catiuarão algũs de sua cõpanhia, pelo que lhe fora forçado leixar ho caminho que leuaua & se acolher a Damão, & dali se fora por mar a Baçaim. E garcia de saa ficou muyto triste coesta noua, porque já a tinha, & a gente da terra: & assi os Portugueses estauão com grãde medo por saberem quantos erão os Mogores, & eles tam poucos. E por isso Garcia de saa nã se estreueo a esperalos: & mais quã do soube quam perto estauão, porq̃ a fora não ter mais de quatrocentos homẽs, & os ĩmigos não terem conto, não tinha on de esperasse seu primeiro impeto senão no campo, o que era perigo grandissimo, porq̃ com os ĩmigos tirarẽ nomais q̃ cada hũ sua frecha lhos matarião todos. E por isso Garcia de saa com ho parecer de Gaspar preto & doutros, determinou de se embarcar & irse, o que sintindo a gente da terra, & algũs mercadores estrãgeiros, que se auião por seguros com a estada de Garcia de saa, deranse por perdidos entendendo que se queria ir, & chorauão sua desauentura. E era piadosa cousa de ver ho gritar das molheres, ho chorar dos meninos, & ho lamentar dos homẽs, & a este som entrouxarã os Portugueses seu fato. E como isto era tamanha quebra do credito que tinhão, principalmente naquele tẽpo, em que toda a cõfiança del rey de Cãbaya estaua neles, pareceo muyto mal a Antonio galuão, que não sabia o q̃ Garcia de saa tinha assentado: & quando ho seube lhe pareceo muyto mal, & disselhe. Vos senhor não me negareys que quãdo aqui viestes por mãdado do gouernador que não sabieis que os homẽs que trazieis não erão mays dos que agora sam, a respeyto dos ĩmigos que nesse tempo imaginastes muy bem quantos auião de ser, poys querião tomar esta terra, a q̃ ho gouernador vos mandaua pera lhe resistir, & bẽ sabieis então que não tinheis onde vos defender se não no cãpo pelejando, & poys vos então não escusastes, podendo ho fazer sem deshonrra, q̃ o não sabia ninguẽ, não vos escuseis agora, com ficar deshonrado, & os Portugueses cõ descredito poys he em pubrico. E por soster este q̃ eles ha tantos annos que tem ganhado na India, será muyto seruiço de Deos & del rey perder as vidas que durão tão pouco, & isto vos requeiro da sua parte que ho façais, quanto mais que sem as perder, nos podemos defender com a artelharia & espingardaria que temos, q̃ nos defenderão a dianteyra, & a traseyra ho mar, & mays faremos muy asinha hũa tranqueyra de quanta madeyra aqui temos, que cõ hũa caua ficarà fortissima. E muytos que estauão com Garcia de saa estauão tam assentados em se hir: que não somente lhes não pareceo bẽ o que dizia Antonio galuão, mas nem deixarão Garcia de saa que lhe respondesse, antes começarão de dizer todos q̃ era escusado aq̃le conselho. E vendo Antonio galuão q̃ ho não q̃rião poer em pratica, foyse muyto agastado. E parecendo muyto bẽ a Garcia de sá o q̃ dissera, assentou de ho fazer, & dizendo ho a todos foy a pos ele, & louuando lhe muito seu cõselho ho tẽ mou, & pediolhe que

fizese a metade da trãqueira, & assi a fez, cõ o q gẽte assi da terra, como estrãgeiros se ajũtarão todos cõ Garcia de sá pera ho ajudarẽ. E sabendo ho capitão dos Mogores quã fortalecido ele estaua, deixou de yr a Baçaim, & tornouse, cõ o que os portugueses ganharão muyta hõra & credito & assi Antonio galuão q deu ho cõselho.

CAPIT. CXXIII.

De como el rey de Cãbaya quisera fazer hũ muro antre a nossa fortaleza & a cidade.

Desapressado Baçaim dos Mogores partiose Gaspar preto pera Diu, & deu a reposta de Nizamaluco ao gouernador q a disse a el rey de Cambaya, que ficou muy desaliuado, sabendo que lhe não auia Nizamaluco de fazer guerra: & então ficou muyto mays descontẽtedo q andaua dãtes por ter dada a fortaleza em Diu ao gouernador, porq lha dera cõ tenção que cõ a ajuda q lhe desse, deitaria fora de seus reynos os Mogores, & ele via q ho gouernador nã podia, pelo q se achou muito alcãçado, & ja que não tinha remedio pera ao presente estoruar que não se fizese a fortaleza, determinou de ver se a poderia çegar, cõ lãçar hũa parede antre la & a cidade, pera despois q se ho gouernador fosse fazer naqla parede baluartes com q podesse bater a fortaleza & tomala. Isto determinado, mandou dizer ao gouernador por Ninarao capitã de Diu, & por Ioã de Santiago seu lingoa q lhe deixasse fazer a parede que digo: & ho gouernador lhes disse q ele respõderia a el rey por seu messageiro, & sobre esta reposta fez cõselho em que pposto o q lhe elrey mãdara dizer, & Martĩ afonso de sousa foy de voto que se cõcedesse a el rey que fizesse a parede, por q como era apetitoso passarselhehia aqle apetite & nã a faria. E Fernã rodriguez de castelobrãco ouuidor geral & outros disserão q por nhũ modo se lhe cõcedese, porq logo a faria, & feita seria peor dessazerẽlha, & deste voto foy ho gouernador: & isto determinado, assentouse q Fernão rodriguez lhe fosse dizer que se a fortaleza era sua, & os portugueses seus, q pera que era aquela parede, & por isso era escusada. E quãdo lhe Fernão rodriguez deu este recado, elrey se agastou & respõdeo muito aluoroçado, que queria aquela parede, pera que hũ Portugues não teuesse lugar de yr matar hũa vaca ahũ seu gẽtio, ou fazer outra cousa de q se seguisse escandalo antre os mouros, & os portugueses, o que ele não queria por amor damizade dãtrele & el Rey de Portugual. E todauia insistia q auia de fazer a parede, sobre o q se passarão algũs recados antrele & ho gouernador, q leuaua fernã rodriguez, & apertãdo mais el rey em fazer aqla parede, mãdou dizer ao gouernador que quãdo fizera coele ho cõtrato das pazes, não se obrigara mais q a deixarlhe fazer huã fortaleza, & não a serlhe sogeito, & segũdo via ele ho queria sogigar, pois lhe queria jm pedir que não fizesse hũa parede ẽ sua terra, que lhe não goardaua ho cõtrato, & a reposta deste recado foy acordada em conselho, q Fernã rodriguez respondesse a el rey ho mais brãdamẽte q podesse ser, & qndo de todo em todo insistisse na parede, q o desenganasse q lha não auia o gouernador de deixar fazer. E Fernão rodriguez foy a elrey, que lhe falaua pelo lingoa Ioã de santiago, &

quando el rey vio que lhe não concedia ho gouernador a parede, começou de falar alto que lhe não goardauão ho contrato em nhũa cousa, & que pedira mil homẽs ao gouernador pera lhe yrẽ goardar Baroche, & que lhe não dera mais de cẽto, & pois lhe quebraua a paz q̃ auia de fazer a parede. E fernão rodriguez lhe disse que em nhũa maneira lho auia ho gouernador de consentir, porq̃ nẽ os Portugueses auião de querer que lho consentise, do que elrey ficou muyto menẽcorio, & chamou perro a Ioão de santiago, porque lhe dizia tal cousa, & despois disse que os portugueses lhe chamauão doudo, & que ele ho era pois fizera o que fez, & porem que tãbem os doudos atentauão pelo q̃ lhe cõpria. E coisto se foy Fernão rodriguez, & elrey ficou muito agastado do desẽgano que lhe ele deu, por auer aquilo por grãde quebra, & se ele podera logo se vingara do gouernador, mas como tinha pouco poder, & os Mogores estauão em Cambaya, não ousou de bolir consigo, & dali por diante teue mortal odio aos portugueses, & determinou de lhes tomar a fortaleza como teuesse tempo, & com tudo dissimulou este odio, & esteue algũs dias arrufado sem se ver com ho gouernador, a que mandou dizer por Ninarao, que pois não queria que fizesse a parede, que a nã queria fazer, mas que lhe desse gente pera fazer guerra aos Mogores como lhe tinha prometido, sobre ho que ho gouernador teue conselho, em que foy acordado que lhe não desse gente, porque não seria muito pedila elrey pera a matar á treição, que se lhe respondesse que lha não podia dar por ter pouca, que pera ho verão que juntaria mais lha daria, & coesta reposta se agrauou elrey muyto, & disse q̃ não podia ho gouernador negar que lhe não compria ho cõtrato, & poys assi era q̃ ho não podia ajudar q̃ buscaria seu remedio, & mandou a Ninarao que dissesse ao gouernador como que ho auisaua que ele se queria yr pera Meca. E sabido isto pelo gouernador logo pos em conselho o que faria, em que foy acordado q̃ ho deteuessẽ, porq̃ não era tẽpo de ho deixarẽ yr, pola diuisam q̃ auia em Cãbaya. E cõcertado antre ho gouernador que se vissem, porquãto el rey estaua fora da cidade na quinta de Melique, virãse na ponta de Diu, onde ho gouernador foy em hũa fusta, & forão coele Martim afonso de sousa, Manuel de sousa, dom gonçalo coutinho, & fernão rodriguez de castelo branco ouuidor geral, & Ioam da costa secretario do gouernador, a que el rey estaua esperãdo em hũa fusta, acompanhado dalgũs señores do seu reyno ate quatro ou cinco, & o gouernador entrou na fusta del rey, & ãbos de dous se meterão no toldo, & os fidalgos & senhores ficarão de fora, & ali fez elrey hũa comprida pratica ao gouernador, em que lhe resumia as condiçoẽs do contrato q̃ era feito antreles, & que não sõmẽte lho quebraua em lhe impidir a parede, mas nem lhe daua a gente que pedia aqueixãdose muyto dele. E ho gouernador lhe disse que por estar doente lhe nã respondia, que lhe responderia Fernão rodriguez que sabia bem aquele negocio, do que sendo elrey contente, Fernão rodriguez lhe disse, q̃ no cõtrato que ele fizera

com ho gouernador, não estaua q̃ fizesse a parede que dezia antre a fortaleza & a cidade: & por isso não se deuia de aqueixar dele que lho não guardaua: quanto mays que fazendose aquela parede a fortaleza ficaua cõ a artelharia cega & não valia nada, o que ele não auia de querer poys a desta liuremente, & poys era parele tam proueitosa como pera os Portugueses, q̃ erão todos seus: & estauão ali pa ho seruir quando fosse tempo, & porq̃ então ho não era, por ser entrada dinuerno, lhe não daua ho gouernador a gente que lhe pedia, com q̃ por derradeiro nã auia de fazer nada, porque a inuernada ho não auia de deixar andar pelo campo, que pera ho verão q̃ poderia andar por ele lhe daria a gente q̃ quisesse, & que ainda q̃ aquilo nã esteuera no contrato abastara pera ho fazer, a võtade que tinha de ho seruir, & que não cuydasse outra cousa nem q̃ lhe não goardaua o contrato, porque seria sem rezão, & cõtra o que deuia ao desejo que ho gouernador tinha de o seruir. E assi lhe disse outras cousas com que el rey abrandou, & ficou satisfeito, & prometeo de se tornar pera a cidade: & disse que não hia logo com ho gouernador, porq̃ não parecese aos mouros que hia por força: & o gouernador se tornou. E como el rey era inconstante, ainda despoys disto teue algũas refegas darrependimento do que fizera, com q̃ mandou aq̃la noyte engeitar a paz ao gouernador: & polo seu secretario lhe mandou ho contrato, dizendo q̃ lho não goardaua: & na mesma hora foy a ele Fernão rodriguez, per mandado do gouernador ẽ hũa fusta, & acompanhado da sua guarda. E falãdo a el rey ho assessegou de maneira, que ao outro dia se foy pera a cidade como tinha prometido, & tornou a ser amigo do gouernador, ainda que fingido, porq̃ determinaua de tomar a fortaleza como teuesse tempo.

CAPIT. CXXIIII.

De como os Mogores forão desbaratados.

MIrãomuhmalá sobrinho del rey de Cambaya, que estaua na frõtaria de Damão cõtra ho Nizamaluco: despoys que vio que os Mogores não ousarã dir sobre Baçaim cõ medo dos Portugueses, não quis ali estar mays, porq̃ Nizamaluco não auia de fazer guerra el rey seu tio que lhe mandou gente pera q̃ com aque tinha fosse fazer guerra aos Mogores q̃ andauão no reyno de Mãdou, a que ele foy leuantido ainda mays gente q̃ lhe Nizamaluco deu pa ho ajudar naquela guerra: & la se ajuntou cõ alguũs capitães del rey de Cambaya, que tinhão por ele algũas fortalezas, & deles soube como el rey dos Mogores era partido pera ho reyno de Bẽgala ao conquistar pela grande fama do tesouro que tinha el rey de Bengala, & que deixara em Mandou algũs capitães cõ gẽte de goarnição: a que Mirãmuhmalá fez logo a guerra, com q̃ os apertou em estremo, & assi com fome, porq̃ como estauão nas fortalezas & não erão senhores do cãpo, não podião auer mantimẽtos, & morrerão muytos á fome, & de trabalho, & dos outros hũs se forã buscar ho seu rey, outros se ajuntarão cõ Mirzãohamet sobrinho do seu rey, que se foy despois pa el rey de Cãbaya, que cõ a diminuyção dos Mogores ficou muyto fauorecido: &

dali por diante lhe acodio muyta gẽte, cõ que despois cobrou seus señorios sem ter necessidade da ajuda dos Portugueses.

CAPIT. CXXV.

De como dom Ioão pereyra capitão de Goa desbaratou çoleymão haga.

DVrando a guerra dantre Açadacão & dõ Ioão pereira capitão de Goa, sobre querer tomar as tanadarias de Salsete & de Bardés, tornou Açadacão a mãdar sobreles çoleymão haga seu capitão com noue mil homẽs, de q̃ erão sete mil Balagatinos, em q̃ entrauão duzentos de caualos ligeyros & cincoẽta acubertados & os dous mil estrangeiros brancos, & destes dous mil os mais frecheiros & espingardeiros. Entrado çoleymão haga nas tanadarias com esta gente, não quiserão os da terra por seu medo pagar mais as rẽdas que dantes pagauão aos tanadares Portugueses, que logo escreuerão a dõ Ioão pereyra capitão de Goa, requerẽdolhe q̃ lhes acodisse, a que ele partio logo cõ quatrocẽtos Portugueses, trezentos de pé, de q̃ foy por capitã Payo rodriguez daraujo, & cẽto de caualo, em q̃ entrauão Iurdão de freitas da ilha da madeira capitão do campo, Galuão viegas adail de goa, Manuel de vasconcelos casado, Galaz viegas, Diogo botelho dandrade, & outros a q̃ não soube os nomes, & mil piães da terra, de que forão capitães Crisnã & Ralú dous gẽtios Coesta gẽte partio dom Ioão na entrada de Feuereiro: & chegado a Rachol soube q̃ estaua çoleimã haga dali a hũa legoa, & logo por hũa lingoa q̃ tomou soube q̃ era aleuãtado pa mais longe, cõ medo q̃ auia de pelejar coele polo ter por muyto esforçado. O q̃ sabido por dõ Ioã determinou de ho ir buscar: & indo polo caminho soube de Galuão viegas q̃ hia diãte descobrindo ho cãpo, que çoleimão estaua cõ sua gẽte na bicada de hũa serra dali a duas legoas a cuja vista chegou aos noue de feuereiro: & seria a espaço de mea legoa. E quando os Portugueses virão tantos mouros espãtarãse muyto, por não saberẽ dantes quantos erão, nẽ os fazião a dõ Ioão tantos: a q̃ algũs disserão que se tornasse, porq̃ seria doudice cometerẽ a tantos mouros, Do q̃ dom Ioão ficou muyto agastado por lhe parecer q̃ ho dizião cõ medo, & ajuntãdo esses principays lhes disse. Pareceme señores q̃ vos vẽ de pouca fé em nosso senhor, dizerdes que nos tornemos sem cometer estes mouros, como q̃ não fossem eles os q̃ nos fugirão muytas vezes: & os q̃ nos nũca poderão impedir q̃ não fizessemos a fortaleza de Rachol, pois eles não sam agora mais esforçados q̃ então, nẽ vos tẽdes agora menos esforço q̃ quando vos eles fugirão: & o q̃ vos parece q̃ vos ha de saluar, isso vos deitará a pder de todo, porq̃ se vos os ĩmigos virẽ tornar cuidarão q̃ lhe fugis & cuydãdo vos siguirão, & pola grande distancia q̃ ha daqui á nossa fortaleza, nos matará a todos primeiro q̃ la cheguemos Por isto cõ a esperãça em nosso senhor q̃ nos dará vitoria, & cõ vos lẽbrar quantas vezes nos fugirão demos nestes cães, porq̃ vẽdo q̃ os cometemos, eu vos fico q̃ logo lhes sobreuenha ho medo q̃ nos tẽ, & nos deixẽ ho campo. E parecendo isto bẽ aos mays, disserão q̃ dessem nos ĩmigos, q̃ neste tẽpo começarão de chegar pera dom Ioão feytos em tres escoadrões, & de todos

dos feyto hũ arco, em cujas pōtas hiáo em cada hũa cento dos de cauałlo ligeyros, & no meo os acubertados: & ſendo a tiro deſ pingarda dos noſſos (q̃ eſtauão feitos em hũ corpo) começão de deſparar muytos foguetes ferrados & bombas de fogo, & muytas eſpingardadas, & frechadas ſem conto, & dando grādes gritas hiáo çarrādo ho arco pera tomar os noſſos no meo, q̃ coeſſa tēçāo ordenou çoleimão a ſua gēte deſta maneyra. E certo q̃ hia tão medo nha q̃ era muyto pera temer. Dō Iohão q̃ vio q̃ não podia deyxar de ficar no meo, porq̃ o arco vinha muyto largo, determinou de dar nos imigos ātes q̃ ſe çarraſſem de todo, & mādou a Iurdão de freitas q̃ cō trīta de cauałlo eſcolhidos foſſe cometer os acubertados, & mādou coele o ſeu guião & q̃ ele daria entretāto em hũa das pōtas, E niſto erão as eſpingardadas tātas da parte dos imigos, & foguetes ferrados, & bō bas de fogo, q̃ algũs dos q̃ hião cō Iurdão de freytas virarão as coſtas, mas tornarão logo, parece q̃ com vergonha de ſe ſaber: & em Iurdão de freytas ferindo, deu ele Santiago em hũa das pontas dos imigos, porem ho medo parece que ſaltou cō os noſſos, que não abalarão com dom Ioão mays dos de cauałlo q̃ noue & deſtes forão Bento gomez das donas, Antonio ferrão, Baſtião roīz, & aos outros ſeys nā ſoube os nomes & os outros de cauałlo ſe deyxarão eſtár quedos, & partedos de pé, & os outros começauão de fugir com os piáes da terra, mas dō Ioão cō quāto o vio, não deyxou de cometer os mouros cō os noue q̃ digo chamando por Santiago: & vēdo q̃ Baſtião roīz hia ſem capaçete, bradoulhe q̃ ho foſſe tomar, & ele reſpōdeo que não era tempo, & aſsi ſem capacete o fez tão esforçadamēte cō todos os outros q̃ os mouros daq̃la ponta ſe começarão logo de desbaratar, vēdo em quā pouco dō Ioão & os noue tinhão ſuas eſpīgardadas frechadas, bōbas de fogo, & foguetes, & q̃ aſsi ſe arremeſſauão aos matar como homēs q̃ não eſtimauão as vidas, & matando muytos dos mouros os fizerão fugir, deſta ponta, & niſto acodio çoleymão haga cō os da outra & desfezſe o arco. E vēdo os noſſos q̃ não abalarão cō dō Ioão cōmo ſe desbaratauā os imigos em q̃ ele deu cobrarão coração, & feytos em hũ corpo ho forão ajudar, & iſſo cauſou não ho ſumir çoleymão & aos q̃ eſtauão coele quādo acodio cō os da ſua ponta, & meſturando ſe hũs cō os outros renouou ſe a peleja q̃ foy muy braua, porq̃ ātre os imigos auia muytos Parcos & outra gēte brāca q̃ pelejauão com grāde esforço, mas como os noſſos ja eſtauão juntos, & ſe eſquētauão de cada vez mays, cō ho feruor da batalha fizerão marauilhas por emendar ho paſſado, & matando muytos dos imigos apertarão tão rijo cō os outros q̃ os fizerão fugir, & dō Ioão cō os noſſos de cauałlo lhe ſeguio ho encalço bē duas oras, em q̃ matou muytos de cauałlo, & piáes, & muyto mays matára, ſe não q̃ muytos meterão ramos verdes nas toucas como leuauão os noſſos piáes, & coiſſo eſcaparão, & os noſſos os ſeguirão ate hũ rio onde os imigos ſe lançarão & paſſarā a nado, & algũs ſe afogarão com preſſa, aſsi hião cortados de medo, & daly ſe tornou dō Ioão ao arrayal dos imigos onde foy achada muy rica

 preſa

presa, assi de fazẽda, como darmas & mã timẽtos, & muytos boys de carrega & caualos. E muytas cabayas q̃ çoleymão tinha pera dar aos seus, q̃ primeiro rõpessẽ os portugueses. E dõ Ioão mandou fazer alardo, & achou q̃ lhe não fora morto ningué: somẽte lhe firirão algũs de frechadas & zagunchadas, & algũs caualos: No q̃ nosso señor mostrou quã milagrosa fora aq̃la vitoria. E dos mouros se achou q̃ forão mortos mil & sete centos, & muytos catiuos. E antre os mortos foy hũ sobrinho de çoleimão, q̃ era capitã do cãpo: & Abedação capitão de Cintacora, caualeyros de muyto esforço, & de grãde estima antre os mouros. E asi outros muyto prĩcipaes. E por memoria desta tã famosa vitoria, & q̃ os mouros muyto sentirão, armou dõ Ioão muytos caualeyros, q̃ se teuerão por muyto ditosos de ho ser em feito tam hõrado. E isto feyto o q̃ ficaua daquele dia & parte do outro, andou dõ Ioã corrẽdo a terra, pera q̃ soubessem os moradores q̃ era senhor do cãpo, & todos lhe leuauão muytos presentes de mantimentos, cõ prazer de se verem liures dos mouros que lhes auorecião grandemente polo mao trato que lhes dauã. E deyxando dõ Ioão a terra em paz se tornou a Goa, onde foy recebido com procissão solẽne, & achou hi hũ embaixador de çoleimão haga, q̃ da sua parte lhe leuou hum presente de cousas ricas, & lhe pregũtou como hia da batalha: & se estaua em disposição pa dar outra: E isto fez çoleymão por ficar muyto cõtente do esforço de dõ Ioão, q̃ bẽ vio como os seus ho desempararão, & cõ quã poucos cometera os mouros. E dõ Ioão recebeo bem ho embaixador, & lhe fez muyta hõra & gasalhado, & ho banq̃teou, & lhe deu hũ bõ presente pera çoleymão, & q̃ lhe dissese q̃ ficara muyto bem desposto da batalha pa oq̃ lhe cõprisse: & aynda estaua pa dar outra. Do q̃ çoleimã ficou muyto ledo, & Açadacã muyto triste vẽdo q̃ não podia cobrar aq̃las tanadarias: pelo q̃ se pode ver q̃ se podiã tomar todas & sosterse, & q̃ por culpa dos gouernadores se perderão tanto tẽpo tantos mil cruzados que elas rendem.

CAPIT CXXVI.

De como foy acabada a fortaleza de Diu, & foy começada a de Baçaym.

HO Gouernador q̃ fazia a fortaleza em Diu se deu tãta pressa em a fazer que a acabou quasi, em quorenta & noue dias de trabalho, q̃ foy na fim de Feuereiro de mil & quinhẽtos & trinta & seys ãnos, & acabada pos lhe nome Sã Thome, & ficou de trezentas & cincoẽta braças ẽ roda, & de figura triãgular, & tinha os muros de grossura de dezoyto pés, & daltura de trĩta palmos cõ as ameas, tinha quatro baluartes, os tres em triãgulo, & o outro no meo, entulhados ate ho primeyro sobrado, abertos pola banda de dentro & descubertos & cercada de caua, muyto forte & bẽ artilhada, & ficou feito ho cauouco pa hũa cisterna muyto grãde. E ela acabada deu ho gouernador a capitania a Manuel de sousa Deuora, & deulhe noue cẽtos homẽs. E estãdo ho gouernador em Diu, vio cõ todos os fidalgos q̃ ho acõpanhauão, hũ homẽ q̃ dizia ser de trezẽtos & quorẽta annos, & asi ho affirmaua el rey de Cãbaya, & todos os principaes de Diu

lébrauase ser toda Cãbaya de gentios, & não auer nenhũa pouoação em Diu. Dizia que quatro vezes se lhe pelarão os cabelos brãcos, & outras tantas lhe tornarão a nacer pretos, & por tãtas vezes lhe cayrão os dentes, & lhe tornarão a nacer. E q̃ teuera setecentas molheres. E ho gouernador lhe mãdou ver ho pulso por hum medico, que lho achou muyto esforçado, & no rosto & na fala homẽ de setenta annos, & tinha pouca barba & essa preta, era de nação Bẽgala, de casta de gẽtios, & auia muyto que se tornara mouro. Ho gouernador esteue ainda em Diu quasi ate fim de Março, & antes de se partir Ninarao capitão de Diu lhe disse secretamẽte, que não se fiaua del rey de Cãbaya por ser muyto inconstante & cruel, & que reçeaua que lhe quisese fazer mal, como fazia a outros q̃ lho não mereçião, pedindo lhe que mãdase a Manuel de sousa que ho acolhese na fortaleza se teuesse disso necessidade, & q̃ ele ho seruiria: cõ o q̃ ho gouernador folgou muyto, por ter por amigo hũ homẽ tam pincipal como aquele, E cõ conselho mãdou a Manuel de sousa que ho fauoreçese & recolhese na fortaleza se neçessario fosse. E despois se partio pera Baçaim, aque chegou com toda sua armada: & quando vio a trãqueira que se fez per conselho de Antonio galuão, gabouha muyto, & foy logo ver ho sitio onde auia de fazer a fortaleza pera acomeçar. E por fazer honra a Antonio galuão que sabia que a mereçia por muytas vias, quando ouue de abrir os aliçeses da fortaleza, mãdoulhe que desse as primeiras enxadadas, & posesse a primeira pedra, estãdo hi Garçia de saa, & outros muytos fidalgos. E deixãdo ho gouernador Garcia de saa pera a acabar, partiose pera Goa, & despoys dalgũs dias que chegou foy ver a fortaleza de Rachol, sobre o que logo Açadacão lhe mandou hũa embaixada, que a derribasse & teuessem pazes como dantes, & que recolhessem ambos as rendas das tanadarias daquela comarca: & q̃ as posessem em deposito ate ele mãdar dizer a el rey de Portugal da maneira q̃ lhe dera aquelas tanadarias: & quando el Rey ouuesse por bẽ de as tomar, que lhas deixaria ẽ paz & seria seu amigo como era. E ho gouernador não quis cõ cõselho, dizendo que tinha as tanadarias por bõ titulo, poys ho Hidalcão por amor dele lhe não fizera guerra.

CAPIT. CXXVII.

De como Antonio Galuão partio pera Maluco.

EM Goa achou ho gouernador Lionel de lima, que de parte de Tristão dataide capitão da fortaleza de Ternate, lhe entregou el rey Tabarija. Pateçangué, & suas molheres, & os outros presos, que todos se queixarão muyto da sem rezão & agrauo q̃ lhes Tristão dataide fizera, reqrẽdolhe q̃ visse logo suas culpas, & os cõdenasse ou assoluesse: & se as não teuessem q̃ os tornasse a mãdar a Maluco nas naos q̃ fossem pera lá. O q̃ ho gouernador não quis fazer, ainda q̃ sabia q̃ não tinhã culpa, & nã os quis mãdar aq̃le ãno: por não ter causa de mandar prender Tristão dataide, de que era muyto grãde amigo: & por isso dilatou o despacho dos presos: do q̃ eles se queixauão muyto, & di

zião que tam pouca justiça achauão na India como em Maluco: Pera onde ho gouernador determinou de mandar aquele anno Antonio galuão, que tinha a capitania da fortaleza: porq̃ per Lionel de lima, & por cartas domés de Maluco, soube as auexações que Tristão dataide fazia aos Portugueses & aos mouros: pelo q estaua certo leuantarse a terra contrele: & a fora isso ficaua em grande aperto de fome, & sem auer na feytoria apercebimento pera a paga do soldo & mantimento da gēte & pera restauraçã daq̃la terra era muyto necessario jr hũ capitão esforçado, másso & de bõa cõsciencia. E como ho gouernador por experiēcia sabia que em Antonio galuão auia estas qualidades: & sobre tudo ser muyto amigo do seruiço del rey, & que outra cousa não desejaua mais neste mundo, folgou muyto de ele ser ho capitão que auia detrar na fortaleza, & asi lho disse. E com quãto ele douuida sabia algũa cousa das desordēs & males q̃ auia em Maluco, posto q̃ lhe ho coração dizia que nã fosse, todavia por seruir a Deos & a el rey disse q̃ yria. E ho gouernador lhe deu hũa nao pera jr, sem lhe lēbrar que a tinha dada a hũ fidalgo chamado Duarte de miranda: O que sabendo Antonio galuão, por lhe não fazer ma obra, a tornou a engeitar ao gouernador, dizēdo ho por q̃ ho fazia: & tambē por a nao ser muyto pequena pera leuar a gente q̃ tinha necessidade de leuar, pelo q̃ lhe deu outra mayor. E como pera ir a Maluco se acha a gēte cõ muyto trabalho, não quis Antonio galuão terse â q̃ lhe ho gouernador poderia dar: & cõ rogos, dadiuas & promessas doutras mayores em Maluco, acquirio a mays gēte q̃ pode, & se partio pera Cochim onde se auia dacabar de despachar: mas não achou lá nenhũ aparelho pa isso por Pero vaz vēdor de fazenda não ter dinheiro q̃ lhe dar, pelo q̃ lhe foy necessario emprestalo a el rey, & deixou de ho leuar empregado em cousas q̃ ho tresdobrara: & bē podera sem sua quebra deixar de ir aq̃le anno, poys lhe não dauão auiamēto, como se dera aos capitães passados, & não quis pelo muyto q̃ sua ida importaua ao seruiço del rey, & como isto sabia nã lhe lēbrou mais seu interesse: & sem lhe ser paga nhũa cousa de seu ordenado, como a os outros capitães, nem a gente q̃ ya coele do soldo q̃ lhe era diuido, se partio de Cochim a oyto de Mayo na nao q̃ lhe ho gouernador deu, & cõ outra q̃ fretou á sua custa, de q̃ fez capitão hũ Francisco nunez, em q̃ leuou a mays & mays luzida gēte q̃ nunca foy a Maluco, q̃ por ser muyta, & não caber na sua nao fretou aq̃la: & tãbē leuou molheres, a q̃ fez grandes partidos: cõ fundamento de as casar lá cõ Portugueses, assi pera fazerē geração, como pera saberē os mouros q̃ determinauã eles de morar em Maluco, & não de deixar a terra. E leuou muyta fazēda de Cambaya trigo & vinho & azeites de Portugal, açucar & grande soma de conseruas, pedras datafonas, & serras grandes & pequenas, machados, enxadas, & outras alfayas necessarias pera quem lá morasse, que não auia na terra: & assi leuou ferro & chũbo. E com estas duas naos: & com outros nauios que hião pera Malaca, todos debaixo de sua capitania se partio de Cochim.

Cap.

CAPIT. CXXVIII.

De como el rey de Calicut, se quisera coroar em Repelim, & não pode.

Como quer q̃ el rey de Calicut tinha grande odio a el rey de Cochĩ, por amor dos Portugueses, buscaua sempre modos pera ho destruyr: & o que achou neste tempo, foy querer coroarse em hũ pagode, que está em terra de Repelim, q̃ antre os gentios he casa de grande santidade: & nela costumão os reys de Calicut de se coroar: & como erão coroados, era costume irẽlhe os outros reys do Malabar fazer reuerencia, como seus sogeitos que erão dali por diante. E porq̃ lha el rey de Cochim fosse fazer: & ho prẽdesse quera ele coroarse: & tambẽ pera q̃ se teuesse tempo passar dali a Cochim & destruila. E apercebendose pera este feyto, soubeho el rey de Cochim, que ho disse a Pero vaz vedor da fazenda: dizendolhe o q̃ importaua sua coroação: pelo q̃ Pero vaz mandou logo goardar ho passo de Crãganor por onde el rey de Calicut podia passar a repelim: & deu a capitania mór desta goarda a hũ Pero froez seu parente, que foy em hũa fusta, & tres capitães em tres bateys, & os que hião coeles erão todos espingardeiros. E por esta goarda: ou por outra cousa, não passou el rey de Calicut como se esperaua.

CAPIT. CXXIX.

De como Xercansur fez guerra a el rey de Bengala.

Prosseguindo Xercansur a guerra cõtra el rey de bengala (como a tras fica dito) desbaratoulhe tãtas vezes ho seu capitão mór, que ho fez recolher a hũa fortaleza chamada Gori, situada na põta de hũa terra, que entesta no Gãges, & he por ele acima vinte legoas alem do Gouro, & sobrela foy Xercansur, & a cercou: & isto despoys da partida de Diogo rabelo. E sabendo el rey de Bẽgala este desbarato, & que Xercansur estaua tão perto cõ sessenta mil de caualo, & de pé gente sem cõto. mandou soltar Martim afonso & os outros, pera ajudarẽ a sua gẽte na guerra, & assi lho disse. E mandou os q̃ fossem pousar a casa do seu armador mór, q̃ por lhes não querer dar pousada, a forã tomar em casa do mouro valenciano que disse: donde por el rey não se fiar delles, & lhe parecer q̃ fugirião, os mandou apousentar nos seus paços: & el rey rogou a Martim afonso, que mãdasse algũs Portugueses com gente sua que queria mandar em socorro da fortaleza. E ele se lhe offereceo pera ir lá em pessoa: o que el rey não quis pelo reçeo que tinha de lhe fugir, ou de se ir pera Xercãsur, & parecialhe que não indo ele que tornarião os Portugueses q̃ lá fossem. E quando Martĩ afonso vio a descõfiança del rey, não quis perfiar em ir: & mandou doze Portugueses em duas fustas, armadas cõ algũs berços: & forão capitães delas Ioão de vilhalobos, & Ioão [illegible] bós caualeiros, o que fez mays por [illegible] zer a el rey, que por lhe parecer [illegible] fazer algũa cousa cõtra tãta gente [illegible] q̃ dos Bẽgalas forão muytos, & todos por mar em almadias, & quando chegarão a fortaleza, ja Xercansur a tinha tomada, cõ morte de muytos dos q̃ estauão dẽtro. E como os Portugueses erão tam poucos não poderã fazer nada: nẽ menos os Bẽgalas, & tornarãse. E mais porq̃ Xercansur, deixãdo a fortaleza bẽ fornecida de gẽte se

se foy com ho resto pola ribeira do Ganges abaixo ate defronte do Gouro: cõ determinação de ho passar dali, & acercar. E porq̃ nisto auia dauer deteẽça: mãdou fazer hũa tranqueira defrõte de hũ bayleu das casas del rey q̃ caya sobre o rio. E fazẽdose esta tranqueira hũs rumes q̃ morauã em Bengala cõ enueja do muito cabedal q̃ el rey fazia dos Portugueses se lhe offerecerão pera irẽ impedir q̃ se nã fizese: o q̃ auiã por grãde injuria estãdo eles ali. E pa se fazer ho feyto milhor disserã a el rey q̃ fossem tambẽ os Portugueses. O q̃ Martĩ afonso nã quisera, pera q̃ vira el rey o q̃ os rumes fazião indo sós. E por lho el rey rogar, mãdou oyto todos despingardas em hũa fusta bẽ artilhada, & os rumes forão em duas chãpanas em q̃ leuauã algũs tiros a q̃ querẽdo dar fogo, se acẽdeo na poluora dabas: & por isso se tornarã sem chegarẽ â tranqueira, a q̃ chegarão os Portugueses, tirando muytas bõbardadas & espingardadas. E como os bẽgalas tinhã grãde descõfiança dos Portugueses, vẽdoos tão poucos & chegarse tãtõ a trãqueira, não faltou quẽ dissese a elrey q̃ estaua no bayleu olhãdo o q̃ farião, que não se chegauã tanto, se não pera se deitarẽ cõ os Patanes que os fizese tornar, & assi ho fez. E por se tirar da sospeita q̃ tinha determinou de tomar a todos as armas: dizẽdo a Martĩ afõso q̃ o não fazia: se não polos escusar de pelejarẽ, porq̃ não queria q̃ morresse nenhũ pa os mãdar todos viuos ao gouernador. E cõ toda esta desculpa Martĩ afonso lhe disse, que não deixaua de cuydar q̃ ele tinha sospeita dos Portngueses lhe fugirem & por isso lhes mandaua tomar as armas pedindolhe muyto q̃ ho não sospeitasse: porque os Portugueses erão tam leays q̃ não auião de fugir: posto que ele não ficara em terra, quanto mays ficando: & que quanto fazião era com desejo de ho seruirem, por amor das merces que lhes fazia. & assi lhe disse outras cousas, abonãdoos E el rey lhe deu por desculpa o que tinha dito.

CAPIT. CXXX.

De como el rey de Bengala fez paz cõ Xercansur.

ACabada a tranqueira que Xercãsur mãdou fazer, determinou dapertar mays ho cerco, & mandou passar muyta parte da sua gente da bãda da cidade, que passou em almadias, por não ter outra embarcaçã: & por ho rio ser estreyto passauã os caualos & os alifantes a nado, & cada hũ leuaua atados nas ilhargas dous odres de peles de vacas, porque os não leuasse a corrente da agoa que he grandissima. E vẽdo el rey que passauão, fiãdose ja de Martim afonso, rogoulhe que se podesse estoruasse a passagẽ aos ĩmigos: E ele foy em hũ parao: & mandou a Duarte dazeuedo que fosse em outro, & leuarão os Portugueses que erão quinze ou pouco mais. & asi forão muytos Bẽgalas, que como virão os patanes fugirã logo, tamanho medo lhe auião, & os Portugueses ficarã sós & por serem tam poucos não poderã pelejar com os Patanes: & mays porque algũs que cometerão pera isso se afastarã, tirandolhes muytas frechadas: & deixarã lhes dous alifãtes, que os Portugueses lhes tomarã. E vẽdo Martĩ afonso q̃ nã podia mays fazer, tornouse a terra, & leuou os alifãntes a elrey q̃ tudo vio donde estaua:

&

& como os Bégalas fugirão, & deu muy tos agardecimétos a Martim afonso, q̃ acodio logo cõ os Portugueses, & Bégalas à parte por onde os Patanes poderião cometer a cidade, q̃ estaua cercada de tranqyras cõ algũa artelharia: Porem os Patanes nã curarão disso, né fizerão mays despoys de desembarcaré, q̃ assentar seu arrayal, assi estes como os q̃ despoys passarão, no q̃ se deteuerão algũs dias, & el rey ficou tã cõtente do esforço q̃ Martĩ afonso mostrou aqle dia em ficar cõ os Portugueses antre os Patanes, despoys de os Bengalas fugiré, q̃ lhe mandou dar hũa cabaya & mil tangas de Bégala, q̃ sam duas mil & quinhentas das da India, q̃ pola moeda Portuguesa, erão céto & quorenta & cĩco mil r̃s, & dali por diante lhe mandou dar pera comer seys tãgas cada dia, q̃ erão noue cétos r̃s, q̃ por a terra ser tã barata como disse no liuro quarto, fundião mays do que ca fundé dez cruzados. E a cada hũ dos Portugueses mãdou dar hũa tãga, q̃ eles poupauão, por Martĩ afõso lhes dar de comer, a q̃ el rey dali por diãte ficou tã afeiçoado & tinha nele tamanho credito, q̃ lhe prometeo de dar lugar ao gouernador pera q̃ fizesse hũa fortaleza ẽ Chatigão & outra em Satigão, & mais porq̃ preguntando a Martim afonso, se lhe mandaria o gouernador mil Portugueses pera ho ajudarem, & artelharia, lhe disse q̃ sy. E porem porq̃ isto auia de ser cõ iré primeyro à India & tornaré, o q̃ ele não podia esperar, por Xercãsur apertar muyto ho cerco, comeςou de tratar coele paz, do que deu cõta a Martĩ afonso, & q̃ Xercãsur lhe pedia por lhe dar paz treze lequesdouro: & cada leq̃ té quarenta & cinco mil pardaos, que fazé soma de quinhentos & vinte cĩco mil pardaos. E Martim afonso lhe disse q̃ não deuia de dar aqle dinheiro, porque coele lhe auia Xercãsur de fazer guerra: & com tudo el rey não deyxou de o dar, cõ condiçã q̃ Xercansur ficasse seu vassalo, & primeiro q̃ se fosse lhe fizesse reuerécia, & ele lha fez da borda do rio estando antre sua gente, & el rey defronte no seu bayleu, & diziasse q̃ ele dera a Xercansur outros treze leques secretaméte por fazer paz coele, assi polo aperto em que estaua, como tambẽ polo muyto q̃ perdia na guerra. E não se espante ninguẽ deste rey, dar tanto dinheyro: porque el rey de Cãbaya disse em Diu ao gouernador Nuno do cunha, que ho tesouro del rey de Bengala era tamanho como ho seu, & como ho del Rey de Narsinga, que erão dos mayores que se sabião naquelas partes. E posto que el rey ficou desapressado da guerra de Xercansur né por isso deyxou de fazer a Martĩ afonso à honrra q̃ lhe dantes fazia, cõ que estaua tão acreditado na corte, que muytos senhores & outras pessoas principaes ho tomauão por terceyro cõ el rey, pelo q̃ era muyto honrrado de todos, & lhe mandauão muytos presentes, & por amor dele erão muy estimados os outros Portugueses, & andauão muyto luzidos & tam seguros como em Lisboa. E el rey despoys de se ver liure da guerra, ou por outra causa, mudou a võtade q̃ tinha de dar fortalezas a el Rey de Portugal ẽ Chatigã & Satigão, senão as alfandegas cõ casas de feytori, & assi ho disse a Martim afonso, que lhe lébrou q̃ não prometera se não forta-

leza

talezs: & porq̃ vio q̃ el rey não eſtaua niſ ſo não quis perfiar, & diſſelhe que deſſe o que quiſeſſe. E por ſeu rogo fez elrey juyz da alfandega de Chatigão a Nuno fernãdez freyre, dãdolhe hũ grãde circuito de caſas, em q̃ morauã mouros & gẽtios, pa q̃ rẽdeſſe parele, & o q̃ rendeſſe a chapa de chatigã, & lhe deu outros mujtos poderes de q̃ todos os da terra eſtauão eſpantados, ſer el rey tã amigo dos Portugueſes, q̃ os q̃ria arreygar na terra. E ho juyz dalfãdega de Sategão q̃ era menos, deu a Ioã correa, & logo ele & Nuno fernandez ſe forão pera eſtas duas cidades a ſeruir ſeus officios, do q̃ os Goazis delas eſtauã muy tristes, porq̃ lhes tirauão ho poder q̃ tinhã, prĩcipalmente ho de Chatigão q̃ era mayor.

CAPIT. CXXXI

De como el rey Dugentana, fez paz cõ dom Eſteuão da gama.

ATras fica dito, como deſpoys q̃ el rey Dugẽtana foy desbaratado por dom Eſteuã da gama, & deſtruyda ſua fortaleza, q̃ fez outra mais pelo rio acima, dõde fazia guerra a Malaca como dantes. E determinãdo dõ Eſteuão de ho deſtruyr, tornou a fazer hũa armada como a q̃ leuara da outra vez & partioſe pera lá, & ſendo junto do rio de Muar lhe deu hũa toruoada cõ que ſe alagou hũa fuſta em q̃ ele hia, indo dõ Eſteuão em hũ baileu, q̃ hia ſobre ho tẽdal da fuſta, q̃ ſe desp̃gou quãdo ſe a fuſta foy ao fundo, em q̃ morrerão quatro dos noſſos, & os outros eſcaparão, & aſsi eſcapou dõ Eſteuão no bayleu, & perdeoſe hũa arca com a ſua prata. E vendo iſto todos os da frota, lhe diſſerão q̃ ſe tornaſſe & não foſſe auante, & q̃ ſe reformaria doutra fuſta & de gente: como que tomauão aquele deſaſtre por mao pronoſtico, o q̃ ele não quis fazer, moſtrãdo muyto esforço, dizẽdo q̃ não cria em agoiros, & q̃ eſperaua em noſſo ſñor de ſer tã dito ſo naq̃la empreſſa como fora na outra. E aſsi foy q̃ deſtruyo a fortaleza q̃ el rey Dugẽtana tinha muy to forte, & bẽ artilhada & com muyta gẽte, & lha queymou & tomou a artelharia. E porq̃ o não pude ſaber particularmente ho digo ẽ ſoma, & aſſi lhe tomou algũas lãcharas, & ſe tornou pa Malaca. E vendo el rey Dugẽtana que não ſe podia defender de dõ Eſteuão, lhe mãdou cometer pazes por ſeu embayxador, & ele lhas outorgou co eſtas cõdições q̃ daly por diãte não fizeſſe mays nauios de guerra & os q̃ teueſſe foſſem pera ſeruir cõ mercadorias, & que pagaſſe de pareas cadãno a el rey de Portugal duas lancharas aparelhadas, q̃ lhe auia de mandar a Malaca, & q̃ em nhũ nauio q̃ foſſe a Malaca, não fizeſſe nenhũa força nem roubo. E quãdo os capitães de Malaca teueſſẽ neceſsidade de remeyros ou doutra qualq̃r couſa lhos deſſe, & quãdo ſeus ĩmigos lhe fizeſſẽ guerra, ou ſe rebelaſſe algũa terra o fizeſſe ſaber ao capitã de Malaca pa o ajudar: & auia de ſer vaſſallo del rey de Portugal. E diſto tudo ſe fizerã eſcrituras aſsinadas por el rey & por dõ Eſteuão, & ficarão dali por diante em paz. E deſpoys diſto mandou dõ Eſteuã hũ fidalgo chamado Antonio de ſouſa por capitão mór de cinco fuſtas, a hũa cidade chamada Pẽra quorenta legoas de Malaca pa o norte: cujo rey tinha paz cõ elrey d̃ Portugal. E ſẽdo Antonio de ſouſa na coſta deſte reyno achou hũ capitã del rey de Pẽra chamado

Tuão

Tuãomarra pelejãdo em hũa lanchara cõ dous jungos q̃ ho tratauão mal. E conhecẽdo Antonio de sousa quẽ era lhe acodio & com sua chegada fugirão os jungos. E Tuão marra lhe disse que aq̃les jũgos erã da cõpanhia de Tuão mafamede capitão mor do már del rey Dugẽtana, com quẽ tinha deferença porq̃ acolhera em hũ jungo (daq̃les com q̃ ho achara pelejãdo) certos vassalos del rey de Pera, q̃ se lhe leuantarão cõ muyta fazenda, & hião fugidos pera Aché, cujo rey era ĩmigo del rey de Pera amigo del rey de Portugal. E poys el rey dugẽtana ho era tambẽ, & Tuão mafamede era seu vassalo, lhe pedia q̃ fizesse co ele que lhe entregasse os aleuantados. E Antonio de sousa lhe disse que si: & forãse ambos em busca de Tuão mafamede, q̃ andaua hi perto: & auendo ele vista deles cuydou que hião pera pelejar coele, pos se em defensam, começando logo de lhe tirar ás bõbardadas. E posto q̃ Antonio de sousa nem Tuãomarra lhe nã tirauão, & leuantarão bandeira de paz, ele não deixaua de tirar, parecendolhe q̃ ho querião tomar cõ engano. Pelo q̃ foy forçado a Antonio de sousa & a Tuão marra, tirarẽlhe tambẽ com sua artelharia: o q̃ ele vẽdo ou que logo medo pelo pensamento q̃ trazia & fugio: & porque ho seguião, parecẽdo lhe que não podia escapar, lãçouse ao már ferido em hũa perna de hũa espingardada & assi se acolheo a terra q̃ era perto, & lá morreo da ferida que leuaua, & o mesmo fizerão os seus, & a lanchara em que andaua ficou em poder de Antonio de sousa. Tomada esta lãchara Antonio de sousa foy logo pelejar cõ ho jungo dos aleuãtados, que lhe Tuão marra mostrou, & forão coele tres fustas de sua conserua: os do jungo erão muytos & homẽs de feito, & leuauão muyta artelharia, & porisso se defendião valentemente, posto q̃ os nossos pelejauão com muyto esforço, & lhes fazião muyto dãno. E indo Antonio de sousa pera aferrar ho jũgo, desparou dele hũa bõbardada que lhe deu por hũ giolho & leuoulhe a perna em pedaços, & ele cayo ao mar, por estár em lugar pera isso, & como hia armado foise logo ao fũdo. E morto Antonio de sousa, os nossos deixarã ho jungo & tambẽ por ser noite, & os q̃ hião nele se forão na volta do már, & os nossos se tornarão a Malaca com a lanchara de Tuão mafamede.

CAPIT. CXXXII.

De como Tristão datayde mãdou pedir soçorro.

ENtrado ho mes de Ianeiro do ano d̃ M.D.xxxvj. em q̃ as naos auião de partir de Maluco pera a India, despachou Tristão dataide todos os jungos de mercadores que estauão pera partir, porq̃ lhe leuauão ho seu crauo de graça. E nũca quis que a nao Sanctispritto que era del rey tomasse carrega, dizendo q̃ elrey não tinha crauo cõ que se carregasse, sobre o q̃ Rodrigo rabelo feytor desta nao lhe fez hũ requerimento, dizendo q̃ defendesse que ninguẽ cõprasse crauo ate aq̃la nao ser carregada, como o gouernador Nuno da cunha mandaua por hũ seu aluará, q̃ logo lhe apresentou, em q̃ tambẽ defẽdia q̃ nã fosse de vazio pola p̃da q̃ el rey receberia nisso: & q̃ auia muito crauo q̃ ele daua aos jungos dos mercadores por lhe leuarẽ ho seu de graça. E tristão datade não quis,

& deixou ficar a nao: ſobre o qua Rodrigo rabelo lhe fez outro requerimento, dizendo q̃ ſe perderia a não de todo ſe ficaſſe, por auer dous annos q̃ não fora tirada a monte, & apodreceria & ſe comeria do guſano. E cõ tudo Triſtão dataide não quis, antes ho tratou muyto mal de palaura, & lhe quis dali por diante mal. Tambẽ Triſtão dataide mandou neſta mouçáo Diogo ſardinha capitão mór do már da fortaleza, com cartas & requerimentos pera ho capitão que eſteueſſe em Banda, & pa ho de Malaca, & pera ho gouernador da India, em q̃ lhes auia a fortaleza por encampada ſe lhe não mandaſſem logo ſocorro de gente, armas & mantimentos pa a guerra que lhe os mouros fazião, contado quá apertada era, & a neceſsidade em que eſtaua: & mãdouho em hũa barcaça em que auia de tornar de Banda Ioã de canha pinto que hia coele. E a pos ele mandou hũ Dinis de payua cõ os meſmos requerimentos. E chegados a Banda acharã por capitão Anrique mendez de vaſcõcelos, de q̃ fiz menção a traz, que viſtos os requerimentos & cartas de Triſtão dataide, lhe mãdou logo ho mais ſocorro que pode, aſsi de mantimentos, de gente darmas & munições, & mandoulho em hũ jungo, de que foy por capitão hũ fidalgo Caſtelhano chamado dõ Fernãdo de Mõroy. E tambẽ hũ piloto q̃ auia nome Luys froez cõprou hũ jungo, & carregado de mantimentos com algũs portugueſes q̃ acquirio, ſe foy em companhia de dõ Fernando, & Ioão de canha pinto.

CAPIT. CXXXIII.

De como os mouros quiſerão queymar hũa nao dos Portugueſes & não poderão.

VEndo eſtes reys das ilhas de Maluco a defenſam q̃ achauão nos Portugueſes, determinarão de queimar a nao Santo ſprito q̃ eſtaua em Talangame, de q̃ era capitão Franciſco de ſouſa: & ho jũgo de Fernão anriquez q̃ ſe eſtaua acabando, & eſtaua fortalecido com hũa tranqueira. E eſta queima auia de ſer de jangadas de madeira ſobre joangas, metida per antrelas muyta rama ſeca, & aſsi breu & alcatrão: & em quanto ſe iſto fazia ceſſarão ſuas armadas de andar no mar, de que hũ dia deſaparecerã, & tardarão bẽ dous meſes em tornar, o que foy grande bẽ pera Triſtão dataide & os q̃ coele eſtauão, que neſte tẽpo deſcanſarão dos grandes trabalhos da guerra: porq̃ nem por terra lhes dauão os imigos rebates, & podião ſeguramẽte yr buſcar mantimentos hũa legoa da fortaleza, em que não achauão nenhũs, por ſerẽ todos os çagueiros cortados, & aſſi palmeiras, & as eruas, que não auia aruore nẽ erua de que ſe podeſſem aproueitar, q̃ eles por hũ cabo & os da terra polo outro tudo tinhão leuado: & da terra não lhe ficaua já outro mantimẽto que podeſſem auer mays facilmente que ho peſcado & mariſco: ainda q̃ era muyto caro, por não auer quẽ ho vendeſſe ſe não ho çamarao q̃ o mãdaua peſcar, & vendiao muyto á ſua võtade que daua hũa ſardinha por cincoẽta rs, & hũa cauala por ſeys vintẽs. E bem moſtraua ſer immigo dos Portugueſes, que nenhũa piedade auia deles ainda que os viſſe doentes, nem os ſocorria como fazia Cachil daroes no tempo de Antonio de brito, que os remediaua & acodia com ho que tinha, como que fora pay de todos.

Einda que os portugueses andauão muy escãdalizados do çamarao, por entenderẽ sua roindade, dissimulauão por amor de Tristão dataide que sabiá que era seu amigo: & foy a fome tamanha antre os Portugueses, que não ficou cão nem gato, nẽ bogio, nẽ ratos, que não fossem comidos, & era a carestia tamanha dalgũs mãtimẽtos que auia, que era cousa espãtosa, porq̃ hũ alqueire darroz valia cinco cruzados, & hũa jarra de çagu vinte cinco cruzados & trinta, & não abastaua a hum só homẽ mais q̃ hũ mes, & ainda a não comer muito, hum porco vinte mil r̃s, & hũa cabra oyto mil, & hũa galinha quatro cruzados & hũ ouo trinta r̃s, hũa jarra de vinho da terra dezaseys cruzados, & hũa pipa de vinho de Portugal cem mil reys, & a trezẽtos cruzados a escolher. Hũa panela pera fazer de comer hũ tostão & mays. Hũa saya de malha, ainda que fosse roym cento & cento & cincoenta cruzados, hũa espingarda trinta, hũa lança vinte & cinco, & hũa espada ho mesmo, & hũa adarga outro tanto: & hũ punhal doze cruzados ho vestido & calçado não tinhão preço. E com quanto esta carestia era tamanha, & a gente fosse grandemente atormentada da fome, sentião algũ descanso em se verem desapressados da guerra estes dous meses. Se não quando hum dia subitamẽte em amanhecendo aparecem ao már de Talãgame bẽ trezentas velas dos ĩmigos que cobrião ho már, & foy muy medonha cousa de ver pera os Portugueses. E por terra apareceo tambẽ muyta gẽte de guerra: & era a causa, porq̃ em quãto as jãgadas de madeira que vinhão coesta frota queimassem a não & outros nauios, acoderia a gente por terra a dar na trãqueira, & queimalahia cõ o jũgo q̃ estaua em terra: & isto auia de ser em decendo a maré. Vendo Frãcisco de sousa este aparato deu lhe na vontade ho pera q̃ podia ser: & como era muito esforçado não se toruou, antes teue muy bõ cõselho pera atalhar aos mouros q̃ lhe não queimassem a nao, cercandoa cõ muytas vigas deitadas nagoa, & bẽ amarradas q̃ esteuessem q̃das, pera que as jangadas de fogo não podessẽ chegar á nao: & nisto gastou aq̃le dia: q̃ tãbẽ os mouros gastarão em chegarẽ a Talangame, onde Frãcisco de sousa os recebeo cõ muytas bõbardadas que a nao & o jũgo tirauão muy a miude, & assi os outros nauios, com q̃ lhe não poderão chegar: nẽ a gente da terra bolia consigo: esperãdo q̃ os do már fizessẽ obra, & como foy noyte mandou Francisco de sousa hũ homẽ por terra dizer a Tristão dataide como ficaua, q̃ lhe acodisse: & por ele respondeo q̃ logo hia. E auido conselho, mandou da melhor gente da fortaleza nesses nauios que tinha, de q̃ foy por capitão mór hũ fidalgo homẽ didade q̃ auia nome Esteuã de chaues, & forã os capitães Antonio pereira, Iorge dataide, Antonio de teiue, Luys de braga. Jorge de brito, Ioã figueira, Baltesar veloso, Baltesar vogado, Iorge goterrez, & outros q̃ partirã cõ o nauio bẽ artilhado: & em chegãdo a tiro de berço da frota dos mouros poẽ a proa neles desparãdo seus tiros, a q̃ eles respõderã cõ os seus, que como não erão tam furiosos: nã lhe fazião tanto dãno como recebião, & por isso lhes derão lugar que entrassem.

Euen

E vẽdoos Frãcisco de sousa vir saltou cõ outros nestes paraos q̃ tinhão, & jũtos cõ os que vinhaõ em socorro remeté as jangadas que estauão em seco cõ ho peso da madeira, & poserãlhes ho fogo cõ panelas de poluora, & a pesar dos mouros do mar & da terra que as querião defender ar deram todas, & sobristo forão feridos al gũs de hũa parte & da outra. E como os mouros uirão arder as jangadas, & que não tinhão remedio, afastarãse assi os da terra como os do mar, & forãse dãdolhe os Portugueses grandes apupadas, & Esteuão de chaues se tornou pera a fortaleza, onde derão muitas graças a nosso senhor por tamanha vitoria.

CAPIT. C.XXX.

De como Tristão dataydе tornou cometer paz aos mouros & naõ quiserão,

PArecendo a Tristão dataide, q̃ coesta vitoria ficariam os ĩmigos mays brãdos, quis ver se querião paz, o q̃ mãdou cometer polo çamarao, & eles respõderão como dãtes, & diziase que por conselho do mesmo çamarao, que lhe descobria ho aperto de fome em q̃ os Portugueses estauão. E por dar a entender que falaua nas pazes, falaua alto na lingoa Malaya, porq̃ auia algũs que a entendião: & ho seu filho mais velho q̃ andaua cõ os mouros como ho via fazia que pelejaua coele, & dizialhe na lingoa Malaya porque não se passaua pera os mouros, & estaua com os perros dos Portugueses, & ele lhe respondia cõ grãde furia que melhor estaria ele & seus amigos com os Portugueses, de q̃ tinhão mais necessidade que dos mouros, & antristo lhe dizia por hũa lingoagem q̃ ha na terra, que he como ho latim antre nos (que nenhũ portugues entẽdia) as necessidades em que eles estauão, & que não cessassem da guerra, q̃ muy asinha os tomarião cõ fome, & por dessimulação vinhão nesta pratica a pelejar, & ho filho mostraua ao pay os cotouelos & as solas dos pés, que he como antre nos ho mostrar das figas, que he ho mayor desprezo & injuria que hũa pessoa pode fazer a outra. E sabendo Tristão dataydе como os mouros não q̃rião paz, tornou a prosseguir a guerra ho mais brauamente que pode, assi por mar correndo a ilha ao derreder, como por terra indo sobre algũs lugares que tomaua: & aos mouros que catiuaua deles mandaua assar: & faziã os portugueses q̃ os comião, pera se manterem coeles, & outros mandaua aos mouros cõ as maõs cortadas, & orelhas, & narizes, pera que os espãtasse quãdo soubessem que os assi auião, mãdãdolhes dizer q̃ assi auia de fazer a todos. E mandãdo hũ dia assi hũ destes, por naõ yr daquela maneira onde os seus naturays ho vissem, determinou de se matar, & por não ter com q̃, se deitou na goa de que bebeo tanta que se afogou, do que os portugueses ficarão espantados. E chegando neste tẽpo ho socorro que hia de Bãda, como disse atras, pera Tristão dataydе fazer mais guerra aos mouros, tomoulhe os dous melhores portos que tinhão, que erão ho de Toloco, & ho de Tabãga, & no de Toloco mandou poer hũa barcaça, de que era capitão Ioão de canha pinto, com trinta homẽs, & hũa carauela com outros tantos no de Tabãga E estes nauios estauão ali como fortalezas;

& em

& em aparecendo os mouros por mar, ou por terra, tirauanlhe com a artelharia, & a fora isso estauão os nauios de remo repartidos nestes dous portos, & dali corrião a costa da ilha, & fazião quanto dano podião. E porq̃ os capitães não podião dar de comer muyto tẽpo aos soldados q̃ andauão coeles, reuezaua Tristão dataide as capitanias a quẽ podia dar de comer, & desta maneira sostinha a guerra: de q̃ tambẽ os mouros da ilha estauão muyto apressados por estarẽ ençerrados. E ainda q̃ as armadas de seus ĩmigos que andauão pelo mar erã muytas não podião defender aos Portugueses que lhes nã fizessem guerra nem podião aferrar coelas, por amor das cangalhas das suas joangas & corascoras que deitauão muyto pera fora como postiças de galê, & mays erão tam fracas, que auiá medo q̃ qualquer tiro que lhes desse as fizese em pedaços, que se isso não fora, não deixarão daferrar cõ os Portugueses como despoys fizerão.

CAPIT. CXXXVI.
De como Tristão dataide destruhio a cidade do Toloco.

PRosseguindo assi Tristão dataide a guerra cõtra os mouros, determinou de tomar a cidade de Toloco, cuja pouoação mudarã pera cima da serra onde estauão muyto fortes: & auida por Tristão dataide hũa guia que o leuasse a esta cidade, ordenou de a tomar, & que Francisco de sousa fosse com cincoenta homẽs escolhidos pela bãda da terra, por onde ho leuaua ho guia, & ele cometeria da parte do mar, porq̃ os mouros acodissem ali, & deixassem despejada a parte da terra, & asi se fez, que em rompendo ho dia, se mostrou Tristão dataide da banda do mar cõ sua gente, tocando suas trombetas, & desparando sua espingardaria, a que os mouros acodirão logo, deixãdo cair da rocha muytas & grandes galgas & vigas, & tirando espingardadas, & muytos arremessos com que ferirão algũs dos Portugueses: & nisto chegou Francisco de sousa pela banda da terra & deulhe nas costas: o q̃ lhe fez tamanho medo que fugirão pera ho mato: & os Portugueses entrarão a cidade, & saqueada dos mantimentos foy queimada & destruyda, do q̃ os mouros da ilha ficarão muyto quebrados. porque vendo tam asinha destroida aq̃la força q̃ era tam forte, pareceolhes q̃ era por demays defenderẽse aos Portugueses, a q̃ vião que dauão de comer nos mantimentos q̃ lhes eles tomauão, pelo q̃ mandarã dizer a el rey Cachil dayalo que estaua em Tidore, que lhes desse licença pera despouoarem de todo a ilha de Ternate, dãdolhe as causas que auia pera isso. E como ele nã desejaua outra cousa, parecẽdolhe q̃ com isso daneficaua muyto os Portugueses, respondeo que si: com ho parecer del rey de Tidore & dos outros reys. E porque a ilha não se podia asi despejar, por amor da nossa armada, consultarão ho modo q̃ terião pera adespejarem a seu saluo: & em quanto tomauão este conselho, não andauão suas armadas no mar, tam continuas como costumauão: o que vendo Tristão dataide determinou de mãdar saltear ho reyno de Geylolo, de que lhe pareceo q̃ el rey estaria muy descuydado, por lhe parecer que em tal tempo não ousaria Tristão

ſtão dataide de mandar lá ſua armada que logo mãdou, & por capitão mór Antonio pereira capitão mór do már, & coele os outros capitães nomeados a tras, & aſſi o çamarao. E chegãdo antemenhaã a Geilolo, ſayrão em terra & queymarão hũa mezquita que eſtaua junto da praya: & acodido os Geylolos, os Portugueſes ſeembarcarão logo ſem afronta: mas em outro lugar pequeno que quiſerão cometer mays adiante, a receberão aſſaz, q̃ como a terra eſtaua apelidada ſayrã logo os mouros a recebelos á praya, & fezerãnos ẽbarcar em q̃ lhes pez, & matarãlhe hũ homẽ: & coiſſo feito ſe tornarão pa caſa, ficando os mouros muyto ſoberbos, por reſiſtirẽ daquela maneira aos Portugueſes: a que de todo perderão ho medo.

CAPIT. CXXXVI.

De como foy morto polos mouros Baltesar vogado.

Ho conſelho que eſtes reys ouuerão pera ſe deſpejar a ilha a ſaluo da ſua gente, foy q̃ cometeſſem paz a Triſtão dataide, pera q̃ mandaſſe deſpejar os portos que tinha pejados, & irẽ ali ſuas armadas de noyte tomar a gente, & paſſala a Geylolo pera onde auia dir, por não caber em Tidore. E ſabido pelos Ternates eſte ardil, auida fala do çamarao, mãdarã dizer por elle a Triſtão dataide, que erão contentes de fazerẽ paz coele: & de tornarẽ a pouoar a cidade de Ternate: porẽ que pera ſe iſtò fazer, era neceſſario ajũtarẽſe todos os q̃ andauão eſpalhados pola ilha principalmente molheres & meninos, q̃ todos auião de dar ſeu parecer. E que não ſe podião ajũtar cõ medo dos nauios que eſtauão naq̃les dous portos, q̃ os mandaſſe dali tirar, & recolher ſua armada, & q̃ ſe ajuntarião. Do que Triſtão dataide foy contẽte, porq̃ alẽ de deſejar a paz, ſabia q̃ auia muyto crauo que deſejaua de cõprar. E deſpejados os portos, vinha de noite a armada de Geylolo, & leuaua os mouros poucos & poucos. E ja q̃ erão quaſi todos idos q̃ não ficaua ſenão Poyo filho do çamarao cõ algũs de ſua valia, que determinaua de ficar com os Portugueſes pera diſſimulação, mandou dizer a Triſtão dataide que ja tinha aſſentado com os mouros de fazerẽ a paz, que auião por feyta, q̃ mãdaſſe algũs capitães q̃ lhe deſſem goarda pa ſe irẽ pera a cidade de Ternate. & Triſtão dataide mandou a iſſo Franciſco de ſouſa, & Balteſar vogado em dous bargãtins, que indo pera iſſo, em dobrando hũa ponta, virão a armada del rey de Geylolo que os eſtaua eſperãdo por auiſo de Poyo que eſtaua em Tabãga. E os mouros vendo os dous bargãtins forãſe dereitos a eles deſparando ſua artelharia & eſpingardaria, & muytos arremeſſos, & ho meſmo fez Balteſar vogado, que era muyto valẽte caualeiro, que hia diante de Frãciſco de ſouſa. E logo neſte primeiro ẽcontro ouue algũs feridos de hũa parte & doutra. Porẽ como os mouros hiã determinados dabolroar cõ os Portugueſes, ſem medo da ſua artelharia, em acabando a primeyra çurriada, aferrou com Balteſar vogado hũa poderoſa joanga, em q̃ irião bẽ duzẽtos mouros todos gente luzida & de feito que ſaltando logo no bargantim, matarã à Balteſar vogado & quantos hião coele pelejando ele & eles primeyro cõ muyto

eſfor

esforço, & vingãdo muy bẽ suas mortes com muytos mouros que matarão. E vẽdo Francisco de sousa tantos mouros, & que seu socorro a Baltesar vogado não a proueitaria de mais que de ho tomarem, tornouse com a mayor pressa q̃ pode a Talangame, onde ficaua Tristão dataide, q̃ sabẽdo como Baltesar vogado ficaua, & a grossa armada dos mouros, vio q̃ não a proueitaua socorrerlhe, porq̃ ja auia d̃ ser morto: & entretanto q̃ la fosse segundo os mouros auiã de ficar soberbos jrião dar na fortaleza, & queimarião a pouoação dos Portugueses, pelo q̃ se partio logo pa a fortaleza, & deixou Francisco de sousa em Talangame.

CAPIT. CXXXVII.

Do mays que os mouros fizerão despoys de tomarẽ ho bargantim.

DA morte de Baltesar vogado & dos outros Portugueses, & da tomada do bargantim, ficarão os mouros de Geilolo soberbissimos, & cõ presunção dos mais esforçados daquela terra, & doutras muytas, poys ousarão de ser os primeiros que abolroassem nauios de Portugueses, & ho tomassem cõ morte do capitão, & leuarão ho bargantim a el rey de Geilolo com as cabeças dos mortos, que fez aos capitães grãdes merces, do q̃ os mouros de Tidore ouuerão tamanha enueja quando ho souberão, que jurarão de tomar a primeira vela que sayisse da fortaleza, donde Tristão dataide não ousaua de sair, por lhe não acõtecer outro desastre: pelo q̃ Poyo filho do çamarao q̃ estaua em Tabãga, & os da sua valia não forão pera a fortaleza. E sabẽdo os mouros que Tristão dataide não ousaua de sayr dela, sayão nela esses que andauão por mar, principalmente os de Geilolo, & punhãse em ciladas pera os que saissem da fortaleza, ou dos nauios q̃ estauão em Talangame, de q̃ acertou de sayr hũ dia Fernão anriquez, a buscar hũ pao pera hũ leme, com sua gente, & com a de Francisco de sousa: & sayranlhe de hũa cilada os mouros, que como erã muytos matarão logo obra de dez Portugueses, & mays de quorenta escrauos, & não escapara nenhũ se a trãqueira não fora tã perto, onde se os Portugueses acolherão. E quando Tristão dataide ho soube, determinou de se auenturar a jr la a ver como aquilo fora, & tambẽ pera leuar çagu pa a fortaleza de hũs jungos que hi chegarão Damboyno, & foy em hũa fusta muyto bẽ artilhada, & acompanhado de cincoẽta Portugueses todos escolhidos. E indo perto de Talangame sayolhe hũa armada del rey de Tidore, que os seguio de maneyra que chegaua a ele a tiro de berço. E ele lhe mandou tirar com sua artelharia, q̃ logo Francisco de sousa ouuio, & sospeitando o que era sahio logo em terra, com a mays da gẽte dos nauios, & foyse ao lõgo do mar pera ajudar a Tristão dataide, que neste tempo acertou de meter hũ pelouro na capitayna dos mouros, em que fez hum buraco que se hia ao fundo, pelo que lhe foy necessario socorrerenlhe os outros nauios, & com isto se deteuerão que Tristão dataide se meteo debaxo da sombra da artelharia das naos. O que visto pelos mouros, & que lhe não podião fazer nenhũ nojo, por estarẽ onde estauão, tornarãse pera Tidore com algũs feridos &

 mor

mortos. E dando Tristão dataide ordẽ ao que era necessario em Talágame, tornou se carregado de çagu pa a fortaleza, dõde não ousou mais de sayr por não ter gente & essa q̃ tinha doente & fraca da grande fome & trabalho q̃ passauão, como disse a tras. O que vendo os Reys ajuntarãse todos cõ sua gẽte pera jrẽ cercar a fortaleza & tomarẽ os Portugueses viuos cõ Tristão dataide, & lhes darẽ muy cruas mortes. E porq̃ os capitães & soldados lhos tomassem viuos, dauãlhe de beber por os copos por onde bebião; que sam douro, que he a mayor honra q̃ lhe podiã fazer: & entre tanto que se ajuntauão os de fora, os q̃ estauão em casa corrião cada dia a fortaleza, sem lhe os Portugueses ousarẽ de sair & fazião os mouros tamanho arroido de gritas, & estrondo despingardadas, q̃ cõ medo quantos bufaros auia na ilha se deitarão ao mar, & nunca mays parecerão. E Tristão dataide esteue em tamanho aperto cõ todos os q̃ estauão coele, que se nosso senhor não leuara la tão cedo, como leuou Antonio galuão, nenhũ nã escapara.

CAPIT. CXXXVIII.

De como dom Ioão pereira pelejou em Bardes cõ Ianebeque capitão Daçadacão, & ho desbaratou.

PAssada a força do inuerno, q̃ as agoas começarão de dar lugar, tornou Açadacão a continuar a guerra contra os Portugueses, & mandou ás terras das tanadarias de Bardes hũ seu capitão chamado Ianebeque cõ quatro mil homẽs, de q̃ os quatrocẽtos erã de caualo, & dos outros muytos deles erão espingardeiros, pera q̃ fosse arrecadar as rendas, & prouasse a fortuna se lhe seria mays fauorauel q̃ a çoleimão haga. E como ele entrou na terra cõ este poder, espãtouse ho nosso tanadar, de maneira que se foy pera Goa, & contou ao gouernador o q̃ passaua, que logo mãdou dom Ioão pereira capitão de Goa, q̃ partio na entrada Dagosto com cẽto & trinta de caualo, deles Arabios, deles da terra & forão coele estes fidalgos, dõ Pedro de meneses. Ioão de mendoça. Cristouão de sousa. Lisuarte dandrade. Martim correa, da silua, Ioão jusarte tição. Manuel de sousa de sepulueda. Francisco de gouuea. Pero da cunha. Manuel de vascõcelos ho casado. E dos casados de Goa Galuão viegas Galaz viegas. Antonio da roberada, & hũ seu filho do mesmo nome, & outros q̃ fazião ho numero q̃ digo, & quatrocentos Portugueses de pé, os mays espingardeiros, de que foy por capitã Payo rodriguez daraujo, & quinhentos piães da terra, & seus capitães Crisna & Ralu. E passando dõ Ioão em Pangĩ, começou a caminhar pera ondestauã os ĩmigos, q̃ era dali a hũa legoa, & as noue horas do dia ouue vista deles, de cima dhũas serras, q̃ cayão sobre hũas varzeas semeadas darroz, & no meyo delas se fazia hũ palmar, alẽ de hũ arroyo dagoa. E neste palmar que era muyto grande tinha Ianebeq̃ a sua gente de pé, em que auia oytenta espingardeiros, & os mais dos outros erão frecheiros. E dãbas as bandas do palmar estauão os de caualo repartidos em dous esquadrões, & a ordẽ era muy boa, & como quem sabia bẽ da guerra, porq̃ podião todos pelejar sem se embaraçarẽ hũs cõ os outros: E quando os Portugueses virã ho bõ concerto em q̃ os ĩmigos estauão & quantos erão, algũs q̃

yão na diãteyra se deteuerã, & deyxarã passar algũs dos traseiros: q̃ forã Ioão ju sarte tição, Manuel de vascõcelos, Lisu arte dãdrade, Frãcisco de gouuea, Pero da cunha, Galuã viegas, & decendo da serra começarã os nossos piães de rõper cõ os imigos, q̃ como estauã encubertos no palmar, nã queriã sayr dele, & tirauã dali muy rijo: & nisto saẽ do palmar tres mouros hũ espingardeiro, outro frechei ro, & outro descudo & lãça, q̃ nesta ordẽ pelejauã, & remeterã a hũ Ioão roiz (dal cunha ho taful) q̃ se desmãdou cõfiado na ligeyreza do caualo, & matarãno: o q̃ vendo Lisuarte dandrade, Frãcisco de gouuea, & Pero da cunha, q̃ começauã de chegar, quiserã lhe acodir, mas ja ho acharã morto: E Lisuarte dãdrade q̃ ya diante, cõ quãto nã passaua de dezoyto annos, remeteo aos tres mouros & ferio hũ ã mão tente cõ a lãça pola cabeça cõ tãta força, q̃ lhe sayo o ferro por debaixo da barba, & o mouro com o aperto da morte lãçou as mãos na lãça tã fortemẽ te q̃ a leuou cõsigo ao chão, & Lisuarte dãdrade porq̃ lhe nã ficasse se deceo, & tomãdoa tornou a caualgar cõ muyto perigo, porq̃ acodiã sobrele os imigos: & se nã forã Francisco de gouuea, Pero da cunha, & hũ Fernã roiz q̃ se poserão diante, tratarãno mal: & neste tpõ deu dõ Ioã nos imigos pola outra banda do palmar, cõ tamanho impeto, q̃ logo se desbaratarã & fogirão, principalmente porq̃ sintirão fugir Ianabeque q̃ estaua da outra banda, que dizem q̃ se vio tam apressado de Francisco de gouuea, Pero da cũha, & Lisuarte dãdrade, q̃ o seguiã sem o conhecer q̃ se deceo, & meteose ẽ hũa casa donde se saluou, cõ a reuolta q̃ era grãde dos imigos q̃ fugiã & dos Por tugueses q̃ os seguiã, & foram aposeles hũa legoa, em q̃ matarã & catiuarã deles bẽ duzẽtos, & dos Portugueses nã mor reo mais q̃ Ioã roiz, & forã feridos Pero da cunha, & outros algũs: & por ser ja noyte dõ Ioã se recolheo a hũ pagode ẽ q̃ se fez forte. E ao outro dia mãdou des cobrir a terra, pera q̃ se ouuesse imigos, fosse pelejar cõ eles, mas ja nã pareciam nhũs q̃ todos se acolherão, & Ianabeq̃ se tornou pa Açadacão muyto triste. E vẽdo dom Ioam q̃ ficaua a terra segu ra tornouse pera Goa.

CAPIT. CXXXIX.

De como Antonio da silueira pelejou cõ Çarnabeq̃ capitão Daçadacão em Bardẽs, & o desbaratou.

AVẽdose Açadacão por muy injuri ado de seus capitães serẽ vẽcidos tãtas vezes, nã disiltio da guerra: & jun tos q̃tro mil & duzẽtos homẽs de pẽ es pingardeiros, frecheiros, & adargados, & oyto cẽtos de caualo: fez capitã deles a hũ valẽte Turco chamado Çarnabeq̃ q̃ auia pouco q̃ chegara, a q̃ cõtou quan tas vezes os seus capitães forã vẽcidos, rogãdolhe muyto que trabalhasse por auer vitoria dos Portugueses, & cõ isto o mãdou ã terra de Bardẽs: & começãdo de recolher as rẽdas, foy o gouernador disso auisado, & mãdou a Antonio da sil ueira q̃ se fizesse prestes pa yr pelejar cõ os imigos, & lançalos fora da terra. E porq̃ determinou d̃ mãdar cõ ele a ma is gẽte de caualo q̃ podesse: mãdou pre goar q̃ todo homẽ que quisesse yr a ca ualo, se o nã teuesse, fosse por essas estre

barias de mouros & de christãos, & to masse cauallo, & andaua o meyrinho a fazelos dar, & cõ tudo por não auer sellas, não ouue mais de cẽto & oytẽta de caua los Arabios, em que entrarão estes fidal gos, afora outros q̃ não soube: Ioão de mẽ doça, Frãcisco de mẽdoça, Ioão jusarte ti ção, Antonio de lemos, Manuel de ma cedo, Frãcisco de gouuea, Lisuarte dá drade, Pero da cunha, Ianemẽdez d̃ ma cedo, Manuel de vascõcelos casado, Frã cisco da silua Dalcobaça, dõ Ioão lobo, Ruy diaz pereyra, Diogo botelho dá drade, Christouão de sousa d̃ Lamego, Pero roĩz porras, Manuel Dazãbuja, Antonio cabral de Sãtarẽ, Iorge de me lo punho, Aluaro d̃ mẽdoça, Luys cou tinho, Pero barriga, Frãcisco pacheco, Diogo pereira, os outros erão casados & cidadãos de Goa, & deles mesmos yão mais cento & trinta de rocis da terra, q̃ fazião numero de duzẽtos & oytẽta de cauallo, & quinhẽtos de pé todos Portu gueses & os mais espingardeiros: & foy por seu capitão Ruy diaz pereira, & ou tros tãtos da terra, de q̃ foy capitão Cris na, & passarão em Pãgĩ em hũ dos dias de Setẽbro, estãdo hi ho gouernador, q̃ fazia muita hõrra a todos os q̃ passauão, & por isso passou tãta gẽte, & tão boa. E passados da bãda dalẽ, começarão de ca minhar pera onde estaua çarnabeque q̃ era dali a duas legoas, ẽ hũ vale ãtre du as serras de grãde aruoredo, q̃ chegaua ate as rayzes das serras, & a entrada for tale[z]a de muytas couas cubertas de torrões cõ herua, porq̃ não se parecessẽ, & ficaua hu caminho de braça de doze palmos cuberto daq̃le aruoredo, antre as raizes das serras, & hũa varzia q̃ se fa zia ao longo delas, q̃ era terra alagadiça por ser semeada darroz, & não se podia andar por ela, & cõ isto estaua aq̃le lu gar muito forte, & çarnabeq muito cõ fiado q̃ auia de desbaratar os Portugue ses se ho cometessẽ: & pera os cõuidar a isso, tanto q̃ os vio, q̃ seria ás duas horas despois de meo dia, mãdou a hũ seu ca pitão q̃ cõ obra de duzentos de pé saysse fora da boca do vale, & se mostrasse aos Portugueses, & tãto q̃ os cometessẽ, se retirassẽ pera detro, onde ele ficaua ẽ cila da cõ os de cauallo, & algũs dos de pé polas fraldas das serras q̃ os vissẽ os Por tugueses, & q̃ não cuydassẽ que erão mais pera os cometerẽ. Antonio da silueyra como vio os q̃ sayrão á boca do vale, & vio os outros q̃ parecião polas fraldas das serras, logo lhe pareceo q̃ era cilada, por saber q̃ antre os ĩmigos auia muytos d̃ cauallo, & como lhe tãto pareceo, man dou a Ruy diaz pereyra q̃ cõ os Portu gueses de pé, porq̃ erão todos espingardei ros, fosse dar nos ĩmigos, & assi mãdou a Caluão viegas q̃ fosse cõ cincoẽta de cauallo em fauor dos de pé & estes forão nomeados por ele, q̃ não quis q̃ fossẽ se não homẽs de feito, & Lisuarte dãdrade lhe pedio q̃ o metesse naq̃le cõto, & ele não quis por ser mãcebo, & temer de se desmãdar, & todauia Lisuarte dãdrade se furtou & foy cõ os cincoẽta: & quã do Antonio da silueira ho vio yr não ho quis mandar tornar, & disse q̃ aq̃les não se podião estoruar & q̃ Deos os guarda ua. Os ĩmigos como os Portugueses fo

ram

rã deles a tiro despingarda, q̃ lhes come çarã de tirar cõ elas, começrarã de se reti rar pera onde estaua Carnabeq̃ na cilada, & a este retirar começou de correr Galuã viegas cõ os q̃ yã cõ ele, & indo asi corrẽdo, cayrã bẽ quinze nas couas q̃ estauã cubertas, & o primeiro foy Antonio đ lemos, & os outros passarã auãte, & quãto mais se chegauã ao boqueirã das serras, tãto mais chouiã sobreles espĩgardadas & frechadas, & valeolhes yrẽ por debaixo dũ aruoredo de tamarindos muyto basto, em cuja rama q̃braua a furia da mayor parte delas, & asi virẽ pola bãda esq̃rda dõde leuauão as adargas com q̃ se emparauão, q̃ doutra maneyra os mais ouuerã de morrer, porq̃ ouue adarga em q̃ se acharã despois pregadas sessẽta frechas, & nẽ por isso os nossos nã deixarã de passar auãte, ate dar cõ a cilada q̃ estaua detras do lugar, & por ser a terra apertada tinha çarnabeq̃ os de caualo em fieyras, & a gẽte de pé polas fraldas das serras, & ele diãte dos đ caualo, encima dũ poderoso caualo, & ele homẽ grande & mẽbrudo, armado de hũ laudel de laminas, & na cabeça hũa fota, & hũ terçado vazado ate a põta, & cheo dazougue, & cõ esta ajuda, & cõ a grãdissima força q̃ tinha, dizião q̃ fendia dũ golpe hũa bufara polo meo. E em os nossos começãdo dentrar por antre as casas, começã os ĩmigos de desparar muytas bõbas de fogo, com q̃ matarã algũs, & o primeyro foy Frãcisco da silua Dalcobaça, mas cõ tudo isto os nossos entrarã por antre as casas, & chegarã aos ĩmigos de caualo cõ muyto esforço, & cõ eles começarã de pelejar, mas nã teuerã os de pé q̃ os ajudassem cõ as espingardas, porq̃ ficaram muyto atras q̃ nã poderão ter cõ eles. E como os ĩmigos virão quão poucos os nossos erã, remeterã a eles cõ grãde impeto, principalmẽte çarnabeq̃, & o primeiro q̃ ferio foy Gaspar preto, & alcãçouho por hũ hõbro & descoseolho tãto, sem lhe aꝓueitarẽ as armas, q̃ lhe viã latejar os bofes, & a Migel froes deu outro por cima do capacete, q̃ logo deu coele no chão, & juraua depois q̃ dali a q̃tro dias lhe nã ficara a vista perfeita, & outro deu a hũ q̃ fora porteiro de Lopo vaz de sãopayo, q̃ lhe cortou de hũa orelha ate o olho da outra parte q̃ lhe ficou a cabeça ẽbicada & cayo logo morto, & tirou outro a Diogo botelho dandrade, & errãdoho, tomoulhe o caualo por cima das ancas nas cubertas da sela, & fendeho quasi ate baixo, & em caindo foy Diogo botelho saluo por Cristouão de sousa, & por Lisuarte dãdrade, q̃ lhe derã hũ caualo dos q̃ andauã soltos, o q̃ fizerã cõ grãde perigo, por carregarẽ sobreles muytos mouros, q̃ estauam muyto fauorecidos cõ o esforço do seu capitã: E cõ os nossos serẽ tã poucos os tratauão muyto mal cõ os ferirẽ, & asi aos caualos q̃ todos forão feridos, & algũs mortos, & tãbẽ os q̃ yão neles o ouuerã de ser sem ficar nhũ se nã fora Pero barriga, q̃ como sabia bẽ da guerra, & vio o perigo dos Portugueses, pa os fazer recolher disse alto: Nã he tpo, ao cãpo, ao cãpo, & dizẽdo isto se começou de recolher, & outros q̃ o ouuyrão co-

meçarã de fugir a quẽ mais pôdia, ſem atentarẽ por algũs q̃ eſtauam cercados de mouros em aperto grandiſsimo, & hũ deſtes foy Ioão juſarte tição, q̃ deſpois de chamar outros q̃ lhe acodiſsẽ, & nam quiſeram, ou ho não ouuiram, chamou duas vezes por Liſuarte dandrade q̃ ya na derradeyra, & detẽdoſe ele por ver quẽ ho chamaua, arrãca dãtre os ĩmigos çarnabeq̃ cõ outros q̃tro de caualo, & apos ele outros muytos, pelo q̃ a Liſuarte dãdrade lhe cõueo aco lherſe indo ferido dũ dos ĩmigos, a que matou o caualo, & quis noſſo Señor q̃ começando eſtes de ſe desbaratar, chegou Antonio da ſilueira cõ o reſto dos noſſos, indo diãte de todos, antre Ruy varela & Pero da cunha, & nas coſtas Frãciſco de gouuea & Frãciſco pacheco q̃ ya dizẽdo a brados: Sñores, olhai polo voſſo capitã? E eles yã tão apertados dos mouros q̃ nã podiã fazer menos, & ſe Antonio da ſilueira nã chegara, nã eſcapara nhũ ſegũdo os mouros feriã neles, principalmẽte çarnabeq̃, q̃ vẽdo ho ſocorro q̃ ſobreuinha aos q̃ fugiã, porq̃ nã cuydaſsẽ os noſſos q̃ lhes auia medo, ſe meteo por antreles tã rijo como hũ coriſco, & topãdo cõ Antonio da ſilueira, lhe deu hũ golpe ſobre hũ hõbro, q̃ ſe as armas nã forã tã boas lho cortara, mas atormentoulho de tal maneyra, q̃ depois lhe foy neceſſario trazer ali hũ empraſto muytos dias, & em ele dando eſte golpe, Ruy varela & Pero da cunha q̃ ficarã hũ pouco atras Dãtonio da ſilueyra, lhe puſerã as lanças nos peitos pa o derribarẽ mas não poderã, & por iſſo deixãdo as lãças pegarão nele, & ajudã do os Frãciſco de gouuea & Liſuarte dãdrade, deram coele do caualo abayxo ſem ſe poder valer, & ele derribado foy logo tão piſado dos pés dos caualos que nã ſe pode mais leuantar & ali foy morto: E em cayndo acodirão dos ſeus hũs dezoyto Turcos todos capitães Daçadacão, & forão ſobre Antonio da ſilueira & ſobre os outros que eſtauão coele, & começarã de pelejar muy brauamẽte, porem como çarnabeque era ja derribado, & os ſeus ho nã vião, & os noſſos eſpingardeiros começaſſem de varejar com as eſpingardas, começarã os ĩmigos de ſe desbaratar & fugir, aſsi os do vale como os das fraldas das ſerras, & acabarão de ſe desbaratar de todo cõ a morte dos dezoyto capitães Turcos, que pelejarão com tanto esforço & valentia, que depois de hũ ſer derribado do caualo, remeteo a hũ Diogo pereira que eſtaua a caualo pera lho tomar, & com tanta força lhe puxou por hũa perna, que lhe raſgou hũa bota. E deſbaratados de todo os ĩmigos, que começarão de fugir, ſeguirão os noſſos a pos eles até hũ eſcãpado que foy muyto pouco eſpaço, & Antonio da ſilueira não quis que paſſaſſem dali, receando que ouueſſe outra cilada, por ver yr os immigos de caualo muyto de vagar pola ſerra acima por caminhos que tinhão feitos, & eſte vagar ſegũdo ſe depois ſoube, era por amor de recolherẽ os de pé. E mandando Antonio da ſilueira deter os noſſos, chegou Criſnã, & requereolhe da parte de Deos & delrey

que o seguisse & fosse apos os imigos q̃ yão muyto desbaratados & que os matarião todos, & se não q̃ lhe desse licẽça pera os seguir cõ os seus piaẽs, porq̃ eles abastariã pera matar todos os imigos, como fizera quando passara com dom Ioã pereyra a Salsete, que fizera afogar tres mil almas, & Antonio da silueyra não quis polo receyo da cilada, contentandose cõ desbaratar os imigos, de q̃ forão mortos çarnabeq̃ & os dezoyto capitães, & q̃trocẽtos outros, & muytos feridos, & so a morte de çarnabeq̃ bastara pera esta ser hũa muyto grande vitoria como foy, de q̃ Açadacão ficou tão quebrado, que nũca mais ousou de mandar nhũa gente que pelejasse em campo com os Portugueses, de q̃ morrerão nesta batalha, Francisco da silua Dalcobaça, Manuel dazambuja, o que foy porteiro de Lopo vaz de saopayo, Pero rodriguez porras, & outros tres, & forã feridos, Ioã de mẽdoça, Aluaro de mẽdoça, Ioã jusarte tiçã, Lisuarte dãdrade, Gaspar preto, Antonio da rabo reda, o moço, & outros algũs: & durou esta batalha das onze oras até as tres.

CAPIT. CXXXX.

De como Antonio da silueira fez hũa tranqueyra em Bardes.

Recolhidos os Portugueses, mãdou Antonio da silueira ver hũ esteyro q̃ ya ter ali perto, a ver se estauão hi hũs bateis, q̃ lhe o gouernador dissera q̃ auia ali de mãdar cõ gẽte q̃ esteuesse naq̃le esteyro, porq̃ auiã os imigos de passar por ele & os atalhasse, & Antonio da silueyra mãdaua buscar estes bateis, pa leuar neles os feridos & mortos, mas nã se acharã, pelo q̃ os sãos os ouuerã de leuar ás costas nos escudos dos Canarís ate onde desembarcarão, q̃ era legoa & mea, no q̃ leuarão trabalho imenso, por fazer muyto grãde calma & nã terẽ ainda comido. E indo assi todos muyto cãsados, chegou Ioã de payua feitor da armada do gouernador, q̃ da sua parte ya visitar Antonio da silueira & saber como lhe ya, porq̃ quando os Portugueses começarã de fugir da batalha q̃ Antonio da silueira socorreo, tres casados de Goa (a q̃ nã soube os nomes) fugirã tão bẽ, & hũ foy dizer ao gouernador q̃ Antonio da silueyra fora desbaratado, & mortos muytos dos q̃ yã coele, nomeãdohos por seus nomes. E estãdo a gouernador muyto triste, soube a verdade por hũ pião de Crisnã q̃ lhe mãdou cõ a noua, & por isso o gouernador o mãdou visitar, & mais mãdaualhe fazer hũa tranq̃ira ondestaua o nosso Tanadar daq̃la comarca, em q̃ deixaria quorẽta espingardeiros pa q̃ ficasse seguro, & mãdaua rogar aos fidalgos q̃ estauã cõ Antonio da silueira q̃ o ajudassẽ a fazer a trãq̃ira. E por a gente yr muyto cãsada & morta cõ fome, se foy Antonio da silueira onde ya pa hi descãçar, & aq̃la noite foy hũa braua & espãtosa tormẽta de vẽto, toruões, & chuua: & como os nossos estauã no cãpo, õde nã auia nhũ abrigo de tẽdas nẽ casas, desgrudarãse as adargas cõ a agoa, & os caualos se ouueram dafogar, & muytos por ser ho tẽpo tam forte se passarão secretamente a Pangĩ cõ quanto hi estaua o gouernador, que todavia mandou a Antonio da silueira

que

que fosse fazer a tranqueyra, & ele foy nam leuando mais de duzentos Portugueses, em que entrauam trinta & seys de cavalo, & fez a tranqra muyto forte de duas faces & entulhada, cõ seus baluarres forrados de tauoado pela bãda de dẽtro, & foy feita ẽ oyto dias, cõ muyto trabalho dos fidalgos. E sabẽdo ho Gouernador q̃ a tranqira era acabada, mãdou a Antonio da silueira q̃ corresse a terra ate onde fora a batalha, porq̃ auia noua q̃ tornaram ali os immigos & q̃ estauã hi, o q̃ deu grande opressão aos Portugueses, por serẽ tã poucos como erã: E logo se partio Antonio da silueira cõ sua gẽte, indo diãte Galuã viegas descobrindo a terra, & cõ ele Galaz viegas, Baltesar de vilhegas, & Lisuarte dãdrade, q̃ yã sempre diãte do corpo da gẽte hũ terço đ legoa, & por isso chegarã sós onde fora a batalha, em q̃ não acharã ĩmigos nẽ rasto deles, & sabẽdo ho Antonio da silueira se tornou, deyxãdo a terra pacifica, & se passou a Pãgĩ onde ho gouernador ho esperaua, & dali se foram pera Goa.

CAPIT. CXXXXI.

De como foy preso Garcia de Sâ, & Antonio da silueira foy acabar de fazer a fortaleza de Baçaim.

NEste anno de mil & quinhentos & trinta & seys, partio pera a India por capitão mór da armada da carga hũ fidalgo chamado Iorge cabral, (de que se fez menção no liuro Septimo) & os outros capitães foram Francisco barreto, Ambrosio do rego, Gaspar dazeuedo, & Vicente gil, a que nã soube o que aconteceo, nem em que tempo chegaram á India. E porque el Rey de Portugal mandaua prender a Garcia de Sá (que estaua por capitã em Baçaim fazendo a fortaleza) & socrestarlhe sua fazenda, por capitulos que seus ĩmigos deram dele, mandou ho gouernador a Antonio da silueira, q̃ fosse acabar de fazer a fortaleza de Baçaĩ, & assi a Ioão de mendoça, & q̃ Garcia de Sá se fosse pera Goa, & eles forã com gente que lhes o gouernador deu pera isso. E chegado Antonio da silueira a Baçaĩ, mandou Garcia de Sá pera Goa, & ele ficou acabando a fortaleza cõ Ioam de mendoça, no q̃ gastarã tres meses.

CAPIT. CXXXXII.

De como Martĩ afonso de sousa foy socorrer a el rey de Cochi, & do que fez no caminho.

DVrando a perfia del rey de Calicut se querer coroar em Repelĩ, & defendẽdolho os nossos, por nã ficar superior dos reys do Malabar amigos del rey de Portugal, soubeho ho gouernador, & por isso mãdou logo Martĩ afonso a Cochĩ cõ a sua armada, em que leuaria quatrocentos homẽs, & os capitães q̃ leuou, afora ele q̃ ya em hũa carauela forã, Vasco pirez de sampayo, Fernã de sousa đ tauora, Manuel đ sousa de Sepulueda, dõ Diogo dalmeyda, Martĩ correa, Frãcisco de barros de payua, Iorge barroso dalmeyda, Francisco pereira, Gaspar de lemos, Iorge de figueiredo, Diogo de reynoso, Antonio de souto mayor, Francisco de Sá, Ioão de sousa de matos, dõ Pedro de meneses, & estes em galeotas & fustas, afora outros q̃ yão em catures. E sabẽdo Martĩ afonso q̃ em Colemute se fazia semp grãde armada cõtra os nossos, determi

nou

nou de ho destruyr: & dando cõta disso a seus capitães, desembarcou cõ eles cõ a gête q̃ leuauã, & ao dsembarcar, acharã obra de dous mil Naires, q̃ lhes quiserã defender a desembarcaçã, & ouue sobrisso hũa braua peleja, de q̃ os nossos ficarã vêcedores, cõ morte de muytos dos imigos, & os q̃ ficauão fugirã & desempararã ho lugar, q̃ foy todo queymado, & foram tomadas sete fustas que hi estauam varadas.

CAPIT. CXXXXIII.

De como Martim afonso de sousa chegou a Cochĩ.

ONde despois q̃ chegou, soube como el rey de Calicut caminhaua cõ sua gente, cõ determinação de passar a Repelĩ pelo passo de Crãganor, pera se coroar como disse atras, & gête sua q̃ ya diãte, era chegada ao passo onde tinha queymada hũa hermida q̃ ali deixara sam Thome, & fizerã hũa trãqueira forte, em q̃ assẽtara algũas peças dartelharia. E sabido isto por Martĩ afõso, dterminou d yr tomar esta trãqueira, & dfender aq̃lle passo a elrey d Calicut, & pa este feyto mãdaua elrey d Cochĩ hũa soma dos seus Naires, & assi ho Mãgate caimal seu vassalo, & grãde senhor: & os capitães desta gête, erã os regedores d Cochĩ, q̃ por nã acodirẽ a hũ dia q̃ Martĩ afonso tinha assinado, pera dar na trãqueira hũa menhaã, não deu, & ficou a cousa pa ho outro dia. E sabẽdo ho el rey de Calicut naq̃le (porsuas espias) q̃ Martĩ afonso deixara de yr dar na trãqueira por falta de maré, & q̃ auia dir ao outro dia cõ grãde poder de gête, foy ho seu medo tamanho, q̃ nã ousou de ho esperar: & na noyte seguinte recolhida a artelharia da tranqueyra, se passou cõ sua gẽte a Chatuá, & dahi pa ho pé da serra, & não ousou de tornar a cometer o q̃ cometia, sem grãde poder de gente (como direy adiante.)

CAPIT. CXXXXIIII.

De como el rey de Calicut, com medo de Martim afonso de sousa, se retirou pera suas terras: & de como Martim afonso começou de fazer guerra a el rey de Repelim.

SAbido em Cochim como el rey de Calicut fugira, mudou Martĩ afonso a yda q̃ auia de fazer a esperalo, e myr cõtra el rey de Repelĩ, assi por ser nosso ĩmigo, & ajudar a el rey de Calicut, como por ter hũa pedra del rey de Cochĩ, q̃ lhe el rey de Calicut irmão de Nãbeadarĩ tomara, quãdo lhe tomou Cochĩ, q̃ se ele acolheo ao pagode de Vaipĩ (como disse no liuro primeyro.) E el rey de Cochĩ sabẽdo q̃ el rey de Repelĩ tinha esta pedra, q̃ era cousa de sua religiã, sentiase disso por muyto injuriado, & req̃ria a Martĩ afõso q̃ lha fosse tomar, que foy com cõselho do vedor da fazenda & de todos os outros; & leuou mil dos nossos, & muytos Naires debaixo da capitania do prĩcepe de Cochĩ & do Mãgate caimal, & doutros senhores del rey de Cochĩ. E cõ Martĩ afonso forã todos os capitães da sua armada, & assi Antonio de brito capitão de Cochĩ, Iorge mascarenhas de montãs, & Pero froes, q̃ yã cõ elle por terra, & por mar ya Iorge cabral capitã mor da armada da carga, & Manuel rodriguez coutinho, em fustas & bateis. Partio como digo por terra, a vinte hũ de Nouẽbro, & aq̃le dia foy dormir a terra

do

do Anchecaimal, & ao outro foy cometer a terra del rey de Repelim, q̃ he quasi ilha, & dõde a não cerca a agoa, q̃ era pola parte q̃ os nossos auião dẽtrar, cercada de canaueaes de canas da India, que sam muyto grossas, & estauão tecidas de maneyra, q̃ ficauão mais fortes q̃ muro, & tinha ali certas entradas, em q̃ estauã tranqueyras muyto fortes, & bẽ artilhadas & guardadas de gente. Os nossos yão nesta ordẽ: Antonio de brito leuaua a diãteyra cõ trezẽtos homẽs os mais espingardeyros, & yã cõele dõ Diogo dalmeyda, Iorge mascarenhas de mõtãs, Pero froes, & outros capitães & fidalgos: E aposele, Martĩ afonso cõ a bãdeyra real cõ ho resto da gẽte. Antonio de brito foy cometer hũa destas tranqueyras q̃ digo, q̃ tinha tres peças dartelharia: & vedoho os ĩmigos, apartarãse çem Naires todos escolhidos por muyto esforçados, & sayrã a receber os nossos fora da trãqueyra, cuydando q̃ por sua valẽtia os nã deixassem chegar a ela, mas os nossos matarã & ferirã muytos cõ as espingardas, & os fizerã fugir: & indo assi desbaratados, hum que ya muyto ferido nam se atreuẽdo a viuer, chamou outro, & deulhe a sua agomia & seu escudo q̃ lho leuasse, & isto, porq̃ te eles q̃ ainda q̃ morram na batalha, se saluã as armas, ficã inteyramẽte cõ sua hõrra. E seguindo os nossos os ĩmigos, entrarã cõ eles na trãqueyra, & dentro acharã resistẽcia nos ĩmigos q̃ a guardauão, & durou a peleja ate chegar Martĩ afonso, q̃ se os ĩmigos desbarataram de todo & fugirão, & dali fez Martĩ afõso volta sobre a mão esquerda, onde estauã duas estãcias pera ho rio q̃ o guardauã, & estas cõbatia Iorge cabral cõ os capitães q̃ leuaua por mar, q̃ apertarã tão rijo cõ os mouros q̃ os fizerã fugir. E sabẽdo el rey de Repelim q̃ aq̃las trãqueiras erã tomadas, mãdou alargar as outras, & recolher sua gẽte pera a cidade, onde esperaua de se defender cõ cinco mil Naires q̃ tinha seus, & do Mãgate achẽ vassalo del rey de Calicut, & entrauão nestes quinhentos espingardeyros.

CAPIT. CXXXXV.

De como Martĩ afonso de sousa desbaratou el rey de Repelim, & lhe queymou a cidade.

Desbaratadas as trãqueiras q̃ digo, deixouse Martĩ afonso ficar ali pera descasar sua gẽte: & ao outro dia em amanhecendo, abalou pera a cidade de Repelim, q̃ era dali hũa legoa, & mandou a Frãcisco de barros de payua, q̃ cõ cẽto & cincoẽta espingardeyros fosse diante descobrindo a terra: & nas costas lhe ya Antonio de brito cõ quatro cẽtos homẽs, & cõ os mesmos capitães & fidalgos q̃ ho acõpanharão ho dia dãtes, & na retroguarda Martĩ afõso cõ ho resto da gẽte: & caminhãdo nesta ordem, posto q̃ no caminho auia muytos frecheyros, por antre muytos palmares q̃ auia duma parte & doutra: Francisco de barros cõ os seus espĩgardeyros os despejaua de maneira, q̃ os nossos nã receberã deles nhũ dãno, & assi forã ate a entrada da cidade, q̃ era p antre hũs valos & hũas cauas, q̃ o de mais era cercado de canaueaes. E nesta ẽtrada estaua hũ capitã cõ muytos espĩgardeyros & frecheiros, & como ela era estreita podiãna os ĩmigos defender

defender muyto bẽ, & por isso durou a peleja aqui hũ pedaço, & por derradeiro os imigos ficarão desbaratados, & os nossos entrarão leuandoos diante de si fugindo ate dar nas casas del rey, donde ho resto dos imigos q̃ hi estaua fugirã, vẽdo fugir os outros: & nũca el rey os pode deter por mais q̃ os esforçou, & então fugio coeles, sendo dos derradeiros. & Francisco de barros ho seguio cõ algũs outros, tirando lhe tantas espingardadas q̃ lhe matarão o que lhe leuaua ho sombreiro, que com a pressa não ouue quẽ ho leuãtasse, & ficou o q̃ el rey sentio muyto, por ser antreles grande desonra. E despois de perdido ho sombreiro, el rey foy tam apertado dos nossos q̃ ho seguião, que cõ muyto gran de perigo escapou, saluandose em hũa almadia em q̃ se embarcou cõ ho mangãte Aché, & outros quatro & fugio. E entre tanto Martĩ afonso que tomou por outra parte, foy dar em hũa mezquita, de q̃ sayrá obra de vĩte mouros determinados de ho matar, segundo hũ remeteo a ele com grande ousadia, tirandolhe hũa cutilada, que ele tomou na rodela, & logo ho atrauessou com hũ zagũcho que leuaua: & a apos isso foy morto dos nossos: & os outros tambẽ morrerã pelejãdo como muy to valẽtes homẽs. E mortos estes Martim afonso fez ali corpo recolhẽdo os nossos de que muytos andauão desmãdados pola cidade a roubar, & destes forão mortos dez ou doze, que na batalha não morreo nenhũ: somente forão feridos muytos, & antrestes forão hũ Duarte de miranda, & hũ Esteuão gago. E dos imigos se acharã mortos cento, & os feridos forão sem conto, & em muyto pouco espaço. E desbaratados os imigos & fugidos, foy roubada a cidade, & as casas del rey, em q̃ foy achada a pedra del rey de Cochim, q̃ era hũa pedra branca como qualq̃r outra, da feyção & do tamanho de hũa mea moo datafona, & tinha abertas hũas letras malabares. E cõ esta pedra fizerão os nayres de Cochim grande festa: & assi forão achadas hũas tauoas de metal, cõ hũas serpes escolpidas nelas, & hũas letras Chins, que el rey de repelim tinha em grande veneração, por ser cousa de sua religião. E saqueada a cidade, despoys de ser toda queimada se tornou Martim afõso a Cochim, onde foy recebido cõ muyta festa, & deu a el rey de Cochim ho sombreiro del rey de Repelim, & as tauoas, & a pedra, que ele estimou muyto, & lhe deu por isso grandes agardecimentos.

CAPIT. CXLVI.

De como Martim afonso defendeo a el rey de Calicut que não passasse polo passo do vao.

VEndo ho vẽdor da fazenda q̃ el rey de Calicut continuaua a guerra, & q̃ cometia dentrar polo passo de Crãganor, pareceolhe bẽ cõ conselho de Martĩ afonso, & de Antonio de brito, fazer hũa fortaleza naq̃le passo, que se logo começou. E nisto tendo Martĩ afonso noua que partia a armada de Calicut carregar darroz a Bracelor, fez se prestes pa jr pelejar coela, & tomarlhe a carga q̃ado tornasse, q̃ era hũ dos grãdes danos q̃ podia fazer a el rey de Calicut, com que a sua gente lhe morreria de fome. E fazendose prestes pera jr, ex que chega recado del rey de Cochim muyto de pressa, que vinha el rey de Cali

cut cõ grande poder de gente em q̃ entrauão dous mil espingardeiros, & determinaua dẽtrar polo passo do vao, que era na terra do Mãgate caymal, duas legoas acima do passo de Cranganor, & q̃ não queria entrar por este passo de Crãganor, por estar impedido cõ a fortaleza q̃ os nossos fazião, & polo passo do vao podia passar cõ a maré vazia, como em outro tẽpo intẽtara de passar seu antecessor, quãdo lho Duarte pacheco defendeo tão milagrosamẽte como disse no liuro primeiro. E por ho recado ser tam de pressa, se embarcou logo Martim afonso em hũs tones, por jr mays asinha, & embarcarãse coele obra de nouenta dos nossos, os mays deles capitães & fidalgos, & forã coele ho regedor de Cochim cõ algũs naires, & deyxou encomendado a Antonio de brito q̃ fossea pos ele com a mais gente q̃ podesse. E mãdou a Francisco de barros de payua q̃ em hũa galé com outros dous capitães dedous bargantĩs se fosse meter no rio de Crãganor pera goardar ho passo, que não passasse por ele gente del rey de Calicut, & defendesse que não entrassem no mesmo rio, hũas vintecinco fustas da aemada del rey de Calicut, q̃ era certo que ele mãdaua jr a este rio pera ho ajudarẽ, & defenderẽ os nossos catures q̃ nã leuassem socorro onde fosse necessario: o que se podia fazer por a terra ser toda regadia de muytos rios (como disse no primeiro liuro). E se Martim afonso não mandara atalhar a estas fustas desta maneira, por nenhũ modo se podera tolher a passagẽ a el rey de Calicut, como despoys tolheo. Isto ordenado partiose Martim afonso pera ho passo do vao: & ao outro dia em amanhecẽdo chegou ás terras do Mangate caimal, q̃ pola breuidade do tẽpo não tinha juntos mays de tres mil nayres. E dele soube q̃ estaua el rey de Calicut dali a duas legoas, & que tinha quorẽta mil homẽs, & q̃ dahi a tres dias daria a batalha, porq̃ era seu costume dala a este prazo, despois q̃ chegaua a terra de seus imigos. E no dia em q̃ auia de ser mandaua tanger hũa bozina & hũ atambor de tamanha grandura, que não auia quatro homẽs que ho abalassem, & este se ouuia a duas legoas: & sem estes sinays se não daua a batalha, & q̃ isto teuesse por certo. E como Martĩ afonso teuesse aquilo por abusam, nã ho creo, & foy se ao passo onde desembarcou, & por lhe os tones não ficarẽ em seco os mandou afastar pa ho rio, & ele pos se no cãpo cõ sua gente, & estauão coele ho mãgate & o regedor de Cochim cõ seus nayres, que lhe dizião que estauã ali de balde, porq̃ el rey de Calicut não auia de dar a batalha senão passados os tres dias: & primeiro se auia de tanger ho atãbor que digo. E estãdo nisto começa daparecer hũ corpo de gẽte dos ĩmigos, que serião cinco mil homẽs, que com grandes gritas remeterão ao passo, & começão de passar. E cuydando Martĩ afonso que era algũa gente da del rey q̃ vinha desmandada, mandou a Gaspar de lemos que cõ vinte espingardeiros se posesse detras dũ valo q̃ estaua perto do vao, & dali fizese rosto aos ĩmigos, q̃ em continẽte começarão de crecer, se não quando aparece a bãdeira delrey, q̃ era sinal q̃ vinha ali: E assi era que não curando de supstições, por tomar os nossos de supito, & os desbara

aratar a seu saluo, não quis vsar dos sina
ys que mādaua fazer quando auia de dar
batalha. E parece que nosso senhor inspi-
rou em Martī afonso, que não cresse o q̃
lhe ho Mangate dizia do costume del rey
de Calicut, porq̃ se lho crera passara elrey
sem ser contrariado, & fizera o q̃ determi
naua, que fora grande mal. E como as in-
signias del rey aparecerão os nayres do mā
gate & os de Cochim, conhecendo q̃ ele
vinha foy ho seu medo tamanho, que se
afastarā dos nossos hū bō pedaço pera fu-
girē, se Martim afonso fosse desbaratado
E algūs dos nossos ate trinta cō o mesmo
medo fugirão pera os tones em q̃ se escon
derão pera se acolherē se Martī afonso le
uasse ho pior. Martim afōso que vio esta
couardia, sabendo do Mangate ho porq̃,
tomou ho pela mão & teueo que não fugi
sse, dizendo q̃ não ouuesse medo, porq̃ es-
peraua em nosso senhor de desbaratar el
rey cō aqueles poucos que tinha, que não
seriāo mays de sessenta. E algūs dos nossos
desconfiados disto poder ser, lhe acōselha
uão q̃ se recolhesse aos tones, & se saluas-
se, porq̃ não era siso esperar tam grossa gē
te. Porē Vasco pirez de sampayo, & Frā
cisco pereira lhe conselharão que pelejasse
& ho mesmo lhe pareceo a ele que deuia
de fazer, por ja terē passado ho vao muy-
tos dos īmigos: & segundo erão ligeiros
antes de chegar aos tones matariāo quan-
tos hião coele: & a fora isto não poderia re
colher Gaspar de lemos por estar cercado
d'imigos. E encomendādose a nosso sñor
de todo coraçā, & cō ho esforço nele, fez
hū corpo dos seus, & dā Santiago nos īmi
gos, ferindo & matando neles, q̃ erão bē
cinco mil alē do passo: & ajudaua ao Ioão
luys ho cōdestabre da fortaleza de Cochī
tirando de trauēs aos īmigos cō hū berço
q̃ estaua em hū tone, em q̃ se chegou á bo
ca do vao. E dali a pouco chegou cō a ma
rē hū batel nosso cō hū falcão & dous ber
ços q̃ tambē varejarão fortemēte aos īmi
gos: & cō tudo eles erão tantos, q̃ se os nos
so sñor não enfraq̃cera afogarão os nossos,
á q̃ ouuerā tamanho medo, que se come
çarā de retirar pera alē do passo ondestaua
el rey de Calicut. O q̃ vēdo a gēte do Mā
gate, ouue vergonha de ter fugido, & pa
emendarē ho passado remeterão cō gran
des gritas onde era a batalha, & ja nā acha
rāo q̃ fazer, por serē todos os īmigos passa
dos da outra bāda: & Martim afonso não
quis deixar passar os nossos, de q̃ morre-
rā algūs nesta batalha, & dos īmigos per
to de trezentos. E ainda despoys dos īmi
gos serē passados da outra bāda se poserā
cō os nossos ás espingardadas, & assi este
uerão per espaço de duas horas, ate q̃ se re
colherão, & Martī afonso se afastou hū
pedaço, & ficou no cāpo aq̃la noyte.

CAPIT. CXLVII.

De como Antonio de brito pelejou algūas vezes no passo do vao com a gente del rey de Calicut & sempre venceo.

COesta vitoria tā milagrosa, q̃ nosso
senor deu, ficou el rey de Calicut tā
quebrado que se tornou ao seu arrayal &
não quis tornar mais a dar batalha por sua
pessoa, & ficou seu poder muyto desacre
ditado, & ho dos nossos cō muyto grāde
credito, vēdo a gēte da terra cō quāta ou-
sadia lhe resistirā, sendo tā poucos, & tor
noulhes alēbrar as grādes vitorias q̃ ali ou
uera Duarte pacheco cōtra aq̃le maluado

rey

rey de Calicut, que então reynaua: & os da parte del rey de Cochim se efforçarão tanto pera ajudar os nossos, que logo aq̃la noite acodirão ao Mãgate caymal mays quatro mil nayres. E ao outro dia chegou Antonio de brito com quatrocẽtos dos nossos: & vendo Martim afonso tam boa gente: dãdo a dianteira a Antonio de brito deu outra batalha aos imigos q̃ prouarão de passar ho vao: & venceos com lhe matar mays gente que da outra vez & os fez afastar do passo, do que el rey de Calicut ficou bẽ triste, & quisera irse de todo, se os senhores que estauão coele ho não estoruarão. E ho dia seguinte desta batalha chegou ho principe de Cochim cõ vinte mil naires seus & dos caymais q̃ ho acõpanhauão: & erão muytos espingardeiros. E vendo Martim afonso tanta gẽte junta, ouue sua estada ali por escusada: & mays sabẽdo q̃ andaua no mar a armada de Calicut, a que era necessario q̃ acodisse E por isso deixou a goarda daquele passo a Antonio de brito, deixãdolhe quatrocentos dos nossos, & os vinte mil nayres que digo. E despois de Martim afõso ser ido do passo, ficou nele Antonio de brito quinze dias: & neste espaço pelejou seys vezes com a gente del rey de Calicut, sobre querer passar o vao, & de todas foy vencedor, & fez grãde destroição nos immigos: o que vendo el rey de Calicut, & q̃ sua persia era por demais, leuantou ho arrayal, & recolheose pera dẽtro de suas terras. E el rey de Cochim ficou liure do medo que tinha dele.

CAPIT. CXLVIII.

De como Martim afonso de sousa desbaratou Cotialemacar capitão mor do mar del rey de Calicut.

PArtido Martim afonso do passo do vao, & chegado a Cochĩ, embarcouse cõ trezentos dos nossos, pera ir buscar a armada de Calicut, & ele foy em hũa carauela, & vasco pirez de sam payo, dom Diogo dalmeida, & Manuel de sousa de sepulueda em galés, & em fustas. Fernão de sousa de tauora. Martim correa. Francisco de barros de payua. Iorge barroso dalmeida. Francisco pereira. Gaspar de lemos. Ieronimo de figueiredo, Frãcisco de saa & outros. E partido de Cochĩ foy correndo a costa ate Chale, onde achou Diogo de reynoso com cinco fustas, q̃ se acolhera ali fugindo a Cotiale marcar capitã mór darmada de Calicut: & despoys de pelejar cõ ele hum pedaço: esteue muyto perto de se perder, & foylhe tomada hũa fusta de seys que trazia, & os imigos ho seguirão ate Chale onde escapou. E recolhido Diogo de reynoso à conserua de Martim afonso, partiose em busca da armada dos imigos tornãdo pera Cochim & ao outro dia a horas de vespa indo Martĩ afonso ala mar cõ as galés & fustas mayores da frota, & as ligeyras ao lõgo da terra, pareceo a frota dos imigos tambẽ ao longo de terra da parte de Calicut, & era de vintecinco fustas, em q̃ andauã mil & quinhentos homẽs, & muytos deles espingardeiros. E como aparecerão os imigos de supito, os nossos que andauão desejosos de pelejar coeles, principalmẽte Diogo de reynoso q̃ hia nos dianteiros, remeteo logo aos imigos, & Antonio de lima capitão doutra fusta, & Antonio de souto mayor, & outros q̃ hião nas fustas ligeiras & derã coeles antre os ilheos de Pãdarane

tirandolhe muytas bombardadas & espingardadas. Cotiale marcar que sabia que Martĩ afonso andaua no mar, pareceolhe logo que era aquele, & polá fama que tinha da resistécia que fizera a el rey de Calicut tinhalhe grande medo, & cõ ele nam ousou desperar, & determinando dese acolher a Calicut, çarrou sua armada, & a velas & remos se foy ho mais que pode perlongando a terra pera dobrar a ponta de Coulete. Martim afonso que vio os ĩmigos, & como a peleja se cõmeçaua, porque nam podia chegar com a carauela, saltou em hũa fusta das mais ligeyras, & a sua gente mandoua meter na fusta de Ieronymo de figueyredo, & bota a boga arrancada á tomar a dianteyra aos ĩmigos, porque nam dobrassẽ a ponta, & foy cõ ele Francisco de barros, por ser a sua fusta das mais pequenas. E indo assi Diogo de reynoso & Antonio de lima que seguiam os ĩmigos alcãçarão hũa fusta, & aferrandoha saltaram dentro com sua gente, que pelejou com tanto esforço que nhũ dos ĩmigos ficou com a vida, & com tudo dos nossos forão mortos quatro & muytos feridos: E vendo Cotiale marcar que Martim afonso lhe tomaua a dianteira, & as outras fustas lhe yão nas costas, & as galés lhe fazião rosto pera o tomarem de traués vio que ho cercarião, & que não poderia escapar antes que ho cercassem, pos a próa em Tiracole, hũ lugar questá na costa, que tem hũ arrecife de penedos diante do porto com duas entradas, hũa da bãda do norte, outra do sul, & os seus seguirão a pos ele, & ensecando as fustas quanto poderão saltarão em terra & meterãose antre as fustas, dõde tirauã muytas bombardadas & espingardadas á Martim Afonso, que entrou no arrecife com Francisco de barros, & Ieronymo de figueiredo pela entrada da banda do sul, & na boca da do norte ficou a nossa fustalha, por não caberem todos dentro, & era hum espantoso jogo de bombardadas & despingardadas dũs & doutros, & Martim afonso por se chegar aos ĩmigos ficou em seco no rolo do mar, o que vendo os immigos, remeteram deles á sua fusta com grandes gritas de prazer, de lhe parecer que a tinham tomada, & chegarãose tanto que lhe lançaram mão da apelaçam da fusta querendolha ensecar de todo: & os nossos quando assi viram tomar a fusta, meteramse ás lançadas & espingardadas com os immigos, de que mataram tantos que os fizeram afastar, & dos nossos foram mortos dous & feridos sete ou oyto: E entre tanto Francisco de Barros, & Ieronymo de Figueyredo, meteramse antre as fustas dos immigos, de que queymaram algũas com panelas de poluora & outros artificios de fogo, & nam deyxaram de pelejar até a noyte, & começaram ás quatro horas, & fizeram muyto grande dãno nos immigos, & dos nossos nam foram mortos mais de tres, & feridos muytos.

CAPIT. CXLIX.

De como Marttim afonso de sousa quisera pelejar em terra com os ĩmigos & não pode.

O Aca-

ACabada a peleja, pola noyte que so breueo mandou Martī afonso retirar todos, & fez a frota em duas partes, & dúa deu cuydado a Manuel de sousa de Sepulueda, que guardasse com ela a entrada do arrecife da banda do norte, & a Francisco de barros a outra, & que guardasse a do sul, porque os īmigos nā fogissem de noyte, que temendo que os nossos lhe não queymassem as fustas ao outro dia, toda a noyte gastaram em varar as fustas, & fizerā estancias dartelharia & fortaleceráose grandemente, & na mesma noyte acodirā todos os de Coulete, Termapatão, & doutros lugares darredor, & ajuntarāse quinze mil homés, o quese logo enxergou em amanhecendo na grossa gente que appareceo & no grande rumor que fazia. E quādo Martī afonso vio as estancias & a fortaleza q̄ tinham feyta, chamou os capitães a conselho a que propos o caso, & que era necessario pera sayr em terra fazer duas partes da gente que tinha, hūa pera ficar na frota, outra pera pelejar em terra, pera o que a gente que tinha era tam pouca q̄ nam abastaua pera nenhūa destas cousas, pelo que todos acordaram que nam era bem pelejar cō os īmigos, pelo grāde risco que se corria, & q̄ se fossem logo, & assi ho fizeram, & tornarāna volta de Cananor: E tornando Martī afonso ao longo da costa pera Calicut, chegou a ele hū catur bem esquipado com cartas del rey de Cochī, em q̄ lhe certificaua q̄ tornaua el rey de Calicut, pedindolhe que lhe acodisse logo, & ele o fez assi, & entrou cō toda a frota polo rio de Cranganor, & foy ter ao passo do Vao, por onde el rey de Calicut entraua da outra vez, & hi achou Antonio de brito com os casados de Cochim, & outra gente esperando por el rey de Calicut, que sabendo q̄ Martī afonso era chegado, nam quis cometer de passar, & tornouse, que nam cuydou que Martī afonso podesse acodir tam de pressa, & por isso cometia ho passo: & vendose assi estoruado ficou tá quebrado, que aquele verão nam cometeo mais de querer passar a Repelī & espalhou sua gente, o que sabido por Martim afonso se tornou outra vez a correr a costa, onde tambē não achou a armada de Calicut, que com medo dele se recolheo & ficou a costa despejada, pelo que aquele anno nā foy nenhūa especiaria ao estreyto, & Martī afonso se recolheo em Mayo a Cochim onde inuernou.

CAPITVLO CL.

De como Açadacão começou de fazer guerra ao gouernador.

VEndo Açadacam, senhor de Bilgão, que por mais gente que mandaua pera tomarem as Tanadarias, que lhe ho gouernador tinha as nam podião tomar, & sempre era vencida em todas as batalhas que dauam aos Portugueses, determinou de as cobrar por guerra guerreada, a que principalmente ho demoueram conselhos del Rey de Cambaya, que determinaua de tomar a India aos Portugueses (como direy a diante.) E determinando de fazer esta guerra foy com muyta gente assentar seu arrayal junto do Rio de Salsete,

Salsete, meа legoa da fortaleza de Rachol, com fundamento de çarrar aos Portugueses ho caminho pera esta fortaleza, com outra que ali queria fazer, & depois de çarrado tomar a fortaleza de Rachol, com quantos estauam nela: & mandou logo assentar hũa estãcia com tres peças dartelharia em hũa terra grossa ou morro, quasi como rocha que se fazia onde ho rio se estreitaua muyto, & como ho canal do rio era pegado cõ este morro, nam podia nenhũa cousa passar pera a fortaleza que a nam pescasse a artelharia: O que vendo Gonçalo vaz coutinho, & Anrrique de melo coutinho, & Iorge de melo soarez, q̃ guardauam aquele rio em duas galeotas & hũa albetoça, deram hũa antemenhaã com sua gente na estancia que digo, & fazendo fogir os mouros que a guardauam, tomaram a artelharia, do que Açadacão ficou muyto injuriado, & estãdo asi, faltou ho mantimento a estes capitães que guardauam ho rio, por lho nã mandar Miguel froes feytor de Goa, que tinha cuydado de lho mandar, & tardando ho mantiméto, tanto q̃ os capitães nem a gẽte poderã sofrer a fome, forãose ao passo Dagacĩ na jlha de Goa, cuydãdo de ho acharẽ hi, & tãpouco ho não acharão, & ainda ali esperaram por ele tres ou quatro dias, & neste tẽpo vẽdo Açadacão que nam auia guarda no rio q̃ estoruasse, fortaleceo logo aquele passo, fazendo em ambas as bandas do rio estacadas dobradas & entulhadas, estreitandoho de tal maneyra, que nam ficaua mais espaço que quanto passasse hũ barganti diante doutro, & na coroa do morro que era chaã da banda do rio, onde auia algũa maneyra de desembarcaçam, ainda que muyto roim, fez logo hum muro de palmeyras de duas faces, entulhado de terra, rama, & pedras com hum baluarte, & trauesses, em que forão asẽtadas algũas peças dartelharia, & na terra que cercaua o morro, que era apaulada, mãdou leuantar muytas valas, em que foy assentada algũa artelharia, & asi foy continuado a çerca, com que ficasse hũa força fortissima, & ficasse çarrado ho caminho pera Rachol. E afora a gẽte de seruiço q̃ era muyta, tinha Açadacão em guarda desta obra dez mil mouros, em que entrauam muytos frecheiros & espingardeiros: E quando Gonçalo vaz tornou com os outros capitães, q̃ viram a cousa como ya, & a determinaçãodos mouros, mandaram dizer ao gouernador que mandasse mais gente, pera verem se podiam estoruar que aquela obra nam fosse auante, & ele mandou tam pouca que nam aproueytou, & tornaramlhe a mandar que mandasse mais, porque era ho feyto perigoso, & era necessaria muyta gente.

CAPITVLO CLII.

De como dom Gonçalo coutinho, foy desbaratado, no passo Debri.

COM este segundo recado de Gonçalo vaz coutinho, despachou logo ho gouernador a dom Gõçalo coutinho, q̃ fosse por mar cõ oytocẽtos Portugueses, a desfazer a fortaleza q̃ Açadacã fazia no passo de Bori (q̃ asi auia

nome

nome aquele passo) & os capitães que o acõpanharão forão, Lionel de lima, Manuel de vasconcelos, Ioão jusarte tição, Gõçalo vaz coutinho, Iorge de melo soarez, Anrrique de melo, Tristão homẽ, Simã de lima, Diogo botelho dãdrade, Afonso fialho, Miguel dayala, & outros a que nã soube os nomes, todos fidalgos & gente de feito: E hũa terça feira em anoytecendo foy dom Gonçalo com seus capitães embarcar ao passo Dagacim, & o resto da noyte que passou no rio perto do passo de Bori, ordenou cõ os outros capitães de cometer a fortaleza dos mouros em amanhecẽdo, & que ele cõ quatrocentos homẽs daria no rosto da fortaleza, q̃ era o lugar mais perigoso, & Lionel de lima com duzentos Portugueses desembarcaria mais a baixo pa Goa, & rodearia pera cometer a fortaleza por de tras, & Manuel de vasconcelos com outros duzẽtos desembarcaria mais acima pera Rachol pera dar por outra parte, & tomassem os mouros no meo que não se podessem defender: E porque por amor do morro que fazia hũ cotouelo, não se podião ver pera darẽ todos a hũa, assentouse que quãdo dom Gonçalo ouuesse de desembarcar, mandasse tocar as suas trõbetas, pera que a este sinal desembarcassem Lionel de lima & Gonçalo vaz: E querendo amanhecer abalou dõ Gonçalo pera se chegar á fortaleza, & os outros coele, cada capitão cõ sua gente pera onde lhestaua assinado q̃ desembarcassem: & quis sua desauentura de dõ Gonçalo, que hũa fusta em que ya, asi por ser grande como por yr muyto carregada, nũca pode nadar pera chegar onde auia de desembarcar, no que se deteue até menhaã clara, o que vendo dom Gonçalo, & que a fusta não surdia, mudouse dela a hũ catur, & coesta reuolta & cõ a grande opressão que lhe daua a artelharia dos ĩmigos que neste tẽpo jugaua muy brauamente, esqueceo a dom Gonçalo de leuar consigo as trombetas pera fazer o sinal questaua ordenado, nem menos lhe lembrou leuar a bandeira: E chegandose ele pera o morro com a gẽte do seu escoadrão, q̃ ficou no meo das estancias dartelharia, que os mouros tinhão nas estacadas dambas as bandas do rio, em que tãobem estauão muytos frecheiros & espingardeiros, foy cousa medonha de ver os pelouros de bombardas & despingardas q̃ desparauã dũa & doutra parte, bõbas de fogo, & frechadas, que todo o ár era cuberto: E logo muytos dos Portugueses do escoadrão de dom Gonçalo forão feridos & mortos, & ele chegou cõ muyto grande trabalho a hũa calheta q̃ se fazia ao pé do morro á borda do rio onde auia de desembarcar, & hi achou o catur Dafonso fialho que ja tinha desembarcado, & foy o primeiro que com quatro dos da sua capitania trepou polo morro & subio ao muro, & hũ dos quatro auia nome Bastião da costa, & outro Ioão pinheiro mulato & natural de Setuuel, & aos outros nã soube os nomes: E posto que sobre o muro acharão grande resistẽcia nos ĩmigos, de que matarã algũs, & outros fizerão saltar a baixo feridos, ganharã hũ pedaço do muro, recebẽdo sobrisso muy grãdes feridas, & se te

uerão

uerão quẽ os ajudara, ſempre a fortaleza ficara polos Portugueſes, por cujos peccados noſſo Senhor permitio que não ſe ganhaſſe: E querendolhe dom Gonçalo acodir, arremeſouſe cõ muyta preſſa fora do catur, & paſſando por cima do outro, começou de trepar por hũs páos diante de todos os que o acompanhauã, & ſobindo ao muro cõ muyto grande ouſadia, deulhe dũ traués hũa arcabuzada no braço eſquerdo q̃ lhe eſmiunçou grã de parte dele, & coeſta juntamẽte lhe derão com hũa panela de poluora na cabeça que o ouuera de queimar, ſe não fora a celada que leuaua, & coiſto foy tanta a pedrada com grandes pedras, que o deſatinarão & cayo abaixo, & deſte meſmo traués forão tantas as arcabuzadas, panelas de poluora, & pedradas, que não deixarã ſobir nhũ da ſua companhia, & no meſmo catur matarão & ferirão a todos, & antreles foy Triſtão homẽ valente caualeiro, que eu conheci na India, & a gẽte dos outros catures do eſcoadrão de dõ Gõçalo não poderão deſembarcar na calheta, por ſer tão eſtreita que não cabião nela mais que os dous que eſtauã dẽtro, & quando vião q̃ não podião entrar chegauãoſe ao morro & trepauã por ele pegandoſe a vergonteas & a troços de ruas, mas os mouros não os deixauã, tirandolhes com o que diſſe, & coiſſo muytos tições acesos, com que ferião, eſpedaçauão & matauã os Portugueſes ſem ſe poderẽ valer, & entre tanto Afonſo fialho & os outros quatro que eſtauão ſobre o muro forão tão apertados dos mouros cõ feridas que receberão, que Ioão pinheiro & outros dous cayrão mortos do muyto ſangue que ſe lhes foy, & Afonſo fialho & Baſtião da coſta forão deitados do muro abaixo quaſi mortos, & forã cayr no catur antre os outros, a q̃ os mouros derão grãde grita: Neſte tempo Lionel de lima que deſembarcou primeiro que dõ Gonçalo, quãdo vio que tardaua o ſinal das trombetas, & entrando per hũ aruoredo eſpeſo, foy ſayr onde os mouros tinhã feytas ſuas valas detras da fortaleza, & como era mancebo & esforçado, em vendo os mouros adiantaſe do corpo da gente com cinco homẽs, leuando ho ſeu guiã, & foy cometer hũ magote de mouros, q̃ o ferirão tão mortalmente deſpingardadas que logo cayo morto, pelo q̃ o ſeu guião & os cinco lançarão a fugir, & os outros que ficauão nũ corpo quando aquilo virão desbaratarãoſe com medo, & fugirão tão deſatinados que não pararão menos do rio & embarcarãoſe com grande afronta, porq̃ os ſeguião os mouros & matarão muytos, & acabarão todos ſe não forão os nauios a q̃ ſe acolherão, & Manuel de vaſconcelos não deſembarcou, porque não ouuio o ſinal q̃ eſperaua, & teueſe atẽ ver o que ſeria, ſe não quãdo ouuio a grita dos mouros cõ prazer do desbarato de dom Gonçalo, q̃ ſe partio logo pera Agacim, com lhe ficarem mortos perto de duzẽtos homẽs, em que entrarão Triſtão homẽ, Lionel de lima, Simão de lima & outros, & leuar quatrocentos feridos, & aſsi ſe tornou pera Goa.

CAPIT. CLIII.

De como Pero de faria derribou a fortaleza de Rachol.

COM quanto dom Gonçalo foy desbaratado, nem por isso ho Gouernador deyxou de mandar guardar o rio como dantes, pera que estoruasse q̃ não fizessem os ĩmigos a fortaleza que fazião, & deixou Gõçalo vaz coutinho com os capitães que tinha & ainda outros, que forão Ioão jusarte tição, Ioão fernandez de vasconcelos, Diogo botelho dandrade, & Miguel dayala, & estes tres em bateis de mantas, pera esbombardearem os mouros quando trabalhassem na fortaleza, & andauão certos capitães de catures pera acodirem a estes bateis se fosse necessario: E como Açadacão vio esta armada q̃ andaua no rio, não quis mandar trabalhar na fortaleza de dia, porque dos bateis lhe matauão a gente cõ bõbardadas, & mandaua trabalhar de noyte que lhe não farião tanto nojo: E com quanto os Portugueses derribauão de dia com a artelharia parte da obra que se fazia de noyte, não era tãto, que não fosse em muyto crecimento, & nesta persia estauão continuamente, em que hũs & outros leuauão muy grande trabalho: E algũs arrenegados q̃ estauã com Açadacão, dizião de noyte por seu mandado a Gonçalo vaz, que se espãtauão dele, q̃ sendo tão bõ caualeiro & antigo na India, não conselhar ao gouernador q̃ disistisse daquela guerra que fazia a Açadacão pois era tão injusta, que por força lhe queria tomar suas terras, sendo ele amigo del Rey de Portugal & tendo ambos paz, & sobre q̃ tinha protestado q̃ a não quebraua por se defender & trabalhar de cobrar suas terras, que lhe o gouernador tinha por força, & como fosse na India outro gouernador, auia de mãdar tirar hũ estromento da pouca culpa que tinha naquela guerra, & de não ser em cargo dos gastos que o gouernador fazia nela, pois se defendia, & que com aquele estormento auia de mandar hum seu criado a Portugal queixarse a el Rey da guerra que lhe ho gouernador fazia, & tãtas vezes foy isto dito a Gõçalo vaz que deitou mão disso, & escreueoho ao gouernador, & que deuia dacodir, porq̃ a fortaleza dos mouros ya de cada vez em crecimento, sem lhe poder estoruar que não fosse, & mais que ele & outros capitães estauão de dẽtro do rio pera Rachol, donde não podião sayr sem muyto perigo: E vista esta carta pelo gouernador, pareceolhe que Açadacão se justificaua, assi pera lhe alargar as Tanadarias que lhe tinha tomadas, que ele estaua bem fora de lhas tornar em quanto as podesse defender: E porq̃ pera esta guerra lhe fazia grande pejo a fortaleza de Rachol, pois pera a segurar lhera necessario ter sempre gẽte naquele rio, & por amor dela lhe era grande perjuyzo fortalecer Açadacão aquele passo, pos em conselho se seria bem derribala, & foy acordado que sy, pera ho que logo despachou Pero de faria, porq̃ sabia muytos ardijs, & a que os mouros auião gran de medo: E chegado Pero de faria, logo de noyte lhe os arrenegados disserão ho que dizião a Gonçalo vaz acerca da guerra com Açadacão, ao que ele respondeo, que lhe dissessem, que cousa de tanto peso como aquela, se nam auia de dizer assi,

dizer asi, que falasse coele & entender-seyão. E como Açadacã desejaua muyto de ter paz cõ o gouernador, pera cobrar as suas Tanadarias, que bem via q̃ por guerra auião de ser más dauer, folgou coeste recado de Pero de faria, & ao outro dia fez como Pero de faria lhe fosse falar, dandolhe arrefeés seguros, porq̃ ele por ser muyto velho nã podia decer do Morro: E nesta vista cõcertarão, que Açadacão mandasse ao gouernador hũ embaixador, com hũa instruçã do que queria, & que ele lhe escreueria que o fizesse, & isto por Goa receber dele boa vezinhança, & nã por medo de guerra, porque aquela força nã era nada pera os Portugueses se eles quisessem: & entretãto que o embaixador fosse & tornasse q̃ teuessem tregoas, & tudo isto era ardil pa poder derribar a fortaleza de Rachol & passar sem perigo, porque doutra maneira não podia ser, & asi ho escreueo ao gouernador, & q̃ pera o poder fazer deteuesse o embaixador Daçadacão até muyto tarde, & q̃ soubesse que quãtos Portugueses auia na India, não erão poderosos pera derribaré a fortaleza que fazia Açadacã: E partido ho embaixador, Pero de faria passou é paz pera a fortaleza de Rachol por virtude das tregoas, & muito de pressa recolheo a artelharia da fortaleza & a gente nos nauios que tinha, que fez logo sayr pa fora, que tãobem passarã em paz, & ele ficou com algũs bõbardeiros picãdo a fortaleza & minãdoa, o que tudo se fez muyto prestes: & cõtra a tarde mãdou dar fogo as minas, q̃ arrebentãdo cayo toda a fortaleza sem ficar nada em pé, & derão tamanho estouro q̃ foy ouuydo dos mouros, & Açadacão mandou logo por terra saber que era aquilo (que não voou ao que era) por estar descuydado de tal cousa, por lhe parecer que o gouernador quereria paz, segundo entendera em Pero de faria, que em dando fogo as minas se foy polo rio abaixo: & eñtretãto o embaixador Daçadacão foy ao gouernador com a instrução de sua embaixada, q̃ era pedirlhe as Tanadarias, lembrandolhe a condição cõ q̃ lhas dera. E vendo o gouernador a carta de Pero de faria, deteue o embaixador até bem tarde, & respondeo por derradeiro que não queria soltar as Tanadarias, né queria coele paz se nã guerra. E partido o embaixador coesta reposta, em chegãdo ao passo de Bori achou no rio Pero de faria que vinha de derribar a fortaleza de Rachol, & logo se foy pera Goa zombando Daçadacão, q̃ sentio muyto o engano que lhe fizera Pero de faria & mais porque ficaua de guerra com o gouernador, & esteue asi suspenso hũs dias cuydando no que faria.

CAPIT. CLIIII.

Dũ ardil cõ que el rey de Cambaya quisera cegar a fortaleza de Diu & não pode.

El rey de Cambaya (como disse atras) estaua muyto arrependido de dar fortaleza em Diu ao Gouernador determinou de a tomar, pera o que quisera fazer o muro ãtre a cidade & a fortaleza, que lhe o gouernador não cõsentio: E disimulãdo q̃ lhe não daua disso: como se o gouernador partio de Diu, se lhe dobrou a vontade q̃ tinha de tomar

a fortaleza, pera que mãdou ao Rao capitão de Diu, que tanto q̃ se ele partisse, começasse de fazer hũas estrebarias no lugar em que quisera fazer o muro & q̃ fossem compridas, & de vinte pés de largura, com as paredes muyto fortes que viessem ao oliuel do muro da fortaleza & se lhe perguntassem que era aquilo, dissesse que erã estrebarias pera cavalos que ali determinaua de ter: & como fossem acabadas as entulhasse secretamẽte & entulhadas que ficaria hũ forte muro assentaria nele a artelharia que lhe parecesse necessaria pera bater a fortaleza, & que lhe mandasse recado que tornaria logo: E deixãdolhe cinquoenta mil homẽs de peleja, se partio a cobrar os lugares que lhe tinhão tomados, & ele partido, dahi a poucos dias começou o Rao de fazer as estrebarias: E sabido por Manuel de sousa capitão da fortaleza, logo lhe pareceo o que era, & mais lembrandolhe o muro q̃ elrey quisera fazer naquele lugar, & tão bẽ lho disserão os Portugueses, conselhandolhe que mãdasse dizer ao Rao que não fizesse aquelas estrebarias, & quando não quisesse, q̃ lhas derribassem: E parecendo isto bẽ a Manuel de sousa, logo aos q̃tro dias Dabril se foy a casa do Rao, & depois de falar coele sobre não fazer as estrebarias, & assentarão que o Rao mandasse dizer a el rey de Cãbaya, como Manuel de sousa lhe ya á mão a fazer as estrebarias, que lhe mandasse dizer o que faria, & q̃ entretanto nã se bolisse nelas: & o Rao nã ensistia mais em fazer o que lhe mandaua el rey de Cambaya, tendo tanta gẽte pera o poder fazer, assi por ser amigo de Manuel de sousa, como polo ter de sua parte, pera se lhe el rey de Cãbaya quisesse fazer algum mal, & se isto não fora sempre insistira em fazer as estrebarias, & rompera a guerra, com o q̃ Manuel de sousa teuera grande trabalho por ser entrada dinuerno, & o gouernador nã lhe podia socorrer: E sabendo el rey de Cãbaya por recado do Rao, como lhe Manuel de sousa impedia as estrebarias & imaginando que seria por entẽder o fim pera que erão, não quis que lhe entẽdessem sua determinação, & mudou o proposito q̃ tinha de tomar a fortaleza cõ dissimulações, se nã descubertamẽte por sua pessoa: & pera q̃ o gouernador não podesse socorrer á fortaleza, escreueo a Nizamaluco, a Hidalcã, & a Açadacão, & a el rey de Calicut, q̃ determinaua de tomar a fortaleza de Diu, & depois deitar os Portugueses fora da India pedindolhes muyto q̃ o ajudassem cõ fazerẽ guerra aos Portugueses, porq̃ ocupados coela, não podessem socorrer hũs aos outros, & esta foy a causa Daçadacã & el rey de Calicut fazerem a guerra q̃ fazião aos Portugueses, & Nizamaluco & Hidalcão não a fizerão, por não estarem em tempo pera isso, & escreueo tão bem ao Rao q̃ deixasse de fazer as estrebarias porque tinha determinado de tomar a fortaleza por outra maneira, que como fosse desocupado dos negocios ẽ que andaua, que ele acodiria a Diu & tomaria a fortaleza, & assi lhe screueo o q̃ escreuia aos reys da India, & coeste recado não foy feyta mais obra nas estrebarias,

rias, com o que Manuel de sousa ficou descãçado, poré ficoulhe outra guerra: porq sabendo os mouros, principalméte os soldados, q el rey deCambaya determinaua de tomar a fortaleza, ẽsoberbeceranse muyto cõtra os Portugueses, & queriãnos tratar como catiuos, dandolhes muytos encõtros se os achauã na cidade, & cospindo neles, & dizẽdolhes palauras injuriosas. O que sabendo Manuel de sousa, por escusar brigas & soster a paz, mandou pregoar q sopena de dez pardaos, nhũ Portugues nã fosse fora da fortaleza, mais q atè hũ tiro de pedra: & sabendo os Portugueses a causa do pregão, nã o podião sofrer, & dizião que pera q era ter paz cõ os mouros pois eles querião guerra, & não deixauão dir à cidade em cõpanhias & muyto a recado: E acertouse aos quatorze de Iunho, q andando hũs Portugueses na cidade, hũ tiro de bèsta da fortaleza, quis hum mouro dar hũa bofetada a hum Portugues, & ele ho matou antes q lha desse, sobre o que se armou hũ brauo arroido de cutiladas & pedradas, antre muytos mouros & algũs Portugueses, ao q Manuel de sousa acodio & fez recolher os Portugueses q os mouros ouuerão por seu barato de se apartarẽ porq leuauã o peor, do q pesou muyto aos Portugueses q andauão no arroido porq lhe nam deixarão matar os mouros, & deitauão as armas no chão cõ menẽcoria: E recolhendose Manuel de sousa, matarão os mouros cinco Portugueses q andauã negocẽado na cidade, do q Manuel de sousa ficou tão agastado, que pos em conselho sẽ rõperia a guerra, & foy determinado q não, & a principal causa, por nã terẽ agoa na fortaleza, sem q não poderião sofrer o cerco, & tãobem por auer tamanha soma de mouros na cidade, q lhe darião assaz de fadiga, & por nã poderem ser socorridos em menos q dali a tres meses, por isso q se deuia de payrar o melhor q podessem, & pedir ao Rao q entregasse os mouros q matarã os Portugueses, pa Manuel de sousa fazer justiça deles, & quando não quisesse, q dissimulasse atè a vinda do gouernador, a q mandarião recado como viesse o verão & entã se vingariã. Isto assentado, Manuel de sousa quis ser ho q fosse pedir os mouros ao Rao, & não leuou mais que quorenta alabardeiros & espingardeiros q erão da sua guarda, & assi seus criados, fazendo fechar as portas da fortaleza ao alcaide mór antes que se apartasse dela, & requerendolhe da parte del rey q não deixasse sayr dela nhũs Portugueses, & q ficasse por capitão se lhe acontecesse algũa cousa, & cõ isto se foy ás casas do Rao, q estauã cercadas de bẽ quorenta mil mouros todos armados, & tã soberbos, q punhão medo a quẽ os via, & cõ tudo nã bolirã consigo vẽdo Manuel de sousa, & derãolhe lugar que entrasse; Entrado ele, cõ tanta seguridade como q eles forã seus, & falãdo ao Rao queixandose dos mouros q lhe matarã os Portugueses, quisera q lhos entregara, & ele se lhe desculpou q o não podia fazer sem licẽça del rey de Cambaya, a quẽ escreueria a cousa como fora, & q ele lhe mãdasse pedir os mouros, & asi se fez,

ſe fez, mas el rey de Cābaya ſe rio bē de lhe Manuel de ſouſa pedir os mouros, & eſcreueolhe q̃ lhos nã auia de dar, porem q̃ mãdaria aos ſeus Cacizes que os encomendaſſem a Mafamede. E quãdo Manuel de ſouſa vio eſta repoſta, teue por certo q̃ el rey lhe auia de fazer guerra ou algũa treyção, & dali por diãte nã repouſaua coeſte cuydado, & tinha grã de guarda ſobre os Portugueſes que nã foſſem á cidade, & vigiaua de noyte a fortaleza cõ muyta diligencia.

CAPIT. CLV.

De como el rey de Cambaya tornou a Diu, & do que fez.

PAſſandoſe eſtas couſas em Diu, deu el rey de Cambaya fim a ſuas guerras, & foyſe a Diu, onde chegou a dez dias Doutubro, & logo em chegando, hũa noyte diſſe hũ mouro a Manuel de ſouſa á porta da fortaleza eſtãdo ele ſó da banda de dentro cõ a porta fechada, & o mouro de fora, q̃ ſe ao outro dia ho mandaſſe chamar el rey de Cambaya q̃ nã foſſe porq̃ o queria matar, & porq̃ nã cuydaſſe q̃ lhe dizia iſto por algũ intereſſe, lhe nã dizia quē era, & Manuel de ſouſa não diſſe iſto então a ninguē, atē ver ſe era aſsi, ſe não quãdo ao outro dia foy chamado da parte del rey de Cambaya, & ainda q̃ ſabia ho q̃ lhe o mouro diſſera nāo deixou dir, porq̃ ouue medo q̃ não indo tomaſſe el rey achaq̃ pa rõper a guerra, ao que ele deſejaua muyto datalhar, & tãobē pareceolhe q̃ não ganhaua el rey nada ē o matar, pois coiſſo não tomaua a fortaleza, & mais q̃ o auiſo q̃ lhe deu o mouro ſeria falſo: E deitadas bē ſuas contas, aſſentou em yr, deixãdo o alcayde mór por capitão, a q̃ encomendou muyto a guarda daqla fortaleza & defenſão ſe neceſſaria foſſe: E deixando toda a gente armada & artelharia preſtes, foy falar a el rey, não leuã do mais q̃ os da ſua guarda & ſeus criados, & el rey o recebeo cõ muyto gaſalhado, & lhe mandou dar hũa Cabaya rica, & lhe pergũtou como eſtaua, & ele lhe deu de preſente hũ Montante com á maçaã & cabos dourados, & hũs eſtribos & eſporas do meſmo teor: E Manuel de ſouſa por ſer eſta a primeira vez q̃ o via, nã lhe quis logo falar na morte dos Portugueſes, & tornouſe aa fortaleza, moſtrãdo el rey q̃ ficaua ſeu amigo: mas como era muyto incõſtante logo ſe mudou, & dali a algũs dias eſtando na quintaã de Meliq̃, determinando conſigo de tomar a fortaleza o pos em cõſelho, em q̃ foy cõſelhado per todos q̃ o nã fizeſſe, & ſua mãy lho rogou muyto, dizēdo q̃ os Portugueſes não lhe fazião nhũ mal, & que ſe boliſſe coeles lhe ficarião por imigos, & não lhes auia de tomar a fortaleza, & eles deſtruirlheyão a cidade, por iſſo q̃ foſſe ſeu amigo, & não lhes fizeſſe guerra, & ajudoua muyto Sãtiago em q̃ el rey confiaua, a q̃ diſſe q̃ não auia de tomar a fortaleza aos Portugueſes tão facilmēte como lhe parecia, porque a fora ela ſer muyto forte, & artilhada de boa artelharia, eles erão tam leaeis & tão esforçados, q̃ auiã todos de morrer primeiro q̃ a perdeſſem, que ſe lha não tomaſſe por algũ ardil q̃ por força era eſcuſado, q̃ o ardil auia de ſer, fazerſe muyto amigo de Manuel de ſouſa, & diſsimular como o yr ver aa fortaleza, pera que tãobem deſcanſaſſe dalgũa

ſoſpeyta

ſoſpeyta ſe a teueſſe: & vindo o gouerna dor a Diu, coeſta amizade o poderia pré der ou matar, & ſendo ele morto ou pre ſo tomaria a fortaleza, porque morto o gouernador, não auião os Portugueſes de ter esforço pera ſe defenderé, & q̃ da-quela maneyra a tomaria a ſeu ſaluo, & niſto aſſentou el rey: E como era aciden tal & apetitoſo, quis logo yr á fortaleza, onde foy aos treze de Nouébro ás oyto oras da noyte, não indo coele mais que o Rao & dous outros ſenhores mouros, & ſem ter mandado recado a Manuel de ſouſa que auia dir, bateo de ſupito a eſtas oras q̃ digo: E ſabendo Manuel de ſouſa q̃ ya mandou tocar as trõbetas, & como os Portugueſes andauão cõ atoardas de guerra, em hũ momento forão todos ar mados & póſtos no terreyro da fortale-za, & erão perto de nouecentos, a q̃ Ma-nuel de ſouſa mádou q̃ fizeſſem hũa rua perátreles cõ muytas tochas antreſáchá das, cõ cuja claridade as armas reſpláde ciáo q̃ era hũa bé fermoſa couſa: E niſto abrio Manuel de ſouſa o poſtigo da por ta da fortaleza, & entrou el rey, que mã-dou q̃ não entraſſem coele mais q̃ o Rao & os outros dous, & q̃ toda a outra gen te ficaſſe de fora, & logo mãdou fechar o poſtigo & iſto por ſegurar Manuel de ſouſa, & ficou eſpantado de chegar tão de ſupito, & achar os Portugueſes arma dos tão aſinha: E dando a entender que ſe agaſtaua entre tantos armados, diſſe a Manuel de ſouſa, q̃ ſe ele era tamanho amigo del rey de Portugal & dos Portu gueſes que pera q̃ ſe armauão, ao que lhe reſpondeo, q̃ não eſtranhaſſe aos Portu-gueſes armarenſe por ſua vinda, porque coſtumauão de o fazer quando os reys entrauão nas fortalezas del rey de Portu gal, com o q̃ el rey deſcanſou, & foy ver dentro as caſas de Manuel de ſouſa: E o Rao ſabédo que lhe tinha deſcuberta al gũa parte do mal q̃ el rey queria aos Por tugueſes, quando vio el rey na fortaleza & entrar nas caſas de Manuel de ſouſa, receandoſe q̃ o mataſſe diſſelhe, capitão prender & não matar, & Manuel de ſou ſa lhe diſſe, q̃ não auia de fazer hũa couſa né outra, & depois dizia q̃ o deixara de fazer, porq̃ nã ſabia ſe o ouuera o gouer nador por bé: E vendo el rey as caſas de Manuel de ſouſa gauoulhas muyto, & dizédolhe ele q̃ as caſas, fortaleza, ele, & os Portugueſes, tudo era ſeu, diſſe el rey em Portugues: Boſé amigo, a fortaleza he del rey teu ſeñor, & as caſas ſão tuas. E auendo obra de mea ora q̃ eſtaua dé-tro ſayoſe, leuãdo Manuel de ſouſa por hũa mão, & o Rao por outra ate ſayr da fortaleza, & foyſe pera ſua caſa cuydan do q̃ deixaua Manuel de ſouſa muyto fora de ſoſpeyta cõ aquela yda, & ele co mo conhecia el rey, temiaſe dele como dantes.

CAPITVLO CLVI.

De como Manuel de ſouſa eſcreueo ao Gouerna-dor o que paſſaua em Diu.

PAſſados poucos dias que el rey foy à fortaleza, teue noua certa da grã-de guerra que el rey de Calicut, & Aça dacão, fazião aos Portugueſes, & como era incõſtante, & tinha mortal odio aos Portugueſes, eſquecido do conſelho q̃ tinha tomado, quis tomar por força a fortaleza, & ſem nhũ propoſito, mãdou hum dia de preſente a Manuel de ſouſa

quorẽta galinhas muyto magras & sem cabeças & pernas, & isto asi por zõbar dele, como por sinal de guerra, & Manuel de sousa as tomou, o que não pareceo bem aos Portugueses, que logo souberã que aquilo era fazer el rey escarneo deles & mais sinal de guerra, & entã se arrepẽdeo Manuel de sousa de não prender el rey quãdo foy á fortaleza, pois sabia sua determinaçã, & escreueo logo ao gouernador por hũ Francisco anrriquez quanto lhe tinha dito o Rao da determinaçã del rey de Cambaya & o que tinha feito, & como o não prendera quando fora á fortaleza por não saber sua vontade, & q̃ acudisse a Diu porque esperaua por cerco: Vẽdo o gouernador esta carta ficou muy agastado de Manuel de sousa não prender el rey quando o teue na fortaleza pois sabia sua determinaçã: E em acabando de a ler, escreueo outra por sua mão a Manuel de sousa, estranhandolhe não prender el rey, & que o prendesse se o acolhesse outra vez na fortaleza, porq̃ ele partia logo, & na mesma ora mãdou coesta carta a hũ criado seu, chamado Pero de chaues, de que confiaua muyto, que foy em hũ catur bem esquipado, leuando a carta cosida em hũ gibão, q̃ deu a Manuel de sousa, o qual não pode prẽder el rey por nã tornar mais á fortaleza: E por neste tempo o gouernador andar em concerto de pazes cõ Açadacão, mãdou diante a Diu Manuel de macedo cõ algũa gente, mandandolhe que dissesse a Manuel de sousa q̃ como ele chegasse a Diu, desparasse toda a artelharia & fizesse grande festa, dizendo que chegarã quatorze naos de Portugal que leuauã sete mil homẽs, & asi foy feito, com o q̃ el rey de Cãbaya ouue medo de declarar a guerra: E mudando então o conselho de tomar a fortaleza, assentou em prender o gouernador & mandalo chamar, fingindo que queria falar coele cousa que importaua muyto ao seruiço del rey de Portugal, porque coisto yria logo & mandoulhe hũ embaixador, que era hũ mouro muyto honrrado seu capitã, filho doutro chamado Lucão, grãde senhor em Cambaya, que tinha hũ conto douro de rẽda & este embaixador sabia bem a treyção q̃ ordenaua el rey de Cãbaya, que lhe mandou que fosse por Baçaim & leuasse consigo Cojexacoez, q̃ era Tanadar mór del rey de Cambaya naquela terra.

CAPIT. CLVII.

De como foy descuberta ao gouernador a treyção del rey de Cambaya.

COM quanto Açadacão estaua tão forte no passo de Bori, & vio derribada a fortaleza de Rachol, & vio desbaratado dõ Gonçalo coutinho, & mortos duzentos Portugueses, não descansaua porq̃ o gouernador não queria paz coele, que bem sabia que sem ela não podia cobrar as Tanadarias de Salsete & de Bardés, q̃ era o fim porq̃ fazia esta guerra, & por isso não deixaua de pedir paz: E ainda depois de ydo Pero de faria, quãdo derribou a fortaleza de Rachol mandou hũ embaixador a pedir paz ao gouernador, prometendolhe se a fizesse, cõ lhe dar as Tanadarias, de lhe descubryr hũa cousa que lhe importaua muyto sabela, & nisto lhe foy dada a carta de Ma-

nuel de sousa, acerca da determinaçam delrey de Cambaya: E vendo o gouernador que lhe era necessario acodir a Diu, & que Goa ficaua em perigo se ficasse de guerra com Açadacão, determinou de fazer paz coele & darlhe as Tanadarias, & mais porque soube do mesmo embaixador o que escreuera a Açadacã & aos outros senhores, acerca de fazeré a guerra q̃ lhe faziã por essa causa, & mostroulhe a propria carta quelrey de Cambaya escreuera a Açadacão, & que isto era ho q̃ lhe importaua de saber, porq̃ não se fiasse delrey de Cambaya: E ho gouernador porque nao parecesse que coeste medo fazia as pazes dissimulou, dizendo que ná lhe daua nada del rey de Cambaya, porq̃ tinha em Diu muyto boa fortaleza & géte com que a defender, mas por Açadacá ser vezinho de Goa & amigo delrey de Portugal, folgaria de ter paz coele & tornarlhe as Tanadarias, com condiçã, que ele mandasse hũ embaixador a el rey de Portugal sobrisso, como dizia dantes, & que se el rey ouuesse por bem que lhe ficassem as Tanadarias que lhe ficarião, & se não que as auia de tornar, & assi se fez a paz: E depois disto chegou o embaixador del rey de Cábaya, & coele Xacoez a que o gouernador mandou fazer bom recebimento & lhes fez muyta honrra, & deulhes por cõpanheiro a Coge percolim hũ mouro Persiano (de que faley a tras) que eu conheçy, em que o gouernador confiaua muyto, por auer annos q̃ andaua na India & ser amigo dos Portugueses & esprementado por leal, & mais era muyto prudente, & por isso lhe encomendou o gouernador que lhe soubesse do embaixador del rey de Cábaya a determinação del rey, & tãobẽ rogou o mesmo a Xacoez que tinha por amigo, & lhe descobrira que el rey de Cambaya lhe mandara que comprasse quanto arroz ouuesse em Baçaim & por aq̃la terra, porq̃ os Portugueses o ná achassé, & que nisto lhe parecia que el rey queria fazer guerra á fortaleza de Diu, & a ele treyçã, por algũas cousas que lhe o embaixador dissera: E concertado isto com estes dous mouros, eles tomarão a cargo de o saber, pera que hũ dia derão hũ banquete ao embaixador, em que entrauão muyto bõs vinhos, com que ficou quéte & ledo, & ficando todos tres sós sobre comer, começará Coge percolim & Cogexacoez de dizerem mal dos Portugueses, & brasfemando deles, por os males que faziáo aos mouros, & espantandose muyto del rey de Cambaya sendo tamanho senhor, como os não deitaua fora da India, dandolhe por isso muyta culpa, & que deuia de tomar o gouernador em hũ báquete que lhe desse, ou em outro lugar & prendelo, porque preso facilméte lhe tomaria a armada & a fortaleza, & depois tomaria as outras fortalezas, & deitaria os Portugueses fora da India, o que lhe seria mayor honrra, que ser tamanho senhor como era, & pa sua fama sayr pelo mundo, deuia de mandar o gouernador depois de preso ao Turco em hũa gayola de ferro: E o embaixador com a ledice que tinha, riose muyto quando ouuyo isto, dizendo que assi ho tinha el rey de Cambaya determinado:

&

& que como ho gouernador fosse em Diu, lhe auia de dar hum banquete & a seus capitães, na quintaã de Melique, em hũa orta que tinha cercada de forte muro onde os auia de prẽder a todos, ou nas suas casas quando os nam podesse acolher na quintaã. E pera mayor certeza do gouernador, estaua em outra casa pegada com ela hũ Portugues, que sabia a lingoa, que ho ouuia & escreuia, & deu tudo ao gouernador, que deu muytas graças a nosso Senhor por lhe descobrir aquela treyçam, & bem parece que foy aquilo permissam diuina, porq̃ a Christandade que auia na India nam se perdesse, ho que ouuera de ser, se a treyçam del rey de Cambaya ouuera effeyto, & logo ho gouernador determinou cõsigo de prender el rey de Cambaya, se ho Manuel de sousa não teuesse preso, & auia de ser, fazer que ya doente do caminho, pera que quando chegasse a Diu o fosse el rey ver á fortaleza onde ho prenderia, & quando nam, prendelo em sua casa, a primeyra vez que ho fosse ver, leuando cincoenta fidalgos & homẽs de feyto armados secretamente, que ho auiam dacompanhar: E em ele chegãdo por terra ás casas del rey com esta companhia, auiam de chegar por mar os nauios de remo, com todo ho resto de sua gente, todos armados secretamente, tãgẽdo trombetas & atabales, como que lhe yão fazer festa, & em ho gouernador chegãdo á primeyra porta das casas del rey, auiam de matar ho porteyro, & despois arrombando as outras portas onde el rey estaua & prendelo, & dar com ele nos catures, que auiam destar pegados com as suas casas, por ho mar bater nelas, & dali dar com ele na fortaleza, porque a nossa armada defenderia que não chegasse a del rey, & os que yão com o gouernador ho defenderiam dos mouros se acodissem por terra, & nam deu lógo parte disto a ninguem, por nam ser descuberto, & logo pos em obra sua partida, que foy na entrada de Ianeyro do anno de mil & quinhentos & trinta & sete, & leuou hũa armada de trinta vélas grossas & miudas, com quinhentos Portugueses, mandãdo recado a Martĩ afõso de sousa que andaua no Malabar, que logo partisse pera Diu, & fosse com muyta pressa, porque era cousa de muyta importancia, & Martĩ afonso ho fez assi, leuando toda a armada que tinha, & ho gouernador nam esperou por ele, & foy com tam pouca gente com pressa de lhe parecer, que tanto que chegasse á Diu, por yr doente ho yria el rey de Cãbaya logo ver á fortaleza, onde ho prenderia, & fazia conta que com a gẽte que leuaua, & a que tinha Manuel de sousa se defenderia dos mouros, & que com a q̃ Martĩ afonso leuasse, abastaria pera segurar Diu, quanto mais que como os mouros vissem preso el rey de Cambaya, não auiam de ter coração pera bolirẽ cõsigo.

CAPIT. CLVIII.

De como Antonio galuão chegou a Malaca.

Partido Antonio galuão de Cochĩ, seguio sua rota pera Malaca com os nauios de sua conserua, & indo no mais que com a nao que fretou, de que era capitão Francisco nunez, & na paragem

da ilha de çamatrá, lhes deu hũa tormẽta ccm que se ouuera de perder, porque estando surto, foy a outra nao dar por a sua não avendo com o grande escuro, & abaltroou coela, & desfaziáse hũa cõ a outra cõ o mar que era muito grosso. E estãdo neste grãde perigo, quis nosso Senhor que cessou a tormenta & apartáraose as naos, & daquy foy ter a Malaca aos dezoyto de Iunho, & estando aquy adoeceo & quasi morto o mãdou dom Esteuão da gama leuar pera a fortaleza, onde nosso Señor lhe deu saude, & já em Agosto chegou Diogo sardinha, per que Tristão datayde mandaua pedir socorro a dom Esteuão, encampãdolhe a fortaleza se lho logo não mandasse pela via de Borneo, & Diogo sardinha deu tãobem hũa carta de Tristão datayde a Antonio galuão, em que ho auisaua do que auia dyr apercebido: & asi lhe derão outra carta que lhe escreuiã algũs homẽs de Maluco, & antre outras cousas diziã nela: E asi esperamos senhor por vossa vinda, como os santos Padres que estauão no limbo esperauão pola de nosso Senhor, pera nos tirardes de tantos trabalhos como temos, & ate qua chegardes nos parece dez milãnos, praza a nosso Senhor que o traga como desejamos: Dizem que lhe hão lá de cõprar a fortaleza, se a vender será grande deseruiço de Deos & delrey, & risco desta fortaleza, & de nossas vidas & fazendas, & receamos muyto de a venderdes, porque se asi for, dará causa a se perder de todo o seruiço de Deos & del rey, a que importa muyto esta fortaleza & vindo per ela fareis a ambos muyto seruiço, & a nos todos muyta merce, & muyto bem a toda a terra, que cõ gran de desejo de sua vinda o está esperando. E tãobẽ lhe foy dada outra carta de Rodrigo rabelo feytor da nao Santispirito, em que lhe fazia grandes queixumes de Tristão datayde, por lhe não deixar carregar a nao & a deter dous annos. E sabendo Antonio galuão por estas cartas a grande necessidade que a fortaleza de Maluco tinha de mantimentos, armas, & gẽte, requereo ao feytor Belchior bõtelho que carregasse a nao delrey de mãtimentos por quão necessarios erão, & por ele não querer tomar se nã poucos, foy necessario a Antonio galuão buscar dinheiro emprestado, & comprou tantos á sua custa que carregou a nao q̃ leuaua fretada, & nisso & em peytar a gẽte que fosse coele gastou muyto, porque ouuyndo a gente que ya coele o trabalho que auia em Maluco: E vẽdo que os que de lá vinhão não querião tornar, nã querião yr cõ Antonio galuão, que fazẽdo o que digo, lhes ganhou as vontades pera yrem. E porq̃ sabia que toda a saluação da fortaleza de Maluco erã muytos mantimẽtos, deixou em Malaca hũ Antonio soarez, que fosse em hũ jungo pela Iaoá & o carregasse hi deles, & pera isso lhe deu a sua prata laurada q̃ tinha por não ter já dinheiro: E vendo quão necessaria era sua yda a Maluco, posto q̃ estaua muyto doẽte, & dom Esteuão & os outros lhe conselhauão q̃ não se matasse, & que espacasse sua partida pera o Ianeiro seguinte, não quis se nã partirse indo quasi com a candea na mão, tamanho era seu desejo de seruir a Deos & a elrey: & aos dezoyto Dagosto deu á vela, & se partio de Malaca pela via de Borneo: E sabendo quão perjudicial era ao seruiço delrey, leuarse a Maluco fazẽda de partes,

de partes, não quis dar licença a ninguẽ que a leuasse, posto que por isso lhe dauão muyto, nẽ menos deu licença a mercadores pera que fossem coela depois q̃ lá esteuesse, o que nunca ate então fizera nenhũ capitão.

CAPITVLO CLIX.

De como Antonio galuão chegou aa jlha da Ternate.

PArtido Antonio galuão de Malaca foy ter ao porto de Borneo cõ sua conserua, & por elrey & os seus estarẽ muyto escãdalizados dos agrauos q̃ os mouros de Maluco recebião de Tristão datayde & dos Portugueses, nã foy Antonio galuão ali tão bem agassalhado, como o forão os outros capitães q̃ vão pera Maluco, pelo que não se quis deter & partiose logo, & dali foy ter á jlha de Ternate, em cujo porto surgio aos vintacinco dias Doutubro, & como foy visto da fortaleza, foy grande o aluoroço na gente, & algũs desses principaes o forão logo visitar, pera lhe dizerem mal de Tristão datayde como dissérão, atrebuyndolhe toda a culpa de lhe os mouros fazerem guerra, & que os Portugueses estauão tão escãdalizados dele que se dom Esteuão da gama não esteuera por capitão de Malaca, eles o mandarão preso ao Gouernador da India, mas porque dõ Esteuão, que era seu sobrinho, estaua em Malaca onde auia dir ter, o não mandarão, & tantos males dizião de Tristão datayde, que Antonio galuão o não creo, parecendolhe que o dizião por lhe comprazer. E porq̃ sabia que sempre os capitães daquela fortaleza quando entrauão prendião os outros questauão nela, determinou de nã fazer assi a Tristão datayde, se não mandalo com sua horra, saluo se lhe achasse taes culpas que nã podesse al fazer se nã prendelo, & assi lho mandou dizer, mãdandoho ele visitar, & pedirlhe q̃ fosse logo tomar posse daquela fortaleza, o q̃ nã quis fazer, & deteuese algũs dias sem sayr em terra, por lhe parecer que vedo a gente o fauor que fazia a Tristão datayde, recõciliassem cõ ele, ou ao menos nã se atreuessem a queixarselhe muito dele. E vendo os da fortaleza quanto dilataua tomar posse dela, dizião que era com medo de nam se atreuer com a carrega que era ser capitão: E por isso desembarcou hũ domingo, & foy recebido com procissam cantando os clerigos: Te Deum laudamus, & metido de posse da fortaleza, foy ho prazer muyto grande em todos, dizendo que os fora remir do catiueyro em que estauam, principalmente em leuar tantos mantimẽtos como leuou: E porque ele sabia a necessidade que auia deles, & a grande valia que tinham, pos tayxa neles, & pera que teuessem mais vigor, & todos soubessem que auia de permanecer, começou logo nos del rey que estauam na feitoria, mãdãdo que se dessem trinta gantas daroz, que sam oyto alqueires, por quatrocentos & oytenta rés, a rezão de sessenta o alqueire, valẽdo dantes a cinco cruzados, & a este preço se pagasse nele o mantimento & soldo que fosse diuido ás partes, a que ainda deuião a algũs do tẽpo Dantonio de brito, & nisto a fora elrey ganhar muyto em se desendiuidar, ganhou muyto no emprego deste aroz: E assi mandou que a jarra do cagu se desse a duzentos rés, & hum porco tres mil rés, & hũa cabra dous cruzados, & hũ cabrito tres tostoés, hũ

leytão

leytão, hũ cruzado, hũa galinha cinco-enta rs, & asi todo ho mais muyto barato, pera quam caro estaua dantes (como disse atras) & asi em todas as outras cousas. E pera se melhor executarem as penas desta taixa, fez hũ juyz ordinario, & dous almotaceis, que ate entam nam ouuera, & deulhes os cinco liuros das ordenações, que leuou pera isso da India, que forão os primeyros que se virão naquela terra: & asi leuou pera ho ecclesiastico, as Cõstituyções que o Cardeal dõ Afonso de gloriosa memoria fez. E vẽdo a gente quam amigo Antonio galuã era do bem comũ, & quão zeloso da justiça, de cada vez lhe querião mayor bẽ, & dauam mais graças a Deos por lhes dar tal capitão. E depois de ter ordenado o que pertencia a bõ regimẽto da terra, entendeo em repayrar as cousas necessarias pera defensam da fortaleza, especialmente na artelharia que achou muyto danificada, a grossa sem repayros, & a miuda sem rabos nem piães, & ainda diziáo que falecia a melhor, que Tristam datayde dera aos jungos dos mercadores pera segurãça do crauo que lhe leuauam, nem auia ferreyro pera que a concertasse, porque hũ que auia, deralhe Tristão datayde licẽça pera Malaca na monção passada, nem auia polubra, nem caruão pera se fazer: & Antonio galuã fez tanta diligencia, que achou hũ ferreyro que andaua encuberto, a que deu tanto de sua fazenda, que quis vsar do officio, que importaua tanto, q̃ sem ele não se podia concertar a artelharia, que logo foy concertada, & repayrada de todo onecessario: E feyta poluora, & Antonio galuão com os fidalgos & pessoas principaes yão ao mato a cortar madeyra, pera os repayros das bombardas, & lenha pera se fazer caruão, & a traziam ás costas com immenso trabalho, o que não se podera fazer se Antonio galuão não leuara a ferramenta que disse que leuou da India pera este mester.

CAPIT. CLX.

De como Antonio galuão se apercebeo pera yr pelejar com os mouros a Tidore.

TAm soberbos estauã os reys de Maluco, com as vitorias passadas, que ainda q̃ souberão a vinda Dantonio galuão, & a boa gente que leuara, não disistirão da guerra q̃ faziam á fortaleza, & mãdauã suas armadas q̃ lhe fosẽ correr, & asi o fazião, dandolhe os mouros mil rebates de dia & de noyte, com q̃ Antonio galuão socedeo no grãde trabalho q̃ Tristão datayde tinha dãtes, tendo cõtinuamẽte as armas vestidas, cõ quantos auia na fortaleza, acodindo aos saltos dos imigos, muytas vezes estãdo comẽdo & dormindo, & sem terem nenhũ repouso. E parecendo a Antonio galuã, q̃ por ser nouo na terra, quereriã os reys paz co ele, & porque sabiã o que se auia dir Tristão datayde, mandoulha pedir por Gonçalo vaz çarnache capitão mor do mar, que foy em hũa carauela a Tidore, onde os reys estauam juntos: que ouuindo a embayxada Dantonio galuam sobre a paz, se desculparam da guerra que faziam, com os males & offensas que lhes Tristam datayde tinha feyto, & que aueriam sobrisso seu conselho, & entre tanto assentaram tregoas por

certos dias, pera que coesta cór teuessem tempo de tomarem lingoa da fortaleza, & saberē a determinação Dãtonio galuão, quando o não podesse saber pelo çamarao: E cō a confiança desta tregoa, de que Antonio galuão foy cōtente, começarão os da fortaleza de sayr pola jlha a buscar lenha, mais desmãdados que dãtes, principalmente os escrauos, de que os imigos que estauam em cilada pera isso, tomarão logo tres, & forãose coeles tam asinha, que quando Antonio galuão acodio ja os não achou. E vendo ele quam mal lhe os reys guardauam a tregoa, mandoulho estranhar muyto, dizendo que pois asi era, que não lhe posessem culpa se lhes fizesse guerra, q̃ lhe auia de fazer descuberta & não cō treyções: ao que responderão, que fizesse ho que quisesse que prestes estauão: O que ouuido por Antonio galuão, determinou de yr sobre Tidore & dar batalha aos reys posto que sabia o demasiado numero de gente que tinhão, & quão esforçada era, & que o gouernador da India, com todo seu poder faria muyto em a desbaratar, & que era perigo grandissimo auenturarse em hũa batalha: & porem lembraualhe, que pera esperar por mais gente, que a nam podia auer se nam da India, & em dous annos, se no caminho lhe nam acontecesse algũ desastre, & que pera a gente que tinha não auia mantimentos, pera a terça parte deste tempo, nem os podia auer de nenhũa parte, & sem eles era impossiuel sosterse, por isso que era melhor auenturarse em hũa batalha, com a esperança em nosso Senhor, que morrerem com fome poucos & poucos. E isto determinado, praticouho em conselho, & os mais foram de parecer, que nam se deuia de pelejar com tamanho poder de gente como tinham aqueles Reys, sendo os Portugueses tam poucos, que se deuia de meter na fortaleza & guardala, & mandar pedir gente ao gouernador da India: & Antonio galuão foy de parecer que pelejasse, dando as rezões que disse, & algũs foram deste parecer, & neste se assentou. E como tudo estaua prestes pera a partida, partiose Antonio galuão pera Talangame, onde estauam quatro vélas, em que auia dir, afora algũs paraós de seruiço, & em duas, q̃ eram duas naos, yr ele & Gonçalo vaz çarnache, & em hum nauio Francisco de sousa alcoforado, & em hum calaluz el rey Cachil aeyro, & ho çamarao com cincoenta mouros, & nas outras vélas cento & setenta Portugueses, & na fortaleza deyxou por capitam Tristam dataydc, porque nam podia ficar outra pessoa mais pertencente pera isso, assi por ser tam esforçado, como por ser tio de dom Esteuam da gama que estaua em Malaca, que ho socorreria logo se fosse caso que Antonio galuão morresse na batalha, & tambem folgou de ho deyxar, pera que tirasse estormentos de seus seruiços á sua vontade, & cobrasse a perda que tinha recebida cō a guerra, & deyxou coele seus criados & amigos. E estando Antonio galuã em Talãgame pera partir, sayrãlhe de hũa cilada dous mil mouros, com q̃ ouue hũa esca-

ramuça despingardadas, de q̃ nẽ hũs nẽ outros ficarão feridos, & em se os mouros embarcando, foy tomado hũ, a q̃ Antonio galuão pregũtou polo que os reys determinauão, prometendolhe merces se dissesse a verdade, & tormentos se dissesse mentira, a que o mouro respondeo muyto seguro. Sabe capitão, que se aos reys que eu siruo, & á sua gente, se seguisse algũ dáno polo que eu dissesse, não aueria tormẽto que mo fizesse dizer, q̃ assi como eu tiue ousadia pera ficar na trasey ra, pera defender os outros que se embarcauão, assi terey esforço pera sofrer a pena com que salue tãtas vidas: mas como sey certo, q̃ os reys & a gẽte que estão em Tidore, não perdẽ nada no q̃ te disser, direy verdadeyramente o que me preguntares, então lhe disse, que os quatro reys de Maluco, & outros quatro dos Papuas, estauam todos em Tidore, com tanta gente, que não se podia contar, & era sua determinação de ho tomarem viuo com todos os Portugueses, pera aos que estauão dantes com Tristão datayde & a ele matarem com graues tormentos, & a Antonio galuão & aos outros os resgatarem, & que a cidade de Tidore estaua fortissima com muros & baluartes, & muytos estrepes, que por nenhũa parte podia ser entrada, com hũa fortaleza sobre hũa rocha talhada, pera onde sobiam por hum caminho tam ingreme & estreyto, que ás pedradas se defenderia a sobida a todo mundo, & pera a encaualgarem por terra auiam de sobir mais de hũa legoa, por caminho muyto fragoso & çarrado daruoredo, & todauia o mouro lhe prometeo de ho leuar lá, porque quanto mais cedo ho leuasse, tanto mais asinha seria liure, & ele seu catiuo: & Antonio galuão estaua espantado de ver a ousadia deste mouro, & tudo lhe sofria, porque ho guardaua pera guia, se lhe fosse necessario.

CAPIT. CLXI.

De como Antonio galuão destruyo de todo a cidade de Tidore.

AO outro dia em que Antonio galuão determinaua de partir, em rõpendo a alua, apareceo ao mar hũa armada dos mouros, de passante de trezentas vélas de remo, em que yão mais de trinta mil homẽs de peleja com os remeiros, que tambem se contam por homẽs darmas, & he costume da terra, os filhos dos reys dos Sangajes, & dos Mandarĩs andarem ao remo em quanto sam mãcebos, & prezãose disso, porque dali vẽ a serem caualeyros. E os mouros que souberã que Antonio galuão estaua de partida, forãolhe dar mostra de sua armada pa o espãtarẽ, & cõ tudo cõ medo da sua artelharia, não ousarão de chegar a tiro de bombarda dele: E vẽdo ele q̃ tudo aquilo era rebolaria não deixou de partir, deixãdo em guarda de Talãgame Fernã anrriquez, em certos jungos que hi ficauão, & em ele partindo, partio tambem a armada dos mouros indo sempre a la mar: & chegado a Tidore que começou de costear a jlha, forão as prayas cubertas de gẽte que o sayão a ver, & dauã grãdes gritas. E em começando de descobrir a cidade, começou a artelharia de jugar dela, mas como passauã os pelouros por alto nam lhe faziam dãno, & Antonio

galuão mádou q̃ não tirassem à cidade, cõ determinação de ver primeiro se podia fazer paz por bé, & quãdo não q̃ então faria a guerra, & foy surgir cõ sua armada diante dũa mezquita, & dali mãdou logo hũ recado aos reys sobre paz, mas o messageyro nã foy ouuydo, né o deixarã chegar à cidade, cõ muitas espingardadas que lhe tirarão de q̃ o ferirão, & co isto derão muytas apupadas, como que zombauão da y da Dãtonio galuão, chamando nomes injuriosos aos Portugueses, q̃ tudo ouuiã por estaré perto de terra, & nisto gastarão o q̃ era por passar do dia, & quasi toda à noyte. E em aparecendo algũa cãdea na nossa armada, tirauãlhe logo cõ a artelharia, pelo q̃ se passou dali pera baixo da cidade, asi por se tirar daquele perigo, como por ter tépo pera praticar como daria na cidade, & ali lhe deu hũa toruoada com q̃ se ouuera de perder, & por isso determinou de surgir ao pé da rocha onde estaua a fortaleza da cidade, porq̃ ali lhe pareceo q̃ a poderia melhor esbõbardear, & estar mais emparado da sua artelharia. E querendo saber se era como lhe parecia, mãdou Gõçalo vaz çarnache q̃ o fosse ver, & sondasse ao pé da rocha, do q̃ se ele escusou, dizédo q̃ o matarião os tiros q̃ lhe tirassem de terra q̃ yria de noyte. E védo Antonio galuão q̃ o não queria fazer, foy fazelo, o q̃ fez cõ muyto grãde perigo, & depois foy ali surgir cõ a armada, em que logo fez cõselho sobre sayr em terra, & hũs dizião, q̃ a cidade se deuia descalar por qualquer parte q̃ podesse, outros q̃ polo mais forte, porq̃ ali auia dauer menos géte pera a defender, outros q̃ deuiã de tomar a fortaleza, q̃ ainda q̃ fosse cousa muy trabalhosa de fazer, era de muyto menos perigo, porq̃ nã tinha artelharia né géte q̃ a defendesse, porq̃ auião os mouros por imposiuel poderse tomar: & tomada, darião dali tanta guerra à cidade, que ou se os mouros yrião dela, ou farião paz, quanto mais q̃ auião muyto de desmayar com a fortaleza tomada, & ainda q̃ tomassé primeyro a cidade, estauã certo acolheremse os mouros à fortaleza, como fizerão outras vezes, & ali seria impossiuel fazerlhe dãno, & deste parecer foy Antonio galuão, & ali se assentou que pera este feyto leuasse cento & vinte Portugueses escolhidos, & os cincoenta ficassem na armada, asi pera a defenderem se a dos ĩmigos a cometesse, como pera que em amanhecédo a parecessem nos nauios todos armados, & tangẽdo suas trombetas & atãbores, q̃ cuydassem os ĩmigos que querião desembarcar, & acodissem a tolherlhes a desembarcação, & Antonio galuão com os outros podessem mais facilmente tomar a fortaleza. E encomendãdose a nosso Senhor, que os liurasse de tamanho perigo como aquele a que se punhão, por exalçamento de sua sancta fee. Rendido ho quarto da modorra, que era o tempo em que os ĩmigos estauã mais assossegados, desembarcou Antonio galuã cõ os céto & vinte Portugueses, q̃ todos leuauã espingardas & lãças, & leuauão lhas seus escrauos, q̃ cõ os senhores faziam numero de trezétos. E tornados os bateis pera a frota, abalou Antonio galuão pe[...]

fortaleza, per hũ caminho q̃ estaua afastado da cidade, pera cima da rocha q̃ disse, pelo que não foy sentido dos ĩmigos, & leuaua a gẽte feyta em corpo, & na dianteyra yá Gõçalo vaz çarnache, Diogo lopez dazeuedo, Iorge de brito, Antonio de teyue, dõ Fernãdo de mõrroy, Iorge datayde, & outros fidalgos cujos nomes nã soube, & assi hũ Antonio carneiro q̃ leuaua o mouro, q̃ disse q̃ os guiaua, & no meo ya Antonio galuão cõ a bandeira: & a traseyra por ser lugar de mais importãcia, foy encomẽdada a Frãcisco de sousa, cõ quem yão Ioão freyre & outros: E como o caminho era muy fragoso, & Antonio galuão ya de vagar, por os seus não cansarẽ, chegou a mea legoa da fortaleza ás oyto oras do dia (q̃ era do apostolo Sã Thome:) E como se ya chegãdo á cidade, foy sintido das atalayas dos ĩmigos, q̃ lhes logo derão auiso, dizẽdo quã poucos erã os Portugueses: E aluoroçã los os reys co esta noua, derão logo rebate á sua gẽte, de q̃ se ajũtarão cincoẽta mil homẽs de peleja, & sayndo cõ os reys, tirarão a grãde pressa pera onde ya Antonio galuão, q̃ ouuindo ho arroydo da gẽte q̃ era grãde, por nã se embaraçar cõ ele, antes de chegar á fortaleza, deixou o caminho q̃ leuaua, & meteose pelo mato, q̃ como era muy espesso ho encobrio dos ĩmigos, q̃ o perderã de vista: E cuydãdo q̃ fogiã, começã de dar grãdes apupadas cõ prazer, & era medonha cousa douuir os ecos q̃ faziáo por aq̃les vales, q̃ isto só abastaua pa fazer desmayar Antonio galuã & os seus, q̃ cõ a esperãça em nosso Senhor yã todos muy esforçados. El rey Cachil dayalo q̃ leuaua a diãteira dos imigos, & a quẽ era encomẽdado q̃ fosse o primeyro q̃ desse nos Portugueses, trabalhou por lhes atalhar antes q̃ chegassẽ á fortaleza, & sayndo cõ sua gẽte a hũ escãpado q̃ se fazia antreles & a fortaleza, foy ali ter Antonio galuão por açerto, & el rey quisera auer fala dele pa o deter, q̃ chegassẽ entretanto os outros reys cõ o resto da gẽte & o tomassẽ ás mãos cõ os outros, q̃ nã se cõtẽtauã de os matarẽ pelejãdo: porẽ Antonio galuão nã curãdo de pratica, & fazẽdo tocar as trõbetas, remete cõ os seus aos mouros, chamando por Sãtiago, & desparãdo sua espĩgardaria, & outros ás lãçadas & cutiladas, de q̃ logo foy ferido el rey Dayalo q̃ andaua na diãteira, vestido em hũa saya de malha & hũ capaçete na cabeça, pelejando cõ hũa espada dambas ás mãos, & cahio das feridas q̃ lhe derã, & como era muyto esforçado, leuãtouse logo, dizendo q̃ nã era nada, posto q̃ lhe sahia muyto sangue. E neste tẽpo deu hũ mouro a hũ Pero pinheyro, cõ hũa espada hũ golpe de tãta força sobre o capaçete, q̃ o derribou atordoado, & matarahõ, se lhe não acodira Iorge de brito, q̃ o derribou cõ hũa lançada, & logo foy morto, & Pero pinheyro leuantado, & nisto era a batalha muy trauada, & ferida muy asperamẽte, trabalhãdo os mouros por çercarẽ os Portugueses, & sumirẽnos a todos, ho q̃ sem duuida ouuera de ser se a batalha mais durara, mas quis nosso Senhor por sua mĩa, atalharlhe com cayr el rey Dayalo desmayado, do muito sangue q̃ se lhe foi das feridas q̃ erã mortaes, & em caindo, bra-

bradou, dizédo que ho tirassem da batalha, porque os cães de seus ímigos, nã se alegrassem com a sua cabeça. E tanto q̃ os seus ho viram assi leuar, desmayaram de maneyra, q̃ não poderã mais pelejar, & fogiram a qué mais podia deyxando as armas, por yrem mais despejados, & estes deram na outra gente q̃ os reys leuauam pera os ajudarẽ, & como deram neles dencontro fizerãnos fogir, & hũs yão pera a fortaleza, & outros por esses matos. Antonio galuão dando muytas graças a Deos por tão milagrosa vitoria, foy seguindo os q̃ yam pera a fortaleza, matando & ferindo neles, & entrou nela com todos os seus déuolta cõ algũs mouros, que vazaram logo fora & lha deixaram, & ele lhe mandou dar fogo, & como as casas eram de madeyra & de canas & cubertas dola, começa o fogo dacenderse tam brauaméte, q̃ era espanto ouuir ho arroydo que fazia. E vendo os reys que nam auia ali remedio, acodirão á cidade, onde ho medo foy muy tográde nos que nela ficarão, quando virã entrar elrey Dayalo quasi morto, & começaram logo de fogir dela, cõ molheres, filhos, & fazendas, & mais quãdo viram os reys q̃ fogiam, & ouuião ho arroydo do fogo q̃ queymaua a fortaleza. E vẽdo os reys tamanho destroço, começã de se poer em saluo por esses matos, & el rey de Tidore acodio a suas molheres & tesouro, cõ quatro mil homẽs que ho ajudauão, & deram cõ tudo em hũ profundo vale, & vẽdo os Portugueses & Arabios marinheiros q̃ estauã na nossa frota ho destroço dos mouros, em q̃ pes a hũ Francisco nunez, & a hũ Fernão leytão, q̃ Antonio galuão deixou nas naos por capitães, tomãdo nos bateis algũs berços & falcões, forãse á cidade, & nã achãdo defensa nos mouros, meterãse a roubar sem nhũa ordem, o q̃ foy causa de os mouros darẽ neles & matarã & feritã algũs Arabios, & assi ouuerão de fazer aos Portugueses, se nesta cõjunção nã entrara Antonio galuão cõ os seus, q̃ vendo q̃ estauã todos viuos & sãos, tãto q̃ o fogo foy béateado na fortaleza deçeo á cidade, & em entrãdo cõ grande grita & arroydo de trõbetas, desempará os mouros tudo & acolhẽse. E por se os Portugueses nã embaraçarẽ cõ ho roubo, mãdou Antonio galuã poer fogo á cidade, q̃ foy toda queymada, afora os muros, é q̃ ardeo muyta riqueza, porq̃ como os mouros estauã muy cõfiados em os não tomarẽ, tinhã todas suas fazẽdas sem tirarẽ nhũa cousa, & forã mortos muytos mouros, & feridos sem cõto, & catiuos infindos homẽs & molheres, & tomada muyta artelharia, & nauios de remo, & hũ jũgo: & dos Portugueses nã foy morto nhũ, saluo hũ escrauo. E parece q̃ quis nosso Senhor fazer este milagre, pa cõfusã dos mouros & q̃brarlhes sua soberba.

CAPITVLO CLXII.

De como os Reys de Geilolo & de Bachão, & os outros se foram pera suas terras.

Avida esta tã milagrosa vitoria, mãdou Antonio galuã derribar os muros & baluartes da cerca da cidade, q̃ em algũs dias forã derribados, q̃ tudo ficou tãraso como se nũca ali esteuera cidade, & assi foi atupida a caua, & isto com imẽso trabalho Dãtonio galuão & dos seus,

que de dia estauã em terra, & de noyte dormiam na armada. E como os Reys estauam juntos, & tinham ainda junta a gente que escapou da batalha, determinaram de ho tomarem no mar com sua armada, quando fosse das naos pera a cidade, por ser a distancia hũ pouco comprida, do q̃ Antonio galuão foy auisado por suas espias, & aquela noyte mandou poer em cilada ao longo da terra debayxo do aruoredo algũa gente nos nauios de remo que tomou, pera q̃ sayndolhe os ĩmigos, lhes ficassem os seus detras & ele diante, & pera os prouocar a sayrenlhe, embarcouse pola menhaã com grãde arroydo de trõbetas, & como os mouros estauão prestes na armada, sayrão logo a ele indo cosidos com terra, pera lhe tomarem a diãteira antes q̃ chegasse, & indo asi, foram dar de supito com a cilada, que lhe Antonio galuão tinha posta, de que lhe logo começarão de tirar com a artelharia & chegarse a eles, & afferrarã hũa coracora del rey de Bachão, q̃ ya diante carregada de gẽte, q̃ nam ousando de pelejar se deitou ao mar, & a coracora foy tomada: E vẽdo os outros isto, forãse retirando, & defendẽdo de maneyra, q̃ nam receberã mais nojo & forãose, do q̃ os reys ficarão muy enuergonhados, vẽdo quã pouco lhes sundira seu ardil, & por isso acordarã de darẽ em Antonio galuão per terra & per mar, & estãdo juntos pera isso, foy Antonio galuão auisado, & foy logo sobreles por terra, & partio de dia por lugares encubertos, pera os tomar de sobresalto, & asi ouuera de ser, se os da companhia de Francisco de sousa, que ya ña dianteyra, nam tirarã certas espingardadas yndo perto dos ĩmigos, q̃ os sintirã, & como estauã cortados do medo, & os tomassem de sobresalto acolheramse logo, & todauia Antonio galuam alcançou os da traseyra, de que matou & ferio & catiuou algũs, & antre os mortos foy hum primo del rey de Geilolo muyto valente caualeyro, de que os immigos receberam grande perda, & fizeram por ele grandes prantos, & despois disto, foy Antonio galuam sobre hum lugar que estaua hi perto, que achou despouoado cõ medo & queymouho, & era ja ho medo tamanho nos mouros, que nam ousauam daparecer, o que visto polos reys de Bachão, & de Geilolo, & dos Papuas, & q̃ era escusado tentar mais a fortuna contra Antonio galuam, determinaram de se tornarem pera suas terras, & deyxarẽ a guerra pera outro tempo, & asi ho disseram a el rey de Tidore, dandolhe pera isso algũas rezões, & as principaes forão, que Deos pelejaua por Antonio galuão, ou Mafamede destar yroso cõtreles, cõsentia que fossem asi vencidos por tam poucos Portugueses, tendo eles tanta gẽte que nam tinha conto, infirindo dali, que nam era bem que pelejassem mais & com isto se partiram, ficando el Rey de Tidore muyto triste de ho deixarem daquela maneyra. E vendo os Portugueses desaparecer os immigos, cuydauam que yão sobre a nossa fortaleza, & fizerã grandes requerimẽtos q̃ lhe acodisse, & ele nã quis, dizẽdo q̃ quẽ nã defendia sua terra, que não auia dir tomar a alhea.

CAPIT. CLXIII.

De como Antonio galuão fez paz com el rey de Tidore.

DEterminando Antonio galuão de nam se yr dali, sem fazer paz com el rey de Tidore, ou quando nã quisesse yr sobrele & matalo, escreueolhe hũa carta, em que dizia, como sem ho ele nunca ter anojado, em chegando áquela terra lhe yão cada dia correr suas armadas, & mandandolhe cometer paz, nunca vira sua reposta, & de se ver injuriado, acodira por sua honrra, & mais por isso, q̃ por desejar a guerra lha fizera, & aos outros reys, com quem desejaua de ter paz, & pois eram ydos, & ele tinha experiencia de quanto mal fazia a guerra, lhe pedia muyto que fizesse com ele paz, & que apertaua tanto com ele, que a quisesse pola muito boa fama que tinha dele. Recebida del rey esta carta, mandouha ler em conselho, em que foy praticado que Antonio galuão, como homẽ que desejaua paz & conseruaçáo da terra, sempre defendera aos seus que a nam destruyssem, nem cortassem palmeiras, nem nenhũas aruores, & atee a sua mezquita (cousa tã auorrecida dos Portugueses,) deixara sem tocar nela, & quem isto fazia, & nam se ensoberbecia com a vitoria, deuia de ser bõ homẽ, pelo que deuiã de fazer tregoa com ele, com condição que se fosse logo do seu porto, & lhe não fizesse mais guerra, & despois de vagar fariam paz com ele, porque não a auiam de fazer em quanto Tristão dataydc esteuesse em Maluco, & asi lho mandou el rey dizer, do que Antonio galuão não foy contente, por lhe aquilo parecer cousa muyto desapegada, & asi ho mãdou dizer a el rey, & que nã auia de fazer nada sobre a paz, sem se ver com ele, & logo lhe os Portugueses disserão que aquilo seria imposiuel, por ser antigo costume dos reys de Maluco, nam verem ho rosto a quẽ os vencia, se nam dahi a seys meses, & por esta causa el rey se escusou de se ver com ele, & mandou em seu nome a Cachil rade seu jrmão, & a segunda pessoa do reyno. E por Antonio galuão ter dele boa informaçam, antes de falar com ele a bem defeyto, lhe cometeo que quisesse ser rey daquele reyno & q̃ lho daria, por seu jrmão ho ter perdido, por se ter leuantado contra a fortaleza, & lhe ter feyta tam crua guerra, & não querer ainda paz offerecendolha ele, & Antonio galuão fazia isto, por lhe parecer que com este beneficio teria Cachil rade da sua parte, & ho ajudaria cõtra os outros reys, & ele nam quis, dizendo que nunca Deos quisesse que fosse tredoro a seu jrmão. E por ele não querer açeitar ho reyno, nẽ querer prometer a Antonio galuão, que faria com el rey que se visse com ele, ficou Antonio galuão tão agastado, que nam quis fazer nada com ele, & Cachil rade se foy, ficando de guerra como dantes: Porem el rey mudou seu costume, & viose com Antonio galuão, leuãdo consigo Cachil rade & seus jrmãos, & muytos Mandarĩs, & assentarão paz, com condição que el rey desse toda a artelharia q̃ tinha, & todas as armas Portuguesas, & esi desse pera el rey de Portugal ho crauo que ouuesse em sua terra, pelo preço da feytoria, & que nã ajudasse

nhũ

nhũ rey contra os Portugueses: E nesta vista deu Antonio galuão presentes a el rey & a Cachil rade & seus yrmãos, & aos Mandarĩs, & dali por diante em algũs dias que se Antonio galuão deteue ho forão ver el rey & eles, & comião & bebião como que auia muyto tempo q̃ se conuersauão, & el rey & todos estauã muy contentes da condição Dantonio galuão, & folgauã muyto com sua amizade. & Cachil rade o auisou que se nã fosse dali ate esta amizade não ficar bẽ firme, porque el rey seu yrmão era muy perseguido dos reys de Bachão & Geilolo, & temia que tãto que dali fosse partido lhe tornasse a fazer guerra, em vingança da morte del rey Cachil dayalo, que fora morto a ferro, que todos estauã obrigados per juramento de a vingarẽ, & assi lho pregauão seus Cacizes: pelo que Antonio galuão se deteue mais algũs dias do q̃ se ouuera de deter, & neste tempo lhe prometeo de tornar a fazer a cidade onde estaua, & a começou antes de sua partida.

CAPITVLO CLXIIII.

De como se os Portugueses amotinarão pera fazerem crauo.

VEndo Antonio galuão que el rey de Tidore estaua firme em sua amizade, determinou de yr sobre el rey de Geilolo, pera se por bem não quisesse fazer paz, lhe fazer guerra ate que a fizesse E partido lhe deu hũ tão brauo temporal que arribou a Talangame, & como os Portugueses se ali virão, porque era jà a moução de Malaca & desejauão de se yrem & fazerem crauo, não quiserão tornar com Antonio galuão à guerra, & amotinarãose lhe de maneira, que lhe foy forçado desembarcarse & yrse à fortaleza, onde logo mandou adubar a nao de que era capitão Francisco de sousa & a outra em que ele fora. E porq̃ Tristão dataydе se auia dyr naquela mouçã mãdou tirar deuassa dele, como era costume tirarse dos capitães quãdo acabauã: E sabendo Tristão dataydе que os mais o acusauã, pedia a Antonio galuão que ouuesse piedade dele, & ele lhe prometeo de fazer todo o fauor que podesse, cõ tanto que não fosse contra sua conciencia, por isso que descansasse: E sabendo que hũ Ioão freyre estaua mal co ele fez que fosse seu amigo, & asi outras amizades, apacificando ho com os mais que lhe querião mal, ate pacificar hũs pescadores que se lhe queixauão dũ comprador de Tristão dataydе, chamado Pratas dalcunha, porque lhes tomara o pescado & os escalaurara, & mãdou dizer a Tristão dataydе que castigasse o Pratas, & tãtas cousas fazia por ele, q̃ muytos dizião, que pois o não castigaua polas culpas que tinha, & mandaua preso à India, algũ viria q̃ o prendesse & castigasse sem culpa. E com tudo mandou q̃ se tirasse deuassã de Tristão dataydе, do que se ele logo escandalizou Dantonio galuão, & começou de lhamotinar a gẽte em segredo, & Antonio galuão nã sabendo disso nada, entendia em auer crauo com que carregasse pera el rey a nao de Francisco de sousa & a outra, & mandou pregoar que sob graues penas que nhũa pessoa vẽdesse crauo se não na feitoria, ou a quem o feytor deputasse pera o comprar, & ao tabalião pubrico q̃ sob a mesma pena não fizesse conhecimento nem escritura de compra nem vẽda de crauo a nhũa pessoa, & ao Ouuidor q̃ nhũas partes ouuisse sobre crauo. E sabendo que nas jlhas de Moutel

&

& de Maquiem estauão certos jungos de mouros tomando crauo, mãdou logo lá Gonçalo vaz çatnache com hũa armada pera os deitar fora, & foram cõ ele Cachil rade & o çamarao, & os deitaram fora, & com todas estas diligencias que Antonio galuão fazia, nam podia auer crauo, né os Portugueses deixauám de o comprar, o que faziam de noyte depois que se fechaua a fortaleza, & carregauãno em hũ jungo dũ Dinis de payua. E sabendo Antonio galuão como o comprauam de noyte, mãdou vigiar à praya de noyte pelo meyrinho da fortaleza, mandandolhe q̃ o tomasse, & querendo ele fazelo, foy espancado, & nisto foy Antonio galuã auisado pelo vigayro da fortaleza, & por outro clerigo, que o queriáo matar por amor da defesa do crauo, & cada hũ lhe deu seu asinado do que lhe dizia. E vendo ele o escãdalo dos Portugueses, prouou de ver se os podia amansar com boas palauras, & fazendo os todos ajuntar á porta da fortaleza, lhes disse. Nam me negareis senhores, que todos os homẽs que se tem em conta domẽs, tem por cousa muy abominauel a ingratidão, & por grande baixeza, & se prezão muyto da gardecidos, & tẽ por nobreza vsar dagardecimẽto, & de quem recebem algũ beneficio, desejã de lhe fazer outros, & he certo que se perguntar a cada hũ de vos, que dira q̃ asi he, pois se asi he porque fazeis o contrayro com el Rey nosso senhor, que faz a todos tãtas merces de contino, dandovos terra em que moreis, dãdovos leys em q̃ viuaes, defẽdendovos de vossos ĩmigos, dandovos maneira pera terdes de que vos mãter, & outras muytas merces que sam largas de contar: pois de quem receberieis tantos beneficios, que se lhe fosse necessario ajudardeslhe a sustentar sua fazẽda que o nam fizesseis, o que nam fazeis a el Rey, mas antes lha destruys, porque nam tendo ele nesta terra outra cousa, com que sustẽtar dez ou doze mil cruzados que gasta cadanno, nos soldos & mantimentos desta fortaleza, se nam o crauo, que ha tanto tempo que assentou com os reys que lhe dessem a mil reis o bár, vós lho tẽdes leuãtado a vinte mil, que nam val tanto na India, com que fazeis que nam se acha pera se lhe comprar, & lhe fazeis perder o cabedal de q̃ tem necessidade, pera soster os grandes gastos desta fortaleza: pelo que vos requeyro da sua parte, que não compreis crauo, & lhe deixeis comprar, & o quereis antes comprar do seu feitor, que vo lo ha de dar mais barato q̃ os mouros, porque asi o há ele por bem em hũ regimẽto que aqui está Dafonso mexia, sendo veedor da fazenda da India, & pera que saybais que nam he isto ardil pera o auer pera mĩ eu volo jurarey, & logo jurou solenemẽte em hũ missal de nã cõprar crauo pera sy por nhũa pessoa, se nam todo pera el Rey, ate as suas naos serem carregadas, & rogou a seus amigos, & mandou a seus criados que asi o fizessem, & certo crauo que lhe deram por amizade el rey de Ternate & o çamarao, & el rey de Tidore, & Cachil rade, nam quis que lhe entrasse em casa, & mandouho leuar á feytoria.

CAPIT. CLXV.

Do mais que passou Antonio galuão cõ os Portugueses sobre o crauo.

Nenhũa destas diligẽcias aprouey tauam, pera se auer crauo pera el Rey & de dous mil Bâres dele, que Antonio

tonio galuão sabia que erão feytos, depois de chegar a Maluco, não se ouuerá pera el Rey mais de cẽto, & isto porq̃ o comprauão a mil reis, & as partes dauã por ele vinte mil, & mais não o querião carregar nas naos delrey, se não em hũ jungo dũ Dinis de payua, em que Tristão datayde tinha parte. E receãdo Antonio galuão que se fossem sem sua licẽça, & lhe leuassem a gẽte, fez vir as naos & o jungo de Talangame, & surgir em hũa calheta perto de nossa Senhora da barra, & ainda deu juramẽto aos capitães, que não se fossem sem sua licença, nem lhe leuassem gẽte, & deste juramẽto se fez hũ auto que todos asinaram. E cõ tudo Antonio galuão por sua pessoa, vigiaua de noyte a praya, pera ver se topaua algũs cõ crauo, & tomaua o q̃ achaua: do que aqueles que o trazião se agastauam muyto, & dizião que fazia grande erro em se sayr de noyte da fortaleza, que o poderião matar, porem ele não deixaua a vigia. O que vẽdo os Portugueses que comprauão o crauo, se ajuntarão hũ dia com Tristão datayde q̃ os fauorecia & era sua cabeça por lhe pesar com as diligencias q̃ fazia Antonio galuão, & forãose dassuada com armas diante da porta da ygreja. estãdo ele dẽtro na fortaleza, & dizião com grandes brados, que não auiã de deixar de fazer crauo, & que o auião de defender ás lãçadas a quẽ lho quisesse tomar dali por diante, & foy isto em tanto crecimẽto, que Antonio galuão mandou repicar o sino da vigia, pera ver se auia alguẽ que fosse da parte del Rey, & nisto quis sayr fora, pera ver o que a gente determinaua, & em sayndo, achou á porta da fortaleza Francisco de sousa com outros, & disselhe que ja Tristão datayde & os da assuada erão ydos, que nã lhe lembrasse aquilo, & ele o fez asi. E vendo a gente quão remisso era em castigar aquele delito & outros, cuydauão que auia medo a Tristão datayde, pelo que o não teuerão em conta, & pareceo tão mal esta assuada a muytos, que Gõçalo vaz carnache culpaua muyto Antonio galuão de não prender Tristão datayde, & ho mandar preso á India, & diziaho pubricamente, pelo que Tristão datayde saltou coele com gente pera o matar ou injuriar, & asi o fizera se Gonçalo vaz nã se acolhera á ygreja, & Antonio galuão não acodira: & sintindo Gonçalo vaz isto, desafiou Tristão datayde, que lhe nã sayo ao desafio, pelo q̃ Gõçalo vaz lhe escreueo hũa carta de muy feas palauras. E desejãdo Antonio galuão assossego, prẽdeo sobre sua menagẽ Gonçalo vaz por amor do desafio, parecendolhe que coisso poeria paz antrele & Tristão datayde, de cuja discordia, por serẽ taes pessoas, se podia seguir muyto desseruiço de Deos & del Rey: porem Gõçalo vaz se ouue por muyto injuriado de ser preso, acodindo por sua hõrra, & ficou imigo Dãtonio galuão, nem Tristão datayde não ficou seu amigo, nẽ deixou de lhe leuar quanta gente pode á India, que sabia a necessidade que tinha de la por amor da guerra em que ficaua. E pera mais escandalizar a gente da terra, leuou hũ moço Christão chamado Paulo, filho dũ homem dos principaes do Morro, que auia de cuydar que lho leuão a vender á India. E não o querendo Tristão datayde dar, nem a gẽte que leuaua, mandãdolhe Antonio galuão pedir tudo cõ muyta cortesia, depois des-

tar embarcado, mandoulhe depois sobrisso muytos requerimẽtos, o que nam satisfazendo Tristão datayde, antes soltãdo palauras muy feas, foy Antonio galuão ás naos ao outro dia, assi pera lhe tomar a gente que lhe leuauão, como pera tomar pera el rey o terço de todo o crauo que achasse de partes pelo preço da feitoria, & embarcouse em hũ batel com hũ falcão por proa.

CAPIT. CLXVI.

Do que Tristão Datayde fez a Antonio da Madureyra.

COmo os que estauão no mar, tinhã em terra quem os auisasse do q̃ Antonio galuão determinaua, forão logo auisados q̃ auia dir ás naos ao outro dia, & o pera que, leuarão de noyte as ancoras, & sem lhes lembrar o juramento q̃ tinhão feyto a Antonio galuão, de nam se yrẽsem sua licença, nem lhe leuarẽ gẽte, derão algũs á vela & forãose, & quando Antonio galuã chegou, ja nã achou mais que hũa nao, & o jũgo de Dinis de payua que se fazião á vela, & foyse ao jũgo, requerendo de fora que amaynasse, & Dinis de payua se pos a bordo com toda a gente armada, & espingardas çeuadas, com murrões acesos, dizendo q̃ quẽ chegasse a ele que o mataria. E como ho vento era fresco, & o mar grosso foyse, sem lhe lembrar que por ter muytas diuidas & emburilhadas, o embargauam por elas ao tempo da embarcação, & Antonio galuão se obrigou por ele se nam pagasse, & se isso não fora, não se podia yr, & ficaua perdido, por ter feyto muyto grãde emprego, & em ele partindo, acabou a nao de dár ás velas & se partio tambẽ, & estas velas & as outras, leuarã a mayor parte da gente da fortaleza, sem nhũ temor de serem castigados, que bẽ sabião que auião de ficar sem castigo, como ficaram os passados, que fizerão os mesmos dilitos, & por isso forão de cada vez mayores. E vendo Antonio galuão como se forão, leuandolhe a gente de q̃ tinha tãta necessidade, por ficar de guerra, ouueos por aleuantados, & cõdenouos em perdimento das fazendas pera el Rey, & tirou estormẽtos, & deuassas do que lhe fizerão, & de como ficaua, & cõ dous requerimentos, hũ pera o capitão de Malaca, & outro pera o gouernador da India, que tomassem pera el Rey as fazẽdas daqueles aleuãtados, & lhe desse a mais pena que merecião suas culpas, despachando logo pera Banda hũ Antonio da madureyra, que leuou todos estes papeis em hũa carauela, & mais cartas pera el Rey de Portugal, em que lhe escreuia o estádo em que achara a terra, & o q̃ tinha feyto, & que desse tudo ao capitão que esteuesse em Banda: a que chegado Antonio da madureyra, achou hi por capitão hũ Manuel da gama, parente de dõ Esteuão capitão de Malaca. E por Manuel da gama estar auisado de Dinis de payua, & doutros que ja lá erão, que não tomasse nhũs papeis q̃ lhe Antonio galuão mandasse, dizendolhe o sobre que erão, não quis tomar nhũs, por mais requerimentos que lhe Antonio da madureyra fez que os tomasse, nẽ menos consentio que tomasse agoa, nem lenha, & como a imigo o fez sayr do porto: & pola necessidade q̃ tinha de fazer agoada, se foy

se foy á jlha Damboyno, & surgio em hũ porto perto doutro donde Tristão datayde estaua surto, que logo soube o que Antonio da madureira leuaua, & temendose que o desse em algũ nauio dos que ali estauão, & se saberia na India & em Portugal o que fizera em Maluco, & porque não se soubesse, mandou contrele hũ Antonio pereyra que fora capitão mór do mar em Maluco, q̃ fosse cõ gente armada contra Antonio da madureira & que o fizesse yr dali, & assi o fez, que lhe não deixou fazer agoada, & tornouse pera Maluco sem dar os papeis que leuaua, & assi se enterrou o q̃ Tristão datayde & os outros fizerão, & el rey foy muyto deseruido, & os mais deles forão tãobem galardoados como que o seruirão muyto bem. E a culpa disto he toda dos gouernadores da India, q̃ não trabalhão muyto por saberem os distos que se fazem em Maluco, & sabidos os não castigão muyto bem.

CAPITVLO CLXVII.

De como el rey de Cambaya foy ver ho Gouernador ao galeão.

PArtido ho Gouernador pera Diu, começou de se fazer doente, pera q̃ podesse bem fingir que o era quãdo chegasse á fortaleza, porq̃ el rey o fosse ver a ela & lá o prendesse, & de cada vez se fazia mais doẽte, & por isso se deteue em Chaul algũs dias, & dali se foy a Baçaĩ em hũa fusta por dẽtro do rio, pera mostrar quão doẽte ya, porque a fama corresse, & quando chegasse a Diu soubesse el rey de Cambaya q̃ ya doente, & aqui se deteue algũs dias, & quando ya a terra por mostrar que não se podia ter, leuauãono em hũ Palanquĩ, que sam como Esquifes, & leuauãno homẽs & ya cercado de fidalgos. E partido de Baçaĩ chegou á jlha dos Mortos a fazer agoada, & pera lhe yr hi falar Manuel de sousa, que foy vespora Dentrudo á noyte, & lhe contou tudo o que el rey de Cãbaya determinaua em sua treyção, & ainda de noyte se tornou pera a fortaleza, sem ser sentido dos mouros onde fora. E passado o dia Dentrudo, ao outro dia, que era quarta feyra de Cinza, em amanhecẽdo se foy o gouernador á vela pera Diu, & indo assi, el rey de Cambaya que andaua á caça de monte ao lõgo do mar o vio yr, & mãdoulhe logo preguntar por sua disposição por hum porteiro, por quem lhe mandou algũs veados & gazelas, deles sem pernas, & outros sem braços: E dado por ele o recado del rey de Cambaya ao gouernador, respondeolhe que ya muyto doẽte, & por isso se deteuera tãto no caminho que se isso não fora, logo lhe fora beijar as mãos. E partido o porteiro, foy ho Gouernador surgir na baya de Diu, & ali ho foy logo ver Manuel de sousa, & nisto chegou o embayxador per que el rey de Cãbaya mandara chamar o gouernador, que ho ya visitar da parte del rey que o mandou, & depois de ho ter mandado chegou a Diu, & em chegando lhe tornaua o embaixador cõ reposta do Gouernador como ya doente, & por isso lhe não ya beijar as mãos. E sabendo el rey que o gouernador ya doente, o quis yr ver, parecendolhe que o seguraua coisso: & assi como vinha da caça se embarcou em hũa fustinha, leuãdo consigo Coge çofar, & hũ seu filho, que auia nome Rumecão, & dous gẽrros, hũ chamado ho Tigre do mundo, outro Caracem, & ho seu secretario, & Langarcão grãde senhor, que tinha hũ

conta

cõto douro, & Ioão de santiago lingoa & outros cinco mouros, todos capitães & grandes senhores. E em outras tres fustas yão os criados destes, & chegou tão de supito ao galeão, que não teue o gouernador tempo pera mais, que pera o sayr a receber ao portaló todo infia-do. E afora os fidalgos que yão coele no galeão estauão outros & algũs capitães q̃ forão ao galeão em surgindo. E quando o gouernador deceo pera o conues a receber el rey disse a Lisuarte dandrade Manuel de vasconcelos casado, Ioão jusarte tição, Cristouão de melo, Antonio de Sá o rume, Antonio mendez de vascõcelos, & a outros que estauão juntos, que se fossem pera ho chapiteo como q̃ o goardassem, q̃ receaua algũa treyção, pelo que asi aqueles como todos os outros, mandarão polas espadas & as poserão na cinta, & nisto entrou el rey no conues vestido em hũa cabaya de pano verde, & na cabeça hũa touca preta peq̃na, & hũa adaga rica na cinta, & dous pagés lhe leuauão hũ terçado & hũ arco com frechas, & deste modo yão os q̃ o acompanhauão. O gouernador q̃ o esperaua lhe tirou hũ chapeo de guedelha leonado, & fezlhe hũa mesura que pos hũ giolho no chão muy pesadamẽte como que estaua muyto doente: El rey lhe tomou as mãos com as suas, que era ho mayor gasalhado que lhe podia fazer, & o leuantou, & lançandolhe ho braço por cima das costas, sobirã ambos á tolda, onde os fidalgos oulharão todos pa o gouernador, principalmente Manuel de sousa que sabia q̃ o gouernador determinaua de prender el rey, asi pelo q̃ lhescreuera antes de sua yda que o prẽdesse, como pelo que lhe disse quãdo o foy ver á ilha dos Mortos: E ainda q̃ os outros fidalgos não sabião que o gouernador queria prender el rey, parecialhes que era bem prenderse, porque tinhão algũa sospeita que queria fazer treyção & sabião certo q̃ quisera tomar a fortaleza, mas o gouernador nũca oulhou pera ninguẽ, & cõ os olhos no chão entrou com el rey na sua camara, entrãdo coele Cogeçofar, o Tigre do mundo, o Secretario del rey, Santiago, & outros dous mouros, & nhũ Portugues. E em entrando, mandou el rey fechar a porta por dentro, & ficando os fidalgos muyto espantados de lhe o gouernador não fazer nhũ sinal, começarão de murmurar disso hũs com os outros: E Manuel de sousa que sabia como o gouernador determinaua de prender el rey, quando vio entrar o gouernador & el rey na camara, ficou muyto agastado de o gouernador lhe não dizer nada nem lhe fazer sinal, & não se sabendo determinar no q̃ faria, disse a Manuel de macedo, & Antonio cardoso, o que lhe o gouernador escreuera acerca da prisam del rey, pedindolhes conselho no que faria, & eles lhe conselharão que mandasse preguntar ao gouernador que determinaua ou que queria que fizesse, & ele lho mandou pergũtar por Iorge barbosa q̃ agora he juyz dos Orfãos em Coimbra, q̃ por não lhe quererẽ abrir a porta da camara, nem poder entrar pola escotilha da camara do leme, se foy á varanda da camara onde ho gouernador estaua, & entrou, & achou assentados el rey & ho gouernador em hũa alcatifa falando, & ho gouernador encostado ao masto da mezena, & assentado Iorge barbosa em giolhos, lhe deu o recado á orelha, a q̃

o gouerna-

o gouernador não respondeo, nẽ Iorge barbosa não sayo fora a dizer isto a Manuel de sousa, porque el rey como quẽ se temia, se leuãtou logo muyto depressa, & sayose da camara sem esperar q̃ ho gouernador fosse coele, nẽ ate o prepao, & todos os fidalgos oulharão pera o gouernador como da primeira, & tãobem abaixou os olhos, & el rey se foy embarcar tão de pressa, que ficaua Coge çofar no galeão, & alargandose el rey, que lhe disserão que ficaua o tornou a tomar, q̃ foy muyto grande honrra, & como ho tomou, mandando remar a todo tira, partio pa a cidade q̃ estaria hũa legoa ou mais, dõde o gouernador estaua surto.

CAPITVLO CLXVIII.

De como foy morto el rey de Cambaya.

EMbarcandose el rey embarcar, apartouse o gouernador com Manuel de sousa, & dissel he que fosse a pos el rey & lhe dissesse que cõ a pressa de sua yda não teuera tempo de lhe dar hũ recado del rey de Portugal seu senhor, que cũpria muyto darselhe logo, que lhe beijaria as mãos por se yr á fortaleza pa onde logo ya & hi lho daria: E com isto se embarcou Manuel de sousa em hũ catur que tinha a bordo, indo coele Diogo de mezquita & Antonio correa: Os fidalgos que ficauão no galeão de pasmados do gouernador deixar assi yr el rey oulhauão parele, & ele lhes disse. Senhores q̃ me oulhaeis, embarcayuos nessas fustas que estão a bordo, & acõpanhay el rey & fazei o que vos Manuel de sousa disser: E dizendo isto, dão todos consigo nas fustas, cõ nomais outras armas que espadas, & em hũas muytos, & em outras poucos, com pressa grandissima botão a pos Manuel de sousa q̃ ya atracã do quanto podia por chegar a el rey, & valeolhe muyto pera o alcançar, a detẽ ça que el rey fez em tornar a tomar Coge çofar, que doutra maneira nunca ho alcançara: E emparelhando com a fusta, disse a Santiago que dissesse a el rey que se passasse ao seu catur que queria o gouernador que fosse á fortaleza, & Santiago respondeo que doudices erão aquelas, que nã auia de dar tal recado a el rey que lho fosse ele dizer dẽtro á fusta. E parece que querendo Manuel de sousa saltar dentro, ou como quer que foy cayo no mar, & logo hũ seu page se lançou a pos ele & leuandoho polos cabelos o teue, & nisto chegou hũa fusta em q̃ yão Lopo de sousa coutinho, Antonio cardoso, o doutor Pedaluarez dalmeida ouuidor geral da India, & desta fusta saltou Lopo de sousa no catur de Manuel de sousa, & ajudouho a tirar do mar aos outros: E el rey de Cãbaya quando vio aq̃le desastre, como que lhe pesaua dele, chamou Manuel de sousa pa a sua fusta, que em todo tempo teue leuantado ho remo, & Manuel de sousa entrou logo dentro, & coele Diogo de mezquita, & Lopo de sousa, Pedraluarez dalmeida, & Antonio correa, & seria ás quatro oras depois de meo dia, & ficarã de proa Manuel de sousa, Antonio correa, & Pedrauarez, Lopo de sousa, & Diogo de mezquita passarão á popa: E vendo Santiago entrar estes sem o el rey mandar, & vendo como as outras fustas dos Portugueses vinhã apressadas, disse a el rey que o querião prender, & como era colerico, logo tirou hũa frecha pera o çeo, que era sinal de guerra, o que entendẽdo Diogo de mezquita, & mais polo q̃ ouuio a Santiago, arrancou da espada supi-

ſupitamente, & arrebatãdo el rey por hũ braço o ferio pela parte dereyta de hũa eſtocada pequena, por amor dos mouros que logo acodirão & o embaraçarão, & como erão treze & todos de muyto eſforço carregárão ſobre os Portugueſes ferindoos brauamẽte, & quaſi dos primeiros golpes forão mortos Manuel de ſouſa, & Pedraluarez dalmeyda, ou tomados forão deitados ao mar, & Diogo de mezquita, Lopo de ſouſa, & Antonio correa, pelejauão com muyto esforço, & coeſta detença teuerão tempo de chegar duas fuſtas Portugueſas, de que erão capitães hũ Afonſo fialho, & hũ Aluaro mendez de Chaul, homẽs ſem medo, & leuauão ambos bem corenta Portugueſes, & em chegando acertou de cayr nagoa Antonio cardoſo em querendo ſaltar na fuſta delrey, & eles o tirarão, & em o tirando hũ page del rey Abexim moço de ate dezoyto annos ajudaua a os ſeus muy valentemente, tirãdo cõ o arco del rey tão ameude, q̃ parecia que punha as frechas duas & duas, & em tirãdo Antonio cardoſo dagoa deulhe hũa frechada com que o atraueſſou & logo morreo, os criados daqueles ſenhores que yão cõ el rey de que erão os mais Turcos, tambẽ ajudauão por ſua parte eſquentãdo a batalha brauamẽte, & Aluaro mendez q̃ iſto vio aferrou logo com hũa das fuſtas em que ſaltou com algũs dos ſeus, & pelejou tão ſem medo que matou os mais deles & os outros fez ſaltar ao mar, muy to feridos, mas deulhe o page del rey neſte tẽpo hũa frechada polo eſtamago cõ que ho derribou morto, & aſsi matou Afonſo fialho, & outros dez ou doze, & matarã todos ſe o nã acertarão de matar com hũa eſpingardada. Lopo de ſouſa & Diogo de mezquita que eſtauam cercados de mouros, ainda que recebião muytas feridas matarã cinco ou ſeys, porem os outros que os ſentirão canſados & fracos do ſangue que tinhão perdido çarrarão coeles, & como tinhão mais força derão coeles no mar em que ouuerão de morrer ſe os não tomarão. El rey como vio deſpejada a fuſta dos Portugueſes manda remar a boga arrancada caminho da cidade, ſeguindoho quaſi toda a noſſa armada de remo que tiraua cõ ſua artelharia, & era ja a barafunda muy grãde de gritas, bombardadas, & eſpingardadas, o que vendo os Turcos q̃ eſtauão ſurtos em hũa galeota & em hũa taforea que chegarão ali onde andauã darmada por mãdado del rey de Cambaya, começarão de deſparar ſua artelharia cõtra os Portugueſes, o que viſto por Gonçalo vaz coutinho & outros capitães que ficauão muyto a tras pera alcãçarẽ el rey os forão aferrar & os matarão quaſi todos pelejando. El rey que ſe acolhia quãto podia chegou antre os baluartes onde ſe daua por ſaluo, mas noſſo Senhor que via quão perjudicial era ſua ſaluação pa os Portugueſes, ordenou q̃ em ele ali chegando ſayſſe de dentro do rio hũ catur noſſo de q̃ era capitão hũ Portugues chamado dalcunha Pantafaſul que ſe lhe atraueſſou diante, & com hũ pelouro de berço lhe matou quatro remeiros: & como niſto vazaua a maré & deitaſſe a fuſta pera fora, por mingoa dos remeiros que

faltauão

faltauã, & el rey viſſe que a noſſa armada ſe chegaua, pareceolhe que melhor ſe ſaluaria a nado, & por iſſo ſe deitou com os outros ao mar, & nadando chegou hũa fuſta de que era capitão hũ Triſtão de payua de Santarem a quem el rey bradou em ſua lingoa que o não mataſsem que era el rey de Cãbaya, & q̃ daria muyto dinheyro a quẽ o ſaluaſſe, & ſegurandoho Triſtão de payua lhe deu hũ remo a q̃ ſe pegou; & depois de pegado ao remo, lhe deu outro cõ hũa chuça pelo roſto & lho atraueſſou: & vẽdoho Triſtão de payua ferido, acabouho de matar cõ hũa eſpada, & depois ſe foy ao fundo q̃ nũca pareceo, & Sãtiago foy ter nadãdo até junto do baluarte do mar, donde hũ Portugues lhe deu cõ hũ canto na cabeça de q̃ logo morreo, & aſsi forão mortos todos os outros, ſaluo Cogeçofar, q̃ ferido na cabeça de duas feridas o ſaluou Antonio de ſouto mayor porq̃ o conhecia. E eſte foy o fim del rey de Cãbaya, tamanho ſenhor de terras, gẽtes, & teſouros, q̃ ſe eſcapara viuo cõ ſaber q̃ os Portugueſes o querião matar lhes dera muyto trabalho, por ter paſſante de cincoẽta mil homẽs em Diu, & armada & artelharia: mas noſſo Senhor q̃ ouue piedade dos Portugueſes permitio q̃ o mataſſem, vẽdo o deſcuydo q̃ ouue de o prenderẽ tendoho na mão, & ſabendo a treyção que queria fazer, & o odio que tinha aos Portugueſes.

CAPITVLO CLXIX.

Do que ſucedeo depois da morte del rey de Cambaya.

SAbido pelo Gouernador a morte del rey de Cambaya, ficou muyto triſte por iſſo, porq̃ lhe parecia q̃ melhor negocio fizera ſe fora preſo, & como ja lhe tinhão leuado Cogeçofar, prometeolhe a vida, & muytas merces, ſe lhe deſſe maneyra pera auer Diu em paz, & ele lho prometeo, & dandolhe ſua fee, de não fazer outra couſa, foyſe à cidade, ainda que era quaſi noyte, onde auia grãde aluoroço pola morte del rey, & os mercadores (cõ medo de os roubarem) deſpejauão ho mais que podião, & ho Rao capitão da cidade eſtaua pera ſe yr, ſabendo que Manuel de ſouſa era morto. E Cogeçofar mandou logo deitar hum pregão em nome do Gouernador, que ele daua ſeguro real a todo mercador que ficaſſe em Diu, de nam lhe ſer feyto nenhũ damno, nem nos corpos nem nas fazendas, & mandaua a todos os ſoldados, que logo deſpejaſſem a cidade, ſopena de morte, cõ o que os mercadores aſſoſſegaram do aluoroço que tinham, & os ſoldados ſe acolheram, & o Rao tambẽ fogio aquela noyte, & foy ſe pera as molheres del rey, que eſtauam na quintaã de Melique, & pos em ſaluo a elas & ao teſouro del rey. E ſabendo o Gouernador como a cidade eſtaua aſſoſſegada, deſembarcou ao outro dia, & dando muytos louuores a noſſo Senhor foy tomar poſſe dela, & achou hũa boa armada, & quatro baſaliſcos de metal, & cinco eſperas, & hum quartao, afora outra muyta artelharia de ferro, & mais de dous mil quintaes de poluora de bombarda, & deſpingarda, & pelouros, & outras munições de guerra ſem conto, em muy bõs almazẽs, & aſsi cobrou

brou a alfandega de Diu pera el Rey de Portugal, que rendia çento & oytenta mil cruzados ou mais, & ficaua senhor da melhor cidade q̃ auia na costa de Cãbaya, & da principal que na India lhe daua mais guerra que outra nhũa, & cõ cuja tomada os reys da India, ficarã mais assombrados de medo dos Portuguesses que doutra nhũa, & mais quãdo souberão que el rey de Cambaya fora morto. E depois disto, chegou Martim afonso de sousa com sua armada, a que pesou muyto de não se achar ali, porque se se achara sempre el rey de Cambaya fora preso, & não morrera nhũ Portugues, de quatorze que forão mórtos q̃ nomeey, & vinte cinco ou trinta feridos.

CAPITVLO CLXX.

De como Mirzãohamet se fez rey de Cambaya cõ fauor do Gouernador.

Diuulgada a morte del rey de Cambaya, foy ter a noua ao seu arrayal ondestaua hũ cunhado que fora do rey dos Mogores, chamado Mirzãohamet que andaua com el rey de Cambaya, q̃ sabendo como ele era morto, & não deixaua filhos, & era mal quisto, & que por essa causa poderia auer controuersia sobre quem seria rey de Cambaya, determinou dintentar de o ser, & logo se fez chamar rey de Cambaya com fauor de dous mil Mogores de caualo, gente escolhida que andauão no arrayal com que fez corpo, & tomou o dinheiro q̃ el rey de Cambaya trazia no arrayal, que era hũ conto & meo douro, & assi todas as cousas de seu seruiço. E sabẽdo como os grandes de Cambaya querião fazer seu rey Miráomuhmala q̃ andaua no Mandou, & por ser morto, tomauão por rey a hũ moço que auia nome çoltãomahmude, socorreose ao gouernador Nuno da cunha q̃ o fauorecesse, mandandolhe offrecer por isso cincoẽta mil pardaos pa os gastos de sua armada, q̃ lhe logo daria E depois de ser de todo rey de Cambaya de Mangalor, ate Diu, que sam dezoyto legoas, com hũa pelo sertão, & de çurrate até Baçaĩ com outra, pedindolhe tão bem conselho no que faria pera se conseruar em rey. E sendo o gouernador contente de fazer sua petição, o mandou pubricar por rey de Cãbaya no alcorão de Diu, & lhe mandou dizer, que em quãto os do reyno estauão sem rey, ele deuia dyr polo reyno, porque como auia muytos que querião mal a çoltão badur, & nã tinhão rey, folgarião de o ter por esse, & se ajuntarião coele, & quando os q̃ querião fazer rey o fizessem, já lhe não poderião dar o reyno, o que seria ao reues se ele se deixasse estar quedo, por isso que logo deuia dabalar: Porem ele não tomou este conselho, & deixouse estar na vila de Nouaguer leuando boa vida, & mãdou os cincoẽta mil pardaos ao gouernador, & hũ asinado do q̃ lhe prometia. E depois disto no mes de Março adoeceo ho gouernador, & por se achar muyto mal & dizerem os Medicos que de cada vez se auia dachar peor, por Diu ser muyto contrayro a sua saude, lhe requererão os fidalgos que se fosse inuernar a Goa, (porq̃ determinaua dinuernar em Diu,) & por isso ho Gouernador ouue de yr inuernar a Goa, posto que foy muyto contra sua vontade, & nam leuou mais

que

que seus criados & Martí afonso de sousa com sua armada, & deixou em Diu todos os fidalgos da India, & asi a outra gente da armada, & ficou por capitam Antonio da silueyra, & nos dous baluartes da vila dos Rumes, Ioão de mendoça, & Francisco de mendoça yrmãos, q̃ dauão de comer cada hũ a cento & vinte homẽs, & Ruy diaz pereyra ficou por capitam nas casas que foram da mãy del rey de Cambaya, que eram como fortaleza, & daua de comer a çem homẽs, & Antonio da silueyra a trezentos, & asi dauão mesa algũs fidalgos.s. dõ Ioã lobo filho do barão, Francisco pereyra, Anrrique de melo, filho bastardo do cõde de Marialua, & Gaspar de sousa, no que todos gastarão muyto, principalmẽte Antonio da silueyra que tinha mais q̃ todos, no que fizerão muyto seruiço a el Rey de Portugal, qorque sem isso nam se podia sostentar a muyta gente que inuernou em Diu, que sem ela fora tomado pelos capitães de Cambaya, que com medo desta gente nam ousarã de lhe fazer guerra, como determinauã, pa se vingarẽ dos nossos pola morte do seu rey.

CAPIT. CLXXI.

De como os capitães & senhores de Cambaya desbaratarão Mirzão hamet, que se chamaua rey de Cambaya.

Partido ho gouernador pera Goa, como os capitães de Cambaya sintião muyto ser Mirzão hamet rey de Cãbaya, & mais com fauor dos Portugueses, determinarão de ho destruyr, pera o que leuantaram por rey a Mirãomuhmahla que andaua no Mandou, & em quanto não fosse, foram eleytos tres capitães principaes, pera que em seu nome regessem o reyno, com a mãy de çoltão badur, & forã estes Madre maluco, Driacão, & Aucão, que ajuntando dez mil de caualo, & quinze mil de pé, forão cõtra Mirzão hamet que ainda estaua em Nuaguer muyto de vagar. E sabendo ele que seus immigos o yão buscar, lhes sahio ao encõtro com os dous mil Mogores que tinha de caualo, & ouueram hũa batalha em que Mirzão foy desbaratado, & fogio pera o reyno de Vlcinde, cujo rey era seu parẽte, & dos seus forão mortos quinhẽtos, & os outros fogirão pera a vila dos Rumes, q̃ estaua dali legoa & mea, & todo este caminho os seguirão os ĩmigos, & matarão os q̃ digo, & os acabarão de matar a todos, se não q̃ chegando a tiro de bõbarda da vila dos Rumes, se teuerã por as muytas bõbardadas q̃ lhes Ioão de mẽdoça mãdou tirar, cuydãdo q̃ yão contrele, & dali se afastarão os da Cãbaya, & ficarã os Mogores, q̃ passados tres dias, em q̃ Antonio da silueira soube a verdade de como vinhão, os mandou recolher na vila dos Rumes, por serẽ nossos amigos, & d̃pois q̃ os feridos forão sãos, lhes deu auiamẽto pera q̃ se partissem. E nestes tres dias q̃ os Mogores esteuerã sem os Antonio da silueyra querer mandar recolher, por se temer de treyção, aconteceo q̃ hũ Mogor aperfiou muyto cõ Ioão de mẽdoça, q̃ o deixasse entrar na vila cõ sua molher, & Ioã de mẽdoça dimportunado disse q̃ entrasse ela sô, & cõsentindo o Mogor, ela nam quis, dizẽdo que coele queria morrer & viuer.

CAPITVLO CLXXII.

De como os regẽtes de Cambaya, deyxarão por fronteiro cõtra Diu Alucão, & do mais q̃ passou.

EStes capitães de Cambaya, depois que virão que não podiã fazer mais mal aos Mogores do q̃ lhes tinhão feyto, recolherãose pera Nouaguer, cõ determinação de fazerẽ guerra a Antonio da silueyra, & primeiro que a rõpessem, ouue algũs recados deles a ele sobre pazes: E por Antonio da silueira lhes pedir que dessem a el rey de Portugal ho q̃ lhe daua Mirzão hamet se fosse rey, nã ouue a paz effeito, & declarouse a guerra, que foy encomendada a Alucão que tinha ali suas terras, & os outros se forão pera Madauá, deixandolhe doze mil homẽs, & ele tolheo logo que não fossem da terra firme á jlha buscar carnes & fruytas, & mãdaua de noyte passar sua gente á jlha por certos passos q̃ tinha de bayxa mar, pera que atupissem algũs poços de que os Portugueses bebião. O que Ioão de mẽdoça cõtrariaua com os seus com muyto esforço, & quasi cada noyte auia rebates de peleja, & nisso & em vigiar leuauã os Portugueses trabalho immenso, & leuarão em dous meses que durou este cerco, em que passarão tanta fome de carne que chegou hũa galinha a valer seys tostões, & quasi na fim de Iunho negoceou Antonio da silueyra como ouuesse tregoas antrele & Alucão atẽ a uinda do gouernador, que esperaua que fosse dahi a hum anno, & mandou coeste recado a hum Francisco pacheco, que foy juyz dalfandega, que foy arrepelado dũ capitão Dalucão, sobre palauras que á cinte quis auer com Francisco pacheco, pera ho injuriar, que por isso se tornou sem dar ho recado que leuaua. O que sintindo muyto Antonio da silueyra, pedio a Ioão de mẽdoça que na menhaã de sam Ioão, que auia de ser ao outro dia, fosse colher as lampas á estancia do capitão que arrepelara Francisco pacheco, & estando pera partir, chegou hum recado Dalucão, em que se desculpaua a Antonio da silueyra do que o seu capitão fizera, & por isso ho tinha preso pera ho mandar degolar, & mandou confirmar as tregoas, & leuantou ho cerco, de que a cidade ficando desapressada, foy logo abastada de muytos mantimentos, & ennobrecida de muytas & muy ricas mercadorias.

CAPITVLO CLXXIII.

De como Iorge mascarenhas partio pera Maluco.

CONTINVANDO ho Gouernador sua viagem pera Goa chegou lá, & dahi se foy Martim afonso de sousa a Cochim, onde auia dinuernar, & dahi despachou Fernã rodriguez de castelo branco vẽdor da fazenda, hũ fidalgo que auia nome Iorge Mascarenhas, de que fiz menção nos liuros atras, que ya por capitão & feytor da nao do trato da India pera Maluco, que partio em Abril pera Malaca, & dahi auia dyr carregar de crauo a Maluco, & dá torna viagem de noz & maça em Banda, & partio tãobem de Cochim em hũa fusta hum Afonso vaz de brito pera Bẽgala, per mandado de Martim Afonso de sousa a resgatar Martim Afonso de melo jusarte que lá estaua catiuo com outros Portugueses (como tenho dito) & trazelo

& trazelo se lho quisessem dar. E partidos estes, em diuersos tempos chegarão aos lugares a que yão: & quando Afonso vaz chegou a Chetigão, ja el rey de Bégala sabia a morte del rey de Cambaya, que lhe fora por terra, & os mouros lha contarão mentirosa, dãdo a culpa ao gouernador q̃ o matara, por lhe tomar Diu tendo coele paz, com o que el rey ficou toruado, & perdeo o credito dos Portugueses, parecendolhe que assi lhe farião, & os mouros cospião aos que estauã no Gouro, & lhes dizião injurias. E estando nesta afronta, chegou a Chetigão logo no principio Dabril, hũ Antonio mẽdez de crasto, que fora criado Dantonio da silueyra, que yaem hũ nauio com fazenda, & leuaua hũa carta do gouernador pera Martĩ afonso, em que lhe contaua da morte delrey de Cambaya, & as rezões porq̃ fora morto, & logo Nuno fernãdez freire juyz da alfãdega de Chetigão terladou esta carta, & a mandou a Martĩ afonso por duas vias, & ele a mostrou a elrey, que quando soube as rezões porq̃ el rey de Cambaya fora morto, as ouue por boas, & pedio perdão do passado a Martim afonso, & tornou os Portugueses a sua graça.

CAPIT. CLXXIIII.

De como os capitães das naos da carga chegarã aa India.

Vindo o verão da India, chegarão a ela em diuersos tempos, algũas das naos da carga que aquele anno partirão de Portugal, de que foy capitão mór dõ Fernando de lima, filho de Diogo Lopez de lima, q̃ ya por capitão Dormuz, & os capitães de sua conserua forão, Iorge de lima, que ya pera capitã de Chaul, dom Pedro da silua, Martĩ de freytas, que depois que chegou à India foy morto por mouros, não soube como, & Lopo vaz vogado. E depois da partida destas naos, partirão outras tres carregadas de gente, de que forão capitães, Diogo lopez de sousa, Fernão de morais, & Fernão de crasto, & estas mandou el rey de Portugal, por ser certeficado pela via de Veneza, que mandaua o Turco hũa armada à India pera lha tomar.

CAPIT. CLXXV.

De como ho Gouernador soube que ya hũa armada de Turcos aa India.

Feytas as tregoas antre Antonio da silueyra capitão de Diu, & Alucão, todos os mercadores & outra gente pobre, que se forão de Diu, quando mataram el rey de Cambaya, se tornarão pera a cidade, & na entrada de Setembro, mãdou Antonio da silueyra Miguel vaz, & Pantalião pereyra em dous catures contra Mangalor, pera que fizessem arribar a Diu as naos que fossem do estreyto, segurandoos, que ainda q̃ Diu fosse de Portugueses, seriam tambem tratados, como quando era del rey de Cambaya, & co isso arribaram muytas naos, com que a cidade foy tam ennobrecida, que diziam os mouros, que depois da morte de Meliqueaz, nunca a cidade ho esteuera tanto nem tam rica. E nestas naos escreueo ho senhor Dazibele no estreyto a Coge çofar, que ho Turco mandaua hũa armada aa India, de que era capitam mór çoleymão Baxá, rey do Cayro & Dalexandria, & mandoulhe ho terlado do regimento que çoleymão ti-

nha do Turco nesta armada, o que logo Coge çofar disse a Antonio da silueyra, & ele o escreueo ao gouernador & assi Coge çofar. E ouuidas pelo gouernador estas nouas, partiose pera Diu na fim de Dezẽbro, a fazer certas cousas necessarias pera a vinda dos Turcos: & por rogo Dãtonio da silueyra, mandou Coge çofar hũa fusta cõ recado ao senhor Dazibele, que lhe mandasse certeza da determinação de çoleymão baxá, & que tornasse a inuernar a Diu.

CAPIT. CLXXVI.

Do dáno que Patemacar, & outros capitães de Calicut fizerão aos Portugueses.

NEste tempo se leuãtou cõtra el rey de Ceilão hũ seu yrmão, que auia nome Madunapãdale, a que fauorecia el rey de Calicut, por ele ser muyto grãde ĩmigo dos Portugueses, & mandou em sua ajuda tres valẽtes mouros .s. Patemacar, Cutiale macar, Alehabrahẽ, por capitães de corẽta & sete fustas grandes, & bẽ armadas, em que yão oyto mil mouros, q̃ partirão do porto de Panane, andãdo Martĩ afonso de sousa darmada na costa. E partidos estes capitães, acharam surtas na barra de Cochim quatro naos Portuguesas, q̃ tomauã carga pera Portugal, a q̃ se chegauão a remos pera as tomaré, ou meterem no fundo, porq̃ lhes pareceo q̃ auiã destar sem gẽte como estauão, mas não poderão, porq̃ tanto q̃ se vio esta armada de Cochĩ, mãdou logo Fernão rodriguez de castelo branco vedor da fazenda, muyta gẽte em socorro das naos, que chegou a elas primeyro q̃ chegassem os mouros, a que deram hũa grande çurriada de bombardadas, & os fizerão yr seu caminho, que tomarão pera Coulão, em cujo porto acharão hum Niculao jusarte, capitão de hũa nao que estaua carregando: & cuydado de o tomar, o cometerão às bombardadas cõ que o matarão, & vendo que não podião tomar a nao passarão de largo, & tomarão muytos zambucos, & naos q̃ yão de Choramãdel pera Cochĩ, & hũa nao q̃ ya de Ceilão com as pareas. E alẽ do cabo de Comorĩ, derão em hum lugar de Christãos da terra, chamado Tutucori, da pescaria do aljofar, & não estando hi Manuel rodriguez coutinho, q̃ era capitão dela o tomarã, & roubarão de quãto tinha, até as vestimẽtas & a pedra dara, & matarã muyta gẽte, & depois se deyxarã andar por aquela costa, q̃ não topauão nenhũ nauio que não tomassem.

CAPIT. CLXXVII.

De como Martĩ afonso de sousa chegou onde estauão os capitães del rey de Calicut.

NO tẽpo q̃ esta armada sahio de Panane, andaua Martĩ afonso de sousa cõ a sua na costa do Malabar, & ya na volta de Cananor quãdo soube dela, pelo q̃ tornou logo atras, & se foy a Cochĩ, & reformãdose do necessario, foy em busca dos mouros, de q̃ sabia cada dia nouas, & no cabo de Comorĩ achou o vẽto, q̃ chamã comũmẽte na India, a vara de Choromãdel, q̃ lhe era por dauãte, & como o mar era muyto grosso, dobrou aq̃le cabo cõ assaz de trabalho & de fome, falecẽdolhe os mãtimẽtos, por se deter mais dias do q̃ cuydou. Dobrado o cabo, q̃ os mouros ouuerã vista de Martĩ afonso, nã quiserã pelejar co ele, posto q̃ lhe tinhão grãde auãtagẽ, & isto fizerã duas ou tres

vezes, sé os Martĩ afonso poder alcãçar, do que se ele agastou muyto, porq̃ vio q̃ se os seguisse daquela maneyra, asi como asi não os podia alcançar, & desbarataloyão pouco & pouco, & afora não poder fazer ao que fora, receaua que em sua ausencia se leuantassem na costa do Malabar algũs mouros cossayros, q̃ tomassem quãtas naos nauegassem por aquela costa, pelo que lhe pareceo que era melhor tornarse a guardar a costa, q̃ gastar ali o tempo sem fazer nada & asi o fez, & cõ quanto deu em Cochĩ esta causa pera se tornar, pos Fernão rodriguez em conselho coele, & cõ os outros capitães & fidalgos o seu parecer, & ainda q̃ o ouuerã por bõ, assentarão q̃ era muyto necessario não yré os mouros a Ceylão, porq̃ se Madunapandale desbaratasse el rey de Ceylão, & ficasse vitorioso, traria ali aquela armada del rey de Calicut, & tomaria quantas naos passassem, asi pera détro de Ceylão, como de détro pera fora, pelo q̃ Martĩ afonso deuia de tornar a buscar os mouros & pelejar coeles, & prazeria a nosso Senhor q̃ os acharia varados em hũa enseada onde os desbarataria, o q̃ parece que foy pronostico da vitoria q̃ Martĩ afonso ouue. E tãbé indo Martĩ afonso pola cidade, depois q̃ se assentou que tornasse a buscar os mouros, sayo a rua hũa molher viuua, a q̃ os mouros de Calicut catiuarão hũ filho didade de doze ãnos q̃ auia nome Marcos, & tomãdoho pola fralda dũa loba, lhe pedio cõ muytas lagrimas q̃ lhe trouuesse seu filho, q̃ sabia q̃ lho leuauã os mouros naquelas fustas, & q̃ ouuesse piedade dela, porq̃ nã tinha outro, Martĩ afonso por se desapressar dela, lhe prometeo o q̃ pedia, & bé o cũprio: E reformada sua armada de mais nauios & géte, se partio cõ quatrocétos Portugueses, é vinte duas velas de remo, de q̃ afora ele forã capitães, Fernão de sousa de tauora, Manuel de sousa de Sepulueda, Frãcisco de sa, Ioão de mẽdoça, Martĩ correa da silua, dom Diogo dalmeida, Iorge barreso dalmeida, Frãcisco de barros de paiua, Gaspar đ lemos, Frãcisco pereira, Ieronymo de figueiredo, Antonio de lima, Antonio de sousa, Symão rãgel de Coimbra, Antonio fernãdez, & Francisco de sequeira Malabares, & outros dous, a q̃ não soube os nomes: & indo Martĩ afonso por sua viagé tomou certas champanas de mouros, q̃ yão da pescaria do aljofar, em q̃ catiuou obra de corẽta mouros dos q̃ yão cõ Pate macar, & cõ os outros capitães, q̃ mãdou entregar aos Christãos de Tutocori, pera se vingaré do mal q̃ lhe fizerã, do q̃ se eles vingarão bé: E proseguindo daqui é busca dos mouros, foy os achar na enseada de Beadalá, hũa grãde pouoação perto dos baixos de Chilá, & aqui estauã os mouros, pera por força, arrecadaré os dereytos da pescaria do aljofar, & como estauã de vagar, tinhã varada a armada é hũa lingoa darea q̃ ficaua em restiga, & tinhã asétado o arrayal em q̃ estauã dentro em hũ palmar, & os marinheiros, & bombardeyros estauão nas fustas: Chegado Martim afonso a vista dos mouros, em hũa segunda feyra vintoyto de Ianeyro, & auendo eles vista de sua armada, acodiram logo os que estauam no

arrayal ás fustas, que tinhão todas seus tiros nas proas, com que começarão logo de jugar pera a nossa armada, que tambẽ desparaua sua artelharia chegandose pera os mouros, & era o estrondo dos pelouros muyto grande dambas as partes, & assi a matinada de brados, & de gritas, que dauão hũs & outros, & os mouros de lhes parecer q̃ por serẽ muytos tinhão tomados os Portugueses, & os Portugueses de os acharẽ em lugar que não lhes podião fogir, & coeste aluoroço q̃ os Portugueses tinhão, errarã o canal da restĩga por onde ouuerão dẽtrar com os mouros & aferralos, pelo que como as suas fustas erão grandes, pera nadarem pola restinga encalharão nela, o que vendo os marinheyros dalgũas se deitarão na agoa pera tomarem fundo, & verẽ se podião os soldados desembarcar, por estarem em grande perigo, com as muytas bombardadas, espingardadas & frechadas, que os mouros tirauão, & achãdo os marinheiros que o fundo era darea solta & a agoa alta pera desembarcarem homẽs armados, disserão aos capitães, q̃ mandarão que ninguẽ desembarcasse. E por mandado de Martĩ afonso se afastarão pera o pego, & nisto desembarcarão cõ sua gente mais abaixo da restinga, dõ Diogo dalmeida, Fernão de sousa de tauora, & outro capitão, & encaminharão ao lõgo da praya pera os mouros, cuydando q̃ desembarcasse Martĩ afonso, & vẽdo os mouros q̃ ele nã desembarcaua, antes se afastaua pa o pego, pareceolhes q̃ poderião tomar as fustas de dõ Diogo, do Fernão de sousa, & do outro q̃ ficauã sós, pera q̃ logo começarão de desencalhar algũas das suas em que se metião, o que visto por Martĩ afonso, conhecendo seus pensamentos, lançouse logo no seu balam, & varando por cima da restinga, per antre tamanha multidão de pelouros como digo, salta em terra & fez recolher dom Diogo, & os outros capitães com sua gente ás suas fustas, & fazendo acabar dafastar as outras pera ho pego, foy ver a dispoſiçã da restinga em que achou o canal: & como as bombardadas eram muytas, arromboulhe hũa o balão, com que se vio em grande perigo.

CAPIT. CLXXVIII.

De como forão desbaratados por Martim afonso de sousa os capitães del rey de Calicut.

Visto por Martim afonso o que queria, tornouse á sua frota, & como foy noyte, mandou a Francisco de sequeyra, que se fosse deytar com o seu catur hũa legoa abayxo da enseada, & que deytasse em terra certos Malabares seus parentes pera espias dos mouros, & pera cima da enseada, mandou deytar sete fustas ao longo da terra, porq̃ se os mouros quisessem fogir de noyte, como fizeram em Calecare, que os estoruassem, & que tirassem tiros, respondendo hũs aos outros, & de quando em quando espingardadas. O que ouuindo os mouros, & temendo que fossem aquela noyte cometidos pola praya fortalecerãose daquela parte de valos, & tunchas darea, em que assentaram algũs tiros, com que respondiam aos dos Portugueses, & teueram toda a noyte muy grande vigia, & como foy menhaã recolherãose

lherãose os catures da vigia, onde estaua Martim afonso, que sabendo das espias o q̃ os mouros receauão & como se fortalecerão, quis ainda esperar outra noyte sem os cometer ate saber mais deles, & anoytecendo, mandou ter a mesma vigia que a passada & pola mesma maneira, & os mouros responderão aos tiros dos Portugueses ate o quarto da prima rendido, & não quiserão mais respõder, parecendolhes que os Portugueses fazião aquilo pera lhe fazer gastar a poluora de balde, & que não ousauão de pelejar coeles por serem poucos, & esperauão o socorro de Cochĩ ou Choromandel, & se lhes fosse pelejariã, & se não nã: E feyta esta conta, não responderão aos nossos tiros, nem curarão de muyta vigia & deitarãose a dormir, do que Martim afonso foy logo auisado por suas espias, pelo que vio que tinha tẽpo de pelejar coeles pois o não tinhão em conta, & por não esperarẽ por isso estarião mais descuydados, & o descuydo lhes faria mayor medo, & asi o disse aos capitães da frota, & a outras pessoas principaes, cõ que assentou que pelejaria coeles em terra, em que desembarcaria em quatro fustas grandes, hũ quarto de legoa dõde os mouros estauão pera o norte, & como fosse perto deles, faria sinal com hũa camara de falcão a Antonio de sousa & a Gaspar de lemos, que cõ oytenta homẽs de lãças & rodelas, & a gẽte do mar ficarião em sete catures no canal sobre o remo, & em ouuindo o sinal cometerião os mouros: E deixãdohos no canal, foyse ao posto õde auia de desembarcar, & mandou a todos os que soubessem tirar com espingardas que as leuassem, & desẽ as rodelas & lãças aos marinheiros q̃ lhas leuassẽ, & q̃ cobrissẽ os marroẽs, porq̃ os mouros lhos nã enxergassem, q̃ os q̃ria tomar de supito, & desta maneira começou de caminhar pa onde estauão os mouros cõ a gente em corpo, q̃ serião seyscentos homẽs com os escrauos & marinheiros, & as fustas em que desembarcou yão ao lõgo de terra emparelhando coele, pera que hũa fizesse o sinal cõ o tiro, & caminhando nesta ordem, Antonio de sousa & Gaspar de lemos que ficauão no canal com os sete catures sobre o remo, estauão esperando o sinal, se não quando hũ dos catures se atrauessou no canal per roĩ vigia, & atrauessado foy logo visto dos mouros, a q̃ parecendo que o acertassem lhes tirarã com hũ falcão, & em Antonio de sousa & Gaspar de lemos o ouuindo, cuydarã que era o sinal que lhes Martim afonso auia de fazer, pelo q̃ remeterão aos mouros tangendo as trombetas & gritando com tamanho atroido que fazião mostra de serem todos os da armada, & asi o cuydarão os mouros, que logo acodirão a defenderlhes a desembarcação, & meterãose na agoa aos receber, & sentindo quão poucos os Portugueses erão esforçarãose muyto, & remeterão aos catures, & tomauãnos polos remos querẽdohos varar em terra, ao que os Portugueses saltarão na agoa, & começarão de pelejar com os mouros, que como erão muytos os tratauão mal, & matarã Antonio de sousa, Gaspar de lemos, & outros sete, & com tudo os outros se defendião brauamente. Martim afonso que tinha ouuido o tiro dos mouros, & a pos ele ouuio as trombetas & a grita, logo conheceo o que era, & dissého à sua gẽte, a quem mandou sopena de morte que nin-

ninguē não fosse se não seu passo cheo, porque se fossem depressa chegarião tão cansados, por ser ainda longe, que nam poderião pelejar & os ĩmigos os matarião, & que encomendassem a Deos os outros que pelejauão que ele os goardaria, & coisto chegou aos mouros, & sem o sentirem lhes deu nas costas, porē eles nã desmayarão coeste supito cometimēto, antes como erão oyto milhomēs, fizerão logo rosto aos Portugueses, lançãdo diante os espingardeiros que erã duzentos, & hũs & outros começarão hũa espantosa peleja, em que Martim afonso pelejaua como caualeiro, & mãdaua como capitão, & não estimando cõ os outros espingardadas nem lançadas, nem outros golpes, se metião todos cõ muyto esforço antre os ĩmigos matando & ferindo, ao que os outros ajudauão tãbē, que não o podēdo os mouros sofrer, começarão de despejar as fustas & retirarse pera o palmar onde tinhão o arrayal, seguindohos os Portugueses, & como forão no largo que se os mouros poderão estender & cercar os Portugueses, q̃ erã muy poucos antre tantos, apertarãonos de maneira q̃ se acolherão ás fustas, ate onde os mouros os seguirão: E como os Portugueses forão em terra apertada, em que tanto montaua aos mouros serē poucos como muytos, porque nã podiã pelejar senão os da dianteira, tornarã a auer a melhor deles, & tornarãnos a leuar de vencida ate o palmar, donde os mouros os tornarã a leuar ate as fustas. E vencendo ora hũs ora outros, gastarã nisto ate as oyto oras do dia, em q̃ forão feridos bem setenta Portugueses, o que vendo Martim afonso, & que os mouros não se auião de desbaratar, em quanto teuessem suas fustas inteiras, com esperança de as cobrarem, determinou de lhas queymar, por conselho Dantonio fernandez malabar, que asi lho disse, & ele mãdou logo que lhes posessem fogo & asi foy feyto: & como estauão cifadas & enseuadas começarão darder, laurando o fogo com grande furia, o que desesperou os mouros de as saluarē, & começou de fugir a gente q̃ não tinha obrigação, & logo a outra, & a tras ela os capitães, & fogindo asi os mouros, algũs seus filhos pequenos quiserão leuar por força ho menino Marcos filho da viuua de Cochim, que se liurou deles ás punhadas & ficou: E Martim afonso q̃ vio fugir os mouros, deixouhos yr por ter sua gente cansada, & saluar algũas das fustas de que saluou vinte duas, & forão queymadas vintecinco, em que forão tomadas quatrocētas peças dartelharia, as cēto de metal, & mil & quinhentas espingardas, & dos mouros forã mortos oytocētos, & algũs catiuos, & achouse antreles hũ Portuges que trazião catiuo, q̃ auia nome Andre luys, & ho menino Marcos, cõ que Martim afonso folgou muyto pera o dar a sua mãy, & dos Portugueses forã mortos dez, & feridos setenta, de que hũ foy Diogo de reynoso de hũa espingardada por hũa perna.

CAPITVLO CLXXIX.

Do mais que fez Martim afonso de sousa depois da vitoria de Beadala.

AVida esta vitoria, deu Martĩ afonso muytos louuores a nosso Señor por a grande merce que lhe fez, & certo que foy muyto grande, porque afora a perda que el rey de Calicut recebeo em perder esta armada, se ela esteuera inteira, quando os Turcos vierão a Diu, como direy adiante, ela fizera tãta guerra

aos Portugueses, q̃ a costa do Malabar não se podera nauegar, & as naos Portuguesas da carga ou escaparão ou não de serem tomadas, & que não fizera outro mal, se não ajuntarse com a dos Turcos fora muyto grande: Assi que foy esta vitoria muy importãte pera segurar a India. E por ela ser de tanta fama, muytos fidalgos pedirão a Martim afonso q̃ os fizesse ali caualeiros, & ele os fez, & dali mandou ao gouernador a noua desta vitoria, per hũ caualeiro chamado Miguel dayala que mora em Lisboa, que foy em hũa fusta, & de caminho a desse em Cochim a Fernão roiz de castelo brãco vedor da fazenda. E indo de viagẽ, depois de partir de Cochim, topou a Montedeli duas fustas de Malabares cõ q̃ quisera pelejar, & fugirãolhe, & logo topou outra muyto grande & com muyta gẽte, cõ que aferrou & pelejou cõ os mouros hũ bom pedaço sem o poderem entrar, & matou muytos cõ os seus soldados que erão dezoyto, & assi se apartarã matandolhe os mouros dous. E Martĩ afonso q̃ ficaua em Beadalá, por ser perto Ceilão, foy lá a visitar el rey, & saber dele se tinha necessidade de sua ajuda, cõ o que el rey folgou muyto, & cõ ho desbarato dos Malabares. O que sabido tãbẽ por Madune pandale, se recolheo pa hũa serra õde se fez forte, & desapressou el rey, pelo que el rey não teue necessidade de Martĩ afonso, & deulhe vinte mil pardaos pa os gastos da armada, & dali se tornou a Cochim, onde foy recebido cõ grãde festa, & depois se tornou a correr a costa cõ a mesma armada q̃ leuaua & indo de Calicut pera Cananor defrõte de Tiracole, pelejou cõ dezoyto fustas de Calicut, que yão carregadas darroz, cuidando os mouros que yão nelas, que serião tres mil, que ainda Martim afonso nã o era passado do cabo de Comorĩ pa o Malabar, & como o conhecerão fugirão vẽdo que os ya cometer, & ele & os seus capitães os seguirão ate que os alcãçarão, aferrarão, & entrarão, & forã mortos bẽ mil & quinhentos mouros, & algũs catiuos, & os outros se saluarã a nado por ser perto de terra, & as fustas forão todas tomadas, saluo hũa que varou & das outras tomou Simão rangel duas que aferrou cõ os seus soldados, & matarão quantos mouros yão dẽtro, & dos Portugueses morrerão vinte, & forão feridos cẽto & dez, porẽ os mouros sintirã muyto a grãde perda q̃ aqui receberã principalmente os de Calicut, cujo rey acabou aqui de perder toda sua armada, pelo q̃ lhe foi forçado fazer depois pazes cõ o Visorey dõ Garcia de noronha (como direy no liuro Nono.) E auida por Martim afonso esta vitoria, se foy a Cananor, leuando os mouros que catiuou enforcados nas vergas dos nauios, pera q̃ os vissem os mouros de Cananor, porq̃ sabia que andauão muytos deles naq̃la armada, pelo que tãobem lhes mandou deitar na praya os que forão mortos na batalha pera q̃ os vissem. E coestes dous despojos que Martim afonso fez nas armadas de Calicut, ficou a costa do Malabar limpa delas por hũs dias.

CAPITVLO CLXXX.

De como Martim afonso de melo jusarte sayo do catiueyro de Bengala.

CHegado Afonso Vaz de Brito a Chetigão (como disse a tras) falou logo com Nuno Fernandez Freyre, dizendolhe ao que ya, & auido seguro del rey de Bẽgala, foyse ao Gouro, onde lhe deu a carta de Martim afonso de sousa,

em

em que lhe contaua os grādes negocios q̃ ficarão ao gouernador depois da morte del rey de Cambaya pera segurāça de Diu, & por isso lhe nā podera aq̃le anno mandar a gente que lhe pedira por seu embaixador, que lhe mandaria coela no anno seguinte, pedindolhe muyto pois era amigo del rey de Portugal, que deixasse yr Martim afonso de melo, de que auia necessidade na India pera capitā de hũa fortaleza que lhe dera el rey de Portugal: E por esta carta deu el rey licença a Martim afonso que se fosse com os outros Portugueses, saluo Nuno fernādez freyre, Ioão adão, Antonio paez, Afonso vaz de brito, q̃ auia de ficar em arrefés de Martim afonso, q̃ prometeo a el rey de fazer que o gouernador lhe mādasse logo muyta gente: E cõ os Portugueses que auião de yr coele, se foy embarcar a Cherigão na fusta Dafonso vaz de brito, & dahi se partio pera a India, onde chegou a saluamēto: E já a este tempo auia noua no Gouro que Xercansur (aquele Patane de que falei a tras) tornaua sobre o Gouro cõ cem mil de caualo, & trezētos mil de pee: & ao dia seguinte em que Martim afonso partio do Gouro, chegarão muytos Bengalas q̃ estauão na frontaria contra os Patanes, de q̃ forão desbaratados, & afirmarão a el rey q̃ Xercāsur se chegaua de cada vez mais pera ho Gouro cõ a gente q̃ digo, & dizia q̃ nā fizera paz cõ el rey, se não porq̃ lhe desse cad'anno treze leques, & el rey mādou logo saber se estaua Martim afonso ainda no Gouro pera o não deixar yr, porq̃ o ajudasse naquela guerra que esperaua: & vendo que Martim afonso era ydo cõ os outros Portugueses, mandou Nuno fernādez freyre cõ grādes poderes a Chotigão, pera que lhe fizesse mil manchuas como as de Malaca, pera estoruar coelas a Xercansur a passagem do Ganges ao Gouro, o que não pode ser, porq̃ quādo Nuno fernandez partio: já muyta gēte de Xercansur tinha passada, & tinhā cercado o Gouro por agoa, q̃ não pode Nuno fernandez sayr em hũ paraó em q̃ ya se não defendendose ás espingardadas cõ dous escrauos que leuaua q̃ o ajudauão, & assi se foy saindo dātre os Patanes. E em hũa cidade abaixo do Gouro, chamada çarnagão, achou no rio o Lascar dela com seyscentas almadias carregadas de mantimentos que leuauā ao Gouro, & quādo soube q̃ estaua cercado, cometeo a Nuno fernandez que fosse coele, q̃ não quis por o aperto em que se vira, & por ele não q̃rer yr, não ousou o Lascar dyr cõ os mantimentos nem foy, & por falta deles foy a fome tamanha no Gouro, q̃ os pays comerão os filhos pequenos, tendo primeiro comidos os caualos & os alifantes, & por derradeiro os Patanes entrarão a cidade, & matarão a mayor parte dos q̃ estauão dētro, & el rey de Bēgala fugio muyto ferido, & indo assi, topou cõ hũ capitão del rey dos Mogores que o ya socorrer por lho ele mādar pedir, & este capitão leuaua quorenta mil de caualo, cõ que el rey de Bengala assi ferido como ya, fez logo volta pa o Gouro, parecēdolhe que o tornaria a tomar, & el rey dos Mogores ya a pos ele cõ o resto de seu exercito: & sabendo Xercāsur que ya, como não queria mais que o tesouro del rey de Bengala, apanhouho todo & leuouho deixādo a cidade despejada, & assi a acharão os Mogores, cujo rey por não achar o tesouro, & porque morreo el rey de Bēgala das feridas, não

quis

quis ali mais estar & tornouse. O quesabendo Xercansur depois de se fazer jurar por rey de Bengala & dos Patanes, foy a pos ele com seu exercito, & depois de o desbaratar lhe tomou ho reyno de Deli, de Sanga, & do Mandou, & ficou senhor deles, & do de Bengala, & do dos Patanes, & morreo muy grande senhor, & por sua morte deyxou estes Reynos aos filhos que tinha.

CAPITVLO CLXXXI.

De como os Achês quiserão tomar a fortaleza de Malaca.

EM todos os liuros a tras fica dito, o mortal odio que el rey Dachem tinha aos Portugueses, & quanto trabalhou por tomar a fortaleza de Malaca, & estando ainda neste proposito, mandou hũ seu capitão com tres mil homẽs que a fosse tomar, & desembarcaria de noyte, & logo escalaria a fortaleza. E partido cõ hũa grande armada, sem ser sentido dos Portugueses, nem saberem sua yda, chegou a Malaca vespora de nossa Sñora de Setembro, do anno de 1537. ao quarto da modorra, & desembarcado muy caladamẽte, foyse á pouoaçã dos Quelis q̃ era cercada de madeyra, & entrou por hũ baluarte, que se chamaua do Bẽdara, cujos criados o vigiauão, mas dormião a este tempo tãobem, q̃ os Achés os matarão a todos sem acordarem, & entrando por aqui na cidade, repartidos em escoadrões, se forão com suas guias á ponte pera dali yrem á fortaleza & escalarẽna, o que ouuera de ser, se lhe nosso Senhor não atalhara, & indo seu caminho desmandarãose algũs a roubar certas casas, cujos moradores sintindo que erão ĩmigos, & cuydando que fosse gẽte del rey Dungentana, forão dar auiso ás vigias da fortaleza, que dãdo rebate a dõ Esteuão da gama que era capitão, se pos logo em armas com os Portugueses, & sabẽdo ele que erão Achés, temeo muyto sua vinda, parecendolhe que nã deuia de ser sem terem inteligencia na cidade, principalmente com Ninapão & Ninabay jrmãos, mouros honrrados & ricos, de que dom Esteuão tinha grande receo de lhe fazerem treyção. E deixãdo a fortalrza a recado, foyse á ponte com duzẽtos Portugueses, em que entrauão Tristã datayde, que auia pouco que chegara de Maluco pola via de Banda, Manuel da gama, Paulo da gama, Antonio pereira, dom Manuel de lima, dom Francisco de lima, dom Cristouão da gama, Frãcisco bocarro feytor, & outros fidalgos & caualeiros, & passando a ponte, logo na entrada da pouoação dos Quelis foy dar cõ hũ escoadrão dos Achés, cõ q̃ começou de pelejar, ao que os outros acodirã logo & foy antreles hũa braua batalha, em q̃ os Portugueses pelejarão tãobẽ, q̃ fizerã afastar os Achés hũ pedaço pera dẽtro dá cidade, matando algũs: E vendo o seu capitão que não podia fazer o pera que viera, soltouhos a roubarem na cidade, ao que dom Esteuão acodio ainda q̃ era de noyte, & apertouhos tão rijo, q̃ em amanhecẽdo os fez recolher ao baluarte por onde entrarã, o que fizerão com muyto tento, & fechando a porta sobre sy, sem lhe os Portugueses poderem impedir q̃ a não fechassem, & feriãnos do baluarte com muyta pressa cõ frechas heruadas:

O que vendo dom Esteuão, mandou a Tristã datayde que cõ çem homẽs quebrasse a porta do baluarte, & ele cõ duzẽtos entraria entre tanto polas costas, & assi se fez, sobre o que foy hũa espãtosa peleja, & por derradeyro os Achẽs forã tão mal tratados, q̃ tomarão por remedio fugirẽ & yrense pera sua terra, ficando trezẽtos mortos, & dos Portugueses não morrerão nhũs, sómente forão feridos Tristão datayde, dõ Francisco de lima, Antonio pereira, Francisco bocarro & outros. E elrey Dachẽ depois q̃ soube q̃ a sua gente fora desbaratada, acrecentoulhe mais o desejo de tomar a fortaleza, & tornou a mandar outro capitã com cinco mil homẽs que a tomasse por força a escala vista.

CAPIT. CLXXXII.
De como os Achẽs tornarão a Malaca.

VEndo dom Esteuão quão de rebate chegarão os Achẽs, & a opressam em q̃ poserão a fortaleza, ordenou sessenta Portugueses pera vigiarẽ a cerca dos Quelĩs, & porque era de madeyra, aiuntarãose eles todos por rogo de dõ Esteuã & cercarãna de taypa, & dõ Esteuão por acabar asinha a obra andaua sempre nela louuando os que o fazião bem, & dandolhes de comer á custa del rey, no que gastou trezẽtos cruzados, & co isto fez obra em trinta dias, q̃ doutra maneira não se fizera cõ menos de trinta mil cruzados, & a menos altura do muro era d'hũ homẽ, & a mayor de dous & tres: & nisto soube dõ Esteuão como yão os Achẽs pera Malaca, & temẽdose que desembarcassem logo de caminho como da outra vez, pos no baluarte do Bendara duzẽtos espingardeiros, & por seu capitão Paulo da gama, & a Tristão datayde, a dom Francisco de lima, a dõ Manuel de lima, & a Manuel da gama, deu a cada hũ vinte cinco sobresalentes pera q̃ corressem o muro, & acodissem onde fosse necessario, & ele com outros çento se pos junto da fortaleza: E esperãdo co esta ordem os Achẽs, chegarão, & como yão pera tomarẽ a cidade per cõbate, assentarã seu arrayal hũ quarto de legoa dela, onde chamão a põta de Tãjaquelĩ, que na noyte seguinte fazendo grande escuro feytos em tres escoadrões hũ pera escalar o baluarte do Bendara, & os outros pera escalarem o muro, & quando não podessem o cortarẽ cõ escopros & macetas, cuydando que era ainda de madeira, & os que auião descalar o baluarte, sobirão muy caladamente parecẽdolhes q̃ os não sentião, se não quãdo os Portugueses que estauão nele arremesarão sobreles tanta panela de poluora, & lhes tirarão tantas espingardadas que os q̃ sobião se decerão muy depressa & os outros não ousarão de sobir, & hõ mesmo acõteceo aos que quiserão sobir pelo muro, & com tudo os Achẽs nam deixarão o combate, em que porfiaram duas oras de relogio, & forão muytos feridos & mortos: & como sayo a lũa se forão por nã receberẽ mais dãno, & tornarão na noyte seguinte, & aconteceolhes da mesma maneira. E vendo dom Esteuão que por virem polo escuro não recebião tãto dãno como receberião se ouuesse claridade, recebeos na primeyra noyte que tornarão com grandes nouelos de fiado ensopados em azeyte, & estes acesos de tres em tres postos em grãdes espetos de tres pontas, que estauam fincados no chão hum tiro de pedra do muro, & dauão tanta claridade como q̃

fora de dia, pelo que os Achés forão bẽ viſtos a hũ grande pedaço do muro, onde lhes tirarão cõ a artelharia & eſpingardaria com que os fizerão tornar ſem ouſarem de chegar ao muro, nem ouſarão de tornar mais pois os vião: E recebendo muyto grãde dãno de mortos & feridos ſe partirão pera ſua terra tão de preſſa que Triſtão dataydé que foy a pos eles com hũa armada os não pode alcãçar: & com a fama dos Achés yrem tão mal tratados não ouſarão outros de bolir conſigo.

CAPIT. CLXXXIII.

De como Antonio galuão fez pazes com el rey de Geilolo, & de Bachão.

PArtido Triſtão datayde de Ternate como a tras fica dito, Antonio galuão que ficaua por capitão da fortaleza, ficou em grande trabalho por ſe vr tãta gente que quaſi ficou ſó, & por eſtarem ainda os Ternates de guerra. E como ele conhecia que a principal cauſa de ſeu deſcanſo era pacificar a gẽte da terra & tornala a ſer amiga dos Portugueſes, trabalhou polo fazer por meo de Cachil rade yrmão delrey de Tidore, que niſſo lhe aproueitou tanto, q̃ ſe ela não fora cuſtaralhe muyto fazelo, porque os Sãgages do ſenhorio de Ternate querião q̃ deſpoſeſſem de rey de Ternate a el rey Cachil aeyro dizendo que era baſtardo, & auia outros que lhe percedião pera ſerẽ reys, & que deſpoſeſſem de regedor ao çamarao, cometião a Antonio galuão q̃ ſcreueſſe ao Gouernador da India, que lhes mandaſſe el rey Tabarija que era ſeu rey de dereyto, & ſe foſſe morto q̃ então farião outro, & que entretãto foſſe Antonio galuão ſeu rey. E como ele era muy to bom homẽ & deſejaua muyto de ſeruir a Deos & a el rey, não quis aceytar aquele partido, receando que o pouo ſe eſcandalizaſſe de ſer regido por ele q̃ era Criſtão, & por iſſo trabalhou tanto com os Sangages & gouernadores dos lugares, que forão contẽtes dobedecerẽ por rey a Cachil aeyro, & ao çamarao por regedor, & aſsi o fizerã pelo q̃ Antonio galuão deu muytos preſentes á ſua cuſta & coiſto começarão os Ternates q̃ eſtauão eſpalhados por outras ilhas de ſe tornar pa Ternate & pouoar a terra, em que Antonio galuão começou daquerir grande fama de muyto bom homẽ, & q̃ ná auia nele nhũa cobiça, & eſpantauãſe os mouros muyto de lho offerecerẽ a gouernança do reyno & não a querer aceitar, porque no tempo que a teuera ſe podera fazer quão rico quiſera, & el rey, & o çamarao lhe ficarão por iſſo em obrigação grãdiſsima, & aſsi o dizião pubricamente. E tendo aſſentada a terra, pera a cõſeruar, trabalhou por fazer cõ el rey de Geilolo & com el rey de Bachão, que ſabia que ſe apercebião pera lhe fazerem guerra & trabalhauão com el rey de Tidore que os ajudaſſe, & iſto por vingarẽ a morte del rey Cachil dayalo, que fora morto a ferro, que erão obrigados a vingar ſegundo ſeu coſtume. E por os reys não quererẽ a paz, os deſafiou Antonio galuão a ambos que ſe mataſſem coele pois ele ſó era o de quem deſejauão de ſe vingar, & os reys aceitarã o deſafio, mas não ouue effeito, por el rey de Tidore & ſeu yrmão Cachil rade interuirẽ niſſo, & lhes fizerão fazer a paz com Antonio galuão: E ao tempo que a aſſentarã, lhes mandou Antonio galuão grãdes preſentes da parte del Rey de Portugal, & eles lhe mandarão algũs Portugueſes que tinhão catiuos, & artelharia, & outras armas,

mas. E assentadas as pazes, muytos Ternates que estauão naqueles dous reynos se tornarão pera Ternate, & asi se tornauão cada dia outros, & se ya pouoãdo a terra como dãtes, de que a gente estaua tão fora como disse a tras, nẽ ouuera nũca de tornar a Ternate se não fora a boa fama Dantonio galuão, & verẽ por obra que era asi como ouuião.

CAPITVLO CLXXXIIII.

De como se perderão duas naos de Castelhanos que yão pera Maluco.

NEste tempo mandarão os reys daquelas ilhas recado a Antonio galuão q̃ per antrelas contra as dos Papuas andauão duas naos de Castelhanos q̃ nã podião tomar porto, nem eles auião de consentir que o tomassem ate não saberem se era disso contente, ho que lhes ele mandou agradecer, & pedir que os não deixassem tomar porto em suas terras, & que lhes dissessem da sua parte que se fossem á fortaleza & serião remedeados de todo o necessario: E logo mandou fazer algũs bateis de que tinha necessidade se os Castelhanos quisessem guerra: Cujo capitão mór auia nome Fernão de grijaluarez, & o da outra nao se chamaua Aluarado, q̃ indo da noua Espanha pera o Peru do Emperador ondestaua o marques dõ Fernando cortes, & ou por võtade de Fernão de grijaluarez, ou por lhe asi ser mãdado, sendo a duzẽtas legoas da costa da noua Espanha, disse á sua gẽte q̃ auião de descobrir outra terra sem dizer q̃ terra era, do q̃ a todos pesou muyto, & por nauegarẽ ao lõgo da linha ora a hũa parte ora á outra ate cinco ou seys graos daltura, parecia a todos que a terra que auião de descobrir erão as ilhas de Maluco, & asi andarão ate se poerem em treze graos da parte do sul, & tornarão ate vinta quatro da bãda do norte, & sem nunca acharem terra, por falta dagoa, tornarão a demãdar a linha pera fazerem agoada dos chuueyros, no q̃ gastarão muytos dias. E falecendolhes o mantimento, quiserão tornar á noua Espanha & não poderão, porque chegãdo a vinte sete graos da linha escaseaualhes o vẽto, & fizerão isto tantas vezes, que lhes foy forçado yrense dereitos ás ilhas de Maluco, & morreolhes quasi toda a gente, & antrestes foy Fernão de grijaluarez, & forão ter a elas, cujos moradores lhes não deixarão tomar porto por amor Dantonio galuão, & dizialhes que se fossem á nossa fortaleza, o que nã quiserão, & vendose sem remedio de poderem tomar porto, & com medo de se alagarem por as naos andarem muyto abertas derão á costa, onde os mais forã mortos pola gente da terra, & escaparão tres ou quatro que forão catiuos, & depois os resgatou Antonio galuão & soube deles tudo isto, & q̃ na noua Espanha se fazia hũa armada pera [illegible] r a Maluco q̃ foy (como direy no liuro Nono.)

CAPITVLO CLXXXV.

De como Ioão freyre foy ao Morro por capitão de hũa armada.

DEpois Dantonio galuão mandar recado aos reys de Maluco que nã deixassem tomar porto aos Castelhanos fez logo hũa armada de que foy por capitão mór ao Morro hũ Ioão freyre pera tornar á obediencia da fortaleza certos lugares que lá estauão leuantados, & foy coele Cachil rade, por cuja causa algũs daqueles lugares derão logo obediencia a Ioão freyre, & outros não quiserão & se defenderão, & ouue hi peleja antre os mouros & os Portugueses, & foy morto hũ Fernão pinto, & andando

lá Ioão

lá Ioam freyre, chegou Iorge maſcarenhas capitão, & feytor da nao do trato da India pera Maluco, que ya carregar de crauo pera el Rey dom Ioão de Portugal: & tanto que ſurgio em Talangame, ſoubeſe na fortaleza por algũs da nao que forão a terra, que Iorge maſcarenhas leuaua hum aluará del Rey em que defendia que nenhũa peſſoa compraſſe crauo & todo ſe vendeſſe na feytoria ſopena de perdimento do crauo & de toda a fazenda: & que mandaua ao gouernador da India & ao vẽdor da fazẽda que o fizeſſem comprir: E aſsi diſſeram mais que o vẽdor da fazenda dera licẽça a Iorge maſcarenhas & aos que yão coele pera comprarem certos bares de crauo & os carregarem, & a meſma licença mandaua a Antonio galuão, & ao feytor & a ſeus eſcriuães, com ho que toda a gẽte da fortaleza ſe aluoroçou grandemente, & ajuntarãoſe os mais â porta da fortaleza, dizendo a grandes brados, que auião dir queymar a nao de Iorge maſcarenhas cõ quantos eſtauam dentro pois vinha nela tal aluará, & que ſe auião dir pera os caſtelhanos ſe vieſſem, ou pera os mouros, pois lhe tirauam o crauo que eles tambẽ mereciam, pois não tinham outra couſa em que tratar: & defendiam aquela fortaleza com tanto derramamento de ſangue & trabalhos tam immenſos, & defendẽdo el Rey ho crauo, geralmente ho ſeu vẽdor da fazenda ho alargaua a Iorge maſcarenhas & aos ſeus marinheyros que nunca pelejaram naquela terra: & diziam a Antonio galuão que acodio a eſte aluoroço, que nam ſofreſſe ho aluaraa que leuaua Iorge maſcarenhas pois nunca el Rey ho mandara em tempo doutro nenhũ capitão, ao que ele reſpondeo que pois que ele era del rey & eles tambem, que auiam de comprir os ſeus mandados, & que ſe el rey aquilo mandaua, ele era contente de lhe obedecer & ho auia por bem, & que el rey fazia ho que deuia pera forrar ho grande gaſto que auia tantos annos que tinha naquela fortaleza ſem auer dela nenhũ proueyto: & quanto a ele nam lhe daua nada de yr pobre por goardar os mãdados del rey, em que eſperaua que lhe faria merce pois a fazia a todos os que ho ſeruiam, rogando a todos que nam ſe aluoroçaſſem em quanto nam viſſem ho aluará que diziam, porque ele daria a tudo hum meo com que ficaſſem cõtentes: Porem a gente nam foy contente diſto, & mais porque ſabia que Antonio galuam era tam amigo do ſeruiço del rey, que auia de goardar ho aluará ao pé da letra, & nam podiam aſſoſſegar: & tam danados andauam, que ſayndo Iorge Maſcarenhas em terra, ſem ho ſaber Antonio galuam, aſsi como os que digo ho viram ſaltaram com ele pera ho matarem, & aſsi ouuera de ſer ſe nam ſe acolhera a hũa caſa na pouoação dos Portugueſes onde ſe defendia com a porta fechada, a que acodio Antonio galuam, & quando chegou jaa açendiam fogo pera queymarem a caſa & a ele: E como a gente vio Antonio galuam, foramſe todos, & ele leuou Iorge Maſcarenhas pera a fortaleza: & como nam eſtaua

em tempopera castigar aquele crime, por amor dos castelhanos que esperaua, & receear que se lhe fosse a gente, dissimulou com os culpados, dandolhe esperãça que quãdo visse o aluará faria o que fosse justiça, pois naquelas partes era vẽdor da fazẽda del Rey, & fez que fossem amigos de Iorge mascarenhas & dos que yão cõ ele, no que lhe foy bõ padrinho, porque doutra maneyra foralhe grande trabalho saluar a vida, segundo a gente desejaua de o matar.

CAPITVLO CLXXXVI.

De como foy lido, & pubricado o aluaraa que leuaua Iorge mascarenhas, & das muytas desordẽs que sobrisso sucederão.

AS sossegado este aluoroço, mostrou Iorge mascarenhas o aluará que leuaua, que depois de Antonio galuão dizer que lhe obedecia, foy lido em voz alta perante todos, cuja sustancia erao que disse: & assi foy lida a licença que o vẽdor da fazenda daua a Antonio galuão & a Iorge mascarenhas & aos outros pera fazerem crauo, & Antonio galuão disistio logo da sua, dizendo que posto que perdia nisso muyto, que antes o queria q̃ perderse ho seruiço del Rey seu senhor, que pera se conseruar naquela terra era muyto necessario não fazer ninguem crauo se não ele, pera se tornar ao primeyro preço que lhe fora posto per Antonio de brito, porque os mouros auerião por seu barato deo darem, não ho podendo vender a outrem se nã a el Rey, & que melhor seria aos Portugueses compraréno na feytoria que aos mouros pois lho dauão tão caro que nam valia mais na India q̃ em Maluco, & mais que na feytoria lho darião em desconto de seus soldos & mantimentos, sem terem necessidade de darem por ele roupas & outras cousas que auiam dauer de fora, & ja que dauão tamanho ganho aos mouros, que melhor seria darem algum a el Rey que os mantinha, & gastaua tanto em soster aquela fortaleza & era causa de eles enrriquecerem, que nam era rezã que eles leuassem tudo & el Rey nada, pedindo a todos q̃ ouuessem por bem ho que el Rey mandaua & comprisse ao pé da letra: E logo mandou pregoar o aluará com trombetas por a cidade, & depois pola jlha. E mandou ao ouuidor & ao feytor que tirassem deuassa se ele ou seus criados fizeram algum crauo, ou o compraram depois que ali estauão, & achouse que nam, porque desejaua tanto de seruir el Rey, & tomarem todos dele exempro pera ho seruirem, que antes queria perder sua fazenda, que fazer cousa em que parecesse que o deseruia. E mandou mais que do crauo que as partes tinhão feyto, se tomasse ho terço pera el rey, & lhes fosse pago polo preço da feytoria, & assi foy feyto, no que se ouueram quinhentos bares de crauo pera el Rey: E pera que dali por diante se ouuesse todo ho crauo pera el Rey, escreueo cartas aos reys de Maluco & aos Sangages, pedindolhes que defendessem em suas terras que nam se vendesse o crauo se nam ao feytor, mandandolhes ho terlado do aluará del rey, ao que todos responderam que seruiriam de muy boa vontade a el Rey de Portugal, mas que naquilo não podiam

por ferẽ certos que ainda que mataſſem os mouros que nam auiam de deyxar de vender ho crauo a quem lhe mais deſſe, que defendeſſe ele ao Portugueſes que lho não compraſſem, porque doutra ma neira não podia ſer: E por neſte tempo Antonio galuão ſer auiſado que Iorge maſcarenhas mandaua fazer crauo, & q̃ os Portugueſes o querião tãobem fazer, pediolhe Antonio galuão que o nam fizeſſe por não dar azo que ho quiſeſſem os outros fazer, que muyto crauo auia de leuar del Rey em que ſe entregaria daquele, pera que lhe ho vêdor da fazenda daua licença: E não o querendo ele fazer pos Antonio galuão pena conforme ao aluará del rey que não compraſſe crauo, & Iorge maſcarenhas lhe moſtrou hum aluará do gouernador, em que o iſentaua de todo de ſua jurdição, aſsi a ele, como a quantos yão coele, & a nao & ſua carga, & ſobriſto ouue ãtreles diſcordia, & Iorge maſcarenhas ſe foy pera a nao, & não tornou mais a terra. E vendo os Portugueſes eſta diſcordia, começarão logo da pertar com Antonio galuão que lhes dei xaſſe fazer crauo, ſe não que ſe yrião pera a India, fazendolhe ſobriſſo grandes requerimẽtos, & proteſtando de ele ſer em cargo a el rey da perda que recebeſſe por ſua yda: & com tudo Antonio galuão nã quis nunca alargar ho crauo, & mandou requerer a Iorge maſcarenhas pelo Ouuidor, que lhe não leuaſſe nhũa gente ſem ſua licença, & ele não quis deyxar chegar ho Ouuidor a bordo, mandandolhe tirar com eſpingardas, cuydando que o yaprender: & foy ho aluoroço tamanho na gente, & o deſauergonhamento, por lhe Antonio galuão nam querer alargar o crauo, que o quiſerão matar, mas não poderão. E por derradeyro ſe armaram çento & oytenta homẽs, & aſsi armados na metade do dia ſe forão embarcar, ameaçãdoho com a morte ſe lho quiſeſſe tolher, & dizendo que pois era tão amigo do ſeruiço del Rey, que lhe goardaſſe a ſua fortaleza, & aſsi ſe forão embarcar cõ Iorge maſcarenhas, & com hum Fernão anrriquez ſenhor dũ Iungo em que ſe ya pera a India, & Antonio galuão nam pode reſiſtir a iſto, porque lhe nam ficauam mais de çento & vinte homẽs, & eſtes porque lhes daua de comer à ſua cuſta, que não auia na feitoria com que lhes pagaſſem mantimento, & Antonio galuão porque não ficaſſe ſó & ſe perdeſſe aquela fortaleza, gaſtaua o ſeu, & não lhe daua nada perdelo por ſeruir el Rey, dizendo que pois o perdia niſſo que el Rey ho ſatisfaria: E era a reuolta tamanha, & ho Ouuidor ouue tamanho medo, que por lhe Antonio galuão não mandar prẽder ninguem deixou a vara, nem ho Vigairo queria ſeruir a ygreja, & tão bem ſe foy. E embarcada eſta gente com Iorge maſcarenhas, & com Fernão anrriquez, partirãoſe pera Banda: & tambem foy em ſua conſerua hum Gonçalo Vaz çarnache, que andaua darmada no Morro, onde tomou por força a Ioão Freyre hũ nauio em que andaua que Antonio galuão tinha pera mandar aquele anno aa India carregado de Crauo, & por mays requerimentos que mandou fazer a Gõçalo vaz (depois que foy em Talãgame)

que tomasse o crauo nunca quis, & foyse com o nauio vazio, no que el rey recebeo muyto grande perda, & Gonçalo vaz nã ouue por isso nhũ castigo, pelo que em Maluco cada hũ fazia ho que podia sem temor de Deos, nem del Rey, nem vergonha do mũdo, & mais porq̃ sabião q̃ os não podia castigar o capitão de Maluco. E vẽdo algũs castelhanos que estauã na fortaleza (& estauã pera se yr) como Antonio galuão ficaua só, não se quiserã yr, lembrados da muyta hõrra & gasalhado, & outras muytas boas obras que lhes tinha feytas, & por lhe pagarẽ tudo isto quiserão ficar: Pois os Portugueses a quem tinha feyto o mesmo, lho pagauã tão mal, & asi lho disseram & ficaram coele, o que lhes ele agardeceo muyto, & logo escolheo hũ deles, que auia nome Pero de ramos q̃ conhecia por bõ homẽ, & escreueo por ele a el Rey de Portugal & ao gouernador & ao vẽdor da fazenda o que lhe fizerão muy miudamente, mandandolhe os estormẽtos que disso tirara & os autos q̃ fizera, & mandoulhe que desse tudo a qualquer capitão que achasse em Banda: & em guarda deste Pero de ramos foy Cachil rade com hũa armada del rey de Tidore, & chegado a Bãda deu tudo a Paulo da gama que hi estaua por capitão, & estando hi morrerão Iorge Mascarenhas, & Gonçalo vaz çarpache de doença que lhes sobreueo.

CAPITVLO CLXXXVII.

Do que o gouernador fez em Diu pera a vinda dos Turcos.

O Gouernador que ya pera Diu, como disse a tras, chegou lá na entrada de Feuereiro, do anno de mil & quinhentos & trinta & oyto, & sabendo de Coge çofar como tinha por certa a vinda dos Turcos, & que vinhão com grande poder, por quanto a cerca da vila dos Rumes era grãde, & era necessaria muyta gente pera a defender, que ele não tinha, pelo que os Turcos a poderião tomar, acordou com conselho de a derribar, & que fizesse na borda dagoa hũ baluarte & hũa casa forte pera apousentamento do capitão do baluarte, o que logo foy começado, & tinhão as paredes de vinte pés de largo, cuja capitania o gouernador deu a hũ Francisco pacheco juyz dalfandega de Diu, & dentro na fortaleza foy começada hũa cisterna de vinte palmos dalto, & tão alta que cada palmo auia de leuar duzentos & cincoenta toneis dagoa: E neste tempo quisera o gouernador reformar as tregoas que Antonio da silueyra tinha assentadas cõ Alucão que se acabauão então, & Alucão nũca o pos em obra, por mais recados que lhe forão sobrisso: E o gouernador ainda que esperaua pelos Turcos, não quis inuernar em Diu, & foyse a Goa, deixando a Antonio da silueyra seys cẽtos homẽs, de que os quatrocentos erão mal armados, & os duzentos não eram pera pelejar, & antrestes muyto poucos fidalgos, & leuou toda a gente consigo, deixando a fortaleza em tamanho risco & de guerra com Cambaya: & de Goa despachou a Vasco pirez de sampayo pera yr a Bengala com gente em ajuda del rey, & foy por capitão mór de noue velas, de quẽ foram por capitães afora ele, Antonio de melo q̃ agora mora em Bucelas, Frãcisco

de barros

co de payua, Manuel mascarenhas, Cristouão douria, Diogo rabelo, & outros, & mandou nesta frota ho embayxador del rey de Bengala, & Vasco pirez se foy a Cochim, donde partio em Mayo pera Bengala.

CAPITVLO CLXXXVIII.
De como Coge çofar fugio de Diu.

DEpois do Gouernador partir de Diu, reformou Antonio da silueyra as tregoas que tinha com Alucão, & a pos isso chegou a Diu hũa carta q̃ Coge çofar tinha mandada a Caxem a saber ainda mais certeza da passagem dos Turcos á India, q̃ lhe leuou recado muy to certo que auião de passar com grande armada, de que ele folgou muyto, porq̃ lhe parecia que deitarião os Portugueses fora da India, que era cousa que muyto desejaua, por lhes ter mortal odio, posto que mostraua ser seu amigo: E logo determinou de se yr pera çurrate secretamente com toda sua casa & fazenda, pelo que encobrio o recado que tinha a Antonio da silueyra, dizendo que lhe parecia vento a vinda dos Turcos, porque el rey de Caxé & algũs mercadores de Meca lhescreuerão que não auia la tal noua. E pera mais disimulação de sua yda, fez q̃ carregaua hũa nao noua q̃ fizera auia pouco pera a mandar a Tenaçarí, & em quanto fazia isto, mandou suas molheres pera çurrate em companhia das de hum mouro honrrado, que por lhe o gouernador tirar a xabandaria de Diu, se ya morar a çurrate com toda sua casa, & por isso forão as molheres de Coge çofar coele, sem ninguem entender que se yão, por os mouros terem muytas. E mandadas as molheres, carregou hũa noyte o fato na nao que dizia que mandaua a Tenaçarí, & fazendo que deitaua a nao fora da barra pa partir, se acolheo aos vinte seys Dabril de mil & quinhẽtos & trinta & oyto: De cuja supita yda foy grande espanto na cidade, especialmente antre a gẽte da terra, que dizia que não se fora Coge çofar se não pera fazer guerra aos Portugueses, & asi pareceo a Antonio da silueyra, que sabendo que estaua em çurrate lhescreueo muytas vezes, que se sua yda fora por agrauos, que lhos declarasse & o desagrauaria, pedindolhe muyto que se tornasse pera Diu, a que ele nunca respondeo, pelo que Antonio da silueyra se receou de guerra, & pos grande diligencia em se acabar ho baluarte & a cisterna. E logo hũ domingo depois da yda de Coge çofar aconteceo hũa cousa que pareceo pronostico das guerras que mouros & Turcos fizerã aquele anno á fortaleza: E foy que os moços catiuos asi Christãos como mouros se fizerão em dous bandos, & por modo de folgar pelejarão cõ paos hũs contra os outros, & ficando os moços Christãos com a vitoria, o sintirão tanto os moços mouros que se quiserão vingar, & pola somana tornarão a pelejar de verdade, leuãdo hũs & outros arteficios de fogo, & os Christãos leuauão hũa bamdeyra com a Cruz de Christo, & os mouros outra com a ymagem de Mafamede, & sempre os Christãos leuauão a vitoria, & por se fazerem muyto mal hũs aos outros, lhes foy deffeso que nam pelejassem. E nisto a dezaseys

dias de Mayo chegou a Diu Fernão de moraes que aquele anno partio de Portugal por capitão de hũa nao da carga, como disse, & por ele escreuia el rey ao gouernador a certeza da passagẽ dos Turcos á India, & esta tinha Antonio da silueyra per hũ Tristão gomez natural de çezimbra, que sendo catiuo de Barbaroxa lhe fugio & foy ter a Baçorá & depois á India, de quẽ Antonio da silueyra soube a certeza da passagem dos Turcos. E não podendo Fernão de moraes nauegar na sua nao pola costa da India por ser inuerno, se foy em hũ catur caminho de Goa, & de Chaul não pode yr no catur & se foy por terra, & leuou as cartas ao gouernador, que se começou a fazer prestes pera no Setembro seguinte yr a Diu.

CAPITVLO CLXXXIX.

De como os regedores de Cambaya mandarão cercar Diu.

COge çofar que desejaua muyto de tomar a fortaleza de Diu, por saber quão mal prouida estaua de gente & dagoa, foyse a Chãpaner ondestaua a mãy do çoltão badur, & seu neto çoltão mahmude rey de Cambaya moço pequeno, & os tres capitães que gouernauã o reyno, & deulhes cõta da disposição em que estaua a fortaleza de Diu, afirmando que nunca auião de ter tão bom tempo pera a tomarem como aquele, & eles o acordarão assy, & logo despacharão a Alucão pera fazer guerra a Diu com cinco mil de caualo & dez mil de pé, & porque era velho fosse Coge çofar seu companheiro, que por esta honrra que lhe foy feyta leuou á sua custa mil Turcos de caualo & tres mil Guzarates de pé, que cõ os Dalucão fazião dezanoue mil homẽs, com que partirão pera Diu, do que logo Antonio da silueyra foy auisado, que o disse aos fidalgos & pessoas principaes q̃ estauão coele, & mandou a Francisco pacheco capitã do baluarte da vila dos Rumes que dormisse lá cada noyte, porque estaua acabado & entulhado até o primeiro sobrado, & até li tinha vinte palmos daltura, & forão lá leuados cinco tiros grossos, hũ lião, hũa saluage de ferro, & hũa espera, & dous camelos de metal, a que logo mandou fazer as bombardeyras, & mandou lançar ao mar os nauios que tinha varados, pera defenderem coeles o rio. E andando nesta occupaçam leuantouse hũa noyte fogo na fortaleza em casa de hũa molher solteira q̃ queymou sessenta moradas de casas, de q̃ Coge çofar quando ho soube tomou bom pronostico, & disse á sua gente q̃ aquele fogo queymara quantas munições tinhão os Portugueses. E apressando coesta noua seu caminho, chegou ele & Alucão á quintaã de Meliq̃ aos vinte quatro de Iunho onde assentarã seu arrayal, & tolherão logo os mantimentos q̃ yão da terra firme á cidade, em cujos moradores foy tamanho o medo que logo começarão de fugir. E sabendo Coge çofar destes que as bombardeyras do baluarte da vila dos Rumes não erão acabadas, & os tiros não podião jugar foy ho saltear hũa quarta feyra antemanhaã á vinte seys de Iunho, leuando os quatro mil homẽs de sua capitania, & chegou tam de supito que subio sua gente ao muro que ainda não era derribado, & matarão

algũs Portugueses dos que vigiauão, & aos brados destes acordarão os officiaes da alfandega & outros Portugueses, que por todos forão vinte, & com pressa se acolherão em camisa ao baluarte, & dali se defenderã com as espingardas tão esforçadamente que os não poderão entrar, principalmente porque acodio logo Antonio da silueyra & fez afastar os imigos, & Coge çofar foy ferido de hũa espingardada por hũa mão, & por isso se tornou pera a quintaã de Melique onde se achou muyto mal da ferida.

CAPITVLO CXC.

De como Antonio da silueyra pos goardas nos passos da jlha.

NEste tempo auia em Diu muytos mouros brancos do estreito todos homẽs de guerra, que elrey de Cambaya antes de morrer mandara chamar a soldo pera o ajudarem contra os Portugueses, & estes chegarão aquele Abril passado em habito de mercadores pera nam serem conhecidos, & leuauã suas armas secretas, & agassalhauãos cõ os outros mercadores onde tinhão escondidas as armas. E vendo estes a guerra que Coge çofar fazia aos Portugueses, creceolhes o desejo de o ajudarem, & descobrindose por lascarĩs começarão de prouocar a gẽte da cidade q̃ se leuantasse contra os Portugueses, & hũs por hũ cabo outros pelo outro fazião grandes ajuntamentos nas ruas & nas praças, ao q̃ logo acodio Antonio da silueyra acõpanhado da melhor gẽte da fortaleza toda armada, & dando de supito nos mouros prẽdeo muytos destes, & buscando as casas dos mercadores tomou quantas armas achou cõ que os lascarĩs ficarão desarmados. Isto feyto, porque a cidade não tinha agoa se não a da jlha, pos goardas nos passos que auia dela pera a terra firme, & em dous baluartes que estauão em dous deles pos por capitães Gonçalo falcão filho de Ioão falcã, & Luys rodriguez de carualho, & em outro passo que auia nome Palari, Lopo de sousa coutinho de Santarẽ em hũa galeota com vinte cinco espingardeiros, & outros tantos em hũa barcaça & duas fustas, & o passo da ponta da jlha goardauão Antonio da veiga feytor, & Francisco anrriquez tesoureyro dalfandega, & Francisco foreyro, & Iorge barbosa de Coimbra escriuães, & Francisco de gouuea capitão mór do mar de Diu, & Miguel vaz, Pantalião pereyra andauão de sobresalente em tres catures correndo os passos de noyte & de dia: E em quanto duraua a ferida de Coge çofar q̃ os mouros não dauão rebates, fez Antonio da silueyra acabar o baluarte da vila dos Rumes, que ficou daltura de quorẽta palmos, & asi a casa de junto coele, pera que mandou logo Francisco pacheco cõ setenta homẽs, porem não se pode fazer caua a este baluarte que foy causa de se tomar depois, & tãbem foy acabada a cisterna da fortaleza, & asi como a yão acabando, a enchião dagoa, & leuou cinco mil toneis, com que a fortaleza ficou bẽ abastada dagoa.

CAPIT. CXCI.

De como Antonio da silueyra deixou a jlha, & se recolheo na cidade.

DEpois que Coge çofar foy sam da sua ferida, logo ele & Alucão assentarão seu arrayal na terra firme ao derre-

dor da jlha, & fizerão suas estancias dartelharia defronte dos passos da jlha, Coge çofar defronte do de Palari, & Alucão dos outros, & de dia & de noyte nunca a artelharia estaua queda sem tirar, pera que defendessem a passagem a algũs catures que leuauão mantimentos & munições aos passos: E Coge çofar que desejaua muyto de tomar o passo de Palari, melhorou hũa noyte sua estancia em a chegar mais pera o passo, porque bem sabia que não auia de poder de dia, & pera se acabar logo em hũa noyte mãdou a fazer de cestos de campo cheos de terra, & andando nesta obra quinhẽtos Turcos dos da sua capitania, acertou de passar polo rio Miguel vaz no seu catur, & enxergando em terra a soma que fazião algũs cestos que estauão assentados, & sem poder desenferençar o que era, deulhe hũa çurriada despingardadas de q̃ se os Turcos empararão com os cestos, & não bolirão consigo por não serem sentidos, receando que os estoruassem da obra q̃ fazião. Lopo de sousa que ouuio as espingardadas acodio logo na sua galeota, & mandou tirar àquela soma que parecia com hũ camelo, cujo pelouro dando nos cestos os esborralhou todos, & matou algũs Turcos: E vendo Lopo de sousa q̃ com aquele tiro desapareceo a soma que via mandou tirar mais, & os Turcos lhe tirarão tãobem: porem como Lopo de sousa era esforçado não quis estar naquilo, & saltou em terra com Miguel vaz cõ todos os de sua companhia, & derã nos Turcos com tamanho impeto que os fizerão fugir ficando algũs mortos, o que pareceo ao outro dia no muyto sangue que ali foy achado & tripas domẽs, que os corpos leuarão os viuos por não saberem os Portugueses o dãno que lhes fizerão, & Miguel vaz foy ferido de hũa espingardada em hũ pé. E com tudo isto como os mouros erão tantos como disse não lhes poderão os Portugueses tolher que não melhorasem suas estancias & as posessem a menos de çem passos do rio, com que impedirã aos Portugueses que não nauegassem por ele, porq̃ tudo quãto passaua de dia & de noyte pescauam com a artelharia, matando & ferindo os Portugueses, & por isso, & por Antonio da silueira ver claramente que não podia defender a jlha com quão pouca gente tinha, & tãobem por ter a cisterna chea dagoa, & não ter necessidade da que auia na jlha, determinou com conselho, de a alargar aos mouros, o que fez aos noue Dagosto: E per Payo rodriguez daraujo mandou dizer de noyte aos capitães que estauã nos passos que se recolhessem à cidade, no que foy grande desmancho & desordem, porque afora fazer grande vẽto & marulhada no rio, com que o nauegar por ele era muyto perigoso. Em Antonio da veiga feytor ouuindo o recado Dantonio da silueyra não se quis mais deter, & deixãdo sua capitania se acolheo por terra cõ medo das bõbardadas q̃ lhe os mouros auiã de tirar se fosse por agoa, & os outros q̃ forão Frãcisco anrriquez, Iorge Barbosa, Frãcisco foreyro, Miguel Vaz, & Pantalião Pereyra se forão por mar nos catures & em duas galeotas, & foy tamanho o medo nos comitres delas

das

das bombardadas que tirauã os mouros passando por diante de hũa estancia, que derão coelas em seco indo os catures diante, que por isso não sentirão o que acõtecera ás galeotas, cujos remeiros & gẽte darmas vendo que estauão em seco fugirão logo com medo de os tomarem os mouros, & deixarão sós os capitães, por cujos rogos nunca quiserão tornar: & vẽdo eles que sós não podião saluar as galeotas, & que se perderião esperando mais, poserãolhes o fogo & forãose por terra: & os mouros que as virão arder acodirã logo a ver o q̃ era, & achandoas sós, apagarão o fogo & recolherão as bõbardas que tinhão & outras armas, & o mesmo aconteceo a Gonçalo falcão que ya em hũa barcaça com a gente & artelharia q̃ tinha no baluarte de que era capitão, & a Luys rodriguez de carualho que ya em hũa fusta, que nunca a sua gente quis esperar & toda fugio, & deixarão a artelharia & outras armas aos mouros, que sem pelejarem, & ás escuras, ouuerão em hũa noyte o que não poderão auer em muytos dias pelejando continoamente: E fazendose tãobẽ á vela Lopo de sousa coutinho pera se yr na sua galeota, o grande vento que fazia & a maré que vazaua lha deitarão da banda da terra firme, onde ficou em seco hũ tiro de pedra da madre do rio, & sentindo que daua em seco, alargou o batel pelo rio abaixo, porque se receou que os seus fugissem nele, & sem ele bem sabia que não se podião yr por o rio ser ali de mais largura que em outra parte. E em amanhecendo que os mouros o virão tão perto de terra & tão longe dagoa, pareceolhes que o poderião tomar, & remeterão á galeota trezentos, deles Turcos, Abexĩs, & Arabios, dando grãdes gritas, & em eles abalãdo rebata Lopo de sousa o seu guião, ficãdo a lança no meo da galeota, & disse cõ o rosto ledo: Ainda que por mĩ queira passar algũa couardia, sam estes senhores q̃ estão em minha companhia tão valentes caualeyros que mo não consentirão, a que logo hũs remeterão ás espingardadas, & os que as não tinhão aos berços & falcões da galeota, & poendolhes o fogo tendohos aos hombros desparão nos ĩmigos, & juntamente coeles a artelharia grossa, cujos pelouros hũs leuauão em migalhas, outros em pedaços, & outros deyxeuão feytos dous de cada hũ, & coesta esborralhada se escarmentarã os ĩmigos de maneira q̃ fugirã, & antes que tornassem outra vez tomarão Lopo de sousa & os seus a galeota nos braços, & ora neles, ora a empuxões com trabalho ĩmenso derão coela no pego, & escapando de tamanho perigo com ajuda de nosso Senhor se forão pera a cidade, encontrando dous catures que yão em seu socorro.

CAPIT. CXCII.

De como Antonio da silueyra se recolheo aa fortaleza.

PErdida a artelharia que estaua nos passos com que Antonio da silueira esperaua de defender a cidade, foy por todos acordado que a não podia defender sem tirar artelharia da fortaleza, o q̃ era perigoso, porque não sabião o que sucederia, & por isso & por não ter gente pera defender tamanha cerca como tinha a cidade, acordouse em conselho q̃ a deixasse

xasse & se recolhesse na fortaleza q̃ era o mais seguro. E porque já os mouros erã entrados na jlha & andauão á vista da cidade, & os que estauã nela lhes fazião sinaes com bãdeiras, sayo Antonio da silueyra com çem Portugueses pola cidade & enforcou & alãceou muytos mouros principalmẽte os que via com armas, & prendeo quatro mercadores principaes, porque se se visse em algũa necessidade se remedeasse coeles, & quasi noyte se recolheo á fortaleza aos dez Dagosto, & ao outro dia começarão os mouros que já estauão na cidade de roubar algũas casas junto da fortaleza em que auia muyta fazenda & mantimentos que os Portugueses cõ pressa nã poderão recolher na fortaleza, & por rogo dalgũs, que vẽdo roubar o seu, quiserão sayr aos mouros mandou Antonio da silueyra coeles hũ fidalgo chamado Gaspar de sousa q̃ deu coeles nos mouros que fizerão fugir, ficando algũs mortos, & dos Portugueses foy morto hũ, & outros forão feridos, & com tudo tornarão pera a fortaleza carregados de mantimentos, & dali por diante ordenor Antonio da silueyra q̃ os fossem tomar cada dia, & fossem em sua goarda cincoẽta & quatro homẽs, & assi lenha & agoa dũs poços que estauão juntos da fortaleza: & por fazer hõrra a Lopo de sousa coutinho o fez capitão desta goarda, cõ que cada dia ya á cidade por mantimentos, lenha, & agoa, & auia recontro com os mouros, de que sempre morrião algũs. E neste tempo fazia Coge çofar bater ho nosso baluarte da vila dos Rumes, com hũa estãcia dartelharia que mãdou assentar no cays dalfandega de que tãbem varejaua o mar por amor dalgũs catures que da fortaleza leuauão mantimentos ao baluarte: & porem não fazião nhũ nojo, nem a artelharia que batia ho baluarte, nem tão pouco ho fazia Alucão que pousaua nas casas da mãy do çoltão badur, & sua gente estaua pola cidade, a que cada dia saya Lopo de sousa sem medo dos mouros. E hũ dia vespera da assunção de nossa Senhora, sayndo á cidade matou algũs Turcos de Coge çofar que achou desmandados, & outros fugirão & o forão dizer a Coge çofar, que mandou logo quinhẽtos homẽs escolhidos em busca de Lopo de sousa, que estaua nomais que cõ quatorze na boca de hũa rua, & os outros tinha postos nas bocas doutras, & dando os mouros coele determinou de pelejar coeles, & logo quisera começar, & por cõselho dũ Simã furtado bom caualeiro deixou bem encher a rua, porq̃ quanto os imigos mais se apinhoassem menos se auiã dajudar das armas. E os mouros se ajũtarão tantos que nã podião pelejar mais que os dianteiros: E logo Lopo de sousa deu neles com os seus, & pelejarão tão esforçadamente q̃ matarão todos os mouros que estauão na dianteira & os q̃ estauão logo detras destes, & os outros fogirão ficando mortos trinta, & dos Portugueses nhũ, & Lopo de sousa foy ferido em hũa perna, & outro homẽ em outra, & a hũ seu page foy quebrado hum olho. E em quanto Lopo de sousa jouue ferido, forão capitães da goarda Gonçalo falcão, & Gaspar de sousa, que catiuarão hũ mouro honrrado, de que soube Antonio da silueyra que no arrayal Dalucão se dissera que a Mangalor chegara hũa nao de mouros, que dizia q̃ em Adem ficaua hũa grossa armada de Turcos, & porem que não se tinha por certo, & cõ

tudo

tudo como o ho mar deu jazigo, mandou Antonio da silueyra Miguel vaz q̃ fosse a Mangalor, & passasse a vante pa saber noua da armada dos Turcos. E depois q̃ Lopo de sousa tornou a dar goarda achou hũ dia rosalgar nos poços, & por isso não quis Antonio da silueyra que saissem mais fora, & recolheose de todo na fortaleza, de que sempre do baluarte & da vila dos Rumes tirauão muytos tiros perdidos aos mouros, em q̃ fazião muyto dáno. E Antonio da silueyra escreueo ao gouernador per mar como estaua, pedindolhe socorro, & ele lho mandou logo (como direi a diante.)

CAPITVLO CXCIII.

De como ho embaixador del rey de Cãbaya chegou a Costantinopla, & deu a embaixada ao Turco.

ATras fica dito, que çafercão capitão del rey de Cambaya que ele mãdaua por embaixador ao Turco a pedirlhe socorro, partio de Diu na entrada de Setembro do anno de mil & quinhentos & trinta & seys, & proseguindo por sua viagẽ foy ter a Iudá onde deixou sua frota & o presente que leuaua ao Turco, se foy por terra ao Cayro, & dahi polo Nilo abaixo ate Roxate hũ lugar na foz do Nilo sessenta milhas Dalexãdria: E chegado lá deu a embaixada & cartas q̃ leuaua ao Turco, que lhe respondeo logo que por aquele anno não podia dar a el rey de Cambaya a gente que lhe pedia, por quanto estaua de caminho pera a cidade de Belona, com determinação dentrar por ali em Italia, mandandolhe que esteuesse assi o presente q̃ lhe leuaua ate sua tornada, & então mãdaria a el rey de Cambaya a gente que pedia. E tornãdo o Turco de Belona sem fazer nada, foylhe o outro embaixador del rey de Cambaya que disse que lhe mandara com determinação de destruyr os Portugueses que andauão na India, por se arrepẽder de ter dada a fortaleza ẽ Diu. E este apertou cõ o Turco que mandasse a el rey de Cambaya o socorro que lhe mãdara pedir. E depois da chegada deste, chegou outro de Mirãomuhmahlá que mandaua pedir o socorro cõ grande efficacia pera se vingar dos Portugueses que tinhão morto a el rey de Cãbaya, & lhe querião tomar o reyno. E com a vinda deste derradeiro embaixador, determinando o Turco de dar o socorro que lhe pedião, escreueo a çoleymão baxá Rey do Cayro, Alexandria, Roxate, Damasco, Meada, ate Iudá, que lhe mãdasse leuar a Costãtinopla o dinheiro & presente que lhe mandara el rey de Cambaya, & as sete velas em que fora fossem leuadas a çuez, & serião varadas com outras que hi estauão, o que çoleimão fez logo & mãdou o dinheiro & presente per hũ capitã chamado Hamed rex, & por mãdado do Turco foy em sua companhia Iorge o arrenegado. E vendo ho Turco tanta riqueza mandada asi tão leuemẽte por hũ rey que moraua tão longe, pareceolhe q̃ a riqueza daquela terra deuia de ser sem conto, pelo que desejou de poder cõquistar Cambaya & o resto da India, & por isso se enformou de Iorge o arrenagado, asi da riqueza da Cambaya & dos outros reynos, & do poder de seus reys, & do dos Portugueses, que o enformou muyto largamente de tudo fazẽdolhe muy pouca cousa o poder del rey de Portugual na India, & q̃ com qual quer armada poderia lançar os Portugueses fora da India, & tomarlhe ho q̃ tinhão tomado. E nisto chegou a Costãtinopla,

nopla a principal molher q̃ fora delrey de Cambaya cõ muyto dinheyro & pedraria, & contou ao Turco a morte de seu marido, pedindolhe que mãdasse hũa armada á India pera lãçar os Portugueses fora. E nesta conjunçã chegou a Cõstãtinopla o embaixador delrey de Xael, q̃ lhe leuaua de presente dezoyto Portugueses que catiuarano seu porto com outros (como disse atras.) E antreles ya hũ Aluaro madeyra que presumia de piloto, de que tãobẽ o Turco se enformou das cousas da India, & do poder del Rey de Portugual nela; & achou que cõformaua com o que Iorge lhe tinha dito, & offreceoselhe pera yr na armada se a mandasse á India, porque sabia muyto bem o caminho, & os portos, & barras dela.

CAPIT. CXCIIII.

De como ho Turco deu a capitania moor da armada que mãdaua aa India a Çoleymão baxa a rey do Cayro, & do regimento que lhe deu.

COestas enformações & outras muitas que o Turco teue, determinou de mãdar hũa armada á India, pera ver se a podia tomar aos Portugueses, & os nauios pera esta armada estauão em Çuez, que lhos mãdara fazer Habrahem baxá muyto grande seu priuado pera yr conquistar a India, onde não foy por o Turco o matar quando soube q̃ queria dar Costantinopla ao Emperador. E determinando o Turco de mãdar esta armada á India, deu a capitania mór dela a Çoleimão baxá rey do Cayro, que sabendo como a armada auia dyr, pedio a capitania mór dela ao Turco, cujo porteiro da camara fora, & primeyro de seu pay, a quem sendo Christão & natural da Morea, fora dado de tributo em moço, & o Turco o mandou capar pera ser seu porteyro da camara & andar antre as suas molheres: & a causa de alcãçar tamanho senhorio foy, porque reynando ho messmo Turco que então reynaua (a quẽ como digo seruira de porteiro da camara) se lhe leuãtou Hamedbaxá rey do Cayro, Alexandria, Roxate, Damasco, Meada, ate Iudá, a que o Turco deu este senhorio, porque no cerco de Rodes inuẽtou as albarradas com que foy tomado & fez a fortaleza de madeyra em que o Turco pousou em quanto durou o cerco: E leuantado este Hamed baxá, foy morto por Camusay mouro Arabio natural de Lepo, & tesoureiro mór do Cayro, que primeiro que o matasse escreueo seu leuantamento, & que determinaua de o matar, & morto, mandou a cabeça ao Turco com as cartas de como o matara. E mãdado este recado, ya já por caminho Çoleimão baxá, que o Turco mãdaua com hũa armada de doze velas em fauor de Camusay: E achando Çoleimão o seu recado que mandaua ao Turco, tomou as cartas & rõpeas, & com a cabeça de Hamed baxá se tornou á Costãtinopla, & disse ao Turco q̃ ele matara Hamed baxá, pelo qual lhe deu o senhorio que tinha Hamed baxá, & daqui ficou grãde imizade antre Camusay & Çoleimão, que com quanto era tamanho senhor & de ydade de setenta annos, & tã gordo que depois que se assentaua nã se podia leuantar, & dous homẽs o leuantauão, & tinha tamanha papada q̃ lhe caya sobre os peytos, era tão cobiçoso de gloria & de dinheiro, que por alcãçar tamanha como seria tomar a India aos Portugueses, & ser senhor dos muytos & grandes tesouros que lá auia, pedio esta empresa ao Turco, com condição q̃ pa-

garia á ſua cuſta a gente da armada. E ſendolhe cõcedido pelo Turco, fugio Aluaro madeyra o piloto de Coſtãtinopla & deu conſigo em Portugal, & contou a elrey a paſſagem deſta armada á India, pelo que o elrey ſoube primeiro que ela lá foſſe. E tẽdo çoleimão baxá preſtes as couſas de ſua armada, ſe partio de çuez na entrada de Iulho de 1538. annos com hũa frota de ſetenta & quatro velas .ſ. quinze galès baſtardas de trinta & tres bãcos cada hũa, vinte cinco galès reays de trinta bancos, dez galès ſotis, quatro albetoças, a que eles chamão maonas cõ ſua apelaçã, ſeys galeões de duas gaueas, & outros quotro nauios mais pequenos, que fazião por todos ſeſſenta & quatro velas, fornidas todas de muyta & boa artelharia de metal, & de ſeys mil & quinhentos homẽs de guerra .ſ. mil & quinhẽtos Ianiceros, & dous mil Turcos todos eſcolhidos & gente limpa que lhe forão de Coſtantinopla, & tres mil homẽs outros, q̃ por ſerem vſados no mar auiã de ſeruir dofficiaes dos nauios, & de ſoldados quando foſſe neceſſario, & ſete mil homẽs forçados pera remeyros, a que tomou as armas. E porque algũs ſe lhe querião amotinar mandou degolar duzentos, & a fora iſſo fez outras muyto grandes cruezas & tiranias pera auer dinheiro com que auia de pagar á gente. E leuaua neſta armada cinco capitães prĩcipaes .ſ. Iucefhamet capitã mór do mar Dalexandria, a que çoleimão deu a capitania mór daquela armada, deixãdo pa ſy a jurdição, os outros forão Muſtafaa, da caſta dos Mamelucos, que çoleimão pos em lugar de Camuſay teſoureyro mór do Cayro, que ya tãobem por capitão, & çoleimão o matou por ſe temer dele, que erão ĩmigos, como ja diſſe, os outros tres capitães auião nome, Habrãhembeque Ianicero, & outro Habrahẽbeque da caſta dos Mamelucos, & Mahmuhdebeque, & o regimento do Turco que leuaua foy eſte: Que foſſe tomar a coſta da enſeada de Cambaya ou Mãgalor, & hi fizeſſe agoada, & não pelejaſſe com ninguem ſe não cõ a propria armada do gouernador da India por el rey de Portugual, porque não enfraqueceſſe ou diminuiſſe ſua armada, & ſe o gouernador não quiſeſſe pelejar coele no mar, ſe foſſe á cidade de Goa & lhe poſeſſe cerco & tomada ſe fizeſſe nela forte, porq̃ logo lhe mandaria ſocorro pera ſe defender dos Portugueſes: E ſe em Mangalor ſoubeſſe que não podia pelejar com a armada do gouernador, nẽ tomar Goa ſem auenturar muyto de ſua armada & gẽte que então ſe foſſe a Ormuz & o tomaſſe & ſe fizeſſe hi forte, porque logo o ſocorreria com breuidade.

CAPITVLO CXCV.

De como çoleimão baxaa ſe partio caminho da India, & do ardil que teue pera tomar a cidade de Dadem, & de como chegou ao porto de Diu.

Partido çoleimão baxá de çuez, deuſe a mayor preſſa que pode em ſua viagem, porque não foſſe ſabida na India primeiro que chegaſſe, pera o que tinha feita grande diligencia, porque nhũa vela ſayſſe do eſtreyto antes de ele ſayr: & de çuez pos tres dias de caminho ao Toro, & do Toro a Iudá cinco, & fez de demora doze, & quiſera por manha acolher el rey de Iudá, que como ſabia bem a pouca verdade dos Turcos, principalmente de çoleimão, & quão cruel & tirano era, deſpejou a cidade & posſe em ſaluo: E çoleimão ajuntou aquy á ſua armada as

ſete

ſete velas que ali eſtauã que forão del rey de Cambaya, & tres naos de Hamezui vẽdor da fazenda do Cayro, & outras duas del rey de Iudá, com que a fez de ſetenta & ſeys velas. E partido de Iudá pos ꝗtro dias até Camarão, & de caminho tomou Azibelé, hũ lugar na coſta Darabia, de que era ſenhor hũ Turco chamado Nacodahamet, ꝗ depois de fazer muyto bõ recebimento a çoleimão, foy degolado por ſeu mandado, ſem mais outra cauſa ſenão a de ſua crueza, & deu ho ſenhorio do lugar a Muſtafa ſeu capitam: E chegado a Camarão eſcreueo a el rey Dadem como ya á India & a cauſa porque, pedindolhe que ouueſſe por bem de lhe dar licença ꝑa entrar no porto Dadẽ a tomar agoa, lenha, & carne, que entretanto o que leuaua a carta lhe faria preſtes & aſsi algũas caſas pera deixar hi muytos doentes que trazia, do que el rey foy contente, parecendolhe que çoleimão lhe falaua verdade, que depois que fez em Camarão quinze dias de detẽça, ſe partio pera as portas, & gaſtou no caminho hum dia & hũa noyte, & outro tanto das portas ate o porto Dadem, onde ſurto, el rey Dadem o mandou viſitar com muytos refreſcos, & çoleimão pera tomar a cidade por manha como trazia determinado, mandou lá os doentes que mãdara dizer a el rey que trazia pera os deixar nela, & eſtes forão dos mais esforçados, & ya hũ homẽ lançado em hũ leyto, & nele eſcõdidas as armas pera ſy & pera outros que o leuauão. E como as caſas pera eſtes doentes eſtauão deſpejadas & perto do mar, de quatro que leuauão hũ doente ficauão dous pera o curarem, no que os da cidade não atentauão porque os viã ſem armas, & co eſta manha ſe meterão em quatro ou cinco dias bem quinhentos homẽs, & depois de ſerem dentro, mandou çoleimão rogar a el rey Dadem que foſſe á ſua galé, porꝗ tinha de falar coele couſas que releuauão muyto, do que el rey fez eſcarneo. E como iſſo era o que çoleimão queria, mandou fazer hũ ſinal, a ꝗ os doentes ſayrão todos cõ ſuas armas, & derão nos paços del rey, onde entrarão de roldão ſem auer quem lhes podeſſe reſiſtir por ſua ſupita vinda, & el rey foy preſo & leuado á galé de çoleimão, ficando a cidade em poder dos doentes: E el rey Dadem depois que foy na galé de çoleimão lhe perguntou, porque ho mandara prender fiandoſe dele, & ele lhe reſpondeo, que ſe lhe parecia bem eſtar ele em peſſoa do Turco, & auer quatro dias que eſtaua ali & não o yr ver, ao ꝗ el rey reſpondeo com muyto esforço, ꝗ ſe ali eſteuera o Turco ſenhor de çoleimão, ꝗ era rey como ele, que o fora ver, mas a ele ꝗ era ſeu eſcrauo & ſeu capitão, como queria que o foſſe ver, que ele o tinha em ſeu poder porque ſe fiara dele, porꝗ ſe não ſe fiara nunca a ſua gente lhe entrara na cidade, nem ſe liurara dali com cabeça, & çoleimão o mãdou logo enforcar em hũ palanco da galé, & depois pẽdurar á porta da cidade, que logo mandou ſaquear por ſua gente, & ele ſayo em terra & ſe pos á porta, mandando apregoar ꝗ ſope na de morte quanto foſſe roubado na cidade tudo ſe leuaſſe á frota: E çoleimão buſcaua a quantos ſayão de dentro carregados

gados do roubo, & tomaualhe todo ho ouro, prata, & joyas que lhes achaua, & o fato deixaualho, & coisto ouue muyto grande soma douro & de prata: E vendo os soldados que não partia coeles tomarãolhe mortal odio, & o mesmo saco q̃ se deu á cidade se deu a tres naos de Malabares que estauão no porto que lhes çoleimão mandou tomar pera leuar carregadas de mantimentos, & aos Malabares tomouos pera remeiros. Tomada a cidade, mandou cortar as cabeças aos principaes moradores dela, porque não fizessem aluoroço depois de sua yda: & prouendoa de gente de guerra & dartelharia, deixou nela por capitão Habrahẽ beque Ianicero, & partiose pera a India, & neste golfão asi por hũ grãde tẽporal que lhe deu, como por sua forte & aspera condição, se apartarão de sua conserua seys velas, & hũa delas que era hũ galeão foy ter aos jlheos de santa Maria na costa da India, onde Antonio de souto mayor estaua com certas fustas darmada, q̃ pelejou todo hũ dia cõ os Turcos que yão neste galeão. E depois de muyto grande peleja os desbaratou matando os nossos os mais deles, & dos q̃ ficarão viuos soube como ya çoleimão, & os mandou ao gouernador Nuno da cunha, que saben do esta noua se começou de fazer logo prestes pera socorrer a Diu, onde lhe pareceo que esta armada auiá dyr dereyta. E continuando çoleimão sua viagẽ pera a costa da India, depois de quinze dias de partir Dadem, foy ter ao porto de Mãgalor, onde Coge çofar parece que auisado de sua yda o estaua esperando, & lhe foy falar ao mar louuando muyto sua vinda & poderosa armada, & aconselhandolhe que fosse a Diu, porque quem quisesse senhorear a India tinha muyta necessidade de ter aquela cidade pera ho fazer mais facilmente, por ser muyto forte de sua naturez, & ter bom porto & varadoyro, & estar a balrrauento da India, & que a tomaria sem nhũ trabalho porquão poucos & mal armados eram os Portugueses que estauã na fortaleza, & mingoados de muytas cousas necessarias pera sua defensam, & muyto cansados do trabalho da guerra que lhes ate li tinha feyta: & coestas rezões se demoueo çoleimão a yr a Diu & quebrar ho regimẽto do Turco. E partiose pa Diu, indo Coge çofar diante por terra, & a hũa quarta feyra quatro dias de Setẽbro de 1538, ás dez oras do dia chegou á vista de Diu, & começou de se ver da fortaleza a armada de çoleimão que ya nesta ordem: Da banda do mar afastadas da terra obra de duas legoas yão quatorze galès reays feitas em hũ escoadrão, & ao lõgo da terra sete, & a pos estas todas as outras galès & nauios de peleja da armada, & no meo as naos de carrega, então se conheceo ser esta armada de Turcos pelo grande numero de nauios de remo que era. E tãobem chegou nesta conjunção Miguel vaz na sua fusta, que certificou ser a armada de Turcos. O q̃ sabẽdo Antonio da silueyra escreueo logo hũa carta de crença pera o gouernador q̃ lhe mandou pelo mesmo Miguel vaz, dizendolhe que contasse largamente ao gouernador como ficaua, & ele se partio logo pera Goa, & como era muyto esforçado em sayndo do porto por se afiirmar na verdade de camanha a frota era, fez seu caminho muyto perto da armada, & sayrãolhe doze galès tirandolhe ás bõbardadas que o ouuerão de tomar se lhe não

acalma-

acalmara o vento: & vendo que ho não podião tomar, se forão surgir junto da outra armada, que surgio ao baluarte de Diogo lopez de sequeyra fazendo grandes alegrias.

CAPITVLO CXCVI.

Do que fez Antonio da silueyra com a vinda dos Turcos.

VEndo Antonio da silueyra sobre sy hũa armada tão poderosa como a dos Turcos, & que segundo os muytos annos q̃ auia que sesperaua na India deuia dir muyto bem prouida de gente, artelharia, & munições, não perdeo a esperança que tinha em nosso Senhor que o ajudaria, nem o esforço que sempre teue em semelhantes perigos, & não lhe lembreu que estaua çem legoas do gouernador, nem em hũa fortaleza cõ tão pouca artelharia, & muyto pouca gente, que ainda que auia setecentos homẽs de rol, somente os duzentos estauão bem armados pera pelejarem, porẽ dos outros os trezentos erão espingardeyros, que asi o achou polo alardo q̃ fez. E depois ajuntados os fidalgos & pessoas principaes q̃ estauão na fortaleza pa repartir por eles as estancias que auia de fazer lhes disse. Ex aquy senhores o tẽpo em q̃ auemos de poer diante seremos Portugueses, & vindos a estas partes a seruir a Deos & a elRey nosso senhor, porque o contentamento de se offerecer cousa em que possamos alcançar o que pretendemos, nos fara facilmente passar todos os trabalhos que se nos deuem representar do muyto aparato de gente & artelharia q̃ tão perto de nós temos. Eu de mĩ digo, q̃ estou tão confiado em nosso Senhor, & nestes bõs desejos, & na companhia com q̃ me acho, que tenho por muy certo, que não somente auemos de defender esta fortaleza a estes infieys, mas ainda os auemos de desbaratar & alcançar deles jllustre vitoria. E porque tenho bem entendido q̃ nesta confiança não faço auentagẽ a nhũ dos que aqui estão, não lembro as grandes obrigações q̃ todos temos pera ter estas esperanças, nem as muytas vitorias que nos Deos por sua bõdade tem dado nestas partes contra estes seus & nossos ĩmigos. E logo tratou de repartir as estãcias da fortaleza da maneyra seguinte. A Gonçalo falcão deu a goarda do baluarte sam Thome, & no pano do muro q̃ se começa neste baluarte & vay dereyto ao baluarte de Santiago (que fez Garcia de Sá) ordenou tres estancias, de q̃ forão capitães, Manuel de vascõcelos juyz dalfandega, natural da jlha da Madeyra, Francisco anrriquez tesoureiro dalfandega, & Antonio foreyro escriuão da fortaleza, & no pano do muro que corria do baluarte de sam Thome ate o postigo, pos duas estãcias, de que forão capitães, Rodrigo de proença, & Fernão peleja, escriuães da feitoria, & no baluarte Santiago, deixou por capitão como estaua Gaspar de sousa, & no pano do muro que sae deste baluarte & corre ao longo do rio ate as casas dele mesmo Antonio da silueyra por ser ali o muro delgado q̃ ficara do tẽpo de çoltão badur, & era lugar de grande perigo ho deu a Lopo de sousa coutinho que o goardasse, dizẽdolhe logo o porq̃ lho daua, no q̃ mostrou ter nele grande confiança como tinha. Em outra estancia que fez na feitoria velha, pos por capitão o feitor Antonio da veiga, a capitania do baluarte da coyraça que entraua no mar, pos por capitão a Fernão velho filho do Alcayde mór, & por ser o lanço peq̃no lhe não deu mais

de vinte

devintecinco homés pera sua cõpanhia: a capitania do baluarte da barça, que tão bem chamão do almazem, deu a Francisco de gouuea, q̃ era capitão mór do mar: No baluarte do mar ficou Antonio de sousa de Lamego como estaua. No pano do muro que vay ao longo delongo da costa braua, por ser muyto forte, & nam se poder por alireceber damno, não teue mais necessidade que de vigias, porq̃ não fugissem por ali os escrauos, & descobrissem aos ímigos o que ya na fortaleza, & Antonio da silueyra ficou por sobresalẽte com a sua gente pera acodir aos lugares necessitados de socorro, & pera roldar as estancias: & mandou aos casados que vigiassem a casa da poluora, porque lhe não posessem os escrauos fogo, & assi a cisterna, porque lhe não deytassem peçonha. Isto ordenado, logo os capitães das estancias começaram de se fortalecer onde era necessario, trabalhando com os de suas capitanias sem descansar, porque os immigos os nam tomassem desapercebidos.

CAPITVLO CXCVII.

Do que aconteceo aos Portugueses com seteçentos Ianiceros que desembarcarão em Diu.

COge çofar que naturalmente queria mal aos Portugueses por os ter por ímigos, & por nũca leuar deles o melhor em quanto lhe fez guerra, estaua muyto ledo com a vinda dos Turcos, porque a fora lhe ser inclinado pola criação que teue coeles, parecialhe que ho auiam de vingar dos Portugueses tomãdolhe a fortaleza, & destruyndo de todo, assi os que estauam nela, como per toda a India, & por isso desejaua muyto de os ajudar, & engrandecia muyto sua armada a Alucão, depois que se vio com çoleymão baxá em Mangalor: E sem nenhũa vergonha lhe cometeo que fizessem chamar no alcorão de Diu por rey de Cambaya ao Turco, como lhe çoleymão rogara que fizesse, o que Alucão nam quis fazer, espantandose muyto da deslealdade de Coge çofar, tendo recebida tanta honrra & merce em Cãbaya, & querer fazer tamanha treyção a el rey & ao reyno, & disse que nam auia de ter nhũa amizade com çoleymão nem com os Turcos, porque sabia bem quam má gente eram, & se ele a ouuesse de ter, que nam estaria mais em sua companhia: & Coge çofar dissimulou coele. E como çoleymão surgio o foy visitar, & dissellhe o que achara em Alucão, açerca de sua amizade, porem que ele o seruiria com a gente que tinha, atee morrer em seruiço do Turco & seu, & deulhe informação do sitio da fortaleza, fazẽdoa sempre cousa muyto facil de tomar, & depois se tornou pera terra. E çoleymão por animar os Guzarates, ao outro dia que foram cinco de Setembro, mandou desembarcar seteçentos Ianiceros que sayram com suas cabayas deles de borcado, outros de cetins carmesins, & doutras cores lustrosas, & nas cabeças hũs chapeos de feltros feytos como çaladas antigas, (que os fazem conhecer por Ianiceros antre a outra gente,) & eram todos guarnecidos & orlados douro & com ricas plumas, & estes eram todos frecheyros & espingardeyros: & assi como desembarcaram, fizeram ho caminho pera a

fortaleza, poendo as mãos nos bigodes que eles tem por grande fero & assi outras rebolarias que costumam por serem de seu natural muyto soberbos. Os de Cãbaya espantados de tamanha ousadia os seguiram, cuydando que auiam logo de subir ao muro, & eles nam o fizeram assi, mas meteramse polas casas que forão dos Portugueses, que estauão darredor da fortaleza pera as roubarem, ao que Antonio da silueyra acodio, mandandolhes tirar ás espingardadas, com que foram mortos cincoenta, & eles mataram sete dos Portugueses & ferirão vinte, mas como recebião mayor dano nam quiseram yr mais por diante, & afastarãose dandolhes os Portugueses grandes apupadas, q̃ eles tem por grande injuria: E Alucão q̃ conhecia muyto bem os Turcos & sua pouca verdade, & mais pelo q̃ lhe Coge çofar cometeo da parte de çoleymão, nã quis coeles nhũa amizade, & por isso não quis estar ali mais, & partiose aquela tarde pera Nouaguer cõ seys mil homẽs, q̃ dos de sua cõpanhia nã quiserão yr mais coele por induzimento de Coge çofar cõ quem ficarão, que com os seus faziã treze mil: E em Nouaguer esteue Alucão todo o tempo que durou o cerco da fortaleza, & dahi escreueo a el rey de Cambaya o q̃ lhe Coge çofar cometera da parte de çoleymão, pelo que se fora pera Nouaguer: E el rey lhe respondeo que fizera muyto bem, mandãdolhe que não desse nenhũs mantimentos aos Turcos & defendesse q̃ lhos não leuassem, & assi o escreueo a todos seus capitães comarcãos de Diu, que o compriram muy bem, & nunca el rey de Cambaya quis mandar o contrayro por mais cartas que lhe çoleymão escreueo sobrisso: o que he de crer que quis nosso Senhor porque os Turcos fizessem tã pouco como fizerão contra os nossos, de que foy grande causa o pouco fauor que acharão nos Guzarates.

CAPITVLO CXCVIII.

De como çoleymão baxaa se foy ao rio de Madrefabaa pera mandar çalhar sua artelharia sobre cuberta pera bater a fortaleza de Diu.

Como foy noyte deram os Turcos mostra de sua espingardaria, & em eles acabando a deram tambem os Portugueses per mandado Dantonio da silueyra, porque soubessem os Turcos q̃ auia quem lhes resistisse, & tiraram todos hũ & hum, & como eram trezentos deteueramse hum bom pedaço em tirar, & em acabando deuse mostra da nossa artelharia desparando cada peça por si, & apos isto tangeram as trombetas, & depois derão os da fortaleza grandes gritas, de que se os Turcos agastaram muyto, principalmente çoleymão, que na mostra que os Portugueses fizeram conheceo que era gente de feyto, porẽ disimulou, & depois disto tudo ouuirão os da fortaleza dizer de fora em altas vozes, portas, pedras, & isto por algũa vezes, no q̃ pareceo q̃ dizião aos Portugueses q̃ tapassẽ com pedras as portas da fortaleza, do que Antonio da silueyra tinha muyto bem cuydado, & nam era necessario lembraremlho: Ao outro dia, que foram seys de Setembro, começou de ventar Sul, que por ser trauessam ondestaua a armada dos Turcos fez algum receo de tormenta a çoleymam, mas acalmou

logo

logo, & quis nosso Senhor deyxar a matança dos Turcos pera os Portugueses. E determinando çoleymão de tomar a fortaleza por conselho de Coge çofar, se foy ao rio de Madrefabá pera hi çalhar sua artelharia sobrecuberta que trazia abatida, & porque nisto se auião de gastar algũs dias, não o quis mandar fazer no porto de Diu, porque o não destruysse a artelharia da fortaleza: E como seu fundaméto era tomar primeyro ho baluarte da vila dos Rumes que a fortaleza, mandou a Coge çofar que ficasse preparando as cousas necessarias pera se bater, & deyxoulhe quinhentos Turcos que o ajudassem debaixo da capitania de Mahmudebeque, & ele se partio pera Madre fabá sabado sete de Setembro, & ao entrar no rio se lhe perderão quatro nauios de carrega, carregados de mantimentos & munições, que lhe depois deram grande perda: & a primeyra cousa que çoleymão fez, foy mãdar desembarcar tres basaliscos & outros tiros que mandou a Coge çofar per Abrahembeque com quinhentos Turcos, & por ser ho caminho comprido & em muytas partes darea solta, não pode yr mais que hum dos basaliscos com as outras peças que foram leuadas a Diu, onde Coge çofar & Mahmudebeque andauam occupados em fazer as trinchas, bastiães, repayros, & mantas de que tinham necessidade pera as baterias que esperauam de dar ao baluarte & á fortaleza, & com tudo nam deyxauam de tirar aa fortaleza muytos tiros perdidos com a artelharia, desque amanhecia até ho quarto da prima rendido, & assi cõ espingardas com que lhe tirauã cada dia bẽ dez mil tiros, & os mais deles empregauão na ygreja que estaua em hũ alto & parecia de fora, & assi hũa rua pubrica q̃ atrauessaua por diante da porta principal & por ser passagem de gente, & assi por amor da que entraua na ygreja q̃ os imigos viño faziáo ali os seus tiros, mas nosso Senhor goardaua os Portugueses, posto que as espingardadas lhe yão zenindo pelas orelhas, & coisto erão brauamẽte atromentados, & sofrião muyto grande trabalho repayrando todos o que era necessario repayrarse na fortaleza. L. do brando as ameas dos baluartes na grossura do muro de pedra & barro, & fazendo mantas & derribando as pontes da porta da fortaleza & do postigo, & tapãdo as portas de entulho de pedra & terra, & na coyraça foy feyto hũ contra muro, & na estancia de Lopo de sousa coutinho, se fez hũa tranqueyra de madeyra, & por dentro hũa estacada tecida, & todos trabalhauam nestas obras sem auer deferença de pessoas cada capitão na obra que fazia em sua estancia com a gente dela, & todos a qual mais esforçado sem mostrar nhũ cãsaço.

CAPIT. CXCIX.

De hũ ardil com que Coge çofar quisera fazer muyto mal aos Portugueses, & de como lhe atalhou Francisco de Gouuea capitão moor do mar de Diu.

DEterminando Coge çofar, Abrahẽbeque, & Mahmudebeq, de fazer aos Portugueses quãto mal podessem fabricarão hũa machina de guerra em hũa albetoça doytenta couados de comprido que fora de çoltão badur, & por sua grandeza nam podia nauegar, & estaua vara-

da, & acrecentando esta em altura a fizerão quasi tá alta como o baluarte do mar ou da vila dos Rumes, & feyta a mandarão encher de lenha, salitre, enxofre, & alcatrão que fizesse tudo grande fumaça, & poer no meo do rio amarrada com quatro ancoras, duas de montáte & duas de jusante, porque esteuesse mais segura até serem agoas viuas cõ que podesse nadar, porque por seu grande peso o não podia fazer com agoas mortas, & isto com determinação de a encostarem ao baluarte da vila dos Rumes & daremlhe fogo pera que com o fumo fizesse grande nojo aos Portugueses, ou tambem pera que facilmẽte os podessem cõbater, o q̃ se ouuera effeyto lhes fizera muyto mal: & considerando isto Antonio da silueyra, pera lhe atalhar, lhe pareceo bem queymarse esta fabrica antes que viessem as agoas viuas, sobre o que fez conselho no baluarte sam Thome com os capitães das estancias, a quem propos o caso & pedio seus pareceres de como se queymaria aquele edeficio & por quem: & Frãcisco de gouuea capitão mór do mar que estaua presente, & por seu officio lhe pertencia fazer aquela queyma, disse a Antonio da silueira primeyro que ninguem votasse, que ele podia praticar o modo que se auia de ter em se queymar aquela nao, porq̃ quẽ o auia de fazer ja estaua çerto ser ele Francisco de gouuea, & que sua merce & todos aqueles senhores vião muyto bem o seruiço que fazia a el rey de Portugal, & o perigo que corria em o fazer. Antonio da silueyra lhe disse que todos serião testemunhas disso & da merce que merecia em o fazer: & ordenouse que aquela noyte fosse Francisco de gouuea no catur de Miguel vaz, que era ja vindo de Goa, & fossem coele Bertolameu fernandez, & Bastião diaz capitães de dous catures, pera que todos tres juntamente posessem o fogo com panelas de poluora, & que os que ouuessem dir nos catures fossem espingardeyros, pera que se defendessem dos imigos se lhes fosse necessario: Isto assentado, como foy bem noyte partiose Francisco de gouuea a fazer a obra que lhe era encomendada, & com quanto fazia escuro, como o rio era estreyto foy logo sentido dos immigos que vigiauão na borda dele, que em o sentindo desparatam sua artelharia que tinhá assentada por aquela parte: & quanto mais tudo estaua calado, tanto mais espantoso foy ho supito estrondo da artelharia & a grande fumaça que se leuantou, & assi como a artelharia jugaua de pressa, assi os remeyros dos catures apertauão o remo com tanta força que parecia que voauam, & co esta diligencia ajudandoos nosso Senhor se escapulirão de tamanha soma de pelouros, & forão pegar com aquela machina q̃ parecia hũa muyto alta & grande torre, em que estauão obra de vinte mouros em sua goarda: E em Francisco de gouuea & os outros aferrãdo cõ a nao, arremessarãlhe dẽtro muytas panelas de poluora & rocas, & outros artefiçios de fogo que se pegou logo ao alcatrão & aos outros materiaes, & começando a labareda de se leuantar, derão os mouros consigo nagoa com medo da morte, de que nam poderão escapar aos nossos que os mataram

nagoa,

nagoa, & Francisco de gouuea & os dos outros catures esteuerão sobre o remo atè que o fogo que poserão se ateou de maneira que não se podia apagar, o que foy feyto com muyto grande perigo dos que estauão nos catures, por serem em todo este tempo tão bastas as bombardadas & espingardadas que os mouros tirauão, que milagrosamente escaparão os Portugueses: E queymada a nao de todo, tornouse Francisco de gouuea com o mesmo perigo, & por este feyto que fez ficou muyto louuado.

CAPITVLO CC.

De como soube ho Gouernador que estauão os Turcos no porto de Diu.

SAbido pelo Gouernador como çoleymão baxa estaua com sua armada no porto de Diu, receouse que passaria a Goa & açercaria, & porque co isso to lheria yrem mantimentos a Goa, determinou de se prouer primeyro da terra firme, & por conselho de Fernão rodriguez de castelo branco vedor da fazêda, mandou hũ embaixador a Açadacão com a noua da vinda dos Turcos, pedindolhe muyto que não fizesse gente com receo deles, & q̃ asi o mandasse dizer aos capitães do Daquê, porq̃ ele so queria tomar o trabalho de lhes resistir, pera q̃ soubessem quão bõ vezinho tinhão nele: E coeste embaixador foy quẽ comprasse mãtimentos disimuladamẽte & os mãdasse a Goa, & asi se fez: & Açadacão folgou muyto coesta embayxada, & agardeceo ao Gouernador o q̃ lhe mandou dizer. E em quãto se o gouernador apercebia pera yr socorrer Antonio da silueira, lho mãdou dizer por Fernão de moraes, com q̃ forão obra de vinte soldados escolhidos, & em Chaul se ajũtou cõ Pero vaz guedez, q̃ Symão guedez de sousa capitã da fortaleza mandaua tambẽ cõ poluora & munições, & entrarão ambos no porto de Diu por estar despejado dos Turcos, nẽ forã vistos de Coge çofar por ser de noite, & Pero vaz se tornou a Chaul, & Fernão de moraes nã fez outro tãto por lhe Antonio da silueira requerer q̃ o nã fizesse: & dali a dous ou tres dias foy hũa noyte a fortaleza Frãcisco pacheco capitã do baluarte da vila dos Rumes, dizẽdo que queria fazer testamẽto & descarregar sua alma: o que sabẽdo o feytor Antonio da veyga lhe mãdou requerer que pagasse a el rey certa soma de dinheiro q̃ lhe deuia, do q̃ se ele ouue por muyto injuriado & se agrauou do feytor a Antonio da silueira, de q̃ se agrauou tãto por lhe dizerem q̃ era bem q̃ pagasse o q̃ deuia, q̃ lhe engeitou a capitania do baluarte, & por Antonio da silueyra ficar disso agastado, se lhe offereceo Lopo de sousa coutinho pera a capitania, quando Frãcisco pacheco a nã quisesse de todo, & isto por seruir el rey cõ quãto o perigo estaua muy çerto, mas nã foy necessario por Frãcisco pacheco tornar a tomar a capitania, & Antonio da silueyra disimulou este desacatamẽto por ser o tempo que era. E nesta conjunçam apareceo ao mar hũa nao da conseruar dos Turcos que ya carregada de mantimentos, & leuaua trezentos homens, os mais de peleja, & per mandado Dantonio da silueira a foy reconhecer Miguel Vaz no seu catur em que leuaua dous berços, & quinze espingardeyros:

& chegando á nao que estaua surta pera auer fala dela, os mouros lhe tirarão com a artelharia & muytas frechadas, & asi se começou a peleja que durou até a tarde que veo a viração, com que os mouros leuando ancora forão varar na terra firme da banda da enseada, & Miguel vaz a seguio até lhe sayrem dous bargantins de Turcos que vigiauão o mar, & por nam ter poluora nem pelouros não quis co eles nada, & se foy leuando dous feridos, deyxando mortos & feridos dos mouros cẽto & çincoenta, segundo se soube.

CAPIT. CCI.

Do que fez Vasco pirez de Sampayo em Bẽgala.

TOMADA a cidade do Gouro por Xercansur, como disse atras, escaparão muyto mal feridos tres Portugueses que estauã com el rey de Bengala, Afonso vaz de brito, Diogo ferraz, & Ioão adão, & forãose a Chetigão pera Nuno fernãdez freyre: E sabido lá como o Gouro era tomada, & el rey de Bengala fugido, aleuãtouse grãde cõtenda antre dous senhores mouros vassalos del rey de Bengala, Codauazcão & Amazarcão que estauão em Chetigão sobre qual seria senhor dela, & Nuno fernãdez os concertou, & ficou Amazarcão: E nisto chegou a Chetigão per mandado de Xercansur hũ capitão Patane por Nogazil, q̃ he como regedor, & tomou posse dela pacificamente: & dizendolhe Nuno fernãdez os officios q̃ tinha em Chetigão por prouisão do rey que fora de Bengala, & ele disse que os teuesse, porque Xercansur folgaria muyto co isso, & lhe faria ainda mayores merces que aquelas por ser muyto amigo dos Portugueses, & estando nisto chegou Vasco pirez de sampayo com a armada que disse, com o que Amarzacã & outros senhores Bẽgalas folgarã muyto, & acordarão todos que pois leuaua tãta gente que lhe requeressem que predesse o Nogazil de Xercansur, & tomasse a cidade com voz de ser pera el rey de Begala, porque todos o ajudariaão: & se el rey tornasse como esperauão que ficaria a cidade pera el rey de Portugal, & senã que mãdaria recado ao Gouernador q̃ o socorresse pera soster a cidade, & asi lho mandarão pedir por Nuno fernãdez freire que lhe conselhou que o fizesse, porq̃ ficarião os Portugueses em grande credito naquela terra, o que Vasco pirez nã quis fazer, dizendo que pois a terra estaua asi, q̃ queria fazer sua fazẽda & yrse, & mandouse escusar a Amarzacão pelas mais honestas rezões que pode, dãdolhe esperança que prenderia ainda o Nogazil, rogãdolhe que o não prẽdesse sem seu recado, & ele lho prometeo: E neste tempo chegarão os Mogores ao Gouro, não estando hi Xercansur que era ydo a poer em saluo o tesouro del Rey de Bengala: & sabendose em Chetigao a vinda dos Mogores, pareceo aos Bengalas que o seu rey era tornado (pelo que foy em todos grande aluoroço.) E Amarzacão vẽdo que Vasco pirez não quisera prender o Nogazil, não se fiou dele pera lhe dizer que o prendesse, & quis que fosse preso por seu mãdado, asi por ganhar nisso honrra, como por alegar aquele seruiço a el rey de Bengala, & secretamente mandou hũ capitão cõ quinhentos Bengalas

frechey-

frecheyros & espingardeyros que prendessem o Nogazil, que supitamente lhe cercarão a casa & o tomarão desaperçebido pera não se defender, que quando se vio asi mandou chamar Nuno fernandez que lhe valesse, & que antes queria ser preso dos Portugueses que dos Bengalas: E Nuno fernãdez por auer perigo na tardança não deu cõta do caso a Vasco pirez que estaua na frota, & foyse a casa do Nogazil, & quando os Bengalas o virão, derão hũa grande grita nomeando el rey de Bengala, & por lhe terem grande acatamento o deyxarão entrar ondestaua o Nogazil com hum seu yrmão em poder de certos Bẽgalas que os tinhão presos, que ele fez afastar, & sabendo do Nogazil que queria ser antes preso dos Portugueses que dos Bengalas, disselhes a parte que Amazarcão nã era bem conselhado em prender o Nogazil daquela maneyra, que ouuera de mandar algũs officiaes dalfandega, a que o Nogazil tinha tomado dinheyro de q̃ ouuera de saber quanto era, & mandalo escreuer, & depois proceder contrele: o que parecẽdo bem ao capitão que tinha preso o Nogazil, mandou dizer a Amazarcão o que dizia Nuno fernãdez, que tambem mandou logo hũ escrito a Vasco pirez, em que lhe contaua o caso pera que acodisse logo: & ele mãdou Frãcisco de barros de paiua cõ cincoenta espingardeyros, que em chegando ás casas do Nogazil começarão de tirar, pelo que os Bengalas fugirão & o seu capitã, & Francisco de barros tomou o Nogazil & o leuou a Vasco pirez, que o teue preso bem seys meses, & depois o deyxou fugir por peytas que lhe deu: E estando asi a cousa, forão ter a Bengala sessenta Turcos em hũa galeota que se apartarão na partida Dadem da armada deçoley mão baxá, & passando por Pegu deytarão fama que o Gouernador & os Portugueses erão mortos polos Turcos, & dando a mesma noua em Bengala, forãose meter em hum rio quatro legoas de Chetigão: O que sabendo Vasco pirez, mandou Francisco de barros de paiua na sua fusta, & algũs calaluzes com gẽte pera q̃ tomasse a galeota aos Turcos, que se defenderão tambem que o fizerã afastar, & logo vararão a galeota, & fizerão hũa tranqueyra em q̃ assestarão quatorze bombardas que tinhão, & estãdo ali catiuarão tres Portugueses a que derã muytos tormentos, ameaçando os outros que os auião denforcar. E Vasco pirez com quanto tinha muyta gente nũca quis vingar esta injuria, nem tomar os Turcos, o que podera bem fazer, nẽ menos quis dar ajuda a Nuno fernãdez frey re q̃ lha pedio pera yr defender hũa nao noua que tinha carregada de fazenda, q̃ soube que os Turcos querião yr tomar: o que vendo Diogo rabelo o foy ajudar com quinze Portugueses que andauão na sua fusta, & Antonio de Melo leuou cinco no esquife do seu nauio, & Nuno fernandez em hũ parao, & chegados aa galeota não a poderão aferrar por desastre, & nã por lhes faltar coraçã, & os Turcos lhe matarão seys Portugueses & ferirão os outros, & hũ foy Nuno fernãdez, & depois deu Christouão douria de supito com os Turcos em outro rio que cõ medo saltarã ao mar & fugirão, & Christouão douria tomou a galeota com a artelharia & com muyta riqueza que tinhão, & Vasco pirez inuernou em Bengala sem fazer mais que o que digo, &

depois foyse a Pegû onde faleceo de doẽça: & asi perdeo el rey de Portugal esta cidade de Chetigão, que se podera soster com pouco trabalho, por Xercansur andar ocupado em sua conquista, como disse a tras.

CAPIT. CCII.

De como Antonio galuão refez a fortaleza de Ternate.

PArtido Iorge mascarenhas & os outros da ilha de Ternate, que Antonio galuão ficou desapressado, entendeo logo em refazer a fortaleza que estaua tam danificada, que a fez quasi de nouo, & mandou fazer dentro casas pera pousarẽ Portugueses, & tulhas pera ter mantimẽtos dũs annos pera outros, porque se lhe sobreuiesse guerra que esteuesse prouido deles, & não auendo guerra os dar á gẽte em desconto de seu soldo & mantimẽto. E asi fez a casa da feytoria de pedra & cal com tulhas pera estar o crauo, & mandoulhe fazer hũa çerca de taypa, & junto coela mandou fazer a casa da ferraria de taypa que dantes era de sebe, & asi era a casa da poluora que mandou fazer de taipa defronte da porta da fortaleza, porque lha não furtassem os escrauos quando a fazião. E porque os Portugueses gastauam muyto em refazerem cadanno as suas casas, que erã de paredes de canas fendidas, fez coeles que as fizessem de pedra & cal, com suas janelas & chamines como em Portugal, & que se çercassem de muro de taypa, o que fizerão á sua custa sem custar a el Rey nada: E quando foy ao abrir dos aliçeçes pera esta çerca, el rey de Ternate deu as primeiras enxadadas por amor Dantonio galuão, & apos ele o çamarao & outros fidalgos, & Antonio galuão os banqueteou aquele dia, & el rey lhe deu gẽte que trabalhasse nesta obra, & a fora este muro forã feytos ainda outros dous, por que ficasse ho resio darredor da çerca em campo raso, porque nas outras çercas ficaua a terra mais alta que elas: De maneyra que tinha a cidade tres çercas, & a derradeyra tinha seus baluartes & era çercada de caua que ficaua muyto forte, & a cidade muyto fermosa com muytos poços dentro & parreyras que Antonio galuão ali leuara, que estauão todo o ãno verdes & com fruyto, que asi he a qualidade da terra. E fez com el rey que desse aos Portugueses terras que laurassem & prantassem aruores, em que fizerão quintaes, em que trazião criações de galinhas, porcos, cabras, & ouelhas, que parecia o campo de Sãtarẽ: E pera a terra ser melhor regida, fez almotacẽs & vereadores. E porq̃ a entrada no porto da cidade era trabalhosa & perigosa por amor dũ penedo q̃ estaua no meo da barra de nossa Senhora que era a principal, mandou quebrar este penedo, & ficou a barra tão boa que dõde dantes não podia entrar hũa coracóra sem muyto tento, entraua & saya hũ nauio á vela sem payxão, & mandou alẽuantar tanto o arrecife que ficaua o porto como hũa caldeyra sem o mar fazer nojo aos nauios que estauão dentro por mais brauo q̃ andasse, & çarrou as outras duas barras. E vendo el rey de Ternate a fermosura da nossa cidade, creceolhe cobiça de fazer asi a sua, ao menos nas casas, & por seu rogo lhe ordenou Antonio galuã como auia de ser, & ficou a cidade arruada

ada & muyto mayor do que era, do q̃ os mouros estauão muy contentes: & porq̃ a sua mezquita ficaua padrasto da nossa fortaleza a mandou elrey meter dentro na sua cidade. E asi como se ennobreceo esta cidade de Ternate, se ennobreceram outras q̃ parecião pouoações Portuguesas. E pa a nossa cidade de Ternate ficar de todo nobre, trouue Antonio galuão agoa dali tres legoas a hum grande chafariz que fez junto da fortaleza de que bebia a gente, & em que bebião gados, & lauauão a roupa, & da agoa que sobejaua regauã ortas & pomares, asi dos Portugueses como dos mouros, que dali por diante a seu rogo deixarão a vida da guerra que tinhão, & derãose a laurar & a semear & a criarẽ gados, com q̃ a jlha ficou grandemente abastada. E Antonio galuã por pagar a el rey de Ternate quãtas boas obras lhe fizera, o tirou da fortaleza onde estaua como preso & o deixou yr pera a cidade pa hũas casas q̃ fez muy suntuosas, & lhentregou a gouernãça de seu reyno pera que liuremente o gouernasse, & lhe deu licença pera q̃ casasse, ho que os reys daquela jlha não fizerã mais depois que ali foy feyta a nossa fortaleza & estauão como catiuos, & por esta liberdade que Antonio galuão deu a este rey, lhe ficou ele & seus vassalos em tanta obrigação q̃ ele & eles lhe tinhão tãto acatamento como que se fora pay de todos & asi lho chamauão, nẽ o nomeauã por outro nome, nem fazia el rey nẽ nhũ Mandarĩ cousa q̃ lho não dissessem primeiro & não tomassem em tudo seu cõselho, & fazião em seu louuor muytas cãtigas. E asi como os mouros lhe queriã bem polas boas obras que lhe fazia, asi lho querião tãobẽ os Portugueses, porq̃ lhes fez pagar muytas diuidas que lhes os mouros deuião auia annos, & nhũ capitão teue poder pera lhas fazer pagar, & os que adoecião, ele os curaua a sua custa, por elrey não ter cõ q̃ os curasẽ, & se ele não fora, todos morrerão de fome, q̃ emprestou a elrey com q̃ lhes pagasse o mantimẽto, no q̃ perdeo muyto, porq̃ cõ empregar o seu dinheiro nisto, não fez nunca sua fazenda, & dous annos teue este trabalho & gasto, porq̃ em todo este tempo nunca os gouernadores nem o vẽdor da fazenda mandarão roupas a fortaleza pera se a gente prouer de mantimentos.

CAPITVLO CCIII.

De como no Morro se leuantou hũ capitão, & de como foy morto, & do mais q̃ passou.

ANdando Antonio galuão ocupado nestas cousas soube que no Morro se leuantara hũ capitão que afora leuãtar a terra, & trazia por mar hũa grossa armada com que andaua tão soberbo q̃ dizia que auia de correr a Ternate: o q̃ sabido por Antonio galuão mandou logo lá hũa armada de corascoras que lhe emprestou el rey de Tidore, & mandou por capitão mór dela hũ clerigo de missa que auia nome Fernão vinagre com corẽta Portugueses, que foy lá, & pelejou com aquele capitã, que foy morto na batalha & hũ seu yrmão, & outros muytos, & a outra gente fugio. E depois desta vitoria assentou Fernão vinagre a terra, & fez rebautizar muytos que forão Christãos, & fez muytos de nouo, & leuou a armada carregada de mantimentos. E vendo Antonio galuão quão bem aquilo sucedera, & os Christãos q̃ se lá fizerão, tornou a mandar Fernão vinagre, q̃ ainda fez mais Christãos, cujos filhos leuou a Antonio galuão por seu mandado pera

os

os mandar doutrinar na nossa santa fee, & mandalos insinar a ler & a escreuer, no que tãobẽ gastou muyto, & assi em dar peças a seus pays quãdo o yão ver, porq̃ coisto os tinha seguros na Christandade & na amizade, & este foy hũ grande seruiço que fez a Deos & a el rey, porq̃ afora os muytos Christãos que se fizerão & permanecerã, ganhouse leuarẽ dali muytos mantimentos a Ternate, cõ q̃ a terra esteue mais barata do que nũca esteue. E depois disto sabendo Antonio galuão que nauegaua pera Maluco hũa grossa armada de jungos da Iaoa, Bãda, Macaçar, & Amboyno, que yã buscar crauo, a cujo trato esperauão de dar muyta artelharia, & armas que leuauão como dantes fazião, & por esta gẽte nã yr ás jlhas de Maluco donde depois serião maos de deitar, & farião toruação em se auer ho crauo pa el rey, determinou de lhes impedir a vinda, pera o q̃ mandou a Amboyno Diogo lopez dazeuedo capitam mór do mar de Maluco, cõ hũa armada de vinte cinco corascoras & duzentos mouros que lhe emprestou el rey de Tidore, em q̃ foy seu yrmão Cachil rade, & Diogo lopez leuou corẽta Portugueses, & duzẽtos Ternates. E chegado a Amboyno, achou a frota que digo com que pelejou & a desbaratou & fez fugir & desfazer com morte de muytos dos que yão nela, & em algũs jungos que se lhe rẽderão, achou muyta artelharia, muytas armas, & muyto dinheiro, & dali foy ao lõgo da costa com sua armada, & assentou amizade em toda ela, & os q̃ a não q̃riã por bem, fazialha receber por mal, & em tres lugares principaes que se chamão, Atiua, Mantelo, & Nuciuel, fez fazer os seus moradores Christãos, pedindolho eles com grãde instãcia. E assi se tornou pera Ternate leuando hũ yrmão del rey de Ternate que lá estaua fugido, do tẽpo de Tristão datayde, & Cachil vaidua do tempo de dom Iorge, & assi outros do pouo. E tãobem nesta cõjunção mãdou Antonio galuão a seu sobrinho Ioão fogaça cõ hũa armada ás jlhas dos Papuas a buscar as duas naos de Castelhanos q̃ disse, por saber que erão lá lançadas, mas não as achou por serem perdidas, & descobrio aquelas jlhas & assentou amizade com todos os reys delas, que mandarão a armada carregada de mantimentos a Antonio galuão. E neste tẽpo forão ter a Ternate dous yrmãos Macaçares de nação, que estãdo em Ternate & sendo gẽtios, inspirados de nosso Senhor se fizerã Christãos, & foy seu padrinho Antonio galuão, cujo nome tomou o mais velho & o mais moço ouue nome Miguel galuão, q̃ bautizados se forão á jlha do Macaçar donde erão naturaeis, & dahi tornarão a ver Antonio galuão, cõ hũa armada carregada de sandalo & algũ ouro & armas, & outras mercadorias, q̃ disserão a Antonio galuão que auia nas jlhas do Macaçar & dos Celebes, onde folgarião muyto de terẽ trato com os Portugueses, & se lá fossem se farião muytos Christãos, & pera o serem vinhão algũs mancebos fidalgos, a que logo foy dada agoa de bautismo. E ouuyndo Antonio galuão as nouas desta terra folgou muyto, assi por se alargar nela a fee de Christo, como pa os Portugueses fazerẽ seu proueito: & logo ordenou de mandar lá hũ caualeiro chamado Francisco de crasto casado, homẽ muyto pera isso, a q̃ deu hũ regimento que assentasse amizade cõ os reys daq̃las terras, & trabalhasse por

se tor-

se tornaré Christãos, pera ho que lhe deu muytas peças que lhes desse de presentes, & que tudo fosse por bem. E despachado Francisco de crasto partio de Ternate em Mayo, & aos vinteseis de Iunho chegou a hũa jlha dos Celebes chamada Chedigão, que está em doze graos & dous terços, cujo rey & pouo erão gentios, & assentou logo amizade com el rey vendose no mar, & ambos se sangrarão nos braços, & hũ bebeo ho sangue do outro, & dahi a poucos dias se fez el rey Christão, muyto contra vontade dos do seu conselho, & foylhe posto nome dom Frãcisco, & foy bautizarse dentro ao nauio, q̃ não quis Francisco de crasto yr a terra, & asi se fizerão Christãos tres yrmãos del rey & sua molher & hũ filho, & çento & trinta fidalgos, & muytos do pouo. E passados vinte dous dias que Francisco de crasto gastou nisso partiose, deixando em todos muyta soydade, & dali foy ao longo da jlha de Mindanao, & chegou a hum rio ondestaua hũa cidade chamada Soligão cujo rey se fez Christão, & foylhe posto nome Antonio galuão, & coele recebeo agoa de bautismo a Raynha & duas filhas, & bẽ çento & cincoenta pessoas outras. E depois se fizerão na mesma jlha Christãos el rey de Butuão, a que chamarão dom Ioão o rey grande, el rey de Pimilara que tãobem se chamou asi, el rey de Camiguy a q̃ poserão nome dõ Francisco. E asi receberão agoa de bautismo suas molheres, filhos, & yrmãos, & muyta parte de seus vassalos, asi dos nobres, como do pouo. E querendo Francisco de crasto passar desta jlha á do Maçacar, foy lhe o vento tão contrayro, que mil vezes esteue perdido, pelo que os que yão coele não quiserão que passasse por diante, & o fizerão tornar a Ternate, leuando muytos filhos daqueles que se tornarão Christãos, pa lhe ser insinada a doutrina christaã & a nossa lingoa, o que Antonio galuão fazia com grande cuydado, & os criaua como filhos.

LAVS DEO.

Foy impresso este Octauo liuro da historia da India em a muyto nobre & leal cidade de Coimbra, por Ioão de Barreyra impressor del Rey na mesma vniuersidade. Acabouse aos vintaseys dias do mes Dagosto de 1561. annos.

1554 VI) 2 ff. n. ch. + 198 ff.

1554 VII) 2 ff. + 172 ff. mal ch. 166 avec fautes de num.

1561 VIII) 2 ff. + 288 ff.

C.C.